

PATRÍSTICA

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Comentário às Cartas de São Paulo/1



SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

COMENTÁRIO ÀS CARTAS DE SÃO PAULO/1

Homilias sobre a Carta aos Romanos

Comentários sobre a Carta aos Gálatas

Homilias sobre a Carta aos Efésios



Índice

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Tomo I

HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS ROMANOS¹ DE SÃO JOÃO
CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA.

Tomo 2

COMENTÁRIOS SOBRE A CARTA AOS GÁLATAS¹ DE SÃO JOÃO
CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA.

Tomo 3

HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS EFÉSIOS¹ DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO,
PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA.

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, mas cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e

da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

A obra que ora apresentamos ao leitor é o primeiro volume que abarcará quase a totalidade do comentário de S. João Crisóstomo (347-407) ao *corpus paulinum*, isto é, às quatorze epístolas arroladas no cânon católico: Rm, 1/2 Cor; Gl; Ef; Fl; Cl; 1/2 Ts; 1/2 Tm; Tt; Fm; Hb.¹ Esses comentários são assaz extensos, o que exigirá mais de um volume da coleção Patrística. Ao lado de S. Agostinho (354-430) no mundo ocidental, S. João Crisóstomo representa um dos maiores intérpretes do pensamento de S. Paulo para o Oriente cristão, o que pode ser comprovado pela abundante documentação e pelas constantes citações de suas obras. No caso de S. João Crisóstomo, sua estupenda interpretação se reflete na extensão, na eloquência, na riqueza espiritual e na ortodoxia inquestionável de suas homilias dedicadas a cada uma das epístolas, bem como a eminente categoria alcançada em muitos aspectos entre os grandes mestres espirituais da Igreja oriental. No caso de S. Agostinho, a abundância de seus escritos, a importância de sua síntese doutrinal, a situação preeminente que ocupa no surgimento do cristianismo medieval no Ocidente e sua importância decisiva em todos os debates ulteriores, asseguraram sua influência inquestionável.² Em vista de ressaltar a importância da interpretação bíblica dos Padres da Igreja para a reflexão teológica e, particularmente, a obra exegética de S. João Crisóstomo, cognominado “Boca de Ouro”, discorreremos sobre os seguintes pontos: Por que recorrer aos Padres na exegese bíblica?; A hermenêutica patrística: “escola antioquena” *versus* “escola alenxandrina”?; A exegese bíblica de S. João Crisóstomo.

Por que recorrer aos Padres na exegese bíblica?

Eis uma pergunta à qual o pastor, o exegeta, o estudante e o leigo poderiam responder sob a inspiração patrística e à margem das preocupações do mundo acadêmico: a *Palavra* pregada que permite conhecer o que, por exemplo, S. João Crisóstomo e/ou outros Padres da Igreja tinham de dizer sobre um texto concreto para a pregação, o estudo e a meditação. Recorrer à exegese bíblica dos Padres significa aprofundar a pregação vital da Palavra de Deus e a formação espiritual dos crentes, abrindo-nos assim os olhos a outras dimensões, as da exegese espiritual e as da hermenêutica, que completariam aquela histórico-crítica enriquecendo-a de intuições profundamente teológicas.

O Concílio Vaticano II (1962-1965), em sua Constituição Dogmática *Dei Verbum* 9-10, fala da estreita relação entre Escritura e tradição patrística. Com efeito, são os Padres que atestam e transmitem a presença vivificadora da Tradição na Igreja; em *Dei Verbum* 24 é recordado que a Sagrada Escritura deve ser “como a alma da teologia”. Mas não se explica qual tipo de exegese, praticada hoje em âmbito acadêmico, pode ser verdadeiramente “a *alma* da teologia”.³ É evidente que a exegese histórico-crítica não deve tornar-se a forma exclusiva de interpretação, não obstante o inegável progresso realizado por este tipo de análise seja no Antigo Testamento, seja no Novo Testamento.⁴ Em se tratando de um eventual confronto entre exegese contemporânea e exegese patrística, é notório que os Padres da Igreja descortinaram uma inteligência *cada dia mais profunda* das Sagradas Escrituras, na certeza de que Deus fala por intermédio dos textos sagrados àquele que, com humildade, “dobra sua cerviz” para poder penetrar na caverna da Sagrada Escritura e aí descobrir

seus mistérios.⁵ Ora, adquirir a inteligência ou a compreensão da Escritura é ou deveria ser justamente o escopo da exegese bíblica; deve procurar penetrar sempre melhor no *sentido* dos textos. Falar de compreensão *cada dia mais profunda* significa dizer que o sentido das “Sagradas Escrituras” era e permanece presente nos textos, mas parcialmente escondido, implícito; era e permanece presente dentro do texto bíblico, mas deve-se procurá-lo também *além* das formulações explícitas. Portanto, não basta estudar “o texto como texto”. Interpretar quer dizer transcender os limites das expressões, explicitar o implícito, revelar a vida profunda dos textos.

Se muitas das interpretações patrísticas dos textos sagrados gozam de atualidade, exatamente porque feitas *in medio Ecclesiae*, podemos dizer que a exegese é, sim, uma ciência, mas não somente uma ciência histórica, mas uma ciência hermenêutica e teológica, isto é, uma “ciência da fé”. É preciso, portanto, abrir-se à pergunta sobre o *sentido*, sobre a profundidade, sobre a abertura teleológica e dinâmica dos textos sagrados. Como bem observou Ignace De La Potterie, seria necessário introduzir uma reflexão filosófica sobre duas questões:⁶ 1ª) Que coisa é um *texto escrito*, enquanto se distingue do *kerigma* (anúncio fundamental da fé) oral no início? 2ª) Naquele texto escrito que, portanto, é distinto do anúncio anterior que interpelava os ouvintes, onde está o *sentido* daquele texto? Somente em sua formulação explícita? Não interpela também os futuros *leitores*? O interesse da exegese bíblica não é mais somente histórico, mas formalmente *hermenêutico*: a dimensão “teleológica” do texto faz parte da própria estrutura do ato interpretativo, como evidenciaram Martin Heidegger, Paul Ricoeur e Hans-Georg Gadamer.

Impõe-se assim a necessidade de reencontrar hoje junto com os Padres da Igreja o “sentido espiritual” da Sagrada Escritura, isto é: *O Espírito na letra*. Não se trata pura e simplesmente de retomar ao modo de mera transposição mecânica, para os nossos dias, o que eles pensaram e escreveram (pensemos, por exemplo, na exegese tipológica e cristológica do Antigo Testamento e a inteligência espiritual do Novo Testamento – que, aliás, admitamo-lo, foram, em não poucos casos, arbitrárias e fantasiosas), mas, sim, de aprender a ler a Sagrada Escritura no espírito dos Padres, isto é, reencontrar hoje “a inteligência espiritual da Escritura tal qual os séculos cristãos a compreenderam” (Henri de Lubac); é aquela inteligência espiritual que S. Gregório Magno chamava de “inteligência interna”, “o sentido interior” do texto bíblico.

A hermenêutica patrística: “escola antioquena” versus “escola alexandrina”?

Em muitos tratados gerais sobre o tema da exegese patrística, convencionou-se opor a exegese histórico-literal da Igreja de Antioquia do século IV, iniciando-se com a obra de Diodoro de Tarso († 390?), aos métodos alegóricos da Igreja de Alexandria,⁷ tal como os praticava principalmente Orígenes (ca. 185-254) e aqueles que posteriormente nele se inspiraram.⁸ Chegou-se assim a falar de uma “escola de Antioquia” em oposição à “escola de Alexandria” sob a forma de uma real contraposição entre o literalismo da exegese antioquena⁹ e o alegorismo alexandrino. Como bem observou Manlio Simonetti, esta oposição radical foi redimensionada em vista da valorização de certas aberturas não literalistas dos mais qualificados expoentes antioquenos.¹⁰ Assim, por exemplo, Diodoro de Tarso contrapõe à alegoria a *theōria* (contemplação), no sentido de que, enquanto aquela maltrata e até mesmo suprime a letra do texto sagrado, esta, ao contrário, aí entrevê um significado superior que a ela se sobrepõe sem eliminá-la ou prejudicá-la. Desta e de outras afirmações semelhantes de Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia (350-428) se depreendeu que a exegese

antioquena não foi exclusivamente literal e, por essa razão, reduziu-se a entidade da contraposição entre alexandrinos e antioquenos.

Na verdade julga-se que a especificidade da exegese antioquena radical está não tanto no mero procedimento de interpretação literal do texto sagrado, mas, sim, nos êxitos aos quais a aplicação deste método conduz. Ora, em alguns escritores da Síria e da Palestina do século IV, a exegese literalista do Antigo Testamento é acompanhada de um apreço largamente cristológico do texto sagrado.¹¹ Diferentemente, em Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia, tal componente cristológico foi radicalmente redimensionado. O êxito ao qual o literalismo conduz é de tal modo *novo* que não parece ser explicado somente aduzindo o espírito de reação ao excessivo alegorismo alexandrino – a tendência moderna de ler mais historicamente o Antigo Testamento – e nem tampouco adotando critérios interpretativos deduzidos da exegese pagã de caráter gramatical e filosófico. Se os alegoristas interpretavam alegoricamente o Antigo Testamento para nele vislumbrar a antecipação profética e simbólica de Cristo e da Igreja e, ao contrário, os literalistas antioquenos, com a aplicação de seu literalismo, renunciavam a esta finalidade, isto quer dizer que mudou justamente o modo de ver a relação entre Cristo e o Antigo Testamento. Sem excluir a concomitância de outros fatores,¹² para explicar tal mudança, concorreram fundamentalmente motivações de ordem *ideológica*.

Para entender, portanto, concretamente a grande novidade da exegese antioquena do Antigo Testamento, façamos as seguintes considerações.¹³ Além de não haver mais a exigência de revelar, em sentido antignóstico, a continuidade e o progresso do Antigo Testamento ao Novo Testamento, acrescentemos também o êxito aparentemente paradoxal da controvérsia ariana, que, enquanto assegura a Cristo a mesma natureza e dignidade do Pai, redimensiona, porém, a sua ação específica no mundo, limitando-a à encarnação.¹⁴ É justamente este conceito que Teodoro de Mopsuéstia parece ter assimilado perfeitamente em âmbito exegético. Neste sentido é de fundamental importância a passagem do *Comentário a Zacarias* no qual Teodoro interpreta o cavaleiro sobre o cavalo vermelho que aparece ao profeta em Zc 1,8 e que ele entende como um anjo: excluindo que neste cavaleiro possamos entrever o Filho de Deus, ele observa que antes do advento de Cristo ninguém pôde conhecer o Pai e o Filho; de fato, no Antigo Testamento, Deus é dito Pai em razão de sua benevolência para com os homens, que, por sua vez, são definidos filhos de Deus pela familiaridade com relação Àquele. Com efeito, o Antigo Testamento conheceu somente a Deus e a criação, e, por força das profecias, Cristo, isto é, o Messias, mas somente na dimensão humana e não naquela divina, que só o próprio Cristo revelou no tempo de sua vinda ao mundo. Consequentemente, segundo Teodoro, é insensatez sustentar que, quando o Antigo Testamento menciona um anjo ou um senhor, tenha em vista referir-se ao Filho de Deus. Verdade é que Teodoro tem em vista aqui a interpretação das teofanias dominantes do século II até a metade do século IV, que reconhecia sistematicamente no Logos divino, isto é, no Filho, o sujeito das teofanias das quais são objeto os patriarcas e Moisés e prefere, ao contrário, atribuir essas teofanias aos anjos. Mas aquela interpretação das teofanias era elemento basilar da concepção que via o Logos agindo no mundo desde o momento da criação; por essa razão, Teodoro procura negar justamente esta presença anterior à Encarnação. Em outros comentários, Teodoro, antes justapondo entre si Antigo Testamento e Novo Testamento do que integrando-os um no outro, sugere ao intérprete o desinteresse de procurar os vestígios do Logos, o Filho de Deus, no Antigo Testamento, limitando-se a reencontrar com parcimônia aqueles de Cristo, isto é, os prenúncios proféticos do Encarnado. Assim, Teodoro interpretou o Antigo Testamento por si mesmo, prescindindo da relação com o Novo Testamento e, por isso, radicalizando especialmente a

interpretação literal.¹⁵

Mas como nos interessa especialmente examinar a técnica exegética dos Padres da Igreja e, sob este ponto de vista, os comentários paulinos de S. João Crisóstomo, devemos explicitar também que ele foi um dos representantes da exegese antioquena. S. João Crisóstomo preferiu ter como objeto da sua exegese homilética mais os textos do Novo Testamento do que do Antigo Testamento: dada a destinação preponderantemente pastoral de sua atividade, podemos pensar que ele tenha preferido examinar textos cuja significação cristã fosse direta e imediata, sem obrigar a empenhos exegéticos no plano teórico.¹⁶ O comentário de S. João Crisóstomo adota a forma de homilias pregadas principalmente em Antioquia da Síria, quando exercia o episcopado nesta cidade, durante os anos precedentes ao de 387, embora alguns comentários, como os da Epístola aos colossenses, pertençam aos seus últimos anos, quando já era patriarca de Constantinopla.¹⁷

A exegese bíblica de S. João Crisóstomo

Uma consulta às obras de S. João Crisóstomo mostra não somente o seu apreço estupendo pelas epístolas paulinas, mas também que a *synkatábasis* (condescendência) está presente na ação criadora, nas teofanias, na *kenosis* (esvaziamento) da Encarnação,¹⁸ nos milagres,¹⁹ nos sacramentos e, particularmente, no batismo e na Eucaristia.²⁰ Em direção à Encarnação, expressão máxima da condescendência, eram orientadas as várias expressões que a própria condescendência teve ao longo da história da salvação, porque Deus não faz todas as coisas de uma só vez, mas se serve da sua condescendência em virtude da sua grande filantropia. No que tange à Encarnação, notemos a estreita relação da *synkatábasis* com a *kénōsis* de Fl 2,6-8. Comentando o hino cristológico, S. João Crisóstomo afirma que o Filho de Deus, não recusando tomar a forma de servo, não receou perder a própria dignidade como fazem os homens e, com uma imagem, explica que o Filho não se apegou ciosamente à sua dignidade como um tirano, mas agiu como um bom rei que se mistura com os seus soldados.²¹

Vejamos, portanto, como S. João Crisóstomo é um discípulo *enamorado* do Apóstolo Paulo para, em seguida, examinar a especificidade de sua exegese.

A. São João Crisóstomo, discípulo e fiel intérprete de São Paulo

Do ponto de vista das fontes gregas dos comentários sobre S. Paulo, contamos felizmente com todos os comentários em grego de S. João Crisóstomo e Teodoreto de Ciro (393-466), bem como extensos fragmentos de Teodoro de Mopsuéstia e Severiano de Gábara (morto depois de 408) sobre as epístolas paulinas. Todos os escritores próximos no tempo, em relação à composição de suas obras – do final do século IV até meados do século V – se acham estreitamente relacionados quanto à doutrina teológica e mantêm uma dependência literária como pertencentes que são à Igreja antioquena da Síria. A exegese neste âmbito concentrava seus esforços na interpretação literal dos textos e está repleta de detalhes históricos, de crítica textual.

Se desejarmos avaliar a importância dos comentários de S. João Crisóstomo, não há melhor caminho do que ler o que escreve Isidoro de Pelusio na *Epístula* 5,32: “Se o divino Paulo tivesse desejado interpretar-se a si mesmo, não o teria feito de maneira diversa de como o fez este célebre mestre do estilo ático”. Entre os comentadores da época dos Padres da Igreja, S. João Crisóstomo foi sempre reconhecido não somente pelo seu sentido pastoral e sua sagaz e maravilhosa empatia com o Apóstolo Paulo, mas também por sua brilhante retórica na hora de expressar-se e em sua atenção aos

demais momentos críticos para a fé cristã. Esta atenção emerge especialmente dos temas relacionados com a profunda humildade do Apóstolo, com o equilíbrio pastoral entre a firmeza e a ternura de que se gaba para com todos aqueles cristãos que tem sob o seu cuidado, e com o convite contínuo à virtude e ao sofrimento paciente, como os meios mais adequados de exemplo para com os demais. Na opinião de S. João Crisóstomo, não há maior virtude do que a renúncia às riquezas e a sua fascinação em favor dos pobres e da identificação com seus sofrimentos. Há também em S. João Crisóstomo a absoluta convicção de que uma firme adesão à fé, transmitida por admirado mestre aos seus devotos pupilos no seio de uma relação paterno-filial, como sucede em Timóteo e Tito, constitui a maior garantia da ortodoxia. A capacidade de S. Paulo como homem poliédrico, de converter-se em “todo necessário para a pregação e salvação das pessoas” é evidenciada com grande habilidade por S. João Crisóstomo para dar ênfase e força às palavras de Paulo, e perceber matizes e motivos, inclusive naquilo que possa parecer-nos fora de lugar.

Se, de um lado, é verdade que sua visão de Paulo pode parecer uma idealização onde não se permitem nem falhas nem debilidades, de outro lado, o reconhecimento que S. João Crisóstomo faz de Paulo como representante de Cristo para aqueles que foram encomendados aos seus cuidados permite-nos adquirir um sentido mais amplo do significado das palavras do Apóstolo para toda época e ministério pastoral:²² “De fato, mesmo quando fale inevitavelmente a linguagem do passado, e suas obras se interpretem como próprias de uma época remota, sua viva imaginação, unida ao amor e à compreensão da Sagrada Escritura e dos corações extraviados, proporciona à sua obra uma qualidade e relevância imperecíveis. O Cristianismo nunca constitui um elenco de doutrinas discutíveis, mas um modo de vida, e o Crisóstomo jamais permite que isto se esqueça”.²³

Mas, para explicitar a especificidade da interpretação bíblica de S. João Crisóstomo, destacamos o seguinte aspecto de sua obra exegética:

*B. A condescendência divina na Escritura*²⁴

Qual terá sido a maneira própria que S. João Crisóstomo encontrou para expor e interpretar as epístolas paulinas? Quem lê as homilias e os comentários bíblicos de S. João Crisóstomo, verifica que as Escrituras são consideradas como manifestação da condescendência plena e precisa do Cristo Salvador, que nos guia, desterrados, para a suprema *theōria* e visão de sua face por meio da humildade da Carta escrita à humanidade: *synkatábasis* (condescendência), *akríbeia* (precisão, exatidão), *theōria* (contemplação). A Escritura é o prolongamento da Encarnação que esta preparou e que se manifesta na liturgia, lugar por excelência do acolhimento e da eficácia da Palavra divina por esta transmitida. Vejamos então o tema da condescendência sob três tópicos:

a) A condescendência do Deus salvador

S. João Crisóstomo recorreu à “condescendência” para expressar, com um método mais preciso, o comportamento de Deus para com a humanidade, particularmente com o dom da Escritura, de sorte a tornar-se “o doutor da condescendência”.²⁵ Segundo o nosso autor, a condescendência de Deus “é o aparecer e o mostrar-se de Deus, não como Ele é, mas como pode ser visto por aquele que é capaz de tal visão, proporcionando o seu aspecto à fraqueza de quem o vê”. Tal condescendência, que tem um papel na visão beatífica dos anjos e dos homens, está presente desde as origens da história religiosa da humanidade. O conceito de condescendência implica uma *descida* ao nível inferior, uma adaptação à capacidade do outro. Segundo S. João Crisóstomo, serve magnificamente para expressar a maneira como o Deus transcendente põe a sua Revelação e a sua obra de salvação ao alcance do homem,

pequeno e frágil, seja no Antigo Testamento, seja no Novo Testamento, bem como na ação pastoral da Igreja. Como um mestre para com seus alunos, como os genitores que imitam o balbuciar de seus filhos, Deus desce ao nosso alcance. Como os instrutores ensinam às crianças os primeiros elementos e reservam para depois os ensinamentos mais elevados, assim Moisés, como pedagogo, inculcou os primeiros rudimentos e deixou a Paulo e a João a preocupação de completá-los.

As *homilias sobre o Gênesis* (*In Genesim homiliae 1-67*) evocam com admiração e insistência a extrema condescendência divina para com os homens. No início Deus conversava de modo familiar, sem o intermediário da Escritura, com Adão, Caim, Noé, Abraão. Quando a humanidade degenerou, Deus não se afastou dela, mas àqueles que viviam longe dele, através de Moisés, enviou um carta para reconduzi-los à sua amizade. Nós a recebemos como que instalados em um grande país estrangeiro. Neste contexto, S. João Crisóstomo exalta frequentemente não só a condescendência divina, mas também aquela da Escritura: a propósito de Gn 2,21 (Eva formada da costela de Adão), declara que Deus se serviu dessas palavras para adaptar-se à nossa fraqueza e nos pede para observar atentamente a *condescendência da escritura divina*. Graças ao conceito de condescendência divina, S. João Crisóstomo, no comentário ao Salmo 6, justificava o fato de que Deus tenha falado de si mesmo, puro espírito, de modo a ser compreendido por homens materiais e simples, imperfeitamente conscientes de sua própria espiritualidade, em vez de calar-se com o pretexto de não enganá-los. Um Deus eternamente impassível podia, sem nada negar à sua impassibilidade, tomar a linguagem das paixões humanas para fazer-se compreender por homens passionais. Graças ao conceito da condescendência divina, S. João Crisóstomo podia demonstrar que, no Antigo Testamento, não há conivência com as representações pagãs dos deuses agitados por paixões semelhantes àsquelas dos pecadores; podia também anular a tese dos antropomorfismos egípcios, que interpretavam literalmente todas as expressões bíblicas sobre a cólera, as mãos, os dedos, a face de Deus, considerado um ser não espiritual mas material. Tais expressões testemunham a condescendência divina de um ser espiritual que deseja dar-nos os instrumentos para alcançá-Lo, com metáforas adaptadas à nossa materialidade.

O Antioqueno insiste no fato de que na Bíblia se encontram metáforas, parábolas, semelhanças, enigmas, símbolos, metonímias etc. Assim Deus se abaixa a uma linguagem que poderia aparecer não digna dele; mas o faz não em vista de sua dignidade, mas em vista de nossa utilidade e salvação. A mesma vontade salvífica explica aquilo que aí há de obscuro e já esclarecido nas profecias e no Antigo Testamento. Este tema é desenvolvido em suas homilias “Sobre a obscuridade das profecias”.²⁶ Certas coisas são obscuras no Antigo Testamento, mas não todas, “do contrário nos teriam sido reveladas inutilmente”. Na *Homilia 32 sobre o Gênesis* insiste: “O Deus da misericórdia não quis que todas as verdades contidas na Escritura aparecessem evidentes e luminosas a uma simples leitura para sacudir a nossa indolência e para que, com esforço, conseguíssemos extrair o quanto nos é útil. Aquilo que é alcançado com fadiga e prolongado estudo se imprime mais profundamente em nosso espírito do que aquilo que aprendemos com rapidez e que, em seguida, rapidamente se esquece”.²⁷

Segundo S. João Crisóstomo, a imensa vantagem da condescendência consiste em unir em um só vocábulo a exaltação da transcendência de Deus, que não pode descer entre os homens senão habitando *acima deles* (*kata*: do alto para baixo), e aquela da sua imanência: a sua superioridade não lhe impede de estar *com* (*syn*) eles. Enfim, a ideia da condescendência divina deve conduzir o exegeta a uma interpretação histórica e gramatical. Em razão disso, S. João Crisóstomo, não obstante a popularidade das suas homilias e os limites da sua erudição, se impõe a regra de não elevar-se a considerações espirituais senão depois de ter examinado atentamente o sentido óbvio e literal do texto bíblico. Todas as vantagens da condescendência divina se encontram ulteriormente reforçadas pelo

conceito de *exatidão*, que passamos agora a examinar.

b) A condescendência de Deus e a “exatidão” (*akríbeia*) do texto inspirado

Segundo S. João Crisóstomo, a condescendência de Deus se manifesta também na *akríbeia* ou precisão, exatidão e inerrância do texto inspirado. Falando de tal exatidão, ele afirma que a veracidade da Escritura vence qualquer outro testemunho, incluindo aquele de um morto ressuscitado ou de um anjo descido do céu. A Escritura nada tem de supérfluo, nem de contraditório; a sua veracidade se estende às circunstâncias de tempo, de lugar e de pessoa, e às circunstâncias históricas em geral, porque é palavra de Deus infalível, sobre a qual recairia todo erro se aí estivesse presente. Todavia, ele admite a presença de divergências e dissonâncias, ou *diaphonie*, sobre tempos e lugares entre as diversas narrações evangélicas, mas para sublinhar que estas não implicam contradição como sucede entre mestres de retórica e filósofos. Longe de contradizerem-se, os evangelistas manifestam uma sinfonia que contém um aspecto mais profundo: a afinidade de cada expressão bíblica com todas as outras. As discordâncias aparentes dizem respeito a pontos secundários, isto é, sobre expressões ou construções de linguagem ou também sobre “tempo e lugar”, uma vez que as precisões cronológicas e topográficas são funcionais do ponto de vista do autor inspirado.

Há, ao contrário, um acordo perfeito entre os autores sagrados sobre verdades essenciais e fundamentais da fé, sobre problemas necessários e urgentes que concernem à vida e ao *kerigma*; por exemplo, “que Deus se fez homem, que realizou milagres, que foi crucificado, que subiu ao céu, que virá como juiz, que nos compartilhou ensinamentos aptos para a nossa salvação, que introduziu uma lei que não se opõe à antiga, que é Filho único, verdadeiro, da mesma natureza do Pai, e outras coisas semelhantes”.²⁸ As diferenças sobre pontos secundários não significam contradição. À procura da *sinphonia* entre os autores do Novo Testamento se associa a preocupação pela *akríbeia* e pela verdade exata e precisa. Uma reflexão mais atenta revela que a *akríbeia* é menos um complemento necessário do que um aspecto da condescendência. Aquele Deus, que ultrapassa toda determinação extrínseca, o Deus transcendente, quando se volta para outros fins, limitados, circunscritos, isto é, aos homens, na linguagem deles não vaga e quando deseja ser por eles compreendido e faz-lhes conhecer os fatos particulares e históricos da sua economia de salvação, se abaixa até estar *com* eles (condescendência) com a precisão delimitada dos pensamentos e das expressões.

Em relação à essência divina na polêmica com o arianismo anomeu²⁹ e com as pretensões racionalistas de Eunômio, S. João Crisóstomo remete insistentemente para a incompreensibilidade de Deus: “Tu pretendes, diz a Eunômio, circunscrever a essência [de Deus]”. Nós conhecemos a existência de Deus, mas ignoramos a sua essência. Aos olhos de S. João Crisóstomo, é coisa ímpia pretender um conhecimento completo (*akribès*) da essência divina; sob a sua pena volta sempre a palavra *akríbeia*. “Uma vez que os profetas (= os escritores sagrados) não podem delimitar com exatidão a essência divina, que loucura é aquela daqueles que acreditam poder submeter a sua essência aos seus raciocínios!”. Para S. João Crisóstomo, “o Deus inefável, incognoscível, invisível, incompreensível, é superior à força da linguagem humana, escapa das malhas de toda inteligência mortal; somente o Filho e o Espírito o conhecem”. Excetuando esses, “ninguém jamais viu a Deus, isto é, conheceu a Deus em sua essência com toda exatidão (*meta akribetas apasès*)”.³⁰

Enfim, em relação aos textos relativos à *akríbeia* de Deus, à não-*akríbeia* dos homens diante de Deus e à *akríbeia* da linguagem bíblica, façamos as seguintes observações: De um lado, S. João Crisóstomo não sintetizou os polos opostos de seu pensamento: o homem não pode conhecer a Deus e a sua vida íntima com *akríbeia*, ou exatidão, mas pode conhecer as expressões plenas de *akríbeia* que

Deus, autor da Sagrada Escritura, utiliza para dirigir-se ao homem colocado no tempo e no espaço, circunscrito, governado por Deus com uma *akríbea* que este homem é capaz de compreender. De outro lado, a *akríbea* e a precisão se fazem para o homem possibilidade de reconhecimento, mediante a *akríbea* e a exatidão da palavra escrita que Deus lhes dirige como instrumento humano, do Deus que supera toda *akríbea* criada e conhece ele mesmo com perfeita e infinita exatidão e *akríbea*, sem nenhuma indeterminação íntima. Sob este aspecto, a condescendência divina se expressa na *akríbea* da palavra de salvação e mais genericamente na *akríbea* do governo divino do mundo.

c) Escritura e theōria

Por fim, com a condescendência e a *akríbea* da sua palavra, Deus nos guia em direção à *contemplação* (*theōria*) de seu Filho Jesus Cristo. Sob este aspecto, são fundamentais as cartas escritas por S. João Crisóstomo durante o seu exílio.³¹ Trata-se da comovente descrição autobiográfica de uma longa agonia, a última preparação à contemplação do além-túmulo, mas também o símbolo, às avessas, de um aspecto de sua teologia bíblica: ele pôde escrever as suas cartas do exílio, porque lera e relera, antes de seu exílio pessoal e com a tomada de consciência da sua participação no exílio coletivo da humanidade exilada do paraíso em Adão, a *correspondência* enviada por Deus à humanidade para reconduzi-la ao seu amor misericordioso. As *palavras* demonstram a vizinhança com Deus daqueles com os quais o Criador dialogava. A *carta*, ao contrário, mesmo tendo em vista uma aproximação, mostra a distância. A carta de Deus não é endereçada somente a Israel segundo a carne, ou a Israel de Deus, isto é, a Igreja, mas a todo o gênero humano com uma finalidade de amizade salvífica. Para S. João Crisóstomo, portanto, a Escritura é um grande livro de correspondência de Deus com a humanidade e, unindo-a ao gênero epistolar, retira-lhe o caráter anônimo e impessoal das obras literárias, introduzindo no coração de cada livro, também daqueles históricos, o sopro afetivo próprio da correspondência; por isso, a Bíblia não pode ser considerada um escrito morto, onde estariam consignadas a história do povo eleito e os mandamentos ditados por Deus: mas é um documento vivo, no qual se expressa a troca de ideias entre Deus e o gênero humano. É uma carta vibrante, da filantropia divina, que deseja conservar a todo o custo o contato com o homem rebelde. É o meio inventado por Deus para manter um liame com o gênero humano.

Contemporaneamente, a carta é imagem que expressa adequadamente a imperfeição do diálogo entre Deus e o gênero humano. Deus continua a dirigir-se ao homem e comunicar-lhe a sua mensagem, mas as consequências do pecado não permitem mais um discurso direto. A mensagem de Deus se fixa em um escrito e por sua forma é tributária da condição humana. A Escritura se encontra ligada às vicissitudes da história, comprometendo a sua transmissão. Um esforço é, portanto, necessário para reencontrar o sentido profundo da mensagem divina, e o homem, enfraquecido pelo pecado, não o descobre sem ascese. Assim, na Bíblia, todo livro corresponde a uma etapa da Revelação desejada por Deus. A Bíblia, em seu complexo, é dominada pela preocupação educativa de Deus, que guia progressivamente a humanidade do abismo no qual caiu à sublimidade da salvação operada pela Encarnação, até o diálogo entre o homem e Deus, restabelecido inicialmente na Liturgia e totalmente na visão beatífica do homem ressuscitado dos mortos. Sobre a terra, a Bíblia é o suporte do diálogo renovado, tal como acontece na liturgia. O homem, longe de Deus, que lhe enviou a sua carta, diante do pregador, torna-se ouvinte do Deus que lhe fala de perto, e que se fez seu alimento na Eucaristia. Em um verdadeiro hino à Escritura, enquanto caminho de salvação, afirma S. João Crisóstomo: “O conhecimento da Escritura alenta o espírito, purifica a consciência, liberta das paixões que subjagam, semeia a virtude, estimula pensamentos do céu, impede de ser submergido pelas vicissitudes inesperadas dos acontecimentos, nos ergue para além das flechas do diabo, nos transporta

para o céu, liberta dos laços do corpo, torna ágeis as asas deste e introduz no ânimo do leitor tudo quanto se pode dizer de bem”.³² Por fim, segundo S. João Crisóstomo, a leitura da Bíblia não é somente individual, mas também familiar e social; por meio da Escritura – enquanto carta de Deus ao homem – a sociedade deve retornar a Deus e unir-se na *theōria* que antecipa a visão beatífica.

¹ Para introduzir o leitor no mundo de cada epístola paulina em uma visão de conjunto (classificação e formato das cartas no Novo Testamento; vida e pensamento de S. Paulo; contexto e mensagem), dispomos de muitos manuais de introdução geral ao Novo Testamento. Cf., por exemplo, Jordi SÁNCHEZ BOSCH, *Escritos Paulinos* (Coleção “Introdução ao Estudo da Bíblia”, vol. 7). São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002. O que se pretende aqui é expor sucintamente a maneira peculiar de fazer exegese nos Padres da Igreja, destacando particularmente a contribuição de S. João Crisóstomo.

² Para o contexto geral e a síntese da exegese patrística, cf. Bertrand DE MARGERIE, *Introduction à l’histoire de l’exégèse*, vol. I: *Les Pères grecs et orientaux*. Paris: Cerf, 1980; vol. II: *Les premiers grands exégètes latins*. Paris: Cerf, 1983; vol. III: *Saint Augustin*. Paris: Cerf, 1983; vol. IV: *L’Occident latin, de Léon le Grand à Bernard de Clairvaux*. Paris: Cerf, 1990.

³ Enquanto Leão XIII na Encíclica *Providentissimus Deus* mencionava o “uso” da Bíblia nas disciplinas teológicas, com a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (= DV) assistimos a uma *mudança substancial*: o documento conciliar assevera que o “estudo” da Escritura deve ser “veluti anima Sacrae Theologiae” (DV 24). Em síntese: a frase conciliar exige, portanto, que a exegese seja como que a alma da Teologia. Acerca das relações entre exegese bíblica e teologia sistemática, cf. J. M. SÁNCHEZ CARO, *Escritura y Teologia* (DV 24), em ALONSO SCHÖKEL, L. & MARIA ARTOLA, A. (ed.). *La Palabra de Dios en la Historia de los hombres*. Bilbao, 1991, p. 607-629.

⁴ Ainda que haja uma multiplicidade de métodos de interpretação da Escritura (crítica textual, crítica literária, crítica das fontes, crítica das formas, crítica da redação, crítica canônica, crítica narrativa, crítica retórica etc.: cf. J. A. FITZMYER, *A Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1997), o método histórico-crítico foi predominante na exegese do século XX, e os resultados positivos desta abordagem, que renovaram profundamente a pesquisa bíblica no âmbito católico, são irrenunciáveis.

⁵ Cf. S. AGOSTINHO, *Confessiones* III, 5, 9.

⁶ Cf. I. DE LA POTTERIE, *I Padri della Chiesa nello studio attuale della Sacra Scrittura*, in VV. AA., *Lo Studio dei Padri della Chiesa nella ricerca attuale*. Roma: Istitutum Patristicum Augustinianum, 1991, 486-494.

⁷ Iniciador da escola cristã de Alexandria foi Panteno († ca. 200), cujos comentários não chegaram até nós. Seu discípulo e sucessor foi Clemente de Alexandria († ca. 215), que escreveu a célebre trilogia: *Discurso aos gregos* (*Protréptico*) – *O Pedagogo* (três livros) – *Strómata* (sete livros).

⁸ Por exemplo: S. Dionísio Alexandrino, S. Gregório Taumaturgo, Eusébio de Cesareia, S. Atanásio, Dídimo o Cego, S. Basílio, S. Gregório de Nissa e S. Gregório Nazianzeno.

⁹ Diodoro de Tarso pode ser considerado, juntamente com Teodoro de Mopsuéstia, o representante mais típico da exegese antioquena, na medida em que tende a valorizar a interpretação literal do texto bíblico. Ambos propõem a *theōria*, isto é, a tradicional superposição de dois níveis de leitura na interpretação dos fatos históricos do Antigo Testamento (por exemplo: Caim e Abel, figuras da sinagoga e da Igreja).

¹⁰ Cf. M. SIMONETTI, *Lettera e/o Allegoria. Un contributo alla storia dell’esegesi patristica*. Roma: Istitutum Patristicum Augustinianum, 1985, 156-230.

¹¹ Isto é, a atenção se direcionava para as *figuras* de Cristo na leitura do Antigo Testamento, sem que tal procedimento destruísse a interpretação literal da Escritura. As origens da chamada “escola de Antioquia” está justamente na exegese siro-palestinense do século IV. Entre os seus principais representantes encontram-se Acácio de Cesareia, Eusébio de Emesa, Apolinário de Laodiceia.

¹² Reação antiallegorista, aumento de sensibilidade filológica e histórica, influxo da exegese judaica.

¹³ Cf. D. Z. ZAHAROPOULOS, *Theodore of Mopsuestia on the bible: a study of this Old Testament exegesis*. Nova Iorque/Mahwah (NJ): Paulist Press, 1989.

¹⁴ Para a contextualização da heresia ariana, cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias (séculos I-VII). Conflitos ideológicos dentro do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2007, 85-98.

¹⁵ Cf. M. SIMONETTI, *Lettera e/o Allegoria...*, 167-177.

¹⁶ Pertencendo ao ambiente antioqueno, S. João Crisóstomo segue a orientação exegética típica de seu ambiente, mas dados os seus interesses, sobretudo pastorais, ele evita empenhar-se em discussões teóricas e especialmente polêmicas, como, ao contrário, amavam Diodoro e Teodoro.

¹⁷ Para um estudo e uma introdução geral a S. João Crisóstomo, consultar J. N. D. KELLY, *Golden Mouth: The Story of John Chrysostom. Ascetic, Preacher, Bishop*. Ithaca/Nova Iorque: Cornell University Press, 1995, especialmente 90-103.

¹⁸ S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Epistolam ad Hebraeos*, VII, 2, *Patrologia Graeca* (= PG) 63,64.

¹⁹ S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Expositio in Psalmum XLIII*, 4, PG 55,173.

²⁰ S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthaeum homiliae*, LXXXII,4, PG 58, 743.

²¹ S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Epistolam ad Philippenses Homiliae*, VII, PG 62, 227-230.

²² Cf. P. GORDAY, *Introducción*, in GORDAY, Peter & ODEN, Thomas C. (org.). *Colosenses, 1-2 Tesalonicenses, 1-2 Timoteo, Tito, Filemón* (*La Bíblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Volume 9: Nuevo*

Testamento). Madrid-Buenos Aires-Bogotá-Montevideo-Santiago: Ciudad Nueva, 2002, 34-35.

[23](#) F. M. YOUNG, *From Nicaea to Chalcedon: A Guide to the Literature and its Background*. Philadelphia: Fortress Press, 1983, 158-159.

[24](#) Cf. M. H. FLANAGAN, *St. John Chrysostom's doctrine of condescension and accuracy in the scriptures*. Napier: Daily Telegraph Print, s/d. Cf. também Bertrand DE MARGERIE, *Introduction à l'histoire de l'exégèse*, vol. I: *Les Pères grecs et orientaux*, capítulo oitavo: “São João Crisóstomo, doutor da condescendência bíblica” (214-239); N. CAPIZZI, *Parola di Dio e synkatábasis divina*, *Gregorianum* 89/2 (2008) 396-419.

[25](#) N. CAPIZZI, *Parola di Dio e synkatábasis divina*, 405.

[26](#) Cf. PG 56, 163-192.

[27](#) S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Hom. XXXII in Genesim*, PG 55,292-293.

[28](#) S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Homilia I in Matthaëum*, PG 57, 16-17.

[29](#) A doutrina do anomeísmo é atribuída ao antinicensino radical Aécio (± 350), que identificou a essência divina com a noção de “não engendrado”, típica do Pai, pelo qual o Filho resultava diferente, dessemelhante (*anómoios*) do Pai. S. João Crisóstomo polemizou contra esta heresia em suas “De Christi precibus (Contra Anomoeos, homilia 10)”; cf edição francesa na célebre coleção *Sources Chrétiennes* nº 396: JEAN CHRYSOSTOME, *Sur l'égalité du Père et du Fils: Contre les Anoméens homélies VII-XII* (ed. MALINGREY, A.-M.). Paris: Cerf, 1994.

[30](#) Cf. S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia*. (Coleção Patrística, nº 23). São Paulo: Paulus, 2007.

[31](#) Id., *ibid.*

[32](#) S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Hom. V, De studio praesentium I*, PG 63,485.

TOMO I

HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS ROMANOS¹ DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA.

PRÓLOGO DA CARTA AOS ROMANOS

1. Quando ouço a leitura das Cartas de São Paulo, o que acontece frequentemente (em cada semana duas, não raro três ou quatro vezes, na ocorrência de uma festa dos santos mártires), alegro-me com o som desta trombeta espiritual, rejubilo, sinto ardoroso desejo ao reconhecer esta voz amiga, e tenho quase a impressão de vê-lo presente a discursar, mas angustia-me e atormenta-me o pensamento de que nem todos conhecem devidamente tão grande homem, e alguns cheguem mesmo a ignorá-lo a ponto de não saberem exatamente nem mesmo o número das suas Cartas. Não é por não conseguirem aprender, mas porque não querem tratar frequentemente com o bem-aventurado Paulo. Também nós quanto conhecemos, se conhecemos alguma coisa, não é devido a talento próprio e inteligência penetrante, mas é porque assiduamente lemos os escritos dele, e os acolhemos com ótimas disposições. Efetivamente, os amigos conhecem melhor que os demais as ações de seus amigos, porque se preocupam com eles. Este santo homem o demonstra, dizendo aos filipenses: “É justo que eu assim pense de todos vós, porque vos trago no coração, a todos vós, nas minhas prisões e na defesa e confirmação do evangelho” (Fl 1,7). De sorte que, se quereis também vós dar-vos com ardor à leitura, não precisais de procurar outra coisa, segundo a palavra de Cristo: “Buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á” (Mt 7,7). Mas, visto que muitos de vós aqui reunidos assumiram mulher e filhos para sustentar e o andamento de uma casa, e por isso não podeis ocupar-vos inteiramente nessa tarefa, deveis vos esforçar por receber o que outros coligiram, e pôr tanta diligência em ouvir quanto se emprega em acumular riquezas. Se é, contudo, uma vergonha não exigir mais de vós, oxalá deis ao menos isto.

Pois da ignorância das Escrituras originaram-se inúmeros males; dela deriva muitas vezes o lodo de heresias, surgiram as vidas desleixadas, os esforços infrutíferos. Pois, como os que se acham privados da luz não podem caminhar direito, assim os que não fixam o olhar na direção dos raios das divinas Escrituras, forçosamente pecam com frequência, porque caminham em trevas assaz densas. A fim de evitá-lo, abramos os olhos ao fulgor das palavras do Apóstolo. Com efeito, sua língua fulgura mais que o sol, e ele supera a todos os outros por seus ensinamentos. Tendo trabalhado mais do que todos, alcançou grande graça do Espírito Santo. E eu o asseguro, não somente baseado nas Cartas, mas também nas suas ações. Se, de fato, fosse ocasião de proferir discursos, eles sempre lhe cediam a palavra. Foi tido por Mercúrio pelos infiéis, porque era ele quem tomava palavra (At 14,11), pois primava na eloquência. Estando para ingressar no estudo desta Carta, é necessário mencionar o tempo em que foi escrita. De fato, não foi escrita, como muitos pensam, antes de todas as outras, mas é a primeira das que foram enviadas de Roma, mas posterior a outras, embora não a todas. Efetivamente, ambas as Cartas aos Coríntios foram enviadas antes. É evidente por aquilo que ele escreveu no fim desta, nesses termos: “*Mas agora vou a Jerusalém, a serviço dos santos. A Macedônia e a Acaia houveram por bem fazer uma coleta em prol dos santos de Jerusalém que estão na pobreza*” (Rm 15,25-26). E na Carta aos Coríntios, diz: “E, se valer a pena que eu mesmo vá, eles farão a viagem comigo” (1Cor 16,4), referindo-se aos portadores dos recursos financeiros. Daí faz-se patente que, ao escrever aos coríntios, era incerta a viagem; ao invés, por ocasião da Carta aos Romanos, era questão

decidida. Comprovado isto, é certo que esta carta foi escrita depois daquelas. A Carta aos Tessalonicenses parece-me anterior à Carta aos Coríntios. De fato, tendo primeiramente lhes escrito a respeito das esmolas, quando assegura: “Não precisamos vos escrever sobre o amor fraterno; pois aprendestes de Deus a amar-vos mutuamente; é o que fazeis muito bem para com todos os irmãos” (1Ts 4,9-10), em seguida escreveu aos coríntios. E isto ele o manifesta, dizendo: “Conheço a vossa boa vontade e por causa dela me ufano de vós junto dos macedônios, dizendo-lhes: ‘A Acaia está preparada desde o ano passado’. E o vosso zelo tem servido de estímulo à maioria” (2Cor 9,2). Com isto demonstra que é a primeira vez que lhes fala deste assunto. Por conseguinte, esta Carta, a primeira das que escreveu de Roma, é posterior àquelas outras. Pois ainda não havia chegado a Roma, quando escreveu esta Carta; é o que indica nesses termos: “*Realmente, desejo muito ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual*” (Rm 1,11). De Roma, porém, escreveu aos filipenses, onde assim se exprime: “Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa do Imperador” (Fl 4,22). Aos hebreus igualmente daí escreveu, e diz que os saúdam os que estavam na Itália (Hb 13,24). Preso em Roma, enviou a Timóteo uma carta, que parece ser a última de todas as Cartas de Paulo, conforme se manifesta no final: “Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo de minha partida” (2Tm 4,6). É sabido que ele aí chegou ao termo da vida. Também a Carta a Filemon conta-se entre as últimas, pois a escreveu na extrema velhice, quando dizia: “Sendo tal como sou eu, o velho Paulo e agora também prisioneiro em Cristo Jesus” (Fm 1,9). A esta, portanto, precedeu a Carta aos Colossenses, conforme o final assinala, ao escrever-lhes: “Tíquico vos dará todas as informações. Vai com Onésimo, irmão fiel e amado” (Cl 4,7.9). Foi por causa de Onésimo que ele escreveu Carta a Filemon. E que não se trata de outro homônimo, manifesta-o por meio de Arquipo, uma vez que Paulo, na Epístola a Filemon, o toma por auxiliar a fim de obter favor para Onésimo; a ele também na Carta aos Colossenses estimula com estas palavras: “E disse a Arquipo: ‘Atende ao ministério que recebeste, cumprindo-o bem’” (Ib. 17). A meu ver, porém, a Carta aos Gálatas precedeu a Carta aos Romanos. Se, contudo nas Escrituras aparecem noutra ordem, não é de admirar; às vezes, também os doze profetas não aparecem segundo a ordem temporal, mas apesar de serem de épocas muito diferentes, estão colocados seguidamente na Bíblia. Ageu, Zacarias e outros profetizaram depois de Ezequiel e Daniel; e muitos após Jonas e Sofonias e todos os outros, e, no entanto, todos eles estão congregados, apesar de separados por tão grande intervalo de tempo.

2. Ninguém, no entanto, considere este trabalho fora do assunto, nem que se trata de perscrutar coisa supérflua ou vã, porque a época das Cartas nos é muito útil para solução de certas questões. Quando vejo Paulo escrever aos romanos e aos colossenses acerca dos mesmos problemas, mas não de modo semelhante, aos primeiros com grande condescendência, como ao dizer: “*Acolhei ao fraco na fé sem querer discutir suas opiniões. Um acha que pode comer de tudo, ao passo que o fraco só come verdura*” (Rm 14,1), aos colossenses, porém, não assim acerca dos mesmos problemas, mas com maior liberdade: “Se morrestes com Cristo para os elementos do mundo, por que é que vos sujeitais, como se ainda vivêsseis no mundo, a proibições como: ‘Não pegues, não proves, não toques’? Tudo isso está fadado ao desaparecimento por desgaste, mas não têm valor algum senão para satisfação da carne” (Cl 2,20-23), não encontro outra causa desta diferença senão as circunstâncias de tempo. No início, na verdade, importava usar de condescendência, não, contudo, na época seguinte. Verás que ele assim age sempre e em todo lugar. Desta forma costumam fazer os médicos e os mestres. O médico não procede de igual forma para com os que estão no começo da doença e os doentes terminais; nem o mestre ensina de idêntica maneira aos meninos e aos que precisam de ensinamentos mais perfeitos. Por conseguinte, Paulo escrevia a uns e outros, movido por determinadas causas e assuntos. Ele o manifesta ao dizer aos coríntios: “Passemos aos pontos sobre os quais me escrevestes” (1Cor 7,1); aos

gálatas, contudo, logo no prólogo e por toda a carta assinala a mesma coisa. A estes, todavia, diz por que, qual o motivo por que escreve e parece dar testemunho de que eles estão cheios de bondade e repletos de todo conhecimento de forma a poderem admoestar os demais. Por que, então, enviou a carta? *“Em virtude da graça que me foi concedida por Deus de ser o ministro de Jesus Cristo”* (Rm 15,15-16). Por isso, diz no princípio: *“Pois eu me sinto devedor. Daí meu propósito de levar o evangelho também a vós que estais em Roma”* (Rm 1,14-15). Na verdade, as suas palavras, por exemplo, acerca de lhes ser possível admoestar os outros etc., exibem principalmente louvor e exortação; mas era-lhes também necessária uma emenda por meio de cartas. Como, pois, ainda não havia chegado até aí, por dupla maneira os orienta: pelas cartas e com a expectativa de sua vinda. Era assim aquele santo. Assumia todo o orbe e carregava a todos consigo, considerando ser o maior parentesco o contraído segundo Deus. Desta forma, amava a todos como se os tivesse gerado, ou antes demonstrava maior amor do que um pai. Pois a graça do Espírito ultrapassa o nascimento carnal e causa afeto mais ardente. Verifica-se tal fato primeiro na alma de Paulo, que à guisa de um pássaro, frequentemente visita a todos por efeito da caridade, sem jamais permanecer ou parar. Pois como ouvira que Cristo dissera: “Pedro, tu me amas? Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21,16) e que assegurara que isto constituía o máximo limite da caridade, ele exerceu este múnus de forma extraordinária. Também nós o imitamos, se, visto não conseguirmos orientar o mundo todo, nem inteiramente as cidades e os povos, cuidarmos cada qual ao menos da própria casa, da mulher, dos filhos, dos amigos e dos vizinhos. Nem me diga alguém: Sou imperito e incapaz. Ninguém mais indouto do que Pedro, nem menos perito que Paulo. Ele mesmo o confessa, e não se envergonha de dizer: “Ainda que seja imperito no falar, não o sou no saber” (2Cor 11,6). No entanto, este imperito e aquele indouto venceram milhares de filósofos, impuseram silêncio a inúmeros oradores, realizando tudo diligentemente e pela graça de Deus. Que desculpa teremos nós, que nem ao menos para vinte pessoas bastamos, e não somos úteis aos co-habitantes conosco? São desculpas e vãs escusas. Não é a ignorância e imperícia que impedem a educação, mas a preguiça e a sonolência. Sacudindo, portanto este sono, com toda aplicação cuidemos de nossos membros, a fim de gozarmos na terra de muita tranquilidade, dispondo segundo o temor de Deus o que nos é adequado, e no além conseguiremos inúmeros bens, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com o qual seja dada glória ao Pai, na unidade do Santo Espírito, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

PRIMEIRA HOMILIA

*Endereço*²

1. *Paulo servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, escolhido para o evangelho de Deus,*
2. *que ele já tinha prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras,*

Nunca após o próprio nome, tanto Moisés,³ nos cinco livros que escreveu, quanto os que depois dele registraram os fatos. Nem Mateus, nem João, nem Marcos, nem Lucas. Entretanto São Paulo, em todas as suas Cartas, sempre coloca primeiro seu nome. Por quê? Porque eles escreviam para os coetâneos e, portanto, era inútil revelar o próprio nome. Paulo, contudo, remetia escritos para longe, na forma de epístolas; por conseguinte, era necessário previamente nomear-se. Se, porém, na Carta aos Hebreus não o faz, é por prudência.⁴ Com efeito, era muito odiado por eles e a fim de não lhe ser impedido o acesso desde o início, no caso de conhecerem o nome do autor, decidiu omiti-lo para que eles o ouvissem. Se, porém, os profetas e Salomão colocaram seus nomes, deixo-vos o trabalho de pesquisar por que uns colocaram e outros não. Não é preciso que aprendais tudo de mim, mas também

vós deveis vos esforçar e investigar, a fim de não ficardes preguiçosos. *“Paulo servo de Jesus Cristo”*. Por que Deus lhe trocou o nome e a Saulo deu a denominação de Paulo? Quis não ficasse ele nesta questão abaixo dos apóstolos, mas também tivesse a prerrogativa do príncipe dos discípulos, e mais estreitamente se unisse ao seu colégio. Não é sem motivo que se diz servo de Cristo. De fato, há muitas espécies de servidão. A primeira, pela pertença à criação, conforme se diz: “Todas as coisas te servem” (Sl 119,91); e ainda: “Nabucodonosor, meu servo” (Jr 25,9), pois a obra do Criador é servo seu. A segunda espécie é a da fé, sobre a qual se disse: *“Mas graças a Deus, vós, outrora escravos do pecado, vos submetestes de coração à forma de doutrina à qual fostes entregues, e assim livres do pecado, vos tornastes servos da justiça”* (Rm 6,17-18). Outra espécie é a do estilo de vida, conforme foi escrito: “Moisés, meu servo, morreu” (Js 1,2). Embora todos os judeus fossem servos, Moisés especialmente brilhava pelo estilo de vida. Visto que Paulo era servo segundo todas as espécies de servidão, ele as prefere à máxima honra declarando: *“Servo de Jesus Cristo”*, e relaciona os dois nomes do plano divino, subindo de baixo para cima. Um anjo veio do céu trazendo o nome de Jesus, quando nasceu da Virgem; o de Cristo deriva do termo unção, que se refere à carne. E com que óleo, perguntas, foi ungido? Não foi ungido com óleo, mas com o Espírito. A Escritura costuma dar a tais pessoas o nome de “ungidos” (*Christous*). Na verdade, quanto à unção, o principal agente é o Espírito; e utiliza-se o óleo. E onde a Escritura denomina cristos os que não foram ungidos com óleo? Na passagem: “Não toqueis nos meus ungidos, não façais mal aos meus profetas” (Sl 105,15). Então não havia o uso do óleo para a unção. *“Chamado para ser apóstolo.”* Paulo, mostrando-se agradecido, sempre se diz chamado, e assegura que não foi por ter ele próprio procurado que encontrou, mas por ter obedecido ao chamado. Aos fiéis, porém, assim qualifica: “chamados santos”. Estes últimos foram chamados à fé, mas foi confiado a Paulo outro múnus, repleto de inúmeros bens, o apostolado, que supera e abrange todos os carismas. E o que dizer ainda senão que Cristo, ao partir, entregou aos apóstolos o que ele mesmo fez quando viera? É o que Paulo também clama e assegura, exaltando a dignidade dos apóstolos: “Em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta” (2Cor 5,20), isto é, em lugar de Cristo. *“Escolhido para o evangelho de Deus.”* Numa casa cada qual é escolhido para determinada obra; assim na Igreja são distribuídos os diversos ministérios. A meu ver, portanto, aqui não designa a própria sorte, mas insinua que ele há muito fora deputado para tal. Igualmente Jeremias declara que Deus dissera a seu respeito: “Antes que saíesses do seio materno, eu te consagrei. Eu te constituí profeta para as nações” (Jr 1,5). Ele escrevia para uma cidade arrogante e orgulhosa, e por isso manifesta que tudo provém de uma disposição divina. Efetivamente, foi Deus quem chamou, quem escolheu. Assim procede para tornar a carta fidedigna e bem acolhida. *“Para o evangelho de Deus.”* Por conseguinte, não somente Mateus e Marcos são evangelistas, nem somente Paulo é apóstolo, mas também os outros, apesar de ser ele denominado por excelência apóstolo e eles, evangelistas. Quanto ao evangelho, assim o designa não somente por causa dos bens já outorgados, mas igualmente por causa dos que viriam no futuro. Por que, então, afirma que Deus evangeliza por meio dele? *“Escolhido para o evangelho de Deus.”* O Pai, na verdade, se manifestara antes do evangelho. Mas se era conhecido, era apenas pelos judeus, mas nem por todos eles o quanto conviria; nem sabiam que ele era Pai e era indigno o que imaginavam a seu respeito. Por este motivo Cristo dizia: “Os verdadeiros adoradores adorarão” e: “Tais são os adoradores que o Pai procura” (Jo 4,23). Por fim, contudo, o Pai, com o Filho, manifestou-se a todo o orbe. Prenunciando-o, Cristo dizia: “Que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3). Refere-se a um *“evangelho de Deus”*, elevando imediatamente o nível do ouvinte. Não veio, como os profetas, para anunciar eventos lastimáveis, tais como censuras, acusações, repreensões, mas a boa-nova e o *“evangelho de Deus”*,

inúmeros tesouros de bens firmes e imutáveis.

3. que ele já havia prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras,

“O Senhor deu uma ordem aos que anunciam com grande coragem a boa-nova” (Sl 67,12). “Quão graciosos são os pés dos que anunciam a paz!” (Is 52,7). Vês a eloquência com que é enunciado o nome e o lugar do evangelho no Antigo Testamento? Não o pregamos apenas com palavras, diz, mas também com obras. Não se tratava de algo de humano, mas de divino, de indizível e sobrenatural. Como, na verdade, o denunciavam como novidade, mostra que ele é mais antigo do que o povo grego e que fora prenunciado pelos profetas. Mas não foi dado desde o início, porque não o quiseram receber; de fato, os que quiseram, ouviram-no. Diz a Escritura: “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia. Ele o viu e encheu-se de alegria!” (Jo 8,56). Por que razão, então, diz: “Muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram” (Mt 13,17)? De tal forma, porém, diz ele, que vedes e ouvis a própria carne, os sinais, que os olhos percebem. Queria que considerasses a antecedência com que estes eventos foram preditos; pois quando Deus está preparando grandes acontecimentos, ele os anuncia muito tempo antes, abrindo os ouvidos para captar sua presença. *“Nas Sagradas Escrituras.”* Os profetas não apenas proferiam, mas também escreviam as profecias; não só escreviam, mas ainda as ações se transformavam em figuras, por exemplo, Abraão que conduz Isaac, Moisés que exalta a serpente, estende as mãos na luta contra Amalec, e imola o cordeiro pascal. O que fazes, Paulo? Elevaste-nos os ânimos a coisas sublimes, ofereceste-nos à imaginação realidades grandes e ocultas, citaste o evangelho, o evangelho de Deus, introduziste o coro dos profetas e mostraste que todos eles muitos anos antes prenunciaram o futuro; por que remontas a Davi? Dize-me. Quem é este de quem falas e cujo pai afirmas ser o filho de Jessé? Como é possível ser digno dele o que dizes? Sem dúvida alguma; absolutamente, são dignas. Não nos referimos a um simples homem. Por isso acrescentei: *“Segundo a carne”*, dando a entender que sua geração era segundo o Espírito. E por que começa deste ponto, e não dos fatos mais sublimes? Porque assim também fizeram Mateus, Lucas e Marcos. Pois quem quiser guiar para o céu tem de conduzir de baixo para cima. Nesta ordem foram dispostos os eventos salvíficos. Em primeiro lugar, portanto, viu-se um homem sobre a terra, e percebeu-se que era Deus. Da mesma forma em que ele transmitiu a doutrina, seu discípulo abre o caminho que para lá conduz. Em primeiro lugar, portanto, fala da geração segundo a carne, não porque fosse a primeira, mas porque desta conduz o ouvinte para aquela.

4. estabelecido Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, por sua ressurreição dos mortos, Jesus Cristo

A frase é obscura devido às expressões complicadas; por isso é necessário distinguir. É clara a razão por que diz: Anunciamos aquele que nasceu de Davi. Mas de onde vem a asserção de que aquele que se encarnou é o Filho de Deus? Primeiramente veio por intermédio dos profetas. Por isso declara: *“Que ele já havia prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras”*. É importante esta asserção. Em segundo lugar, também pela forma da geração, declarada nesses termos: *“nascido da estirpe de Davi segundo a carne”*; na verdade, não é observada a lei da natureza. Em terceiro lugar, pelos milagres que operou, provas de seu grande poder; é o sentido da expressão: *“Com poder”*. Em quarto lugar, pelo Espírito que comunicou aos seus fiéis, e por quem santificou a todos; diz: *“segundo o Espírito de santidade”*, porquanto a Deus somente compete doar tais dons. Em quinto lugar, pela ressurreição do Senhor, uma vez que ele foi o primeiro e único a ressuscitar a si mesmo. Ele próprio afirmou que este sinal é o mais idôneo de todos para fazer calar os insolentes. Pois disse: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei” (Jo 2,19); e: “Quando me tiverdes elevado da terra, então sabereis que Eu sou” (Jo 8,28); e ainda: “Esta geração... busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será

dado, exceto o sinal do profeta Jonas” (Mt 12,39). O que significa: “*Estabelecido*”? Mostrado, declarado, julgado, reconhecido, de acordo com o juízo e voto de todos, pelos profetas, pelo extraordinário nascimento segundo a carne, pelo poder dos milagres, pelo Espírito por cujo intermédio santificou, pela ressurreição com a qual eliminou a tirania da morte.

5. *por quem recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé*

Vê a gratidão do servo! Não atribui algo a si, mas ao Senhor. Aliás, são dons do Espírito, por isso diz: “Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreender. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena” (Jo 16,12). E ainda: “Separai-me Barnabé e Saulo” (At 13,2). E na Carta aos Coríntios diz: “A um o Espírito dá a palavra da sabedoria; a outro, a palavra da ciência”, e: “O mesmo Espírito distribui a cada um os seus dons, conforme lhe apraz” (1Cor 12,8.11). E discursando em Mileto, diz: “O Espírito Santo vos estabeleceu pastores e bispos” (At 20,28). Vês como afirma que o que é do Espírito é do Filho, e o que é do Filho, é do Espírito? “*A graça e o apostolado*”, isto é, não fomos nós que nos fizemos apóstolos. Com efeito, não obtivemos esta dignidade com nosso esforço e labor, mas recebemos qual graça e o múnus nos foi conferido por um dom do alto. “*Para a obediência da fé.*”

Por conseguinte, não foram os apóstolos que o realizaram, mas a graça preveniente. Com efeito, competia-lhes viajar e anunciar; mas persuadir era obra de Deus neles, conforme enuncia também Lucas: “Abriu-lhes o coração” (At 16,14) e ainda: “Aqueles aos quais fora dado ouvir a palavra de Deus” (cf. At 4,4). “*Para a obediência.*” Não disse: Para pesquisa ou raciocínio, mas: “*Para a obediência*”. Não fomos enviados, disse, para construirmos silogismos, mas para transmitir o que recebemos. De fato, quando o Senhor profere uma palavra, não devem os ouvintes curiosamente perscrutar e indagar, e sim acolher. Os apóstolos foram enviados, a fim de narrarem o que ouviram, e não para acrescentarem algo de próprio; quanto a nós, compete-nos somente crer. O que devemos acreditar? “*Em seu nome*”. Não façamos inquisições curiosas a respeito de sua substância, e sim acreditemos em seu nome. Este, de fato, operava milagres. “Em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda!” (At 3,6). E para tal a fé é necessária e nada disto podemos captar por meio de raciocínios.

Entre todos os gentios,

6. *dos quais fazeis parte também vós, chamados de Jesus Cristo,*

O que é isto? Acaso Paulo pregou a todos os gentios? É certo, através do que escreveu aos romanos, que ele peregrinou de Jerusalém até o Ilírico, e daí chegou aos confins da terra. Embora não tenha atingido a todos, nem assim é falso o que afirma, porque não fala apenas de si mesmo, mas ainda dos doze apóstolos, e daqueles que na companhia deles anunciaram a palavra. Aliás, não podes retrucar que não se trata de Paulo se considerares seu fervor, e que nem após a morte cessa de pregar em todas as partes da terra. Pondera como exalta o dom e mostra que é grande e mais sublime do que o Antigo. Na verdade, o Antigo Testamento toca apenas a um só povo; este dom, porém, abrange terra e mar. Gostaria que mais uma vez pensasses quanto a alma de Paulo estava longe de qualquer adulação. Efetivamente, ao dirigir-se aos romanos, estabelecidos de certo modo no ápice de todo o orbe, não lhes atribui mais do que aos restantes povos, nem, pelo fato de que então dominavam e reinavam, diz que possuíam mais relativamente às realidades espirituais. Mas, diz, como pregamos a todos os povos, assim também a vós, e enumera-os entre os citas e os trácios, porque, se não quisesse acentuar isto, seria supérfluo dizer: “*Entre todos os gentios, dos quais fazeis parte também vós*”. Assim procede, purificando-lhes a mente, humilhando-lhes a soberba e declarando-lhes que são iguais aos demais. Por isso, acrescenta: “*Dos quais fazeis parte também vós, chamados de Jesus Cristo*”, isto é, entre eles estais também vós. E não disse: Os outros convosco; mas: Vós com eles. Se, pois, em Cristo Jesus não

há servo nem livre, muito mais nem rei nem homem do povo; de fato, também vós fostes chamados, e não vos aproximastes espontaneamente.

7. a vós todos que estais em Roma, amados de Deus e chamados à santidade, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Vê com que frequência utiliza a denominação de “*chamados*”: “*Chamado para ser apóstolo*”; “*dos quais fazeis parte também vós, chamados*”; “*a vós todos que estais em Roma... chamados*”. Não é supérflua a repetição, mas quer relembrar-lhes o benefício da vocação. Com efeito, era verossímil que entre os fiéis houvesse antigos prefeitos e consulares, e também pobres e homens vulgares; ele desfaz a desigualdade social, reunindo todos sob um único título. Se, portanto, nas coisas mais necessárias e nas espirituais tudo é comum entre servos e livres, por exemplo, o amor de Deus, a vocação, o evangelho, a adoção, a graça, a paz, a santificação etc., como não seria extrema loucura criar distinções nas questões terrenas entre aqueles que Deus uniu e fez pares? Por conseguinte, desde o início o santo Apóstolo, curando-lhes a grave enfermidade, leva-os à humildade, mãe de todos os bens. Melhorava os servos, informando-os de que a servidão não lhes causaria dano, uma vez que gozassem da verdadeira liberdade; os senhores também aprendiam a discrição, instruídos de que a liberdade não lhes traria lucro algum se as realidades da fé não tivessem precedência. E para que saibas que Paulo com isso não introduzia confusão, nem misturava tudo, mas tinha ótimo discernimento, não escreveu simplesmente: “*Todos vós que estais em Roma*”, mas destacou: “*Amados de Deus*”. Ótima diferenciação! Assinala donde se origina a santidade.

Donde provém, então, a santidade? Do amor. Pois, após declarar: “*Amados*”, aditou: “*Chamados à santidade*”, indicando aí estar a fonte de todos os bens. Chama de santos, porém, a todos os fiéis. “*Graça e paz.*” Ó saudação portadora de inúmeros bens! Cristo ordena aos apóstolos que, ao entrarem numa casa, a pronunciem. Por isso, Paulo sempre começa desta forma, a saber, pela graça e a paz. Cristo não levou a termo uma pequena luta, mas várias, completas e diuturnas; não foram terminadas devido a nossos labores, mas por sua graça. E visto que o amor doou a graça, e a graça transmitiu a paz, denomina-as em série, roga que permaneçam perpétuas e imutáveis, no intuito de que não rebentasse outra guerra. Suplica ao doador que as conserve estáveis, dizendo: “*Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo*”. Nesta passagem, a palavra: “*da*” é comum ao Pai e ao Filho, como se dissesse: “*Vem dele*”. E não disse: “*Graça e paz da parte de Deus nosso Pai por nosso Senhor Jesus Cristo*”, e sim: “*Da parte de Deus nosso Pai e de nosso Senhor Jesus Cristo*”. Ah! Quanto pôde o amor de Deus! Os inimigos e os réprobos de repente se tornaram santos e filhos. Com efeito, quando nomeia o Pai, destaca que somos filhos; quando, porém, fala em filhos, revela o tesouro de todos os bens. Perseveremos, então, em mostrar-nos dignos da dádiva de nossa cidadania, e em conservar a paz e a santidade. As outras dignidades são, na verdade, temporárias e são supressas no final da vida presente; as riquezas são venais. Por isso ninguém se refere propriamente a dignidades, mas apenas profere nomes, que vigoram devido à magnificência das vestes e à adulação dos satélites. A que Deus confere, porém, o dom da santificação e da adoção, não é tirada pela morte; mas na terra produz homens ilustres e emigra conosco para a vida futura. Com efeito, quem conserva a adoção, e com todo cuidado guarda a santificação, é muito mais esplêndido e feliz do que aquele que cinge o diadema, e veste a púrpura, e na vida presente usufrui da maior tranquilidade, fiado numa firme esperança, sem ter ocasião alguma de tumulto e perturbação; mas goza de perpétuo gozo. Efetivamente, a alegria e o regozijo não costumam provir da grandeza do império, nem da quantidade das riquezas, nem do fausto do poder, nem da força corporal, nem da lauta mesa, nem do ornato das vestes, nem de qualquer outra coisa humana, mas provém apenas da benéfica ação espiritual e da boa

consciência. Quem a conserva pura, esteja embora esfarrapado, faminto, é mais alegre do que os que vivem em sumas delícias; e vice-versa, quem está consciente do mal que praticou, cercado embora da abundância de todas as riquezas, é o mais miserável dos homens. Por esta razão, Paulo, que vivia com assídua fome e despojamento, cotidianamente flagelado, mais se alegrava e regozijava do que os reis. Acab, entretanto, que reinava e gozava de lautos banquetes, por ter admitido aquele pecado, gemia, estava angustiado, com o rosto desfeito, antes e depois do pecado. Se queremos, portanto, usufruir de prazer, fujamos sobretudo da maldade, e sigamos a virtude, porque não podemos de outro modo ter prazer, mesmo se ascendermos ao próprio trono imperial. Por isso Paulo dizia: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz” (Gl 5,22). Conservemos este fruto entre nós, para gozarmos na terra desta alegria, e conseguirmos o reino futuro, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai seja glória, na unidade do Espírito Santo, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDA HOMILIA

Ação de graças e oração

1,8. *Em primeiro lugar, eu dou graças ao meu Deus mediante Jesus Cristo, por todos vós, porque vossa fé é anunciada em todo o mundo.*

Exórdio conveniente da alma feliz é este, e próprio para instruir a todos a que ofereçam a Deus as primícias das palavras e das obras boas; deem graças não somente pelas suas próprias ações, mas também pelas dos outros, o que livra a alma da inveja e do ciúme, e atrai maior benevolência de Deus para com os que lhe dão graças. Por isso, o Apóstolo diz em outra passagem: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais” (Ef 1,3).

Devem dar graças não somente os ricos, mas também os pobres; não apenas os sadios, mas igualmente os doentes; não só na prosperidade, mas também na adversidade.

De fato, dar graças a Deus por ocasião de acontecimentos felizes não é admirável; mas, quando surge grande tempestade, e a nave periclita e soçobra, então aparece a extrema prova de paciência e de gratidão. Por este motivo Jó foi coroadado, tapou a boca insolente do diabo e mostrou claramente que não dava graças por causa da prosperidade, do dinheiro, mas movido por grande amor a Deus. Vê igualmente por que motivo Paulo dá graças. Não foi por bens terrenos e perecíveis, tais como império, poder, glória, que devem ser reputados como nada, mas por causa dos verdadeiros bens, a fé, a liberdade de falar. E com que afeto dá graças! Pois não diz: “A Deus”, mas a “*Meu Deus*”, conforme fazem também os profetas, reivindicando para si o que é comum a todos. É de admirar que os profetas assim procedam? O próprio Deus assim age para com seus servos, declarando particularmente a respeito de cada um deles que é o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. “*Porque vossa fé é anunciada em todo o mundo.*” Como? Toda a terra ouviu falar da fé dos romanos? Inteira, por meio dele, e não é inverossímil; não se tratava de uma cidade obscura, mas de uma cidade situada de certo modo no alto de um pico, e universalmente ilustre. Pondera a força do anúncio da palavra, como em tão breve tempo por meio de publicanos e pescadores foi invadida a principal das cidades, e homens da Síria se tornaram mestres e preceptores dos romanos. O Apóstolo atesta a respeito deles duas boas ações: Eles acreditaram, acreditaram com coragem, e de tal modo que a fama deles percorreu a terra. Afirma ele: “*Vossa fé é anunciada em todo o mundo*”. A fé, não as discussões, não os questionamentos, não os silogismos, embora ali houvesse muitos impedimentos à doutrina. Efetivamente, os romanos, que recentemente haviam conquistado o império de todo o mundo, estavam orgulhosos, e viviam no meio das riquezas e dos prazeres, e o anúncio se realizava através de pescadores, judeus e descendentes dos judeus, povo malvisto e geralmente abominável, e ordenavam adorar um crucificado, educado na

Judeia. E os mestres prescreviam, além da doutrina, uma vida austera a homens entregues aos prazeres, e ambiciosos apenas dos bens presentes. E os que anunciavam isto eram pobres, homens vulgares, obscuros e de pais obscuros. Entretanto, nada disso impediu o percurso da palavra. Tão grande era o poder do crucificado que a propagava por toda parte. “*É anunciada em todo o mundo.*” Não disse: “É publicada”, e sim: “*É anunciada*”, como se estivesse na boca de todos. Testificando o mesmo acerca dos tessalonicenses, acrescenta outra coisa; de fato, tendo dito: “Partindo de vós, se divulgou a palavra de Deus”, adita: “Não é necessário falarmos disso” (1Ts 1,8). Os discípulos, com efeito, se colocavam no lugar de mestres, instruindo a todos corajosamente, e atraindo-os a si. A pregação nunca se interrompia, mas de modo mais veemente que o fogo invadia todo o orbe. Nesta passagem, porém, só se diz: “*É anunciada*”. Expressou-se bem: “*É anunciada*”, mostrando que nada devia ser acrescentado, nem subtraído às palavras. O papel do nuncio (*ángeles*) é este: Somente transmitir o que lhe foi dito. Por conseguinte, o sacerdote é denominado “anjo” porque não anuncia o que é seu, mas a mensagem daquele que o envia. No entanto, Pedro ali pregou, mas Paulo considera seu o ensinamento dele; desta sorte, conforme disse mais acima, estava isento de qualquer espécie de inveja.

9. *É testemunha Deus, a quem sirvo em meu espírito, anunciando o evangelho do seu Filho.*

Palavras do coração do Apóstolo, sentença de solicitude paterna! O que quer ele dizer, e com que intenção invoca a Deus como testemunha? A palavra provinha de suas disposições. Uma vez que ainda não os visitara, não chama por testemunha homem algum, mas aquele que perscruta os corações. Após haver assegurado que os ama, e ter dado um sinal da instantânea oração por eles e do desejo de visitá-los, como isto não era óbvio, recorre a um testemunho fidedigno. Ou poderia algum de vós gloriar-se porque se lembra, ao rezar em casa, da Igreja inteira? Certamente não. Mas Paulo não rezava unicamente para uma cidade, mas suplicava a Deus por todo o orbe; e isto não uma, duas, ou três vezes, mas continuamente. Só é possível a uma pessoa lembrar-se assiduamente de outra devido a uma grande caridade. Pondera que provém de grande afeto e amor ter presente sem cessar a um outro nas orações. Ao declarar, porém: “*A quem sirvo em meu espírito, anunciando o evangelho do seu Filho*”, demonstra-nos simultaneamente a graça de Deus e a humildade de Paulo. A graça de Deus, que lhe confiou tão grande missão; a humildade, que não atribui tudo ao próprio zelo, mas ao auxílio do Espírito. Ao acrescentar: “*evangelho*”, assinala qual o ministério. Aliás, muitas e diversas são as formas de ministério, e igualmente as do culto. Ao serviço dos reis todos estão sob o governo de um príncipe, mas nem todos exercem o mesmo ministério. Um comanda o exército, outro governa as cidades, outro guarda as riquezas nos tesouros; assim nas questões espirituais, um pela fé cultua a Deus, serve-o, e ordena retamente sua vida, um outro recebe os hóspedes, outro cuida dos pobres. Assim entre os apóstolos, Estêvão servia a Deus cuidando das viúvas; um outro ensinando a palavra, de cujo número era Paulo, que servia a Deus pregando o evangelho. Era o seu serviço, o qual lhe fora confiado. Por isso não só invoca a Deus como testemunha, mas diz que lhe foi entregue, e jamais invocaria por testemunha falsa aquele que lhe confiara o serviço.

Além disso, quer mostrar que a caridade e a solicitude que tinha para com eles eram necessárias, e eles não pudessem dizer: Quem és tu, e de onde vem afirmares que assumiste o cuidado de tão grande e régia cidade? Torna-se clara a necessidade de tal solicitude com a declaração da espécie de serviço, a saber, anunciar o evangelho. De fato, aquele a quem foi confiado este múnus, obrigatoriamente terá sempre em mente aqueles que hão de receber a palavra. Em outra parte o assinala, nesses termos: “*Em meu espírito*”, porque sua religião era muito mais sublime do que a dos gentios e judeus; pois a dos gentios era errônea e carnal, enquanto a judaica era verdadeira, apesar de ser também carnal; a da

Igreja, porém, era oposta à dos gentios, e muito mais sublime do que a judaica. Nosso culto não utiliza ovelhas, vitelos, fumaça e odores das vítimas, mas é espiritual. Demonstrando-o, dizia Cristo: “Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade” (Jo 4,24).

“*O evangelho do seu Filho.*” Após ter dito mais acima que o evangelho era do Pai, aqui afirma ser do Filho; deste modo diz-se ser indistintamente do Pai e do Filho. Aprendeu-o por intermédio da voz sagrada que assegurava ser do Filho o que é do Pai, e ser do Pai o que é do Filho. Foi dito: “Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu” (Jo 17,10).

Lembro-me continuamente de vós em minhas orações, Caridade genuína! A meu ver, diz uma só coisa, embora apresente quatro asserções: Que se lembra, continuamente, nas orações, e os pedidos são importantes.

10. *pedindo que, de algum modo, com o beneplácito de Deus, se me apresente uma oportunidade de ir ter convosco.*

11. *Realmente, desejo muito ver-vos,*

Vês o grande desejo que tem de vê-los, segundo o beneplácito divino, num misto de amor de Deus e temor? De fato, amava-os e tinha pressa de ir ter com eles; mas embora amasse, não queria vê-los se não fosse de acordo com o beneplácito de Deus. É caridade genuína; não como nós, que transgredimos ambos os preceitos da caridade porque não amamos, ou se amamos, fazemo-lo sem considerar o beneplácito de Deus. Ambas as ações são contra a lei divina. Se isto é oneroso de se dizer, mais oneroso certamente é de se fazer.

E quando amamos sem considerar o beneplácito de Deus? Quando desprezamos a Cristo faminto, e despendemos com os filhos, amigos e parentes além do necessário. Ou melhor, qual a utilidade de continuar falando? Se, de fato, cada um examinar a própria consciência, descobrirá que frequentemente assim acontece. O bem-aventurado Apóstolo, porém, não era tal, mas sabia amar, e amar conforme é devido. Apesar de superar a todos na caridade, não transgrediu a medida no exercício da caridade. Vê, portanto, que ele possui com abundância ambas as coisas, tanto o temor de Deus quanto o amor aos romanos. Era sinal de exímia caridade rezar continuamente por eles, e não desistir mesmo quando não impetrava o objeto desejado. Constituía suma piedade obedecer à vontade de Deus, perseverando no amor. Em outra passagem também, tendo rogado três vezes ao Senhor, sem obter o que pedia, ou melhor, sucedia-lhe o oposto, dava graças pela recusa (2Cor 12,8). Desta forma sempre voltava o olhar para Deus. Em nosso caso, contudo, recebeu lentamente e não quanto pedia, sem se aborrecer. Digo isto a fim de não nos contrariarmos se não somos ouvidos, ou somos atendidos com tardança. Na verdade, não somos melhores do que Paulo, que, por ambos os motivos, deu graças e com toda razão. Uma vez que se entregara inteiramente às mãos daquele que tudo dirige, e com sujeição igual à do barro nas mãos do oleiro, ele seguia a Deus aonde quer que o conduzisse. Tendo dito, pois, que pedia a graça de poder visitá-los, enuncia a causa destes desejos.

Qual é?

Para vos comunicar algum dom espiritual, que vos possa confirmar

Não é, portanto, sem motivo, conforme atualmente o proceder de muitos que assumem supérfluas e inúteis peregrinações, mas queria tratar de questões indispensáveis e urgentes; ele não o enuncia claramente, mas de forma enigmática. E não disse: “Para vos ensinar, vos instruir, completar o que falta”, e sim: “*Para vos comunicar*”, asseverando que não distribuiria do que era seu, mas do depósito que recebera para transmitir-lhes. Mais uma vez fala modestamente: “*Algum dom*”, pouca coisa e à minha medida. E o que é aquele pouco que já haveria de dar? Diz ele: “*Que vos possa confirmar*”. Por conseguinte, provém igualmente da graça o fato de não vacilar, mas de ficar firme. Ao ouvires falar de

graça, acautela-te de pensar que se exclui a recompensa devida ao bom propósito; o Apóstolo a denomina graça, não porque reprove o esforço da vontade, mas para cortar a orgulhosa arrogância. Se Paulo a denomina graça, no entanto não desanimes. Um ânimo grato costuma denominar graça as boas obras, porque para isso carecemos muito do impulso do alto. Ao dizer, porém: “*Que possa vos confirmar*”, assinala implicitamente que eles precisavam de grande correção. Quer dizer o seguinte: Há muito alimentava o desejo e anelo de vos ver, por nenhum outro motivo senão o de vos fortalecer, confirmar e firmar devidamente no temor de Deus, para não vacilardes continuamente. Mas não se exprime deste modo, porque os teria melindrado. Insinua-o mais levemente. Ao declarar: “*Que possa vos confirmar*”, é o que dá a entender. Em seguida, uma vez que muito os molestaria, mitiga a expressão por meio do acréscimo. A fim de que eles não replicassem: Como? Acaso vacilamos? Ou vagamos? E precisamos de tua língua para ficarmos firmes? previne a objeção nesses termos:

12. ou melhor, para nos confortar convosco pela fé que nos é comum a vós e a mim

Como se dissesse: Não suspeiteis que assim me expressei para vos acusar. Não falei com tal intenção. Mas o que quis dizer? Sofrestes muitas tribulações dos que vos perseguiram, por isso desejei ver-vos para vos confortar; ou melhor, não somente para vos confortar, mas também para me confortar.

Vê a sabedoria do mestre. Assegura: “*Que possa vos confirmar*”. Sabia que seriam pesadas e onerosas aos discípulos as suas palavras, e por isso diz: “*Para vos confortar*”. Mas isto também era molesto, embora não tanto quanto o que dissera antes. Mitiga a aspereza, suaviza inteiramente, para tornar a palavra aceitável. Pois não disse simplesmente: “Confortar”, mas: “*Para nos confortar convosco*”. Nem isto lhe foi suficiente, mas aditou a mitigação: “*Pela fé que nos é comum a vós e a mim*”. Ah! quanta humildade! Sugere que ele igualmente necessita e não apenas eles. Coloca os discípulos no mesmo posto que os mestres, sem reservar para si prerrogativa alguma, com grande igualdade. A utilidade é comum, diz ele, e precisamos de conforto, eu do vosso e vós do meu. E como sucederá isto? “*Pela fé que nos é comum a vós e a mim*”. Se alguém acender do mesmo fogo muitas lâmpadas, produz esplêndida chama; o mesmo acontece entre os fiéis. Separados uns dos outros, seremos menos animosos; quando, porém, nos vemos mutuamente e nos abraçamos como membros, recebemos muito conforto. Não me oponhas o tempo presente, em que pela graça de Deus nas aldeias, nas cidades, no próprio deserto existem muitas fileiras de fiéis, e toda impiedade foi expulsa, mas pensa no tempo em que era ótimo o mestre visitar os discípulos, e para os irmãos ver irmãos provenientes de outra cidade. Para tornar mais claro o que digo, usaremos de um exemplo. Se acontecesse (outrora acontecia, agora tal não aconteça), que fôssemos trasladados em exílio para a terra dos persas ou dos citas ou outros bárbaros, dispersos em grupos de dois ou três naquelas cidades, e víssemos de repente alguém vir de nossa terra, calcula o conforto que sentiríamos. Não vedes que os encarcerados, quando os visita um dos familiares, levantam-se e saltam de alegria? Não te admires, na verdade, se comparo aqueles tempos ao cativo e ao encarceramento. Sofriam muito mais, dispersos, expulsos, famintos e em guerras, com ameaças cotidianas de morte, e suspeitas dos amigos, familiares e parentes; habitavam em toda parte como estranhos, ou o que é pior, viviam em condições piores do que os que moram em terra estrangeira. Por isso assim se exprime (“*para nos confortar convosco pela fé que nos é comum a vós e a mim*”). Assim se exprimia, apesar de não precisar, de forma alguma, deles por companheiros de milícia. Como precisaria deles a coluna da Igreja, mais forte do que o ferro e a rocha, espiritualmente de aço, que bastava a inúmeras cidades?) Mas, para que o discurso não fosse molesto, nem a correção veemente, dizia necessitar do conforto deles. Se alguém afirmar que Paulo teve necessidade da consolação e da alegria oriundas do incremento da fé neles, certamente não

erraria. Se, portanto, dizes, desejas e optas receber e dar conforto, qual o impedimento de vires? Dissipando esta suspeita, acrescenta:

13. *E não escondo, irmãos, que muitas vezes me propus ir ter convosco e fui impedido até agora.*

Vê a medida de obediência do servo, e a prova de intensa gratidão. Diz que estava impedido, não, porém, qual o motivo. Não perscruta o mandato do Senhor, mas somente obedece. Era possível uma hesitação diante do fato de que por tanto tempo Deus impedisse usufruir da palavra de tão grande doutor uma cidade tão grande e tão esplêndida e para a qual se voltava o olhar da terra inteira. Pois quem vence a cidade dominante facilmente subjuga os súditos. Quem, contudo, deixa-a de lado e ataca os súditos negligencia o principal. Entretanto, Paulo nada disso indaga curiosamente, mas cede diante da incompreensível providência, e tanto se apresenta moderado quanto instrui a todos nós a nunca perguntarmos a razão das ações de Deus, embora muitos se mostrem perturbados a esse respeito. Apenas ao Senhor compete dar ordens; aos servos cabe obedecer. Por isso diz que estava impedido; mas não informa por que razão. Pois, diz ele, nem eu sei. Não me interrogues, portanto qual seja a vontade ou o plano de Deus. *“Vai acaso a obra dizer ao artífice: Por que me fizeste assim?”* (Rm 9,20) Por que desejas saber? Acaso desconheces a providência e sabedoria divina, que nada faz sem causa e em vão, que te ama mais do que teus pais, que supera de longe o afeto paterno e a solicitude materna? Por conseguinte, nada mais perguntes, nem procedas avante. Sirva-te isto de suficiente conforto. Na verdade, então o império romano era governado com sabedoria. Se ignoras o modo, não te irrites. É sobretudo peculiar à fé que, se alguém desconhece o modo de realização do plano divino, admita, contudo, a razão da providência.

Tendo Paulo determinado corretamente o que lhe competia (De que se tratava? Mostrar que não era por desprezo que não ia ter com eles, mas apesar de seu grande desejo, estava impedido), e removido a acusação de indolência, e após persuadi-los de que não era menor o seu desejo de vê-los do que, por sua vez, o deles, ainda de outras maneiras manifesta seu amor. Pois, diz ele, nem pelo fato de estar impedido, desistiu do empenho, mas sempre tentava, e sempre era coibido; nunca desistiu, sem resistir, contudo, à vontade de Deus, e conservando a caridade. Pois, com o fato de se propor sem desistência, mostrava seu amor; por ser impedido sem resistir, revelava amor extremo a Deus.

Para colher algum fruto também entre vós, apesar de mais acima ter apresentado a causa do desejo, e ter mostrado que lhe convinha, no entanto aqui também a formula, eliminando inteiramente a suspeita deles. Visto que a cidade era ilustre, e única em terra e mar de tão grande beleza, e muitos para lá imigraram somente pela vontade de vê-la, a fim de que ninguém opinasse a respeito de Paulo algo de semelhante, nem suspeitasse que Paulo desejava vê-los para se tornar mais ilustre devido à convivência, frequentemente apõe a causa de seu desejo. Dissera mais acima: *“Realmente, desejo muito ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual”*. Aqui, assegura mais claramente: *“– para colher algum fruto também entre vós, como entre os outros gentios”*. Enumera príncipes e súditos conjuntamente. Apesar de mil troféus e vitórias, apesar dos célebres cônsules, coloca os romanos unidos aos bárbaros, e com razão. Pois onde existe a nobreza da fé, não há bárbaro nem grego, não há estrangeiro nem cidadão, mas todos alcançam idêntica proeminência. Vê, portanto, como ele aqui age com medida. Efetivamente, não diz: “Para vos ensinar e instruir”, mas, para que fim? *“Para colher algum fruto também entre vós”*; não simplesmente: “Fruto”, mas: *“Algum fruto”*. Mais uma vez diminui o que lhe respeita, conforme se exprimiu acima: *“Para vos comunicar algum dom”*. Em seguida, conforme supramencionei, reprime-os, dizendo: *“Como entre os outros gentios”*. Apesar de serdes ricos e terdes mais do que os outros, não demonstramos menor zelo pelos demais; não estamos em busca dos ricos, mas dos fiéis. Onde estão agora aqueles gregos sábios, com densas barbas,

revestidos de um manto e cheios de orgulho? O fabricante de tendas (cf. At 18,3) converteu a Grécia e toda a terra dos bárbaros. Platão, que eles propõem e apresentam em toda parte, foi três vezes à Sicília e, com suas pomposas palavras e ilustre fama, não conquistou tirano algum; ao contrário, decaiu tão miseravelmente a ponto de perder a liberdade. Ao invés, o fabricante de tendas percorreu não somente a Sicília, ou a Itália, mas todo o orbe e nem durante a pregação abandonou o ofício, mas ainda costurava peles e estava à frente da oficina. Nem isso escandalizou os consulares; e com razão. Com efeito, não são as artes e ofícios, mas a mentira e os dogmas fictícios que costumam tornar desprezíveis os mestres. De resto, os atenienses zombam destes; aos outros atendem os bárbaros, os incultos, os homens vulgares. A pregação comum é oferecida a todos, sem distinção de dignidade, ou de proeminência de raça, ou de coisa semelhante. Precisa apenas da fé, não dos silogismos. É sobretudo admirável não só por ser útil e salutar, mas também por ser fácil, acessível e inteligível a todos; é principalmente obra da providência de Deus que oferece o que é seu a todos em comum. Com efeito, o que ele fez relativamente ao sol, à lua, à terra, ao mar etc. sem atribuir mais destes bens aos ricos e sábios e menos aos pobres, mas propondo igual usufruto a todos, também o realizou quanto à pregação, e bem mais, porquanto esta é mais indispensável do que aqueles bens. Por este motivo, Paulo assiduamente diz: “*A todos os gentios*”. Em seguida, manifestando-lhes que ele nada concede por decisão sua, mas que cumpre um preceito do Senhor, e remetendo-os a dar graças ao Deus do universo, diz:

14. *Pois eu me sinto devedor a gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes.*

Igualmente, ao escrever aos coríntios, assim se expressava, atribuindo tudo a Deus.

15. *Daí meu propósito de levar o evangelho também a vós que estais em Roma.*

Ó alma generosa! Assumindo empreendimento repleto de perigos: viagem marítima, tentações, insídias, sedições (era provável que falar em público em tão grande cidade, sob ímpia tirania, o submetesse a provas, quais tempestades de neve. Assim, terminou a vida nesta cidade, decapitado por ordem do tirano que então imperava). Todavia, apesar da iminência de tamanhos padecimentos, não ficava mais indolente, mas apressava-se, sofria dores de parto, estava de prontidão. Por esta razão, afirmava: “*Daí meu propósito de levar o evangelho também a vós que estais em Roma*”.

A salvação pela fé

1. A justificação

16. *Na verdade, eu não me envergonho do evangelho:*

O que dizes, Paulo? Devias dizer: “Eu me glorio, orgulho-me, vanglorio-me”, e não te exprimes deste modo, mas o que é pior, que não te envergonhas. Não costumamos falar desta forma acerca de questões insignes. O que, portanto, está dizendo? Por que assim fala, embora mais se glorie do evangelho do que do céu. De fato, na Carta aos Gálatas escreve: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6,14). Por que não diz aqui: “Glorio-me”, e sim: “*Não me envergonho*”? Os romanos ambicionavam os bens deste mundo, por causa das riquezas, do domínio, das vitórias, dos imperadores, que consideravam iguais aos deuses. Assim, de fato, os denominavam. Daí provinha que os cultuavam com templos, altares e sacrifícios. Por conseguinte, estando eles cheios de orgulho, enquanto Paulo devia anunciar-lhes Jesus, que era considerado filho de um carpinteiro, nascido na Judeia, e crescera na casa de uma humilde mulher, que não tinha guardacostas, nem riquezas; além disso, morrera qual condenado entre ladrões e sofrera muitas outras ignomínias, e provavelmente os romanos ficariam envergonhados, por nada saberem das grandes e inenarráveis realidades, por isso tudo ele declara: “*Não me envergonho*”, ensinando-lhes a não se

envergonharem. Pois sabia que eles, se por fim se corrigissem, logo chegariam até a se gloriar. E tu, portanto, se ouvires alguém perguntar: Adoras um crucificado? Não te envergonhes, nem abaixes os olhos; ao contrário, gloria-te e regozija-te, e com olhos altivos e a fronte erguida, admite a confissão. E se de novo disser: Então, adoras um crucificado? Replica: Sim. Mas não um adúltero, não um parricida, não um assassino dos filhos (tais são todos os deuses deles); adoro aquele que pela cruz fechou a boca dos demônios, e aniquilou inúmeras feitiçarias. Efetivamente, a cruz por nossa causa constitui obra de inefável amor aos homens e símbolo de imensa solicitude. Responde Paulo àqueles ditos, uma vez que eles se gabam de sua eloquência, e orgulham-se da filosofia pagã: Eu, rejeitando os silogismos deles, venho pregar a cruz, e disto não me envergonho.

é força de Deus para a salvação

É força de Deus também para castigar (pois, quando punia os egípcios, foi dito: “Este é meu grande poder”), e poder de arruinar (“Temei antes, assegura Cristo, aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena”[Mt 10,28]); por isso disse: Venho trazer o que não acarreta pena e suplício, mas salvação. E então? Acaso o evangelho não anunciava também a geena, as trevas exteriores e o verme venenoso? Aliás, não conhecemos estas realidades a não ser pelo evangelho. Como dizes: *“força de Deus para a salvação”*? Mas, ouve o que se segue: *“de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego”*.

Não simplesmente: “de todos”, mas dos que foram acolhidos. Pois, embora sejas gentio, embora sejas adepto de toda maldade, sejas cita, bárbaro, fera destituída de razão, e sobrecarregado sob o peso de inúmeros pecados, logo que aceites a doutrina da cruz e fores batizado, tudo aquilo apagarás. Por que, então, se diz aqui: *“em primeiro lugar do judeu, mas também do grego”*? O que significa esta diferença? Aliás, Paulo disse muitas vezes: Nem a circuncisão, nem a incircuncisão valem alguma coisa. Como, então, aqui distingue, antepondo o judeu ao grego? Por que isso? Pois, nem pelo fato de ser o primeiro, recebe maior graça (idêntico dom é atribuído a um e a outro), mas aquele: *“primeiro”* é somente questão de ordem. Nem possui mais porque recebeu maior justiça, mas é honrado apenas porque recebeu em primeiro lugar. Pois aqueles que são iluminados (sabeis, vós os iniciados, o que significa) todos acorrem ao batismo, mas nem todos à mesma hora. Um vem primeiro, outro depois. O primeiro não recebe mais que o segundo, nem o segundo do que o terceiro, mas todos fruem dos mesmos bens. Por conseguinte aqui: *“primeiro”* é apenas título honorífico e não graça insigne. Em seguida, após ter dito: *“Para a salvação”*, novamente enaltece o dom, demonstrando que não se detém no presente, mas avança para o futuro. Assinala-o nesses termos:

17. porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: O justo viverá da fé. Quem, por conseguinte, se tornou justo, viverá não apenas no século presente, mas igualmente no futuro. E não somente isto, mas acena para o esplendor e a glória da vida do além. Com efeito, é possível que alguém seja libertado com desonra (muitos por clemência do rei ficam livres de um suplício). Visando a que ninguém, ao ouvir falar de salvação, tenha tal suspeita, acrescentou: *“E a justiça”*, justiça de Deus, não tua; dá a entender as suas larguezas e liberalidade. Não a praticas por meio de teus suores e trabalhos, mas a recebes por um dom do alto e contribuis apenas com a tua fé. Em seguida, como parece incrível que um adúltero, um mole, um violador de sepulcros, um prestigiador, não apenas fique imediatamente livre do suplício, mas se torne também justo, e justo pela justiça do alto, confirma a asserção por meio do Antigo Testamento. Primeiro abre com uma breve palavra imenso mar de eventos para quem tem olhos para ver. De fato, ao dizer o Apóstolo: *“Da fé para a fé”*, remete o ouvinte àquele plano de Deus realizado no Antigo Testamento, que ele narra

com muita sabedoria ao escrever aos hebreus, e manifesta que também naquele tempo justos e pecadores foram justificados; por isso rememorou Raab e Abraão. Depois, contudo, tendo apenas dado a entender (pois apressava-se muito a tratar de outro assunto), apela ao testemunho dos profetas, apresentando Habacuc a clamar e assegurar que a não ser pela fé não pode viver quem quer viver. Pois, diz ele: “*O justo viverá da fé*”, com referência à vida futura. É razoável precisar da fé, porque os dons de Deus superam todo pensamento. O homem obstinado, desprezador e arrogante, nada conseguirá. Ouçam os hereges a voz do Espírito. Tal é, de fato, a natureza dos raciocínios deles: Assemelha-se a um labirinto e a um enigma indefinido, que não permite ao pensamento fixar-se sobre base sólida e tem por princípio a arrogância. Eles se envergonham de aceitar a fé, e para não parecer ignorar as coisas celestes, jogam-se na poeira de mil cogitações. Então, tu, miserável e infeliz, digno de inúmeras lágrimas, se alguém te interrogar como foram criados o céu e a terra (por que digo o céu e a terra?), como tu mesmo foste gerado, foste nutrido e crescestes, não te envergonhas de tua ignorância? Se, porém, a palestra versar sobre o Unigênito, por pudor te jogas no bátraco da perdição, julgando indigno de ti o fato de não saberes explicar todas as coisas? Entretanto, mais indigna é a disputa e a intempestiva curiosidade. Mas, por que me reporto à doutrina? Não nos liberamos da maldade da vida presente a não ser pela fé. Foi desta forma que todos os ancestrais brilharam, tais como Abraão, Isaac e Jacó; assim se salvaram as pecadoras, tanto na Antiga como na Nova Aliança. “Foi pela fé que Raab, a prostituta, não pereceu com os incrédulos, porque recebera os espiões” (Hb 11,31). Não disse a si mesma: “E como poderão estes cativos, fugitivos, vagabundos, nômades, vencer nossa cidade, cercada de muralhas e torres?” Se, na verdade, dissesse isso a si mesma, causaria a própria perdição e a dos seus, conforme aconteceu aos antepassados dos que então se salvaram. Eles, tendo visto homens grandes e gigantes, procuravam a possibilidade de vencer; e pereceram todos, sem guerra nem combate. Vistes o abismo da incredulidade e, de outro lado, a altura da muralha da fé? Uma arruinou a milhares; a outra não somente conservou a meretriz, mas fê-la protetora de tão grande povo.

Cientes disso e de muitos outros feitos, nunca reclamemos saber de Deus qual a razão dos acontecimentos, mas recebamos bem seja o que for que ele mandar. Não procuremos conhecer ou examinar curiosamente, apesar de parecer absurda a ordem, segundo os cálculos humanos. Dize-me. Existe absurdo maior do que mandar a um pai que mate um filho legítimo, unigênito? No entanto, o justo (Abraão), ao receber tal ordem, não examinou indiscretamente a ordem, mas recebeu o mandato e obedeceu, por causa da dignidade de quem ordenava. Um outro a quem Deus mandou ferir um profeta, considerando absurda a ordem, minuciosamente indagou, não obedeceu logo e sofreu o pior castigo (1Rs 20,35); o que feriu foi agradável a Deus. Saul, contra a vontade de Deus, conservou em vida os homens; perdeu o reino e teve sofrimentos intoleráveis. É possível a qualquer um encontrar mais exemplos que nos ensinam a jamais interrogar qual a razão dos preceitos de Deus, mas que devemos ceder e praticá-los. Se, porém, é perigoso perscrutar o que Deus ordena, e o supremo suplício é destinado aos que examinam indiscretamente, que defesa terão os que examinam realidades muito mais secretas e tremendas, a saber, por que e de que modo gerou o Filho e qual é a sua substância? Cientes disto, acolhamos com toda benevolência a fé, mãe de todos os bens, aportando de certo modo com tranquilidade; mantenhamos a doutrina verdadeira e orientando nossa vida com segurança, consigamos os bens eternos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual ao Pai seja glória, império, honra e adoração na unidade do Espírito Santo nos séculos dos séculos. Amém.

TERCEIRA HOMILIA

Os pagãos sob a ira de Deus

18. *Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto do céu, contra toda impiedade e injustiça dos homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça.*

Vê a prudência de Paulo! Tendo começado uma exortação mais suave, passa para outra mais assustadora. Após asseverar ser o evangelho causa de salvação e de vida porque é poder de Deus, artífice de salvação e justiça, profere palavras que podem ocasionar terror aos desprevenidos. A maioria dos homens costuma deixar-se levar à virtude não tanto pelas promessas dos bens quanto pelo temor das coisas aflitivas, por isso ele das duas maneiras os alicia. Igualmente por esta razão, Deus não apenas prometeu o reino, mas também ameaçou com a geena; e os profetas assim se dirigem aos judeus, continuamente mesclando bens e males. Por este motivo, Paulo também diversifica a palavra, não indistintamente, mas primeiro trata das coisas melhores e em seguida das tristes, mostrando que aquelas promanam de prévia sentença de Deus, estas, ao invés, provêm da malícia dos negligentes. Assim, igualmente o profeta primeiro profere o bem, nesses termos: “Se estiverdes dispostos a me ouvir, comereis o fruto precioso da terra. Mas se vos recusardes e vos rebelardes, sereis devorados pela espada!” (Is 1,19-20). De igual modo, nesta passagem, Paulo se pronuncia. Anota. Ele disse: Cristo veio, trazendo a remissão, a justiça, a vida; não simplesmente, mas através da cruz; e o mais importante e admirável não é apenas ter concedido tais dons, mas que haver passado por tais padecimentos. Se, portanto, abusardes dos próprios dons, hão de perdurar os acontecimentos tristes. E vê como eleva o tom do sermão: “*Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto do céu*”. Onde se evidencia? Se é um fiel que o diz, vamos proferir as sentenças de Cristo; se um infiel ou grego, Paulo lhe fecha a boca com as palavras seguintes, onde trata do juízo de Deus, extraindo irrefutável argumento dos atos deles. É extraordinariamente estupendo, porque declara que os contraditores da verdade, por meio do que fazem ou dizem cotidianamente, comprovam os verdadeiros dogmas. Mas destas coisas trataremos depois; nesse ínterim cuidemos de expor o assunto proposto. “*Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto do céu.*” Ora, nesta vida frequentemente tal acontece, por exemplo, quando cada um em particular e todos em comum, são castigados pela fome, peste e guerra. O que, portanto, há de estranho? Que o castigo será maior, comum e não pelas mesmas causas. Agora, contudo, acontecem para emenda, outrora por castigo. É o que dizia Paulo, nesses termos: “Mas o Senhor nos corrige, para que não sejamos condenados com o mundo” (1Cor 11,32). E agora, na verdade, muitos pensam que tal acontece não por ira do céu, mas devido à injustiça dos homens. De fato, no futuro será manifesta a vingança de Deus, quando o juiz, sentado no terrível tribunal, ordenar que uns sejam lançados na fornalha, outros nas trevas exteriores, outros em suplícios indeclináveis e intoleráveis. E por que não diz abertamente que o Filho de Deus há de vir com inúmeros anjos para pedir contas a cada um, mas diz: “*Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus*”? Os neófitos eram ainda ouvintes; por isso, em primeiro lugar, os atrai por aquilo que confessaram com firmeza. Além disso, a meu ver, falava a gentios e por esse motivo primeiro faz um proêmio; depois, orienta a palavra para a questão do julgamento da parte de Cristo.

Contra toda impiedade e injustiça dos homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça.

Aqui aponta serem muitos os caminhos da impiedade, enquanto o da verdade é um só. Com efeito, o erro é vário, multiforme e confuso; a verdade, porém, é uma só. Tendo falado dos dogmas, trata igualmente da vida, lembrando a injustiça dos homens. Na realidade, as injustiças são várias: uma, por causa das riquezas, por exemplo, se alguém relativamente a esta questão lesa o próximo; outra, no atinente às mulheres, se alguém abandona a própria esposa, e desfaz as núpcias de outrem, ao que Paulo dá o nome de fraude, nesses termos: “Nessa matéria ninguém lese ou defraude a seu irmão” (1Ts 4,6). Outra injustiça, porém, danifica o próximo, não quanto à mulher ou ao dinheiro, mas quanto

à fama. Pois: “É preferível um bom nome a muitas riquezas” (Pr 22,1). Alguns, na verdade, opinam que Paulo interpreta isso como sendo a respeito da doutrina; de resto, nada impede que tenha sido dito acerca de ambos os assuntos. O que significa, porém: “*Que mantêm a verdade prisioneira da injustiça*”, podes concluir do que se segue.

19. *Porque o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho revelou.*

Mas eles atribuíram esta glória ao madeiro e às pedras.

O encarregado da administração dos bens reais recebe ordem de gastá-los para a glória do rei, e, se os dispender com ladrões, dissolutos e prestigiadores, e torná-los insígnies com os bens régios, sofrerá o castigo de lesa-majestade. Assim, aqueles que tiveram revelação de Deus e de sua glória, e em seguida as atribuíram aos ídolos, detiveram “*a verdade prisioneira da injustiça*” e, à medida do possível, infligiram injustiça a tal conhecimento, porque não o utilizaram como convinha. Acaso ficou claro o que foi exposto, ou será necessário explicá-lo novamente com maior clareza? Talvez seja necessário repetir. O que significa aquilo que se disse? Deus no princípio incutiu aos homens o conhecimento de si mesmo. Mas os gentios, aplicando aquele conhecimento ao madeiro e às pedras, infligiram injustiça à verdade, à medida do possível; ela, contudo, permanece estável, mantendo imutável sua glória. E como sabes, ó Paulo, que Deus lhe concedeu o conhecimento? “*Porque o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles.*” Mas trata-se de um parecer, não de uma demonstração; tu, porém, prova-me e mostra-me que o conhecimento de Deus lhes era manifesto, mas eles espontaneamente o recusaram. De que maneira era-lhes manifesto? Emitiu uma voz do céu? De forma alguma. No entanto, fez o que poderia atraí-los mais do que qualquer voz: Apresentou o mundo criado de sorte que sábios e ignorantes, citas e bárbaros, instruídos apenas pela contemplação da beleza das coisas visíveis, poderiam subir até Deus. Afirmo, portanto:

20. *Sua realidade invisível tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas;*

É também o que assevera o profeta: “Os céus narram a glória de Deus” (Sl 19,1). O que dirão os gentios naquele dia? Não te conhecíamos? Acaso não ouvistes o céu emitir um som por seu próprio aspecto? A harmonia e concórdia de todas as coisas não clamam mais forte do que uma trombeta? Não viste as leis da noite e do dia, que perpetuamente se mantêm imperturbáveis? A ordem firme e imutável do inverno e do verão e das outras estações? O bom estado do mar no meio de tantas procelas e vagas? Todas as coisas que permanecem em ordem e anunciam a beleza e grandeza do Criador? Tudo isso, na verdade, e até muito mais é o que Paulo afirmou brevemente: “*Sua realidade invisível – seu eterno poder e sua divindade – tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas*”, de sorte que não têm desculpa.

Certamente Deus não as criou para este fim, mas assim aconteceu. Não foi para privá-los de escusa que destacou esta doutrina, mas para que a conhecessem; como, porém, foram ingratos, privaram-se a si mesmos de defesa. Em seguida, mostrando como não têm desculpa, disse:

21. *Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças;*

Este é um dos maiores crimes; depois, o de terem adorado os ídolos. Jeremias o denuncia, nestes termos: “Porque meu povo cometeu dois crimes: Eles me abandonaram, a fonte de água viva, para cavar para si cisternas furadas” (Jr 2,13). Em seguida, apresenta o sinal de que conhecem a Deus, mas não fazem uso de seu conhecimento como seria justo, porque conheceram outros deuses; por isso acrescenta: “*Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus*”. E adita a causa por que caíram em tão grande loucura. Qual? Confiaram inteiramente em seus raciocínios. No entanto, não o declara dessa forma, mas com muito maior vigor: *pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados e seu coração insensato ficou nas trevas.*

Se alguém empreender caminhar por estrada desconhecida, ou navegar no mar, numa noite sem luar, não somente não chega ao fim, mas logo se perderá; assim também estes ingressam no caminho do céu, mas perdem a luz, entregam-se, em lugar dela, às trevas de seus raciocínios, procuram o ser incorpóreo entre os corpos e entre figuras aquele que carece de figura, e em consequência sofrem péssimo naufrágio. Além das supramencionadas, apresenta outra causa de seu erro, ao dizer:

22. *Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos*

Imaginando algo de grande a respeito de si mesmos, e não querendo ingressar na via que Deus ordenara, mergulharam em cogitações loucas. Em seguida, o Apóstolo, descrevendo como fora intensa a tempestade e irremissível, acrescentou:

23. *e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis.*

Primeira acusação: Não encontraram a Deus. Segunda: Haviam tido ocasiões grandes e manifestas. Terceira: Diziam-se sábios. Quarta: Não somente não encontraram a Deus, mas também transferiram a adoração aos demônios, às pedras e ao madeiro. O Apóstolo reprime-lhes o orgulho na Epístola aos Coríntios, não, contudo, lá como aqui. Pois, lá, inflige-lhes uma ferida por meio da cruz, dizendo: “Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens” (1Cor 1,15); aqui, no entanto, sem fazer comparações, zomba da sabedoria deles em si mesma, mostrando que é estultícia e apenas ostentação de arrogância. Em seguida, para saberes que eles possuíam o conhecimento de Deus, mas o traíram, diz: “*Trocaram*”. Quem troca possui algo para trocar. Com efeito, quiseram encontrar algo a mais, não contentes com os limites traçados e por isso os transgrediram, desejosos de novidades. Com efeito, todos os gregos eram tais. E por causa disso, contradiziam-se mutuamente. Aristóteles insurgiu-se contra Platão, os estoicos fremiam de raiva contra este, e eram inimigos entre si. Por conseguinte, não tanto os havemos de admirar pela sabedoria quanto repelir e detestar, por se terem tornado estultos. Pois, se não entregassem seus interesses a raciocínios, silogismos e sofismas, não teriam sofrido o que sofreram. Em seguida, para acentuar a incriminação, ridiculariza toda espécie de idolatria. Certamente, é ridículo terem feito uma troca. Mas é indesculpável terem trocado por tais coisas. Pondera por qual objeto trocaram e em que colocaram sua glória. Deviam ter pensado que era Deus, Senhor do universo, criara seres que não existiam, que a tudo providencia e cuida de todas as coisas, o que pertence à glória de Deus. A quem a atribuíram? Não a homens, mas à semelhança da imagem de um homem corruptível. E não se detiveram neste ponto, mas incidiram em animais brutos, ou, antes, em imagens deles. Reflete sobre a sabedoria de Paulo, que emprega dois extremos: Deus, o Altíssimo, e os seres ínfimos, os répteis. Ou antes, não os répteis, mas as semelhanças dos répteis, a fim de mais claramente se manifestar a insânia deles. O conhecimento que deviam ter do ser que sem comparação é o mais excelente dos seres, aplicaram ao que é indiscutivelmente o mais vil de todos.

Pergunta-se: E o que isso importa aos filósofos? A eles principalmente respeita tudo o que foi dito. Pois eles consideram mestres os egípcios, autores destas invenções. Platão, tido por mais respeitável do que os demais, gloria-se destas coisas; seu mestre esteve apegado a estes ídolos e foi quem mandou sacrificar um galo a Esculápio. Há ídolos de monstros e répteis, e conjuntamente com os répteis Apolo e Dionísio receberam igual culto. Alguns filósofos introduziram no céu touros, escorpiões, dragões e outras ninharias. Em toda parte o diabo tentou rebaixar à semelhança de répteis os homens, que Deus quis elevar acima do próprio céu, e escravizá-los às criaturas mais irracionais. E não apenas isto, mas também de outro lado pode-se verificar que o corifeu dos pagãos é culpado desses atos. Quando Platão congrega os poetas, e declara que se deve acreditar no que eles, bons conhecedores, dizem a respeito de Deus, apenas apresenta uma fileira destas bagatelas e afirma que devem ser tidas por verdadeiras

coisas verdadeiramente ridículas.

24. *Por isso Deus os entregou, segundo o desejo de seus corações, à impureza em que eles mesmos desonraram seus corpos.*

Aí demonstra o Apóstolo que a impiedade foi a causa da subversão das leis. A expressão: “*Entregou*”, neste caso significa: Permitiu. Como o general de um exército que se afasta de seu posto quando a luta se intensifica, entrega os soldados ao inimigo, não porque ele próprio os impele à entrega, mas os despoja de seu comando, assim Deus àqueles que não quiseram aceitar sua graça, e foram os primeiros a recusá-la, abandona-os, depois de cumprir tudo o que lhe competia. Considera o seguinte: Exibiu o mundo qual ensinamento; deu aos homens inteligência e raciocínio para compreenderem o que era conveniente. Os homens daquele tempo não os empregaram para a própria salvação, mas inverteram o uso para o oposto do fim para o qual os haviam recebido. O que importava fazer então? Arrastar à força e violentamente? Mas, não seria criar homens virtuosos. Restava apenas abandoná-los, o que ele fez, de sorte que, aprendendo por experiência o que desejavam, fugissem da torpeza. Pois, se o filho de um rei, desprezando o pai, preferisse a companhia de ladrões, homicidas e violadores de sepulcros a permanecer na casa paterna, o pai o abandonaria para aprender por experiência qual o excesso de sua estultícia.

Por que não fez menção de outros pecados, tais como assassinato, avareza e outros semelhantes, mas da devassidão? Parece-me aludir só aos ouvintes e aos destinatários da Carta. “*À impureza em que eles mesmos desonraram seus corpos.*” Observa a ênfase com que os ataca. Não precisavam, assegura, da injúria alheia, mas eles perpetravam contra si mesmos o que os inimigos lhes infligiriam. Em seguida, reassume o motivo, dizendo:

25. *Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram a criatura em lugar do Criador,*

Ele apresenta especialmente o que é sumamente ridículo e só de modo geral o que parece mais importante; e demonstra através de tudo isso que adorar a criatura é peculiar ao paganismo. E vê como explica a questão. Não diz simplesmente: “*Adoraram a criatura*”, mas ainda: “*Em lugar do Criador*”, sempre acentuando a culpa, e com este acréscimo privando-os do perdão, *que é bendito pelos séculos. Amém.*

Na verdade, isso em nada o prejudicou, assegura, pois ele é bendito pelos séculos. Aqui mostra que ele não os abandonou para se vingar, uma vez que nada sofreu. Embora o injuriassem, ele não sofreu afronta, nem sua glória foi diminuída, mas permanece para sempre bendito. Pois, se muitas vezes o homem racional nada sofre da parte daqueles que o injuriam, muito menos Deus, de natureza imortal e imutável, de glória inalterável e estável. Efetivamente, os homens assemelham-se a Deus quando nada sofrem da parte daqueles que querem ofendê-los, nem se sentem ofendidos, se batidos não são feridos, se outros se riem deles não se tornam verdadeiramente ridículos. E é possível? – replicarás. É possível, perfeitamente possível, se não deploras o que acontecer. E como, responderás, posso não deplorar? Ora, como podes lastimar? Dize-me. Se teu filhinho te insulta, considerarás a afronta um ultraje? E hás de deplorar? De forma alguma; e se te aborreceres, não será ridículo? Assim também, se formos atacados pelo próximo, e o suportarmos sem repugnância (os desaforados são mais tolos do que crianças), nem fugirmos da ofensa, mas a aguentarmos generosamente, eis a verdadeira honra. Por quê? Porque esta honra está em tuas mãos, aquela nas de outra pessoa. Acaso vês o aço batido retribuir o golpe? Mas, dizes, é de sua natureza. Entretanto, podes tu por um propósito fazer-te tal qual ele é por natureza. Mas, como? Não viste que os jovens na fornalha não se queimaram? Igualmente Daniel na fossa não sofreu mal algum? É possível ainda agora tal acontecer. Também perto de nós existem a

ira, a concupiscência, leões de dentes afiados, que dilaceram o que encontram. Sê, portanto, semelhante a Daniel e não deixes as paixões fincarem os dentes em tua alma. Mas, replicas, Daniel tinha toda a graça a cooperar consigo. Muito bem. De fato, a boa vontade ia ao seu encontro. Por conseguinte, se queremos, também nós, preparar tais coisas, a graça agora igualmente estará conosco. Mesmo se as feras tiverem fome, não atingirão teu lado. Pois se respeitaram um corpo servil, se virem os membros de Cristo (que somos nós, os fiéis), como não ficarão sossegadas? Se não se acalmarem, a culpa é dos que foram lá jogados. Com efeito, muitos são os que fornecem o sustento a esses leões, nutrindo meretrizes, violando o matrimônio, vingando-se dos inimigos. Antes de tocarem o solo, são dilacerados. Tal não aconteceu a Daniel, nem a nós sucederá se o quisermos; ao contrário, coisa muito melhor sucederá.

Efetivamente, naquele caso os leões não causaram dano; a nós, porém, se formos vigilantes, serão úteis os que nos ultrajam. Desta forma também Paulo se tornou ilustre, por intermédio daqueles que lhe infligiam aflições e insídias. Assim sucedeu a Jó, por causa das muitas chagas, assim a Jeremias na fossa lamacenta, assim a Noé no dilúvio, assim a Abel nas ciladas, assim a Moisés por meio dos judeus sanguinários, assim a Eliseu, assim a cada um daqueles grandes homens, que não através de tranquilidade e delícias, mas entre tribulações e tentações, obtiveram esplêndidas coroas. Por isso também Cristo, sabendo de modo exímio que tal é o fundamento da glória, dizia aos discípulos: “No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: Eu venci o mundo!” (Jo 16,33) Como? – dizes. Por acaso muitos não se revoltaram com as aflições? Não foi pela natureza das provações, mas por causa de sua pusilanimidade. Aquele que com as tentações nos dá a possibilidade de saída para que possamos suportá-las, ele próprio estará conosco e estender-nos-á a mão, a fim de que, proclamados esplendidamente, conquistemos as coroas eternas, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem com o Pai e o Espírito Santo seja glória, honra, império agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

QUARTA HOMILIA

1, 26. *Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza;*

27. *igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros.*

Todas as paixões são aviltantes, principalmente, porém, a paixão entre os varões; na verdade, a alma sofre mais e cobre-se de vergonha pelos pecados do que o corpo com as doenças. Pondera, contudo, que ainda aqui o Apóstolo lhes nega perdão, como relativamente à doutrina. A respeito das mulheres diz: “*Mudaram as relações naturais*”. Não se pode dizer, declara, chegaram a este ponto porque foi proibida a união segundo a Lei, nem porque, não podendo satisfazer a concupiscência, caíram nesta estranha loucura, uma vez que há mudança apenas acerca de coisas que já se têm. A respeito da doutrina também dizia: “*Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira*”. Quanto aos homens, assinalou-o de outro modo, dizendo: “*Deixando a relação natural com a mulher*”. De igual maneira a uns e outros não deixa pretexto de desculpa. Acusa-os não somente porque, tendo seu modo de gozar, deixaram-no por outro, mas também porque, desprezando o que era segundo a natureza, fugiram-se para outro, contra a natureza. São mais difíceis e ingratos aqueles prazeres contra a natureza, de forma que não podem desculpar-se com o prazer. O verdadeiro prazer é segundo a natureza; mas quem abandona a Deus, revoluciona tudo. Por isso não apenas sua doutrina era satânica, mas também a vida era diabólica. Ao tratar, portanto, da doutrina, destacou o mundo e a mente

humana, dizendo que, pela sabedoria que Deus lhes dera, os homens teriam podido, por meio das coisas visíveis, ser conduzidos ao Criador; enfim, como não quiseram, tornaram-se indignos de perdão. Aqui, porém, em vez do mundo, fala do prazer segundo a natureza, do qual poderiam com liberdade e maior alegria usufruir, livres de torpeza. Mas não quiseram. Por isso, foram excluídos de todo perdão, por ofenderem a própria natureza. E o que é mais torpe, quando também as mulheres desejavam a união, eles deviam ter maior pudor quanto às dos homens. Aqui, na verdade, é digna de admiração a prudência de Paulo, porque, diante de duas questões contrárias, a ambas resolve com muito apuro. Pois queria falar castamente e estimular o ouvinte; não era possível atender a ambos os casos, mas um ocasionava impedimento ao outro. Se falas com pudor, não podes atingir o ouvinte; se queres atacar com veemência, és forçado a tratar do assunto nua e cruamente. Mas aquele santo prudente pôde realizar ambas as coisas cuidadosamente, acentuando a acusação em nome da natureza, usando-a qual invólucro para falar com pudor.

Em seguida, após ter atingido primeiro as mulheres, procede aos homens, dizendo: *“Igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher”*. É sinal de extrema malícia, porque ambos os sexos estavam corrompidos. O homem, porque foi estabelecido como mestre da mulher, e a mulher, que recebeu a ordem de ser auxiliar do homem e ambos mutuamente agem quais inimigos. Pondera, porém, com quanta ênfase emprega as palavras. Pois não disse que eles amaram-se e desejaram-se mutuamente, mas: *“Arderam em desejo uns para com os outros”*. Vês que tudo provém de excessiva concupiscência, que não podia ser contida em seus limites? Tudo o que excede as leis promulgadas por Deus, deseja o que é alheio, e não permanece nos limites estabelecidos. Muitos frequentemente, abandonado o apetite dos alimentos, comem terra e pequenas pedras, e outros por ardente sede, desejam muitas vezes a lama; assim também eles arderam naquele amor iníquo. Se disseses: E de onde vem tamanho aumento de concupiscência? Porque abandonaram a Deus. E o abandono de Deus, donde se origina? Da iniquidade dos que o abandonaram: praticando torpezas homens com homens.

Pelo fato de ouvires: *“Arderam”* não penses que a doença se deteve na concupiscência; pois, na maioria dos casos, a concupiscência se inflama por sua covardia. Por isso não disse: *“Arrastados”*, ou *“Ocupados”*, como em outra passagem, mas como? *“Praticando”*. Pecado em obras; e não somente em obras, mas com empenho. Nem disse: *“Concupiscência”*, mas propriamente: *“Torpezas”*, porque deturpam a natureza e conculcaram as leis. E vê a grande confusão que surgiu de ambas as partes. Não apenas a cabeça foi colocada para baixo, mas também os pés para cima, e fizeram-se inimigos mutuamente, travando uma guerra cerrada, múltiplice, vária e pior que a mais iníqua guerra civil. De fato, dividiram-na em quatro espécies vãs e iníquas. Não era dupla ou tripla, mas quádrupla a guerra. Reflete. Importava que os dois, homem e mulher, se tornassem um só, pois foi dito: *“Serão os dois uma só carne”* (Gn 2,24). Realizava-se isto pelo desejo da união, e congregava os sexos. O diabo, afastando esta concupiscência, e alterando-a, separou os sexos um do outro, e de uma fez duas partes e isto contra a lei de Deus; porque ele disse: *“Serão os dois uma só carne”*, e ele dividiu uma em duas. Eis a primeira guerra. Ainda para que mutuamente se declarassem guerra essas duas partes, fez com que as mulheres infligissem injúria às mulheres, e não somente aos homens; os homens também se ergueram contra os homens e contra o sexo feminino, como que numa luta noturna. Vês a segunda e a terceira guerra, ou antes, a quarta e a quinta? Há ainda outra coisa; além das supramencionadas, agiram iniquamente contra a própria natureza. Vendo o diabo que principalmente por esta concupiscência os sexos se unem, esforçou-se por romper este vínculo, de tal sorte que não só se dissolvesse o gênero por falta do sêmen, mas também porque se combatiam mutuamente e altercavam. E recebendo em si mesmos a paga da sua aberração.

Vê como ele volta à fonte do mal, a saber a impiedade da doutrina; e declara que é *“a paga de sua*

aberração”. Uma vez que se falasse da geena e do suplício, não pareceria merecedor de crédito aos ímpios e aos que desejavam viver desta maneira, ou antes cairia no ridículo, mostra que o tormento se encontra no próprio prazer. Se não o sentirem, ou até lhe agradarem, não te admires, pois os loucos e os frenéticos, que causam a si mesmos dano e infelicidade, enquanto excitam lágrimas nos outros, riem e se alegram com seus atos. Mas nem por isso dizemos que eles ficam isentos do castigo, mas de tal modo sofrem dano pior e mais grave, porque não reconhecem o estado em que se encontram. Não se deve votar tomando por base os doentes mas os sadios. De fato, parece que a questão é antiga e se tornou lei. Determinado legislador dentre os pagãos ordenara que nenhum escravo dos pagãos usasse “unção seca” ou pederastia, mas concede esta prerrogativa, ou antes esta torpeza, só aos homens livres. Entretanto, eles não consideravam torpeza tais atos, mas coisa honesta e alta demais para a condição dos escravos, permitindo-os aos livres. E isto, entre o povo sapientíssimo de Atenas, e por aquele grande entre eles, Sólon. Encontram-se também muitos outros livros dos filósofos cheios desta doença. Todavia, não dizemos que era coisa estabelecida, mas que eram miseráveis e dignos de copiosas lágrimas os que aceitavam esta lei. Eles sofrem o mesmo que as meretrizes; ou antes, são muito mais infelizes. Pois, sua união, embora ilegítima, é segundo a natureza; esta, contudo é ilegítima e contra a natureza. Mesmo se não houvesse geena e ameaça de castigo, seria pior do que qualquer tormento. Se lhes agrada, estás me falando de aumento do suplício. Se alguém visse um homem nu a correr, com o corpo todo sujo de lama, sem pudor, mas felicitando-se a si mesmo, não se congratularia com ele, ou antes o deploraria por não perceber que agia vergonhosamente. Para tornar o opróbrio mais evidente, seja-me permitido oferecer-vos outro exemplo. Se alguém condenasse uma jovem que no tálamo se unisse a animais, e ela, contudo, se deleitasse, não seria merecedora de lágrimas por não poder libertar-se desta doença, ou antes, nem a sentisse? É bem evidente. Se aquele é grave, este não é menos; pois é mais infeliz sofrer ultraje dos seus do que os estranhos. Digo que são piores do que os homicidas. É preferível morrer a viver com tal opróbrio. Pois o homicida separa a alma do corpo; este, porém, perde a alma com o corpo. Qualquer pecado que mencionares não é igual a esta iniquidade. Se aqueles que sofrem desses males tivessem senso, haveriam de preferir mil vezes morrer do que padecer tais males.

Nada, nada é na verdade mais grave e irracional do que este opróbrio. Se Paulo, ao falar da fornicção, dizia: “Todo outro pecado que o homem cometa é exterior ao seu corpo; aquele, porém, que se entrega à fornicção, peca contra o próprio corpo” (1Cor 6,18), o que diremos desta loucura, de tal modo pior que a fornicção que é impossível explicar. Não digo somente que te tornaste mulher, mas que deixaste de ser homem, sem transformar a natureza, nem conservar a que tiveste; mas és traidor de ambas e dignos de seres repellido e apedrejado por homens e mulheres, porque injuriaste a ambos os sexos. E para que saibas a que ponto é péssimo, se alguém te oferecer transformar-te de homem em cão, acaso não fugirias dele como de um pernicioso? Mas, de homem não te fez cão, mas um animal muito pior do que o cão. O cão, na verdade, é útil, o amante para nada serve. O que farias, pergunto, se alguém ameaçasse fazer com que os homens dessem à luz, acaso não nos encheríamos de cólera? Ora, estes loucos fazem muito pior. Não é o mesmo transformar-se em mulher, e continuando a ser homem fazer-se mulher; antes, nem isto nem aquilo. Se de outro modo quiseses saber a grandeza deste mal, interroga os legisladores que punem os que fazem eunucos; e saberás que não é senão porque mutilam a natureza. Ora, eles não infligem tanta injúria, pois os mutilados muitas vezes depois se tornaram úteis. Nada mais inútil, porém, do que o homem que se tornou meretriz; e não só a alma, mas também o corpo do homem sofreu, cheio de ignomínia, digno de ser inteiramente despojado. Quantas geenas lhe serão suficientes? Se, ao ouvires falar de geena, ris, incrédulo, lembra-te daquele fogo que consumiu os sodomitas. Vimos, de fato, vimos também na vida presente uma imagem da

geena. Uma vez que muitos não acreditavam no que se segue à ressurreição, agora ouvindo dizer que o fogo é inextinguível, Deus os reconduziu pelas realidades presentes ao são juízo. Tal é, de fato, o fogo e incêndio de Sodoma. Sabem-no os que a visitaram, e viram aquela chaga infligida por Deus e a obra dos raios do céu. Reflete a gravidade do pecado que forçosamente antecipa o aparecimento da geena. Visto que muitos desprezavam aquelas palavras, Deus lhes mostrou a imagem da geena de nova forma. De fato, era estupenda aquela chuva, porque aquelas uniões eram contra a natureza; e inundou a terra porque a concupiscência inundara aquelas almas. Por isso, a chuva não é a costumeira. Não apenas fez com que o seio da terra fosse infértil, mas tornou-a incapaz de receber sementes. Tal era a união dos homens na terra de Sodoma que inutilizava mais o corpo. O que há de mais execrável e infame do que um homem que se torna meretriz. Ó furor! Ó espanto! Como grassou esta concupiscência, que invadiu a natureza humana, como um inimigo na guerra; ou antes tanto mais molesta quanto a alma é melhor do que o corpo. Ó vós, mais irracionais do que os irracionais, e mais impudentes do que os cães! Nunca houve entre eles tais cópulas, mas a natureza conhece os próprios limites; vós, contudo, tornastes ignóbil vosso gênero por tal injúria. De onde se originaram tais males? Da volúpia, de não conhecerdes a Deus. Quando se rejeita o temor de Deus, todos os bens desaparecem.

A fim de evitar que tal aconteça, tenhamos assiduamente o temor de Deus diante dos olhos. Nada, nada causa a perdição do homem como perder tal âncora, e nada o preserva quanto continuamente ter o olhar fixo nele. Pois se, diante dos olhos de um homem, admitimos o pecado com maior lentidão, ou antes, frequentemente por respeito aos servos mais moderados, nada de desonesto praticamos, pensa na segurança de que gozaremos se tivermos a Deus diante dos olhos. Nunca o diabo nos atacará se o tivermos, porque inutilmente se esforçará; se, porém, vagarmos fora, e ele nos vir dissipados e sem freio, aproveita-se deste início, e sempre poderá separar-nos do rebanho. E o que sofrem na praça os servos desleixados que abandonam os serviços necessários para os quais foram enviados pelos senhores, acedendo em vão e inutilmente aos que encontram, e perdendo o tempo ali no ócio, sucedem-nos a nós, quando nos afastamos dos preceitos de Deus. De resto, ficamos admirando as riquezas, a beleza dos corpos, e outras coisas que não nos interessam, como aqueles escravos dão atenção aos mágicos mendicantes, e em seguida, ao voltarem tardiamente, sofrem em casa os piores castigos. Muitos, na verdade, abandonam o caminho proposto, e seguem a outros que se portam indignamente. Não procedamos desta forma, porque fomos enviados a muitas tarefas urgentes; e se pararmos descuidosos, olhando boquiabertos para bagatelas e gastando inutilmente o tempo, sofreremos os piores castigos. Se queres lazer, tens o que admirar, e com que ficar boquiaberto em todo tempo; não é causa de zombaria, e sim de admiração e muitos louvores. Ao invés, quem admira coisas ridículas, será tal e pior do que aquele que provoca riso. Foge rapidamente para que tal não te aconteça.

Por que, pergunto, estás parado, boquiaberto, sem escapar, diante das riquezas? O que vês de admirável, o que fitas? Cavalos ornados de ouro, escravos bárbaros ou eunucos, vestes esplêndidas, almas libertinas, fronteiras erguidas, correrias, tumultos? Acaso são coisas dignas de admiração? Em que diferem dos mendigos que dançam e sibilam na praça? Com efeito, eles, dominados pela fome, tomam parte naquele coro tão ridículo, levados e arrastados ao redor, ora às lautas mesas, ora ao lupanar, ora ao enxame dos aduladores e à multidão de parasitas. Se carregam ouro, são sumamente miseráveis porque tomam o maior cuidado com o que não lhes compete. Não consideres as vestes deles, mas descobre-lhes o espírito, e pondera se não está com mil feridas e revestida de farrapos, abandonada e desprotegida. Qual a utilidade de sua loucura exterior? É muito melhor ser pobre e levar vida virtuosa do que ser rei com maldade. Com efeito, o pobre, no seu íntimo, goza de todo prazer espiritual, sem se lembrar da pobreza externa por causa das riquezas internas. O rei, porém, que se delicia no que não lhe

convém, no que mais o distingue, é atormentado na alma, nos pensamentos, na consciência, que emigrarão com ele. Cientes destas coisas, deponhamos as vestes áureas, assumamos a virtude e o prazer dela originário. Assim, pois, aqui e no além, fruiremos de grande prazer e conseguiremos os bens prometidos pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, honra, império, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

QUINTA HOMILIA

1,28. *E como não julgaram bom ter o conhecimento de Deus, Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar, para fazerem o que não presta:*

O Apóstolo, depois de longamente tratar da pederastia, no intuito de evitar que os romanos julgassem tratar-se de uma alusão a eles próprios, passa a outras espécies de pecados e dirige o discurso a pessoas diferentes. E como se estivesse falando sempre aos fiéis a respeito dos pecados e querendo mostrar que deviam fugir deles, destaca o exemplo dos gentios, dizendo: “Sem se deixar levar pelas paixões, como os gentios, que não conhecem a Deus” (1Ts 4,5), e ainda: “Para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança” (Ib. 13). Assim também nesta passagem exhibe os pecados deles, e tira-lhes toda possibilidade de escusa. Afirma que não os cometem por ignorância, mas diz que os crimes foram premeditados. Não diz, portanto: E como não sabiam, e sim: “*E como não julgaram bom ter o conhecimento de Deus*”. Assegura que o pecado não foi sub-reptício, mas antes oriundo de juízo corrompido e contencioso, e mostra que não vem da carne, segundo dizem alguns hereges, mas deriva da alma e dos maus desejos, onde se encontra a fonte de todos os males. Tendo a mente se tornado malvada, arrasta-se e subverte-se o todo, uma vez corrompido quem sustenta os freios.

29. *repletos de toda sorte de injustiça, perversidade, avidez e malignidade;*

Vê que é intensamente, pois ele diz: “*Repletos*”, e: “*De toda sorte*”; e tendo mencionado a malignidade de modo geral, prossegue por partes e com hipérbole, dizendo: cheios de inveja, assassinatos.

Derivam da primeira, conforme aparece em Abel e José. Em seguida, tendo dito: rixas, fraudes e malvadezas.

30. *detratores, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes,*

Classifica entre os crimes até mesmo o que a muitos parece indiferente; intensifica ainda a acusação, depois de ter alcançado o ápice dos males e disse: arrogantes.

É mais grave orgulhar-se de ter pecado do que pecar; por isso acusa os coríntios nesses termos: “E vós estais cheios de orgulho!” (1Cor 5,2). Se quem se orgulha das boas ações perde tudo, que castigo merece quem se orgulha dos pecados? Tal pessoa não pode arrepender-se. Em seguida diz: *engenhosos no mal*, assinalando que não lhes bastara o que já existia, e, além disso, “*engenhosos no mal*”, planejando o que ninguém imaginava e esforçando-se por obter aquilo a que ninguém era induzido. Tendo enumerado por partes a malignidade e que esta não é segundo a natureza (porque diz: *rebelde para com os pais*), avança enfim para a raiz de tão grande peste, assegurando: “*sem afeição, sem palavra*”.

Cristo igualmente diz que esta é a causa da malícia: “E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará” (Mt 24,12). Por conseguinte, diz Paulo neste trecho: *desleais, sem afeição, sem palavra e sem misericórdia*.

Mostra que eles traíram este dom da natureza. Temos, de fato, mutuamente certo afeto natural, conforme possuem também as próprias feras. “Todo animal se une com os da sua espécie, o homem se

associa ao seu semelhante” (Eclo 13,19). Mas eles foram mais ferozes do que as feras. Por este meio aponta-nos a epidemia que se propagou pelo orbe devido às doutrinas perversas, e declara abertamente que ambas as epidemias são oriundas da negligência dos doentes. Assinala, por fim, segundo já fizera a respeito da doutrina, que também eles não têm desculpa; por isso diz:

32. *Apesar de conhecerem a sentença de Deus que declara dignos de morte os que praticam semelhantes ações, eles não só as fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam.*

Tendo proposto duas antíteses, aqui especialmente repele as duas. Por que afirmas, pergunta ele, que não conheces o que deves fazer? Certamente se não soubesses, serias culpado, porque abandonaste a Deus, que o faria conhecido; agora, porém, comprovamos que o conheces, e pecas voluntariamente. Mas és levado pela paixão? Por que cooperas e louvas? *“Eles não só as fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam.”* Em primeiro lugar, portanto, menciona o pior pecado que não merece perdão, a fim de afastá-lo (Quem elogia o pecado é muito pior do que o pecador); mencionando-o em primeiro lugar, supera-o com maior vigor, nesses termos:

Os judeus, por sua vez, objeto da ira divina.

2,1. *Por isso és inescusável, ó homem, quem quer que sejas, que te arvoras em juiz. Porque, julgando a outrem, condenas a ti mesmo, pois praticas as mesmas coisas, tu que julgas (cf. Mt 7,2).*

Estas asserções referem-se aos príncipes, porque àquela cidade então fora entregue o domínio de toda a terra. Assim, portanto, começa por dizer: Retiras de ti, quem quer que sejas, toda possibilidade de defesa. Ao condenares o adúltero, tu também adulteras; embora homem algum te julgue e condene, proferiste contra ti mesmo a sentença que emitiste contra o réu.

2. *E sabemos que o juízo de Deus se exerce segundo a verdade contra aqueles que praticam tais ações.*

Para evitar que diga alguém: Por enquanto escapo. O Apóstolo, atemorizando, afirma que, perante Deus, não acontece como aqui na terra. Com efeito, aqui dentre os que cometeram o mesmo crime, um é castigado, outro foge; no além não sucede o mesmo, porque o juiz conhece o que é justo, assegura ele. Não informa, porém, de onde o conhece, pois seria supérfluo. Sobre a impiedade, de fato, indica duas coisas: que o pecador, apesar de conhecer a Deus, agiu impiamente, e donde o conheceu, a saber, por meio das criaturas. Disse também a causa por que não era notório; aqui, porém, a omite porque era evidente. Ao dizer: Julga, não trata somente dos príncipes, mas também dos particulares e súditos.

Na verdade, todos os homens, mesmo que não tenham um trono, nem carrascos, nem madeiro, contudo também eles julgam os que pecam nos colóquios e nas reuniões, pelo juízo da consciência; e ninguém ousa dizer que o adúltero não merece punição. Mas, diz-se, condenam os outros, não a si mesmos. Por isso ataca-os com vigor, dizendo:

3. *Ou pensas tu, ó homem que julgas os que tais ações praticam e tu mesmo as praticas, que escaparás ao juízo de Deus?*

Ele mostra que o mundo peca grandemente quanto à fé e aos costumes, e que os homens, sendo sábios, e tendo a criação por guia, não só abandonaram a Deus, mas também preferiram os ídolos dos répteis, desprezaram a virtude, seduzidos pela natureza, deram-se voluntariamente ao mal, e agiam contra a natureza, enfim explana que os que perpetram tais crimes serão entregues à tortura. Já lembrou o suplício, ao tratar do crime: Recebem *“em si mesmos a paga de sua aberração”*. Considerando que eram insensíveis a tal castigo, menciona o que era mais temido. Já o apontara, pois não diz outra coisa ao assegurar que o juízo de Deus é segundo a verdade; no entanto aqui apresenta mais provas, declarando: *“Ou pensas tu, ó homem que julgas os que tais ações praticam e tu mesmo as praticas, que escaparás ao juízo de Deus?”* Não evitaste o teu, e escaparás ao juízo de Deus? Quem o

afirmaria? Ora, tu julgaste a ti mesmo. Na verdade, uma vez que a autoridade deste tribunal foi tão grande que não pudeste poupar a ti mesmo, Deus, impecável, sumamente justo, não fará bem mais? Mas tu te condenaste e Deus te aprovará e louvará? Que fundamento tem a asserção? Ora, tu mereces castigo muito maior do que aquele a quem condenaste. Pecar somente, ou punir um pecador e recair em idêntico pecado, não é a mesma coisa. Vês como ele acentua o crime? Se tu, diz ele, castigas aquele que pecou menos, embora te desonres, como Deus não condenará mais e de modo mais grave a ti que pecaste mais, sem que isto o desonre, e já foste condenado por tua consciência? Se disseses: Sei que mereço castigo, mas desprezas por causa da paciência de Deus e confias porque não inflige imediatamente as penas, quando certamente deverias por isso temer e tremer. Ele difere não para não seres castigado, mas para sofreres penas mais graves, se continuares impenitente. Oxalá tal não aconteça! Por isso acrescenta:

4. *Ou desprezas a riqueza da sua bondade, paciência e longanimidade, desconhecendo que a benignidade de Deus te convida à conversão?*

Após louvar a paciência de Deus, e mostrar que traz o máximo lucro aos que lhe dão atenção (é o que significa convidar os pecadores à conversão), aumenta o temor. É causa de salvação para os que empregarem bem a paciência divina, enquanto aos desprezadores acarreta maior suplício. Costuma-se afirmar que Deus benigno e paciente não castiga. Ao afirmares isto, outra coisa não fazes senão aumentar o castigo. Efetivamente, Deus oferece sua benignidade para renunciareis aos pecados, não para os acumulares; do contrário, será mais terrível a sentença. Não se peque porque Deus é paciente, nem o benefício se transforme em motivo de ingratidão. É paciente, mas sem dúvida alguma castiga. De que modo se evidencia isto? Pelas palavras seguintes. Quando a maldade é imensa e os malvados não foram castigados, não há dúvida de que hão de ser punidos. Se os homens não os deixam impunes, Deus os deixará? Por isso, o Apóstolo introduz o sermão a respeito do juízo. Havendo mostrado que existem muitos réus que não fizeram penitência e ficaram impunes na terra, assegura que certamente o juízo há de vir e será gravíssimo. Por isso diz:

5. *Ora, com tua obstinação e com o coração impenitente, em ti estás acumulando ira*

O que há de mais duro do que aquele que não se abrandar pela bondade, nem se dobra pelo temor? O Apóstolo, após destacar o amor de Deus, aponta para o suplício, que há de ser intolerável para aquele que nem diante disto se converte. Observa a propriedade de suas palavras: “*Em ti estás acumulando ira*”, esclarecendo que a ira está sem dúvida reservada, e quem a descarrega não é o juiz, mas o réu. “*Em ti estás acumulando ira*”, e não Deus. Efetivamente, ele te outorgou o que era justo, deu-te o conhecimento do bem e do mal, ofereceu sua paciência, chamou-te à penitência, ameaçou com o Dia terrível, convidando-te de todos os modos ao arrependimento. Se continuares inflexível: “*Em ti estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus*”. Para evitar que, ao ouvires falar de ira, penses em paixão, ele acrescentou: “*Do justo juízo de Deus*”. E disse com justeza: “*Da revelação*”. Revela-o pelo fato de receber cada qual segundo o próprio mérito. De fato, aqui na terra frequentemente muitos sem razão molestam e armam insídias; no além, contudo, tal não sucede.

6. *que retribuirá a cada um segundo suas obras;*

7. *para aqueles que pela constância no bem*

Depois de se apresentar com atitude terrível e severa, ao falar do juízo e do futuro suplício, não se volta tão logo para o suplício, conforme se podia esperar, mas para assunto mais suave, a saber, a retribuição pelo bem, nesses termos: para aqueles que pela constância no bem visam à glória, à honra e à incorruptibilidade, a vida eterna;

Nesta passagem reanima os que haviam desanimado pelas provas, e afirma que não se deve ter confiança somente na fé, pois aquele tribunal examina as obras. Reflete que ele, ao falar do futuro, não pode explicar claramente aqueles bens, mas alude à glória e à honra. Visto que superam de longe os bens humanos, não possui aqui uma imagem representativa, mas de certo modo as exprime, por meio do que entre nós parece mais esplêndido, a saber, a glória, a honra, a vida, que são realidades humanas desejáveis. Com efeito, as celestes não são tais, mas tanto mais valiosas porque incorruptíveis e imortais.

Viste como se abriram para nós as portas da ressurreição dos corpos, ao falar em incorrupção? É a incorrupção de um corpo corrompido. Em seguida, porque não bastava, acrescentou a glória e a honra. Pois todos ressurgiremos incorruptos, mas não todos para a glória, porque uns são para o suplício, outros para a glória.

8. Para os rebeldes,

Novamente priva do perdão os que vivem na maldade e mostra que eles caíram na impiedade por determinada rebeldia e negligência.

rebeldes à verdade e submissos à injustiça

Eis nova acusação. Que desculpa terá aquele que foge da luz e prefere as trevas? E não diz: Impelido pela violência, ou pela tirania, e sim: “*Submissos à injustiça*”, dando a entender que se trata de queda voluntária e não de crime imposto à força.

9. Tribulação e angústia para toda pessoa que pratica o mal,

O juízo não poupará nem mesmo a um opulento, cônsul ou rei. Não contam as dignidades. Após tratar da gravidade da doença e acrescentar a causa, isto é, a negligência dos doentes, e o fim, a perdição, bem como a facilidade da emenda, acentua o castigo para o judeu. Para o judeu em primeiro lugar, mas também para o grego.

Na verdade, o transgressor que recebera mais ensinamentos é digno de maior castigo. Por conseguinte, quanto mais prudentes e poderosos, tanto mais seremos punidos se pecarmos. De fato, se és rico, mais riquezas serão exigidas de ti do que do pobre; se mais prudente, maior obediência; se mais poderoso, obras mais excelentes; em tudo, darás segundo tuas forças e tua capacidade.

10. glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, para o judeu em primeiro lugar e também para o grego.

Qual judeu relembra, e quais gregos? Os que viveram antes da vinda de Cristo. O discurso não remonta ao tempo da graça, mas discorre sobre o tempo anterior, já então apartando a diferença entre o grego, ou gentio, e o judeu, a fim de que, agindo assim, no tempo da graça, não aparentasse cogitar de questão nova ou onerosa. Se, pois, na antiguidade, quando tão grande graça ainda não brilhara, quando os judeus eram honrados, ilustres e célebres por toda parte, não havia discriminação, que razão poderiam aduzir depois da aparição de tamanha graça? Por isso, comprova-o com grande empenho. Com efeito, o ouvinte instruído já na antiguidade, muito mais o admitiria depois de receber a fé. Refere-se aqui aos gregos, ou gentios, não aos idólatras, mas àqueles que adoravam a Deus, que obedeciam à lei natural, que praticavam, além das observâncias judaicas, tudo o que pertencia à piedade, tais como foram Melquisedec e Jó, tais os ninivitas, tal qual era Cornélio.

Ele agora começa a eliminar a distinção entre circuncisão e incircuncisão, remonta primeiro à supressão da diferença de sorte a não deixar dúvida alguma, e entrega-se a esta tarefa por necessidade lógica, conforme foi sempre peculiar ao pensamento do Apóstolo. Com efeito, se ensinasse que assim sucedia no tempo da graça, o enunciado despertaria muitas dúvidas. Mas, como estava dissertando

sobre a malícia e a perversidade que dominavam no mundo e ao prosseguir lhe ocorresse aquele assunto, o ensino era insuspeito.

É evidente que Paulo tinha tal escopo, segundo o qual elaborou a composição. Se não o quisesse estabelecer, seria suficiente dizer: *“Ora, com tua obstinação e com o coração impenitente, em ti estás acumulando ira para o dia da ira”*, e poderia terminar com este argumento. Mas, como era seu propósito não tratar somente do futuro juízo, mas manifestar que o judeu nada possuía a mais que o grego, de sorte que o primeiro não se orgulhasse, vai avante e por ordem. Reflete sobre o seguinte: Atemorizou o ouvinte, fez retumbar o anúncio daquele Dia tremendo, expôs a gravidade do mal de uma vida pecaminosa, destacou que nenhum deles pecou por ignorância impunemente, e se não agora, haverá com toda certeza de suportar as penas. Com isto, quer determinar enfim que o preceito da Lei não era assaz premente, pois atribuía-se a pena e o prêmio às obras, e não à circuncisão e à incircuncisão. Depois de dizer que é indiscutível que o grego há de sofrer o castigo e daí concluir que de outro lado há de ser honrado, mostra em consequência que são supérfluas a Lei e a circuncisão e com isso especialmente combate os judeus. De fato, eles eram um tanto contenciosos. Em primeiro lugar, por orgulho não se dignavam ser contados entre os gentios; em segundo, zombavam dos que afirmavam que a fé apaga todos os pecados. Por isso, o Apóstolo primeiro acusou os gregos, dos quais estava tratando, para depois, sem despertar suspeitas e com toda coragem, abordar os judeus. Em seguida, começa a examinar o castigo, e mostra que os judeus não somente não haviam retirado vantagem da Lei, mas que ela os onerava, o que já começara a explicar mais acima. Se, portanto, o grego é inescusável, porque apesar de instruído através da natureza e da consciência, não melhorou, mais ainda o judeu, que, além disso, recebeu o ensinamento da Lei. Por conseguinte, após persuadi-lo a admitir facilmente este raciocínio a respeito dos pecados dos gentios, enfim obriga-o, embora a contragosto, a fazer o mesmo a respeito dos seus próprios. E para a palavra ser recebida mais facilmente, encaminha-o para bens superiores, nesses termos: *“Glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, para o judeu em primeiro lugar e também para o grego”*. Daí, portanto, quanto mais riquezas possua alguém, seja ele rico, poderoso ou rei, tanto mais se envolve em perturbações, se não em relação ao próximo, muitas vezes em íntimas dissensões, debatendo-se em inúmeras cogitações. Do outro lado, porém, nada de semelhante, mas de modo geral um mar tranquilo, sem tumultos, em verdadeira paz. Tendo comprovado pelas palavras acima que os que não têm uma lei haverão de fruir de idênticos bens, continua raciocinando:

11. Porque Deus não faz acepção de pessoas.

Não emprega raciocínio para afirmar que o pecador, judeu ou grego, é castigado. Mas, quando quer assegurar que o grego é recompensado, então precisa comprovar. Com efeito, parecia estupendo e paradoxal que aquele que não conhecia a Lei nem os profetas, fosse recompensado por agir bem. Por isso, como já disse, exerce-lhes a audição acerca dos tempos precedentes aos da graça para mais facilmente em seguida através da fé prepará-los a concordar. Assim especialmente torna-se insuspeito, porque não fala por interesse próprio. Tendo dito, portanto: *“Glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, para o judeu em primeiro lugar e também para o grego”*, vai adiante: *“Porque Deus não faz acepção de pessoas”*. Ah! com que exuberância ele vence! Pois mostra por absurdo que, se tal acontecesse, não seria da parte de Deus, porque haveria acepção de pessoas, o que não pode existir em Deus. E não disse: Se tal não acontecesse, em Deus haveria acepção de pessoas, mas procede mais respeitosa: *“Porque Deus não faz acepção de pessoas”*, isto é, não examina qual a pessoa, mas a diferença das ações. Por isso declara que o judeu difere do grego não nas ações, mas enquanto pessoa. Seria consequente dizer: Não é porque um é judeu e outro é grego, que o primeiro é recompensado e o

segundo castigado, mas as obras constituem o critério para ambos. Na verdade, não se expressou desta forma, porque irritaria os judeus, mas o que acrescentou, rebaixava e reprimia-lhes o orgulho, de sorte a aceitarem o que dizia. O quê? O seguinte:

Não obstante a Lei

12. *Todos aqueles, portanto, que pecaram sem Lei, sem a aplicação da Lei perecerão; e todos aqueles que pecaram sob o regime da Lei, pela Lei serão julgados.*

Este trecho indica, conforme já mencionei, não apenas a igualdade entre judeu e grego, mas também que a situação do judeu se agrava muito pelo dom da Lei. Com efeito, o grego é julgado sem “a aplicação da Lei”. A locução: “Sem a aplicação da Lei” não assinala algo de mais grave, mas de menos oneroso, isto é, não existe Lei que o acuse. A expressão: “Sem a aplicação da Lei” quer dizer sem condenação devida à aplicação dela, mas é condenado apenas por razões naturais. O judeu, porém, é pela Lei, isto é, a Lei o acusa conjuntamente com a natureza. Quanto mais foi objeto de solicitude, tanto maior será o castigo.

Vês que impôs aos judeus maior obrigação de recorrer à graça? Uma vez que declaravam não precisarem da graça, porque somente pela Lei foram justificados, explica que precisam dela mais do que os gregos, visto que mais haverão de ser punidos. Em seguida, aduz outro raciocínio, com o qual refuta o que foi dito.

13. *Porque não são os que ouvem a Lei que são justos perante Deus,*

A adição: “Perante Deus” é correta, porque diante dos homens talvez possam ser respeitáveis, e vangloriar-se grandemente; perante Deus, contudo, é totalmente o contrário: mas os que cumprem a Lei é que serão justificados.

Viste as razões sólidas com que retorce ao contrário o discurso? Se te julgas digno de ser salvo por meio da Lei, neste assunto o gentio te supera, que parece cumprir o que está escrito. E como é possível, interrogas, que pratique quem não foi ouvinte? É possível, responde, não apenas isto, mas muito mais. Não somente pode praticar sem ter ouvido, bem como depois de ouvir pode não praticar. É isso que ele expõe mais claramente depois, com maior vigor: “Ora tu, que ensinas aos outros, não ensinas a ti mesmo!” Nesse ínterim comprova o precedente:

14. *Quando então os gentios, não tendo Lei, fazem naturalmente o que é prescrito pela Lei, eles, não tendo Lei, para si mesmos são Lei;*

Não rejeito a Lei, diz ele, mas com isto justifico os gentios. Viste como, soterrando a glória do judaísmo, não oferece pretexto para ser acusado de desrespeitar a Lei, ao invés, de certo modo exaltando-a e mostrando que é grande, comprova tudo? Ao dizer: “Naturalmente”, entende as razões naturais e mostra que os gentios são melhores e o que é mais importante, são melhores porque não receberam uma lei, nem possuem aquela pela qual os judeus parecem prevalecer. Por isso, afirma, são admiráveis, porque não tiveram necessidade de lei para cumprir os preceitos da lei, insculpindo na alma as obras, não a letra. Pois diz o seguinte:

15. *eles mostram a obra da lei gravada em seus corações, dando disto testemunho sua consciência e seus julgamentos que alternadamente se acusam ou defendem...*

16. *no dia em que Deus – segundo o meu evangelho – julgará, por Jesus Cristo, as ações ocultas dos homens.*

Vês como novamente representa aquele dia e o faz próximo, sacudindo-os e mostrando que devem ser recompensados de preferência os que, sem lei, esforçaram-se por cumprir os preceitos da lei? Mas,

é justo enunciar especialmente em que é admirável a prudência do Apóstolo. Pois tendo demonstrado com provas que o grego é melhor do que o judeu, não o coloca no conjunto e na conclusão dos raciocínios para não exasperar o judeu. No intuito de esclarecer o que disse, vou referir as próprias palavras do Apóstolo. Tendo dito: *Não são os que ouvem a Lei que são justos, mas os que cumprem a Lei é que serão justificados*”, seria consentâneo dizer: *“Quando então os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente o que é prescrito pela Lei”* são melhores do que os instruídos pela Lei. Todavia, não o diz, mas interrompe os louvores aos gentios, e não prossegue o discurso por comparação, de sorte que assim também o judeu admita o que é proferido. Por isso não falou segundo o que mencionei. Mas então, como? *“Quando então os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente o que é prescrito pela Lei, eles, que não têm lei, para si mesmos são lei; eles mostram a obra da lei gravada em seus corações, dando disto testemunho sua consciência.”* Bastam-lhes, em lugar da lei, a consciência e a razão. Paulo lhes mostra novamente que Deus fez o homem capaz de escolher a virtude e fugir do vício. E não te espantes de que o comprove uma, duas, ou mais vezes. Era sumamente necessária esta asserção por causa dos que diziam: Por que Cristo veio agora? E onde estava tal providência na antiguidade? Contra estes, incapaz de lutar de modo acessório, mostra também que antigamente e antes de ser promulgada a Lei, a natureza humana usufruía de integral providência. *“Porque o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles”*, e sabiam o que é o bem e o que é o mal, e com este critério julgavam o próximo. Ele os exprobra: *“Pois com o julgamento com que julgais sereis julgados”* (Mt 7,2). Quanto aos judeus, a Lei lhes foi dada com os preceitos supramencionados, e não somente a razão ou a consciência. Por que, então aduz: *“Que alternadamente se acusam ou defendem...?”* Se têm a Lei escrita e manifestam boas obras, de que podem os julgamentos acusá-los? Ora, não é somente acerca deles que foi dito: *“Acusam”*, mas também da natureza inteira. Pois então aparecem os julgamentos; uns acusam, outros defendem; e naquele tribunal o homem não precisa de outro acusador. Em seguida, aumentando o medo, não diz: Os pecados dos homens, e sim: *“As ações ocultas dos homens”*. Após ter dito: *“Ou pensas tu, que julgas os que tais ações praticam e tu mesmo as praticas, que escaparás ao juízo de Deus?”*, para que não dê o voto conforme pensas, mas entendas que a sentença de Deus é muito mais exata do que a tua, acrescenta: *“As ações ocultas dos homens”*; e: *“Segundo o meu evangelho – por Jesus Cristo”*. Os homens são juízes apenas das questões manifestas. Ora, acima referia-se somente ao Pai. Mas, depois de abrandá-los pelo medo, introduziu o discurso sobre Cristo; e não simplesmente, mas também aqui, depois de relembrar o Pai, o introduz e por meio deles aumenta a dignidade da pregação. A pregação prenuncia, diz ele, o que a natureza previamente manifestou.

Viste com que prudência uniu-os ao evangelho e a Cristo, e demonstrou que o que se refere a nós não se limita às realidades presentes, mas vai além? Foi o que também acima expôs, dizendo: *Em ti estás acumulando ira para o dia da ira*” e aqui ainda: Deus *“julgará as ações ocultas dos homens”*. Cada qual, portanto, examinando sua consciência e recordando os pecados, cuidadosamente acerte suas contas, para não ser condenado com o mundo. De fato, é horrendo aquele juízo, terrível o tribunal, cheias de tremor a prestação de contas e o rio de fogo que mana. “O irmão não pode pagar o seu resgate, pagará o homem (cf. Sl 49,8)?” Relembra a palavra do evangelho, a movimentação dos anjos, a câmara nupcial fechada, as chamas inextinguíveis, as potestades que arrastam às fornalhas. E pensa no seguinte: Se um dos nossos hoje manifestasse um crime oculto somente perante a Igreja, não haveria de preferir morrer e ser tragado pela terra a ter tantas testemunhas do crime? O que sofreremos então, quando diante da terra inteira tudo se tornar patente, num anfiteatro tão grande e esplêndido, à vista de conhecidos e desconhecidos? Ai de mim, com que sou forçado a vos atemorizar? Com a estima dos homens, quando devia ser por temor de Deus e de sua condenação! O

que será de nós, pergunto, quando atados, rangendo os dentes, formos arrastados às trevas exteriores? Ou antes, o que faremos, diante do mais temível, a consciência de ter ofendido a Deus? Se alguém tem bom senso e inteligência, certamente já se sentirá na geena, quando longe do olhar de Deus; mas como não se aflige com isto, foi ameaçado com o fogo. De fato, não devíamos sentir dor quando somos punidos, mas quando pecamos. Escuta, portanto, como Paulo se condói e se lastima acerca de pecados que não lhe acarretariam castigo. “Nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus” (1Cor 15,9). Escuta também a Davi, apesar de isento de castigo, que, por julgar que havia ofendido a Deus, pede para si a penalidade, dizendo: “Venha a tua mão e caia sobre mim e sobre a casa de meu pai!” (2Sm 24,17). É mais penoso ofender a Deus do que ser punido. Atualmente, porém, somos tão miseráveis que se não fosse o temor da geena, talvez não preferíssemos praticar o bem. Por isso, se não por outro motivo, tornamo-nos dignos da geena, porque mais a tememos do que a Cristo. Com efeito, não era assim São Paulo, mas o oposto. Somos condenados à geena, porque somos diferentes. Ora, se amássemos a Cristo como devíamos, saberíamos que pior que a geena é ofender aquele que amamos. Mas, uma vez que não amamos, não conhecemos a amplitude daquele castigo. Por isso, principalmente sinto pesar e lastimo. Ora, o que Deus deixou de fazer para que o amássemos? Em que não se empenhou? O que omitiu? Embora ele em nada nos tenha prejudicado, nós o injuriamos, ou antes tendo recebido dele mil benefícios e bens inenarráveis, repelimos aquele que nos chamava e de toda parte nos atraía. Nem assim ele se vingou, mas acorreu e nos prendeu ao fugirmos; ora nós o repelimos e escapamos para o partido do diabo. Nem assim ele desistiu, mas enviou para nos chamar inúmeros legados: profetas, anjos, patriarcas. Nós, porém, não só não acolhemos aquela legação, mas infligimos injúrias aos recém-vindos. Ele, contudo, não nos repeliu, mas como os que amam intensamente e são desprezados, abordava os que encontrava em volta de si: o céu, a terra, Jeremias, Miqueias, não para ser oneroso, mas para se justificar. Com os profetas ele próprio se acercava dos adversários, pronto a prestar contas, rogando que discutissem as razões com ele, e atraindo os surdos ao diálogo. “Meu povo, que te fiz eu? Em que te contristei? Responde-me! (Mq 6,3)” Depois de tudo isso, matamos os profetas, apedrejamos, cometemos muitos outros pecados. E o que fez, por causa disso? Não enviou mais profetas, nem anjos, nem patriarcas, e sim o próprio Filho. O Filho veio e foi morto. Nem assim seu amor se extinguiu, mas inflamou-se mais e, após a morte do Filho, continuou a exortar, suplicar e empregar todos os meios a fim de nos converter. Paulo, contudo, clama: “Em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta: “Reconciliai-vos com Deus” (2Cor 5,20).

Ora, nada disso nos reconciliou. Ele, porém, nem assim nos abandonou, mas persistiu, a ameaçar com a geena e a prometer o reino, de sorte que nos atraísse; todavia continuamos estúpidos. O que é pior do que esta fereza? Se um homem praticasse tais coisas, frequentemente não o reduziríamos à servidão? E rejeitamos a Deus que assim age? Ó covardia! Ó ingratidão! Tal é a nossa, que sempre vivemos no meio de pecados e crimes. Se, porém, servos ingratos, alguma vez praticamos um pequenino bem, computamo-lo e calculamos minuciosamente a paga, se é que a merecemos. Ora a recompensa é maior quando não ages com esperança de recompensa. Pois assim exprimir-se e computar é antes peculiar ao mercenário do que ao servo agradecido. Devemos, pois, fazer tudo por causa de Cristo, e não em vista da recompensa. Ele nos ameaçou com a geena e prometeu o reino para que o amássemos. Amemo-lo, portanto, conforme devemos. Tal é a grande recompensa: o reino e o prazer, as delícias e a glória, a honra, a luz, a imensa felicidade, inexprimível por palavras, incompreensível à mente. De fato, não sei por que fui levado a proferir estas palavras, ordenando a homens que prezam o principado e a glória presente a desprezar o reino terreno por causa de Cristo, embora os grandes e generosos tenham atingido tal medida de amor. Escuta, portanto, como Pedro é

ardoroso no amor por ele, preferindo-o à alma, à vida e ao restante. E porque o renegou, não chorava por causa do suplício, mas por ter negado aquele que amava, o que lhe era mais amargo do que qualquer suplício. Tudo isto se manifestou antes da graça do Espírito. Sempre insistia: “Para onde vais?” E anteriormente: “A quem iremos?” e ainda: “Eu te seguirei para onde quer que vás” (Jo 13,36; 6,68; Mt 8,19). Cristo era tudo para eles, e ao amado não preferiam nem o céu, nem o reino dos céus. Tu és tudo para mim, diz ele. E por que te admiras deste afeto de Pedro? Escuta o que diz o profeta: “Que teria eu no céu? “Fora de ti, nada mais me agrada na terra” (Sl 73,25). Isto é, fora de ti não quero coisa alguma nas alturas, nem aqui embaixo. É amor, dileção. Se amarmos desta forma, não haveremos de preferir coisa alguma presente, ou futura àquele amor e conseguiremos o reino, deleitando-nos neste amor. E como, perguntas, isto será possível? Se pensarmos quantas vezes o ofendemos, após inúmeros benefícios, enquanto ele continuava exortando, quantas vezes o abandonamos, e ele não nos negligencia, mas acorre, nos encanta e atrai. Se meditarmos tais coisas e outras semelhantes, podemos inflamar-nos deste amor. Se quem amasse desta forma fosse um homem vulgar, e o ser amado fosse um rei, não causaria espanto a intensidade deste amor? Certamente e em grau máximo. Mas acontece o inverso. É inefável a beleza, a glória e a riqueza daquele que nos ama, e a nossa parte é a baixeza. Não seremos dignos de mil suplícios, porque, sendo vis e abjetos e, contudo, amados além da medida por quem é tão grande e admirável, repudiamos seu amor? Ele de modo algum precisa do nosso, e no entanto não desiste de nos amar; nós tanto precisamos de seus bens e nem assim acolhemos seu amor, mas preferimos as riquezas e a amizade dos homens, o repouso corporal, o poder, a glória, enquanto ele nada antepõe a nós? Tinha, na verdade, um só Filho, unigênito e genuíno, e não o poupou por nossa causa; nós, porém, lhe antepusemos muitas coisas. Não merecemos a geena e o suplício, mesmo que fossem piores duas, três, mil vezes? O que poderemos dizer quando preferimos os preceitos de Satanás às leis de Cristo, e não fazemos caso de nossa salvação ao preferirmos as obras da impiedade às daquele que sofreu tudo por nós? E que perdão merecem estas ações? Que defesa? Nenhuma. Fiquemos firmes, portanto, doravante, e não nos deixemos arrastar aos precipícios; mas arrependamo-nos e meditando tudo isto, demos-lhe glória por meio de nossas obras. Palavras somente não bastam. Gozaremos da glória que dele provém. Possamos todos nós consegui-la, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEXTA HOMILIA

2,17. *Ora, se tu te denominas judeu e descansas na Lei e te glorias em Deus,*

18. *tu que conheces sua vontade e que, instruído pela Lei, sabes discernir o que é melhor,*

Depois de afirmar que nada falta ao gentio para a salvação, contanto que observe a lei e após uma estupenda comparação, trata do que era mais honroso aos judeus, e constituía motivo de se orgulharem contra os gregos. E em primeiro lugar, o próprio nome, tão respeitável quanto agora o dos cristãos. O nome então ocasionava muita diferença, como também se deduz daí. E vê como o discute. Não disse: Tu és judeu, e sim: “*Tu te denominas e te glorias em Deus*”, isto é, como se fosses por ele amado e honrado, mais do que os outros homens. Com isso, a meu ver, suavemente abate a arrogância e a grande vanglória deles, porque não utilizaram aquele dom para sua salvação, mas dele abusaram para agredir os outros e desprezá-los. “*Tu que conheces sua vontade e que sabes discernir o que é melhor*”. Entretanto, sem as obras, seria um vício, apesar de parecer prerrogativa e por isso o apõe cuidadosamente. Não diz: Fazes, e sim: “*Conheces*”, “*Sabes discernir*”, não te empenhas, nem ages.

19. *que estás convencido de ser o guia dos cegos,*

Novamente aqui não diz que ele é guia dos cegos, e sim: “*Que estás convencido*”, tu te gabas, porque era grande a arrogância dos judeus. Por isso, usa quase as mesmas palavras que eles ao se gabarem. Vê, portanto, o que dizem no evangelho: “Tu nasceste todo no pecado e nos ensinas?!” (Jo 9,34) e orgulhavam-se contra todos. Paulo, por isso, continuou exaltando a uns, arguindo a outros, para atingi-los melhor e dar maior peso à acusação. Adianta-se, por conseguinte, aumentando e amplificando, narrando diversamente. “*Estás convencido de ser o guia dos cegos, a luz dos que andam nas trevas,*

20. educador dos ignorantes, e mestre dos meninos, possuindo na Lei a expressão da ciência e da verdade...”

Não disse de novo: Na consciência, nas obras, nos atos retos, e sim : “*Na Lei*”. Dizendo isto acerca dos gentios, o mesmo faz aqui. Como dissera ali: “*Porque, julgando a outrem, condenas a ti mesmo*”, também aqui:

21. ora tu, que ensinas aos outros, não ensinas a ti mesmo?

Com efeito, ali fala mais rigidamente, aqui tempera a palavra com brandura. Pois, não diz: Ora, és merecedor de maior castigo porque, uma vez que tantos bens te foram confiados, não os empregaste como seria justo, mas procede por uma interrogação, incutindo vergonha e dizendo: “*Ora tu, que ensinas aos outros não ensinas a ti mesmo?*” Pondera também de outra passagem a prudência de Paulo. Alude às prerrogativas dos judeus que não provêm de seus esforços, mas eram dom do alto e mostra não somente que eram supérfluas se eles fossem negligentes, mas também aumentariam o suplício. Não era obra deles próprios serem denominados judeus, nem terem recebido a Lei, nem outros dons que agora enumera, mas provinham da graça do alto. E no princípio disse que nada adiantava ouvir a Lei, sem o acréscimo das obras: “*Não são os que ouvem a Lei que são justos perante Deus*”. Agora manifesta muito mais, que não só a audição, mas também o que é maior, a doutrina, não pode proteger o mestre, se ele não fizer o que ensina; não só não patrocinará, mas o castigo será maior. Com justeza escolheu as expressões. Não disse: Recebestes a Lei, mas: “*Descansas na Lei*”. O judeu não teve o trabalho de ir procurando o que devia fazer, mas recebeu facilmente a Lei, que lhe apontava o caminho da virtude. Embora os gentios tivessem a razão natural, com que os superavam, porque sem terem ouvido a Lei praticavam tudo, no entanto para eles a facilidade era maior. E se replicares: Não somente ouço, mas também ensino, aumentas o suplício. Visto que se orgulhavam, expõe que com isso eles se tornavam em extremo ridículos. Ao dizer: “*Guia dos cegos, educador dos ignorantes, e mestre dos que não sabem*” exprime o orgulho. Abusavam grandemente dos prosélitos, e os chamavam por este apelido.

Por este motivo Paulo prodigaliza o que lhes parecia louvor, ciente de que era fundamento de acusação maior. “*Possuindo na Lei a expressão da ciência e da verdade...*” Seria como alguém que tivesse um retrato do rei, e não pudesse copiá-lo; aqueles, porém, aos quais não foi confiado, sem o protótipo, o imitavam cuidadosamente. Depois que narrou as prerrogativas que tinham recebido de Deus, menciona os vícios deles, apresentando as mesmas acusações do profeta: “*Ora tu, que ensinas aos outros, não ensinas a ti mesmo?*”

Pregas que não se deve furtar e furtas!

22. proíbes o adultério e cometes adultério! abominas os ídolos e despojas seus templos!

Com efeito, era severamente proibido tocar algo que pertencesse aos ídolos por ser abominável. E a tirania do amor ao dinheiro te persuadiu a conculcar esta lei. Em seguida, introduz o que era mais grave:

23. *Tu que te glorias na Lei estás desonrando a Deus pela transgressão da Lei,*

Enumera dois crimes, ou antes três: desonram, por aquilo com que foram honrados, e desonram aquele que os honra, o que era o cúmulo da ingratidão. Em seguida, para que não parecesse acusar por si, introduz o profeta como acusador. Primeiro em poucas palavras, em resumo, brevemente, depois por partes. Primeiro Isaías, depois Davi, quando refere mais refutações. Escutai, exorta, o que diz Isaías, porque não sou eu que vos repreendo:

24. *Por vossa causa o nome de Deus está sendo blasfemado entre os gentios.*

Eis de novo dupla acusação. Não apenas eles injuriam, mas também induzem os outros a fazê-lo. Qual a utilidade do ensinamento, se não ensinais a vós próprios? De fato, mais acima disse só isto, aqui, passa ao contrário. Não somente a vós mesmos, mas nem aos outros ensinais o que se deve fazer; e o que é muito mais grave, não somente não ensinais os preceitos da Lei, mas ensinais o inverso, a blasfemar a Deus, o que é contrário à Lei.

Ora, replicas, a circuncisão é importante. Confesso-o também eu; mas quando a circuncisão é interior. E vê a prudência! Quão oportuna é esta menção! Não começou imediatamente por ela, porque era grande a estima de que gozava; mas depois que mostrou que eles transgrediam o mais importante, causa de blasfêmia contra Deus, por fim, tendo já o ouvinte a condená-los, e excluí-los da primazia, trata da circuncisão, confiando que ninguém haveria de sufragá-la, e declara:

Não obstante a circuncisão

25. *Certamente a circuncisão é útil, se observas a Lei;*

No entanto, poder-se-ia rejeitá-la de outra forma e perguntar: Mas, o que é a circuncisão? Acaso é obra de quem a possui? Não é prova de um bom propósito? Ora, surgiu em época tardia, e os que estavam no deserto, ficaram durante muito tempo incircuncisos; em várias outras passagens evidencia-se que ela não foi assaz necessária. Todavia, por isso não a rejeitou, e sim apoia-se no mais conveniente, em Abraão. De fato, uma vitória é mais brilhante se o que lhe dá aparência respeitável se tornar desprezível. Embora pudesse dizer que também os profetas denominaram incircuncisos aos judeus, não era por falha da circuncisão, e sim daqueles que a empregavam mal. O que se procura é mostrar que ela não tem valor para uma vida honesta; de fato, ele doravante o comprova. E, na verdade, aqui não introduz o patriarca, mas age de outro modo: primeiro rejeita a circuncisão, depois o menciona, ao falar acerca da fé, nesses termos: *“Mas como a Abraão foi levada em conta (a fé)? Estando circuncidado, ou quando ainda incircunciso?”* (Rm 4,10). Enquanto disputava com os gentios e os incircuncisos, nada disso quis dizer, para não se tornar muito oneroso; quando, porém, a circuncisão opõe-se à fé, então cinge-se para melhor lutar contra ela. Nesse ínterim a luta é contra a incircuncisão; por isso fala mais brandamente: *“Certamente a circuncisão é útil, se observas a Lei”*; mas se és um transgressor da Lei, tua circuncisão se converteu em incircuncisão.

Aqui se refere a duas circuncisões e duas incircuncisões, como também a duas leis. Na verdade, existe uma lei natural e uma lei escrita; mas há também uma intermédia, a lei pelas obras. E considera como assinala estas três leis e as apresenta. *“Quando então os gentios, que não têm a Lei”*, diz ele. Qual lei? perguntas. A escrita. *“Fazem naturalmente o que é prescrito pela Lei”*. Qual? A das obras. Aqueles que não têm a Lei. Qual? A escrita. *“Para si mesmos são Lei*. Praticam a lei natural. Eles manifestam a *“Obra da Lei”*. Qual? Através das obras. A Lei escrita é exterior; a natural, porém, é interior, está nas ações; à primeira inspira a letra, à segunda a natureza, à terceira os atos. Esta terceira é necessária por causa das outras duas, a natural e a escrita. Se ela não existir, para nada servem, mas ocasionam o máximo dano. E Paulo o expõe, dizendo a respeito da lei natural: *“Julgando a outrem, condenas a ti mesmo”*; quanto à escrita, diz: *“Pregas que não se deve furtar, e furtas”*. Do mesmo modo existem duas incircuncisões: uma natural, outra das obras; e uma circuncisão é na carne e a outra dependente da vontade. Por exemplo, alguém é circuncidado no oitavo dia; esta circuncisão é carnal. Um outro segue todas as prescrições legais; esta é a circuncisão espiritual, que deseja especialmente Paulo, ou melhor, a própria Lei.

Vê, portanto, que, apesar de condescender em palavras, na realidade aboliu a circuncisão. Com efeito, não disse: A circuncisão é supérflua, ruim, infrutuosa; mas, o que afirmou? *“Certamente a circuncisão é útil, se observas a Lei”*. Admite-a, nesse ínterim, dizendo: Confesso, não contradigo que a circuncisão é boa; mas, em que condições? Se observa a Lei. *“Mas se és um transgressor da Lei, tua circuncisão se converteu em incircuncisão”*. Não disse: Para nada mais serve, a fim de não ofender. Mas finalmente, depois que o judeu dela se despojou, a rejeita, porque já não seria injúria à circuncisão, e sim àquele que a perdeu por negligência. Acontece aos homens revestidos de autoridade, depreendidos em grandes crimes, que os juízes primeiro os destituem da autoridade, e depois os entregam ao suplício. Assim também procedeu Paulo. Tendo dito: *“Mas se és um transgressor da Lei”* acrescentou: *“Tua circuncisão se converteu em incircuncisão”*. E tendo demonstrado que se trata de um incircunciso, com ousadia o condena.

26. *Se, portanto, o incircunciso guardar os preceitos da Lei, porventura a sua incircuncisão não será considerada circuncisão?*

Vê o que ele faz. Não diz que a incircuncisão supera a circuncisão, o que seria muito molesto aos ouvintes, mas que a incircuncisão será considerada circuncisão. Logo interroga o que é a circuncisão,

e o que é a incircuncisão, e diz que a circuncisão é boa e a incircuncisão má. E tendo primeiro mudado em circuncisão a incircuncisão acompanhada de boas obras, e expelido o circunciso que vive mal para o meio dos incircuncisos, dá a vitória à incircuncisão. Não profere, contudo, a palavra: incircuncisão, mas passa à própria realidade, dizendo: porventura a tua incircuncisão não será considerada circuncisão?

Não disse: Será imputada, e sim: “*Considerada*”, com maior ênfase, da mesma forma como não disse acima: Tua circuncisão é considerada, e sim: “*se converteu*”.

27. *E o naturalmente incircunciso julgará a ti*

Vês que ele conhece duas incircuncisões, uma natural outra voluntária? Aqui ele fala da natural, e não se detém neste ponto, mas adita: que, apesar da letra e da circuncisão, és transgressor da Lei.

Observa sua prudência tão sutil. Não afirma que a incircuncisão natural há de julgar a circuncisão, mas, onde alude à superioridade fala em incircuncisão; onde alude à inferioridade, não diz que foi superada a circuncisão, e sim o judeu circuncidado, cuidando de não ferir em palavras o ouvinte. E não diz: Tens a Lei e a circuncisão, mas de forma mais suave: “*Que, apesar da letra e da circuncisão, és transgressor da Lei*”, isto é, tal incircuncisão defende a circuncisão, que foi lesada e apoia a Lei, que foi vulnerada. Paulo levanta-lhe esplêndido troféu. É brilhante a vitória porque um judeu não é julgado por outro judeu, e sim por um incircunciso, como no caso seguinte: “Os habitantes de Nínive se levantarão e condenarão esta geração” (Mt 12,41). Por conseguinte, não é Paulo quem desonra a Lei, pois a respeita assaz, e sim o transgressor. Em seguida, depois de uma clara explanação, corajosamente define o que é um judeu, e explica que não é o judeu nem a circuncisão, mas o incircunciso não judeu que ele exclui. Ora, parece mesmo defendê-la, todavia elimina a estima a ela, dando seu voto em favor dos atos. Pois esclarece que não só não há diferença entre o judeu e o incircunciso, mas que o incircunciso é até superior, se cuidar de seu procedimento e desta maneira se transforma em verdadeiro judeu; por esta razão, declara:

28. *Pois o verdadeiro judeu não é aquele que como tal aparece externamente, nem é verdadeira circuncisão a que é visível na carne;*

Aqui investe contra eles, porque faziam tudo por ostentação.

29. *mas é judeu aquele que o é no interior e a verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito e não segundo a letra:*

Com isto, exclui tudo o que há de corporal. A circuncisão era manifesta, bem como os sábados, os sacrifícios, as purificações, segundo deu a entender, resumindo numa palavra: “*O verdadeiro judeu não é aquele que como tal aparece*”. Com efeito, a circuncisão tinha grande importância, visto que até o sábado lhe cedia lugar e com razão se estende muito a respeito dela. Ao dizer: “*Segundo o espírito*”, prepara o caminho à vida da Igreja, e conduz à fé; de fato, ela dá louvor a Deus de “*coração e segundo o espírito*”. E por que não explana que o gentio que procede bem não é inferior ao judeu que age corretamente, mas que o gentio que procede bem é melhor do que o judeu transgressor? Para que a vitória fosse indubitável. Sendo isto evidente, exclui-se a obrigação da circuncisão da carne e enuncia-se que sempre é necessário levar vida honesta. Como, na verdade, o gentio sem a circuncisão se salva e o judeu com ela é punido, torna-se ocioso o judaísmo. O gentio a que se refere não é o idólatra, mas o piedoso e virtuoso, livre das observâncias legais.

Não obstante as promessas de Deus

3,1. *Que vantagem há então em ser judeu?*

Uma vez que excluiu tudo: a obediência, a doutrina, o nome de judeu, a circuncisão etc., ao

declarar: “O verdadeiro judeu não é aquele que como tal aparece, mas é judeu aquele que o é no interior”, vê surgir uma objeção e se insurge contra ela. Qual é a objeção? Se não há vantagem, por que foi escolhido o povo, por que foi dada a circuncisão? O que faz? E por que aboli-la? Tornou obsoletas as ações supramencionadas. Não proclamou os louvores delas, mas os benefícios de Deus e não as boas obras. Ser denominado judeu, conhecer a vontade de Deus, e experimentar o que é útil não provêm das obras; são efeito da graça de Deus, conforme lhes dizia o profeta, exprobrando-os: “Com nação nenhuma agiu deste modo, e nenhuma conheceu as suas normas” (Sl 147,19); e ainda Moisés: “Interrogai se aconteceu algo segundo esta palavra. Com efeito, qual é a nação capaz de ouvir como nós a voz do Deus vivo, que fala do meio do fogo, e permanecer viva?” (Dt 5,26). É o que ele faz aqui. Também age da mesma forma em que, ao falar da circuncisão, não disse: A circuncisão sem uma vida honesta para nada serve, e sim: A circuncisão com um vida boa é útil, exprimindo o mesmo pensamento, mas de forma mais suave; e ainda: “Mas se és um transgressor da Lei” não acrescentou: Não é útil a ti que és circunciso, e sim: “Tua circuncisão se converteu em incircuncisão”; e depois novamente: A incircuncisão não “julgará” a circuncisão, mas a ti, transgressor da Lei, enquanto poupa as prescrições legais, e rejeita os homens. Tendo objetado a si mesmo: “Que vantagem há então em ser judeu?” não respondeu: Nenhuma, mas o insinua e na sequência o retira, e explica que eles por causa desta prerrogativa foram castigados. E como? Diria, pela própria apresentação da objeção: “Que vantagem há então em ser judeu?”

E qual a utilidade da circuncisão?

2. *Muita, e sob todos os pontos de vista. Em primeiro lugar, porque foi a eles que foram confiados os oráculos de Deus.*

Viste, conforme já disse, que ele em parte alguma enumera as boas ações deles, e sim os benefícios de Deus? O que significa a locução: “Foram confiados”? Que a Lei lhes foi entregue, que Deus os estimou tanto que lhes confiou os oráculos do alto. E sei que alguns pensam que a expressão: “Foram confiados” não foi dita a respeito dos judeus, mas das palavras, isto é, que a Lei foi entregue. Mas a continuação não permite este modo de entender. Em primeiro lugar, porque o Apóstolo diz tais coisas acusando-os e mostrando que eles fruíram de muitos benefícios de Deus, mas demonstraram grande ingratidão. Em seguida, a continuação o indica, pois acrescenta:

3. *E o que acontece se alguns deles negaram a fé?*

Se não acreditaram, por que dizem alguns que lhes foram confiados os oráculos? O que dizer?

Que Deus lhes confiou, e não que eles tenham acreditado nos oráculos, pois de que modo seria válido o que se segue? De fato, acrescentou: “E o que acontece se alguns deles negaram a fé?” O mesmo se manifesta na continuação, porque de novo acrescenta: *A infidelidade deles não irá anular a fidelidade de Deus?*

4a. *De modo algum!*

O fato mesmo de que lhes tenham sido confiados os oráculos proclama o dom de Deus. Pondera mais uma vez a prudência de Paulo! Não introduz por si mesmo a acusação, mas procede como se fosse uma objeção. Como se dissesse: Ora, talvez retrucarás: Qual a utilidade desta circuncisão? De fato, não a utilizaram devidamente. Foi-lhes confiada a Lei, e não acreditaram. Entretanto, não se torna forte acusador, mas de certo modo defende a Deus da incriminação e assim a culpa se volta inteiramente para o lado deles. Por que acusas, diz-se, pelo fato de negarem? E o que Deus tem a ver com isto? Acaso a ingratidão dos beneficiados altera a sua beneficência? Ou faz com que a graça deixe de ser graça? Indica-o, no entanto, com a palavra: “A infidelidade deles não irá anular a fidelidade de

Deus? De modo algum!” E se alguém disser: Eu presto tal honra a uma pessoa; se, porém, ela a recusa, a culpa não é minha, nem fica alterada minha amizade, mas o que se revela é a sua insensibilidade. Paulo, contudo, não diz apenas isto, e sim muito mais, porque não só a incredulidade dos judeus não culpa a Deus, mas destaca a graça e amor divino aos homens, visto que concede graças a quem está disposto a ofendê-lo.

Notaste que Paulo os declara culpados por causa dos pecados de que se orgulhavam? Efetivamente, Deus lhes conferiu tamanha graça que, apesar da previsão da futura incredulidade deles, não desistiu da benevolência. Eles, contudo, empregaram a graça conferida em ofender quem os agradava. Em seguida, tendo dito: *“E o que acontece se alguns deles negaram a fé?”*, parece que todos não acreditaram; quer com esta ignorância dos fatos históricos evitar a aparência de ser forte acusador dos judeus, um inimigo, e elabora um raciocínio e silogismo acerca do que aconteceu realmente, nesses termos:

4b. *Confirma-se, pelo contrário, que Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso,*

Quer dizer o seguinte: Não afirmo que alguns não acreditaram, mas, se preferires, declara que todos eram incrédulos, com algumas concessões, a fim de não pareceres molesto nem suspeito. Pois assim de forma melhor Deus é justificado. O que significa: Justificado? Se for estabelecido um julgamento e exame do que ele conferiu aos judeus, e como os judeus lhe retribuíram, a vitória será totalmente de Deus, e ele se mostrará justo em todas as coisas. O Apóstolo o demonstrou claramente por meio do que foi acima proferido, e logo apresenta o sufrágio do profeta:

Para que sejas justificado nas tuas palavras e triunfes quando fores julgado (Sl 51,3).

Na verdade, ele fez o que lhe competia; mas os judeus nem assim se tornaram melhores. Em seguida apresenta outra objeção que novamente surge, e diz:

5. *Mas então, se a nossa injustiça realça a justiça de Deus, que diremos? Não cometeria Deus uma injustiça desencadeando sobre nós sua ira? – Falo como homem –*

Por fim resolve o absurdo por meio de outro absurdo. Uma vez que é obscuro faz-se indispensável exposição mais clara. É o que enuncia: Deus exaltou os judeus e eles o injuriaram. Este fato prepara-lhe a vitória e ter honrado a tais homens constitui demonstração de sua grande benignidade. Por conseguinte, assegura-se que a vitória é de Deus, porque lhe infligimos ultrajes e injustiças e sua justiça se manifesta mais esplêndida. Por que motivo, replicas, sou punido, uma vez que o ultraje se tornou causa de vitória? Como se resolve este problema? Mais uma vez por outro absurdo, conforme foi dito. É uma injustiça, diz ele, teres sido causa de vitória e em consequência seres punido; se, porém, ele não é injusto e contudo és punido, já não te tornaste para ele causa de vitória. E vê a piedade do Apóstolo. Tendo dito: *“Não cometeria Deus uma injustiça desencadeando sobre nós sua ira?”* acrescentou: *“Falo como homem”*. Seria como se alguém, segundo um raciocínio humano, dissesse: O justo juízo de Deus ultrapassa de longe o que nos parece justo e ele possui razões misteriosas. Depois, visto que era obscuro, pela segunda vez repete o mesmo:

7. *Mas se por minha mentira resplandece mais a verdade de Deus, para sua glória, por que devo eu ser ainda julgado pecador?*

Se, portanto, não obedeceste e por isso mesmo Deus se mostra amigo, justo e bom, então não deves ser punido, mas até receber uma recompensa. Se fosse verdade, chegar-se-ia ao absurdo, divulgado por muitos, de que de males se originam bens, e de que os males são causa dos bens. Necessariamente há somente uma alternativa: Deus castiga e parece injusto ou, ao invés, não pune e obtém uma vitória oriunda de nossos males; ambas as conclusões são em extremo absurdas. O próprio Apóstolo o formulou, indicando que os gregos são os autores destes ensinamentos, e considera que era suficiente

para refutá-los conhecer a espécie de pessoas que os propagavam. Então eles nos diziam, iludindo-nos: Façamos o mal para que resulte o bem. Por isso, o Apóstolo claramente o explana, dizendo:

8. E por que – como aliás alguns afirmam caluniosamente que nós ensinamos – não haveríamos nós de fazer o mal para que venha o bem? Desses tais a condenação é justa.

Uma vez que afirmava Paulo: “*Mas onde avultou o pecado, a graça superabundou*” (Rm 5,20), eles, invertendo e distorcendo a palavra noutro sentido, diziam que devíamos praticar o mal para fruirmos dos bens. Paulo, contudo, não se exprimia desta forma, e, corrigindo a palavra, dizia: “*Que diremos, então? Que devemos permanecer no pecado a fim de que a graça atinja sua plenitude? De modo algum!*” (Rm 6,1-2). Pois ele se referia aos tempos antigos, e não visava a que nos entregássemos a tais atos e neles nos exercêssemos. Eliminando tal pretexto, disse que tal atitude é impossível: “*Nós que morremos ao pecado, diz ele, como haveríamos de viver ainda nele?*”

Era fácil investir contra os gentios porque sua vida era muito corrompida; quanto aos judeus, embora sua vida parecesse negligente, protegiam-nos densos véus, a Lei e a circuncisão, tinham trato com Deus e ministravam ensinamentos a todos. Por isso, tirou-lhes os véus, e demonstrou que, por estes privilégios, foram mais castigados. Desta forma termina o discurso. Com efeito, se perpetrando tais pecados não são castigados, necessariamente se divulgará aquele dito blasfemo: “*Não haveríamos nós de fazer o mal para que venha o bem?*”. Se é palavra ímpia, e os que as proferem serão castigados (ele o enunciou com estas palavras: “*Desses tais a condenação é justa*”), é evidente que eles são punidos. Se, portanto, merecem suplício os que assim se exprimem, muito mais os que agem desta maneira; merecem castigo, conforme acontece aos pecadores. E não é o homem que pune, a fim de que ninguém duvide a respeito dos sufrágios, mas é Deus, que em tudo procede com justiça. Se, porém, são punidos com justiça, e eles injustamente diziam o supramencionado, zombando de nós, Deus tudo empregava e utiliza para que nosso estilo de vida resplandeça e seja inteiramente correto. Por conseguinte, não sejamos covardes e poderemos retirar do erro os gentios. Se em palavras somos sábios, e agimos mal, com que olhos haveremos de fitá-los? Com que boca disputaremos acerca da doutrina? Dir-se-á a cada um de nós: Tu que não fizeste o mínimo, como ousas ensinar o que é máximo? Não aprendeste ainda que a avareza é um mal, e raciocinas a respeito de realidades celestes? Acaso sabes que se trata de um mal? Portanto, o crime é maior, porque pecas com conhecimento. E por que falo de um gentio? Nem as nossas leis nos permitem tal liberdade de palavra, se nossa vida é corrupta. Pois diz: “Ao ímpio, contudo, Deus declara: Que te adianta recitar meus preceitos?” (Sl 50,16). Outrora os judeus foram levados ao cativeiro, e quando os persas insistiam para que cantassem aqueles cânticos divinos, diziam: “Como poderíamos cantar um canto do Senhor numa terra estrangeira?” (Sl 137,4). Se em terra dos bárbaros não era lícito cantar as palavras do Senhor, quanto menos era lícito à alma bárbara? É bárbara a alma sem compaixão. Se, portanto, a Lei ordenava aos cativos e escravos dos homens sentarem-se silenciosos numa terra estrangeira, muito mais é justo fechar a boca dos escravos do pecado, que vivem quais forasteiros. Entretanto eles então tinham os instrumentos, pois: “Nos salgueiros que ali estavam penduramos nossas harpas” (Sl 137,2), mas nem assim lhes era permitido. A nós, portanto, apesar de termos os órgãos da palavra, a boca e a língua, não é lícito falar com ousadia, enquanto servirmos ao pecado, mais tirano do que todos os bárbaros.

Dize-me. Por que te diriges ao gentio, enquanto estás entregue à rapina e à avareza? Tu lhe impões: Afasta-te da idolatria, reconhece a Deus! Não procures prata e ouro! E ele não haverá de rir e responder: Prega primeiro a ti mesmo estas coisas? É bem diferente se é um gentio que é idólatra, ou se é um cristão que admite tal pecado. De que modo poderemos retirar o próximo desta idolatria enquanto nós não escaparmos dela? De fato, estamos mais próximos de nós mesmos do que dos

outros. Se, portanto, não nos convenceremos a nós próprios, como persuadiremos os demais? Quem não governa bem a sua casa, nem é solícito para com a Igreja, poderá, sem orientar bem a própria alma, emendar os outros? Não me digas que não adoras o ouro, à semelhança de um ídolo; prova-me que não fazes o que o ouro ordena. Com efeito, há diversas espécies de idolatria: um considera seu senhor a Mamom, outros que o ventre é seu deus, um outro ainda uma péssima avidez. Não lhe imolas bois, imitando os gentios? No entanto, fazes muito pior: Imolas tua própria alma. Não dobras os joelhos, nem adoras? De fato, obedeces muito mais a tudo o que o ventre, o ouro e a tirania da concupiscência ordenarem. Na verdade, os gregos são abomináveis por terem divinizado as paixões, dando à concupiscência o nome de Vênus, à ira o de Marte, à embriaguez o de Baco. Se não esculpes ídolos à semelhança deles, com muito maior empenho te submetes às mesmas paixões, fazes dos membros de Cristo membros de uma meretriz e mergulhas em outras iniquidades. Exorto-vos, portanto, a que, refletindo no excesso de tal absurdo, fujais da idolatria, conforme Paulo chama à avareza (Cl 3,5). Fugir não só da avareza acerca do dinheiro, mas também da que consta dos maus desejos, das vestes, da mesa etc. Com efeito, sofreremos piores penas se não obedecermos às leis de Cristo. “Aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor, mas não agiu conforme sua vontade, será açoitado muitas vezes” (Lc 12,47). Para escaparmos das penas e sermos úteis aos outros e a nós, repelindo da alma toda maldade, escolhamos a virtude. Assim conseguiremos os bens futuros. Oxalá todos nós os obtenhamos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, honra, império, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

SÉTIMA HOMILIA

Todos são culpados

3,9. *E daí? Levamos vantagem? De modo algum. Pois acabamos de provar que todos, tanto os judeus como os gregos, estão sob o domínio do pecado,*

10. *conforme está escrito: Não há homem justo, não há um sequer,*

11. *não há quem entenda, não há quem busque a Deus.*

12. *Todos se transviaram, todos juntos se corromperam; não há quem faça o bem, não há um sequer.*

13. *Sua garganta é um sepulcro aberto, sua língua profere enganos; há veneno de serpente debaixo de seus lábios,*

14. *sua boca está cheia de maldição e azedume.*

15. *Seus pés são velozes para derramar sangue,*

16. *há destruição e desgraça em seus caminhos.*

17. *Desconheceram o caminho da paz,*

18. *não há temor de Deus diante de seus olhos.*

Paulo acusou os gentios, acusou os judeus; era consequente que doravante falasse da justiça, que provém da fé. O Apóstolo mostrou que a lei natural não ajudou, nem a Lei escrita fez algo mais, mas, não utilizadas convenientemente, ambas foram um peso e eles mereceram maior suplício, enfim que era necessária apenas a salvação originária da graça. Explana-a, portanto, ó Paulo, e mostra-a. Mas ainda não ousa, hesitando diante da petulância dos judeus; de fato, altera novamente o discurso para acusá-los. Em primeiro lugar, apresenta como acusador a Davi, que se refere muito a este problema,

enquanto Isaías tocou brevemente no assunto. Desta forma, preparou forte freio para não escaparem, nem alguns dos ouvintes se retirarem diante dos sermões sobre a fé, já antes retidos devidamente pelas acusações dos profetas. De fato, o profeta expõe três pontos graves, dizendo que todos praticavam o mal, que misturavam o bem com o mal, e só a maldade era exercida, com grande empenho. Em seguida, para que não dissessem: Será contra outros que estas palavras foram proferidas? acrescentou:

19. *Ora, sabemos que tudo o que a Lei diz, é para os que estão sob a Lei que o diz,*

A saber, depois de Isaías, que evidentemente visava a eles, introduz Davi, para mostrar que eram também palavras referentes a eles. Pois, qual a necessidade, diz ele, de que o profeta, enviado para vossa emenda, acusasse a outros homens? Nem a Lei fora dada para outros senão a vós. Por que, então, não disse: Sabemos tudo o que o profeta diz, e sim: *“Tudo o que a Lei diz”*? Paulo costuma dar a todo o Antigo Testamento o nome de Lei. Pois diz em outra passagem: “Não ouviste a Lei? Que Abraão teve dois filhos” (Gl 4,21.22)? E daí também chamarmos os salmos de Lei, dizendo: *“Ora, sabemos que tudo o que a Lei diz, é para os que estão sob a Lei que o diz”*. Em seguida, mostra que não se exprime assim para acusar apenas, mas também para a Lei preparar o caminho à fé. Tão grande era a harmonia entre o Antigo e o Novo Testamento que as acusações e exortações sem dúvida eram para que a porta esplêndida da fé fosse aberta aos ouvintes. Efetivamente, o que mais constituía perdição para os judeus era que se orgulhavam, conforme Paulo mais adiante assegurou, isto é: “Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10,3). Visto que eles subvertiam a Lei e o Profeta, reprime-lhes o orgulho e elimina-lhes o inchaço, a fim de que, refletindo sobre os seus pecados, despojando-se da arrogância, e vendo-se em extremo perigo, com grande empenho acorressem àquele que lhes oferecia a remissão dos pecados, e recebessem a graça por meio da fé. Dando-o a entender, Paulo dizia: *“Ora, sabemos que tudo o que a Lei diz, é para os que estão sob a Lei que o diz”, a fim de que toda boca se cale e o mundo inteiro se reconheça réu em face de Deus,*

Nesta passagem mostra que os judeus estão destituídos da confiança nas boas obras, e só em palavras eram arrogantes e despudorados. Por isso usou de uma expressão adequada, dizendo: *“A fim de que toda boca se cale”*, para assinalar como era impudente e desenfreada a jactância deles, assim como tinha sido a língua deles cuidadosamente refreada. Aquela corria como uma torrente violenta, mas o profeta a refreou. Ao dizer Paulo: *“A fim de que toda boca se cale”*, não quer afirmar que eles pecaram a ponto de sua boca se fechar, mas de tal modo eram refutados que não podiam ignorar que haviam pecado. *“E o mundo inteiro se reconheça réu em face de Deus”*. Não disse: O judeu, mas: Toda a natureza. A expressão, portanto: *“A fim de que toda boca se cale”* os subentende, embora não claramente, para que o discurso não fosse severo; quanto à expressão: *“E o mundo inteiro se reconheça réu em face de Deus”*, simultaneamente foi enunciada a respeito dos judeus e dos gentios. No intuito de comprimir a arrogância deles é significativo o fato de não terem nesta questão nada a mais que os gentios e partilharem as condições dos condenados, relativamente à economia da salvação. De fato, chama-se réu propriamente a quem não é capaz de se defender, mas precisa do auxílio de outrem. Nestas condições estavam todos os nossos interesses, pois havíamos perdido tudo o que tende à salvação.

20. *pois da Lei vem só o conhecimento do pecado.*

Novamente investe contra a Lei, contudo brandamente; com o que diz não acusa a Lei, mas a indolência dos judeus; todavia, uma vez que ia falar a respeito da fé, esforça-se por demonstrar que a Lei estava muito debilitada. Com efeito, se te glorias da Lei, assegura, ela mais te incute vergonha, pois revela teus pecados. Na verdade, não fala tão asperamente, mas de novo com suavidade: *“Pois da*

Lei vem só o conhecimento do pecado”. Em consequência, o suplício é maior, relativamente aos judeus. Ora, a Lei fez que o pecado te fosse manifesto; a ti competia fugir. Mas, se não fugiste, atraíste sobre ti maior castigo, e a Lei se tornou provisão para maior represália.

Por conseguinte, após ter acentuado o temor, introduz o que se relaciona à graça, incutindo grande desejo de remissão dos pecados. E disse:

Revelação da justiça de Deus

21. Agora, porém, independente da Lei, se manifestou a justiça de Deus,

Trata aqui dum assunto muito importante, necessitado de muitos esclarecimentos. Se, portanto, os que vivem sob a Lei não só não escapam do suplício, mas ficam sujeitos a pena mais grave, como é possível que um homem sem lei evite o castigo e além disso seja justificado? Colocou aqui duas ideias principais: A da justificação e da obtenção de tais bens sem a Lei. Por isso não disse simplesmente: Justiça, mas *“Justiça de Deus”*, mostrando que, segundo a dignidade da pessoa, o dom é maior, e que a promessa há de ser cumprida, visto que a Deus tudo é possível. E não disse: Foi dada, e sim: *“Se manifestou”*, cortando qualquer denúncia de inovação, pois o que se manifestou é antigo e arcano. E não somente isto, mas também a sequência revela que não é novo. Tendo dito: *“Se manifestou”*, acrescentou: testemunhada pela Lei e pelos Profetas.

Efetivamente, não te perturbes porque foi dada agora, nem como se fosse coisa nova e estranha; outrora a Lei e os profetas já a haviam predito. E com este argumento já provou uma e provará a outra. Mais acima citou Habacuc, dizendo: *“O justo viverá da fé”* (Rm 1,17); logo, porém, menciona Abraão e Davi a tratar conosco do mesmo assunto. Era grande entre eles a autoridade destas pessoas: o primeiro era patriarca e profeta, o segundo rei e profeta, e as promessas a ambos sobre estas questões se realizaram. Por isso Mateus, começando o evangelho, primeiro faz menção de ambos, e em seguida desenvolve a série dos progenitores. Tendo dito, portanto: *“Livro da origem de Jesus Cristo”* não se deteve para dizer Isaac e Jacó depois de Abraão, mas unido a Abraão mencionou Davi. E o que é de admirar, colocou Davi antes de Abraão, dizendo: *“Filho de Davi, filho de Abraão”*; e então, começou a enumerar Isaac, Jacó e os subsequentes. Por isso o Apóstolo aqui frequentemente trata deles e diz: *“A justiça de Deus, testemunhada pela Lei e pelos Profetas”*. No intuito de evitar que alguém dissesse: É possível que nós, que em nada contribuimos para a realização do plano divino, consigamos a salvação? Ele explica que não foi pouco o que conferimos, digo, a fé. Tendo dito, portanto: *“Justiça de Deus”*, acrescenta:

22. que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem –

Novamente aqui se revolta o judeu, por não ter prerrogativa alguma, e ser enumerado com todo o orbe. A fim, portanto, de que não o sinta, mais uma vez retira-lhe o temor, acrescentando: pois não há diferença.

23. sendo que todos pecaram

Não me digas: Um é grego, outro é cita, aquele outro é trácio. Todos, na realidade, acham-se nas mesmas condições. Com efeito, embora tenhas recebido a Lei, somente aprendeste a reconhecer o pecado, e não a fugir dele. Em seguida, para que não se dissesse: Pecamos, mas não quanto aqueles, aditou: e todos estão privados da glória de Deus.

Por conseguinte, embora não tanto quanto eles, tu pecaste, e em consequência estás igualmente privado da glória, és do número dos que ofenderam a Deus. Quem ofendeu, contudo, não há de ser contado entre os glorificados, e sim entre os que foram confundidos. No entanto, não temas. Não me exprimi dessa forma para lançar-te no desespero, mas a fim de revelar-te a bondade do Senhor. Por

essa razão, aditou:

24. *e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção em Cristo Jesus:*

25. *Deus o propôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé. Ele queria assim manifestar sua justiça,*

Vê quantos argumentos apresenta do que foi dito. Em primeiro lugar, apoia-se na dignidade da pessoa: Não se trata do homem cujas obras falham, mas do Deus onipotente: “*A sua justiça*”, diz ele. Em segundo lugar, extrai uma prova da Lei e dos Profetas, a fim de não teres receio ao ouvires a expressão: “*Sem lei*”, o que parece harmonizar-se com a Lei. Em terceiro lugar, comprova por meio dos sacrifícios do Antigo Testamento, pois disse: “*Por seu próprio sangue*”, relembrando-lhes o sangue das ovelhas e dos bois. Pois, se a imolação dos animais perdoava os pecados, muito mais este sangue. E não disse simplesmente: Libertação, mas “*Redenção*”, como se não retornássemos de forma alguma àquela escravidão. E fala em: “*Propiciação*”, assinalando que se o tipo teve tanta força, muito mais a realidade a terá. E ainda, mostrando que não se trata de novidade nem de fato recente, disse: “*Propôs*” e após ter afirmado: “*Deus propôs*” e explicado que era obra do Pai, declara que também é obra do Filho, pois o Pai propôs e o Cristo em seu sangue tudo realizou.

Ele queria manifestar a sua justiça

O que significa: Manifestação da justiça? Manifestação das riquezas, enquanto não é apenas ele que é rico, mas enriquece também os outros. E igualmente manifestação da vida, enquanto não é ele sozinho que vive, mas ainda vivificará os mortos; e do poder, porque ele não é o único poderoso, mas além disso corrobora os fracos. Assim acresce que manifesta a justiça, porque não somente ele próprio é justo, mas logo transforma em justos os demais, corrompidos pelos pecados. Interpretando-o, o Apóstolo acrescenta o que é manifestação:

26. *para mostrar-se justo e para justificar aquele que é pela fé em Jesus.*

Não duvides, portanto. A justificação não é oriunda das obras, mas da fé. Nem fujas da justiça de Deus. Possui dupla prerrogativa: É leve e é proposta a todos. Não te envergonhes, não enrubescas, pois se Deus se mostra agindo de tal maneira e, por assim dizer, apresenta-se e se congratula, como tu te envergonhas e te ocultas por causa daquilo de que teu Senhor se gloria? Paulo, portanto, tendo animado o ouvinte ao enunciar que os feitos são demonstração da justiça de Deus, novamente estimula o hesitante e medroso que recusa aproximar-se, nesses termos: pela remissão dos pecados de outrora,

Vês como frequentemente relembra-lhes os pecados? Mais acima ao dizer: “*Da Lei vem só o conhecimento do pecado*”, e depois: “*Todos pecaram*”; aqui, porém, mais vigorosamente. Não disse: Por causa dos pecados, mas: “*como instrumento de propiciação*”, isto é, de tolerância, de mortificação. Não havia esperança de cura, mas como o corpo de um parálítico precisa do auxílio de uma mão que vem de cima, igualmente a alma amortecida. E indica merecer maior acusação o fato mais grave e que ele coloca na série das causas. De que se trata? Que a propiciação se dera “*no tempo da paciência de Deus*”. Não podeis afirmar que não vos apoiáis em grande tolerância e benignidade.

A locução: no tempo presente refere-se àquele que teve grande tolerância e bondade. Como havíamos caído no desespero, diz ele, e fosse o momento de se proferir a sentença, os males acrescessem e os pecados chegassem ao cúmulo, então ele manifestou seu poder para perceberes a abundância de sua justiça. Se aquilo acontecesse no princípio, não pareceria tão admirável e estupendo como agora, quando se ultrapassou toda medida de cura medicinal.

A função da fé

27. Onde está, então, o motivo de glória? Fica excluído. Em força de que lei? A das obras? De modo algum, mas em força da lei da fé.

Paulo energicamente conclui que a fé tinha tanto valor quanto a Lei jamais poderia imaginar. Após ter dito que Deus justificará o homem pela fé, novamente assume a Lei. E não diz: Onde, portanto, estão as boas obras dos judeus? Onde o exercício da justiça? Mas: *“Onde está, então, o motivo de glória?”* sempre assegurando que os judeus se gabavam exclusivamente como se tivessem mais do que os outros; mas não apresentavam obra alguma. E tendo dito: *“Onde está, então, o motivo de glória?”* não responde: Sumiu e se perdeu, e sim: *“Fica excluído”*, o que denota de preferência estar fora de época, porque o tempo oportuno passou. Como na hora do julgamento, aqueles que quiserem fazer penitência não terão mais tempo, assim após ter sido proferida a sentença, quando estavam perdidos, na presença daquele que pela graça apagava os crimes, não tinham mais tempo de pretender arrepender-se por meio da Lei.

Se, portanto, importava conformar-se a isto, deveria ter sido feito antes da vinda do juiz, mas após a vinda do salvador por meio da fé, terminou finalmente o tempo dos combates; na verdade, finalizados todos, pela graça ele dá a salvação. Por este motivo ele vem agora para que não se diga: Se tivesse vindo no princípio, poderia acontecer que pela Lei a salvação fosse obtida pelo próprio labor e pelas obras. Por conseguinte, coibindo a impudência dos judeus, adiou por longo tempo, de sorte que enfim por meio de tudo se depreendesse que eles não bastavam a si próprios; então por sua graça ele lhes daria a salvação. Por isso, tendo dito acima: *“Ele queria manifestar a sua justiça”*, incluiu: *“No tempo presente”*. Se alguém contradisser, faz o mesmo que um homem que cometeu muitos pecados, não pode se justificar no juízo e tendo sido condenado, vai ser entregue ao suplício, mas por indulto do rei é libertado e insolentemente depois se gloria, proclamando que não pecou de modo algum. Deveria demonstrá-lo antes de receber o benefício; após, já não é tempo de se gloriar. Foi o que aconteceu aos judeus. Uma vez que por si próprios estavam condenados, Cristo veio, e por sua vinda tirou-lhes a jactância. Quem, contudo, se diz preceptor de crianças e gloria-se na Lei, denomina-se mestre de estultos, e em consequência precisando de mestre e salvador, não tem direito de se gloriar. Se, portanto, anteriormente a circuncisão se converteu em incircuncisão, muito mais agora, pois ela foi abolida em ambos os tempos. Tendo afirmado que ela foi excluída, expõe como tal sucedeu. Como, portanto, foi excluída?

“Em força de que lei? A das obras? De modo algum, mas em força da lei da fé.”

Eis que dá à fé o nome de Lei, com liberdade empregando estes termos, a fim de atenuar o que parecia uma novidade. Qual é, porém, a lei da fé? Que por meio da graça se obtenha a salvação. Neste trecho manifesta o poder de Deus que não só conservou, mas também justificou e levou à glorificação, sem necessitar das obras, mas que reclama apenas a fé. Ele o assegura também para preparar o judeu fiel à modéstia, e reprimir o infiel de sorte a atraí-lo. Pois quem obteve a salvação, se ao atender à Lei se orgulha, ouvirá que a própria Lei lhe fecha a boca, o acusa, lhe impede a salvação e exclui a vanglória; quem, contudo, não acreditou, por isso mesmo sendo humilde, poderá aceder à fé. Viste a força da fé? Como afasta das realidades anteriores, não permitindo que eles se gloriem?

28. Porquanto nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei.

Desta forma o Apóstolo mostra que eles pela fé são superiores aos judeus; finalmente com muita ousadia disserta a respeito da fé e oferece remédio àquele que se perturbava por causa disso. De fato, duas coisas angustiam os judeus: uma, na verdade, se aqueles que com as obras não foram salvos, poderiam sem as obras salvar-se; outra, se seria justo que os incircuncisos fruissem dos mesmos bens que aqueles que durante tanto tempo foram nutridos sob a Lei. Esta dificuldade os conturbava mais do

que a primeira. Por isso, após ter provado aquela, procede à seguinte, que de tal modo inquietava os judeus os quais, até mesmo após terem recebido a fé, acusavam a Pedro por causa da questão de Cornélio. De que se tratava? *“Porquanto nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei.”* Não disse: o judeu, ou aquele que vive sob a Lei, mas ampliando o discurso a um espaço mais vasto, e abrindo ao orbe as portas da salvação, diz: *“o homem”*, usando o vocábulo que significa a natureza em geral. Em seguida, aproveitando a ocasião, resolve a antítese não formulada. Era provável que os judeus, ouvindo dizer que todo homem é justificado pela fé, o levasse a mal e se escandalizasse; por isso acrescentou:

29. Ou acaso ele é Deus só dos judeus?

Como se dissesse: Por que te parece absurdo que todo homem consiga a salvação? Acaso Deus é parcial? Com isto mostra que eles, querendo ser molestos aos gentios, antes atingiam a glória de Deus, porque não queriam permitir que Deus fosse de todos os homens. Se Deus é de todos em geral, a todos também provê; se a todos provê, a todos igualmente salva pela fé; por isso diz: *“Ou acaso ele é Deus só dos judeus?”*

Não é também dos gentios? Lógico que também dos gentios.

Deus não é parcial, conforme narram os mitos dos gregos, mas é um só, universal; por este motivo o Apóstolo acrescenta:

30. Pois há um só Deus,

Isto é, o mesmo Deus é destes e daqueles.

Se, porém, fazes referência à antiguidade, também então a providência era universal, embora de modo diverso. Com efeito, a Lei escrita a ti foi dada, aos antigos, porém, a lei natural; e eles não tinham menos, e poderiam até vencer-te, se quisessem. Por esta razão, o Apóstolo acrescenta, dando a entender o mesmo:

que justificará os circuncisos pela fé e também os incircuncisos através da fé.

Relembra-lhes o que dissera antes sobre a incircuncisão e a circuncisão, havendo demonstrado não haver diferença alguma. Se então não havia diferença, muito mais agora. Provando-o mais claramente, explana que ambos de modo semelhante necessitam da fé.

31. Então eliminamos a Lei através da fé? De modo algum! Pelo contrário, a consolidamos.

Notaste a prudência múltipla e inefável? Pelo fato de dizer: *“Consolidamos”* mostra que a Lei não é válida, mas foi abolida. E vê a imensa força do engenho de Paulo e com que facilidade prova o que quer. Nesta passagem manifesta que a Lei não só não prejudica a fé, mas até a auxilia e prepara o caminho à fé. Como, pois, a Lei previamente dá testemunho da fé (pois disse: *“Testemunhada pela Lei e pelos Profetas”*), assim também a fé consolidou a Lei deficiente. E como, replicas, a consolidou? Qual a obra da Lei, e por que operava? Para justificar o homem. Na verdade, a Lei não o pôde fazer, pois: *“Todos pecaram”*. A fé, ao sobrevir, prestou tal benefício; aquele que acreditou simultaneamente foi justificado. Por conseguinte, consolidou o que a Lei ordenava, e a graça finalmente levou a termo aquilo por cujo intermédio a Lei tudo realizava. Não a aboliu, portanto, mas levou-a à perfeição. Neste trecho demonstrou três coisas: que sem a Lei o homem pode ser justificado, que a Lei não o pôde fazer, que a fé não se contrapõe à Lei. Visto que aos judeus o que mais inquietava era que a fé parecesse contrária à Lei, expôs melhor do que eles desejavam não só que não é contrária, mas luta a seu lado e coopera. Era o que eles mais desejavam ouvir.

Mas, uma vez que, além da graça, pela qual somos justificados, é preciso levar vida honesta, mostremos zelo digno de tamanho dom; nós o manifestaremos se com grande diligência conservarmos a caridade, mãe de todos os bens. A caridade não consiste em simples palavras e saudações, mas é

auxílio e exibição de obras; por exemplo, seria aliviar a pobreza, socorrer os doentes, livrar dos perigos, estar presente aos que sofrem tribulação, chorar com os que choram, alegrar-se com os que se alegram. Com efeito, também isto deriva da caridade e embora pareça insignificante alegrar-se com os que se alegram, é certamente grande, e exige uma alma possuidora da sabedoria. Encontram-se muitos que fazem com dedicação o que é mais incômodo, mas dificilmente cumprem este dever. Muitos, de fato, choram com os que choram, mas não querem alegrar-se com os que se alegram; lacrimam enquanto os outros se alegram, o que se origina da inveja e do ciúme. Não é obra insignificante alegrar-se com o irmão que se alegra, é até mais valiosa do que as outras: Não só chorar com os que choram, mas também ajudar os irmãos em perigo. Com efeito, muitos enfrentam o perigo com os que periclitam, mas não aceitam a felicidade do próximo. Tão grande é a tirania da inveja! Entretanto, a primeira ação se realiza com labor e suor, a última, porém, deriva apenas da mente e da vontade. Muitos, contudo, suportam o que é mais incômodo e não praticam o mais fácil, mas se consomem e arruinam ao virem o próximo ilustrar-se e prosperar, ou ao contemplarem a Igreja toda socorrida pela palavra ou de outra forma. O que pode haver de pior? Tal pessoa combate não só contra os irmãos, mas também contra a vontade de Deus. Considerando estas coisas, portanto, sacode este fardo; e se não queres livrar o próximo, ao menos a ti livra-te de mil males. Por que lutas, revolvendo tais pensamentos? Por que enches a alma de tumulto? Por que excitas uma tempestade, e revolucionas tudo? Como poderás com tais disposições pedir perdão dos pecados? Com efeito, se Deus não perdoa os pecados daqueles que não perdoam as injúrias recebidas, que perdão dará aos que se esforçam por danificar os que em nada o prejudicaram? Trata-se certamente de demonstração de extrema maldade; esses tais em companhia do diabo, combatem a Igreja. Talvez, na verdade, o mal seja muito pior, porque do diabo podemos precaver-nos, enquanto os que fingem amizade, às ocultas acendem o fogo, são os primeiros a se lançarem na fornalha, e estão atacados de um mal que não só não lhes permite obter misericórdia, mas também provoca muita irrisão. Por que, dize-me, empalideces, tremes e estás temeroso? Que mal aconteceu? É pelo fato de ser o irmão ilustre, brilhante e estimado? Ora, devias colocar uma coroa, alegrar-te, dar glória a Deus, porque um de teus membros se fez esplêndido e ilustre; mas te condóis porque Deus é glorificado. Vês para onde tende a luta? Ora, não lastimo, replicas, porque Deus é glorificado, e sim o irmão. Na verdade, por intermédio dele, a glória sobe para junto de Deus e, por conseguinte, igualmente a guerra que declaras. Ora, isto não me desagrada, replicas, mas queria que por mim Deus fosse glorificado. Então, alegra-te quando o irmão é feliz, e por ti Deus será glorificado e todos dirão: Bendito seja Deus que tem tais servos, livres de qualquer inveja e que se alegram reciprocamente pelos bens de uns e outros. E por que me refiro a um irmão? Se fosse adversário e inimigo que glorificasse a Deus, devia tornar-se teu amigo por este motivo. Tu, porém, de um amigo fazes um inimigo, porque Deus por meio de suas boas ações é glorificado. Se alguém tratasse de teu corpo doente, embora fosse inimigo, tê-lo-ias entre teus principais amigos. No entanto, consideras inimigo aquele que ornamenta o corpo de Cristo, isto é, a Igreja, e é amigo? E como podes deste modo empreender guerra contra Cristo? Por isso, embora alguém faça milagres, observe a virgindade e o jejum, durma no chão e assim pela virtude antecipe-se a viver vida angélica, se tiver este vício, será pior do que um adúltero, fornicador, ladrão, violador de túmulos.

E a fim de que ninguém me acuse de exagerado, de bom grado vos interrogarei: Se um homem, com fogo e ferro, incendiasse este edifício, arrasasse o altar, não seria apedrejado pelos presentes como sacrílego e criminoso? E o que seria se alguém for portador de uma chama mais voraz do que este fogo, isto é, da inveja, que não arrasa o edifício, não destrói o altar de ouro, mas subverte e arruína o que é bem mais precioso do que as paredes e o altar, a edificação dos mestres? Que perdão merece? Ninguém me diga que, apesar de frequentemente tentá-lo, não o consegue; as questões serão

julgadas pela intenção. Na realidade, Saul também matou a Davi, embora não o tenha conseguido de fato.

Acaso, pergunto, quando lutas contra o pastor, não pensas que armas insídias às ovelhas de Cristo, às ovelhas, diria, pelas quais Cristo derramou seu sangue, e nos ordenou fazer e sofrer todas as coisas? Não te lembras que o Senhor procurou a tua glória, não a sua? Tu, contudo, não procuras a glória do Senhor, mas a tua própria. Ora, se procurasses a glória dele, obterias a tua; ao menosprezares a dele e buscares a tua, jamais a conseguirás.

Qual será o tratamento desta doença? Conjuntamente oremos todos, emitamos uma só voz por eles, como a favor de energúmenos. Pois eles se acham mais miseravelmente afetados do que estes últimos, visto que tal loucura provém de uma resolução. Na verdade, é doença que exige oração e muitas súplicas. De fato, se não aproveita àquele que não ama seu irmão distribuir as próprias riquezas, celebrar-se com o martírio, calcula o suplício que merece quem declara guerra a alguém que não lhe infligiu mal algum. É pior do que os gentios. Pois, se não temos mais do que eles, se amamos só os que nos amam, pergunto, que lugar caberá a quem inveja os que lhe dedicam amor?

Com efeito, a inveja é pior do que a guerra. Eliminada a causa da guerra, o combatente desiste da inimizade; o invejoso, porém, jamais se torna amigo. O primeiro, de fato, ataca em guerra declarada, o outro, ocultamente; aquele muitas vezes pode apresentar plausíveis motivos de declaração de guerra; este, apenas loucura e decisão satânica. A que, portanto, é comparável tal alma? A que víbora, a que áspide? A que verme? A que escaravelho? Nada de mais malvado, de pior do que tal alma. Foi, digo, o que subverteu as Igrejas, gerou as heresias, armou a mão fraterna de Caim e fez com que mergulhasse a direita no sangue do justo, arruinou as leis da natureza, abriu as portas da morte e levou a efeito a maldição que o atingiu. Não deixou que aquele infeliz se recordasse de seu nascimento, nem dos pais, de ninguém mais; e excitou tanto furor e loucura que, apesar da exortação de Deus que lhe dizia: “Ele estará te espreitando; mas, tu deverás dominá-lo” (Gn 4,7), nem assim ele cedeu. Entretanto, Deus perdoou-lhe e a ele submeteu o irmão; mas esta doença era tão incurável que, mesmo com inúmeros remédios, sempre continuava purulenta. Por que, pois, tu, o pior de todos os homens, te lamentas? Seria porque Deus é glorificado? Tratar-se-ia de atitude satânica. Ou porque o irmão era agradável a Deus? Mas podes superá-lo. Por conseguinte, se quiseses vencê-lo, não o mates, não o suprimas, mas deixa-o subsistir, a fim de conservar a ocasião do certame, e vencê-lo em vida. Assim terás uma coroa esplêndida, enquanto, se o matares, maior será a sentença contra ti do que se fosses vencido. Mas a inveja desconhece tudo isso. Por que amas a glória apesar de tamanha solidão? Pois somente eles dois então habitavam a terra. No entanto, nada disto o coibiu, mas, lançando tudo fora do espírito, pôs-se ao lado do diabo em linha de batalha; de fato então este último comandava a Caim. Como não lhe bastasse que o homem se tivesse tornado mortal, tentava com esta espécie de morte realizar maior tragédia e persuadiu-o de que se fizesse fratricida. Tinha pressa e angustiava-se por ver a sentença de morte realizada, porque nunca se sacia com nossos males. À semelhança de alguém que, vendo um inimigo prisioneiro, e condenado à morte, tem pressa de vê-lo morto antes de sair da cidade, sem esperar o tempo marcado; assim também agiu o diabo. Embora tivesse ouvido que o homem voltaria ao pó, queria ver algo mais, a saber, um filho morto antes do pai, um irmão que matava o irmão prematura e violentamente.

Viste para quanto serviu a inveja? Como satisfez o desejo insaciável do diabo e lhe preparou mesa tão farta quanto ele ambicionava? Fugamos, portanto, desta doença. Com efeito, não podemos, na verdade não podemos escapar daquele fogo preparado para o diabo se não nos libertarmos desta moléstia. Libertar-nos-emos se pensarmos quanto Cristo nos amou, ordenado-nos o amor mútuo. De que modo nos amou? Deu seu precioso sangue por nós, seus inimigos, que lhe infligíramos imensas

injúrias. Assim também deves agir para com teu irmão, pois ele diz: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34). Ou melhor, ele não se deteve nesses limites, porque o fez em favor dos inimigos. Mas não queres dar teu sangue pelo irmão? Por que, portanto, derramas o sangue dele e violas o preceito, agindo em sentido contrário? Cristo não o fez por dever; tu, contudo, se o fizeres, cumpres uma obrigação. O servo que recebeu o perdão de dez mil talentos e exigia pagamento de cem denários, não foi punido apenas por sua exigência, mas também porque não se tornou mais bondoso em vista do benefício recebido, nem imitou de perto o que o senhor fizera em primeiro lugar, perdendo a dívida. Se o fizesse, cumpriria o dever de servo. Com efeito, seja o que for que fizermos é cumprimento de um dever. Por isso dizia o Senhor: “Quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: ‘Somos servos inúteis, fizemos apenas o que devíamos fazer’” (Lc 17,10). Por conseguinte, se praticamos a caridade, se damos esmola aos necessitados, cumprimos um dever. Não só porque o Senhor foi o primeiro a conferir benefícios, mas porque, se dermos, distribuimos o que é dele. Por que, portanto, te privas dos bens de que ele quer que sejas senhor? Ordenou-te que os desses, para os possuíres. Enquanto os retiveres exclusivamente para ti, não os possuirás; ao dares a outrem, então os recebes. Existe algo que possa igualar-se a este amor? Ele derramou seu sangue pelos inimigos, nós, contudo, nem dinheiro damos por nosso benfeitor. Ele deu seu sangue, nós nem o dinheiro que não é nosso. Ele antes de nós, nós nem em seguimento dele. Ele por nossa salvação, nós nem para nossa utilidade. Nossa benignidade nada lhe acrescentou, mas todo o lucro reverte para nós próprios. Por isso recebemos ordem de dá-los a fim de não os perdermos. À semelhança de alguém que dá dinheiro a uma criança, e ordena-lhe que cuidadosamente o guarde, ou entregue ao servo em custódia, a fim de que um ladrão não o fure, assim atua Deus. Dá ao pobre, diz ele, para que não o arrebate o fraudulento, ou o diabo, ou o ladrão, ou por fim, a morte. Enquanto o retiveres, não o conservas com segurança; se, porém, o transmitires a mim, através dos pobres, reservar-te-ei tudo cuidadosamente e em tempo oportuno restituí-lo-ei com muitos juros. Não o aceito para tirá-lo, mas para aumentá-lo e guardá-lo com garantia e reservá-lo para aquele tempo em que não haverá quem possa emprestar, nem ter compaixão. O que é mais cruel do que nós que, após tantas promessas, nem mesmo queremos dar-lhe um penhor? É por isso que partimos para junto dele desprotegidos, despojados e pobres, sem termos os bens que nos foram confiados, porque não os depositamos junto daquele que tudo reserva cuidadosamente. Por este motivo, sofreremos as piores penas. Acusados, o que poderemos responder para evitar a ruína? Que defesa, que justificação? Por que não deste? Desconfias que não hás de recuperar? Qual a razão para isso? Aquele que concedeu a quem não deu, não há de outorgar tanto mais após ter recebido? Tu te deleitas ao contemplar tuas posses? Muito mais, portanto, deves dar para te deleitares melhor quando ninguém poderá roubá-las; ao invés, se agora as guardas, sofrerás inúmeros males. Com efeito, o diabo, à semelhança de um cão, pula sobre os ricos, como alguém que quisesse tomar um bocado ou um doce das mãos de uma criança. Entreguemos nossos bens, portanto, ao Pai. Se o diabo vir tal cena, logo fugirá; e com o afastamento dele, no século futuro, quando ele não puder mais causar-te dano, o Pai certamente dar-te-á tudo. Agora, de fato, os ricos em nada diferem das crianças, que os cachorrinhos atacam, cercandolas a ladrar, morder, arrastar. Não procedem deste modo apenas os homens, mas também as vis paixões, a gula, a embriaguez, a adulação, a lascívia. Pois, se queremos dar em empréstimo, com diligência buscamos pessoas gratas e propensas a dar muito. Em nosso caso, fazemos o contrário: Desistimos de Deus, muito liberal, que não dá a centésima parte, mas o cêntuplo, e abordamos aqueles que nem o capital nos restituem.

O que nos devolve o ventre, consumidor da maior parte de nossos recursos? Esterco e corrupção. O que a vanglória? A inveja e o ciúme. O que a parcimônia? Cuidados e solicitude. O que a lascívia? A

geena e o verme venenoso. São devedores que nos pagam os seguintes juros de nosso capital: Prejuízos presentes e males futuros. Emprestamos aos que nos haverão de ocasionar tão grande suplício, e não confiamos em Cristo, que oferece o céu, a vida imortal, os bens ocultos? Que defesa teremos? Por que não dás a quem haverá de retribuir e devolver muito mais? Talvez porque restituirá após muito tempo? Entretanto, ele dá também nesta vida. Não pode mentir aquele que diz: “Buscai o Reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33). Viste a imensa liberalidade? Aqueles bens, assegura, ser-te-ão reservados, e não haverão de diminuir e acrescento os bens presentes como um suplemento. Além disso, o longo prazo aumenta tuas riquezas, porque crescem os juros. Verificamos, de fato, que entre os que emprestam a juros acontece que de bom grado emprestam àqueles que pagarão após muito tempo. Devolver imediatamente o empréstimo interrompe o curso dos juros; reter durante mais tempo reverte em lucro maior. Por conseguinte, não levamos a mal a demora entre os homens, mas cuidamos de que seja maior, e seremos de tal modo pusilânimes em relação a Deus que nos tornamos lentos e recuamos, embora, conforme disse, na terra nos conceda proporcionalmente e nos prepare algo de maior, entesourando no céu? A grandeza do dom e sua beleza superam de longe a humildade da vida presente. É impossível que num corpo mortal e perecível se alcancem coroas imarcescíveis, e na vida presente, cheia de turbulência e agitação, sujeita a muitas alterações, não é possível obter sorte imutável e tranquila. Com efeito, se alguém te devesse ouro enquanto estivesse morando em terra estrangeira, onde não possuis servos, nem podes transferir coisa alguma para a pátria, e ele te promettesse pagar o empréstimo, suplicarias com instância que não o solvesse em terra estranha, mas quando voltasses para casa. E queres receber aqui bens espirituais e inefáveis? Que loucura! Na verdade, se os receberes aqui, certamente serão dons passageiros; se, porém, esperares o tempo oportuno, obterás bens incorruptíveis, permanentes. Se os alcançares na terra, serão de chumbo; se for no além, serão ouro depurado. Na realidade, nem dos bens presentes o Senhor te privará. Pois, àquela promessa aditou outra, dizendo: Quem ama os bens celestes, receberá o cêntuplo neste mundo e possuirá a vida eterna (cf. Mt 19,29).

Se, portanto, não ganhamos o cêntuplo, somos os responsáveis porque não pedimos emprestado àquele que pode dar tanto; todos os doadores obtêm tamanhos bens, apesar do pouco que deram. Que grande bem, pergunto, Pedro lhe conferiu? Acaso não foi apenas uma rede rota, uma vara com anzol? Todavia Deus lhe abriu as portas das casas em todo o orbe, tornou-lhe acessível terra e mar e todos o convidavam para junto de si; ou melhor, vendendo os bens que lhe pertenciam, depositavam o preço a seus pés, não os passando às mãos (pois não o ousavam), tributando-lhe tão grande honra com munificência. Mas, tratava-se de Pedro, replicas. E o que importa, ó homem? Não foi só a Pedro que ele prometeu, nem disse: Tu, ó Pedro, receberás sozinho o cêntuplo, mas: “E todo aquele que tenha deixado casas ou irmãos, receberá o cêntuplo” (Mt 19,29). Ele não faz acepção de pessoas, mas reconhece os respectivos méritos. Mas, respondes, estou cercado de um grupo de filhos, e quero deixar-lhes riquezas. De que modo se empobrecerão? Se lhes entregares tudo, não confias o conjunto todo a um guarda garantido; se, porém, constituíres a Deus seu co-herdeiro e tutor, deixa-lhes inúmeros tesouros. Pois Deus não nos defende quando nós próprios nos vingamos; mas se a ele nos entregamos, alcançaremos além da expectativa. O mesmo sucede relativamente ao dinheiro. Se nos preocuparmos, ele omite as providências a respeito. Se lhe entregarmos tudo, ele o colocará e aos filhos em completa segurança. E por que te admiras de que Deus costume assim agir, se vês o mesmo entre os homens? Com efeito, se ao morreres não chamares parentes para tutor dos filhos, o pudor e o respeito muitas vezes contém aquele que deseja ardentemente envolver-se naquela tutela; ao invés, se lhe entregares este cuidado, o que constitui o máximo sinal de estima, ele retribuirá do melhor modo.

Se queres, portanto, que os filhos herdem muitas riquezas, entrega-as à providência de Deus. Ele,

apesar de nada teres feito, deu-te a alma, plasmou o corpo, e concedeu-te a vida; ao ver que demonstras tamanha liberalidade, e confias-lhe os filhos e teus bens, acaso não abrirá seus tesouros? Se, na realidade, Elias, nutrido com um pouco de farinha, tendo visto aquela mulher preferi-lo a si e aos filhos, conseguiu um celeiro e um lagar para a casinha da viúva, reflete quanta benevolência o Senhor de Elias não haverá de te demonstrar. Por conseguinte, não olhemos de que modo enriqueceremos os filhos, e sim como os deixaremos virtuosos. Efetivamente, se eles se apoiarem nas riquezas, a nada atenderão, uma vez que podem abrigar a desonestidade dos costumes sob a sombra da abundância das riquezas; se, porém, encontrarem-se destituídos deste apoio, tudo farão por adquirirem, com o alívio da virtude, muito consolo na própria pobreza. Não lhes deixes em herança, portanto, as posses, mas a virtude. De fato, seria extrema loucura enquanto vivermos não lhes entregar o domínio de todas as propriedades, e preparar para a juventude fáceis licenças para depois de nossa morte. Ora, durante a vida podemos pedir-lhes contas, emendá-los e refrear o abuso das riquezas; ao faltarmos, porém, em consequência da morte, e entregarmos aos jovens a administração das riquezas, jogaremos aqueles infelizes e miseráveis em mil precipícios, lançando lenha ao fogo, e derramando óleo na fornalha ardente. Por conseguinte, se quiseses deixá-los ricos sem perigo, seja Deus o devedor, e entrega-lhe o comprovante. Se eles, portanto, receberem as riquezas e não souberem a quem transmiti-las, incidirão em muitos caluniadores e ingratos; se, ao contrário, cauteloso, as emprestares a Deus, o tesouro permanecerá íntegro, e será resgatado com muita facilidade. Na verdade Deus nos agradece ao devolver o débito, e tem mais complacência relativamente aos que lhe emprestaram do que aos que não o fizeram, e ama especialmente aos maiores credores. Em consequência, se queres tê-lo como perpétuo amigo, transforma-o em grande devedor. Aquele que empresta não se alegra por ter devedores quanto Cristo se regozija a respeito dos que lhe emprestam. Foge daqueles aos quais nada deve; acorre aos outros, dos quais é devedor. Façamos o possível, portanto, para que seja nosso devedor. Agora é o tempo dos empréstimos e são usuais. Se, portanto, agora não deres, após tua saída desta vida não haverá necessidade disto. Aqui ele tem sede, aqui tem fome. Tem sede de tua salvação. Por isso mendiga, anda nu, a fim de negociar contigo a vida imortal. Não o desprezes, portanto. Ele não quer obter alimento, mas alimentar; não quer ser vestido, mas vestir e preparar-te um manto de ouro, uma veste régia. Não vês que os médicos mais solícitos, ao lavarem os doentes, lavam-se a si próprios, embora desnecessário? Assim também Cristo faz todo o possível por ti na doença. Por isso não exige de ti nada forçosamente a fim de retribuir melhor e saberes que ele não precisa pedir, mas atende à tua utilidade.

Por este motivo, aproxima-se de ti num aspecto desprezível e estende a direita; se deres um óbolo, não o recusa, se desprezas, não se afasta, mas retorna, porque ama ardentemente, ama a nossa salvação. Menosprezemos, portanto, as riquezas para não sermos desamparados por Cristo, desprezemo-las para consegui-las. Pois, se as conservarmos na terra, certamente as perderemos na terra e no céu. Se as distribuirmos liberalmente, em ambas as vidas usufruiremos de grande opulência. Quem, portanto, quer enriquecer, empobreça a fim de se tornar rico. Gaste para coligir; dissemine para acumular. Se, porém, julgares novidade e paradoxo o que digo, olha o sementeiro e reflete que lhe é impossível colher muito se não tiver o que semear e não disseminar o que tiver à mão. Semeemos também nós, cultivemos o campo celeste, a fim de colhermos com abundância e conseguirmos os bens eternos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

OITAVA HOMILIA

4,1. *Que diremos, pois, que alcançou Abraão, nosso progenitor segundo a carne?*

2. *Ora, se Abraão foi justificado pelas obras, ele tem de que se gloriar. Mas não perante Deus.*

Após declarar que o mundo se tornou culpado perante Deus, porque todos os homens pecaram, e que não é possível obter a salvação de outro modo a não ser pela fé, o Apóstolo se esforça por comprovar que esta salvação não é causa de desonra, mas de glória, e maior do que aquela que se adquire pelas obras. Uma vez que conseguir a salvação com certa ignomínia provoca tristeza, ele elimina também esta suspeita, apesar de já o haver insinuado, denominando-a não somente salvação, mas também justiça: “*Nele se revela a justiça de Deus*” (Rm 1,17). Quem se salva desta forma, salva-se seguramente enquanto justo. E não se refere apenas à justiça, mas também à manifestação de Deus. Deus, na realidade, se revela através dos justos, homens gloriosos, esplêndidos e grandes. De resto, também o comprova por meio das explicações, prosseguindo a dissertação por interrogações, como costuma fazer, tanto por perspicácia quanto por confiança no que diz. De fato, assim agiu mais acima, dizendo: “*Que vantagem há então em ser judeu?*”, e: “*Levamos vantagem?*”, e ainda: “*Onde está, então, o motivo de glória? Fica excluído*”. E aqui: “*Que diremos, pois, que alcançou Abraão, nosso progenitor?*” Visto que os judeus revolveram o assunto, porque o patriarca e amigo de Deus foi o primeiro a assumir a circuncisão, o Apóstolo quer mostrar que também ele foi justificado pela fé, o que constituía imensa vitória. Não é inverossímil que alguém sem as obras seja justificado pela fé; mas é admirável e demonstra melhor a força da fé que uma pessoa exímia nas boas obras não seja justificada por meio delas e sim pela fé. Por esta razão, ele omite o restante, e volta para este assunto. Chama a Abraão de pai segundo a carne, e exclui os circuncisos do genuíno parentesco, preparando aos gentios o caminho para a afinidade com ele. Em seguida, afirma: “*Ora, se Abraão foi justificado pelas obras, ele tem de que se gloriar. Mas não perante Deus*”. Tendo asseverado, portanto, que Deus justifica os circuncisos pela fé e os incircuncisos igualmente pela fé, e havendo comprovado esta afirmação suficientemente pelas premissas, por meio do próprio Abraão melhor demonstra o que prometera e estabelece certa disputa entre a fé e as obras, e todo o certame em torno do próprio justo; e não sem razão. Por isso também honra-o grandemente, denominando-o progenitor, e impondo a necessidade de obedecer a Abraão em tudo. Não venhas dizer-me, assegura ele, que és judeu, nem presentes este ou aquele; pois eu remonto ao princípio, donde teve início a circuncisão. “*Ora, se Abraão foi justificado pelas obras, ele tem de que se gloriar. Mas não perante Deus*”. É obscuro, e reclama um esclarecimento. Existem duas espécies de glorificação: Uma pelas obras, outra pela fé. Quando, portanto, ele diz: “*Se foi justificado pelas obras, ele tem de que se gloriar* – uma glorificação –, “*mas não perante Deus*”, enuncia que Abraão pode também gloriar-se da fé e muito mais. Aqui principalmente se revela a grande força de expressão de Paulo que transforma a parte contrária em argumento a propósito, de sorte que a glória e a confiança da salvação obtida por meio das obras mostra que possui fé em maior grau. De fato, quem se gloria das obras pode apresentá-las; mas quem se regozija porque acredita em Deus, tem muito maior oportunidade de se gloriar, porque glorifica a Deus e o exalta. Recebendo da fé em Deus os bens que a natureza das coisas visíveis não prescreve, manifesta-lhe sincero amor, e proclama-lhe o esplêndido poder, o que é próprio da alma generosa, da mentalidade sábia, do espírito sublime. Pois, não roubar, não matar é próprio de um ânimo vulgar; acreditar que Deus pode fazer o impossível exige grandeza de ânimo, e amor intenso para com ele; de fato, é sinal de autêntica caridade. Certamente presta culto a Deus o cumprimento dos preceitos; muito mais a mentalidade de acordo com a fé. Com efeito, o primeiro é obediência, e esta última tem a respeito dele um conceito conveniente, glorifica-o mais do que pelas obras e o admira. Aquela exaltação é peculiar a quem age retamente; esta, contudo, glorifica verdadeiramente a Deus, e vem inteiramente dele. Glorifica-o, portanto, porque forma a seu respeito grande conceito, que reverte em glória para ele. Por isso, afirma que se gloria em Deus, não só por este, mas também por outro motivo.

O fiel o glorifica ainda não apenas porque ama sinceramente a Deus, mas porque usufrui de grande honra e amor. Ele o ama, tem pensamentos elevados a seu respeito, comprovando seu amor; assim também Deus o amou, apesar de culpado de inúmeros pecados, e não só o livrou do castigo, mas também o justificou. Tem, portanto, motivo de glorificá-lo, a saber, porque foi objeto de grande amor.

3. *Que diz, com efeito, a Escritura? Acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça.*

4. *Ora, a quem faz um trabalho, o salário não é considerado como gratificação, mas como um débito.*

Por conseguinte, replicas, ele é maior? Absolutamente não; pois é imputado ao fiel; não seria imputado se ele não tivesse cooperado.

Ele, portanto, tem a Deus como devedor, não de bens vulgares, e sim de dons grandes e sublimes. Após ter manifestado a elevação de espírito e espiritualidade, não disse simplesmente: Ao fiel, e sim:

5. *crê naquele que justifica o ímpio,*

A fé é levada em conta de justiça. Pondera a importância de persuadir-se e certificar-se de que Deus pode de repente não só livrar do castigo aquele que viveu na impiedade, mas também justificá-lo e fazê-lo partícipe de honras imortais. Não julgues, portanto, ser menos importante, porque não é imputado segundo a graça. Antes, ilustra o fiel o fato de fruir de tamanha graça, de exhibir tão grande fé. E vê que a retribuição também é maior. Àquele é dada a recompensa, a este, porém, a justiça, e a justiça é muito maior do que a recompensa. De fato, à justiça revertem muitas retribuições. Tendo manifestado que assim é em Abraão, em seguida introduz Davi a confirmar suas palavras. O que afirma Davi, e a quem declara feliz? Aquele que se gloria por suas obras, ou aquele que recebeu a graça e a quem coube a remissão e o dom? Ao nomear a bem-aventurança, refiro-me ao ápice de todos os bens. Sendo, pois, a justiça maior do que a recompensa, a bem-aventurança supera a justiça. Tendo, portanto, demonstrado que a justiça é melhor, não só porque Abraão a recebeu, mas também pelos raciocínios (Diz ele: “*Tem de que se gloriar, mas não perante Deus*”), de outra maneira demonstra que é mais honrosa, introduzindo o sufrágio de Davi, pois este proclama feliz o que assim é justificado, nesses termos:

7. *Bem-aventurados aqueles cujas ofensas foram perdoadas,*

Mas, não parece um testemunho adequado, pois não disse: Bem-aventurados aqueles cuja fé foi levada em conta de justiça, mas procede com cautela, apesar de o saber, a fim de destacar a hipérbole. Se, pois, é bem-aventurado aquele que recebeu por graça a remissão, muito mais o que foi justificado porque exibiu a fé. Onde se declara haver bem-aventurança, aparta-se qualquer opróbrio e a glória é maior, pois ela constitui aumento de recompensa e de glória. Por isso, exprime em que é superior, não por escrito, ao dizer: “*Ora, a quem faz um trabalho, o salário não é considerado como gratificação*”; prova, contudo, por testemunho escrito aquilo em que o fiel é preeminente, dizendo: Conforme disse Davi: “*Bem-aventurados aqueles cujas ofensas foram perdoadas*”, e cujos pecados foram cobertos.

Por que dizes, replica, que recebes a remissão não segundo o débito, mas segundo a graça? Mas eis, ele é proclamado feliz; não o diria feliz se não o visse gozar de grande glória. E não diz: Esta remissão é para os circuncisos. Mas, de que modo se exprime?

9. *Ora, esta bem-aventurança (o mais importante) é somente para os incircuncisos, ou também para os incircuncisos?*

Interroga-se doravante se este bem, que é grande, acompanha a circuncisão, ou a incircuncisão. Vê a hipérbole! Ele mostra que não só a incircuncisão não a remove, mas de bom grado a acompanha, de preferência à circuncisão. Com efeito, visto que aquele que o denomina feliz, a saber, Davi, era

circunciso, e falava sendo circunciso, observa quanto se esforça Paulo por aplicar aquela palavra ao incircunciso. Unindo a bem-aventurança à justiça e mostrando que ambas são uma só coisa, pergunta de que modo Abraão foi justificado. Se a bem-aventurança é do justo, e Abraão foi justificado, vejamos como foi justificado, quando era incircunciso ou circunciso. Quando era incircunciso, diz ele.

10. *Mas como lhe foi levada em conta? Estando circuncidado ou quando ainda incircunciso? Não foi quando circuncidado, mas quando ainda era incircunciso;*

“Dizemos, com efeito, que para Abraão a fé foi levada em conta de justiça”. Mais acima mencionou a Escritura (“Que diz, com efeito, a Escritura? Acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça”), aqui também assume o julgamento dos que falam e explica que houve justiça também na incircuncisão. Em seguida também resolve outra objeção que surge: Se, portanto, enquanto era incircunciso foi justificado, por que interveio a circuncisão?

11. *e recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé que ele tinha quando incircunciso.*

Viste que ele incluiu os judeus de certo modo na classe dos parasitas, ou que eles se tornaram adjuntos dos próprios circuncisos? Se, pois, ele foi justificado e coroado quando incircunciso e depois recebeu a circuncisão, e por fim os judeus foram introduzidos, em consequência, em primeiro lugar Abraão é pai dos incircuncisos, diria, daqueles que pela fé são seus parentes, e depois daqueles que pertenciam à circuncisão; portanto é duplo progenitor. Viste o fulgor da fé? Enquanto ela não veio, o patriarca não foi justificado. Viste que a incircuncisão não ocasiona obstáculo? Com efeito, ele era incircunciso, e isto não impediu que fosse justificado. A circuncisão, portanto, é posterior à fé.

E por que te admiras de que a circuncisão seja posterior à fé, se também o é à incircuncisão? Não apenas é posterior à fé, mas também muito inferior, e tanto mais quanto o sinal é inferior à coisa significada. Por exemplo, quanto mais a insígnia militar é inferior ao soldado. Por que, retrucas, precisava de sinal? Ele não precisava. Então, por que o recebeu? A fim de se tornar pai comum dos fiéis pela incircuncisão, e dos circuncisos; mas não simplesmente dos circuncisos, e por isso acrescentou:

12. *(e pai dos circuncisos), que não só receberam a circuncisão*

Se é pai dos incircuncisos, não é por ser incircunciso, apesar de ter sido justificado quando ainda incircunciso, mas porque eles imitaram-lhe a fé. Muito menos será pai dos circuncisos, embora circunciso, a não ser que se acrescente a fé. Recebeu a circuncisão, diz o Apóstolo, para o termos qual progenitor de ambos, e os incircuncisos não repelirem os circuncisos. Vê como eles foram os primeiros que o tiveram como progenitor. Se a circuncisão é respeitável porque proclama a justiça, a incircuncisão tem a grande prerrogativa de ter recebido primeiro a fé. Podes tê-lo como progenitor, se seguires as pegadas da fé, e não te revoltares, causando tumulto por queres introduzir a Lei. Por favor, a que fé te referes?

quando ainda era incircunciso

Novamente reprime o orgulho dos judeus, lembrando o tempo da justiça. E exprimiu-se bem ao dizer: “A trilha”, a fim de que acredites, como ele o fez, na ressurreição dos corpos. Com efeito, ele demonstrou fé nesse ponto. Por conseguinte, se rejeitas a incircuncisão, saiba com clareza que da circuncisão não retiras vantagem. Se não insistires na “trilha da fé”, mesmo se fosses circuncidado inúmeras vezes, não serias contado entre os filhos de Abraão; de fato, ele aceitou a circuncisão, a fim de não te rejeitar por seres incircunciso. Também tu não a reclames dele. Foi auxílio para ti, não será para ele. Mas, diz o Apóstolo, foi um sinal da justiça. Por tua causa, porque agora não é assim. Então precisavas de sinais corporais; agora não precisas. Acaso pela fé, diz-se, não se poderia conhecer a

virtude de sua alma? Era possível, de fato, mas tu precisavas deste suplemento. Uma vez que não imitaste a virtude da alma, nem a pudeste ver, foi-te dada a circuncisão sensível a fim de que, exercitado por esta ação corporal, pouco a pouco fosses conduzido à sabedoria e após tê-la acolhido diligentemente, devido à sua dignidade, aprendesses a imitar e venerar o progenitor. Deus assim estabeleceu não só a respeito da circuncisão, mas também no restante, como os sacrifícios, os sábados e as festas. Apreende pela continuação que ele recebeu a circuncisão por tua causa. Tendo dito que ele aceitou o sinal e o selo, enuncia qual o motivo, dizendo: e pai dos circuncisos, daqueles que assumem a circuncisão espiritual. Se tiveres somente esta, nada precisarás acrescentar. Na verdade, é sinal quando se encontra em ti a realidade, isto é, a fé, da qual é sinal, de tal modo que se a tiveres, o sinal deixará de ser sinal. De que, pois, seria sinal? De quem a marca se não há quem seja assinalado? Seria como se me oferecesses, marcada com um sinal, uma bolsa que nada contivesse. Por conseguinte, a circuncisão é ridícula, se não abranger a fé. Se, portanto, é sinal da justiça e não a tens, nem o sinal possuis. Recebeste o sinal para buscares a realidade, cujo sinal possuis, de sorte que não precisarias do sinal sem o seu próprio conteúdo. A circuncisão, porém, não só proclama a justiça, mas também a justiça incluída na incircuncisão. A circuncisão, contudo, não proclama apenas que é desnecessária a circuncisão.

14. *Porque, se os herdeiros fossem os da Lei, a fé ficaria esvaziada e a promessa sem efeito.*

Mostra que é necessária a fé, mais vetusta do que a circuncisão, mais forte do que a Lei e que estabiliza a Lei. Se, pois, todos pecaram, é necessária; se o incircunciso é justificado, é mais antiga; se pela Lei advém o conhecimento do pecado, e a fé manifestou-se sem a Lei, é mais forte; se é comprovado pelo testemunho da Lei e firma a Lei, é mais forte; se pelo testemunho da Lei é provada e firmada a Lei, não é adversária, e sim amiga e aliada na luta. Mostra novamente, de outro lado, que não é possível receber a herança por meio da Lei. E após tê-la comparado com a circuncisão, e ela ter vencido, de novo a opõe à Lei, assim se exprimindo: *“Porque, se os herdeiros fossem os da Lei, a fé ficaria esvaziada”*, para que não se pudesse afirmar que é possível ter a fé e observar a Lei. Quem adere à Lei, como se ela trouxesse a salvação, desabona a força da fé. Por isso disse: *“A fé ficaria esvaziada”*, isto é, não precisa da salvação que se obtém pela graça, nem pode manifestar sua força, *“e a promessa fica sem efeito”*. Talvez um judeu dissesse: Para que preciso da fé? Se isto é verdade, com a fé fica abolido o que é referente às promessas.

Vê que em tudo ele lhes mostra o patriarca a combatê-los desde o início. Depois de declarar que a justiça é associada à fé, enuncia que a promessa se relaciona com ela de modo semelhante. Com efeito, tendo dito o judeu: Que me importa se Abraão foi justificado pela fé? Paulo assegura que nem mesmo o que mais te importa, a saber, a promessa da herança, pode sem ela ser levada a efeito. Isto principalmente incute temor. Que promessa? – perguntas. A de ser herdeiro do mundo e nele todos são abençoados. E enuncia como a promessa foi abolida, nesses termos:

15. *Mas o que a Lei produz é a ira, ao passo que onde não há lei, não há transgressão.*

Se, portanto, produz a ira e os réus de transgressão, é evidente que também maldiz. E os que estão sujeitos à maldição, ao suplício e à transgressão não são dignos de receber a herança, mas merecem sofrer as penas e ser rejeitados. O que fazer, nesse caso? Veio a fé atraída pela graça, de sorte que a promessa se realize. Onde há graça, existe remissão, onde há remissão, não há castigo. Afastado, porém, o suplício e acedendo a justiça por meio da fé, nada impede que sejamos herdeiros da promessa, originária da fé.

16. *Por conseguinte, a herança vem pela fé, para que seja gratuita e para que a promessa de Deus fique garantida a toda a descendência, não só à descendência segundo a Lei, mas também à*

descendência segundo a fé de Abraão, que é o pai de todos nós,

Vês que a fé não só corrobora a Lei, mas também não deixa a promessa de Deus desvanecer, enquanto a Lei, ao contrário da fé, torna obsoleta a Lei, observada fora do tempo, e impede a realização da promessa?

Com isto o Apóstolo demonstra que não só a fé não é supérflua, mas é necessária a tal ponto que sem ela não é possível obter a salvação. De fato, a Lei produz a ira, porque todos a transgrediram, enquanto a fé não deixa a ira persistir desde o início. *“Ao passo que onde não há lei, não há transgressão.”* Verificas como não somente apaga o pecado, mas nem mesmo o deixa aparecer. Por isso disse: *“gratuita”*. Por que motivo? Não para nos causar vergonha, e sim: *“Para que a promessa fique garantida a toda a descendência”*. Destaca neste trecho dois benefícios: São firmes os dons, e foram concedidos a toda a descendência, agregando aqueles que vieram dentre os gentios e expondo que ficariam de fora os judeus que se opusessem à fé. Mais firme é o seguinte: A fé não te causa dano; não haja contraposição. Ela te salva a ti, que periclitas por causa da Lei. Em seguida, após ter dito: *“A toda a descendência”*, determina qual a descendência. *“À descendência segundo a fé”*, afirma, coligando o parentesco com os gentios, e esclarecendo que não podem concordar com Abraão os que não lhe imitam a fé. Eis que a fé realiza uma terceira operação: estreita a afinidade com o justo e declara que aquele progenitor tem maior número de descendentes. Por isso, não disse simplesmente: Abraão, e sim: *“Que é o pai de todos nós”*, os fiéis. Logo assinala a palavra com um testemunho:

17. conforme está escrito: *Eu te constituí pai de muitos povos*

Viste que isto fora disposto já antigamente? Mas, como será, perguntas, se isto se refere a ismaelitas, amalecitas e agarenos? Certamente, avançando mais, Paulo mostra claramente que não se refere a eles, mas neste ínterim apressa-se a tratar de outro assunto, com o qual demonstra o mesmo, definindo o modo desse parentesco e comprovando-o com grande perspicácia. O que diz?

Em face de Deus, em quem acreditou. Isto é, como Deus não é Deus só de uma parte, mas de todos é pai, assim também ele. E ainda, como Deus não é pai segundo um parentesco natural, mas pela relação da fé, assim também ele, porque pela obediência se fez pai de todos nós. Uma vez que os judeus não davam importância àquele parentesco, mantendo o mais grosseiro, o Apóstolo afirma que esta é mais adequada, remontando o discurso até Deus. E com isso declara também que ele recebeu a recompensa dessa fé. Por conseguinte, se não fosse o caso, embora seja pai de todos os habitantes da terra, a locução: *“Em face”* não teria sentido, e o dom de Deus seria diminuído; pois aquele: *“Em face”* significa: De modo semelhante. O que haveria de espantoso, pergunto, ser pai daqueles que gerou? É o que acontece a cada homem. Estupendo é receber por dom de Deus filhos que não possuía pela natureza.

Por conseguinte, se queres crer que o patriarca foi honrado, acredita que de todos é pai. Ao dizer, porém: *“Em face de Deus, em quem acreditou”*, não se deteve neste ponto, mas acrescentou: *o qual faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem.*

Já começara o Apóstolo a tratar da ressurreição, o que também era útil ao propósito presente, pois se Deus pode restituir os mortos à vida, e chamar à existência as coisas que não existem como as que existem, pode também transformar em filhos de Abraão aqueles que dele não nasceram. Por isso, não disse: Que produz as coisas que não são como as que existem, mas *“chama”*, destacando uma facilidade maior. Facilmente chamamos as coisas que existem; assim é mais fácil para ele, e muito mais fácil, produzir as coisas que não existem. Havendo mencionado grande e inefável dom de Deus, e dissertado acerca do poder dele, declara que a fé de Abraão é digna do dom, a fim de não pensares que foi honrado gratuitamente. E após ter estimulado o ouvinte, a fim de que não se perturbasse (nem um

judeu levantasse a objeção: É possível que se tornem filhos aqueles que não o são?), transfere a palavra ao patriarca e diz:

18. *Ele, que, contra toda a esperança, acreditou na esperança de tornar-se pai de muitos povos, conforme lhe fora dito: Tal será a tua descendência.*

Como esperou contra toda a esperança? Contra a esperança humana, teve esperança em Deus. Pois mostrou a grandeza do acontecimento, e não desacreditou da palavra. As realidades são contraditórias, mas resolvidas pela fé. Se, de fato, tivesse tratado dos descendentes de Ismael, o dito seria supérfluo; com efeito, eles não nasceram segundo a fé, mas segundo a natureza. No entanto, ainda alude a Isaac; na verdade, não acreditou por causa daquele povo, mas por aquele que se originaria da mulher estéril. Se, portanto, o fato de se tornar pai de muitos povos constitui recompensa, entende-se que se trata daquele povo por cuja causa ele acreditou. A fim de saberes que fala a respeito deles, ouve a continuação:

19. *E foi sem vacilar na fé que viu seu corpo já amortecido, pois tinha quase cem anos – e o seio de Sara sem vida.*

Viste que, apesar de mencionados os obstáculos, o elevado espírito do justo tudo supera? “*Contra toda esperança*”, esperou o que fora prometido. Este foi o primeiro obstáculo: Não havia visto um outro Abraão, que deste modo tivesse recebido um filho. Pois olhavam para ele os que vieram posteriormente; ele, contudo, não considerava pessoa alguma, mas via exclusivamente a Deus, por isso foi dito: “*Contra toda esperança*”. Em seguida, um “*corpo já amortecido*” – eis o segundo impedimento; “*e o seio de Sara sem vida*” – eis o terceiro e o quarto.

20. *Ante a promessa de Deus, ele não se deixou abalar pela desconfiança,*

Deus não exemplificou, nem lhe deu um sinal, mas havia simples promessas de eventos que a natureza não promete. No entanto: “*Ele não se deixou abalar*”, diz-se. Não foi dito: Não acreditou, e sim: “*Ele não se deixou abalar*”, isto é, não hesitou, não duvidou, apesar de tantos impedimentos. Daí devemos concluir que, apesar de Deus prometer muitas vezes um feito impossível, e o homem acolhe descrente a promessa, a não realização não depende da natureza das coisas, mas da estultícia de quem não a admite.

mas se fortaleceu na fé

Considera a sabedoria de Paulo! Uma vez que discursava sobre os que tinham a fé e as obras, expõe que o fiel opera mais, necessita de maior vigor e fortaleza, e enfrenta grande luta. Efetivamente, eles propagavam a maledicência de que a fé não incluía esforços. O Apóstolo contrapunha que não somente o que pratica a temperança ou algo de semelhante, mas também aquele que tem a fé, precisa de maior virtude. A fortaleza é necessária para se repelirem os maus pensamentos; assim é forçoso haver ânimo forte para serem eliminadas as cogitações de incredulidade. De que modo, portanto, Abraão se fez forte? Pela fé, responde, sem revolver o problema em raciocínios, porque do contrário teria caído. De que maneira, porém, acreditou?

dando glória a Deus,

21. *convencido de que ele é capaz de cumprir o que prometeu.*

Por conseguinte, não perscrutar ciosamente é glorificar a Deus, bem como inquirir curiosamente é cometer o mal. Se, de fato, pesquisar e examinar as coisas inferiores não glorifica a Deus, muito mais perscrutar curiosamente a geração do Senhor acarreta o extremo castigo, porque o injuria. Se, pois,

não se deve examinar o modo como se realizou a ressurreição, muito menos perscrutar aqueles mistérios tremendos. O Apóstolo não disse: Acreditou simplesmente, e sim: “*Convencido*”. Com efeito, esta fé é mais clara do que a demonstração por silogismos e mais convincente; nenhum raciocínio consegue abalá-la. Na realidade, alguém que se convenceu por meio de palavras pode mudar de opinião; quem, contudo, se firma na fé defende-se diante daqueles pestíferos raciocínios. Tendo dito, portanto, que ele foi justificado pela fé, afirma que pela fé deu glória a Deus, o que se costuma fazer principalmente por uma vida honesta, pois: “Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16). Eis o que ainda certamente a fé abrange. Mais uma vez, as obras precisam de vigor, e igualmente a fé. Neste caso, portanto, o corpo com o próprio suor participa muitas vezes; no outro, no entanto, atua somente a alma. Desta forma o esforço é maior, por falta da colaboração do corpo.

Notaste que a demonstração de que tudo o que abrangiam as obras, em medida maior competia à fé, por exemplo, gloriar-se junto de Deus, necessitar de fortaleza e labor, e de novo glorificar a Deus? Tendo afirmado, porém, que Deus “*é capaz de cumprir o que prometeu*”, parece-me que prenuncia o futuro, pois não prometeu apenas os bens presentes, mas também os vindouros; destes são imagens os atuais. Não acreditar, por conseguinte, é próprio da mente fraca e miserável. Se, por isso, eles atribuem uma falha à nossa fé, de nosso lado acusemos a incredulidade deles, enquanto são infelizes, pusilânimes, estultos e fracos, em nada melhores do que os asnos. Pois, como crer é peculiar ao ânimo sublime e elevado, assim não acreditar é próprio dos que, à semelhança dos jumentos, decaíram em loucura irracional e vil. Por isso, deixando-os à parte, imitemos o patriarca e glorifiquemos a Deus como ele próprio deu glória a Deus. O que significa: “*Dando glória a Deus*”?

Meditou sobre a justiça, o imenso poder de Deus e formou a respeito dele conveniente conceito, de sorte que teve certeza acerca do cumprimento das promessas. Glorifiquemo-lo também nós, pela fé e pelas obras, a fim de sermos por ele glorificados, em retribuição, visto que ele assegurou: Glorificarei aqueles que me glorificam. Embora não fosse proposta alguma mercê, para nós seria glória o próprio fato de glorificarmos a Deus. Com efeito, os homens que celebram com louvores os reis, apenas disto já se gabam, mesmo se nada mais obtiverem; pondera qual a glória derivada do fato de glorificarmos nosso Senhor e, ao invés, qual o castigo que merecemos se por nossa causa ele é blasfemado. Ele, contudo, quer ser glorificado por nossa causa, embora ele próprio não precise de glorificação. Qual consideras ser a extensão da diferença entre Deus e os homens? Ou entre os homens e os vermes? Na verdade, eu nada disse no intuito de explicar tão grande diferença, porque é impossível estabelecer tais dimensões. Acaso queres receber grande, brilhante glória da parte dos vermes? Absolutamente não. Se, portanto, não o queres tu que ambicionas a glória, haverá de ser glorificado por ti quem é superior, isento desta paixão? Entretanto, apesar de não necessitar, assegura que a deseja por tua causa. Por conseguinte, submeteu-se a fazer-se servo por tua causa; por que te admiras de que pelo mesmo motivo aceite outros opróbrios? Nada do que reverte em salvação para nós considera indigno de si. Cientes disso, fujamos do pecado, pelo qual ele é blasfemado. De fato, diz a Escritura: “Foge do pecado como de uma serpente” (Eclo 21,2). Se dela te aproximares, morder-te-á. Não é ela que vem, mas somos nós que espontaneamente dela nos acercamos. A providência de Deus, na realidade, é tal que nem a tirania do diabo nos supera; do contrário, ninguém resistiria à força que ele emprega. Por isso, ele se movimenta qual ladrão e tirano. A menos que encontre alguém despojado e sozinho em seus esconderijos, não ousará aproximar-se; somente se nos encontrar caminhando por aquele deserto, atrever-se-á a investir contra nós. Deserto, lugar peculiar ao diabo, não é outro senão o pecado. Por conseguinte, precisamos do escudo da fé, do capacete da salvação, do gládio do Espírito, não somente para não padecermos mal algum, mas também para que, se ele quiser nos assaltar, possamos cortar-lhe

a cabeça. Necessitamos de frequentes preces a fim de esmagá-lo sob nossos pés. É despuído e abominável; embora esteja lutando em posição desfavorável, mesmo assim vence. O motivo se encontra em que não nos esforçamos por ficar longe do alcance dos golpes que ele inflige. Ele não pode absolutamente se erguer, mas arrasta-se pelo chão. Figura-o a serpente. Se Deus assim determinou no princípio, com maior razão agora. Se ignoras, porém, o que significa lutar em posição inferior, tentarei explicar esta forma de combate. O que significa, então, combater em situação inferior? Seria lutar, tomando por ponto de partida circunstâncias inferiores: o prazer, as riquezas, os bens mundanos todos. Por isso, se o diabo vir alguém alçar voo para o céu, primeiramente não poderá arremeter contra ele; em segundo lugar, apesar de investir, logo cai. Ele não tem pés, não temas; não é dotado de asas, não tenhas receio; rasteja pelo chão e pelas coisas terrenas. Nada tenhas em comum com a terra e não enfrentarás dificuldades. Não sabe combater, mas, à semelhança da serpente, oculta-se entre os espinhos, disfarçado frequentemente sob a falácia das riquezas. Arrancados os espinhos, facilmente fugirá amedrontado; se souberes enfeitiçá-lo com as fórmulas divinas, logo se tornará vulnerável. Temos, diria, temos magias espirituais, o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, o poder da cruz. Esta magia não apenas retira o dragão do esconderijo e projeta-o ao fogo, mas também cura as feridas.

Se muitos, apesar de proferir estas fórmulas, não foram curados, devem-no à fé diminuta, não à debilidade da palavra. Pois muitos pressionavam com insistência o próprio Jesus e nada alcançavam; no entanto, a hemorroíssa nem lhe tocou o corpo, mas apenas a fímbria do manto, e estancou-se o fluxo diuturno de sangue (cf. Mt 9,22). O nome de Jesus é terrível aos demônios, às paixões, às enfermidades. Decoremo-nos, portanto, com este sangue, cerquemo-nos com esta muralha. Desta forma Paulo fez-se um grande homem; sua natureza era idêntica à nossa, mas a fé a transformou, e tão imenso era seu poder que até as vestes tinham grande virtude. Que defesa mereceremos, se a sombra e as vestes dos apóstolos expeliam a morte, enquanto nós não reprimimos com as nossas orações nem mesmo os sofrimentos? Qual a causa? Acha-se na grande diferença de ânimo, apesar de serem iguais e comuns as nossas faculdades naturais. Com efeito, o Apóstolo nasceu, foi educado, habitou na terra, respirou o mesmo ar que nós, mas possuía qualidades muito superiores e valiosas do que as nossas: o zelo, a fé, a caridade. Imitemo-lo, portanto; procedamos de modo que Cristo fale por nosso intermédio. Ele muito o deseja e para isto nos preparou um instrumento que ele não quer encontrar inativo, mas deseja sempre manejar. Por que não o deixas disponível para a mão do artífice, mas afrouxas as cordas, que enfraqueces pela volúpia, e inutilizas toda a cítara, quando importava esticar as cordas e tendê-las para emitirem os sons e apertá-las, tendo por adstringente um sal espiritual? Se Cristo a encontrar assim preparada, utilizará a tua alma para tocar. E contemplar-se-ão anjos, arcanjos e querubins a dançar. Tornemo-nos dignos do toque dessas mãos inocentes. Convidemo-lo a tocar as cordas de nosso coração, ou melhor, ele não precisa de convite. Faça teu coração apenas digno de seu toque, e ele será o primeiro a acorrer a ti. De fato, se ocorre aos retardatários (a Paulo, que ainda não se preparara, teceu elogios), o que não fará aos que encontrar preparados? Se Cristo tocar, o Espírito certamente advirá; estaremos em melhores condições que o céu, e não apenas o sol e a lua hão de assinalar nosso corpo, mas habitará e caminhará conosco o Senhor do sol, da lua e dos anjos.

Não digo isto no intuito de pretendermos ressuscitar mortos, ou purificar leprosos, mas a fim de termos por meta o máximo sinal, a caridade. Onde aparece tal virtude, logo torna-se presente o Filho com o Pai e advém a graça do Espírito. Efetivamente, foi dito: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 19,20). Propriamente os que muito se amam querem estar um ao lado do outro. Mas, qual o homem tão infeliz, perguntas, que não queira ter Cristo junto de si? Destes somos nós, que disputamos mutuamente. E talvez poderá alguém rir de mim e

interrogar: O que estás dizendo? Vê: Estamos todos cercados das mesmas paredes, no mesmo recinto da igreja, unânimes no mesmo redil, sem quaisquer lutas, sob o mesmo pastor, com aclamações simultâneas, em comum somos ouvintes das palavras, conjuntamente proferimos orações e estás falando de refregas e discórdias? Refiro-me a pelejas, e não estou louco, não perdi o juízo. Estou vendo bem o que vejo, sei que estão no mesmo redil sob um único pastor. Principalmente por este motivo é que deploro, uma vez que tantas coisas nos unem e combatemo-nos mutuamente. Que revolta observaste aqui? – perguntas. Aqui na igreja, de fato, nenhuma; mas dissolvida a assembleia, um acusa o próximo ou injuria abertamente, outro é invejoso, é avaro e rapace, este é violento, aquele culpado de um amor torpe, ainda um outro tece inúmeras fraudes. E se fosse possível descobrir o que há em nossas almas, então conheceríeis exatamente tudo, e verificaríeis que não estou louco.

Acaso não vedes nos exércitos, em tempo de paz, os soldados deporem as armas e desarmados, inermes, passarem para os acampamentos inimigos? Ora, enquanto estão armados, são guardas e vigias, insones, e mantêm uma fogueira acesa, não se veem indícios de paz, mas de guerra. O mesmo se observa entre nós: Mutuamente nos vigiamos, precavemo-nos uns dos outros, cochichamos ao ouvido do próximo e calamos com a aproximação do outro, e nos contraímos. Não é atitude de homens confiantes, e sim de particularmente precavidos. De fato assim agimos, respondes, não com o desejo de infligir ultrajes, e sim para não os sofrermos. Fico pesaroso, visto que, entre irmãos, precisamos de atenção para não sermos prejudicados, acendemos tais fogueiras e colocamos guardas e sentinelas. O motivo destas precauções são as frequentes mentiras, os inúmeros dolos, a derrogação da caridade, a guerra implacável. Por isso, encontram-se muitos que têm maior confiança nos gentios do que nos cristãos. Que vergonha! Quantas lágrimas, quantos gemidos merece esta verificação? Mas, o que hei de fazer? – interrogas. Tal pessoa é grosseira de trato, malvada. E onde está a tua sabedoria? Onde as leis do Apóstolo, que preceituam carregar os fardos uns dos outros? Pois, se não sabes conviver com um irmão, como poderás conviver bem com um estranho? Se não és capaz de tratar bem a teu membro, como poderás lucrar um estranho e uni-lo a ti? Mas, que pesar! Irrompem-me lágrimas assaz amargas, brotam torrentes de meus olhos, conforme a palavra do profeta que contempla inúmeras guerras neste campo, muito mais graves do que as externas. Com efeito, ele, vendo os bárbaros invasores, dizia: “Minhas entranhas se contorcem” (Jr 4,19). Eu, porém, quando vejo alguns sob o comando de um só general, mas que se insurgem uns contra os outros, mordendo-se, dilacerando os respectivos membros, uns por causa de dinheiro, outro de glória, outros sem motivo e em vão zombando e ridicularizando, infligindo-se inúmeras feridas, mortos de modo mais duro do que numa guerra, e o nome de irmãos transformar-se em palavra vã, não encontro lamentação suficiente para tal tragédia. Respeitai, entretanto, respeitai esta mesa, da qual todos somos partícipes, diante de Cristo imolado por nós, diante da vítima colocada nesta mesa. Ladrões que partilham o sal de uma só refeição deixam de ser ladrões em relação aos coparticipantes; a comunhão à mesa altera seus hábitos, e transforma aqueles homens mais cruéis do que as feras em mansos cordeiros. Nós, contudo, que somos partícipes de tal mesa, em comunhão deste alimento, tomamos armas uns contra os outros, quando importava a todos nós assim agir contra o diabo, nosso comum inimigo. Por isso, cada dia ficamos mais fracos e ele mais forte. Efetivamente, não nos munimos uns aos outros contra ele, mas aliados a ele enfrentamos os irmãos, e sob seu comando entramos nestas fileiras, quando devíamos guerrear somente contra ele. Agora, porém, o abandonamos, e apontamos os dardos contra os irmãos. Que dardos? – perguntas. Os que partem da boca e da língua. Não são, portanto, apenas as setas e os dardos, mas também as palavras, que ocasionam feridas mais profundas do que as setas. E de que modo, interrogas, poderemos pôr termo a esta guerra? Se pensares que, ao falares contra um irmão, expeles lodo da boca; se pensares que, ao caluniar um membro de Cristo, ingeres tuas próprias

carnes e fazes sentenciar contra ti aquele tribunal horrendo e incorrupto. O dardo não o feriu, mas mata a ti que o lançaste. Entretanto ele me injuriou e prejudicou! Geme, não fales mal; chora, não diante da injúria recebida, mas por causa da ruína do próximo. O teu Senhor não chorou por Judas, porque seria crucificado, mas porque ele o traiu. Ele te injuriou e ultrajou? Roga a Deus que logo lhe seja propício. É teu irmão, nascido de tua mãe, membro teu, convidado à idêntica mesa. Mas ele, replicas, me insulta mais ainda. Por conseguinte, será maior e ampla a recompensa. É justo de maneira especial extirpar a ira, porque ele recebeu ferida mortal, porque o diabo o vulnerou.

Em consequência, não firas também tu, nem caias juntamente com ele. Enquanto estás de pé, podes também salvá-lo. Se, porém, te dilaceras por retribuíres injúria com injúria, quem vos levantará em seguida? Ele que está ferido? Não poderá fazê-lo, uma vez que se acha prostrado. Tu que com ele caíste? E se não pudeste estender a mão a ti próprio, poderás estendê-la a outrem? Generosamente, portanto, fica de pé, opõe o escudo, e morto o irmão, pela paciência retira-o do combate. A ira o vulnerou? Não o firas tu igualmente, mas primeiro arranca-lhe a seta. Assim relacionados, logo todos estaremos curados; se, contudo, um se arma contra o outro, já não haverá necessidade do diabo para nossa perdição. Toda guerra, na verdade, é perniciosa, mas principalmente a luta intestina. Ora, a guerra intestina é tanto pior quanto maiores os deveres de nossa convivência, ou melhor, os direitos do parentesco. Outrora o irmão matou a Abel, e derramou o sangue fraterno. Ora, aquele assassinato é mais iníquo uma vez que maior é a afinidade e mais grave a causa da morte. Caim traspassou o corpo; tu, contudo, afiaste o gládio contra a alma. Mas tu sofreste primeiro? Efetivamente, sofrer não é um mal, e sim praticar o mal. Atenção! Caim assassinou, Abel foi morto. Qual o morto? Aquele que após a morte clamava, pois: “Ouço o sangue de teu irmão, Abel, clamar por mim” (Gn 4,10), ou aquele que, vivo, tremia e temia? Este, na verdade, este era mais infeliz do que um morto. Viste que é melhor sofrer a injúria, até mesmo a morte? Toma conhecimento de que é pior cometer injustiça, e mesmo prevalecer até o derramamento de sangue. Caim feriu e prostrou o irmão, que foi corado, e ele, ao invés, foi punido. Abel foi morto e trucidado contra o direito, mas, ao morrer, acusava, matava e prendia. Caim vivo calava, envergonhava-se, era preso e os acontecimentos se contrapuseram ao que queria. Matou porque via que Abel era amado, com a esperança de arrebatá-lo a dileção; aumentou-a, contudo, e Deus procurava de preferência o morto, ao dizer: “Onde está teu irmão Abel?” (ib. 9). De fato, o amor não se extinguiu pela inveja, ou melhor, inflamou-se; não diminuístes a honra com o assassinato, mas a aumentaste. Antes Deus o submetera a ti; depois que o mataste, mesmo morto ele se vinga em ti. Tão grande é meu amor por ele! Qual dos dois foi condenado, qual castigou ou qual foi castigado? Aquele que tão grande honra recebeu de Deus, ou o que foi entregue a novo e extraordinário suplício? Não o temeste quando era vivo; no entanto, ele te amedronta depois de morto. Não tiveste horror de usar o gládio; serás castigado por perpétuo tremor depois de teres derramado sangue. Enquanto vivia, era teu servo, e agora se tornou tremendo senhor para ti. Com tais cogitações, caríssimos, fujamos da inveja, extingamos a malícia, retribuindo reciprocamente com a caridade, a fim de colhermos os bens que ela proporciona, no presente e na vida futura, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual sejam tributados glória e império nos séculos dos séculos. Amém.

NONA HOMILIA

23. *Não foi escrito só para ele: – Foi-lhe levado em conta –,*

24. *mas também para nós. Para nós que acreditamos naquele que ressuscitou dos mortos Jesus, nosso Senhor,*

O Apóstolo proferiu muitas e grandes coisas a respeito de Abraão, bem como de sua fé, da justiça e da honra conferidas por Deus. Coloca-nos novamente ao lado do patriarca, a fim de evitar que replique um ouvinte: Ele é que foi justificado. Que importância têm estas coisas para nós? Tão grande é a força das palavras espirituais! De fato, assegura que um recém-chegado dentre os gentios, sem ter praticado boas obras, nada tem de menos que um judeu fiel, até mesmo que o patriarca, ou melhor, se devemos afirmar algo de mais espantoso, bem mais. Tão grande é nossa nobreza que a fé do patriarca é figura da nossa. E não disse: *“Foi-lhe levado em conta”* e provavelmente *“também para nós”*, a fim de não construir um silogismo; fala, contudo, apoiado na autoridade das leis divinas, e declara que é sentença da Escritura. Por que então está escrito, diz ele, a não ser para aprendermos que nós também desta forma somos justificados? Confiamos em Deus acerca destes fatos, apesar de não ser a respeito das mesmas pessoas. Ao mencionar a nossa fé, refere-se igualmente ao inefável amor de Deus aos homens, o qual sempre transforma os eventos, colocando em evidência a cruz. Ele enuncia:

25. o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação.

Observa como, após ter formulado a causa da morte, apresenta-a qual prova da ressurreição. Por que, diz ele, foi crucificado? Não devido a pecados próprios, o que se evidencia através da ressurreição. De fato, um pecador teria ressuscitado? Se ressuscitou, é claro que não era pecador; não sendo pecador, por que foi crucificado? Em prol dos demais homens. Se foi por causa dos demais, então indubitavelmente ressuscitou. Não digas, portanto: Como nós, culpados de tantos pecados, podemos ser justificados? Aponta para aquele que apagou todos os pecados, baseando a palavra na fé que justificou Abraão, e na fé acerca da salutar paixão, que nos libertou dos pecados. Ao dissertar sobre sua morte, fala igualmente da ressurreição. Pois ele não morreu no intuito de manter réus sujeitos ao suplício e condenados, mas em vista de prestar benefícios. Morreu e ressuscitou para gerar justos.

2. A salvação

A justificação, penhor da salvação

5,1. Tendo sido, pois, justificados pela fé, estejamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo,

O que quer dizer: *“Estejamos em paz”*? Alguns explicam da seguinte maneira: A fim de não provocarmos sedições, disputando para introduzir a Lei. Parece-me que aqui nos fala do estilo de vida. Uma vez que dissertara longamente sobre a fé e a justiça por meio das obras, a fim de que ninguém julgasse que estas palavras incitavam à preguiça, acrescenta: *“Estejamos em paz”*, isto é, não pequemos mais, não recaíamos. Seria combater contra Deus. E como é possível, replicas, deixar de pecar? Não era possível anteriormente? Se, pois, quando éramos culpados de tantos pecados, por Cristo fomos libertados de todos, muito mais com seu auxílio permaneceremos neste estado. Não é a mesma coisa receber a paz que não existia e conservar a que foi concedida, porque a aquisição é mais fácil do que a conservação; no entanto, o mais difícil tornou-se fácil e realizável. Por conseguinte, alcançaremos sem dificuldades o mais fácil, se aderirmos àquele que consumou para nós esta obra. Aqui, contudo, não parece somente insinuar a facilidade, mas também o mais razoável. Se, pois, a nós, revoltados, reconciliou-nos, é justo persistirmos na reconciliação, e retribuir-lhe para não parecer que ele reconciliou com o Pai uns malvados e ingratos.

2. por quem tivemos acesso, pela fé,

Se, portanto, ofereceu acesso aos que estavam longe, muito mais nos reterá quando nos encontramos perto.

Considera, por favor, que sempre assinala dois casos: Um originário dele, e outro vindo de nós.

Mas os dons deles são variados, muitos, diversos: Morreu por nós, reconciliou-nos, conduziu-nos, deu-nos inefável graça. Nós apenas oferecemos a fé. Por isso, disse: *“Pela fé” a esta graça, na qual estamos firmes*

Qual graça? Aquela pela qual acolhemos o conhecimento de Deus, somos libertados do erro, apreendemos a verdade, e no batismo conseguimos todos os bens. Levou-nos à consecução de tais dons. Não se trata apenas da remissão dos pecados, da libertação, mas de alcançarmos inúmeras dignidades. Nem se deteve neste ponto, mas ainda prometeu outros bens, inefáveis, além do entendimento e da razão. Por isso, mencionou a ambos. Tendo dito: *“Graça”*, assinala os bens atuais, já assumido, e revelou os futuros ao afirmar: e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.

Por isso disse com justeza: *“Na qual estamos firmes”*. Tal é, de fato, a graça de Deus: ilimitada, não conhece termo, mas sempre procede a bens ulteriores. Entre os homens não é isto que acontece. Por exemplo: Alguém assume o principado, a glória e o poder, mas não se conserva sempre neste estado, logo o perde, e mesmo que ninguém lho tire, a morte sobrevém e tudo arrebatada. Diversos são os dons de Deus. Nem o homem, nem o tempo, nem as circunstâncias, nem o próprio diabo, nem a morte poderá nos apartar deles; mas após a morte haveremos de possuí-los mais firmemente e gozarmos cada vez mais. Por isso, se duvidas das realidades futuras, acredita por causa do que já ganhaste. Por este motivo disse o Apóstolo: *“E nos gloriamos na esperança da glória de Deus”*, a fim de saberes de que modo importa seja a alma fiel. Pois, não somente devemos ter certeza acerca dos dons já lucrados, mas também dos que hão de vir, como se já tivessem sido concedidos, porque é do que já possuímos que nos gloriamos. Uma vez, portanto, que a esperança dos bens futuros é tão firme e evidente como se já estivéssemos de posse de tais bens, dela de modo semelhante nos gloriamos; por isso ele a denominou: *“glória”*. Se, pois, contribuem para a glória de Deus, com toda certeza acontecerão, se não por nossa causa, ao menos por causa dele. E por que digo, perguntas, que os bens futuros merecem que nos gloriemos? Os bens presentes são bastante ruins, entretanto nos induzem a nos congratularmos e por isso ele acrescentou:

3. *E não é só. Nós nos gloriamos também nas tribulações,*

Pondera quão imensos os bens futuros, quando exaltamos tanto os que parecem deploráveis. Tão grande é o dom de Deus, e nada tem de desagradável.

Quanto aos problemas terrenos, as lutas acarretam esforço, dor e infelicidade, enquanto as coroas e os prêmios causam prazer. No presente caso, porém, não é assim, mas os combates trazem prazer não menor do que os prêmios. As muitas provações ocasionavam desânimo nos mais fracos, e, no entanto, o reino era objeto de esperança. Os eventos mais duros achavam-se ao alcance das mãos, e os melhores, em expectativa. Por isso, já antes das coroas Paulo lhes concedia prêmios, declarando que importava gloriar-se nas tribulações. E não disse: Deveis gloriar-vos, e sim: Nós nos gloriamos, exortando pelo exemplo de sua própria pessoa. Em seguida, porque parecia estranho e extraordinário dizer que devia gloriar-se quem lutava com a fome, as cadeias, os tormentos, as injúrias, os opróbrios, no final ele o comprova. Além disso, o que é mais importante, afirma que deviam gloriar-se deste modo não somente em vista do futuro, mas também do presente, porque são boas por si as próprias tribulações. Por quê? Porque incitam à paciência. Por esse motivo, tendo dito: *“Nós nos gloriamos também nas tribulações”*, acrescenta o motivo: *sabendo que a tribulação produz a paciência*,

Observa novamente a maneira de disputar de Paulo, que torce a palavra em sentido contrário. Uma vez que a tribulação fazia com que eles desanimassem a respeito do futuro e perdessem a esperança, diz que confiassem, sem desesperar. *“Sabendo que a tribulação produz a paciência”*, diz ele,

4. *a paciência uma virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança.*

5. *E a esperança não decepçiona,*

As tribulações não apenas não tiram a esperança, mas também a criam. Diante do futuro, pois, a tribulação produz grande fruto, a saber, a paciência, e torna comprovado aquele que é tentado. Igualmente confere algo para o futuro: Faz com que a esperança reverdeça em nós. Com efeito, nada tanto prepara para esperar o bem como a boa consciência.

Na verdade, nenhum daqueles que vivem honestamente desespera do futuro, enquanto muitos que descuidam de levar vida honesta, com a consciência pesada, não querem que exista juízo nem retribuição. E então, o que sucederá? Os bens para nós só existem em esperança? Certamente em esperança, mas não esperança humana, que cai e muitas vezes decepçiona o que espera, porque aquele de quem aguardava auxílio morreu, ou mesmo continuando em vida muda de disposição. Entre nós tal não acontece, mas sempre firme e imutável é a esperança. Quem prometeu vive sempre, e nós que fruímos daqueles bens, embora morramos, vamos ressurgir, e nada absolutamente há que possa nos confundir, porque não abraçamos em vão e inutilmente uma esperança transitória. Com tais palavras libertou-os de qualquer dúvida, mas não se detém no presente, mas novamente os conduz ao futuro, em consideração para com os mais fracos que procuram os bens presentes e com eles não se contentam. Dá-lhes garantia do futuro por meio dos dons pretéritos. Não retruque alguém: E que acontecerá se Deus não quiser nos gratificar? Conhecemos o seguinte: Ele pode, permanece e vive. Qual, porém, a certeza de que também o quer? Pelos atos passados. Quais? Aquele amor que nos demonstrou.

O que fez? – perguntas. Enviou o Espírito Santo. Por esta razão, tendo dito: “*E a esperança não decepçiona*”, acrescenta a demonstração:

porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações

Não disse: Foi dado, e sim: “*Foi derramado em nossos corações*”, indicando a divina liberalidade. Deu o máximo dom. Não o céu, a terra e o mar, mas o mais precioso que tudo isto: dos anjos e dos homens fez filhos de Deus e irmãos de Cristo. Mas, quem o fez? O Espírito Santo. Se Deus não quisesse nos doar grandes coroas por nossas canseiras, não nos teria concedido tais bens antes da labuta. Agora, efetivamente, não é honrando-nos insensível e progressivamente que assinala o ardor de sua caridade, mas derramando sobre nós simultaneamente uma torrente de bens e isto antes da luta. Por esta razão, apesar de tua indignidade, não percas a esperança, porque tens grande advogado, a saber, a caridade, perante o juiz. Por isso, tendo ele dito: “*E a esperança não decepçiona*” atribui tudo, não às nossas obras, mas ao amor de Deus. Depois de afirmar que o Espírito foi dado, passa novamente à cruz, nesses termos:

6. *Foi, com efeito, quando ainda éramos fracos que Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios.*

7. – *Difícilmente alguém dá a vida por um justo; por um homem de bem haja talvez alguém que se disponha a morrer.* –

8. *Mas Deus demonstra seu amor para conosco*

Isto é: Se por um homem virtuoso, talvez ninguém queira morrer, reflete sobre o amor de teu Senhor que evidentemente não foi crucificado em prol de homens virtuosos, mas por pecadores e inimigos. Em seguida, ele o afirma: pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores.

9. *Quanto mais, então, agora, justificados por seu sangue, seremos por ele salvos da ira.*

10. *Pois se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, muito mais agora, uma vez reconciliados, seremos salvos por sua vida.*

À primeira vista trata-se de uma repetição, mas verificar-se-á que não é, após consideração atenta. Reflete. Ele quer garantir-lhes o futuro, e em primeiro lugar os envergonha referindo-se ao justo, ao assegurar: Ele se convenceu porque Deus é poderoso para cumprir o que prometeu; depois, por meio das tribulações, que podem nos conduzir à esperança; e ainda pelo Espírito que recebemos, e por fim comprova-o pela morte e pela nossa precedente maldade. E parece, na realidade, conforme afirmei, que se trata de um só e mesmo acontecimento, mas encontram-se dois, três e muitos mais. Em primeiro lugar, morreu; em segundo, a favor de ímpios; em terceiro, reconciliou, deu a salvação, justificou, transformou em imortais, filhos e herdeiros. Não se deve, portanto, confirmar somente tomando por base sua morte, assegura, mas ainda o dom que esta morte nos confere. Se somente tivesse morrido por nós que somos o que somos, seria máxima prova de amor o sucedido; consta, porém, que ele, ao morrer, concedeu dons e tantos dons a tais pessoas e então os eventos são excessivos, e induzem à fé até mesmo os mais rudes. Ninguém mais haverá de nos dar a salvação do que Cristo, que nos amou de tal modo quando éramos pecadores a ponto de entregar-se a si mesmo. Vês que grande comprovação oferece esta passagem para estabelecer a fé nos bens futuros? Anteriormente dois obstáculos dificultavam-nos a salvação: sermos pecadores e termos de conseguir a salvação por meio da morte do Senhor. Era muito difícil acreditar antes do acontecimento, e exigia muita caridade. Agora, porém, depois de ter acontecido, o restante torna-se mais fácil. Com efeito, tornamo-nos amigos e por isso a morte não é mais necessária. Aquele que de tal forma poupou os inimigos que não poupou o próprio Filho, agora não patrocinará os amigos quando já não há necessidade de entregar o Filho? Muitas vezes uma pessoa não salva porque não quer, ou porque, apesar de querer, não pode. Não se pode atribuir a Deus nenhum desses dois casos, desde que entregou o próprio Filho. Demonstrou também que o pode, quando justificou os pecadores. O que nos impede, portanto, de conseguirmos os bens futuros? Nada. Em seguida, para não sentires vergonha e enrubesceres ao ouvir falar de pecadores, inimigos, fracos, ímpios, escuta o que ele diz:

11. *E não é só. Mas nós nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem desde agora recebemos a reconciliação.*

O que significa: “*E não é só*”? Não apenas conseguimos a salvação, diz ele, mas também nos gloriamos daquilo de que talvez se pensasse que nos envergonhamos. Se com tamanha maldade fomos salvos, é sinal de que somos muito amados por aquele que nos salvou. Conferiu-nos a salvação, não por intermédio de anjos ou arcanjos, mas do Unigênito. Tece-nos inúmeras coroas porque nos deu a salvação, a nós que éramos tais, por intermédio do Unigênito, e não só do Unigênito, mas de seu sangue. De fato, nada contribui para estimular à glória e à confiança do que sermos amados por Deus, e reciprocamente o amarmos. Isto torna esplêndidos os anjos, os principados e as potestades, e é mais importante do que o reino. Paulo preferia tudo isso ao reino. Felicito também as potestades incorpóreas porque o amam e em tudo lhe obedecem. O profeta os admirava igualmente: “Executores poderosos da sua palavra” (Sl 103,20).

Daí ainda Isaías celebrar os querubins, a grande virtude de que dispõem, porque se acham perto daquela glória, sinal da máxima dileção.

Imitemos, portanto, também nós, aquelas celestes potestades, e não só cuidemos de estar perto do trono, mas também de que habite em nós aquele que está sentado no trono. Com efeito, ele amou também os que o odiavam, e continua a amá-los; em verdade: “Ele faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Tu, portanto, ama aquele que te ama. Verdadeiramente ele te ama. Mas, respondes, aquele que ama ameaçou com a geena, a pena e o suplício? É por isto mesmo: Porque ama. Pois, eliminando de ti a malícia, e coibindo pelo freio do

medo tua inclinação para o que é péssimo, emprega todos os meios para reter através de eventos bons e molestos tua propensão para as coisas vis, reconduzir-te a si e afastar-te do pecado, mal mais grave do que a geena. Não é de admirar que zombes do que já disse, e prefiras viver inteiramente mergulhado no pecado a ser castigado por um só dia; é sinal de imperfeição e de embriaguez incurável. Efetivamente, as crianças, ao olharem o médico trazer o cautério ou o bisturi, fogem, escapam, gritando e debatendo-se, e preferem sentir continuamente o corpo dolorido a suportar uma dor passageira, e em consequência obter a saúde. Ora, os homens ajuizados sabem que é mal maior estar doente do que sofrer algum corte, bem como ser desonesto é pior do que ser punido; de fato, um caso significa ser tratado e ficar curado, e o outro representa ruína e ficar doente para sempre. Todos sabem que é preferível a saúde à doença. Os ladrões não são dignos de pesar quando têm o peito traspassado, mas quando perfuram as paredes e assassinam. Se a alma é melhor do que o corpo – e o é realmente –, é justo deplorar e gemer que seja ela que morra, e mais lastimável ainda se estiver insensível a este mal. De fato, são mais deploráveis os que têm um amor impuro do que os febricitantes, e igualmente os ébrios mais do que os torturados. Ora, se é mais grave, replicas, por que então preferimos estes males? Porque à maioria dos homens, segundo o provérbio, agrada o que é pior, amam-no, menosprezando o que é melhor. Verifica-se isto relativamente aos alimentos, ao estilo de vida, à emulação, aos prazeres, às mulheres, aos senhores e aos escravos, aos campos etc. O que é mais aprazível, pergunto, a cópula com homens ou com mulheres, com mulheres ou com mulas? No entanto, há muitos que desprezam as mulheres, unem-se a animais, e deturpam seus corpos viris; embora seja mais agradável o que é segundo a natureza do que aquilo que lhe é contrário.

Entretanto, muitos buscam prazer em coisas ridículas, desagradáveis, merecedoras de suplício. Mas opinam que é aprazível, respondes. Por isso mesmo são infelizes; consideram agradável o que não é, de forma alguma. Também julgam que é péssimo o castigo do pecado. Ora, é absolutamente o oposto. Com efeito, se fosse um mal para os pecadores, Deus não lhes acrescentaria outro mal, nem teria querido colocá-los em piores condições. Ele, que tudo faz para extinguir a malignidade, não a aumentaria. Por conseguinte, não é malvadez punir o delinquente, e sim deixá-lo impune, da mesma forma que é péssimo para o doente não ser tratado. Não existe mal tão grande quanto as despropositadas concupiscências. Ao falar de despropósito, estou me referindo aos prazeres, à glória vã, ao domínio, em uma palavra ao supérfluo. Com efeito, quem leva uma vida dissoluta e depravada, parece felicíssimo, mas é o mais miserável dos homens, por introduzir em sua alma domínio despótico e tirânico. Deus nos deu no presente vida laboriosa a fim de nos libertar desta escravidão, e guiar-nos à verdadeira liberdade. Igualmente ameaçou-nos com castigos e associou a labuta à nossa vida, reprimindo a frouxidão. Com efeito, os judeus, enquanto se achavam sujeitos a trabalhar com o barro na fabricação de tijolos, eram mansos e invocavam frequentemente a Deus; após alcançarem a liberdade, contudo, murmuraram, irritaram a Deus, e envolveram-se em inúmeros males. Mas, o que dirás, replicas, a respeito daqueles que muitas vezes as tribulações levaram à perversidade? A origem desta não se encontra nas tribulações, mas na fraqueza deles. Se alguém que possui um estômago doente não suporta um remédio forte que poderia curá-lo ou matá-lo, não culpemos o remédio, mas a fraqueza do órgão; o mesmo afirmamos acerca da debilidade do espírito.

Pois quem se altera em consequência das tribulações, muito mais o atingirá o bem-estar. Se, portanto, um acorrentado cai (a tribulação, de fato, assemelha-se a correntes), mais facilmente cairia sem elas; retido perverte-se, mais ainda se relaxado. E como, perguntas, posso não me alterar no meio das tribulações? Pensando que hás de suportá-las, quer queiras quer não. Se as receberes com ação de graças, muito lucrarás; se a contragosto, triste e blasfemo, não as diminuirás, mas levantar-se-á maior tempestade. Refletindo que necessariamente hão de vir, acolhamo-las de boa vontade. Por exemplo:

Um homem perdeu o filho legítimo; um outro, todas as posses. Se refletires que não se escapa do que já aconteceu, mas que é possível colher frutos da infelicidade inevitável, suportando-a generosamente e dando graças ao Senhor em vez de blasfemar, os males involuntários se convertem em méritos através da boa intenção e plena aceitação. Viste um filho arrebatado em idade prematura? Dize: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou” (Jó, 1,21). Viste arruinadas as propriedades? Dize: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá” (Jó 1,21). Viste malvados prósperos e justos infelizes, repletos de aflições, e achas incompreensível? Dize: “Eu era um animal junto a ti. Mas estou sempre contigo” (Sl 73,22-23). Se procuras conhecer o motivo, pensa no dia determinado por Deus para julgar o mundo e resolverás qualquer dúvida, porque então cada qual receberá conforme o respectivo mérito, tanto Lázaro quanto o rico. Lembra-te dos apóstolos. Flagelados, expulsos, com mil padecimentos, alegravam-se por terem sido dignos de suportar opróbrios pelo nome de Cristo. E tu, ao suportares a doença com fortaleza, dando graças a Deus, receberás a mesma recompensa que eles. De que modo poderás, estando doente, cheio de dores, dar graças ao Senhor? Amando-o sinceramente. Com efeito, os três jovens na fornalha, outros em cadeias, ou submetidos a inúmeros males, não desistiram da ação de graças. Muito mais os aflitos por doenças e graves enfermidades puderam agir desta forma. Nada existe, certamente nada, que o amor não possa vencer. O amor de Deus, de fato, é o mais sublime que existe. O fogo, o ferro, a pobreza, a enfermidade, a morte, nada parecerá grave àquele que possui este amor, mas de tudo zombará, terá asas que o elevem ao céu, possuirá sentimentos em nada inferiores aos daqueles que o habitam, sem considerar coisa alguma, nem o céu, nem a terra, nem o mar, dando atenção apenas à beleza da glória de Deus. As tribulações da vida presente não haverão de deprimi-lo, nem poderão os acontecimentos prósperos e aprazíveis exaltá-lo e enchê-lo de orgulho. Apreciemos, portanto, este amor (ao qual nada se compara), em consideração dos bens presentes e dos futuros; ou melhor, em primeiro lugar, devido à própria natureza do amor. Desta forma, portanto, nos libertaremos dos suplícios da vida presente e da futura, e fruiremos do reino. Além disso, nem a isenção da geena, nem a posse do reino é algo de grandioso em comparação com o que vamos dizer: Mais importante é ter como ser amado e amante o próprio Cristo. Entre os homens o amor mútuo é superior a todo prazer. Quando ambos os amores existem em relação a Deus, que palavra, que mente poderá conceber a felicidade desta alma? Nada, a não ser a experiência. No intuito, portanto, de conhecermos por experiência esta alegria espiritual, vida feliz, tesouro de mil bens, renunciemos a tudo, tenhamos tal amor, para a nossa alegria e a glória de Deus bem-amado, porque a ele pertencem a glória e o império, com o Unigênito, na unidade do Espírito Santo, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA HOMILIA

A. Libertação do pecado, da morte e da lei

Adão e Jesus Cristo

5,12. *Eis por que, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram...*

Como os ótimos médicos sempre investigam a raiz das doenças e atingem a própria fonte do mal, assim procedeu São Paulo. Primeiro assegura que nós fomos justificados, e o mostrou por intermédio do patriarca, do Espírito e da morte de Cristo (que não teria sucedido se não tivesse por meta a justificação). Por fim comprova de outro ponto de vista o que demonstrara, e baseando a exposição em elementos opostos, isto é, a morte e o pecado, interroga de que maneira e de onde a morte se introduziu e por que razão imperou. Como, portanto, a morte entrou e imperou? Pelo pecado de um só

homem. O que significa: *“Porque nele todos pecaram”*? Pela queda e por causa dele, apesar de não terem comido do fruto da árvore, seus descendentes todos se tornaram mortais.

13. *Pois já antes da Lei, havia pecado no mundo; o pecado, porém, não é levado em conta quando não existe lei.*

Alguns julgam que a expressão: *“Antes da Lei”* indica o tempo anterior à promulgação da Lei, a saber, a época em que viveram Abel, Noé e Abraão, até o nascimento de Moisés. Que pecado havia então? Uns dizem que ele assinala o pecado cometido no paraíso, que ainda não estava apagado, dizem eles, e vicejava nos frutos, causando de modo geral a morte, que imperava e tiranizava. Por que, então, acrescentou: *“O pecado, porém, não é levado em conta quando não existe lei”*? Aqueles que concordam conosco afirmam que ele formulou, segundo a objeção dos judeus, o seguinte: Se não há pecado sem lei, porque a morte eliminou a todos os que viveram antes da Lei? A meu ver, o que vamos expor é mais consentâneo à razão e de acordo com o pensamento do Apóstolo. O que é? A asserção de que *“já antes da Lei, havia pecado no mundo”*, parece-me dizer que, depois de promulgada a Lei, o pecado por transgressão dominou e perdurou enquanto a Lei existia; *“o pecado, porém, não é levado em conta quando não existe lei”*. Se, portanto, este pecado por transgressão da Lei gera a morte, replicas, como morreram todos os que existiram antes da Lei? Se o pecado foi a raiz da morte e *“o pecado não é levado em conta quando não existe lei”*, de que modo imperava a morte? Daí se conclui que não foi o pecado por transgressão, mas o pecado de desobediência cometido por Adão que arruinou tudo. E como se comprova? Porque antes da Lei todos morriam.

14. *Todavia a morte imperou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram.*

Como imperou?

De modo semelhante à transgressão de Adão, que é figura daquele que devia vir.

Adão, portanto, é figura de Jesus Cristo. De que modo é figura? – perguntas. Adão para os seus descendentes, apesar de não terem comido do fruto da árvore, foi causa de morte, através do alimento; doutro lado, Cristo para os seus, que não haviam praticado o bem, foi conciliador da justiça, concedida a todos nós por meio da cruz. Por esta razão, o Apóstolo sempre e em toda parte insiste neste *“um só”*, e frequentemente o destaca: *“Eis por que, como por meio de um só homem a morte entrou no mundo”* (Rm 5,12); e: *“Se pela falta de um só todos morreram”* (Rm 5, 15); e: *“Também não acontece com o dom como aconteceu com o pecado de um só”*; e: *“O julgamento de um só resultou em condenação”*; e ainda: *“Se, com efeito, pela falta de um só a morte imperou através deste único homem”*; e: *“Se, com efeito, pela falta de um só”*; e ainda: *“Como pela desobediência de um só, todos se tornaram pecadores”* (Rm 5,16ss), e não desiste deste *“um só”*, de sorte que se um judeu te disser: É possível que apenas um, Cristo, pratique o bem, e obtenha a salvação para todo o orbe? – possas replicar-lhe: É possível que um só, Adão, tenha desobedecido e o mundo inteiro foi condenado? Entretanto o pecado não se iguala à graça, nem a morte à vida, nem o diabo a Deus, visto ser colossal a diferença. Dize-me: Que razão tens para ser incrédulo, uma vez que se originam da natureza das coisas, do poder de quem institui, e do próprio decoro (convém a Deus muito mais salvar do que punir), a excelência e os prêmios da vitória? Paulo mostra que é segundo a razão este evento, dizendo:

15. *Entretanto não acontece com o dom o mesmo que com a falta. Se pela falta de um só todos morreram, com muito mais profusão a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derramaram sobre todos.*

Isto é, se pôde tanto o pecado, e o pecado de um só homem, a graça, ou melhor, a graça de Deus, não só do Pai, mas também do Filho, não haverá de ultrapassar imensamente? É assaz razoável. Não parece justo que um suporte o castigo de um outro; é certamente mais decoroso e consentâneo ser

alguém salvo por intermédio de outrem. Se, portanto, o primeiro caso se realizou, muito mais o segundo.

Paulo apresenta provas, portanto, de ser decoroso e conveniente. Depois desta demonstração, faz-se admissível com facilidade. Na continuação evidencia-se ainda ser forçoso. De que modo?

16. *Também não acontece com o dom como aconteceu com o pecado de um só; porque o julgamento de um só resultou em condenação, ao passo que a graça, depois de numerosas faltas, resultou em justificação.*

Qual o significado desta afirmação? Que um pecado pôde causar a morte e a condenação; a graça, porém, não apagou apenas um pecado, mas também os cometidos posteriormente. Com efeito, os termos: “*Como*”, e: “*Assim*” não têm a mesma medida para os bens e os males, e a fim de não pensares, ouvindo citar Adão, que foi perdoado apenas o pecado que ele cometeu, o Apóstolo declara que muitos pecados foram apagados. De onde vem esta conclusão? Porque, depois de inúmeros pecados sucessivos ao que foi cometido no paraíso, caminha-se para a justificação. Onde há justiça, seguem-se necessariamente a vida e infinitos bens; de maneira semelhante, onde há pecado, há morte.

A justiça, com efeito, é maior do que a vida, raiz da vida. O próprio Apóstolo enuncia que foram introduzidos muitos bens, e não só aquele pecado, mas também os demais foram apagados, nos seguintes termos: “*A graça, depois de numerosas faltas, resultou em justificação*”. Daí forçosamente se manifesta que a morte foi vencida radicalmente. Resta provar novamente a asserção de que o que vem em segundo lugar é maior do que aquele que ocupa o primeiro. Na verdade, disse primeiro: Se o pecado de um só entregou todos à morte, muito mais a graça de um só poderá salvar; em seguida mostrou que não só aquele pecado foi destruído através da graça, mas também os restantes; não só foram apagados os pecados, mas também foi dada a justiça. Cristo nos foi proveitoso não só na medida em que Adão nos prejudicara; muito mais e melhor. Visto que proferira asserções tão grandiosas, será preciso reiterar ulterior comprovação. Como ele a realizou?

17. *Se, com efeito, pela falta de um só a morte imperou através deste único homem, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo.*

Assevera o seguinte: O que armou a morte contra o mundo todo? O fato de um homem ter comido do fruto da árvore. A morte retirou tanta força de um só delito. Poderiam enfim estar sujeitos à morte homens que receberam graça e justiça em medida muito maior do que a daquele pecado? Por isso, ele não disse nesse trecho: Graça, e sim: “*Abundância da graça*”. Não recebemos apenas suficiente graça para apagar o pecado, porquanto ela foi bem maior. Com efeito, fomos isentos do castigo, despojados de qualquer malícia, regenerados do alto e, sepultado o velho homem, ressuscitamos. Fomos redimidos, santificados, adotados como filhos, justificados e tornamo-nos irmãos do Unigênito, co-herdeiros, concorpóreos e partícipes de sua carne, unidos a ele como o corpo à Cabeça. A tudo isto Paulo denominou “*Abundância da graça*”, mostrando que não nos foi aplicado apenas um remédio adequado à ferida. Este ainda conferia saúde, beleza, honra, glória e dignidade, muito além de nossa natureza, suficiente cada qual para livrar da morte. Mas, uma vez que todas estas qualidades ocorrem ao mesmo tempo, não resta vestígio, nem sombra da morte, que desapareceu radicalmente. Assemelha-se a um homem que lançasse no cárcere um devedor de dez óbolos, não sozinho, mas acompanhado da mulher, dos filhos e dos servos; pagou um recém-chegado, porém, não só dez óbolos, mas mil talentos de ouro, e levou o cativo para o palácio real, elevou-o ao trono e deu-lhe participação na suprema honra com esplendor. Ao credor não competia, portanto, guardar lembrança do empréstimo de dez óbolos. Tal nos sucedeu. Cristo solveu muito além da quantia que devíamos, mais que o imenso oceano em comparação com uma gota d’água. Não hesites, pois, ó homem, vendo

tamanhas riquezas, nem interrogues de que maneira a centelha da morte e do pecado se extinguiu, submersa no mar de tantos carismas. Paulo o sugere, nesses termos: “*Os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão na vida*”. Depois de esclarecer o assunto, repete o primeiro silogismo, em confirmação, dizendo: Se pelo delito de um só todos foram castigados, é possível por um só a justificação. E explana:

18. *Por conseguinte, assim como pela falta de um só resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça de um só resultou para todos os homens a justificação que traz a vida.*

E o confirma nesses termos:

19. *De modo que, como pela desobediência de um só, todos se tornaram pecadores, assim pela obediência de um só, todos se tornaram justos.*

Esse dito parece levantar não pequena questão, que facilmente se resolverá através de cuidadosa atenção. Qual é a questão? Assegurar que, pela desobediência de um só, todos se tornaram pecadores. Não é inverossímil que em consequência do pecado o primeiro homem fez-se mortal com todos os seus descendentes; mas seria lógico que pela desobediência de um homem um outro se tornasse pecador? A conclusão seria que não devia ser castigado a não ser que ele mesmo se tornasse pecador.

O que significa nesse trecho o termo: “*Pecadores*”? A meu ver, ser réu de suplício e condenado à morte. O Apóstolo mostrou claramente e em muitas passagens que, tendo morrido Adão, todos nós nos tornamos mortais. Surge, porém, a pergunta acerca do motivo por que assim aconteceu. Mas o Apóstolo ainda não o acrescenta, nem pertence ao presente argumento, pois disputa com o judeu que duvida e zomba de uma justiça que tenha vindo por um só homem. Por isso, após mostrar que o castigo de um derivou para todos, não acrescenta por que assim aconteceu. Não trata do supérfluo, mas insiste apenas no necessário. As normas de uma discussão não o forçavam mais do que ao judeu a se pronunciar; por isso deixa a questão aberta. Se algum de vós quer saber, diremos que este gênero de morte e condenação não só em nada nos prejudica, se formos vigilantes, mas até lucrarmos por nos termos tornado mortais. Em primeiro lugar, porque não pecamos estando num corpo que gozasse de imortalidade; em segundo, porque daí retiramos inúmeras oportunidades de adquirir sabedoria. De fato, faz-nos comedidos, temperantes, continentos, livres de qualquer pecado, convictos de ser a morte certa e suspeita. Então, ou melhor, primeiro confere muitos bens: as coroas dos mártires, os prêmios dos apóstolos. Desta forma foi justificado Abel, assim Abraão imolou o filho, assim João foi morto por causa de Cristo, assim os três jovens, assim Daniel. Se, portanto, o quisermos, nem a morte, nem o próprio diabo poderá nos prejudicar. É possível ainda aditar que alcançaremos a imortalidade, e corrigidos por pouco tempo, haveremos de fruir dos bens futuros. Depois, na vida presente, qual escola, através das doenças, tribulações, tentações, pobreza etc., males aparentemente graves, seremos instruídos e capacitados para a obtenção dos bens futuros.

20. *Ora, a Lei interveio para que avultassem as faltas;*

Em seguida, após mostrar que, por intermédio de Adão, o mundo foi condenado e por Cristo foram concedidas a salvação e a libertação do suplício, oportunamente investiga a respeito da Lei, reprimindo a opinião que eles tinham. Não apenas, assegura, em nada adiantou, nem ajudou, mas a sua introdução aumentou a doença. A conjunção: “*hina*” aqui não é final, mas consecutiva. Não foi dada para aumentar os pecados, mas para diminuir e apartar; sucedeu, porém, o contrário, não devido à natureza da Lei, e sim à inércia dos que a adotaram. Por que não disse: A Lei foi dada, e sim: “*A Lei interveio*”? Para assinalar que seu emprego era provisório, e não prevalecente e sempre válido. Ele o repete na Epístola aos Gálatas, embora de maneira diferente: “*Antes que chegasse a fé, nós éramos*

guardados sob a tutela da Lei para a fé que haveria de se revelar” (Gl 3,23). Por conseguinte, a Lei não guardava o rebanho para si, e sim para um outro. Considerando que alguns judeus eram grosseiros, dissolutos, ávidos de dons, a Lei foi dada a fim de corrigi-los melhor, claramente ensinar em que estado se encontravam e o incremento da acusação mais os reprimisse. Mas, não temas. Tais acontecimentos não tinham a finalidade de aumentar o castigo, e sim de melhor manifestar a graça. Por isso acrescentou: *mas onde avultou o pecado, a graça superabundou*.

Não disse: Abundou, e sim: “*Superabundou*”. Não somente, portanto, livrou do suplício, mas também concedeu a remissão dos pecados e a vida, e outros dons frequentemente aqui mencionados. Assemelhar-se-ia a um homem que não só livrasse da doença um febricitante, mas ainda o fizesse formoso, forte, respeitável; ou não apenas alimentasse um faminto, mas lhe desse a posse de muito dinheiro e o elevasse a grande poder. E como, perguntas, abundou o delito? A Lei formulou muitos preceitos e visto que todos eles foram transgredidos, abundou o pecado. Vês a grande diferença entre a graça e a Lei? A Lei fez-se suplemento de condenação, a graça, porém, profusão de dons.

Após declarar a imensa solicitude de Deus para conosco, novamente procura o princípio e a raiz da morte e da vida. Qual a raiz da morte? O pecado. Por isso asseverou:

21. *para que, como imperou o pecado na morte, assim também imperasse a graça por meio da justiça, para a vida eterna, graças a Jesus Cristo, nosso Senhor.*

Com esta afirmação, mostra que o pecado foi uma espécie de soberano, e a morte qual soldado sob seu comando e por ele armado. Em consequência, se o pecado armou a morte, é evidente que a justiça, que o apaga, e foi introduzida pela graça, não só desarma a morte, mas também a reduz a nada e retira-lhe todo domínio. Seu reinado é mais forte. Não é obra humana ou diabólica, mas ação de Deus e da graça. Conduz nossa vida a um estado melhor e a uma felicidade infinita. Seu reino não terá fim. Assim entenderás sua proeminência. O pecado nos arrebatou a vida presente; a graça, porém, adveio e não nos deu a vida presente, mas a imortal e eterna. Cristo é totalmente o mediador. Por conseguinte, não duvides da vida, se possuis a justiça, porque, na verdade, a justiça é maior do que a vida, enquanto mãe desta.

O batismo

6,1. *Que diremos, então? Que devemos permanecer no pecado a fim de que a graça atinja sua plenitude? De modo algum!*

De novo o discurso retorna à moral, sem dar-lhe a dianteira para não parecer a muitos oneroso e molesto, seguindo, no entanto, a série dos dogmas. Era deste modo precavido, variando as expressões para não serem levadas a mal (e por este motivo dizia: “*Eu vos escrevi, e em parte com certa ousadia*” – Rm 15,15); do contrário, parecer-lhes-ia mais duro. Assegurou, portanto, ser grande a graça que cura os pecados graves; os mais insensatos, contudo, poderiam pensar tratar-se de um estímulo ao pecado. Declaravam: Se a graça é maior ao cometermos pecados graves, não deixemos de pecar, a fim de que a graça se manifeste mais amplamente. No intuito de evitar que dissessem ou opinassem desta forma, verifica de que maneira soluciona a objeção, primeiro por uma negação, dizendo: “*De modo algum!*”, conforme se costuma fazer diante de afirmações evidentemente absurdas e em seguida apresentando o raciocínio irrefutável. Qual?

2. *Nós que morremos para o pecado, como haveríamos de viver ainda nele?*

O que significa: “*Morremos*”? Talvez a sentença que recebemos todos acerca do pecado? Ou que somos mortos para o pecado pela fé e a iluminação? Isto certamente é preferível, pois demonstra-o também a continuação. O que significa, porém, estar mortos para o pecado? Em nada obedecer-lhe

doravante. Foi o que uma vez sucedeu no batismo: *“Morremos para o pecado”*. Importa que tenhamos tal zelo continuamente, de sorte que, por mais que ele ordene, não obedecemos, imobilizados à semelhança de um morto. Ora, em outra passagem, Paulo afirmou que o próprio pecado estava morto. Exprimia-se desta maneira, visando evidenciar ser fácil a virtude. Aqui, porém, empenhado em estimular o ouvinte, atribui-lhe a morte. Em seguida, uma vez que a frase era obscura, expõe-na, utilizando palavra mais forte, pois diz:

3. *Ou não sabeis, irmãos, que todos os que fomos batizados em Cristo, é na sua morte que fomos batizados?*

4. *Pois pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte*

O que quer dizer: *“Pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte”*? Que morramos como ele morreu. O batismo é cruz. Por conseguinte, o que foi para Cristo a cruz e a sepultura, tornou-se para nós o batismo, embora não em idênticas condições. Ele, de fato, corporalmente morreu e foi sepultado, e ambas as ações se realizaram em nós relativamente ao pecado. Por isso, ele não disse: Identificamo-nos com ele pela morte, e sim: *“Por uma morte semelhante à sua”*. Num e noutro caso trata-se de morte, mas é distinto o substrato. A morte de Cristo é corporal, a nossa é morte ao pecado. Tanto uma quanto a outra são verdadeiras. Ora, apesar de verdadeira, devemos apurar por comparação qual a nossa, e por isso ele acrescentou: para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova.

Nesta passagem trata também da ressurreição, e do esforço por uma vida honesta. De que maneira? Acreditaste que Cristo morreu e ressuscitou? Em consequência, acredita também no que te compete. Há semelhança, visto que também a ti tocam a cruz e o sepulcro. Com efeito, se participaste da morte e da sepultura, bem mais da ressurreição e da vida. Anulado o pior, o pecado, não há motivo de dúvida a respeito do menos difícil, a saber, a abolição da morte. Nesse ínterim, Paulo deixa à consciência dos ouvintes esta reflexão, enquanto ele, proposta a futura ressurreição, exige de nós no presente outra ressurreição, novo estilo de vida, resultante da mudança de costumes. De fato, quando um fornicador se torna casto, um avaro misericordioso, um homem áspero manso, realiza-se uma ressurreição, prólogo da futura. E de que modo há ressurreição? Com a morte do pecado e o ressurgimento da justiça, a supressão da antiga vida e a entrada em vigor da vida nova, angélica. Ao ouvires falar de vida nova, pensa em importantes alternativas e significativa alteração.

Na verdade, correm-me as lágrimas e emito profundos gemidos ao pensar quanta sabedoria Paulo reclama de nós, e a que indolência nos entregamos. Retornamos depois do batismo à antiga senectude, voltamos ao Egito, ansiando pelos alhos após termos sido alimentados com o maná. Dez ou vinte dias depois da recepção do batismo vêm as trocas, e comportamo-nos de maneira igual à anterior. Ora, Paulo não reclama determinado número de dias, mas requer tal comportamento por toda a vida. Nós, contudo, depois de rejuvenescidos pela graça, voltamos ao vômito precedente e os pecados nos envelhecem. De fato, a avidez de dinheiro e a escravidão de desarrazoadas ambições, enfim todos os pecados costumam envelhecer quem os comete e este homem, velho e senil, decrépito, aproxima-se do termo. Com efeito, não, não se vê um corpo de tal modo gasto pelos anos quanto uma alma corrompida e decadente pelos pecados. No final, é levada a extremas futilidades, tagarela como os velhos e loucos, e cheia de humores, de esquisitice e esquecimento, de olhos remelentos, abominável aos homens e fácil presa do diabo. Tais são as almas dos pecadores. Ao invés, as almas dos justos rejuvenescem, vigorosas, sempre na flor da idade e prontas para a luta e o combate. As almas dos pecadores, porém, até em mínimo conflito logo tombam e perecem. O profeta o explana, nesses termos: *“São como a poeira que o vento dispersa da face da terra”* (Sl 1,4), de tal modo os que vivem

em pecado são versáteis, inclinados às ofensas. Não veem com clareza, não ouvem bem, não têm boa dicção, agravam-nos os soluços, têm a boca umedecida por grande quantidade de saliva. E oxalá fosse saliva, porque não seria tão ruim. Proferem palavras mais pútridas do que o lodo e o que é pior, não conseguem cuspir a espuma de palavras, mas a retiram com a mão de modo detestável, novamente a mastigam porque é densa e insolúvel. Talvez ouças com náusea e fastio esta narração. Quanto mais enfastia a realidade! Se corporalmente é indesejável e desagradável, muito mais espiritualmente. Tal era aquele filho pródigo que consumira todas as suas posses, e reduzira-se à extrema miséria, de sorte que estava mais fraco do que qualquer doente em delírio. Todavia, quando quis, de repente se restaurou através apenas de um bom propósito e de conversão. Tendo dito: “Irei a meu pai” (cf. Lc 15,18), esta única palavra lhe conferiu todos os bens, ou melhor, não apenas a palavra, mas a ação conjunta à palavra. Pois não disse: “Irei” e permaneceu no mesmo lugar, e sim: “*Irei*”, e voltou refazendo o caminho inteiro. Façamos o mesmo também nós. Apesar de expatriados, retornemos à casa paterna, e não nos aflijamos diante da extensão do caminho. Pois, se quisermos, a volta será fácil e rapidíssima, contanto que deixemos o exílio, a terra estrangeira, a saber, o pecado, que nos apartou da casa paterna. De fato, o pai é amoroso, e não nos amará menos depois de convertidos do que aos bons filhos e até mais intensamente. Na verdade, o pai prestou maiores honras ao filho que recuperou, com alegria mais forte. E de que modo voltarei? – perguntas. Basta começar, e tudo fica concluído. Deixa de pecar, não vás adiante, e já alcançaste. Numa doença não piorar é o início da convalescença. O mesmo acontece relativamente ao pecado. Não vás avante e porás um termo à malvadez. Se o fizeres por dois dias, no terceiro será mais fácil; aos três aditarás dez, daí vinte, depois cem, enfim a vida inteira. À medida que progredires, mais claramente verás o caminho e, atingido o cume, colherás superabundantes frutos. Igualmente por ocasião da volta do filho pródigo, houve flautas, cítaras, danças, banquete, festejos. Ora, aquele que ao filho devia pedir contas de tão inoportunos gastos e diuturna fuga, nada fez; ao contrário, olhou-o como se tivesse tido bom comportamento. Não apenas não o censurou com palavras, ou melhor, nem menção fez da vida anterior, mas, repleto de alegria, beijou-o, matou o novilho, revestiu-o de uma túnica, acrescentou vários ornatos. Instruídos por tal exemplo, confiemos e não desesperemos. Deus não se alegra tanto ao ser denominado Senhor, como ao receber o nome de Pai, preferindo ter um filho a um escravo. Por esta razão fez o que fez, e não poupou o seu Unigênito a fim de recebermos a adoção de filhos (cf. Rm 8,15), e o amássemos não apenas qual Senhor, mas ainda como Pai. Se nos vir atuando desta forma, considera tal atitude uma glorificação, e alegremente o divulga, ele que de nada do que é nosso necessita. Procedeu desta forma relativamente a Abraão, dizendo sempre: Eu sou o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Ora, era dever dos escravos disso se enaltecerem; ao invés, é o próprio Senhor que se gloria. Igualmente interroga a Pedro: “Tu me amas mais do que estes?” (Jo 21,15), numa demonstração de que nada mais requer de nós. E ordenou a Abraão que imolasse o filho, a fim de manifestar a todos que o patriarca assaz o amava. Desejar ser muito amado é sinal de imenso amor. Por isso dizia ainda aos apóstolos: “Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10,37).

Em seguida, ordena que a alma, que constitui o que de mais caro possuímos, ocupe o segundo lugar após o amor de Deus, porque quer ser amado por nós em grau máximo. Nós, de modo semelhante, se não temos muito amor a alguém, não sentimos falta do amor de tal pessoa, mesmo que seja importante e ilustre. Quando, porém, ardente e sinceramente amamos, apesar de ser a pessoa amada insignificante e mínima, damos grande importância ao amor que nos dedica. Por isso Cristo não somente denominava glória ser amado por nós, mas ainda sofrer aquelas injúrias por nossa causa. De fato, era glória só devido ao amor. Quanto ao que nós tenhamos sofrido por causa dele, com razão recebeu a denominação de glória e o era de fato, não somente devido ao amor, mas ainda diante da glória e

dignidade do ser amado.

Incorramos em perigos por ele como se fosse para obter as máximas coroas, e não consideremos pesadas e molestas a pobreza, a doença, a ofensa, a calúnia, nem a própria morte, se tivermos de suportá-las por ele. Pois, se pensarmos bem, daí colheremos grandes frutos, bem como, se não o entendermos, nada lucraremos, nem mesmo de condições opostas. Pondera o seguinte. Alguém te incomoda e contraria? Está te provocando a seres vigilante e oferecendo-te ocasião de te assemelhares a Deus. Se amas a quem te arma insídias, serás semelhante àquele “que faz nascer o sol sobre maus e bons” (Mt 5,45). Um outro te roubou dinheiro? Se suportares generosamente, receberás a mesma recompensa que aqueles que distribuem tudo aos pobres. “Aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens, certos de possuir uma fortuna melhor e mais durável nos céus” (Hb 10,34). Alguém te atacou com ultrajes? Quer sejam verdadeiros ou falsos, teceu-te a maior coroa, se forem tolerados com igualdade de ânimo. Pois o caluniador nos obtém grande recompensa (“Alegrai-vos e regozijai-vos quando disserem todo o mal contra vós, mentindo; porque será grande a vossa recompensa nos céus”) (cf Mt 5,12.11). Se for verdade o que diz, será muito útil, se, contudo, pacientemente aceitarmos. Com efeito, aquele fariseu proferia muitas verdades contra o publicano (cf. Lc 18,11). Ora, transformou o publicano em justo. Que necessidade há de mencionar cada caso? É possível saber, percorrendo cuidadosamente os combates de Jó. Por esta razão também dizia Paulo: “*Se Deus está conosco, quem estará contra nós?*” (Rm 8,31). Zelosos, portanto, retiraremos lucro do que nos causa aborrecimentos, enquanto não nos tornarmos melhores se formos negligentes, nem por intermédio do que nos é proveitoso. O que adiantou a Judas a convivência com Cristo? – pergunto. O que a Lei aos judeus? O que o paraíso a Adão? O que Moisés aos que estavam no deserto? Por isso, deixando de lado estas interrogações, devemos apenas cuidar honestamente do que é nosso. Se o fizermos, nem o próprio diabo nos vencerá jamais, antes nos será de vantagem porquanto nos induz à vigilância. Assim Paulo estimulava os efésios, quando mencionava a crueldade do diabo (cf. Ef 6). Verdadeiramente, nós estamos entregues ao sono e roncamos, apesar de termos contra nós inimigos tão malignos. De fato, se soubéssemos que uma serpente se achasse escondida perto de nosso leito, teríamos todo empenho em matá-la. Do diabo, porém, oculto em nossas almas, julgamos que não sofremos mal algum, e caímos. O motivo é que não o vemos com os olhos corporais, embora devêssemos ser mais vigilantes e precavidos. De um inimigo visível é fácil acautelar-se; de um invisível, contudo, se não estivermos inteiramente armados, não poderemos escapar com facilidade, principalmente porque ele não costuma atacar-nos de frente; do contrário, logo seria apanhado, mas frequentemente, sob o disfarce de amizade, inocula-nos o veneno fatal. Assim, quanto a Jó, seduziu a mulher que, sob disfarce de amizade, proferiu um conselho pernicioso; quanto a Adão, simula assumir solicitude e patrocínio, dizendo: “No dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão” (Gn 3,6).

Desta forma, fingindo piedade, persuadiu a Jefté a imolar a filha e a oferecer um sacrifício iníquo. Vês as insídias? Vês as suas diversas espécies de ataque? Cuidado, portanto, e mune-te de armas espirituais, aprende cuidadosamente quais os seus artifícios para que não te possa apanhar e tu o prendas facilmente. Assim Paulo, de fato, o venceu, estando bem instruído, por isso disse: “Pois não ignoramos as intenções dele” (2Cor 2,11). Esforcemo-nos, portanto, por conhecer estas intenções, escapar e alcançar a vitória, a fim de sermos proclamados vencedores no presente e no século futuro, e conseguirmos os bens imperecíveis, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

6,5. *Porque, se nos tornamos um só com ele por uma morte semelhante à sua, seremos um só com ele também por sua ressurreição,*

Vou repetir agora o que já disse acima. O Apóstolo frequentemente faz digressões acerca da moral. Aqui, contudo, não procede de modo idêntico às demais epístolas, que divide em duas partes, destinando a primeira aos dogmas e a segunda aos costumes, porque nesta epístola inteira trata em mescla de ambas a fim de tornar aceitável a exposição. Na presente passagem menciona duas espécies de mortificação e duas de morte. Uma realizada por Cristo no batismo, outra que nos cabe realizar por consequente zelo. De fato, foi dádiva sua terem sido os primeiros pecados sepultados; quanto a permanecermos mortos ao pecado depois do batismo, deve ser obra nossa, apesar de verificarmos que é principalmente de Deus que nos auxilia. O batismo, na verdade, não só pode apagar os delitos anteriores, mas ainda preservar-nos dos futuros. Da mesma forma que ali introduziste a fé para que eles fossem apagados, assim posteriormente deves mudar de atitude para não te contaminares novamente. Dá este conselho e outros afins, dizendo: *“Porque se nos tornamos um só com ele por uma morte semelhante à sua, seremos um só com ele também por sua ressurreição”*. Notaste como ele estimula o ouvinte, guiando-o logo para junto de seu Senhor, e esforçando-se por apresentar grande semelhança? Por isso não disse: Morte, a fim de não contradizeres, mas: *“Morte semelhante”*. Não foi a própria substância que morreu, mas o homem oriundo dos pecados, isto é, a malícia. E não disse: Se nos tornamos partícipes por uma morte semelhante à sua; mas o que afirmou? *“Porque se nos tornamos um só com ele (συνφυτοί) por uma morte semelhante à sua”*, indicando sob o nome de plantação (φυτεία), o fruto que produziu em nós. Como seu corpo, sepultado na terra, frutificou em salvação para o mundo inteiro, assim o nosso, sepultado no batismo, produziu o fruto da justiça, a santificação, a adoção filial, inúmeros bens, e por fim, o dom da ressurreição. Uma vez que nós fomos sepultados na água e ele na terra, nós devido ao pecado, ele corporalmente, Paulo não disse: Um só com ele pela morte, mas: *“Por uma morte semelhante”*. Nos dois casos há referência à morte, mas o substrato não é idêntico. Se, portanto, nos tornamos um só pela morte, também o seremos pela ressurreição, a futura ressurreição. Pois, acima, ao discorrer sobre a morte, nesses termos: *“Ou não sabeis, irmãos, que todos os que fomos batizados em Cristo, é na sua morte que fomos batizados?”*, nada de claro proferiu sobre a ressurreição, mas tratou do estilo de vida após o batismo, ordenando que se vivesse vida nova. Por este motivo, aqui retomando o fio do discurso, enfim prenuncia-nos a ressurreição. E a fim de te certificares de que não fala da ressurreição batismal, mas da outra, ao dizer: *“Porque se nos tornamos um só com ele por uma morte semelhante à sua”*, não acrescentou: Por ressurreição semelhante à sua, mas *“por sua ressurreição”*.

Para evitar que digas: Como? A não ser que morramos como ele morreu é que ressurgiremos como ele ressuscitou? Ao citar a morte, não disse: Tornamo-nos um só com ele pela morte, mas *“por uma morte semelhante à sua”*. Ao tratar da ressurreição, não disse: Ressurreição semelhante à sua, mas *“Seremos um só com ele também por sua ressurreição”*. Nem disse: Fomos feitos, mas *“Seremos”*, com isso declarando que esta ressurreição ainda não se efetuou, mas ainda há de vir. Em seguida, querendo fazer fidedigno o sermão, aponta para outra ressurreição levada a efeito antes desta, a fim de que por meio da presente, tenhas fé na futura. Com efeito, tendo dito que: *“Seremos um só com ele também por sua ressurreição”*, acrescentou:

6. *sabendo que nosso velho homem foi crucificado com ele para que fosse destruído este corpo de pecado,*

Simultaneamente formula a causa e a demonstração da futura ressurreição. E não disse: Foi crucificado, e sim: *“Foi crucificado com ele”*, colocando o batismo próximo da cruz. Por isso dizia

mais acima: *“Porque se nos tornamos um só com ele por uma morte semelhante à sua”, “para que fosse destruído este corpo de pecado”*. Não designa o corpo, mas toda a malícia. Como chama a malícia em geral de velho homem, assim também ao corpo daquele homem dá o nome de malícia, que consta de diversas partes. Verificando que não se trata de uma conjectura, escuta o próprio Paulo a explicar logo em seguida. Tendo dito: *“Para que fosse destruído este corpo de pecado”*, adicionou: e assim não sirvamos mais ao pecado.

Quero que esteja morto, não para ser destruído e morrer, mas para não pecar. E prosseguindo esclarece ainda:

7. Com efeito, quem morreu, ficou livre do pecado.

Fala relativamente a todo homem que, ao morrer, abandona o pecado, porque jaz morto. É idêntico o que sucede a quem sobe da piscina batismal. Quem já morreu, totalmente há de permanecer morto ao pecado.

Se, portanto, morreste no batismo, continua morto, porque, de fato, quem morreu não pode mais pecar; se, contudo, pecas, arruínas o dom de Deus. Depois, portanto, de exigir de nós tanta sabedoria, logo acrescenta qual a coroa, dizendo:

8. Mas, se morremos com Cristo,

Apesar de antes da coroação ser grande coroa estar em comunhão com Deus, todavia dou-te ainda outro prêmio. Qual? A vida eterna, pois diz: *temos fé que também viveremos com ele*.

E de onde parte a conclusão?

9. sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos já não morre,

E observa como disputa e retira provas de coisas opostas. Sendo verossímil que alguns se perturbassem diante da cruz e da morte, explana que por isso mesmo deviam ter confiança. Não julgues, diz ele, que por ter morrido uma vez ele seja mortal, pois permanece imortal. A sua morte foi a morte da morte e porque morreu, não morre; de fato, por aquela morte

10. ele morreu para o pecado,

O que significa: *“Para o pecado”*? Isto é, não era culpado de pecado, mas por causa de nosso pecado. Morreu para apagá-lo, e cortar-lhe os nervos e toda a força. Vês como ele atemoriza? Se Cristo não morre segunda vez, não há segundo batismo. Se não há segundo batismo, sejas precavido para não recaíres em pecado. Profere estas coisas a fim de se opor à asserção: Façamos o mal para sobreviverem os bens e ainda: *“Devemos permanecer no pecado a fim de que a graça atinja sua plenitude”*. Explica tudo isso para arrancar pela raiz esta opinião.

vivendo, ele vive para Deus.

Isto é, indissolivelmente, de sorte que a morte não tem mais domínio sobre ele.

Se inocente, ele sofreu a primeira morte, por pecados alheios, muito mais agora não morrerá, depois de ter apagado o pecado. É também o que se dizia na Epístola aos Hebreus: *“Mas foi uma vez por todas, no fim dos tempos, que ele se manifestou para abolir o pecado, através do seu próprio sacrifício”* (Hb 9,26). E uma vez que foi estabelecido que os homens morreriam uma só vez, assim também Cristo ofereceu-se uma só vez, a fim de apagar os pecados de muitos; da segunda, aparecerá sem pecado àqueles que devem ser salvos. Manifestou, porém, o vigor da vida segundo Deus e o poder do pecado. A vida segundo Deus, porque já não morre; o pecado, contudo, porque se ele levou à morte quem era impecável, como não perderá os culpados? Em seguida, porque falou da vida deles, a fim de que ninguém diga: E o que nos importa a nós? acrescentou:

11. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus

Disse bem: “*Considerai-vos*” porque já não é lícito enunciar o que foi dito acima. E o que devemos considerar? Que estamos “*mortos para o pecado e vivos para Deus*” em Cristo Jesus nosso Senhor.

Com efeito, quem vive desta forma assumirá toda virtude, tendo Jesus como aliado. É o sentido da expressão: “*Em Cristo*”. Se ele nos ressuscitou dentre os mortos, muito mais poderá abranger os vivos.

12. Portanto, que o pecado não impere mais em vosso corpo mortal, sujeitando-vos às suas paixões;

Não disse: A carne não viva, nem atue, e sim: “*O pecado não impere*”. Ele não veio destruir a natureza, mas corrigir o propósito. Em seguida, explanando que não somos forçados violenta e necessariamente a praticar o mal, mas agimos espontaneamente, não disse: Não exerça tirania, o que seria obrigar, e sim: “*Não impere*”. Seria absurdo que os que são conduzidos ao reino dos céus tivessem por rei o pecado, e os chamados a reinar com Cristo escolhessem ser cativos do pecado. Assemelhar-se-ia a alguém que arrancasse o diadema da cabeça e quisesse servir a uma mulher demoníaca, mendiga e maltrapilha. Além disso, como é coisa difícil superar o pecado, vê como demonstra ser fácil e suaviza o esforço, dizendo: “*Em vosso corpo mortal*”. Com isso declara que a luta é temporária e logo transitória; simultaneamente relembra-nos os primitivos males, raízes da morte; por isso e desde o início tornou-se corpo mortal. Mas pode acontecer que alguém que tem um corpo mortal não peque. Vês o excesso da graça de Cristo? Adão pecou quando ainda não tinha um corpo mortal; tu, que recebeste um corpo sujeito à morte, poderás ser coroado. E como, replicas, o pecado impera? Não por seu próprio poder, mas por tua indolência. Por isso, tendo dito: “*Não impere*”, mostra a espécie deste reinado, acrescentando: “*Sujeitando-vos às suas paixões*”. Não constitui honra para o corpo ceder tudo ao seu poder, antes, é extrema escravidão e imensa ignomínia. Se faz o que quer, então é privado de liberdade; quando, porém, é coibido, então especialmente conserva sua dignidade.

13. nem entregueis vossos membros, como armas de injustiça, ao pecado. Oferecei-vos... como armas de justiça

O corpo, portanto, acha-se entre a malícia e a virtude, bem como as próprias armas. Ambas as espécies de obras praticam os que delas usam. O soldado que luta pela pátria, e o ladrão armado contra os habitantes da casa, empregam armas idênticas. Não é culpa dos armamentos, mas de quem deles abusa. O mesmo acontece relativamente à carne, que se torna numa coisa ou noutra conforme a intenção, não segundo a própria natureza. Se o olho contempla com maldade a beleza alheia, tornou-se arma da iniquidade, não pela própria operação (é próprio do olho ver e não olhar maldosamente), mas o mal origina-se do pensamento de quem o faz olhar; se, porém, o contiveres, então será dardo de justiça. O mesmo se deve dizer da língua, das mãos e das partes restantes do corpo. Com razão ele deu ao pecado o nome de iniquidade, porque o pecador é iníquo para si ou para o próximo, antes mais para si do que para o próximo. Depois de apartar da malícia, guia à virtude com estas palavras:

Oferecei-vos a Deus, como ressuscitados dentre os mortos

Observa como exorta expressamente, lá falando do pecado, aqui de Deus. Tendo exposto a grande diferença entre os reinantes, excluiu de qualquer perdão o soldado que, abandonando a Deus, quis ficar sob o domínio do pecado. Não somente nesta passagem, mas nas subsequentes o formula, dizendo: “*Como ressuscitados dentre os mortos*”. Com isto explica o estrago do pecado e a grandeza do dom de Deus. Pensai, diz ele, o que fostes e em que vos transformastes. O que éreis? Mortos e perdidos pela maldade e incorrigíveis; ninguém vos podia ajudar. E em que vos transformastes ao ressuscitardes dentre os mortos? Vivos de uma vida imortal. E por obra de quem? De Deus, que tudo pode. Por

consequente, é justo que militeis sob seu comando, com tamanha disposição de ânimo quanto é justo àqueles que dentre os mortos ressuscitaram.

e oferecei vossos membros como armas de justiça a serviço de Deus.

O corpo, na verdade, não é mau, visto que é possível tornar-se arma de justiça. Refere-se à arma indicando que é iminente uma guerra furiosa. Por isso precisamos de armadura completa e forte, ânimo generoso, perito na arte militar e acima de tudo de um general. Com efeito, nosso general está continuamente presente, disposto a acompanhar a luta, sempre invencível, e preparou-nos armas fortes. Além disso, precisamos da disposição de usá-las de modo conveniente, de sorte que o general seja obedecido e as armas sejam assumidas em prol da pátria. Após, entretanto, haver exortado a realizar grandes feitos e mencionado as armas, a luta e a guerra, vê de que maneira encoraja e anima o soldado, nesses termos:

14. *E o pecado não vos dominará, porque não estais debaixo da Lei, mas sob a graça.*

Se, portanto, o pecado não mais nos domina, por que tantas prescrições: “*O pecado não impere mais em vosso corpo mortal*”, “*Nem entregueis vossos membros, como armas de injustiça, ao pecado*”? O que significa esta palavra? Aqui espalha qual semente a palavra, que depois explicará e comprovará com muitos argumentos. Qual, portanto, o sentido desta palavra? Nosso corpo, antes da vinda de Cristo, era fácil presa do pecado. Após a morte, introduziu-se um enxame de paixões, por isso o corpo não se achava ágil para a corrida da virtude. O Espírito não se encontrava presente para auxiliar, nem havia o batismo que poderia mortificar; e ele corria de fato, qual fogoso corcel, mas frequentemente se desviava. De fato, a Lei prescrevia o que se devia fazer e o que não, mas nada fornecia aos combatentes a não ser avisos verbais. Após a vinda de Cristo, no entanto, as lutas foram então mais fáceis. São-nos propostos maiores combates, porque nos apoiamos em auxílio mais poderoso. Por isso dizia Cristo: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus” (Mt 5,20). Com efeito, na continuação explica melhor; por enquanto sugere-o resumidamente, mostrando que o pecado não nos vencerá se não nos submetermos inteiramente. Não é apenas a Lei que o preceitua, mas também a graça, que perdoa os pecados passados e premune dos futuros. Efetivamente, a Lei prometia coroas após o labor; a graça, contudo, primeiro coroou e em seguida atraiu ao combate. A meu ver, com isso não se alude à vida toda do homem fiel, mas faz-se uma comparação entre o batismo e a Lei. Também o Apóstolo o diz em outro lugar: “A letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (2Cor 3,6). A Lei condena a prevaricação, a graça, porém, a apaga. A primeira, arguindo, estabelece o pecado, enquanto a graça, perdoadando, elimina a permanência sob o domínio do pecado. Assim, de dupla maneira estás liberado desta tirania: Não estás mais sob a Lei, e gozas do benefício da graça.

Depois de fazer o ouvinte respirar, de novo o fortifica, extraindo da objeção uma advertência, nesses termos:

O cristão é libertado da escravidão do pecado

15. *E daí? Vamos pecar, porque não estamos mais debaixo da Lei mas sob a graça? De modo algum!*

Em primeiro lugar empregou uma negação de que isto seria grande absurdo; em seguida, orienta-se para uma admoestação e demonstra a facilidade das lutas, assegurando:

16. *Não sabeis que, oferecendo-vos a alguém como escravos para obedecer, vos tornais escravos daquele a quem obedecéis, seja do pecado que leva à morte, seja da obediência que conduz à justiça?*

Ainda não menciono a geena, diz ele, nem aquele intenso suplício, mas a presente vergonha de

serdes escravos e espontaneamente escravos, e escravos do pecado, e ainda com a retribuição de morrerdes novamente. Se, pois, o pecado antes do batismo infligiu morte corporal, e a ferida precisou de tratamento tal que o Senhor do universo desceu até a morte, e assim expulsou o mal, depois de tão grande dom e da liberdade, tomou-te sem resistência e mais uma vez te sujeitaste, o que não acontecerá? Não te precipites, portanto, em tão grande confusão, nem te entregues voluntariamente. Nas guerras, com efeito, muitas vezes os soldados se entregam contra a própria vontade; aqui, no entanto, se não te entregares espontaneamente, ninguém te vencerá. Depois que incutiu pudor por causa do decoro, já atemoriza com os prêmios, e apresenta a retribuição de ambos, a justiça e a morte; morte, contudo, não vulgar, mas muito mais penosa. Se, na realidade, Cristo não morrerá outra vez, quem livrará daquela morte? Ninguém. Por conseguinte, forçosos serão o castigo e o suplício. E, como aqui na terra, não advirá mais a morte corporal, que dará descanso ao corpo e separa-o da alma: “O último inimigo a ser destruído será a morte” (1Cor 15,26). Daí ser imortal o suplício, não, contudo, para os que obedecem a Deus, que terão a justiça, os bens dela derivados, os prêmios.

17. *Mas, graças a Deus, vós, outrora escravos do pecado, vos submetestes de coração à forma de doutrina na qual fostes instruídos,*

Após ter-lhes incutido a vergonha da escravidão, atemorizado com a retribuição e exortado, de novo anima-os com a lembrança dos benefícios. Manifesta que foram libertados de imensos males, mas não pelos próprios esforços e que futuramente será mais fácil. Se alguém liberta um cativo de um tirano cruel, ao exortá-lo a não retornar para junto dele, relembra aquela pesada tirania. De igual forma Paulo descreve com ênfase os males passados, dando graças a Deus. Não podia a fortaleza humana livrar-nos daqueles males; mas graças a Deus que o quis e pôde realizar. E com justeza disse: “*Vos submetestes de coração*”. Não fostes obrigados, não houve violência, mas espontaneamente vos empenhastes em afastar-vos. Esta atitude é própria de quem louva e simultaneamente corrige. Uma vez que viestes espontaneamente e sem imposição alguma, que perdão, que desculpa merecereis se voltardes ao antigo teor de vida? Além disso, para que saibas, não foi só devido à honestidade deles que tudo aconteceu, mas totalmente pela graça de Deus, depois de dizer: “*Vos submetestes de coração*”, adicionou: “*À forma de doutrina na qual fostes instruídos*”. Uma obediência de coração denota o livre-arbítrio; e terem sido instruídos indica o auxílio de Deus. Qual, porém, é a forma de doutrina? Viver retamente e num ótimo teor de vida.

18. *e assim livres do pecado, vos tornastes servos da justiça.*

Aqui assinala dois dons de Deus: estar livres do pecado, e servir à justiça, o que é mais valioso do que qualquer tipo de liberdade. Deus por nós fez o mesmo que um homem que acolhesse um menino órfão, por bárbaros levado ao estrangeiro, e não só o libertasse do cativo, mas fosse um pai solícito, e o elevasse a grande dignidade. Foi o que nos aconteceu. Na realidade, não apenas nos libertou dos antigos males, mas também nos conduziu a uma vida angélica, abriu-nos caminho para um excelente estilo de vida, confiou-nos à tutela da justiça, extirpou os antigos males, mortificou o velho homem, e levou-nos pela mão à vida imortal. Vivos esperemo-la, porque muitos que aparentemente respiram e andam, jazem de modo mais miserável que os mortos.

Várias são, na verdade, as espécies de morte. Existe a morte corporal, segundo a qual Abraão, que estava morto, não morrera, pois diz o evangelho: “Ora, Deus não é Deus de mortos, mas sim de vivos” (Mt 22,32). Outra espécie é a morte da alma, à qual Cristo aponta ao dizer: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos” (Mt 8,22). Outra, e louvável, a que vem da sabedoria, da qual diz Paulo: “Mortificai os vossos membros terrenos” (Cl 3,5). Outra ainda, causa desta última, sobrevinda no batismo: “*Nosso velho homem foi crucificado*” (Rm 6,6), isto é, foi mortificado. Cientes disto,

fugamos daquela morte, segundo a qual nós, vivos, morremos; não temamos, contudo, a morte comum a todos. Escolhamos e ambicionemos as duas outras, das quais uma é feliz, a concedida por Deus, a outra louvável, que vem conjuntamente de Deus e de nós. A uma das duas Davi denomina feliz, nesses termos: “Feliz aquele cuja iniquidade foi perdoada” (Sl 32,1). Paulo admira a outra, escrevendo aos gálatas: “Os que são de Cristo crucificaram a carne” (Gl 5,24). Cristo declara que uma das outras duas deve ser desprezada: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma”. A outra, contudo, é terrível: “Temei antes aquele que pode precipitar a alma e o corpo na geena” (Mt 10,28). Por isso, fugindo desta, escolhamos aquela morte que é proclamada feliz e admirável, de sorte que de uma fugamos, temamos a outra. Não nos adianta ver o sol, comer, beber, se não houver vida pelas boas obras. Que vantagem para o rei estar revestido de púrpura, ter armas, mas nenhum súdito? Assim qualquer um poderá insultá-lo, injuriá-lo. Igualmente o cristão nada lucrará, se tiver a fé e o dom do batismo, mas estiver sujeito a todas as paixões, pois servir-lhe-á de maior opróbrio e vergonha. Como aquele rei com o diadema e a púrpura, não lucrará honra por meio destes ornamentos, e sim os rebaixa pela própria vergonha; assim o fiel de vida corrupta, não só não se fará respeitável pela fé, mas até ridículo: *“portanto, todos aqueles que pecaram sem Lei, sem Lei perecerão; e todos aqueles que pecaram com Lei, pela Lei serão julgados”* (Rm 2,12). E foi escrito aos hebreus: “Quem transgredir a Lei de Moisés é condenado à morte, sem piedade, e isto provado com duas ou três testemunhas” (Hb 10,28). Quanto maior não será o suplício daquele que conculcar o Filho de Deus? E com razão, pois pelo batismo sujeitei a ti todas as paixões. O que sucedeu para insultares tamanha dádiva e te alterares? Fiz perecer e sepultei teus primeiros delitos como se fossem vermes; por que geraste outros? De fato, os pecados são piores do que os vermes. Estes arruinam o corpo, aqueles estragam a alma e são mais fétidos. Ora, nós não os sentimos e por isso descuidamos de expurgá-los. O ébrio igualmente desconhece o mau odor do vinho fermentado; mas quem não está ébrio, muito bem o sente. Coisa semelhante acontece aos pecados. O homem temperante reconhece exatamente aquele lodo e aquela mácula; quem, contudo, se entregou ao mal, abatido pela embriaguez, não sabe que está doente. Ora, o máximo e gravíssimo mal do pecado consiste em que não deixa perceberem propriamente os que nele caem o tamanho de seu dano. Com efeito, eles, enquanto jazem no lodo, pensam estar gozando de um unguento, e por isso não podem se livrar, mas, cheios de vermes, exaltam-se como se estivessem ornados de pedras preciosas. Por este motivo, não querem extirpar aqueles vermes, mas os nutrem, e os crescem em si, até que os vermes os transfiram para o século futuro. De fato, são seus protetores; não apenas protetores, mas também genitores de vermes que não morrem jamais. “O seu verme não morre” (Mc 9,48). Eles acendem uma geena inextinguível. No intuito de evitar que tal aconteça, eliminemos a fonte dos males, extingamos a fornalha e extirpemos pela raiz a iniquidade. Com efeito, se cortares a má árvore no alto, nada consegues, porque a raiz que fica embaixo de novo brota. Qual é, portanto, a raiz dos males? Informa-te com o bom lavrador que o sabe com exatidão e cultiva a vinha espiritual, e é o agricultor do mundo inteiro. Qual assegura ele ser a causa de todos os males? A ambição das riquezas. “Porque a raiz de todos os males é o amor do dinheiro” (1Tm 6,10). Daí derivam as lutas, as inimizades, as guerras; daí as disputas, os ultrajes, as suspeitas, as injúrias; daí os assassinatos, os furtos, a violação dos sepulcros. Por causa dele não somente as cidades e regiões, mas ainda os caminhos, as cidades habitadas e sítios inóspitos, os montes, os bosques, as colinas, em uma palavra, todos os lugares estão cheios de sangue e morticínios. Nem o mar está isento desta peste, mas ali também grassa com grande furor, por meio dos ataques em toda parte dos piratas, que excogitam novo modo de rapina. Por causa dele as leis da natureza foram pervertidas, as instituições do parentesco abalados, os direitos de propriedade corrompidos.

Efetivamente, a tirania do dinheiro não somente armou as mãos contra os vivos, mas também

contra os mortos. Com essa gente não se pode fazer um pacto nem diante da morte, porque quebram as urnas sepulcrais, estendem as mãos criminosas contra os cadáveres e não deixam livres de insídias até os que migraram desta vida. Sejam quaisquer que forem os males que encontrares, em casa, na praça, nos tribunais, nas cúrias, nos palácios reais etc., verás que é daí que pululam. Este, na verdade, este é o mal que encheu toda parte de sangue e morticínios, que acendeu a chama da geena, fez as cidades em nada melhores, ou antes muito piores do que os desertos. Pois é fácil a precaução contra os que armam insídias à beira dos caminhos, porque não aparecem continuamente; os que, contudo, imitam-nos no meio das cidades são piores tanto mais quanto mais difícil é acautelarmo-nos, porque ousam abertamente o que os outros fazem às escondidas.

De fato, utilizam as leis promulgadas contra sua malvadez como aliados, quando encheram as cidades de mortes e crimes. Não é crime, pergunto, ou antes pior do que o assassinato, entregar o pobre à fome, lançar no cárcere, e expor o faminto a mil tormentos e torturas? Embora tu não o faças por ti mesmo, ofereces oportunidade de ser cometido, e o perpetras mais do que os teus servos. O homicida encrava o gládio, e causando uma dor momentânea, não mais atormenta. Tu, porém, com calúnias, aborrecimentos, insídias, convertes para eles a luz em trevas, e fazes com que prefiram mil vezes morrer. Pensa quantas mortes causas em vez de uma. E o que é mais grave, roubas, adquires riquezas, sem estares pressionado pela pobreza, nem obrigado pela fome, mas para que o freio do cavalo, o teto da casa, os capitéis das colunas sejam recobertos de muito ouro. E que geena não mereces quando projetas em mil infortúnios um irmão, participante contigo de bens arcanos, e por teu Senhor tão honrado, para ornamentos de pedras preciosas o pavimento de tua casa, e o corpo de animais insensíveis a tal ornamentação? O cão te ocasiona muitos cuidados; o homem, porém, ou antes, o Cristo, fica abandonado em extrema fome por causa do cão e dos ornamentos supramencionados. Que pior confusão pode haver? O que de mais grave do que esta iniquidade? Quantos rios de fogo são suficientes para tal alma? O homem, criado à imagem de Deus, fica em situação indecorosa por causa de tua desumanidade, a cabeça das mulas que carregam tua esposa fulguram de ouro, e o mesmo a madeira e o couro de que se compõe o teto. Os assentos, o escabelo hão de ser ornados, decorados com ouro e prata. Mas o membro de Cristo, e aquele por cuja causa ele desceu do céu e derramou seu precioso sangue, por tua avareza carece do indispensável sustento. Os leitos são inteiramente ornamentados de prata, enquanto os corpos dos santos carecem da necessária veste. Por ti Cristo é mais depreciado do que os domésticos, as mulas, o leito, o assento, o escabelo. Omito citar os vasos ainda mais vis, deixando à vossa reflexão. Se estremeces ao ouvir isto, deixa de fazê-lo; ao falar em nada te danifico. Renuncia, impõe um fim a esta loucura. De fato, é louco este empenho. Por isso, abandonando-o, ao menos tardiamente olhemos para o céu. Trazendo à mente o dia que há de vir, pensemos naquele tremendo tribunal, nas contas estritas a prestar, no julgamento incorrupto. Consideremos que Deus que tudo vê não envia raios do céu, embora estes atos mereçam mais do que raios. Todavia ele não o faz, nem lança o mar contra nós, nem faz a terra abrir-se pelo meio, nem o sol se extinguir, não projeta abaixo o céu com as estrelas, enfim não retira tudo, mas deixa-o na devida ordem, para que toda criação nos sirva. Ponderando tudo isso, estremeçamos diante da grandeza de seu amor aos homens, e recuperemos nossa nobreza. Agora certamente não temos sentimentos melhores do que os animais, mas muito piores; eles amam os seus semelhantes e a comum natureza basta-lhes para o amor recíproco.

Além da comum natureza, tens muitos outros bens que te levam à aproximação dos outros membros, dotados da dignidade da razão, unidos pela religião, partícipes de inúmeros bens, mas te fizeste mais cruel do que as feras. Empregas intensa solicitude por coisas inúteis, mas desprezas os templos de Deus que perecem de fome e nudez, ou antes, frequentemente cercas de muitos males. Se o

fazes por ambicionar a glória, muito mais devias cuidar do irmão do que do cavalo. De fato, quanto melhor for o beneficiado, tanto mais se tece esplêndida coroa para ti, em vista de teu zelo. Mas, como agora caís no oposto, não percebes que atraís para ti inúmeros acusadores. Quem não haverá de te amaldiçoar? Quem não te acusará de suma crueldade, vendo que injurias o gênero humano, antepondo os animais aos homens, e acrescentando aos animais a casa e os bens móveis? Não ouviste os apóstolos dizerem que os primeiros fiéis que receberam a palavra vendiam casas e campos para sustentar os irmãos? Tu, no entanto, roubas casas e campos a fim ornares o cavalo, o madeiramento, os couros, as paredes e o pavimento. E o que é mais grave, não somente os homens, mas também as mulheres são presas desta loucura. Elas estimulam os maridos a este vão trabalho, obrigando-os a despesas muito além do necessário. Se alguém admoestar a este respeito, preparam uma defesa digna de condenação: Esta e aquela assim agem. O que dizes? Ao falares desta forma, não receias enumerar o Cristo faminto com os cavalos, as mulas, os leitões e os escabelos? Ou antes, nem no meio deles, mas lhes entregas a maior parte, a ele mal concedendo um pouquinho. Não sabes que tudo é dele, tu e os teus bens? Ou ignoras que ele plasmou teu próprio corpo, infundiu-te a alma, e conferiu-te o mundo todo? Tu, porém, retribuis com um pouquinho. Mas se alugares uma pequenina casa, exiges exato pagamento. Tu que aproveitas de toda a criação, e habitas num mundo tão grande, não suportas dar-lhe uma pequena retribuição, mas empregas a ti mesmo e o que é teu em vanglória, porque da vanglória tudo depende. O cavalo não fica melhor ou mais robusto com tal ornamento, nem o cavaleiro mais importante, mas algumas vezes é até mais desprezado. Muitos, de fato, deixam de olhar o cavaleiro e voltam os olhos ao ornato do cavalo, bem como aos escravos que seguem e precedem e aos que afastam a multidão. De fato, odeiam aquele que é escoltado, e têm-lhe aversão qual comum inimigo. Tal não acontece ao ornar a alma; mas os homens, os anjos e o Senhor dos anjos, enfim todos tecem-te uma coroa. Por conseguinte, se amas a glória, renuncia ao que fazes agora, e orna a alma, não a casa, a fim de te tornares esplêndido e ilustre. Certamente nada terá sido mais vil do que teres a alma vazia, e ostentares a beleza de tua casa. Se, contudo, não toleras minhas palavras, escuta o que fez um pagão, e envergonha-te ao menos diante da sabedoria dos gentios. Narra-se que um deles entrou numa casa opulenta, fulgurante de ouro, reluzente com os mármore e a beleza das colunas; tendo visto também o pavimento recoberto de tapetes, cuspiu na face do dono da casa. Como este se indignasse, respondeu que em parte alguma da casa podia fazê-lo e por isso foi obrigado a infligir esta injúria ao rosto dele. Viste quão ridículo é aquele que ornamenta as coisas exteriores e é desprezado por todos os que gozam de juízo sadio? E com razão. Com efeito, se alguém deixasse a esposa com roupa rasgada e vil e revestisse uma escrava com esplêndido traje, não suportarias tranquilo, mas te irritarias e considerarias máxima injúria. Pensa o mesmo a respeito de tua alma. Ao ornar paredes, pavimento, bens móveis etc. e não dares esmolas com liberalidade, nem exerceres outra obra prudente, outra coisa não fazes senão o que disse; ou antes, algo de muito mais grave. Efetivamente, entre a escrava e a senhora não há distinção, entre a alma, contudo, e a carne grande é a diferença. Se relativamente à carne é assim, muito mais entre a alma e a casa, entre a alma e o leito e o escabelo. Que defesa mereces tu que recobres tudo isto de prata, e a negligências esfarrapada, esqualida, faminta, chagada, dilacerada por inúmeros cães e ainda julgas que te cobres de glória usando ornamentos exteriores? É peculiar à suma loucura. Ainda te apraz seres ridicularizado, injuriado e ultrajado, e cáíres em desonra e daí no extremo suplício. Por isso rogo e insisto, arrependamo-nos com tais pensamentos ao menos tardiamente, recuperemos o juízo, e transfiramos aquele ornato das coisas exteriores para a alma. Então, permanecerá intacto e nos igualará aos anjos, e obter-nos-á bens imperecíveis. Possamos todos nós consegui-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual seja dada glória nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEGUNDA HOMILIA

6,19. *Emprego uma linguagem humana, em consideração de vossa fragilidade. Como outrora entregastes vossos membros à escravidão da impureza e da desordem para viver desregradamente, assim entregai agora vossos membros a serviço da justiça para a santificação.*

Após ter exigido o Apóstolo grande solicitude pelo teor de vida, ordenando que morressem para o mundo e a malícia e permanecessem inabaláveis contra a atuação dos pecados, e parecesse ter falado algo de grande e grave, além da natureza humana, a fim de provar que nada de oneroso pedia, nem o quanto devia prestar aquele que fruía de tão grande bem, mas reclamava coisa muito moderada e leve, já o comprova pelo oposto, e diz: “*Emprego uma linguagem humana*”, como se dissesse, segundo o modo de pensar humano, aquilo que é habitual. Designa certa medida sob a expressão: “*humana*”, pois também diz em outra passagem: “*As tentações que vos acometeram, tiveram medida humana*” (1Cor 10,13), quer dizer, foram moderadas e pequenas. “*Como outrora entregastes vossos membros à escravidão da impureza e da desordem para viver desregradamente, assim entregai agora vossos membros a serviço da justiça para a santificação*”. Entretanto, apesar de haver grandes diferenças entre os senhores, exijo igual modo de servidão. Fazia-se mister contribuir com muito mais, e tanto mais quanto neste caso o domínio era maior e melhor. Todavia, nada peço a mais por causa de vossa fraqueza. Não disse: De vosso propósito ou prontidão, e sim: “*Em consideração de vossa fragilidade*”, tornando a palavra menos onerosa. No entanto, ali a impureza, aqui a santificação; ali a iniquidade, aqui a justiça. E quem é tão miserável e infeliz que não empregue tanta solicitude na servidão de Cristo quanto na servidão do pecado e do diabo? Em consequência, ouve a continuação e claramente perceberás que nós nem mesmo esta pequenina contribuição damos. Proferi-lo simplesmente não parecia crível nem aceitável, e ninguém suportaria ouvir que não serviu tanto a Cristo quanto ao diabo. Prova-o em seguida e torna-o crível, destacando aquela servidão e declarando como eles serviam, nesses termos:

20. *Quando éreis escravos do pecado, estáveis livres em relação à justiça.*

Isto é, quando vivíeis na iniquidade, na impiedade, em extremos males, vivíeis com tamanha obediência que nada de bom, absolutamente, praticáveis. É isto que significa a locução: “*Estáveis livres em relação à justiça*”, a saber, não lhe éreis submissos, mas lhe estáveis inteiramente alheios, nem dividíeis metade à justiça, outra metade ao pecado, mas inteiramente vos entregastes à malícia. Por conseguinte agora também, que vos transferistes para o lado da justiça, entregai-vos inteiramente à virtude, sem cometerdes mal algum, para ao menos exibirdes igual medida. Ora, não apenas é grande a diferença entre os domínios, mas também é grande a diversidade da própria servidão. Ele o explica claramente, e mostra em que então obedeciam, e em que obedecem agora. Ainda não refere o dano daí originado, mas por enquanto enuncia sua torpeza.

21. *E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais?*

A servidão era tal que ainda agora basta a sua lembrança para causar pudor. Se até a recordação faz corar, muito mais a própria ação. Por conseguinte, lucrastes agora duplamente: Ficastes livres da vergonha e compreendestes o erro em que estáveis. Também vos acháveis afetados de duplo dano: Praticastes atos vergonhosos e não enrubescestes. É muito mais grave; todavia continuáveis servindo. Tendo sublinhado, pois, o grande dano dos atos vergonhosos, procede acerca da própria questão. Qual é?

Pois seu desfecho é a morte

Uma vez que o pudor não parece ser tão oneroso, acede ao que é assaz terrível, isto é, à morte, apesar de terem sido suficientes os fatos supramencionados. Pondera o acúmulo de malícia sobre

eles, pois, libertados do castigo, não podiam livrar-se da vergonha. Que recompensa, diz ele, esperas da ação, se apenas à lembrança do ato, até mesmo depois de livre do suplício, ficas cheio de vergonha, apesar de dotado de tamanha graça? As coisas de Deus, contudo, não sucedem desta forma.

22. *Mas agora, libertos do pecado e postos a serviço de Deus, tendes por fruto a santificação e, como fim, a vida eterna.*

O fruto do pecado é a vergonha, até mesmo após a libertação, o fruto deste serviço, porém, é a santificação. Onde há santificação, grande é a confiança. O final do pecado é a morte, o do serviço é a vida eterna.

Viste de que maneira o Apóstolo mostra que algumas dádivas já foram concedidas e outras se encontram ainda em esperança? Ora, as doadas oferecem a garantia das últimas, e a santificação assegura o dom da vida. A fim de não afirmares que tudo existe somente em esperança, ele declara que já colheste frutos. Em primeiro lugar, o de seres libertado da iniquidade e de males tais cuja recordação apenas já provoca vergonha; em segundo, o de servires à justiça; em terceiro, o de gozares da santificação; em quarto, o de conseguires a vida, não uma vida temporária, mas eterna. Entretanto, uma vez que assim é, serve ao menos quanto é justo. Apesar de ser o Senhor sobremaneira excelente, e grande seja a diferença entre a servidão e os prêmios em vista dos quais estais servindo, por enquanto nada mais peço. Em seguida, tendo mencionado as armas e o rei, prossegue com a metáfora, dizendo:

23. *Porque o salário do pecado é a morte, e a graça de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.*

Tendo se reportado ao salário do pecado, ao tratar dos bens, não segue a mesma ordem. Pois não disse: A recompensa de vossas boas obras, e sim: “*A graça de Deus*”, acentuando que eles não se libertaram a si próprios, nem receberam o que lhes era devido, nem a recompensa e a retribuição dos trabalhos, mas tudo foi obra da graça. Por conseguinte, daí a excelência, não só por ter Deus libertado, ou transferido para um estado melhor, mas porque fez esta dádiva aos que não trabalharam, nem se fatigaram. Não somente libertou, mas concedeu dons muito maiores, e isto por mediação do Filho. Inseriu estas asserções, porque falava acerca da graça e já apartara a Lei. Pois, a fim de não se tornarem mais negligentes por ambas as ações, intercalou o que pertence a uma vida mais cuidadosa, sempre estimulando o ouvinte à solicitude e ao zelo pela virtude. Ao chamar a morte de estipêndio do pecado, de novo atemoriza, e corrobora em vista do futuro. Por meio do que lhes relembrou, movia à gratidão e os confirmava diante do que poderia suceder. Terminando o discurso acerca de problemas morais, passa novamente à doutrina, com estas palavras:

O cristão é libertado da Lei

7,1. *Ou não sabeis, irmãos, – falo a versados em leis –*

Depois de afirmar que estamos mortos ao pecado, deduz neste trecho que não apenas o pecado não impera sobre nós, mas também a Lei. Se, pois, a Lei não domina, muito menos o pecado. Suavizando as palavras, emprega um exemplo humano a fim de esclarecer. Aparentemente fala de um só argumento, mas propõe dois: um que, morto o marido, a mulher não está sujeita por lei ao marido, nem pode ser impedida de contrair outro casamento; o segundo, que não só morreu o marido, mas também, enquanto cônjuge, ela não existe mais, de sorte que a liberdade é dupla. Pois, morto o marido, ela fica liberada de seu poder, mas se ela de certo modo deixou de existir, está muito mais livre. Com efeito, pelo primeiro fato se libertou; mais ainda quando ambos concorrem. Ao iniciar esta demonstração, começa louvando os ouvintes: “*Ou não sabeis, irmãos, – falo a versados em leis –*”. Isto é, trata-se de questão evidente a todos, é claro o que digo, e eles têm conhecimento apurado disto.

Que a lei domina o homem só enquanto ele está vivo?

Não disse: O marido, nem: A mulher, e sim: “O homem”, usando expressão comum a ambos. “Com efeito, quem morreu, ficou livre do pecado” (Rm 6,6). A Lei, portanto, foi promulgada para os vivos; não para os mortos. Viste como manifestou dupla liberdade? Depois de o haver sugerido na introdução, dirige o discurso sobre a mulher, dizendo:

2. Assim, a mulher casada está ligada por lei ao marido enquanto ele vive; se o marido vier a falecer, ela ficará livre da lei do marido.

3. Por isso, estando vivo o marido, ela será chamada adúltera se for viver com outro homem. Se, porém, o marido morrer, ela ficará livre da lei, de sorte que, passando a ser de outro homem, não será adúltera.

Frequentemente versa sobre tal assunto e com muitos pormenores, porque confia nesta argumentação. Mas, em lugar do marido, põe a Lei, e no da mulher o conjunto dos fiéis. Em seguida, aduz a conclusão, mas não segundo a proposição; seria consequente dizer: Portanto, irmãos, não vos domine a Lei; de fato, está morta. Mas não se exprimiu assim, apesar de sugeri-lo na proposição. Enfim, para não tornar o discurso oneroso, introduz a mulher já morta, dizendo:

4. De modo análogo também vós, meus irmãos, fostes mortos para a Lei,

Considerando-se que este e aquele fato trazem idêntica liberdade, o que impedia que se aceitasse a Lei, uma vez que não ocasionava prejuízo algum? “Assim, a mulher casada está ligada por lei ao marido enquanto ele vive”. Onde se acham agora os que caluniam a Lei? Ouçam como Paulo, forçado pelas circunstâncias, não lhe retira a dignidade, mas fala com respeito de seu poder: Se à Lei ainda em vigor o judeu está ligado, e são denominados adúlteros os que a transgridem e a abandonam ainda viva, entretanto a repudia depois de morta, o caso não é espantoso, pois até mesmo entre os homens não se reprova este modo de proceder. “Se o marido vier a falecer, ela ficará livre da lei do marido.”

Viste pelo exemplo que a Lei é declarada morta? Não age desta forma na conclusão. “Por isso, estando vivo o marido, ela será chamada adúltera.” Observa como se detém na acusação daqueles que transgridem a Lei, enquanto está viva. Uma vez que se fez obsoleta, com segurança concede tudo à fé. Não causa lesão alguma. “Por isso, estando vivo o marido, ela será chamada adúltera se for viver com outro homem.” “De modo análogo também vós, meus irmãos.” Era consequente dizer: Morta a Lei, não sereis condenados como adúlteros, se fordes viver com outro homem. Com efeito, não se expressou deste modo, mas como? “Vós, meus irmãos, estais mortos para a Lei.” Se estais mortos, não vos achais sob a Lei. “Se, porém, o marido morrer”, a mulher não é culpada, muito mais se ela está morta acha-se liberada. Viste a sabedoria de Paulo a mostrar que a Lei determina seu próprio repúdio, e faculta a união com outro homem? De fato, não proíbe unir-se a outro homem, depois que o primeiro morreu. Como o proibiria, quando mesmo enquanto vivo permite que ela receba o libelo de repúdio? Na realidade, o Apóstolo não coloca este acréscimo. Constituiria antes uma acusação às mulheres, porque apesar de permitido, não o seria com isenção de culpa. Quando se refere aos prêmios da vitória oriundos de ações necessárias e aprováveis, não busca o supérfluo, porque não é mesquinho a tal ponto. Espantoso é que a própria Lei nos livre de culpa quando a preterimos, optando que sejamos de Cristo. Com efeito, a Lei morreu, e nós também estamos mortos, e, portanto, foi abolido duplamente o seu poder. E Paulo não se contenta com isso, mas adiciona o motivo. Não aludiu simplesmente à morte, mas introduz novamente a cruz a atuar, tornando-nos por este motivo responsáveis. Não disse simplesmente: Estais liberados, e sim: Pela morte do Senhor.

pelo corpo de Cristo fostes mortos para a Lei,

Não exorta apenas nesta base, mas também pela excelência do segundo homem acrescenta: *para pertencerdes a um outro, àquele que ressuscitou dentre os mortos,*

Em seguida, a fim de cortar a réplica: Como será se não quisermos unir-nos a um outro? A Lei não considera adúltera a viúva que contrai outro casamento, no entanto, não obriga. Para evitar que se diga isto, mostra pelo que ouvimos que devemos desejá-lo. Em outra passagem o diz claramente: “Não pertenceis a vós mesmos”; e: “Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate” (1Cor 6,19-20); e: “Não vos torneis escravos dos homens”; e ainda: “Ora, ele morreu por todos, a fim de que aqueles que vivam não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5,15). Foi isto que ele sugeriu, dizendo: *“Pelo corpo”*. Em seguida, exorta a uma esperança melhor, dizendo: a fim de produzirmos frutos para Deus.

Então produzíeis frutos de morte, e agora para Deus.

5. *Quando estávamos na carne, as paixões pecaminosas que através da Lei operavam em nossos membros produziam frutos de morte.*

Vistes o lucro do velho homem? Não disse: Quando estávamos sob a Lei, sempre com cuidado de não dar oportunidade aos hereges, e sim: *“Quando estávamos na carne”*, isto é, na prática do mal, numa vida carnal. Não se exprime assim porque anteriormente possuísem um corpo, e agora fossem incorpóreos. Não diz que a Lei é causa dos pecados, mas não a livra de ser odiosa; ocupa o lugar de um acusador severo, revelando os pecados. Pois se alguém multiplica preceitos a quem não quer obedecer em coisa alguma, aumentará o delito. Por isso não disse: As paixões pecaminosas, que existem sob a Lei, e sim: *“Através da Lei”*, sem acrescentar: Excitadas pela Lei, e sim: *“Através da Lei”*, isto é, pela Lei apareceram ou foram notificadas. Em seguida, para não acusar a carne, não disse: Que os membros praticavam, e sim: *“Que operavam em nossos membros”*, explicando que se encontrava em outra parte a origem da malícia: Na operação da vontade e não nos membros ativados. A alma, de fato, ocupava o lugar de um musicista; a constituição da carne, porém, o da cítara, tocada pelo artista. Uma dissonância qualquer não lhe há de ser imputada e sim ao artista.

6. *Agora, porém, estamos livres da Lei,*

Viste como também nesta passagem poupa a carne e a Lei? Pois não disse: A Lei foi abolida, nem: A carne está livre, e sim: *“Estamos livres”*. E de que modo estamos livres? O velho homem, preso pelo pecado, morreu e foi sepultado. Assinala-o nesses termos:

tendo morrido para o que nos mantinha cativos,

Parece dizer: Extinto e dissolvido o vínculo que nos aprisionava, a saber, o pecado, nada mais nos retém. Todavia não desanimes, nem te tornes mais negligente. Foste libertado para de novo servires, porém não da mesma forma, e sim: e assim poderemos servir em novidade de espírito e não na caducidade da letra.

Qual o sentido da sentença? Faz-se mister explaná-lo para não suceder que nos perturbemos ao encontrarmos esta passagem. Quando Adão pecou, diz ele, e seu corpo se fez mortal e passível, sofreu muitos prejuízos naturais, e o cavalo tornou-se mais incômodo e feroso. Mas Cristo, com sua vinda, pelo batismo, tornou-o mais leve, estimulando-o com as asas do Espírito.

Por esse motivo, os nossos estádios não são idênticos aos antigos, porque a corrida então não era tão fácil. Por isso, ele não só exige que estejamos isentos de assassinatos, conforme era preceituado aos antigos, mas também da ira; não apenas do adultério, mas também ordena a abstenção de um olhar

impudico; não só manda que nos abstenhamos do perjúrio, mas também do juramento; e preceitua amar os inimigos como aos amigos, e em todo o restante fez os estádios mais longos. Ameaçou-nos com a geena, se não obedecermos, mostrando que não se trata de exigência de uma emulação mais ardente da parte dos combatentes, qual a virgindade e a pobreza voluntária, mas que é exigida absolutamente, por ser necessária e indispensável, de sorte que aquele que não a praticar sofrerá as últimas penas. Por isso dizia: “Eu vos asseguro que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus” (Mt 5,20). Quem, no entanto, não visar àquele reino, cairá sem dúvida na geena. Por isso Paulo dizia: “*O pecado não vos dominará, porque não estais debaixo da Lei, mas sob a graça*” (Rm 6,14). E aqui reitera: “*E assim poderemos servir em novidade de espírito e não na caducidade da letra*”. Não é a letra que condena, isto é, a Lei Antiga, mas o espírito que ajuda. Entre os antigos era assaz extraordinário que alguém se exercesse na virgindade; agora, contudo, acha-se difundida por toda a terra. Então poucos homens desprezavam a morte, agora nas aldeias e nas cidades inúmeros são os grupos de mártires, tanto de homens quanto de mulheres. Tendo afirmado isso, resolve a objeção que surge, provando na solução o que quer dizer. Por isso, não apresenta imediatamente a solução, e sim com uma réplica, como se a necessidade de solução lhe oferecesse oportunidade de falar, e induz uma invectiva menos onerosa. Após dizer: “*Em novidade de espírito e não na caducidade da letra*”, acrescenta:

A função da Lei

7. Que diremos, então? Que a Lei é pecado? De modo algum!

Com efeito, dissera: “*As paixões pecaminosas que através da Lei operavam em nossos membros*”; e: “*O pecado não vos dominará, porque não estais debaixo da Lei, mas sob a graça*”; e: “*Onde não há lei, não há transgressão*”; e: “*Ora a Lei interveio para que avultassem as faltas*”; e: “*Mas o que a Lei produz é a ira*”.

Como tudo isto parecia injúria à Lei, corrige um tanto a suspeita, lança uma objeção e pergunta: “*Que diremos, então? Que a Lei é pecado? De modo algum!*” Antes de começar a refutação, cuida de ganhar o ouvinte, e de curar o que se escandalizara. Depois que o ouvinte convenceu-se de sua intenção, Paulo, em companhia dele, investiga qual a dúvida, sem despertar suspeitas. Por isso primeiro apresenta a objeção. E não pergunta: Que direi? Mas: “*Que diremos, então?*” como se estivesse em conselho e em assembleia na Igreja, e a objeção não surgisse dele próprio, mas da sequência das palavras e dos fatos. Assegura que ninguém negará que a letra mate e o espírito vivifique; é claro e ninguém haverá de contradizer. Se é evidente, o que diremos a respeito da Lei? “*Que a Lei é pecado? De modo algum!*” Resolve, portanto, a dificuldade. Viste como apresenta consigo um adversário, e assumindo a autoridade de um mestre, chega à solução? Qual? Certamente não é pecado, responde.

Entretanto, eu não conheci o pecado senão através da Lei,

Vê a grande sabedoria do Apóstolo! Por meio da objeção, expôs o que a Lei não é, e resolvida a dificuldade, para obter o favor dos judeus, convence-os de que admitam o que é de menor importância. O que é de menor importância? É o seguinte: “*Entretanto, eu não conheci o pecado senão através da Lei*” pois eu não teria conhecido a concupiscência se a Lei não tivesse dito: Não cobiçarás.

Vês que, aos poucos, não só afirma que a Lei manifesta o pecado, mas também que devagar o introduz. Demonstra que não é ela que o causa, e sim a disposição ingrata dos judeus. Além disso, esforçou-se por fechar a boca dos maniqueus,⁵ que acusavam a Lei. Tendo dito: “*Entretanto, eu não conheci o pecado senão através da Lei, pois eu não teria conhecido a concupiscência se a Lei não tivesse dito: Não cobiçarás*”, adicionou:

8. *Mas o pecado, aproveitando-se da ocasião dada pelo preceito, excitou em mim toda espécie da concupiscência,*

Notas que livra a Lei de toda incriminação? A “ocasião dada” pelo pecado, não pela Lei, aumentou a concupiscência, e aconteceu o contrário do que aquilo a que a Lei visava, em consequência de fraqueza, não de malícia. Quando desejamos algo e nos é vedado, mais se inflama a cupidez, não por meio da Lei, pois ela proíbe para orientar, mas do pecado, isto é, tua indolência e má vontade abusaram do bem. Ora, a culpa não é do médico, mas do doente, que utilizou mal o remédio. A Lei não foi dada para inflamar a concupiscência, mas para extingui-la; aconteceu o contrário, por culpa nossa, não dela. Se alguém a um febricitante que deseja inoportunamente uma bebida fria não der possibilidade de beber, e assim aumentar o desejo do prazer pernicioso, não poderia com razão ser censurado, porque ao médico competia apenas proibir, e ao doente abster-se. Mas o que dizer se o pecado aproveitava a oportunidade oferecida pela Lei? Muitas vezes os maus aumentam sua iniquidade diante de preceitos bons. Na verdade, foi assim que o diabo levou Judas à perdição, instigando-o a cobiçar dinheiro, e a se tornar ladrão das esmolas destinadas aos pobres. Não foi a bolsa confiada a seus cuidados que o efetuou, e sim a malvadez do espírito. A Eva e a Adão impeliu a comerem do fruto da árvore e os expulsou do paraíso. Não foi a árvore que o provocou, embora fornecesse ocasião. Não te admires de se expressar Paulo com energia a respeito da Lei. Ele insiste no indispensável, sem permitir daí retirarem pretexto aqueles que de outro modo levantariam dúvidas, mas cuidadosamente corrige o assunto em pauta. Não examines simplesmente as palavras, mas acrescenta a intenção com que ele assim se exprime, e considera a loucura dos judeus, e suas insistentes contradições, que ele se esforçava por eliminar. Aparentemente externa muitas coisas contra a Lei; não é, contudo, para caluniá-la, e sim para resolver as contradições. Se constituísse um crime para a Lei proporcionar ocasião ao pecado, seria igualmente para o Novo Testamento, onde há inúmeras leis sobre questões mais importantes, não apenas a propósito da concupiscência, mas também acerca de qualquer malícia. Pois: “Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não seriam culpados de pecado” (Jo 15,22). Por conseguinte, daí o pecado e a pena tiveram oportunidade maior. E ainda Paulo, ao dissertar sobre a graça, proferiu: “Podeis, então, imaginar que castigo mais severo ainda merecerá aquele que calçou aos pés o Filho de Deus?” (Hb 10,29). O benefício maior deu, portanto, ocasião de suplício mais grave. Ora, ele afirma que os gentios são inescusáveis porque dotados de razão, e instruídos pela beleza da criação, e podiam ser levados a aproximar-se do Criador, não tiraram proveito, contudo, da sabedoria de Deus, segundo era justo. Vê que em toda parte os maus encontram nas ações boas ocasião de maior suplício. Mas não acusaremos por isso os benefícios de Deus, antes os admiraremos, e mais haveremos de incriminar os planos dos que utilizam os bens em sentido contrário. De igual modo, portanto, nos comportemos acerca da Lei. Na verdade, é leve e fácil, surge, contudo, a dúvida por que disse Paulo: “*Eu não teria conhecido a concupiscência se a Lei não tivesse dito: Não cobiçarás*”. Se, portanto, o homem não conhecia a concupiscência, antes de receber a Lei, qual o motivo do dilúvio? Por que Sodoma foi incendiada? Qual o significado destes eventos? A concupiscência maior. Por isso não disse: A concupiscência operou em mim, mas: Toda concupiscência, sugerindo-o vigorosamente. E qual, replicas, a utilidade da Lei, se aumentou a paixão? Nenhuma, mas muito dano; na verdade não é culpa da Lei, mas da negligência dos que a receberam. O pecado operou, mas por meio da Lei, embora a Lei não se empenhasse nisto; ao contrário. O pecado, portanto, foi muito mais forte; mas não por culpa da Lei, mas do ânimo maldisposto deles.

pois sem a Lei o pecado estava morto.

Isto é, não era tão notório. Os que viviam antes da Lei sabiam que haviam pecado, mas o conheceram melhor após a promulgação da Lei e por isso eram réus de maior crime. Por isso não era justo considerar a natureza como censora, e com a natureza a Lei, que prescrevia tudo com certeza.

9. *Outrora eu vivia sem Lei;*

Quando? por favor. Antes de Moisés. Vê que se esforça por mostrar que a Lei tanto pelo que fez quanto pelo que não fez, pesou sobre a natureza humana. Quando “*eu vivia sem Lei*”, diz ele, não era condenado tanto assim.

mas, sobrevivendo o preceito, o pecado reviveu

10. *e eu morri.*

Parece uma acusação à Lei, mas um exame mais atento manifesta ser um elogio. Não produziu o pecado que não havia, mas revelou o oculto, o que constitui um elogio da Lei. De fato, anteriormente, cometia-se pecado sem o sentir. Quando ela veio, ao menos lucrou-se uma percepção melhor do pecado, o que não era pouco para se libertar. Se eles não se libertaram da malícia, a Lei nada tinha a ver com isso, que fez tudo para tal; mas toda acusação recai sobre a vontade do pecador, que além da expectativa se corrompeu.

Não era razoável ser lesado por aquilo que poderia ser útil.

Por isso dizia:

Descobri que o preceito dado para a vida produziu a morte.

Não disse: Foi mortal, nem: Acarretou a morte, e sim: “*Descobri*”, explicando desta forma novo e inesperado absurdo, e fazendo-o recair-lhes inteiramente sobre a cabeça. Se, pois, queres conhecer seu escopo, assegura, consiste em conduzir à vida, e para tal fora dado. Se sobreveio a morte, a culpa é de quem recebeu o mandamento, o qual orientava para a vida. Mais claro, porém, o Apóstolo o declarou nas palavras subsequentes:

11. *Pois o pecado aproveitou a ocasião, e servindo-se do preceito me seduziu e por meio dele me matou.*

Viste que sempre persegue o pecado, livrando a Lei de toda incriminação? Por isso acrescentou:

12. *De modo que a Lei é santa, e santo, justo e bom é o preceito.*

Mas, se te apraz, tratemos daqueles que adulteram estas exposições. Dessa forma tornar-se-ão mais claras nossas asserções. Afirmam alguns que não se trata da Lei de Moisés; mas outros opinam que respeita à lei natural, outros ao preceito dado no paraíso. Aliás, sempre o escopo de Paulo é abolir a Lei, e não levar as demais em consideração e com razão. Os judeus em seu temor e tremor, atacavam a graça. Em parte alguma se encontra que o Apóstolo desse o nome de lei ao preceito formulado no paraíso, nem ele, nem um outro qualquer. A fim de se tornar mais claro pelas suas próprias palavras, percorramos as expressões, retomando mais acima os dizeres. Ao tratar mais minuciosamente do teor de vida, acrescentou: “*Ou não sabeis, irmãos, que a lei domina o homem só enquanto ele está vivo? Estais mortos para a Lei*”. Se, portanto, estivesse se referindo à lei natural, verificaríamos que não possuímos a lei natural; neste caso, seríamos mais irracionais do que os animais. Mas, não é isto, não certamente. É dispensável debater acerca da lei dada no paraíso, para não assumirmos uma discussão inútil, preparando-nos para lutar contra o que é evidente. Por que, disse, então: “*Entretanto, eu não conheci o pecado senão através da Lei*”. Não alude a uma ignorância crassa, mas subentende um conhecimento mais apurado. Se falasse da lei natural, seria razoável a continuação: “*Outrora eu vivia sem Lei*”? Nem Adão, nem homem algum, a meu ver, jamais viveu sem a lei natural. Ao plasmá-lo Deus incutiu-lhe aquela lei, associando-o à lei da natureza inteira. Além disso, jamais se percebe que a

lei natural seja denominada preceito; mas à Lei de Moisés o Apóstolo denomina preceito justo e santo, e lei espiritual. A lei natural, contudo, não nos foi dada pelo Espírito, pois os bárbaros, os gregos e todos os homens têm esta lei. Daí se evidencia que ele, em todas as passagens, trata da Lei mosaica. Por isso a denomina santa, dizendo:

De modo que a lei é santa, e santo, justo e bom é o preceito.

Se, portanto, os judeus sob a Lei se tornaram impuros, injustos, avaros, isto não invalidou o vigor da Lei, como a incredulidade deles não aboliu a fidelidade de Deus. Daí evidencia-se que ele trata da Lei mosaica.

13. *Uma coisa boa, portanto, se transformou em morte para mim? De modo algum. Mas foi o pecado que, para se revelar pecado,*

Isto é, para manifestar o grande mal que é o pecado, a má vontade, o impulso para o pior, a própria ação e a mente corrupta. Esta, de fato, é a causa de todos os males. Ele a amplia, mostrando a grandeza da graça de Cristo, e informando que ela libertara o gênero humano do grande mal, que havia se agravado com os remédios medicinais, e acrescido por meio das proibições. Por isso acrescentou:

Para que o pecado, através do preceito, aparecesse em toda a sua virulência.

Percebeste que em toda a parte as coisas se complicam? E por meio das denúncias, novamente revela melhor a virtude da Lei. Não é pequena contribuição mostrar que mal imenso é o pecado, e revelar e destacar toda a sua virulência. Foi o que declarou: *“Para que o pecado, através do preceito, aparecesse em toda a sua virulência”*. Isto é, para se revelar o mal imenso, quão pernicioso é o pecado, o que se tornou claro pelo preceito. Com isso também revela a excelência da graça acima da Lei, não, porém, a luta. Não consideres que aqueles que haviam recebido a Lei se tornaram piores, mas pondera que a Lei não só não pretendeu aumentar a malícia, mas esforçou-se por extinguir a que havia. Se não o pôde, coroa a boa vontade. Adora antes a virtude de Cristo que apagou mal tão variado, tão difícil de vencer, e arrancou-o pela raiz. Ao ouvires falar de pecado, não o consideres determinada força, mas uma ação má, que sempre se aproxima e se afasta, que não existia anteriormente e, depois de realizada, novamente se apaga. Por isso também a Lei foi promulgada; a Lei nunca é dada para perdição das realidades naturais, mas para emenda do mal derivado do ato voluntário. Igualmente os legisladores dos gentios estão cientes disto, bem como este conhecimento é inerente à natureza humana. Proíbem somente as faltas por negligência, todavia não tentam extirpar as inatas. De fato, seria impossível. Pois o que pertence à natureza permanece imutável, como frequentemente mencionei em outros colóquios. Por isso, omitindo estas discussões, exercitemo-nos novamente na parte destinada à moral, ou antes, pertencente às disputas deles. Apartemos o mal e introduzamos a virtude. Claramente ensinaremos que o vício não é mal proveniente da natureza, e poderemos facilmente reduzir ao silêncio não só por palavras, mas também por obras os que procuram devido a isto praticar o mal, porque, apesar de termos idêntica natureza, estamos livres da malícia. Não pensemos ser laboriosa a virtude, mas antes que é possível praticá-la; se nos esforçarmos, será leve e fácil. Se retrucares aludindo ao prazer do mal, enuncia também qual o seu termo, visto que termina na morte, enquanto a virtude pela mão nos conduz à vida. Ou antes, se te aprouver, examinemos ambos os casos, antes do final. Verificaremos que a malícia traz consigo intensa dor, e a virtude muito prazer. O que há de mais doloroso do que a consciência onerada? O que mais suave do que a esperança da obtenção de bens? Nada certamente habitualmente mais nos compunge e pressiona do que a expectativa de um mal; nada nos reanima, e nos dá asas como a consciência tranquila. É possível apreendê-lo por meio das circunstâncias habituais. Com efeito, os encarcerados que esperam sentença condenatória, mesmo se tiverem fartura de alimentos, vivem de modo mais miserável do que os mendigos que nas aldeias

procuram sustento, e não estão conscientes de terem cometido pecado algum. Pois a expectativa de males não permite a sensação de prazer. Mas, por que falar dos cativos? Os trabalhadores manuais que vivem de seu labor diário estão em melhores condições do que os homens livres e ricos, conscientes no entanto de seus pecados. Declaramos infelizes os gladiadores pela mesma razão, apesar de se encontrarem nas tabernas ébrios, voluptuosos, glutões, porque muito maior do que aquele gozo é a infelicidade de terem iminente a morte. Se parece a eles suave tal vida, lembrai-vos de minhas frequentes palavras de que não é espantoso que o pecador não escape da amargura e da tristeza. Eis, pois, que esta situação detestável parece amável aos que nela vivem. Mas nós não os denominamos felizes, antes os proclamamos infelizes, porque desconhecem a origem dos males. O que dizer dos adúlteros que, por pequeno prazer, sujeitam-se a vergonhosa servidão, gastos pecuniários e medo contínuo, levando vida como a de Caim, ou antes, pior do que a dele, visto que têm medo do presente e pavor do futuro, suspeitam dos amigos, dos inimigos, dos que estão informados, ou não? Nem dormindo livram-se da angústia, porque a consciência onerada provoca sonhos terríveis, que os atormentam. O contrário acontece ao homem casto, que passa a vida com grande tranquilidade e liberdade. Compara, portanto, o pequeno prazer com aquelas vagas de terror, e o breve labor da continência com a calma permanente e verificarás que esta é mais suave. Pergunto: Quem intenciona roubar, e arrebatado o dinheiro alheio não se sujeita a inúmeros labores? Percorre os arredores, adula os servos, os homens livres, os porteiros, atemoriza, ameaça, pratica atos vergonhosos, permanece insone, temeroso, ansioso, repleto de suspeitas? O contrário sucede àquele que despreza as riquezas. Goza de grande prazer, com tranquilidade e segurança. Quem pesquisar outros ramos da iniquidade, observará grande tumulto, muitos escolhos. E mais importante ainda: A virtude, nos primórdios é laboriosa, após torna-se suave, porque ela diminui o labor. Relativamente à iniquidade acontece o oposto, visto que depois do prazer vêm as dores e os castigos, de sorte que o prazer se dissipa. Quem aguarda coroas não sente os incômodos presentes enquanto aquele que depois do prazer espera o suplício, não lucra alegrias puras, porque o medo tudo transtorna. Ou antes, se alguém apurar minuciosamente, verificará que experimenta a dor, em sua própria ousadia, bem antes do suplício merecido.

E, se te aprouver, examinemos os que roubam o alheio, ou aqueles que são ricos de um modo ou de outro. Deixando de lado os temores, os perigos, o tremor, a angústia, as preocupações etc., imaginemos um homem rico sem dificuldades e fiado na segurança de suas riquezas. É impossível. Entretanto, suponhamo-lo. Que prazer terá? Estar cercado de muitos bens? Ora, isto mesmo não lhe permite alegrar-se; enquanto desejar ter mais, crescem-lhe os padecimentos. Vem o prazer quando a concupiscência para. De fato, ao termos sede, refazemo-nos bebendo à vontade, porque, enquanto tivermos sede, mesmo se esgotarmos todas as fontes, o tormento crescerá. Se hauríssemos mil rios, o suplício se agravaria. E tu também, se tomasses todos os bens do universo, se ainda ambicionasses, quanto mais recebesses, tanto maior seria o tormento. Não julgues, portanto, se tiveres muitos bens, que daí hás de retirar muito prazer, a menos que não queiras enriquecer; mas se queres enriquecer-te, não cessará a tortura. Esta cobiça é insaciável, e quanto mais avançares, tanto mais estarás distante do termo. Não é um enigma, não é loucura e extrema insensatez? Detenhamo-nos no princípio os males, ou antes, nem toquemos na concupiscência; se tocarmos, fuja-mos desde o começo, conforme adverte o autor dos Provérbios acerca da meretriz: “Afasta-te, não demores, não te aproximes da porta de sua casa” (Pr 5,8). Digo-te o mesmo sobre o amor do dinheiro. Se aos poucos caíres no oceano daquela loucura, mal poderás emergir. Pois não escaparás facilmente dos vórtices, por mais que te esforces. De igual modo, ou antes com maior dificuldade, se afundares na concupiscência, arruinar-te-ás a ti mesmo com todos os teus. Por isso suplico, tenhamos precaução desde o princípio, e fuja-mos dos males pequenos, porque, de fato os grandes por eles são gerados. Com efeito, quem disser a respeito de cada pecado: Em consequência nada sucederá, aos poucos perderá tudo. Proferir acerca de cada caso: Em consequência nada sucederá, será introduzir a iniquidade, abrir as portas ao ladrão, derrubar as muralhas da cidade. Assim também acontece nas graves doenças corporais: Crescem se forem menosprezadas no começo. Se Esaú não tivesse vendido os direitos de primogenitura, não se teria tornado indigno das bênçãos; se não se tivesse tornado indigno das bênçãos, não teria desejado chegar ao fratricídio. Se Caim não tivesse querido a primazia, mas aceitasse a vontade de Deus, não teria o segundo lugar; se no segundo lugar obedecesse às advertências, não cometeria o assassinato. Ainda, depois do crime, se fizesse penitência, ao chamado de Deus, e não tivesse respondido com insolência, não teria em seguida sofrido tão gravemente.

Se os homens que viveram antes da Lei, devido a sua negligência, aos poucos chegaram às profundezas do mal, pondera o que sofreremos nós, que fomos chamados a lutas maiores, se não atendermos com diligência, e extinguirmos as centelhas do mal antes que a fogueira se ateie? Por exemplo, perjuras frequentemente. Não renunciés somente a isto, mas também corta o juramento, e não terás trabalho ulterior. É muito mais difícil a quem jura não perjurar do que não jurar absolutamente. És insolente, maldizente, percussor? Prescreve-te a norma de jamais te irritares ou clamares, e será arrancado o fruto com a raiz. És lascivo e luxurioso? Estabelece qual norma jamais olhares uma mulher, nem subas ao teatro, nem fites atentamente na praça belezas alheias. É muito mais fácil no início não olhar uma mulher formosa do que tendo olhado e despertado acupidez, expelir o tumulto que surgiu. Os combates são muito mais leves no começo; antes, nem haveremos de começar as lutas, se não abrirmos as portas ao inimigo, nem acolhermos as más sementes. Como Cristo castiga quem olhar uma mulher com olhos lascivos, para nos livrar de maior combate, ordena expelir o adversário para fora de casa antes que se torne mais forte, isto é, quando é fácil expulsá-lo. Que necessidade há de criar dificuldades supérfluas e lutar com os adversários, se podes sem conflito erigir o troféu, e antes da luta arrebatá-lo? Não é tão grande a luta não olhar as mulheres formosas quanto se conter depois da visão. Ou antes, nem é penosa a primeira atitude, mas suportam-se muitos suores e labor depois de ver.

Sendo a labuta menor, ou antes, não existindo, e o lucro maior, por que procurar mergulhar no oceano de inúmeros males? Não apenas é mais fácil não olhar para a mulher, mas também tornar-se-á mais isento da concupiscência; ao invés, aquele que olha, livra-se com maior labuta e com alguma mancha, se de fato escapar. Pois quem não vê uma face formosa, está livre de tal concupiscência; ao invés, quem quiser ver, primeiro admite este pensamento, mancha-se inúmeras vezes e por fim tira a mancha da concupiscência, se conseguir tirar. Por isso Cristo, para não sofrermos desta forma, não só proíbe o assassinato, mas também a ira; não só a fornicção, mas também o olhar lascivo; não o perjúrio, mas qualquer juramento. A virtude não consiste apenas nisso, mas depois de formular a lei, progride. Depois de apartar do assassinato, proíbe a ira, ordena estar pronto a suportar os males, não só a sofrer tantos quantos quer o insidioso, mas também a proceder avante de sorte que, pela excelência de tua sabedoria, ultrapasses a grandeza da loucura dele. E não disse: Se alguém te bater na face direita, suporta generosamente e fica quieto, mas acrescenta que deves oferecer a outra. Diz: “Oferece-lhe também a esquerda” (Mt 5,39). É esplêndida vitória oferecer-lhe mais do que ele quer e superar os limites da má vontade dele com a largueza da própria paciência. Assim acalmarás sua loucura e obterás a recompensa do primeiro feito pelo segundo, e mitigarás sua ira.

Viste que está sempre em nosso poder não sofrermos os males e não em poder daqueles que os infligem? Ou melhor, temos o poder não apenas de sofrer os males, mas também de receber os benefícios. Mais admirável é que não só não somos lesados, se formos vigilantes, mas também seremos beneficiados por aquilo que nos prejudica por outros meios. Pondera a questão. Alguém te injuriou? Está em teu poder transformar esta injúria em teu louvor. Se repelires injúria com injúria, aumentarás a torpeza; ao invés, bendizer aquele que te injuriou, fará com que todos os presentes te coroem e celebrem.

Viste que, se o quisermos, receberemos benefícios da parte daqueles que nos injuriam? O mesmo acontece a respeito das posses, dos ferimentos etc. Se retribuirmos com ações contrárias, tanto os males que sofremos quanto os benefícios que fazemos, teceremos para nós dupla coroa. Quando, pois, alguém se aproximar e disser: Fulano te injuriou e não cessa de falar mal de ti a todos, perante o que assim fala louva aquele que te infligiu opróbrio. Desta forma, podes castigá-lo se queres vingar-te dele. Os ouvintes, até mesmo muito insensatos, haverão de louvar-te, e odiar a pessoa mais cruel do que uma fera, que infligiu males sem ter sido lesado, e tu, apesar de atingido, retribuístes com o oposto. Assim poderás mostrar que todas aquelas palavras era fúteis. De fato, se quem é caluniado se condói, manifesta-se consciente do crime imputado; se, porém, ridiculariza, livra-se de suspeita diante dos presentes. Pondera, portanto, quantos bens daí recolhes: primeiro, livra-te da perturbação e da comoção; em seguida (compute-se em primeiro lugar) se cometeste pecados, serão apagados, conforme sucedeu ao publicano que suportou com paciência a acusação do fariseu. E por tal exercício tua alma torna-se refletida, receberá em geral mil elogios e afastarás a dúvida de ser veraz o que foi dito. Se queres te vingar, será excessivo, uma vez que, de um lado, Deus o castiga pela difamação e de outro tua conduta anteriormente lhe inflige grave ferimento. Nada costuma afligir tanto os que nos injuriam quanto a zombaria dos insultos com que nos atacam. Ora, agir com prudência ocasiona tantos e tamanhos bens; igualmente se formos mesquinhos, acontecerá inteiramente o contrário. Com efeito, cobrimo-nos de vergonha e seremos considerados culpados daquilo que nos acusam pelos que presenciam; haveremos de encher a alma de perturbação, de dar alegria ao inimigo, irritar a Deus, e aumentar os pecados precedentes. Ponderando tudo isso, evitemos a confusão da pusilanimidade, acorramos ao porto da paciência, a fim de encontrarmos repouso para nossas almas, conforme Cristo proclamou, e conseguirmos os bens futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos

DÉCIMA TERCEIRA HOMILIA

A luta interior

7,14. *Sabemos que a Lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado.*

Tendo dito que houve grandes males, que o pecado cometido foi mais forte que a Lei, opôs-se às prescrições da Lei, e havendo despertado no ouvinte grande dúvida, diz a razão por que tal aconteceu, isentando primeiro a Lei de qualquer suspeita. Com efeito, a fim de que ninguém, ao ouvir que o mandamento deu ocasião ao pecado e com a sua vinda o pecado reviveu, e que por ele enganou e matou; para que ninguém, diria, julgasse que a Lei causara tais males, primeiro apresenta farta defesa da mesma, não só liberando-a da acusação, mas tecendo-lhe o máximo elogio. Não a apresenta falando mais ou menos a seu favor, mas conforme uma sentença comum. “*Sabemos que a Lei é espiritual.*” Dizia de certo modo que era certo e manifesto que a Lei é espiritual, estar longe de causar o pecado e ser culpada dos males sobrevindos. E vê de que forma não somente a livra da acusação, mas ainda a louva em demasia. Tendo afirmado que é espiritual, expõe ser ela mestra da virtude e adversária da maldade. Ser espiritual é afastar de todo pecado. A Lei o fazia ao atemorizar, admoestar, punir, corrigir, aconselhar o que constitui a justiça. Onde, portanto, veio o pecado, se a mestra é tão admirável? Da negligência dos discípulos. Por isso acrescentou: “*Mas eu sou carnal*”, indicando aquele que vivera sob a Lei e antes da lei. “*Vendido como escravo ao pecado.*” Com efeito, em companhia da morte entrou a turba das paixões. O corpo que se tornou mortal, necessariamente contraiu a concupiscência, a ira, a dor etc. e fazia-se mister grande sabedoria para não superabundarem em nós, e submergirem a mente no abismo do pecado. Aquelas paixões, no entanto, não eram pecado; e sim a imoderação, se fossem incontidas. Por exemplo (aduzindo um deles), a concupiscência não é pecado; se, porém, é imoderada, e não se contiver dentro dos limites das leis matrimoniais, mas desejar a mulher do próximo, então será cometido um adultério, não devido à concupiscência, mas à imoderação. Pondera a sabedoria de Paulo! Após os elogios à Lei, logo recorre aos tempos primitivos, e tendo mostrado a que ponto o gênero humano estava afetado, mesmo havendo recebido a Lei, prova ser indispensável a vinda da graça. Sempre cuidou de demonstrá-lo. Tendo dito: “*Vendido como escravo ao pecado*”, não se refere apenas aos que estavam sob a Lei, mas também aos que viveram antes e aos homens criados no princípio. Em seguida, explica ainda a forma da venda e da entrega.

15. *Realmente não consigo entender o que faço;*

O que quer dizer: “*Não consigo entender*”? Ignoro. E quando isto aconteceu? Com efeito, ninguém peca por ignorância. Vês que, se não escolhermos as palavras com o devido respeito, e não considerarmos a meta do Apóstolo, chegaremos a inúmeros absurdos? Se eles pecavam por ignorância, não deviam ser castigados. O Apóstolo assevera mais acima: “*Sem a Lei, os pecados estão mortos*”. Não queria dizer que pecavam por ignorância, mas que não sabiam com exatidão, e por isso não eram punidos estritamente. E ainda: “*Não teria conhecido a concupiscência*”. Não assinala ignorância completa, apesar de não denotar preclaro conhecimento. Disse: “*Excitou em mim toda espécie de concupiscência*”, não no sentido de que o mandamento produzisse a concupiscência, mas que o pecado, através do mandamento, trouxe o aumento da concupiscência. Igualmente aqui não denota completa ignorância, ao dizer:

“*Realmente não consigo entender o que faço*”. Pois, como haveria de se comprazer na Lei do Senhor, segundo o homem interior? O que significa: “*Não consigo entender*”? Estou envolvido em

trevas, diz ele, fora de mim, fico prejudicado, sem saber como sou suplantado. Conforme costumamos dizer: Não sei como ele veio e me roubou. Não está confessando ignorância, mas declara uma espécie de fraude, de circunstâncias e insídias.

pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto.

Então, não sabes o que fazes? Se, de fato, buscas o bem e detestas o mal, o conhecimento é perfeito. Daí a afirmação: *“O que não quero”*, não nega o livre-arbítrio, nem introduz determinada necessidade e violência. Se, pois, não é espontaneamente que pecamos, mas por força, certamente os suplícios baseados nos atos não são segundo a razão. Mas, se ao dizer: *“Não consigo entender”*, não assinalava ignorância, e sim o que dizíamos, segundo o acréscimo: *“O que não quero”*, não denota necessidade, mas não louva o ato. Se não o quisesse, ao dizer: *“Mas faço o que detesto”*, por que não acrescentou: Mas sou forçado e atuo obrigado? Seria o oposto da vontade e do poder. Aqui, porém, não o diz, mas ao invés declarou: *“O que detesto”*, para ficares ciente de que, ao afirmar: *“O que não quero”*, não exclui o poder. O que significa então: *“O que não quero”*? O que não louvo, o que não aprovo, o que não amo. Em distinção adiciona em seguida: *“Mas faço o que detesto”*

16. *Ora, se faço o que não quero, eu reconheço que a Lei é boa.*

Viste nesse ínterim que a mente não está corrupta, mas na prática conserva a nobreza? Se fosse ao encontro da maldade, entretanto agisse detestando-a, seria o maior louvor da lei, natural e escrita. É evidente que a Lei é boa, visto que eu me acuso por não ter obedecido à Lei e que abomino o que aconteceu. Ora, se a Lei fosse causa do pecado, como alegrar-se-ia com a Lei quem odeia o que ela prescreve? *“Eu reconheço que a Lei é boa.”*

17. *Na realidade, não sou mais eu que pratico a ação, mas o pecado que habita em mim.*

18. *Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne.*

Neste ponto, insistem os que caluniam a carne, e a excluem das obras de Deus. O que dizer? O que dizíamos recentemente da Lei: Como ele afirma ali que tudo se refere ao pecado, assim igualmente nesta passagem. Pois não disse: A carne é que opera, mas ao contrário: *“Na realidade, não sou mais eu que pratico a ação, mas o pecado que habita em mim”*. Se disser que nela não habita o bem, ainda não é acusação da carne; se o bem não habita nela, isto não comprova que ela é má. Nós, contudo, confessamos que a carne é inferior à alma, de menor valor, mas não oposta, adversária, ou má. A cítara está sujeita ao citarista e a nave ao timoneiro, igualmente a carne à alma. Elas não são adversárias dos que as ativam e utilizam, mas sumamente adequadas, sem, contudo, fruïrem de igual honra que o artífice. Por conseguinte, quem diz: A arte não se encontra na cítara, ou no navio, mas no timoneiro e no citarista, não reprova o efeito, mas destaca a diferença entre a arte e o artista. Assim ao dizer Paulo: *“Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne”*, não calunia o corpo, mas declara a primazia da alma. A ela é confiada dirigir o navio e tocar a cítara. Neste trecho Paulo o declara, atribuindo autoridade à alma. Divide o homem em duas partes: a alma e o corpo. Declara, na verdade, que a carne é movida e não move porque destituída do uso da razão; a alma, contudo, é a mais sábia, entende o que deve fazer e o que não, mas não basta para governar o cavalo a seu arbítrio, o que seria crime não apenas para a carne, mas também para a alma, consciente, de fato, do que deve fazer, mas que não pratica o que lhe parece dever executar.

Pois querer o bem está ao meu alcance, *mas não encontro como efetuar-lo.*

Aqui novamente tendo dito: *“Não encontro”*, não alude à ignorância, nem à dúvida, mas a certo prejuízo e insídia do pecado. Mais abertamente o declara, acrescentando:

19. *Com efeito, não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero.*

20. *Ora, se eu faço o que não quero, já não sou eu que estou agindo, e sim o pecado que habita em mim.*

Viste como, isentando de culpa a substância da alma e a do corpo, transfere-a para a má ação? Se a alma não quer o mal, fica livre; se não o pratica, livra-se também o corpo, e tudo recai apenas sobre o ato voluntário. Não são idênticas a natureza da alma, do corpo e do ato voluntário. Mas os dois primeiros são obra de Deus, o último provém de nós mesmos e é certo movimento que podemos conduzir aonde quisermos. Com efeito, a vontade é inata e vem de Deus; o ato da vontade vem de nós e de nosso propósito.

21. *Constato, pois, esta lei: Quando eu quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta.*

É obscuro. Qual o sentido? Louvo a Lei segundo a consciência, e encontro-a qual patrona do bem que quero fazer, que minha vontade intenta. Nela me comprazo e ela louva minha decisão. Vês como ele mostra o conhecimento do mal e do bem inserido em nós desde o princípio, e a lei de Moisés o louva e é louvada por ele? Pois não disse acima: Aprendo da Lei, e sim: “*Constato, pois, esta lei*”, nem afirmou: Sou instruído por ela e sim: “*Eu me comprazo na lei de Deus*”. O que quer dizer: “*Eu me comprazo*”? Confesso que está bem, como também eu, quando quero praticar o bem. Efetivamente, desde o princípio foi estabelecido querer o bem e não o mal, mas, após a vinda da Lei, esta fez-se acusadora da maioria dos males, e pôs-se a louvar os bens maiores. Viste em toda parte certa extensão e aumento a atestarem somente e nada mais? Enquanto ela louva e eu me comprazo e quero o bem, o mal ainda fica adjacente, e sua ação não é retirada. Por isso, a Lei colabora com quem propõe o bem a fazer, enquanto quer o mesmo que ela. Em seguida, o Apóstolo que apresentara a questão obscuramente, avança, explica e esclarece, mostrando como o mal está adjacente, e como a Lei está ao lado de quem quer praticar o bem.

22. *Eu me comprazo na lei de Deus segundo o homem interior;*

Já conhecera o bem, louvo-o, contudo, ao encontrá-lo nas Escrituras.

23. *mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão*

Aqui novamente dá ao pecado a denominação de lei “*que peleja*”, não porque tenha dignidade, mas pela suma subserviência dos que lhe obedecem. Ele chama Mamom de senhor e o ventre de deus, não propriamente devido a uma dignidade, mas pela grande subserviência dos subordinados; assim nesse lugar chamou o pecado de lei, por causa dos que o servem, e receiam perdê-lo, como temem perder a Lei os que a receberam. Isto se opõe à lei natural; é o sentido da locução: “*A lei da minha razão*”. Mais uma vez apresenta as fileiras e o combate, e atribui tudo à lei natural. Além disso, a Lei de Moisés por fim foi acrescentada. Todavia também esta e aquela, enquanto uma ensina, outra louva o que é honesto, nada de grande consumaram nesta luta, tão grande é a tirania do pecado, que vence e supera. Paulo o declara, e assinala a luta empreendida, dizendo: “*Mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão*” e que me acorrenta à lei do pecado

Não disse simplesmente: Que me vence, e sim: “*e que me acorrenta à lei do pecado*”; não disse: Impulso da carne, nem: Natureza da carne, e sim: “*Lei do pecado*”, isto é, tirania, poder. Por que disse: *que existe em meus membros*?

Que sentido tem? Não faz com que os membros se transformem em pecado, antes os aparta do pecado. Uma coisa é estar em outro ser, e outra diferir daquilo em que se está. Como, portanto, o preceito não é ruim, embora dele o pecado retire ocasião propícia, também não o é a natureza da carne, embora por ela o pecado nos ataque. Do contrário, a própria alma seria má, e mais ainda

enquanto tem o domínio sobre as ações. Ora, não é isto o que acontece, não é. Nem, de fato, se um tirano rapace tomasse construções admiráveis ou palácios reais, a culpa seria dos edifícios, mas toda acusação recairia sobre os insidiosos. Mas os inimigos da verdade com impiedade e grande estultícia não querem perceber. Não apenas acusam a carne, mas também caluniam a Lei, de sorte que, se a carne for má, a Lei será boa, pois elas se combatem e se opõem. Se, porém, a Lei não é boa, a carne será boa, visto que, na opinião deles, luta e combate contra a Lei. Como, portanto, podem afirmar serem más as duas que entre si são contrárias? Vês como é grande a estultícia acompanhada da impiedade? Tal não é a doutrina da Igreja, que não só condena o pecado, afirma, porém, serem opostas ao pecado e não à carne ambas as leis dadas por Deus, a natural e a mosaica. Não afirma que a carne é pecado, e sim obra de Deus, muito oportuna em prol da virtude para nós, se formos vigilantes.

24. *Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?*

Viste como é grande a tirania da malícia, que vence a mente a comprazer-se na Lei? Não podes dizer, assegura o Apóstolo, que me domina o pecado por odiar a Lei e dela me afastar; ela me apraz, aprovo-a, nela me refugio, no entanto, ela não pôde salvar quem nela se refugiava. Ao invés, Cristo salvou quem nele se refugiou. Viste a grandeza da graça? Ora, o Apóstolo não se exprimiu desta forma; somente gemia, e deplorava grandemente, como que desprovido de qualquer auxílio, e nesta situação indecisa indica o poder de Cristo, exclamando: *“Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?”* A Lei não tinha poder, a consciência não ajudou. Mesmo que eu louve o que é bom, não louvo apenas, mas também resisto aos adversários. Tendo dito: *“Que peleja”*, mostra sua oposição. Onde virá a esperança de salvação?

25. *Graças sejam dadas a Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso.*

Viste como é necessária a vinda da graça, benefício comum do Pai e do Filho? Embora dê graças ao Pai, a causa das ações de graças é igualmente o Filho. Ao ouvires que ele diz: *“Quem me libertará deste corpo de morte?”*, não julgues que ele acusa a carne. De fato, não disse: Corpo de pecado, e sim: Corpo de morte, isto é, corpo mortal, dominado pela morte, não, porém, que gerou a morte. Não é maldade da carne, mas prova do dano que sofre. Seria como um prisioneiro de uns bárbaros, considerado um deles, não por ser bárbaro, mas porque aprisionado por eles. Assim diz-se que o corpo é de morte por estar detido por ela e não porque a provoque. Por este motivo não quer ser libertado do corpo, mas do corpo mortal, sugerindo, conforme o assegurou frequentemente, que por ser passível foi facilmente presa do pecado.

E por que, replicas, os pecadores foram punidos, quando foi tão grande a tirania do pecado antes da graça? Porque os preceitos eram tais que, mesmo sob o domínio do pecado, poderiam ser praticados. Efetivamente, a Lei não os obrigava ao mais elevado estilo de vida, concedia que usufruíssem das riquezas, não proibía a poligamia, permitia a ira justa, e o gozo de moderado prazer. Tão grande era a indulgência que a Lei escrita exigia menos do que ditava a lei natural. Com efeito, a lei natural ordenava que um homem sempre tivesse uma só mulher. É também o que Cristo declarou, nesses termos: *“Desde o princípio o Criador os fez homem e mulher”* (Mt 19,3). A Lei de Moisés, porém, não proibía que uma fosse repudiada e assumida outra, nem vetava ter duas simultaneamente. Além disso, verificarás que os antigos homens praticavam, instruídos pela lei natural, muitos outros preceitos da Lei. Não sofreram desvantagem os que viviam no Antigo Testamento, por ter sido introduzida Lei tão moderada. Se nem assim puderam vencer o pecado, a culpa é de sua covardia. Paulo dá graças porque Cristo, omitindo um exame minucioso, não só não reclamou de nós prestação de contas, mas ainda nos tornou aptos a um curso mais importante. Por isso disse: *“Graças sejam dadas a Deus, por Jesus Cristo”*. E deixando de lado a salvação manifesta, passa das dádivas já feitas a algo de maior, dizendo

que não só fomos libertados dos males precedentes, mas ainda no futuro seremos inatingíveis, pois disse:

B. A VIDA DO CRISTÃO NO ESPÍRITO

A vida no Espírito

8,1. *Não mais existe, portanto, condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus, aqueles que não vivem segundo a carne.*

Mas não o disse antes de ter relembrado o antigo estado. Tendo dito primeiro:

Assim, pois, sou eu mesmo que pela razão sirvo à lei de Deus e pela carne à lei do pecado.

Então prosseguiu: *“Não mais existe, portanto, condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus”*. Em seguida, porque poder-se-ia objetar que muitos, mesmo após o batismo, pecam, apressa-se a atalhar. Não diz simplesmente: *“Para aqueles que estão em Cristo Jesus”*, e sim: *“Aqueles que não vivem segundo a carne”*, mostrando que doravante tudo se origina de nossa covardia. Podemos, pois, agora não viver segundo a carne, mas então era difícil. Em seguida, o comprova de outro modo, dizendo:

2. *A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus me libertou* e denomina aqui lei do Espírito o próprio Espírito. Pois como a lei do pecado é pecado, assim diz que o Espírito é lei do Espírito. Ora, Moisés também assim denominou a Lei, dizendo: *“Sabemos que a Lei é espiritual”*. Qual é, portanto, a diferença? Muita e imensa, pois aquela é espiritual, esta lei é Espírito. E em que se diferenciam? Porque uma é somente dada pelo Espírito, esta, contudo, o Espírito dava largamente aos que o recebiam. Por isso, deu-lhe o nome de Lei da vida, em contraposição à lei do pecado, não à Lei mosaica. Ao dizer: *“Libertou-me da lei do pecado e da morte”*, não se refere à Lei de Moisés. Em parte alguma dá o nome de pecado àquela Lei. Como, pois, denominaria pecado agora aquela Lei que frequentemente chamou de justa e santa, destruidora do pecado? Trata-se daquela que combate a lei da mente. A graça do Espírito termina esta guerra terrível, matando o pecado; torna leve para nós a luta, coroa-nos primeiramente, e arrasta-nos ao combate, prestando-se a grande aliada. Ele sempre assim age, passando do Filho ao Espírito, e do Espírito ao Filho e ao Pai, referindo nossa causa à Trindade. É o que faz também aqui. Pois, tendo dito: *“Quem me libertará deste corpo de morte?”*, mostra que o Pai o faz por intermédio do Filho. Em seguida o Espírito Santo com o Filho: *“A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus me libertou”*. Na continuação, de novo o Pai e o Filho:

3. *De fato – coisa impossível à Lei, porque enfraquecida pela carne – Deus, enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado e em vista do pecado, condenou o pecado na carne,*

De novo parece, de fato, reprovar a Lei, mas de um exame atento se deduz que a louva assaz, demonstrando estar de acordo com Cristo, e aos seus preceitos, que são idênticos. Pois não disse: O que havia de mal na Lei, e sim: *“Coisa impossível à Lei”*; e ainda: *“Porque enfraquecida”* e não: Porque agia mal ou armava ciladas. Nem atribui fraqueza à Lei, e sim à carne, dizendo: *“Porque enfraquecida pela carne”*. Nesse trecho não dá o nome de carne à própria substância e ao sujeito, mas ao senso mais carnal. Desta forma liberta o corpo e a Lei de incriminação; não só por isso, mas também pelas palavras subsequentes.

Com efeito, se a Lei fosse contrária, como Cristo veio em seu auxílio, cumpriu toda a justiça, estendeu-lhe a mão, e *“condenou o pecado na carne”*? Faltava isto, porque já outrora espiritualmente a Lei condenara o pecado. Como? A Lei fez o que era mais importante, o Unigênito de Deus o mínimo? Absolutamente não. Deus fez o máximo, ele que deu a lei natural e acrescentou a escrita. De

outra forma, nada adiantaria o que era mais importante, a não ser que fosse proposto o que era menos. Pois qual a utilidade de saber o que se deve fazer, sem praticá-lo? Nenhuma, serve apenas para aumentar a condenação. De fato, quem salvou a alma, também fez a carne dócil de conduzir. Com efeito, era fácil ministrar um ensinamento; admirável era mostrar o caminho por onde este seria facilitado. Para tal veio o Unigênito, e não se afastou sem nos ter libertado daquela dificuldade. Maior ainda era a modalidade da vitória. Não assumiu outra carne, mas a mesma, esgotada de trabalho. Seria como se alguém visse na praça uma mulher vil e trivial ser golpeada e se declarasse filho dela, quando era filho do rei, e assim a libertasse dos que a maltratavam. Foi o que ele fez, confessando-se filho do homem, assistindo-a e condenando o pecado. Não se ousou mais flagelar aquela carne; ou melhor, foi ferida com uma chaga mortal. Assim também ele foi condenado e morreu, não a carne flagelada, mas o pecado que a torturava. Coisa digna da maior admiração! Se a vitória não fosse alcançada na carne, não seria tão admirável, porque também a Lei o efetuou, mas foi admirável ter erigido o troféu a carne, que inúmeras vezes fora vencida pelo pecado e alcançou contra ele esplêndida vitória. Vê, pois, quantos imprevistos sucederam. O primeiro, de fato, que o pecado não venceu a carne. O segundo que foi vencido, e vencido por ela; não é a mesma coisa não ser vencido e vencer a que sempre fora derrubada. Terceiro, que não só venceu, mas também castigou. Não cometer pecado é não ser vencido; morrendo, porém, venceu e condenou-o, apresentando-lhe como tremenda a carne que anteriormente era desprezível. Assim, portanto, destruiu seu poder, e apartou a morte infligida por ele. Enquanto atacava a pecadores, segundo o direito infligiu a morte; mas quando entregou à morte um corpo impecável, foi condenado por ter agido injustamente. Vês quantos os prêmios da vitória? A carne não foi vencida pelo pecado, venceu-o e o condenou, não apenas condenou, mas também condenou-o enquanto pecador. Tendo comprovado primeiro que ele agiu injustamente, condenou-o, não só por força e poder, mas também segundo o direito. Assinalou-o a respeito do pecado, dizendo:

“*Condenou o pecado na carne*”, como se dissesse: Convenceu-o de grave pecado, e então o condenou. Vês que é sempre condenado o pecado, não a carne, mas esta é coroada, e profere sentença contra ele? Por causa da asserção de que o Filho foi enviado em carne semelhante à de pecado, não julgues que possuía outra espécie de carne. Justapôs a locução: “*Semelhante a de pecado*” por ter se referido ao pecado. Cristo não teve carne pecadora, mas semelhante à nossa pecadora, e era impecável, apesar de ter natureza idêntica à nossa. Por conseguinte, é evidente que a natureza da carne não era má, nem Cristo assumiu outra em lugar da anterior, nem a alterou segundo a substância, e assim empreendeu expulsar o pecado. Deixou, porém, que subsistisse em sua própria natureza e cuidou de coroá-la contra o pecado. Então, depois da vitória, ressuscitou-a e tornou-a imortal. O que me importa, retrucas, que tal haja acontecido àquela carne? Certamente te importa em grau máximo, por isso ele acrescentou:

4. *a fim de que a justificação da Lei se cumprisse em nós que não vivemos segundo a carne,*

O que é: “*Justificação*”? O fim, o escopo, a ação excelente. O que ele queria e o que preceituou? Que fosses sem pecado. Cristo já no-lo concedera. Opor-se e vencer estava em seu poder; fruir da vitória é nosso. Por conseguinte, não pecaremos mais. Certamente não pecaremos, a não ser que estejamos muito alquebrados e dissolutos; por isso acrescentou: “*Não vivemos segundo a carne*”. No intuito de não suceder que expilas todo aparato, ao ouvires que Cristo te livrou da guerra do pecado, e que a justificação da Lei se acha perfeitamente realizada em ti, tendo sido condenado o pecado na carne, após ter dito ali: “*Não mais existe, portanto, condenação*”, acrescentou: “*Para aqueles que não vivem segundo a carne*”, e aqui, ao dizer: “*A fim de que a justificação da Lei se cumprisse em nós*”, adicionou o mesmo, ou antes, não apenas, mas muito mais. De fato, tendo dito: “*A fim de que a*

justificação da Lei se cumprisse em nós que não vivemos segundo a carne”, acrescentou: mas segundo o Espírito.

Destaca que não só se deve abster dos males, mas é preciso praticar o bem de modo excelente. Pois dar-te a coroa, compete a ele; conservar a que foi dada, a ti. De fato, Cristo levou à perfeição em ti o que era justificação da lei, isto é, não estar sujeita à maldição.

Não atrações tão grande dom, mas persevera na guarda desse belo tesouro. Com isto ele te ensina que não basta o batismo para a salvação, a não ser que depois dele levemos uma vida digna de tão grande dom. Por isso de novo patrocina a Lei dizendo isto. Efetivamente, depois de acreditarmos em Cristo, devemos fazer o possível para que permaneça em nós e não se corrompa aquela justificação que Cristo consumou.

5. Com efeito, os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito.

6. De fato, o desejo da carne é morte, ao passo que o desejo do espírito é vida e paz,

7. uma vez que o desejo da carne é inimigo de Deus, pois ele não se submete à lei de Deus, nem o pode,

Nem isto é incriminação da carne. Enquanto conservar sua ordem, nada de absurdo se realiza; quando, porém, lhe permitimos tudo, e transgredindo os limites seus, insurge-se contra a alma, então tudo se perde e corrompe, não devido à natureza, mas pela inversão da moderação e da ordem. “*E os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito. De fato, o desejo da carne é morte*”. Não disse: A natureza da carne, nem: A substância do corpo, e sim: “*O desejo*”, que pode ser corrigido e eliminado. Não se exprime assim porque atribua à carne o próprio pensamento. De modo algum. Mas indica um impulso mais grosseiro da mente, e denominando-o pelo lado pior, como também frequentemente costuma chamar de carne o homem inteiro, com a alma. “*O desejo do espírito.*” Novamente aqui se refere ao espírito, como mais abaixo: “*E aquele que perscruta os corações sabe qual o desejo do Espírito*”, e expõe que daí se originam muitos bens no presente e no futuro. O senso espiritual cria muito mais bens do que os males que o carnal produz. Paulo o indica, dizendo: “*Vida e paz*”, diferenciando o segundo do primeiro, “*uma vez que o desejo da carne é morte*”; o primeiro, de fato, difere do seguinte. Tendo dito: “*Paz*”, acrescentou: “*O desejo da carne é inimigo de Deus*” o que, certamente, é pior do que a morte. Em seguida explana como é morte e inimizade: “*Pois ele não se submete à lei de Deus, nem o pode*”. Não te perturbe ao ouvires: “*Nem o pode*”. Esta dificuldade tem fácil solução. O “*senso carnal*” aqui representa o pensamento terreno, grosseiro e cúpido de obras seculares e más. É este desejo que ele assegura não poder submeter-se a Deus. E que esperança de salvação resta se o mau não pode converter-se? Não é isto que ele afirma, pois de que modo Paulo se converteu? Como o ladrão? Como Manassés? Como os ninivitas? Como Davi, depois que caiu e se reergueu? Como Pedro, depois da negação, caiu em si? Como o fornicador, foi recebido no rebanho de Cristo? Como os gálatas que haviam perdido a graça, e voltaram à primitiva nobreza? Por conseguinte, ele não afirma que o mau não pode converter-se, mas que, se continuar malvado, não se submete a Deus. Se mudar, facilmente pode tornar-se bom e submeter-se a Deus. Não afirma que o homem não pode sujeitar-se a Deus, mas que um ato mau jamais pode ser bom, como se dissesse: A fornicção nunca pode ser castidade, nem a malícia virtude. É isto que diz também o evangelho: “Uma árvore má não pode dar bons frutos” (Mt 7,18). Não impede a passagem da iniquidade à virtude, mas afirma não dar bons frutos quem persevera na malícia. Com efeito, não assegurou: A árvore má não pode tornar-se boa, e sim: A árvore que continua sendo má não pode dar bons frutos. É possível uma conversão e ele o demonstra por esta passagem e por outra parábola, onde apresenta o joio que se

converte em trigo. Por isso impede-se que seja arrancado: “Não, para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo” (Mt 13,29), isto é, o joio que se transformará. Chama, portanto, de senso carnal a malícia, e de espiritual a graça e a atividade acompanhada de boa vontade. Este trecho em parte alguma se refere à pessoa e à substância, mas à virtude e à iniquidade. Agora podes o que não podias sob a Lei, isto é, viver honestamente e sem pecado, com o auxílio do Espírito. Não é suficiente não viver segundo a carne, mas importa viver segundo o espírito, porque, para nossa salvação, não basta afastarmo-nos do mal, mas devemos também praticar o bem. Tal sucederá, se entregarmos a alma ao Espírito, e se persuadirmos à carne que conserve seu lugar. Desta forma, pois, tornar-se-á espiritual; do contrário, se formos covardes, transformaremos até a alma em carnal.

Por isso, não foi a necessidade natural que conferiu o dom, mas o livre-arbítrio; está em teu poder transformar-te nisto ou naquilo. De fato, tudo o que lhe competia foi realizado, pois o pecado não luta contra a lei de nossa mente, nem a torna cativa, como no passado; mas tudo o que estava em seu poder cessou e foi abolido, as paixões foram reprimidas, por temor e receio da graça do Espírito. Se, porém, extinguires a luz, retirares o cocheiro e expulsares o timoneiro, imputa então a ti o embate. Uma vez que agora a virtude tornou-se mais fácil porque há intensa sabedoria, aprende como decorriam as realidades dos mortais, quando a Lei dominava, e o que acontece atualmente, quando a graça resplandeceu. Já se encontra em toda parte da terra o que antigamente a ninguém parecia possível, isto é, a virgindade, o desprezo da morte e muitas outras privações. E isso não somente entre nós, mas também entre os citas, os trácios, os indianos, os persas, e muitos outros bárbaros; e os coros das virgens, as turbas de mártires, as comunidades de monges já são em muito maior número do que os casados. Os jejuns são frequentes e grande o empenho pela pobreza. Nem em sonho puderam imaginar os que viviam sob a Lei todas essas coisas, com exceção de uma ou duas. Ao perceberes, portanto, a realidade clamar mais alto do que uma trombeta, não afrouxes, não atraíções tão grande dádiva. Não é possível; nem com a fé pode o negligente conseguir a salvação. Os combates são fáceis para vences na luta, não para dormires, nem abusares da grandeza da graça como oportunidade de preguiça, revolvendo-te de novo no antigo lodo.

8. pois os que estão na carne não podem agradar a Deus.

E então? Tu nos ordenas dilacerar o corpo para agradar a Deus, sair do corpo, sermos homicidas e nos guias à virtude? Viste quantos absurdos surgem se tomarmos simplesmente as palavras como tais? Aqui não chama o corpo de carne, nem a substância corporal, mas a vida carnal, mundana, cheia de lascívia e prazer, que transforma em carnal o homem todo. Como aqueles que se elevam pelo espírito, quais seres alados, espiritualizam o corpo, os que fogem dele, servem o ventre e ao prazer, transformam a alma em carnal, sem alterar-lhe a natureza, mas perdendo sua nobreza. Tal modo de se exprimir não raro se encontra no Antigo Testamento, denominando carne a vida grosseira e lamacenta, cheia de desarrazoados prazeres. A Noé foi dito: “Meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque todo ele é carne” (Gn 6,3). Ora, o próprio Noé estava na carne, mas isto não constituía crime, era natural. Sê-lo-ia o amor à vida carnal. Por isso afirma Paulo: “*Pois os que estão na carne não podem agradar a Deus*”.

9. Vós não estais na carne, mas no espírito,

Não indica simplesmente a carne, mas a carne arrastada pelas paixões, oprimida pela tirania. E por que, replicas, não se expressou deste modo, nem apontou a diferença? Para animar o ouvinte e revelar que não estará no corpo aquele que vive retamente. Uma vez que era evidente a todos que aquele que vive no pecado não é espiritual, coloca aqui o mais importante: O homem espiritual não apenas não vive no pecado, nem na carne vive, mas já se tornou anjo, elevado ao céu, e simplesmente acha-se no

corpo. Se, portanto, caluniar a carne, porque de seu nome deriva o de vida carnal, caluniarás também o mundo, porque tal nome designa muitas vezes a malícia, conforme Cristo dizia a seus discípulos: “Não sois do mundo” (Jo 15,19); e a seus irmãos dizia ainda: “O mundo não vos pode odiar, mas odeia-me” (ib. 7,7). Diz-se também que a alma é alheia a Deus, porque ele denominou psíquicos os que vivem no erro. Mas não é assim, não é. Faz-se mister sempre atender não às simples palavras, mas à mente de quem as profere, e saber com apuro distinguir os ditos. Certas coisas são boas, outras más, e ainda outras medianas. Por exemplo, a alma e a carne são médias, porque podem ser deste modo ou de outro; o espírito, contudo, é sempre do número das coisas boas, e nunca pode se tornar diferente. Ainda o senso carnal, isto é, a ação má é sempre do número das coisas más, pois não se sujeita à Lei de Deus. Se, portanto, entregares a alma e o corpo ao que é melhor, serás desta parte; se à pior, serás participante da maldade, não devido à natureza da alma e da carne, mas por teu próprio arbítrio, que pode escolher um ou outro. Certamente assim acontece e o que foi dito da carne não é calúnia. Tratando novamente desta expressão, examinemo-la cuidadosamente. Disse ele: “*Vós não estais na carne, mas no espírito*”.

Como? Não estavam na carne, mas perambulavam incorpóreos? E seria possível? Vês que sugeria a vida carnal? E por que não disse ele: Vós não estais no pecado? Para saberes que Cristo não só extinguiu a tirania do pecado, mas também tornou a carne mais leve e mais espiritual, não por alterá-la a natureza, e sim munindo-a de certo modo, de asas. Como o ferro, colocado muito tempo no fogo, torna-se ígneo, apesar de permanecer na própria natureza, assim também a carne dos fiéis que possui um espírito adquire a eficiência deste, transforma-se em espiritual, em todos os sentidos crucificada, e com a alma de certo modo alada, conforme era o corpo daquele que dizia tais coisas. Por isso zombava de todas as volúpias; e do prazer, deleitava-se na fome, nos flagelos, nos cárceres, e não se condoía ao padecer tudo isso. Referindo-se a isto, dizia: “Nossas tribulações momentâneas são leves” (2Cor 4,17). De tal modo instruíra bem a carne que colaborava com o espírito. “Se o Espírito de Deus habita em vós” (1Cor 3,16). Ele o coloca muitas vezes este: “Se”, não por dúvida, mas crendo perfeitamente, e em vez de: Na verdade; por exemplo, ao dizer: “Na verdade, justo é que Deus pague com tribulação aos que vos oprimem” (2Ts 1,6); e ainda: “Foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se, de fato, foi em vão!” (Gl 3,4).

pois quem não tem o Espírito de Cristo

Não disse: Se vós não tendes, e sim transfere para outros a questão incômoda.

não pertence a ele.

10. Se, porém, Cristo está em vós,

Mais uma vez assegura que Cristo está com eles. Colocou brevemente e no meio o que era incômodo, e o que era desejável, dos dois lados e com muitas palavras, de sorte que encobrisse o primeiro.

Ao se exprimir desta forma, não afirmava que o Espírito é o próprio Cristo. De modo algum. Queria expor que não somente assegura pertencer a Cristo quem possui em si o Espírito, mas na realidade o possui. Não é possível que Cristo igualmente não esteja onde está presente o Espírito. Onde se encontra uma Pessoa da Trindade, está presente a Trindade inteira. Nela de modo algum há separação e é perfeitamente unida. E o que sucederá, perguntas, se Cristo estiver em vós?

o corpo está morto, pelo pecado, mas o Espírito é vida, pela justiça.

Viste quão grande mal consiste em não possuir o Espírito, a saber, morte, inimizade a Deus,

impossibilidade de cumprir as suas leis, não pertencer a Cristo conforme se deve, não ter em si a habitar o Espírito? Pondera, de outro lado, quantos bens derivam do fato de se possuir o Espírito. Quer dizer: Pertencer a Cristo, possuir o próprio Cristo, rivalizar com os anjos. É ainda mortificar a carne, viver a vida imortal, ter o penhor da ressurreição já aqui na terra, perfazer o curso da virtude com facilidade. E não disse por fim que o corpo cessa de pecar, mas que está morto. Acentua a facilidade do percurso. Sem dificuldade e labor é enfim coroado. Acrescentou a palavra: “*Pecado*” a fim de saberes que eliminou de vez a malícia, não a natureza do corpo. Neste último caso, perder-se-iam muitos elementos úteis à alma. Não o declarou, e sim que o corpo vivo e subsistente está morto. Sinal de termos o Filho, de habitar em nós o Espírito, seria o nosso corpo, quanto à atividade corporal, em nada diferir dos corpos que jazem nos túmulos. Mas não te assustes ao ouvir falar de mortificação. Tens em ti a verdadeira vida que a morte não pode tirar. Pois tal é a vida do Espírito: Já não cede à morte, mas a consome e dissipa, conservando para a imortalidade o que recebeu. Por isso, ao tratar do “*corpo morto*”, não disse: Espírito vivo, mas: “*O Espírito é vida*”, assegurando que também pode oferecê-la aos outros. Em seguida insta com o ouvinte e profere a causa da vida, que é a justiça, comprovando-o. Se o pecado já não existe, nem a morte se manifesta; e se a morte não aparece, a vida é indissolúvel.

11. *E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou o Senhor dará vida também a vossos corpos mortais, através do seu Espírito que habita em vós.*

Novamente discursa sobre a ressurreição, porque esta esperança principalmente estimula o ouvinte, e o corrobora acerca dos acontecimentos em torno da ressurreição de Cristo. Não temas, diz ele, por possuíres um corpo mortal; retém o Espírito e com toda certeza ele ressurgirá. Como? Os corpos que não têm o Espírito não ressurgem? E não importa que todos compareçam perante o tribunal de Cristo? De que modo a palavra sobre a geena será fidedigna? Pois, se os que não têm o Espírito não ressurgem, nem a geena existirá. O que significa aquela palavra? O sentido é o seguinte: Todos, de fato, ressurgirão, mas não todos para a vida; uns para o suplício, outros para a vida (cf. 1Cor 15). Por conseguinte não disse: Ressuscitará, e sim: “*Dará vida*”, o que é mais que ressuscitar e só os justos alcançarão. Ora, colocando o motivo de tal honra, acrescentou: através do seu Espírito que habita em vós.

Se, portanto, durante a vida, rejeitares a graça do Espírito, e morreres sem a recuperares, estarás perdido certamente, apesar da ressurreição. Pois, se Cristo, uma vez que seu Espírito resplandece em ti, jamais haverá de te entregar ao suplício, assim se o vê extinto, não te introduzirá no tálamo, conforme aconteceu àquelas virgens. Não permitas, portanto, agora que o corpo viva, a fim de viver naquele dia; procura que agora morra a fim de não morrer então. Se permanecer vivo, não viverá, se morrer, então viverá. Isto acontecerá na ressurreição geral. Importa que o corpo primeiro morra e seja sepultado, e após tornar-se-á imortal. Assim aconteceu também no batismo; primeiro foi crucificado, sepultado e depois ressuscitou. Tal sucedeu igualmente ao corpo do Senhor: foi crucificado, foi sepultado e ressuscitou.

Façamos o mesmo; mortifiquemo-lo na própria atividade. Não a sua substância, de forma alguma, mas o impulso para as obras más. Pois nisto consiste a vida; ou melhor, somente é verdadeira vida não se submeter à propensão meramente humana, nem escravizar-se aos prazeres. Pois quem lhes está sujeito não pode mais viver por causa das tristezas, temores e perigos deles oriundos, assim como do enxame das paixões. Com efeito, por causa da expectativa da morte, ele morre bem antes de angústia; por medo de doença, de injúria, de penúria ou de qualquer outro imprevisto, perece e se consome. Que

haverá de mais miserável do que esta vida? Entretanto, quem vive no Espírito não se comporta deste modo; coloca-se acima do medo, da dor, dos perigos e de toda vicissitude. Não quer dizer que nada sofra, mas que se mantém em posição superior, e menospreza as vicissitudes. De que modo? Se o Espírito nele sempre habitar. E não disse habitar por breve tempo, mas continuamente. Por isso não disse: O Espírito que habitou, mas : “*Que habita*”, denotando habitação perpétua. Por conseguinte, vive de modo especial aquele que está morto para a vida terrena. Por isso dizia: o Espírito é vida, pela justiça.

E para esclarecer o assunto, imaginemos dois homens, um entregue à impureza, aos prazeres e à falácia da vida, e outro morto para tais coisas, e vejamos qual dos dois tem vida intensa. Dos dois, um é muito rico, ilustre, nutre parasitas e aduladores, e gasta o dia inteiro nisto, dado à gula e à saciedade. O outro vive sabiamente na pobreza, no jejum, nas restantes asperezas da vida; à tarde, toma apenas o alimento necessário, ou se preferes, permanece dois ou três dias em jejum. Qual dos dois se dirá que vive em grau mais intenso? Muitos, conforme bem sei, julgarão que aquele que se alegra e dissipa o que é seu; nós, porém, pensamos ser aquele que moderadamente utiliza tais bens. Uma vez que daí se originam controvérsia e disputa, penetremos nas casas de ambos, e uma vez que o rico, de acordo com tua opinião, vive, entremos por ocasião dos prazeres; e tendo entrado observemos em que estado estão ambos. Das ações se depreende qual o vivo e qual o morto. Certamente encontraremos um no meio de livros ou em oração e jejum, ou entregue a uma questão necessária, vigilante, sóbrio, conversando com Deus. Veremos o outro, abatido pela embriaguez, em nada melhor que um defunto. Se ficarmos até a tarde, vê-lo-emos em estado semelhante ao de um morto e daí novamente entregue ao sono; o outro sóbrio, em vigília até durante a noite. Qual dos dois diremos que tem mais vida? Aquele que jaz insensível, exposto à zombaria de todos, ou o homem vigoroso a falar com Deus? Se dele te aproximares, e lhe falares de um assunto necessário, não terás resposta, como sucederia no caso de um morto. Quanto ao outro, quer o abordes de noite ou de dia, verás mais um anjo do que um homem, a meditar as realidades celestes. Vês que ele está mais do que vivo, enquanto o primeiro jaz mais miseravelmente do que os mortos? Embora pareça ativo, vê uma coisa por outra, e assemelha-se aos loucos, ou antes, é mais infeliz. Temos compaixão de um louco que for injuriado, e repreendemos quem o ultrajar. Se alguém ataca um ébrio, não só não temos misericórdia, mas condenamos o homem prostrado. Isto seria vida? – pergunto. Não é pior do que mil mortes? Não vês que não só está morto aquele que se entrega à volúpia, mas acha-se em piores condições do que um defunto e é mais miserável do que um demoníaco? Um atrai misericórdia, o outro é odiado; um é desculpado, outro é castigado pelo motivo de sua doença. Se exteriormente é tão ridículo, cuspiendo saliva putrefata, exalando vinho fermentado, pensa em que situação se encontra a infeliz alma, encerrada no corpo qual num sepulcro. Seria igual a um potentado que ordenasse a uma escrava bárbara, torpe, impura, que insultasse e injuriasse a uma jovem bem trajada, casta, livre, nobre e formosa. Tal é a embriaguez.

Qual o homem ajuizado, portanto, que não prefira mil vezes morrer a passar um só dia desta maneira? Com efeito, embora, ao raiar do dia, ele, despertando de tal comédia, pareça estar acordado, nem então goza de completa temperança, tendo ainda diante dos olhos aquela nuvem tempestuosa da embriaguez. Se, contudo, for-lhe concedido estar inteiramente desperto, que vantagem retirará daí? Em nada lhe aproveita esta sobriedade, a não ser encontrar acusadores. Pois, enquanto procedia vergonhosamente, lucrava apenas por não perceber os zombadores. No dia seguinte perde tal consolo, ao verificar que os domésticos murmuram, a mulher se envergonha, os amigos acusam, os inimigos ridicularizam. O que haveria de mais infeliz do que esta vida, ser objeto de zombaria de todos durante o dia, e à tarde reincidir em igual torpeza? Mas, queres que apresentemos os avaros? Trata-se de embriaguez mais grave do que a outra. Com efeito, se é embriaguez mais grave, também esta morte é

pior do que a outra. De fato, não é tão grave estar ébrio de vinho quanto da cobiça do dinheiro. Ali o dano consiste na própria doença e termina em insensibilidade e ruína do próprio ébrio; aqui, contudo, prejudica a inúmeras almas, provocando várias lutas em toda parte. Vamos, portanto. Comparemos uma com a outra, vejamos em que são companheiros, em que um supera, e comparemos os ébrios entre si. Não mais sejam comparados com aquele bem-aventurado que vive no Espírito, mas examinemo-los à parte. Novamente, apresentemos a mesa, repleta de inúmeros morticínios. Em que ponto concordam e se assemelham entre si? Na própria natureza da doença, pois há diversas espécies de embriaguez. Uma consta de vinho, outra de dinheiro. A doença é semelhante, e ambas igualmente são resultado de absurda cupidez. Pois quem é ébrio de vinho, quanto mais cálices sorver, tanto mais há de desejar. O amante do dinheiro, quanto mais adquirir, tanto mais acenderá a chama da cupidez, e terá sede mais ardente. Nisto, portanto, são semelhantes. Numa coisa, porém, o avaro é pior. Em quê? Que o primeiro padece de um mal segundo a natureza, pois sendo o vinho cáldo e incrementando a aridez natural do corpo, faz com que o ébrio tenha mais sede; ao passo que de onde vem que o outro ambicione cada vez mais? De onde? Quanto mais rico se torna, tanto mais vive na pobreza; pois esta doença é difícil de se entender, e parece um enigma. Mas vejamo-los, se lhe apraz, depois de terminar a embriaguez; ou antes nunca se vê o avaro após finalizar a embriaguez, porque está sempre ébrio. Por conseguinte, vejamos a ambos embriagados, examinemos qual o mais ridículo, e descrevamos minuciosamente seu modo de ser. Veremos, de fato, que aquele que pelo vinho comete extravagâncias, à tarde, de olhos abertos a ninguém vê, mas perambula simples e inutilmente, ataca os que vêm ao seu encontro, vomitando, ferindo-se, despindo-se vergonhosamente. A mulher, a filha, a escrava, ou qualquer dos presentes amplamente dele haverá de zombar. Apresentemos agora o avaro. Seus atos não só merecem zombaria, mas também muitas imprecações, cólera e inúmeros raios. Por enquanto, vejamos a zombaria. Com efeito, o ébrio e o avaro ignoram a todos, amigos e inimigos; de igual forma são cegos de olhos abertos, e se para os olhos de um tudo é vinho, o outro apenas olha para as riquezas. Seu vômito é muito pior; não devolve alimentos, mas palavras de ultraje, de injúrias, de guerra, de morte, que atraem inúmeros raios do céu sobre sua cabeça. O corpo do ébrio é lívido e evanescente; assim é a alma do avaro, ou antes, nem o corpo está isento desta doença, mas é mais atacado, porque as preocupações, a ira, as vigílias o consomem mais que o vinho, e pouco a pouco o desgastam. Certamente o viciado pelo vinho pode à noite abster-se; o avaro dia e noite, acordado ou adormecido, cumpre maior pena do que os presos, os mineiros, e do que um homem mais gravemente torturado.

Isto é vida? – pergunto. Não seria morte e mais miserável do que qualquer espécie de morte? Efetivamente, a morte proporciona repouso ao corpo, e livra do escárnio, da torpeza, dos pecados. Tais formas de embriaguez lançam em todas essas dificuldades, obturando os ouvidos, cegando os olhos, retendo a mente em profunda escuridão. E não é possível ao avaro ouvir ou falar senão de empréstimos, juros dos juros, lucros torpes, odiosos tráficos, negociações servis. Como um cão ladra contra todos, odeia de modo geral, tem aversão a todos, ataca a todos sem motivo, insurge-se contra os pobres, inveja os ricos, e com ninguém está em paz. Se tem mulher, filhos, amigos, que sempre não lhe trazem lucro, considera-os inimigos mais do que os verdadeiros inimigos. O que pode haver de pior do que esta loucura? O que de mais miserável, visto que prepara para si em toda parte escolhos, recifes, precipícios, barrancos, inúmeros abismos, ele que tem um só corpo e serve a um só estômago? Se alguém te envolvesse em serviços públicos, escaparias, receoso das despesas; entretanto buscas inúmeros trabalhos muito mais pesados, e não apenas mais dispendiosos, mas também mais perigosos. São sacrificados a Mamom, e ofereces a este malvado tirano não só dinheiro, nem só o trabalho corporal, o tormento e as dores do espírito, mas o próprio corpo, contanto que a ti, mísero e infeliz, daí

resulte maior proveito, obtido por meio desta bárbara escravidão. Não vêis aqueles que cada dia são transportados para os sepulcros, carregados para os túmulos despojados e destituídos de tudo, impossibilitados de terem consigo objeto doméstico, enquanto os vermes lhes roubam até as vestes que os cobrem? Contempla-os cada dia, e talvez a doença se mitigará, a não ser que enlouqueça mais pelos gastos com os funerais. É, na verdade, grave doença, enfermidade terrível. Por isso em cada assembleia dissertamos a respeito deste assunto, e frequentemente enchemos com isto os vossos ouvidos a fim de obtermos algum êxito pela assiduidade. Mas não deveis alterar. Não apenas no último dia, mas bem antes dele esta doença acarreta vários suplícios. Pois, nem nos prisioneiros perpétuos, nos doentes graves ou nos que lutam com a fome etc. posso indicar tormentos iguais aos que toleram os que amam o dinheiro. O que pode haver de mais grave do que ser odiado por todos? Ser odiado por todos, com ninguém viver em paz, nunca saciar-se, sempre ter sede, lutar com fome constante, e muito mais intensa do que a vulgar? Sofrer dores diárias, jamais ter sobriedade, sempre viver em tumulto e agitação? Isto e bem mais do que isto sofrem os avaros. Quando lucram, embora tomem os bens de todos, não sentem prazer algum, porque desejam ainda mais; se sofrem prejuízo, até de um único óbolo, julgam maior padecimento do que a perda da vida. Quem pode explicar tão grandes males com palavras? Se tais são os padecimentos terrenos, reflete no que serão os futuros: a perda do reino celeste, as dores da geena, os vínculos perpétuos, as trevas exteriores, o verme venenoso, o ranger dos dentes, os tormentos, a angústia, os rios de fogo, as fornalhas inextinguíveis. Coligindo tudo isto e comparando-o ao prazer do dinheiro, cura radicalmente esta doença, a fim de que, com a posse das verdadeiras riquezas, liberto desta profunda miséria, obtenhas os bens presentes e futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual como Pai, na unidade do Espírito Santo glória agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA QUARTA HOMILIA

8,12. *Portanto, irmãos, somos devedores, não à carne para vivermos segundo a carne.*

13. *Pois, se viverdes segundo a carne, morrereis, mas, se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis.*

Tendo indicado o grande prêmio da vida espiritual, isto é, a inabitação de Cristo em nós, a vivificação dos corpos mortos, a elevação ao céu por uma espécie de asas, e a maior facilidade do caminho da virtude, o Apóstolo necessariamente inclui a admoestação: Por conseguinte não devemos viver segundo a carne. No entanto, não empregou tal expressão, mas fala com maior vigor e força: Somos devedores do Espírito, pois, quando disse: “*Somos devedores, não à carne*”, foi o que quis assinalar. Comprova, porém, sempre o mesmo, expondo que os dons que Deus nos conferiu, não eram devidos, mas pura graça. O que fizemos depois, não constituiu um dom liberal, mas era um dever. De fato, ao dizer: “Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate; não vos torneis escravos dos homens” (1Cor 7,23), é idêntico o significado; e ao escrever: “Não pertenceis a vós mesmos” (1Cor 6,19) indica o mesmo. E em outra parte menciona o fato, nesses termos: “Um só morreu por todos e, por conseguinte, todos morreram. Ora, ele morreu por todos, a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si: (2Cor 5,14-15). Estabelecendo-o igualmente nesta passagem, diz: “*Somos devedores*”. Em seguida, tendo dito: “*Somos devedores, não à carne*”, para que não entendas tratar-se da natureza da carne, não calou, mas adicionou: “*Para vivermos segundo a carne*”. Com efeito, à carne devemos muito, por exemplo, temos de alimentá-la, fomentá-la, dar-lhe repouso, cuidar dela quando doente, vesti-la etc. No intuito de evitar que penses que ele nos dispensa destes serviços, após ter dito: “*Somos devedores, não à carne*”, interpreta: “*Para vivermos segundo a carne*”. Afasto a solicitude, diz ele,

que leva ao pecado; no entanto quero que se cuide dela, e posteriormente o assinala. Pois, tendo dito que não se deve ter solicitude pela carne, não calou, mas acrescentou: E as concupiscências, o que ensina também aqui. Cuide-se, é dever, contudo não vivamos segundo a carne, isto é, não lhe confiemos o governo de nossa vida. Ela deve nos seguir, não ir à frente, nem ritmar a nossa vida, mas acolher as leis do Espírito. Após esta delimitação, estabelecer que somos devedores do Espírito, expor de que benefícios somos devedores, não cita os dons passados, mas os futuros. Destaca-se aqui especialmente sua prudência. No entanto, eles eram suficientes, agora, contudo, não os apresenta, nem relembra aqueles inefáveis benefícios, e sim os futuros. De fato, não costuma um benefício já concedido impressionar a muitos quanto a dádiva esperada no futuro. Depois deste suplemento, primeiro atemoriza com as tristezas e os males oriundos de uma vida segundo a carne, nesses termos: Pois se viverdes segundo a carne, morrereis,

Subentende a morte imperecível, o tormento e o suplício da geena. Ou antes, se o exame for acurado, nesta vida também tal homem está morto, como no precedente sermão claramente vos expusemos.

Mas, se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis.

Observaste que ele não trata da natureza do corpo, e sim das obras carnis? Não disse: Se, porém, pelo Espírito fizerdes morrer a natureza do corpo, vivereis, e sim : “*As obras*”; não, contudo, todas, e sim as más, o que é evidente pela sequência: Se o fizerdes, diz ele, vivereis. E como seria possível se fosse atinente às obras todas? Pois ver, ouvir, falar, andar são ações corporais; e se as extinguirmos, de modo algum viveremos, de sorte que sofreremos o castigo destinado aos homicídios. Qual, então, as obras que ele declara terem de ser mortas? As que levam à malícia, que partem em direção ao mal, que não podem ser mortas doutro modo senão pelo Espírito. Extinguir aquelas seria matar-te a ti mesmo, o que não é lícito; a estas, contudo, somente pelo Espírito. Com a sua presença, todas as vagas se acalmam, são reprimidas as doenças, nada se insurge contra nós. Viste como nos exorta a respeito do futuro, conforme já mencionei, e explana que somos devedores, não apenas pelo passado? Não é o único benefício do Espírito ter-nos perdoado os pecados pretéritos, mas também tornar-nos invencíveis quanto aos futuros, e dignos da vida imortal. Em seguida, acrescenta outra recompensa:

Filhos de Deus graças ao Espírito

14. *Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.*

Esta coroa é muito maior do que a precedente. Por isso não disse simplesmente: Todos os que vivem pelo Espírito de Deus, e sim:

“*Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus*”, esclarecendo que ele quer orientar nossa vida, como um comandante governa o navio e um cocheiro a parelha de cavalos. Submete com tais rédeas não apenas o corpo, mas a própria alma. E não quer ser soberano, mas sujeita o poder da alma à virtude do Espírito. E a fim de que, fiados no dom do batismo, não negligenciassem o restante da vida, declara: Tu, apesar de teres recebido o batismo, em seguida não foste conduzido pelo Espírito, perdeste a dignidade e a prerrogativa da adoção. Por esta razão não disse: Todos os que receberam o Espírito, e sim: “*Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus*”, isto é, todos os que na vida inteira se comportam desta forma, “*são filhos de Deus*”. Prosseguindo, visto que tal dignidade também fora concedida aos judeus, pois foi dito: “Eu declarei: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo” (Sl 82,6), e ainda: “Criei filho e fi-los crescer” (Is 1,2), e: “O meu filho primogênito é Israel” (Ex 4,22), e Paulo disse: “Aos quais pertence a adoção filial” (Rm 9,4), prova em seguida quanto se diferenciam em honra. Apesar de ser idêntico o nome, diz ele, a realidade difere. E apresenta clara demonstração disso, tanto da parte dos que agem retamente quanto dos próprios dons,

introduzindo também a comparação com os futuros. Primeiramente declara os do passado. Quais eram? O espírito de servidão; e por isso acrescentou:

15. Com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor,

Em seguida, omitindo o que será o oposto do espírito de servidão, isto é, o espírito de liberdade, expressou o que é muito maior: “*um espírito de filhos adotivos*”, através do qual era oferecida a liberdade, nesses termos: mas recebestes um espírito de filhos adotivos,

É evidente; mas não é claro o sentido da expressão: “*espírito de escravos*”. É preciso explicá-la, porque não é apenas obscura, mas até muito ambígua. O povo judaico não recebeu o Espírito. O que quer dizer o Apóstolo? Afirmar que as Escrituras eram espirituais, e igualmente eram espirituais a Lei, a água que jorrava da pedra e o maná. Pois disse: “Todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida espiritual” (1Cor 10,3-4). Assim também designava a pedra: “Pois bebiam de uma rocha espiritual, que os acompanhava” (1Cor 10,3-4). Uma vez que eram acima da natureza esses dons, deu-lhes a designação de espirituais; não significa, porém, que os deles participantes tenham recebido o Espírito. E como aquelas Escrituras de servidão eram Escrituras? Considerai em seu todo o estilo de vida dos judeus (do Antigo Testamento), e então entenderéis claramente. Os castigos seguiam-lhes os passos, e a recompensa era imediata, tão medida quanto a razão cotidiana dos servos; diante dos olhos, por toda a parte o temor e relativamente aos corpos as purificações, e a austeridade na prática. Entre nós, porém, não é assim, mas são purificados o intelecto e a consciência. Não somente foi dito: Não matar, mas: Não te irrites; nem: Não cometer adultério, e sim: Não olhes com lascívia, de sorte que tanto o hábito da virtude quanto os demais atos bons não procedem do temor das penas presentes, mas do amor a Deus. Não é prometida uma terra onde fluem leite e mel, mas nos tornamos co-herdeiros do Unigênito. Reclama-se de nós renúncia total às coisas terrenas e nos são prometidas principalmente as convenientes aos filhos de Deus; nada de sensível ou corpóreo, mas tudo espiritual. Por conseguinte, os judeus eram chamados filhos de Deus, apesar de servos; nós, contudo, libertos, recebemos a adoção filial e esperamos o céu. Deus lhes falava por intermediários, a nós por si mesmo. Eles faziam tudo por temor do castigo, enquanto os espirituais são induzidos pelo desejo e o amor, o que se evidencia pelo fato de que ultrapassam os preceitos. Os judeus, mercenários e ingratos, jamais deixavam de murmurar; nós, porém, agimos para agradar ao Pai. Eles, apesar de beneficiados, blasfemavam, nós, incorrendo em perigos, damos graças. Por ocasião de punição dos pecadores, ainda aqui é grande a diferença. Não nos convertemos quando apedrejados, queimados, decapitados pelos sacerdotes, mas basta sermos excluídos da mesa paterna, e estarmos ausentes durante determinados dias. Entre os judeus, a honra da adoção era apenas verbal; aqui, porém, seguem-se a realidade, a purificação pelo batismo, o dom do Espírito, a concessão de outros bens. Seria possível enumerar vários bens que revelam nossa nobreza e a sua insignificância. Tendo sugerido tudo através do Espírito, do temor e da adoção, Paulo aduz outra demonstração de que temos o espírito da adoção filial. Qual é? pelo qual clamamos: “Abba! Pai!”

Sabem os iniciados quão grandiosa é a invocação, e com razão na oração mística recebem a ordem de proferi-la em primeiro lugar. Mas, então? Eles não chamavam a Deus de Pai? Não ouves Moisés recitar: “Desprezas o Deus que te gerou” (Dt 32,18)? Não escutas Malaquias exprobrar: “Não foi um único Deus que nos criou? Não temos todos um único pai?” (Ml 2,10). De fato, apesar destas expressões e muitas outras, em parte alguma se encontra que invocavam a Deus com esta designação, nem que assim rezavam. Todos nós, porém, sacerdotes e homens vulgares, príncipes e súditos, recebemos o preceito de rezar desta forma e primeiro emitimos esta palavra, depois daquelas admiráveis dores de parto, depois da extraordinária e estupenda lei dos nascimentos. Aliás, embora

eles algumas vezes assim o invocavam, de iniciativa própria, os que vivem no regime da graça são movidos por impulso espiritual. Pois como existe o espírito de sabedoria, pelo qual os insipientes se tornam sábios, conforme consta da doutrina, há também o espírito de força que ressuscita os mortos e expulsa os demônios, e o espírito do dom das curas, o espírito de profecia, e o espírito das línguas. Assim existe igualmente o espírito da adoção filial. E como reconhecemos o espírito de profecia, pelo qual seu possuidor prediz o futuro, não por própria iniciativa, mas movido pela graça, assim acontece relativamente ao espírito da adoção, enquanto aquele que o recebeu, chama a Deus de Pai, movido pelo Espírito. Nesta passagem, para manifestar a autenticidade, empregou a língua hebraica. Não disse apenas: Pai, mas: “*Abba! Pai!*”, palavra que é proferida pelos filhos legítimos, ao invocarem o pai. Tendo explanado, portanto, a diferença do estilo de vida, da graça concedida, da liberdade, introduz outra prova da excelência desta adoção. Qual?

16. *O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus.*

Não corrobora apenas pela palavra, assegura ele, mas também pela causa, a origem desta palavra: Nós a proferimos, ditada pelo Espírito. Mais claramente o Apóstolo o asseverava noutra passagem: “Enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: ‘Abba, Pai!’” (Gl 4,6). O que significa a expressão: O Espírito dá testemunho unido a nosso espírito? O Paráclito, diz ele, e o dom que nos foi concedido. Não é apenas referência ao dom, mas também ao Paráclito, que concedeu o dom; ele pelo dom nos ensinou a falar desta forma. Quando o Espírito dá testemunho, que ambiguidade pode haver? Pois se um homem, ou um anjo, ou um arcanjo, ou outro poderoso semelhante o promettesse, seria possível duvidar?

Mas, quando é o supremo poder que o concede, e o atesta através da prece que nos ordena fazer, quem duvidaria de sua conveniência? Se um rei escolhesse a alguém e o honrasse diante de todos, que súdito ousaria contradizer?

17. *E se somos filhos, somos também herdeiros;*

Vês que aos poucos enaltece o dom? Sendo possível que os filhos não sejam herdeiros (pois nem todos os filhos são herdeiros), acrescentou que são herdeiros. Os judeus, de fato, além de não terem tal adoção, foram excluídos da herança. “Mandaré matar aqueles miseráveis, e arrendará sua vinha a outros lavradores” (Mt 21,41). Anteriormente dissera: “Virão muitos do Oriente e do Ocidente e se assentarão à mesa com Abraão; enquanto os filhos do reino serão postos para fora” (Mt 18,11-12). Todavia, não se detém, e coloca algo de mais importante. O quê? Herdeiros de Deus, porque acrescenta: *herdeiros de Deus e ainda mais, não simplesmente herdeiros, mas também coerdeiros de Cristo,*

Notas seus esforços por nos aproximar do Senhor? Visto que nem todos os filhos são herdeiros, destaca que nós somos filhos e herdeiros. E como nem todos os herdeiros são herdeiros de grandes posses, mostra que isto também conseguimos por sermos herdeiros de Deus. Ainda, visto ser possível que alguém seja herdeiro de Deus, sem de modo algum ser coerdeiro do Unigênito, ele explica que nós o somos também. E contempla sua sabedoria! Suprimindo o que era triste, ao dizer o que haverão de sofrer os que vivem segundo a carne, a saber, que haverão de morrer, quando toca nas realidades mais alegres amplia o sermão, relembrando a retribuição, e destacando vários e grandes dons. Com efeito, se é graça inefável ser filho, pondera quão grandioso é ser também herdeiro. Se, contudo, isto é grandioso, muito mais é ser coerdeiro. Logo, após ter indicado que o dom não é graça exclusivamente, ao mesmo tempo para conciliar fé às suas palavras, acrescenta:

Se padecermos com ele, para também com ele sermos glorificados.

Se, portanto, nas dores lhe formos semelhantes, muito mais o seremos nos bens. Ele que doou

tantos bens àqueles que nada de bem haviam feito, não retribuirá nossos labores e tantos padecimentos com bens maiores?

Tendo Paulo assinalado que se tratava de recompensa, a fim de indubitavelmente dar crédito às palavras, explana de novo que ela inclui também a força da graça. De um lado, visa a que os hesitantes acreditem nas palavras, e os que a recebessem não se envergonhassem por serem salvos sempre gratuitamente, de outro lado, reconheças que Deus sempre na retribuição vai além do que merecem nossos esforços. Certamente foi o que quis dizer com a locução: *“Se padecermos com ele, para também com ele sermos glorificados*; mas, além disso, acrescenta:

Destinados à glória

18. *Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós.*

Precedentemente requer do homem espiritual a emenda dos costumes, ao dizer: Não deveis viver segundo a carne, isto é, o fiel vença a concupiscência, a ira, o dinheiro, a vanglória, a inveja. Aqui, porém, após ter rememorado todos os dons, tanto os passados quanto os futuros, ter exaltado e elevado os motivos de esperança, estabelece-o perto de Cristo, declara-o cordeiro do Unigênito, ordenando que enfim tivesse bom ânimo até diante dos perigos. Não é a mesma coisa superar nossas paixões ou suportar aquelas provações: flagelos, fome, exílio, vínculos, cadeias, prisões, que exigem, de fato, alma mais generosa e de vigor juvenil. E observa-o a reprimir e estimular simultaneamente o ânimo dos combatentes. Ao declarar que são maiores os prêmios que a labuta, exorta mais intensamente, e de outro lado não permite o orgulho, pois neste caso seriam vencidos na recompensa, nas coroas. E em outra passagem diz, na verdade: “Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso” (2Cor 4,17). Dirige-se aqui aos que se destacam na sabedoria. Não é leve o sofrimento e por isso consola com a futura retribuição, dizendo: *“Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção”*. Não disse: Com o futuro repouso, mas o que é mais importante: *“Com a futura glória”*. Onde há repouso, certamente não há glória; onde há glória, lá sem dúvida há repouso. Em seguida, por ter dito que é glória futura, revela que já existe, porque não disse: Com aquela que há de vir, e sim: *“Com a glória que deverá revelar-se em nós”*, porquanto agora já existe, apesar de oculta. Em outra passagem dizia mais expressamente: *“A nossa vida está escondida com Cristo em Deus”* (Gl 3,5). Confia, portanto, a este respeito; já está preparada, aguardando o teu labor. Se a demora te custa, debes deleitar-te pelo seguinte: Ela é grande, inefável, ultrapassa de longe o estado presente, e está reservada ao além. Não foi sem motivo que ele colocou a expressão: *“Os sofrimentos do tempo presente”*; queria acentuar não apenas a qualidade, mas também a quantidade. Aqueles padecimentos, quaisquer que sejam, terminam na vida presente; entretanto, os bens futuros se estendem a séculos infintos. Foi-lhe impossível explicar cada qual por si, ou explanar em palavras; ele o indicou por meio do aspecto que nos parece desejável, a saber, o da glória. É certamente o cume e o principal dos bens. De outro modo reanima o ouvinte. Parte da própria criação para ilustrar o discurso, prepara dois pontos sobre o que vai dizer: O desprezo dos bens presentes e o desejo dos futuros, e em seguida, o terceiro, que é propriamente o primeiro, revelando a providência de Deus relativa ao gênero humano e quanta honra destina à nossa natureza. Logo, desfaz por este único ensinamento, qual teia de aranha e jogo infantil, todos os ensinamentos dos filósofos pagãos, que lhes havia exposto. Mas para esclarecer, ouçamos a própria expressão do Apóstolo:

19. *Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus.*

20. *De fato, a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança*

Isto é, a criação geme principalmente na expectativa dos bens de que falamos; pois αποκαρδοκία é uma veemente expectativa. Por esta razão, fala aqui com ênfase e personifica o mundo, conforme agem os profetas, que figuram rios a bater palmas, colinas a dançar e montes a exultar. Não pretendem fazer com que pensemos tratar-se de seres animados, nem lhes atribuíamos intelecto, mas que reconheçamos a superabundância de bens, que impressionaria até os seres inanimados.

O mesmo fazem frequentemente a respeito de acontecimentos tristes, representando uma vinha a chorar, o vinho, os montes e os lambris dos templos a se lamentarem, a fim de entendermos a intensidade dos males. O Apóstolo os imita, personaliza a criação, e diz que ela geme e sofre dores de parto. Não quer dizer que fossem ouvidos gemidos da terra e do céu, mas busca manifestar a superabundância dos bens futuros e o desejo de pôr termo aos males presentes.

“De fato, a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu.” O que significa: *“A criação foi submetida à vaidade”*? Fez-se corruptível. Por que motivo? Por causa do homem. Pois recebeste um corpo mortal e passível, e a terra foi maldita e produziu espinhos e abrolhos. Escuta o profeta dizer que também o céu, envelhecendo com a terra, enfim terá melhor sorte: “No começo criaste a terra, e o céu é obra de tuas mãos; eles perecem, mas tu permaneces, eles todos ficam gastos como a roupa, tu os mudarás como veste, eles ficarão mudados” (Sl 102,26-28). Isaías também dizia: “Erguei ao céu os vossos olhos, olhai para a terra cá embaixo, porque os céus se desfarão como o fumo e a terra se desgastará como uma veste; e os seus habitantes perecerão como aqueles” (Is 51,6). Viste como a criação serviu à vaidade, e como se liberta da corrupção? Ele de fato disse: “Tu os mudarás como veste, eles ficarão mudados”, e Isaías: “E os seus habitantes perecerão como aqueles”, não se refere a uma completa ruína, pois os que a habitam, isto é, os homens, não sofrerão tal fim, mas temporário e assim eles, bem como a criação, passam à imortalidade. Foi tudo isso que ele quis dizer com a expressão: *“Como”*, o que Paulo também afirma posteriormente, mas por enquanto fala da servidão e mostra como se fez tal e nos coloca em causa. Como, pois? Foi-lhe infligida uma injustiça, sofrendo em substituição de um outro? De modo algum. Foi por minha causa. Se foi por minha causa que sucedeu, que injustiça há, se sofre para minha correção? Aliás, não se deve falar de justos e injustos, ao se tratar de seres inanimados e insensíveis. Paulo, depois de personalizar, não utiliza nenhum argumento dos supramencionados, mas procura consolar o ouvinte principalmente de outra forma.

Qual? O que dizes? – pergunta. Sofreu horrivelmente por tua causa e se tornou corruptível? Em nada, contudo, foi prejudicada, pois por tua causa se tornará incorruptível outra vez. É o sentido das palavras: *“Na esperança”*. A afirmação: *“Foi submetida, não por seu querer”* não significa que foi a seu próprio arbítrio, mas tem por fim que te certifiques de que tudo se realizou por meio de Cristo, não por obra dela própria. Interroga, portanto: E qual é a esperança?

de ela (a criação) também ser libertada

O que significa: *“Também ela”*? Não somente tu, mas também a que é inferior a ti, sem intelecto nem sensibilidade. Também ela contigo participará destes bens. *“Ser liberta.”*

da escravidão da corrupção

Isto é, não será mais corruptível, mas acompanhará a beleza de teu corpo. Ao te tornares corruptível, ela também se fez corruptível; assim, ao te tornares incorruptível, ela novamente te seguirá, te imitará. No intuito de evidenciá-lo, ele acrescentou:

na liberdade da glória dos filhos de Deus.

Isto é, através da liberdade. À criação, afirma ele, acontecerá coisa semelhante a da ama que nutre o infante real; quando ele chegar ao império paterno, ela simultaneamente há de usufruir de alguns bens. Vês que o homem em toda parte tem precedência, e tudo sucede por causa dele? Viste como o Apóstolo consola o combatente e lhe expõe o inefável amor de Deus para com o homem? Por que te queixas, diz ele, nas tentações? Tu sofres por tua causa, a criação padece em teu lugar. E não apenas te consola, mas mostra que as palavras são fidedignas. Se, portanto, a criação espera que, por teu intermédio, tudo se realize, muito mais tu, por quem a natureza há de fruir de todos aqueles bens. Entre os homens, quando um filho vai tomar posse de um cargo, o pai veste os escravos com trajes mais finos para enaltecê-lo; igualmente Deus cerca a criação de incorrupção para a liberdade da glória dos filhos.

22. *Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente.*

Viste como envergonha o ouvinte, dizendo de certo modo: Não te tornes pior do que a criação, nem te entregues às realidades presentes. Não apenas não deves apegar-te a elas, mas também gemer porque tardas a emigrar da terra. Pois se a criação o faz, muito mais tu, ser racional, deverias proceder desta forma. Mas isto ainda não incute tanto pudor, por isso acrescentou:

23. *E não somente ela. Mas também nós que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente*

Isto é, já pregustamos o futuro. Embora alguém fosse inteiramente de pedra, o que recebeu é suficiente para despertá-lo, de sorte a renunciar às realidades presentes e voar em direção às futuras, por dupla causa, a saber, serem grandes os dons e tantas e tão grandes as primícias. Pois, as primícias são tantas, de sorte que por elas somos libertados dos pecados e conseguimos a justiça e a santificação; outrora os homens, porém, expulsavam demônios, ressuscitavam mortos com sua sombra e por meio de suas vestes. Reflete como tudo isto é grandioso. E se a criação, destituída de palavra e de razão, ignora tudo, no entanto geme, muito mais nos compete. Em seguida, para não oferecermos pretexto aos hereges, nem parecermos caluniar os bens presentes, diz ele: “*Gememos*”, não acusando os bens presentes, mas desejando os maiores. É o sentido da expressão: suspirando pela adoção filial

O que dizes, Paulo? Responde-me. Continuamente revolves estes pensamentos e clamas: Já somos filhos, e agora afirmas que o somos somente em esperança, escrevendo que importa receber a adoção? Corrigindo, acrescenta: a redenção do nosso corpo.

Isto é, a perfeita glória. Agora nossa dignidade está oculta até o extremo suspiro. Muitos que eram filhos tornaram-se cães e cativos. Se morrermos, de posse de melhores esperanças, o dom será imutável, mais evidente e maior, sem recear ulterior mudança ocasionada pela morte e pelo pecado. Firme será a caridade quando nosso corpo for libertado da morte e de inúmeros males. Esta é, pois, a redenção completa, e não simplesmente a solução, de sorte que não mais reverteremos ao cativeiro precedente. Mas, para não hesitares ao ouvires frequentemente falar de glória, sem claramente a conheceres, Paulo revela parcialmente o futuro, que trará transformação do corpo e com ele de toda a criação. É o que assegura em outra passagem com maior clareza: “Transfigurará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso” (Fl 3,21). E em outro lugar assim escreve: “Quando este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória” (1Cor 25,54). No intuito, porém, de explicar que com a corrupção do corpo ficaram alteradas as circunstâncias desta vida, escreveu igualmente noutra parte: “Pois passa a figura deste mundo” (1Cor 7,25).

24. *Pois fomos salvos em esperança;*

Uma vez que se deteve longamente na promessa dos bens futuros, e ao ouvinte mais fraco aborrecia que os bens existissem apenas em esperança, tendo primeiro provado que eles eram muito mais

manifestos do que os presentes e visíveis, e já havendo dissertado longamente sobre os dons passados e revelado que já recebemos as primícias deles, a fim de não buscarmos tudo aqui, nem traírmos a nobreza recebida através da fé, disse: *“Pois fomos salvos em esperança”*, isto é, não devemos procurar a felicidade aqui na terra, mas aguardar. A Deus já oferecemos a dádiva de acreditarmos nele quando nos prometeu bens futuros e somente por este caminho fomos salvos. Se, portanto, perdermos esta confiança, perdemos toda a nossa oferta. Interrogo-te, diz ele. Não eras talvez culpado de muitos pecados? Não eras rejeitado? Não estavas dependendo de uma sentença? Acaso todos juntos não tentavam inutilmente te salvar? O que, no entanto, te salvou? Somente o fato de esperares em Deus, e confiares em suas promessas e doações, apesar de nada possuíres para oferecer-lhe. Se esta fé te salvou, conserva-a ainda agora. Ela que te conferiu tantos bens, sem dúvida, não falhará futuramente. A fé converteu um morto, perdido, cativo e inimigo em um amigo, filho, livre, justo e coerdeiro e ofereceu-lhe tantos bens quantos jamais se poderia esperar. Após tão grande liberalidade e benevolência, não estará a teu lado no futuro? Não repliques: Novamente esperanças, de novo expectativas, mais uma vez a fé. Pois foi deste modo que desde o princípio foste salvo e somente este dote ofereceste ao esposo. Retém-no, conserva-o. Se tudo exigires aqui na terra, arruinarás a boa obra que te ilustrou. Por isso, acrescentou: e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê?

25. *E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos.*

Isto é, se queres procurar obter tudo aqui, será necessária a esperança? O que é a esperança? Confiar acerca do futuro. De ti algo de difícil exige Deus que por si mesmo te concedeu todos os bens? Uma só coisa reclama de ti, a esperança, de sorte que igualmente colabores em tua salvação. A isto alude o Apóstolo, que insere: *“E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos”*. Deus coroa tanto aquele que espera quanto quem labuta na miséria e em meio a inúmeros males. De fato, a palavra: *“Perseverança”* representa suor e imensa tolerância. Entretanto, igualmente foi concedida àquele que espera, para conforto da alma extenuada.

Em seguida, mostrando que nesta leve labuta fruímos de grande auxílio, prossegue:

26. *Assim também o Espírito socorre a nossa fraqueza.*

A ti compete uma coisa, a perseverança; a outra origina-se do dom do Espírito, que te aguça a esperança, e por ela alivia-te o labor. Após, no intuito de saberes que a graça não te assiste somente nos trabalhos e perigos, mas também colabora no que parece mais fácil e sempre é aliada, acrescenta:

Pois não sabemos o que pedir como convém;

Exprime-se desta maneira ora com a finalidade de manifestar a larga providência do Espírito em nosso favor, ora para nos ensinar que nem tudo o que parece útil aos raciocínios humanos, devemos considerar como tal. Sendo provável que os fiéis, flagelados, expulsos, à volta com inúmeros e graves padecimentos, procurassem alívio e considerassem útil pedir de Deus esta graça, diz: Não julgueis que o que vos parece útil, verdadeiramente o seja. De fato, para tal escopo precisamos da graça de Deus, a tal ponto o homem é fraco e por si mesmo um nada. Por isso dizia: *“Pois não sabemos o que pedir como convém”*. E visando a que o discípulo não se envergonhasse de sua ignorância, declara que os mestres se encontram em idênticas condições, pois não disse: Não sabeis, e sim: *“Não sabemos”*. Há outros indícios de que não falava deste modo por modéstia. Incessantemente em suas preces suplicava a possibilidade de ir a Roma e não conseguiu o que pedia. E relativamente ao espinho em sua carne, isto é, por causa de determinados perigos, muitas vezes rogou e não impetrou completamente. De igual modo sucedeu na Antiga Lei, a Moisés, que suplicou a graça de ver a Palestina, a Jeremias, que rogou em prol dos judeus, a Abraão, que obsecrou em favor dos habitantes de Sodoma.

Mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis,

Palavra obscura, porque muitos milagres que então se realizavam já cessaram. Por este motivo precisamos vos ensinar quais eram então as condições de vida, e por fim será mais compreensível. Quais as condições? Deus então concedia aos batizados vários carismas, denominados espíritos: “Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas” (1Cor 14,32). Um tinha o carisma da profecia e prenunciava o futuro; outro o da sabedoria e ensinava a muitos; outro o dom das curas e curava os doentes; outro o dos milagres e ressuscitava os mortos; outro o das línguas e utilizava diversos idiomas. No meio de todos estes existia o carisma da oração, também denominado espírito. Visto que ignoramos muitas coisas úteis e pedimos coisas inúteis, recebia o carisma da oração um dos presentes, que de pé rogava pelo bem comum de toda a Igreja e instruía os demais. Neste trecho, portanto, ele denomina espírito tal dom, a alma que o recebera, que suplicava a Deus e gemia. Pois, quem de pé com grande compunção e muitos gemidos espirituais recebia tal graça, prostrava-se diante de Deus e pedia o que era salutar a todos. Simboliza-o agora o diácono que profere preces em lugar do povo. Paulo o sublinhava, dizendo: *“O próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis”*,

27. e aquele que perscruta os corações

Vês que não se trata aqui do Paráclito, mas do coração do homem espiritual? Se assim não fosse, deveria ter dito: Aquele que perscruta o Espírito. Mas para que saibas que aqui se trata do homem espiritual que tem o dom de orar, acrescentou:

“E aquele que perscruta os corações”

sabe qual o desejo do espírito;

isto é, do homem espiritual;

pois é segundo Deus que ele intercede pelos santos.

E não disse que informa a Deus porque ele ignora; mas isto acontece para que aprendamos a rogar como convém e pedir a Deus o que lhe é agradável; é o sentido da locução: *“Segundo Deus”*. Assim sucedia para consolo e ótimo aprendizado dos que dele se acercavam. O Paráclito é quem concede os carismas e inúmeros dons. “Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza” (1Cor 12,11). E o realiza em prol de nossa instituição, e, para se manifestar o amor do Espírito, que procede até tal ponto de condescendência. O orante é atendido, porque a oração é proferida segundo Deus. Vês de quantos modos ele instrui sobre o amor de Deus e a honra que lhes presta?

O que a Deus faltava realizar por nós? Fez o mundo corruptível por nossa causa e incorruptível por nossa causa; permitiu que os profetas fossem maltratados por nossa causa; enviou (o povo) ao cativeiro por nossa causa; permitiu que (os jovens) caíssem na fornalha por nossa causa, e sofressem inúmeros males. Criou os profetas por nossa causa, e os apóstolos também por nossa causa; entregou o Unigênito por nossa causa; puniu o diabo por nossa causa; quis que sentássemos à direita; sofreu opróbrios por nossa causa. Disse: “E os insultos dos que te insultam recaíram sobre mim” (Sl 69,10). Todavia, não abandonou a nós, desertores depois de tão grandes benefícios, mas de novo nos exorta, e prepara-nos outros intercessores, a fim de nos conceder a graça, conforme foi o caso de Moisés. Com efeito, disse-lhe: “Deixa-me para que eu os consuma” (Ex 32,10), a fim de induzi-lo a rogar em favor deles. Agora também age da mesma forma. Tem esta finalidade o dom da prece. Não procedia desta maneira por precisar desta impetração, mas para que nós, salvos sem dificuldade, não nos tornássemos piores. Por isso, muitas vezes por causa de Davi e por causa deste ou daquele declarou que se reconciliou. Quis dispor a reconciliação deste modo, a fim de estabelecer o estilo, conquanto ter-se-ia mostrado mais benigno se, não por intermédio de um ou outro, mas por si próprio, afirmasse que desistia da indignação. Efetivamente, não tanto ele o quis, quanto visava a não oferecer oportunidade

de negligência aos que se salvariam, com o modo da reconciliação. Por isso dizia a Jeremias: “Não intercedas por este povo... eu não quero escutá-los” (Jr 11,14); não desejava que deixasse de orar (de fato quer a nossa salvação), mas a fim de atemorizá-los. O profeta entendeu bem e não cessou de orar. E no intuito de conheceres que, se Deus assim falou, não foi para que o profeta desistisse, mas para envergonhar o povo, escuta sua palavra: “Não vês o que eles fazem?” E contra a cidade profere: “Ainda que te laves com salitre e aumentes para ti a potassa, a mancha de tua culpa permanecerá diante de mim” (Jr 2,22). Não visa a lançá-la no desespero, mas excitá-la à penitência. Contra os ninivitas ele proferiu uma sentença imprecisa, sem sugerir esperança de bens melhores, antes atemorizou-os e conduziu-os à penitência; procede de maneira semelhante nesta passagem, animando-os e fazendo com que o profeta fosse mais respeitado, de sorte que ao menos deste modo o ouvissem. Depois, visto sofrerem de doença incurável, e não se arrependarem nem mesmo com outros avisos, primeiro admoesta a que permaneçam ali; como não quisessem, mas se refugassem no Egito, concordou, pedindo-lhes, porém, que evitassem uma queda na impiedade juntamente com os egípcios. Como nem deste modo obedeceram, enviou o profeta em companhia deles, para que não caíssem inteiramente. Uma vez que não obedeciam a seu chamado, continuou a corrigi-los, e a impedir que avançassem em ulterior iniquidade, como um pai que ama a prole, cerca e acompanha sempre o filho que em tudo se comporta mal. Por isso não só enviou Jeremias ao Egito, mas também Ezequiel à Babilônia. E eles não contradisseram. Viam que o seu Senhor muito os amava, e eles continuamente retribuía, à semelhança de um escravo honesto que tem compaixão de um filho vadio, vendo que o pai sofre e se atormenta por este motivo. Com efeito, o que não sofriam os profetas por causa deles? Eram serrados, expulsos, ultrajados, apedrejados, e padeciam inúmeros suplícios; e depois, novamente recorriam a eles. De fato, Samuel não cessou de chorar por Saul, apesar de graves e intoleráveis ofensas; entretanto não guardava lembrança de injúria alguma. Quanto a Jeremias, compôs Lamentações escritas para o povo judaico; e quando o general dos persas lhe concedeu habitar onde quisesse com segurança e liberdade, à sua própria casa preferiu a convivência com o povo infeliz e a mísera habitação em terra estrangeira. Assim também Moisés, abandonando o palácio real onde vivia, aderiu às tribulações do povo. Daniel, de seu lado, permaneceu vinte e seis dias sem alimento, macerando-se com este pesado jejum, a fim de aplacar a Deus em lugar deles. E os três jovens na fornalha, no meio de fogo tão intenso, emitiam súplicas em favor do povo. Não se condoíam de si próprios, que estavam salvos, mas julgando que podiam ter especial confiança, rezavam por eles. Por isso diziam: “Com a alma quebrantada e o espírito humilhado possamos encontrar acolhida” (Dn 3,39). Assim também Josué rasgou suas vestes; por eles Ezequiel chorava e lamentava-se, vendo-os trucidados; e Jeremias⁶ dizia: “Deixai-me. Eu choro amargamente” (Is 22,4). Antes disso, quando não ousava impetrar o perdão dos pecados deles, perguntava acerca do fim, dizendo: “Até quando, Senhor?” (Is 6,11). De fato, os santos são tomados de amor ao próximo. Por este motivo dizia também Paulo: “Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, humildade” (Cl 3,12).

Vês a exatidão das palavras e como o Apóstolo reclama que sejamos sempre misericordiosos? Não disse apenas: Tende compaixão, e sim: “Revesti-vos”, para que a misericórdia nos revista sempre qual um manto. Nem disse simplesmente: Esmola, e sim: “Sentimentos de compaixão”, a fim de imitarmos o modo natural de dileção. Mas nós fazemos o oposto. Se alguém se aproxima pedindo um óbolo, nós o ultrajamos, injuriamos, e o denominamos impostor. Não te horrorizas, ó homem, não te envergonhas, de chamar de impostor o mendigo que pede pão? Se ele mente, certamente é digno de misericórdia, porque de tal forma é coagido pela fome que se apresenta com tal aspecto. O fato constitui acusação de nossa atitude desumana. Uma vez que não damos com facilidade, eles são

obrigados a excogitar inúmeras tramas a fim de ludibriar-nos a crueldade e suavizar-nos a dureza. Aliás, se pedisse prata ou ouro, terias motivo de suspeita; se, porém, só te aborda por causa do indispensável alimento, por que raciocinas inoportunamente e disputas em vão, imputando-lhe ócio e preguiça? Na verdade, se importasse imputá-lo, devia ser a nós, não ao próximo. Quando te aproximas de Deus para pedir perdão dos pecados, relembra-te destas palavras, e haverás de entender que serás atendido com maior justiça da parte Deus do que o pobre por ti. Aliás, Deus nunca te disse: Afasta-te, pois és impostor. Entras frequentemente na igreja, e ouves minhas leis; na praça, porém, antepões aos meus mandamentos o ouro, a concupiscência, a amizade etc. Então pareces humilde, mas depois da oração és audacioso, cruel, desumano; sai, portanto, daqui, e não me procures. Merecemos ouvir isto e outros avisos; entretanto ele nunca te exprobra algo de semelhante, mas suporta pacientemente, cumpre o que lhe compete fazer, e concede além do que pedimos. Refletindo sobre isto, resolvamos a penúria dos necessitados; mesmo que ataquem, não lhe peçamos estritas contas. Efetivamente, da mesma forma nós precisamos de salvação, perdão, grande benignidade e misericórdia. Não podem, na verdade, não podem os homens, cuja vida é examinada com maior cuidado, conseguir a salvação, mas todos necessariamente hão de ser atingidos e perecer. Não sejamos, portanto, juízes severos dos outros, a fim de não nos serem pedidas estritas contas. De fato, estamos onerados de pecados, além de qualquer perdão. Por conseguinte, tenhamos compaixão principalmente dos pecadores que parecem indignos de perdão, a fim de alcançarmos igual misericórdia. Por mais que nos esforcemos, nunca poderemos exhibir benignidade na medida em que precisamos alcançá-la do amor de Deus aos homens. Não seria absurdo, se nós, tão necessitados, examinássemos minuciosamente nossos companheiros de serviço, procedendo contra nós próprios? Não são tão indignos de teus benefícios quanto tu precisas da benignidade de Deus. De fato, a quem tão apuradamente examina seu companheiro de serviço, Deus o fará com maior exatidão. Não falemos, portanto, contra nós mesmos, e devemos dar esmolas até no caso de se aproximarem os mendigos por preguiça e ociosidade. Com efeito, nós também pecamos muito por preguiça, e Deus não reclama sempre castigo imediato, mas nos concede tempo para a penitência, diariamente alimentando, educando, ensinando, subministrando os demais bens, a fim de imitarmos também nós a sua misericórdia. Deponhamos, portanto, a crueldade, rejeitemos a severidade, com o que prestamos maior benefício a nós próprios do que ao próximo. Ao darmos prata, pão, veste, preparamos para nós uma glória inexprimível. Com efeito, reassumindo os corpos incorruptíveis, com Cristo seremos glorificados e reinaremos. Daí concluímos quão grandioso será, ou melhor, jamais o conheceremos claramente aqui na terra. De sorte que, tomando como ponto de partida os bens que estão em nosso poder, tentarei exprimir ao menos uma pequenina noção do que foi dito, à medida do possível. Dize-me. Se alguém promettesse a ti, velho e pobre, que de repente te faria jovem e na flor da idade, vigoroso e mais formoso que todos, que te daria o reino da terra inteira por mil anos, um reino que gozasse da mais profunda paz, o que não empreenderias fazer ou sofrer diante de tamanha promessa? Eis que Cristo não promete só isto, e sim coisas mais excelentes. E não é tão grande a diferença entre a velhice e a juventude, quanto entre a corrupção e a incorruptibilidade; nem tão grande a distância entre o reino e a miséria quanto entre a glória presente e a futura, e sim quanto entre os sonhos e a realidade.

Sem dúvida, eu ainda nada consegui dizer. Palavra alguma pode descrever a desigualdade entre as realidades futuras e as presentes. No que respeita ao tempo, não se pode absolutamente cogitar a diversidade. Como poderá alguém comparar as realidades presentes à vida sem fim? Aquela paz difere tanto da presente quanto a paz da guerra, a incorruptibilidade da corrupção, a pura pérola da gleba lodosa; ou melhor, por mais que fale, ninguém consegue explicar. Embora confira aquela beleza dos corpos com um raio de luz ou um fulgor intenso, nada poderia proferir digno daquele esplendor. Em

troca dela, quanto dinheiro, quantos corpos, ou antes quantas almas não se deverá oferecer? Ainda, se alguém te introduzisse no palácio real e procurasse que diante de todos o rei conversasse contigo e te fizesse partícipe de sua mesa e de suas iguarias, dirias que és o mais feliz dos homens. Uma vez que subirás ao céu, para viver junto do Rei do universo, disputando o esplendor com os anjos e devendo gozar de inefável glória, hesitas se deves distribuir riquezas, quando importaria dar a própria vida, exultar, alegrar-se e de regozijo adquirir asas. Tu, porém, para receberes um magistrado que te ofereça oportunidade de roubar (não quero dar-lhe o nome de lucro) desperdiças o que possuis, fazes empréstimos, se for preciso, e não hesitas dar em penhor a mulher e os filhos. Mas, sendo-te proposto o reino dos céus, e um domínio sem sucessor, e sob as ordens de Deus, receber não um recanto da terra, mas todo o céu, hesitas e foges, por ambição de riquezas e não pensas que, se aquela parte do céu que vemos é tão bela e alegre, quanto mais as regiões superiores, e o céu dos céus?

Mas, uma vez que aos olhos corporais não é permitido vê-las, sobe com o pensamento e contempla acima deste o céu superior, a sublimidade imensa, a luz que faz estremecer, a multidão dos anjos, os inúmeros grupos de arcanjos e outras virtudes incorpóreas. E de novo descendo daqueles graus superiores, pensa na figura das realidades terrestres, esboça o séquito do Imperador terreno, a saber, homens carregados de ouro, parelhas de jumentos brancos ornados de ouro, carruagens decoradas de gemas, estrado níveo, rodas dos carros, dragões revestidos de mantos de seda, escudos ornamentados de centros áureos, correias estendidas até as bordas com muitas pedras, cavalos carregados de ouro e freios áureos. Entretanto, a nada prestamos atenção ao contemplarmos o próprio Imperador, para o qual somente nos voltamos, olhamos as vestes purpúreas, o diadema, a sede, os agrafes, as sandálias, o brilho do espetáculo. Após coligir cuidadosamente tudo isso, ergue ainda o pensamento ao alto, e àquele dia tremendo em que Cristo virá. Não verás então parelhas de jumentos, nem carros áureos, nem dragões, nem escudos, mas algo de terrível, que incute tanto terror que as próprias virtudes incorpóreas serão atingidas. “Os poderes dos céus serão abalados” (Mt 24,29). Então o céu inteiro dará entrada e os batentes de suas portas se abrirão. Descerá o Filho de Deus Unigênito, acompanhado não de vinte, nem de cem satélites com lanças, mas mil, dez mil anjos, arcanjos, querubins, serafins, e demais virtudes. O universo repleto de temor e tremor, a terra se racha, os homens todos desde Adão até os daquele dia sobem da terra, são arrebatados e Cristo se manifesta com tamanha glória que a lua, o sol e todo luzeiro se ocultam, ofuscados por tão grande esplendor. Que palavra poderá representar aquela felicidade, aquele esplendor e glória? Ó minha alma! Agora, portanto, há de lacrimejar e gemer profundamente, ao pensar nos bens perdidos, na felicidade de que nos alheamos. Pois seremos alheios (falo de mim mesmo), a não ser que operemos algo de grande e admirável. Por conseguinte, não se mencione aqui a geena; pior que a geena é perder tamanha glória, mais grave do que mil suplícios ser privado daquela sorte. No entanto, ainda ambicionamos os bens presentes e não cogitamos da malícia do diabo, que por pouco nos rouba os grandes bens, e oferece lodo para extrair ouro, ou antes, para arrebatá-lo ao céu, mostra uma sombra para nos afastar da verdade e em sonhos ilude a imaginação (de fato tais são as presentes riquezas), de sorte que, ao chegar o dia, manifeste os que são os mais pobres de todos.

Refletindo sobre estas coisas, ao menos tardiamente escapemos do dolo e passemos aos bens futuros. Não podemos, de fato, dizer que ignoramos a condição transitória desta vida, quando a realidade de cada dia clama, mais claramente do que o som duma trombeta, a pequenez, o ridículo, a torpeza, os perigos e os abismos que a compõem. Que defesa teremos nós que perseguimos realidades perigosas e cheias de torpeza com forte empenho, fugindo das coisas seguras, que geram para nós glória e esplendor, e entregando-nos à tirania do dinheiro? Pois esta servidão é mais grave que qualquer tirania, conforme sabem todos os que forem dignos de se libertarem dela. Rompei os

vínculos, escapai do laço, a fim de conquistardes esta bela liberdade. Não fique guardado em casa o ouro, e sim, ao invés, o que é mais precioso do que imensas riquezas, a misericórdia e a benignidade, que, na verdade, nos dão confiança diante de Deus. A outra posição nos infunde grande torpeza e faz com que o diabo sobre fortemente contra nós. Por que, então armas e tornas mais forte o teu inimigo? Arma tua direita contra ele e transfere a beleza da tua casa à tua alma, e deposita todas as riquezas na mente. Guarde o céu o ouro, em vez do tesouro e das construções, e nos revestirá de tudo o que possuímos. Nós somos muito mais valiosos do que as paredes, e mais respeitáveis do que o pavimento. Por que, descuidados de nós mesmos, colocamos toda a nossa aplicação naquilo que, ao migrarmos da terra, não poderemos levar conosco, nem muitas vezes, permanecendo aqui poderemos reter, quando é possível não só sermos tão ricos aqui, mas também no além nos mostrarmos opulentos? Pois quem carrega espiritualmente campos, edifícios, ouro, onde quer que seja, manifestará tais riquezas. E como, perguntas, isto é possível? É possível e muito fácil. Pois, se as transferires para o céu através das mãos dos pobres, transferirás tudo para tua alma, e assim, posteriormente, seja quando for que sobrevenha a morte, ninguém poderá roubá-las, mas migrarás rico para o além. Tabita (cf. At 9,32-42) possuía tal tesouro, por isso celebrizou-a não aquela casa, nem as paredes, as pedras, as colunas, mas os corpos das viúvas que foram revestidos, as lágrimas derramadas; e escapou da morte e voltou à vida. Reservemo-nos tais depósitos, construamos tais edifícios. Assim teremos Deus por colaborador, e haveremos de cooperar com ele. Ele do nada criou os pobres; tu, porém, não os deixaste perecer de fome, ou miséria, sempre cuidando, restaurando e reerguendo o templo de Deus. O que será igual a essa vantagem e glória? Se ainda não entendeste bastante de que ornamento Deus haverá de te decorar, tendo ordenado que aliviasses a pobreza, reflete. Se te desse tanto poder que pudesses reerguer o céu em perigo de cair, não considerarias honra muito acima de ti? Eis que se dignou conferir-te honra maior agora. Pois entregou-te para levatares algo de mais precioso do que os próprios céus. Das coisas visíveis nada perante Deus é igual ao homem. Com efeito, ele fez o céu, a terra e o mar por causa dele e alegra-se mais por habitar nele do que no céu. Todavia nós, vendo isto, não temos solicitude alguma pelos templos de Deus, mas negligenciando-os, construímos para nós grandes e esplêndidos edifícios. Por isso estamos desprovidos de todos os bens, e somos os mais pobres dos pobres, porque ornamos aqueles edifícios que não podemos carregar conosco ao migrarmos daqui, descuidados dos que poderíamos levar conosco. Pois os corpos em decomposição dos pobres sem dúvida alguma ressurgirão. Então Deus, que deu estes preceitos, colocando-os em evidência, louvará os que deles cuidaram e proclamará que os sustentaram de todos os modos ora quando estavam com fome, ora em nudez ou frio. Entretanto, apesar de tantos louvores que nos foram propostos, ainda hesitamos e fugimos daquelas ótimas atenções. Ora, Cristo não tem onde se hospedar, mas vaga peregrino, nu, faminto e tu preparas sítios suburbanos, balneários, passeios e inúmeros aposentos, em vão, inutilmente. A Cristo não abrigaste na mínima parte de teu teto, mas ornas nos telhados as casinhas dos corvos e abutres. O que há de pior do que esta demência? O que de mais grave do que esta loucura? Pois é loucura extrema, ou antes, por mais que disseres, não dirás o suficiente. Entretanto, se quisermos, é possível curar esta doença, apesar de grave; não só possível, mas fácil; não só fácil, mas é tanto mais fácil a libertação dessa do que das doenças corporais, quanto mais perito é o médico. Devemos, portanto, chamá-lo, e rogar que ponha mãos à obra, oferecendo-lhe nossa contribuição, a saber, o esforço e a vontade. De nada mais precisará, mas, se receber somente isto, há de nos conferir o que é seu. Ofereçamos, portanto, nossa parte a fim de gozarmos desta ótima saúde, e conseguirmos os bens eternos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo ao qual com o Pai seja dada glória na unidade do Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

O plano da salvação

8,28. *Aliás, sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus,*

A meu ver, dirige-se todo este trecho aos que estão periclitando, ou melhor, não somente as palavras, mas também o que foi dito um pouco mais acima. Efetivamente, a locução: “*Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se*”, e a asserção de que toda a criação geme, e igualmente: “*Fomos salvos em esperança*” e: “*É na perseverança que o aguardamos*” e: “*Pois não sabemos o que pedir como convém*” – tudo isto, digo, foi-lhes dirigido. Ensina-lhes que, na verdade, não devem preferir o que consideram útil, mas o que o Espírito inspirar. De fato, muita coisa que lhes parece adequada, às vezes, causam grande prejuízo. Parecia-lhes conveniente o repouso, a remoção dos perigos, uma vida em segurança. E seria de admirar se até o bem-aventurado Paulo assim pensava? Mas posteriormente aprendeu que os eventos adversos são úteis e instruídos deste modo os abraçou. Ele, portanto, que por três vezes rogara ao Senhor que o libertasse dos perigos, depois que ouviu a resposta: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (2Cor 12,9), exultava após ao sofrer a perseguição, as injúrias e males mais intoleráveis, e disse: “*Eu me comprazo nas perseguições, nos opróbrios, nas necessidades*” (ib. 10). Por isso, dizia ainda: “*Pois não sabemos o que pedir como convém*”, e exortava a todos a estarem de acordo com o Espírito. Na verdade o Espírito Santo tem grande solicitude para conosco, e isto agrada a Deus. Exortando-os, portanto, acrescentou o que dissemos hoje, desenvolvendo um raciocínio que poderia reanimá-los, pois disse: “*Aliás, sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*”. Tendo dito: “*Todas as coisas*” abrange o que parece molesto. De fato, quer sobrevenha aflição, pobreza, cárceres, fome, morte etc., Deus é poderoso para revolucionar tudo isto; na verdade é peculiar a seu inefável poder transformar em leve o que parece oneroso, e vertê-lo em auxílio para nós. Por isso não disse: Nenhuma adversidade atinge os que amam a Deus, e sim: “*Todas as coisas concorrem para o bem*”, isto é, utiliza os próprios males para acarretar estima aos que sofrem ciladas. É muito mais do que impedir que chegue a adversidade, eliminar a que acontece. Assim sucedeu acerca da fornalha de Babilônia. Não impediu que aqueles santos nela caíssem, nem depois que caíram não extinguiu a chama, mas deixou que ardesse e por meio dela fê-los mais admiráveis. Em favor dos apóstolos fez milagres semelhantes de todos os modos. Se alguns homens que sabem filosofar, podem empregar a natureza dos acontecimentos em sentido contrário, e enquanto vivem na pobreza mostram-se mais opulentos do que os ricos, e brilham pelo desprezo, Deus naqueles que o amam realiza isto e feitos ainda maiores. Só uma coisa é necessária: Que seja amado sinceramente e tudo se faz por si. Como, por conseguinte, são úteis aos que amam o que parece ser prejudicial, assim àqueles que não o amam, até as que parecem úteis prejudicam. De fato, os judeus desperdiçaram os milagres, os ensinamentos retos e a doutrina da sabedoria. Por causa dos milagres davam a Cristo o nome de demoníaco, inimigo de Deus e tentavam matá-lo. Certamente o ladrão crucificado, atravessado de pregos, ultrajado, com inúmeros males, não somente não sofreu dano algum, mas daí retirou o máximo lucro. Viste como para os que amam a Deus todas as coisas concorrem para o bem? Tendo afirmado que se trata de um grande bem, inteiramente além da natureza humana, visto que a muitos pareceria incrível, confirma-o com fatos passados, nesses termos: daqueles que são chamados segundo o seu desígnio.

Pondera que isto foi dito logo desde o próprio chamado. Por que, então, não chamou a todos logo no início, nem o próprio Paulo com os outros, quando estas delongas parecessem ser prejudiciais? No entanto, a realidade comprovou que foi útil. Chama aqui de desígnio, a fim de não se atribuir tudo ao

chamado; de outro modo havia de acontecer que pagãos e judeus contradissem. Se bastasse somente o chamado, por que razão nem todos foram salvos? Por isso diz que a salvação dos chamados foi efetuada não só pela vocação, mas também pelo desígnio. O chamado não implicou necessidade, ou violência. Todos, portanto, são chamados, mas nem todos obedeceram.

29. *Porque os que de antemão ele conheceu, esses também predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho,*

Viste o cúmulo da honra? Aquilo que o Unigênito era por natureza, eles se tornaram segundo a graça. Nem lhe bastou ter dito que eram conformes, mas acrescentou: a fim de ser ele o primogênito.

E não se deteve nisso, mas após aditou: entre muitos irmãos.

Em tudo quis fosse manifesta a afinidade. Considera que isto se referia à encarnação, porque, segundo a divindade, ele é o Unigênito.

Viste quantos dons nos concedeu? Não duvides acerca do futuro. Com efeito, já em outro lugar manifestou sua solicitude, ao dizer que estes dons já haviam sido prefigurados. Os homens, de fato, retiram suas opiniões dos fatos; Deus já outrora o via e em nosso favor se inclinara. Diz, portanto:

30. *e os que chamou, também os justificou,
Justificou pelo batismo da regeneração.
e os que justificou, também os glorificou.
Glorificou pela graça, pela adoção.*

Hino ao amor de Deus

31. *Depois disso, que nos resta a dizer?*

Como se dissesse: Não me fales mais de perigos, nem de insídias preparadas por todos. Pois se alguns não têm fé no futuro, ao menos a respeito dos bens já conferidos nada podem dizer; por exemplo, a respeito do amor que Deus teve para contigo, da justificação, da glória.

Com efeito, estes bens ele te concedeu através do que consideravas doloroso; e o que julgavas vergonhoso, a cruz, os flagelos, os vínculos, foi o que restaurou todo o orbe. Serviu sua paixão, apesar de angustiante, para a liberdade e a salvação da natureza inteira; assim os sofrimentos a que és submetido, são utilizados para tua glória e exaltação.

Se Deus está conosco, quem estará contra nós?

Quem, pois, não é contra nós? – pergunta ele. Pois todo o mundo está contra nós, tiranos, povos, parentes, concidadãos. No entanto, aqueles que são contra nós de forma alguma nos prejudicam, de sorte que mesmo a contragosto tornam-se para nós autores de coroas e patronos de inúmeros bens, porque a sabedoria de Deus converte as ciladas em salvação e glória. Vês como ninguém está contra nós? Na verdade, Jó se tornou mais ilustre porque o diabo se armou contra ele, aproveitando-se dos amigos, da mulher, das feridas, dos domésticos, movimentando inúmeros outros artifícios, e no entanto nada de mal lhe sobreveio. Mas isto ainda não é tão grandioso, apesar de ser suficientemente grande; muito melhor foi tudo se converter em bem. Uma vez que Deus estava em seu favor, o que parecia adversidade transformava-se em bem. Foi o que sucedeu também aos apóstolos. Com efeito, estavam contra eles os judeus, os gentios, os falsos irmãos, os príncipes, os povos, a fome, a pobreza etc., mas nada propriamente contra eles. O mais importante era que, perante Deus e os homens, se tornavam esplêndidos, ilustres e louváveis. Medita, portanto, as grandes palavras proferidas por Paulo acerca dos fiéis, verdadeiramente crucificados, a tal ponto que nem àquele que está cingido do diadema é possível aplicá-las. Pois contra estes muitos bárbaros se armam, os inimigos irrompem, os

satélites armam ciladas, muitas vezes se insurgem os súditos e inúmeros outros infortúnios; contra o fiel, contudo, que obedece estritamente às leis de Deus, nem homem, nem demônio, coisa alguma pode prevalecer. Pois, se lhe tirares as riquezas, preparas uma recompensa; se falas mal, pela maledicência mais brilhante o tornas diante de Deus; se lhe infliges a fome, maior será a glória e a retribuição; se, o que aparentemente é o mais grave, o entregares à morte, teces-lhe a coroa do martírio. A esta vida o que se igualará, se nada se lhe pode opor, e até os pérfidos são tão úteis quanto os benfeitores? Por isso disse o Apóstolo: *Se Deus está conosco, quem estará contra nós?*

Em seguida, não contente com o que dissera, acrescentou o máximo sinal de amor de Deus por nós, sobre o qual frequentemente versa e de que trata ainda aqui: a imolação do Filho. Não só te justificou, glorificou, e fez conforme àquela imagem, mas não poupou o Filho por teu bem. Por isso declarou:

32. *Quem não poupou o seu próprio Filho, e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar com ele em tudo?*

Empregou estas palavras com hipérbole e ardor, a fim de demonstrar o amor divino. Como haverá de destituir-nos a nós, pelos quais “*não poupou o seu próprio Filho, e o entregou por todos nós*”? Reflete sobre a imensa bondade de não poupar o próprio Filho, mas entregá-lo e entregá-lo por todos, em prol de homens vis, ingratos, inimigos, blasfemos. “*Como não nos haverá de agraciar com ele em tudo?*” Isto é, uma vez que entregou o seu próprio Filho, e não só o deu, mas entregou à morte, por que ainda duvidas do restante, se recebeste o Senhor? Por que duvidas das posses, tendo contigo o Senhor? Deu aos inimigos o mais importante, como não dará o mínimo aos amigos?

33. *Quem acusará os eleitos de Deus?*

Aqui procede contra os que dizem que a fé para nada é proveitosa, e não acreditam em mudanças repentinas. E vê que logo fecha-lhes a boca diante da dignidade dos escolhidos. E não disse: Quem acusará os servos de Deus, nem: Os fiéis de Deus, e sim: “*Os eleitos de Deus*”. A eleição é indício de virtude. Se, pois, ninguém deve censurar o treinador dos potros por sua opção a respeito dos que são destinados às corridas, mas quem o fizer cairá no ridículo, muito mais quando Deus escolhe as almas, serão ridículos os que o criticarem.

É Deus quem justifica.

34. *Quem condenará?*

Não disse: É Deus quem perdoa os pecados, mas o que é muito mais importante: “*É Deus quem justifica*”. Após a sentença do juiz, de tal juiz, declarando que alguém é justo, o que merece um crítico? Por conseguinte, nem as tentações devem ser temidas, porque Deus está conosco, conforme manifestaram suas próprias ações; nem a loquacidade dos judeus. Efetivamente, ele nos escolheu, e justificou, e o que é admirável, realizou-o por meio da imolação de seu Filho. Quem, portanto, nos condenará, se Deus nos coroa, depois que Cristo por nós foi imolado, e não apenas foi imolado, pois além disso intercede por nós.

Cristo que morreu, ou melhor, que ressuscitou, que está à direita de Deus e que intercede por nós.

De fato, aquele que se manifestou revestido de sua própria dignidade, não perdeu a solicitude por nós, mas ainda intercede por nós e conserva duradouro o amor. E não se contentou com a imolação; o grau supremo do amor consistiu não só em praticar por si o que devia, mas convocar para isto a um outro. Quis indicá-lo com a expressão: “*Intercede*”, falando de usual modo humano e mais condescendente, a fim de revelar o amor divino. Pois se a locução: “*Não poupou*” não for entendida neste sentido, surgirão muitos absurdos. E para entenderes que é isto que ele quis formular, primeiro

diz: “*Que está à direita*” , em seguida insere: “*Que intercede por nós*”; revela idêntica honra e igualdade (com o Pai), e por fim mostra que a intercessão não é inferior, mas deriva só do amor. Com efeito, uma vez que ele é vida e fonte de todos os bens, igual em poder ao Pai, ressuscita os mortos, vivifica, e completa o restante, precisará de rogos para nos ajudar? Ele libertou da condenação por próprio poder os desesperados e condenados à morte, fez deles justos e filhos, conduziu-os a elevadas honras, e levou a efeito o imprevisto, e após ter realizado tudo isto, apresentando nossa natureza perante o trono real, precisaria de súplica para realizar obras mais fáceis? Notaste que tudo revela que a intercessão não tem outra razão de ser senão manifestar o fervor e a veemência de seu amor por nós? Pois também o Pai de seu lado exorta os homens a reconciliarem-se com ele. “Em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta” (2Cor 5,20). No entanto, se pensamos que Deus mesmo exorta, e homens exercem a função de embaixadores em nome de Cristo, em favor dos outros homens, não é atribuir coisa indigna da magnitude de Deus, mas apenas concluir do supramencionado a imensidade do amor. Façamo-lo também nós aqui. Se, portanto, o Espírito suplica com gemidos inenarráveis, se Cristo morreu e intercede por nós, e o Pai não poupou o próprio Filho por tua causa, e te escolheu e justificou, o que receias ainda? Por que tremes, sendo objeto de tanta caridade e solicitude? Por isso, o Apóstolo, após ter mostrado a imensa e celeste providência, com inteira confiança acrescentou a continuação. E não diz: Deveis vós amá-lo igualmente, mas de certo modo inspirado por aquela inefável providência, declara:

35. *Quem nos separará do amor de Cristo?*

E não disse: De Deus, de tal forma lhe é indiferente nomear a Cristo ou a Deus:

Tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada?

Observa a prudência de São Paulo! Não alude àquilo em que diariamente nós insistimos: amor das riquezas, ambição da glória, tirania da cólera, mas enumera provações muito piores, que fazem violência à natureza, e muitas vezes contra nossa vontade abalam a firmeza da mente, a saber, as tribulações e as angústias. Embora facilmente se discorra acerca do que foi dito, cada palavra engloba mil combates, provações. Ao mencionar a tribulação, o Apóstolo está se referindo aos cárceres, aos vínculos, às calúnias, aos exílios, e a todas as outras infelicidades, em resumo, a um oceano de perigos, ao que é mais pesado aos homens. Todavia, ergue-se com audácia em contraposição. Formula-o por meio de uma interrogação, como se fosse impossível contradizer, porque nada existe que possa apartar de Deus aquele que assim é amado e goza de tamanha providência.

Em seguida, para não parecer que se trata de abandono, introduz a anterior predição de longo tempo do profeta, nos seguintes termos:

36. *Por tua causa somos postos à morte o dia todo, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro.* (Sl 44,23)

Isto é, todos estamos expostos aos infortúnios. Todavia, em tantos e tão grandes perigos, e nestas novas tragédias suficiente conforto nos é oferecido, a saber, o conhecimento da causa das lutas; ou melhor, não apenas suficiente, mas bem maior. De fato, não suportamos por causa dos homens, ou de qualquer negócio mundano, mas por causa do Rei do universo, diz ele. Nem só esta, mas ainda outras, várias, multiformes coroas cingiram os apóstolos. Porque eles, sendo homens, não podiam sofrer inúmeras mortes, Paulo declara que nem por isso os prêmios diminuem. Embora por natureza tenhamos o destino de morrer uma só vez, Deus nos concedeu oportunidade, se quisermos, de diariamente sofrê-la. Daí se evidencia que partiremos com tantas coroas quantos forem os dias que vivermos, ou melhor, com muitas outras, porque podemos morrer num só dia uma vez, duas, e mais vezes. Na verdade, quem está disposto a tanto, sempre recebe recompensa perfeita. O profeta o sugere, dizendo: “*O dia todo*”. Por este motivo, o Apóstolo, estimulando-os, emprega esta expressão. Efetivamente, se as pessoas que viviam na Antiga Lei, diz ele, e tinham a terra e outros bens que perecem com a vida atual por recompensa dos trabalhos, desprezavam a vida presente, as provações, os perigos, que perdão merecemos nós que, após a promessa do céu, do reino celeste e de bens inefáveis, somos indolentes, nem mesmo atingimos a medida dos que nos precederam? Não se exprimiu assim, contudo, deixando a questão à consciência dos ouvintes, bastando-lhe o testemunho. Mostra que seus corpos constituem um sacrifício, e eles não se deviam perturbar nem agitar, uma vez que Deus assim o dispusera. Exorta-os também de maneira diversa. No intuito de evitar a réplica de que, diante dos fatos da experiência, ele em vão assim raciocinava, acrescentou: “*Considerados como ovelhas destinadas ao matadouro*”, afirmando que a morte para os apóstolos era diária. Viste a fortaleza e a discricção? Como as ovelhas não resistem quando imoladas, nem nós. Mas, visto que a fraqueza da mente humana treme, mesmo após tão grande quantidade de provações, verifica como reanima o ouvinte, e o exalta e alegra, dizendo:

37. *Mas em tudo isto somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou.*

Causa espanto não apenas que agora vençamos, mas que superemos por meio das ciladas que nos espreitam; e não simplesmente vencemos: “*Somos mais que vencedores*”, isto é, com toda facilidade, imunes de suores e labuta. Com efeito, não só quando realmente nos sujeitamos, mas ainda quando apenas mantemos tal disposição, em toda parte erguemos troféus contra os inimigos. E com razão, porquanto Deus luta conosco. Não deixes de acreditar, portanto, que, flagelados, superemos os que nos

flagelam, dominemos os perseguidores que nos impelem à força, e ao morrer façamos retroceder os vivos. Se, de fato, aí introduzires o poder e o amor de Deus, nada impede que sucedam feitos admiráveis e incríveis, e resplandeça em excesso a vitória. Eles não somente venciam, mas sobrevinha grande maravilha, de sorte a entenderem que os embusteiros não combatiam homens, mas lutavam contra invencível poder. Considera, portanto, os judeus, que mantinham em sua presença os apóstolos, entretanto hesitantes diziam: “Que faremos destes homens?” (At 4,16). Coisa espantosa: Tinham-nos em seu poder como réus, encarcerados e batidos, e não sabiam que decisão tomar, vencidos por aqueles mesmos que eles contavam dominar. Nenhum tirano, nenhum carrasco, nem os demônios, nem o próprio diabo conseguia sobrepujá-los, mas eles com poder abafavam os planos elaborados contra eles, e viam-nos ceder. Por isso o Apóstolo dizia: “*Somos mais que vencedores*”. Consistia em nova forma de vitória, a de sobrepujar por meios opostos, e nunca serem vencidos, mas quase de posse do bom êxito enfrentavam o combate.

38. *Pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente nem o futuro,*

39. *nem a altura nem os abismos, nem criatura alguma poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor.*

São grandiosas estas palavras, mas não as entendemos, porque não temos tanta caridade. Todavia, embora grandiosas, Paulo, a fim de mostrar que nada eram em comparação com a caridade que Deus lhe dedicava, a mencionou após aludir à sua, e para não parecer estar se enaltecendo, profere o seguinte: Que necessidade existe de falar sobre o presente, e os males destinados a esta vida? Embora se fale do futuro, das realidades e das virtudes, isto é, de realidades tais como a vida e a morte, e de virtudes tais como os anjos, os arcanjos e as criaturas celestes – tudo isso me parece pequeno em comparação com o amor de Cristo. Efetivamente, nem se alguém ameaçasse com a morte eterna, que separa de Cristo, nem se promettesse a vida perpétua, eu admitiria esta condição. E se relembrares os reis da terra, os cônsules, esse ou aquele? Mesmo se citares os anjos e todas as celestes potestades, tudo o que existe e tudo o que existirá, tudo me parecerá pequeno, na terra, nos céus, sob a terra, acima dos céus comparados com aquele amor. Em seguida, como se não bastasse para a declaração de seu amor, adiciona além disso: “*Nem criatura alguma*”, isto é, se houvesse outra criatura, tanto visíveis quanto intelectuais, nada me demoverá daquela caridade.

Paulo não se expressava desta forma porque os anjos e demais potestades tentassem tal coisa. De forma alguma. Mas quer manifestar com hipérbole seu amor a Cristo. Não amava a Cristo para obter seus bens, mas os amava por causa de Cristo e só a ele contemplava. Tinha um só temor, o de perder a caridade, o que para ele era mais terrível do que a própria geena, e persistir no amor era mais desejável do que o reino. E nós, o que merecemos, porque enquanto Paulo nem os bens celestes valoriza quando comparados ao amor de Cristo, nós preferimos a Cristo o que se revolve na lama e no lodo? E Paulo por amor a Cristo consentiria em cair na geena e perder o reino, se ambas as coisas lhe fossem propostas; nós, contudo, nem a vida presente desprezamos. Acaso somos dignos de desatar as correias de seus sapatos, nós que dele distamos tanto relativamente à magnanimidade? Ele, por causa de Cristo, não dá a um reino valor algum, e nós menosprezamos a Cristo, dando maior importância ao que dele é. Oxalá fosse ao que é dele; de fato, nem isto, mas quando nos é proposto o reino, deixamo-lo de lado, e diariamente vamos atrás das sombras e de sonhos. Deus tem amor aos homens e indulgente como é, age qual pai amante da prole, cujo filho recebe mal a assídua convivência, mas ele com sagacidade o atrai de outra forma. Uma vez que não acolhemos seu amor como é justo, fala-nos de muitas outras maneiras para nos reter junto de si. Ora, nem assim persistimos, mas fugimos,

entregando-nos a jogos pueris. Paulo, ao invés, agiu qual filho nobre e livre, que ama o pai, só procura o convívio paterno, e do demais não se ocupa; ou antes, mais que um filho ele ama. Não estima o pai e conjuntamente as suas posses, mas olha para o pai e delas não faz conta; prefere estar perto dele castigado e flagelado do que separado dele viver em meio às delícias.

Estremeçamos, portanto, nós que por Deus não desprezamos quaisquer riquezas; ou antes, nem por causa de nós próprios menosprezamos quaisquer bens. Paulo era o único que por causa de Cristo generosamente sofria tudo, não devido ao reino, à honra, mas somente ao amor. A nós, contudo, nem Cristo, nem os seus bens nos retiram dos negócios seculares, mas à semelhança das serpentes, das víboras, dos porcos, ou todos estes simultaneamente, nos revolvemos na lama. Em que somos melhores do que estes animais, porquanto apesar de tantos e tão grandes exemplos, ainda volvemos os olhos para a terra e nem por pouco tempo fixamos o olhar nas alturas do céu? Deus, na verdade, entregou seu Filho; tu, contudo, nem um pão ofertas àquele que por ti foi entregue e imolado. O Pai por ti não poupou o Filho genuíno; tu, porém, o desprezas morto de fome, e vais desperdiçar seus dons, gastando-os em tua própria vantagem. O que há de pior do que esta iniquidade? Foi entregue por tua causa, imolado por ti, erra faminto por tua causa; é dele o que dás para te beneficiar, e no entanto nem assim doas. Não são mais insensíveis do que quaisquer pedras os que recolhem tanto e persistem em tão diabólica crueldade? A Cristo não bastou a cruz e a morte, mas aceitou ser pobre, peregrino, errante e nu, ser lançado no cárcere, estar doente, a fim de ao menos desta forma te lucrar. Se não me retribuis por ter sofrido por ti, compadece-te de minha pobreza. Se não queres ter compaixão diante da pobreza, dobra-te perante a doença e o cárcere; se nem estas condições te induzem a sentimentos humanos, atende devido à insignificância da petição. Nada de suntuoso te peço, e sim pão, teto, palavras de consolo. Se continuas cruel, melhora ao menos por causa do reino dos céus ou dos prêmios prometidos. De fato, nem a isto dás importância? Cede ao menos por causa da igualdade de natureza, se vires um nu. Lembra-te da nudez que suportei na cruz, por ti. Se não o queres, pratica-o ao menos devido ao meu despojamento nos pobres. Fui preso por tua causa, e agora ainda por ti; movido por estes, ou aqueles vínculos, pratica um ato de misericórdia. Estive em jejum em teu favor, e ainda tenho fome por ti; tive sede pendendo da cruz, e através dos pobres agora tenho sede, e então por estas ou aquelas condições quero atrair-te a mim, e fazer com que sejas benigno em vista de tua salvação. Por conseguinte, devedor de inúmeros benefícios, recompensa-me; não o exijo de um devedor, mas entrego uma coroa a um benfeitor, e em troca deste mínimo dom concederei o reino. Não digo: Elimina a minha pobreza, nem: Concede-me riquezas, apesar de me ter empobrecido por tua causa; peço apenas um pão, uma veste, um pequeno alívio de minha fome. Se fui lançado ao cárcere, não te obrigo a romper os vínculos e tirar-me de lá, mas uma só coisa suplico, que me visites a mim, cativo para teu bem; é suficiente para dar-te o céu. Embora eu te haja livrado de pesadíssimos vínculos, basta-me que tenhas querido visitar-me na prisão. Posso, na verdade, sem isso coroar-te, mas quero ser-te devedor, a fim de que tenhas certa confiança de receber a coroa. Por este motivo, apesar de poder por mim mesmo alimentar-me, sou mendigo errante, diante de tuas portas estendo a mão. Desejo ser nutrido por ti, pois muito te amo. Por isso tenho preferência por tua mesa, conforme é costume entre amigos, e disto me glorio. Diante do cenário do mundo te proclamo e em presença dos ouvintes destaco aquele que me sustenta. Ora, quando somos alimentados por outrem, sentimos vergonha e dissimulamos; ele, contudo, porque muito nos ama, mesmo se calarmos, proclama a ação em altos louvores, e não se cora de dizer que nós o vestimos quando estava nu, e nutrimos quando faminto. Meditando tudo isto, não nos prendamos aos louvores, mas pratiquemos o que foi dito. De que servem estes aplausos e estrépitos? De vós busco apenas comprovação por obras e obediência na prática. Tal o meu louvor, tal o vosso lucro, tal para mim brilho mais esplêndido que um diadema.

Deste modo, ao sair daqui, tecei pelas mãos dos pobres uma coroa para vós e para mim, de sorte que tenhamos na vida presente ótima esperança e, ao partirmos para a vida futura, alcancemos inúmeros bens. Oxalá todos nós o consigamos pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEXTA HOMILIA

C. Situação de Israel

Os privilégios de Israel

9,1. *Digo a verdade em Cristo, não minto, e disto me dá testemunho a minha consciência no Espírito Santo:*

Acaso no precedente sermão não vos parece que preguei grandes feitos sobrenaturais acerca do amor de Paulo a Cristo? De fato, por sua natureza são grandiosos, e superam todo discurso, mas o que hoje foi dito vai tanto além daquelas palavras quanto elas ultrapassam as nossas. Embora julgasse que nada as sobrepunha, na verdade o que hoje foi lido parece a todos nós mais esplêndido. Paulo o entendeu e desde o início o asseverou, uma vez ciente de que trataria de um ponto mais importante e de que muitos não acreditariam. Em primeiro lugar, afirma o que vai explanar, conforme é habitual àquele que deve assegurar o que muitos não irão acreditar e de que ele próprio se acha inteiramente convicto. “*Digo a verdade, não minto, e disto me dá testemunho a minha consciência.*”

2. *tenho uma grande tristeza e uma dor incessante em meu coração.*

3. *Desejara eu mesmo ser anátema, separado de Cristo,*

O que dizes, Paulo? De Cristo, bem amado, do qual nem o reino nem a geena, nem as coisas visíveis nem as espirituais, nem outras tão grandes te separava, agora queres, apartado, ser anátema? O que aconteceu? Acaso mudaste? Perdeste aquele desejo? Absolutamente, não, responde. Não temas. Com efeito, até cresceu. Por que então desejas ser anátema, e buscas uma alienação e separação tal, qual impossível se torna pôr um fim? É porque imensamente o amo, responde. Como, pergunto, e por qual razão? Assemelha-se a um enigma. Ou melhor, se te apraz, vejamos o que é anátema, e então em torno disto interrogaremos e entenderemos este misterioso e estupendo amor. O que é, então, anátema? Escuta o que diz: “Se alguém não ama o Senhor Jesus Cristo, seja anátema!” (1Cor 16,22), isto é, seja isolado de todos, estranho a todos. Pois ninguém ousa tocar temerariamente com as mãos um anátema, ou seja, um dom oferecido a Deus, nem se aproximar muito. Igualmente, mas noutro sentido, na Igreja designa sob este nome o excomungado, que é afastado de todos e colocado bem distante, severamente ordenando que todos dele se separem e se distanciem. Do anátema, porém, era por respeito que ninguém ousava aproximar-se; do que fora excomungado, por motivo contrário, todos se separavam. De modo semelhante ambas são separação, pois distanciavam dos outros, mas a forma de separação não é uma só, porquanto se opõem mutuamente. De um havia afastamento por ser dedicado a Deus, do outro, porém, porque se apartara de Deus e estava isolado em relação à Igreja. Assinalando-o, Paulo dizia: “*Desejara eu mesmo ser anátema, separado de Cristo*”. Não simplesmente: Queria, mas acentua: “*Desejara*”. Se esta expressão te perturba, como sendo mais fraca, pondera a questão; não só queria ser separado, mas também declara a causa desta vontade, e então verificarás a intensidade de seu amor. Na verdade, também circuncidava e não atendemos ao fato, mas à mente e causa da ação, e com isto mais o admiramos. Não só circuncidava, mas também raspou a cabeça e sacrificou; nem por isso dizemos que era judeu, mas por esta razão estava mais

alheio ao judaísmo, sendo puro e verdadeiro cultor de Cristo. Como, vendo-o circuncidando e sacrificando, não o condenas como judaizante, antes o coroas como alheio ao judaísmo, assim, ao verificares que ele deseja ser anátema, não te perturbes, antes enaltece-o, ao conheceres a causa da opção. Se não examinarmos a causa, diremos que Elias é homicida, Abraão não somente homicida, mas também assassino do filho, igualmente a Fineias e a Pedro acusaremos de assassinato. Não só a respeito dos santos, mas também relativamente a Deus, que não observa esta regra, haveremos de suspeitar coisas absurdas. Afim de evitá-lo em casos semelhantes, examinemos globalmente a causa, a mente, o tempo, as circunstâncias todas que defendem o ato. É o que temos de fazer relativamente àquela alma bem-aventurada. Qual a causa? De novo, é Jesus bem amado. Aliás, não por causa dele, assegura, porque desejava ser anátema, separado dele, em favor de meus irmãos.

E isto por humildade; pois não quer aparentar dizer algo de importante, e estar agindo para ser agraciado por Cristo. Por isso disse: “*Meus irmãos*”, a fim de ocultar a grandiosidade da ação. Escuta o que se segue para verificares que tudo queria por causa de Cristo. Tendo dito: “*Meus irmãos*”, acrescentou:

4. *aos quais pertence a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas*

5. *aos quais pertencem os patriarcas e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos! Amém.*

E por quê? – perguntas. Se, portanto, queria ser anátema a fim de que os outros acreditassem, devia suplicá-lo também em favor dos gentios. Se, porém, reza somente pelos judeus, mostra que não o quer por causa de Cristo, e sim por afinidade. Aliás, se tivesse suplicado somente pelos gentios, não teria manifestado atitude semelhante; visto que é só pelos judeus, claramente revela que se trata apenas da glória de Cristo. Sei, na verdade, que esta questão pode parecer-vos um paradoxo; no entanto, se não vos agitardes, imediatamente tentarei esclarecê-la. Não foi sem motivo que o afirmei. Visto que todos acusavam a Deus, declarando que os judeus tinham sido dignos de ser chamados filhos de Deus, haviam recebido a Lei, antes de todos tinham conhecido a Deus, haviam participado de tamanha glória e prestado culto antes de todo o orbe, tinham recebido as promessas, os patriarcas eram pertencentes às suas próprias tribos, e o mais importante, tinham sido os ancestrais de Cristo (tal o sentido da expressão: “*Dos quais descende o Cristo, segundo a carne*”), haviam sido, contudo, rejeitados e desabonados, e em seu lugar introduzidos, oriundos dos gentios, homens que jamais haviam conhecido a Deus – uma vez, portanto, que blasfemavam ao proferirem estas palavras contra Deus, Paulo, que as ouvia impaciente, pesaroso por causa da glória de Deus, desejou ser anátema, se possível, para que eles fossem salvos, e eliminar a blasfêmia de que Deus havia enganado a seus maiores, aos quais havia feito as promessas. E para que saibas que ele não tolerava que parecesse obsoleta a promessa de Deus, segundo a qual fora dito a Abraão: “É à tua posteridade que eu darei esta terra” (Gn 12,7), formulou este voto. Depois de ter dito estas coisas, acrescentou:

Deus não é infiel

6. *E não é que a palavra de Deus tenha falhado*, assinalando que queria suportar tudo isto por causa da palavra de Deus, isto é, por causa da promessa feita a Abraão. Como, pois, parecia que Moisés intercedia em favor dos judeus, enquanto fazia tudo pela glória de Deus (“Para que não digam”, foi escrito, “que o Senhor não podia salvá-los, e por isso os tirou, a fim de os matar no deserto, depõe a ira” – cf. Dt 9, 28), de igual modo procedia Paulo: Para que não digam, afirma, que a promessa de Deus falhou e ele não manteve as promessas, nem as palavras foram cumpridas, desejaria ser anátema. Por conseguinte, não falava a favor dos gentios (isto não lhes fora prometido, nem eles adoravam a

Deus e, por conseguinte, este último não era blasfemado por causa dos gentios), mas formulara o desejo em prol dos judeus, que haviam recebido a promessa, e mais que os outros lhe eram unidos. Viste que, se tivesse suplicado pelos gentios, não ficaria tão claro que o fizera para a glória de Cristo. Mas, considerando-se que desejava ser anátema pelos judeus, desta forma principalmente se comprova que ele o desejava somente em vista de Cristo. Por isso disse: *“Aos quais pertence a adoção filial, a glória, o culto, as promessas”*. De fato, daí veio a Lei, diz ele, que fala a respeito de Cristo, as alianças, pertencentes todas elas aos judeus; Cristo é de sua descendência, e os patriarcas que receberam as promessas são todos judeus; no entanto, aconteceu o oposto e eles perderam todos os bens. Por isso atormento-me, diz ele, e se pudesse ser separado do coro de Cristo e tornar-me estranho, não de seu amor (de forma alguma, porque eu agia impelido por este amor), mas para dele fruir e para sua glória, o admitiria, de sorte que meu Senhor não fosse blasfemado, nem ouvisse alguns dizerem que a realidade se transformou em cenas: O Senhor prometeu determinadas coisas e deu outras; nasceu de uma raça, e salvou a outras; fizera a promessa aos ancestrais dos judeus, tendo, porém, abandonado a prole, introduziu na fruição de seus bens aqueles que jamais o haviam conhecido. Os judeus, com o suor da fronte, meditavam a Lei e liam as profecias, enquanto os gentios, abandonando ontem os altares e os ídolos, se tornaram superiores. Onde está a providência? Não digam, portanto, estas coisas de meu Senhor, diz ele, embora o digam injustamente; de boa vontade perderia o reino dos céus e aquela glória inefável, toleraria padecimentos graves, considerando grande consolo no labor se não ouvisse blasfemar aquele a quem tanto amo. Se não conseguiste ainda entender o que Paulo diz, pensa que muitos pais admitiram situações semelhantes, relativas aos filhos, não recusando separar-se deles a fim de vê-los ilustres, e considerando sua exaltação mais suave para si do que a convivência com eles. Mas como estamos muito longe de possuir tal amor, não podemos, na verdade, entender o que foi dito.

Desta forma, pois, alguns nem de ouvir a denominação de Paulo são dignos e estão tão longe de seu vigor que julgam que ele o disse da morte temporal. Diria que ignoram quem é Paulo tanto quanto os cegos aos raios solares, ou antes, muito mais. Efetivamente, morria cotidianamente, enfrentava as nevadas de inúmeros perigos, e dizia: *“Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação, angústia, fome, perseguição?”* (Rm 8,35). Não contente com o que dissera, mas ultrapassando o céu e o céu dos céus, anjos e arcanjos, percorrendo todas as regiões superiores, e abrangendo as coisas presentes e as futuras, as visíveis e as intelectuais, as tristes e as alegres, e as que são de ambas as partes, sem nada omitir, nem assim saciado, supondo outra criação que não existe, como se tivesse dito algo de grande, depois de tudo isto rememoraria a morte temporal?

Não é assim, não é, mas tal opinião é dos vermes aninhados no esterco. Se, pois, dissesse isto, como desejaria ser anátema, longe de Cristo? Tal morte, na verdade, antes o teria agregado ao coro de Cristo, e faria com que fruisse de sua glória. Aliás, há alguns que ousam proferir coisas mais ridículas ainda. Não falam de morte, mas que ele desejava ser joia, e anátema, separado de Cristo. Quem não desejaria isto, até mesmo se fosse fraco e deprimido em extremo? Como, porém, poderia ser isto em favor dos parentes? Omitindo, portanto, estas fábulas e tagarelices (que nem merecem refutação, da mesma forma como não merece contradição o balbuciar das criancinhas), retornemos ao que foi dito, alegres no oceano de seu amor, e com liberdade nademos por toda parte, e pensemos numa chama indescritível; ou antes, por mais que disseres nada de digno, hás de proferir. Pois aquele amor era mais imenso que o oceano e mais intenso do que qualquer chama, e palavra alguma pode dignamente abrangê-lo, e somente o conhece quem dele estiver tomado. Vamos, portanto. Apresentemos novamente aquelas palavras: *“Desejara eu mesmo ser anátema”*. O que significa: *“eu mesmo”*? Ele, doutor do universo, que coligira inúmeras obras preclaras, que esperava mil coroas, que desejara de tal

modo a Cristo que o preferira ao amor de todos, que diariamente por causa dele se inflamara e tudo pospusera a seu amor. Não se preocupava somente em ser amado por Cristo, mas intensamente o amava; e disto em primeiro lugar se ocupava. Por isso, era somente este seu escopo e facilmente tudo tolerava; tinha somente em vista colocar em prática este belo amor. Tal o seu anelo, mas porque nem isto conseguia, nem o anátema, tentava finalmente preparar a defesa contra as acusações, explanando qual a tagarelice de todos, em vista de refutá-la. E antes de empreender seriamente a defesa, lança primeiro as suas sementes. Ao dizer: *“Aos quais pertence a adoção filial, a glória, a legislação, o culto, as promessas”*, nada mais afirma senão que Deus queria salvá-los (e o revelou, de fato, pelas obras anteriores, porque Cristo era de sua descendência, e pelas promessas feitas aos pais). Eles, contudo, com ingratidão, repeliram o benefício. Por isso só expõe os indícios do dom de Deus, não os elogios que lhes haviam sido dispensados. De fato, a adoção derivava da graça de Deus, como também a glória, as promessas e a Lei. Refletindo sobre tudo isso, e ponderando quanta solícitude Deus tivera com o Filho para salvá-los, exclamou em alta voz: *“Bendito pelos séculos. Amém”*. Em lugar de todos ele dá graças ao Unigênito de Deus. E o que acontecerá se os outros blasfemam? – pergunta. Nós, contudo, que vimos os seus mistérios, claramente reconhecemos que sua sabedoria inefável e grande providência não merece blasfêmia, mas glorificação. Não contente com o juízo de sua consciência, tenta desenvolver o raciocínio, e usar contra eles de expressão mais forte; não o empreende antes de eliminar a suspeita deles. Para não parecer falar a inimigos, diz em seguida: *“Irmãos, o desejo do meu coração e a prece que faço a Deus em favor deles é que sejam salvos”* (Rm 10,1). E aqui, com mais palavras, cuidou de não parecer inimizade o que diria contra eles. Daí não recusar denominá-los parentes e irmãos. Embora o que dissera, dissera em prol de Cristo, procura atraí-los, abre caminho para o discurso, e livra-se de qualquer suspeita em vista do que diria contra eles, e por fim elabora o discurso que serviria de controvérsia para muitos. De fato, muitos perguntavam, conforme já disse, por que aqueles que haviam recebido a promessa, haviam perdido sua realização, enquanto os que nem haviam ouvido falar dela, foram salvos em vez deles. Resolvendo esta dúvida, primeiro aduz a solução à objeção. No intuito de que ninguém dissesse: Como é isto? Então cuidas mais da glória de Deus do que o próprio Deus da sua? E: Então Deus precisa de teu auxílio para que sua palavra não deixe de se cumprir? Surgindo contra, declara: Disse o seguinte: *“E não é que a palavra de Deus tenha falhado”*, mas para manifestar amor a Cristo. Pois se assim acontecer, não hesitamos, diz ele, no que se deve responder por Deus, a fim de demonstrarmos que a promessa de Deus permaneceu firme: O Senhor disse a Abraão: *“É a ti e a tua posteridade que eu darei esta terra”* e: *“Por ti serão benditos todos os clãs da terra”* (Gn 12,7; 3). Vejamos, portanto, qual é a descendência, diz ele; nem todos os que dele são oriundos constituem sua descendência, e por esta razão dizia: pois nem todos os que descendem de Israel são Israel,

7. como nem todos os descendentes de Abraão são seus filhos,

Se, portanto, aprenderes qual é a descendência de Abraão, verás que a promessa foi feita à sua descendência e conhecerás que sua palavra não falhou. Qual é, então, a sua descendência? Não sou eu quem o diz, mas a própria Antiga Lei o explica: *“É por Isaac que uma descendência perpetuará o teu nome”* (Gn 21,12). Explana o significado da expressão: *“É por Isaac”*.

8. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas são os filhos da promessa que são tidos como descendentes.

E vê a prudência e a grandeza de ânimo de Paulo. Ao interpretar, não disse: Não são os filhos da carne que são filhos de Abraão, mas: São filhos de Deus. Une os presentes aos antigos e mostra que nem mesmo Isaac foi simplesmente filho de Abraão. Afirma o seguinte: Quantos nasceram da

linhagem de Isaac são filhos de Deus e descendência de Abraão. Por isso disse: “É por Isaac que uma descendência perpetuará o teu nome”, a fim de saberes que os que agora nasceram da linhagem de Isaac, são principalmente a descendência de Abraão. Como foi gerado Isaac? Não segundo a lei da natureza, nem segundo o vigor da carne, mas segundo a força da promessa. O que significa: Segundo a força da promessa?

9. *Por esta época voltarei e Sara terá um filho.*

Esta é a promessa e a palavra de Deus plasmou e gerou a Isaac.

Mas o útero, o seio feminino não estava subjacente?

Não foi o vigor do seio, mas a força da promessa que gerou a criança. Assim também nós nascemos por meio das palavras de Deus. Efetivamente, na piscina das águas encontramos as palavras de Deus que nos geram e formam, pois nascemos ao sermos batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Esta geração, na verdade, não provém da natureza, mas da promessa de Deus. Como Deus cumpriu então a promessa sobre a geração de Isaac, assim relativamente à nossa geração prenunciou-a muito tempo antes por todos os profetas e posteriormente levou à realização. Vês quanto demonstrou e que facilmente cumpriu a importante promessa? Se os judeus replicarem: A palavra: “*De Isaac sairá a descendência que terá teu nome*”, significa que os nascidos de Isaac são reputados sua descendência, e, portanto, deve-se dar a denominação de filhos seus aos idumeus e a todos os nascidos de Esaú, pois o progenitor deles, Esaú, era filho de Isaac. Atualmente, contudo, não apenas eles não são enumerados entre os filhos, mas são até muito estranhos. Vês que não são os filhos carnis que são filhos de Deus, e que naturalmente outrora já fora prefigurada a geração produzida através do batismo? Se aludires ao seio, eu tenho também a água a opor. Mas aqui tudo é obra do Espírito, ali tudo é resultado da promessa. O seio devido à esterilidade e à velhice era mais frígido que a água. Reconheçamos, portanto, atentamente nossa nobreza, e tenhamos um estilo de vida à altura, porque não é de forma alguma carnal ou terrestre. Por conseguinte, disto nada retenhamos. Pois não foi o sono, nem a vontade da carne, nem a cópula, nem o estímulo da concupiscência, e sim o amor de Deus que o efetuou. E como ali a idade tirava qualquer esperança, foi idêntico o que aqui sucedeu à velhice causada pelos pecados. De repente surgiu o homem novo, e todos nos tornamos filhos de Deus e descendência de Abraão.

10. *E não só. Também Rebeca, que concebeu (duas crianças) de uma só união com Isaac nosso pai,*

A questão era difícil, e exigia muito raciocínio de Paulo, que de todos os lados procurava uma solução. De fato, se era fato inesperado e novo que, depois de tantas promessas, os judeus não recebessem o cumprimento delas, muito mais espantoso é que nós, inesperadamente, tenhamos obtido os bens que lhes competiam. No entanto, foi o que aconteceu. Assemelha-se o caso ao de um filho de rei, herdeiro do trono, que se visse relegado ao círculo dos sujeitos obscuros e em seu lugar recebesse o império um condenado, cheio de inúmeros vícios, retirado de um cárcere. Como o justificarias? – perguntas. Que o filho era indigno? Mas neste caso muito mais indigno seria o substituto. Por conseguinte, ou deviam ambos sofrer castigo, ou receber honras. Tal aconteceu aos gentios e aos judeus, ou melhor, o evento foi muito mais admirável. Paulo mais acima declarou que todos eram indignos: “*Todos pecaram e todos estão privados da graça de Deus*” (Rm 3,23). Novidade é que, sendo todos indignos, somente os gentios foram salvos. Depois disto, alguém poderia levantar outra questão, dizendo: Se Deus não iria cumprir a promessa, por que prometeu? Os homens, na verdade, que não conhecem o futuro, muitas vezes se enganam e prometem dons a indignos. Deus, contudo, que previa o presente e o futuro e claramente sabia que eles se tornariam indignos das promessas, e por

isso nada receberiam do que fora prometido, por que prometeu?

De que modo Paulo solucionou o problema? Mostrando onde se acha o Israel ao qual prometera. Demonstrado isto, ficaria explicado o outro lado da questão, a saber, que as promessas todas foram cumpridas. Expondo-o, dissera: *“Nem todos os que descendem de Israel são Israel”*. Por isso não colocou o nome de Jacó, mas o de Israel, que fora um dom celeste à virtude de um homem justo, e simbolizava a visão de Deus. Ora, replicas, todos pecaram e foram privados da glória de Deus. Se, portanto, todos pecaram, por que uns foram salvos e outros pereceram? Porque nem todos quiseram aceder. Da parte de Deus, todos seriam salvos, pois todos foram chamados. Na verdade, o Apóstolo não o conclui, mas resolve a dificuldade largamente e mediante exemplos, apresentando outra questão e como nas precedentes, resolve a principal por meio de uma secundária. Uma vez que se perguntava como Cristo, tendo justificado, todos alcançaram a mesma justiça, introduz a queda de Adão, dizendo: *“Se, com efeito, pela falta de um só a morte imperou... muito mais os que recebem a abundância da graça reinarão na vida”* (cf. Rm 5,17).

Ele não resolveu o problema relativo a Adão, e sim o que apresentou por meio deste, mostrando que é mais razoável que Cristo tenha autoridade sobre aqueles pelos quais morreu. A muitos não parece lógico que um tenha pecado e todos sejam punidos; mas que um pratique o bem e todos sejam justificados é mais consentâneo à razão e segundo o modo de agir de Deus. No entanto, Paulo não resolveu a dúvida anterior, que, quanto mais continuasse obscura, tanto mais fechava a boca do judeu; transmite para este a dúvida e daí vinha maior clareza. Igualmente nesta passagem o Apóstolo resolve a objeção por meio de outras. Com efeito, a disputa era contra os judeus. Por isso, os exemplos que apresentou não resolvem absolutamente. Nem tinha essa obrigação porque a disputa era contra os judeus. A sua parte daí se esclareceu. Por que te admiras, pergunta, se dentre os judeus uns, na verdade, se salvaram, outros não? Isto se verificou antigamente entre os patriarcas. Por que somente a descendência de Isaac tem este nome, embora Abraão fosse pai de Ismael e de muitos outros? Mas era filho da escrava? E o que importa isso ao progenitor? De resto, não disputo. Seja rejeitado Esaú por causa da mãe. O que diremos dos filhos de Cetura? Não eram livres e filhos de mulher livre? E por que não foram honrados com as prerrogativas de Isaac? E por que falo destes? A única mulher de Isaac foi Rebeca, que de Isaac concebeu dois filhos. Entretanto, aqueles que tinham o mesmo pai e a mesma mãe, que nasceram de um mesmo parto, além disso gêmeos oriundos do mesmo pai e mãe, não tiveram idêntica sorte. Ora, neste caso não podes objetar a escravidão da mãe, como no caso de Ismael. Nem que um nasceu desta mãe, e outro de mãe diferente, como no caso de Cetura e Sara, mesmo nascidos na mesma hora. Por isso Paulo adianta um exemplo mais claro. Não aconteceu só em relação a Isaac, afirma ele: *“Também Rebeca, que concebeu (duas crianças) de uma só união com Isaac nosso pai”*,

11. *quando ainda não haviam nascido, e nada tinham feito de bem ou de mal (a fim de que ficasse firme a liberdade da escolha de Deus,*

12. *que depende não das obras, mas daquele que chama), foi-lhe dito: O maior servirá o menor (Gn 25,23), conforme está escrito: Amei a Jacó e aborreci a Esaú (Ml 1,2-3).*

Por que motivo um é amado, e o outro é odiado? Por que um servia e o outro era servido? Por que um era mau e o outro era bom? Ora, eles ainda não haviam nascido e um era honrado e outro condenado. Deus dizia quando ainda não haviam nascido:

“O maior servirá o menor”. Por que Deus o disse? Porque não espera, como um homem, pelo resultado a fim de verificar quem é bom, quem não é, mas prevê quem é bom, quem não é. E isto se realizou entre os israelitas de modo mais admirável. Por que falo de Esaú e Jacó, dos quais um era

mau e outro bom? De fato, entre os israelitas, o pecado era comum a todos eles: todos adoraram o bezerro. No entanto, uns conseguiram misericórdia, outros não.

15. *Farei misericórdia a quem eu fizer misericórdia e terei piedade de quem eu tiver piedade.*

É possível verificá-lo entre aqueles que são castigados. O que dizes a respeito de Faraó, que foi castigado, e sofreu tantas penas? Que era duro e desobediente. Acaso era o único, e nenhum mais? Por que foi atingido tão intensamente? Por que entre os judeus não deu ao povo o nome de povo, e ainda, nem todos receberam igual honra? “Ainda que o teu povo seja como a areia do mar, só um resto dele se salvará” (Is 10,22). E por que só um resto? Viste de quanta dificuldade está repleta a questão proposta? E com razão. Quando podes lançar o adversário na dúvida, não trazes logo a solução. Se parece responsável pelo erro, por que tu enfrentas perigos supérfluos? Por que o tornas mais audacioso assumindo tudo?

Dize-me, ó judeu, que duvidas tanto, e nada podes resolver, por que questionas acerca da vocação dos gentios? Ora, posso dizer a causa justa por que os gentios foram justificados, e vós decaístes. Qual a causa? Porque eles foram justificados devido a fé, vós, porém, de certo modo pelas obras da Lei. E no meio destas contendas sois traídos de todas as partes. “*Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus*” (Rm 10,3). A solução de todo o problema, em resumo, é proposta pelo santo da forma que vem em seguida. Visando a tornar mais claro, examinemos cada palavra, cientes de que São Paulo tivera o escopo de ensinar, por meio de tudo o que foi dito, que somente Deus conhece os que são dignos; e ninguém sabe, por mais que pareça conhecer, mas muitas vezes erra ao dar sua opinião. Aquele, porém, que conhece os segredos do coração, sabe com perspicácia quais são dignos de coroa, quais de pena e suplício. Por isso, a muitos que, diante dos homens, pareciam probos, convencidos de serem maus, submeteu ao suplício e os que, perante os homens, eram considerados maus, ele coroou, mostrando que não eram tais, não segundo a opinião dos servos, mas por próprio julgamento apurado e sentença isenta de corrupção, sem esperar o resultado das ações para conhecer o malvado e o que não o era. Enfim, não tornemos o discurso mais obscuro e vamos às palavras do Apóstolo. “*E não só. Também Rebeca, que concebeu (duas crianças) de uma só união com Isaac nosso pai*”. Poderia, de fato, falar de Cetura, mas me abstenho. Com efeito, é suficiente para obter a vitória apresentar os nascidos de um só pai e de uma só mãe. Na verdade, ambos nasceram de Rebeca e de Isaac, filho legítimo, honesto, mais que todos exaltado, do qual disse Deus: “*De Isaac sairá a descendência que terá teu nome*”; foi pai de todos nós. Se ele é nosso pai, os que dele nasceram deviam ser nossos pais; mas não foram. Viste que a paternidade pertence não só a Abraão, mas também ao filho, e que sempre a fé e a virtude são esplêndidas e caracterizam o legítimo parentesco? Daí percebemos que não somente pela geração, mas que são chamados seus filhos também os que são dignos dos progenitores pela virtude. Se fosse apenas pela geração, Esaú devia gozar de idêntica prerrogativa que Jacó, pois também ele nasceu de um seio sem vida e de mãe estéril. No entanto, se requeria não só isto, mas também o estilo de vida. É importante e muito contribui para ensinar como viver. Ele não afirma: Um é bom e o outro malvado, e por isso o primeiro teve a primazia, de sorte que logo se poderia replicar: Como? Seriam os gentios melhores do que os circuncisos? Se na realidade assim fosse, nem assim ele o diria. Teria parecido um tanto pesado. Entregou o caso a Deus, que tudo conhece, com o qual ninguém ousa disputar, mesmo que seja muito louco. “*Quando ainda não haviam nascido, e nada tinham feito de bem ou de mal*” foi dito à mãe: “*O maior servirá o menor*”, e mostra que a nobreza carnal não traz vantagens, mas importa a virtude da alma, que Deus conhece antes que se pratiquem as boas obras. “*Quando ainda não haviam nascido, e nada tinham feito de bem ou de mal (a fim de que ficasse firme a liberdade da*

escolha de Deus), *foi-lhe dito: O maior servirá o menor*”. É próprio da presciência de Deus escolher antes do nascimento, a fim de se manifestar a liberdade da escolha de Deus, segundo a eleição e a presciência divinas. Desde o primeiro dia conheceu o que era bom e o que não era e o proclamou. Não me digas, portanto, que leste a Lei e os profetas e serviste durante tanto tempo. Com efeito, aquele que sabe perscrutar o espírito, sabe quem é digno da salvação. Cede, portanto, diante da incompreensível eleição; pois somente Deus coroa com justiça. Quantos pareciam melhores do que Mateus, segundo aparentavam as obras. Mas aquele que conhece as coisas secretas e explora o íntimo do coração, reconhece a pérola até mesmo quando jaz no lodo, e deixando de lado as outras, admirado de sua beleza a escolhe, une a graça à nobre eleição e a declara comprovada. Os peritos nas artes terrenas passageiras e demais ocupações não escolhem o que foi proposto conforme o parecer dos ignorantes, mas segundo seu exato conhecimento, e muitas vezes reprovam o que o vulgo estima e escolhem o que ele rejeita. Os treinadores dos cavalos frequentemente fazem o mesmo. Igualmente os peritos em pedras preciosas e os artífices de outras profissões. Muito mais Deus, que ama os homens, em sua infinita sabedoria, único a claramente conhecer tudo, não aceita a opinião dos homens, mas profere a respeito de todas as coisas a própria sentença, segundo sua sabedoria profunda e infalível. Por isso também escolheu o publicano, o ladrão e a meretriz, enquanto reprovou e rejeitou os sacerdotes, anciãos e príncipes.

Verifica-se o mesmo a respeito dos mártires. Muitos daqueles que eram ignóbeis, no tempo dos combates foram coroados; ao invés, os que em geral eram considerados grandes, foram suplantados e caíram. Não peças contas ao Criador, nem digas: Por que um foi coroado e o outro punido? Ele sabe muito bem como agir. Por este motivo dizia: *“Amei a Jacó e aborreci a Esaú”*. Pelo termo final reconheceste a justiça com que procedeu; ele, contudo, antes do fim, exatamente o sabia. Deus não procura tanto a exibição das obras quanto a nobreza das intenções e o espírito generoso. Pois quem é tal, embora por acaso algumas vezes peque, logo se arrepende; se por acaso vive no pecado, não é desprezado, mas logo Deus, que tudo sabe, o reerguerá. Aquele que em si é corrupto, perecerá, embora pareça praticar algum bem, porque age com má intenção. Com efeito, Davi matou e cometeu adultério, deixando-se arrastar por certas circunstâncias; fez o mal sem premeditação, e logo o reparou. O fariseu, contudo, não ousou cometer tais pecados, mas, vangloriando-se acerca do bem praticado, arruinou tudo devido à má intenção.

Deus não é injusto

14. *Que diremos então? Que há injustiça por parte de Deus? De modo algum.*

Por conseguinte, nem em relação a nós nem aos judeus. Depois, o apóstolo adicionou uma asserção ainda mais obscura. Qual?

15. *Pois ele disse a Moisés: Farei misericórdia a quem eu fizer misericórdia e terei piedade de quem eu tiver piedade.*

Novamente acentua a objeção, cortando-a pelo meio, solucionando-a, e acrescentando outro obstáculo. Para a exposição se tornar mais clara, forçosamente há de ser explicada. Disse Deus: *“O maior servirá o menor”*, antes do nascimento. Como? Acaso Deus é injusto? De forma alguma. Por isso, ouve o seguinte: Ali a distinção é entre a virtude e a malícia; aqui, contudo, um só era o pecado de todos os judeus, o bezerro fundido, e, no entanto, uns foram punidos e os outros não. Por isso dizia: *“Farei misericórdia a quem eu fizer misericórdia e terei piedade de quem eu tiver piedade”*. Não te compete, Moisés, decidir quem merece misericórdia, mas deixa-o a meus cuidados. Se, porém, a Moisés não competia sabê-lo, muito menos a nós. Por isso, não proferiu simplesmente aquela

palavra, mas lembrou a quem a dissera: *“Pois ele disse a Moisés”*, a fim de envergonhar o oponente pela dignidade da pessoa. Apresentada, portanto, a solução das dificuldades, interrompe pelo meio, novamente mencionando outra objeção:

16. *Não depende, portanto, daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus, que faz misericórdia.*

17. *Com efeito, a Escritura diz ao Faraó: Eu te suscitei precisamente para mostrar em ti o meu poder e para que meu nome seja celebrado em toda a terra.*

Como disse ali: Uns foram salvos, outros castigados, também nesta passagem foi observado o mesmo. Em seguida novamente uma objeção:

18. *De modo que ele faz misericórdia a quem quer e endurece a quem ele quer.*

19. *Dir-me-ás então: Por que ele ainda se queixa? Quem, com efeito, pode resistir à sua vontade?*

Vês como de todos os modos se esforça por levantar dúvidas? E agindo de forma vantajosa, não apõe logo a solução, mas primeiro fecha a boca de quem interroga, dizendo:

20. *Mais exatamente, quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?*

Assim procede, reprimindo e pondo freio à sua curiosidade intempestiva e excessiva. Ensina quem é Deus, quem o homem, que a providência de Deus é incompreensível e ultrapassa nosso raciocínio, e que em tudo devemos obedecer-lhe, de sorte que, após ter dado ao ouvinte esta prova e reprimido e acalmado seu espírito, então facilmente apresenta a solução e faz com que a explicação seja bem recebida por ele. E não diz que é impossível resolver. E o que, então? Seria ímpio levantar questões, mas importa obedecer às palavras de Deus, sem perscrutá-las curiosamente, apesar de ignorarmos o sentido. Por isso diz: *“Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?”* Viste que o retém, que lhe rebaixa o orgulho? *“Quem és tu?”* Por acaso és partícipe do poder? Ou ao lado de Deus te sentas para julgar? Comparado com ele, nada és: nem isto, nem aquilo, nada. Muito mais humilhante é perguntar: *“Quem és tu?”* do que asseverar: Nada és. Aliás, a interrogação representa indignação mais intensa. E não disse: Quem és tu para responderes a Deus, e sim: *“para discutires com Deus”*, para contradizeres, resistires. Pois dizer: Devia ser assim, ou: Não devia ser assim, é próprio de quem replica com resistência. Viste? Atemorizou, atacou, ou melhor, provocou mais tremor do que levantamento de questões, ou curiosa pesquisa. É peculiar a um ótimo preceptor não atender sempre o desejo dos discípulos, mas orientá-los a seu arbítrio, arrancar espinhos, e então jogar sementes, e não responder sempre de forma imediata às interrogações.

Vai acaso a obra dizer ao artífice: Por que me fizeste assim?

21. *O oleiro não pode formar da sua massa seja um utensílio para uso nobre, seja um outro para uso vil?*

Nesta passagem não elimina o livre-arbítrio, mas manifesta até que ponto vai a obediência a Deus. Pois não se acha em situação diferente do que a do barro, ao pedir contas a Deus. Não só não há de contradizer, nem levantar questões, mas absolutamente não falar, nem pensar. Importa ser qual barro inanimado, obediente às mãos do oleiro, levado aonde ele quiser. Para tal, apenas utilizou o exemplo, sem visar a um estilo de vida, e sim à submissa obediência e ao silêncio. E isso se haverá de observar sempre. Não se aproveitam globalmente os exemplos, mas escolhe-se a parte que se adapta ao assunto e rejeita-se o restante. De sorte que, ao se dizer: *“Deita-se e dorme como um leão”* (Nm 24,9), aludimos a algo de invencível e terrível, e não ao fato de ser ferino, nem possuidor de qualquer das outras características do leão. E ainda ao se declarar: *“Eu os ataco como uma ursa despojada”* (Os

13,8) refere-se à vingança. E quando se afirma: “Nosso Deus é um fogo devorador” (Dt 4,24), entenda-se que o incêndio aqui é referente ao suplício. Desta forma sejam interpretados neste trecho o barro, o oleiro e os vasos. Ora, ao acrescentar: *“O oleiro não pode formar da sua massa seja um utensílio para uso nobre, seja um outro para uso vil?”*, evite-se julgar que Paulo trata da criação, ou da necessidade da escolha e sim da liberdade e diversidade dos planos divinos. De fato, se não o entendermos deste modo, seguir-se-ão muitos absurdos. Se, pois, esta questão fosse atinente à vontade humana, Deus seria o autor do bem e do mal e o homem não teria culpa. E o próprio Paulo pareceria estar em contradição consigo mesmo, porque tanto acentua sempre a liberdade da escolha. De fato, nada mais quer do que persuadir o ouvinte a ceder inteiramente diante de Deus, e jamais lhe pedir contas de espécie alguma. O oleiro, diz ele, da mesma massa fez o que quer, e ninguém contradiz; assim quando Deus do mesmo gênero humano a uns castiga, a outros honra, não pergunte curiosamente, nem investigues, mas somente adora, à semelhança do barro, e como ele obedece à mão do oleiro, assim também tu à sentença e à administração de Deus. Ele não opera em vão e sem motivo, embora ignores o segredo de sua sabedoria.

Tu, na verdade, dás ao oleiro o direito de fazer da mesma massa objetos diversos, e não críticas; de Deus, porém, reclusas a razão dos suplícios e das honras e não concedes que saiba quem é digno, quem indigno, mas por ser a massa de uma só substância, queres que a eleição os iguale. Que loucura! Ora, ignomínia e honra para o oleiro não resultam de idêntica massa, e sim do uso que fazem os que a manipulam; em nosso caso também depende da intenção. De resto, conforme acima mencionei, para tal o exemplo se aplica num sentido apenas. Não se há de contradizer a Deus, e sim acolher sua incompreensível sabedoria e aduzir exemplos mais amplos que o assunto proposto, a fim de impressionar o ouvinte. Pois, se não fossem mais amplos, com hipérbole, não poderiam, conforme é justo, atingir o contraditor e envergonhá-lo. Com efeito, a contenda é inoportuna, e ele a reprime com a conveniente hipérbole; em seguida, introduz a solução. Qual?

22. Ora, se Deus, querendo manifestar sua ira e tornar conhecido seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, prontos para a perdição,

23. a fim de que fosse conhecida a riqueza da sua glória para com os vasos de misericórdia, preparados para a glória,

24. isto é, para conosco, que ele chamou não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios.

Isto é, vaso de ira era Faraó, homem que, por sua dureza, inflamou a ira de Deus. Tendo experimentado a longa paciência divina, não se tornou melhor, mas permaneceu incorrigível. Por isso, Paulo não só o chamou de vasos de ira, mas *“Prontos para a perdição”*, a saber, preparados por aquilo que são e por suas obras. Efetivamente, Deus, de um lado, nada omitiu que lhe fosse de proveito para a emenda, nem Faraó de seu lado evitou o que pudesse causar-lhe a perdição e privar de qualquer perdão. Contudo, Deus, que de tudo isso tinha conhecimento, com muita paciência o tolerou, desejoso de levá-lo à penitência. Se não o tivesse querido, não teria tido paciência tão longa. Como ele não utilizou esta diuturna paciência para converter-se, mas atraiu a ira divina sobre si mesmo, Deus daí retirou ocasião para a conversão de outros, precavidos diante do castigo que atingiu o culpado e desta forma manifestou o seu poder. Não é, porém, deste modo que Deus quer fazer notório o seu poder, mas, ao invés, através de benefícios liberais. O Apóstolo mais acima já o declarara, de vários modos. Com efeito, se Paulo não quis parecer poderoso desta forma – “Nosso desejo não é aparecer como aprovados, mas, sim, que pratiquéis o bem” (2Cor 13,7) – Deus ainda mais. Teve diuturna paciência a fim de conduzi-lo à penitência; ele, contudo, não a praticou. Suportou-o por muito tempo,

simultaneamente patenteando bondade e poder, no caso de que ele, de fato, não retirasse lucro de tanta paciência. Como, portanto, ao corrigi-lo pela punição desvendou seu poder, compadecido revelou seu amor aos homens nos que muito haviam pecado e se arrependeram.

Ora, ele não disse: Amor aos homens, e sim: “*Glória*”, expondo que nisto principalmente se dava glória a Deus, e que ele sobretudo a procurava. Ao dizer anteriormente: “*Preparados para a glória*”, não diz que o conjunto todo era obra de Deus, porque, se fosse, nada impediria que todos fossem salvos. Todavia, novamente revela a presciência, e elimina a diferença entre judeus e gentios. Daí prepara não pequena defesa de suas palavras. Pois, não somente dentre os judeus alguns pereceram, outros se salvaram, mas também dentre os gentios. Por este motivo não disse: Todos os gentios, e sim: “*Dentre os gentios*”; nem: Todos os judeus, e sim: “*Dentre os judeus*”. Como Faraó devido à sua própria iniquidade se tornou vaso de ira, assim também estes se fizeram vasos de misericórdia devido à sua probidade. Pois, embora mais importante seja a obra de Deus, nós também contribuímos um pouco. Por isso não disse: Vasos de obras boas, nem: Vasos de confiança, mas: “*Vasos de misericórdia*”, explicando que tudo vem de Deus. Pois a locução: “*Não depende, portanto, daquele que quer, nem daquele que corre*”, embora seja citada em forma de objeção, uma vez que foi dito por Paulo não provoca dúvida alguma. Ao proferir: “*Não depende, portanto, daquele que quer, nem daquele que corre*”, não exclui a possibilidade, mas explica que nem tudo provém deste, mas é necessária a graça do alto. De fato, é preciso querer e correr, sem confiar no próprio labor, e sim no amor de Deus, conforme Paulo se exprimia também noutra passagem: “*Não eu, mas a graça de Deus que está comigo*” (1Cor 15,10). E disse muito bem: “*Preparados para a glória*”. Entretanto os judeus exprobravam os gentios de terem sido salvos pela graça, e julgavam envergonhá-los; com reforço aparta esta opinião. Pois se o feito dá glória a Deus, muito mais àqueles que glorificaram a Deus. Considera, porém, a benevolência e sabedoria inefável do Apóstolo. Podia não incluir Faraó no sermão referente aos que são castigados, e sim os que haviam pecado dentre os judeus e assim tornar o sermão mais claro; podia destacar que, sendo os pais os mesmos e idênticos os pecados, uns pereceram e outros conseguiram misericórdia. Era possível persuadi-los a não mais duvidarem, apesar de alguns dentre os gentios terem sido salvos e perecido os judeus, contudo, a fim de não tornar o discurso oneroso, apresenta o exemplo de castigo daquele estrangeiro, a fim de não ser forçado a chamá-los de vasos de ira. Acrescenta os membros do povo judaico que conseguiram misericórdia. O Apóstolo assaz defende a Deus, porque sabe muito bem que preparou vasos de ira, no entanto, de outro lado inseriu: tolerância, diuturna paciência, e não simples mas imensa paciência; mas não quis tratar deste assunto a respeito dos judeus. De onde, portanto, se origina que uns são vasos de ira, outros de misericórdia? Do próprio arbítrio. Deus, sumamente bom, para com ambos demonstrou bondade. No entanto, não se compadeceu somente daqueles que foram salvos, mas, à medida que dele dependia, também de Faraó. Experimentaram a mesma diuturna paciência tanto este como aqueles. Se ele não se salvou, dependeu do arbítrio dele. Na verdade, da parte de Deus, não recebeu menos do que os que se salvaram. Paulo, tendo dado a solução da questão por fatos, além disso torna fidedigno o sermão, introduzindo os profetas, que prenunciaram a mesma coisa. Com efeito, diz ele, Oseias, já outrora escrevera estas coisas, nos seguintes termos:

25. Chamarei meu povo àquele que não é meu povo (Os 2,24) e amada àquela que não é amada.

Evitando que dissessem: Tu nos enganas ao falar desta forma, apelou ao testemunho de Oseias a clamar: “*Chamarei meu povo àquele que não é meu povo*”. Qual o povo que não é povo? Efetivamente os gentios. E qual a que não é amada? Ainda os mesmos. No entanto declarou que seriam: “*Povo*” e: “*Amada*”, e filhos de Deus.

Lá serão chamados filhos do Deus vivo.

E se for afirmado que isto se entende a respeito dos judeus que acreditaram, a palavra ainda será válida. Pois, se após muitos benefícios os judeus foram ingratos, estranhos, perderam as características de povo, e sobreveio tamanha mudança, o que impediu que os gentios, que não se tornaram estranhos depois de terem sido próprios, mas foram estranhos desde o início, chamados e obedientes, merecessem os mesmos bens? Tendo mencionado Oseias, não se contentou, mas também cita Isaías, que profere palavras consoantes a estas:

27. *Isaías, por sua vez, proclama a respeito de Israel:*

Isto é, com confiança exclama, sem se conter. Por que, portanto, nos acusais quando eles renunciaram com maior intensidade que uma trombeta: O que, portanto, clama Isaías?

Mesmo que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o resto é que será salvo; (Is 10,22)

Vês que ele não afirma que todos serão salvos, e sim os que forem dignos da salvação? Não respeito a multidão, diz ele, nem a raça tão difundida; mas salvarei apenas os que se revelarem dignos da salvação. Não apenas lembrou a areia do mar, mas foi rememorada a antiga promessa, da qual se tornaram indignos. Por que vos perturbaís, como se a promessa tivesse falhado, quando todos os profetas declararam que nem todos seriam salvos? Em seguida, expõe o modo da salvação. Viste a exatidão do profeta e a prudência do Apóstolo, e que testemunho oportuno ofereceram? Não apenas declaram que alguns haveriam de ser salvos, não todos, mas ainda acrescentam como haveriam de ser salvos. Como, então, seriam salvos e como Deus se dignará prestar-lhes benefício?

28. *dando execução e abreviando os tempos com justiça, Deus cumprirá sua palavra sobre a terra.*

Isto é: Não é necessário perambular e trabalhar, e afligir-se com as obras da Lei, mas a salvação será com grande brevidade. Tal, na verdade, é a fé, que contém em poucas palavras a salvação. “*Se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo*” (Rm 10,9).

Viste o que significa: “*Abreviando, Deus cumprirá sua palavra sobre a terra*”? Admirável é que esta palavra breve traz não só a salvação, mas também a justiça.

29. *E ainda como Isaías havia predito: Se o Senhor Sabaoth não nos tivesse preservado um germe, teríamos ficado como Sodoma, teríamos ficado como Gomorra (Is 1,9).*

Novamente aqui assegura que aqueles poucos não se salvaram por si. Eles também teriam perecido e sofrido o mesmo que Sodoma, isto é, teriam sido submetidos ao morticínio. Todos em Sodoma pereceram radicalmente, nem um pequeno resto ficou; teriam, portanto, perecido, se Deus não tivesse empregado grande bondade, e os salvasse pela fé. O mesmo aconteceu acerca do cativo material; muitos foram levados para longe e pereceram, poucos foram salvos.

30. *Que diremos então? Que os gentios, sem procurar a justiça, alcançaram a justiça, isto é, a justiça da fé,*

31. *ao passo que Israel, que procurava uma lei de justiça, não conseguiu esta Lei.*

A solução agora está bem manifesta, porque já os fatos desvendaram que “*nem todos os que descendem de Israel são Israel*”, pelos progenitores de Jacó e Esaú, e pelos profetas, e apresenta uma solução muito válida por Oseias e Isaías, encarecendo primeiro a dificuldade. Dois são os quesitos: por que os gentios conseguiram e sem procurar obtiveram, isto é, sem nenhuma solicitude, e de outro lado, de modo semelhante duas dúvidas, acerca dos judeus: por que Israel não conseguiu, e por que,

apesar de seu zelo, não alcançou. Por isso, escolheu palavras mais enfáticas. Não disse: Teve justiça, e sim: *“Alcançaram”*. Especialmente novo e imprevisto é não ter apreendido aquele que procurava, ao passo que apreendeu quem não buscava. E parece, de fato, gratificá-los, ao dizer: *“Que procurava”*, em seguida inflige-lhe ferimento mortal. Tendo aduzido solução válida, nada teme ao apresentar objeção mais grave. Por isso, não disserta acerca da fé, nem da justiça dela oriunda, mas destaca que eles antes do regime da fé foram superados e condenados no que lhes era peculiar. Tu, pois, ó judeu, diz ele, não encontre a justiça proveniente da Lei. Tu a transgrediste, e te tornaste réu de maldição; os gentios, contudo, que não vieram através da Lei, e sim por outro caminho, encontraram aqui maior justiça, a que provém da fé, conforme asseverou acima: *“Ora, se Abraão foi justificado pelas obras, ele tem de que se gloriar. Mas não perante Deus”* (Rm 4,2), mostrando que esta justiça é maior do que aquela. Anteriormente havia dois problemas, e agora são três: Os gentios encontraram a justiça; encontraram sem ter buscado; e uma justiça maior do que a da Lei. Igualmente sobre os judeus afirma-se o contrário, a saber, que Israel não conseguiu, não conseguiu apesar de seu zelo, nem conseguiu a menor. Tendo lançado o ouvinte na dúvida, finalmente oferece breve solução, e enuncia a causa de tudo o que foi afirmado antes. Qual é?

32. *Porque não a procurou pela fé, mas como se a conseguisse pelas obras da Lei.*

Esta é a solução evidente de toda a passagem. Se Paulo imediatamente no exórdio a tivesse proferido, não teria sido tão bem acolhida; quando, porém, após muitas dúvidas, provas e demonstrações a enunciou e empregou muitas correções, enfim ofereceu uma mais fácil de entender e mais bem recebida. Tal a causa, portanto, da ruína: *“Porque não a procurou pela fé, mas como se conseguisse pelas obras da Lei”*, a justificação. E não disse: Pelas obras, e sim: *“Como se a conseguisse pelas obras da Lei”*, mostrando que eles nem esta justiça possuíam.

Esbarraram na pedra de tropeço,

33. *conforme está escrito: Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, uma rocha de escândalo; mas quem nela crer, não será confundido (Is 28,16).*

Viste como de novo da fé brota a confiança e o dom universal? Não se aplica somente aos judeus, mas a todo o gênero humano. Na verdade, todos, diz ele, judeu, grego, cita, trácio, ou qualquer outro que acreditar, gozará de grande confiança. Relativamente ao profeta é espantoso não só que tenha dito que acreditariam, mas também que haveria incrédulos, pois esbarrar é não acreditar. Como acima assinalou os que se perdem e os que salvam, dizendo: *“Mesmo que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o resto é que ser á salvo”*, e: *“Se o Senhor Sabaoth não nos tivesse preservado um germe, teríamos ficado como Sodoma”*, e: *“Chamou não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios”*, assim também nesta passagem diz que uns creem, outros tropeçam. Tropeçar vem de falta de atenção, e de desejo ardente de outra coisa. Uma vez, portanto, que davam atenção à Lei, tropeçaram na pedra. Denomina pedra de tropeço e pedra de escândalo a intenção e a meta daqueles que não acreditaram. Acaso está esclarecido diante de vós o que foi dito, ou necessitais ainda de ulterior explicação? Da minha parte, penso que, aos que estiveram atentos, é compreensível; se alguns, contudo, não entenderam, podem em particular perguntar e aprender. Pois empreguei explanação mais longa, para não ser forçado a interromper a série da dissertação, obscurecendo e arruinando a clareza das asserções. Por isso aqui encerro a palestra, nada dissertando a respeito dos costumes, ao contrário do que costume fazer, para que a quantidade das expressões não torne mais confusa a memória. Já é tempo de finalizar de modo conveniente, de encerrar o discurso e de dar glória ao Deus do universo. Em comum, portanto, impondo um termo, nós às palavras, vós à escuta, demos-lhe glória, porque dele é o reino, o poder, a glória nos séculos. Amém.

DÉCIMA SÉTIMA HOMILIA

Os judeus desconheceram a justiça de Deus

10,1. *Irmãos, o desejo do meu coração e a prece que faço a Deus em favor deles é que sejam salvos.*

Com maior vigor do que antes, novamente vai repreendê-los. Como acima afasta toda suspeita de inimizade e usa de prévias correções. Não dê atenção às palavras, diz ele, nem às repreensões, porque não as proferi com disposições adversas. Não é possível que um homem deseje a salvação de todos e não só a deseje, mas também reze tendo tal intenção e, no entanto, os odeie e seja inimigo, pois aqui se denomina benevolência a um intenso desejo. E vê também como faz a prece de todo coração; não apenas para livrá-los do castigo, mas para salvá-los, por meio de solícitas orações. Revela benevolência para com eles não só aqui, mas também na continuação. Quanto possível, esforçou-se e discutiu, procurando encontrar sombras para defendê-los, e não pôde, vencido pela própria natureza das questões.

2. *Porque eu lhes rendo testemunho de que têm zelo de Deus, mas não é um zelo esclarecido.*

Estas coisas, portanto, merecem perdão, não acusação. Se não foram revolvidas por motivo humano, mas por zelo, merecem mais misericórdia do que castigo. Mas vê com que sabedoria os gratifica pela palavra e demonstra-lhes ser inoportuna sua disputa.

3. *Desconhecendo a justiça de Deus*

Novamente a palavra indica uma desculpa. Mas o que se segue exprime violenta acusação, que afasta qualquer defesa, pois diz: e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus.

Assim se expressa, assinalando que eles erraram mais por gosto de disputa e de domínio do que por ignorância, e não praticaram nem mesmo a justiça segundo a Lei. É este o sentido da locução: *“Procurando estabelecer”*. Não o exprimiu claramente, porquanto não disse que eles falharam relativamente a ambas as justiças, no entanto o sugeriu bem consciente e com a competente sabedoria. Com efeito, se ainda buscam estabelecê-la, é evidente que eles não a possuíam e, não lhe sendo submissos, falharam. Denomina-a justiça que lhes é própria, porque a Lei não tinha mais vigor, ou porque resultava de esforço e suor. A justiça de Deus, no entanto, que se origina da fé, toda ela depende da graça do alto, porque justifica por dom de Deus, não por humanos esforços. Mas os judeus sempre resistindo ao Espírito Santo, com seu litígio de que se justificam através da Lei, não têm acesso à fé; sem o acesso à fé, e a aceitação da justiça dela proveniente, e não sendo justificados pela Lei, sofrem queda completa.

4. *Porque a finalidade da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê.*

Observa a prudência de Paulo! Visto que tratara de uma e outra justiça, a fim de que, dentre os judeus, os que acreditaram não julgassem possuir uma justiça, e privados da outra fossem acusados de iniquidade (pois igualmente os que recentemente haviam aderido à fé também deviam ter este receio) e não contassem com a possibilidade de cumpri-la, nem dissessem: Embora ainda não a tenhamos cumprido, cumpri-la-emos certamente, vê o que faz. Explana que a justiça é uma só, e aquela se recapitula nesta. Quem cumprir esta última pela fé, também cumpre a outra; quem, contudo, a reprovar igualmente transgride a outra conjuntamente. Se: *“A finalidade da Lei é Cristo”*, quem não adere a Cristo, embora aparentemente possua aquela, não a possui; quem, porém, acolhe a Cristo, apesar de não cumprir a Lei, tudo assume. Efetivamente, a finalidade da medicina é a saúde. Em consequência quem, apesar de não conhecer a arte da medicina, cura, domina o principal; quem,

contudo, não sabe tratar, embora pareça exercer a parte, põe tudo a perder. Assim também acontece relativamente à Lei e à fé. Quem possui a fé, adquire também o fim dela; aquele, no entanto, que se acha do lado de fora, é estranho a ambas. O que queria a Lei? Justificar o homem, mas não o conseguiu, pois ninguém a cumpriu inteiramente. A finalidade da Lei, portanto, era que o homem fosse justificado, e todos visavam a isso, e por este motivo realizava-se tudo isso: as festas, os preceitos, os sacrifícios. Mas Cristo fazia chegar muito melhor a tal fim através da fé. Não receies, portanto, transgredir a Lei, por abraçares a fé. Efetivamente tu a transgredes quando por causa dela não acreditas em Cristo; ao contrário, se acreditares em Cristo, cumpres a Lei e muito mais do que ela ordena; pois recebes justiça muito mais ampla. Em seguida a estas as asserções, o Apóstolo as confirma pelas Escrituras.

Anunciada por Moisés

5. Moisés, com efeito, escreveu a respeito da justiça que provém da Lei:

Isto é, Moisés nos mostra qual é e de onde consta a justiça que provém da Lei. Qual é, portanto, e donde consta? Através do cumprimento dos mandamentos.

É cumprindo-a que o homem vive por ela;

Aliás, ninguém pode ser justificado pela Lei a não ser que a cumpra toda, o que não é possível a homem algum.

Por conseguinte, esta justiça foi abolida. Mas fala-nos, ó Paulo, da outra justiça, a proveniente da graça. Qual é, e de onde consta? Escuta como claramente a descreve. Depois de arguir a outra, por fim passa a esta e diz:

6. ao passo que a justiça que provém da fé assim se exprime: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para fazer descer a Cristo,

7. ou: Quem descerá ao abismo? Isto é, para fazer Cristo levantar-se dentre os mortos.

8. Mas o que diz ela? Ao teu alcance está a palavra, em tua boca e em teu coração; a saber, a palavra da fé que nós pregamos.

9. Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.

Não digam os judeus: Como puderam os que não tiveram a maior justificação receber a menor? O Apóstolo apresenta um argumento, ao qual é impossível contradizer, a saber, que este caminho é mais leve do que aquele. Aquele requer o cumprimento de todos os preceitos: “*É cumprindo-a que o homem vive por ela*”. A justificação, contudo, oriunda da fé, não se exprime desta forma. Como então? “*Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.*” Em seguida, para não parecer torná-la desprezível e vil por expor que é tão fácil, vê como o sermão se estende sobre o assunto. Não aborda logo o que dissemos. De que modo se expressa? “*Ao passo que a justiça que provém da fé assim se exprime: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para fazer descer a Cristo, ou: Quem descerá ao abismo? Isto é, para fazer Cristo levantar-se dentre os mortos.*” Com efeito, à virtude operosa se opõem a indolência e a frouxidão proveniente do cansaço do trabalho, e é necessário à alma vigilante não ceder; de igual forma, ao se tratar da fé, surgem cogitações perturbadoras que dividem o espírito de muitos e é preciso possuir uma alma juvenilmente vigorosa para expulsá-las. O Apóstolo apresenta a questão e o que fez acerca de Abraão, repete-o aqui. Pois tendo assinalado que ele foi justificado pela

fé, para não dar a ilusão de que, como se nada fosse, foi em vão e inutilmente que recebeu tão grande coroa, exalta a natureza de sua fé, nesses termos:

“Ele, contra toda a esperança, acreditou na esperança de tornar-se pai de muitos povos, conforme lhe fora dito: Tal será tua descendência. E foi sem vacilar na fé que viu seu corpo já amortecido e o seio de Sara sem vida. Ante a promessa de Deus, ele não se deixou abalar pela desconfiança, mas se fortaleceu na fé, dando glória a Deus, convencido de que ele é capaz de cumprir o que prometeu” (Rm 4,18-21).

E mostrou que a alma precisa de força e elevação para esperar além de toda expectativa, sem se escandalizar com as coisas visíveis. Aqui faz o mesmo, e observa que há de ser sábia, perspicaz e elevar-se em pensamento até o céu. E não disse simplesmente: Não digas, mas: *“Não digas em teu coração”*. De duvidar nem cogites, nem digas a ti mesmo: Como pode ser? Vês que é principalmente peculiar à fé deixar de lado qualquer resultado terreno, procurar o que é sobrenatural, rejeitar a fraqueza dos raciocínios, e tudo receber do poder de Deus? Aliás, não afirmavam os judeus somente isto, mas que é impossível ser justificado pela fé. Paulo, contudo, trata a questão em outro plano, de sorte que com justiça tece aos fiéis a coroa, depois de mostrar ser tão significativo este caso que mesmo após ter-se consumado é necessária a fé. Emprega, porém, palavras do Antigo Testamento, cuidando sempre que não possa ser acusado de criar novidades e de levantar polêmica contra a Lei. Quanto ao que o Apóstolo enuncia aqui a respeito da fé, Moisés atribui à Lei. Quer mostrar que eles receberam muitos benefícios da parte de Deus. Não há motivo de dizeres, afirma, que se deve subir ao céu, e atravessar o imenso oceano para receberes os mandamentos; mas Deus nos facilitou coisas tão grandes e graves. O que significa: *“Ao teu alcance está a palavra”*? Quer dizer, é fácil, pois a salvação depende de tua mente e de tua língua. Não é preciso empreenderes longa viagem, ou atravessar o oceano, ou galgar os montes para obteres a salvação. Mas, se não quiseses ultrapassar o limiar da casa, podes alcançar a salvação sentado em tua sala; a oportunidade de salvação encontra-se em tua boca e em teu coração. Em seguida, de outro lado facilitando a questão da fé, disse: *“Para fazer Cristo levantar-se dentre os mortos”*. Medita na dignidade de quem o ressuscita, e não encontrarás dificuldade alguma em crer. De fato, a ressurreição ressalta que Cristo é Senhor, conforme Paulo assegurou no início da epístola: *“Estabelecido Filho de Deus por sua ressurreição dos mortos”* (Rm 1,4). Evidencia até aos excessivamente incrédulos que a ressurreição foi fácil ao poder de quem ressuscita. Uma vez que a justiça é maior, leve, aceitável e de outra parte ninguém pode justificar-se a si próprio, não seria obstinação suma deixar o mais fácil e empreender o impossível? E não se pode dizer que deixou de lado o problema porque era oneroso.

Viste como os priva de qualquer desculpa? Pois que desculpa mereceriam se preferissem executar o mais oneroso e que de nada vale, omitindo o que é leve, que poderia dar-lhes a salvação, e prestar-lhes o que a Lei não pôde oferecer? Nada mais é senão efeito de uma vontade contenciosa e sediciosa contra Deus. Com efeito, a Lei é onerosa, e a graça acessível; a Lei, embora se dispute mil vezes, não pode salvar; a graça oferece a sua justiça e a da Lei. Que palavra desculpará os contenciosos relativamente à graça, e que em vão e inutilmente são adeptos da Lei? Em seguida, tendo dito algo de importante, com a Escritura o confirma:

11. *Com efeito, a Escritura diz: Quem nele crê não será confundido.*

12. *De sorte que não há distinção entre judeu e grego, pois ele é o Senhor de todos, rico para todos os que o invocam.*

13. *Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo.*

Viste como aduz o testemunho da fé e da confissão? Ao dizer: *“Quem nele crer”* manifesta a fé, e

dizer: *“Todo aquele que invocar”* exprime a confissão. Em seguida, proclamando a universalidade da graça, reprime o orgulho dos judeus, a que ele anteriormente aludira de muitos modos e relembra em resumo que não há diferença entre o judeu e o incircunciso. *“De sorte que não há distinção entre judeu e grego.”* E aqui refere acerca de Cristo o que dissera a respeito do Pai, para comprovar. Anteriormente, comprovando-o, assegurara: *“Ou acaso ele é Deus só dos judeus? Não, é também dos gentios? É lógico que também dos gentios, pois há um só Deus”* (Rm 3,29); assim diz também nesta passagem: *“Pois ele é o Senhor de todos, rico para todos os que o invocam”*. Vês como demonstra que Deus sumamente deseja nossa salvação? De fato, reputa-a riqueza sua. Desta sorte os judeus já não percam a esperança, nem julguem que serão excluídos do perdão se quiserem fazer penitência. Pois quem considera riqueza sua salvar-nos, não deixará de ser rico; de fato, é uma riqueza ser o dom efundido sobre o mundo inteiro. Aos judeus, o que mais perturbava era que, tendo tido eles a preeminência no orbe inteiro, agora pela fé foram depostos de seu trono e nada têm a mais que os restantes. Por isso frequentemente o Apóstolo aduz os profetas que lhes decantam esta igualdade. Assegura: *“Todo aquele que nele crê não será confundido”*. E: *“Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”*. E sempre coloca aquele: *“Todo”* para não haver contradição.

Com efeito, nada pior do que a vanglória; foi ela, ela sobretudo que perdeu os judeus. Por isso Cristo lhes dizia: *“Como podereis crer, vós que recebeis glória uns dos outros mas não procurais a glória do Deus único?”* (Jo 5,44). A vanglória acarreta ruína e muita irrisão; envolve em inúmeros males, anteriores àquele futuro castigo. E, se te apraz conhecer, examinemos a questão de que se trata, provisoriamente pondo de lado os céus de onde a vanglória nos expulsa e a geena na qual nos projeta. O que há de mais dispendioso do que ela? O que mais vergonhoso e dificultoso? Evidencia-se quanto é doença dispendiosa por meio daqueles que, nos anfiteatros, nas corridas de cavalos e coisas semelhantes, gastam seus bens em larguezas vãs e inoportunas; por aqueles que constroem palácios esplêndidos e luxuosos, com mobiliário amplo e inútil, que não me animo a descrever. A todos é bem notório que necessariamente um homem tão dissipador, luxuoso, e atacado de tal doença será rapace e avaro. Para poder alimentar as feras, lança mão das posses alheias. E por que digo: posses? Não é somente o dinheiro, mas também as almas que este fogo consome e ocasiona não só a morte presente, mas ainda a futura. A vanglória é mãe da geena, e fomenta intensamente o fogo e o verme venenoso. Haverá coisa pior do que vê-la com domínio até sobre os mortos? Com efeito, as outras afecções desaparecem com a morte; esta, porém, tem força até depois da morte e tende a desvendar sua natureza no cadáver. Existem moribundos que cuidam de erigir para si esplêndidos sepulcros, que consomem todos os seus recursos, e se empenham em ter sepultura pomposa, e entretanto durante a vida ultrajam os pobres que acedem pedindo um óbolo e um pão; ao morrerem põem lauta mesa para os vermes. Que prova ainda procuras da ilimitada tirania desta doença? Deste mal originam-se amores desordenados. Muitos, de fato, caíram na fornicção, não pela beleza do rosto, nem pela cupidez da cópula, e sim porque querem se gabar e dizer: Enganei a esta e àquela.

Acaso há necessidade de enumerar os males que daí pululam? Prefiro mil vezes ter sido escravo de bárbaros do que alguma vez da vanglória. Os bárbaros nada ordenam aos escravos de semelhante ao que preceitua a vanglória a seus súditos. Sê escravo de todos, diz ela, apesar de mais ilustres, apesar de mais vis do que tu; despreza a alma, negligencia a virtude, zomba da liberdade, imola tua salvação. Se praticas algum bem, não o faças para agradar a Deus, mas a fim de te ostentar diante de muitos e perderes a respectiva coroa. Se fizeres uma esmola, se jejuares, suporta o esforço, mas cuida de perder o lucro. O que há de mais cruel do que estas ordens? Daí têm início a inveja, a arrogância, a avareza, mãe de todos os males. Na verdade, a turba de servos, os bárbaros portadores de ouro, os parasitas, os adúladores, os carros prateados, e outras coisas mais ridículas ainda não servem ao prazer, à utilidade,

mas somente à vanglória. Está bem, respondes; todos estão cientes de que esta doença é um mal; faz-se mister então explicar como dela escapar. O melhor meio de fugir consiste em te persuadires perfeitamente de que se trata de doença grave, e terás um ótimo começo de arrependimento. De fato, o doente logo procura o médico, sobretudo se entender que está doente. Se buscas diverso caminho de evasão, fixa o olhar assiduamente em Deus, e a glória dele te baste. Se vires esta doença te aliciar e estimular a narrares aos teus companheiros de serviço tuas boas ações, pensa ainda que nenhum lucro alcançarás se falares, extingue a importuna cupidez e dize a tua alma: Eis que há tanto tempo concebes o cuidado de divulgares tuas boas obras, não conseguiste guardá-las em silêncio, mas as divulgaste. Que vantagem alcançaste? Certamente nenhuma, e sim máximo prejuízo, a perda dos bens que com tanto esforço acumulaste. Em seguida também reflete que a sentença e o juízo de muitos estão corruptos, e não somente corruptos, mas logo haverão de fenecer. Apesar de todos por um momento se admirarem e louvarem, passado algum tempo, se esquecem e arrebatam-te a coroa a ti reservada por Deus, e não podem conservar-te a que eles prepararam. Mesmo que se mantivesse, grande infelicidade haveria na troca. Sendo recompensa transitória, que defesa teremos nós se entregarmos bens permanentes para recebermos o que é fluxo? Se perdermos tantos bens em troca do louvor de uns poucos? Mesmo se fossem muitos os admiradores, certamente deviam ser considerados infelizes, e tanto mais quantos forem os que louvarem. Se te admiras desta afirmação, escuta a sentença de Cristo: “Ai de vós, quando todos vos bendisserem” (Lc 6,26). E com razão. Se importa procurar juízes para os artífices de cada uma das artes, como entregarias ao vulgo a comprovação da virtude, e não a quem entre todos é o mais perito no assunto e que te pode aplaudir e dar a coroa? Inscrevamos esta palavra nas paredes, nas portas, na mente e frequentemente as repitamos a nós próprios: “Ai de vós, quando todos vos bendisserem”. Pois, aqueles que bendizem, por fim te acusam de ambicioso, de vanglória, e amigo dos louvores humanos. Ora, Deus não procede assim, mas se constata que aprecias glorificá-lo, então é que haverá de te louvar, admirar, proclamar. Entre os homens a coisa é diferente. Um homem livre te recebe como escravo, e muitas vezes por meio de uma só palavra de acolhimento acompanhada de louvor falso, rouba-te a verdadeira recompensa, e mais te submete do que um escravo adquirido por dinheiro. Os senhores têm escravos que obedecem às suas ordens; tu, porém, prestas serviço até mesmo sem ter sido preceituado. Nem esperas a ordem. Se apenas souberes que poderás gratificá-los, fazes tudo antes de qualquer mandamento. Que geena, portanto, mereceremos nós que deleitamos os ímprobos, e os servimos antes que nos deem ordens; a Deus, porém, que diariamente ordena e exorta, nem assim ouvimos? Aliás, se gostas da glória e dos louvores, foge dos elogios humanos e então conseguirás a glória; afasta-te da estima e então gozarás de apreço tanto da parte de Deus quanto dos homens. Não costumamos glorificar a não ser aquele que despreza a glória; nem exaltar e admirar senão ao que menospreza ser apreciado e enaltecido. Se nós assim agimos, Deus fará muito mais. Quando ele te glorificar e louvar, quem será mais feliz do que tu? Com efeito, a distância entre a glória e a ignomínia é tanta quanto diferem entre si a glória do alto e a humana; ou melhor, muito mais e infinitamente. De fato, se ela é torpe e medonha mesmo sem comparação, pondera como parecerá horrorosa se conferida com outra. Como a meretriz no prostíbulo se entrega, assim também os escravos da vanglória; ou antes, são mais torpes. Elas, de fato, muitas vezes desprezam alguns amantes, tu, contudo, aderês a todos, fugitivos, ladrões, gatunos. A turba destes homens e de outros seus iguais formam uma plateia a louvar; se estão isolados, não dás importância alguma, mas a eles reunidos sacrificas a tua salvação, e te fazes inferior a todos eles.

Como, de fato, não seria vil quem precisa desta estima e julga não se bastar a si próprio, sem ser exaltado por outros? Ademais, não pensas, pergunto, que tu, insigne e conhecido de todos, se falhares terás inúmeros acusadores; se, porém, és incógnito, ao menos parcialmente estás seguro? Sim,

respondes, mas se procedo bem, tenho inúmeros admiradores. É péssimo que a moléstia da vanglória te prejudique não somente ao pecares, mas também ao procederes bem; naquele caso ela suplanta com inúmeros ultrajes, neste perdes completamente a recompensa. É, na verdade, grave e ignominioso amar a glória, até mesmo na vida civil. Se do lado espiritual sofreres de idêntico mal, que desculpa te restará, visto que não queres prestar a Deus honra igual à que recebes de teus domésticos? Pois o servo procura os olhos do senhor, o mercenário o dono que vai pagar o salário pela obra, e o discípulo considera o mestre; tu, porém, fazes o contrário de todos: Abandonas a Deus, ao Senhor que te recompensa e ficas olhando os companheiros de serviço, ciente, contudo, de que Deus se lembrará ainda no futuro de tuas boas obras, enquanto o homem se recorda apenas do presente. E tendo no céu uma plateia, congregas espectadores terrenos. Um atleta, na verdade, quer ser aclamado no lugar onde luta; tu, porém, que combates nas alturas queres ser coroado aqui embaixo. O que há de pior que esta demência? Consideremos, contudo, se te apraz, as espécies de coroas: uma consta de arrogância, outra de inveja do próximo, outra de ironia e adulação, outra de dinheiro, outra de ânimo servil. À semelhança de crianças que brincam, impondo-se mutuamente coroas de feno e muitas vezes zombam pelas costas daquele que imperceptivelmente foi coroado, assim também agora os que te louvam, impondo-te feno, entre si não raro ridicularizam o que foi coroado. E oxalá impusessem apenas feno. É coroa repleta de detrimento, e arruína todas as nossas boas obras. Considera, portanto, esta vileza, e escapa da ruína. Quantos admiradores queres ter? Cem, ou mais duas vezes, três vezes ou quatro? Ou antes, se preferes, dez vezes, ou vinte, ou ainda dois ou quatro mil; ou, se te apraz, dez mil te aplaudam. Ora, eles em nada diferem de gralhas a gritarem. Ou melhor, se comparares ao coro dos anjos, são mais vis do que vermes e a estima que concebem mais fraca do que as teias de aranha, a fumaça ou os sonhos. Dá ouvidos, por conseguinte, a Paulo, que examinara cuidadosamente estas coisas; não somente ele não as busca, mas até repele, dizendo: “Quanto a mim, não aconteça gloriarme senão na cruz de Cristo” (Gl 6,14). Tu também imita esta forma de exaltação, a fim de não irritares o Senhor. Com efeito, se agires de outro modo infligirás injúria a Deus e não somente a ti. Se fosses um pintor e tivesses determinado discípulo que desprezasse mostrar-te os produtos da arte e exibisse um quadro a observadores estranhos, acaso o suportarias pacientemente? Se entre companheiros de serviço seria um ultraje, muito mais relativamente ao Senhor. Se quiseses desprezar por outro meio, eleva-te mentalmente, considera ridículas as coisas visíveis, aumenta o amor à verdadeira glória, enche-te de senso espiritual, dize a tua alma à semelhança de Paulo: “Não sabeis que julgaremos os anjos?” (1Cor 6,3). E, após assim elevá-la acima da terra, exorta: Tu que haverás de julgar os anjos, queres ser julgada por imundos e ser louvada em companhia de dançarinos, palhaços, gladiadores, cocheiros? Eles são os que buscam tais louvores. Tu, porém, arranja asas mais sublimes que estes clamores, imita João, habitante do deserto. Aprende quanto desprezava a multidão, e que não dava atenção aos adutores, mas, diante dos habitantes da Palestina que o cercavam, admirados e respeitosos, não se orgulhava de tal honra, até se insurgia contra eles, e qual a um jovem adolescente assim repreendia o povo: “Serpentes, raça de víboras” (Mt 3,7). Apesar disto, a ele acorriam, e abandonavam as cidades, a fim de contemplar o rosto do santo. No entanto, nada disso o abalava; longe se achava da vanglória e livre de qualquer orgulho. Assim também Estêvão, vendo o mesmo povo, não a prestar-lhe honras, mas furioso e rangendo os dentes, irado de maneira mais sublime dizia: “Homens de dura cerviz, incircuncisos de coração” (At 7,51). Assim também Elias na presença do exército, do rei e de todo o povo, dizia: “Até quando claudicareis das duas pernas?” Entretanto, nós todos adulamos, obsequiamos, prestamos ofícios com ânimo servil, e deste modo adquirimos honrarias. Por isso, tudo revolucionamos, perdemos a graça, traímos os interesses do cristianismo e os negligenciamos em vista de alcançarmos popularidade. Eliminemos, portanto, este vício, e então

verdadeiramente conheceremos a liberdade, a calma e a tranquilidade. Com efeito, o homem ávido de glória, sempre trêmulo, receoso, escravo de inúmeros senhores, assemelha-se a homens sacudidos por uma tempestade. Quem, contudo, escapa desta tirania imita os que já se acham no porto, e gozam de verdadeira liberdade. Aquele, de fato, ao invés, está sujeito a tantos senhores quantos são os seus conhecidos, e é obrigado a servir a todos. De que modo, portanto, nos livraremos desta pesada escravidão? Amando outra espécie de glória, a autêntica. Como os amantes dos corpos, renunciam à visão de um rosto mais formoso, assim também os desejosos desta glória celeste poderão renunciar àquela. Olhemos para a celeste, conheçamo-la bem, de sorte que, admirando sua beleza, haveremos de fugir da torpeza, de ter grande prazer e deleite perpétuo. Oxalá nos suceda a todos consegui-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA OITAVA HOMILIA

São sem desculpa

10,14. *Mas como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador?*

15. *E como podem pregar se não forem enviados? Conforme está escrito:*

De novo exclui desculpa. Dissera: “*Eu lhes rendo testemunho de que têm zelo de Deus, mas não é um zelo esclarecido*”, e: “*Desconhecendo a justiça de Deus, não se sujeitaram*”, e em seguida declara que devem ser castigados por Deus devido a tal ignorância. Não se exprime, contudo, desta forma, mas o insinua por meio de uma interrogação, e elabora o trecho, tornando o argumento mais claro por meio de uma objeção e respectiva solução. Pondera o seguinte: Outrora, afirma, disse o profeta: “*Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo*”. Mas talvez diga alguém: Como poderão invocar aquele em quem não acreditaram? Em consequência a interrogação segue a objeção: E por que não acreditaram? De novo uma objeção: Pode alguém dizer: Como poderão acreditar, se não ouviram? Ora, eles ouviram, responde. Em seguida outra: Como poderiam ouvir sem pregador? Imediatamente a solução: Ora, muitos pregaram e para isso foram enviados. E de onde se evidencia que eles foram os enviados? Então, por fim, introduz o profeta a dizer: “*Quão graciosos são os pés dos mensageiros, dos que anunciam a paz, dos que proclamam boas-novas*” (Is 52,7). Vês que pelo estilo da pregação revela quais os mensageiros? Eles, de fato, perambulando, nada anunciavam a não ser aqueles bens inefáveis e a paz estabelecida entre Deus e os homens. Por conseguinte, quando não acreditais, assegura, não deixais de crer em nós, mas em Isaías, que há muitos anos predisse que seríamos enviados, pregaríamos e enunciaríamos o que dissemos. Se, portanto, a salvação vem da invocação, a invocação da fé, a fé do ouvido, o ouvido da pregação, a pregação da missão, eles verdadeiramente foram enviados, pregaram e com eles o profeta circulava apontando-os e dizendo: São estes que eu prenunciava há muito, cujos pés elogiava devido ao estilo da pregação. É evidente, portanto, que os judeus não acreditaram por culpa própria, porque da parte de Deus tudo foi cumprido.

16. *Mas nem todos obedeceram ao evangelho. Diz, com efeito, Isaías: Senhor, quem acreditou no que ouvimos?*

17. *Pois a fé vem do ouvido e o ouvido pela palavra de Deus.*

Visto que eles retornavam a outra objeção, dizendo: Ora, se eles eram enviados, e enviados por Deus, todos deviam obedecer. Observa a prudência de Paulo! Manifesta que aquilo mesmo que causava tumulto aparta o tumulto e a agitação. Por que te escandalizas, ó judeu, após tão grande e

qualificado testemunho e demonstração da realidade, de que nem todos obedecem ao evangelho? O fato mesmo no conjunto com outros pode dar crédito ao dito de que nem todos obedecem, e isto já outrora predissera o profeta. E pondera a inefável sabedoria, como revela mais do que a expectativa deles ou do que esperavam refutar. O que dizeis, pergunta? Que nem todos obedecem ao evangelho? Mas já outrora o predissera Isaías; ou melhor, não apenas isto, mas bem mais. Criticais, porque nem todos obedecem; Isaías, contudo, assegura mais do que isto. O que diz? *“Senhor, quem acreditou no que ouvimos?”* Em seguida, porque havia eliminado o tumulto apelando ao profeta, novamente prossegue a série anterior. Com efeito, após ter dito que se devia invocar, os que invocassem deviam acreditar, e os fiéis deviam ouvir, e os ouvintes necessitariam de pregadores, pregadores que fossem enviados, e declarasse que eles foram enviados e pregaram, introduz nova objeção, por ocasião de outro testemunho do profeta que pouco antes resolvera a objeção, de sorte a ligá-la e uni-la ao precedente. Tendo introduzido o profeta a dizer: *“Senhor, quem acreditou no que ouvimos?”*, oportunamente aceita o testemunho e diz: *“Pois a fé vem do ouvido”*. Não o afirmou simplesmente, mas como os judeus em cada época procuravam sinais, queriam ver a ressurreição, e muitos tinham ardente desejo disto, assegura: Ora, o profeta prenunciou que deveríamos acreditar pela audição. Por isso ele argumenta dizendo: *“Pois a fé vem do ouvido”*. Após, uma vez que isto parecia humilde, vê como o enaltece. Eu não disse simplesmente que se devia ouvir, replica, nem que importava ouvir palavras humanas e nelas acreditar, mas refiro-me a importante audição, a ouvir a palavra de Deus. Eles não ouviam palavras dos profetas, e sim escutavam as palavras que Deus lhes transmitira, o que era mais sublime do que os próprios milagres. Faz-se mister crer em Deus, que fala e opera milagres, e igualmente obedecer-lhe. De fato, as obras e os milagres provinham das palavras de Deus. Na verdade, o céu e o restante todo assim foram criados.

Tendo exposto que importa acreditar nos profetas que sempre falam palavras de Deus, e nada se deve buscar além de ouvi-la, introduz finalmente a objeção de que falei:

18. Ora, eu digo: Será que eles não ouviram?

Como será? – replica. Foram enviados os pregadores, e pregavam o que lhes fora ordenado, mas eles não ouviram? Em seguida, com hipérbole, soluciona a objeção:

Entretanto, pela terra inteira correu sua voz; até os confins do mundo as suas palavras (Sl 18,5).

O que dizes? Não ouviram? O orbe e os confins da terra ouviram; e vós também que convivestes tanto tempo com os pregadores e eram dos vossos, não ouvistes? E é razoável sustentá-lo? Se os confins da terra ouviram, muito mais vós. Após, segue-se outra objeção:

19. Mas eu pergunto: Israel não teria entendido?

Por que motivo, então, ouviram, na verdade, mas não entenderam a mensagem, nem reconheceram que eles haviam sido enviados? Acaso por esta ignorância são dignos de desculpa? Absolutamente, não. Com efeito, Isaías os caracterizou, dizendo: *“Quão gratos são os pés dos mensageiros, dos que anunciam a paz”*. E antes dele o próprio legislador. Por este motivo acrescentou:

Moisés já dizia: eu vos enciumarei com um povo que não é povo; contra um povo sem inteligência, excitarei vossa ira (Dt 32,21).

Por conseguinte, seriam reconhecidos os pregadores não apenas por causa dos que não acreditaram, nem porque eles anunciaram a paz, nem por que anunciaram boas notícias, nem porque a palavra foi difundida por toda a terra, mas porque viam os que eram inferiores a si, a saber os que vieram da gentildade, gozarem de maior estima. Coisas que nunca, nem eles, nem os seus maiores haviam ouvido, de repente eles próprios deduziam. Incitava-os e levava à inveja pelo fato de usufruírem os gentios de maior honra, e relembra-lhes a profecia de Moisés: *“Eu os enciumarei com um povo que*

não é povo”. Não apenas a grandeza da honra era capaz de provocar-lhes a emulação, mas ainda porque o povo que usufruía destas coisas era de tal modo abjeto que nem era considerado povo. “*Eu vos enciumarei com um povo que não é povo; contra um povo sem inteligência, excitarei vossa ira*”. O que havia de mais estulto e vil do que os gregos? Vê como em tudo Deus lhes fornecera indícios e sinais claros daqueles tempos, de sorte a iluminar aqueles cegos. Não o realizou num recanto pequeno, mas na terra, no mar, em toda parte da terra. E viram os gentios que anteriormente eram objeto de desprezo, gozarem de inúmeros bens. Considere-se, portanto, que aquele era o povo do qual dissera Moisés: “*Eu vos enciumarei com um povo que não é povo; contra um povo sem inteligência, excitarei vossa ira*”. Foi somente Moisés que o disse? De forma alguma; mas posteriormente também Isaías. Por isso disse Paulo: “*Moisés já dizia*”, mostrando que viria um segundo que o enunciaria mais clara e expressamente. Conforme disse acima: “*Clama, com efeito, Isaías*”, assim nesta passagem:

20. E Isaías ousa até dizer:

Afirma o seguinte: Esforça-se, cansa-se, por não querer nada proferir de obscuro, mas expõe a realidade a descoberto diante de vossos olhos; ou antes, preferiu periclitar, falando claramente, a cuidar de sua incolumidade, deixando-vos uma sombra que ocultasse vossa ingratidão, embora não seja próprio da profecia enunciar as coisas tão claramente. Entretanto, para melhor vos fechar a boca, prediz todas as coisas de forma clara e lúcida. Quais são elas? A vossa queda, e a introdução deles, assim se exprimindo:

Fui encontrado por aqueles que não me procuram; tornei-me visível aos que não perguntam por mim (Is 65,1).

Quais são estes que não procuram, não perguntam? É evidente que não são os judeus, mas os gentios, que jamais haviam conhecido a Deus. Por isso Moisés os caracteriza: “*Que não é povo*”, e: “*Um povo sem inteligência*”. Desta forma, aqui os faz notórios pelo mesmo argumento, a saber, por sua profunda ignorância. Com efeito, a maior crítica dos judeus era que os que não procuravam encontraram e os que procuravam pereceram.

21. E a Israel diz: Todo o dia estendi as mãos a um povo desobediente e rebelde.

Viste como o que era duvidoso e questionado por muitos já fora dito outrora, e percebe-se claramente resolvido pelas palavras do profeta? De que se trata? Escuta Paulo a dizer anteriormente:

“Que diremos então? Que os gentios, sem procurar a justiça, alcançaram a justiça, isto é, a justiça da fé, ao passo que Israel, *procurando uma lei de justiça, não conseguiu esta Lei*” (Rm 9, 30-31).

É isto que Isaías ainda diz aqui. A frase: “*Fui encontrado por aqueles que não me procuram; tornei-me visível aos que não perguntam por mim*”, é o mesmo que dizer: “*Que os gentios, sem procurar a justiça, alcançaram a justiça*”. Depois manifesta que o que acontecera não provinha somente da graça de Deus, mas também da vontade dos que acediam, de sorte que também a queda era devida à oposição dos desobedientes. Escuta o que acrescenta: “*E a Israel diz: Todo o dia estendi as mãos a um povo desobediente e rebelde*”. Denomina dia aqui todo o tempo decorrido; estender as mãos, porém, significa chamar, atrair e exortar. Em seguida, explanando que a culpa é inteiramente deles, disse: “*A um povo desobediente e rebelde*”.

Viste como é grave a acusação? Eles nem quando chamados obedeceram, mas contradisseram, não uma, duas, três vezes, e sim em todo tempo em que o viram operando estas coisas; os outros, porém, que nunca o haviam conhecido, puderam atraí-lo. Mas, Paulo não diz que eles puderam atrair a Deus, e para reprimir o orgulho dos que vieram dentre os gentios, e mostrar que a graça operara tudo, disse: “*Tornei-me visível*”, e: “*Fui encontrado*”. Por conseguinte, replicas, eles ficaram inteiramente desprovidos? De forma alguma; pois receberam e conheceram o que foi encontrado. Foi a sua

contribuição. Em seguida, para que estes não dissessem: Por que, então, não vos tornastes visível para nós? – declara o que é mais importante: Não somente me tornei visível, mas também continuei a estender as mãos e exortar, demonstrando amor paterno e carinhosa solicitude materna. Vê como apresenta clara solução de todas as dificuldades anteriores, destacando que a ruína adveio por vontade deles, e que eles eram inteiramente indignos de perdão. De fato, tendo ouvido e entendido o que fora dito, nem assim quiseram aderir. E o que é mais relevante, não somente cuidou de que ouvissem e entendessem, mas também acrescentou o que mais atrairia os contenciosos e contraditores. O que era? O que os estimularia e provocaria emulação. Conheceis, de fato, a tirania desta paixão, e quanta força tem naturalmente a emulação para resolver toda contenda e reerguer os caídos. E por que falar a respeito dos homens quando até nos animais e nas criancinhas tenras revela muita força? Com efeito, um menino muitas vezes não cede às exortações do pai, mas continua teimoso; se, porém, o vê dando atenção a outro menino, então, sem ser chamado, salta ao colo paterno. Efetua a emulação o que o chamado, não consegue. Assim também agiu Deus. Não somente chamou, e estendeu a mão, mas também despertou nos judeus a emulação, adotando o povo muito inferior (o que de maneira especial desperta a emulação), não para o bem daqueles, mas o que era mais importante e mais aguçava o mal tirânico, em vista do que era muito maior e mais necessário, e que eles nem por sonho haviam imaginado. Mas nem assim cederam. Que perdão mereceram aqueles que demonstraram tão ingente emulação? Nenhuma. De fato, ele não se exprime desta maneira, mas deixa que a consciência dos ouvintes o deduzam das asserções; e o faz com a costumeira sabedoria. E antes já o fizera, ao apresentar a objeção acerca da Lei e acerca do povo, que abrangia uma acusação maior, e em seguida, na solução, que refuta a objeção, concede tanto quanto queria e a questão comportava, a fim de que o sermão não se tornasse oneroso.

É isto mesmo que faz nesta passagem, escrevendo:

O resto de Israel

11,1. *Pergunto, então: Não teria Deus, porventura, repudiado seu povo, que antes conhecera? De modo algum!*

Apresenta o Apóstolo um personagem em dúvida, começando de certo modo por aquilo que foi dito, e após enunciar o que seria terrível, por uma negação torna aceitável o que se segue. Aqui elabora também o que se esforçou por determinar através do que foi dito acima. O que é? Que, apesar de serem poucos os que se salvam, no entanto a promessa permanece. Por isso não disse simplesmente: O povo, mas acrescentou: “*Que antes conhecera*”.

Prosseguindo, insere a demonstração de que o povo não foi rejeitado.

Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim.

Eu, diz ele, o mestre, o pregador. Como, portanto, isto parecia oposto ao dito anteriormente, a saber: “*Quem acreditou em nossa pregação?*”, e: “*Todo o dia estendi as mãos a um povo desobediente e rebelde*”, e: “*Eu vos enciumarei com um povo que não é povo*”, não contente com negar, nem dizer: “*De modo algum!*”, reassumindo, comprova nesses termos:

2. Não repudiou Deus o seu povo

Mas isto não é prova, replicas, é negação. Vê, portanto, a primeira prova e a seguinte. A primeira consistia em provar que ele próprio pertencia a este povo; se Deus o houvesse de repelir, não o teria escolhido desta raça a ele, ao qual iria confiar a pregação inteira, o universo, todos os mistérios e o plano completo da salvação. Esta, pois, é uma prova; a segunda vem em seguida: o seu povo que de antemão conhecera.

Isto é, conheceste bem os que acolheriam a fé. E três mil, cinco mil e milhares deles haviam acreditado.

No intuito de evitar que alguém perguntasse: Então tu és o povo? E dizes que o povo foi chamado porque tu foste chamado? – acrescentou: *“Não repudiou Deus o seu povo que de antemão conhecera. É como se dissesse: Comigo tenho três mil, cinco mil, dez mil. E então? Acaso consta de três mil, cinco mil, dez mil aquela descendência que se igualava em número às estrelas do céu e à areia do mar? É assim que nos enganas e nos armas ciladas afirmando seres todo o povo, tu mesmo e uns poucos contigo, e nos encheste de orgulho com esperanças vãs, assegurando que a promessa foi cumprida, enquanto quase todos pereceram e a salvação atingiu a poucos? Seria jactância e orgulho e não podemos suportar tais sofismas. A fim de evitar que eles o dissessem, anota a solução que Paulo apresenta na continuação, não através de uma objeção, mas, ao invés, extraíndo-a da história do Antigo Testamento. Qual, pois, a solução?*

Ou não sabeis o que diz a Escritura a propósito de Elias, como ele interpela a Deus contra Israel?

3. Senhor, eles mataram teus profetas, arrasaram teus altares; só fiquei eu e querem tirar-me a vida.

4. Mas o que lhe responde o oráculo divino? Reservei para mim sete mil homens que não dobraram o joelho a Baal.

5. Assim também no tempo atual constituiu-se um resto segundo a eleição da graça.

Afirma o seguinte: Deus não repudiou seu povo. Se tivesse repudiado, a ninguém acolheria e uma vez que alguns foram recebidos, não repudiou. Ora, replicas, se não tivesse repudiado, a todos teria recebido. De forma alguma. Pois, no tempo de Elias, a salvação abrangeu sete mil. Agora é verossímil que muitos são os que acreditam. Não é de espantar que o ignoreis, porque também não o sabia aquele profeta, tão grandioso e insigne, mas Deus realizou seu plano, mesmo sem que o profeta o conhecesse. Pondera a prudência do Apóstolo. Enquanto desenvolve seu intento, acentua implicitamente a acusação aos judeus. Por isso relembra todo aquele testemunho, a fim de tornar pública a ingratidão deles, e mostrar que já outrora eram tais. Se não o quisesse, mas se aplicasse apenas a mostrar que o povo se reduzira a poucos, diria que mesmo no tempo de Elias foram poupados sete mil; agora, porém, do princípio haure todo o testemunho. Sempre se esforça por obter que eles reconheçam que nada haviam feito de novo contra Cristo e os apóstolos, mas era assim que costumavam agir e planejar. A fim de que eles não dissessem: Matamos o Cristo, um sedutor, e perseguimos os pérfidos apóstolos, enuncia o seguinte testemunho: *“Senhor, eles mataram teus profetas, arrasaram teus altares”*. Depois, para que a palavra não se tornasse molesta, aduz outra causa, de acordo com o testemunho. Não a apresenta por querer acusá-los, mas de certo modo tenta oferecer outras provas, e privá-los de perdão, ao menos por causa dos acontecimentos precedentes. Observa, pois, quão forte é a acusação, ainda mais devido à pessoa que a faz. Com efeito, quem acusa não é Paulo, nem Pedro, nem Tiago, nem João, mas aquele que eles admiram no mais alto grau, o principal dos profetas, o amigo de Deus, tão zeloso por eles que de bom grado passava fome; e que até hoje não morreu. O que diz ele, portanto?

“Senhor, eles mataram teus profetas, arrasaram teus altares; só fiquei eu e querem tirar-me a vida.” Que ferocidade é mais cruel do que esta? Com efeito, quando deviam suplicar o perdão dos crimes perpetrados, queriam ainda matá-lo, e com isso ficava excluída toda possibilidade de perdão. Pois a fome já não dominava, mas retornara a fertilidade, desaparecera a ignomínia, vergonhosamente os demônios tinham sido vencidos, o poder de Deus se demonstrara e havia sucumbido o próprio rei; no entanto eles ousaram tanto, precipitando-se de morticínios em morticínios, e assassinando os mestres empenhados em corrigi-los. Como poderiam se desculpar? Acaso se tratava de sedutores? Que

não sabiam de onde eles haviam vindo? Que vos maltrataram? Ora, deram preceitos salutares. Por que também atacastes os altares? Os altares vos lesaram? Talvez vos irritaram? Verifica quantos exemplos sempre deram de rixas e de insultos. Por isso em outro lugar declara Paulo, ao escrever aos tessalonicenses: “Da parte dos vossos conterrâneos tivestes de sofrer o mesmo que aquelas Igrejas sofreram da parte dos judeus. Eles mataram o Senhor Jesus e os profetas, e nos têm perseguido a nós. Desagradam a Deus e são inimigos de toda gente” (1Ts 2,14-15). É isto que também aqui ele diz: Que destruíram os altares e mataram os profetas. *“Mas o que lhe responde o oráculo divino? Reservei para mim sete mil homens que não dobraram o joelho a Baal”* (Rs 19,18). Ora, respondes, o que importa este fato às realidades presentes? Na verdade, está muito de acordo com os acontecimentos de hoje. Com isto atesta que Deus sempre, apesar de ser a promessa referente a todo o povo, costuma dar a salvação apenas aos que são dignos. Já o mostrara mais acima ao dizer: *“Mesmo que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o resto é que será salvo”*, e: *“Se o Senhor Sabaoth não nos tivesse preservado um germe, teríamos ficado como Sodoma”* (Rm 9,27.29). Por estas palavras também o mostra, e acrescenta: *“Assim também no tempo atual constituiu-se um resto segundo a eleição da graça”*.

Vê como cada termo conserva o próprio sentido e manifesta a graça de Deus e a nobreza de sentimentos dos que são salvos. Ao dizer: *“Eleição”*, denota a bondade deles, e, ao acrescentar: *“A graça”*, o dom de Deus.

6. E se é por graça, não é pelas obras; do contrário, a graça não é mais graça.

Se é *“pelas obras”*, já não é *“graça”*, porque a obra já não seria obra. Mais uma vez por estas palavras vai ao encontro da contenda dos judeus, e se lhes opõe, declarando-os excluídos de qualquer desculpa. Pois não podeis dizer: Na verdade, os profetas nos chamaram, e Deus exortou, a própria realidade clamava, e a própria emulação era suficiente para nos arrastar. De fato, eram ordens onerosas, e por isso não pudemos cumpri-las; eram requeridos os trabalhos e os feitos, que eram laboriosos. Não se pode replicar desta forma. Como Deus exigiria de nós coisas tais que obscurecessem a ação de sua graça? O Apóstolo o afirmou para revelar que Deus desejava sumamente a salvação deles. Eles próprios por si não teriam chegado facilmente à salvação, mas também constituiria grande glória a Deus manifestar seu amor aos homens. Por que, então, receaste aproximar-te, se ele não exigia obras? Por que disputas e lutas diante da graça oferecida, e opções em vão e inutilmente a Lei? Não conseguirias assim a salvação, e arruinarias o dom. Se te obstinas em salvar-te por meio dela, rejeitas a graça de Deus. Em seguida, para não julgares ser isto estranho, o Apóstolo menciona os sete mil homens assegurando que obtiveram a salvação através da graça. Ao afirmar que mesmo naquele tempo constituiu-se *“um resto segundo a eleição da graça”*, assegura que eles também foram salvos pela graça; e não só comprova desta maneira, mas ainda por dizer: *“Reservei para mim”*. Com isto, Deus declara que contribuiu com a maior parte. Se é pela graça, retrucas, por que nem todos nós recebemos a salvação? Porque não quereis; a graça, na verdade, embora seja graça, salva os voluntários, não os que não querem e continuamente a combatem e repelem. Visto como ele sempre comprova: *“E não é que a palavra de Deus tenha falhado”* (Rm 9,6), mostrando que a promessa foi cumprida para os que eram dignos; e estes, apesar de poucos, puderam constituir o povo de Deus. Embora no início da Epístola o enunciara com maior vigor, dizendo: *“E o que acontece se alguns deles negaram a fé?”*, e não se interrompe neste ponto, mas acrescenta: *“Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso”* (Rm 3,3-4). E novamente aqui o prova por outro argumento, e assinala a força da graça; e afirma que sempre uns se salvam e outros perecem. Demos graças, portanto, a Deus por sermos do número dos que se salvam, e se não podemos alcançar a salvação por

meio das obras, somos salvos por meio do dom de Deus. E demos graças não apenas por palavras, mas por obras e ações. A ação de graças é sincera se praticamos atos que glorificam a Deus; com ela fugimos do mal de que fomos libertados. De fato, se, depois de ofender o rei, recebermos honras em vez do merecido suplício, e mais uma vez o ultrajarmos, sofreremos as extremas penas por causa da suma ingratidão, e muito maiores do que as primeiras. Na verdade, a primeira injúria não manifestou sermos tão ingratos quanto a que infligimos depois da honra e da reintegração da graça. Fugamos, portanto, daquilo de que fomos libertados, e não demos graças apenas com os lábios, a fim de não ser dito a nosso respeito: “Este povo me glorifica com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Is 29,13). Não é um absurdo que os céus narrem a glória de Deus, e tu, para quem foram criados os céus que louvam, cometes tais crimes, de sorte que se blasfeme a Deus, teu criador? Por este motivo, não apenas o blasfemador, mas tu também és réu de suplício. Os céus, com efeito, não glorificam a Deus com a voz, mas seu aspecto induz os homens a glorificá-lo, e, no entanto, diz-se que eles narram a glória de Deus. Desta forma, igualmente os que levam uma vida admirável, até mesmo calados, glorificam a Deus, porquanto outros homens por causa deles dão glória a Deus. E não é tão grande a glorificação prestada pelos céus quanto a proveniente de uma vida pura. Ao nos dirigirmos aos gentios, não aludimos aos céus, mas àqueles homens, anteriormente em piores condições do que os animais, e que, no entanto, Deus levou a rivalizarem com os anjos. Com a alusão a tal mudança lhes tapamos a boca.

Efetivamente, o homem é superior ao céu, porque é possível que tenha uma alma de mais irradiante beleza que o próprio céu. O céu teve pouca força de persuasão, apesar de contemplado pelos homens durante tanto tempo, enquanto Paulo com a pregação de breve duração ganhou o universo. Sua alma, de fato, capaz de atrair a todos, não se achava em inferioridade relativamente ao céu. Não há comparação entre a nossa alma e a própria terra; a dele é comparável ao céu. O céu, de fato, conserva sempre seus próprios limites e leis; a sublimidade da alma de Paulo, contudo, transcende todos os céus, pela convivência com o próprio Cristo. Tão grande era sua beleza que o próprio Deus a proclamava. Os anjos se admiraram ao serem criados os astros; ao Apóstolo o próprio Cristo admirou, dizendo: “É para mim um vaso escolhido” (At 9,15). Muitas vezes as nuvens ocultam o céu; à alma de Paulo jamais encobriu tentação alguma, mas nas tempestades era mais brilhante do que o sol do meio-dia, e por isso reluzia, através das nuvens. O sol que nele resplandecia não emitia raios que o concurso das tentações pudesse obscurecer, mas especialmente então é que brilhavam. Por isso foi-lhe dito: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (2Cor 12,9). Imitemo-lo, e se quisermos, o céu comparado conosco nada será; nem o sol, nem o mundo inteiro, pois todos foram criados para nós e não nós para eles. Mostremo-nos dignos de que fossem criados em nosso favor. Pois, se nos mostrarmos indignos da criação, seremos merecedores do reino? E se não merecem ver a luz do sol todos os que vivem blasfemando contra Deus, os blasfemadores são indignos também de gozar das criaturas que o louvam. De igual modo, o filho que injuria o pai é indigno de usufruir do serviço dos genuínos servos. Por isso as criaturas gozarão de imensa glória; nós, porém, estaremos sujeitos aos suplícios e às penas. Que infelicidade quando a criação, feita em nosso favor, for marcada pela liberdade da glória dos filhos de Deus, e nós, filhos de Deus, por cujo intermédio a criação vem a fruir daquela grande felicidade, por causa de nossa ingente levandade, formos mandados para a perdição e a geena! Se tivermos a alma pura, conservemo-la nesse estado, evitando que tal aconteça; ou melhor, intensifiquemos seu esplendor. Se, porém, a alma for sórdida, não percamos a esperança, porque disse a Escritura: “Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim tornar-se-ão brancos como a lã” (Is 1,18). Se é Deus quem promete, não duvides, mas procede de forma que possas alcançar

o objeto destas promessas. Perpetraste inúmeros e graves pecados? E o que importa? Ainda não caíste no inferno, onde ninguém louvará o Senhor; ainda não terminou tua apresentação no teatro, mas estás no estádio, e podes no último combate recuperar o que perdeste em todas as derrotas. Ainda não estás onde se achava aquele rico, para ouvires: “Entre vós e nós existe um grande abismo” (Lc 16,26). O esposo ainda não chegou, de sorte que alguém receie dar de seu óleo; ainda podes comprar e dispor dele. Já não há quem diga: “Poderia não bastar para nós e para vós” (Mt 25,9). Muitos são os vendedores: os nus, os famintos, os doentes, os encarcerados. Alimenta-os, veste-os, visita os que estão prostrados no leito, e o óleo jorrará mais do que de algumas fontes. Ainda não veio o tempo de prestar contas. Emprega bem o tempo. Corta uma parte das dívidas, e dize ao que deve cem barris de óleo: “Toma tua conta e escreve cinquenta” (Lc 16,6). Faze o mesmo relativamente ao dinheiro, às palavras e em tudo, à imitação daquele ecônomo. Exorta a ti e a teus parentes a assim procederem. Falar ainda está em teu poder; ainda não é preciso rogar a um outro para tal mister, mas é possível aconselhar-te a ti mesmo e aos outros. Quando partires deste mundo, nenhuma dessas duas ações poderás praticar como seria forçoso. E com razão. Tiveste tanto tempo para agir e não fizeste o que é útil para ti nem para um outro. Quando estiveres nas mãos do juiz, como poderás conseguir esta graça? Coligindo esses pensamentos, sejamos zelosos por nossa salvação, e não percamos as oportunidades da vida presente. Podemos, de fato, agradar a Deus até em nosso último suspiro, podemos mesmo fazer um bom testamento, se não tal qual no decurso da vida, ainda é possível. Como e de que forma? Se a Cristo inscreveres entre teus herdeiros e lhe deres parte na herança. Não o alimentaste durante a vida? Ao menos ao partires deste mundo, e já destituído destes bens, destina-lhe uma porção. Ele é bondoso, e não reclama estritas contas. Teria sido maior sinal de amor e causa de mais ampla recompensa alimentá-lo enquanto vivias. Mas, se não o fizeste, ao menos emprega esta forma, e permite que seja coerdeiro de teus filhos. Se hesitas em proceder assim, pensa que o Pai te fez coerdeiro de Cristo, e renuncia a esta conduta desumana. Que escusa terás se nem coerdeiro de teus filhos constituíres aquele que te fez partícipe dos bens celestes, e foi imolado por tua causa? Ora, em tudo o que ele fez, não solveu uma dívida, mas ofereceu a graça; tu, na verdade, depois de tantos benefícios te tornaste devedor. Sendo assim, entretanto, ele te coroa, como alguém que recebe uma graça, e não como quem reclama pagamento de uma dívida, e isto, estando para receber o que é seu.

Dá-lhe, portanto, as riquezas doravante inúteis para ti, porque não mais estarão em teu poder; e conceder-te-á o reino de que fruirás para sempre, e com o reino também te agraciará com estes teus bens. Se, pois, Cristo for coerdeiro com teus filhos, aliviará a orfandade deles e solucionará as dificuldades, repelirá as insídias, tapará a boca dos difamadores; e se os próprios filhos não puderem assumir a execução do testamento, ele mesmo assumirá e não deixará que seja infringido. Se ele assentir, cumprirá com maior diligência tudo o que estiver disposto, porque respeita o que uma vez foi escrito. Deixa-o, portanto, como herdeiro, porque deves ir para junto dele; ele julgará tudo o que aqui foi feito. Entretanto, alguns são tão miseráveis e infelizes que, não tendo filhos, não querem proceder assim, mas preferem distribuir seus bens a um ou outro dos parasitas e adutores, a entregá-los a Cristo, que lhes conferiu tantos benefícios. O que pode suceder de menos razoável? Se alguém os comparar aos asnos e às pedras, ainda não dirá algo de adequado a esta loucura e insensibilidade, nem esboçará conveniente imagem da demência e loucura deles. Que perdão conseguirão os que, durante a vida, não alimentaram a Cristo, e no momento de partirem para junto dele, não querem doar a mínima parte das riquezas que doravante não possuirão, serão tão inimigos e adversários que nem um pouco sequer daquelas inutilidades lhe cedem? Não vês quantos homens não mereceram ter o fim supramencionado, mas de repente foram arrebatados pela morte? A ti Deus permitiu fazer as últimas recomendações aos teus, decidir acerca de teus interesses e dispor de toda a tua casa. Que escusa terás,

quando, tendo recebido esta graça, atraíças tal beneficência e te colocas em determinada oposição àqueles que na fé foram teus ancestrais? Eles, de fato, durante a vida, vendiam tudo e depunham o preço aos pés dos apóstolos; tu, porém, nem na hora da morte distribuis uma parte de teus bens. Auxiliar à pobreza durante a vida certamente teria sido melhor, e conferir-te-ia muita segurança; em caso negativo, ao menos na morte sê generoso. Não constituiria grande caridade para com Cristo, mas ainda seria caridade. Se não ocupares os primeiros lugares entre os cordeiros, não é de pouca monta estar atrás, e não com os cabritos, à esquerda. Talvez nem isto. Que consideração te isentará, se nem o medo da morte, nem a futura inutilidade das riquezas que abandonas, nem a proteção aos filhos, nem o que te alcançaria grande perdão te fazem humanitário. Por isso suplico-te que, de preferência durante a vida, ofereças aos pobres boa parte de teus bens. Se, contudo, alguns são tão mesquinhos que não adotam tal procedimento, ao menos por necessidade tornem-se humanitários. Pois, durante a vida, como se fosses imortal, estavas apegado a tuas posses; agora, contudo, ciente de seres mortal, renuncia à tua opinião e resolve como mortal, ou melhor, como alguém que irá gozar da vida imortal. Com efeito, é grave e faz estremecer o que vou proferir, mas sou obrigado a dizer: Enumera o Senhor entre teus escravos. Concedes a liberdade a teus escravos? Liberta a Cristo da fome, das necessidades, dos cárceres, da nudez. Estremeceste ao ouvires? Mas o estremecimento será maior, se nem isto prestares. Apesar de tal palavra agora te surpreender, o que haverás de dizer ao partires daqui, e ouvires coisas muito mais graves e vires tormentos intoleráveis? Junto de quem te refugiarás? De quem alcançarás participação e auxílio? De Abraão? Mas ele não escutará. daquelas virgens? Elas não te fornecerão óleo. Do pai, ou do avô? Nenhum deles, até mesmo muito santo, poderá abolir a sentença. Meditando tudo isto, roga e suplica àquele que é o único que pode apagar o quirógrafo, e extinguir aquela chama, que se torne propício, assiduamente alimentando-o e vestindo-o agora, de sorte que partas da terra com firme esperança, e lá estabelecido, gozes de bens eternos. Oxalá todos nós o consigamos, pela graça e amor aos homens do Senhor etc.

DÉCIMA NONA HOMILIA

11,7. *Que concluir? Aquilo a que tanto aspira, Israel não conseguiu: conseguiram-no, porém, os escolhidos. E os demais ficaram obcecados.*

O Apóstolo, assegurando que Deus não repeliu o seu povo, e explanando de que modo não o repeliu, novamente recorre aos profetas; e tendo manifestado através deles que a maioria dos judeus pereceu, a fim de não parecer novamente haver proferido por si mesmo a condenação, ter empregado palavras duras, e persegui-los com ânimo hostil, recorre a Davi e a Isaías, dizendo:

8. *Como está escrito: Deu-lhes Deus um espírito de compunção,*

Ou melhor, devemos remontar mais alto. E ao se referir a Elias, e explicar o que era a caridade, acrescentou: “*Que concluir? Aquilo a que tanto aspira, Israel não conseguiu*”. Não é tanto expressão de quem interroga quanto de quem denuncia. Luta consigo mesmo, à procura da justiça, o judeu que recusa aceitá-la. Em seguida, privando-os mais uma vez do perdão, declara-os ingratos aos dons, nesses termos:

“*Conseguiram-no, porém, os escolhidos*”, que os condenaram. Cristo também o afirmava: “Ora, se é por Beelzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsam os vossos filhos? Assim, eles mesmos serão os vossos juízes” (Lc 11,19). A fim de não ser acusado o próprio problema, e sim o ânimo dos judeus, declara quais são os que conseguiram. Por isso, fala com a máxima ênfase, acentuando a graça do alto e o zelo deles. Assegura que eles o conseguiram, sem, contudo, eliminar o livre-arbítrio, mas a fim de indicar a grandeza dos bens, que na maioria se originou da graça, e não globalmente. Com efeito, nós também costumamos dizer: Ele conseguiu, ele encontrou, quando houve grande lucro. A maior parte não foi proveniente do trabalho humano, mas do dom divino. “*E os demais ficaram obcecados*”. Vê como ousou falar por si da rejeição dos demais. Já o dissera, mas introduzindo como acusadores os profetas; aqui, no entanto, ele próprio enfim profere a sentença. Todavia, nem aqui se contentou com a sua própria sentença, mas introduz novamente o profeta Isaías, pois, tendo dito: “*Ficaram obcecados*”, acrescentou: “*Como está escrito: Deu-lhes Deus um espírito de compunção*”. E de onde veio está cegueira? Já anteriormente expôs a causa, atribuiu tudo à responsabilidade deles, e mostra provir de inoportuna altercação. Ao mencionar: olhos para não verem, ouvidos para não ouvirem, incrimina nada menos do que a contestação que fora levantada. De fato, tendo olhos para verem os milagres, e ouvidos para ouvirem aquela admirável doutrina, não os utilizaram, como seria justo. Não julgues que a palavra: “*Deu*” signifique atuação, e sim concessão. Aqui denomina “*Compunção*” um hábito incurável e imutável, que dava propensão para o pior. Com efeito, Davi diz noutra passagem: “Por isso meu coração canta a ti, e jamais se compungirá” (Sl 30,13), isto é, não mudarei. Quem piedosamente se arrepende não se modifica com facilidade e aquele que se compunge com malícia, também não muda rapidamente. Compungir-se outra coisa não é senão ser atravessado e de certo modo preso por cravos. A expressão: “*Espírito de compunção*” revela que eram de ânimo incurável e muito difícil. Em seguida, mostrando que eles sofrerão extremos castigos por causa desta incredulidade, novamente cita o profeta a ameaçar o que aconteceu e realizou-se por fim.

9. *Que sua mesa se transforme em cilada, em armadilha, e motivo de tropeço* (Sl 69,23),

Isto é, alterem-se e pereçam as delícias e todos os bens, e sejam facilmente capturados. Expondo que pagavam as penas dos pecados com tais sofrimentos, acrescentou: e justa paga.

10. *que seus olhos fiquem escuros para não verem, e faz que eles tenham sempre seu dorso encurvado.*

Acaso será necessária alguma explicação? Não é evidente até para os mais tolos? Mesmo antes de falarmos, os acontecimentos o atestaram. Quando, pois, foram fáceis de captar? Fáceis de compreender? Quando seu dorso ficou encurvado? Quando sofreram tal escravidão? E o que é mais importante, não havia solução para esta infelicidade, conforme o próprio profeta o indicou. E não disse somente: “*Tenham o dorso encurvado*”, mas acrescentou: “*Sempre*”. Se contradizes, ó judeu, a respeito do final, do passado depreende o presente. Desceste ao Egito; mas depois de ter ali passado duzentos anos, logo Deus te libertou daquela escravidão, embora tenhas procedido de maneira ímpia e cometido gravíssima fornicação. Libertado do Egito, adoraste o bezerro, imolaste teus filhos a Beelfegor, poluíste o templo, cometeste toda a espécie de crimes, ignoraste a própria natureza, encheste de nefandas vítimas os montes, os bosques, as colinas, as fontes, os rios, os hortos, mataste os profetas, derrubaste os altares, manifestaste o cúmulo da maldade e impiedade; entretanto, depois de te entregar durante setenta anos aos babilônios, de novo te reconduziu à primitiva liberdade, e a ti restituiu o templo e a pátria, com o primitivo estilo de profecia, os profetas e a graça do Espírito. Ou melhor, nem notempo do cativo foste abandonado, mas ali havia Daniel e Ezequiel, no Egito

Jeremias e no deserto Moisés.

Depois, contudo, voltaste à antiga maldade e deliraste, retornaste aos costumes dos pagãos sob o ímpio Antíoco; entretanto, foste entregue só por três anos e um pouco mais e por meio dos Macabeus ergueste esplêndidos troféus. Mas agora nada disto acontece, e sim o contrário. O mais admirável é que, tendo cessado os atos da malícia, aumentou o suplício, sem esperança alguma de alteração. E não passaram somente setenta anos, cem, o dobro, mas trezentos e mais, sem nenhuma sombra de esperança. E isto quando não praticais a idolatria, nem perpetráis o que ousastes antigamente.

Qual a causa? A verdade sucedeu ao tipo, e a graça removeu a Lei, conforme já outrora prenunciara o profeta: *“Tenham sempre seu dorso encurvado”*. Viste a exatidão da profecia, como prenunciou a incredulidade e manifestou a contestação, e predisse que se seguiria a punição e o suplício sem termo? Uma vez que muitos dos mais rudes, que não acreditavam nas coisas futuras, desejavam por meio das coisas presentes conhecer as futuras, já em ambos os casos Cristo fez uma demonstração de seu poder. Elevou além dos céus os gentios que acreditaram, mas arrastou à extrema ruína os judeus que não creram, entregando-os a males inextinguíveis. Paulo, depois de atingi-los com maior vigor, considera neles a incredulidade, os sofrimentos passados e o que haveriam de sofrer, e novamente mescla um consolo às palavras, escrevendo:

11. Então, eu pergunto: Teriam eles tropeçado para cair? De modo algum!

Depois de expor que se achavam sujeitos a inúmeros males, excogita um consolo. E nota a prudência de Paulo! Aduziu a acusação extraída dos profetas, mas o consolo retira de si próprio. Ninguém contesta terem eles cometido grandes pecados; vejamos, porém, se foi tão grande a queda que se tornou incurável, irremediável. Na verdade, não é assim. Viste que de novo os atinge e na própria expectativa de consolo fá-los réus de pecados evidentes? Vejamos, porém, que consolo excogita. Qual é, portanto, o consolo? Quando, diz ele, chegar *“a plenitude dos gentios”*, então *“todo Israel será salvo”*, no tempo da segunda vinda e da consumação. Mas não o afirma imediatamente. Tendo atacado com vigor, acrescentou acusações às acusações, e profetas sobre profetas a clamarem contra eles: Isaías, Elias, Davi, Moisés, Oseias, uma, duas e mais vezes. A fim de não os lançar no desespero, impedindo-lhes o regresso à fé, nem exaltar com arrogância os gentios que haviam acreditado, e estes por orgulho acerca da fé fossem prejudicados, conforta-os, dizendo:

Mas da sua queda resultou a salvação dos gentios,

Não devemos ouvir isto simplesmente, mas explorar qual a mente e o escopo de quem fala, e o que se esforça por firmar. É o que sempre exorto à vossa caridade. Pois, se acolhermos as palavras com esta mentalidade, não encontraremos dificuldade alguma. O Apóstolo cuida agora, por meio de palavras, de conter a arrogância dos gentios, de sorte que assim eles poderiam permanecer com maior segurança na fé, tendo aprendido a ser comedidos, e os judeus, livres do desespero, podiam aproximar-se da graça com maior zelo. Visando a esta meta, escutemos todas as palavras desta passagem. O que, portanto, diz o Apóstolo? E de que maneira explana que os judeus não caíram irremediavelmente, nem foram rejeitados até o fim? A respeito dos gentios, disse: *“Mas da sua queda resultou a salvação dos gentios”, para lhes excitar o ciúme*.

Esta palavra não é só de Paulo, mas também nos evangelhos as parábolas o sugerem. Uma vez que os convidados não quiseram vir, aquele que preparara as núpcias do filho chamou os que estavam nas encruzilhadas (cf. Mt 22,9). E aquele que plantara uma vinha, entregou a vinha a outros porque os agricultores haviam matado o herdeiro (cf. Mt 21,38). E sem parábolas assegurou: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24). À siro-fenícia, porém, que insistia, disse

mais: “Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos” (ib. 26). E Paulo aos judeus sediciosos: “Era primeiro a vós que devíamos anunciar a palavra de Deus. Como não vos julgais dignos, nós nos voltamos para os gentios” (At 13,46).

Ora, daí se evidencia que, segundo a série, deviam primeiro ter acesso os judeus e depois os gentios; mas, porque foram incrédulos, a ordem foi invertida, e a incredulidade e a queda deles fez com que os gentios fossem os primeiros a entrar. Por isso disse: *“Mas da sua queda resultou a salvação dos gentios para lhes excitar o ciúme”*. Não te admires de que assevere que até certo ponto foi realizado primeiro um evento posterior; quer consolar seus espíritos abatidos. Quis dizer o seguinte: Jesus veio para eles; não o receberam apesar dos inúmeros milagres, mas o crucificaram. Depois, ele atraiu os gentios, a fim de que a honra que lhes foi conferida estimulasse a insensibilidade dos judeus, e assim da contestação que surgiu entre ambos, persuadissem os judeus a se aproximarem. Era preciso que eles primeiro recebessem e nós depois; por isso dizia: *“Ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego”* (Rm 1,16). Uma vez que eles desertaram, nós, que estávamos em segundo lugar, ocupamos o primeiro. Viste quanta honra nos atribui: primeiro, ao afirmar que fomos chamados porque os judeus não quiseram; em segundo lugar, porque diz que fomos chamados, não para sermos salvos somente nós, mas também a fim de que eles por emulação melhorassem. Como? – perguntas. Fomos chamados e salvos somente por causa dos judeus? Certamente não antes deles, mas na ordem conveniente. Por isso, ao falar aos discípulos, não dizia apenas: Ide às ovelhas perdidas da casa de Israel, e sim: “Ide” (cf. Mt 28,19; Mc 16,15), ou melhor, mostra que depois deviam ir aos outros, isto é, aos gentios. E Paulo também não disse: Devia anunciar-vos a palavra, e sim: “Era primeiro a vós que devíamos anunciar”; assinala que, em segundo lugar, devia também anunciar-nos. Isto, de fato, foi feito e proferido, a fim de que eles não tivessem a desculpa vergonhosa de que foram esquecidos e em consequência não acreditaram. Por esta razão, Cristo, que tudo previa, veio primeiro para eles.

12. *E se a sua queda reverte em riqueza para o mundo e o seu esvaziamento em riqueza para os gentios, quanto maior fruto não dará a sua plenitude!*

Aqui, fala-lhes por amor. Mesmo que eles caíssem inúmeras vezes, os gentios não se salvariam, se não aceitassem a fé, bem como os judeus não pereceriam, se não tivessem sido incrédulos e contenciosos. Com efeito, conforme já disse, ele consola os que estavam prostrados, esforçando-se bastante para lhes conferir confiança de obter a salvação, no caso de se converterem. De fato, disse, se quando estavam caídos tantos deles obtiveram a salvação, e quando foram rejeitados tantos foram chamados, reflete sobre o que acontecerá quando se converterem. Pois não disse: Quanto mais a conversão deles, ou a mudança, ou a correção, e sim: *“Quanto maior fruto não dará a sua plenitude”*; isto é, quando todos aderirem. Com isso quis mostrar então a amplidão da graça e do dom de Deus, e quase totalmente.

13. *E a vós, gentios, eu digo: enquanto apóstolo dos gentios eu honro o meu ministério,*

14. *na esperança de provocar o ciúme dos da minha raça e de salvar alguns deles.*

Novamente se empenha em livrar-se de suspeita; e parece, de fato, agredir os gentios, e reprimir-lhes o orgulho, mas imperceptivelmente ataca os judeus e utiliza uma evasiva, procurando aliviar e suavizar tão grande ruína, mas nada encontra devido à natureza das coisas. Pois, conforme assegurou, eram merecedores de maior incriminação, porque outros muito inferiores haviam recebido o que lhes fora preparado. Por isso passa dos judeus aos gentios, e a respeito do assunto intercala uma palavra, a fim de mostrar que assim se exprime para ensinar-lhes a ser comedidos. Eu vos elogio, diz ele, por duplo motivo: Primeiro porque devia fazê-lo, visto que me foi confiado o ministério em vosso favor;

em segundo lugar, porque por vosso intermédio farei com que outros se salvem. E não disse: Meus irmãos, meus parentes, e sim: Os da “*minha raça*”. Em seguida, a fim de manifestar a contestação dos judeus, não diz: Na esperança de persuadi-los, e sim: “*Na esperança de provocar o ciúme dos da minha raça e de salvar*”. Não disse: Todos, e sim: “*Alguns deles*”, tão duros eles eram. E justamente nesta repreensão mostra que a situação dos gentios é excelente. Embora eles reciprocamente sejam causa de salvação, no entanto, não é pela mesma razão, mas os judeus por causa de sua incredulidade, os gentios, porém, para os judeus foram autores de bens por meio da fé. Daí se vê que são iguais as coisas que respeitam aos gentios, ou melhor, superabundam.

O que dirias, ó judeu? Se não fôssemos rejeitados, vós não séríeis chamados logo. Mas, replica o gentio: Se eu não tivesse obtido a salvação, não te teria provocado o ciúme. Se queres saber em que somos superiores, eu ao acreditar, trago-te a salvação; tu, porém, ao caíres, ofereceste-nos acesso a fim de aderirmos em primeiro lugar. Em seguida, tendo percebido que os atingira, retoma as precedentes afirmações:

15. *Pois se por sua rejeição resultou a reconciliação do mundo, o que será sua reintegração senão uma ressurreição dentre os mortos?*

Mas isto os condena de novo; se outros, na verdade, lucraram com o pecado deles, eles nem por causa das boas obras dos outros obtiveram vantagens. Não te admires se, porém, lhes atribui o que acontece forçosamente; suaviza desta forma as palavras, conforme já repeti muitas vezes, para retê-los e exortá-los. Com efeito, como dizia, se os judeus fossem rejeitados muitas vezes, os gentios a não ser que aceitassem a fé, não teriam obtido a salvação. Mas o Apóstolo está do lado da parte mais fraca e auxilia a que está na labuta. Vê, porém, quais ele gratifica, consolando-os somente por palavras. “*Pois se por sua rejeição resultou a reconciliação do mundo*”. E o que importa aos judeus? “*O que será sua reintegração senão uma ressurreição dentre os mortos?*” Mas nem isto lhes diz respeito, se não fossem reintegrados. Afirma: Se, irado contra os judeus, tantos e tão grandes dons concedeu, quando se reconciliar com eles, o que não lhes dará?

Efetivamente, a ressurreição dentre os mortos não se realiza através da reintegração dos judeus, nem a nossa salvação lhes é devida. De fato, eles foram rejeitados por sua insipiência, e nós recebemos a salvação por meio da fé e da graça do alto. Nada poderá ser-lhes de vantagem se não mostrarem fé em grau adequado. De resto, conforme costuma, o Apóstolo passa a outro elogio (no entanto, não é exatamente elogio, apesar da aparência), à imitação dos bons médicos, que aliviam os doentes à medida que a natureza da doença o permite. De fato, o que disse?

16. *E se as primícias são santas, a massa também o será; e se as raízes são santas, os ramos também o serão.*

Aqui ele dá o nome de “*primícias*” e “*raiz*” a Abraão, Isaac, Jacó, os profetas, os patriarcas e quantos se ilustraram no Antigo Testamento; “*ramos*”, porém, são os fiéis que deles descendem. Em seguida, vê como atalha a réplica de que muitos não acreditaram:

17. *E se alguns dos ramos foram quebrados,*

Ora, acima dizias que pereceu a maioria, e poucos se salvaram, como podes dizer a respeito dos que se perderam: “*Alguns*”, assinalando que foram poucos? Não estou me contradizendo, responde, mas esforço-me por curar e recuperar os que estão em labuta. Viste que, através da passagem inteira, é perceptível o desejo de confortá-los? Se o excluíres, surgirá contradição em muitos pontos. Considera a sabedoria de Paulo! Parece defendê-los e tencionar dar-lhes consolo, mas implicitamente os golpeia e afirma que não têm desculpa alguma, citando a “*raiz*”, as “*primícias*”. Pondera a malícia dos ramos, que apesar de terem doce a raiz, não a imitam; e a malícia também da massa, que não se modifica por

causa das “*primícias*”. “*E se alguns dos ramos foram quebrados.*” Ora, a maior parte foi quebrada, mas, conforme disse, busca consolá-los; por isso não apresenta seu ponto de vista, mas o deles. Implicitamente os espicaça, mostrando que perderam a filiação de Abraão. Empenhava-se em demonstrar que eles nada tinham de comum com Abraão. Se a raiz é santa e eles não, sem dúvida desligaram-se da raiz. Em seguida, enquanto parece confortar o judeu, novamente acusa os gentios, porque tendo dito: “*E se alguns dos ramos foram quebrados*”, acrescentou:

E tu, oliveira selvagem, foste enxertada no lugar deles,

Quanto mais insignificante é o gentio, tanto mais se ressentia o judeu, vendo-o a se deliciar no que lhe compete; não causa, de fato, tanta vergonha a vileza original quanta honra acarreta a mudança. E observa a prudência de Paulo! Não disse: Foste inserida e sim: “*Enxertada*”, novamente instigando o judeu, ao expor que enxertada na oliveira a gentilidade se levanta, enquanto ele jaz por terra. O Apóstolo não se interrompe, nem após dizer: “*Foste enxertada*”, embora globalmente o manifeste. Todavia trata da felicidade do gentio, e acentua sua situação favorável, dizendo:

para te beneficiar com eles da raiz e da seiva da oliveira,

Parece, de fato, colocar o gentio qual suplemento, mas explica que em nada fica prejudicado e possui o mesmo que o ramo brotado da raiz. De fato, a fim de não acontecer que ao ouvires: “*Foste enxertada*”, não o julgues diminuído em comparação com o ramo natural, vê como o iguala dizendo: “*Para te beneficiar com eles da raiz e da seiva da oliveira*”; isto é, adquiriste a mesma nobreza, a mesma natureza. Em seguida, após ter compreendido e dizer:

18. *não te vanglories contra os ramos*, parece consolar o judeu, entretanto manifesta sua humilhação e grande ignomínia. Por isso não disse apenas: Não te vanglories, e sim: “*Não te vanglories contra*”, não te vanglories contra eles porque arrancados, pois estás em seu lugar, e gozas do que é deles.

Vês como aparentemente censura os gentios, mas ataca os judeus? E se te vanglorias, saibas que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti.

O que importa isto aos ramos que foram arrancados? Nada. Conforme disse, quando parece excogitar débil sombra de consolo aos judeus, e atacar os gentios, inflige-lhes mortal ferida.

Pois tendo dito: “*Não te vanglories*”, e: “*E se te vanglorias, saibas que não és tu que sustentas a raiz*”, explana ao judeu que o passado é digno de glorificação, embora não seja conveniente gloriar-se; qual patrono, sacode-o, excita-o à fé, e expõe-lhe o dano que sofreu e afirma que outros possuem o que é seu.

19. *Dirás talvez: Foram quebrados os ramos para que eu fosse enxertada.*

De novo, à guisa de objeção, prova o contrário do antecedente, mostrando que aquilo que dissera pouco antes não constituía precedência, mas visava a atrair os judeus. Não mais assevera que do delito deles viera a salvação dos gentios, nem que acarretara riqueza para o mundo, nem que nos salvara porque eles haviam caído, mas inteiramente o contrário. Expõe ser importante aquela providência em favor dos gentios, embora o que foi dito pareça significar coisa diferente. Teceu toda a passagem por meio de uma objeção, livrando-se da suspeita de inimizade e tornando aceitável o discurso.

20. *Muito bem!*

Aprova o que foi dito. Em seguida, novamente atemoriza, nesses termos:

Eles foram quebrados pela incredulidade e tu foste enxertado pela fé;

Eis de novo outro elogio aos gentios e acusação aos judeus. Mais uma vez, contudo, reprime-lhes o

orgulho, acrescentando: *não te ensoberbeças, mas teme,*

Não se refere à natureza, mas à fé e à incredulidade. Parece, na verdade, novamente impor silêncio ao gentio, mas ensina ao judeu que não deve dar atenção ao parentesco natural e por isso acrescenta: “*Não te ensoberbeças*”. E não disse: Sê humilde, e sim: “*Teme*”, porque a arrogância gera desprezo e negligência. Em seguida, no intuito de descrever tragicamente a infelicidade deles e de falar de modo mais tolerante, de certo modo recrimina o gentio, assim se exprimindo:

21. *porque se Deus não poupou os ramos naturais,*

Não disse: Nem a ti poupará, e sim:

talvez nem a ti poupará.

Logo altera o que era oneroso, faz com que o fiel seja atento e solícito; atrai os judeus e reprime os gentios.

22. *Vê então a bondade e a severidade de Deus; a severidade para com os que caíram, e a bondade de Deus para contigo, se perseverares na bondade; do contrário também tu serás cortada.*

Não disse: Vê, portanto, tua boa obra, vê teus trabalhos, mas a bondade de Deus, mostrando que tudo foi feito pela graça do alto, induzindo ao tremor. Com efeito, debes temer diante das ocasiões de jactância. Uma vez que o Senhor foi benigno para contigo, teme. Aqueles bens não serão estáveis, se te portares com indolência, nem serão males para eles, no caso de se converterem. Também tu, a não ser que permaneças firme na fé, serás arrancado.

23. *E eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados,*

Não foi Deus quem os cortou, mas eles se quebraram por si mesmos e caíram. E disse com acerto: “*Foram quebrados*”. Jamais ele os rejeitou assim, embora tenham pecado muito e frequentemente. Viste como é grande a força da opção? Quão grande o poder da intenção? Nada disto é estável, nem tua felicidade nem a desgraça deles. Viste como Paulo reanima o desesperançado, e contém o ousado? Ouvindo falar de severidade, não desesperes; nem presumas em vista da alusão à bondade. Ele te cortou severamente para desejares voltar; revelou-te bondade para perseverares. E não disse: Na fé, e sim: “*Na bondade*”, isto é, se agires de modo digno do amor de Deus; não é forçoso apenas ter fé. Vês como não permitiu a uns ficarem prostrados, nem a outros se orgulharem, ou melhor, provocou-os à emulação e ainda, através deles, concedeu aos judeus tomarem-lhes o lugar, como os gentios haviam ocupado o lugar dos judeus? E, de fato, atemoriza os gentios através dos judeus e da sorte que lhes adviera, a fim de não se exaltarem por proeminência; aos judeus, contudo, em vista dos dons concedidos aos gentios, ordena que tenham confiança. Tu igualmente, diz ele, se te portares com negligência, serás cortado; e o judeu, que foi cortado, no caso de atuar com zelo, será enxertado, pois tu também o foste. De forma muito prudente dirige a palavra ao convertido dentre os gentios; como sempre costuma fazer, corrige os fracos por meio de uma repreensão aos mais fortes. Assim procede também no fim da Epístola, ao falar da observância a respeito dos alimentos. Em seguida, elabora o texto acerca do passado, não apenas do futuro, para melhor convencer o ouvinte. A fim de manter indiscutível a sequência dos raciocínios, primeiro faz demonstração do poder de Deus. Pois, embora os judeus tenham sido cortados e rejeitados, e outros ocuparam seu lugar, não é caso desesperador, pois Deus é capaz de os enxertar.

E realiza também o que é além da expectativa.

Se procuras saber qual a ordem dos fatos e a sequência dos raciocínios, tens em ti excelente exemplo.

24. *Com efeito, se tu foste cortado da oliveira selvagem por natureza e contra a natureza foste*

enxertado em boa oliveira, com maior razão os ramos naturais serão enxertados na oliveira a que pertencem.

Efetivamente, se a fé pôde realizar o que é contra a natureza, muito mais o que é natural. E se os gentios se desligaram de seu parentesco segundo a natureza, e contra a natureza acederam a Abraão, muito mais tu poderás retornar ao que te é próprio. O mal segundo a natureza é próprio do gentio, porquanto pertence por natureza à oliveira selvagem; o bem, contudo, é “*contra a natureza*”, porque contra a natureza foi inserido na descendência de Abraão; ao invés, porém, ó judeu, em ti o bem é segundo a natureza, porque não te firmaste em raiz alheia, como o pagão, mas, se quiseses retornar, na tua própria. Que escusa terás se o pagão tenha podido o que era contra a natureza e tu não consegues fazer o que te é natural, mas atraíças também nisto? Em seguida, tendo dito: “*Contra a natureza*” e: “*Foste enxertado*”, a fim de não pensares que tens algo a mais que o judeu, novamente se corrige, dizendo que o judeu também é enxertado. Afirma: “*Com maior razão os ramos naturais serão enxertados na oliveira a que pertencem*” e ainda: “*Pois Deus é capaz de os enxertar*”. Antes dissera: “*Se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados*”. Ao ouvires falar: “*Contra a natureza*” e: “*Segundo a natureza*” não julgues que se refere à própria natureza, que é imutável; mas sob estes nomes quer aludir ao que é conveniente e ao que não é adequado, improvável. Pois não são por natureza bons ou maus, mas dependem somente da intenção e do arbítrio. Pondera quanto Paulo se esforça por não ser molesto. Tendo dito: Tu também serás cortada, se não permaneceres na fé, e eles serão enxertados, se não permanecerem na incredulidade, omite o mais doloroso, elabora o que é mais suave e assim termina, incutindo nos judeus grande esperança, se o quisessem. Por isso acrescenta:

25. Não quero que ignoreis, irmãos, este mistério, para que não vos tenhais na conta de sábios:

Este mistério que diz ser desconhecido e oculto, é admirável e além da expectativa, pois, segundo diz em outra passagem: “Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados” (1Cor 15,51). Qual é, portanto, este mistério?

A cegueira atingiu uma parte de Israel

Nesse trecho de novo investe contra o judeu, parecendo rebaixar o gentio. Significa o que afirmara anteriormente, que a incredulidade não é geral, mas parcial, conforme foi dito: “Se alguém causou tristeza, não foi a mim, a não ser em parte, para não vos ser pesado a todos vós” (cf. 2Cor 2,5); e: “*Depois de ter saboreado um pouco a alegria de vossa presença*” (Rm 15,24). Também nesse lugar diz como acima: “*Não repudiou Deus o seu povo que de antemão conheceria*” (Rm 11,2). E ainda: “*Então, eu pergunto: Teriam eles tropeçado para cair? De modo algum!*” (ib. 11). Esta passagem afirma o mesmo, que não foi todo o povo que foi rejeitado, mas muitos acreditaram e muitos ainda haverão de acreditar. Em seguida, uma vez que prometera algo de grande, aduz o testemunho do profeta. Não comprova por testemunho que a cegueira adviera, porque era evidente; em relação ao fato de que todos haveriam de crer e se salvar, introduz Isaías a clamar:

26. De Sião virá o libertador e afastará as impiedades de Jacó,

Depois, apresentando um sinal de salvação, a fim de que ninguém o aplique e refira aos tempos antigos, disse:

27. e esta será minha aliança com eles, quando eu tirar seus pecados.

Não quando forem circuncidados, não quando sacrificarem, não quando praticarem as observâncias legais, mas quando conseguirem a remissão dos pecados. Se, portanto, isto lhes foi prometido, e ainda não aconteceu, nem conseguiram a remissão pelo batismo, no entanto há de acontecer absolutamente;

por isso acrescentou:

29. *Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento.*

E consola-os não apenas por isso, mas também por acontecimentos passados e o que sucedeu em consequência e declara-o principalmente nesses termos:

28. *Quanto ao evangelho, eles são inimigos por vossa causa; mas quanto à eleição, eles são amados, por causa de seus pais.*

Não se exalte o pagão dizendo: Eu proponho: Não me digas o que é possível, mas o que já se realizou. Nisto também o contém, dizendo: “*Quanto ao evangelho, eles são inimigos por vossa causa*”. Eles se tornaram mais contenciosos porque fostes chamados.

Entretanto, Deus não eliminou a vocação por causa disso, mas aguarda que entrem todos os gentios que haverão de acreditar, e então os judeus também virão. Após, concede-lhes outra graça, dizendo: “*Mas quanto à eleição, eles são amados, por causa de seus pais*”. Mas, como? Enquanto inimigos, há suplício; enquanto eleitos, a virtude dos maiores não lhes é vantajosa, a não ser que acreditem. Entretanto, não cessa, conforme disse, de consolá-los para lucrá-los. Por isso, em outra passagem, tratando do que foi dito, enuncia:

30. *Com efeito, como vós outrora fostes desobedientes a Deus e agora obtivestes misericórdia, graças à desobediência deles,*

31. *assim também eles agora são desobedientes graças à misericórdia exercida para convosco, a fim de que eles também obtenham misericórdia no tempo presente.*

32. *Deus encerrou todos na desobediência para a todos fazer misericórdia.*

Nesse trecho mostra que os pagãos primeiro foram chamados; em seguida, porque recusaram, os judeus foram escolhidos e o mesmo aconteceu posteriormente. Como os judeus não quiseram acreditar, novamente foram introduzidos os gentios. Todavia, ele não se limita a este ponto, nem se volta inteiramente à rejeição deles, mas de novo discorre sobre a misericórdia. Vê quanto imputava aos gentios, a saber, o mesmo que precedentemente atribuíra aos judeus. Uma vez que vós, gentios, outrora não obedestes, diz ele, os judeus tiveram acesso; de outro lado, porque estes não acreditaram, vós vos aproximastes. Todavia não perecerão até o fim: “*Deus encerrou todos na desobediência*”, isto é, arguiu e mostrou que eram incrédulos. Não visava a que continuassem incrédulos, mas queria salvar a estes pela contestação daqueles, e àqueles por meio da oposição destes. Reflete, porém: Vós não acreditastes e eles se salvaram; de outro lado, eles não acreditaram e vós vos salvastes. Não fostes salvos, contudo, para sairdes de novo, como os judeus, mas a fim de que vossa permanência os atraísse por emulação.

Hino à sabedoria misericordiosa

33. *Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos!*

Daqui remonta aos primórdios, e tendo contemplado o plano de Deus outrora, desde a criação do mundo até o presente, e diante de tão variegadas disposições, surpreso exclamou, atestando aos ouvintes que haveria de vir certamente o que dissera. E não se surpreenderia, nem exclamaria se não houvesse absolutamente de acontecer. E conhece, na verdade, sua profundidade, mas não sua extensão; é expressão de quem admira sem conhecer o todo. Arrebatado de espanto diante da bondade de Deus, à medida de suas forças, ele a anuncia por meio de dois nomes exímios, a saber, “*riqueza*” e “*abismo*”; estupefato, porque Deus quis e pôde criar estas coisas, e preparou o contrário por meios contrários. “*Como são insondáveis seus juízos!*” Não somente não podem ser compreendidos, mas nem

examinados.

E impenetráveis seus caminhos!

Isto é, os planos divinos que não somente não podem ser conhecidos, mas nem perscrutados. Nem eu, diz ele, encontrei tudo, mas só uma pequena parte, não o conjunto. Somente ele conhece claramente o que lhe pertence. Por isso acrescentou:

34. *Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro?*

35. *Ou quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca?*

O sentido é o seguinte: Sábio como é, não recebe de um outro, mas ele próprio é a fonte de todos os bens. Quem fez e nos outorgou tantos bens, não o tomou de empréstimo para no-los dar, mas distribuiu do que era seu. Não deve restituir, como se o tivesse recebido de outrem, mas ele é sempre o principal autor dos benefícios.

É verdadeira riqueza ter em excesso e não depender de outrem. Por isso acrescentou:

Porque tudo é dele, por ele e para ele.

Ele descobriu, ele fez, ele conserva, pois é rico e não precisa receber de um outro; é sábio e não necessita de conselho algum. Por que falo de conselho? Ninguém pode conhecer o que lhe pertence, senão ele, rico e sábio. Possui muitas riquezas, ele que enriquece de tal modo os gentios; muita sabedoria, e transformou em mestres dos judeus os que eram muito inferiores. Em consequência, admirado, o Apóstolo dá graças, dizendo:

A ele glória pelos séculos! Amém.

Quando, portanto, profere algo de grande e oculto, extasiado, termina com uma doxologia. Assim procede a respeito do Filho; maravilhado, faz idêntica enunciação: *“E dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos! Amém.* (Rm 9,5)

Imitemo-lo, nós também, e em toda parte glorifiquemos a Deus por uma vida honesta, sem confiarmos nas virtudes dos ancestrais, advertidos pelo exemplo dos judeus. Não existe, diria, não há entre os cristãos tal parentesco, e sim a afinidade oriunda do Espírito. Neste sentido, também um cita é filho de Abraão, e o filho genuíno lhe é mais estranho que os citas. Por conseguinte, não confiemos nas boas ações de nossos pais; mas se tens um progenitor admirável, não julgues suficiente para tua salvação, ou para tua honra e glória, a não ser que tenhas costumes semelhantes. Ao invés, se teu pai é malvado, não te julgues condenado ou desabonado, se tua vida for correta. Quem suporta maior ignomínia do que os gentios? No entanto, eles pela fé logo se tornaram afins aos santos. Quem é mais familiar a Deus do que os judeus? No entanto, eles, pela incredulidade, se alienaram. É natural e necessário o parentesco que abrange a todos nós. De Adão, na verdade, todos somos descendentes, e não há especial parentesco, quer consideres a Adão ou a Noé, ou a terra, mãe comum de todos os homens. O outro parentesco, porém, que nos distingue dos maus, é digno de coroa. Neste caso, nem todos podem ser parentes, e sim os que se assemelham pelos costumes. Não denominamos irmãos os que nasceram do mesmo seio materno, mas os que exibem idêntico zelo. É deste modo que Cristo dá a uns o nome de filhos de Deus, ao contrário, a outros de filhos do diabo, filhos da incredulidade, filhos da geena, filhos da perdição. Assim Timóteo era filho de Paulo segundo a virtude e era denominado filho genuíno. Quanto ao filho de sua irmã, nem o nome conhecemos, e embora fosse parente segundo a natureza, de nada lhe serviu, enquanto quem era distinto pela natureza e a pátria (era da cidade de Listra - At 16,1), tornou-se o mais próximo de todos. Nós, portanto, sejamos filhos dos santos, ou melhor, filhos de Deus. Pois escuta como afirma que podemos vir a ser filhos de Deus: “Deveis,

portanto, ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). Por esta razão, ao rezarmos, chamamo-lo de Pai e não só relembramos a graça, mas também a virtude, para nada cometermos de indigno de tal parentesco. E de que maneira, perguntas, pode alguém tornar-se filho de Deus? Renunciando às paixões, sendo manso para com os que o injuriam e ultrajam. Assim é teu Pai em relação aos que blasfemam. Por isso, embora frequentemente Cristo tenha proferido muitas coisas, nunca disse: Sede semelhantes ao vosso Pai, a não ser neste caso: “Orai pelos que vos maltratam, fazei bem aos que vos odeiam” (Mt 5,44). E acrescenta qual o prêmio. Nada, de fato, nos faz tão próximos de Deus e semelhantes quanto este excelente procedimento. Por isso, ao dizer Paulo: “Tornai-vos, pois, imitadores de Deus” (Fl 5,1), ordena sermos tais.

Certamente precisamos de todas as boas obras, especialmente, contudo, de sentimentos humanos e de mansidão, porque nós também carecemos muito de tratamento humano. Com efeito, diariamente assaz pecamos e necessitamos de grande misericórdia. Mais ou menos, porém, não depende da quantidade do dom, mas da possibilidade dos que os concedem. Por conseguinte, nem os ricos se orgulhem, nem o pobre se sinta humilhado por dar pouco. Muitas vezes, na verdade, o último doa mais do que o primeiro. Não deve, portanto, considerar-se miserável por causa da pobreza, que nos torna mais fácil a esmola. De fato, quem possui muito, não raro é prisioneiro da arrogância e da cobiça; quem possui pouco isenta-se de ambas as tiranias, e por isso encontra mais ocasiões de praticar o bem. Com efeito, o pobre mais facilmente vai ao cárcere, visita os doentes, dá um copo de água fria; o rico, no entanto, nada disto assume, orgulhoso de suas riquezas. Por isso, não desanimes por causa da pobreza; ela te torna mais fácil a permuta com o reino dos céus. Se nada tens, a não ser um espírito compadecido, a recompensa ser-te-á reservada. Por esta razão, Paulo ordena chorar com os que choram (Rm 12,15) e com os presos estar conjuntamente vinculado. Com efeito, a existência de muitos que se condoam não só consola os que choram, mas também os que são infelizes de outra forma; de fato, às vezes acontece que uma palavra de consolo mais alegre ao sofrimento do que o dinheiro. Deus, portanto, ordenou dar de nossas posses aos necessitados, não só para aliviar-lhes a pobreza, mas também para nos ensinar a compaixão pelos males do próximo. Por isso, quem ama o dinheiro é odioso, não apenas por desprezar os indigentes, mas por ser muito cruel e desumano; de sorte que também quem menospreza o dinheiro por causa do pobre é amado por ser misericordioso e humano. Sem dúvida, Cristo, ao proclamar bem-aventurados os misericordiosos, não louva e declara feliz somente os que distribuem dinheiro, mas também os que o fazem de boa vontade. Tenhamos, portanto, o ânimo disposto à misericórdia, e nos advirão todos os bens. Na verdade, quem é humanitário e liberal, se possui riquezas, dá-las-á; se vir um infeliz chorará e lastimará; se encontrar um injustamente tratado, patrocina-lo-á e se vir um injuriado, estender-lhe-á a mão. Possuindo um tesouro, um espírito humano e misericordioso, daí retirará tudo para os irmãos e gozará dos prêmios reservados junto de Deus. No intuito de que também nós o pratiquemos, sobretudo disponhamo-nos à suavidade. Assim, pois, aqui praticaremos inúmeros bens e usufruiremos das futuras coroas. Oxalá todos nós o consigamos pela graça e amor aos homens etc.

VIGÉSIMA HOMILIA PARÊNESE

O culto espiritual

12,1. *Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual.*

Após o Apóstolo ter dissertado longamente sobre o amor de Deus aos homens, haver mostrado sua

inefável providência e inenarrável bondade, que é imperscrutável, finalmente busca persuadir os beneficiados a exibirem um estilo de vida digno de tamanho dom. E apesar de ser uma pessoa de tão grande e de tal valor, não deixa de exortá-los, não acerca do que possa usufruir, mas a respeito do que lhes traria lucro. E por que te admiras se insiste em exortar, se está propondo a misericórdia de Deus? Considerando que inúmeros bens vos advêm das comiserações de Deus, respeitai-as, aproximai-vos com temor; elas inspiram a exortação de nada fazerdes de indigno delas. Por causa delas, as fontes de vossa salvação, diz ele, insisto. Exorto como uma pessoa que, em vista de infundir respeito em quem foi grandemente beneficiado, o induz a se apresentar qual suplicante diante de seu benfeitor. E a que exortas? – pergunto. *“A que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual”*. Tendo dito: *“Hóstia”*, para que não se julgue que ordena imolar os corpos, logo acrescenta: *“Viva”*. Logo, distinguindo-a das vítimas dos judeus, disse: *“Santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual”*. Aquele culto era corporal, não muito agradável. Diz a Escritura: *“Quem vos pediu isso?”* (Is 1,12). Muitas vezes em outras passagens o rejeitou. Mas, não este; ou antes, abolido o antigo, requeria este. Por isso dizia: *“Quem oferece sacrifício de louvor me glorifica”*, e ainda: *“Louvarei com um cântico o nome de Deus; isto agrada a Deus mais que um novilho com chifres e cascos”* (Sl 50,23; 69,31-32). *“Acaso comeria eu carne de touros, e beberia sangue de cabritos?”*, e acrescenta: *“Oferece a Deus um sacrifício de louvor e cumpre teus votos ao Altíssimo”* (Sl 50,13-14). Assim Paulo também ordena aqui: *“A que ofereçais vossos corpos como hóstia viva”*.

E como, perguntas, o corpo pode se tornar um sacrifício? Não fite o olho coisa má e oferece-se um sacrifício; a língua não profira torpezas, e faz-se uma oblação; a mão não execute coisa iníqua e realiza-se um holocausto. Ou antes, não basta, mas ainda são necessárias as boas obras. A mão distribua esmolas, a boca abençoe os injuriadores, o ouvido se aplique assiduamente às palavras divinas. A vítima nada presente de impuro, venha a ser primícias. Ofereçamos as mãos, os pés, a boca e todos os membros como primícias a Deus; tal hóstia apraz a Deus, enquanto a hóstia dos judeus se tornou impura. *“Os seus sacrifícios serão para eles como o pão de luto”* (Os 9,4). Nossas vítimas são diferentes. Naquele sacrifício, a vítima era imolada, morta; as nossas, imoladas, são vivas. Quando, pois, mortificamos nossos membros, então vivemos; nova é, na verdade, esta forma de sacrifício. Igualmente é inusitada esta espécie de fogo. Não precisa de lenha, nem de material combustível subjacente; acende-se por si mesmo, não consome a sagrada vítima, mas antes a vivifica. Deus já outrora reclamava esta espécie de vítima, conforme dizia o profeta: *“Sacrifício a Deus é um espírito contrito”* (Sl 51,19). Os três jovens igualmente ofereciam tal sacrifício, dizendo: *“Não há mais príncipe, nem profeta, nem lugar para procurar e encontrar misericórdia, entretanto com a contrição de nosso coração e a humilhação de nosso espírito possamos achar acolhimento”* (Dn 3,38-39). Pondera, porém, como Paulo emprega a expressão precisa. Não diz: *Fazei de vossos corpos uma hóstia*, e sim: *Oferecei*, como se dissesse: Nada de comum doravante entre vós e eles; a um outro os entregastes. Pois quem fornece animais à cavalaria, de então em diante nada deve ver relativamente a eles. E tu, de fato, entregaste teus membros para a guerra contra o diabo, para uma terrível batalha; não os subtraias para o teu próprio serviço. Com isto manifesta outro pensamento. Sejam membros comprovados, se queremos oferecê-los. Com efeito, não os oferecemos a um homem, mas ao Rei do universo, a Deus; não só para que combatam, mas para ter o próprio Rei qual cavaleiro. Ele não recusa a montaria de nossos membros, ou antes, deseja-a ardentemente. O Senhor dos anjos escolhe o que não aceitaria o rei, nosso companheiro de serviço. Por conseguinte, se eles devem ser oferecidos, ser *“hóstia”*, retira deles qualquer mácula, pois, se estão maculados, não serão aptos a se tornarem *“hóstia”*. O olho que fita objetos impuros não pode ser imolado, nem ser oferecida a mão que se dá à rapina e à avareza, nem os pés que claudicam e sobem ao teatro, nem o ventre que serve à volúpia e

inflama a concupiscência, nem o coração que fomenta a ira ou o amor luxurioso, nem a língua que emite palavras torpes.

Por isso, é preciso sobretudo que o corpo seja examinado com todo o cuidado. Se pois aqueles que ofereciam vítimas na Antiga Lei deviam examinar tudo, para que não fosse oferecido animal cujas orelhas estivessem cortadas, a cauda mutilada, nem tivesse sarna, nem herpes, muito mais nós, que não ofertamos animais irracionais, mas a nós mesmos, devemos empregar maior cuidado e estarmos inteiramente puros, para podermos dizer segundo Paulo: “Quanto a mim já fui oferecido em libação, e chegou o tempo de minha partida” (2Tm 4,6). Efetivamente ele era mais puro que qualquer hóstia e por isso dava a si mesmo o epíteto de “*libação*”. Tal sucederá, porém, se renunciarmos ao velho homem, se mortificarmos nossos membros sobre a terra, se nos crucificarmos a nós mesmos para o mundo. Assim, não precisaremos nem de punhal, nem de altar, nem de fogo; ou melhor, precisaremos de tudo isto, mas não feitos por mãos humanas; vindos do alto para nós o fogo do céu e o punhal, a amplidão celeste constituirá o altar. Se, de fato, ao oferecer Elias uma vítima sensível, a chama que caiu do alto consumiu tudo, a água, a lenha e as pedras, muito mais assim acontecerá em teu favor. Se tiveres algo de transitório e terreno, e ofereceres com intenção reta o sacrifício, o fogo do Espírito Santo descerá, consumirá em ti o que é terreno e consumará a oblação. O que representa, realmente, um “*culto espiritual*”? O ministério espiritual, a vida segundo o exemplo de Cristo. O ministro e sacerdote na casa de Deus, seja quem for, foi estabelecido uma vez e se torna mais respeitável; assim também nós por toda a vida devemos ser como servos que cultuam e oferecem sacrifícios. Assim acontecerá se cada dia lhe ofereceres sacrifícios e fores sacerdote de teu corpo, e das virtudes interiores; por exemplo, ao ofereceres a castidade, com a esmola, a mansidão e o esquecimento das injúrias. Se assim agires, oferecerás um “*culto espiritual*”, isto é, que nada tem de corpóreo, de rude, de sensível. Tendo elevado a mente do ouvinte por meio destas expressões, e declarado que cada qual exerce o sacerdócio por seu corpo e estilo de vida, enuncia também a maneira segundo a qual tudo pode se realizar corretamente. Qual é?

2. *E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente,*

A figura deste mundo serpeia pelo chão, é vil e temporária, nada tem de sublime, de duradoura, de reta, mas está pervertida. Se, portanto, queres andar corretamente, não te conformes com a figura da vida presente, onde nada persiste e perdura. Por isso, o Apóstolo a chama de “*figura*”; e em outra parte ainda: “Pois passa a figura deste mundo” (1Cor 7,31). Com efeito, nada tem de estável e fixo, mas tudo é temporário. Daí dizer: “Deste mundo”. Com estas palavras declara que é fluxo, e com o termo “*figura*” indica que não tem substância. Com efeito, quer digas riquezas, glória, beleza corporal, prazer, algo que pareça grande – tudo é apenas figura e não realidade, demonstração, disfarce e não substância permanente. Mas não te conformes com isto, mas antes transforma-te, diz ele, pela renovação da mente. Não disse: Transfigura-te, e sim: Transforma-te, mostrando que aquilo que pertence ao mundo é figura e o que compete à virtude não é figura, mas determinada forma real, com beleza natural, sem precisar de pinturas e figuras externas, que se desvanecem mal aparecem, porque se dissolvem apenas apareçam. Se, portanto, renunciarees à figura, logo chegarás à forma.

Nada mais fraco do que a malícia, nada envelhece tão facilmente. Em seguida, porque se tratava de homens que talvez diariamente pecassem, reanima o ouvinte dizendo: Renova-te diariamente. É isto o que fazemos em nossas casas, esforçando-nos cada dia por restaurar o que envelheceu. Opera o mesmo em ti próprio. Pecaste hoje? Envelheceste a tua alma? Não desesperes, nem desanimes, mas renova-a pela penitência, as lágrimas, a confissão, as boas obras; jamais desistas de proceder assim. E como consegui-lo?

A fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito.

Ou diz o seguinte: Renovai-vos, a fim de discernirdes o que é conveniente, a vontade de Deus; ou: Podeis renovar-vos se discernirdes o que é conveniente e o que Deus provavelmente quer. Se o vês e entendes a natureza das coisas, encontraste o caminho da virtude. E quem ignora, replicas, o que é útil e qual a vontade de Deus? Os ambiciosos das coisas presentes, que julgam invejáveis as riquezas e desprezível a pobreza, que cobiçam o poder, que almejam a glória exterior, que se enaltecem por levantarem casas esplêndidas e adquirirem magníficos sepulcros, por terem uma turba de escravos e ao redor de si um enxame de eunucos. Estes ignoram o que lhes é útil e qual é a vontade de Deus. São duas coisas conexas.

De fato, Deus quer o que nos é útil; e nos é útil o que Deus quer. Quais as coisas que Deus quer? Que vivamos na pobreza, na humildade, no desprezo da glória, na temperança e não nas delícias, nas tribulações e não no repouso, no luto e não na dissolução e no riso, e no restante que foi preceituado. Mas muitos têm horror destas coisas qual péssimo vaticínio, e não as consideram úteis e segundo a vontade de Deus. Por isso nunca assumiram esforços no intuito de adquirirem a virtude. Os que nem sabem o que é a virtude, mas admiram a maldade em vez dela, e aderem, em vez de a uma mulher casta, a uma meretriz, quando poderão apartar-se do mundo atual? Por conseguinte, é necessário sobretudo que façamos um juízo reto a respeito das realidades e embora não sigamos a virtude, ao menos a louvemos; se não evitamos o mal, entretanto o reprovemos e ao menos seja incorrupto nosso voto. Assim procedendo avante, somos capazes de empreender as obras. Por isso, Paulo ordena que nos renovemos: *“A fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus”*. Aqui, na verdade, parece-me que ataca os judeus, que aderiam à Lei. Era também vontade de Deus aquele estilo de vida da Antiga Lei, não proeminente, mas concedido por causa da fraqueza deles; perfeito e agradável a Deus, porém, é o novo estilo de vida. Por isso, chamou-o de *“culto espiritual”*, distinguindo-o do antigo culto.

Humildade e caridade na comunidade

3. *Em virtude da graça que me foi concedida, eu peço a cada um de vós que não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém, mas uma justa estima, ditada pela sabedoria, de acordo com a medida da fé que Deus dispensou a cada um.*

Acima dissera: *“Exorto-vos pela misericórdia de Deus”*; aqui também diz: *“Em virtude da graça”*. Vê a humildade do mestre, o espírito contido. Em parte alguma se diz fidedigno de exortar e aconselhar; mas ora invoca as misericórdias de Deus para lhe dar crédito, ora a graça. A palavra não é minha, afirma, mas é de Deus. E não disse: Eu vos falo de acordo com a sabedoria de Deus, nem: Eu vos falo segundo a Lei promulgada por Deus, e sim: *“Em virtude da graça”*, frequentemente lembrando-lhes os benefícios, para torná-los mais gratos e mostrar-lhes que devem ser submissos, obedecendo às palavras: *“A cada um de vós”*. Não a este ou àquele somente, mas ao príncipe e ao súdito, ao servo e ao homem livre, ao ignorante e ao sábio, à mulher e ao homem, ao jovem e ao velho. Trata-se de lei comum, porque provém do Senhor. Assim não torna o discurso oneroso, propondo a doutrina a todos, mesmo aos que não necessitam, a fim de que os que precisam mais facilmente aceitem a correção.

E o que dizes? – pergunto. *“Eu peço a cada um de vós que não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém.”* Introdúz aqui a mãe de todos os bens, a humildade, imitando seu Mestre. Como ele, tendo subido ao monte para pregar um sermão moral, começou primeiro daí e lançou os fundamentos, dizendo: *“Bem-aventurados os pobres em espírito”* (Mt 5,3), assim desceu da doutrina à ética, e ensinou geralmente a virtude, exigindo de nós uma admirável vítima. Estando para descrevê-la

por partes, começa pela chefia, a humildade, e preceitua: “*Não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém*”, porque esta é a vontade de Deus. “*Mas uma justa estima.*” Isto é, recebemos a prudência, não para termos orgulho, mas para a moderação. E não disse: Para a humildade, mas: “*de acordo com a medida*”.

Alude aqui à temperança, não enquanto virtude oposta à lascívia e à dissolução, mas como vigilância e bom senso. Chama-se também sobriedade, porque provém de mente sadia e moderada. Tendo manifestado, portanto, que o homem imoderado não é temperante, isto é, não se mantém sadio, mas é insensato e alienado, e mais louco do que qualquer demente, dá à humildade o nome de temperança. “*De acordo com a medida da fé que Deus dispensou a cada um.*” Considerando-se que muitos, pelos dons que lhes foram conferidos, se enalteceram junto deles e dos coríntios, observa de que modo destaca a causa da doença e progressivamente a censura.

Tendo dito que se devia ter “*uma justa estima*”, acrescentou: “*De acordo com a medida da fé que Deus dispensou a cada um*”, dando o nome de fé a este dom. Tendo dito, porém: “*Dispensou a cada um*”, consola aquele que recebeu menos, e contém o que recebera mais. Se foi Deus quem “*dispensou*”, e esta obra não é tua, por que te orgulhas?

Se alguém, contudo, disser que neste trecho a fé não tem o nome de dom ou carisma, com isto acentua que ele reprime os orgulhosos. De fato, se a causa do dom é a fé, pela qual se realizam os milagres, e tudo isto vem de Deus, por que te orgulhas? E se Cristo não tivesse vindo, nem se houvesse encarnado, não prevaleceria o que se refere à fé. Por conseguinte, dela todos os dons têm sua origem. Se, porém, Deus dá, certamente sabe de que maneira distribui, pois a todos criou, e de todos igualmente tem cuidado. E como o que deu, concedeu por bondade, assim também quanto doou. Com efeito, quem em sumo grau demonstrou a sua bondade, a saber, concedendo aqueles dons, não os entregaria a ti sob medida. Se quisesse te diminuir, nem o dom inicial haver-te-ia concedido; mas, se cuidou de te salvar e honrar (foi com esta finalidade que veio e distribuiu tantos dons), por que te perturbas e agitas, e abusas de tua prudência trocando-a pela estultícia, desonrando-te mais do que o estulto por natureza? Com efeito, ser estulto por natureza não é culpa; tornar-se estulto por excessiva prudência não merece desculpa e acarreta maior suplício. Tais são aqueles que por causa de sua grande sabedoria se exaltam, e incidem em extrema arrogância. Nada tão estulto quanto a arrogância. Por isso o profeta assim desafiava o bárbaro: “O tolo diz tolices” (Is 32,6). A fim de entenderes sua estultícia por meio de suas próprias palavras, escuta o que diz: “Acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo” (ib. 14,14). “A minha mão, como em um ninho, apanhará as riquezas dos povos, como se colhem ovos abandonados assim colherei” (ib. 10,14). O que pode haver de mais estulto que tais palavras? Cada palavra de jactância logo atrai para si o opróbrio de estultícia. Se te repetir a palavra de um estulto, não poderás distinguir se é de um arrogante ou de um estulto, de tal forma se identificam ambos os vícios. Com efeito, outro bárbaro disse, de seu lado: “Eu sou deus e não um homem”, e um outro ainda: “E qual é o deus que poderia salvar-vos ou livrar-vos das minhas mãos?” (Dn 3,15). E o egípcio: “Não conheço o Senhor, e tampouco deixarei Israel partir” (Ex 5,2). E para o profeta é insensato quem diz no coração: “Deus não existe!” e Caim: “Acaso sou guarda de meu irmão?” (Gn 4,9). Podes distinguir se tais palavras são provenientes de arrogantes ou de estultos? A arrogância desvia-se da moderação e da mente sã (por isso se chama demência) e produz estultos e arrogantes. E se “o começo da sabedoria é o temor do Senhor” (Pr 9,10), o início da estultícia será não conhecer o Senhor. Se, portanto, conhecer é sabedoria, não conhecer é estultícia; e se não conhecer se origina da soberba (pois o início da soberba é não conhecer o Senhor), a soberba é a extrema estultícia. Tal era Nabal, embora fosse estulto por orgulho, não contra Deus, mas contra os homens e por fim morreu de angústia. Quando alguém excede a medida da prudência, torna-se

simultaneamente tímido e audaz, por fraqueza de ânimo. Se o corpo perde a medida dos humores torna-se desmedido, sujeito a todas as doenças; assim a alma que perde a magnanimidade e a humildade, adquire um hábito fraco, torna-se tímida e audaz ao mesmo tempo, estulta e perde doravante a autoconsciência. Quem ignora a si mesma, como conhecerá o que lhe é superior? O frenético, que ignora a si mesmo, não sabe onde pisa e o olho cego envolve em trevas os membros; assim também acontece relativamente à arrogância. Por isso os arrogantes são mais infelizes do que os loucos e os estultos por natureza. À semelhança deles provocam riso, igualmente são importunos e loucos, mas não excitam compaixão como os primeiros. São loucos igualmente, mas não obtêm compaixão como os outros; perdem o juízo, não são, contudo, perdoados como eles, mas são apenas odiados; e tendo ambos os vícios, não recebem perdão, por serem ridículos não só em relação às palavras, mas também pelas atitudes. Por que, pergunto, ergues tanto a cabeça? Por que andas na ponta dos pés? Por que levantas as sobrancelhas? Por que inchas o peito? Não podes fazer com que os cabelos fiquem brancos ou pretos, e como se fosses o dono do mundo, andas de modo aéreo? Talvez desejasses ter asas, para não andares no chão. Talvez ambicionasses ser um prodígio. Mas já não és um prodígio porque, homem como és, queres voar? Talvez, na verdade, imaginas voar inteiramente enfatuado? Que nome te darei para refrear tua arrogância? Se te apelidar cinza, pó, fumaça, lodo, exprimi na verdade a insignificância, no entanto não consegui exatamente a imagem que queria, pois planejava simultaneamente esboçar a fatuidade e o vazio. Que imagem adequada, portanto, encontrar? Parece-me semelhante à estopa inflamada. Pois a estopa jogada no fogo parece inchar-se e estender-se; tocada de leve, porém, desfaz-se inteiramente, menos do que cinza. Tais são estas almas. Um leve contato poderá abater e eliminar a sua vã inflação. Necessariamente o arrogante é completamente fraco; aquele inchaço de modo algum é sadio, mas como uma bolha d'água facilmente se rompe, assim também eles logo perecem. Se não acreditas, apresenta-me um tal audaz e arrogante, e verás que ele em pequena queda mais facilmente se quebrará do que aquele que cai por terra. A chama que se origina dos arbustos, apenas acesa, se transforma em cinza, enquanto o lenho sólido não se acende facilmente e conserva a chama por muito tempo; assim também as almas mais firmes e perseverantes nem facilmente se queimam nem se extinguem. Elas, de fato, por um momento padecem de ambos os processos. Cientes disso, exercitemo-nos na humildade. Coisa alguma é mais poderosa! É, na verdade, mais forte que a rocha, mais dura que o diamante, fornece-nos maior segurança do que as cidades, as torres e as muralhas, coloca-se acima de todos os artifícios do diabo. De outro lado, a arrogância facilita sermos presa de qualquer um, conforme disse, arrebenta mais rapidamente que uma bolha d'água, mais depressa se rompe do que a teia de aranha, e mais velozmente se dissipa que a fumaça. Se queremos pisar sobre rocha firme, abandonemos a arrogância, amemos a humildade. Desta forma encontraremos repouso na vida presente, e no futuro século fruiremos de todos os bens, pela graça e amor aos homens etc.

VIGÉSIMA PRIMEIRA HOMILIA

12,4. *Pois assim como num só corpo temos muitos membros e os membros não têm a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros.*

Novamente utiliza o mesmo exemplo que empregou relativamente aos coríntios (cf. 1Cor 12,12), debelando idêntico vício. Com efeito, é grande a força deste medicamento, e a virtude deste exemplo é válida assaz na cura do vício da arrogância. Por que, diz ele, orgulhar-te? Ou por que um outro se humilha? Acaso não somos todos, grandes e pequenos, um só corpo? Sendo, portanto, um só corpo que

tem a mesma Cabeça e membros uns dos outros, por que pela arrogância te separas? Por que te envergonhas do irmão? Ele é teu membro e tu és membro dele; e sob este ponto de vista, é perfeita a igualdade em honra. O Apóstolo emprega dois argumentos para derrubar a arrogância: O de sermos membros uns dos outros, o menor do maior, e também o maior do menor, e o de formarmos todos um só corpo. Ou melhor, três, a saber, o de um só carisma ter sido doado a todos. Por conseguinte, não te orgulhes; de fato, foi-te concedido por Deus, não o assumiste por ti, não o descobriste. Por isso, ao tratar dos dons ou carismas, não disse: Um recebeu mais, outro menos. Mas o que disse? De modo diferente. *“Tendo, porém, dons”,* não maiores e menores, mas *“diferentes”* (cf. 1Cor 7,7). O que importa não te terem sido confiados os mesmos, se o corpo é um só? E começando do dom, termina nas boas obras. Tendo se referido à profecia, ao serviço, e a outros dons semelhantes, termina com a esmola, a diligência e a assistência. Como provavelmente alguns eram, na verdade, virtuosos, mas não dotados do dom da profecia, mostra que a virtude também é carisma e muito maior que a profecia, conforme enuncia na Epístola aos Coríntios; e tanto maior quanto a virtude tem recompensa, enquanto o dom, não. Mas tudo é dom e graça. Por isso declara:

6. *Tendo, porém, dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada, quem tem o dom da profecia, que o exerça segundo a proporção da fé;*

Ele os consolara suficientemente, mas quer também incitá-los e torná-los mais diligentes, explicando que eles próprios ofereciam ocasiões de receber maiores ou menores dons. Afirma, porém, que é dádiva de Deus, ao declarar: *“De acordo com a medida da fé que Deus dispensou a cada um”*; e ainda: *“Segundo a graça que nos foi dada”*, para reter os orgulhosos. Diz, contudo, que eles iniciam, a fim de estimular os indolentes; assim também age na Epístola aos Coríntios, estimulando ambas as coisas. Ao dizer: *“Aspirai aos dons mais altos”* (1Cor 12,31), explana que eles são a causa da diferença dos dons; e: *“Isso tudo é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz”* (ib. 11). Comprova que não devem enaltecer-se os que receberam, sempre a curar. Procede da mesma forma aqui. E novamente estimulando os que caíram, diz:

“Quem tem o dom da profecia, que o exerça segundo a proporção da fé”. Apesar de ser graça, não é difundido simplesmente, e sim à medida dos receptores, e em tanta quantidade flui quanto comporta o vaso da fé que é oferecido.

7. *quem tem o dom do serviço, o exerça servindo;*

Aqui trata de um conceito generalizado, pois o apostolado é denominado *“serviço”*, e toda boa obra em sentido espiritual é *“serviço”*. Esta denominação é empregada ainda em sentido especial; aqui, contudo, tem sentido geral.

Quem o do ensino, ensinando;

Observa como coloca sem discriminação, primeiro o pequeno, depois o grande; ensina mais uma vez que não se exaltem, nem se ensoberbecam.

8. *quem o da exortação, exortando.*

É também um ramo do magistério. Diz a Escritura: *“Se tendes alguma palavra de exortação ao povo, falai”* (At 13,15). Após mostrar ser de pequena utilidade praticar abraçar a virtude em desacordo com o que convém, acrescenta:

Aquele que distribui seus bens, que o faça com simplicidade;

Não basta dar, mas importa fazê-lo com largueza. Abrange tudo com a expressão: *“simplicidade”*. Com efeito, as virgens tinham óleo, mas porque não o tinham em medida suficiente, perderam tudo

(cf. Mt 25).

Aquele que preside, com diligência;

Não basta presidir, a não ser que o faça “*com diligência*”.

Aquele que exerce a misericórdia, com alegria.

Não é suficiente ter compaixão, mas importa fazê-lo largamente, e não com tristeza, ou melhor, com alegria e regozijo. Não é a mesma coisa não se entristecer e alegrar-se. Escrevendo o mesmo aos coríntios, formula-o com muito zelo. Estimulando-os à liberalidade, disse: “Quem semeia com parcimônia, com parcimônia também colherá, e quem semeia com largueza, com largueza também colherá” (2Cor 9,6). Orientando o espírito, acrescenta: “Sem pena nem constrangimento”. Deve haver em quem se compadece ambas as coisas, profusão e contentamento. Por que dás esmola chorando? Por que lamentas ao teres compaixão e perdes o fruto da boa obra? Se, pois, lamentas, não te compadeces, mas és cruel e desumano. Se tu te condóis, como poderás aliviar o sofredor? É desejável que ele não suspeite mal algum, ainda que dê com alegria. Uma vez que nada parece aos homens tão vergonhoso do que receber auxílio, se não afastares a suspeita por grande jovialidade, e manifestares que antes recebes do que dás, mais oprimirás o beneficiado do que o reanimarás. Por isso diz o Apóstolo: “*Aquele que exerce a misericórdia, com alegria*”.

Quem, de fato, fica triste ao receber o reino? Qual o pecador que alcança a remissão dos pecados e continua na tristeza? Não penses, portanto, nos gastos, mas no lucro daí proveniente. O semeador alegra-se, apesar de semear na incerteza; muito mais o agricultor da messe celeste. Assim, portanto, embora dê pouco, doarás muito; e se deres muito com pesar, transformas o muito em pouco. Desta forma aquela pobre viúva (cf. Mc 12,41-44; Lc 21,1-4) ultrapassou muitos talentos com dois óbolos; ela era magnânima. E como poderá, replicas, aquele que vive em extrema pobreza, distribuir tudo de bom grado? Interroga a viúva, e ouvirás de que maneira é possível e saberás que não é a pobreza que causa angústia, mas do bom propósito vem este ou qualquer ato contrário. É possível ser magnânimo na pobreza, e mesquinho em meio às riquezas. Por isso o Apóstolo exige simplicidade na distribuição, alegria no exercício da misericórdia, e diligência na maneira de presidir. Não quer que auxiliemos os pobres somente com dinheiro, mas socorramos com palavras, ações, trabalho manual etc. Afirma que a principal maneira de presidir é ensinar, exortar; é a mais necessária, porque alimenta o espírito. Prevalece sobre distribuição de dinheiro etc. Em seguida, revela como isso se realiza, apresentando a mãe de todas, a caridade, declarando:

9. Que vossa caridade seja sem hipocrisia,

Se a possuíres, não sentirás pesar por causa dos gastos, nem do esforço corporal, nem dos discursos, nem dos suores e do serviço, mas quando for preciso ajudar o próximo, tudo suportarás generosamente, seja relativamente ao corpo, às riquezas, à palavra, seja o que for. Como, portanto, o Apóstolo não reclama apenas a doação e sim com simplicidade, nem a presidência somente mas com diligência, nem só a esmola mas com alegria, assim também a caridade não simplesmente mas sem hipocrisia. Tal a caridade. Se a praticarmos, seguir-se-á o restante. Com efeito, o compassivo, compadecer-se-á com alegria, pois dá a si mesmo; quem preside, presidirá com diligência, pois preside a si próprio; e quem distribui, fá-lo-á copiosamente, pois é a si que oferece. Em seguida, existindo uma espécie de amor até nas ações más, a saber, uma concórdia relativa à lascívia, às riquezas e à rapina, e também à embriaguez e aos banquetes, apartando-a, disse: detestando muito o mal

Não disse: Abstendo-vos do mal, e sim: “*Detestando o mal*”. E não simplesmente: Detestando,

mas: “*Detestando muito*”. A preposição *apo* intensifica a força da palavra, por exemplo, em: *apokaradokia* (espera impaciente), *apekdechómenoi* (aguardados com ansiedade), *apolýtrōsin* (redenção completa). Visto que muitos embora não cometam pecados, no entanto têm o desejo de cometê-los, ordena o Apóstolo: “*Detestando muito*”. Quer purificar a mente, fazer com que tenha aversão e ódio à maldade e a combata. E se eu disse: “*Com amor fraterno*”, não julgues que me refira a uma ajuda recíproca para praticar o mal. Preceituo o oposto. Abster-vos do mal, não só por obras, mas também por inclinação; não apenas serdes alheios por inclinação, mas renunciar inteiramente e ter-lhe aversão. Paulo não se contenta com isso, mas insere as obras virtuosas, com esses termos: apegados ao bem.

Não disse: Praticá-lo apenas, mas estar bem-disposto. Foi o que declarou, ao ordenar que aderissem ao bem. Assim também Deus ao unir o homem à mulher dizia: “Unir-se-á à sua mulher” (Gn 2,24). Em seguida, enuncia os motivos pelos quais devemos amar-nos mutuamente.

10. com amor fraterno, tendo carinho uns para com os outros.

Sois irmãos, nascidos do mesmo seio materno, por isso seria justo que vos amásseis mutuamente. Dizia isto Moisés àqueles que no Egito altercavam: Sois irmãos; por que vos injuriais mutuamente? (cf. Ex 2,13). Ao se referir aos de fora, assim se exprime: “*Procurando, se possível, viver em paz com todos*” (Rm 12,18); quanto aos seus, diz: “*Com amor fraterno, tendo carinho uns para com os outros*”. No primeiro caso, reclama que não lutemos, nem tenhamos ódio ou aversão; no segundo, que amemos, e não simplesmente amemos, mas “*tendo carinho*”. Não somente, diz ele, importa que a caridade seja sem hipocrisia, mas deve ser intensa, fervorosa, ardorosa. Qual a vantagem, pergunta, de amar sem hipocrisia, mas não com ardor? Por isso, disse: “*Tendo carinho uns para com os outros*”, quer dizer: Ama ardentemente. Não esperes que o próximo te ame, precede-o, começa; assim receberás recompensa igualmente pelo amor dele.

Tendo enunciado, portanto, o motivo por que devemos amar-nos mutuamente, expõe igualmente de que forma nosso amor permanecerá estável:

Antecipai-vos uns aos outros nas manifestações de apreço.

Assim nascerá a amizade, e há de permanecer. Nada certamente de tal forma cria amizades quanto aplicar-se a vencer o próximo em “*manifestações de apreço*”. Não apenas a amizade, mas também o respeito com isto se torna maior. Pois o que foi dito nasce da caridade, a caridade, porém, origina-se do respeito, como por sua vez o respeito vem da caridade. Em seguida, a fim de que não somente tenhamos respeito, pede algo mais:

11. Sede diligentes, sem preguiça,

Com efeito, produz amor governar com respeito, porque nada gera tanto o amor quanto o respeito e as providências. Não basta amar, mas também é preciso este acréscimo; ou melhor, este é oriundo do amor, de sorte que também o amor é fomentado, e ambos se confirmam mutuamente. De fato, muito são os que estão dispostos à amizade, mas não estendem a mão. Por isso, o Apóstolo estimula o amor de todas as maneiras. E como seremos “*diligentes, sem preguiça*”? *fervorosos de espírito*,

Viste como sempre exige intensidade? Não disse somente: Dai, mas acrescentou: Largamente. Nem apenas: Presidi, mas com diligência; nem só: Exercei a misericórdia, mas: Com alegria; nem somente: Honrai, mas também: Antecipai-vos em manifestações de apreço; nem exclusivamente: Amai, mas: Sem hipocrisia; nem só: Abstende-vos do mal, mas: Odiai-o; nem: Aderi ao bem, mas ainda: Uni-vos; nem apenas: Amai, mas com carinho, nem: Diligentes, mas ainda: Sem preguiça; nem: Tende o espírito, mas: fervoroso; isto é, sejais ardentes e ativos. Pois, se tiveres estas qualidades, atrairás o Espírito; se permanecerem em ti e te tornarem zeloso, inflamado pelo espírito e o amor, tudo ser-te-á

fácil. Não vêes como os touros que carregam no dorso uma chama, são em geral irresistíveis? Assim também serás irresistível ao diabo, se assumires ambas as chamas.

Servindo ao Senhor,

Podes servir a Deus através disso tudo. Seja o que for que fizeres em favor do irmão, transfere-se a teu Senhor e recompensar-te-á como se ele próprio o tivesse recebido. Viste aonde conduziu a mente daquele que pratica estas coisas? Em seguida, tendo mostrado como se acende a chama do espírito, disse:

12. *alegrando-vos na esperança, pacientes na tribulação, assíduos na oração,*

Tudo isso, na verdade, alimenta aquele fogo. Considerando-se que ele reclama gastos monetários, esforço corporal, presidência, solicitude, magistério e outras funções laboriosas, unge ainda o atleta com o amor, o espírito, através da esperança. Com efeito, nada torna o ânimo do homem tão viril e pronto para tudo como a esperança de bens excelentes. Além disso, antes dos bens esperados, dá outro prêmio. Ao se tratar de esperança de bens futuros, diz: *“Pacientes na tribulação”*. De fato, antes dos bens futuros, no presente colherás grande fruto da tribulação: tornar-te-ás constante e experimentado. Além disso, confere outro auxílio: *“assíduos na oração”*. O amor dá facilidade, o espírito coopera, a esperança alivia, a tribulação torna provado e idôneo a suportar tudo generosamente; além disso, terás outra importante arma, a oração e o auxílio da prece. Haverá posteriormente algo de laborioso nos preceitos? Nada. Viste que ele fortalece em tudo o atleta, e declara serem bem leves os preceitos? Pondera ainda como recomenda a esmola; ou melhor, não simplesmente a esmola, mas a proporcionada aos santos. Pois tendo dito acima: *“Aquele que exerce a misericórdia, com alegria”*, abriu a mão a todos. Aqui, contudo, trata dos fiéis; por isso, acrescenta:

11. *tomando parte nas necessidades dos santos,*

Não disse: Socorrei-os em suas necessidades; mas: Tomando parte nas suas necessidades, explicando que eles recebem mais do que dão e que é uma negociação; na verdade, é comunicação. Tu ofereces dinheiro? Eles te trazem confiança diante de Deus.

buscando proporcionar a hospitalidade.

Não disse: proporcionando, e sim: *“buscando proporcionar”*, ensinando-nos a não esperar que os necessitados nos procurem, mas nós a eles acorramos e lhes proporcionemos. Assim agiu Lot, assim Abraão. Ele passou o dia naquela ocupação, aguardando esta ótima presa. Vendo-a, saltou, correu ao seu encontro, prostrou-se por terra e adorou, dizendo: “Meu senhor, se encontrei graça a teus olhos, não passes junto de teu servo sem te deteres” (Gn 18,3). Nós, ao invés, quando vemos um peregrino ou pobre, levantamos as sobralhas, e pensamos não merecer palavra; e se talvez após mil súplicas nos abrandamos e ordenamos aos servos que lhes deem um pouquinho de dinheiro, julgamos ter agido bem. Ora, Abraão não procedeu assim, mas colocou-se na condição de suplicante e de servo, apesar de não saber quem ia acolher.

Nós, contudo, apesar de termos a certeza de que é Cristo que vamos receber, nem assim nos abrandamos. Ora, Abraão roga, suplica, prostra-se, ao passo que nós injuriamos os que chegam. Ele agiu pessoalmente, auxiliado pela mulher; nós, nem por meio dos servos. Se, porém, queres saber qual a mesa que ele preparou, vais deparar com grande liberalidade, não pela abundância dos alimentos, mas devido às riquezas das disposições espirituais. Quantos ricos havia então? Mas nenhum deles fez algo de semelhante. Quantas viúvas havia em Israel? Mas nenhuma acolheu Elias. Quantos ricos, por sua vez, havia no tempo de Eliseu? Mas só a sulamita colheu o fruto da hospitalidade, conforme fez

também Abraão em seu tempo com largueza e prontidão. É admirável principalmente porque, ignorando quem eram os recém-vindos, no entanto agiu desta forma. Não perscrutes, portanto, curiosamente. É Cristo que recebes. Se sempre perscrutares curiosamente, não raro deixarás de atender a um homem honesto e perderás a retribuição. Ora, aquele que recebe um homem desonesto não é censurável, mas merece recompensa. “Quem recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa própria de um profeta” (Mt 10,41). Quem, contudo, por esta inoportuna curiosidade não receber um homem insigne, sofrerá castigo. Não examines curiosamente, portanto, a vida e os atos. Seria extrema imperícia perscrutar curiosamente uma vida em troca de um pão. Com efeito, se é homicida, ladrão, ou de qualquer outra espécie, parece-te indigno de um pão e de um pouco de dinheiro? Mas teu Senhor para ele até faz nascer o seu sol, e tu o julgas indigno do alimento diário? Eu, porém, acrescentaria algo ainda mais importante: Se soubesses com certeza que ele era culpado de inúmeros crimes, nem assim serias aprovado por privá-lo do alimento cotidiano. És servo daquele que disse: “Não sabeis de que espírito sois” (Lc 9,55)? És servo daquele que respeitava os que o apedrejavam, ou antes, daquele que foi crucificado em benefício de seus algozes? Não me digas: Matou um homem. Com efeito, se também está para te matar, nem assim o desprezes se faminto. De fato, és discípulo daquele que desejava a salvação dos que o crucificavam e suspenso da cruz dizia: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34). És servo daquele que curou quem lhe batia, que deu uma coroa na própria cruz àquele que o injuriava. É possível algo de comparável a isto? Pois, no começo ambos os ladrões o injuriavam; entretanto a um deles abriu o paraíso. Chorou por aqueles que o haveriam de matar. Perturbou-se e agitou-se quando viu o traidor, não porque ele próprio ia ser crucificado, mas porque aquele pereceria. Perturbou-se, na verdade, porque tinha presciência da força, e que depois da força viria o suplício. E ciente da malícia do traidor, até o último momento o suportou, sem repeli-lo, mas beijou-o. O Senhor osculou, e com os lábios acolheu aquele que logo haveria de derramar o precioso sangue; tu, no entanto, nem um pão te dignas oferecer ao pobre? Não respeitas a lei que Cristo promulgou? Ele expôs que não devemos abominar não só os pobres, mas nem os que nos levam à morte. Não me digas: Ele me fez mal; mas pensa no que Cristo fez, que até à cruz buscou emendar o traidor que por meio do ósculo haveria de traí-lo. E vê como o envergonha: “Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem?” A quem não abrandaria, não curvaria aquela palavra? A que fera? A que aço? Mas não dobrou aquele miserável. Não digas, portanto: Ele matou aquele homem, por isso o odeio. Mesmo se estivesse para te traspasar com o gládio, e meter a direita no teu pescoço para estrangular, beija esta direita, porque Cristo beijou aquela boca que ocasionou a sua morte.

Por conseguinte, tu não tenhas ódio, mas chora e tem pena de quem arma ciladas. Merece que nos compadeçamos e deploremos. Somos servos daquele que beijou o traidor (não cessarei de o repetir) e que proferiu palavras mais suaves do que o próprio ósculo. Não disse: Ó execrando, miserável, traidor, deste modo retribuís a graça de tantos benefícios? Mas como disse? “*Judas*”, interpelando-o pelo próprio nome, o que é antes peculiar a quem se compadece e exorta do que de um homem irado. Nem disse: Sou teu Mestre, Senhor e benfeitor, e sim: “O Filho do Homem”. Se não fosse teu Mestre, nem Senhor, e tão suave e sinceramente unido a ti, a ponto de te oscular por ocasião da traição, sendo aquele ósculo o sinal da traição, tu, diria, o atraíças? Bendito és, Senhor, que nos deste exemplo de tão grande humildade, de tolerância! Assim procedeu para com ele, mas contra os invasores munidos de açoites e espadas, não procedeu assim. O que é mais suave do que as palavras que lhes dirigiu? Podendo de repente eliminá-los, nada disso fez, mas proferiu palavras que os envergonharia: “Como a um ladrão, saístes para prender-me com espadas e paus!” (Mt 26,55). E tendo-os jogado por terra, onde ficaram quase sem sentidos, voluntariamente se entregou e suportou, vendo algemadas as santas

mãos que podiam abalar e prostrar a todos. E tu, depois de tudo isto, ficas exasperado contra o pobre. Ora, mesmo culpado de inúmeros crimes, a pobreza e a fome seriam capazes de dobrar um ânimo menos endurecido. Enfurecido, imitas a fúria dos leões, embora eles nunca provem os cadáveres, enquanto tu, vendo-o fazer, abatido por tantos males, o atacas e estraçalhas com ultrajes. Acrescentas uma tempestade à outra, impeles contra os escolhos aquele que se refugia no porto, e o naufrágio que infligis é pior do que os marítimos. E como podes suplicar a Deus: Tende piedade de mim? Pedes perdão dos pecados, enquanto injurias aquele que contra ti não falhou, reclamas castigo para a fome e tantas necessidades, superando em crueldade todas as feras? Estas, coagidas pela fome, tomam o alimento que lhes é próprio; tu, porém, sem que ninguém force ou obrigue, devoras o irmão, mordendo, dilacerando, se não com os dentes, com palavras piores do que mordeduras. Como, pois, recebes a sagrada oferenda, tu que tinges a língua com sangue humano? Como dás a paz, tendo a boca repleta de lutas? Como degustas o alimento material, quando recolhes tão forte veneno? Não socorres a pobreza. Por que além disso esmagas? Não levantas o que jaz prostrado. Por que também o derrubas? Não afastas a tristeza. Por que a aumentas? Não dás esmola. Por que injurias com palavras? Não ouviste quantas penas sofrem os que não alimentam os pobres? A que suplícios são condenados? “Apartai-vos de mim para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41). Se, portanto, os que apenas não nutrem assim são condenados, que penas não sofrerão os que além de não alimentarem, ainda os injuriam? Qual o castigo, qual a geena? Por conseguinte, não acendamos tantas chamas contra nós. Enquanto é possível, curemos esta grave doença, imponhamos freio à língua. Não só não ultrajemos, mas consolemos com palavras e atos, a fim de que em nosso favor sendo previamente reservada grande misericórdia, consigamos os bens prometidos, pela graça e amor aos homens etc.

VIGÉSIMA SEGUNDA HOMILIA

Amor para com todos os homens, mesmo para com os inimigos.

12,14. *Abençoaí os que vos perseguem; abençoaí e não amaldiçoeis.*

Após ensinar-lhes as atitudes recíprocas, e unir cuidadosamente os membros, conduze-os doravante às fileiras externas, entregando-os à luta mais fácil. Quem não dispõe com retidão o que se refere aos domésticos, com maior dificuldade administrará o que é relativo aos estranhos; assim aquele que bem se exercita nestas questões, mais facilmente determinará acerca das externas. Por isso, Paulo depois daquelas, trata destas, e vai adiante: “*Abençoaí os que vos perseguem*”. Não disse: Não vos recordeis das injúrias e não vos vingueis, mas exige muito mais. Aqueles atos são próprios do filósofo, estes peculiares ao anjo. E tendo dito: “*Abençoaí*”, acrescentou: “*E não amaldiçoeis*”, para não praticarmos esta e aquela ação, mas somente aquela. Pois os perseguidores para nós alcançam recompensa. Se, porém, fores vigilante, obterás conjuntamente outra recompensa. O perseguidor, de fato, a prepara pelas perseguições, e tu, por meio do dom abençoado que lhe ofereces, máximo sinal de amor a Cristo. Quem maldiz o perseguidor manifesta que não se alegra muito com este sofrimento por Cristo; de outro lado, quem bendiz revela muito amor. Por conseguinte, não ultrajes a fim de retirares maior fruto, e ensina-lhe que tua atitude não se origina da necessidade e sim do propósito; é dia de celebração e festa, não de tribulação e tristeza. Por isso Cristo dizia: “*Alegrai-vos, quando, mentindo, disserem todo o mal contra vós*” (Mt 5,11). Por este motivo, os apóstolos voltaram alegres não somente pela maledicência que suportaram, mas também porque foram flagelados. Além do que se disse, lucrarás ainda não pouco porque assim traspassas os adversários e por obras lhes ensinas que trilhas outro caminho para a vida. Com efeito, se te vê alegre e pronto para sofrer, conhecerá claramente através das obras que tens esperanças melhores do que as presentes; se, ao invés, não o

fizeres, mas chorares e te lamentares, como poderá saber que tens esperança de outra vida? Além disso, praticas outra ação reta: Se observar que não te lamentas por causa das injúrias, mas abençoas, porá termo à perseguição. Vê, portanto, quantos bens emergem daí: A recompensa será maior, a provação menor, ele cessará de perseguir e Deus será glorificado; tua sabedoria será ensinamento sobre a piedade para o errante. Por isso, o Apóstolo manda retribuir com o oposto não apenas o que ultraja, mas também aos que perseguem e prejudicam em atos. E então, de fato, manda abençoá-los; indo avante, exorta também a fazer-lhes o bem.

15. *Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram.*

Uma vez que alguém pode abençoar e não amaldiçoar, e não proceder desta forma por amor, ele quer que tenhamos caridade ardente. Por isso adicionou que não só devemos abençoar, mas também nos condoer e nos compadecer, se os virmos alguma vez cair na infelicidade. Sim, replicas, ordenou com razão chorar com os que choram; por que ordenou a outra ação, se não é importante? Ora, a um espírito mais sábio convém antes alegrar-se com os que se alegram do que chorar com os que choram. Pois a própria natureza a isto nos induz. Ninguém é tão duro como pedra que não chore com o homem atribulado. É, sobretudo, peculiar ao ânimo generoso não apenas não invejar aquele que está na prosperidade, mas também congratular-se com ele. Por isso, deu-lhe a primazia. De fato, nada concilia tanto o amor quanto partilhar a alegria e o pesar. Por conseguinte, pelo fato de estares longe das tribulações, não deixes de mover-te de compaixão; pois se o próximo sofre, deves participar de sua aflição. Sejam comuns as lágrimas, para aliviá-lo a tristeza; comum a alegria para lançares as raízes da alegria, e confirmares o amor. Dessa maneira, através dele auxiliar-te-ás a ti mesmo, sendo misericordioso pelas lágrimas e te livrando do ciúme e da inveja pela alegria compartilhada. Observa como Paulo não é molesto. Não disse: Afasta a tribulação, para não responderes frequentemente que é impossível, mas ordena o mais leve, e que está em teu poder. Embora não possas apartar a tribulação, oferece tuas lágrimas e retiras a maior parte; se não podes aumentar a felicidade, introduz a alegria e forneces grande apoio. Por isso, o Apóstolo não preceitua só não invejar, mas o que é muito mais, manda congratular-se. É muito mais do que não invejar.

16. *Tende a mesma estima uns pelos outros, sem pretensões de grandeza, mas sentindo-vos solidários com os mais humildes;*

Tem ainda grande solicitude para com a humildade, com a qual começou o sermão. Pois é provável que eles estivessem cheios de orgulho, tanto por causa da celebridade da cidade quanto por muitas outras causas; por isso frequentemente aparta aquela moléstia e reprime o orgulho. Nada, de fato tanto divide o corpo da Igreja, como a arrogância. O que significa, de fato, a palavra: “*Tende a mesma estima uns pelos outros*”? Chegou um pobre em tua casa? Tem “*a mesma estima*”. Não tenhas maior luxo relativamente ao rico. Em Cristo não há rico nem pobre. Não te envergonhes por causa da veste externa, mas recebe-o em vista da fé interior. Se alguém chora, não consideres indigno consolá-lo, nem se está na prosperidade, sintas vergonha de ter parte na alegria e no regozijo. Tenhas, porém, a mesma estima que dedicas a ti próprio, pois disse o Apóstolo: “*Tende a mesma estima uns pelos outros*”. Por exemplo: Pensas que és grande? Julga-o igualmente grande. Suspeitas que é humilde e pequeno? Calcula o mesmo a respeito de ti mesmo, e elimina toda desigualdade. Como se fará isto? Renunciando à arrogância. Por esta razão acrescentou o Apóstolo: “*Sem pretensões de grandeza, mas sentindo-vos solidários com os mais humildes*”. Isto é, desce à baixeza dele, anda em torno com ele, acompanha-o. Não apenas sejas solidário na humildade, mas também auxilia-o e estende-lhe a mão, não por causa dele, mas por tua própria causa, como o pai toma providências pelo filho, enquanto cabeça do corpo, conforme disse também em outra passagem: “Como se vós fôsseis prisioneiros com

eles” (Hb 13,3). Denomina humildes aqui não só os que pensam com humildade, mas são, na verdade, vis e desprezíveis.

Não vos deis ares de sábios.

Isto é, não julgueis que vos bastais a vós mesmos. Com efeito, diz a Escritura em outra parte: “Ai dos que são sábios aos seus próprios olhos e inteligentes na sua própria opinião!” (Is 5,21). Por isso, mais uma vez reprime-lhes a arrogância, e repele o orgulho e o inchaço. Nada tanto afasta e separa como julgar-se alguém autossuficiente; por isso Deus de tal modo nos criou que precisássemos uns dos outros. És prudente, mas precisas dos outros; se pensas que não precisas, és o mais estulto e fraco de todos. Pois quem é tal, fica privado de todo auxílio, e para seus pecados não obtém correção nem perdão, e pela arrogância provoca a ira de Deus, e muito pecará. Acontece frequentemente, acontece que o homem prudente não vê o que convém, e o mais insensato encontra algo apropriado, conforme aconteceu a Moisés e o sogro, a Saul e o filho, a Isaac e Rebeca.

Não julgues humilhação precisar dos outros. Mais te exalta e fortifica, mais te ilustra e dá segurança.

17. *A ninguém pagueis o mal com o mal;*

Com efeito, por que te tornas censurável ultrajando quem te arma insídias? Por que não evitas imitá-lo na prática do mal? E observa que Paulo não faz distinções, mas enuncia uma lei comum a todos. Não disse: Ao fiel não pagues “o mal com o mal”, e sim: “A ninguém”, mesmo que seja pagão, malvado, enfim seja o que for.

seja vossa preocupação fazer o bem a todos os homens,

18. *procurando, se possível, viver em paz com todos, quanto de vós depende.*

Isto é, “Brilhe a vossa luz diante dos homens” (Mt 5,16), não por vanglória, mas a fim de não oferecerdes oportunidade aos que querem encontrar pretexto contra vós. Onde dizer o Apóstolo em outra passagem: “Não vos torneis ocasião de escândalo, nem para os judeus, nem para os gregos, nem para a Igreja de Deus” (1Cor 10,32). Pela continuação esclarece: “*Procurando, se possível, quanto de vós depende*. Algumas vezes, contudo, não é possível, por exemplo, ao se tratar da piedade, ou na luta em favor dos que sofreram injustiça. E por que te admiras que entre os homens nem sempre seja possível, uma vez que entre marido e mulher Paulo resolve este problema, dizendo: “Se o não cristão quer separar-se, separe-se!”, quer dizer: Faze o que está em teu poder, e a ninguém dês oportunidade de luta e oposição, nem ao judeu, nem ao grego. Quando, porém, for lesada a piedade, não prefiras a concórdia à verdade, mas persiste generosamente até a morte; e nem assim luta de bom grado, nem odeia de propósito, mas apenas combate as ações. É isto que significa: “*Procurando, se possível, viver em paz com todos, quanto de vós depende*”. E se o adversário recusar a paz, não enchas o espírito de borrascas, mas de bom grado sê amigo, conforme disse, e jamais atrações a verdade.

19. *Não façais justiça por vossa conta, caríssimos, mas dai lugar à ira, pois está escrito: A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei, diz o Senhor (Dt 32,35).*

Qual ira? A de Deus. Uma vez que aquele que sofreu injustiça deseja mais que tudo ver a vingança, ele a concede em melhor medida: Se não te vingares, Deus será o vingador. Deixa, por conseguinte, que ele o seja. É o significado da locução: “*Dai lugar à ira*”.

Em seguida, para maior consolo apresenta um testemunho, e desta forma fortificando-o, exige maior sabedoria:

20. *Antes, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sede, dá-lhe de beber. Agindo desta forma estarás pondo brasas sobre sua cabeça.*

21. *Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem.*

Por que anuncio, perguntas, que importa viver em paz? De fato, ordeno fazer o bem ao inimigo: *“Dá-lhe de comer, dá-lhe de beber”*. Logo, uma vez que a ordem é muito difícil e importante, acrescenta: *“Agindo desta forma, estarás pondo brasas sobre sua cabeça”*. Assim se expressou, reprimindo pelo medo, e estimulando o mais intenso zelo pela esperança da retribuição. De fato, o injustamente lesado, quando pusilânime, não se deixará levar tanto pelo próprio bem quanto pela vingança contra quem o lesou. Nada é tão agradável quanto ver o inimigo castigado. Por isso, o Apóstolo oferece em primeiro lugar o que ele deseja; e depois, tendo extraído o veneno, exorta-o a alcançar um grau mais sublime, dizendo: *“Não te deixes vencer pelo mal”*. Com efeito, ele sabia que um inimigo, fosse embora uma fera, não continuaria inimigo se recebesse alimento. E o lesado, por mais vingativo que seja, após ter fornecido alimento e bebida ao inimigo, certamente não desejará ainda vingar-se. Por isso, confiante a respeito do final da questão, não ameaça simplesmente, mas traça de vários modos a vingança. Não disse: Serás vingado, e sim: *“Estarás pondo brasas sobre sua cabeça”*. Em seguida proclama: *“Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem”*, e progressivamente sugere que não se deve agir com tal ânimo, pois reter a lembrança da injúria é ser vencido pelo mal. Não o declarou em primeiro lugar, nem era oportuno. Havendo, porém, cessado a ira, acrescentou: *“Mas vence o mal com o bem”*. Eis uma vitória. Não é especialmente quando prostrado se sujeita a receber ferimentos que o pugilista vence, mas quando se ergue e faz com que o adversário desperdice força golpeando o ar. Desta forma ele não será ferido e o outro dissipará toda a sua força. O mesmo acontece relativamente às injúrias. Se repeles injúria com injúria, não és vencido por um homem, mas, com maior vergonha, por um sentimento servil; se calas, porém, vences, sem labor levantas o troféu, recebes inúmeras coroas e muitos condenam a mentira do ultraje. Efetivamente, quem contradiz, parece opor-se ofendendo-se; entretanto, quem se ofende, oferece pretexto à suspeita de estar consciente de ter cometido o que se diz. Se, contudo, ridicularizas, pelo riso inutilizas o voto contra ti. Se, ao invés, queres ter clara demonstração destas asserções, interroga ao próprio inimigo qual o motivo de maior pesar. Será quando, irado, retribuís a injúria, ou quando zombas de quem ultraja? Responderá que é mais lamentável o último caso. Não lhe agrada tanto que não retribuas os ultrajes quanto se aborrece por não poder provocar em ti uma comoção. Não vês que os homens em fúria, sem dar importância aos próprios ferimentos, irrompem impetuosamente e piores que javalis procuram antes ferir o próximo do que se precaverem dos sofrimentos? Privá-lo, portanto, daquilo que ele mais ambiciona, é privá-lo de tudo, derrubá-lo, declará-lo desprezível, e que se comporta mais qual criancinha do que como homem. Tu recebeste o sufrágio de ser sábio, e lhe granjeaste a fama de uma fera. Procedamos desta maneira ao sermos fustigados; se quisermos fustigar, não retribuamos os golpes. Mas queres infligir-lhe chaga mortal? Oferece-lhe a outra face e abrirás inúmeras chagas. De fato, para ele seriam mais aflitivos os que o aplaudissem e admirassem do que os que o apedrejassem. E mais que eles a consciência o acusa, reclama as piores penas, e sob o máximo castigo, envergonhado se afasta. Se, contudo, procuras glória diante de muitos, mais desta gozarás. Aliás, sentimos compaixão dos que sofrem; se virmos, porém, que não se vingam, mas expõem-se voluntariamente, não temos apenas comiseração. Até os admiramos.

Por conseguinte, de certo modo lanço gemidos porque, se percebêssemos que são justas as leis de Cristo, poderíamos apossar-nos dos bens presentes e conseguir também os eternos; no entanto, a ambos perdemos, desobedecendo às exortações, por raciocínios vãos. Com efeito, Cristo estabeleceu

todas estas leis proveitosas e indicou o que nos faz gloriosos ou vis. Ele não o preceituaria, se com isto seus discípulos caíssem no ridículo. Deu tais ordens porque eles brilham mais se amaldiçoados não maldizem e não retribuem o mal com o mal. Se assim é, entretanto será muito mais honroso bendizer ao padecerem detração, louvar ao serem ultrajados, prestar benefícios aos impostores. Por conseguinte, Cristo promulgou estas leis. Poupa, de fato, os discípulos e conhece muito bem o que os diminui ou engrandece. Se, portanto, poupa-os e tem exato conhecimento, por que disputas, querendo trilhar outro caminho? Vencer cometendo o mal é lei do diabo e por esta razão, nos combates olímpicos a ele dedicados, é assim que os lutadores obtêm a vitória. Ora, no estádio de Cristo não vigora tal lei para obtenção de coroas, mas é inteiramente o contrário. Estabelece-se que há de ser coroado o ferido, não quem fere. Em tal estádio acontece o oposto, de sorte que o prodígio maior não se encontra na vitória, mas no modo de obtê-la. O que alhures é considerado malogro aqui gera a vitória. Eis o poder de Deus, o estádio celeste, o teatro dos anjos.

Sei que sentistes ardor e amolecesteis mais do que a cera; mas, ao sairdes daqui, tudo será rejeitado. Por isso, tenho o pesar de não pormos em prática o que foi proferido, embora houvéssemos de retirar o maior lucro. Efetivamente, seríamos insuperáveis pela elasticidade, e ninguém, pequeno ou grande, poderia nos causar o mínimo prejuízo. Se alguém te detrair, e não retribuíres, ele sentir-se-á muito prejudicado e se te causar injustiça, danificado será o injusto. Não vês no foro judiciário os que sofreram injustiça comparecerem com atitude digna e com grande confiança exprimirem-se livremente, enquanto os injustos mantêm-se cabisbaixos, envergonhados e medrosos? E por que falo de acusação e injustiça? Mesmo que o inimigo afie contra ti a espada, e enfie a direita em tua garganta, não te lesa e a si próprio estrangula. Atesta-o o primeiro que desta forma foi assassinado por mão fraterna. Ele, de fato, atingiu o porto tranquilo, e conquistou glória eterna; o outro levou vida mais miserável que a morte, com gemidos e tremor, carregando no corpo a condenação de seu crime. Não desejemos tal sorte, e sim aquela. Com efeito, quem padece não conserva em si mal permanente. Não produziu o mal, mas recebeu-o de fora, e pela paciência o transformou em bem. O que infligiu o mal carrega dentro de si a chaga da maldade. Acaso José não estava no cárcere, e a insinuante adúltera não estava em palácio brilhante e suntuoso? Qual dos dois querias ser? Não me fales ainda em recompensa, mas pondera os fatos em si; assim haverias mil vezes de preferir o cárcere com José do que o palácio que abrigava a adúltera. Pois, se olhares para ambas as almas, verás a de José na amplidão e com muita confiança; a alma da egípcia mergulhada na angústia, vergonha, consternação, perturbação e em grande ansiedade. Embora ela pareça vencer, não fora propriamente vitória. Cientes disto, preparemo-nos para sofrer, de sorte que sejamos libertados dos males, e consigamos os bens futuros. Oxalá todos nós os alcancemos, pela graça e amor aos homens etc.

VIGÉSIMA TERCEIRA HOMILIA

Submissão à autoridade civil

13,1. *Todo homem se submeta às autoridades constituídas,*

Paulo frequentemente nas outras epístolas desenvolve este argumento, ordenando que os servos se submetam aos senhores, bem como os súditos aos príncipes. Ele o faz explanando que Cristo não promulgou suas leis para revolucionar as leis civis em geral, mas para corrigir e ensinar que não devemos empenhar-nos em lutas supérfluas e inúteis. De fato, bastam-nos as ciladas que nos são armadas por causa da verdade, e é inconveniente acrescentar provações vãs e inúteis. Vê, contudo, a forma tão oportuna com a qual ele inicia este sermão. Depois de ter reclamado grande sabedoria e atenção às necessidades dos amigos e inimigos, dos prósperos e infelizes, dos indigentes etc., de haver introduzido um estilo de vida que conviria aos anjos, de ter extinguido a ira, reprimido a arrogância, e

suavizado o ânimo para com todos, só então faz a exortação sobre o assunto. Pois se importa retribuir com ação oposta aos que nos fazem injustiça, muito mais convém obedecer àqueles que nos beneficiam. Ele coloca o assunto no fim da exortação; nesse ínterim não elabora o raciocínio a que me referi, enquanto ordena o que é devido. E no intuito de evidenciar que preceitua a todos, inclusive aos sacerdotes e aos monges, e não somente aos seculares, declara-o desde o começo, dizendo: “*Todo homem se submeta às autoridades constituídas*”, até mesmo o apóstolo, o evangelista e os profetas etc., sujeição que não ocasiona obstáculo à piedade. Não disse simplesmente: Obedeça, e sim: “*Submeta-se*”. A primeira justificativa de tal decisão, segundo a fé, consiste em que estas coisas foram ordenadas por Deus: pois não há autoridade que não venha de Deus.

O que dizes? Todo príncipe foi estabelecido por Deus? Não digo isto, responde, nem falo agora a respeito de cada um dos príncipes, mas do problema em si. Pois é obra da sabedoria divina que haja domínio e que uns governem e outros sejam súditos, que nem tudo seja fruto simplesmente do acaso, de tal sorte que os povos, quais ondas do mar, sejam arrastados para cá e para lá. Por isso não disse: Não há príncipe que não venha de Deus, mas refere-se à função em si: “*Pois não há autoridade que não venha de Deus*”, e as que existem foram estabelecidas por Deus.

Exprime-se como determinado sábio: “É o Senhor quem dá uma mulher sensata” (Pr 19,14). Assevera que Deus criou as núpcias, e não que tenha unido cada homem que se casa. Vemos, na verdade, muitos que fazem péssimo casamento e não segundo as leis. Não o imputemos a Deus. Mas porque o próprio Cristo disse: “Não leste que desde o princípio o Criador os fez homem e mulher? e que disse: Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher?” (Mt 19,4-5; Gn 2,24). Aquele sábio, interpretando-o, dissera: Uma vez que a igualdade em honra muitas vezes ocasiona luta, criou muitos poderes e muitas sujeições, por exemplo, entre homem e mulher, filho e pai, ancião e jovem, servo e livre, príncipe e súdito, mestre e discípulo. E por que admirar que tal aconteça entre os homens, visto suceder o mesmo em relação ao corpo? Neste nem tudo igualou em honra, mas dispôs que um membro fosse menos honroso, outro mais, uns dessem ordens e outros obedecessem. Entre os animais verifica-se o mesmo, como entre as abelhas, os grous, os rebanhos agrestes. Nem o mar acha-se privado desta disposição, mas muitas espécies de peixes sob um só se colocam, militam, e empreendem longas viagens. De fato, onde não há governo, em toda parte reinam o mal e a perturbação. Tendo dito de onde se origina a autoridade, acrescentou:

2. De modo que aquele que se revolta contra a autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus.

Vê aonde ele conduz o assunto, de onde atemoriza, e como explica qual o dever. Para evitar que dissessem os fiéis: Tu nos humilhas e expões ao desprezo, submetendo aos príncipes aqueles que vão gozar do reino dos céus, destaca que não os sujeita aos príncipes, mas a Deus, porque a ele obedece quem é submisso à autoridade. Mas não se expressa desta forma, a saber, que obedece a Deus quem obedece aos príncipes; ao invés, atemoriza e mais cuidadosamente o comprova asseverando que não obedecer ao príncipe é opor-se a Deus, que estabeleceu esta lei. Sempre se esforça por demonstrar que, ao obedecer, não prestamos um favor, mas cumprimos um dever. Desta maneira atraía mais os príncipes infiéis à piedade, e os fiéis à obediência. De fato, espalhava-se o boato de serem os apóstolos sediciosos propagadores de novidades, que tudo faziam e diziam para a abolição das leis comuns. Com a declaração de que nosso Senhor dá este preceito a todos os seus, fecha a boca dos que acusavam os apóstolos de inovadores; e falarás com maior confiança em favor dos ensinamentos da verdade.

Não te envergonhes, portanto, desta sujeição. Com efeito, Deus promulgou tal lei, e castiga energicamente aqueles que a desprezam. Com efeito, se não obedeceres, não é de qualquer modo que te castigará, mas em grau máximo, e de nada te isentará apesar de tua repulsa; da parte dos homens igualmente sofrerás gravíssimo suplício, ninguém te patrocinará, e mais irritarás a Deus. Sugerindo-o, o Apóstolo dizia:

E os que se opõem atrairão sobre si a condenação.

Em seguida, depois de incutir temor, destaca a utilidade da questão e por raciocínios persuade, nesses termos:

3. Os que governam metem medo quando se pratica o mal, não quando se faz o bem.

Visto que infligira profunda chaga, e os atemorizara, de novo os reanima, qual perito médico aplicando remédios leves e consolando: Por que temes? Por que estremeces? Acaso te repreende ao agires bem? Ou é terrível para quem pratica a virtude? Por isso acrescenta:

Queres então não ter medo da autoridade? Pratica o bem e dela receberás elogios,

Viste como o reconcilia com o magistrado, afirmando que o julga e louva? Viste como acalma a divergência?

4. pois ela é ministro de Deus para te conduzir ao bem.

Está tão longe de te atemorizar que ainda te louva; tão longe de impedir que até coopera. Tendes um admirador e auxiliar; por que não te submetes? Aliás, ele faz com que a virtude te seja mais fácil,

punindo os maus, de outro lado prestando benefícios e honras aos bons, cooperando com a vontade de Deus; por isso o Apóstolo o denominou “*ministro*”. Reflete, contudo. Eu te aconselho a seres moderado, e ele o exprime através das leis: Eu exorto a que ninguém se dê à avareza nem à rapina, e o magistrado é juiz nesses casos. Por conseguinte, ele é nosso cooperador e auxiliar, e para isto foi enviado por Deus. Por ambas as circunstâncias é respeitável: Por ter sido enviado por Deus, e devido a esta finalidade.

Se, porém, praticares o mal, teme,

Não é o príncipe a causa de temor, mas nossa maldade.

não é em vão que traz a espada:

Viste que o exhibe armado, ou qual soldado, terrível aos pecadores?

4. *É ministro de Deus para fazer justiça e punir quem pratica o mal.*

No intuito de não te sobressaltares ao ouvir falar de suplício, castigo e espada, repete que ele cumpre a lei de Deus. O que acontecerá, pois, se o príncipe a ignorar? Mas Deus assim o determinou. Se, portanto, é ministro de Deus tanto ao punir quanto ao honrar, vingando a virtude e expulsando a malícia, conforme a Deus apraz, por que disputas contra quem introduz tantos bens e prepara o caminho para a realização de teus interesses? De fato, muitos que antes exerceram a virtude por medo das autoridades, depois por temor de Deus a abraçaram. Aos mais rudes não tocam tanto as coisas futuras quanto as presentes. Quem, portanto, prepara os ânimos de muitos, através do temor ou dos prêmios, de sorte que sejam mais aptos a receber a doutrina, com direito tem o título de ministro de Deus.

5. *Por isso é necessário submeter-se não somente por temor do castigo, mas também por dever de consciência.*

O que significa: “*Não somente por temor do castigo*”? Não apenas porque se não te submeteres, resistes a Deus, e atraís sobre ti grandes males da parte de Deus e dos homens, mas porque também o magistrado nas questões principais será teu benfeitor, conciliando a paz e pela administração civil. De fato, através dos magistrados, inúmeros bens são conferidos às cidades e se os retirares, tudo retrocede, e não haverá mais cidades, nem aldeias, nem casas; nem o fórum, nem outra coisa semelhante subsistirá, mas tudo será revolucionado, e os mais fortes hão de devorar os mais fracos. Por conseguinte, mesmo que não houvesse castigo para os desobedientes, devias submeter-te para não pareceres homem sem consciência, e ingrato para com o benfeitor.

6. *É também por isso que pagais impostos, pois os que governam são servidores de Deus, que se desincumbem com zelo do seu ofício.*

Tendo omitido cada um dos benefícios que os magistrados prestam às cidades, tais como a boa ordem, a paz, outros serviços, e os dos soldados, dos ofícios comuns, exhibe-o num todo. Atestas que recebes benefícios dele, pagando-lhe os impostos. Vê a sabedoria e a prudência de São Paulo! O que parecia oneroso e pesado, a saber, os impostos, transforma em modelo da providência deles. Por que, pergunta, pagamos tributos ao rei? Não é como àquele que provê? Não damos acaso uma recompensa ao preposto por sua solicitude? Aliás, não pagaríamos, a não ser que soubéssemos desde o princípio que de tal governo nos advém lucro; mas já outrora por comum consenso ficou determinado que sustentássemos os magistrados, porque, descuidando dos interesses domésticos, são solícitos pelos públicos e nisto empregam todo o tempo que reservamos para os nossos.

Tendo explicado, portanto, o que pertence aos estranhos, retorna aos assuntos anteriores. Desta forma era mais capaz de atrair o fiel e mais uma vez declarar que assim apraz a Deus e concluir seu

projeto, dizendo: “*São servidores de Deus*”. Em seguida, expondo o labor e as tribulações deles, acrescenta: “*Que se desincumbem com zelo do seu ofício*”. Tal é a vida deles, o empenho a fim de gozarem de paz. Por isso, em outra epístola manda não somente ser-lhes submissos, mas também rezar por eles; e depois de manifestar que o lucro é comum, adiciona: “A fim de que levemos uma vida calma e serena” (1Tm 2,1-2). Não é pouco o que nos conferem nas condições da vida presente: Tomam as armas, repelem os inimigos, proíbem as sedições nas cidades, resolvem as dissensões em todos. Não me digas que alguns frequentemente abusam deste poder; mas olha para a boa ordem de suas disposições, e vê a grande sabedoria daquele que desde o princípio estabeleceu esta lei.

7. Dai a cada um o que lhe é devido; o imposto a quem é devido; a taxa a quem é devida; o temor a quem é devido; a honra a quem é devida.

O amor, síntese da lei

8. A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, a não ser o amor mútuo,

Ainda insiste em idênticos pontos, ordenando não despender somente dinheiro, mas tributar honra e temor. E tendo dito acima: “*Queres então não ter medo da autoridade? Pratica o bem*”, por que diz aqui: “*O temor a quem é devido*”? Refere-se à intensa honra, não ao temor oriundo de uma consciência onerada, a que aludiu acima. E não disse: Dai, mas: Retribui, e acrescentou: “*Devido*”. Não o fazes gratuitamente; é dever, e se não o cumprires, sofrerás as penas de um ingrato. Não julgues que te diminuis, e sofres detrimento nos axiomas de tua filosofia, se te levantas na presença do príncipe, se descobres a cabeça. Se o Apóstolo o ordenou quando os príncipes eram pagãos, muito mais agora, que são fiéis, devemos prestá-lo. Se dizes que te foram confiados bens maiores, reconhece que ainda não chegou o tempo oportuno, pois és estrangeiro e peregrino. Chegará o tempo em que te exibirás como o mais esplêndido de todos. Agora tua “vida está escondida com Cristo em Deus; quando Cristo se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele em glória” (Cl 3,3-4). Não busques, portanto, nesta vida transitória a retribuição, mas, se deves manter-te com temor diante do príncipe, não julgues ser indigno de tua nobreza. Pois Deus o quer, a fim de que o príncipe por ele estabelecido tenha peculiar poder. Com efeito, se aquele que não está consciente de ter praticado mal algum, comparece com temor diante do juiz, muito mais terá medo o malfeitor. Tu, com isto, também terás maior brilho. Por prestares honra não te humilharás, e sim se não a tributares; e o próprio príncipe, embora seja pagão, mais te admirará e com isso glorificará teu Senhor. “*A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, a não ser o amor mútuo*”. Mais uma vez recorre à mãe de todos os bens, à mestra dos supramencionados e causa de todas as virtudes, e afirma haver débito, não qual tributo, ou imposto, mas continuamente. Jamais quer dizer que seja pago; ou antes, sempre haja restituição, sem contudo haver pagamento completo, porque a dívida subsiste. O débito, na verdade, é tal que sempre se paga, sempre se deve. Tendo dito, por conseguinte, como se deve amar, declara o lucro obtido, dizendo: pois quem ama o outro cumpriu a Lei.

Não penses que é favor, porque é igualmente débito. Deves, de fato, amor ao irmão por causa do parentesco espiritual, e não só por esta razão, mas porque somos membros uns dos outros; e se este amor se perder, tudo se dissipa. Ama, portanto, o irmão. Se pelo amor lucras tanto e cumpres toda a Lei, ficas lhe devendo amor, porquanto dele recebeste tamanho benefício.

9. De fato, os preceitos: Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não levantarás falso testemunho, e todos os outros se resumem nesta sentença: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mt 22,39).

Não ordenou simplesmente: São cumpridos, mas: “*Se resumem*”, isto é, de maneira concisa, em

resumo todas as obras dos preceitos realizam-se. Defato, o amor é o princípio e o fim da virtude, que tem esta raiz, este fundamento, este ápice. Se, portanto, a caridade é o começo e a plenitude, o que lhe é comparável?

Mas não reclama simplesmente a caridade, mas com intensidade. Não disse simplesmente: Ama teu próximo, mas: *“Como a ti mesmo”*. Por esta razão Cristo dizia que a Lei e os profetas dela dependiam. E tendo citado dois gêneros de caridade, vê aonde conduz. Tendo dito: O primeiro mandamento é: *“Amarás ao Senhor teu Deus”*, acrescenta: *“O segundo”* e não interrompe, mas adita: *“é semelhante a esse: Amarás a teu próximo como a ti mesmo”*. O que se compara a esta bondade? A esta mansidão? Apesar de distarmos dele por um imenso espaço, a caridade mútua entre nós nos conduz àquela com a qual o amamos, e é semelhante a essa. Por isso colocando uma medida quase igual para ambas, daquela dizia: *“De todo o coração, de toda a alma”*; desta, a atinente ao próximo, afirma: *“Como a ti mesmo”*. Paulo, contudo, explica que, sem esta, não se retira muita vantagem da outra. Como nós, ao dizermos quando amamos a alguém: Se o amas, a mim amas, assim também ele assegurando o mesmo dizia: *“É semelhante”*; e a Pedro: *“Se me amas, apascenta as minhas ovelhas”* (cf. Jo 21,17).

10. *A caridade não pratica o mal contra o próximo. A caridade, portanto, é a plenitude da Lei.*

Viste como tem ambas as virtudes: A abstinência do mal (pois diz: *“Não pratica o mal”*), e o exercício do bem: *“A caridade, portanto, é a plenitude da Lei”*, diz ele, resumidamente, não apenas introduzindo-nos ao ensinamento prático, mas também tornando fácil a sua realização. Não cuida somente de aprendermos o que precisamos saber (o que é função da lei), mas também confere-nos grande auxílio para operarmos não só uma parte dos preceitos, mas levando à plenitude a virtude. Amemo-nos, portanto, mutuamente, a fim de amarmos desta forma a Deus, que nos amou. Entre os homens, se amares a alguém, amado por um outro, este nos ataca; Deus, contudo, se digna ter amor em comum, e odeia a quem dele não participa. Na verdade, o amor humano é repleto de inveja e ciúme; o divino, isento de qualquer paixão. Em consequência, procura participantes no amor. Amai comigo, diz ele, e então eu te amarei melhor. Vês como se exprime quem ama ardentemente? Se amares a meus prediletos, então acreditarei que sinceramente me amas. Com efeito, ele deseja ardentemente nossa salvação, e já o declarou outrora. Ao plasmar o homem, escuta o que disse: *“Façamos o homem à nossa imagem”* (Gn 1,26), e ainda: *“Não é bom que o homem esteja só. Vamos fazer-lhe uma auxiliar”* (Gn 2,18). E, ao censurá-lo, após a prevaricação, nota como o faz com brandura, pois não lhe disse: Malvado, execrando! Após teres recebido tantos benefícios, acreditaste no diabo e abandonando o benfeitor, aderiste ao demônio maligno. Mas, como lhe falou? *“E quem te fez saber que estavas nu? Comeste então do fruto da árvore que te proibi de comer?”* (Gn 3,11), à semelhança de um pai que, tendo ordenado ao filho pequeno que não tocasse na espada, e a ele, desobediente e ferido, dissesse: Onde te feriste? Por ela te feriste, porque não me escutaste. Viste? São palavras mais de um amigo do que de um Senhor. Um amigo, desprezado, diria, mas que nem por isso deixa de amar. Imitemo-lo, e conservemos este equilíbrio ao reprendermos. Deus repreende com a mesma mansidão à mulher; ou antes, não é repreensão, mas admoestação, emenda e precaução relativas ao futuro. Por isso nada disse à serpente, que era o autor dos males, e não podia lançar a culpa sobre um outro. Por isso a puniu severamente. E não parou aí, mas fez a terra participar da maldição. Devemos principalmente adorá-lo e admirá-lo por ter expulsado o homem do paraíso, e condenado ao labor. Considerando que as delícias o levaram à indolência, eliminou a alegria e colocou um muro, a dor, para impedir-lhe a preguiça, e fazer com que retornasse ao amor.

O que fez a Caim? Não empregou a mesma mansidão? De fato, injuriado por ele, não retribui, mas exorta: *“Por que teu rosto está abatido?”* (Gn 4,6). E o irmão mais moço manifesta que seu ato não

tinha perdão. Ora, nem assim repreende, mas o que diz? Pecaste? Sossega, não peques mais. Ele se voltará para ti e tu poderás dominá-lo, falando a respeito do irmão. Se temes, disse, que por causa da vítima retirarei de ti a prerrogativa de primogênito, confia, coloquei em tuas mãos o domínio sobre ele; somente torna-te melhor, e ama aquele que em nada te lesou, pois tenho solicitude para com os dois. E será para mim a maior alegria não haver dissídio entre vós. A mãe ama a prole; assim também Deus faz todas as coisas e planeja para que um não se separe do outro.

Visando a que percebas melhor o que digo através de um exemplo, imagina Rebeca perturbada a correr de um lado para outro, quando o filho mais velho desafiava o menor. Embora amasse Jacó, não tinha aversão a Esaú, e por isso dizia: “Por que perderia todos os dois num só dia?” (Gn 27,45) Deus também então dizia: Pecaste. Sossega. Ele se voltará para ti (cf. Gn 4,7ss). Assim, queria evitar o assassinato, e obter a paz entre ambos. Depois que Caim o matou, não desistiu de sua providência, mas ainda fala com brandura ao fraticida: “Onde está teu irmão Abel?”, a fim de que ele desta forma confessasse. Ele, contudo, conforme fez anteriormente, disfarça por impudência mais grave. Mas nem assim Deus cede; antes, de novo dirige-lhe a palavra de um amante injuriado e desprezado: “Ouçoo sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim”. E ainda juntamente com o homicida impugna a própria terra, encolerizando-se contra ela: “Maldita a terra que abriu a boca para receber o sangue de teu irmão”, e imitando aqueles que deploram uma queda. Desta maneira procedeu igualmente Davi, após a queda de Saul. Pois maldizia os montes que sorveram o sangue, nesses termos: “Montanhas de Gelboé, nem orvalho nem chuva se derramem sobre vós, pois foi desonrado o escudo dos heróis!” (2Sm 1,21). De igual forma Deus, acrescentando certa lamentação fúnebre, disse: “Eis que a voz do sangue de teu irmão clama por mim. Agora és maldito e expulso da terra, que abriu a boca para receber de tua mão o sangue de teu irmão”. Deste modo se exprimia a reprimir-lhe o furor inflamado, e persuadi-lo a amar o morto, ao menos ulteriormente. Extinguiste sua vida, disse, por que não extingues a inimizade?

Mas o que faz Deus? Ama a ambos, porque os criou. De que maneira? Deixará impune o homicida? Mas, tornar-se-ia pior. Punirá? Mas é mais amante do que um pai qualquer. Vê, portanto, que simultaneamente pune e revela amor; ou melhor, não pune, mas apenas corrige. Não o mata, mas cerca-o de tremor a fim de apagar a culpa, a fim de que, ao menos por isso, se convertesse ao amor, e fizesse as pazes com o defunto. De fato, não queria que saísse deste mundo com inimizade ao falecido. Tais são os que amam; quando não são amados ao oferecerem benefícios, são impelidos a se tornarem violentos e a ameaçarem, não de bom grado, mas induzidos pelo próprio amor, de sorte a atraírem ao menos assim os desprezadores. Efetivamente, embora esta caridade inclua certa necessidade, no entanto ele os consola por meio de tão grande amor; de fato, a própria punição procede do amor. Os que não se importam de ser odiados, nem cuidam de punir. Vê, portanto, Paulo dizer aos coríntios: “Quem me proporcionará alegria senão aquele que eu tiver entristecido?” (2Cor 2,2). Por conseguinte, quanto mais aumenta o suplício, tanto maior amor manifesta. Assim também a egípcia, porque amava muito, vingou-se intensamente de José. Ela, contudo, agiu mal, porquanto se tratava de amor impudico. Deus, contudo, age para o bem; o amor é digno do amante. Por isso não recusa descer a palavras mais rudes, e empregar palavras de afeto humano e denominar-se ciumento: “Sou um Deus ciumento” (Ex 20,5), diz a Escritura, a fim de conheceres a intensidade do amor.

Amemo-lo, pois, conforme ele o quer; na verdade, considera a questão muito importante. Se nos afastarmos, ele continua exortando; se não queremos nos converter, castiga porque ama, não para exigir castigo. Vê, pois, o que diz em Ezequiel à cidade amada, que o desprezava: “Eis que levantarei contra ti os teus amantes, eis que te entregarei às mãos deles, e apedrejar-te-ão e matarão, e afastar-se-á de ti o meu zelo e descansarei e não mais cuidarei de ti” (cf. Ez 23). O que diria a mais um

apaixonado diante do desprezo da amada, e depois de novo abrasado de amor por ela? Deus tudo faz para que o amemos. Não poupou o próprio Filho. Ora, nós somos ferozes e cruéis. Finalmente abrandemo-nos, e amemos a Deus como é justo, para gozarmos intensamente da virtude. Se alguém tem uma esposa amada, não sente as tristezas cotidianas; reflete de quanto prazer goza quem está dominado por este divino e puro amor. Eis, diria, o reino dos céus, o gozo dos bens, o prazer, a alegria, o regozijo, a bem-aventurança, ou antes, por mais que fale, jamais poderei fazê-lo dignamente; só a experiência pode ensinar em que consiste tal felicidade. Por isso dizia o profeta: “Coloca tua alegria no Senhor”, e: “Provai e vede como o Senhor é bom” (Sl 37,4; 34,9). Obedeçamos, pois, e deleitemo-nos em seu amor. Assim já veremos aqui o reino dos céus, e viveremos uma vida angélica; e estando na terra, nada teremos de menos do que os habitantes do céu, e depois que migrarmos daqui, mais esplêndidos que todos, compareceremos perante o tribunal de Cristo e gozaremos de glória inefável. Oxalá todos nós o consigamos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA QUARTA HOMILIA

O cristão é filho da luz

13,11. *Tanto mais que sabeis em que tempo estamos vivendo. Já chegou a hora de levantar do sono,*

Paulo, após todas as justas determinações, incita-os mais uma vez, urge-os à prática das boas obras. Pois declara, o tempo do juízo está às portas, conforme escrevia aos coríntios: “O tempo é breve; resta que...” , e igualmente aos hebreus: “Ainda um pouco, muito pouco tempo, e aquele que vem, virá; ele não tarda” (Hb 10,37). Dizia isto ali para animar os que estavam na labuta e consolar os que suavam pelas frequentes provações; aqui, a fim de despertar os que dormiam, pois é útil a palavra nos dois casos. O que significa: “*Já chegou a hora de levantar do sono*”?

Isto é, a ressurreição está próxima, próximo o tremendo juízo, próximo o dia da fornalha e finalmente é necessário que nos livremos da preguiça.

pois nossa salvação está mais próxima agora do que quando abraçamos a fé.

Viste como afirma que a ressurreição já está presente para eles? Com o correr do tempo, diz, desaparece a época presente, e aproxima-se o século futuro. Se, portanto, estás preparado e se tiveres praticado tudo o que ele ordenou, será o dia de salvação; do contrário, não. Neste ínterim, exorta não a respeito dos acontecimentos tristes, mas dos ótimos, libertando-os do afeto às atuais realidades. Em seguida, por ser provável que eles no começo fossem mais diligentes devido ao desejo ardente, e no decurso do tempo a diligência diminuiu e quase desapareceu todo zelo, afirma que já é preciso agir ao contrário, sem diminuir no decurso do tempo, antes aumentar. Quando, de fato, é iminente a chegada do rei, então faz-se mister maior preparação. Quanto mais próxima a recompensa, tanto mais se precisa de animar-se a combater. Efetivamente, assim procedem os corredores. Quando atingem o fim da carreira e estão para receber o prêmio, então mais se estimulam. Por isso disse: “*Pois nossa salvação está mais próxima agora do que quando abraçamos a fé*”.

12. *A noite avançou e o dia se aproxima.*

Se a noite termina e o dia se aproxima, façamos doravante o que pertence a este, não àquela. Pois também em relação aos bens seculares assim se costuma fazer. E observando que a noite avança em direção à aurora, e ouvimos o canto da andorinha, acordamos os outros, embora a noite ainda não tenha passado. Tendo terminado inteiramente, porém, insistimos afinal uns com os outros, dizendo: Já

é dia, e empreendemos o trabalho diurno, revestindo-nos, afastando o sono e expelindo os sonhos, a fim de que o dia nos encontre prontos, e não comecemos a levantar-nos e meter as mãos ao trabalho quando já apareceram os raios do sol. O que neste caso fazemos, façamos também aqui: Despojemo-nos das fantasias, livremo-nos dos sonhos da vida presente, saíamos do sono profundo, e em vez das vestes, revistamo-nos da virtude, conforme declarou o Apóstolo, nesses termos:

Portanto, deixemos as obras das trevas e vistamos a armadura da luz.

O dia nos convida às fileiras e às armas. Mas não temas ao ouvir falar de fileiras e armas. Relativamente à armadura material é duro e odioso ser munido, enquanto esta é desejável e auspiciosa, pois são armas da luz.

Por isso tornam-te mais brilhantes do que os raios do sol, a emitirem grande fulgor. E colocam-te em segurança porque são armas, e fazem-te brilhante porque armas da luz.

E então? Não é forçoso lutar? É forçoso lutar, mas não esgotar-se e trabalhar penosamente, pois não se trata de guerra, mas de coros e festas. Tal é a natureza destas armas, tal a energia do general. E como o esposo sai do tálamo com belo traje, assim também o soldado munido destas armas, porque é simultaneamente soldado e esposo. Ao dizer: “*O dia se aproxima*”, não o deixa somente próximo, mas já presente:

13. Como de dia andemos decentemente;

Já chegou o dia. E ele os atrai com o decoro, que muitos empregam nas exortações. É solícito pela glória que a multidão oferece. E não disse: Andai, e sim: “*Andemos*”, a fim de não ser molesta a exortação e empregar uma repreensão tolerável.

não em orgias e bebedeiras,

Não proíbe beber, mas uma bebida desmedida. Não proíbe gostar do vinho, mas a embriaguez. Coloca ainda o que vem em seguida sob medida:

nem em devassidão e libertinagem,

Nem proíbe a união com as mulheres, mas a fornicção.

nem em rixas e ciúmes.

Com efeito, extingue o fomento das paixões, a concupiscência e a ira. Por isso, não as proscreeve somente a elas, e sim a própria fonte.

Nada, de fato, tanto instiga a concupiscência e inflama a ira como o vinho e a embriaguez. Por esta razão, após afirmar: “*Não em orgias e bebedeiras*”, acrescenta: “*Nem em devassidão e libertinagem, nem em rixas e ciúmes*”. E não se detém. Tendo-nos despido das vestimentas dos pecados, escuta como nos decora:

14. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo

Não trata mais das obras, mas os estimula. Pois, ao falar acerca da malícia, lembrou as obras; ao se tratar, porém, da virtude, já não alude a obras, e sim a armas, mostrando que a virtude estabelece seu possuidor em toda segurança e fulgor. E não para, mas o sermão toca em assunto mais importante, bem mais tremendo. Reveste-nos do próprio Senhor, do próprio Rei.

Quem dele se acha revestido possui, na verdade, toda virtude. Tendo dito: “*Revesti-vos*”, ordena que dele nos revistamos inteiramente, conforme disse noutro trecho: “*Se, porém, Cristo está em vós*” (Rm 8,10) e ainda: “Cristo habite em nosso homem interior” (Ef 3,16-17). De fato, deseja que nossa alma lhe sirva de habitação, e que o revistamos qual roupagem, a fim de que ele esteja dentro e fora de

nós. Com efeito, ele é a nossa plenitude: “A plenitude que plenifica tudo em todos” (ib. 1,23); e caminho, e marido e esposo: “Despousei-vos a um esposo único, como virgem pura” (2Cor 11,2). É também raiz, bebida, alimento e vida. “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). É apóstolo, sumo sacerdote, doutor, pai, irmão, coerdeiro, e participante da cruz e da sepultura. “*Fomos sepultados com ele, porque nos tornamos uma coisa só com ele por uma morte semelhante à sua*” (Rm 6,4-5). E também suplicante: “Em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores” (1Cor 5,20). É igualmente advogado junto do Pai, pois: “*Intercede por nós*” (Rm 8,34). É ainda casa e habitante: “Permanece em mim e eu nele” (Jo 6,56). É também amigo: “Vós sois meus amigos” (ib. 15,14), fundamento, pedra angular; e nós somos seus membros, agricultura, edifício, ramos e colaboradores. O que não deseja que sejamos, se de todas as maneiras nos une e congrega a si? Atitude peculiar àquele que ama com ardor. Obedece-lhe, portanto, e levantando do sono, reveste-te dele; dele revestido, oferece-lhe uma carne viril. Sugere-o, dizendo: e não procureis satisfazer os desejos da carne.

Efetivamente, como não proibiu beber e sim inebriar-se, não casar-se e sim não ser luxurioso, assim não proibiu cuidar da carne e sim satisfazer os seus desejos, para não ultrapassarmos os limites da necessidade. Escuta o que diz a Timóteo, a fim de verificares que não proíbe cuidar dela: “Toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas frequentes fraquezas” (1Tm 5,23). Assim cuida dela em vista da saúde, não da luxúria. Não seria solicitude se acendesses a chama, se fizesses a fornalha mais ardente. Para conheceres mais claramente o que significa: “*Não satisfazer os desejos da carne*” e fugir destas tendências, pensai nos bêbados, nos glutões, os que se ornaram de vestes preciosas, os que vivem no prazer, numa vida licenciosa e dissoluta, e entenderéis. De fato, eles tudo fazem, não para conservar a saúde, mas para viver na luxúria, para incitar a concupiscência. Mas tu que te revestistes de Cristo, cortando tudo isto, procura somente uma coisa: Manter o corpo sadio. Cuida dele até este ponto e não além, mas dedique toda solicitude aos bens espirituais. Desta forma poderás levantar-te do sono, aliviado do peso dos variados desejos. É um sono a vida presente e em nada absolutamente difere dos sonhos. Os que dormem proferem palavras insensatas, e por vezes nada veem de razoável; também a nós tais coisas sucedem, ou antes, muito pior. Pois, quem em sonho cometeu ou proferiu torpezas, ao acordar liberta-se e não sofre castigo. Na vida presente não acontece o mesmo, mas tanto a vergonha quanto o suplício são perpétuos. De outro lado, os que são ricos durante os sonhos, ao raiar do dia verificam que foram opulentos em vão. Na vida presente, porém, mesmo sem a luz do dia eles o percebem e antes de partir daqui, aqueles sonhos se foram em revoada. Sacudamos, portanto, para longe este sonho perverso. Pois se aquele dia nos surpreender dormindo, espera-nos a morte perpétua, e precedentemente seremos com facilidade presa dos inimigos, tanto homens quanto demônios; e se nos quiserem aniquilar, ninguém o impedirá. Se fossem muitos os vigilantes, o perigo não seria tão grande; uma vez que apenas um ou dois vigiam, com a lâmpada acesa, enquanto os demais dormem como em alta noite, precisamos de muita vigilância, muita cautela, para não sofrermos males intoleráveis.

O dia agora não parece esplêndido? Talvez nem todos nós julgamos necessário ser vigilantes e precavidos? No entanto (talvez recebereis rindo o que digo, contudo vou dizer), somos todos semelhantes àqueles que alta noite dormem e roncam. Se pudéssemos ver seres incorpóreos, mostrar-vos-ia como a maior parte ronca, e o diabo fura as paredes, mata os que estão deitados, rouba o que há no interior, agindo à vontade em espessas trevas. Ou antes, embora não possamos perceber com os olhos, descrevamos com palavras e calculemos quantos são os culpados de maus desejos, quantos, presos ao grave torpor da lascívia, extinguíram a luz do espírito. Por isso veem uma coisa por outra, ouvem uma coisa por outra, e a nada do que aqui se diz dão atenção. Se minto ao falar deste modo, e

tu estás vigilante, dize-me. Não ouviste como em sonhos o que hoje aconteceu aqui? E sei o que alguns haverão de replicar. Entretanto, não me refiro a todos. Tu, porém, que te sentes culpado, que em vão entraste aqui, dize-me que profeta, e que apóstolo nos falou e qual o assunto. Mas não tens resposta, porque muitas coisas proferiste aqui como em sonho, e não ouviste a verdade. Dirijo-me também às mulheres, pois elas são dadas a muito sono; e oxalá fosse sono! Pois quem dorme, não fala mal nem bem, mas quem está acordado como vós, emite muitas palavras, cujo mal recai sobre as próprias cabeças, enumerando os juros, pensando nos empréstimos, lembrados do comércio e de negócios vergonhosos, plantando muitos espinheiros em sua alma, e não permitem à semente lançada brotar nem um pouco. Mas acorda, arranca esses espinheiros pela raiz, sacode a embriaguez. Daí vem o sono. Refiro-me não apenas à embriaguez de vinho, mas à dos cuidados seculares, e depois à que procede do vinho. Exorto não apenas os ricos, mas ainda os pobres, principalmente aqueles que preparam banquetes para os amigos. Não causam delícias ou divertimentos, mas castigo e suplício. Verdadeiras delícias existem em não falar coisas torpes e proferir palavras honestas; saciar-se, não arrebentar-se. Se o consideras prazer, mostra-me à tarde aquele prazer. Impossível! Nem trato dos danos; por enquanto falo acerca do prazer que logo murcha. Terminado o banquete, logo a alegria se esvai. Se dissertar acerca do vômito, da dor de cabeça, de mil doenças e do cativeiro da alma, o que respondes? Acaso por sermos pobres devemos agir vergonhosamente?

Não me exprimo desta forma para proibir reuniões ou banquetes. Proíbo atos vergonhosos, e quero que as delícias sejam verdadeiras e não pena ou suplício, nem embriaguez ou saciedade excessiva. Tenham conhecimento os pagãos de que os cristãos sabem deliciar-se, mas deliciar-se com decoro. Disse o salmista: “Exultai diante do Senhor com tremor” (cf. Sl 2,11). Como exultar? Recitando hinos, orando, introduzindo salmos, em vez daqueles cânticos servis. Cristo estará presente à mesa, e encherá o banquete de bênçãos, ao orardes, cantardes cânticos espirituais, convidardes pobres à participação do que oferecerdes, estabelecerdes boa ordem e moderação no convívio. Convertereis o local em igreja, quando, em vez de inoportunos clamores e aplausos, celebrardes com hinos o Senhor universal. Não me digas que prevalece outra lei, mas emenda o erro. “Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10,31). Pois, daquelas mesas acima originam-se os maus desejos, a luxúria e de um lado desprezais as mulheres, e de outro honrais as meretrizes. Eis a origem da ruína das casas e de inúmeros males. Tudo fica revolucionado, e abandonada a fonte pura, acorreis à cloaca de lodo. De fato, lodo é o corpo da meretriz. Não interrogo a outro senão a ti, que te revolves no lodo: Não te envergonhas de ti mesmo, depois do pecado não te consideras impuro? Por isso, suplico, fugi da fornicção e da embriaguez, que lhe serve de mãe. Por que semeias onde não é lícito colher, ou antes colhes o fruto de imensa desonra? Pois, se nasce uma criancinha, inflige-te desonra, e ela sofre opróbrio, uma vez que é espúria e ignóbil, por tua causa. Embora lhe deixes inúmeras riquezas, é inglória em casa, na cidade, no foro judiciário, porque nasceu de uma meretriz e de uma escrava. Inglório ainda és tu, vivo ou morto; pois, mesmo que morras, permanecem, no entanto, as lembranças da ignomínia. Por que, então, desvirtuas tudo?

Por que semeias onde a terra procura estragar o fruto? Onde muitas são as causas de esterilidade? Onde a morte antes da geração? Pois não deixas a meretriz continuar apenas meretriz, mas a transformas em homicida. Viste que da embriaguez se originou a fornicção, da fornicção o adultério, do adultério o assassinato? Ou antes algo de pior que o assassinato. Nem sei que nome lhe dar. Não só mata o que nasceu, mas o impede de nascer. E então? Ultrajas o dom de Deus, combates as suas leis, e procuras obter como uma bênção o que é maldição. Ao seio da geração transformas em cofre mortal, e à mulher, que te foi dada para a procriação da prole, instruis a cometer assassinato? A fim de sempre ser formosa e amável aos amantes, e corroer mais dinheiro, nem isso recusa fazer,

acumulando intenso fogo sobre tua cabeça. Embora ela cometa o crime, tu és a causa que o provoca. Daí provém igualmente a idolatria. Muitas, pois, para serem agradáveis, planejam feitiços, libações, filtros e inúmeras outras superstições. Entretanto, a muitos parece ser indiferente tanta torpeza, assassinatos, idolatria, até a homens casados. Daí maior acúmulo de males. Pois preparam-se venenos, não no útero da meretriz, mas da mulher lesada e inúmeras insídias, invocações dos demônios, sacrifícios para os defuntos, pelejas cotidianas, lutas irreconciliáveis e assíduas disputas. Por isso, tendo dito Paulo: “*Nem em devassidão e libertinagem*”, acrescentou: “*Nem em rixas e ciúmes*”, ciente de que tal coisa gera guerras, ruínas das casas, injustiças aos filhos legítimos, e inúmeros males. Para escaparmos disso tudo, revistamo-nos de Cristo, e permaneçamos sempre a ele unidos. Com efeito, revestir-se dele é nunca por ele ser abandonado, sempre tê-lo em nós pela santidade e moderação. Assim também dizemos a respeito dos amigos: Este se reveste daquele, assinalando um grande amor, e ininterrupto convívio, pois quem está revestido parece ser aquele que o reveste. Manifeste-se, portanto, sempre em nós o Cristo. E como se manifestará? Se agirdes de igual modo. E o que fez ele? “O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58). Imita-o. Quando precisou tomar alimento, empregou pão de cevada; quando devia viajar, jamais utilizou cavalo e jumento, mas fez a viagem a pé, a ponto de se cansar. Para dormir, deitou-se apoiado num travesseiro na proa da nave; quando foi necessário reclinar-se, mandou fazê-lo sobre feno. Suas vestes eram humildes; muitas vezes caminhava sozinho, sem acompanhante. Imita logo o que souberes que fez na cruz e diante das injúrias; e revestir-te-ás de Cristo se não satisfizeres os desejos da carne. Não é aprazível. De fato, os próprios desejos acarretam outros mais graves, e nunca te saciarás, mas contra ti preparas grande tormento. Quem padece de sede contínua, mesmo estando perto de inúmeras fontes, não perceberá fruto algum, porque não pode extinguir o mal-estar; assim quem vive sempre cercado de desejos. Se te contiveres nos limites do necessário, jamais te dominará esta febre, pois afastam-se todas aquelas, a embriaguez e a lascívia. Come, pois, quanto bastar para saciar a fome. Deves vestir-te de modo a te cobrires, mas não enfeites a carne com as vestes, para não a perderes. Torná-la-ias flácida, e prejudicarias a saúde, arruinando-a por excessiva moleza. Prepara tudo corretamente, a fim de tê-la qual veículo apto da alma, qual o piloto que se senta com segurança ao timão da nave, e o soldado que facilmente carrega as armas. Não é invencível o possuidor de muitas armas, mas o que precisa de poucas. Pois o primeiro, embora não sofra injustiça, teme; este, mesmo diante da injustiça, terá melhor disposição de ânimo do que os que nenhuma injustiça padecem, e maior diligência. Não procuremos, portanto, que ninguém nos incomode, mas mesmo que alguém queira ser-nos molestos, não o consiga. Será possível apenas a quem se contiver no limite do necessário, sem desejar algo a mais. Assim poderemos nos deliciar aqui na terra, e conseguir os bens futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA QUINTA HOMILIA

Amor pelos fracos

14,1. *Acolhei o fraco na fé sem querer discutir suas opiniões. Um acha que pode comer de tudo, ao passo que o fraco só come verdura.*

Sei que para muitos o que foi dito é difícil de entender. Por isso, faz-se mister primeiro expor o argumento desta passagem e explicar o que o Apóstolo queria corrigir ao escrever. O que, então, queria emendar? Muitos dos fiéis eram judeus, que, presos por consciência aos preceitos da Lei, até mesmo após terem aderido à fé, guardavam as observâncias relativas aos alimentos, não ousando absolutamente afastar-se da Lei. Em seguida, para não serem surpreendidos, abstinham-se não apenas

de carne de porco, mas de toda espécie de carne e comiam apenas hortaliças, de sorte que mais parecia jejum do que observância da Lei. Outros ainda mais perfeitos nada disso praticavam, e tais observâncias lhes eram onerosas e molestas. Eles exprobravam, acusavam e causavam tristeza. São Paulo receava que, buscando emendar um pouco, tudo revolucionassem, e querendo levar os outros à indiferença a respeito dos alimentos, fizessem com que eles abandonassem a fé, e antes do tempo oportuno esforçando-se por emendar globalmente, infligissem dano a respeito do principal, removendo-os por assíduas repreensões da confissão a Cristo, de modo que em ambos os casos ficassem incorrigíveis. Vê quanta prudência emprega e com a costumeira sabedoria cuida de prover a ambas as partes. Com efeito, não ousa dizer aos que repreendiam: Fizestes mal, para não confirmar os outros em suas observâncias; nem de outro lado assegura que eles agiram bem, para não tornar mais fortes os acusadores, mas institui com medida a repreensão. Quer censurar os mais fortes, mas dirige-se aos outros, referindo-se aos primeiros. Não provoca muito aborrecimento a espécie de correção que, dirigindo a palavra a um, pressiona a outro. Nem deixa aquele que é censurado irar-se, mas imperceptivelmente aplica o remédio da correção. Observa com que prudência procede, atuando oportunamente. Ao dizer: *“E não procureis satisfazer os desejos da carne”* passa a este discurso, para não parecer falar àqueles que censuravam e mandavam comer de tudo. Pois a parte mais fraca sempre precisa de maior solicitude. Logo dirige a palavra à mais forte, dizendo: *“O fraco na fé”*. Viste uma ferida que logo lhe inflige? Ao dizer: *“Fraco”*, demonstra que ele está enfermo. Em seguida apresenta a segunda, dizendo: *“Acolhei”*. Assinala que ele precisa de muitos cuidados, o que é sinal de gravíssima doença. *“Sem querer discutir suas opiniões”*. Eis a terceira ferida. Evidencia-se que seu erro consiste em que aqueles que não cometem o erro com ele, no entanto são seus amigos, e considera-se que aspiram à sua cura. Viste como parece falar a uns, e implicitamente sem molestá-los os censura? Depois, comparando-os a ambos entre si, a um elogia e a outro acusa, pois acrescenta: *“Um acha que pode comer de tudo”*, e recomenda-o baseado na fé, *“ao passo que o fraco só come verdura”*, e critica-o devido à fraqueza. Após ter infligido um ferimento oportuno, consola-o nesses termos: quem come não despreze aquele que come;

Não recomenda: Deixa, não diz: Não acuse, nem: Não corrija, mas: *“Não vitupere”*, não repila, mostrando que eles agem de modo muito ridículo. A respeito do outro é diferente. Como é?

E aquele que não come não condene aquele que come;

De fato, os que eram mais perfeitos os desprezavam, como sendo de fé diminuta, falsos, bastardos e ainda judaizantes; também julgavam-nos prevaricadores, ou ainda glutões, muitos dos quais provavelmente provinham dos gentios. Por esta razão adicionou: por que Deus o acolheu.

Relativamente ao outro não se expressou desta forma. Embora o que come fosse desprezado como uma espécie de glutão, era julgado o que não come de certo modo como sendo de fé diminuta. Mas ele trocou estas coisas, destacando que um não merecia ser desprezado, mas poderia até desprezar. Acaso também eu o condeno? – pergunta. Absolutamente não. Por isso aditou: *“Por que Deus o acolheu”*. Por que, então, a respeito da Lei te diriges a ele como a um prevaricador? *“Por que Deus o acolheu”*, isto é, demonstrou-lhe sua inefável graça, e livrou-o de toda acusação. Logo retorna a uma palavra forte:

4. Quem és tu que julgas o servo alheio?

Daí se evidencia que eles também julgavam e não só desprezavam.

que ele fique em pé ou caia, isso é lá com seu patrão;

Eis novo golpe. E parece indignação contra o forte, mas pressiona o fraco. Ao dizer:

mas ele ficará em pé,

Destaca que ele ainda titubeia, e precisa de muita atenção e tanto tratamento que para tal invoca a Deus, qual médico: porque o Senhor tem o poder de o sustentar.

De acordo com o que dizemos a respeito dos doentes em estado muito grave. Em seguida, a fim de não perder a esperança, denomina-o servo: dizendo: “*Quem és tu que julgas o servo alheio?*” Nesta passagem implicitamente o constrange. Pois não ordeno que ele não julgue porque o faz a respeito do que não deve ser julgado, mas porque se trata de servo alheio; isto é, não teu, mas de Deus. Mais uma vez, para consolá-lo, não disse: Cai. Mas, como? “*Que ele fique em pé ou caia.*” Quer isto ou aquilo, ambos os casos respeitam ao Senhor. O dano pela queda do servo tende para ele; e, se fica de pé, o lucro toca ao Senhor. A não ser que olhemos para o escopo de Paulo, que não quer censurá-los antes do tempo oportuno; seria indigno de cristãos. Mas como sempre repito, devemos pesquisar a mente com que são prescritos, e de que matéria se fala, e o que se procura emendar com a expressão. Pois, se Deus, afirma ele, a quem ataca o dano, nada faz neste íterim, como tu, que o atormentas e agitas, não serias em excesso importuno?

5. Há quem faça diferença entre dia e dia e há quem ache todos os dias iguais;

A meu ver, refere-se implicitamente ao jejum. É provável que alguns que jejuavam julgassem assiduamente os que não jejuavam; ou também é verossímil que alguns nas observâncias se abstivessem em dias marcados e em determinados dias não se abstivessem. Por isso dizia:

Cada qual siga a sua convicção.

Com isso afasta o temor dos que observavam, dizendo ser problema indiferente; e aparta a contenda dos que fortemente se insurgiam contra eles, expondo que não deviam perturbar-se a este respeito continuamente com tanta solicitude. De fato, não deviam mostrar tamanho zelo, sem considerar a natureza da questão, porque ainda não era tempo, e eles só recentemente havia tido acesso à fé. Em consequência, escrevendo aos colossenses, proíbe-o com o maior zelo, dizendo: “Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da filosofia, segundo a tradição dos homens, os elementos do mundo, e não segundo Cristo” (Cl 2,8), e ainda: “Ninguém vos julgue por questões de comida e de bebida; e: “Ninguém vos prive do prêmio” (ib. 16.18). E escrevendo aos gálatas, com grande apuro deles exige em tais assuntos sabedoria e perfeição. Nesta epístola, porém, não utiliza a mesma austeridade, porque eles recentemente haviam aderido à fé. Por isso, a tudo não atribuíamos o dito: “*Cada qual siga a sua convicção*”. Efetivamente, ao se tratar de doutrina, escuta o que diz: “Entretanto, se alguém – ainda que um anjo do céu – vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema” (Gl 1,9); e também: “Receio, porém, que, como a serpente seduziu a Eva, vossos pensamentos se corrompam: (2Cor 11,3). E escreveu aos filipenses: “Cuidado com os cães, cuidado com os maus obreiros, cuidado com os mutilados” (Fl 3,2). Aos romanos, contudo, não sendo tempo de emendar estas coisas, disse: “*Cada qual siga a sua convicção*”. O discurso era acerca do jejum e, reprimindo, portanto, a arrogância deles, e extinguindo-lhes o medo, assim se exprimia:

6. Aquele que distingue os dias, é para o Senhor que os distingue, e aquele que come, é para o Senhor que o faz, porque dá graças a Deus. E aquele que não come, é para o Senhor que não come, e ele também dá graças a Deus.

Ainda insiste. Quer dizer: Não são questões capitais, pois o que se pergunta é se este e aquele agem por causa de Deus, se ambos terminam com ações de graças. De fato, este e aquele dão graças a Deus.

Se, portanto, ambos dão graças, a diferença não é grande. Pondera que ele aqui já implicitamente coage o judaizante. Se a pergunta recai sobre a ação de graças, é claro que aquele que come dá graças, não o que não come. Como o fará, se ainda adere à Lei? É o que ele diz aos gálatas: “Vós que buscais a justiça na Lei, decaístes da graça” (Gl 5,4). Mas aqui sugere o mesmo, apesar de não o declarar, pois ainda não era tempo. Ora, nesse ínterim tolera-os, e o revela mais pelo que se segue:

7. *Pois nenhum de nós vive e ninguém morre para si mesmo,*

8. *porque se vivemos é para Deus que vivemos, e se morremos é para Deus que morremos.*

A alusão é mais clara. Quem vive para a Lei, pode viver para Cristo? Não o comprova só por estas palavras, mas contém quem se apressava a emendá-los, e persuade-o a agir pacientemente, acentuando que é impossível que Deus os despreze, mas que em tempo oportuno haverá de corrigi-los.

O que significa: “*Nenhum de nós vive para si mesmo*”? Não somos livres, temos um Senhor desejoso de que vivamos e não morramos; e ambas as coisas importa mais a ele do que a nós. Com isto revela que o Senhor tem maior cuidado de nós do que nós mesmos, e considera riqueza a nossa vida e a nossa morte prejuízo seu. Não morremos só para nós, mas para o Senhor, se morremos. A morte a que se refere é a relativa à fé. É suficiente para persuadir-nos de que Deus cuida de nós e que vivemos e morremos para ele. Mas não contente com isso, acrescenta: “*Porque se vivemos é para o Senhor que vivemos, e se morremos é para o Senhor que morremos*”. E desta morte passando à natural, para não parecer proferir palavra mais dura, dá outro sinal, e máximo de sua providência. Qual é?

9. *Com efeito, Cristo morreu e reviveu para ser o Senhor dos mortos e dos vivos.*

Por conseguinte, convence-te de que ele sempre tem solicitude por nossa salvação e emenda. Se não tivesse tão grande providência para conosco, seria necessário o plano da encarnação? Aquele que tanta solicitude emprega para nos fazer seus, que também assumiu a condição de servo e morreu, depois que nos tornamos seus nos desprezará? Não, absolutamente não. Não quer perder em tamanha transação: “*Com efeito, Cristo morreu*”. Seria como se dissesse: Ele não poderá desprezar seu servo; ele cuida de sua bolsa. Não amamos tanto nossas riquezas quanto ele tem amor à nossa salvação. Não despendeu riquezas, mas seu sangue por nós, e por isso jamais poderá rejeitar aqueles pelos quais pagou tão grande preço. Vê, porém, a manifestação de ser inefável o seu poder. “*Com efeito, Cristo morreu e reviveu para ser o Senhor dos mortos e dos vivos*”, e mais acima: “*Porque se vivemos é para o Senhor que vivemos, e se morremos é para o Senhor que morremos*”. Viste o intenso domínio? Viste a força inexpugnável? Viste a providência apurada? Não me fales dos vivos, assegura; ele providencia até acerca dos defuntos. Se, porém, cuida dos defuntos, sem dúvida também dos vivos. Com efeito, nada omitiu de quanto pertence a este domínio, e reservou para si maior direito sobre os homens, de sorte que tem solicitude por nós em particular. O homem, na verdade, investe dinheiro e por isso retém vigorosamente seu servo junto de si. Cristo, contudo, pagou com sua morte e teria por nada a salvação dos que foram comprados por tão grande preço e cujo domínio adquiriu com tanta diligência e zelo. Assim se expressa, envergonhando o judaizante e convencendo-o de que se recorde da grandeza do benefício, de que estava morto e reviveu, de que nada lucrou da Lei, e que seria enorme ingratidão, abandonando aquele que tantos bens lhe destinou, recorrer ainda à Lei. Tendo-o coagido muito, volta a reanimá-lo:

10. *Por que julgas teu irmão? E tu, por que o desprezas?*

E parece igualá-los, mas pelas palavras revela que a diferença é grande. Primeiro, pela denominação de irmão dirime a controvérsia; depois, pela menção daquele dia terrível. Pois, tendo dito: “*E tu, por que o desprezas?*”, acrescentou:

Pois todos nós compareceremos à barra do tribunal de Cristo.

Aparentemente de novo censura o mais perfeito, mas de fato ataca a mente do judaizante, não só envergonhando-o por causa do benefício recebido, mas também atemorizando-o com o futuro suplício: *“Pois todos nós compareceremos à barra do tribunal de Cristo”*.

11. *Com efeito, está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, todo joelho se dobrará diante de mim e toda língua dará glória a Deus (Is 45,24).*

12. *Assim, cada um de nós prestará contas a Deus de si próprio.*

Viste como atinge a mente do judaizante, aparentando atacar a um outro? Sugere isto, como se dissesse: Em que te importa? Serás castigado em seu lugar? Mas não se exprime deste modo; dá a entender, enunciando-o mais suavemente: *“Pois todos nós compareceremos à barra do tribunal de Cristo”*. *“Assim, cada um de nós prestará contas a Deus de si próprio”*. E introduz o profeta a atestar a sujeição universal, a daqueles homens que viveram no Antigo Testamento e a de todos em geral. E não disse simplesmente: Cada qual haverá de adorar, mas também: Cada qual confessará, isto é, *“prestará contas”* de seus atos.

Sê, portanto, solícito, ao vires o Senhor do universo sentado no tribunal, e não deves parcelar, nem dividir a Igreja, rejeitando a graça e recorrendo à Lei, pois a Lei também lhe pertence. E por que me refiro à Lei? Ele existia durante o regime da Lei e antes da Lei. Nem será a Lei que pedirá contas de ti, e sim Cristo, de ti e de toda a natureza humana. Viste como elimina o medo da Lei? Após, a fim de não parecer falar de propósito para atemorizá-lo, mas ter chegado a este ponto prosseguindo por série, logo insiste no mesmo argumento:

13. *Deixemos, portanto, de nos julgar uns aos outros; cuidai antes de não colocar tropeço ou escândalo diante de vosso irmão.*

Isto não importa menos a um do que a outro; pois a ambos podem adaptar-se e perfeitamente, ao perfeito que a observância a respeito dos alimentos escandaliza e ao imperfeito, que se ofendia com uma excessiva repreensão. Tu, porém, por favor, reflitas sobre quantos castigos sofreremos, ao causarmos algum escândalo. Se, pois, quando a ação era ilícita, o Apóstolo proibiu uma inoportuna repreensão, a fim de não escandalizar, nem pôr um obstáculo diante do irmão, quando não é para corrigir que escandalizamos, que pena mereceremos? Se já constitui culpa não agir no intuito de preservar (conforme se demonstra naquele que enterrou o talento), o que não causará ter dado motivo de escândalo? O que sucederá, perguntas, se ele se escandaliza porque é fraco? Certamente sofrerás tudo, merecidamente. Se fosse forte, não precisaria de tantos cuidados; mas visto que é mais fraco, precisa de muita solícitude. Ofereçamo-la, portanto, e de todos os modos o sustentemos. Não somente prestaremos contas de nossos pecados, mas também a respeito dos pecados daqueles aos quais damos escândalo. Se as contas que devem prestar são graves, e acrescentamos as nossas, como obteremos a salvação? Não julguemos que, por encontrarmos companheiros nos pecados, teremos desculpa; aumentar-nos-á o suplício. De fato, a serpente sofreu punição mais grave do que a mulher, a mulher mais que o homem, e Jezabel teve castigo pior que Acab, que roubara a vinha, pois ela planejara todo o processo e serviu de tropeço para o rei. E tu, portanto, quando fores causa de pecado para os outros, sofrerás mais grave castigo do que aqueles que suplantaste. Nem o pecado acarreta perdição quanto induzir os outros ao pecado, por isso diz: *“Eles não só as fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam”* (Rm 1,32). Por conseguinte, ao constataremos que alguns estão pecando, não só não os incitemos, mas retiremo-los do bátrio da maldade, a fim de não pagarmos penas pelos pecados alheios; e frequentemente nos recordemos do tremendo tribunal, do rio de fogo, vos vínculos insolúveis, das trevas completas, do ranger dos dentes, do verme venenoso. Mas, replicas, Deus ama

os homens. Então, seriam simples palavras? O rico que desprezou a Lázaro não sofre suplício? As virgens loucas não são excluídas do tálamo? Os que não alimentaram a Cristo não irão para o fogo preparado para o diabo e seus anjos? O que vestia sórdidas vestes, não perecerá de mãos e pés amarrados? O que exigiu cem denários não foi entregue aos algozes? Não é verdade o que foi dito dos adúlteros: “Onde o verme deles não morre e onde o fogo não se extingue”? (Mc 9,48). Mas seriam apenas ameaças? Sim, respondes. E como, pergunto, ousas pronunciar tal coisa, e por tu mesmo proferir a sentença? Eu, pois, por aquilo que Cristo disse e fez, posso demonstrar o contrário. Se não crês por causa dos futuros suplícios, ao menos acredita por aquilo que já aconteceu; pois o que se fez e se realizou, não são ameaças e palavras. Quem, portanto, na época de Noé, inundou todo o orbe, e providenciou aquele grave naufrágio, e a perdição geral do gênero humano? Quem posteriormente enviou aqueles raios e incêndios à terra dos sodomitas? Quem afogou todos os egípcios no mar? Quem consumiu seiscentos mil homens no deserto? Quem queimou toda a assembleia de Abiram (Sl 106,17)? Quem ordenou que a terra abrisse a boca e absorvesse Coré, Datã e seus companheiros? Quem fez perecer setenta mil homens num momento no governo de Davi (2Sm 24,15)? Mencionarei os que em particular foram atingidos? Caim entregue a suplício perpétuo? Acã apedrejado com toda a sua família (Js 7,24). E aquele que recolheu lenha no sábado e foi apedrejado (Nm 15,36)? Aqueles quarenta meninos que no tempo de Eliseu foram devorados pelas feras (2Rs 2,24) e não obtiveram perdão nem por causa de sua tenra idade?

Se queres ver o mesmo na época da graça, pondera quanto sofreram os judeus. As mulheres comeram seus filhos, umas assando, outras consumindo de outro modo. Foram entregues à fome intolerável em várias e terríveis guerras, e o volume de suas infelicidades superaram todas as antigas tragédias. Para saber que Cristo lhes infligiu estes males, escuta como os predisse, por parábolas e ainda clara e explicitamente. Por parábolas, a saber, dizendo: “Quanto a esses meus inimigos, que não queriam que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui e trucidai-os” (Lc 19,27); pelas parábolas da vinha e das núpcias. Clara, porém, e explicitamente, a saber, ameaçando: “E cairão ao fio da espada, levados cativos para todas as nações, as nações estarão em angústia, inquietas pelo bramido do mar e das ondas, os homens desfalecerão de medo” (Lc 21,24.25.26); e: “Haverá uma grande tribulação, tal como não houve desde o princípio do mundo até agora, nem tornará a haver jamais” (Mt 24,21). Todos vós sabeis, no entanto, que Ananias e Safira, devido ao furto de poucas moedas, quantas penas sofreram (cf. At 5,1). E não vês as calamidades diárias? E não aconteceram? Não vês também agora os que morrem de fome? Os que estão atacados de lepra ou outra doença? Os que vivem em perpétua penúria? Os que sofrem inúmeros males intoleráveis?

É justo uns serem castigados, outros não? Se Deus não é injusto, e certamente não é, serás, na verdade, punido pelos pecados; do contrário, se não pune porque benigno, não devia ter punido os supramencionados. Agora, entretanto, Deus castiga a muitos de nós devido a tais palavras. Uma vez que não acreditais quando ameaça com palavras, ao menos acreditai quando castiga. Visto que aqueles fatos antigos não nos atemorizam, por meio dos acontecimentos em cada geração, corrige oportunamente os negligentes. E por que, perguntas, não pune a todos aqui na terra? A fim de fornecer aos demais prazo para a penitência. E por que nem todos no além são sujeitos aos suplícios? Para que a maioria não deixe de acreditar em sua providência. Quantos ladrões foram capturados e quantos daqui partiram sem ser castigados? Onde está a benignidade de Deus, onde o justo juízo? Já me competiria interrogar-te. Pois, se ninguém absolutamente fosse submetido a suplício, poderias refugiar-te nisto; mas, considerando-se que uns sofrem castigo, outros não, apesar de terem pecado mais gravemente, será consentâneo que pelos mesmos crimes não sejam infligidas penas iguais? Não parece injusto alguns serem punidos? Por que, então nem todos aqui são punidos? Escuta a resposta do

próprio Cristo. Como certos homens morreram com a ruína de uma torre, aos que o interrogavam a respeito disso, respondeu: “Acreditais que esses fossem mais pecadores do que todos os outros? Não, eu vos digo; todavia, se não vos converterdes, perecereis todos do mesmo modo” (Lc 13,2-3). Exortamos a não confiarmos, enquanto os demais são castigados, e nós, muitos pecados cometemos e não sofremos penas; a não ser que nos convertamos, sem dúvida seremos castigados. E por que somos punidos eternamente, quando pecamos aqui por breve tempo? Por que o homem que em tempo muito breve cometeu um homicídio, é condenado perpetuamente às minas? Ora, Deus, replicas, não age dessa maneira. Por que, então, reteve o paralítico por trinta e oito anos em tão grande sofrimento? Escuta que foi por causa dos pecados que o puniu: “Eis que estás curado; não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior!” (Jo 5,14) No entanto, retrucas, encontrou libertação. No além as coisas não são assim. Escuta-o a dizer que não terão fim: “Onde o verme deles não morre e onde o fogo não se extingue” (Mc 9,48); e: “E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna” (Mt 25,46). Se a vida é eterna, igualmente o suplício é eterno. Não vês como ameaçou aos judeus? Sobrevieram os males ameaçados, ou eram apenas palavras: “Não ficará aqui pedra sobre pedra” (Mt 24,2).

Acaso permaneceu? Quanto sucedeu daquilo que predisse: “Haverá uma grande tribulação, tal como não houve” (Mt 24, 21)? Acaso não sobreveio? Lê a história de José, e mal poderás respirar só de ouvires o que eles sofreram por causa daquela questão. Não digo tais coisas para vos entristecer, mas a fim de vos tornar precavidos e não vos levar, afagando-vos em vão, a padecimentos mais graves. Por que, pergunto, não és merecedor de castigo ao pecares? Talvez não te predisse tudo? Não recebeste ameaças? Não foste assustado? Não pratiquei inúmeras ações em prol de tua salvação? Não te dei o batismo de regeneração, e perdoei todos os pecados anteriores? Após esta remissão e o batismo, de novo não concedi a ti, pecador, o socorro da conversão? Ainda posteriormente não te facilitei o caminho para a remissão dos pecados?

Escuta, portanto, o que ordenei: Se perdoares o próximo, também eu te perdoarei (cf. Mt 6,14). Que dificuldade aí se encontra? “Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva! Então, sim, poderemos discutir, diz o Senhor. Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlata, tornar-se-ão alvos como a neve” (Is 1,17-18). Que labor encerra? “Enumera os teus pecados, a fim de seres justificado” (ib. 43,26). Que há de difícil nisto? “Repara tuas iniquidades pela prática da misericórdia” (Dn 4,24). Provoca suor? Disse o publicano: “Tem piedade de mim, pecador!” (Lc 18,13), e desceu para casa justificado. Qual o esforço em imitar o publicano? Apesar de tudo isto, não queres acreditar que existe pena e suplício. Dirias até que nem o diabo é castigado. Diz o evangelho: “Apartai-vos de mim para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41). Se não existisse a geena, nem ele seria punido. Se ele é castigado, é claro que nós que praticamos as suas obras, havemos de ser punidos, porque também nós fomos desobedientes, embora não acerca dos mesmos preceitos. Por que não temes e falas com audácia? Ao dizeres: Deus ama os homens e não castigará; se castigar, segundo teu parecer, não é benigno. Viste que palavras o diabo vos impele a proferir? Como? Acaso os monges que habitam nos montes, e exercem a ascese de inúmeros modos, partirão sem ser recompensados? Efetivamente, se os maus não são castigados e a retribuição é nula, talvez assegure alguém que nem os bons serão coroados. Absolutamente, não, replicas. A Deus convém somente que haja reino, e não geena. Por conseguinte, fornicadores, adúlteros e os que cometeram inúmeros crimes gozarão de bens idênticos aos dos que se destacaram pela castidade e santidade. E Paulo estará ao lado de Nero, ou antes o diabo de Paulo. Se não existe geena, no entanto há ressurreição geral e os maus fruirão dos mesmos bens que os justos. Quem seria tão louco para dizê-lo? Ou antes que demônio o afirmaria? Pois até eles confessam que existe geena e por isso clamavam: “Vieste aqui para nos atormentar antes

do tempo?” (Mt 8,29). Não temes e não tens pavor de negar o que os demônios confessam? Não entendes qual o mestre destas doutrinas perversas? De fato, aquele que desde o início enganou o homem, que propôs uma boa esperança, que lhe arrebatou os bens das mãos, é o mesmo que agora sugere tais palavras e pensamentos, porquanto persuade a alguns a suspeitarem que não existe geena para lançá-los lá. Deus, ao invés, ameaça com a geena e a preparou, a fim de que, instruído sobre o modo de viver, não incidisses na geena. Ora, uma vez que existe a geena, o diabo te persuade destas coisas da mesma forma que, se não existisse, os demônios confessariam que existia, porque cuidam de que nós de nada suspeitemos, de sorte que com audácia nos tornemos mais negligentes e caiamos na companhia deles naquele fogo. Por que, perguntas, eles então confessavam? Não suportavam a pressão. Considerando todas essas coisas, aqueles que as dizem desistam de se enganarem a si próprios e ao próximo. Com efeito, serão castigados até por tais palavras, com as quais desprezam aqueles males terríveis, e afastam a muitos que querem realmente animá-los; não imitam nem aos pagãos ninivitas. Eles, embora totalmente inexperientes, ouvindo dizer que sua cidade ia ser destruída, não apenas não recusaram acreditar, mas ainda gemeram, revestiram-se de saco, humilharam-se, e não desistiram de agir desta forma, até que a ira de Deus se aplacasse. Tu, porém, que tens tanta experiência destas coisas, desprezas por palavras o que foi proferido? Efetivamente, acontecer-te-á o contrário. Os que respeitam os oráculos, na verdade, não experimentaram as penas, tu, porém, desprezando as ameaças, na realidade, experimentá-las-ás. E se agora tais palavras te parecem fábulas, a realidade então te apresentará provas. Não vês o que Cristo fez na terra? Não se dignou proceder de igual forma para os dois ladrões, mas introduziu a um deles no reino, e ao outro mandou para a geena? E por que falar de ladrão e homicida? Nem poupou o apóstolo que se tornou traidor, mas vendo-o inclinado a enforcar-se, estrangular-se e arrebentar-se pelo meio (pois “arrebentou pelo meio e derramaram-se todas as suas entranhas” – At 1,18), apesar de prever tudo, permitiu que ele o sofresse, atestando as futuras realidades por meio das presentes. Não vos iludais, portanto, obedecendo ao diabo, com os planos seus. Pois, se os juízes, os senhores e os preceptores, mesmo quando são gentios, honram os bons e punem os maus, seria consentâneo que Deus fizesse o contrário, e desse idêntico prêmio aos bons e aos maus? Quando, pois, estaremos livres da malícia? Pois os que agora vivem na expectativa do suplício, e entre tantos temores dos juízes e das leis, entretanto perseveram no mal, se chegarem a perder o medo de que cairão na geena, e estiverem seguros de que também haverão de alcançar o reino, quando abandonarão a maldade? Seria, pergunto, bondade fomentar a malícia e estabelecer prêmio para o crime? Destinar os mesmos bens ao casto e ao lascivo, ao fiel e ao ímpio, a Paulo e ao diabo? Ora, até quando nos ocuparemos de bagatelas? Por isso, rogo e peço que, libertos desta loucura, e recaindo em vós mesmos, vos convençais de que é preciso temer e tremer, de tal sorte que escapeis da futura geena, e através de uma vida moderada, alcanceis os bens futuros, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, honra, império, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SEXTA HOMILIA

14,14. *Eu sei e estou convencido no Senhor Jesus que nada é impuro em si. Alguma coisa só é impura para quem a considera impura.*

Anteriormente Paulo repreendeu aquele que julgava o irmão, repreendendo, advertiu-o, e por fim pronunciou-se a respeito da doutrina e instruiu o mais fraco com tranquilidade, demonstrando também aqui grande mansidão. De fato, não diz: Será castigado, nem coisa semelhante, mas apenas expulsa o medo, a fim de mais facilmente introduzir suas palavras; e diz: “*Eu sei e estou persuadido*”. Em seguida, para que um dos infiéis não dissesse: E que nos importa o fato de estares persuadido? Não és

tão fidedigno que possas te opor a tão grande Lei e oráculos vindos do céu, acrescenta: “*No Senhor*”, isto é, aprendi dele, certifiquei-me com ele. Não é cálculo humano. Por meio de que te persuadiste? O que sabes? Dize: “*Que nada é impuro em si*”. Segundo a natureza, coisa alguma é impura, mas somente segundo a concepção de quem a utiliza; por conseguinte, é impura somente para ele, não para todos, porque: “*Alguma coisa só é impura para quem a considera impura*”. Por que, então, não corriges o irmão para que não a considere impura? Por que não o retiras de tal costume e da dúvida, à medida de tuas forças, a fim de que não a repute impura? Receio contristá-lo, responde. Por isso acrescenta:

15. *Entretanto, se por causa de um alimento teu irmão fica contristado, já não procedes com amor.*

Viste como neste ínterim o trata familiarmente, e demonstra-lhe tanta atenção que, para evitar que se contriste, não ousa ordenar-lhe o necessário e prefere atraí-lo pela indulgência e caridade? Nem após retirar-lhe o temor, força-o ou atrai, mas deixa-o senhor de si. Não era justo contristá-lo, impedindo-o de tomar o alimento. Viste a solicitude que tem pela caridade? Sabia que ela pode corrigir tudo. Por isso aqui exige algo a mais deles. Afirma que não só não se deve obrigá-los, mas se for necessário empregar indulgência, não se há de recusá-la. Por isso adita:

Não faças perecer por causa do teu alimento alguém pelo qual Cristo morreu!

Não estimas teu irmão a ponto de lucrasses sua alma por meio da abstinência de alimentos? Entretanto Cristo não recusou a servidão, nem a morte, por causa dele; tu, porém, nem um alimento desprezas para oferecer-lhe a salvação? Embora Cristo não haveria de lucrar a todos, entretanto por todos morreu, cumprindo o que lhe competia fazer. Tu, porém, ciente de que por causa do alimento o apartas do mais importante, ainda disputas e julgas que se deve desprezar aquele a quem Cristo dá tanta importância, e consideras insignificante aquele que Cristo amou? Ele morreu, não apenas pelo fraco, mas ainda pelo inimigo, enquanto em favor do fraco tu nem do alimento te absténs? Cristo fez o máximo; tu nem o mínimo fazes, apesar de ser ele o Senhor, e tu, um irmão. Tais palavras podiam coibi-lo; desvendam que ele é contencioso e, apesar de ter recebido de Deus grandes benefícios, nem com o mínimo retribui.

16. *Que o vosso bem não se torne alvo de injúrias,*

17. *porquanto o reino de Deus não consiste em comida e bebida,*

Denomina “*bem*” nesta passagem a fé, ou a futura esperança dos prêmios futuros, ou a perfeita piedade. Não só, diz ele, não ajudas o irmão, mas fazes com que sejam blasfemadas a própria doutrina, a graça de Deus, a dádiva. Com efeito, os pagãos blasfemam se lutas, disputas, entristeces, divides a Igreja, oneras o irmão com ultrajes, e quase o consideras inimigo. Por conseguinte, nada se corrige com isso e acontece o oposto. Boa coisa é para vós a caridade, o amor fraterno, a união e a coligação, a vida em paz e a elasticidade. Em seguida, a fim de dissipar o temor, a disputa, diz: “*O reino de Deus não consiste em comida e bebida*”.

Podemos talvez ser aprovados por eles? É isto que diz em outra parte: “Se deixamos de comer, nada perdemos; e se comemos, nada lucramos” (1Cor 8,8). É desnecessária a comprovação, mas basta ter proferido a sentença. Como se dissesse: Se comeres, isto te leva ao reino? Por este motivo, lastimando-os, como se fossem orgulhosos, não menciona só o alimento, mas acrescenta a bebida. Quais os meios que nos levam ao reino?

Justiça, paz e alegria, vida virtuosa, paz fraterna à qual se opõe a contenda, alegria originada da concórdia, que a censura afasta. Ele o diz não somente a um, mas a ambos. Devia dirigir-se a ambos no tempo oportuno.

Após, tendo se referido à paz e ao gáudio (entretanto a paz e o gáudio se encontram também nas

coisas más), acrescentou: no Espírito Santo.

Por conseguinte, quem arruína o irmão subverte a paz e a alegria, e prejudica mais do que o ladrão de riquezas materiais. E o que é pior, um outro conserva, e tu injurias e causas perdição. Uma vez que estas coisas, a saber, o alimento, e a pretendida perfeição não são as que levam à paz e à alegria, e sim as que as destroem, por que não desprezar as coisas mínimas a fim de se firmarem as máximas? Em seguida, tendo em vista que a repreensão imperceptivelmente se introduziu por causa da vanglória, acrescenta o seguinte:

18. *Quem desta maneira serve a Cristo, torna-se agradável a Deus e aprovado pelos homens.*

Não serás tão admirado pela perfeição quanto devido à paz e à concórdia. Deste bem todos participam, daquele ninguém.

19. *Procuremos, portanto, o que favorece a paz e a mútua edificação.*

Exorta o fraco, a fim de ficar em paz; a outra recomendação dirige-se ao mais forte, a fim de não prostrar o irmão. Todavia ele o faz comum a ambos, ao dizer: “*Mútua*”. E declara que sem a paz não é fácil construir.

20. *Não destruas a obra de Deus por uma questão de comida.*

Assim denomina a salvação do irmão, aumenta o temor e manifesta que é uma ação contra seus esforços. Não somente não edificas o que imaginas, afirma; não destróis o edifício de um homem, e sim o de Deus, e não por uma causa importante, mas por coisa insignificante. “*Por uma questão de comida*”, diz ele. E visando a que o mais fraco por tal indulgência não se firme em sua malvada opinião, mais uma vez o instrui com as seguintes palavras:

Tudo é puro, é verdade, mas faz mal o homem que se alimenta dando escândalo.

Porque age com uma consciência má. Por conseguinte, se tu obrigas e ele come, não retiras daí utilidade alguma, visto que não é o alimento que acarreta impureza, mas a intenção com a qual se come. Se não a corrigires, em vão é o que fazes e maior o prejuízo. Não é igual considerar uma coisa impura, e dela provar tendo-a nessa conta. Pecas duplamente, enquanto aumentas o dano pela disputa, e obrigas a comer o que é impuro; portanto, não o forces antes de persuadi-lo.

21. *É bom abster-se de carne, de vinho e de tudo o que seja causa de tropeço, de queda ou de enfraquecimento para teu irmão.*

Novamente exige mais: Não só não obrigue, mas, ainda, que se acomode a ele. Pois também o Apóstolo frequentemente o fez, como ao circuncidar, ao raspar a cabeça, ao oferecer a oblação judaica. E não ordena que o faça, mas profere qual a sua opinião, a fim de não tornar o mais fraco mais indolente. E o que diz? “*É bom abster-se de carne*”. E por que me refiro à carne? Mesmo se for vinho, ou qualquer outra coisa que causar escândalo, deves abster-te. Nada se iguala à salvação de teu irmão. É isto que indica Cristo, que desceu do céu e sofreu por nós tudo o que padeceu. Reflete, por favor, também quanto ele o pressiona, dizendo: “*Que seja causa de tropeço, de queda ou de enfraquecimento*”. Não retruques que não é razoável, mas que podes corrigi-lo. Justifica-se suficientemente um auxílio à fraqueza do próximo, e não te ocasiona mal algum; não se trata de hipocrisia, mas de edificação, e determinação prudente. De fato, se o obrigares, resistirá, acusar-te-á e mais se firmará no propósito de não comer carne. Se fores indulgente, amar-te-á, não suspeitará, e de então em diante poderás progressivamente lançar em seu coração a semente dos dogmas verdadeiros. Se, porém, conceber ódio contra ti, fechas o acesso a tuas palavras. Não o forces, portanto, e tu mesmo priva-te, não como se fosse coisa impura, mas porque do contrário servir-lhe-á de escândalo. E desta forma ele haverá de amar-te mais. Assim também o próprio Paulo ordenou: “*É bom abster-se de*

carne”, não por ser coisa impura, mas porque o irmão se escandaliza e enfraquece.

22. *A fé esclarecida que tens, guarda-a para ti*

Nesse trecho parece-me que implicitamente acusa o mais perfeito de vanglória. Indica o seguinte: Queres manifestar-me que és perfeito e consumado? Não mo declares, mas que te baste a consciência.

Não trata aqui da fé acerca dos dogmas, mas da que respeita ao assunto proposto. Daquela ele diz: “*Quem confessa com a boca obtém a salvação*” (Rm 10,10); e: “Quem se envergonhar de mim diante dos homens, eu também me envergonharei dele” (cf. Lc 9,26). Aquela arruína, se não confessarmos; esta, contudo, se confessarmos de modo inoportuno.

Feliz aquele que não se condena na decisão que toma.

Volta a atacar o mais fraco, e mostra que lhe basta esta coroa, a saber, a da consciência. Embora os homens não a vejam, basta-te para seres feliz. Tendo dito: “*Guarda-a para ti*”, para não pensares que este tribunal é pequeno, assegura que te é superior ao de todo o orbe. Mesmo que todos te condenem, se tu não te condenas, nem a consciência acusa, és feliz. Não se refere a todos em geral. Realmente, há muitos que não se condenam, e que pecam muito; são os mais miseráveis. Todavia, o Apóstolo insiste no presente argumento.

23. *Mas quem duvida e assim mesmo toma o alimento é condenado,*

Mais uma vez afirma, persuadindo-o a poupar o mais fraco. Qual a utilidade se come em dúvida e condena-se a si próprio? Eu, de fato, aprovo aquele que come sem hesitação alguma. Vê como o induz não só a comer, mas a comer com a consciência limpa. Em seguida, emite o motivo por que é condenado, nesses termos: porque não procede de boa-fé.

O alimento não é impuro, mas não é ingerido de boa-fé; pois não acredita que é puro, mas toca-o apesar de julgá-lo impuro. Por meio disto informa-os de quanto dano infligem, forçando a alguém não convicto a tocar em coisas que ainda lhe parecem impuras, a fim de ao menos por isso desistirem de censurar.

Pois tudo o que não procede da boa-fé é pecado.

Uma vez que não confia, nem acredita que é puro, como não pecará? Isso afirma Paulo a respeito do tema proposto, sem generalizar. E observa com quanto cuidado evita servir de escândalo, pois dissera mais acima: “*Entretanto, se por causa de um alimento teu irmão fica contristado, já não procedes com amor*” (Rm 14,15). Se faz-se mister não contristar, muito mais não se deve causar escândalo. E ainda: “*Não destruas a obra de Deus por uma questão de comida*”. Pois se é grave e ímpio demolir uma igreja, muito mais destruir um templo espiritual. O homem é mais precioso do que uma igreja. Cristo não morreu por causa de paredes, mas por causa destes templos.

Verifiquemos, portanto, ao redor de nós, o que nos pertence, e a ninguém ofereçamos ocasião de pretexto. A vida presente é um estádio, e precisamos ter inúmeros olhos, sem julgar que a ignorância é suficiente escusa. É castigada a ignorância, é castigada quando a ignorância não é desculpável. Com efeito, os judeus ignoraram, mas esta ignorância não mereceu perdão; os gregos igualmente ignoraram, mas não tiveram defesa. Quando ignoras o que não se pode saber, não és culpado; quando, porém, ignoras o que facilmente se pode saber, sofrerás extremo castigo. Aliás, se não formos tão negligentes e empregarmos todos os meios a nosso alcance, Deus nos estenderá a mão acerca do que ignoramos, conforme Paulo dizia aos filipenses: “E se em algumas coisas pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá” (Fl 3,15). Quando não queremos realizar o que está em nosso poder, não gozaremos de seu auxílio; foi o que aconteceu aos judeus. “É por isso que lhes falo em parábolas: porque veem sem ver” (Mt 13,13). Como viam sem ver? Viam demônios expulsos e diziam: Está possesso. Viam mortos ressuscitados, e não adoravam, mas tentavam matá-lo. Ora, tal não era

Cornélio. Por isso, fizera diligentemente o que estava em seu poder, e Deus acrescentou o restante. Não digas, portanto: Por que Deus não cuidou daquele determinado gentio sincero e honesto? Em primeiro lugar, o homem não pode saber quem é sincero, mas somente aquele que formou o coração de cada um; em segundo lugar, deve-se dizer que esse homem frequentemente não deu atenção nem empregou esforços. E como poderia tal acontecer, replicas, se for bem sincero? Ora, quero que observes esse homem sincero e simples, e examines os negócios seculares, e verás que nestes empregou grande diligência; se quisesse exibi-lo acerca dos problemas espirituais, não seria negligenciado, pois o que respeita à verdade é mais claro do que o sol. E seja para onde quer que alguém parta, facilmente cuidará de sua salvação, se quiser dar atenção e não a considerar de pouca importância. Acaso estes fatos se limitaram à Palestina? Num pequeno recanto da terra? Não ouviste a palavra do profeta: “Todos me conhecerão, dos menores aos maiores”? (Jr 31,34). Não vês que é veraz? De que forma conseguirão perdão os que veem a extensão da doutrina da verdade e não se esforçam nem se preocupam por aprender?

Mas, retrucas, exiges isto do rústico e bárbaro? Não apenas do rústico e do bárbaro, mas de qualquer um, apesar de mais rude do que um bárbaro. Por que, então, pergunto, se ao sofrer injustiça acerca dos bens seculares, ele sabe contradizer e repelir com violência, tudo faz e empreende para não ser lesado de forma alguma, e, ao se tratar de bens espirituais, não utiliza igual prudência? E ao adorar a pedra e considerá-la um deus, ao celebrar as festas e fazer despesas, ao manifestar grande temor, jamais é negligente devido à simplicidade; mas quando devia procurar o verdadeiro Deus, então mencionas a sinceridade e a simplicidade? Não é assim, não é. É um crime imputável só à negligência. Quais, em tua opinião, são os mais simples e rudes: os contemporâneos de Abraão, ou os de hoje? Quando era mais fácil encontrar a piedade, agora ou naquele tempo? Certamente agora. Agora, de fato, geralmente o nome de Deus é proclamado, realizou-se o que os profetas predisseram, e a religião dos povos foi refutada; então, na verdade, muitos não possuíam conhecimento da doutrina, o pecado reinava, não havia lei que instrísse, nem profeta, nem milagres, nem ensinamentos, nem multidão que conhecesse a Deus, nem algo de semelhante, mas tudo se encontrava em profundas trevas, numa noite sem luar, e hibernal. Todavia, aquele homem admirável e generoso, apesar de tantos impedimentos, conheceu a Deus, exerceu a virtude e a muitos conduziu a idêntico zelo; e isto sem ser perito na sabedoria pagã. Como teria podido ser, quando as letras ainda não tinham sido inventadas? Entretanto, visto que ofereceu o que possuía, Deus acrescentou o que era seu. E não podes afirmar que Abraão recebeu de seus pais a piedade, porque eles eram idólatras. No entanto, apesar de oriundo de tais progenitores, e bárbaro educado no meio de bárbaros, sem possuir mestre algum da piedade, conheceu a Deus. É indescritível quanto se tornou mais ilustre e aprovado do que todos os seus descendentes, aos quais foi dado fruir da Lei e dos profetas. Por que motivo? Porque não se preocupava muito com os negócios seculares, e entregara-se totalmente aos espirituais. E o que sucedeu a Melquisedec? Não viveu na mesma época e brilhou de tal maneira que foi denominado sacerdote do Senhor? Efetivamente, não é possível, inteiramente impossível que seja desprezado o homem vigilante. Estas afirmações não vos perturbem; mas, cientes de que sempre prevalecerá a força da mente, examinemos o que nos compete a nós, a fim de melhorarmos. Não peçamos contas a Deus, nem exploremos por que deixou a este e chamou aquele. Pois faríamos o mesmo que um criado que, diante de um resultado infeliz, curiosamente explorasse as determinações de seu senhor. Mísero e infeliz, devia preocupar-te com tuas contas, e pensar como aplacar o senhor, e pedes prestação de contas daquilo de que tu deves prestá-las; descuidas daquelas coisas a respeito das quais sofrerás castigo?

O que, portanto, direi ao grego? – perguntas. O supramencionado. E vê, não tanto apenas de que

modo falar ao grego, mas como emendá-lo. Ele, ao examinar tua vida, se escandaliza, e ficas cogitando do que hás de dizer. A respeito dele, mesmo que se escandalize, não prestarás contas. Acerca de tua vida, porém, se o lesa, estarás sujeito a extremo perigo. Se verifica que raciocinas sobre o reino, e ambicionas ardentemente os bens atuais, com medo da geena, mas tremendo diante dos males presentes, então, cuidado! Constatando isso, ele te censurará, dizendo: Se desejas o reino, por que não desprezas as coisas presentes? Se aguardas um tribunal tremendo, porque não menosprezas as tribulações atuais? Se esperas a imortalidade, por que não zombas da morte? Ao dizer estas coisas, reflete sollicitamente de que forma hás de te defender. Se te vê, na expectativa dos céus, trêmulo por causa de um prejuízo monetário, alegre com o lucro de um só óbolo e a trocar a alma por um pouco de dinheiro, cuidado! Isto sim, digo, isto escandaliza o grego. Por conseguinte, se cuidas de tua salvação, prepara tua defesa em tal base, não por palavras, mas por fatos. Com efeito, por causa daquela questão jamais alguém blasfemou contra Deus; uma vida má acarreta inúmeras blasfêmias em toda a parte. Corrige-te, portanto; do contrário, o gentio te dirá de novo: De onde conhecerei que Deus ordenou coisas possíveis? Eis! Tu, cristão já por teus antepassados, e que foste educado nesta ótima religião, no entanto nada de digno dela tu fazes. O que responderás? Dirás sem dúvida: Mostrar-te-ei outros que o pratiquem, a saber, os monges que habitam nos desertos. Ora, não te envergonhas de confessar que és cristão e de remeter a outros, porque não podes ostentar em ti o que é próprio dos cristãos? Com efeito, ele imediatamente retrucará: Por conseguinte, que necessidade há de partir para os montes e de buscar os desertos? Se não é possível no meio das cidades ser sábio, muitas incriminações atacam este estilo de vida, que leva a abandonar as cidades e correr para os desertos. Mas, aponta-me um homem que tenha mulher, filhos, casa, e que se dedique à sabedoria. O que responderemos? Não teremos de ficar cabisbaixos, envergonhados? Cristo não o preceituou. O que ordenou? “Brilhe a vossa luz diante dos homens” (Mt 5,16), não nos montes ou desertos ou lugares ermos. Assim me exprimo, não no intuito de diminuir aqueles que ocuparam os montes, mas no de lamentar os habitantes das cidades, que de lá expulsaram as virtudes. Por isso, suplico, vamos trazer dos montes para cá a sabedoria, a fim de que as cidades sejam verdadeiras cidades. Estas medidas podem corrigir o grego, livrar de incontáveis escândalos. Se quiseres livrá-lo do escândalo e desta forma gozar de mil recompensas, emenda tua vida e faze com que brilhe em toda parte. “Para que” os homens, “vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (ib.). Deste modo poderemos usufruir daquela inefável e grande glória. Possamos todos nós consegui-la pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SÉTIMA HOMILIA

Doxologia⁷

16,25. *Àquele que tem poder de vos confirmar segundo o meu evangelho e a mensagem de Jesus Cristo – revelação de um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos,*

26. *agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno, dado a conhecer a todos os gentios, para levá-los à obediência da fé, -*

27. *a Deus, o único sábio, por meio de Jesus Cristo, seja dada a glória, pelos séculos dos séculos! Amém.*

É costume de Paulo sempre encerrar a exortação com preces e doxologia, pois sabia que não se tratava de coisa insignificante. Costuma-se proceder desta maneira por amor e piedade. De fato, é

próprio do preceptor que ama as crianças e a Deus não apenas ensinar com palavras, mas também obter pela prece o auxílio de Deus aos discípulos. Assim o Apóstolo procede aqui. Leia-se o trecho nesta sequência: Àquele que pode vos confirmar, glória nos séculos. Amém. De novo trata dos fracos e dirige-lhes a palavra. De fato, ao repreender, repreendia em comum; ao orar, contudo, faz a súplica em favor destes. À locução: “*Confirmar*”, acrescenta de que forma: “*Segundo o meu evangelho*”. A enunciação assinalava que eles ainda não se achavam confirmados; na verdade, estavam de pé, mas titubeantes. E acrescenta a fim de tornar a palavra fidedigna: “*E a mensagem de Jesus Cristo*”, quer dizer, ele próprio o pregou. Se ele próprio o pregou, não são ensinamentos nossos, mas leis dele. De resto, raciocinando acerca daquela pregação, manifesta que o dom é resultado de grande benevolência, e de muita magnificência. E o comprova primeiro pelo próprio pregador, em segundo lugar pelo objeto da pregação, pois se tratava de boas notícias. Além disso, sugere que a ninguém antes de nós fora notório, dizendo: “*Revelação de um mistério*”. Certamente é sinal de máxima amizade fazer-nos partícipes dos mistérios, e a ninguém antes de nós. “*Envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado*”. Outrora, na verdade, fora predeterminado, agora, contudo, aparece. De que maneira apareceu? “*Pelos escritos proféticos*”. Aqui novamente expulsa o medo do fraco. De que tens medo? De transgredir a Lei? A Lei quer isto, já outrora o predisse.

Se, porém, examinares por que agora foi manifestado, não praticas uma ação segura, se perscrutares curiosamente os mistérios de Deus e reclamares as razões. Tais fatos não devem ser examinados, mas ser amados e abraçados. Por isso, o Apóstolo, refreando este propósito, acrescentou: “*E por disposição do Deus eterno, para levá-los à obediência da fé*”. A fé, de fato, exige obediência, não curiosa inquisição, e quando Deus ordena, importa obedecer, não inquirir curiosamente. Em seguida, confirma-os de outro lado, dizendo: “*Dado a conhecer a todos os gentios*”. Não és tu apenas, mas o universo assim acredita, tendo por mestre não um homem, mas o próprio Deus. Por isso aditou: “*Por meio de Jesus Cristo*”. Não foi apenas conhecido, mas também confirmado; ambas as coisas são obras dele. Por isso assim se deve ler: Àquele que pode vos confirmar por Jesus Cristo. Porque, conforme disse, atribui-lhe ambas as ações; ou antes, não somente as duas, mas também a glória ao Pai. Por isso disse: “*Seja dada a glória, pelos séculos dos séculos! Amém*”. Glorifica, estupefato perante a incompreensibilidade destes mistérios. Nem agora, depois que apareceram, são compreensíveis, mas devem ser conhecidos através da fé; de outra forma, não é possível. Disse muito bem: “*Deus, o único sábio*”. Se meditardes como guiou os gentios, e misturou-os a outros que outrora levavam vida honesta, salvou os desesperados, levou para o céu os que não mereciam ficar na terra, transferiu da vida presente os que caíram àquela vida eterna e inefável, transformou os conculcados pelos demônios em iguais aos anjos, abriu-lhes o paraíso, aboliu todos os antigos males, e isto em breve tempo, por caminho muito fácil e curto, então conhecerás a sabedoria, verificando que os gentios de repente foram instruídos por Jesus no que nem os anjos, nem os arcanjos sabiam. Por conseguinte, importava admirar sua sabedoria e glorificá-lo, e tu te revolves em torno de coisas insignificantes, sentado ainda à sombra, o que não é próprio de quem glorifica a Cristo. Pois quem nele não confia, nem está convicto pela fé, não oferece testemunho à grandeza de suas obras. Mas Paulo em seu lugar dá-lhe glória e provoca-os ao mesmo zelo. Ao ouvi-lo proferir: “*Deus, o único sábio*”, não julgues que assim fala para desprezar o Filho. Se, de fato, todas essas coisas que manifestam sua sabedoria, foram feitas por Cristo e sem ele nada foi feito, é evidente que, no atinente à sabedoria, são iguais. Por que, então, disse: “*Único*”? Para distinguir da criação inteira. Voltando, portanto, à glorificação, retorna da prece à exortação, dirigindo-se aos mais fortes e dizendo:

15,1. Nós, os fortes, devemos

Devemos, não fazemos favor. O que devemos?

carregar as debilidades dos fracos

Viste como os elogia, não apenas dando-lhes o nome de fortes, mas colocando-se entre eles? Não só, mas os atrai devido às vantagens, e sem incomodá-los. Tu és forte, afirma, e se te omitires, nenhum prejuízo sofres, mas ele se acha em extremo perigo se não for sustentado. E não disse: Os fracos, e sim: “*As debilidades dos fracos*”, atraindo-nos e convidando-os à misericórdia, segundo fez noutra passagem: “Vós, os espirituais, instrui-o” (Gl 6,1). Tu te tornaste forte? Agradece a Deus que te fez tal; agradecerás, porém, se curares a doença do fraco. Com efeito, também nós éramos fracos, mas, pela graça, nos tornamos fortes. Assim se deve proceder não apenas neste caso, mas também para com os fracos de outra forma. Por exemplo, se alguém for colérico ou injuriador, ou tiver outro vício, suporta-o. De que maneira? Escuta o que se segue. Havendo dito: “*Devemos carregar*”, acrescenta: e não buscar a nossa própria satisfação.

2. Cada um de vós procure agradar ao próximo, em vista do bem, para edificar.

Isto é: És forte? Que o fraco experimente tua força; aprenda tua fortaleza e seja-lhe agradável. Não disse simplesmente: “*Procure agradar*”, mas: “*Em vista do bem*”. E não só em vista do bem, a fim de que não diga o perfeito: Eis que o atraio ao bem, mas aditou: “*Para edificar*”. Por conseguinte, mesmo se fores rico, se tiveres poder, não agrades a ti mesmo, mas ao pobre e ao indigente; desta forma gozarás da verdadeira glória, e obterás muitas vantagens. Efetivamente, a glória mundana logo desvanece; a que se origina das coisas espirituais permanece, se agires para edificação. Por isso, o Apóstolo o exige de todos; não deste ou daquele, mas de: “*Cada um de vós*”. Logo, visto que ordenou algo de grande, e mandou desistir da própria perfeição, a fim de corrigir a fraqueza do outro, de novo apresenta o exemplo de Cristo:

3. Pois também Cristo não buscou a sua própria satisfação.

Ele sempre procede assim, pois, ao falar da esmola, o apresentava, dizendo: “Conheceis a generosidade de nosso Senhor, que por causa de nós se fez pobre” (2Cor 8,9). E, ao exortar à caridade, daí partia também, dizendo: “Como Cristo nos amou” (cf. Ef 5,25). E para incutir pudor e aconselhar a respeito dos perigos, nele se refugia, dizendo: “Em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, desprezando a vergonha” (Hb 12,2). Assim também aqui revela que Cristo fez o mesmo, e apresenta o profeta que outrora prenunciava e por isso apõe: “*mas, conforme está escrito: Os insultos dos que te injuriaram caíram sobre mim*”.

O que significa a locução: “*Não buscou a sua própria satisfação*”? Ele poderia não suportar o opróbrio; poderia não padecer o que padeceu, se quisesse buscar os próprios interesses. Ora, ele não o quis; mas considerando o que nos interessava, negligenciou o que lhe pertencia. E por que não disse: Aniquilou-se a si próprio? Porque não queria desvendar apenas que se fizera homem, mas que também sofreu ultrajes e aceitou perder a fama perante muitos, sendo julgado fraco. Pois lhe diziam: “Se és Filho de Deus, desce da cruz!”, e: “A outros salvou, a si mesmo não pode salvar!” (Mt 27,40.42). Por isso relembra para o presente um argumento útil e exhibe muito mais do que prometeu.

Com efeito, não menciona somente a Cristo, coberto de opróbrios, mas também o Pai; pois disse: “*Os insultos dos que te injuriaram caíram sobre mim*”, isto é, nada de novo aconteceu, nada de estranho. Os que na Antiga Lei planejaram exprobrar, contra o Filho encheram-se de furor. Estas coisas foram escritas para que as imitemos. Daí munuiu-os de paciência nas tribulações, pois disse:

4. Ora tudo o que se escreveu no passado é para nosso ensinamento que foi escrito, a fim de que, pela

paciência e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos a esperança.

Isto é, não caíamos. Vários são, na verdade, os combates, dentro e fora, a fim de que, confortados e consolados pelas Escrituras, mostremos paciência; de sorte que, vivendo com paciência, permaneçamos na esperança. Pois elas se geram mutuamente, a paciência pela esperança, a esperança pela paciência; ambas nascem das Escrituras. Em seguida, o discurso retorna à oração:

5. O Deus da perseverança e da consolação vos conceda terdes os mesmos sentimentos uns para com os outros, a exemplo de Cristo Jesus,

Uma vez que dissera o que lhe pertencia, adiciona os exemplos de Cristo, apresenta o testemunho das Escrituras, e expõe que transmite paciência com as Escrituras. Por isso dizia: “*O Deus da perseverança e da consolação vos conceda terdes os mesmos sentimentos uns para com os outros, a exemplo de Cristo Jesus*”. É peculiar à caridade pensar a respeito de um outro o mesmo que de si próprio.

Logo, a fim de demonstrar que não busca simplesmente a caridade, acrescentou: “*A exemplo de Cristo Jesus*”, conforme sempre faz, porque é outro gênero de caridade. E qual é o lucro da concórdia?

6. a fim de que, de um só coração e de uma só voz, glorifiquéis o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Não disse apenas: “*De uma só voz*”, mas ordena também que seja de um só coração. Viste como reúne todo o corpo, e como encerra o sermão com a glorificação? Daí principalmente conduz ao consenso e à concórdia. Depois avança para a mesma exortação, nesses termos:

7. Acolhei-vos, portanto, uns aos outros, como também Cristo vos acolheu, para a glória de Deus.

Mais uma vez emprega um exemplo tirado do alto, e um inefável lucro, porque especialmente glorifica a Deus este consenso mútuo.

Se por tal motivo, embora pesaroso, discordares de um irmão, ao pensares que, desistindo da ira, glorificas teu Senhor, mesmo que não seja em favor do irmão, reconcilia-te por esta razão, ou melhor, em primeiro lugar por tal razão. Com efeito, Cristo sempre fez reflexões a respeito, e dizia ao Pai: “*Todos sejam um... para que o mundo reconheça que tu me enviaste*” (Jo 17,21).

Obedeçamos, portanto, e unamo-nos mutuamente. Nesse trecho o Apóstolo estimula não apenas os fracos, mas a todos. E se alguém quiser separar-se de ti, não te separe, nem profiras com frieza a seguinte palavra: Se me amar, eu o amo; e se o olho direito não me amar, furá-lo-ei. São palavras satânicas, dignas de um publicano e de um gentio mesquinho. Tu, porém, chamado a um estilo de vida superior, e inscrito no céu, sujeito te encontras a leis mais elevadas. Não fales desta forma. Se ele não quiser te amar, manifesta-lhe amor mais intenso para lucrá-lo, pois é membro teu. Se, por uma necessidade qualquer, um membro deva ser separado do corpo, fazemos o possível para o unirmos, empregando então a maior solicitude. De fato, a recompensa é maior no caso de atraíres a alguém que se recusa a amar. Se o Senhor ordena convidar para o banquete quem não nos pode retribuir, e assim aumenta a recompensa, muito mais se proceda deste modo relativamente ao amor. Se quem é amado te ama, ocasiona-te uma recompensa, entretanto o ser amado que não te ama constitui a Deus teu devedor. Além disso, se te ama, não é objeto de muita solicitude; se, ao invés, não ama, então precisa de teu auxílio. Por conseguinte, não troques a solicitude por preguiça, nem digas: Está enfermo, por ele não me interessarei, porque é doença a frieza no amor. Aquece aquele que se esfriou. E se ele não se aquecer? – replicas. Continua a cumprir teu dever. E se tiver maior aversão? Maior recompensa há de alcançar-te, e manifestar tanto mais que és imitador de Cristo. Amarem-se mutuamente é a marca dos discípulos: “*Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros*” (Jo 13,35). Reflete na grandiosidade de amar quem odeia. Efetivamente, teu Senhor amava e exortava

aqueles que o odiavam; quanto mais fracos eram, tanto maior a sua solicitude, e exclamava: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes” (Mt 9,12). Dignava-se ter à sua mesa publicanos e pecadores; e quanto maior a ignomínia com que o desonrava o povo judaico, demonstrava-lhe maior respeito. Imita-o. Não é questão insignificante. Omitindo-a, nem o mártir agrada a Deus, conforme diz Paulo (1Cor 13,3). Não digas, portanto: Sou odiado, por conseguinte não amo; por isso mesmo devias dedicar mais forte amor. Aliás, quem ama não é odiado tão logo e mesmo um inimigo feroz amará aqueles que o amam. Praticam-no os gentios e os publicanos (cf. Mt 5,46). Se todos amam os que sabem amar, quem não amará aqueles que amam, apesar de odiados? Mostra-te assim e não cesses de declarar: Por mais que me odeies, não deixarei de amar-te. E hás de acalmar qualquer contenda e diminuir toda animosidade. Este mal-estar provém de uma inflamação, ou de um resfriado, mas a força do amor costuma curar a ambos com seu calor. Não vês os amantes torpes suportarem das meretrizes tapas, cuspidas, opróbrios e incontáveis males? O que lhes extingue o amor? Os ultrajes? De forma alguma, ao contrário, mais o inflama. Embora as que os infligem, além de prostitutas, sejam de origem obscura e vil e os que os sofrem muitas vezes podem declinar ilustres progenitores, e outros motivos de serem notáveis, nem isto os afasta, ou separa daquela que é amada.

Acaso não nos envergonhamos porque não conseguimos demonstrar a Deus tanto amor quanto aquele ímpeto de amor diabólico e demoníaco? Não pensas que este é o máximo dardo contra o diabo? Não vês que o demônio maligno insiste, atraindo para si o membro odiado e se esforçando por fazê-lo seu? Tu, porém, passas adiante, e atraíças o prêmio da luta? De fato, o irmão jaz prostrado como se fosse um prêmio; se venceres, receberás a coroa, mas se, ao invés, agires indolentemente, afastar-te-ás desprovido. Desiste, portanto, de proferir o dito satânico: Se meu irmão me odiar, não quero nem vê-lo. Nada de mais vergonhoso do que esta sentença, embora muitos a considerem peculiar a um espírito nobre; ao contrário, nada mais ignóbil, estulto, cruel. Por isso, sinto imenso pesar de que muitos considerem virtude o que procede da malícia, e que opinam ser esplêndido e honesto desprezar e menosprezar. É a máxima cilada do diabo atribuir boa fama à maldade, porque é mal difícil de dissipar. De fato, ouvi muitos a se gloriarem de que os adversários não se acercam deles. Ora, teu Senhor se gloria do oposto. Quantas vezes os homens o rejeitaram cuspidos? Quantas vezes foram seus adversários? Ele, contudo, não deixou de acorrer. Não digas, portanto: Não posso aproximar-me dos que me odeiam, mas declara: Não posso rejeitar os que me rejeitam. Este dito é do discípulo de Cristo; o outro é do diabo. O primeiro criou homens ilustres e excelentes; o outro, torpes e ridículos. Por isso, admiramos a Moisés, ao qual dizia o próprio Deus: “Deixa-me, para que se acenda contra eles a minha ira e eu os consuma”. Não pôde rejeitar aqueles que se lhe opuseram frequentemente, mas dizia: “Agora, pois, se perdoasses seu pecado... Se não, risca-me do livro” (Ex 32,10.32). Era, pois, amigo e imitador de Deus. Não nos gloriemos de atitudes das quais teríamos de nos envergonhar, nem repitamos a asserção dos forenses e do vulgo ignóbil: Sei que tenho inúmeros adversários. Embora alguém o diga, zombemos dele e lhe fechemos a boca, porque se gloria do que deveria envergonhá-lo. Por favor, o que dizes? Tens aversão a um fiel, e Cristo não o rejeitou nem mesmo quando infiel. O que digo? Não rejeitou? Era inimigo e disforme, no entanto amou-o a ponto de morrer por ele. Por ele, digo, que era tal; dize-me, agora que é belo e admirável, tu o rejeitas, a ele, membro de Cristo e corpo do Senhor? Não pensas no que dizes? Não percebes tua ousadia? Ele por cabeça, mesa, vestes, vida, luz e esposo tem a Cristo, que é tudo para ele, e ousas dizer: Eu o rejeito. E não somente a este, mas a inúmeros outros conjuntamente? Contém-te, ó homem, e acalma o furor. Reconhece o irmão, apreende que são palavras próprias da loucura e da demência, e profere o oposto: Mesmo que me repila mil vezes, eu não me afastarei. Desta forma lucrarás o irmão, viverás para a glória de Deus, e conseguirás os bens futuros. Oxalá todos nós os alcancemos, pela graça e amor aos

VIGÉSIMA OITAVA HOMILIA

15,8. *Pois eu vos asseguro que Cristo se fez ministro dos circuncisos para honrar a fidelidade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais;*

Mais uma vez o Apóstolo, unido à própria Cabeça, disserta acerca da solicitude de Cristo, explica tudo o que ele fez por nós, e assegura que não era complacente em relação a si próprio. Após, afirma que os gentios que haviam recebido a fé eram mais devedores diante de Deus. Se, portanto, eram mais devedores, era justo que acolhessem os fracos dentre os judeus. Depois de os cercar com vigor, a fim de que por isso não se vangloriassem, reprime-lhes mais uma vez a arrogância: a dos judeus, de um lado, devido à promessa feita aos pais, declarando que os bens já tinham sido concedidos; de outro lado, a dos gentios, somente pela misericórdia e bondade; por isso dizia:

9. *ao passo que os gentios glorificam a Deus pondo em realce a sua misericórdia,*

Para ficar mais claro, escuta mais uma vez as próprias palavras, a fim de entenderes o que significa: “*Cristo se fez ministro dos circuncisos para honrar a fidelidade de Deus*”, confirmar as promessas feitas aos pais. O que afirma? A promessa fora feita a Abraão, nesses termos: “É à tua posteridade que eu darei esta terra”, e: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 2,7; 22,18). Após, os pósteros de Abraão se tornaram réus, sujeitos ao castigo. A transgressão da Lei excitou a ira contra eles, e por fim privou-os da promessa feita aos pais. O Filho, em sua vinda, cooperou com o Pai para que as promessas fossem verazes e levadas a efeito. Tendo cumprido a Lei toda e recebido a circuncisão, e ainda por meio da cruz libertado da maldição pela transgressão, não permitiu que a promessa falhasse. Tendo dito: “*Ministro dos circuncisos*”, queria significar que ele veio, cumpriu toda a Lei, foi circuncidado, fez-se descendência de Abraão, aboliu a maldição, acalmou a ira de Deus, e por fim tornou os judeus aptos a receberem o efeito da promessa, uma vez libertados da ofensa que infligiram. A fim de que não dissessem os acusados: Como Cristo foi circuncidado, e cumpriu toda a Lei? – inverte o problema. Assim procedeu, não para que a Lei permanecesse, mas para solvê-la, libertar-te da iminente maldição, e livrar-te completamente do domínio da Lei. Visto que havias transgredido a Lei, ele a cumpriu, não para que tu a cumprisses, e sim para te confirmar que as promessas feitas aos pais foram realizadas, as quais tinham sido abolidas pela Lei, manifestando que tu pecaste, sendo indigno da herança. Por conseguinte, também tu pela graça obtiveste a salvação, pois estavas rejeitado. Não te revoltes, portanto, nem disputes, aderindo em tempo inoportuno à Lei, que te teria removido da promessa, se Cristo não tivesse sofrido por ti. Na verdade, ele sofreu, não porque fosses digno da salvação, mas para se revelar Deus veraz. Em seguida, para que os gentios não se orgulhassem por isso, declarou: “*Ao passo que os gentios glorificam a Deus pondo em realce a sua misericórdia*”.

Isto é, os judeus ao menos tiveram as promessas, apesar de indignos; tu, contudo, nem a tinhas, mas foi-te concedida a salvação só por bondade. Todavia, nada da promessa era ainda acessível aos judeus, se Cristo não tivesse vindo. Mas, para moderá-los, e não deixar que se insurgissem contra os fracos, menciona as promessas. Acerca dos gentios diz que somente por misericórdia alcançaram a salvação, e por isso é justo que deem mais glória a Deus. Constitui glória a Deus, porém, reunirmo-nos, congregarmos-nos, unanimemente o celebrarmos, carregarmos o mais fraco, não desprezarmos o membro amputado. Em seguida introduz os testemunhos que atestam o dever dos judeus fiéis de unirem-se aos gentios crentes, enunciando: segundo está escrito: Pelo que eu te confessarei entre as nações e salmodiarei ao teu nome;

10. *Diz ainda: Nações, exultai junto com seu povo.*

11. *E ainda: Nações todas, louvai o Senhor, e que todos os povos o celebrem.*

12. *Surgirá o rebento de Jessé, aquele que se levanta para reger as nações. Nele as nações colocarão a sua esperança.*

Mas apresentou tudo isto, manifestando que deviam unir-se e glorificar a Deus; e simultaneamente reprime o judeu para não se insurgir contra o gentio, uma vez que todos os profetas convidam os gentios; e àquele que provém dos gentios persuade a agir modestamente, expondo que ele é objeto de graça maior.

Depois, conclui o sermão com uma prece:

13. *Que o Deus da esperança vos cumule de toda alegria e paz em vossa fé, a fim de que pela ação do Espírito Santo a vossa esperança transborde.*

Isto é, sejais libertados desta mútua disputa, e nunca desanimeis diante das provações, isto é, se vossa esperança transbordar. Aí se encontra a causa de todos os bens. E virá da parte do Espírito Santo; não simplesmente do Espírito Santo, mas havemos de contribuir com o que está em nosso poder. Por isso disse: “*Em vossa fé*”, assim podeis encher-vos de gáudio, se acreditardes, se esperardes. Mas não disse: Se esperardes, e sim: “*A vossa esperança transborde*”, de sorte que não só encontrareis consolo acerca das tribulações, mas também exultareis de alegria por causa da abundância da fé e da esperança. Assim também atraireis o Espírito e, com a sua vinda, conservareis todos os bens. Como os alimentos, as provisões sustentam nossa vida, se tivermos boas obras, teremos o Espírito; se tivermos o Espírito, praticaremos boas obras. Enfim, ao contrário, se não tivermos obras, o Espírito afastar-se-á. Se, porém, estivermos privados do Espírito, também claudicaremos a respeito das obras. Se ele se afastar, o espírito imundo se aproximará, conforme se verificou em Saul. O que será se não nos sufocar de modo semelhante? Mas sufocará de outro modo pelas más obras. Precisariamos da cítara de Davi para cantar os divinos cânticos espirituais, o que pertence a Deus e o que procede das boas obras. Pois, se agirmos de maneira diferente, e ouvindo a canção, repelirmos o cantor por meio das obras, conforme Saul fazia, o remédio traria condenação e a loucura se tornaria pior. De fato, antes de ouvirmos, o maligno demônio teme que nos corriamos ao ouvirmos; se ouvirmos, porém, e continuarmos os mesmos, perderá o receio. Salmodiemos pelas obras, e rejeitaremos o pecado pior do que o demônio. Pois o demônio não nos priva absolutamente dos céus, mas por vezes é útil ao homem vigilante; o pecado, contudo, o exclui inteiramente. O pecado é um demônio voluntário, e loucura espontânea, e por isso não tem quem lhe atribua misericórdia e perdão. Cantemos, portanto, esta espécie de encantamento, com a alma tocada pelas outras Escrituras e pelo bem-aventurado Davi. Salmodia com a boca e instrua-se a mente. Não é coisa desprezível. Se ensinamos a língua a cantar, enquanto canta, causará vergonha à alma que buscar o oposto. Não recolheremos apenas este bem, mas também conheceremos muitas coisas úteis, porque o salmista fala acerca do presente e do futuro, da criação visível e invisível. Se queres saber algo a respeito do céu, se permanecerá estável ou será mudado, ele te responderá claramente: “Os céus ficam gastos como a roupa, tu os mudarás como veste, eles ficarão mudados”, ó Deus (Sl 102,27). Se queres ouvir falar de sua forma, escutarás: “Estendendo os céus como tenda”. Se quiser alguém saber mais sobre seu dorso, dirá ainda: “Construindo sobre as águas tuas altas moradas”(Sl 104,2-3). Não se detém, mas disserta também acerca da latitude e da altitude, expondo que são iguais: “Como o Oriente está longe do Ocidente, ele afasta de nós as nossas transgressões. Como o céu que se alteia sobre a terra, é forte a sua misericórdia por aqueles que o temem” (Sl 103,12.11). Se quiser perscrutar igualmente os fundamentos da terra, nem eles te ficarão ocultos, mas ouvi-lo-ás a salmodiar e dizer: “Fundou-a

sobre os mares” (Sl 24,2). Se queres saber donde se originam os terremotos, livrar-te-á de qualquer dúvida, assim se exprimindo: “Ele olha a terra e ela estremece” (Sl 104,32). Se interrogas qual a utilidade da noite, aprenderás dele: “Nela rondam todas as feras da selva” (Sl 104,20). Se queres saber a utilidade dos montes, responder-te-á: “As altas montanhas são para os cervos”. E para que as pedras, responderá: “Os rochedos um refúgio para os ouriços e as lebres”. Para qual finalidade as árvores infrutíferas? Aprende: “Ali os pássaros se aninham” (Sl 104,18.17). Para que fontes no deserto? “Junto a elas as aves do céu se abrigam e todas as feras do campo” (ib. 12.11). Para que o vinho? Não só para beberes, pois para tanto bastava as propriedades da água, mas para te tornar alegre e jovial: “E o vinho, que alegra o coração do homem” (ib. 15). Assim instruído, conhecerás até que ponto deverás usar o vinho. De onde se alimentam as aves e as feras do campo? Ouvi-lo-ás dizer: “Eles todos esperam de ti que a seu tempo lhes dês o alimento” (ib. 27). Se disseses: E o rebanho? Responderá que eles também foram feitos por tua causa. “Fazes brotar relva para o rebanho e plantas úteis ao homem” (ib. 14). Qual a utilidade da lua? Escuta-o: “Ele fez a lua para marcar os tempos” (ib. 19). E claramente ensina que fez todas as coisas, visíveis ou invisíveis, dizendo: “Ele disse e tudo foi feito; ele ordenou e tudo existiu” (Sl 33,9). E ele te ensina que haverá solução até para a morte, dizendo: “Mas Deus resgatará a minha vida das garras do Cheol, tomando-me consigo” (Sl 49,16). De onde nos veio o corpo? Ele o diz: “Ele se lembra de que somos pó” (Sl 103,14). Para onde irá finalmente? “Voltam ao pó donde saíram” (Sl 104,29). Por que tudo isto? Por tua causa. “Coroando-o de glória e beleza, para que domine as obras de tuas mãos” (Sl 8,6). E nós homens, o que temos de comum com os anjos? E responde salmodiando: “E o fizeste pouco menos do que um anjo” (ib.). A respeito do amor de Deus: “Como um pai é compassivo com seus filhos, o Senhor é compassivo com aqueles que o temem” (Sl 103,13). Das condições que nos serão oferecidas depois destas, e a respeito daquela sorte tranquila: “Volta ao repouso, ó minha vida!” (Sl 115,7). Por que o céu é tão imenso? Dirá o seguinte: “Os céus contam a glória de Deus” (Sl 19,2). E por que foram feitos o dia e a noite? Não foi para que brilhe o dia, e a noite somente ofereça o repouso, mas para nossa instrução: “Não são palavras, nem são discursos, cujo sentido não se perceba” (ib. 4). Por que o mar circunda a terra: “Cobriste-a com o abismo, como um manto” (Sl 104,6); assim se acha no texto hebraico.

Iniciando por aquilo que foi dito, podereis aprender muitas outras coisas nos salmos: a doutrina a respeito de Cristo, da ressurreição, da vida futura, do repouso, do castigo, da ética, da dogmática, e encontrareis o livro repleto de incontáveis bens. Se tiveres tentações, retirarás daí muitos consolos; se caíres em pecados, acharás inúmeros remédios; se na pobreza, nas tribulações, verás muitos portos; se fores justo, lucrarás grande segurança; se pecador, muita consolação. Se fores justo, e sofreres males graves, ouvi-lo-ás dizer: “É por tua causa que nos matam todo o dia, e nos tratam como ovelhas de corte”. “Aconteceu-nos tudo isso, e não te esquecemos” (Sl 44,22). Se teus feitos te exaltam, ouvirás: “Não entres em julgamento com teu servo, pois diante de ti nenhum vivente é justo” (Sl 143,2), e logo te tornarás humilde. Se és pecador, e desesperas de ti mesmo, ouvi-lo-ás frequentemente cantar: “Oxalá ouvísseis hoje a sua voz! Não endureçais os vossos corações como em Meriba” (Sl 95,8-9) e logo te reerguerás. Se tiveres o diadema na cabeça, e te orgulhares, aprenderás: “Nenhum rei se salva com exército numeroso, o valente não se livra pela sua grande força” (Sl 32,16), e poderás ser comedido. Se és rico e glorioso, de novo escutá-lo-ás a salmodiar: “Ai dos que confiam em seus bens e se vangloriam de sua imensa riqueza” (cf. 49,7); e: “O homem!... seus dias são como a relva: ele floresce como a flor do campo” (Sl 103,15); e: “Sua glória não descerá com ele” (Sl 49,18), e nada considerarás grandioso na terra. Pois, sendo tão vis na terra coisas por demais esplêndidas, glória e poder, o que é digno de estima? Estás vivendo na tristeza? Escuta-o: “Por que te entristeces, ó minha alma, e te inquietas dentro de mim? Espera em Deus, eu ainda o louvarei” (Sl 42,12). Mas vêes alguns

desprovidos de mérito se tornarem célebres? Dize: “Não te irrites por causa dos maus, pois são como a erva, secam depressa, eles murcham como a verde relva” (Sl 36,1-2). Verificaste que justos e injustos foram castigados? Escuta que não é por idêntico motivo, pois diz a Escritura: “São muitos os tormentos do ímpio” (Sl 31,10). A respeito dos justos não disse: Tormentos, e sim: “Os males do justo são muitos, mas de todos eles o Senhor o liberta” (Sl 34,20), e ainda: “O mal causa a morte do ímpio” (Sl 34,22) e: “É valiosa aos olhos do Senhor a morte de seus santos” (Sl 116,20). Repete isto com frequência, e serás instruído. Cada uma dessas palavras encerra um mar imenso de sentidos. Nós, de fato, passamos por alto; se, porém, quiseses examinar os dizeres com maior apuro, descobrirás grande riqueza. Nesse ínterim, as palavras puderam reprimir muitos atos maus iminentes. Uma vez que não permitem inveja, nem dor e tristeza inoportunas, nem que dê tamanha importância às riquezas, às tribulações, à pobreza, à própria vida, livram-te de todas as paixões. Por tudo isso demos graças a Deus, e tratemos este tesouro de forma que: *“Pela paciência e consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos a esperança”* (Rm 15,4), e gozemos dos bens futuros. Oxalá todos nós o consigamos pela graça e amor aos homens etc.

VIGÉSIMA NONA HOMILIA

Epílogo

O ministério de Paulo e projetos de viagens

15,14. *Pessoalmente estou convencido, irmãos, de que estais cheios de bondade e repletos de todo conhecimento e que sois capazes de vos admoestar mutuamente.*

O Apóstolo havia dito: *“Enquanto apóstolo dos gentios, eu honro o meu ministério”*; havia dito: *“Nem a ti poupará”*; havia dito: *“Não vos tendais na conta de sábios”*; e ainda: *“Por que julgas teu irmão?”*; e: *“Quem és tu que julgas o servo alheio?”* (Rm 11,13; 21; 12,16; 14,10; 14,4) e várias outras asserções semelhantes. Uma vez que em muitas passagens acima empregou palavra severa, por fim corrige, e terminando repete o que dissera no início. De fato, dissera no começo: *“Dou graças a meu Deus por todos vós, porque vossa fé é anunciada em todo o mundo”* (Rm 1,8). Aqui, contudo: *“Estou convencido de que estais cheios de bondade e que sois capazes de vos admoestar mutuamente”*. É mais do que aquilo que assegurou primeiramente. Não disse: Ouvi dizer, mas: *“Estou convencido”*, e não preciso ser informado por um outro, mas: *“Pessoalmente”*, isto é, sou eu quem censura, quem acusa. *“De que estais cheios de bondade.”* Refere-se à admoestação que fizera pouco antes; como se dissesse: Não vos exortei, enquanto cruel e inimigo dos irmãos, a que os recebêsseis, e não os despedísseis, nem destruísseis a obra de Deus; sei que estais *“cheios de bondade”*. A meu ver, aqui indica toda espécie de virtude. E não disse: Tendes, mas: *“Cheios de bondade”*. E prossegue com a mesma ênfase: *“Repletos de todo conhecimento”*. Como seria se eles amassem, na verdade, mas não soubessem de que modo deviam proceder com os seres amados? Por isso acrescentou: *“De todo conhecimento e que sois capazes de vos admoestar mutuamente”*; não só aprender, mas também ensinar aos demais.

15. *Contudo, eu vos escrevi, e em parte com certa ousadia,*

Vê a humildade de Paulo, a sabedoria! Anteriormente julgou ter infligido profunda chaga, e depois que completou o que pretendia, emprega de novo vários paliativos. Mesmo sem o que dissera, bastava confessar que falara com certa aspereza e ousadia para acalmar-lhes o ânimo. Assim também procede ao escrever aos hebreus, nesses termos: “Mesmo falando assim, estamos convencidos de que vós, caríssimos, estais do lado bom, o da salvação” (Hb 6,9). E aos coríntios de modo semelhante: “Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões e por conservardes as tradições tais como

vo-las transmitir” (1Cor 11,2). Escrevia aos gálatas: “Confio em vós que não pensais diversamente” (Gl 5,10). E em toda a parte das epístolas frequentemente encontra-se esta sentença; principalmente aqui. Com efeito, os romanos tinham maior dignidade, e era preciso reprimir-lhes o orgulho, não só pressionando, mas também distendendo, e ele o faz de modos distintos. Por isso diz nesta passagem: “*Escrevi, com certa ousadia*”. E não foi suficiente, mas aditou: “*E em parte*”, quer dizer, imperceptivelmente. E não se interrompeu. O que disse?

mais no sentido de avivar a vossa memória,

Não disse: Ensinar, mas: “*Avivar a vossa memória*”, isto é, relembrando um pouco. Viste como o fim concorda com o começo? Ali dizia: “*Vossa fé é anunciada em todo o mundo*”, e no fim da epístola: “*Vossa obediência tornou-se conhecida de todos*” (Rm 16,19). E conforme dizia no começo: “*Realmente, desejo muito ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, que vos possa confirmar*” (Rm 1,11); isto é, para recíproca consolação. Igualmente afirma nesta passagem: “*Mais no sentido de avivar a vossa memória*”. Aqui e ali, portanto, descendo da cátedra de doutor, dirige-se de certa forma a irmãos, amigos e pares. É principalmente tarefa do doutor tratar de vários modos do assunto visando à utilidade dos ouvintes. Vê, pois, como tendo dito: “*Eu vos escrevi com certa ousadia*” e: “*E em parte*” e: “*Mais no sentido de avivar a vossa memória*”, não considera suficiente, mas acrescenta expressão mais humilde:

em virtude da graça que me foi concedida por Deus

Conforme o que dizia no princípio: “*Pois eu me sinto devedor*” (Rm 1,14), isto é, não usurpei esta honra, nem avancei em primeiro lugar, mas foi Deus quem ordenou, por graça e não por deputar-me para tal fim como se eu fosse digno. Por conseguinte, não vos irriteis. Eu também não me exalto contra vós, pois foi Deus quem o preceituou. E conforme fez ali: “*A quem sirvo, anunciando o evangelho do seu Filho*” (Rm 1,9), procede também aqui, pois tendo dito: “*Em virtude da graça que me foi concedida por Deus*”, completa:

16. de ser o ministro de Jesus Cristo para os gentios, desempenhando o serviço sagrado do evangelho de Deus,

Após ter comprovado por muitos meios o que dissera acima, orienta o discurso para o que era mais digno de respeito, não simplesmente tratando do culto como no princípio, mas da liturgia e do sagrado ministério. Para mim é sacerdócio pregar e anunciar. Esta a vítima que oferto. Ninguém incrimina um sacerdote que se empenha por oferecer uma hóstia imaculada. Assim se expressava a fim de simultaneamente reanimá-los, mostrar que eles mesmos eram vítima, e justificar-se do que havia ordenado. Minha espada, diz ele, é o evangelho, o anúncio da palavra. O motivo: Não para obter glória, ou ser ilustre, mas a fim de que a oblação dos gentios se torne agradável, santificada pelo Espírito Santo.

Isto é, que as almas dos discípulos sejam bem acolhidas. Deus me guiou não tanto para minha honra quanto por solicitude para convosco.

E como será “*agradável*” a oblação? No Espírito Santo. Não é necessária somente a fé, mas também a vida espiritual, a fim de que o Espírito Santo, uma vez dado, seja retido. Pois não é o lenho e o fogo, o altar e a espada, mas o Espírito que é tudo para nós. Por isso faço o possível para não se extinguir aquele fogo. Assim me foi ordenado. Por que, então, falas do que não é necessário? Por isso mesmo, responde ele, não ensino, mas relembro. Como o sacerdote está presente a acender o fogo, também eu a animar-vos. Observa! Não disse: “*A fim de que a oblação*” vossa, e sim: “*dos gentios*”, isto é, do orbe, no total da terra e do mar, reprimindo-os para que não menoscabem ter por mestre

aquele que se dedicava até os confins da terra, segundo declarava no início: *“Pois eu me sinto devedor aos demais, a gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes”* (Rm 1,14).

17. *Tenho, portanto, de que me gloriar em Cristo Jesus, naquilo que se refere a Deus.*

Uma vez que se apresentara muito humilde, novamente eleva o tom, e o faz em favor deles, para que não o julgassem desprezível. Mas, quando se exalta, lembra-se de seu procedimento habitual, e diz: *“Tenho, portanto, de que me gloriar”*. Glorio-me, não por mim mesmo, nem por nossa diligência, mas pela graça de Deus.

18. *pois eu não ousaria falar de coisas que Cristo não tivesse realizado por meio de mim para obter a obediência dos gentios, em palavras e ações,*

19. *pela força de sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus:*

E não se pode afirmar, diz ele, que o profiro por orgulho, pois estas coisas são símbolos de meu sacerdócio e posso apresentar muitos sinais de minha ordenação; no entanto, não se trata de túnicas talares e campainhas, como as do Antigo Testamento, nem de mitra e tiara, mas de sinais e milagres muito mais tremendos. Não se pode dizer que fui mandado, e não obedeci; ou antes, não eu e sim Cristo o realizou. Por isso me glorio, não de coisas vulgares, mas de espirituais. É o sentido da expressão: *“Naquilo que se refere a Deus”*. Os milagres e a obediência dos gentios manifestam que fiz aquilo para o qual fui enviado, e as palavras não são orgulhosas. *“Pois eu não ousaria falar de coisas que Cristo não tivesse realizado por meio de mim para obter a obediência dos gentios, em palavras e ações, pela força de sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus”*. Observa o vigor com que discute para manifestar que tudo vem de Deus, e nada de si próprio. Quer fale, quer faça algo, quer opere milagres, quem faz tudo é Deus, tudo o Espírito Santo. Assim se exprime manifestando a dignidade do Espírito. Viste que o sacrifício, a oblação, os símbolos eram mais admiráveis e terríveis do que os dos antigos? Pois, ao dizer: *“Em palavras e ações, pela força de sinais e prodígios”* indica: Doutrina, filosofia do reino de Deus, exemplo das obras e do estilo de vida, ressurreição de mortos, expulsão de demônios, cura de cegos, andar de coxos, e outros prodígios operados pelo Espírito Santo em nós. Em seguida, a multidão dos discípulos representava uma demonstração destas coisas (por enquanto só em argumentação). E acrescenta: *“como, desde Jerusalém e arredores até a Ilíria, eu levei a termo o anúncio do evangelho de Cristo”*,

Enumera, portanto, cidades, regiões, nações e povos, não apenas sob domínio dos romanos, mas também os sujeitos aos bárbaros. Não passes somente à Fenícia, à Síria, à Cilícia e à Capadócia, mas pensa igualmente nos que estão além, os sarracenos, os persas, os armênios e outros bárbaros. Declarou: *“Arredores”*, para não tratares só de caminhos batidos, mas percorreres mentalmente o sul da Ásia. E resume numa só palavra uma chuva de milagres: *“Pela força de sinais e prodígios”*. Compreende numa só expressão inúmeras cidades, nações, povos, regiões: *“Arredores”*. Estava longe de qualquer exaltação. E o enunciava, a fim de não se orgulharem os romanos. No exórdio declarou: *“Para colher algum fruto também entre vós, como entre os outros gentios”* (Rm 1,13); aqui, porém, apresenta o dever do sacerdote. Tendo se expressado mais asperamente, revela com maior evidência sua autoridade. Por isso ali enuncia com simplicidade: *“Como entre os outros gentios”*; aqui, contudo, relembra toda a passagem, a fim de sempre cortar-lhes a exaltação. Não diz simplesmente: Preguei o evangelho, e sim: *“Eu levei a termo o anúncio do evangelho de Cristo”*.

20. *fazendo questão de anunciar o evangelho onde o nome de Cristo ainda não era conhecido,*

Eis outra hipérbole: Não só evangelizara e convertera tantas nações, mas não visitara as que já haviam recebido a doutrina. De tal forma se abstinha de se projetar junto de discípulos alheios, e se

gloriava disso, porque se empenhava em ensinar aqueles que ainda não haviam ouvido o anúncio. E não disse: Onde não haviam acreditado, mas: *“Onde o nome de Cristo ainda não era conhecido”*; sem dúvida era mais. E por que esta solicitude?

para não construir sobre alicerces lançados por outros,

Afirma-o, manifestando que se acha isento de vanglória, e informando-os de que não escrevia por ambição de prestígio, nem para ser respeitado por eles, mas para cumprir o ministério, e realizar o sacerdócio, desejoso de obter-lhes a salvação. Chama de fundamento alheio o dos apóstolos, não conforme a qualidade da pessoa, ou a natureza da pregação, mas tendo em mira a recompensa. De fato, em si não eram alheias as pregações, mas apenas quanto à recompensa. Com efeito, a recompensa daqueles outros que haviam operado penosamente, lhe era alheia. Logo, declara que a profecia foi realizada:

21. *mas, conforme está escrito: Vê-lo-ão aqueles a quem não foi anunciado, e conhecê-lo-ão aqueles que dele não ouviram falar.*

Viste que ele acorre onde havia maior labuta, mais suores?

22. *Foi justamente isto que sempre me impediu de chegar até vós.*

Nota que de novo tece um final parecido ao início, pois ao começar a epístola dizia: *“Muitas vezes me propus ir ter convosco e fui impedido até agora”* (Rm 1,13); aqui menciona a causa por que foi impedido, não uma ou duas, mas várias vezes. Conforme dizia ali: *“Muitas vezes me propus ir ter convosco”*, também neste lugar: *“Sempre me impediu de chegar até vós”*. Revela seu grande desejo o fato de ter várias vezes tentado.

23. *Agora, porém, não tendo mais campo para meu trabalho nestas regiões*

Viste, ele manifesta que não preparava glória para si por escrever e querer ir visitá-los?

e desejando há muitos anos chegar até vós,

24. *irei quando for para a Espanha. Espero ver-vos na minha passagem e ser por vós encaminhado para lá, depois de ter saboreado um pouco a alegria de vossa presença.*

Para não aparentar desprezá-los se dissesse: Vou visitar-vos porque nada tenho a fazer, de novo dirige-lhes uma palavra caridosa: *“E desejando há muitos anos chegar até vós”*. Não projeta ir por estar desocupado, mas porque agora já conseguia realizar o desejo que outrora concebera. Depois, a fim de que isto não os enchesse de orgulho, vê como os humilha, dizendo: *“Quando for para a Espanha, espero ver-vos na minha passagem”*. Formulou-o a fim de que não se orgulhassem. Simultaneamente quis manifestar seu amor, e coibir-lhes o orgulho. Por esta razão frequentemente o repete e difunde aqui e ali a confirmação de ambas as coisas. Por conseguinte, para que não dissessem: Visita-nos porque o caminho é por aqui, acrescentou: *“E ser por vós encaminhado para lá”*, isto é, para vós serdes minhas testemunhas de que não foi por vos desprezar, mas por necessidade que passarei adiante. Mas, como isto parecia entristecê-los um pouco, mais suavemente cura, dizendo: *“Depois de ter saboreado um pouco a alegria de vossa presença”*. Ao declarar: *“Na minha passagem”*, assinala que não procura glória da parte deles; e ao assegurar: *“Depois de ter saboreado”*, enuncia que dá grande importância ao amor deles, e não ama de qualquer modo, mas fortemente e por isso não disse apenas: *“Depois de ter saboreado”*, mas adita: *“Um pouco”*. Tempo algum poderá me faltar, nem gerar fastio de conviver convosco. Viste a manifestação de amor, pois disse que não tinha pressa de partir antes de ter *“saboreado”*? Sinal de grande afeto é o emprego de palavras tão ardentes.

Não disse: Visitar-vos, mas: “*Depois de ter saboreado*”, imitando expressões paternas. E no princípio dizia: “*Para colher algum fruto*”, e aqui: “*Depois de ter saboreado*”. Ambas as expressões indicam grande atração. Era para eles o máximo elogio: Que lhe oferecessem o fruto da obediência. Era indício de seu genuíno amor. E escrevia aos coríntios: “Para que me deis os meios de prosseguir viagem” (1Cor 16,6). Em tudo exibia seu amor aos discípulos, sem igual. Por isso, no princípio das cartas, sempre utiliza este exórdio e com este termina.

Assim como um pai amoroso ama o filho único e genuíno, assim Paulo amava a todos os fiéis, e por isso dizia: “Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem se escandaliza, sem que eu também me abraze?” (2Cor 11,29). Mais do que tudo, faz-se mister que o mestre cultive tais sentimentos. Por isso dizia Cristo a Pedro: “Se me amas, apascenta as minhas ovelhas” (cf. Jo 21,17). Quem ama a Cristo ama também o seu rebanho. E Moisés esteve à frente do povo judaico quando manifestou sua benevolência para com ele. Davi igualmente chegou ao reino, tendo primeiro evidenciado que amava o povo. Quando ainda jovem, de tal modo se compadeceu do povo, que expôs a vida, prostrando aquele bárbaro. Se disse, na verdade: “Que acontecerá ao que vencer este filisteu?” (1Sm 17,26), não visava à recompensa, mas a obter confiança e empreender a luta. Aproximando-se do rei, depois da vitória, nenhuma palavra proferiu acerca da recompensa. E Samuel muito amava o povo e por isso dizia: “Longe de mim esteja que eu venha a pecar deixando de orar por vós ao Senhor” (1Sm 12,23). Assim também Paulo; ou antes, não assim, mas muito mais do que todos os outros estava inflamado de amor aos súditos. Por isso a tal ponto seus discípulos lhe eram afeiçoados que ele dizia: “Se vos fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim” (Gl 4,15). Por este motivo, Deus repreende os mestres dos judeus mais do que a todos os outros, dizendo: “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar o seu rebanho?” Eles, porém, fizeram o oposto. “Vós vos alimentais com leite, vós vos vestis com lã e sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho” (Ez 34,2-3). E Cristo, valorizando o modelo de um ótimo pastor, dizia: “O bom pastor dá a vida por suas ovelhas” (Jo 10,11). Isto fez Davi sempre e em toda parte, e quando aquela terrível ira do céu achava-se iminente contra todo o povo.

Quando todos morriam, dizia: “Fui eu, o pastor, que pequei; eu é que sou culpado! Esse pequeno rebanho, porém, que fez ele?” (2Sm 24,17). Por este motivo, tendo de escolher o castigo, não preferiu a fome, nem a perseguição dos inimigos, mas a morte infligida por Deus, porque esperava colocar os outros em segurança, e ser ele ferido antes dos demais. Uma vez que isto não sucedeu, lamenta-se: “A tua mão caia sobre mim”. E como se não bastasse: “e sobre a minha família”. Pois disse ele: “Fui eu, o pastor, que pequei”. Seria declarar: Embora eles tenham pecado, sou digno de suplício, porque não os corrigi. Como, porém, o pecado é meu, devo sofrer as penas. Querendo acentuar sua culpa, empregou o nome de pastor. Desta forma acalmou a ira, e tentou revogar a sentença. Tão grande é o valor da confissão: “O justo é o primeiro que a si mesmo se acusa” (Pr 18,17)! Tão importante a solicitude e a comiseração do ótimo pastor! De fato, dilacerava-se-lhe o coração quando eles caíam, como se fossem seus filhos legítimos, e por isso suplicava que a ira se voltasse contra si. Teria atuado deste modo no início se não esperasse que a epidemia que se propagava o atingisse também, mas, ao verificar que tal não acontecia, não suportou que a calamidade os oprimisse, mas o sofrimento foi mais intenso do que por ocasião da morte de Amon, seu primogênito. Com efeito, então não pediu a morte para si, enquanto agora suplica que caia antes dos outros. Tal há de ser o príncipe. Deve sentir mais as tribulações dos súditos do que as suas próprias. Passou por tal sofrimento a respeito do filho para ficares sabendo que ele não amava mais o filho do que os súditos. O jovem (Absalão) era lascivo e parricida, e, no entanto, ele dizia: “Por que não morri eu em teu lugar!” (2Sm 19,1). O que dizes tu, ó bem-aventurado, o mais manso de todos os homens? O filho tentou te matar e causou-te inúmeras

aflições. E quando ele desapareceu, e o troféu foi erguido, desejas a morte? Sim, responde, pois o exército não venceu por mim, mas agora sou atacado com maior violência do que antes, e meu coração agora mais se dilacera. Era desta forma, portanto, que cuidava dos que lhe haviam sido confiados.

O bem-aventurado Abraão também tinha a maior solicitude por aqueles que não estavam a seus cuidados, e tão grande que se expunha a imensos perigos. Não agiu somente em favor do filho de seu irmão, mas pelos sodomitas. Não desistiu de perseguir os persas enquanto não libertou a todos. Ser-lhe-ia lícito voltar depois de recuperar o sobrinho, mas não o quis, porque cuidava igualmente de todos, conforme manifestou em seguida. Efetivamente, quando já não os cercava o exército dos bárbaros, mas a ira divina iria arrasar até os fundamentos as cidades deles, e já não havia necessidade de armas, nem de combates, nem de fileiras, mas de súplica, empregou tanto zelo quanto teria feito se ele próprio houvesse de perecer. Por isso aproximou-se de Deus uma, duas, três e mais vezes, e apelou à natureza humana, dizendo: “Eu que sou poeira e cinza” (Gn 18,27). E ciente de que eles por si mesmos se haviam exposto à ira de Deus, suplica que sejam preservados por intermédio de intercessores. Dizia Deus: “Ocultarei a meu servo Abraão o que vou fazer?” (ib. 18,16), a fim de sabermos quanto o justo ama o próximo. E ele não desistiria de suplicar se Deus primeiro não se retirasse. E parece, de fato, que ele suplicava a favor de justos, mas fazia tudo por intermédio de outros. Na verdade, as almas dos justos são tão mansas e amam o próximo que estendem sua mansidão aos seus, aos estranhos e até aos animais. Por este motivo um sábio dizia: “O justo conhece as necessidades do seu gado” (Pr 12,10). Se pensa nos animais, quanto mais nos homens? Mas como mencionei o gado, pensemos quantos sofrimentos e quão intensos os pastores da região dos capadócijs suportam para proteger os animais. Muitas vezes ficaram cobertos de neve por três dias. Conta-se também que os pastores da Líbia não padecem menos, durante meses inteiros vagando naquele terrível deserto, cheio de cruéis feras. Se empregam tantos cuidados por animais irracionais, que defesa teremos nós, encarregados de almas racionais, que nos entregamos a sono pesado? Era preciso absolutamente respirar? Ou descansar, e não percorrer a redondeza e expor-se a inúmeros perigos de morte pelas ovelhas? Ou ignorais a dignidade do rebanho? Por ele não praticou teu Senhor inúmeras obras, e por fim não derramou seu sangue? Tu, porém, procuras repouso? O que há de pior do que tais pastores? Não pensas que as ovelhas estão cercadas de lobos muito mais cruéis e agrestes do que os comuns? Não refletas no espírito que deve possuir aquele a quem compete governar? Os governantes dos povos, em consultas acerca de questões vulgares, vigilantes, unem as noites aos dias; nós, contudo, que temos de combater acerca do reino do céu, dormimos até de dia? Quem nos livrará enfim do castigo devido a tais delitos? De fato, se o corpo devia ser trucidado, se fosse forçoso enfrentar inúmeros perigos de morte, não seria necessário acorrer ao encontro deles como a uma festa? Ouçam, não só os pastores, mas também as ovelhas. Os pastores se tornem mais diligentes, apurem a execução de seu propósito e nada mais ofereçam do que inteira obediência e obséquios. Assim ordena Paulo: “Obedecei aos vossos dirigentes, e sede-lhes dóceis; porque velam pessoalmente sobre as vossas almas, e disso prestarão contas” (Hb 13,17). Ao dizer: “velam”, destaca inúmeros labores, cuidados, perigos. Pois o bom pastor, conforme Cristo o quer, pode rivalizar com inúmeros mártires; de fato, o mártir morre uma só vez por causa de Cristo, morre ele mil vezes pelas ovelhas, se for verdadeiro pastor. Expõe-se à morte diariamente. Por conseguinte, vós, bons conhecedores desta labuta, cooperai com as preces, a solicitude, a benevolência, a amizade, a fim de sermos vossa glória, e vós a nossa. Por isso também ao príncipe dos apóstolos, que o amava mais que todos, Cristo confiou o rebanho, tendo primeiro interrogado se o amava (cf. Jo 21), para entenderes ser este o sinal por excelência do amor para com ele, que reclama um ânimo viril. Disse tudo isso em referência aos pastores ótimos, não a mim mesmo e a outros semelhantes a nós, mas ao que for como Paulo, Pedro,

Moisés. Imitemo-los nós, superiores e súditos. É lícito enumerar o súdito entre os pastores em sua casa, em relação aos amigos, aos domésticos, à esposa, aos filhos. Se assim dispusermos do que é nosso, conseguiremos todos os bens. Possamos alcançá-los pela graça e amor aos homens etc.

TRIGÉSIMA HOMILIA

25. *Mas agora eu vou a Jerusalém, a serviço dos santos.*

26. *A Macedônia e a Acaia houveram por bem fazer uma coleta em prol dos santos de Jerusalém que estão na pobreza.*

27. *Houveram por bem, é verdade, mas eles lhes eram devedores:*

Tendo dito: “Agora, porém, não tendo mais campo para meu trabalho nestas regiões e desejando há muitos anos chegar até vós” (Rm 16,23), e precisando ainda deter-se, para não parecer iludi-los, enuncia o motivo da tardança: “*Mas agora eu vou a Jerusalém*”. Aparentemente fala por causa da demora, mas prepara outro objetivo: Incitá-los a dar esmola, e torná-los mais zelosos. Se não o planejasse, seria suficiente dizer: “*Mas agora eu vou a Jerusalém*”; todavia adiciona o motivo da viagem: “*Mas agora eu vou*”, afirma, “*a serviço dos santos*”. Para nesta palavra e raciocina que “*eram devedores*”; e: porque se os gentios participaram dos seus bens espirituais, eles devem, por sua vez, servi-los nas coisas temporais.

Para que os romanos aprendessem a imitá-los. É admirável a sabedoria de Paulo, especialmente por ter excogitado este modo de dar conselho; desta forma tornou-se mais aceitável do que se tivesse exortado. Julgariam que ele os ofendia se lhes propusesse à imitação os coríntios e os macedônios. Por isso assim os exorta aqui: “Irmãos, nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedônia”, e de outro lado através deles aos macedônios: “E o vosso zelo tem servido de estímulo à maioria das Igrejas” (2Cor 8,1; 9,2). E pelos gálatas age igualmente, ao dizer: “Segui também vós as normas que estabeleci para as Igrejas da Galácia” (1Cor 16,1). Relativamente aos romanos não atua de igual forma, mas de modo mais restrito. Assim procede a respeito da pregação nesses termos: “Porventura, a palavra de Deus tem seu ponto de partida em vós? Ou fostes os únicos que a recebestes?” (1Cor 14,36). Nada tão forte quanto o ciúme. Por isso, ele frequentemente o menciona, e também assevera em outra parte: “É o que prescrevo em todas as Igrejas” (1Cor 7,17), e ainda: “Tais como as ensino em toda parte, em todas as Igrejas” (1Cor 4,17). Aos colossenses dizia: “O evangelho de Deus em todo o mundo está produzindo frutos e crescendo” (Cl 1,6). Age de igual modo aqui, ao falar acerca da esmola. E pondera os termos magníficos que emprega. Pois não declara: Parto levando esmolas, e sim: “*A serviço*”. Se Paulo serve, considera a importância do fato, visto ser realizado pelo doutor do orbe, que, estando para visitar os romanos, e assaz desejoso de vê-los, dá preferência a esta tarefa. “*A Macedônia e a Acaia houveram por bem*”, isto é, aprovaram e desejavam “*fazer uma coleta*”. Novamente não fala de esmola, mas de “*Coleta*”. Diz: “*Uma*” não sem motivo, mas para não parecer lastimá-los. Não disse simplesmente: Em prol dos pobres, e sim: “*Em prol dos santos que estão na pobreza*”, recomendando-os duplamente, a saber, pela virtude e pela pobreza. E não lhe basta, mas acrescenta: “*Eram devedores*”; em seguida, explica por que são devedores: “*porque se os gentios participaram dos seus bens espirituais, eles devem, por sua vez, servi-los nas coisas temporais*”. Isto é, Cristo veio por causa deles; aos judeus pertenciam todas as promessas; deles Cristo descende. Por isso ele dizia: “A salvação vem dos judeus” (Jo 4,22); do meio deles saíram os apóstolos, os profetas, todos os bens. O orbe foi participante de tudo isso. Se, portanto, fostes partícipes dos bens maiores, diz ele, e se fostes convivas do banquete preparado para eles, segundo a parábola do evangelho, deveis também partilhar e distribuir os bens temporais. Não disse: Partilhar, e

sim: “*Servir*”, constituindo-os na ordem dos diáconos e daqueles que pagam tributos aos reis. E não disse: Os vossos bens materiais, conforme dissera: Os bens espirituais deles. Os espirituais, de fato, eram dos judeus, mas os materiais não eram deles exclusivamente, mas comum a todos. Ele ordenou que a riqueza fosse de todos e não apenas dos que a detinham.

28. *Quando, pois, eu tiver resolvido este encargo e tiver entregue selado o fruto da coleta,*

Isto é, tiver depositado num tesouro régio, em lugar seguro e garantido. E não disse: Esmola, e sim: “*Fruto*”, assinalando que resultava em lucro para os doadores.

passarei por vós a caminho da Espanha.

De novo menciona a Espanha, revelando como era incansável e ardoroso relativamente aos espanhóis.

29. *Tenho certeza de que, indo a vós, irei com a plenitude das bênçãos do evangelho de Cristo.*

O que significa: “*A plenitude das bênçãos*”?

Refere-se às riquezas, ou simplesmente a toda espécie de boas obras. Costuma chamar de bênção especialmente a esmola, como ao dizer: “Um sinal de genuína liberalidade e não uma demonstração de avareza” (2Cor 9,5). Denominava-a desta forma segundo antigo costume. Mas, uma vez que acrescenta: “*Do evangelho*”, não trata apenas de riquezas, e sim de todos os bens. Como se dissesse: Sei que, ao ir ter convosco, encontrar-vos-ei em tudo aprovados, florescentes no bem, e dignos de inúmeros louvores, segundo o evangelho. É admirável esta espécie de advertência precedida de louvores. Evita exortá-los e adota esta forma de correção.

30. *Eu vos peço, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo, e pelo amor do Espírito,*

Aqui novamente primeiro faz menção de Cristo e do Espírito, e de forma alguma cita o Pai. Mas digo isto a fim de que, ao veres lembrados o Pai e o Filho, ou somente o Pai, não julgues que rejeita o Filho e o Espírito. E não disse: O Espírito, mas: “*Pelo amor do Espírito*”. Efetivamente, Cristo e o Pai amaram o mundo e igualmente o Espírito. O que pedes? – pergunto.

que luteis comigo, nas orações que fazeis a Deus por mim,

31. *a fim de que eu possa escapar das mãos dos infiéis da Judeia,*

Era-lhe proposto certamente grande combate, e por isso implora preces. Não disse: Para que eu afaste com as mãos, mas: “*A fim de que eu possa escapar*”, conforme Cristo ordenou: “*Orai, para que não entreis em tentação*” (Mt 26,41). A expressão significa que determinados malvados, uns lobos, mais feras do que homens, haveriam de atacá-lo. Com isto prepara outro ponto, o de provar que era justo prestar aos santos este serviço, embora ainda não tivessem a fé, bem como pede orações para escapar das mãos deles. Efetivamente, vivendo no meio de tantos inimigos, em perigo de perecerem de fome, era necessário que recebessem o sustento de outra parte.

e para que o meu serviço em favor de Jerusalém seja bem-aceito pelos santos.

Isto é, agradável seja meu sacrifício, e de bom grado recebam os dons. Vês como de novo exalta a dignidade dos receptores ao pedir as preces de tal povo a fim de serem bem recebidos os dons enviados? Desta forma manifesta algo a mais, a saber, que não basta doar esmola para que seja bem recebida. Pois, se alguém dá contra a vontade, ou injustamente, ou por vanglória, perdem-se os frutos.

32. *Assim, se Deus quiser, poderei visitar-vos com alegria*

Conforme dizia no começo: “*De algum modo, com o beneplácito de Deus, se me apresente uma*

oportunidade de ir ter convosco” (Rm 1,10). Deste modo recorre à vontade de Deus e diz: Por isso apresso-me e desejo ali escapar, a fim de vos ver quanto antes e visitar-vos com alegria, sem a mínima tristeza.

e repousar junto de vós.

Vê como se mostra alheio ao orgulho. Não disse: Para vos ensinar, vos instruir, mas: “*Para repousar junto de vós*”. Ora, era ele quem lutava e combatia, como é que diz: “*Para repousar junto de vós*”? Fala-lhes graciosamente, e torna-os mais desejosos de serem consortes das coroas e manifesta que eles também combatem e labutam. Após, conforme costuma fazer, une a prece à exortação, dizendo:

33. *Que o Deus da paz esteja com todos vós! Amém.*

Recomendações e saudações

16,1. *Recomendo-vos Febe, nossa irmã, diaconisa da Igreja de Cencreia,*

Vê quanto a respeita, pois a menciona antes de todos, e denomina-a irmã. Não era pouco ser denominada irmã de Paulo. Acentua a dignidade, dando-lhe o título de diaconisa.

2. *para que a recebais no Senhor de modo digno, como convém a santos,*

Isto é, respeitai-a, por causa do Senhor. De fato, quem acolhe por causa do Senhor, mesmo que não seja grande o recém-vindo, atende com solicitude. Mas sendo uma santa, pensa que atenção merece. Por conseguinte, acrescentou: “*Como convém a santos*”; como tal há de ser recebida. Por dupla causa é digna de vossa solicitude: Para ser recebida por causa do Senhor e porque é santa.

e a assistais em tudo o que ela de vós precisar,

Viste sua cautela para não se tornar oneroso? Não disse: Para a liberardes, mas: Assisti-a no que puderdes, estendendo-lhe a mão, no “*que ela de vós precisar*”. Não de qualquer modo, mas quanto precisar de vossa ajuda, se precisar do auxílio que podeis fornecer. Em seguida, o inefável louvor: porque ela ajudou a muitos, a mim inclusive.

Viste a prudência? Primeiro louvores, depois no meio a exortação e por fim louvores, encerrando com o elogio da feliz mulher por ambos os serviços. Como não seria feliz se é celebrada por tão grande testemunho de Paulo, e pôde ajudar ao Apóstolo que corrigiu todo o orbe? Este era o ápice de sua virtude, e por isso colocou-o em último lugar: “*A mim inclusive*”. O que significa: “*A mim inclusive*”? Ao arauto do orbe, àquele que passou por tantos e tão grandes sofrimentos, suficientes para inúmeros homens. Imitemos, portanto, homens e mulheres, aquela santa e a seguinte, acompanhada de seu marido. Quem são?

3. *Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus,*

Lucas também atesta sua virtude, ora ao dizer: Paulo “ficou em casa deles”, pois “tinham a profissão de fabricantes de tendas” (At 18,3), ora ao contar que aquela mulher acolheu Apolo e lhe ensinou o caminho do Senhor.

São coisas muito grandes, mas muito maior é o que Paulo declara. O que narra ele? Em primeiro lugar denomina-os colaboradores, assinalando que foram participantes de incríveis trabalhos e perigos; em seguida, enuncia:

4. *que para salvar minha vida expuseram sua cabeça.*

Viste os mártires consumados? É provável que sob Nero inúmeros fossem os perigos, quando

também ordenara que todos os judeus fossem expulsos de Roma.

Não somente eu lhes devo gratidão, mas também todas as Igrejas da gentilidade.

Aqui sugere a hospitalidade e auxílio pecuniário, admirando-os porque ofereceram o sangue e partilharam todas as suas posses. Viste as generosas mulheres, às quais a fraqueza do sexo não foi impedimento ao curso da virtude? E com justeza, pois: “Não há homem, nem mulher, em Cristo Jesus” (Gl 3,28). E o que disse da primeira: “*Porque ela ajudou a muitos, a mim inclusive*”, desta refere: “*Não somente eu lhes devo gratidão, mas também todas as Igrejas da gentilidade*”. Para não parecer assim se expressar por adulação, apresenta muito mais outros testemunhos além do prestado por essas mulheres.

5. Saudai também a Igreja que se reúne em sua casa.

Eram tão honestos e ilustres que faziam de sua casa uma Igreja, seja porque ali todos se tornavam fiéis, seja porque a abriam a todos os peregrinos. Não é costume dar simplesmente o nome de Igreja a uma casa, a não ser que nela estejam radicados grande piedade e temor de Deus. Por isso, dizia também aos coríntios: “Saudai Áquila e Priscila, com a Igreja que se reúne na casa deles” (1Cor 16,19); e sobre Onésimo escreve: “Paulo a Filemon e a amada Ápia e à Igreja que se reúne na tua casa” (Fm 1,1-2). É possível mesmo aos que são casados serem admiráveis e generosos. Eis que estes, unidos em matrimônio, eram tão ilustres, embora seu ofício não fosse esplêndido, porque eram fabricantes de tendas, ou artífices de tendas. No entanto, a virtude tudo encobria, e fazia-os mais brilhantes do que o sol. O ofício ou o casamento não os prejudicava, mas possuíam o amor exigido por Cristo, que disse: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Manifestaram o sinal do discípulo, pois aceitaram a cruz, e seguiram a Cristo. Com efeito, se o fizeram em favor de Paulo, revelaram muito maior fortaleza por Cristo. Ouçam os ricos e os pobres. De fato, aqueles que obtinham o sustento com o trabalho das mãos, e chefiavam uma oficina, mostraram tamanha liberalidade que foram úteis a muitas Igrejas; que desculpa têm os ricos que desprezam os pobres? Eles, de fato, nem o próprio sangue pouparam para agradarem a Deus; tu, porém, reténs pequena quantia, muitas vezes com desprezo de tua própria alma. Mas talvez foram tais para com o doutor e não relativamente aos discípulos? Ora, isto não se pode dizer, visto que as Igrejas dos gentios lhe são agradecidas. Embora pertencessem aos judeus, tinham fé tão autêntica que serviam com toda a diligência os gentios. Tais devem ser as mulheres: “Nem tranças, nem objetos de ouro, ou vestuário suntuoso” (1Tm 2,9), mas ornem-se de boas obras.

Qual rainha, dize-me, alguma vez brilhou tanto? Qual é proclamada como a esposa do fabricante de tendas? Ela é proferida pelos lábios de todos, não por dez, nem por vinte anos, mas até a vinda de Cristo; e todos a exaltam a respeito daqueles feitos que a ornem mais do que um diadema real. O que pode ser maior, o que é igual à auxiliar de Paulo, que, enfrentando perigos, salvou o doutor do orbe? Calcula quantas rainhas caem no esquecimento; a esposa do fabricante de tendas em toda parte é celebrada com seu esposo, e em todo orbe sob a luz do sol esta mulher é louvada: persas, citas, trácios e os habitantes dos confins da terra, cantam a sabedoria desta mulher e a proclamam feliz. Quantas riquezas, quantos diademas, quantas púrpuras não rejeitarias de boa vontade para adquirir tal testemunho? Ninguém pode dizer que eles enfrentaram tais perigos e liberalmente gastaram dinheiro, mas descuidaram da pregação, uma vez que o Apóstolo lhes dá o nome de colaboradores e companheiros de serviço. E o “vaso de eleição” não se cora de dar à mulher o título de companheira de serviço, mas até se gloria disso, pois não presta atenção ao sexo, contudo coroa o bom propósito. O que há de comparável a este ornamento? Onde estão agora as vossas riquezas que afluíam de todos os lados? Onde o cultivo da beleza do rosto? Onde a vanglória? Aprende que o ornato da mulher não se

encontra no corpo, mas na formosura da alma e nunca se perde; não se guarda na arca, mas nos céus.

Considera a labuta do casal a respeito da pregação, a coroa do testemunho, a liberalidade relativa aos bens, a caridade para com Paulo, o amor a Cristo. Compara com os teus atos: a ambição do dinheiro, a rivalidade em relação às meretrizes, a disputa por causa de uma palha, e então verás quem foram eles, e quem és tu. Ou antes, não compares, mas imita a mulher e rejeitando o peso da erva (tal é, na verdade, o luxo das vestes), adota o ornato celeste, e fica ciente do modo como foram plasmados os que conviviam com Priscila. De onde se tornaram tais? Durante dois anos hospedaram Paulo. Naquele biênio, o que o Apóstolo não operou naquelas almas? O que farei, perguntas, eu que não tenho Paulo comigo? Se quiseses, tê-lo-ás mais plenamente, porque não foi a presença que os fez tais, mas as palavras de Paulo. Em consequência, se quiseses, terás assiduamente conversando contigo Paulo, Pedro, João e todo o coro dos profetas com os apóstolos. Toma os livros daqueles bem-aventurados, e lê frequentemente as Escrituras, e poderão fazer-te tal qual a mulher do fabricante de tendas. E por que falo de Paulo? Se quiseses, terás o Senhor de Paulo, porque, através da boca de Paulo, ele mesmo te falará. E de outro modo também poderás acolhê-lo, ao receberes os santos, ao servires àqueles que creem nele; desta forma, quando eles partirem, terás muitas recordações de tua bondade. Costuma o hospedeiro comover-se, mesmo depois que o santo partiu, junto da mesa de onde o santo comeu, a cadeira onde se sentou, o leito em que repousou. Quanto julgas ter se comovido a sunamita ao entrar no quarto superior onde permanecia Eliseu, ao ver a mesa e o leito no qual o santo se deitou? Quanta piedade não terá sentido? Se não fosse assim, se não esperasse retirar grande vantagem, não teria jogado ali o filho morto. Se nós, depois de tanto tempo, entrássemos onde Paulo ficou, onde estivera amarrado, onde se sentou e dissertou, recordar-nos-íamos daquele dia e alados sairíamos daqueles lugares. Sendo recentes os fatos, de que afeto religioso não seriam movidos aqueles que piedosamente o hospedavam? Bem informados disso, recebamos os santos, a fim de que o lar brilhe, livre-se dos espinhos, a casinha se transforme num porto. Devemos recebê-los, lavar-lhes os pés. Não és melhor, nem mais nobre ou mais rica do que Sara, mesmo se fores rainha. Tinha trezentos e dezoito servos, num tempo em que ter dois servos era considerado riqueza. E por que falo de trezentos e dezoito domésticos? Possuía na descendência e em promessas todo o orbe; o marido era amigo de Deus, o próprio Deus era seu patrono, o que valia mais do que todos os reinos. Entretanto, estando em tanto esplendor e glória, ela própria misturava a farinha, servia o restante, e assistia de pé, qual escrava. Não és mais nobre do que Abraão, que fazia o serviço próprio dos escravos, depois daqueles troféus, das vitórias, de ser homenageado pelo rei do Egito, de vencer os reis dos persas e levantar esplêndidos troféus. Não olhes a aparência humilde dos santos que hospedas, muitas vezes pobres e esfarrapados, mas lembra-te da palavra: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”, e: “Não desprezeis nenhum desses pequeninos, porque os seus anjos nos céus veem continuamente a face de meu Pai que está nos céus” (Mt 25,40; 18,10). Agasalha-os de boa vontade, porque te conferem inúmeros bens por meio da saudação de paz. Reflete acerca de Sara e de Rebeca, que saciou a sede, deu de beber e convidou o estrangeiro para sua casa, calcando todo orgulho e por isso recebeu grande recompensa pela hospitalidade. Tu, porém, se quiseses, receberás maior ainda. Deus não te dará somente o fruto de um filho, mas também o céu com os bens lá existentes, a liberação da geena e o perdão dos pecados, pois é grande, na verdade, é grande o fruto da hospitalidade. Assim também Iothor, embora bárbaro, teve por genro aquele que com grande poder deu ordens ao mar, pois as filhas dele apanharam em sua rede esta ótima pescaria. Refletindo nisso e considerando a virilidade daquelas mulheres, bem como sua filosofia, conculca o luxo atual, o ornamento das vestes, a variedade dos objetos de ouro, o uso dos unguentos; e expulsando a moleza e as delicadezas no andar, transfere toda aquela solicitude para a alma e inflama tua mente com o desejo

do céu. Pois se aquele amor te dominar, reconhecerás o lodo e a lama e zombarás daquilo que agora admiras. A mulher ornada das boas obras espirituais não procura bagatelas ridículas. Rejeitado, portanto, tudo o que buscam com muita cobiça as mulheres vulgares, as dançarinas e as flautistas, adquire a sabedoria, a hospitalidade, a solicitude pelos santos, a compunção, as orações frequentes. São melhores do que as vestes douradas, mais valiosas do que as pedras e joias; fazem com que sejas agradável aos homens, e adquiras grande recompensa junto de Deus. Eis o ornato da Igreja; aquele é o dos teatros. O primeiro é digno do céu, o segundo, dos cavalos e jumentos e também se apõe aos cadáveres. Aquele brilha somente na alma excelente, em que Cristo habita. Possuamos, portanto, este ornato para em toda parte também nós sermos respeitáveis, e agradarmos a Cristo nos séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA PRIMEIRA HOMILIA

16,5a. *Saudai meu amado Epêneto, primícias da Acaia para Cristo.*

Julgo que várias pessoas, em aparência muito zelosas, passarão rapidamente por esta parte da epístola como se fosse supérflua, e sem importância. O mesmo acontece a respeito da genealogia existente no evangelho; por se tratar de um catálogo de nomes, consideram que não tirarão dali grande lucro. Também os filhos dos ourives examinam curiosamente as partículas auríferas; estes, de fato deixam de lado tantas palhetas de ouro. É suficiente o que foi dito para afastar esta preguiça e não serem sujeitos a isso. Com efeito, por meio do supracitado já demonstramos que é possível recolher não pequeno lucro, animando-vos através destas saudações. Hoje tentaremos também extrair ouro deste lugar. Até mesmo dos simples nomes pode-se retirar grande tesouro. De fato, se procurares saber por que assim foi denominado Abraão, por que Sara, por que Israel, por que Samuel, encontrarás muitos acontecimentos da História. Ora, do tempo e do lugar podes deduzir o mesmo. Com efeito, o homem aplicado aí adquire riquezas; quanto ao negligente nem mesmo do que é evidente lucra algo. Na verdade, o nome de Adão está imbuído de grande sabedoria, e o mesmo o do filho, o da mulher e o de muitos outros. Na realidade, muitos nomes constituem lembrança de inúmeros eventos. E revelam a bondade de Deus, e a ação de graças de certas mulheres, que impunham nome aos filhos quando concebiam pela graça de Deus. Mas, por que agora raciocinamos a respeito de nomes, quando descuidamos de tantas sentenças, e muitos nem conhecem os nomes dos Livros? Todavia, por isso não vamos deixar de aplicar-nos a estes assuntos: “Então devias ter depositado o meu dinheiro nos bancos” (Mt 25,27). Por essa razão, mesmo que ninguém aceite, cumpramos o dever, e assinalemos que nada é inútil ou supérfluo nas Escrituras. Se não houvesse lucro, as Epístolas não teriam sido acrescentadas, nem Paulo as teria escrito. Mas alguns são tão rudes, ignorantes e indignos do céu que julgam serem inúteis não só uns nomes, mas Livros inteiros, como o Levítico, o Livro de Josué, e vários outros. Desta forma muitos insensatos repudiaram o Antigo Testamento, e com o aumento deste mau hábito excluíram muitas passagens do Novo Testamento. Mas não lhes prestamos grande atenção, por serem ébrios e carnaís; ouça, porém, o amante da sabedoria, ouvinte amigo da palavra espiritual, que não é inútil e vão o que parece minúsculo na Escritura, e que também o Antigo Testamento é muito lucrativo. “Estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução” (1Cor 10,11). Por isso o Apóstolo dizia a Timóteo: “Aplica-te à leitura, à exortação” (1Tm 4,13), estimulando à leitura dos Livros antigos quem possuía tão elevado espírito que expulsava demônios e ressuscitava mortos. Retomemos, no entanto, o que nos propusemos. “*Saudai meu amado Epêneto*”. Observemos como distribui os louvores a cada um. O elogio não é pequeno, é assaz grande, e indica ser pessoa de muita virtude o fato de dedicar-lhe Paulo intensa dileção, ele que não se afeiçoava gratuitamente, mas com discernimento. Imediatamente outro elogio: “*Primícias da Acaia*”.

Assim se exprime, talvez, por ter precedido os demais na fé, o que não constitui pequeno louvor; ou porque demonstrou maior piedade do que os restantes. Por isso, tendo dito: “*Primícias da Acaia*”, não se interrompeu, a fim de não suspeitares tratar-se de glória mundana, mas acrescentou: “*para Cristo*”. Se quem ocupa civilmente o primeiro lugar aparenta grandiosidade e esplendor, muito mais nestes pontos. Sendo verossímil que fosse de origem humilde, o Apóstolo refere-se à verdadeira nobreza e à prerrogativa que o ornava. Não apenas de Corinto, mas também de todas as gentes diz ser ele as primícias, como se servisse de porta e ingresso para os demais. Tal recompensa não é insignificante. Recebe grande recompensa pelas boas obras alheias, porque no início muito lhes conferiu.

6. Saudai a Maria, que muito fez por vós.

O que é isto? Mais uma vez é coroada e exaltada uma mulher, que a nós, homens, envergonha; ou antes, não só nos causa pudor, mas somos honrados com ela. Honrados conjuntamente por existirem entre nós tais mulheres, mas ficamos envergonhados porque nos precedem a nós, homens. Se reconhecermos, contudo, por que são exaltadas, logo também as alcançaremos. Ouçam homens e mulheres: Não é por causa dos ornatos, nem das joias, nem dos eunucos e escravas, nem das vestes tecidas de ouro, mas pelo suor em prol da verdade. “*Que muito fez por vós*”, não apenas por si próprias, nem por sua própria virtude, o que muitas mulheres agora praticam, jejuando, dormindo no chão; mas também em favor de outrem, assumindo o curso dos apóstolos e evangelistas. Por que, então, Paulo diz: “Eu não permito que a mulher ensine” (1Tm 2,12). Proíbe que presida em público, e exclui da cátedra e da tribuna, não, porém, da palavra instrutiva. Pois se fosse assim, como teria dito àquela que tinha um marido infiel: “Como podes ter certeza, ó mulher, de que salvarás o teu marido?” (1Cor 7,16). Teria permitido que admoestasse os meninos, dizendo: “Entretanto, ela será salva pela maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade” (1Tm 2,15)? E Priscila não instruiu a Apolo? Não proibiu, portanto, aquele colóquio útil em particular, mas a pregação em público e num teatro comum, o que compete aos doutores. E ainda, se o marido for fiel e perfeito, que possa ensinar à mulher para que se torne mais sábia, não impede que ensine e corrija. E não disse: Que ensinou muito, mas: “*Que muito fez por vós*”; expõe que serviu pela palavra e de outras maneiras, quer em perigos, quer por meio dos bens, ou pela hospitalidade.

Eram então as mulheres mais impetuosas que leões, assumindo com os apóstolos parte dos trabalhos da pregação; por isso peregrinavam com eles e serviam em todo o restante. E eram também seguidoras de Cristo mulheres que de seus bens ministravam e serviam o Mestre.

7. Saudai a Andrônico e Júnio, meus parentes

Parece igualmente um encômio; muito maior o subsequente. Qual?

e companheiros de prisão,

Máxima coroa, grandiosa proclamação!

E onde Paulo esteve cativo, para dizer: “*E companheiros de prisão*”? Não estivera cativo, mas passara por sofrimentos mais graves do que os dos presos, não só exilado da pátria e de sua casa, mas também lutando com a fome, perigos assíduos de morte e inúmeros males. Para o cativo só é pesado estar separado dos domésticos, não raro transformado em escravo. Em nosso caso, porém, o santo sofreu tempestades de provações: raptado, arrastado, flagelado, amarrado, lapidado, naufrago no mar, cercado de inúmeras insídias. Os cativos não têm adversários depois de encarcerados, mas várias providências tomam os que os prenderam; o Apóstolo, contudo, frequentemente vivia entre inimigos e em toda parte via lanças e agudos gládios, tropas e combates. Sendo provável que eles participaram de muitos destes perigos, ele os denomina: “*companheiros de prisão*”, conforme diz também em outra parte: “Aristarco, meu companheiro de prisão” (Cl 4,10). Vem em seguida outro louvor: apóstolos

exímios.

Ora, já era grandioso serem apóstolos; calcula o elogio que consiste em dizer que eram exímios entre eles; de fato, eram exímios pelas obras, pelas boas ações. Ah! Como devia ser grande a sabedoria desta mulher para receber o título de apóstolo. E não se interrompe neste ponto, mas acrescenta outro louvor: que me precederam na fé em Cristo.

Com efeito, é o máximo louvor terem se apressado e chegado antes dos demais. Pondera quanto aquela alma bem-aventurada estava alheia e isenta de vanglória. Após tamanha e tal glória, antepõe os outros a si, não oculta que veio depois deles, e não se cora de confessá-lo. E por que te admiras se não se envergonha de atacar publicamente sua vida anterior, não recusa acusar-se denominando-se blasfemo e perseguidor? Como não podia de outro modo antepô-los a si, procurou declarar que veio posteriormente, e assim encontrou um elogio para lhes atribuir, nesses termos: *“Que me precederam na fé em Cristo”*.

8. Saudai Ampliato, meu dileto amigo

Mais uma vez louva devido ao amor. No entanto, o amor de Paulo era por causa de Deus, e abrangia inúmeros bens. Se é importante ser amado pelo rei, ser amado por Paulo, que louvor! Mesmo que ele não fosse dotado de grande virtude, atraía-o pelo amor. Ele costumava não só não amar os que viviam em pecado, mas também anatematizar, como o fez ao dizer: “Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema” (1Cor 16,22): e: “Se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátema” (Gl 1,9).

Saudai Urbano, nosso colaborador em Cristo,

É o maior elogio dele, pois este abrange também o louvor precedente.

E meu amado Estáquis.

De novo coroa a este com idêntico louvor.

10. Saudai Apeles, homem provado em Cristo.

Nada de igual a este louvor, a saber, que é irrepreensível e nas coisas que respeitam a Deus não dá ocasião de acusação. Ao dizer: *“Provado em Cristo”*, abrange toda espécie de virtude. E por que em parte alguma diz: Fulano é meu senhor, meu dono? Porque estes elogios eram maiores do que os outros, títulos honoríficos, porquanto estes indicam a virtude. Ora também não os honrou de qualquer modo, porque saudou muitos dos inferiores em companhia dos ilustres e grandes. Por ter saudado, e saudado em conjunto na mesma epístola, reverenciou igualmente a todos. Ao elogiar a algum, declarava-nos a virtude de cada um, de sorte que não causava inveja por honrar a uns e a outros não. Nem respeitava a preguiça ou a confusão, tributando idênticos louvores aos que não os merecessem.

Vê, portanto, que retorna às mulheres ilustres. Tendo dito: *Saudai os da casa de Aristóbulo.*

11. Saudai Herodião, meu parente. Saudai os da casa de Narciso

É provável que estes não fossem semelhantes aos supramencionados, porque não cita a todos nominalmente, dando-lhes adequado louvor pelo fato de serem fiéis. É isto que significa: no Senhor.

Passa novamente a saudar a algumas mulheres, nesses termos:

12. Saudai Trifena e Trifosa, que se afadigaram no Senhor.

De uma dissera *“que muito fez”* por nós; destas, de fato, assegura que ainda se afadigam. Não constitui pequeno elogio, a saber, entregar-se inteiramente às obras, não somente operar, mas também labutar. Quanto à Perside, também a chama de querida, mostrando que é superior a estas, pois diz:

Saudai a querida Pérside

E atesta que labutara muito, dizendo:

que muito se afadigou no Senhor.

Assim o Apóstolo costumava interpelar cada qual segundo a própria dignidade. A uns fazia com que fossem mais zelosos, por não privá-los de merecido louvor e exaltar-lhes até a mínima virtude; a outros, porém, incitando-os por meio de tais louvores a serem mais esforçados, e a imitarem a diligência dos outros.

13. Saudai a Rufo, este eleito do Senhor, e sua mãe, que é também minha.

Aqui também os bens são comuns porque o filho e a mãe são iguais, e a casa é abençoada. À raiz corresponde o fruto. Não diria simplesmente: “*Sua mãe, que é também minha*”, se não tivesse atestado a grande virtude desta mulher.

14. Saudai Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos que estão com eles.

Neste trecho não leves em consideração que os relembre sem elogiar, porque mesmo os muito inferiores não eram tidos por indignos de saudação; ou melhor, não é pequeno louvor denominá-los irmãos, conforme também denomina santos “*os que estão com eles*”.

15. Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olímpias, e todos os santos que estão com eles.

Máxima dignidade, inefável e grande respeito! Em seguida, para evitar disputas, por saudar cada qual de uma maneira, a uns nominalmente, a outros de modo indefinido, a outros com os maiores encômios, a outros com os menores, reúne a todos com igual caridade, e pelo ósculo santo, dizendo:

16. Saudai-vos uns aos outros com o ósculo santo.

Por meio desta paz expele todo pensamento perturbador e elimina qualquer pretexto de mesquinhez, de sorte que o maior não despreze o menor, nem o menor inveje o maior, mas expulsa a soberba e a inveja, mitigando e igualando todas as coisas por meio deste ósculo. Por isso, não somente ele saúda, mas envia-lhes a saudação de todas as Igrejas, pois disse:

Saúdam-vos todas as Igrejas de Cristo.

Não a um ou outro especialmente, mas em comum a todos.

Viste que não tiramos pequeno lucro destas saudações? Quantos tesouros deixaríamos de lado, se não explorássemos cuidadosamente esta parte da epístola, na medida de nossas forças? Um homem sábio e espiritual penetrará mais fundo e encontrará muitas pérolas. Mas, visto que, frequentemente, alguns perguntaram por que nesta epístola saudara a tantas pessoas, e não procedeu assim em nenhuma outra, diremos que assim agiu porque ainda não havia visitado os romanos. Ora, replicarias, nem visitara os colossenses, e, no entanto, nada disso fez. Mas os romanos eram os mais célebres, e de outras cidades muitos se transferiram para lá, cidade régia e mais segura. Eles, portanto, viviam numa cidade estranha, e precisavam de segurança; alguns eram conhecidos de Paulo, ou lhe prestaram muitos e grandes serviços, por isso, com razão, os recomenda por carta. Efetivamente, então não era pequena a fama de Paulo. Era tão grande que suas cartas constituíam forte recomendação. Não somente o respeitavam como o temiam. Do contrário não diria: “*Ela ajudou a muitos, a mim inclusive*” (Rm 16,2); e ainda: “*Quisera eu mesmo ser anátema*” (Rm 9,3). E escrevia a Filemon: “Paulo, velho e agora também prisioneiro de Cristo Jesus” (Fl 9); e aos gálatas: “Eu, Paulo, vos digo”; e: “Como a Cristo Jesus me recebestes” (Gl 5,2; 4,14). E escrevia aos coríntios: “Julgando que eu não voltaria a ter convosco, alguns se encheram de orgulho”; e: “Nisso tudo, irmãos, eu me tomei como exemplo juntamente com Apolo por causa de vós, a fim de que aprendais por meio de nós a máxima: ‘Não ir além do que está escrito’” (1Cor 4,18; 6). Por todos esses trechos evidencia-se que em geral gozava de elevada estima. Querendo, portanto, que eles estivessem bem seguros e fossem respeitados,

saudou a cada um, exaltando-os quanto podia. A um qualificou de amado, a outro de parente, a um terceiro de ambas as coisas, a um outro de companheiro de prisão, a outro de colaborador, ao seguinte de provado, a outro de eleito. E a esta, de fato, pela dignidade, pois não disse simplesmente: “*Que se afadigou*”, porque se assim fosse, certamente deste modo teria nomeado Trifena e Pérside; mas a uma comemorou por ter recebido a missão de diaconisa, uma outra era colaboradora e companheira de serviço, outra era mãe, outra foi citada pelos trabalhos que empreendeu. E a outros por causa da casa, a outros pelo nome de irmãos, a outros chama de santos, a outros honra somente proferindo o nome, a outros nominalmente, a outros denomina primícias, a outros pelo tempo porque precederam na adesão à fé; mas além de todos a Priscila e Áquila. Embora todos fossem fiéis, nem todos eram iguais, mas eram díspares quanto ao valor. Por isso, orientando a todos para maior zelo, não oculta o elogio de nenhum. Se, portanto, aqueles que mais se esforçaram não devessem receber recompensa maior, muitos se tornariam mais negligentes.

Por conseguinte, no reino a honra será diferente, e os discípulos não eram todos iguais, mas três se destacavam, e entre os três havia muita diversidade. Diante de Deus há muita exatidão, até em extremo. “E até de estrela para estrela há diferença de brilho” (1Cor 15,41). Apesar de serem todos apóstolos, todos se assentarão em doze tronos, todos deixaram tudo o que tinham, todos conviveram com Cristo, no entanto especialmente assumiu três. Além disso, de dois deles também Cristo afirmou que são mais eminentes e excelentes, pois declarou: “Todavia, sentar à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim concedê-lo, mas é para aqueles a quem está preparado” (Mc 10,40). Prefere Pedro a todos, dizendo: “Tu me amas mais do que estes?” (Jo 21,15). João era o mais amado. De fato, o exame é o mais apurado. Por pouco que superes o próximo, seja fraco, seja quem for, Deus não o negligencia. Já se podia verificar antigamente que assim era. Pois Lot era justo, mas não tanto quanto Abraão; Ezequias também, mas não quanto Davi; e todos os profetas, mas não tanto quanto João. Onde, pois, se acham aqueles que, com tanto empenho, não querem que exista a geena? Se todos os justos não gozam dos mesmos bens, se ao menos um pouco precedem os demais (“E até de estrela para estrela há diferença de brilho” – 1Cor 15,41) como os pecadores gozarão dos mesmos bens que os justos? Ninguém faria tal confusão, muito menos Deus. Se quiseses, mostrar-vos-ei a diferença, bem como o justo juízo. Naqueles que pecaram e naqueles em que já se realizou. Reflete, portanto: Adão pecou, e Eva pecou; e ambos transgrediram, mas não de modo igual e por isso não foram atingidos por idêntica penalidade. Tão grande era a diferença, que Paulo dizia: “E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão” (1Tm 2,14). Ora, a sedução foi uma só; no entanto o exame apurado de Deus revela grande diferença, conforme as palavras de Paulo. Ainda, Caim foi punido; Lamech, porém, que assassinou depois dele, nada de tal sofreu; embora ambos tenham cometido homicídio, o de Lamech foi muito mais grave, porque ele não melhorou, apesar daquele exemplo. No entanto, porque ele não matou o irmão depois duma admoestação, nem precisou de acusador, nem respondeu impudentemente a uma pergunta de Deus, mas sem que alguém o repreendesse, repreendeu-se a si próprio e condenou-se, conseguiu o perdão; Caim, porém, que fizera o contrário, foi atingido pelo suplício. Vê com quanta diligência e exatidão Deus examina os atos. Por isso castigou de um modo no tempo do dilúvio e de outro os sodomitas. De outro lado, aos israelitas de diverso modo: os que estavam em Babilônia e os que viviam sob Antíoco, manifestando que pede estritas contas de nossas obras. E uns serviram durante setenta anos, outros quatrocentos. Uns comeram os próprios filhos, e foram submetidos a inúmeras outras aflições; nem assim foram liberados, nem estes, nem os que em Sodoma foram queimados vivos. Pois disse: “Em verdade vos digo que será mais tolerável para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade” (Mt 10,15). Com efeito, se ele não desse atenção se pecamos, ou vivemos honestamente, talvez fosse razoável dizer que

não haverá castigo; se, porém, emprega tantos cuidados a que não pequemos e empenha-se tanto a que vivamos honestamente, é evidente que ele pune os pecadores e coroa os que praticam o bem. Considera a anomalia no modo de julgar de muitos. Alguns acusam a Deus, porque muitas vezes pacientemente doa tréguas e deixa de castigar a muitos, malvados, lascivos, violentos; de outro lado, quando ameaça, acusam-no com veemência e gravemente. Ora, se este caso é lastimável, aquele também devia ser aprovado e admirado. Mas, ó estultícia! Ó mente insana e asnática! Ó alma louca pelo pecado e volúpia, de olhos fixos na maldade! Com efeito, estas opiniões surgem do amor à volúpia. Assim, se aqueles que proferem tais coisas quisessem abraçar a virtude, logo se persuadiriam indubitavelmente a respeito da existência da geena.

E onde, perguntas, e em que lugar se encontra a geena? Por que te preocupas com isto? Importa saber se existe e não onde se acha, e se situa. Alguns dizem, qual mito, que é no Vale de Josafá, atribuindo à geena o que foi dito a respeito de determinada guerra do passado; mas a Escritura não afirma tal coisa. Mas, em que lugar será? – interrogas. Fora do mundo inteiro, a meu ver. Como os cárceres e as minas de metal dos reis se situam longe, assim fora deste mundo estará a geena.

Não procuremos saber onde está, mas como escaparemos dela. Visto que Deus não pune a todos na terra, não recuses acreditar nos futuros castigos, pois ele ama os homens e espera pacientemente. Por isso ameaça e não lança imediatamente na geena, pois disse: “Não quero a morte do pecador” (cf. Ez 18,32). Se não existe morte do pecador, é inútil tal afirmação. E sei que nada é mais incômodo para vós do que estas palavras; mas para mim nada de mais agradável. Oxalá falássemos da geena nos almoços, nos jantares, nas termas e em toda parte. Não suportaríamos mal as tribulações, nem nos deliciaríamos nos bens. O que podes proferir de terrível? Pobreza, doença, cativeiro, mutilação corporal? Mas tudo isto é irrisório, comparado com aquele suplício. Mesmo se falares dos que sempre são atormentados pela fome, mesmo os que desde criança são cegos e mendigam o pão, estes males comparados com aqueles nada são. Por conseguinte frequentemente revolvamos este assunto, pois a lembrança da geena impede a incidência nela. Não ouves Paulo dizer: “O castigo deles será a ruína eterna, longe da face do Senhor” (2Ts 1,9)? Não ouves qual foi Nero, a quem Paulo dá o nome de mistério do Anticristo? Diz ele: “O mistério da iniquidade já está agindo” (ib. 2,7). Como, então? Nero nada sofrerá? Nada o anticristo? Nada o diabo? Sempre, portanto, existirá o Anticristo e o diabo, e, se não forem castigados, não desistirão da malignidade. Sim, replicas, é manifesto que há punição e geena, mas só os infiéis lá cairão. Por quê? – eu te pergunto. Porque os fiéis, retrucas, reconheceram seu Senhor. E o que significa isto? Se a vida deles for impura, terão castigo mais grave do que os infiéis: *“Todos aqueles que pecaram sem Lei, sem Lei perecerão; e todos aqueles que pecaram com Lei, pela Lei serão julgados”* (Rm 2,12); e: *“Aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor, mas não agiu conforme sua vontade, será açoitado muitas vezes”* (Lc 12,47). Se, contudo, não se haverá de prestar contas da própria vida, e estes dizeres são supérfluos, nem o diabo será punido. Ele conhece a Deus em mais alto grau do que muitos homens e todos os demônios, horrorizados, o conhecem e confessam que há um juiz. Se, portanto, não há prestação de contas da vida e das más obras, eles também escaparão. Ora, as coisas não acontecem desta forma, absolutamente. Não vos iludais, caríssimos. Se não há geena, por que os apóstolos julgarão as doze tribos de Israel? Por que pergunta Paulo: “Não sabeis que julgaremos os anjos? Quanto mais então as coisas da vida cotidiana?” (1Cor 6,3). Como Cristo dizia: “Os habitantes de Nínive se levantarão no julgamento juntamente com esta geração e a condenarão” (Mt 12,41). E: “O dia do juízo será mais suportável para a terra de Sodoma do que para vós” (ib. 11,24). Por que brincas em torno de assuntos sérios? Por que te enganas a ti mesmo e pregas uma peça a tua alma, ó homem? Por que lutas contra a bondade de Deus? Ele preparou a geena e ameaçou com ela, para lá não cairmos e melhorarmos por temor. Por conseguinte,

quem rejeita um sermão sobre a geena, nada mais faz senão desconhecer aonde esta ilusão impele e projeta. Não tornes frouxas, portanto, as mãos daqueles que labutam em favor da virtude, nem aumentes a indolência dos que estão dormindo. Se a maioria se convencer de que não existe geena, quando renunciará à malícia? Como se manifestará a justiça? Não falo de pecadores e justos, mas de pecadores e pecadores. Por que um foi punido aqui na terra, e um outro que perpetrou os mesmos crimes ou antes mais graves, não foi punido? Se não existe a geena, nada poderás responder aos contraditores. Em consequência, rogo que, desistindo destas questões ridículas, fechemos a boca dos que nos contradizem a respeito desses assuntos. Haverá um exame apurado das mínimas coisas, quer sejam pecados, quer boas obras. Com efeito, prestaremos contas de olhares impudicos, de palavras ociosas e ridículas, de ultrajes, de raiva e de embriaguez; de outro lado, receberemos recompensa pelas boas obras, por um copo de água fria, pela palavra boa, até por um só gemido. Disse o profeta: “Assinala com uma cruz a testa dos que estão gemendo e chorando” (Ez 9,4). Como, portanto, ousas dizer que aquele que tão minuciosamente examina nossos atos, em vão e inutilmente ameaçou com a geena? Não, rogo-te, por tão vã esperança não te percas, nem aqueles que confiam em ti. Se não acreditas em nossas palavras, interroga os judeus, os gentios, os hereges, e todos responderão em uníssono que haverá julgamento e retribuições. Acaso não te bastam os homens? Interroga os próprios demônios, e ouvirás o clamor: “Vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?” (Mt 8,29). Reunindo tudo isso, convence-te, a fim de não proferires boatos e não aprenderes por experiência que a geena existe; mas ajuizado aqui, poderás escapar daqueles tormentos, e conseguir os bens eternos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

TRIGÉSIMA SEGUNDA HOMILIA

Advertência. Primeiro post-scriptum

16,17. *Rogo-vos, entretanto, irmãos, que estejais alerta contra os provocadores de dissensões e escândalos contrários à doutrina que recebestes. Evitai-os.*

18. *Porque estes tais não servem a Cristo, nosso Senhor, mas ao próprio ventre, e com palavras melífluas e lisonjeiras eles seduzem os corações dos inocentes.*

Retornam a exortação e a prece depois da exortação. O Apóstolo, depois de alertá-los contra os dissidentes, e a não obedecer-lhes, acrescentou:

20. *Pois o Deus da paz não tardará em esmagar Satanás debaixo de vossos pés.*

E: Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco!

Vê, porém, com que placidez exorta, não em forma de conselho, mas de súplica, e muito respeitosamente; de fato, chama-os de irmãos e roga-lhes: “*Rogo-vos, irmãos*”. Em seguida, torna-os solícitos, indicando o dolo dos malvados. Como se eles não fossem manifestos por si mesmos, disse: “*Rogo-vos, entretanto, irmãos, que estejais alerta*”, isto é, deveis perscrutar atentamente, vos informar e examinar. A respeito de quem? – pergunto. Dos “*provocadores de dissensões e escândalos contrários à doutrina que recebestes*”. As divisões são a causa principal da ruína da Igreja. São as armas do diabo, que revolucionam tudo. Enquanto o corpo estiver unido, ele não tem acesso, mas da dissensão começa o escândalo. Onde se origina a dissensão? Dos dogmas introduzidos à margem do ensino dos apóstolos. E donde provêm tais dogmas? Da servidão ao ventre e de outras paixões: “*Porque estes tais não servem a Cristo, nosso Senhor, mas ao próprio ventre*”. Por conseguinte, não acontecerão escândalos, nem dissídios, a não ser que se excogitem ensinamentos à margem da doutrina dos apóstolos, segundo a declaração do Apóstolo: “*Contrários à doutrina*”. Não disse: Que

ensinamos, mas: *“Que recebestes”*, retornando a eles, e mostrando que estavam convictos, que ouviram e receberam. E que faremos àqueles que cometem esses pecados? Não disse: Em comum agredi e combatei, mas: *“Evitai-os”*. Com efeito, se assim procediam por ignorância ou erro, importava corrigi-los, mas como pecam conscientes, evitai-os. Em outra passagem também o dizia: *“(Ordenamos) que vos afasteis de todo irmão que leve vida desordenada”* (2Ts 3,6). E a Timóteo, referindo-se ao ferreiro, exortava: *“Evita-o também tu”* (2Tm 4,15). Em seguida, apresentando aqueles que ousavam tais coisas, diz a causa de planejarem tal dissídio: *“Porque estes tais não servem a Cristo, nosso Senhor, mas ao próprio ventre”*. Escrevia o mesmo aos filipenses: *“Seu deus é o ventre”* (Fl 3,19). Parece-me que subentende os que eram dentre os judeus, porque principalmente costuma sempre atacá-los, como glutões. Com efeito, escrevia a Tito a respeito deles: *“Animais ferozes, comilões vadios”* (Tt 1,12). Cristo por este motivo lastima-os: *“Que devorais os bens das viúvas”* (Mt 23,14). Os profetas faziam idêntica acusação: *“O dileto saciou-se, engordou e recalcitrou”* (Dt 32,15), e Moisés exortava: *“Quando, pois, comeres, beberes e estiveres saciado, não te esqueças do Senhor, teu Deus”* (Dt 6,12-13). Também nos evangelhos, ao dizerem a Cristo: *“Que sinal nos mostras?”* (Jo 2,18), esquecem-se dos outros sinais e pensam apenas no maná; assim eles se aparecem sempre sujeitos a este vício. Como é possível o irmão de Cristo não se envergonhar de ter por mestres os escravos do ventre? É, de fato, uma oportunidade de erro; o método de armar ciladas é ainda outra doença, a saber, a adulação, pois: *“Com palavras melífluas e lisonjeiras, eles seduzem os corações dos inocentes”*. E expressou-se bem: *“Palavras melífluas”*, porque o obséquio se encontra só nas palavras, enquanto a mente não é tal, mas está cheia de dolo. Não disse: Vos seduzem, mas: *“Os corações dos inocentes”*. E não se contentou, mas para não tornar a palavra mais pesada, acrescentou:

19. Vossa obediência tornou-se conhecida de todos

Procede deste modo, não deixa que eles atuem arrogantes, antecipa-se com louvores, e retém-nos pela multidão das testemunhas. Não sou o único a atestar, e sim o universo. E não diz: Vossa prudência, e sim: *“Vossa obediência”*, isto é, a pronta persuasão, o que constitui testemunho da boa vontade deles.

e sois para mim motivo de alegria.

Não é louvor insignificante! Após vem a admoestação. No intuito de evitar que, libertados da culpa, pouco a pouco fiquem mais preguiçosos, mais uma vez insinua-lhes estas palavras:

Mas desejo que sejais sábios para o bem e sem malícia para o mal.

Viste como os restringe mais uma vez, embora levemente? Está sugerindo que alguns deles foram seduzidos.

20. Pois o Deus da paz não tardará em esmagar Satanás debaixo de vossos pés.

Uma vez que ele citara os que provocavam dissensões e escândalos, menciona o Deus da paz, visando a que confiem que ficarão livres deles. Pois quem goza da paz solve o que pode prejudicá-la. E não disse: Submeterá, e sim o que é mais importante: *“Esmagará”*, não apenas a eles, mas a Satanás, o chefe neste caso. E não só: *“Esmagará”*, e sim: *“Debaixo de vossos pés”*, de sorte que eles ganhassem a vitória e ilustrassem, por meio do troféu. Oferece ainda consolo relativo ao tempo, acrescentando: *“Não tardará”*. Simultaneamente prece e profecia. *“Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco!”* Relembra-lhes a graça, arma fortíssima, muralha inquebrantável, torre inabalável, com o fim de estimulá-los. Se, pois, fostes libertados do mal pior, e somente por efeito da graça, muito mais ficareis livres dos menores pela amizade, se colaborastes conforme pudestes.

Observa, portanto, que não alude a preces sem obras, nem a obras destituídas de preces. Tendo

atestado a obediência deles, reza por eles, mostrando que precisamos de ambas as coisas, tanto do que é nosso quanto do que vem de Deus, uma vez que pela diligência devamos ser salvos. Não só anteriormente, mas ainda agora precisamos de sua graça, mesmo se formos grandes e comprovados.

Últimas saudações. Segundo post-scriptum

21. *Saúda-vos Timóteo, meu colaborador, e também Lúcio, Jasão e Sosípatro, meus parentes.*

Lucas também relembra este Jasão e louva-lhe a fortaleza, declarando que o conduziu aos magistrados, sob os clamores do povo. É provável que os outros também fossem insignes e não mencionaria simplesmente que eram parentes, se não se lhe assemelhassem pela piedade.

22. *Eu, Tércio, que escrevi esta carta, saúdo-vos no Senhor.*

Não é pequeno elogio ser escriba de Paulo, mas ele não o declarou para se enaltecer, mas para obter deles ardente amor devido a este ministério.

23. *Saúda-vos Gaio, que hospeda a mim e a toda a Igreja.*

Viste a grande coroa que lhe teceu, atestando tão ampla hospitalidade, que congregava na própria casa “*toda a Igreja*”. Denomina-o hospedeiro porque recebe hóspedes. Ao ouvires dizer que foi hospedeiro de Paulo, não admires nele apenas a hospitalidade, mas também a vida recomendável, pois o Apóstolo não teria se hospedado nesta casa se o dono não fosse digno pela virtude. O Apóstolo que cuidava de ir além de muitos dos mandamentos de Cristo não transgrediria a lei de escolher os hospedeiros e ser acolhido por pessoas dignas.

Saúda-vos Erastro, administrador da cidade, e o irmão Quarto.

Não é sem motivo que mencionou: “*Administrador da cidade*”, mas conforme escreveu aos filipenses: “Saúdam-vos os da casa do Imperador” (Fl 4,22), indicando que a pregação alcançara os maiores. Nesta passagem também relembra a dignidade, querendo provar e mostrar que nem riquezas, nem as preocupações do poder, nem algo de semelhante serve de impedimento a quem possui boa vontade.

24. *Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco! Amém.*

Viste onde tudo começa e termina? Lançou os alicerces da epístola, e sobrepôs o teto, simultaneamente invocando sobre eles a mãe de todos os bens, lembrado da beneficência. É próprio principalmente do verdadeiro mestre ajudar os discípulos, não só por palavras, mas também com a oração. Por isso disse: “Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da palavra” (At 6,4). Quem suplicará por nós depois que Paulo partiu da terra? Estes imitadores de Paulo. Todavia, mostremo-nos dignos de tal patrocínio, a fim de não apenas ouvirmos a voz de Paulo aqui na terra, mas também ao partirmos para o além, merecermos ver o atleta de Cristo. Ou melhor, se aqui ouvirmos, lá certamente o veremos, mesmo se não estivermos perto; vê-lo-emos, no entanto, brilhando junto do trono real, onde os querubins glorificam, onde voam os serafins. Lá veremos Paulo com Pedro, o chefe do coro dos santos, o príncipe dos apóstolos, e fruirmos de uma caridade autêntica. Pois se ele aqui amava tanto os homens, que, sendo possível morrer e estar com Cristo, preferia ficar aqui, lá demonstrará amor muito mais ardente. Por isso, tenho tanto amor a Roma, embora possua outras razões para louvá-la: a grandeza, a antiguidade, a beleza, a quantidade de habitantes, o poder, as riquezas, os valentes feitos na guerra. Mas omitindo o restante, proclamo-a feliz, porque Paulo, enquanto vivia, escreveu aos romanos, amou-os tanto, e falou-lhes pessoalmente,

e ali terminou a vida. Por este motivo, a cidade é ilustre entre todas. Como um corpo grande e robusto, possui dois olhos resplandecentes, isto é, os corpos destes santos. O céu não brilha tanto quando o sol emite seus raios quanto a cidade de Roma com aquelas duas lâmpadas, a emitirem luz para todo o orbe. Daí foi arrebatado Paulo, daí Pedro. Refleti e tremei de pavor pelo espetáculo que verá Roma, isto é, de repente Paulo ressuscitado com Pedro sair do túmulo, e for arrebatado ao encontro do Senhor. Roma oferece a Cristo uma rosa, as duas coroas da cidade, as cadeias de ouro, as fontes que possui!

Admiro a cidade, não pela abundância de ouro, ou por causa das colunatas e do fausto, mas por causa destas colunas da Igreja.

Quem me dera agora abraçar o corpo de Paulo, aderir ao sepulcro, ver o pó daquele corpo que completara o que faltara à paixão de Cristo, com aquelas chagas, disseminando o anúncio por toda parte? O pó daquele corpo, digo, que percorria todos os lugares; o pó da boca pela qual Cristo falava, cuja luz brilhava mais forte do que todo fulgor, cuja voz irrompia mais terrível para os demônios do que um trovão, e que emitia aquele feliz dito: *“Quisera eu mesmo ser anátema, em favor de meus irmãos”* (Rm 9,3), que falava diante dos reis sem se corar. Por meio dela sabemos quem é Paulo e o Senhor de Paulo. O trovão não é tão formidável para nós quanto aquela voz para os demônios. Pois se estremeciam diante de suas vestes, muito mais por causa da voz. Ela vinculou-os, expurgou o orbe, curou doenças, expulsou a maldade, reduziu à verdade. Era trono de Cristo, e seguia-o por onde ia, e a voz de Paulo era como os querubins. Como o Senhor apoiava-se naquelas potestades, assim também na voz de Paulo. Foi digna de acolher a Cristo, porque só falava acerca do que Cristo amava e voava em inefável altitude, como os serafins. O que há de mais sublime do que aquela voz a proferir: *“Pois estou convencido de que nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente nem o futuro, nem a altura nem os abismos, nem criatura alguma poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus”* (Rm 8,38). Quantas asas julgas que tinha? Quantos olhos? Por isso dizia: *“Pois não ignoramos as intenções dele”* (2Cor 2,11). Os demônios fugiam, não só ao ouvi-lo, mas mesmo ao divisarem suas vestes de longe. Queria ver o pó de sua boca, pela qual falou grandiosas coisas e misteriosas acerca de Cristo, e maiores do que as que este proferiu por si mesmo. Como Cristo operou prodígios maiores por intermédio dos discípulos, assim também proferiu palavras maiores, pelas quais o Espírito emitiu aqueles admiráveis oráculos diante do orbe. O que não operou aquela boca exímia? Expulsou demônios, perdoou pecados, obrigou os tiranos a se calarem, obstruiu a boca dos filósofos, ofereceu o orbe a Deus, persuadiu os bárbaros a refletirem, introduziu ordem na terra; até arranjou como quis as coisas celestes, ligando o que queria e desligando, segundo o poder que lhe foi conferido. Não queria ver somente o pó da boca, mas também o daquele coração. Não erra quem disser que foi o coração do mundo, fonte de inúmeros bens, princípio e fundamento de nossa vida. Com efeito, o espírito de vida dali se difundia sobre todas as coisas e se dava aos membros de Cristo, não pelas artérias, mas pelo propósito do bem. Aquele coração era tão amplo que abrangia cidades inteiras, povos e gentes, pois disse: *“O nosso coração se dilatou”* (2Cor 6,11). No entanto, o amor que o dilatava algumas vezes cerrou e afligiu este grande coração: *“Por isso foi em grande tribulação e com o coração angustiado que vos escrevi”* (ib. 2,4). E desejaria ver o que se dissolveu, o que ardia por causa de cada um que se perdera, que de novo dava à luz os filhos abortivos, que vê a Deus (*“Os puros de coração verão a Deus”* – Mt 5,8), o coração que se tornou vítima (*“Sacrifício a Deus é um espírito contrito”* – Sl 51,19), coração mais sublime que os céus, mais vasto que o mundo, mais esplêndido que um raio de sol, mais ardente que o fogo, mais forte que o diamante, donde jorram rios (*“De seu seio jorrarão rios de água viva”* – Jo 7,38). Ali havia uma fonte que jorrava e irrigava não a face da terra, mas as almas dos homens; não existiam apenas rios, mas também fontes de

lágrimas emanavam noite e dia, coração, diria, que levava uma vida nova, não a nossa (pois ele dizia: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” – Gl 2,20. O coração de Paulo, portanto, era o coração de Cristo, a tábua em que escrevia o Espírito Santo, o livro da graça), e por causa dos pecados alheios tremia (“Receio”, afirma, “ter-me afadigado em vão por vós” – Gl 4,11). “Receio, porém, que, como a serpente seduziu a Eva” (2Cor 11,3); “Com efeito, receio que, quando aí chegar, não vos encontre tais como vos quero encontrar” (ib. 12,20); por si próprio, contudo, temia e confiava (Receio, diz ele, “que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” – 1Cor 9,27); e: “*Estou convencido de que nem os anjos nem os principados poderiam nos separar*” – Rm 8,38). Coração que mereceu amar a Cristo de tal forma como nenhum outro amou, que desprezou a morte e a geena, e estava esmagado por causa das lágrimas fraternas (“Por que chorais e me partis o coração?” – At 21,13), coração assaz paciente, que não tolerava a demora, porque temia que os tessalonicenses desfalecessem (cf. 1Ts 3,5).

Queria contemplar o pó das mãos apertadas pelas cadeias, por cuja imposição era dado o Espírito, pelas quais as epístolas foram escritas: “Vede com que letras grandes eu vos escrevo, de próprio punho” (Gl 6,11); e ainda: “A saudação é do meu próprio punho: Paulo” (1Cor 16,21); aquelas mãos, diria, que, ao olhá-las, a víbora caiu na fogueira. Queria ver o pó dos olhos, salutarmente cegos, e que depois recuperaram a visão para a salvação do orbe, que também forma dignos de ver a Cristo corporalmente, fitavam e não viam as coisas terrenas, que contemplavam o que não se vê, que não conheciam o sono, que vigiavam no meio das noites, que não sofriam da moléstia dos invejosos. Queria ainda ver o pó daqueles pés que não se cansavam de percorrer o mundo, que estavam presos aos cepos, quando ele abalou o cárcere; que percorreram a terra habitada e inóspita e frequentemente palmilhavam as estradas. E que necessidade há de recensar cada caso? Queria ver o sepulcro, onde jazem as armas da justiça, as armas da luz, os membros agora vivos e mortos enquanto ele vivia, nos quais Cristo vivia, crucificados para o mundo; membros de Cristo, revestidos de Cristo, templo do Espírito, edifício santo, presos pelo Espírito, traspassados pelo temor de Deus, detentores dos estigmas de Cristo. Este corpo serve de muralhas para a cidade, mais seguras do que qualquer torre e inúmeras fossas. E com este igualmente o corpo de Pedro, que ele reverenciou durante a vida: “Subi”, diz ele, “para avistar-me com Pedro” (Gl 1,18). Por esta razão, ao partir da terra, a graça se dignou fazê-los companheiros. Queria ver o leão espiritual. Como o leão emite fogo sobre rebanhos de raposas, assim ele cai sobre a turma de demônios e filósofos, e como um jato de raios, irrompe sobre as falanges do demônio. E não permanecia nas fileiras contra ele, mas de tal modo temia e tremia que se visse a sua sombra, ou ouvisse a sua voz, fugia para longe. Assim, portanto, de longe, o Apóstolo entregou-lhe o fornicador, e depois arrebatou-o das mãos; o mesmo também aconteceu a outros, a fim de aprenderem a não blasfemar. Reflete como educava aqueles que sob suas ordens deviam lutar, estimulando e coagindo. Diz aos efésios: “Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, as Potestades” (Ef 6,12); em seguida, alude ao prêmio nos céus: Nossa luta não é contra poderes terrenos, mas contra os céus e os que estão nos céus. Ainda diz a outros: “Não sabeis que julgaremos os anjos? Quanto mais então as coisas da vida cotidiana?” (1Cor 6,3). Meditando tudo isso, mantenhamo-nos nobremente. De fato, Paulo também era homem, da nossa natureza, e tendo tudo em comum conosco, mas porque era intenso seu amor a Cristo, ultrapassou os céus, e encontra-se entre os anjos. Por conseguinte, se quisermos também nós estimular-nos um pouco, e acender em nós aquela chama, poderemos imitar aquele santo. Se não fosse possível, ele não teria exclamado: “Sede meus imitadores” (1Cor 4,16), como eu sou de Cristo. Não somente admiremo-lo, portanto, nem fiquemos apenas estupefatos, mas também imitemos a fim de merecermos ao partir daqui vê-lo e ser participantes da glória inefável. Oxalá possamos todos alcançá-

lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

¹ A Carta aos Romanos foi sempre um dos textos neotestamentários mais conhecidos e mais frequentemente citados na História da Igreja. S. João Crisóstomo nos legou trinta e duas homilias (32) que formam uma exposição acerca da Epístola aos Romanos versículo por versículo. Cada homilia conclui com amplo desenvolvimento sobre a aplicação prática. Na época patrística há literalmente milhares de citações e alusões que, em sua totalidade, podemos recuperar hoje sem nenhuma dificuldade, graças às possibilidades abertas pela ciência da informática. Uma seleção de trechos dos principais comentários à Carta aos Romanos pode ser encontrada em BRAY, Gerald (org.). *Romanos (La Bíblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Volume 6: Nuevo Testamento)*. Diretor da edição em castelhano: Marcelo MERINO RODRIGUEZ. Madrid-Buenos Aires-Bogotá-Montevidéo-Santiago: Ciudad Nueva, 2000.

² Os títulos em **negrito** antes de todos os textos das cartas foram acrescentados para facilitar uma compressão mais didática do comentário de S. João Crisóstomo. Para os títulos acrescentados, cf. MERK, A. & BARBAGLIO, G., *Nuovo Testamento Greco e Italiano*. Bologna: Dehoniane, 1990. Seria recomendável ao leitor deste longo comentário de S. João Crisóstomo ao *corpus paulinum* servir-se de uma boa introdução às cartas de S. Paulo. Aconselho particularmente o clássico de R. E. BROWN, *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, 549-918. Quanto ao pensamento teológico de S. Paulo, consultar também J. DUNN, *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

³ Isto é, o Pentateuco. Atribuir a autoria do Pentateuco a Moisés é uma tese tradicional, mas hoje foi completamente revista em função das *tradições* ou *documentos* escritos em épocas diferentes. Leiamos Ex 13,17-14,31 em boa tradução (Bíblia de Jerusalém ou Tradução Ecumênica da Bíblia) para verificar como o Pentateuco teria sido composto a partir de quatro *traduções* ou *documentos*, reunidos em um bloco.

⁴ Diferentemente da interpretação atual em âmbito exegético e da prática na liturgia eucarística, S. João Crisóstomo assume a canonicidade e a origem paulina da Carta aos Hebreus, aceitas, aliás, desde o princípio na tradição oriental, na Igreja de Alexandria, da Palestina, da Capadócia e da Síria. Hoje, nas missas dominicais, quando se lê alguma das cartas do *corpus paulinum*, em se tratando de Hb, o leitor não proclama “Leitura da Carta de São Paulo aos Hebreus”, mas, sim: “Leitura da Carta aos Hebreus”. Por razões de ordem doutrinal, linguística e estilística, seguramente o apóstolo Paulo não foi o autor nem o redator da Carta aos Hebreus, tanto é verdade que em Hb 2,3-4 o autor se apresenta como discípulo dos Apóstolos. A carta integra o *corpus paulinum* e, portanto, mostra várias afinidades com a teologia de Paulo.

⁵ O maniqueísmo era uma seita gnóstica secreta fundada no século III, na Ásia, por um monge asceta de nome Mani ou Manes. A propósito, ver Marcos R. NUNES COSTA, *Maniqueísmo: história, filosofia e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

⁶ Engano no original; na verdade trata-se de Isaías.

⁷ Rm (*Vulgata* 16,25-27) 15,1-7. Na maioria dos documentos a doxologia é colocada aqui, mas em alguns ela aparece no final do capítulo 15 ou do capítulo 14. Logo depois da doxologia continua a sequência de Rm 15,1-7.

COMENTÁRIOS SOBRE A CARTA AOS GÁLATAS¹ DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Endereço

1. *Paulo, apóstolo – não da parte dos homens nem por intermédio de um homem, mas por meio de Jesus Cristo e de Deus Pai que o ressuscitou dentre os mortos –*
2. *e todos os irmãos que estão comigo, às Igrejas da Galácia.*
3. *Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.*

Paulo nas pegadas de Cristo

O prólogo é vigoroso e cheio de afeto, e de certo modo, não só o proêmio, mas a epístola inteira. Com efeito, dirigir-se sempre com moderação aos discípulos necessitados de severidade, não condiz com um mestre, e sim com um sedutor e inimigo. Por este motivo, igualmente, o Senhor, que falava aos discípulos com muita mansidão, algumas vezes utilizou linguagem mais severa, e ora felicitava, ora censurava. Assim, tendo dito a Pedro: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas” (Mt 16,17), e prometido que os fundamentos da Igreja repousariam sobre a pedra de sua confissão, não muito depois, lhe disse: “Arreda-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço” (Mt 16,23), e em outra passagem mais uma vez: “Nem mesmo vós tendes inteligência?” (Mt 15,16). Tanto respeito lhes inspirava que João narra que, ao vê-lo falar com a mulher samaritana acerca do alimento, “nenhum deles lhe perguntou: ‘Por que falas com ela?’, ou: ‘Que desejas?’” (Jo 4,27). Paulo, aprendendo a lição e seguindo as pegadas do mestre, se adapta às necessidades dos discípulos, e ora cauteriza e corta, ora aplica remédios mais suaves. E dizia aos coríntios: “Que preferis? Que eu vos visite com vara ou com amor e em espírito de mansidão?” (1Cor 4,21). Aos gálatas, porém: “*Ó gálatas insensatos*” (Gl 6,16). Não foi somente uma vez, mas por duas vezes que utilizou esta repreensão. Além disso, no final da epístola, investe: “*Ninguém mais me moleste*” (Gl 6,7). De outras vezes suaviza o tom. Assim: “*Meus filhinhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto*” (Gl 4,19), e outras palavras semelhantes. De resto, é evidente a todos desde a primeira leitura que esta epístola é impetuosa.

Motivos da composição da carta

Convém expor o que provocava a ira do Apóstolo contra os discípulos. Não era coisa pequena nem insignificante; do contrário, não os teria perseguido tanto. De fato, é próprio do homem pusilânime, rude e mísero irritar-se por qualquer motivo, e peculiar ao mais preguiçoso e sonolento recuar diante de problemas importantes. Mas Paulo não era dos tais. Qual era, então, o pecado que tanto o abalava? Certamente era grande, excessivamente grave e os apartava a todos de Cristo, conforme diz em seguida: “*Atenção! Eu, Paulo, vos digo: Se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá*” (Gl 5,2). E ainda: “*Vós que buscais a justiça na Lei, caístes fora da graça*” (Gl 5,4). Afinal, o que significam estas palavras? É preciso explaná-lo mais claramente. Aqueles dentre os judeus que acreditaram, tomados pelo preconceito do judaísmo, ébrios de vanglória, ambiciosos da dignidade de mestres, foram ter com os gálatas e ensinaram-lhes ser necessário praticar a circuncisão, guardar os

sábados e os novilúnios, e não permitir a Paulo abolir estas observâncias. Com efeito, asseguravam eles, nem Pedro, nem Tiago, nem João proibiam estas observâncias, apesar de serem entre os apóstolos os primeiros e terem convivido com Cristo. Na verdade, não as proibiam, mas procediam desta sorte não por julgarem obrigatório, mas por condescendência para com a fraqueza dos judeus que haviam crido. Paulo, contudo, que recebera o encargo de pregar aos gentios, de forma alguma necessitava desta condescendência. De fato, quando estava na Judeia, também ele a empregava. Mas, alguns impostores, sem explicar as causas por que uns e outros condescendiam, enganavam os mais simples, dizendo: Paulo não deve ser acolhido; ele surgiu há um ou dois dias, enquanto Pedro e os seus companheiros são os primeiros apóstolos; Paulo foi discípulo dos apóstolos, e estes, de Cristo. Além disso, está sozinho, enquanto os apóstolos são muitos, e são colunas da Igreja. Acusavam-no de hipocrisia, dizendo que ele próprio, abolindo a circuncisão, em outro lugar aceitou o que condena; anuncia-vos uma coisa, e a outros, coisas diversas. Em seguida, ao verificar que o povo todo se achava excitado e péssimo incêndio fora ateado contra a Igreja dos gálatas, e a casa estava abalada em perigo de desabar, em parte possuído de uma cólera justa, em parte com imensa dor (que manifestou nesses termos: “*Quisera estar no meio de vós agora e mudar o tom da voz*” [Gl 4,20]) escreveu uma epístola, respondendo a todas as objeções. E logo no proêmio investe contra os que se esforçavam por destruir a estima de que gozava, dizendo que os outros eram discípulos de Cristo, ele, porém, se tornara discípulo dos apóstolos. Por isso assim começa:

1. Paulo, apóstolo – não da parte dos homens nem por intermédio de um homem.

Diziam aqueles impostores, conforme o supramencionado, que ele era o último dos apóstolos, e por eles fora instruído. Pedro, contudo, Tiago e João, foram os primeiros chamados e entre os discípulos tinham a primazia, porque receberam do próprio Cristo os ensinamentos, e portanto, tinham mais crédito do que Paulo. Ora, eles não proibiam a circuncisão nem a observância da Lei.

Vocação de Paulo

Murmurando estas coisas e outras semelhantes, diminuía a autoridade de Paulo, e enalteciam a glória dos outros apóstolos, não para louvá-los, mas para seduzirem os gálatas, persuadindo-os a aderir à Lei, já obsoleta. Com razão, Paulo começou desta maneira. Uma vez que desprezavam sua doutrina, declarando-a oriunda dos homens, enquanto a doutrina de Pedro provinha de Cristo, logo no proêmio a refutou, assegurando que era “*apóstolo – não da parte dos homens nem por intermédio de um homem*”. Com efeito, Ananias o batizara (cf. At 9,17), mas não o libertou do erro, nem conduziu à fé, mas foi o próprio Cristo, que emitiu aquela voz admirável, vinda do alto, pela qual o atraiu. Efetivamente, Cristo chamara Pedro e o irmão e João com o seu, quando andava perto do mar (cf. Mt 4); a Paulo, contudo, chamou depois de subir ao céu. E como eles não precisaram de novo chamado, mas logo abandonando as redes, e o restante, seguiram-no, assim também este, logo ao primeiro chamado subiu ao mais alto grau, apenas batizado, empreendendo guerra sem tréguas aos judeus e a este título precedia os demais apóstolos: “Trabalhei mais do que todos eles” (1Cor 15,10), afirma. De fato, ainda não toca neste ponto, mas basta-lhe equiparar-se aos demais. Nem se esforçou por se mostrar mais eminente que os outros, mas por eliminar a matéria do erro.

A asserção: “*Não da parte dos homens*” refere-se ao que era comum a todos, porque o anúncio do evangelho tinha sua origem e raiz celestes; quanto ao acréscimo: “*Nem por intermédio de um homem*”, era próprio aos apóstolos. Com efeito, Cristo não os chamara por intermédio de um homem, mas por si mesmo. Mas, por que não relembra o chamado, e diz: Paulo, chamado, não da parte dos homens, e faz menção do múnus apostólico? Porque todo o discurso versava sobre este assunto. Diziam que ele

tinha sido incumbido por homens, os apóstolos, deste ensino, e devia, portanto, segui-los. Entretanto Lucas declara que ele não havia recebido da parte dos homens, nesses termos: “Certo dia, enquanto celebravam o culto do Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: ‘Separai-me Barnabé e Saulo’” (At 13,2). Desse trecho se deduz ser igual o poder do Filho e o do Espírito, visto que, tendo sido enviado pelo Espírito diz-se ter sido enviado por Cristo. Declara o mesmo em outra parte, atribuindo o que é de Deus ao Espírito. Com efeito, falando aos anciãos em Mileto, disse: “Sede solícitos por vós mesmos e por todo o rebanho, do qual o Espírito Santo vos estabeleceu guardas para apascentar” (At 20,28); e em outra epístola: “E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas, em terceiro lugar, pastores e doutores” (1Cor 12,28). Com isso, fala sem diferença e sem distinção, atribuindo o que é do Espírito a Deus, e de outro lado o que é de Deus ao Espírito.

Polêmica antiariana

Além disso, tapa a boca dos hereges,² ao dizer:

Por meio de Jesus Cristo e de Deus Pai.

De fato, visto que dizem que esta expressão³ dá ao Filho uma dignidade inferior, vê o que faz. Antepõe-na ao vocábulo de Pai, ensinando-nos a não estabelecermos leis para a natureza inefável, nem delimitarmos a medida da divindade entre o Pai e o Filho. Com efeito, ao dizer: “*Por meio de Jesus Cristo*”, acrescentou: “*E de Deus Pai*”. De fato, se tivesse feito somente menção do Pai ao declarar: “*Por meio do qual*”⁴ talvez raciocinassem que se adapta ao Pai a locução: “*Por meio do qual*”, porque as obras do Filho se referem a ele; mas aqui a menção simultânea do Filho e do Pai, e tendo falado em comum de ambos, não deixa lugar para tal raciocínio. Nem o faz porque refere ao Pai o que é próprio do Filho, mas para manifestar que esta expressão não introduz diferença alguma de natureza. O que dirão os que do batismo deduziram um grau inferior, porque se batiza em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo? Acaso é inferior o Filho porque é colocado depois do Pai, se o Apóstolo aqui tendo começado por Cristo chega ao Pai? O que haverão de dizer? Mas não blasfememos. Não nos aconteça que, ao lutarmos com eles, nos afastemos da verdade; ao contrário, mesmo se eles milhares de vezes enlouquecerem, devemos nos manter nos limites da verdade. Assim como não afirmaremos que o Filho é maior do que o Pai, uma vez que Paulo o mencionou em primeiro lugar, pois seria extrema loucura e impiedade, assim nem aqui, visto que o Filho é posposto ao Pai, devemos julgar que o Filho é menor do que o Pai.

O benefício divino que o ressuscitou dentre os mortos.

O que fazes, Paulo? Quando queres levar os judaizantes à fé, porque não apresentas aqueles grandes feitos, conforme fizeste, ao escreveres aos filipenses? “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente” (Fl 2,6); igualmente o que, ao escrever aos hebreus, exclamaste: “É ele o resplendor de sua glória, e a expressão do seu Ser” (Hb 1,3); e ainda o que no Prólogo do evangelho fez ressoar o Filho do trovão: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). Além disso, Jesus proferiu frequentemente diante dos judeus que tinha o mesmo poder que o Pai, e a mesma faculdade de operar. Nada disso enuncias, mas, omitindo tudo isso, fazes menção do plano da encarnação, destacando a cruz e a morte. Sim, replicas. Se falasse a homens que nada de grande concebesssem a respeito de Cristo, seria justo referir-se àqueles grandes feitos, mas como eles se revoltam contra nós porque pensam que serão castigados se abandonarem a Lei, por isso menciono o que exclui toda necessidade da Lei, a saber, comemoro a

munificência de Deus conferida a todos pela cruz e ressurreição. De fato se tivesse dito: No princípio era o Verbo, e que era de condição divina e o fizesse igual ao Pai etc.; declarando a divindade do Verbo, em nada contribuiria para o assunto de que se trata. Mas a afirmação: “*Que o ressuscitou dentre os mortos*” adverte acerca do sumo benefício que Cristo nos conferiu, o que não pouco contribui para a questão proposta. Muitos homens não costumam dar tanta atenção ao que se refere à majestade de Deus, quanto à manifestação de sua beneficência relativamente aos homens. Por isso, omitindo tal menção, trata dos benefícios que nos foram conferidos.

Ainda contra os arianos

Mas, então os hereges atacam, dizendo: Eis que o Pai ressuscita o Filho. Por isso, uma vez corrigidos da loucura pelo Apóstolo, eles se tornam surdos diante daqueles dogmas sublimes. Se foi afirmado algo de mais humilde ou a respeito da encarnação, ou por causa da devida honra ao Pai, ou por algum outro plano divino, separam este versículo e expondo-o isoladamente, prejudicam-se a si mesmos (não diria que é à Escritura). De bom grado lhes pergunto: Por que dizem tais coisas? Acaso porque se empenham em mostrar que o Filho é fraco, e não é bastante idôneo para ressuscitar um só corpo? Ora, a fé nele fez com que até a sombra dos que nele acreditavam ressuscitasse os mortos (cf. At 5,15). Os que nele criam, homens mortais, portanto, somente com a sombra dos corpos de argila que possuíam, e os mantos que revestiam estes corpos, ressuscitavam mortos, e ele próprio não pôde ressuscitar a si mesmo? Não é evidente loucura, sumo delírio? Não ouves o que ele diz: “Destruí este templo, e em três dias o levantarei” (Jo 2,19), e ainda: “Tenho poder de entregar a minha vida e poder de retomá-la” (Jo 10,18)? Por que motivo, então, se diz que o Pai o ressuscitou? Ele o ressuscitou do mesmo modo que se diz que faz outras obras que o Filho faz.⁵ Na verdade, isso é para prestar ao Pai a honra que lhe é devida, e por causa da fraqueza dos ouvintes.

2. e todos os irmãos que estão comigo,

Por que razão não apõe este acréscimo nas outras epístolas? Com efeito, nelas ou coloca apenas seu nome, ou dois ou três; nesta, contudo, coloca toda a multidão e por isso a nenhum cita nominalmente. Por que age desta maneira? Acusavam-no de sozinho pregar estas doutrinas e de introduzir novos dogmas. Querendo afastar esta suposição, e mostrar que tinha muitos companheiros nesta opinião, congrega irmãos, assinalando que escrevia de acordo com o parecer deles.

às Igrejas da Galácia.

Não foi somente numa cidade, nem em duas ou três, mas em toda a nação dos gálatas que o incêndio deste erro se propagara. Vê a intensa indignação do Apóstolo. Não disse: Caríssimos, nem: Santificados e sim: “*Às Igrejas da Galácia*”. Era sinal de grande aborrecimento e de sua dor não chamá-los com um apelativo amigável, nem respeitosamente com o próprio nome, mas somente pelo da assembleia. E não aditou: Igrejas de Deus, mas disse simplesmente: “*Às Igrejas da Galácia*”. Embora em outra passagem no próprio prefácio logo se apressa a reduzir à concórdia o dissídio entre eles; por isso, colocou o nome de Igreja, incutindo-lhes pudor e impelindo-os à unidade. De fato, os que se dividem em vários partidos não podem de forma alguma receber este nome; na verdade, o nome de Igreja é denominação de concórdia e unanimidade.

3. Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo,

Em toda parte de forma obrigatória emprega esta saudação, principalmente agora, escrevendo aos gálatas. De fato, como estavam em perigo de perder a graça, deseja-lhes esta restauração; e visto que eles se haviam tornado inimigos de Deus, suplica a Deus que os reconduza a esta mesma paz.

“*Deus nosso Pai.*” Por esta passagem de novo facilmente os hereges são apanhados. Pois afirmam que João no Prólogo dos evangelhos, ao dizer: “E o Verbo era Deus” (Jo 1,1) dizem que a palavra Deus encontra-se sem o artigo, para induzir que a divindade do Filho é menor; e Paulo, ao declarar que o Filho se acha na condição de Deus, não falou do Pai, porque aí também o nome de Deus não tem artigo.⁶ O que diriam, quando o próprio Paulo assim se exprime, não *apo tou Theou*, isto é, de Deus, com artigo, mas *apo Theou patros*, isto é, de Deus Pai, sem artigo? Neste trecho chama o Pai de Deus, não para adulá-los, mas severamente arguindo, e rememorando a causa por que se tornaram filhos. Não foi pela Lei, mas pelo batismo da regeneração que alcançaram esta honra. Por isso aqui e ali nos próprios inícios espalha os vestígios da benevolência divina, não dizendo apenas: Sois servos, sois inimigos e estranhos, como ousais chamar a Deus de Pai? Acaso a Lei vos concedeu esta afinidade? Por que, abandonando aquele que vos levou a esta proximidade, novamente passais para o lado do pedagogo? Não somente o nome de Pai, mas a denominação de Filho bastavam para declarar a munificência de Deus para com eles. Na verdade, o nome do Senhor Jesus Cristo, se for diligentemente examinado, manifesta todos os benefícios de Deus. Com efeito, Jesus assim é chamado, “pois ele salvará o seu povo dos pecados” (Mt 1,21). O título de Cristo, porém, traz à memória a unção do Espírito.

4. *que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados*

Vês que não desempenhou um ministério servil, nem forçado, nem foi entregue por alguém, mas ele mesmo se entregou. Por isso, ao ouvires João dizer que o Pai deu por nós seu Filho Unigênito (Jo 3,16), não diminuas a dignidade do Unigênito, nem suspeites algo de simplesmente humano a respeito dele. Embora se diga que o Pai o entregou, não debes imaginar um ministério servil, mas entendas que isso aprovou ao Pai, conforme Paulo o manifesta: *segundo a vontade de Deus, nosso Pai*,

Não disse: Segundo o preceito, e sim: “*Segundo a vontade*”. Efetivamente, sendo uma a vontade do Pai e do Filho, o que o Filho quis, igualmente quis o Pai. “*Pelos nossos pecados.*” Estávamos envolvidos em inúmeros males, e condenados ao extremo suplício. Ora, a Lei não só não nos libertava, mas também condenava, de sorte a manifestar melhor o pecado, sem poder libertar, nem acalmar a ira de Deus. O Filho de Deus, porém, tornou possível o impossível, apagando os pecados, colocando no lugar de amigos os inimigos e outorgando mil outros bens.

Polêmica antimaniqueia

Depois diz:
a fim de nos livrar do presente mundo mau,

Novamente outros hereges⁷ arrebatam esta palavra, condenando a vida presente, e alegando para isso o testemunho de Paulo. Eis, dizem, que ele chama o presente século de mau. Mas, dize-me, por favor. O que é o século? O tempo dividido em dias e horas. Como? Acaso o espaço dos dias é mau? Ou o curso do sol? Ora, ninguém jamais o dirá, mesmo se chegar à extrema loucura. Na verdade, replicas, não disse que o tempo é mau, mas a vida presente. Ora, não é o que revelam as palavras de Paulo; não te detinhas nas palavras, com as quais teces a acusação desta vida, cortando o caminho da interpretação. Certamente nos deixas a interpretação das palavras, tanto mais que são piedosas e razoáveis. O que diremos, portanto? Que mal algum pode ser jamais causa do bem, enquanto esta vida, de fato, é causa de inúmeras coroas e de tantos prêmios. Por isso o bem-aventurado Paulo a louva em grau sumo, falando deste modo: “Mas se o viver na carne me dá ocasião de trabalho frutífero, não sei bem o que escolher” (Fl 1,22). Diante da escolha que se propõe entre viver na terra ou partir e estar

com Cristo, considera melhor permanecer aqui. Se a vida fosse má, de forma alguma ele o diria a respeito de si, e nenhum outro poderia abusar dela em vista da virtude, apesar do máximo empenho. Ninguém jamais pode empregar o mal visando ao bem, nem a luxúria para a boa conduta, nem a inveja para a benevolência. E quando Paulo escreve a respeito do desejo carnal que não se submete à lei de Deus, nem o pode (Rm 8,7), afirma que o mal, enquanto permanecer tal, não pode ser virtude. Por conseguinte, ao ouvires dizer que o século é mau, subentende as más ações, o propósito corrompido. Cristo não veio para nos matar e retirar da vida presente, mas a fim de que, deixando-nos no mundo, nos tornasse dignos de viver nos céus. Por isso também se dirige ao Pai nesses termos: “Eles permanecem no mundo e eu volto a ti”, e ainda: “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno” (Jo 17,11; 15), isto é, da malícia. Se não concordas com essa interpretação, mas ainda enuncias que esta vida é má, não incrimines os que se suicidam. Pois quem se subtrai dos males não merece condenação, mas coroa; assim não seria justo ser incriminado aquele que por morte violenta, pela força ou outros modos tira a própria vida, segundo vossa opinião. Entretanto Deus os pune como homicidas, e nós todos os detestamos, e com razão. Se não é permitido matar os outros, muito pior é suicidar-se. Se esta vida fosse má, os homicidas deviam ser coroados, porque nos livram da maldade. Além disso, os que o afirmam, combatem a si próprios. De fato, como pregam que o sol é deus, e conjuntamente a lua, e prostram-se diante deles como sendo autores de muitos bens, contradizem-se a si mesmos. Estes e os demais astros, que sustentam os corpos, brilham com esplendor e produzem abundantes frutos, são úteis apenas para a vida presente, e esta, na opinião deles, é má. Como, então, esses pretensos deuses contribuem para o funcionamento desta vida má? Mas, os astros não são deuses, de forma alguma, e sim obras de Deus para nossa utilidade, nem o universo é mau. Se me lembrares os homicidas, os adúlteros e violadores de sepulcros, nada disso pertence à vida presente; estes pecados não pertencem à vida que levamos na carne, mas dependem de uma vontade perversa. De fato, se fossem peculiares à vida presente, a ela coligados de certo modo, ninguém estaria livre nem isento. Vê que ninguém pode escapar dos atos peculiares a esta vida. Quais? Comer, beber, dormir, crescer, ter fome, ter sede, nascer, morrer etc. Ninguém jamais ultrapassou estas realidades, nem o pecador, nem o justo, nem o rei, nem o plebeu, mas todos estamos sujeitos às necessidades da natureza. De igual modo, se pertencesse à condição natural perpetrar crimes, ninguém disto escaparia como também não daquilo. Nem me digas que raros são os que vivem retamente. Não encontrarás, absolutamente, quem jamais esteja acima das necessidades naturais. Por conseguinte, enquanto se encontrar um só que se destacar nas virtudes, fica ileso nosso raciocínio. O que dizes, mísero e infeliz? Acaso é má esta vida, na qual conhecemos a Deus, em que refletimos acerca dos bens futuros, na qual de homens nos tornamos anjos, e podemos participar do coro das Virtudes celestes? E que outra prova, enfim, buscaremos de vossa mente má e perversa?

Por que, então, Paulo afirma que o século presente é mau? Com efeito, exprimiu-se do modo habitual, como nós também costumamos falar: Tive um mau dia; mas, ao proferi-lo, não culpamos o tempo, e sim as ações e as circunstâncias. Da mesma forma, Paulo, condenando a má vontade dos homens, usou este modo habitual de falar, mostrando que Cristo nos libertou dos pecados anteriores, e no futuro nos porá em segurança. Em primeiro lugar o exprime, ao dizer: “*Que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados*” e após, ao acrescentar: “*A fim de nos livrar do presente mundo mau*”, manifesta proteção no futuro. Pois a Lei, na verdade, era fraca diante de um destes bens, a graça, porém, é poderosa para ambos.

Antiga e nova Aliança

Por isso adita: “*Segundo a vontade de Deus, nosso Pai*”. Uma vez que eles julgavam que não

cultuavam a Deus porque ele ordenara a observância da Lei, e temiam perder-se ao abandonarem a Lei Antiga e avançarem para a Nova, o Apóstolo corrige essa opinião, assegurando que esta última também é agradável ao Pai. E não disse simplesmente: Pai, e sim: “*Nosso Pai*”, e o repete frequentemente, incutindo-lhes pudor, ao mostrar que Cristo fez com que seu Pai se tornasse nosso Pai.

5. *a quem a glória pelos séculos. Amém.*

Isso é novo e extraordinário. Jamais encontramos no início das epístolas a palavra: “*Amém*”, mas ele costuma acrescentá-la somente precedida de muitas palavras. Ora, aqui colocou este exórdio para destacar que o que fora dito continha bem evidente acusação aos gálatas e que o discurso era perfeito e consumado. De fato, os crimes manifestos não precisam de muitos comprovantes. Após ter-lhes lembrado a cruz e a ressurreição, a remissão dos pecados, a futura proteção, a vontade do Pai, o conselho do Filho, a graça, a paz, enfim todos os dons, encerra o discurso com a doxologia. De fato, não foi o único motivo por que assim agiu, e sim porque admirava sobremaneira a grandeza do dom e a imensidade da graça, e ponderava consigo mesmo o que Deus nos fez enquanto éramos tais, e isto totalmente num instante e de repente. Como não conseguia expressá-lo, encerra o discurso com a glorificação, que, apesar de insuficiente, era à medida de suas forças, emitida em vez de todo o orbe. E por isso em seguida emprega palavra de estímulo, intensamente inflamado com o pensamento dos benefícios de Deus. Tendo dito: “*A quem a glória pelos séculos. Amém*”, começa com uma repreensão mais severa, nesses termos:

6. *Admiro-me de que tão depressa abandoneis aquele que vos chamou pela graça de Cristo, e passeis a outro evangelho.*

Uma vez que eles julgavam que, pela observância da Lei, agradavam ao Pai, conforme também pensavam os judeus quando perseguiam a Cristo, em primeiro lugar ele demonstra que, ao agirem deste modo, ofendem a Cristo, e ainda ao Pai. Com tais ações vos afastais não somente de Cristo, afirma, mas também do Pai. Com efeito, o Antigo Testamento não se refere somente ao Pai, mas também ao Filho; igualmente a graça não é só do Filho, mas também do Pai, e tudo é comum entre eles: “Tudo o que o Pai tem é meu” (Jo 16,15). Ao dizer, portanto, que eles se apartaram do Pai, atribui-lhes dupla culpa, a saber, que se afastaram, e o fizeram rapidamente. Ora, o contrário também merecia repreensão, isto é, se eles se apartassem após muito tempo; mas aqui se trata da impostura. Na verdade, é merecedor de repreensão quem se aparta depois de muito tempo, mas quem cai na primeira investida e no próprio lançamento das setas, oferece um exemplo de extrema tolice. Com tal nome ele os acusa, dizendo: Por que os vossos sedutores nem de espaço de tempo precisam, mas basta-lhes o primeiro acesso para vos subverter e captar? Que perdão podeis impetrar? De fato, se este crime fosse cometido contra amigos, e se aquele que abandonou os primeiros amigos úteis e necessários seria digno de condenação, pondera o suplício que merece quem foge do chamado de Deus. Quando diz: “*Admiro-me*”, não apenas os envergonha porque após tanta munificência, após tamanho perdão dos pecados, após imensos cuidados humanitários, acorrem ao jugo da servidão, porém simultaneamente mostra-lhes a opinião que formou a seu respeito, a saber, grande e excelente. Pois, se julgasse que eram do número dos homens vulgares, e daqueles que facilmente se deixam impor, de forma alguma se admiraria do que acontecera. Mas, assegura: Visto que sois do número dos homens sinceros, e dos que suportaram muito trabalho, fico admirado. Bastava isso para recuperá-los e reconduzi-los ao estado primitivo, conforme no meio desta epístola ele assevera: “*Foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se de fato foi em vão!*” (Gl 3,4) *Passeis*. Não disse: Fostes transferidos, e sim: “*Passeis*”. Isto é: Ainda não acredito, não julgo que a impostura foi completa. De

novo se esforça por chamá-los à ordem. Tendo assim declarado, acrescenta: “*Eu confio em vós que não pensais diversamente*” (Gl 5,10). “*Aquele que vos chamou pela graça de Cristo*”. O chamado vem do Pai, mas a causa do chamado é do Filho, pois foi ele quem nos reconciliou, que nos fez o dom e não foi pelas obras da justiça que fomos salvos. Ou antes, aquelas coisas são do Pai e estas de Cristo, pois: “E tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu” (Jo 17,10). E não disse: Fostes transferidos do evangelho; e sim: “*Por Deus que vos chamou*”. Assegura aqui o que era horrível de se dizer e mais apto a causar medo. De fato, os que procuravam seduzi-los, não o faziam totalmente, mas aos poucos os retiravam, sem mudar de nome. Pois é próprio da fraude do diabo não armar laços descobertos. Com efeito, se dissessem: Afastai-vos de Cristo, os gálatas os evitariam, enquanto impostores e corruptores; mas deixando-os de certo modo permanecer na fé e tecendo a fraude sob o nome de evangelho, facilmente perfuravam a construção, isto é, segundo o que disse, velando sob estes nomes os perfuradores de paredes.

Os marcionitas e os evangelhos

Considerando que eles denominavam sua fraude de evangelho, o Apóstolo arma a luta também contra o nome e age com ousadia, dizendo: “*A outro evangelho*”,

7. Não que haja um outro,

Muito bem! Na verdade, não existe outro. Todavia, como sucede aos doentes que encontram um alimento mais saudável, assim acontece aqui aos marcionitas,⁸ que se apossaram do que é dito aqui e asseguravam: Eis que Paulo também disse que não há outro evangelho. Eles não aceitam todos os evangelistas, mas apenas um, o qual, contudo, mutilaram e misturaram, a seu arbítrio. O que Paulo quer dizer quando declara: “Segundo o meu evangelho e a mensagem de Jesus Cristo” (Rm 16,25)? São, de fato, ridículas as asserções deles; embora sejam ridículas, importa, contudo, refutá-las por causa daqueles que facilmente se deixam enganar. O que diremos, portanto? Que mesmo se forem milhares os que escrevem evangelhos, contanto que escrevam a mesma coisa estabelecem um só evangelho, e a multidão dos escritores não obsta a que seja um só evangelho. Ao invés, se um só escrevesse o contrário, não seria um só o escrito. Para ser um só, não se calcula o número dos escritores, mas se é idêntico ou diverso o que está escrito. Daí se deduz que os quatro evangelhos constituem um só evangelho. Pois, se são quatro que falam a mesma coisa, não são diversos devido à diferença das pessoas, mas um só pela consonância dos que falam. Nem Paulo aqui trata do número, mas da dissonância do que é dito. Por conseguinte, se segundo a força dos escritos e a exatidão dos dogmas um é o evangelho de Mateus, outro o de Lucas, com razão a eles se aplica esta palavra; se ao contrário é um só e o mesmo, desistam eles de proferir inépcias, simulando ignorar o que até às crianças é notório.

Preservar a verdade de toda alteração

Mas há alguns que vos estão perturbando e querendo corromper o evangelho de Cristo.

Isto é, não conhecereis outro evangelho, enquanto tiveres um julgamento correto, enquanto não for distorcida tua visão, imaginando o que não existe. Como o olho turvo vê uma coisa por outra, assim a mente perturbada pela confusão de maus pensamentos costuma padecer o mesmo. Por isso os que estão loucos imaginam uma coisa por outra. Na verdade, esta loucura é mais perigosa do que aquela, porque não ocasiona prejuízo a respeito das coisas sensíveis, mas das inteligíveis, não danifica a pupila dos olhos corporais, mas subverte os olhos do espírito. “*Querendo corromper o evangelho de Cristo.*” Ora, eles introduziram um ou outro preceito, restabelecendo só a circuncisão e a observância

dos dias. Mas, para indicar que um pequeno erro corrompe o todo, Paulo diz que corrompe o evangelho. Se alguém apagar um pouco a figura impressa numa moeda régia falsifica a moeda inteira; assim quem corromper a mínima partícula da fé ortodoxa, estraga o todo, e deste início procede a erros piores.

Onde estão os que nos condenam como contenciosos, porque disputamos com os hereges? Onde estão os que murmuram que não há diferença entre nós e eles, mas que a discórdia provém da ambição de poder? Ouçam o que Paulo diz, a saber, que corromperam o evangelho os que reintroduziram uma pequena novidade. Seria pequena pregar que o Filho de Deus é criatura? Ou não ouviste que aquele que no Antigo Testamento apanhara lenha no sábado, transgredindo um único mandamento que não era o máximo, sofreu o pior castigo? E Oza que sustentou a arca que inclinara um pouco, morreu imediatamente (2Sm 6,7), por ter usurpado um ministério que não lhe competia? Por conseguinte a violação do sábado e só o contato com a arca que se inclinara provocaram tamanha indignação em Deus que os que haviam ousado agir deste modo não conseguiram o mínimo perdão, quem transgredir agora estes ensinamentos veneráveis e inefáveis, terá desculpa e conseguirá o perdão? Não é possível, não é. A causa de todos os males consiste em que não nos importamos com estas coisas pequenas. Por isso cometeram os crimes maiores porque os menores não encontraram a adequada correção. Como relativamente aos corpos, os que negligenciam cuidar das feridas, contraem febre, gangrena e por fim advém a morte, assim, em relação às almas, os que menosprezam as coisas pequenas acarretam as grandes. Aquele homem, diz-se, resvalou quanto ao jejum, o que não importa; um outro tem a verdadeira fé, mas disfarça por oportunismo e renuncia à ousadia de confessar; nem isso é grave. Um outro, irritado, ameaçou abandonar a fé verdadeira; nem este merece castigo, replicas, porque pecou num movimento de ira e furor. Encontram-se diariamente pecados desta espécie cometidos nas Igrejas. Por esse motivo, tornamo-nos ridículos diante dos judeus e dos gentios, enquanto a Igreja se divide em mil partes. Com efeito, se desde o início fosse empregada conveniente admoestação aos que se entregavam à transgressão dos preceitos divinos e tentavam fazer um pouco além do que é devido, não teria aparecido de forma alguma esta peste, nem haveria irrompido tão grande tempestade nas Igrejas. Vê como Paulo chama a circuncisão de subversão do evangelho.

Contra os costumes judaicos e pagãos

Agora, porém, existem muitos entre nós que jejuam no mesmo dia que os judeus, que de modo semelhante observam os sábados; e suportamos generosamente, ou antes, miseravelmente. E por que falar das observâncias judaicas? Dentre os nossos alguns guardam costumes pagãos, observam presságios, voos de aves, dias e símbolos, superstições sobre os nascimentos e letras cheias de toda impiedade, que para seu grande mal são impostas na cabeça das crianças recém-nascidas, ensinando-lhes desde o começo a rejeitar o zelo na aquisição das virtudes e sujeitando-as à tirania do destino falaz. Se Cristo não é de proveito algum aos que se circuncidam, o que adiantará a fé para a salvação destes, contra os quais tantos males investem? Entretanto a circuncisão fora dada por Deus; mas como causava dano ao evangelho, quando observada fora do tempo oportuno, Paulo fez o possível por abolí-la. Além disso, como Paulo tinha tanto empenho em abolir os costumes judaicos, porque obsoletos, nós nem os hábitos pagãos cortaremos? Que escusa teremos? Por estas razões, nossas vidas acham-se envolvidas em tumulto e agitação, e os que deviam ser discípulos, inchados de soberba, subverteram a ordem e tudo se acha revolucionado. Se alguém os acusar, mesmo levemente, cospem com desprezo contra os chefes, porque os educamos mal. Ora, mesmo se os que governam fossem ímprobos e estivessem repletos de milhares de vícios, nem assim o discípulo teria o direito de desobedecer. De fato, se foi dito que deviam os discípulos ouvir os doutores judeus, em consideração de se sentarem na

cátedra de Moisés (Mt 23,1), embora suas obras estivessem tão viciadas que o Senhor tinha ordenado aos discípulos que não os invejassem, nem imitassem, que desculpa merecem os que, cuspidos, menosprezam e conculcam os chefes da Igreja que vivem discretamente, por graça de Deus? Se não é permitido julgar o próximo, quanto mais proibido será julgar os doutores?

Sabedoria de Paulo

8. *Entretanto, se alguém – ainda que nós mesmos ou um anjo do céu – vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema.*

Vê a prudência do Apóstolo. A fim de que não se replicasse que ele se vangloriava com ensinamentos próprios, anatematiza-se a si próprio. Além disso, como eles recorriam às autoridades, Tiago e João, ele menciona os anjos. Declara: Não me fales de Tiago e João. Mesmo se algum dos principais anjos descer do céu, alterando a pregação do evangelho, seja anátema. Não mencionou em vão: “Do céu”, porque os sacerdotes também são denominados anjos (“Porque os lábios do sacerdote guardam o conhecimento, e de sua boca procura-se ensinamento: pois ele é o mensageiro do Senhor dos exércitos” [Ml 2,7]); para que ninguém julgasse tratar-se dos anjos, a locução de acréscimo: “Do céu”, assinalava as Virtudes do alto. E não disse: Se anunciarem o contrário, ou corromperem todo o evangelho, mas: Se anunciarem algo de diferente do evangelho que recebestes, ou se eliminarem algo, seja anátema.

9. *Como já vo-lo dissemos, volto a dizê-lo agora:*

Ele repete, a fim de não julgares que estas palavras eram provenientes de ira, ou constituíam uma hipérbole, ou escaparam furtivamente. De fato, quem profere algo emocionado, costuma logo arrepender-se do que disse, mas quem repete duas vezes, manifesta que falou com perfeito juízo e que a sentença primeiro foi decidida e aprovada inteiramente e por fim pronunciada. Quando a Abraão foi pedido que enviasse a Lázaro, respondeu: “Eles têm Moisés e os Profetas. Se não os escutam, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão” (Lc 16,29.31). O próprio Cristo apresenta Abraão a falar desta maneira, declarando que quer maior fé nas Escrituras do que em mortos ressuscitados. Paulo, contudo (quando menciona Paulo, de novo estou citando a Cristo, pois era ele quem orientava a mente do Apóstolo), antepõe as Escrituras até a anjos que descessem do céu, e com muita razão.

Com efeito, os anjos, por maiores que sejam, no entanto são servos e ministros; as Escrituras todas, contudo, foram escritas e nos foram remetidas, não por servos, mas pelo Senhor Deus do universo.

A apologia de Paulo

Por este motivo ele diz: “*Se alguém vos anunciar um evangelho diferente*” daquele que vos anunciamos. Não disse: Este ou aquele, mas de forma muito prudente, desapaixonada. Que necessidade havia de citar nomes, depois de empregar palavras tão sublimes que abrangiam os seres do céu e da terra? Tendo anatematizado evangelistas e anjos, circunscrevia todas as dignidades; proferindo anátema contra si mesmo, incluía todos os parentes e conhecidos. E não digas, recomenda ele, que teus colegas e companheiros no apostolado assim se exprimem; nem a mim próprio perdoo se pregar doutrinas diversas. Não condena os apóstolos como prevaricadores da pregação evangélica, de forma alguma, dizendo: Se nós ou eles assim pregarmos, mas quer mostrar que não faz acepção de pessoas toda vez que a verdade está em causa.

10. *É porventura o favor dos homens que agora eu busco, ou o favor de Deus? Ou procuro agradar aos homens? Se eu quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo.*

Pois, embora vos enganasse ao falar assim, acaso conseguiria enganar capciosamente a Deus, que vê o íntimo da mente e que sempre me esforcei por agradar? Vês o espírito apostólico, vês a sublimidade evangélica? Na Epístola aos Coríntios exprime-se de modo idêntico: “Não nos recomendamos de novo junto a vós, mas desejamos dar-vos ocasião de vos gloriardes a nosso respeito” (2Cor 5,2), e ainda: “Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano” (1Cor 4,3). Sendo o doutor obrigado a se justificar perante os discípulos, ele se submete, mas com indignação, não, porém, com arrogância, de forma alguma. Em parte, por que os que foram seduzidos tinham espírito e opinião instável e em parte, porque suas próprias palavras tinham pouco crédito junto deles. Por isso utilizou mais ou menos as seguintes palavras: Acaso devo fazer-vos um discurso? Ou os homens devem julgar-me? Seremos julgados por Deus, e para termos ganho de causa naquele tribunal, tudo faremos e não somos tão infelizes que, tendo de prestar contas ao Senhor do universo acerca de nossa pregação, ousamos corromper os ensinamentos do evangelho.

Por conseguinte, de um lado, foi para se desculpar, de outro, a fim de estimulá-los que utilizou estas expressões. Não convinha que os discípulos julgassem os preceptores, mas deviam acreditar neles. Na realidade, porém, visto que a ordem foi invertida e agora vos comportais como juízes, ficai sabendo que não me preocupo muito com minha defesa perante vós, mas tudo fazemos por causa de Deus e a ele prestaremos contas de nosso ensinamento. Com efeito, quem procura agradar aos homens, age de maneira pérfida e perversa, utiliza fraude e mentira para persuadir e captar os ouvintes; ao invés, quem se dirige a Deus, procurando aprazer-lhe, deve ter a mente simples e pura, porque a Deus não se pode enganar. Daí se evidencia, assegura, que nós também não escrevemos desta forma por ambição de poder, nem por empenho em congregar discípulos, nem por captar de vossa parte glória e louvor. Não queremos agradar aos homens, e sim a Deus. Pois, se quisesse agradar aos homens, ainda estaria do lado dos judeus, ainda perseguiria a Igreja de Deus. De resto, quem menosprezou todo o povo, os familiares, os amigos, os parentes e tamanha glória em troca de perseguições, inimizades, lutas e perigos de morte cotidianos, manifestou suficientemente que aquilo que agora profere, não o diz por visar a louvor humano. Ele mencionou estas coisas porque estava para relembrar sua vida precedente e a repentina conversão, e demonstrar por provas irrefutáveis que estava do lado da verdade, a fim de não pensarem que ele assim agira para lhes prestar contas e se exaltarem. Por isso disse primeiro: *“É porventura o favor dos homens que agora eu busco?”* Ele sabia, de acordo com a ocasião, expressar-se de modo sublime e magnífico, para corrigir aqueles que instruía. Aliás, podia provar de outro modo que pregava o evangelho em verdade, isto é, por meio de prodígios, milagres, perigos, cárceres, perigos cotidianos de morte, fome, sede, nudez etc., mas como agora não se dirige aos falsos apóstolos, e sim a apóstolos que eram seus companheiros nesses perigos, ingressa por outro caminho para expor a causa. Além disso, quando intensifica o discurso contra os pseudoapóstolos, introduz uma comparação, apresentando a tolerância nos perigos e dizendo: *“São ministros de Cristo? Como insensato digo: muito mais eu. Muito mais, pelas fadigas; muito mais, pelas prisões; infinitamente mais, pelos açoites. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte”* (2Cor 11,23). Agora, porém, relembra sua vida anterior, dizendo:

11. *Com efeito, eu vos faço saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem,*

12. *pois eu não o recebi nem aprendi de algum homem, mas por revelação de Jesus Cristo.*

Observa como aqui e ali confirma que foi discípulo de Cristo, sem intervenção humana, mas o próprio Cristo por si mesmo se dignou revelar-lhe todo o conhecimento. E como, retrucam, se pode provar aos incrédulos que Deus por si próprio, sem intervenção humana, te revelou mistérios arcanos?

Comprova-o, responde ele, meu anterior estilo de vida; pois, se não fosse Deus quem revelasse, não teria mudado de repente. Com efeito, os que aprendem dos homens, apesar de serem de engenho agudo e ardente, se são transferidos para o lado contrário, precisam de tempo e muito exercício para se persuadirem. Mas, o que sofria de forte loucura e de repente volta a possuir mente sadia manifesta ter recebido uma visão e ensinamentos divinos, pelos quais recuperou de repente íntegra saúde. Por isso é obrigado a lembrar sua vida anterior, e cita-os quais testemunhas dos fatos. Vós, diz ele, não sabeis que o Unigênito Filho de Deus se dignou chamar-me ele próprio do alto dos céus; pois como podeis saber, se não estáveis presentes? Mas estais bem cientes de que fui perseguidor. Com efeito, até vós foi transmitida a notícia de meu furor, apesar da grande distância entre a Palestina e a Galácia; a notícia não teria se propagado tão longe, a não ser que o que acontecia entre nós fosse excessivo e intolerável a todos. Em consequência, diz:

13. *Ouvistes certamente da minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus,*

Vês como relembra os fatos com exagero, e não se envergonha de confessá-los? Não só perseguia, mas com todo vigor; nem somente perseguia, mas ainda combatera, isto é, esforçara-se por extinguir a Igreja, subverter, demolir, abolir, numa ação devastadora.

14. *e como progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas.*

Com o fito de não julgares que agisse por ira, mostra que fez tudo por zelo, embora não segundo a ciência; não perseguia, porém, por vanglória, ou ambição de vingança contra os que odiava, mas por zelo pelas tradições de seus maiores. É o seguinte o sentido do discurso: Se fiz algo contra a Igreja, não foi por ressentimento humano, mas por zelo divino, errôneo na verdade, zelo contudo. Como agora, que corro em favor da Igreja, tendo conhecido a verdade, agiria por vanglória? De fato, se tal paixão não me dominou no erro, mas foi o zelo por Deus que me impeliu, muito mais, depois de conhecer a verdade, devo estar livre de qualquer suspeita desta espécie. Com efeito, logo que me converti à doutrina da Igreja, desfiz-me totalmente das opiniões judaicas, e desenvolvi zelo muito maior aqui, o que assinala que me converti verdadeiramente e fui tomado de zelo divino. Se não fosse assim, o que, pergunto, poderia me persuadir a realizar tão grande mudança, e aceitar injúrias em troca de honras, perigos em troca de repouso, aflições em troca de segurança? Não havia outro motivo a não ser o amor da verdade.

O chamado de Deus

15. *Quando, porém, Deus que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem*

16. *revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, logo não consultei carne nem sangue,*

Vê que procura mostrar que na ocasião em que foi abandonado no erro, foi deixado nessa condição por oculto plano da divina providência. De fato, se desde o seio materno fora segregado para se tornar apóstolo, e ser chamado a este ministério, foi então chamado, porém, e logo que foi chamado, obedeceu. É claro que Deus por alguma causa oculta protelou até então. Qual era, então, este plano? Talvez ardentemente desejais desde o início ouvir por que não foi chamado com os doze apóstolos. De fato, para que eu não faça um sermão mais prolixo, deixando de lado o mais urgente, peço a vossa caridade que não queira tudo aprender de mim, mas por vós mesmos pesquiseis, pedindo a Deus que vo-lo manifeste. Embora também nós tenhamos falado sobre este assunto em outro lugar, ao dissertar

diante de vós acerca da mudança de nome de Paulo, e tivéssemos dito porque Deus deu a quem se chamava Saulo o nome de Paulo. Se esquecesteis, podeis verificar tudo isso naquele livro. Agora, não nos afastemos da sequência do sermão e consideremos como nada aconteceu à maneira humana, mas Deus dispusera segundo sua vontade, providenciando todas as coisas. “*Chamou por sua graça.*” Com isso declara que Deus mesmo o chamara por seu poder, pois disse a Ananias: “Este homem é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, dos reis” (At 9,15), isto é, ele é idôneo a desempenhar o ministério e uma atividade grandiosa. E o Apóstolo apresenta a causa do chamado, no entanto, sempre o atribuindo todo à graça de Deus e ao seu inefável amor aos homens, nesses termos: “Se por esta razão me foi feita misericórdia”, não que fosse capaz, nem idôneo, mas “foi para que em mim Cristo demonstrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para quantos nele hão de crer, para a vida eterna” (1Tm 1,16). Viste a extrema humildade? Consegui misericórdia a fim de que ninguém desespere a respeito de si próprio, uma vez que eu, o pior de todos os homens, alcancei a benignidade de Deus. Manifesta-o ao dizer: “Foi para que em mim Cristo demonstrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para quantos nele hão de crer”. “*Houve por bem revelar em mim o seu Filho.*” Em outra passagem diz o próprio Cristo: “Ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Lc 10,22). Viste que o Pai revela o Filho e o Filho revela o Pai? O mesmo acontece relativamente à glória. O Filho glorifica o Pai, e o Pai glorifica o Filho: “Glorifica-me, para que eu te glorifique” (cf. Jo 17,1.4), e ainda: “Como eu te glorifiquei”. Mas, por que não disse: Para me revelar seu Filho, e sim: “*Em mim*”? Falou desta forma para indicar que não só por palavras fora instruído na fé, mas também ficou repleto copiosamente do Espírito. De fato, a revelação iluminou-lhe a alma, e tinha Cristo a falar em si.

Origem divina do ministério apostólico de Paulo

“*Para que eu o evangelizasse entre os gentios.* Deus, portanto, fez com que não apenas acreditasse, mas também que fosse escolhido para o múnus apostólico. Assim, portanto, diz ele, revelou-me a si mesmo não só para que o conhecesse, mas ainda para levar seu conhecimento aos outros. E não disse simplesmente: Aos outros, mas: “*Para que eu o evangelizasse entre os gentios*”. Começa a tocar num ponto importante de sua defesa, que retira da pessoa dos discípulos. Não era igual para ele a necessidade de pregar aos judeus ou aos gentios. “*Imediatamente não consulte carne nem sangue.*” Subentende aqui os apóstolos, designando-os segundo a natureza. Mas se, de outro lado, aqui está se referindo a todos os homens, não queremos contradizer.

17. *nem subi a Jerusalém para junto dos que eram apóstolos antes de mim,*

Se alguém examinar por si mesmo estas palavras, parecer-lhe-á que transpiram grandiloquência excessiva, e está muito longe do espírito dos apóstolos. De fato, como ele apresenta sufrágio acerca de si próprio, nem confere com um outro sua opinião, parece ser vanglória. “Vês um homem sábio aos seus olhos? Espera-se mais do insensato do que dele” (Pr 26,2). “Ai dos que são sábios a seus próprios olhos e inteligentes na sua própria opinião!” (Is 5,21), e ainda o próprio Paulo: “Não vos deis ares de sábios” (Rm 12,16).

Efetivamente, quem tanto ouvira de outros preceitos desta espécie e os transmitira aos demais, não cairia nesta falha ele próprio. Já não me refiro a Paulo, mas a um homem qualquer. Com efeito, conforme disse, se examinada por si só esta palavra, pode ofender e abalar alguns dos ouvintes; se, porém, acrescentarmos a causa pela qual o Apóstolo assim se exprimia, todos haverão de aplaudir e admirar que deste modo tenha falado. Façamo-lo, portanto. Não devemos examinar as palavras isoladas, porque, do contrário, seguir-se-ão muitos erros; nem convém examinar o discurso por si, mas

pesquisar qual a mente do escritor. Em nossas dissertações, se não empregarmos este raciocínio, procurando conhecer a mente de quem fala, cometeremos muitos erros, e revolucionaremos tudo. E o que importam as palavras, se também relativamente aos fatos misturaremos tudo, a não ser que observemos esta regra? De fato, os médicos algumas vezes cortam e quebram ossos; frequentemente fazem o mesmo os ladrões. Não seria uma infelicidade não sermos capazes de distinguir entre um médico e um ladrão? Ainda, os homicidas e os mártires torturados são submetidos a idênticas dores, mas existe enorme diferença entre eles. Se não observarmos esta regra, jamais poderemos distinguir retamente. Consideraríamos homicida o próprio Elias, Samuel e Fineias; além disso, diremos que Abraão é assassino do filho, se ponderarmos simplesmente as ações, independentes da intenção com que eles agiram. Examinemos, portanto, a mente de Paulo ao escrever estas coisas e saberemos que meta se propusera, qual a sua atitude em relação aos apóstolos e entenderemos com que disposições escreveu. Não foi, na verdade, para desprezá-los e exaltar-se que falou aqui e anteriormente. Como o faria aquele que proferiu contra si próprio um anátema (Rm 9,3)? De fato, foi sempre para conservar a pureza do evangelho. Como os adversários da Igreja proclamavam que importava aderir aos apóstolos que não proibiam estas observâncias e de modo algum a Paulo que as vetava, e insensivelmente insinuar-se-ia o erro judaico, ele é obrigado a resistir vigorosamente, não por detração contra os apóstolos, mas empenhado em reprimir a insolência dos que se exaltavam de maneira indevida. Por isso diz: *“Não consultei carne nem sangue”*. Seria absurdo extremo que, instruído por Deus, depois fosse procurar comunhão com os homens. Pois quem aprende dos homens, certamente renova a comunhão com os homens; mas aquele a quem Deus se dignou dirigir sua santa palavra, instruí-lo e dar-lhe o tesouro da sabedoria, porque há de conferi-la com os homens? Seria mais justo que ele ensinasse os homens do que aprendesse deles. Por conseguinte o Apóstolo não o dizia por arrogância, mas para demonstrar a autoridade de sua pregação. *“Nem subi a Jerusalém para junto dos que eram apóstolos antes de mim”*. Visto que os adversários diziam aqui e ali que os outros apóstolos eram superiores a Paulo e que foram previamente chamados, afirma: *“nem subi para junto”* deles. Se ele devesse conferir com eles o evangelho, Cristo que por revelação lhe confiara o múnus de pregar, certamente lho teria ordenado.

Mas, então? Não subiu para lá? De fato subiu, e não apenas, mas para aprender algo junto deles. Quando? Quando na cidade de Antioquia, cuja Igreja, desde os primórdios apresentara singular zelo, surgiu a questão sobre o assunto de que se tratará agora.

Levantara-se a questão de saber se deviam ser circuncidados os que acreditssem dentre os gentios, ou se não deviam ser obrigados a se submeterem a tal. Nesta ocasião subiu o próprio Paulo, acompanhado de Silas. Como, então, afirma: *“Não subi”*. Não fui, não conferi? Em primeiro lugar porque ele não subiu espontaneamente, mas foi enviado por outros; em seguida, porque não foi para aprender algo, mas antes para persuadi-los. Com efeito, desde o começo fora do parecer, que posteriormente os apóstolos comprovaram, a saber, que não se deviam circuncidar. Além disso, uma vez que até aquele dia Paulo não lhes parecia idôneo a merecer crédito, mas antes atendiam aos que estavam em Jerusalém, ele subiu, não para saber o que antes não conhecia, mas para persuadir os contraditores, porque os que estavam em Jerusalém aderiram. Com efeito, desde o início percebera o que devia ser feito, e não precisava de mestre, mas o que os apóstolos haviam de decretar após muita discussão, ele considerava indubitável antes da discussão, por revelação celeste. Daí a declaração de Lucas de que Paulo fizera acerca do assunto longo e prolixo discurso diante deles antes de ir a Jerusalém (At 15,2). Mas, devido ao desejo dos irmãos, de também saber da parte dos apóstolos, subiu, não por sua própria causa, mas por causa destes irmãos. Se afirmou: *“Não subi”*, podemos explicar que não subiu no início da pregação, e quando subiu, não subiu para se informar. De fato, ele

indica ambas as coisas, nesses termos: “*Logo não consulte carne nem sangue*”. Não disse apenas: Não consulte, e sim: “*Logo*”. Se depois subiu, não foi para receber algo.

Fervor apostólico de Paulo

Mas fui à Arábia

Contempla o ânimo fervoroso. Esforçava-se por ocupar regiões até então não trabalhadas por ninguém, mas ainda incultas. Efetivamente, se permanecesse junto dos apóstolos, quando nada tinha a aprender deles, o ofício da pregação teria sido impedido. Eles deviam espalhar a palavra por toda parte. Por isso, esse bem-aventurado, cheio de ardor espiritual, logo empreendeu ensinar a homens bárbaros e bravios, assumindo um estilo de vida cheio de trabalhos e perigos.

Considera sua humildade. Tendo dito: “*Fui à Arábia*”, acrescentou: e voltei novamente a Damasco.

Não menciona suas boas obras, nem quais foram os que instruiu, nem quanto. Logo que foi batizado mostrou tanto zelo que não somente confundia os judeus, mas provocou tamanha ira da parte deles, quanto da parte dos gentios, que lhe armaram insídias e tentaram matá-lo. Tal não teria acontecido se não desse muito apoio aos fiéis. Sendo vencidos pelos ensinamentos, só restava que se voltassem para o recurso de matá-lo, o que, de fato, constituía evidente prova da vitória de Paulo. Mas Cristo não permitiu que o matassem, preservando-o para o anúncio do evangelho. Todavia, ele nada refere destes fatos. Assim tudo o que diz não é por ambição, nem por desejo de ser tido por maior do que os demais apóstolos, nem por se aborrecer por ser desprezado, mas porque receava que disso adviesse um obstáculo à pregação. Efetivamente, denomina-se a si mesmo de abortivo, o primeiro dos pecadores, o último dos apóstolos, e indigno deste nome (1Cor 15,8-9; 1Tm 1,15). E assim se expressava, apesar de ter trabalhado mais do que todos, o que constitui principal sinal de humildade. De fato, quando alguém está consciente de não possuir bem algum, fala de si mesmo com moderação, é honesto, não é humilde. Mas quem após tantas coroas assim se expressa, está ciente do que é modéstia. “*E voltei novamente a Damasco.*” Qual a probabilidade de que ele ali tenha estado? Desta cidade se narra que o etnarca, ao qual o rei Aretas confiara o governo, guardava a cidade para prender o santo. Era a máxima prova de que ele incomodava muito e vigorosamente os judeus. Mas nada disso relembra aqui; e nem noutra passagem o haveria mencionado, mas teria calado, a não ser que as circunstâncias exigissem o conhecimento desta história. Se, portanto, também aqui disse que partiu e voltou, nada mais acrescentou do que lá fora feito.

A visita a Pedro

18. *Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém para avistar-me com Pedro*

O que há de mais humilde do que ele? Após tantos e tão preclaros feitos, quando em nada precisava de Pedro, nem necessitasse de sua palavra, mas fruisse de igual honra (nada mais direi) subiu, contudo, como se procurasse um superior e mais velho, e a causa de sua longa viagem foi somente para ver a Pedro. Notas como lhes tributou a honra devida, e não só não se considerou melhor, mas nem mesmo igual? É o que evidencia a sua própria viagem. Agora muitos de nossos irmãos viajam para visitar homens santos; então Paulo, com o mesmo sentimento, foi visitar a Pedro, ou antes, fez o que continha maior humildade. De fato, os irmãos empreendem uma peregrinação para seu próprio proveito. O santo, contudo, não foi para aprender algo, nem para receber alguma correção, mas somente para ver e honrar a Pedro com sua presença. “*Subi para avistar-me com Pedro*”, diz ele. Não disse *idein*, isto é, para ver a Pedro, mas *istorēsai*, isto é, para ver e conhecer, conforme costumam falar os que visitam esplêndidas cidades para conhecê-las. De tal modo considera importante apenas o fato de vê-lo. Evidencia-se o mesmo pelos acontecimentos, porque, indo a Jerusalém, depois de já ter

convertido muitas nações, e após tantas realizações quantas nenhum outro, e estabelecesse a vida honesta na Panfília, na Licaônia, na Cilícia, e em todos os habitantes daquela parte do mundo e os levasse a Cristo, primeiro procura Tiago, com a maior humildade, como sendo o maior e mais venerando. Em seguida, aceita seus conselhos e concorda com ele contra os presentes. “Vês, irmão, como abraçaram a fé milhares de judeus. Raspa a cabeça, purifica-te” (cf. At 21,20.24). Paulo raspou a cabeça, e realizou todos os ritos judaicos. Quando não prejudicava o evangelho, era o mais humilde de todos; se via, porém, que esta humildade causava dano, não mais a empregava. Com efeito, já não se tratava de humildade, mas de prejuízo e estrago dos discípulos.

E fiquei com eles quinze dias.

Por conseguinte, o fato de ter viajado por causa de Pedro era prestar-lhe muitas honras e ter ficado tantos dias indica amizade e intensa caridade.

Nobreza e humildade de Paulo

19. *Não vi nenhum outro apóstolo, mas somente Tiago, o irmão do Senhor.*

Vê que teve maior amizade a Pedro, porque por sua causa empreendera a viagem, e demorou-se junto dele. Repito-vos isso constantemente e quero que guardeis na memória, de sorte que, se ouvirdes algo que pareça o Apóstolo ter dito contra Pedro, não tenhas suspeitas falsas. De fato, é por isso que ele assim se exprime, prevenindo, como ao dizer: “Eu enfrentei a Pedro” (cf. Gl 2,11). Não se julgue que estas palavras são de inimizade ou de rixa, pois ele o honra e ama mais do que a todos. Efetivamente, por causa de nenhum outro apóstolo narra que subiu a Jerusalém, mas somente por causa dele. “*Não vi nenhum outro apóstolo, mas somente Tiago.*” “*Vi*”, assegura, e não: Recebi dele uma instrução. Mas observa com que respeito o nomeia. Não disse simplesmente: Tiago, mas acrescentou respeitoso elogio: “*O irmão do Senhor*”, a tal ponto estava isento de inveja. De fato, se quisesse indicar de quem falava, poderia colocar outra nota e dizer: Tiago de Clopas, cognome usado pelo evangelista João (Jo 19,25). Mas não se exprimiu deste modo, porque considerava os títulos honoríficos dos apóstolos como seus, e uma honra para si próprio, e por isso o reverencia. Não o denominou desta forma, conforme disse; de qual, então? “*O irmão do Senhor.*” Ora, não era irmão do Senhor segundo a carne, mas assim era considerado; nem por isso deixou de dar-lhe o título honorífico. Aliás, Paulo muitas outras vezes demonstrou afeto sincero aos apóstolos, o que era, de fato, conveniente.

20. *Isto vos escrevo e vos asseguro diante de Deus que não minto.*

Notaste que brilha em tudo a humildade do santo? Como se comparecesse perante um tribunal e devesse ser castigado, procura justificar-se.

21. *Em seguida fui às regiões da Síria e da Cilícia.*

Após ter estado com Pedro. Novamente começa a narrar as lutas enfrentadas, sem tocar na Judeia, porque fora enviado aos gentios, ou porque não quisera edificar sobre o fundamento lançado por outros. Por isso, nem ao menos os visitara, o que se torna evidente pelas palavras subsequentes:

22. *De modo que, pessoalmente, eu era desconhecido às Igrejas da Judeia.*

23. *Apenas ouviam dizer: Quem outrora nos perseguia, agora evangeliza a fé que antes devastava,*

O que há de mais discreto do que ele? Pois, ao explanar o que se referia à acusação de si próprio, por exemplo, que perseguira a Igreja de Deus e a devastara, menciona-o com muito encarecimento, proclamando a sua vida passada; quanto ao que o ilustrava, passa por cima. Teria podido, se o quisesse, relembrar suas boas obras, mas nada disso narra e atravessa imenso oceano com uma única

palavra: “Fui às regiões da Síria e da Cilícia”, e: “Apenas ouviam dizer: Quem outrora nos perseguia, agora evangeliza a fé que antes devastava”, sem acréscimos. O que significa: “Eu era desconhecido às Igrejas da Judeia”? Fica ciente de que Paulo não pregou aos judeus a circuncisão, a tal ponto que não era pessoalmente conhecido deles.

24. e por minha causa glorificavam a Deus.

Pondera a regra de humildade de Paulo e com que exatidão a observa. Não disse: Admiravam-me, louvavam-me, surpreendiam-se, mas declarou que tudo era oriundo da graça, dizendo: “Por minha causa glorificavam a Deus”.

SEGUNDO CAPÍTULO

1. Em seguida, catorze anos mais tarde, subi novamente a Jerusalém com Barnabé, tendo tomado comigo também Tito.

2. Subi em virtude de uma revelação

A viagem de Paulo a Jerusalém

O Apóstolo afirmou que o motivo da primeira viagem foi estar com Pedro; quanto à nova subida, a causa foi uma revelação do Espírito.

E expus-lhes – em forma reservada aos que eram considerados notáveis – o evangelho que prego entre os gentios, não estivesse eu acaso correndo ou tivesse corrido em vão.

O que estás dizendo, Paulo? No início não querias conferir, nem durante três anos, e após catorze anos conferes, não acontecesse que estivesse correndo em vão? Ora, não teria sido muito melhor logo no início do que após tantos anos? Por que, então, corrias, se não tinhas a convicção de que não corrias em vão? E quem seria tão insensato que pregasse por tantos anos, ignorando que pregava corretamente? Já causa muita perplexidade dizer que subiu devido a uma revelação. É mais difícil, segundo dizia, do que o primeiro caso; seria conveniente que ele nos apresentasse a solução. Na verdade, se subisse espontaneamente, nem assim seria razoável, porque àquela santa alma não convinha tão grande loucura; verdadeiramente, foi ele mesmo que disse: “Quanto a mim é assim que corro, não ao incerto; é assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar” (1Cor 9,26). Se corres “não ao incerto”, como dizes: “Não estivesse eu acaso correndo ou tivesse corrido em vão”? Daí se conclui que, se subisse sem uma revelação, aconteceria o que costuma suceder aos insensatos, no entanto não seria tão absurdo, mas como a graça do Espírito o conduz, quem ousará suspeitar tal coisa? Pois, por esse motivo, ele acrescentou: “em virtude de uma revelação”, a fim de que ninguém antes da solução do problema o condenasse por insipiência, sabendo que não se tratava de ação humana, mas plano de Deus que predetermina muitos acontecimentos presentes e futuros. Qual foi enfim a causa dessa peregrinação? Como anteriormente ele subiu de Antioquia a Jerusalém, não por vontade própria (pois ele sabia muito bem que devia obedecer simplesmente aos preceitos de Cristo), mas desejando reconduzir à concórdia os dissidentes, de modo semelhante agora não precisou saber se tinha corrido em vão, mas queria convencer inteiramente os que o acusavam. Como eles tinham a respeito de Pedro e de João ótima opinião, e julgavam que os apóstolos entre si discordavam, porque Paulo pregava o evangelho sem a circuncisão, enquanto eles, ao contrário a permitiam, e com isso julgavam que Paulo agia contra a Lei e corria em vão, ele assegura: “Subi e expus-lhes o evangelho”, não para aprender algo, conforme declarou abertamente, mas para informar aos suspeitosos que eu não corro em vão. De fato, o Espírito que previra que tal contradição surgiria, cuidara de que Paulo subisse e conferisse. Por isso disse: “Subi em virtude de uma revelação”, e pelo mesmo motivo levou consigo

Barnabé e Tito, futuras testemunhas da pregação. “*E expus-lhes o evangelho que prego entre os gentios*, isto é, sem a circuncisão, “*em forma reservada aos que eram considerados notáveis*”. O que queria dizer com a expressão: “*Em forma reservada*”? Pois, quem procura corrigir doutrina comum, não é de forma reservada, mas em público que propõe. Paulo, contudo, não agiu desta maneira, porque não desejava aprender logo, ou corrigir-se, mas afastar a oportunidade dos que queriam enganar. Uma vez que em Jerusalém todos se escandalizariam se alguém transgredisse a Lei, se alguém proibisse a circuncisão, Tiago dizia: “Vês, irmão, como abraçaram a fé milhares? Ora, ouviram dizer de ti que ensinas os judeus, dizendo que não sigam a Lei” (cf. At 21,20-21). Uma vez que se escandalizariam, não pôde abertamente aceder e desenvolver a pregação, mas apresentou-se à parte com os que eram de outra opinião, na presença de Barnabé e Tito, a fim de que, perante os que o culpavam, se tornassem testemunhas idôneas, e nem mesmo aos apóstolos parecesse que a pregação de Paulo aos gentios fosse oposta, ou antes, que eles a confirmassem. Ao dizer, porém: “*Aos que eram considerados notáveis*”, não usa esta expressão para diminuir-lhes a grandeza; de fato, a respeito de si mesmo diz também: “Julgo que também eu possuo o Espírito de Deus” (1Cor 7,40). Com efeito, é próprio de quem fala com modéstia, não de quem quer negar. Desta forma também aqui diz: “*Os que eram considerados*”, unindo seu sufrágio ao geral.

3. Ora, nem Tito, que estava comigo e era grego, foi obrigado a circuncidar-se.

O que significa: “*E era grego*”? Era dos gregos, isto é, da raça que conserva o prepúcio. Não apenas eu assim preguei, mas também Tito, apesar de incircunciso, e que não foi obrigado a circuncidar-se. Era prova segura que eles não condenavam o que Paulo dizia e fazia. E o que é mais importante, quando os adversários urgiam, nem assim os apóstolos, cientes disso, ordenaram que se circuncidasse. Ele o declara:

4. Mas por causa dos intrusos, esses falsos irmãos

Quem são esses falsos irmãos? De fato, aqui surge uma questão difícil. Pois se os apóstolos permitiam a circuncisão, por que chamas de falsos irmãos os que, segundo o parecer dos apóstolos, ordenavam proceder assim? Em primeiro lugar, não é a mesma coisa ordenar que se faça e outra permitir o que se faz. Na verdade, quem ordena, faz cuidadosamente o que é necessário e importante; quem, contudo, embora não ordene, não proíbe quem o quiser, não concorda que é de fato necessário, mas faz determinada concessão. Por exemplo, Paulo o faz ao ordenar aos coríntios que de novo se unam os esposos com as esposas.

Condescendência de Paulo e dos apóstolos

Em seguida, para não julgares que o prescreve como lei, acrescentou: “Digo isto como concessão, e não como ordem” (1Cor 7,6), porque não era julgamento proferido com autoridade, mas concessão por causa da incontinência. Por isso diz: “Mediante a vossa incontinência” (1Cor 7,5). Se queres conhecer o parecer de Paulo, escuta o que diz: “Quisera que todos os homens fossem como sou” (1Cor 7,7), na continência. O mesmo sucede aqui. Os apóstolos não o concediam como defensores da lei, mas em atenção à fraqueza dos judeus. Aliás, se quisessem defender a Lei, não pregariam de um modo aos judeus e de outro aos gentios. Com efeito, se na realidade necessariamente devesse ser observada pelos infiéis, era evidente que também devia ser observada por todos os fiéis. Ao invés, se fosse decretado que nenhum dos gentios fosse incomodado por causa destas observâncias, é suficientemente claro que haviam permitido aos judeus por condescendência.

Ora, os falsos irmãos não agiam deste modo, mas queriam afastá-los da graça e novamente submetê-los ao jugo da servidão. É a primeira diferença entre os apóstolos e os falsos irmãos,

separados por grande distância. A segunda, era que os apóstolos assim procediam na Judeia, onde vigorava a Lei, enquanto os falsos irmãos o faziam em toda parte, e haviam atingido também todos os gálatas. Daí se evidencia que tal não acontecia para edificação, mas para revolucionar tudo. De um modo os apóstolos concediam a observância da Lei, de outro modo os falsos irmãos zelosamente cuidavam de que fosse praticada.

Que se infiltraram para explorar a liberdade que temos em Cristo Jesus,

Observa que, sob a denominação de exploradores, o Apóstolo definiu a guerra que eles promoviam. Com efeito, os exploradores não penetram senão intencionando que, conhecida a situação dos adversários, possam preparar fácil ingresso para devastar e conquistar; assim também eles atuavam, querendo reduzir os gálatas à antiga servidão. Daí se deduz que não foram idênticos os propósitos dos apóstolos e o deles, ou antes, inteiramente opostos. Os apóstolos, na verdade, concediam que se libertassem os poucos da servidão; eles, ao contrário, esforçavam-se por levá-los a uma servidão mais pesada. Por essa razão observavam, espiando atentamente em volta e curiosamente examinando quem era incircunciso, segundo Paulo revela nesses termos: “*Se infiltraram para explorar a liberdade que temos*”. Não manifestou as insídias tanto pelo vocábulo de exploradores quanto por terem entrado ocultamente e se intrometerem furtivamente.

5. aos quais não cedemos sequer um instante, por deferência,

Vê a nobreza e a força da locução. Não disse: Não cedemos pela palavra, e sim: “*Por deferência*”. Eles não procediam desta maneira para ensinar algo de útil, mas para submetê-los e levá-los à escravidão. Por conseguinte, cedemos aos apóstolos, não a eles.

Para que a verdade do evangelho fosse preservada para vós...

Queríamos confirmar por obras o que antes pregáramos por palavras, a saber, que: “Passaram as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova”, e: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura” (2Cor 5,17), e aos que se circuncidam, Cristo não traz proveito. Confirmando esta verdade, “*Não cedemos sequer um instante*”. Mas, logo visto que obstavam inteiramente às ações dos apóstolos e era possível que alguns dissessem: Como é, portanto, que eles ordenam estas coisas? Vê como sabiamente resolve esta objeção. Pois, não explica a verdadeira causa, por exemplo, que os apóstolos assim agiam por condescendência e segundo plano determinado, pois, do contrário, os ouvintes se teriam ofendido. Convém que ignorem a causa das determinações aqueles que recolherão proveito, porque se a causa dos fatos for patente, toda utilidade desvanecerá. Por isso, aquele que realiza a determinação, deve conhecer a causa do que se faz, mas os beneficiados devem ignorá-la. Para ficar mais claro o que digo, extraíamos um exemplo do próprio raciocínio. O próprio São Paulo que aboliu a circuncisão, quando devia enviar a Timóteo para ensinar aos judeus, primeiro o circuncidou (At 16) e depois o enviou.

Procedeu desta forma para que fosse mais bem recebido pelos ouvintes e entrou com a circuncisão para ab-rogá-la. Ora, ele e Timóteo conheciam a causa, mas não a manifestou aos discípulos. De fato, se soubessem que ele circuncidou na intenção de abolir a circuncisão, não ouviriam no início a palavra de Timóteo, e perder-se-ia todo o lucro, ao passo que esta ignorância trouxe-lhes o maior proveito. Enquanto eles julgavam que o Apóstolo assim atuava para observar a Lei, receberam com benevolência e afabilidade tanto o mestre quanto a doutrina. Após recebê-la, e instruídos aos poucos, afastaram-se das antigas observâncias, o que de forma alguma teria acontecido se desde o início conhecessem a causa. De fato, se soubessem, teriam se afastado; afastando-se, não teriam escutado; não escutando, perseverariam no antigo erro. Para evitá-lo, não lhes revelou a causa. Por conseguinte, nem aqui manifestou a causa da disposição, mas entrou por outro caminho, empregando as seguintes palavras:

6. E por parte dos que eram tido por notáveis – o que na realidade eles fossem não me interessa; Deus não faz acepção de pessoas –

Aqui não somente não desculpa os apóstolos, mas ainda incita vigorosamente os santos a serem úteis aos fracos. Quer dizer o seguinte: Se eles permitem a circuncisão, prestarão contas a Deus; pois não é por serem grandes e dignitários que Deus os acolherá. Entretanto, não o disse abertamente, mas com discrição. Com efeito, não disse: Se perturbam a pregação, anunciando coisas que não receberam ordem de pregar, sofrerão péssima sentença e castigo. Nada disso proferiu, mas parece que investe contra eles com mais respeito, dizendo: *“E por parte dos que eram tido por notáveis – o que na realidade eles fossem não me interessa”*. Não disse: O que na realidade são, e sim: *“O que na realidade eles fossem”*, apontando que eles já haviam desistido de pregar deste modo, visto que já por toda parte brilhava a pregação. De resto, a locução: *“E o que na realidade eles fossem”* indica: Se eles assim pregaram, prestarão contas. Não, porém, aos homens, mas a Deus.

Não o afirmava, como se duvidasse ou ignorasse com que intenção eles agiam, mas, segundo mencionei, porque julgava que convinha tratar da questão por esse caminho. Em seguida, para não parecer que os acusava de serem de partido contrário e daí se originasse a suspeita de dissídio, logo emenda: de qualquer forma, os notáveis nada me acrescentaram.

O que significa isso? Não sei, enuncia, o que dizeis. Sei com toda certeza, porém, que não se opuseram a mim, mas éramos unânimes e falávamos em uníssono. Declara-o, ao dizer: *“Estenderam-nos a mão”*. Ainda não afirmou, mas somente expôs que não ensinaram, não corrigiram, nada acrescentaram ao que eu já sabia. *“De qualquer forma, os notáveis nada me acrescentaram.”* Isto é, após tomarem conhecimento do que eu pregara, nada acrescentaram, nada corrigiram, apesar de saberem que viera a Jerusalém para me comunicar com eles. De fato, fora segundo a revelação do Espírito que viera comunicar-me com eles e trazia comigo Tito, que era incircunciso. Não me disseram algo além do que já sabia, nem exigiram que Tito fosse circuncidado.

7. Pelo contrário,

O que quer dizer: *“Pelo contrário”*? Alguns afirmam que Paulo julgava que não só eles nada lhe ensinaram, mas ainda dele aprenderam. Eu, porém, de forma alguma o diria. Pois, o que haveriam de aprender a mais? De fato, cada um deles era perfeito conhecedor. Não é isto o que quer dizer com a locução: *“Pelo contrário”*, e sim que não somente em nada o repreenderam e estiveram tão longe de acusá-lo que até o aprovaram. De fato, aprovar é o contrário de acusar. Logo, sendo provável que alguns replicassem: Se aprovaram, por que não aboliram a circuncisão? Se aprovaram, deviam abolí-la. Na verdade, ele considera muito pouco respeitável dizer: Aboliram, e daí se originaria uma luta manifesta contra o que antes havia professado; de outro lado, se confessasse que se devia conceder a circuncisão parecia recair sobre ele necessariamente outra objeção. Se, portanto, diz-se, aprovaram tua pregação quando permitiam a circuncisão, são atitudes contraditórias entre si. De que forma, portanto, se desata esse nó? Poder-se-ia dizer que assim agiam por condescendência relativamente à fraqueza dos judeus, mas afirmá-lo seria abalar todo o fundamento do plano divino. Por isso não o diz, mas deixa em dúvida e ambiguidade, dizendo: *“e por parte dos que eram tidos por notáveis – o que na realidade eles fossem não me interessa”*. Assemelha-se a afirmar: Não acuso, nem calunio aqueles santos. Eles sabem o que fazem, porque prestarão contas a Deus. Apresso-me a demonstrar que não aboliram meu modo de agir, nem corrigiram, nem acrescentaram coisa alguma, como se fosse falho, mas até aprovaram e consentiram; e disto tenho como testemunhas Tito e Barnabé.

A concórdia entre Paulo e os apóstolos

Por isso o acréscimo: vendo que a mim fora confiado o evangelho da incircuncisão como a Pedro o da circuncisão – denominando circuncisão e incircuncisão não a ação em si, mas os povos assinalados com esta nota. Em consequência adita:

8. *pois aquele que estava operando em Pedro para a missão da circuncisão operou também em mim em favor dos gentios –*

Assim como designa pelo nome de incircuncisão os gentios, igualmente pelo nome de circuncisão indica os judeus. E já se mostra igual em honra aos demais, e não se compara aos restantes mas ao próprio corifeu, declarando que a cada qual coube a mesma dignidade. Após ter comprovado que os apóstolos entre si eram unânimes, ousa prosseguir com confiança. Não detém o discurso somente nos apóstolos, mas sobe ao próprio Cristo, e à graça que por ele lhe foi conferida. Cita como testemunhas os apóstolos, dizendo:

9. *e conhecendo a graça do Senhor a mim concedida, Tiago, Cefas e João, tidos como colunas, estenderam-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão:*

Não disse: Após terem ouvido, e sim: “*E conhecendo*”, isto é, informados pelos fatos, “*estenderam-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão*”. Notaste que progressivamente demonstrou que aprouve a Cristo e aos apóstolos? Não lhe teria sido dada a graça, nem nele teria operado, se não fosse aprovada sua pregação. Menciona apenas Pedro quando é obrigado a conferir com eles; quando, porém, deve apelar para o testemunho, faz menção igualmente dos três, com louvores: “*Cefas, Tiago e João, tidos como colunas*”. De outro lado, não disse: “*Tidos*” para negar a realidade, mas assume a opinião de outros, assegurando: A eles, que são grandes e exímios, e em toda parte celebrados, tomo por testemunhas do que digo que isso apraz também a Cristo e reconheceram-no pelos fatos, e acreditaram através da experiência. Por isso, “*estenderam-me a mão, a mim e a Barnabé*” também.

Nós pregaríamos aos gentios e eles à circuncisão.

Grande prudência! Demonstração irrefutável de concórdia! Mostra que a doutrina deles é sua, e a sua é deles. As mesmas coisas agradavam a ambas as partes, de sorte que eles assim pregassem aos judeus e Paulo e Barnabé aos gentios. Por isso acrescenta: “*Nós pregaríamos aos gentios e eles à circuncisão*”. Reparas que não chama aqui de circuncisão a ação, mas os judeus? Todas as vezes que fala da própria ação, contrapondo-a, chama-a de prepúcio, conforme o trecho: “Certamente a circuncisão é útil, se observas a Lei; mas se és um transgressor da Lei, tua circuncisão se transforma em prepúcio (Rm 2,25); e ainda: “*Nem a circuncisão tem valor, nem o prepúcio*” (Gl 5,6). Quando assim denomina os judeus, não quer indicar a ação, mas o povo; não contrapõe o prepúcio mas o povo. De fato, os judeus se contrapõem aos gentios, e à circuncisão o prepúcio, conforme ele dizia acima: “*Aquele que estava operando em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios*”, e aqui novamente: “*Nós pregaríamos aos gentios e eles à circuncisão*”. Não indica a ação, mas o povo judaico, distinguindo-o dos gentios.

10. *Nós só nos devíamos lembrar dos pobres, o que, aliás, tenho procurado fazer com solicitude.*

O cuidado dos pobres

O que é, enfim, que quer dizer? Dividimos entre nós o orbe para a pregação; assumi os gentios e eles os judeus, segundo a vontade de Deus; para o cuidado dos pobres, porém, dentre os judeus, eu contribui com os bens que possuía comigo. Se houvesse luta e contenda, eles de forma alguma os

aceitariam. Quem são estes pobres? Muitos judeus da Palestina que aderiram à fé, estavam desprovidos de todos os bens, e estavam espalhados por todas aquelas regiões. É acerca deles que escreve na Epístola aos Hebreus: “Aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens” (Hb 10,34). O mesmo enuncia ao escrever aos tessalonicenses, e elogiar-lhes a fortaleza: “Irmãos, vós sois imitadores das Igrejas de Deus que estão na Judeia, pois que da parte dos vossos conterrâneos tivestes de sofrer o mesmo que aquelas Igrejas sofreram da parte dos judeus” (1Ts 2,14). De todos os modos manifesta que os gentios que haviam aderido à fé não eram atacados pelos que continuavam gentios como os judeus que haviam acreditado eram molestados pelos conterrâneos; de fato, esta raça era a mais cruel de todas. Por isso, empregavam a maior solícitude para com eles e a respeito disso Paulo escreve aos romanos e aos coríntios. Não apenas recolhe dinheiro, mas ele próprio o leva e distribui (cf. 1Cor 16); e diz: “Mas agora eu vou a Jerusalém, a serviço dos santos” (Rm 15,25). Com efeito, eles careciam do necessário. É o seguinte que assinala aqui: Acerca disto pareceu-me bem ajudá-los; eu o assumi e não o interrompi. Mas, após ter exposto a unanimidade e concórdia com os apóstolos, pensa em seguida ser necessário fazer menção da disputa que teve com Pedro em Antioquia:

11. *Mas quando Pedro veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tinha tornado digno de censura.*

12. *Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos.*

O incidente de Antioquia

Muitos que leem pouco atentamente esta passagem da epístola, julgam que Paulo acusou a Pedro de hipocrisia, mas não foi assim, de forma alguma. Descobrimos aqui disfarçada muita prudência tanto da parte de Pedro quanto de Paulo, visando ao bem dos ouvintes. Em primeiro lugar, porém, é preciso aludir à ousadia de Pedro, e como sempre se projetava antes dos demais discípulos. Daí também seu apelido, por causa de sua fé imutável e inabalável. De fato, quando todos eram interrogados, ele avançou antes dos outros, afirmando: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16), na ocasião em que lhe foram entregues as chaves do reino dos céus. Além disso, no monte foi só ele quem falou. Quando Cristo se referiu à cruz, enquanto os demais calavam, ele proferiu: “Isto jamais te acontecerá” (Mt 16,22). Embora não fossem palavras circunspectas, eram provenientes de fervorosa caridade. Aliás, vê-lo-emos mais fervoroso que os restantes e pronto a lançar-se nos perigos. Assim, quando o Senhor apareceu na praia, enquanto os outros arrastavam a nave, ele não esperou dentro da nave para aproximar-se. E após a ressurreição, quando os judeus expiravam morticínio e furor, procurando dispersar os discípulos, foi o primeiro a se apresentar, ousando levantar a voz e dizer que o crucificado fora arrebatado e estava nos céus. Uma coisa é, de fato, abrir uma porta fechada e dar início à questão, outra posteriormente agir com confiança. Na verdade, aquele que se expusera diante de uma multidão tão numerosa, como simularia alguma vez? Ele, flagelado, preso, em nada renunciou à sua coragem e isso logo no início de sua pregação, no meio da metrópole, onde o perigo era tão grande. Após tanto tempo, em Antioquia, onde não havia perigo algum, e ele já se tornara célebre e comprovado pelo testemunho dos acontecimentos, amedrontar-se-ia diante dos judeus que haviam acreditado? Não tivera medo dos judeus, nos primórdios e na metrópole; como, após tanto tempo, estando numa cidade estrangeira, temeria diante daqueles que haviam apostatado? Por conseguinte, Paulo, ao se exprimir assim, não falava contra Pedro, mas fala aqui com a mesma atitude com que dissera: “*E por parte dos que eram tido por notáveis – o que na realidade eles fossem não me interessa*”. Mas para não duvidarmos mais, importa explicar a causa destas palavras. Com efeito, os apóstolos, conforme narrei,

em Jerusalém permitiam a circuncisão. Não podiam de repente afastá-los da Lei. Quando, porém, foram para Antioquia, já não praticavam essas observâncias, mas relativamente aos que acreditaram dentre os gentios, viviam sem diferenças. Certamente Pedro também o fazia. Mas, quando vieram alguns da cidade de Jerusalém, que os viram pregando assim, não o fazia mais, temendo que eles se escandalizassem, mas subtraía-se, agindo por condescendência com dois resultados: de um lado, não se escandalizavam os judeus, mas de outro, oferecia a Paulo oportunidade de censurá-lo com justeza. De fato, se aquele que pregava em Jerusalém permitindo a circuncisão, mudasse em Antioquia, pareceria aos judeus que acreditaram que agia assim por medo de Paulo e os discípulos o censurariam por empregar grande facilidade e causaria grande escândalo, embora a Paulo, que perfeitamente conhecia o motivo da mudança, sua recusa não causava nenhuma suspeita, porque sabia com que disposição assim procedia. Por conseguinte, Paulo censura e Pedro aceita. Enquanto o mestre cala ao ser censurado, mais facilmente os discípulos mudariam de parecer. Pois se Paulo, ao qual nada disso acontecia, advertisse, nada de importante teria feito, mas agora, uma vez que teve de criticar asperamente, incutiu maior temor nos discípulos de Pedro. Se Pedro, ao ouvir isso, contradissesse, com razão alguém poderia culpá-lo de se ter revoltado contra o plano divino. Agora, porém, quando um repreende e o outro cala, incute muito temor aos judeus. Por isso Paulo censura com maior vigor a Pedro.

Reflete com que cuidado suaviza a palavra, sugerindo aos prudentes que as palavras não constituem discórdia, mas realizam o plano divino. *“Mas quando Pedro veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tinha tornado digno de censura.”* Não disse: Censurado por mim, e sim: Por outros. Se ele próprio o houvesse censurado, não hesitaria em declará-lo. A expressão: *“Enfrentei”* é figurada. Com efeito, se na realidade tivesse havido entre eles disputa, de forma alguma haveriam se censurado mutuamente na presença dos discípulos, porque teriam causado grande escândalo. Em nosso caso, era útil a discordância em público. E como Paulo em Jerusalém cedeu diante deles, também em Antioquia eles cederam perante Paulo. Qual era, então, a censura? *“Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago (ele era o mestre em Jerusalém), ele comia com os gentios, mas quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos”.* Não receava que houvesse perigo, pois, se no início não receara, muito menos então. Mas tinha medo de que apostatassem, pois também o próprio Paulo diz aos gálatas: *“Receio ter-me afadigado em vão por vós”* (Gl 4,11), e ainda: *“Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva, vossos pensamentos se corrompam”* (2Cor 11,3). De fato, para eles o medo da morte nada significava, mas sentiam muito medo de se perderem os discípulos.

A tal ponto que até Barnabé se deixou levar pela sua hipocrisia.

Não te admires de que chame esta ação de hipocrisia; pois não quer, conforme já mencionei, manifestar a intenção do ato, para que eles se corrigissem. Visto que eles se apegavam com força à Lei, chama a ação de Pedro de simulação e com maior severidade o censura a fim de arrancar-lhes pela raiz a persuasão que tinham. Pedro ao ouvir isto, concorda ter falhado por simulação, de sorte que por esta repreensão eles se corrigissem. De fato, se Paulo repreendesse os que eram dentre os judeus, receberiam mal e rejeitariam sua admoestação, porque não pensavam bem acerca dele; mas, verificando que, admoestado, seu mestre se calava, não podiam menosprezar nem contradizer as palavras de Paulo.

14. *Mas quando vi que não andavam retamente segundo a verdade do evangelho,*

Nem esta expressão vos perturbe. Não fala desta forma repreendendo a Pedro, mas fala de modo

figurado, a fim de que, sendo ouvidas, fossem úteis aos que, por ter sido Pedro admoestado, se tornassem melhores.

Eu disse a Pedro diante de todos:

Vês de que modo repreende os outros? Pois disse: “*Diante de todos*”, para atemorizar os ouvintes. Vamos. Dize o que foi que disseste.

Se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viver como judeus?

Ora, os gentios não foram arrastados, e sim os judeus. Por que, portanto, censuras o que não aconteceu? Por que não diriges a palavra aos que simulavam, que, de fato, eram da parte dos judeus, mas aos gentios? Por que, porém, somente acusas a Pedro, se os demais também com ele simularam? Vejamos, portanto, por que motivo acusa: “*Se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus?*” Ora, ele só se subtraía. O que, portanto, quer fazer? Que a admoestação seja insuspeita. Pois se dissesse: Fazes mal em observar a Lei, os judeus o censurariam como se agisse ousadamente contra o mestre. Mas, como o adverte por causa dos discípulos, a saber, os que eram gentios, torna a palavra mais aceitável e não só deste modo, mas também, porque se abstém de repreender a todos, reduzindo toda censura ao apóstolo. Diz ele: “*Se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus*”, de certo modo clama abertamente: Imitai o doutor, que, sendo judeu, vive à maneira dos gentios. Na verdade, não o diz, porque não aceitariam o aviso, mas manifesta o parecer de Pedro sob pretexto de repreender em favor dos gentios. De outro lado, se dissesse: Por que obrigas os dentre os judeus a judaizar? O discurso seria mais enérgico. De fato, aqui suavizando a palavra, não defendendo de certo modo os discípulos dentre os judeus, mas os que eram dos gentios, desta forma corrige-os. Mais facilmente as repreensões são acolhidas se não forem severas. Nenhum dos que eram gentios poderia acusar a Paulo, por falar em favor dos judeus. Aqui, Pedro, com seu silêncio, corrige tudo, e aceita a opinião de simulação, para libertar os judeus da verdadeira hipocrisia. Em primeiro lugar dirige a palavra à pessoa de Pedro: “*Se tu, sendo judeu*”, mas continua dirigindo-se em comum a todos, abrangendo a si mesmo com os demais, nesses termos:

15. *Nós somos judeus de nascimento e não pecadores da gentilidade;*

A palavra contém uma admoestação, mas sob o aspecto de uma repreensão, por causa dos que eram dos judeus.

Assim também procede noutra passagem, de sorte que pareça dizer de um modo e agir de outro, como acontece ao escrever aos romanos: “Mas agora eu vou a Jerusalém, a serviço dos santos” (Rm 15,25). Não pretendia dizer, nem informá-los simplesmente por que motivo ia a Jerusalém, mas os provocava à emulação a respeito da esmola. Com efeito, se quisesse explicar o motivo, bastava dizer: Vou prestar serviço aos santos. Aqui, todavia, considera quantas coisas reúne: “A Macedônia e a Acaia houveram por bem fazer uma coleta em prol dos santos de Jerusalém que estão na pobreza. Houveram por bem, é verdade, mas eles lhes eram devedores”. E ainda: “Porque se os gentios participaram dos seus bens espirituais, eles devem, por sua vez, servi-los nas coisas temporais” (Rm 15, 26-27). Observa, portanto, como ele acabrunha o espírito dos judeus, fazendo uma coisa por outra, falando com autoridade: “*Nós somos judeus de nascimento e não pecadores da gentilidade*”. O que significa: “*Nós somos judeus de nascimento*”? Quer dizer: Não somos prosélitos, mas fomos desde os tenros anos educados na Lei e abandonando o gênero de vida em que fomos nutridos, refugiamo-nos na fé em Cristo.

Lei e fé

16. *sabendo, entretanto, que o homem não se justifica pelas obras da lei mas pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo*

Observa como também aqui fala firmemente. Não diz: Nós a deixamos porque seria má, e sim por ser fraca. Em consequência, se a Lei não confere a justiça, a circuncisão é supérflua. Agora fala deste modo; mais adiante declara não só que é ociosa, mas também perigosa. É notório principalmente no início, ao dizer: porque pelas obras da Lei ninguém será justificado.

Adiantando-se, exprime-se com mais vigor:

17. *E se procurando ser justificados em Cristo, nós também nos revelamos pecadores, não seria então Cristo ministro do pecado?*

Se, de fato, a fé nele não vale para justificar, mas é preciso ainda abraçar a Lei e se em seguida abandonamos a Lei por causa de Cristo, não somos justificados pela omissão da Lei, mas somos condenados, veremos que é causa de condenação aquele ao qual, abandonando a Lei, aderimos espontaneamente. Vês a que absurdo nos força o discurso, e como nos combate vigorosamente? Pois se, diz ele, não se deve abandonar a Lei, e nós a abandonamos por causa de Cristo, como seremos julgados? Por que, portanto, dizes isso a Pedro, por que admoestas aquele que o sabe melhor que todos? Acaso Deus não lhe revelou que não se deve julgar o incircunciso a respeito da circuncisão? Acaso tratando com os judeus desta questão, não lhes resiste corajosamente segundo sua visão? Acaso não enviou de Jerusalém duas vezes decretos públicos sobre esta questão?

Polêmica antijudaizante

Por conseguinte não se expressa assim para corrigir a Pedro, mas sua palavra se dirigia a ele para arguir os discípulos. E estas palavras não pertencem propriamente aos gálatas, mas servem para todos que haviam caído neste erro. Com efeito, embora muitos não são circuncidados agora, mas jejuam e guardam os sábados, fazendo o mesmo que eles, e recusando a graça. De fato, se àqueles que apenas se circuncidavam Cristo para nada servia, quando se acrescentarem o jejum e os sábados, e em vez de um só preceito observam-se dois, vê quão grande é o perigo, que devido à época se torna mais terrível. Na verdade, assim procediam no início, quando ainda existiam a cidade, o templo etc. Eles, na realidade, presenciaram o castigo que sofreram os judeus e viram a cidade arrasada e, no entanto, observavam vários costumes. Que desculpa podem ter os que observam a lei na época em que os judeus, apesar de o desejarem com a maior intensidade, não a podem praticar? Tu te revestiste de Cristo, e te tornaste membro do Senhor, estás inscrito na cidade do alto, e ainda rastejas acerca da Lei? E como poderás conseguir o reino? Escuta como Paulo diz que o evangelho é subvertido pela observância da Lei. Se quiseses, aprende também até que ponto, e simultaneamente te horroriza e foge do abismo. Por que, então, observas o sábado, e jejuas com eles? Pareces ter medo da Lei e de não segui-la à letra. Não temerias abandonar a Lei, se não desprezasses a fé, considerando-a fraca e incapaz por si de conferir a salvação. Se tens receio de não observar o sábado, é evidente que ainda temes a Lei como se até agora vigorasse. Se alguém ainda precisa da Lei, de fato não necessita de uma parte nem de um só preceito, mas é evidente que precisa de toda a Lei. Se, na verdade, é necessária toda inteira, aos poucos é excluída a justiça que vem da fé. Pois se observas os sábados, por que não te circuncidas? Se te circuncidas, por que também não imolas animais? De fato, se a Lei deve ser observada, deve ser guardada por inteiro. Se não deve ser praticada totalmente, nem uma parte só. Se receias ser condenado qual transgressor por uma parte, ao invés, devias ter medo por ela toda. Se ele não castiga por ser violada toda inteira, é evidente que nem relativamente à parte tal acontece. Se pune transgressão de uma parte, muito mais o fará pelo todo. Se deve ser observada totalmente, não se deve obedecer a Cristo; ou quem a Cristo obedece, forçosamente se torna transgressor da Lei. De fato, se

devemos observá-la, os que não a observam são transgressores. Desta transgressão percebe-se que Cristo é para nós o autor, pois ele aboliu a Lei que assim preceitua, e manda aos outros que não a observem.

Vês o que preparam estes judaizantes? Cristo, para nós o autor da salvação, eles o tornam autor do pecado, conforme também Paulo formula: “*Não seria então Cristo ministro do pecado?*” Depois, como o discurso levava a um absurdo, já não era necessário o aparato das provas para refutar, mas era suficiente negar, nesses termos:

De modo algum.

Efetivamente, não há necessidade alguma de oratória contra proposições absurdas e desonestas, mas basta negar.

A morte à lei e a vida em Cristo

18. *Se volto a edificar o que destruí, então demonstro ser um transgressor.*

Vê a prudência de Paulo! Esforçava-se por mostrar ser um transgressor quem não observa a lei; aqui modifica em sentido oposto o discurso, mostrando que é transgressor quem observa a Lei. Transgressor, digo, não somente da fé, mas da própria Lei. “*Se volto a edificar o que destruí*”, a saber, a Lei.

Afirma o seguinte: A Lei cessou, e nós o professamos, e por isso, após abandoná-la, refugiamo-nos na salvação oriunda da fé. Por isso, se disputamos para estabelecê-la, com isso mesmo nos tornamos transgressores, tentando conservar o que Deus fez obsoleto. Em seguida, aponta de que maneira foi abolida:

19. *De fato, pela Lei eu morri para a Lei,*

Foram feitas aqui duas considerações: Ou fala da Lei da graça, pois fica ciente de que Paulo costuma denominá-la Lei, conforme a passagem: “A Lei do Espírito da vida me libertou” (cf. Rm 8,2); ou aqui se trata da Lei Antiga, assinalando que pela própria Lei morreu para a Lei, isto é, a própria Lei o conduzia a posteriormente obedecer a Cristo. Por conseguinte, se agora haverei de obedecer-lhe, transgriro a própria Lei. De que modo? Moisés disse: “O Senhor Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós o ouvireis” (Dt 18,15), referindo-se a Cristo. Quem, portanto, não lhe obedecer, transgredirá a Lei. Ainda de outro modo devemos entender o que ele afirma: “*De fato, pela Lei eu morri para a Lei*”. A Lei ordena praticar tudo o que está escrito, e pune quem não o pratica. Todos nós, portanto, morremos para ela, porque ninguém a cumpriu. E vê que aqui também com moderação luta contra a Lei, pois não disse: A Lei está morta para mim, e sim: “*Eu morri para a Lei*”. Este trecho tem o seguinte sentido: Como um inanimado, um morto não pode obedecer aos preceitos da Lei, assim nem eu, que pela maldição dela morri; de fato, estou morto para o que ela prescreve. Por conseguinte, não dá ordens a um morto, que ela própria matou, e não só de morte corporal, mas também espiritual, pela qual a morte foi infligida ao corpo. Expõem-no as palavras subsequentes, ao acrescentar: a fim de viver para Deus. Fui crucificado com Cristo.

Uma vez que afirmara: “*Eu morri*”, a fim de que ninguém replicasse: Como é então que estás vivo? aditou a causa da vida, explanando que a Lei matou aquele que vivia, mas Cristo tomou o morto e o vivificou através da sua morte. Revela dupla maravilha: primeiro a de vivificar o morto, e em segundo lugar a de conceder a vida por meio da sua morte. De fato, designa pelo nome de vida a morte. É o que assegura: “*A fim de viver para Deus. Fui crucificado com Cristo*”. Como, retrucar-se-á, pode alguém que vive e respira, com ele estar? Pois é claro que Cristo foi crucificado; tu, porém, como foste crucificado e vives? Vê como ele próprio o interpreta:

20. *Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim.*

Ao assegurar: “*Fui crucificado com Cristo*”, alude ao batismo; ao dizer: *Eu vivo, mas já não sou eu que vivo*” significa o estilo de viver subsequente, pelo qual mortificamos nossos membros. O que quer dizer: “*Pois é Cristo que vive em mim*”? Nada acontece de minha parte contra a vontade de Cristo. Pois como não entende por morte a vulgar, e sim a morte pelos pecados, assim também denomina vida a libertação dos pecados. Com efeito, ninguém pode viver para Deus se não tiver morrido ao pecado. Como, portanto, Cristo se submeteu à morte corporal, assim também eu morri aos pecados. “Mortificai, pois, os vossos membros terrenos: fornicação, impureza, adultério” (Cl 3,5). E ainda: “Nosso velho homem foi crucificado” (Rm 6,6), o que aconteceu no batismo. Após, se permaneceres morto ao pecado, vives para Deus; do contrário, se suscitares novamente o pecado, aniquilas tal vida. Ora, Paulo não era desses tais, porque perseverou perpetuamente na morte. Por conseguinte, se vivo, diz ele, para Deus, viverei por outra vida do que a da Lei, e morri para a Lei. Não posso praticar parte alguma da Lei.

Observa o severo estilo de vida, e assaz admira aquela alma feliz. Não disse: Eu vivo, e sim: “*É Cristo que vive em mim*”. Quem ousaria proclamá-lo? Uma vez que se mostrara todo entregue a Cristo Senhor, renunciara a todos os bens temporais, e obedecia em tudo a sua vontade, não disse: Vivo para Cristo, mas o que é muito mais: “*É Cristo que vive em mim*”. Como vive o pecado, se dominar, arrastando a alma ao que quer, assim se ele morrer, realiza-se o que apraz a Cristo e tal vida de então em diante não será apenas humana, porque o próprio Cristo vive em nós, isto é, age e domina. Na verdade, tendo dito: “*Fui crucificado com Cristo*” e: “*Já não sou eu que vivo*”, mas estou morto, a muitos pareceria absurdo, acrescentou:

Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus,

Até aqui trata da vida intelectual. Se alguém examinar bem, trata-se também da vida sensível e tal acontece através da fé em Cristo. Quanto ao que é atinente à vida anterior e à Lei, seríamos merecedores do maior suplício e já teríamos perecido. “Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23). E quando estávamos sujeitos à sentença de condenação, Cristo nos libertou. Pois todos estávamos mortos, se não experimentalmente, sem dúvida pelo juízo, e já na expectativa do castigo, e ele libertou. Por conseguinte a Lei acusava e Deus condenava. Cristo veio e expondo-se à morte, livrou-nos a todos da morte. Portanto: “*Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé*”. Com efeito, se isso não acontecesse, nada obstava que todos perecessem, conforme sucedeu no dilúvio; mas a vinda de Cristo coibiu a ira de Deus e fez com que vivêssemos pela fé. A fim de saberes que ele assim pensou, ouve o que se segue. Tendo dito: “*Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé*”, acrescentou: no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim.

Universalidade do sacrifício redentor de Cristo

O que fazes, Paulo, reivindicando como próprio o que é comum, e fazendo particular a tio que se realizou em favor de todo o orbe? Com efeito, não disse: Que nos amou, e sim: “*Que me amou*”. Ora, o Evangelista disse: “Deus amou tanto o mundo” (Jo 3,16), e, ao invés, tu dizes: “Que não poupou o seu próprio Filho, e o entregou” (Rm 8,32), não por ti, mas: “por todos nós”; e ainda: “Para purificar um povo que lhe pertence” (Tt 2,14). O que quer dizer aqui? Considerando a natureza humana desesperançada e a inefável solicitude de Cristo, e de que males a libertou e os bens que lhe concedeu, inflamado de desejo por ele, fala desta forma. Na verdade, também os profetas não raro tornam seu bem próprio o Deus universal, falando deste modo: “Deus, meu Deus, desde a aurora com ardor vos procuro” (Sl 63,1). Além disso, declara que é justo que cada um de nós dê graças a Cristo como se ele

houvesse vindo só por sua causa em particular. Ele não haveria de recusar por causa de um só de demonstrar tão grande condescendência, a tal ponto ama cada homem com idêntica caridade a que dedica a todo o universo. Por conseguinte, foi oferecido como vítima pela natureza toda e bastava para conservar a todos, mas somente os fiéis usufruíram deste benefício. No entanto, não recusou que todos tivessem acesso a este plano de salvação, mas como no evangelho o banquete estava preparado para todos, e uma vez que os convidados não quiseram comparecer, não retirou o que fora preparado, mas chamou a outros (cf. Lc 14,16), o mesmo fez agora. Pois também a ovelha desgarrada, dentre as noventa e nove era única (cf. Mt 18,12), no entanto não a desprezou. Paulo também, dissertando o mesmo acerca dos judeus, o sugeriu, dizendo: “E o que acontece se alguns deles negaram a fé? A infidelidade deles não irá anular a fidelidade de Deus? De modo algum! Confirma-se, pelo contrário, que Deus é veraz, enquanto o homem é mentiroso” (Rm 3,3.4). Em consequência, se ele assim te amou a ponto de entregar-se a si mesmo, e reconduziu à vida o homem destituído de toda esperança de salvação, tu, após tantos benefícios, novamente recorres às realidades antigas? Depois que introduziu diligentemente o que devia ser tratado segundo a razão, se pronuncia com vigor, dizendo:

21. Não invalido a graça de Deus;

Ouçam os que até hoje judaizam, e atendem à Lei. De fato, é para eles que estas coisas foram ditas. Porque, se é pela Lei que vem a justiça, então Cristo morreu em vão.

O que existe de mais grave do que este pecado? O que há de mais eficaz para envergonhar do que estas palavras? De fato, se Cristo morreu, certamente a Lei não pode nos justificar. Se a Lei justifica, a morte do Cristo foi supérflua. E realidade tão grande, tão tremenda, a ultrapassar todo pensamento humano, mistério tão inefável, que os patriarcas concebiam, os profetas prediziam, os anjos ficavam estupefatos ao vê-lo, que consta a todos ser a principal solicitude divina para conosco, a quem pode parecer congruente à razão afirmar que aconteceu em vão e inutilmente? Por conseguinte, ao considerar este imenso absurdo de assegurar que tão grande feito se realizou inutilmente (pois isto se deduzia do que eles faziam) Paulo os repreende e ataca dizendo:

TERCEIRO CAPÍTULO

1. Ó gálatas insensatos, quem vos fascinou, a vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado?

A justa repreensão de Paulo

Já passa a outro capítulo. Nos anteriores expôs que não é apóstolo da parte dos homens, nem por intermédio de um homem, nem precisara de ensino da parte dos apóstolos; aqui, porém, depois que declarou ser um doutor fidedigno, fala com maior autoridade, fazendo comparação entre a fé e a Lei. Assim, portanto, diz no princípio: “*Admiro-me de que tão depressa passeis*” (Gl 1,6), aqui, contudo: “*Ó gálatas insensatos*”. Então concebia indignação, que já por si responde, irrompe, tendo a realidade por comprovada. Não te admires por denominá-los insensatos. Não transgride a lei de Cristo que proíbe chamar um irmão de louco (cf. Mt 5,22). Assim age, mas a observa inteiramente. Não foi dito simplesmente: Quem chamar seu irmão de louco, e sim: Chamar em vão. Com efeito, alguns deles mereciam este apelativo, porque após tantas e tão grandes ações, como se nada houvesse acontecido, aderiam às anteriores observâncias. Se por isso dás a Paulo o nome de injuriador, igualmente dirás que Pedro é homicida, por causa de Ananias e Safira (At 5). Se é loucura afirmá-lo, muito mais seria loucura neste caso. Aliás, pondera que não logo no início empregou tal severidade, mas após tantas admoestações e provas, quando já não era ele quem condenava, mas os próprios raciocínios. Com

efeito, tendo o Apóstolo demonstrado que eles repeliavam a fé, que declaravam a morte de Cristo coisa vã, então acrescentou a repreensão, não, porém, tanto quanto mereciam; eram dignos de ouvir palavras mais severas. De resto, considera como logo após infligir a ferida mitiga a dor. Não disse: Quem vos seduziu? Quem abusou de vossa confiança? Quem vos iludiu? Mas: “*Quem vos fascinou?*” Desta forma suaviza a censura, que não se acha destituída de louvores. Tais palavras são indício de que primeiro eles fizeram coisas dignas de inveja, e que os acontecimentos advieram por instigação do demônio, que inspirou vigorosamente contra os seus sucessos.

A inveja

De fato, ao ouvires aqui falar de inveja e que o evangelho alude ao olho mau (cf. Mt 6,23), o que é idêntico, não julgues que o olhar costuma causar dano aos que fita. O olho, na verdade, isto é, o órgão não pode de forma alguma ser mau, mas aqui Cristo denota a inveja. Próprio dos olhos simplesmente é a visão; ver mal, é peculiar ao ânimo interiormente depravado. Uma vez que, por meio deste sentido, introduz-se na alma a consideração dos objetos vistos e muitas vezes nos ricos nasce a inveja, porque, de fato as riquezas se veem com os olhos, assim como os príncipes e os satélites. Por isso chamou a muitos de olho que não via simplesmente, e sim com ciúme e malícia do espírito.⁹ Ao perguntar: “*Quem vos fascinou?*” declara que eles não se mostravam preocupados, nem supriam ao que faltava, mas praticavam o que deviam cortar. Na verdade é próprio do ciúme não acrescentar o que falta, mas retirar algo do todo, e corromper o total. Ele o assegura, não porque o ciúme tivesse força por si, mas para mostrar que os que ensinavam deste modo chegaram a tal ponto por inveja.

A força da fé

“*A vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado.*” Ora, ele não foi crucificado na região dos gálatas, mas em Jerusalém. Como, pois, ele diz: “*A vós*”? Foi a fim de mostrar a força da fé, pela qual se torna possível discernir o que está longe. E não disse: Foi crucificado, e sim: “*Foi desenhada a imagem do crucificado*”, indicando que com os olhos da fé alguns viram mais exatamente do que alguns que estavam presentes e olhavam o que sucedia. Efetivamente, muitos daqueles que assistiram [à crucifixão] nenhum fruto retiraram; os que, porém, não viram com os próprios olhos, pela fé viram com maior evidência.

O Apóstolo o diz, simultaneamente atacando e louvando; louvando, na realidade, porque receberam com tanta confiança os acontecimentos; atacando porque, apesar de terem visto em seu favor o crucificado despido, esbofeteado, atravessado pelos cravos, cuspidos, injuriado, dessedentado com vinagre, acusado pelos ladrões, vulnerado pela lança (tudo isso abrange a locução: “*A vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem do crucificado*”), abandonaram-no e acorriam à Lei, sem consideração para com estes padecimentos. Tu, porém, reflete que Paulo em toda parte, deixando de lado o céu, a terra, o mar e o restante, pregava o poder de Cristo e celebrava sempre a cruz, que constitui a principal solicitude divina por nós.

2. Só isso quero saber de vós: Foi pelas obras da Lei que recebestes o Espírito, ou pela adesão a fé?

Visto, diz ele, que não dais atenção a sermões prolixos, nem quereis contemplar a grandeza do plano divino, quero vos convencer por meio de um sermão resumido e uma breve demonstração, pois conheço bem vossa imensa ingratidão. Anteriormente persuadira a respeito do assunto supramencionado através do qual falara a Pedro; aqui, ao invés, já se dirige a eles mesmos, e, não segundo acontecera em outros lugares, mas através do que lhes sucedera a eles próprios, tudo expõe, atesta e simultaneamente comprova, baseado não só em dons generalizados, mas também nos que lhes

foram concedidos em particular. Por isso diz: “Só isto quero saber de vós: Foi pelas obras da Lei que recebestes o Espírito, ou pela adesão à fé?”.

Recebestes o Espírito Santo, afirma, operastes muitos milagres, realizastes prodígios ressuscitando mortos, purificando leprosos, profetizando, falando em línguas. Acaso foi a Lei que vos conferiu tão insigne poder? Ora, anteriormente nada disso fazíeis. E a fé?

Carne e Espírito

Não é, portanto, suprema loucura, uma vez que a fé vos concedeu tamanhos benefícios, abandoná-la e novamente desertar para o lado da Lei, que nada disso vos prestou?

3. *Sois tão insensatos que, tendo começado com o espírito, tolerais ser levados a dar acabamento na carne?*

Oportunamente de novo introduz um agravo. Quando importava no decorrer do tempo aumentar a aproximação, não somente não progredistes, mas voltastes atrás. De fato, os que começam por pouco, avançam subindo ao encalço de bens maiores; vós, ao contrário, tendo começado por grandes dons, retrocedestes. Se tivésseis começado por bens carnavais, devíeis progredir para os espirituais; no entanto, tendo iniciado pelos espirituais, declinastes para os carnavais. De fato, fazer milagres é espiritual; ser circuncidado é carnal. Vós, porém, depois dos milagres, voltastes à circuncisão, depois de ter apreendido a verdade recaístes nas figuras, após contemplar o sol procurais uma lâmpada, depois do alimento sólido recorreis ao leite. E não disse: Acabais (*teleisthe*) na carne, e sim: “*Tolerais ser levados a dar acabamento (epiteleisthe) na carne*”, assinalando que os falsos apóstolos caíam sobre eles como animais irracionais e os prostravam, enquanto eles próprios se prontificavam a sofrer tudo o que agradasse aos primeiros. Eram semelhantes a um general e herói que, depois de inúmeros troféus e vitórias, submetendo-se à infâmia dos desertores, apresentasse o corpo aos que queriam cobri-lo de estigmas.

Convite à esperança

4. *Foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se de fato foi em vão!*

Estas palavras ferem muito mais profundamente do que as anteriores. A menção dos milagres não tanto poderia estimulá-los quanto a exposição da paciência nos combates e nos males que haviam sofrido por causa de Cristo. Tudo o que suportastes, os falsos apóstolos querem arruinar, e aplicam-se a arrebatar-vos a coroa. Mas, não profere a sentença para não lhes atingir o ânimo, e relaxar-lhes os nervos, e apenas sugere: “*Se de fato foi em vão!*” Se quiserdes acordar e converter-vos, o sofrimento não foi inútil. Onde estão agora os que eliminam a penitência?¹⁰ Eis que eles receberam o Espírito, operaram milagres, foram confessores, sofreram inúmeros perigos e várias perseguições por causa de Cristo, e depois de tantas boas obras, perderam a graça. E, no entanto, afirma, se quiserdes, podeis converter-vos.

Lei e fé: o exemplo de Abraão

5. *Aquele que vos concede o Espírito e opera milagres entre vós o faz pelas obras da lei ou pela adesão à fé?*

Alcançastes o grande dom de operar numerosos milagres. Foi porque observastes a Lei, ou por causa da fé? Não há dúvida de que foi pela fé. De fato, eles revolviam a questão de cima para baixo e sempre se gabavam, dizendo que a fé só vale em conjunto com a Lei. Paulo, ao invés, demonstra que a fé para nada servirá se foram acrescentadas as observâncias. A fé vigora quando nada da Lei se

acrescenta. “*Vós que buscais a justiça na Lei, caístes fora da graça*” (Gl 5,4). Na verdade, ele o afirma mais adiante, ao falar com maior liberdade, aproveitando o que já fora provado; nesse ínterim, contudo, das palavras anteriores prepara uma ocasião oportuna. Quando não buscais a Lei, mas a fé, então recebestes o Espírito, e operastes milagres. Em seguida, como devia falar a respeito da Lei, apresenta outra passagem bem adequada para a disputa: Apresenta Abraão, com muita conveniência e grande peso, nesses termos:

6. *Foi assim que Abraão acreditou em Deus e lhe foi tido em conta de justiça.*

São evidentes, pois, diz ele, a força da fé e os milagres que operastes. Se vos apraz, também tentarei convencer-vos pelas histórias do Antigo Testamento. Com efeito, visto que o patriarca Abraão gozava de grande fama entre eles, também o apresenta, afirmando que ele pela fé foi justificado. Se ele antes da época da graça foi justificado pela fé, e florescia em boas obras, muito mais vós. Que detrimento sofreu porque não estava sob a Lei? Nenhum; mas bastou-lhe a fé para obter a justiça. Então não existia a Lei, replicas. Nem agora existe a Lei, conforme não existia naquela época. Uma vez que ia abolir a necessidade da Lei, apresenta aquele que foi justificado antes da Lei, para não ser possível uma objeção. Pois, assim como então a Lei não era dada, agora a Lei promulgada é obsoleta. Além disso, uma vez que os ânimos deles se exaltavam porque eram da raça de Abraão (cf. Jo 8,33), e receavam que se abandonassem a Lei, tornar-se-iam estranhos a este parentesco, Paulo novamente segue o sentido contrário, e expulsa o temor, demonstrando que é a fé principalmente que concilia a afinidade com Abraão. Comprovou-o mais claramente na Epístola aos Romanos (Rm 4,3), e não o faz menos aqui, dizendo:

7. *Sabei, portanto, que os que são pela fé, são filhos de Abraão.*

Em seguida comprova-o com o próprio testemunho da Antiga Escritura.

8. *Prevendo que Deus justificaria os gentios pela fé, a Escritura preanunciou a Abraão esta boa-nova: Em ti serão abençoadas todas as gentes.*

Por conseguinte, se filhos não são os que têm com ele parentesco natural, mas os que lhe imitam a fé, é evidente que são incluídos nesse parentesco os povos fiéis. É o significado das palavras: “*Em ti serão abençoadas todas as gentes*”.

Ele é declarado grande por estas palavras e por outro motivo. Uma vez que os perturbara o fato de que a Lei fosse mais antiga e a fé viera após a Lei, ele elimina esta suspeita, mostrando que a fé é mais antiga, conforme se nota em Abraão, porque foi justificado antes que a Lei aparecesse. Explana que os eventos atuais se realizaram de acordo com a profecia: “*Prevendo que Deus justificaria os gentios pela fé*”, não pela Lei, “*a Escritura preanunciou a Abraão esta boa-nova*”. Qual, enfim? Quem deu a Lei, mesmo antes de a promulgar, havia definido que os povos seriam justificados pela fé. Não disse: Revelou, e sim: “*Preanunciou esta boa-nova*”, para que se entenda que o patriarca se alegrou com tal modo de justificação, e desejou ardentemente que assim acontecesse.

Da fé provém a bênção

Além disso, porque eles tinham ainda outro receio (pois estava escrito: “Maldito seja aquele que não mantém as palavras desta Lei, pondo-as em prática!” [Dt 26,27]), dissipa também este receio, com sabedoria e prudência, revertendo-o em sentido contrário e mostrando que não só não são execráveis os que abandonaram a Lei, mas antes são abençoados. Ao invés, os que seguem a Lei não são abençoados, mas ainda abomináveis. De fato, eles diziam: Quem não observar a Lei é maldito. Paulo, contudo, declara que aquele que a observa é abominável e quem não a observa é abençoado. Ainda

eles diziam: Quem se apóia somente na fé é execrável; o Apóstolo, ao invés, demonstra que aquele que só na fé se apóia é bendito. De que maneira, portanto, declara tudo isso? De fato, não estamos prometendo uma solução vulgar, por isso é preciso que presteis grande atenção à continuação. O Apóstolo o explicara antes ao afirmar que a Escritura dissera ao patriarca: “*Em ti serão abençoadas todas as gentes*”. Então a Lei não existia, e sim a fé. Por isso, raciocinando acrescenta:

9. *E os que são pela fé, são abençoados juntamente com Abraão, que teve fé.*

A justificação pela fé

Todavia, para evitar um pretexto de contradição e que se dissesse: Com razão foi justificado pela fé, porque a Lei ainda não existia. Ora, demonstra-me que, depois de promulgada a Lei, a fé justificava. O Apóstolo vem a este ponto e demonstra mais do que eles procuram, a saber, não apenas que a fé justifica, mas também que a própria Lei tornava execráveis os que a praticavam. Para o entenderes, escuta as próprias palavras do Apóstolo:

10. *E os que são pelas obras da Lei, esses estão debaixo de maldição,*

Entretanto esta sentença ainda não foi provada. Qual é, então, a prova? É extraída da própria Lei: “Maldito seja aquele que não mantém as palavras desta Lei, pondo-as em prática!” (Dt 26,27).

11. *E que pela Lei ninguém se justifica diante de Deus, é evidente,*

Com efeito, todos pecaram, e “*estão debaixo de maldição*”. Ele, porém, não se exprime desta forma a fim de não parecer que fala por si mesmo, mas novamente o comprova com o testemunho que resume ambos os casos, um que ninguém cumpriu a Lei (de sorte que eram execráveis), e outro que a fé justifica. Qual é, portanto, o testemunho? É do profeta Habacuc, que assim se expressa: “O justo viverá pela fé” (Hb 2,4). Com isso ele mostra não só que a justificação vem da fé, mas também que é impossível que pela Lei venha a salvação. Ademais, como ninguém observou a Lei, mas todos devido à transgressão estavam sujeitos à maldição, foi excogitado um caminho mais fácil pela fé, o que constitui o máximo sinal de que ninguém pode obter a justiça pela Lei. O profeta não disse: O justo viverá pela Lei, e sim: “*Pela fé*”.

12. *Ora, a Lei não é pela fé, mas: quem pratica essas coisas, por elas viverá.*

Isto é, a Lei não apenas requer a fé, mas também as obras; a graça, de fato, pela fé salva e justifica. Vês como demonstrou que os que aderem à Lei, uma vez que não podem cumpri-la, “*estão debaixo de maldição*”? Mas como a fé tem a força de justificar? Pois, anteriormente a prometeu, e a comprovou com grande vigor. Como a Lei era fraca demais para poder levar o homem à justiça, encontrou-se um forte remédio, a saber, a fé, que tornou possível o que era impossível à Lei. Por conseguinte, se também a Escritura afirma que o justo há de viver pela fé, rejeitando a justiça que vem da Lei, e se Abraão foi justificado pela fé, é evidente que grande é a força da fé.

Cristo resgatou da maldição da lei

Mas evidencia-se que é maldito quem não perseverar na Lei, e quem se apoia na fé é justo. Mas como, perguntará alguém, poderás provar-nos que aquela maldição não persiste? Pois Abraão, na verdade, viveu antes da Lei; nós, porém, que uma vez estivemos sob o jugo da servidão, nos tornamos abomináveis. Quem, portanto, eliminará esta abominação? Vê como esta objeção rapidamente ocorre, embora o que foi dito seja suficiente. Com efeito, quem uma vez foi justificado, e morreu para a Lei, e abraçou a vida nova, como é possível estar sujeito à maldição? Entretanto, não se contenta com isso,

mas ataca o problema de outras formas, escrevendo:

13. *Cristo nos remiu da maldição da Lei tornando-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro (Dt 21,23),*

Na verdade, o povo foi sujeito a outra maldição, isto é: “Maldito seja aquele que não mantém as palavras escritas no livro desta Lei, pondo-as em prática!” (Dt 27,26) E por que isso? Com efeito, o povo era sujeito a isso, porque não praticara a Lei, nem havia quem cumprisse toda a Lei; ora, Cristo alterou esta maldição, a saber: “*Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro*”. Uma vez, portanto, que tanto é maldito quem é suspenso no madeiro quanto é maldito quem transgride a Lei, não podia aquele que haveria de abolir esta maldição, estar sujeito à mesma maldição. Com efeito, assumiu outra maldição em vez daquela, e com isso aboliu uma pela outra. Imaginemos que houvesse um condenado à morte, mas um inocente quisesse morrer voluntariamente em lugar dele, e o livrasse da pena. Foi assim que agiu Cristo. Pois, como Cristo não estava sujeito à maldição da transgressão, assumiu-a substituindo-a, a fim de libertar a todos: “Se bem que não tivesse praticado pecado nem tivesse havido engano em sua boca” (Is 53,9).

Por conseguinte, morrendo, livrou da morte os que deviam morrer, e também assumindo em si a maldição, dela libertou.

14. *a fim de que a bênção de Abraão em Cristo Jesus se estenda aos gentios.*

Como aos gentios? “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 22,18), isto é, em Cristo. Se isso foi dito a respeito dos judeus, seria razoável que os que estavam sujeitos à maldição por causa da transgressão fossem para os demais autores de bênção? Nenhum homem maldito dá a um outro a bênção que não possui. Daí se deduz que tudo isso se refere a Cristo, pois ele era da descendência de Abraão, e por ele os povos são abençoados, e assim realiza-se a promessa da vinda do Espírito, o que ele assinala, dizendo: e para que, pela fé, recebam o Espírito prometido.

De fato, como não era possível que viesse a graça do Espírito àquele que era ingrato e ofensor, são abençoados, primeiro quando fora retirada a maldição; em seguida, quando através da justificação pela fé, atraem a graça do Espírito. Uma vez que a cruz eliminou a maldição, a fé trouxe a justiça e a justiça acarretou a graça do Espírito.

A linguagem da Escritura

15. *Irmãos, falo como homem: Mesmo a um testamento humano, legitimamente feito, ninguém pode invalidar nem modificar.*

O que significa: “*Falo como homem*”? Emprego exemplos humanos. Pois, após citar como exemplo trechos da Escritura, milagres feitos entre eles, e a paixão de Cristo, por fim confirmou com o próprio patriarca, e faz uma digressão para o que é costumeiro. Paulo costuma sempre agir assim, de sorte a suavizar a palavra, a fim de ser recebida mais facilmente e se tornar mais inteligível aos rudes. Desta forma, também aos coríntios, disse: “Quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho? Quem planta uma vinha e não come do seu fruto? (1Cor 9,7).¹¹ E ainda aos hebreus: “O testamento, de fato, só tem valor no caso de morte. Nada vale enquanto o testador estiver vivo” (Hb 9, 17). Aliás, também em muitas outras passagens se descobre que ele de bom grado se detém em tais raciocínios. Também Deus no Antigo Testamento assiduamente o faz, exprimindo-se desta forma: “Por acaso uma mulher se esquecerá de seu filho?” e ainda: “E um vaso ao oleiro que o moldou: O que fazes?” (Is 49,15; 29,16). Igualmente em Oseias sob a figura do marido desprezado pela mulher (Os 1,2). Além disso também ver-se-á em exemplos humanos, como na ocasião em que o profeta tomou um cingulo e desceu à casinha do oleiro (cf. Jr 18,2). O que quer dizer o exemplo? Que a fé foi

anterior, e a Lei mais recente e temporária, e foi dada para abrir o caminho à fé, qual precursora. Por isso diz: *“Irmãos, falo como homem”*. Acima chamava-os de estultos, aqui denomina-os irmãos, simultaneamente atacando e consolando. *“Mesmo a um testamento humano, legitimamente feito.”* Se um homem, diz ele, faz um testamento, quem ousará vir inverter ou acrescentar algo? É o sentido da locução: *“Modificar”*. Sobretudo não acontece relativamente a Deus. E para quem Deus fez um testamento?

16. *Ora, as promessas foram asseguradas a Abraão e à sua descendência. Não diz: “E aos descendentes”, como referindo-se a muitos, mas como a um só: “E à tua descendência”, que é Cristo.*

17. *Ora, eu digo: Uma Lei, vinda quatrocentos e trinta anos depois não invalida um testamento anterior, legitimamente feito por Deus em Cristo, de modo a tornar nula a promessa.*

18. *Porque, se a herança vem pela Lei, já não é promessa. Ora, é pela promessa que Deus agraciou a Abraão.*

Eis, portanto, que Deus fez um testamento em prol de Abraão, dizendo que por sua descendência viriam as bênçãos; como, portanto, a Lei pode invalidá-las? Como, porém, não pôde aplicar o exemplo todo ao assunto proposto, previamente colocou: *“Falo como homem”*. Nada deduzas acerca da magnificência de Deus deste exemplo. Examina o exemplo a partir do início. Deus prometera a Abraão que em sua descendência seriam abençoados todos os povos; sua descendência segundo a carne é Cristo. A Lei veio após quatrocentos e trinta anos. Por conseguinte, se a Lei confere a bênção, a vida, a justiça, aquela promessa se torna obsoleta. Acontece, no entanto, que ninguém pode invalidar um testamento humano, e o testamento de Deus após quatrocentos e trinta anos é invalidado? De fato, se o que aquele testamento prometeu não é válido, mas foi substituído por outra coisa, certamente ele foi rejeitado. E isto é razoável?

Função e limites da lei

19. *Por que, então, a Lei? Foi acrescentada em vista das transgressões –*

De modo algum é supérflua. Vês que ele supervisiona tudo, como se tivesse inúmeros olhos? Havia enaltecido a fé, enquanto anterior à Lei; a fim de evitar que alguém julgasse a Lei supérflua, emenda, demonstrando que não fora em vão, mas muito útil: *“Foi acrescentada em vista das transgressões”*, isto é, para não permitir aos judeus viverem em segurança, e resvalarem na maior malícia, mas impor-lhes a Lei à guisa de freio, instruindo, regulando, proibindo as transgressões, se não de todos, ao menos de alguns preceitos. Não foi, portanto, pequeno o fruto proveniente da Lei. Mas até quando?

– *Até que viesse a descendência, a quem fora feita a promessa* – Refere-se a Cristo. Entretanto, se é válida até a vinda de Cristo, porque a prorrogas mais e além do tempo?

promulgada por anjos, pela mão de um mediador.

Ou chama de anjos os sacerdotes, ou profere que os anjos ministraram para promulgar a lei. Aqui chama Cristo de mediador, ¹² declarando que existia antes da Lei e a promulgara.

20. *Ora, não existe mediador quando se trata de um só, e Deus é um só.*

O que dirão os hereges? ¹³ Com efeito, se a afirmação de que somente o Pai é verdadeiro Deus (Jo 17,3) obstar a que o Filho seja verdadeiro Deus, nem será Deus, porque só se diz do Pai: *“Deus é um só”* (cf. Dt 6,4). Se a confissão de que o Pai é um só Deus (1 Cor 8,6) e o Filho também é Deus, é evidente que, ao se asseverar que o Pai é verdadeiro Deus, também o Filho é verdadeiro Deus. ¹⁴ Mas o mediador, diz-se, é mediador entre dois. De quem, portanto, Cristo era mediador? É claro que é entre

Deus e os homens. Vês como declara que ele também promulgou a Lei? Se ele promulgou a Lei, tem também autoridade para a ab-rogar.

21. *Então a Lei é contra as promessas de Deus?*

Pois se as promessas foram feitas para a posteridade de Abraão, a Lei, porém, acarreta maldição, é, na verdade, contra as promessas de Deus. De que modo ele resolve a objeção? Primeiro, de fato, nega, dizendo:

De modo algum!

Em seguida também prova, nesses termos:

Se tivesse sido dada uma Lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente, a justiça viria da Lei.

É o seguinte o que ele diz: Se tivéssemos a esperança da vida na Lei, e esta tivesse poder de nos dar a salvação, talvez o dissesse com razão. Se ele salva pela fé, mesmo se a Lei amaldiçoa, nenhum detrimento sofrerás, após a chegada da fé, que tudo resolve. Pois, se a promessa viesse pela Lei, com razão temerias que, excluído da Lei, perderias a justiça. Ora, se a Lei foi dada para abranger a todos, isto é, coagir e manifestar-lhes os pecados, não somente não obsta a que consigas a realização das promessas, mas ainda contribui para alcançá-las. O Apóstolo, para assinalá-lo dizia:

22. *Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse concedida aos que creem.*

Uma vez que os judeus não percebiam seus pecados, e não os percebendo também não desejavam a remissão, deu a Lei que manifestava as feridas, a fim de procurarem o médico. A locução: “*Encerrou*” equivale a: Admoestou, e conteve os arguidos pelo medo. Viste que não só não é contra as promessas de Deus, mas é em favor delas? De fato, se a Lei reivindicasse para si esta questão e tivesse autoridade, com razão se diria isso; se ocorre o contrário, e tudo faz para isso, como é contra as promessas de Deus? Na verdade, se a Lei não tivesse sido dada, todos se revolveriam na malícia, nenhum judeu ouviria a Cristo; agora, porém, a Lei dada prestou-nos estes dois bens: um, ao ensinar uma virtude comedida àqueles que lhe davam atenção, e outro, ao persuadir a que reconhecessem os próprios pecados, o que os tornava mais inclinados a procurar o Filho. Em consequência, os que não acreditavam na Lei, por não condenarem os próprios pecados, não acreditaram em Cristo. Apontando para isso, ele diz: “Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10, 3).

Pedagogia da lei

23. *Antes que chegasse a fé, nós éramos guardados sob a tutela da Lei para a fé que haveria de se revelar.*

Observaste que afirma claramente o que dissemos? Pois as locuções: “*Guardados*” e “*Sob tutela*” nada mais significam senão a segurança fornecida pelos preceitos da Lei. Pois a Lei através do temor, qual muralha, os retinha, e os reservava para a fé, por meio da vida segundo a Lei.

24. *Assim a Lei se tornou nosso pedagogo até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé.*

O pedagogo, contudo, não se opõe ao preceptor, mas colabora, afastando o adolescente de todo vício, e preparando-o para aprender com todo zelo o que o preceptor transmite; mas quando o hábito já se introduziu, o pedagogo se afasta. Por isso, diz:

25. *Chegada, porém, a fé, que nos faz homens perfeitos, não estamos mais sob pedagogo.*

A filiação com Deus e a assimilação a Cristo

26. *Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus,*

Se, portanto, a Lei é pedagogo, e éramos guardados sob sua tutela, não se opõe à graça, mas a corrobora. Se depois que a graça tiver vindo perseverar em obrigar, então é adversária. Na realidade, se guardasse para si os que deviam sair, então arruinaria a nossa salvação. Como uma lâmpada que à noite iluminou, após o raiar do dia nos impedisse de olhar o sol, não somente não nos prestaria serviço, mas até nos lesaria, assim também sucederia se a Lei obstasse a partida para melhores condições. Os que, portanto, agora a observam, são os que mais a traem. Na verdade, também o pedagogo tornaria ridículo o adolescente que retivesse junto de si, quando o tempo exige que dele se aparte. E por isso Paulo assim se exprime: “*Chegada, porém, a fé, não estais mais sob pedagogo*”. Por conseguinte, não estamos mais sob pedagogo. “*Vós todos sois filhos de Deus*”. Ah! como é grande a força da fé, e como Paulo a revela na sequência do sermão! Primeiro mostrou que a fé nos fazia filhos do patriarca, dizendo: “*Sabei, portanto, que os que são pela fé, são filhos de Abraão*” (Gl 3,7). Agora, porém, demonstra que igualmente são filhos de Deus: “*Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus*”, pela fé, não pela Lei. Em seguida, visto que se trata de uma realidade grande e admirável, explica de que modo se realiza a filiação.

27. *pois todos vós que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo.*

E por que não disse: Todos vós que fostes batizados em Cristo, nascestes de Deus? Era consequente para demonstrar que eram filhos. Mas ele expõe de modo mais estupendo. De fato, se Cristo é Filho de Deus, e tu dele te revestiste, tendo o Filho de Deus em ti, e assemelhando-te a ele, contraíste com ele parentesco e tendes idêntico aspecto.

28. *Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.*

Viste como o Apóstolo é insaciável? Tendo dito: “*Todos somos filhos de Deus pela fé*”, não se detém neste degrau, mas procura algo mais que possa provar com evidência a união mais estreita com Cristo. Tendo dito: “*Vos revestistes de Cristo*”, nem com esta palavra se contentou, mas explanando-a vai à união mais íntima e diz: “*Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus*”, isto é, todos tendes uma só forma, um só modelo, a saber, o de Cristo.

O que há de mais estupendo e respeitável do que tais palavras? Quem antes era gentio, judeu ou escravo, agora não se acha na condição de um anjo, de um arcanjo, mas na do Senhor do universo, representando Cristo em si.

29. *E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa.*

Viste que agora demonstra o que dissera acerca da descendência, isto é, que as bênçãos foram dadas a Abraão e a sua descendência?

QUARTO CAPÍTULO

1. *Ora, eu digo: Enquanto o herdeiro é menor, embora dono de tudo, em nada difere de um escravo.*

2. *Ele fica debaixo de tutores e curadores até a data estabelecida pelo pai.*

3. *Assim também nós, quando éramos menores, estávamos reduzidos à condição de escravos, debaixo dos elementos do mundo.*

Os elementos do mundo

O Apóstolo nesta passagem não alude ao menor segundo a idade, mas conforme o espírito, assinalando que Deus no começo queria conceder estes dons, mas, quando nos viu ainda um tanto pueris, deixou-nos sob os elementos do mundo, isto é, os novilúnios e os sábados, pois estes dias retornam segundo o curso da lua e do sol. Por conseguinte, se eles ainda agora vos reduzem ao jugo da Lei, outra coisa não fazem senão reconduzir a vós, adultos, ao tempo passado da puerícia. Vês a importância da guarda dos dias? Reduz à condição de servo quem é senhor, pai de família e tem poderio completo.

4. *Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial.*

Menciona aqui duas causas e benefícios da encarnação, a saber, a libertação dos males e a concessão de bens, que ninguém poderia consumir, a não ser ele só. Mas, afinal, quais eram? Libertar da maldição da Lei, e adotar como filhos. Pois, diz: “*Para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial*”. Para redimir os que estavam sob o jugo da Lei, diz ele, e para que recebêssemos a adoção filial. Exprime-se muito bem: “*Para que recebêssemos*”, indicando que era devido. Já outrora o prometera, conforme também Paulo mostrou com muitas palavras acerca das promessas feitas a Abraão a esse respeito. E de onde consta, replicas, que nos tornamos filhos de Deus? Disse primeiro que nos revestimos de Cristo, que é Filho; disse em seguida que recebemos o

Espírito de adoção filial.

6. *E porque sois filhos, enviou Deus aos vossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba, Pai!*

7. *de modo que já não és escravo, mas filho. E se és filho, és também herdeiro de Deus, por Cristo.*

Não poderíamos, de fato, denominá-lo Pai se não fôssemos primeiro constituídos filhos. Se, portanto a graça nos transforma de servos em livres, de crianças em adultos, de estranhos em herdeiros e filhos, não seria absurdo e sumamente ingrato, abandonar tudo isso e retornar ao que foi deixado para trás?

8. *Outrora, é verdade, não conhecendo a Deus, servistes a deuses, que na realidade não o são.*

9. *Mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus, como é possível voltardes novamente a estes fracos e miseráveis elementos aos quais vos quereis escravizar outra vez?*

Neste ponto, dirigindo-se aos gentios que havia acreditado, disse que é idolatria a observância dos dias, e que agora merece suplício mais grave. Por isso chamou os elementos de “*deuses que na realidade não o são*”, desejando persuadi-los disto, e causando-lhes maior ansiedade. É isto o que quer dizer: Então rastejáveis, na verdade, vivendo em trevas e no erro, “*mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus, como é possível*” não merecerdes suplício mais atroz, quando, após receberdes tantos cuidados, sofreis uma recaída? De fato, não encontrastes a Deus por esforço próprio, mas vivíeis no erro e ele vos atraiu a si. Ele dá aos elementos o qualificativo de fracos e miseráveis, porque não têm força alguma para realizarem os bens propostos.

10. *Observais cuidadosamente dias, meses, estações, anos!*

Torna-se evidente que eles¹⁵ não só pregavam a circuncisão, mas também festas e novilúnios.

Temor e esperança

Receio ter talvez me afadigado em vão por vós.

Notaste o coração do Apóstolo? Eles eram sacudidos pelas ondas, e ele treme e teme. Por isso vigorosamente os envergonha e diz: “*Afadiquei-me por vós*”. Queria dizer: Não inutilizeis meus esforços. Tendo dito: “*Receio*”, acrescentou: “*Talvez*”. Ao mesmo tempo amedronta e dá esperanças promissoras. Não disse: Trabalhei inutilmente, e sim: “*Talvez*”. Assegura: Ainda não aconteceu o naufrágio, mas já distingo a tempestade que o ocasionará. Por isso receio, sem desesperar. Está em vosso poder corrigir tudo isso, e voltar à primitiva serenidade. Em seguida, estendendo a mão aos que se acham sacudidos pela tempestade, coloca-se no meio deles, dizendo:

12. *Tornai-vos como eu, pois eu também me tornei como vós.*

O exemplo de Paulo

Assim fala aos judeus que haviam acreditado. Por isso, coloca-se entre eles, desejando assim persuadi-los a abandonar a antiga Lei. Pois, mesmo se não tiverdes outro exemplo, basta olhar-me para fazerdes tal mudança e facilmente terdes confiança. Por conseguinte, olhai-me, pois também eu outrora era apegado à Lei fortemente e com zelo inflamado; todavia, depois não tive medo de abandonar a Lei, nem renunciar àquele estilo de vida. E vós conheceis muito bem como lutei excessivamente em prol do judaísmo e como por fim com maior zelo o abandonei. E com justeza colocou: por fim. Na verdade, muitos, embora encontrem inúmeras e justas razões, no entanto deixam-

se levar àquilo que lhes é consentâneo; e ao virem um outro proceder deste modo, preferem aderir ao mesmo.

Eu vos suplico, irmãos, em nada me ofendestes.

Observa que de novo os interpela com um nome honroso; com ele lembrava, porém, a graça. Após tê-los atacado intensamente comparando sempre com os fatos, e mostrara que eles transgrediam a Lei, e de todos os lados lhes lançara dardos, novamente os cura, usando termos mais suaves. Empregar continuamente uma terapia suave torna o doente mais dócil, enquanto utilizar sempre palavras ásperas mais o exaspera. Por conseguinte, é melhor sempre empregar termos moderados. Vê, portanto, como se justifica do que disse, mostrando que não foi sem motivo que lhes apareceu qual opositor, mas foi por solicitude para com eles que proferiu o que proferiu. Na verdade, após uma profunda incisão, infunde qual um óleo este consolo; e declara que as palavras não provinham de ódio ou de simulação, lembra-lhes a caridade que lhes exibira, e mistura o elogio às desculpas.

Paulo e os Gálatas

Por este motivo afirma: *“Eu vos suplico, em nada me ofendestes”*.

13. *Bem o sabeis, eu estava bem doente quando vos evangelizei.*

14. *E vós não mostrastes desprezo, em face da provação na minha carne;*

Entretanto não é grande coisa que em nada eles o ofenderam; nem um homem comum quer prejudicar quem não injuriou, e em vão e inutilmente ser molesto. Vós, porém, não apenas não prejudicastes, mas oferecestes grande, inenarrável benevolência; e não é possível que o objeto de tamanha solicitude falasse a esse respeito com malevolência. Não é, portanto, por inimizade que falo, mas por afeto e solicitude. *“Eu vos suplico, em nada me ofendestes. Bem o sabeis, eu estava bem doente quando vos evangelizei”*. Nada existe de mais manso, suave, amável que este santo. Por conseguinte, nem as palavras anteriores eram originárias de raiva desarrazoada e emoção, mas provinham de grande solicitude. E por que digo: *“Em nada me ofendestes”*? Demonstrastes muita e sincera solicitude para comigo. Diz ele: *“Bem o sabeis, eu estava bem doente quando vos evangelizei. E vós não mostrastes desprezo nem desgosto, em face da provação na minha carne”*. Enfim, o que é que ele afirma? Enquanto vos anunciava o evangelho era expulso, flagelado, suportava inúmeros perigos de morte, e nem assim me desprezastes. É o que enuncia nesses termos: *“E vós não mostrastes desprezo nem desgosto, em face da provação na minha carne”*. Viste a prudência espiritual? Na justificação de si mesmo mais uma vez os envergonha, manifestando quanto sofrera por eles. Entretanto, afirma, nada disso vos scandalizou, nem vos afastastes de mim por causa das aflições e perseguições. É isso que ele chama de fraqueza e provação.

pelo contrário, me recebestes como um anjo de Deus.

Acaso não seria absurdo receber como um anjo de Deus um homem perseguido, exilado, e não receber quem dava úteis conselhos?

15. *Onde estão agora as vossas felicitações? Pois eu vos testemunho que, se vos fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los mim.*

16. *Então, dizendo-vos a verdade, eu me tornei vosso inimigo?*

Aqui duvida e admira-se em excesso, e deseja saber deles a causa da alteração. Quem, pergunta, vos seduziu, persuadiu a terdes outros sentimentos em relação a nós? Não éreis vós que me prestáveis serviço, que cuidáveis de mim, que me tinham por mais caro do que os olhos? O que aconteceu?

Donde vem a inimizade? Donde a suspeita? Será porque vos disse a verdade? Ora, por esta causa seria justo que mais me honrásseis e me dedicásseis maior cuidado; contudo, tornei-me inimigo porque vos falei a verdade. Eu, de fato, asseguro, não sei de outra causa, a não ser de vos ter dito a verdade. E vê com que humildade se desculpa. Pois não é por causa dos serviços que ele lhes prestara, mas dos que eles próprios lhe prestaram que manifesta não ser possível pensar que isso se diga por maldade. Verdadeiramente, não disse: Como pode ser que alguém por vossa causa seja flagelado, expulso, sujeito a inúmeros males, e depois vos arme ciladas? Mas do que eles poderiam se gloriar, ele reúne argumentos, interrogando: Como é possível que alguém honrado por vós e recebido como um anjo, retribua de forma contrária?

Bom e mau zelo

17. *Não é para o bem que eles vos invejam. O que querem é separar-vos de mim para que vós os sigais a eles.*

É bom o zelo que procura imitar a virtude; é mau, quando afasta da virtude os que agem corretamente. Com efeito, é isto que eles tentam fazer, empenhando-se em vos apartar do conhecimento perfeito e induzir a um conhecimento mutilado e espúrio, sem outro motivo senão a fim de se assentarem na cátedra de mestres, e vós, contudo, que agora estais em lugar mais elevado do que eles, serdes colocados na classe dos discípulos. É isso que ele declara: *“Para que vós os sigais eles”*. Eu, contudo, desejo o contrário, que os precedais, e vos torneis exemplo para os mais perfeitos. Foi o que aconteceu quando eu estava junto de vós. Por isso, acrescenta:

18. *É bom seguir o bem sempre, e não só quando estou presente entre vós,*

Aqui sublinha que sua ausência foi a causa deste mal, e que seria uma felicidade que os discípulos, não só na presença do mestre, mas ainda quando ausente, tivessem um conveniente modo de pensar. No entanto, como eles ainda não alcançaram tal perfeição, faz o possível para nela introduzi-los.

Solicitude apostólica de Paulo

19. *Meus filhinhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós.*

Vê como está comovido, agitado! Meus irmãos, eu vos suplico: *“Meus filhinhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto”*. Imita a mãe que trepida por causa dos filhos. *“Até que Cristo seja formado em vós”*. Viste o coração paterno? Viste a ansiedade digna de um apóstolo? Como geme, de modo muito mais agudo do que as parturientes? Corrompestes a imagem, perdestes o parentesco, alterastes a forma. Precisais renascer, de ser plasmados de novo. Mas chama de filhos os fetos abortivos. Não se exprime desta, e sim de outra forma. Poupa-os, não quer ferir, sobrepor novos ferimentos. Os médicos peritos não curam de uma vez os que sofrem de longa moléstia, mas demoradamente, para que não percam a esperança e morram; assim procede o santo.

Com efeito, estas dores eram mais intensas do que as de uma parturiente, a caridade era maior, e o pecado invulgar.

Sempre repito e não desistirei de repetir: Até mesmo uma pequena transgressão vicia o aspecto todo e prejudica a forma.

20. *Quisera estar no meio de vós agora e mudar o tom da voz*

Considera nele a impossibilidade de se conter, o ardor, quanto era insuportável. Tal é a caridade. Não se contenta com palavras, mas deseja ainda a presença. *“E mudar o tom da voz.”* Isto é, transformar em lamentação, comover até às lágrimas, levar todos a gemer. Pela epístola não podia mostrar as lágrimas, nem os gemidos; e por isso arde no desejo da presença.

pois não sei que atitude tomar a vosso respeito.

Não sei o que dizer, o que pensar. De onde vem que anteriormente havíeis subido às alturas do céu, de um lado pela tolerância dos perigos por causa da fé, de outro pelos milagres que operastes pela fé, e agora, de repente baixastes a tal vileza que vos deixais arrastar à circuncisão e aos sábados e aderir aos judaizantes? Por isso dissera no início: *“Admiro-me de que tão depressa abandoneis”* (Gl 1,6); e neste lugar: *“Não sei que atitude tomar a vosso respeito”*. De certo modo pergunta: O que dizer? O que falar? O que pensar? Estou perplexo. Por isso, preciso chorar, o que, na verdade, também os profetas fazem nas situações ambíguas. É, porém, difícil o tratamento, quando não só se há de aconselhar, mas também de lastimar. É isso igualmente que dizia em Mileto: *“Durante três anos, não cessei de exortar com lágrimas a cada um de vós”* (At 20,31). Aqui diz também: *“E mudar o tom de voz”*. Efetivamente, todas as vezes que somos vencidos diante das perplexidades, dos casos desesperados, inesperados, vertemos lágrimas. Depois, portanto, de severamente repreendê-los e envergonhá-los, novamente mitiga; depois lamenta. O lamento, porém, não contém apenas repreensão, mas também carícias. Pois não exaspera como o castigo; nem afrouxa como a mitigação, mas é remédio misto, e tem grande força para exortar. Depois, portanto, que deplorou, e suavizou a mente deles e os conciliou com vigor maior, novamente empenha-se em disputar, propondo um ponto mais importante, e mostrando que a própria Lei não reclama ser observada. Após ter introduzido um exemplo tirado de Abraão, agora apresenta a própria Lei a admoestar à inobservância e ao afastamento de si. Isso era mais forte. Se, portanto, queres obedecer à Lei, afirma, afastai-vos dela, pois ela própria o quer. Mas não se exprime desta forma e adota outro processo, mesclando um episódio da história.

21. *Dizei-me, vós que quereis estar debaixo da Lei, não ouvis a Lei?*

Diz com razão: *“Que quereis”*. Não se tratava da série de fatos, mas da inoportuna oposição deles. Aqui chama de Lei o livro da criação do mundo, o que faz frequentemente, denominando assim todo o Antigo Testamento.

Os filhos de Abraão

22. *Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da serva e outro da livre.*

Retorna a Abraão, não para repetir o nome, mas porque entre os judeus o patriarca era famoso. Declara que com ele as figuras tiveram início, e que os acontecimentos atuais, anteriormente foram nele figurados. Tendo demonstrado primeiro que os gálatas eram filhos de Abraão e considerando que os filhos do patriarca não tinham a mesma dignidade, porque um era filho da serva, outro da livre, declara que eles não só eram filhos, mas filhos do mesmo modo que o filho livre e genuíno. Tão grande é a força da fé.

23. *Mas o da serva nasceu segundo a carne, o da livre em virtude da promessa.*

O que significa: *“Segundo a carne”*? Tendo dito que a fé nos une a Abraão, e parecia incrível aos ouvintes que fossem chamados filhos os que não nasceram dele, mostra que o que parecia inacreditável fora realizado por Deus. Com efeito, Isaac não nascera segundo a ordem da natureza, nem segundo a norma da união conjugal, nem de acordo com as forças carnaís, e era filho genuíno, originário de corpos estéreis e proveniente daquele útero. Não foi a carne que concebeu, nem o sêmen gerou a prole, pois o útero estava extinto tanto pela idade quanto devido à esterilidade, mas a palavra de Deus o formou. Quanto ao servo, não nasceu do mesmo modo, mas veio segundo as leis da natureza e da união conjugal. No entanto, o que não nascera segundo a carne foi preferido ao que nascera segundo a carne. Não vos perturbe, portanto, não terdes nascido segundo a carne. Exatamente por isso

sois descendente dele, porque não nasceste segundo a carne. De fato, ter nascido segundo a carne não torna mais honroso, mas até diminui o respeito. É mais admirável e mais espiritual o parto que não é segundo a carne, conforme evidenciam os que nasceram de modo superior. Ismael nasceu segundo a carne, mas era servo, e não só, mas foi expulso da casa paterna; Isaac, contudo, nasceu pela promessa, e sendo filho e livre, tornou-se senhor de tudo.

24. Isto foi dito em alegoria.

Contra o que é usual a figura é chamada de alegoria. Quer, porém, dizer o seguinte: Esta história não só declara o que aparece, mas também anuncia outra coisa, e por isso em o nome de alegoria. O que anunciou? Nada mais senão o que agora se realiza.

As duas Alianças

Elas, com efeito, são as duas alianças: uma a do monte Sinai gerando para a escravidão: é Agar, “Elas são”. Quem são elas? As mães daqueles meninos, Sara e Agar. O que são “as duas alianças”? As duas Leis. Uma vez que os nomes das mulheres achavam-se na narração [bíblica], o Apóstolo insistiu no nome da raça e mostrou muitas consequências dos próprios nomes. Como dos próprios nomes?

25. Agar, porque o monte Sinai está na Arábia.

Agar é o nome da escrava; o monte Sinai é traduzido por tal termo na língua daquele povo. Por conseguinte todos os que nasceram no Antigo Testamento necessariamente são servos. Pois aquele monte, onde foi dado o Antigo Testamento, tem o mesmo nome que a serva, e abrange também Jerusalém; é isto que ele quer dizer com a locução: e corresponde à Jerusalém de agora, Isto é, que é vizinho, contíguo. que de fato é escrava com seus filhos. O que diz com isso? Que não somente ela era serva e gerou escravos, mas também esta Aliança, da qual a serva foi figura. De fato Jerusalém é vizinha do monte que tem o nome da escrava; neste monte, porém, foi dado o Testamento.

A Igreja, figura da Jerusalém celeste

E o que representa a figura de Sara?

26. Mas a Jerusalém do alto é livre,

Por conseguinte, os que dela nascem não são escravos. Agar, portanto, era figura da Jerusalém de baixo, o que se torna evidente pelo monte de seu nome; da Jerusalém do alto é a Igreja. No entanto, o Apóstolo não se contentou com as figuras, mas toma a Isaías por testemunha do que disse. Tendo dito que a Jerusalém do alto é nossa mãe e se chama Igreja, cita o profeta que sufraga com seu voto:

27. Entoa alegre canto, ó estéril, que não deste à luz, irrompe, clama, tu que não sentiste as dores do parto, porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos de uma esposa” (Is 54,1). Qual é, portanto, anteriormente a estéril e qual a abandonada? Não é evidente que se trata da Igreja do gentios, que anteriormente estava privada do conhecimento de Deus? Qual a esposa? Não é claro que é a sinagoga? Entretanto a estéril superou-a pela multidão de filhos. De fato, a sinagoga abrangia um só povo, mas os filhos da Igreja enchem a Grécia, a Barbaria, a terra, o mar, enfim a terra inteira. Observaste que Sara, por meio dos eventos, e o profeta, através das palavras, denotaram o que no futuro nos aconteceu? Mas considera o seguinte: Isaías a denominou estéril, e a mostra transformada em mãe de muitos filhos. O mesmo sucedeu a Sara em figura, pois esta, sendo estéril, tornou-se mãe de numerosa prole. Mas nem isso bastou a Paulo; perguntou de que modo a estéril se tornou mãe, de

sorte que assim acomodou a figura à verdade. Por isto acrescenta:

28. *Ora, nós irmãos, como Isaac, somos filhos da promessa.*

A Igreja, como Sara, não era somente estéril, nem apenas se tornou à semelhança dela mãe de muitos filhos, mas também concebeu de modo idêntico. Com efeito, ela não se tornou mãe pela natureza, mas pela promessa de Deus (pois aquele que disse: Na mesma estação voltarei, então Sara terá um filho [Gn 18,10], atingiu o útero e plasmou a criança), assim também em nossa regeneração a natureza em nada contribui, mas as palavras de Deus, que os fiéis conhecem, pronunciadas pelo sacerdote no batismo das águas, qual seio materno, formam e regeneram os que são batizados. Se, portanto, somos filhos da estéril, somos livres. E qual é esta liberdade, replicará alguém, se os judeus afligem e flagelam os fiéis e os que são considerados livres sofrem perseguições? Pois então acontecia que os fiéis eram perseguidos. Mas isso não vos perturbe, responde. Na verdade, precedentemente tal aconteceu em figura, pois também Isaac, livre embora, suportou perseguição da parte de Ismael, que era escravo. Em consequência acrescenta:

29. *Mas, como então o nascido segundo a carne perseguia o nascido segundo o espírito, assim também agora.*

30. *Mas, o que diz a Escritura? Expulsa a serva e o filho dela, pois o filho da serva não herdará com o filho da livre.*

E então? É consolo demonstrar que os livres são perseguidos pelos escravos? Absolutamente não, diz ele. Não me detenho neste ponto, mas escuta a continuação, e então terás consolo suficiente para não seres pusilânime nas perseguições. Qual é a continuação? “*Expulsa o filho da serva, pois o filho da serva não herdará com o filho da livre*”. Notaste a recompensa da tirania transitória e da arrogância importuna? O menino foi expulso da casa paterna, tornou-se exilado e errante juntamente com a mãe. Pondera a sabedoria destas palavras. Não disse: Foi expulso apenas porque perseguia, e sim: Para não ser herdeiro. Não era castigo da perseguição passageira (pois ela era leve e insignificante), mas não o deixava participar da herança que lhe cabia enquanto filho. Assinala o que, mesmo sem a perseguição, por disposição do alto lhe era destinado; não se originou da perseguição, mas provinha do plano de Deus. Nem disse: O filho de Abraão não será herdeiro, e sim: O filho da serva, acrescentando-lhe a característica derivada da condição inferior. Ora, Sara era estéril; também a Igreja congregada dentre as nações era tal. Vês a figura aplicada a tudo? Sara, durante todos os anos anteriores, não dá à luz e torna-se mãe na extrema velhice; assim também a Igreja, na plenitude do tempo, deu à luz. Igualmente o predissera o profeta, nesses termos: “Entoa alegre canto, ó estéril, que não deste à luz; irrompe, clama, tu que não sentiste as dores de parto, porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos de uma esposa” (Is 54,1), assinalando com este nome a Igreja. Pois ela não conhecia a Deus; entretanto, logo que conheceu superou a sinagoga que possuía numerosa prole.

31. *Portanto, irmãos, não somos filhos da serva, mas da livre.*

O Apóstolo põe em movimento e revolve tudo isto, esforçando-se por mostrar que os acontecimentos não eram recentes, mas haviam sido prefigurados desde os primórdios e muito tempo antes. Não seria, portanto, absurdo que tendo sido há tantos séculos escolhidos e partícipes da liberdade, de bom grado nos entregássemos ao jugo da servidão? Em seguida, acrescenta outra causa que persuade à perseverança na doutrina.

QUINTO CAPÍTULO

1. É para a liberdade que Cristo nos adquiriu. Permanecei firmes, portanto,

Cristo libertador

Acaso vós próprios vos libertastes, para novamente correrdes para o antigo déspota? Mas ele vos libertou, tendo um outro pago vosso resgate? Vês de quantas maneiras o Apóstolo vos aparta do erro dos judeus? Em primeiro lugar afirma que é extrema loucura os servos que se fizeram livres, de livres que são, desejarem reduzir-se a servos. Em seguida, porque se mostrariam iníquos para com o benfeitor e ingratos os que desprezassem seu libertador e amassem quem os arrastou à escravidão. Em terceiro lugar, porque era impossível. A Lei já não tinha o domínio, visto que um outro nos redimira de seu jugo, a todos de uma vez. Tendo dito: *Permanecei firmes*, alude a uma flutuação.

e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão.

Sob o nome de jugo denota-se uma questão molesta, e tendo dito: “*De novo*”, acentua a enorme insensibilidade deles. De fato, se não houvésseis experimentado o peso do jugo, não mereceríeis uma grave acusação. Mas, visto que conhecestes por experiência quão grave é o peso do jugo e a ele de novo vos submeteis, que perdão merecereis?

2. Atenção! Eu, Paulo, vos digo: Se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá.

Vê que ameaça atroz. Com razão, portanto, anatematizou até os anjos. Como, porém, Cristo de nada lhes servirá? Com efeito, ele não apresentou provas, mas apenas o afirmou. A autoridade da pessoa é suficiente comprovação. Disse, portanto: “*Atenção! Eu, Paulo, vos digo*”, palavra de confiança naqueles aos quais se dirigia. Nós, segundo nossas forças, acrescentaremos por nós mesmos algo de semelhante. Como Cristo de nada servirá ao circunciso? Quem se circuncida, fá-lo de certo modo por medo da Lei. Quem tem medo, desconfia das forças da graça e quem desconfia, nenhum fruto recolhe daquela de quem desconfia. Ainda de outra forma: Quem se circuncida, faz da Lei sua senhora; quem, contudo, a considera senhora e a transgride em grande parte, observando somente a porção menor, se submete à maldição. Quem, contudo, se submete à maldição, repelindo a liberdade proveniente da fé, como pode se salvar? Se é lícito dizer algo de incrível, ele não confia nem em Cristo, nem na Lei, mas se detém no meio, e, querendo lucrar de um lado e de outro, não obterá vantagem de nenhum dos dois.

A coesão interna das várias partes da lei

Em seguida, depois de ter dito que Cristo de nada lhes servirá, apresenta de modo enigmático e resumido a prova, dizendo:

3. Declaro de novo a todo homem que se faz circuncidar: Está obrigado a observar toda a Lei.

Com efeito, para não julgares que o diz por espírito de contradição, assegura: Não digo somente a vós, mas a qualquer um que se circuncidar, que está obrigado a cumprir toda a Lei, porque os preceitos da Lei são interdependentes. E como aquele que passa de homem livre à escravidão não pode mais fazer o que quer, mas está obrigado a todas as leis da escravidão, assim acontece relativamente à Lei: Se aceitas uma pequena parte da Lei, ficas sujeito ao jugo, e contraístes todo o domínio da Lei. O mesmo acontece a respeito da herança terrena. Quem não toca em coisa alguma, livra-se dos negócios inerentes à herança do defunto. Se tocar um pouco, mesmo se não receber tudo, fica inteiramente sujeito por ter tocado numa parte. O mesmo acontece relativamente à Lei, não só da forma a que aludi, mas também por outro motivo: As partes da Lei são correlatas. A circuncisão, por exemplo, traz anexa a imolação de vítimas e a observância dos dias festivos. A imolação, por sua vez, tem anexa a observância dos dias e dos lugares. O lugar está ligado a inumeráveis ritos de purificação. As

purificações acarretam a prática de vários ritos. Pois não é lícito sacrificar coisas impuras, entrar nos recintos sagrados, enfim nada fazer de semelhante. Por isso, por meio de um só preceito, a Lei acarreta muitos outros. Por conseguinte, se te circuncidas, apenas o podes fazer no oitavo dia. Todavia, está tudo perdido se é no oitavo mas sem oferta de um sacrifício, ou é oferecido o sacrifício mas não no lugar determinado, ou no lugar determinado mas não segundo as prescrições da Lei, ou segundo as prescrições da Lei mas não puro, ou se é puro mas não purificado por um rito conveniente. Por isso, diz o Apóstolo: *“Está obrigado a observar toda a Lei”*. Se a Lei tem autoridade, não cumpras só uma parte, mas toda inteira. Se não tem autoridade, não observes parte alguma.

4. *Rompeste com Cristo, vós que buscais a justiça na Lei; caístes fora da graça.*

Depois de ter provado o assunto, declara que há perigo de extremo suplício. Visto que aquele que recorre à Lei não consegue por isso a salvação, e perde a graça, que lhe resta senão o suplício indeclinável, porque a Lei carece de vigor, e a graça não o acolhe?

Fé e amor

Após aumentar-lhes o medo desta forma e ter-lhes abalado a mente, após mostrar-lhes o naufrágio completo que haverão de sofrer, abre-lhes o porto da graça que se encontra perto, o que sempre faz, demonstrando que a salvação deste modo é muito fácil e segura, e assevera:

5. *Nós, com efeito, aguardamos, no Espírito, a esperança da justiça que vem da fé.*

Não precisamos de forma alguma daquelas observâncias legais; basta-nos a fé para conferir-nos o Espírito e por meio dele a justiça, além de muitos e grandes bens.

6. *Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas a fé que age pela caridade.*

Vês que já os ataca com maior liberdade? Quem já se revestiu de Cristo não procure tais coisas, diz ele. Ora, já afirmara que a circuncisão é prejudicial; como, portanto, a classifica como indiferente? É indiferente aos que a haviam recebido antes da fé, não aos que se circuncidavam após ter acreditado. Vê que rejeita a circuncisão, colocando-a ao lado da incircuncisão. O critério é a fé. Como alguém ao escolher um atleta não olha se tem o nariz adunco ou chato, se é negro ou branco; não importa para o certame, mas só se leva em conta se ele é válido e perito. Assim quem há de ser inscrito no Novo Testamento, nada de corporal o prejudica se faltar, como não ajuda se existir. O que quer dizer: *“que age pela caridade”*? Aqui lhes inflige grande ferida, dando a entender que surgiu este equívoco porque a caridade para com o Cristo não tem raízes entre eles. Não se reclama apenas a fé, mas também a perseverança na caridade. Como se dissesse: Se amásseis a Cristo como importa, não vos entregaríeis à escravidão, de forma alguma vos apartaríeis daquele que vos remiu; não abandonaríeis, nem injuriaríeis aquele que vos assegurou a liberdade. Alude também aqui àqueles que armavam ciladas aos gálatas, dando a entender que, se eles também tivessem caridade, não ousariam agir deste modo. Com esta palavra quer corrigir o comportamento deles.

Angústia e confiança no auxílio divino

7. *Corríeis bem; quem vos pôs obstáculos?*

Não são interrogações, mas lamentações e ânsias. Como foi interrompido tal curso? Quem pôde tanto? Vós que éreis superiores a todos e estáveis na categoria de mestres, não perseverastes nem no lugar de discípulos. O que aconteceu? Quem teve tanta força? São exclamações e lamentos, conforme perguntava mais acima: *“Quem vos fascinou?”* (Gl 3,1)

8. *Esta sugestão não vem daquele que vos chama.*

Quem vos chama não o fez para vacilardes desta forma; não vos prescreveu que devíeis judaizar. Em seguida, a fim de que ninguém dissesse: Por que te exaltas e fazes um sermão tão severo? Observamos apenas um preceito da Lei e levantas tamanho tumulto? Ouve como ele lhes incute terror, não a respeito das realidades presentes, mas das futuras, exprimindo-se do seguinte modo:

9. *Um pouco de fermento leveda toda a massa.*

Assim também vós, se não for corrigida esta pequena falha, poderá conduzir ao perfeito judaísmo, qual fermento na massa.

10. *Eu confio em vós em Cristo que não pensareis diversamente.*

Não disse: Não pensais, e sim: “*Não pensareis*”, isto é, haveis de vos corrigir. Onde o sabeis? Não disse: Sei, e sim: “*Confio*”. Confio em Deus, e invoco seu auxílio, fiado em vossa emenda. Nem disse simplesmente: Confio em vós, mas acrescentou: “*Em Cristo*”. Sempre mescla louvor e acusação. Como se dissesse: Conheço meus discípulos, sei que facilmente vos corrigis. Em parte confio por causa de Cristo, que não permitirá que nem o mínimo se perca, em parte por vossa causa, porque imediatamente podeis vos converter. Ao mesmo tempo, porém, exorta a que empreguem diligência, não sendo possível obtê-lo da parte de Deus, a não ser que contribuam igualmente com o que está em seu poder.

Aquele, porém, que vos perturba, sofrerá a condenação, seja lá quem for.

Estimula-os duplamente: aumenta-lhes a confiança, e abomina os pseudoapóstolos, ou pressagia a respeito deles. Pondera que em parte alguma profere o nome dos sedutores, a fim de que não percam o pudor. É o seguinte o que afirma: Não é porque vós não pensais de modo diverso, que os autores da sedução ficarão livres do castigo, mas hão de sofrer as penas; não é justo que a honestidade de uns desculpe a malícia de outros. Assim acontece a fim de que não ataquem novamente ao próximo. E não disse simplesmente: “*Que vos perturba*”, mas acentua: “*Seja lá quem for*”.

Paulo e a circuncisão

11. *Quanto a mim, se ainda eu prego a circuncisão, porque sou ainda perseguido?*

Uma vez que o Apóstolo era criticado sob pretexto que em toda parte judaizava e pregava falsidades, vê a limpidez com que se livra da suspeita, chamando-os por testemunhas. Efetivamente, vós sabeis, também vós, que o pretexto para minhas perseguições foi que ordenei o abandono da Lei. Se, porém, prego a circuncisão, por que sofro perseguição? Os judeus não podem me acusar de outro crime, a não ser deste apenas. Pois, se concedesse que abraçassem a fé observando os ritos de seus maiores, nem os fiéis, nem os que não acreditaram me armariam ciladas, porque nada de seus ritos ficaria abalado.

E então? Acaso não preguei a circuncisão? Não circuncidei a Timóteo (At 16)? De fato, circuncidei. Como, então, diz: Não prego? E aqui podes tomar conhecimento de sua exatidão. Pois não disse: Não aplico a circuncisão, mas: Não prego, isto é, não ordeno que acreditem. Por conseguinte, não o entendas como confirmação dos ensinamentos, porque de fato fui circuncidado, mas não preguei a circuncisão.

Pois estaria eliminado o escândalo da cruz!

Isto é, foi retirado o obstáculo e afastado o impedimento, se é verdade o que dizeis. Não tanto causava escândalo aos judeus a cruz quanto a desobediência às leis paternas. Com efeito, ao levarem Estêvão ao conselho, não disseram: Ele adora o crucifixo, e sim: “Este homem não cessa de falar contra a Lei e contra o Lugar santo” (At 6,13). Igualmente incriminavam a Jesus de abolir a Lei. Por

isso Paulo disse: Se for permitida a circuncisão, resolve-se a disputa contra vós e já será nula a inimizade contra a cruz e a pregação. Se cotidianamente planejam a morte contra nós, como nos acusam desta forma? Levantaram-se contra mim porque teria introduzido um incircunciso no templo. Seria eu tão estulto que tendo permitido a circuncisão, em vão e inutilmente teria provocado um prejuízo para mim, levantando tal escândalo contra a cruz? Vedes, portanto, que não têm outra causa a guerra contra nós a não ser a circuncisão. Por acaso sou tão insensato que me afligiria por nada, e escandalizaria o próximo? Mas falei em “*escândalo da cruz*” porque o ensinamento sobre a cruz o exigia, e era o que mais escandalizava os judeus e impedia que a cruz fosse acolhida, isto é, porque ordenava que se afastassem dos costumes dos seus maiores.

12. *Que se façam mutilar de uma vez aqueles que vos inquietam!*

Vê como é amargo neste trecho em oposição aos sedutores. No início voltava a acusação contra os seduzidos, chamando-os uma e outra vez de estultos. Visto que os havia instruído corretamente e corrigido, dirige-se daí em diante aos sedutores. Importa, contudo, que observemos a sabedoria do Apóstolo, que admoesta aos gálatas e os corrige como se fossem seus próprios filhos, capazes de aceitar a advertência. Quanto aos sedutores, rebate-os como estranhos e doentes incuráveis, em parte quando diz: “*Sufrerá a condenação, seja lá quem for*”, e em parte ao imprecicar: “*Que se façam mutilar de uma vez aqueles que vos expulsam!*” Com razão disse: “*que expulsam*”. Obrigaram os gálatas a deixar a própria pátria, a liberdade, o digno parentesco, e a procurarem morada alheia no estrangeiro, de sorte a serem expulsos da Jerusalém superna e livre, e serem forçados a vagar, quais cativos e imigrantes. Por isso, impreca contra eles. Profere o seguinte: Não me preocupo a respeito deles. “Depois de uma primeira e de uma segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um homem herege”¹⁶ (Tt 3,10). Se quiserem, não apenas se circuncidem, mas também se mutilem.

Contra os maniqueus: a matéria não é má

Onde estão agora os que ousam se mutilar, e simultaneamente atraem para si a impreciação do Apóstolo, condenam a obra de Deus, e aderem aos maniqueus? De fato, estes afirmam que o corpo é insidioso e de matéria má. Eles, de fato, por obras, oferecem pretexto àquelas opiniões perversas, amputando um membro, qual insidioso inimigo. Por conseguinte, muito mais deviam cegar os olhos, porque através dos olhos penetra a concupiscência na alma. Mas, nem os olhos, nem membro algum é culpado, mas apenas a má intenção. Se não os contém, porque não cortas a língua por causa das blasfêmias, as mãos por causa das rapinas, os pés que correm para o mal, por que não, por assim dizer, o corpo todo? Pois também os ouvidos com os sons da flauta, frequentemente enfraqueceram a alma, e o nariz por um suave odor se impôs à mente, e levou à volúpia. Portanto, cortemos tudo, os ouvidos, as mãos, o nariz. Mas, seria extrema impiedade e furor satânico. Somente importa corrigir o ímpeto desordenado da mente. O demônio maligno, como se o Criador tivesse errado, persuadiu que se eliminasse o órgão, porque ele sempre se alegra com os morticínios. Por que então, dirá alguém, o corpo saciado inflama-se de concupiscência? Eis novamente que o delito é da alma; pois saciar a carne, não provém da carne mas da alma; se quiser extenuá-la, tem igualmente todo poder. Mas tu ages como um homem que, ao observar alguém acender fogo, e impor lenha e assim incendiar a casa, desculpa o autor do incêndio e acusa a chama, que consome uma quantidade de lenha e eleva-se bem alto. Ora, a culpa não é do fogo, mas de quem o acendeu. Com efeito, ele foi criado para preparar os alimentos, iluminar e prestar serviços de outra espécie e não para queimar as casas. Assim a concupiscência destina-se à procriação e propagação da vida, não ao adultério, à fornicção e à luxúria; a te tornares pai, não adúltero; à união legítima com a esposa, não a corromperes

injustamente; a deixares uma descendência, não a viciares a alheia. Com efeito, o adultério não é apetite natural, mas injúria contra a natureza; na verdade, este apetite somente procura a união, não, contudo, desta espécie.

Não o afirmei simplesmente, mas prevenimos contra determinadas contendas, e de certo modo disputamos contra os assertores de que a obra de Deus é má, e que, esquecidos da indolência da alma, falam com insensatez relativamente ao corpo e caluniam a carne; contra eles Paulo também doravante disserta, não culpando a carne, e sim os pensamentos diabólicos.

13. *Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne,*

Aqui já parece partir para um sermão moral. Emprega uma novidade que em nenhuma das outras epístolas aparece. Em todas costuma fazer uma divisão em duas partes, de sorte que na primeira trata dos dogmas, na segunda fala dos costumes; aqui, começa tratando dos costumes, e depois insere uma dissertação sobre os dogmas. E alterna a luta contra os maniqueus.

O amor, medida da liberdade cristã

Mas o que quer dizer: “*Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne*”? Cristo, diz ele, nos libertou do jugo da escravidão, quis que fosse livre a vontade, não a fim de abusarmos deste poder para o mal, mas para termos oportunidade de obter prêmio maior, após progredirmos em direção duma sabedoria mais elevada. De fato, após ter denominado a Lei, em todos os sentidos, jugo da servidão, e chamado à graça de libertação da maldição, a fim de evitar a suspeita de que estava ordenando o afastamento da Lei por ser lícito levar uma vida fora da Lei, corrige esta suspeita, dizendo: Não é para que se leve uma vida ilegítima, mas para transcender a Lei pela sabedoria,¹⁷ pois foram rompidos os vínculos da Lei. Ora, não me exprimo esta forma para ficarmos mais abatidos, mas para subirmos mais alto. Com efeito, tanto o que fornicava quanto aquele que perseverava na virgindade, ultrapassa os termos da Lei, mas não da mesma forma; um cai de forma péssima, outro se eleva a um grau mais alto, de sorte que um transgride a Lei, outro a ultrapassa. Diz Paulo a mesma coisa: Cristo libertou-vos do jugo, não a fim de saltardes, ou recalcitrardes, mas para caminhardes de maneira harmoniosa sem o jugo. Depois mostra a forma de se corrigir facilmente. Qual?

Pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros.

Novamente aqui insinua que a causa deste erro para eles foi a ambição, a sedição, o desejo de dominar e a insolência; na verdade, a ambição do poder é a mãe das heresias. Por isso, ao dizer: “*Colocai-vos a serviço uns dos outros*”, mostra que este mal originou-se da arrogância e do orgulho, e por isso aplica o remédio adequado. Uma vez que, querendo dominar uns aos outros, vos dividistes, “*colocai-vos a serviço uns dos outros*”, e desta forma nos reintegrareis na unidade. Ora, não indica abertamente o pecado, mas refere claramente o modo de emenda, a fim de que, por meio dela, o reconhecessem. Seria como se alguém não dissesse a um lascivo que deixasse a luxúria, mas frequentemente o exortasse à pureza. Pois quem ama o próximo como deve, não acha pesado servi-lo mais humildemente do que qualquer escravo. À semelhança do fogo que, aplicado à cera, facilmente a amolece, assim também o calor do amor dissolve todo orgulho e arrogância com maior vigor do que o fogo. Por isso não disse: Amai-vos uns aos outros, e sim: “*Colocai-vos a serviço*”, declarando que a amizade é intensa e forte. Uma vez que apartara o jugo da Lei, a fim de não escaparem, impõe-lhes outro jugo, a saber, o da caridade, mais forte do que o primeiro, mas muito mais leve e agradável. Em seguida, revela o bem que a caridade presta, nesses termos:

Pois toda a Lei está contida numa só palavra: Amarás a teu próximo como a ti mesmo (Mt 22,39; Lv 19,18).

Considerando que eles revolviam a Lei de alto a baixo, diz: Se queres cumpri-la, não te circuncides; pois não é pela circuncisão, mas pela caridade que é cumprida. Vê como não oculta sua dor, mas novamente insiste continuamente no que o penaliza, mesmo depois de ter terminado o sermão moral.

15. *Mas se vos mordeis e vos devorais reciprocamente, cuidado, não aconteça que vos elimineis uns aos outros.*

Não o enuncia a fim de não agravá-los, no entanto sabia que isto acontecia. Profere-o de modo ambíguo. Pois não disse: Porque vos mordeis mutuamente; e a sequência, de igual modo, porque não profere de novo: Não vos elimineis mutuamente, o que é peculiar a quem teme e previne, não a quem condena. E utilizou termos enfáticos. Pois não disse somente: “*Vos mordeis*”, que seria de quem se irrita, mas acrescentou: “*E vos devorais?*” próprio de quem persevera na malícia. Pois quem morde sacia a cólera, mas quem devora manifesta extrema ferocidade. Não se trata de mordedura e voracidade corporais, mas são muito mais cruéis. Pois quem prova carne humana não faz tanto mal quanto o que aplica uma mordedura na alma; de fato, tanto mais grave é lesá-la quanto o corpo é mais valioso que a alma. “*Cuidado, não aconteça que vos elimineis uns aos outros*”. Com efeito, os que lesam e armam insídias, de certo modo para eliminar os outros, vêm para tal e por isso ele diz: Vede que o problema não reverta contra vós. Pois a sedição e a luta trazem destruição e gastos tanto para as vítimas quanto para os que as provocam, e rói tudo mais do que a traça.

16. *Ora, eu vos digo, conduzi-vos pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne.*

Eis que indica outro caminho que facilita a virtude, e realiza bem o que foi dito, o caminho que gera a caridade, e que preme pela caridade. Nada de fato, nada, diria, de tal modo insere em nós a caridade como sermos espirituais, nem persuade igualmente ao Espírito que permaneça em nós senão a força da caridade. Por isso diz: “*Conduzi-vos pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne*”. Visto que expusera o que produzia a doença, igualmente receita o remédio que cura. Qual é e qual a força das palavras corretas senão viver pelo Espírito? Por isso diz: “*Conduzi-vos pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne*”.

A alma e a carne

17. *Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito, e o espírito, contrárias à carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis.*

Neste trecho alguns se levantam contra nós, dizendo que o Apóstolo dividiu o homem em duas partes, apresentando-o composto de duas naturezas contrárias, quando declara que há luta do corpo contra a alma. Mas não é assim, não é. Nem aqui ele chama o corpo de carne; de outra forma, se assim pensasse como seria consentâneo o que diz logo após: “*A carne tem aspirações contrárias ao espírito*”? Ora, o corpo não é do número dos que movem, mas dos que são movidos; não do número dos que ativam, mas dos que são ativados. Como, então, tem aspirações contrárias? Na verdade, a concupiscência não vem da carne, mas do espírito. Efetivamente, a Escritura diz em outra parte: “Minha alma aspira” (Sl 84,2), e: “Qual a aspiração de tua alma? E far-te-ei”, e ainda: “Não te deixes levar pelas paixões da alma” (Eccl 18,30), e: “Assim minha alma suspira” (Sl 42,2). Como, então, Paulo diz: “*A carne tem aspirações contrárias ao espírito*”? Ele costuma chamar de carne não só a natureza do corpo, mas também a vontade pervertida, conforme diz: “Vós não estais na carne, mas no espírito”, e ainda: “Pois os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Rm 8,9.8). O que quer dizer? Deve ser eliminada a carne? Ele mesmo que assim se expressava não estava revestido da carne?

Estes ensinamentos não são da carne, mas do diabo. “Ele foi homicida desde o princípio” (Jo 8,44)”. O que diz, portanto? Denomina carne aqui o pensamento terrestre, indolente e covarde. Não está acusando a carne, mas o crime da alma negligente; na verdade a carne é instrumento dela, mas ninguém tem aversão e ódio ao instrumento, mas àquele que o utiliza mal. Não é ao ferro, mas ao homicida que odiamos e punimos. Ora, replicará alguém: O fato mesmo de chamar com o vocábulo de carne os pecados da alma constitui acusação do corpo. Eu, de fato, confesso que a carne é inferior à alma, mas ela também é bela. O que é inferior em beleza é bom; o mau não é o menos bom, mas é o oposto do bem. Ora, se podes provar que a malícia provém do corpo, acusa a carne; se, porém, tentares levantar uma calúnia por causa do nome, é tempo de acusares ao mesmo tempo a alma, porque o homem também é chamado de psíquico (cf. 1Cor 2,14), quando se acha privado da verdade; e a multidão dos demônios tem o nome de espíritos do mal (Ef 6,12). Ainda a Escritura costuma, com o vocábulo de carne, designar os mistérios, dizendo que a Igreja toda é corpo de Cristo (Cl 1,18).

A harmonia e o serviço recíproco entre a alma e o corpo

Se queres também enumerar os benefícios prestados pela carne, imagina que os sentidos se extinguem, e verás a alma privada de todo conhecimento, e ignorante do que agora sabe. De fato, se o poder de Deus se percebe pela criação do mundo verificada através das criaturas, como poderemos ver sem os olhos? E se a fé vem do ouvido, como ouviremos sem os ouvidos? Pregar e andar ao redor dependem do auxílio da língua e dos pés. “E como podem pregar se não forem enviados?” (Rm 10,15). E escrever deriva das mãos. Vês que o serviço prestado pela carne é causa de inúmeros bens? De resto, ao dizer: “*A carne tem aspirações contrárias ao espírito*”, fala de duplo pensamento, mutuamente opostos, a saber, da virtude e do vício, e não da alma e do corpo. Pois, se estes dois se opusessem mutuamente, eliminar-se-iam, à semelhança do fogo pela água, das trevas pela luz. Se a alma cuida do corpo, tem para com ele grande solicitude, sofre imensamente para não deixá-lo e resiste ao ser atacado com violência, e vice-versa, o corpo se submete à alma, traz-lhe múltiplos conhecimentos e está ordenado à sua atividade, como podem ser opostos e lutar entre si? Com efeito, verifico pelos fatos que não apenas não são opostos, mas ainda são assaz concordes e protegem-se mutuamente. Paulo, portanto, não afirma que se opõem reciprocamente, mas insinua a luta entre os pensamentos maus e os bons. Querer e não querer é próprio da alma. Por isso, diz: Eles entre si se opõem, a fim de não deixares a alma seguir seus maus sentimentos. Na verdade, assim se exprimindo, falou como um pedagogo e preceptor que amedronta.

18. Mas se vos deixais guiar pelo Espírito, não estais debaixo da Lei.

Lei e Espírito

Qual a consequência? Máxima e evidente. De fato, quem se deixa guiar pelo Espírito, como convém, por meio dele extingue todo o mau desejo.

Mas quem deles se libertou não precisa do auxílio da Lei, tendo se tornado muito superior àqueles preceitos. De fato, quem não se irrita, por que precisa ouvir: Não matarás? Quem não olha com olhos intemperantes por que há de aprender que não deve cometer adultério? Quem lhe falará do fruto da maldade, se já arrancou-a pela raiz? A raiz do homicídio é a ira, e a raiz do adultério é o olhar indiscreto. Por isso, ele diz: “*Se vos deixais guiar pelo Espírito, não estais debaixo da Lei*. Nesta passagem, a meu ver, entoa grandes e admiráveis louvores à Lei. Se em vez do Espírito vigorava a Lei, em proporção de suas forças antes da descida do Espírito, nem por isso convinha permanecer sob o pedagogo. Então com razão estávamos sob a Lei, para contermos os desejos pelo medo, porque o Espírito ainda não aparecera. Agora, porém, após ter sido conferida a graça, que não só ordena abster-

se deles, mas também fazê-los esmorecer, conduzindo a um estilo de vida mais perfeito, qual a necessidade da Lei? Com efeito, quem por si desempenha melhor função, para que finalidade precisa de pedagogo? O filósofo não necessita do mestre-escola. Por que, então, vos rebaixais, uma vez que anteriormente vos submetíeis ao Espírito, e agora ficais sentados ouvindo a Lei?

As obras da carne e o fruto do Espírito

19. *Ora, as obras da carne são manifestas: fornicação, adultério, impureza, libertinagem,*

20. *encantamentos, idolatria, ódio, rixas, ciúmes, ira, ambições, discórdia, divisões,*

21. *invejas, assassinatos, bebedeiras, orgias, e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais vos previno, como já vos preveni: os que tais coisas praticam, não herdarão o Reino de Deus.*

Dize-me agora, tu que acusas a carne, e julgas que isso foi dito por inimizade e discórdia (sejam, pois, o adultério e a fornicação oriundos da carne, conforme vossa opinião), como se originariam da carne as inimizades, as disputas, as emulações, as ambições, as divisões e os encantamentos, uma vez que estas e outras coisas só provêm da vontade corrompida? Vês, portanto, que aqui não se refere à carne, mas às cogitações terrenas que se arrastam pelo chão? Por conseguinte, atemoriza, dizendo: “*Os que tais coisas praticam, não herdarão o Reino de Deus*”. Se fossem males naturais e não oriundos de uma vontade pervertida, seria inútil ter dito: “*Praticam*”, mas diria: *Padecem tais coisas*. Por que também excluem do reino dos céus? De fato, as coroas ou os castigos não se destinam às ações provenientes da natureza, mas às da vontade. Por isso desta forma também ameaça Paulo.

22. *Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz,*

Não disse: *Obra do Espírito*, e sim: “*Fruto*”. Por conseguinte, a alma está sendo supérflua? Se apenas se fala de carne e espírito, onde se situa a alma? Acaso se trata de seres inanimados? Na verdade, se o mal vem da carne, e o bem do espírito, a alma se torna supérflua. Absolutamente, não, porque lhe compete o equilíbrio das paixões.

Ela se situa em lugar intermédio entre a virtude e o vício, e espiritualiza o corpo ao empregá-lo de acordo com o dever; se, porém, se afastar do espírito, entregando-se aos maus desejos, torna-se mais terrena. Vês que ele não fala da substância da carne, mas da vontade má ou boa. Por que, contudo, denomina fruto do Espírito? Porque as más obras vêm somente de nós, e por isso se chamam obras; as boas, porém, não só exigem nossos cuidados, mas precisam da divina bondade. Em seguida, estando para descrevê-las, primeiro coloca a raiz dos bens, dizendo: caridade, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade,

23. *mansidão, autodomínio. Contra estas coisas não existe lei.*

O amor, mestre da filosofia

O que alguém haverá de preceituar àquele que em si possui tudo, inclusive a perfeita mestra da sabedoria, a caridade? Como os cavalos, contidos pelo freio, e que tudo fazem por si mesmos, não precisam do chicote, assim também a alma que pratica a virtude por impulso do Espírito, não precisa das prescrições da Lei. De resto, aqui também de modo admirável rejeita a lei, não enquanto má, mas como sabedoria inferior àquela que o Espírito comunica.

24. *Pois os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e seus desejos.*

Efetivamente, para que não digam: Quais são eles? Pelas boas obras mostra quais são os que as realizam. Mais uma vez aqui dá a designação de carne às obras más. De fato, não eliminaram a carne;

de outra forma, como viveriam? Um crucificado está morto e inativo, mas este manifesta perfeita sabedoria. Na verdade, mesmo que as concupiscências perturbem, em vão se enfurecem. Uma vez que é tão grande a força do Espírito, vivamos para ele, contentemo-nos com ele. É o que o Apóstolo acrescenta:

25. *Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também nossa conduta.*

Estabelecamos nossa vida segundo suas leis. É o seguinte o sentido das palavras: “*Pautemos nossa conduta*”, isto é, contentemo-nos com a força do Espírito, e não busquemos o acréscimo da Lei. Logo, manifestando que aqueles que introduziam a circuncisão, faziam-no por ambição, diz:

26. *Não sejamos cobiçosos de glória vã – a causa de todos os males –, provocando-nos uns aos outros e invejando-nos mutuamente.*

Na verdade, da vanglória nasce a inveja, e por sua vez, da inveja inúmeros males.

CAPÍTULO SEXTO

1. *Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta,*¹⁸

A correção fraterna

Considerando-se que, sob o pretexto de repreensão, as paixões tiravam vingança, e os pseudo-apóstolos pareciam assim proceder para corrigir os delitos, quando, na verdade, procuravam estabilizar a ambição de poder, diz o Apóstolo: “*Irmãos, caso alguém for apanhado em falta*”. Não diz: Se cometer, e sim: “*Se alguém for apanhado em falta*”, isto é, for surpreendido.

Vós, os espirituais, corriji-o

Não disse: Puni, ou condenais, e sim: “*Corrigi*. Não se detém aí, mas para mostrar que deviam ser muito mansos para com os que foram suplantados, assim termina: com espírito de mansidão,

Não disse: Com mansidão, e sim: “*Com espírito de mansidão*”, afirmando que isso também apraz ao Espírito, porque, na verdade, o próprio fato de poder corrigir com equidade os pecadores é um dom espiritual. Em seguida, no intuito de que aquele que corrige não se exalte, submete-o ao mesmo temor, dizendo: cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado.

À semelhança dos ricos que enviam esmolas aos necessitados a fim de que, se alguma vez também eles incidirem em pobreza, consigam o mesmo da parte dos outros, assim devemos nós fazer.

Por isso relembra a causa inevitável, nesses termos: “*Cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado*”. Desculpa o que pecou: primeiro dizendo: “*Caso alguém seja apanhado em falta*”; em seguida, com o nome de grande fraqueza; depois: “*Para que também tu não sejas tentado*”, acusando mais o ataque do demônio do que a negligência da alma.

Tolerância recíproca e compreensão

2. *Carregai o peso uns dos outros*

Visto que é impossível ao homem viver sem falhas, admoesta a não serem rígidos censores das faltas alheias, mas a tolerarem os defeitos do próximo a fim de que os seus próprios delitos sejam tolerados pelos outros. Como na estrutura da casa nem todas as pedras têm idêntica posição, mas uma é apta para o ângulo e não para os alicerces, outra, ao invés, adequada aos alicerces e não ao ângulo, o mesmo, na verdade, sucede no corpo da Igreja. Aliás, também em nossa carne é possível distinguir o mesmo, enquanto um membro é sustentado por outro, e não se requer tudo de todos. Pois da contribuição comum se constitui o corpo e o edifício, e assim cumprireis inteiramente a Lei de Cristo.

Não disse: Cumprireis, mas: “*Cumprireis inteiramente*”,¹⁹ isto é, todos conjuntamente a

cumprireis, carregando-vos uns aos outros. Por exemplo, ele é irritadiço, tu és sonolento. Tolera, portanto, seus ímpetos violentos para que ele por sua vez aguente tua indolência. Desta forma nem ele pecará por te suportar, nem tu, por acolher o teu irmão, apesar do que te molesta. Deste modo vós reciprocamente, estendendo a mão na iminência de uma queda, cumprireis a Lei por mútuos obséquios, enquanto cada qual supre pela paciência o que falta ao próximo. De fato, se não procederes de tal forma, mas quiser cada qual perscrutar a vida alheia, jamais entre vós cumprir-se-á o que é devido. Como acontece em relação ao corpo, se alguém quiser exigir de todos os membros idêntica vantagem, jamais se formará um corpo; assim entre irmãos haverá guerra aberta se exigirmos tudo de todos.

3. *Se alguém pensa ser alguma coisa, nada sendo, engana a si mesmo.*

Observa aqui novamente a arrogância. Quem “*pensa ser alguma coisa*”, nada é, mas primeiro dá por tal leviandade provas de sua insignificância.

Antes de tudo, examinar a si mesmo

4. *Cada um examine sua própria conduta,*

Este trecho manifesta que devemos ser censores de nossa própria vida; não examinar ligeira, mas exatamente, os nossos atos. Por exemplo, fizeste algum bem? Reflete se acaso não foi por vanglória, necessidade, ódio, simulação, ou por qualquer outra causa simplesmente humana. Como o ouro que parece esplêndido antes de passar pelo cadinho, mas uma vez entregue ao fogo, dá a conhecer com toda certeza que é falsificado, diverso do genuíno, assim também nossas obras diligentemente examinadas, com evidência revelar-se-ão, e verificaremos que somos réus de muitas culpas.

e então terá aquilo de que se gloriar por si só e não por referência ao próximo.

Não se exprime assim para prescrever uma lei, mas por condescendência, de certo modo dizendo: Na verdade, é absurdo gloriar-se. Mas, se te apraz gloriar-te, não te enalteças contra o próximo, como o Fariseu (Lc 18,11). Quem tiver aprendido isto, facilmente se absterá do restante. Por isso, ele o concedeu, a fim de pouco a pouco afastar todo o conjunto. Pois quem se acostumar a gloriar-se somente de si mesmo, e não em comparação aos demais, logo se corrigirá deste defeito. Pois quem não se julga melhor do que os outros (é o que significa: “*Não por referência ao próximo*”), mas examina-se a si mesmo por si, embora se glorie, deixará de fazê-lo posteriormente. Mas, para que saibas que ele quer prová-lo, repara que ele amedronta; tendo dito acima: “*Cada um examine sua própria conduta*”, acrescenta aqui:

5. *Porque cada qual carregará o seu próprio fardo.*

Parece, de fato, propor o motivo por que proíbe gloriar-se em referência ao próximo, mas corrige o que se gloria para que não se compraza em si próprio, lembrando-lhe a consideração dos próprios delitos, denomina-os peso e recorda-lhe o próprio fardo, obrigando-o a conscientizar-se.

6. *Quem está sendo instruído na palavra, torne participante em toda sorte de bens aquele que o instrui.*

O cuidado dos mestres

Agora já trata dos doutores. Quer que eles sejam objeto de diligente cuidado por parte dos discípulos. E por que Cristo o preceituou? Com efeito, o Novo Testamento inclui a lei de que aquele que prega o evangelho, viva do evangelho (1Cor 9,14); e no Antigo de modo semelhante os subalternos levavam muitos subsídios aos levitas (cf. Nm 31 e 35). Por que, então, este preceito? Em

primeiro lugar lança o fundamento da humildade e da caridade. Tendo em consideração que a autoridade dos doutores frequentemente enche-os de orgulho, coibindo o espírito do doutor, estabelece-o na necessidade de precisar dos discípulos. E a estes por sua vez oferece a oportunidade de se tornarem propensos à benevolência, exercitando-os por meio da boa vontade para com os doutores a serem também mais delicados com os demais. Isso despertava grande caridade em ambas as partes. Aliás, se não fosse de acordo com o que eu disse, por que Deus, que alimentou os judeus ingratos com o maná, estabeleceu os apóstolos na condição de mendigos? Não é evidente que com isso preparava grandes bens, a humildade e a caridade, e os discípulos não se envergonhavam de estar sujeitos aos que pareciam censuráveis? De fato, parece vergonhoso mendigar; neste caso, não parecia, porque os doutores o faziam com toda coragem. Por conseguinte, os discípulos daí recolhiam grande fruto, aprendendo a desprezar a glória. Por isso diz: *“Quem está sendo instruído na palavra, torne participante em toda sorte de bens aquele que o instrui”*. Quer dizer, empreguem para com ele toda liberalidade; insinua-o por estas palavras: *“Em toda sorte de bens”*. Nada seja próprio aos discípulos, mas tenham tudo em comum, porque na verdade recebem bens maiores do que os que distribuem, na medida em que os bens celestes são mais importantes do que os terrenos. Ele o sugere noutra passagem: *“Se semeamos em vosso favor os bens espirituais, será excessivo que colhamos os vossos bens materiais?”* (Cor 9,11). A esta questão dá o nome de comunhão, indicando uma compensação. Com isto, de fato, a caridade se torna muito mais ardorosa, e mais firme. Se, portanto, o doutor busca o que lhe basta naturalmente, apesar de receber, continua digno. Na verdade, é louvável que o doutor seja tão assíduo no ministério da palavra que careça do restante, e sofra grande penúria, descuidando da própria subsistência. Se, porém, passar dos limites, prejudica a sua dignidade, não por receber, mas por exceder-se. Além disso, para que a malícia do doutor não torne o discípulo mais negligente, e não aconteça que sendo pobre ultrapasse com frequência a medida em sua conduta, o Apóstolo prossegue: *“Não desanimemos na prática do bem”*. Aqui assinala a diferença entre este empenho e o zelo pelas tarefas temporais, dizendo:

7. Não vos iludais; de Deus não se zomba. O que o homem semear, isso colherá:

8. quem semear na carne, da carne colherá corrupção; quem semear no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna.

A semente e a sementeira

Quanto às sementes, quem semeia cevada não pode colher trigo, porque a sementeira e a messe devem ser da mesma espécie. Assim deve acontecer relativamente às obras. Quem jogar na carne saciedade, embriaguez, maus desejos, colherá o fruto que brotar. Qual? Suplício, castigo, opróbrio, zombaria, podridão. De fato, nada resulta das mesas suntuosas e das iguarias senão a corrupção; simultaneamente elas se corrompem e arruinam a saúde do corpo. As realidades espirituais, porém, não são tais, mas exatamente o oposto. Pondera o seguinte: Semeaste esmola, ser-te-ão reservados tesouros celestes e glória sempiterna. Semeaste temperança, receberás honra e prêmio, congratulações dos anjos e coroas da parte do presidente dos jogos.

9. Não desanimemos na prática do bem, pois, se não desfalecermos, a seu tempo colheremos.

10. Por conseguinte, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas sobretudo para com os irmãos na fé.

Para que ninguém pensasse que devia prestar cuidados e dar o sustento aos doutores, mas podia descuidar dos outros, generaliza e a todos abre a porta do zelo. E tem solicitude tão excessiva que

ordena dar esmola tanto aos judeus como aos gentios; na devida ordem, mas compadecer-se igualmente. Qual é, então, a ordem? Ter maior solicitude para com os fiéis. Faz aqui o mesmo que nas outras epístolas, não só falando de dar esmola, mas também do contínuo exercício desta. De fato, é o que insinuam estas palavras: “semear” e “não desanimar de fazer o bem”. Por conseguinte, como era muito exigente, coloca em foco também o prêmio, fazendo menção de nova e admirável messe. Efetivamente, na agricultura, o semeador e também o segador suportam muito trabalho, sujeira e pó e pelejam com profunda miséria. No futuro, porém, nada disso. Explana-o: “*Pois, se não desfalecermos, a seu tempo colheremos*”. Com isso, exorta-os e os atrai; de outro lado urge e impele, dizendo: “*Por conseguinte, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem*”.

Exercitar a caridade enquanto é possível

Como nem sempre está em nosso poder semear, igualmente nem dar esmola. Quando formos retirados da terra, mesmo se o quisermos mil vezes, nada mais conseguiremos. Atestam-no aquelas virgens que, apesar de sua prontidão, tendo partido sem levar consigo larga esmola, foram excluídas das núpcias (Mt 25). Atesta-o o rico que desprezara a Lázaro, e que privado de qualquer aliado, apesar de gemer e suplicar instantemente, não impetrou misericórdia do patriarca, nem de um outro, e sem alcançar perdão ficou perpetuamente a arder (Lc 16). Por isso, diz o Apóstolo: “*Por conseguinte, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos*”. Deste modo os aparta principalmente da situação humilhante dos judeus. Pois estes dedicavam os serviços humanitários aos seus conterrâneos; mas, a sabedoria da graça convida à mesa da beneficência simultaneamente a terra e o mar, embora seja mais copiosa a solicitude para com os domésticos.

Solicitude de Paulo

11. *Vede com que letras vos escrevo, de próprio punho.*

12. *Os que querem se impor pela carne são os que vos forcem a vos circuncidardes,*

Pondera que dor se apossa daquela alma bem-aventurada. As pessoas que estão de luto, ou perderam um amigo sincero, ou foram surpreendidas por mal imprevisto, não têm sossego nem de dia nem de noite, oprimidas pelo pesar; assim também o bem-aventurado Paulo, tendo falado pouco acerca dos costumes, logo volta aos fatos anteriores que mais o atormentam, dizendo: “*Vede com que letras vos escrevo, de próprio punho*”.

Este versículo nada mais sugere senão que ele escreveu toda a epístola, prova de sincero afeto. Relativamente às outras epístolas ele ditara, e um outro escrevia. Evidencia-se isso na Epístola aos Romanos. Ali se diz no final: “Eu, Tércio, que escrevi esta carta, saúdo-vos” (Rm 16,22). Esta, contudo, fora escrita totalmente por ele próprio. Assim agiu por ser obrigado; não só por caridade, mas também para eliminar uma suspeita. Era acusado por fatos dos quais não participara e dizia-se que ele pregava a circuncisão, mas dissimulava como se não a pregasse; foi forçado a enviar uma carta escrita de próprio punho, depositando diante deles um testemunho escrito. Tendo dito: “*Com que letras*”, parece-me que não se refere ao tamanho, mas ao traçado informe das letras, declarando de certa maneira: Não sei escrever muito bem, mas fui constrangido a escrever eu mesmo para fechar a boca dos caluniadores.

As intenções dos sustentadores da circuncisão

“Os que querem se impor pela carne são os que vos forcem a vos circuncidardes,” só para não sofrerem perseguição por causa da cruz de Cristo.

13. *Pois nem mesmo os que se fazem circuncidar observam a Lei. Mas eles querem que vos circuncideis para se gloriarem na vossa carne.*

Nesta passagem expõe que eles não se sujeitam espontaneamente, mas forçados, oferecendo-lhes oportunidade de se afastarem, e de certo modo desculpando-os e exortando-os a que logo se retirem. O que significa: “*Impor-se pela carne*”? Serem aprovados pelos homens. Visto que entre os judeus era considerado opróbrio abandonar os costumes dos pais, diz: A fim de não serem exprobrados por esta razão, querem vos corromper, satisfazendo por meio de vossa carne. Assim falava querendo demonstrar que eles não atuavam por causa de Deus. Como se dissesse: O que acontece não se baseia na piedade. Procedem desta forma por ambição humana, para agradar aos infiéis, truncando os fiéis e preferem ofender a Deus, a fim de agradarem aos homens. Tal é o sentido da locução: “*Impor-se pela carne*”. Após assegurar em outra parte que eles são imperdoáveis, novamente os repreende, não só porque querem agradar aos outros, mas também porque o ordenam por vanglória. Por isso, acrescenta: “*Para se gloriarem na vossa carne*”, figurando terem discípulos e serem doutores. E como se prova isso? Nem eles mesmos, afirma, “*observam a Lei*”. Mas principalmente, mesmo se a observassem, mereciam acusação; neste caso, porém, está corrompido até o fim visado.

Glória e potência da cruz

14. *Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo,*

No entanto, a ação parece ignominiosa; aparenta opróbrio diante do mundo e dos infiéis. Nos céus, contudo, e entre os fiéis é glória, e, na verdade, suprema glória. Com efeito, também a pobreza é ignominiosa, mas para nós é gloriosa. De igual modo, ser desprezado por muitos é ridículo, mas nós disso nos gloriamos. Assim a cruz é glória diante de nós. Não disse: Eu não me glorio, ou: Não quero gloriar-me, e sim: “*Não aconteça gloriar-me*”, como se abominasse um fato portentoso, e para tal invocasse o auxílio divino. E por que se gloria da cruz? Porque Cristo por minha causa assumiu a condição de servo e por minha causa sofreu o que sofreu; por mim, digo, que era servo, inimigo, ingrato, mas tanto me amou que se entregou a si mesmo. O que se equipara a isto? Com efeito, se existem servos que se orgulham apenas por receberem elogios dos senhores, apesar de serem da mesma natureza, como não devemos gloriar-nos se o Senhor, o verdadeiro Deus, não se corou de por nós sofrer a cruz?

Por conseguinte, não nos envergonhemos de sua inefável solicitude. Ele não se envergonhou de ser crucificado por tua causa e tu te envergonhas de confessar seu inenarrável plano de salvação? No entanto, ages como alguém que, preso em vínculos, não se envergonha do rei, mas depois que este compareceu no cárcere e retirou-lhe as cadeias, envergonha-se. Na verdade, seria extrema loucura, ao invés, devia antes gloriar-se.

por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.

Não denomina mundo neste trecho o céu nem a terra, mas as realidades desta vida, o louvor dos homens, a turma de satélites, a glória, as riquezas, tudo o que parece magnífico. Tudo isso está morto para mim. Tal deve ser o cristão, e ter sempre estas palavras na boca. E não se contentou com o primeiro modo de mortificação, mas introduziu outro, dizendo: “*E eu para o mundo*”, aludindo à dupla mortificação e dizendo: Estas coisas estão mortas para mim e eu reciprocamente para elas; não podem me prender, ou tornar cativo, porque de uma vez estão mortas para mim, nem eu as desejo, porque também eu estou morto para elas. Nada existe de mais feliz do que esta mortificação. É, efetivamente, o fundamento da vida feliz.

15. *De resto, nem a circuncisão é alguma coisa, nem a incircuncisão, mas a nova criatura.*

16. *E a todos os que pautam sua conduta por esta norma, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus.*

Vês o poder da cruz, a que alturas elevou o Apóstolo? Não apenas fez morrer todas as questões mundanas para ele, mas também colocou-o muito acima dos antigos estilos de vida. O que se iguala a tal poder? Na verdade, a cruz persuadiu àquele que anteriormente pela circuncisão estava morto e causava a morte do próximo, a deixá-la no mesmo grau que a circuncisão, e a buscar certas realidades extraordinárias, admiráveis e além dos céus.

A nova vida do cristão

Denomina nova criatura o nosso estilo de vida, tanto por causa do passado como do futuro. Do passado, na verdade, porque nossa alma que envelhecera na vetustez do pecado, de repente pelo batismo foi renovada como se fosse recriada. Por isso também exige-se de nós novo e celeste estilo de vida. Do futuro, porque o céu e a terra e enfim toda criação passarão à incorruptibilidade, conjuntamente com nossos corpos. Por conseguinte, não me fales de circuncisão, que não mais possui força alguma. O que representa depois que tudo foi de tal forma alterado? Aliás, procura antes as coisas novas, relativas à graça. Os que a seguem, gozarão da paz e da bondade de Deus e com propriedade serão chamados pelo nome de Israel. Os que pensam de modo contrário, mesmo se forem nascidos de Abraão, trazem sua denominação, mas inteiramente perderam o parentesco e a honra do título. São verdadeiros israelitas os que observam esta regra, que abandonaram as coisas antigas e perseguem a graça.

Exortações finais de Paulo

17. *Doravante ninguém mais me moleste.*

Não se exprime deste modo cansado ou se sentindo injuriado. De fato, quem se dispusera a tudo fazer ou sofrer pelos discípulos, como agora ficaria cansado e desanimado? Quem ordenou: “Insiste, no tempo oportuno e no inoportuno” e disse: “Deus lhe dará o conhecimento da verdade, libertando-os do laço do diabo” (2Tm 4,2; 2,25.26). Por que motivo assim se expressa? Impulsiona-lhes o ânimo negligente, atemoriza-os mais, confirma as leis que promulgou e não deixa que fiquem sempre abalados.

Pois eu trago em meu corpo as marcas de Jesus Cristo.

Não disse: Tenho, e sim: “*Trago*”, como alguém que se gloriasse de um troféu e de insígnias reais. Embora isso mesmo pareça vergonhoso, aqui enaltece suas feridas. De modo igual ao do soldado porta-estandarte exulta, ostentando as feridas que traz. Mas por que motivo assim se exprime? Por isso, digo, defendo-me com maior brilho do que por qualquer palavra, qualquer som. Emito som mais alto do que uma trombeta contra os meus contraditores, e os que afirmam que ensino hipocritamente e falo algo para agradar aos homens. Na verdade, se alguém visse um soldado sair da fileira ensanguentado, com inúmeras feridas, acaso poderia condená-lo por covardia e traição, uma vez que traz no próprio corpo a prova de sua fortaleza? A meu respeito, diz ele, deves julgar de modo semelhante. E se alguém quiser ouvir minha defesa, e conhecer minhas disposições, olhe para os ferimentos que exibem prova mais segura do que estas palavras, estes escritos. Ao começar a epístola, pela súbita mudança, mostrou evidentemente seu ânimo sincero e livre de qualquer fingimento; no final, porém, declara o mesmo pelos perigos que enfrentou. Para que ninguém dissesse que desistiu da reta intenção e não persistiu no mesmo propósito, alega por testemunhas da sua perseverança, os trabalhos, os perigos, as chagas. Em seguida, tendo se justificado abertamente de tudo, e declarado que

nada do que dissera fora por emoção ou ócio, mas que conservara intacto seu afeto para com eles, novamente o confirma, terminando o sermão com uma oração, cheia de inúmeros votos, nesses termos:

18. *Irmãos, que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com vosso espírito! Amém.*

Esta última palavra selou tudo o que dissera precedentemente. Não disse simplesmente: Convosco, como acerca dos demais, e sim: “*Com vosso espírito*”, revogando as realidades carnis, sempre demonstrando a beneficência de Deus, e comemorando a graça que haviam recebido, pela qual poderia apartá-los de todo erro dos judeus. Pois receber o Espírito não era próprio da pobreza da Lei, mas da justiça segundo a fé. Nem a circuncisão, mas a graça dele tomava posse. Por isso encerra a admoestação com um pedido, insistindo simultaneamente na menção do Espírito e da graça, e ao mesmo tempo dirige-se a irmãos, invocando a Deus, a fim de que perpetuamente gozem destes bens, e de dupla maneira proteja os homens. As mesmas palavras abrangem o pedido e a doutrina que era formulada sumariamente, servindo de duplo muro. Pois o ensinamento que os advertia da grandeza do bem que receberam mais os retinha na doutrina da Igreja; e a súplica, invocando a graça, persuadia que perseverassem, e não deixava afastar-se deles o Espírito. Com a permanência deste, sacudiriam como poeira a falácia de tais ensinamentos, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai e o Espírito Santo glória e império, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

¹Uma seleção de trechos dos principais comentários patrísticos à epístola aos Gálatas pode ser encontrada em EDWARDS, Mark J. & ODEN, Thomas C. (org.). *Gálatas, Efesios, Filipenses (La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Volume 8: Nuevo Testamento)*. Director de la edición en castellano: Marcelo MERINO RODRIGUEZ). Madrid-Buenos Aires-Bogotá-Montevideo-Santiago: Ciudad Nueva, 2001.

²A polêmica de S. João Crisóstomo se dirige contra os arianos e, particularmente contra a facção mais intransigente, a saber: os anomeus, dos quais Eunômio era um dos expoentes mais notáveis. O anomeísmo surgiu por volta de 355 (uns 25 anos após o concílio de Niceia, que ocorreu em 325).

³Isto é, a preposição *dia* = por meio de; através de.

⁴Entre os representantes mais radicais dos anomeus, Eunômio, referindo-se a 1Cor 8,6, distinguia entre o Pai *do qual* derivavam todas as coisas e o Filho *por meio do qual* tudo existe; para Eunômio, a citada passagem paulina servia para evidenciar a diferença ou a total “dessemelhança” nos seus elementos constitutivos da essência divina entre o Pai e o Filho.

⁵Observemos como S. João Crisóstomo coloca em evidência a unidade de operação entre o Pai e o Filho.

⁶Trata-se sempre do vocábulo *theos* na expressão *en morphē theou*.

⁷João Crisóstomo polemiza, ainda que não explicitamente, com a doutrina maniqueia que se difundira no século IV, particularmente na Síria. Em outras obras, João Crisóstomo combate erros de caráter antimaniqueu, tais como a concepção do mal como não gerado, a preexistência da matéria, a recusa do Antigo Testamento, etc. Cf. *In Mat. Hom.* 55,6 (PG 58,547).

⁸Isto é, sequazes de Marcião de Sinope (no Ponto, hoje, Turquia), que viveu no século II, em uma obra perdida intitulada *Antíteses* (*Antithéses*) contrapunha radicalmente o Deus justo e criador do mundo, manifestado no Antigo Testamento, e o Deus bom e misericordioso, Pai de Cristo, revelado no Novo Testamento. Diferentemente dos primeiros discípulos, só Paulo compreendeu os ensinamentos de Jesus. Seus textos-chave são as epístolas aos Gálatas, aos Romanos e a passagem de 1Cor 11,23. A intenção era oferecer um conhecimento (uma *gnose*) mais puro e coerente. Para o essencial da doutrina de Marcião, conhecido também sob a expressão “o Primogênito de Satanás”, ver R. FRANGIOTTI, *História das Heresias (séculos I-VII). Conflitos ideológicos dentro do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2007, 39-44.

⁹Observemos a preocupação de S. João Crisóstomo em atribuir o pecado não à corporeidade como tal, mas à escolha interior do espírito, como será desenvolvido sucessivamente ao longo do comentário no capítulo V da Carta aos Gálatas.

¹⁰Alusão provável ao rigorismo, em matéria penitencial, dos novacianos ou “puros”, como esses se faziam chamar. Eles são assim chamados por serem discípulos de Novaciano, célebre personagem muito controvertida entre os presbíteros de Roma dos meados do século III. No século IV, os novacianos tinham conservado em Constantinopla e nas províncias vizinhas da Ásia Menor uma sólida organização. J. Crisóstomo pronunciou uma homilia específica contra os novacianos: *Hom. VI Adv. Catharos*, PG 63, 491-494.

¹¹Quem consultar o comentário específico a esta passagem neste volume, notará como S. João Crisóstomo coloca em relevo o costume de Paulo de servir-se de expressões tiradas da linguagem comum.

¹²A interpretação do “mediador” de Gl 3,19, no sentido de Cristo, é assaz comum nos autores patrísticos.

¹³Trata-se dos arianos.

¹⁴No contexto em questão tenha-se em vista que os arianos estavam dispostos a considerar o Filho como Deus, mas não como verdadeiro Deus, e os mesmos se utilizavam justamente da passagem da oração de Cristo em Jo 17,3 para demonstrar a inferioridade do Filho.

¹⁵Os adversários judaizantes de Paulo na Galácia.

¹⁶É a única passagem em todo o Novo Testamento onde aparece o termo *hairetikòs*, que designa o homem faccioso que realiza divisões na comunidade.

¹⁷Literalmente o termo aqui é “filosofia”, e este vocábulo designa uma existência cristã, transformada profundamente pela graça e tendendo à perfeição. Não se trata, portanto, de um conceito intelectualístico abstratamente teórico. Daí por que é possível traduzi-lo também por “sabedoria” ou “vida cristã”.

¹⁸Em Gl 6,1 temos comentário de João Crisóstomo literalmente: “Irmãos, caso alguém seja surpreendido”. O texto Paulino acrescenta “em alguma falta”, que é omitido por J. Crisóstomo.

¹⁹J. Crisóstomo põe em relevo a diferença entre *pleroun* e *anapleroun*.

TOMO 3

HOMILIAS SOBRE A CARTA AOS EFÉSIOS¹ DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE DA IGREJA, ARCEBISPO DE CONSTANTINOPLA.

COMENTÁRIO À CARTA AOS EFÉSIOS

INTRODUÇÃO

Éfeso é uma metrópole da Ásia. Era dedicada a Diana, ali cultuada como a principal divindade. A superstição dos habitantes era tamanha que nem divulgaram o nome daquele que queimara o templo da deusa, o qual, efetivamente, foi incendiado. São João Evangelista morou durante muito tempo em Éfeso, pois, relegado, ali morreu. Paulo também ali deixou Timóteo, conforme lhe escreveu: “Eu te recomendei permanecer em Éfeso” (1Tm 1,3). E muitos dos filósofos que floresceram na Ásia eram oriundos desta cidade. Com efeito, diz-se que Pitágoras era natural de lá, pois Samos, onde nascera, é ilha Jônica. São ainda de Éfeso Parmênides, Zenão, Demócrito e agora encontramos ali ainda muitos outros filósofos. Não é sem motivo que o relembramos, e sim no intuito de sublinhar o grande esforço de Paulo para escrever-lhes. Conta-se, porém, que se confiava terem eles senso mais profundo, porque já eram catecúmenos. A epístola está cheia de sentenças e doutrinas sublimes. Paulo a escreveu quando cativo em Roma, conforme ele próprio declara: “*Orai também por mim, para que, ao abrir os meus lábios, me seja dada a palavra para anunciar com ousadia o mistério do evangelho, do qual sou o embaixador em cadeias*” (Ef 6,19-20). E está repleta de pensamentos elevados e superlativos. De fato, enuncia o que raramente exprimiu, tal como: “*Para dar agora a conhecer aos Principados e às Potestades nas regiões celestes, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus*”; e ainda: “*E com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus*”; e: “*Às gerações passadas ele não foi dado a conhecer, como foi agora revelado aos seus santos, apóstolos e profetas, no Espírito: os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo Corpo e co-participantes da herança em Cristo*” (Ef 3,10; 2,6; 3,5-6).

PRIMEIRA HOMILIA

Endereço

1. *Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela [dia] vontade de Deus, aos santos de Éfeso e fiéis em Cristo Jesus:*

2. *graça e paz a vós da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.*

Eis! O termo: “*diá*” refere-se ao Pai. Como? Diremos que o Filho é menor? Absolutamente não. “*Aos santos de Éfeso e fiéis em Cristo Jesus*”. Eis! Dá o nome de santos a homens que têm filhos, mulher e escravos. Consta do fim da Epístola por que motivo assim os denomina, por exemplo, ao ordenar: “*As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos*”; e ainda: “*Filhos, obedecerei aos vossos pais*”; e: “*Servos, obedecerei a vossos senhores*” (Ef 5,22; 6,1.5). Reflitamos quanto agora domina a indolência, e rarefeita é a virtude, e quão grande era então o impulso dos homens virtuosos que, apesar de seculares, eram denominados santos e fiéis. “*Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo*”. Referiu-se à graça e invocou a Deus Pai, indício da graça. De que modo? Escuta-o a dizer em outra passagem: “*E porque sois filhos, enviou Deus em vossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba, Pai!*” “*E do Senhor Jesus Cristo*”. Por nós fez-se Cristo, e apareceu na

carne.

I. O MISTÉRIO DA SALVAÇÃO E DA IGREJA

O plano divino da salvação.

3. *Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo,*

Eis o Deus daquele que se encarnou. Se preferes, é Pai do Verbo, que é Deus.

Que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo.

Alude aqui à bênção judaica, que, na verdade, era uma bênção, não, contudo, espiritual. Como é formulada? “Deus te abençoará. Abençoará o fruto do teu ventre” (Dt 7,13). “O Senhor guarda a tua partida e chegada” (Sl 121). Aqui é diferente; e então, como? “*Com toda sorte de bênçãos espirituais*”. Ainda te falta alguma coisa? Tu te tornaste imortal, livre, filho, justo, irmão, coerdeiro. Simultaneamente reinas, conjuntamente serás glorificado. Deu-te tudo grátis. “Como não nos haverá de agradecer em tudo com ele?” (Rm 8,32). Tuas primícias são adoradas pelos anjos, os Querubins e os Serafins. Falta alguma coisa? “*Com toda sorte de bênçãos espirituais*”. Nada de carnal! Por esse motivo, Cristo externou-se: “No mundo tereis tribulações” (Jo 16,33), as quais nos conduzem àquelas realidades. Com efeito, os possuidores de bens materiais não podem ouvir falar de bens espirituais e os detentores dos espirituais não poderão consegui-los a não ser que primeiro renunciem aos materiais. O que significa: “*Com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus*”? Não na terra, como entre os judeus: “Comereis o fruto precioso da terra” (Is 1,19). “Uma terra que mana leite e mel” (Ex 33,3). “O Senhor vai abençoar tua terra” (cf. Dt 15,4). Aqui, nada de semelhante. Mas, como há de ser? “Se alguém me ama, guardará meus mandamentos, e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23). “Assim, todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática será comparado a um homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha. Sopraram os ventos, vieram as enxurradas, e deram contra a casa, mas ela não caiu, porque estava alicerçada na rocha” (Mt 7,24-25). Qual a rocha senão as realidades celestes, superiores a qualquer alteração? “Todo aquele, portanto, que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos céus. Aquele, porém, que me renegar, também o renegarei” (Mt 10,32-33). Ainda: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”; mais: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus”; e ainda uma vez: “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque será grande a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,8.3.10.12). Vês, portanto, sempre os céus, e em parte alguma a terra, nem o que ela contém. E ainda: “A nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus” (Fl 3,20). E: Não ter o pensamento nas coisas terrenas, mas nas celestes. “*Em Cristo Jesus*”, isto é, esta bênção veio por Cristo Jesus, não por Moisés. Por esta razão, distinguimo-nos não apenas pela qualidade, mas também por causa do intercessor, segundo consta da Epístola aos Hebreus: “Ora, Moisés era fiel em toda a sua casa, como servo, para ser testemunha das coisas que deveriam ser ditas. Cristo, porém, na qualidade de Filho, está acima de sua casa. Esta casa somos nós” (Hb 3,5-6).

4. *Nele ele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele.*

É o seguinte o que afirma: Escolheu-nos por intermédio daquele mesmo por quem nos abençoou. Ele, portanto, nos dará todas as coisas. É o juiz, e dirá: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino preparado para vós desde a fundação do mundo” (Mt 25,34); e ainda: “Onde eu estou, também eles estejam comigo” (Jo 17,24).

Em quase todas as epístolas Paulo esforça-se por mostrar que as determinações não são recentes,

mas outrora já haviam sido expressas. Não, contudo, que Deus tenha alterado o desígnio, mas atesta a Providência ter sido assim planejado e previamente definido. O que significa: *“Nele nos escolheu”*? Cristo o realizou perfeitamente, pela fé em si, antes que existíssemos, ou melhor, antes que o mundo fosse fundado. E usou com justeza a expressão: *“fundação”*, como se de grande altura tivesse sido projetado abaixo. É grande e indescritível a elevação de Deus, não local, mas pela natureza sublime e imensa distância entre a criatura e o Criador. Ouçam envergonhados os hereges. Com que finalidade escolheu? *“Para sermos santos e irrepreensíveis diante dele”*. No intuito de evitar que, ao ouvires falar de escolha, julgues bastar apenas a fé, acrescentou a vida. Diz ele: Escolheu-nos também e sobretudo *“para sermos santos e irrepreensíveis”*. Escolheu outrora os judeus. De que maneira? Escolheu este povo entre as nações (cf. Dt 7,6; 14,2). Se, pois, os eleitores procuram escolher o que há de melhor, muito mais Deus.

Ser eleito é sinal do amor de Deus aos homens e da virtude destes. Na verdade, Deus escolheu homens de bem e os fez santos, mas importa que permaneçam santos. O santo é participante da fé, imaculado, de vida irrepreensível. Deus, porém, não exige santidade, perfeição simplesmente, mas que tais nos apresentemos em sua presença. Existem pessoas que os homens consideram santos e irrepreensíveis, mas assemelham-se a sepulcros caiados, e possuem somente peles de ovelhas. Não são estes os que Deus procura, e sim aqueles dos quais diz o profeta: *“Segundo a pureza de minhas mãos”* (Sl 18,25). Qual, portanto? Ele busca a santidade perante seus olhos, aquela que os olhos de Deus contemplam. Tendo enunciado os atos bons que praticaram, remonta à graça: No amor.

5. *Ele nos destinou*

Não se realizaram por meio de esforços e de boas obras, mas pelo amor. Nem só pelo amor, mas ainda por nossa virtude. Pois, se fosse somente pelo amor, todos deveriam ser salvos. Se, porém, só por nossa virtude, seria supérflua sua vinda e tudo o que aconteceu segundo o plano divino. Por conseguinte, não foi somente pelo amor, nem por nossa virtude, mas por ambos. *“Escolheu-nos.”* Quem escolhe, sabe a razão por que escolhe. *“No amor. Ele nos destinou.”* A virtude a ninguém salvará sem o amor. Dize-me. O que adiantaria a Paulo, e o que teria realizado, se o Amado não o chamasse do alto e o atraísse a si? Aliás, é efeito da caridade ter se dignado a tanto, não de nossa virtude. É proveniente daquele que chamou, a existência de homens virtuosos que acreditaram e aderiram, mas origina-se também de nós. Depois que aderimos, dignou-se honrar-nos tanto que imediatamente nos transferiu da inimizade à adoção de filhos, por excessiva caridade.

“No amor. Ele nos destinou” para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme a decisão da sua vontade.

Vês? Nada sem Cristo. Nada sem o Pai. Ele destinou, Cristo conduziu-nos. Com isso exalta os feitos, conforme afirma também noutra passagem: *“E não é só. Mas nós nos gloriamos por nosso Senhor Jesus Cristo”* (Rm 5,11). Efetivamente, grandes são os dons, mas se engrandecem ainda por terem sido dados por Cristo; e porque Deus não enviou aos servos um de seus servos, mas o próprio Unigênito. *“Conforme a decisão da sua vontade.”*

Isto é, porque o quis de fato. É este, diria, seu desejo. Sempre *eudokia*, a vontade principal e precedente. De fato, existe outra espécie de vontade, por exemplo, a primeira é que não pereçam os pecadores; a segunda que pereçam os que se tornaram malvados. Não os castiga a necessidade, mas a vontade. Pode-se verificar isso no dito de Paulo: *“Quisera que todos os homens fossem como sou”* e ainda: *“Desejo, pois, que as jovens viúvas se casem, criem filhos”* (1Cor 7,7; 1Tm 5,14). Denomina *eudokia*, portanto, a vontade primordial, a intensa unida ao desejo, a pertinácia. Não recusarei empregar o termo mais comum, a fim de que o assunto se torne claro para os mais simples. Assim,

também nós explicamos a intensidade da vontade: Em nossa opinião. Significa: Deseja assaz, muito anseia por nossa salvação.

Por que nos ama tanto? Por que assim nos dedica dileção? Somente por bondade. Por isso disse: *“Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos”*, querendo e muito mostrar a glória de sua graça. *“Conforme a decisão da sua vontade”*

6. para louvor da glória da sua graça, com a qual ele nos agraciou no Amado.

Para mostrar, diz ele, a glória de sua graça, com a qual nos agraciou no Amado.

Por conseguinte, se *“nos agraciou para louvor da glória da sua graça”*, mantenhamo-nos nela. *“Para louvor da glória.”* O que significa? A fim de que alguém o louve? Que o glorifique? Nós, os anjos, os arcanjos? Toda a criação? E com que finalidade? Nenhuma. Deus de nada precisa. Por que, então, quer que o louvemos e glorifiquemos? Para que nosso amor para com ele seja mais ardoroso. De nós nada mais deseja do que nossa salvação. Não o nosso serviço, nem a glória, nem qualquer outra coisa, e faz tudo por nossa salvação. Com efeito, quem louva e admira a graça com a qual nos agraciou, ficará mais atento e diligente. *“Com a qual ele nos agraciou”*, afirma. Não disse: Deu gratuitamente, e sim: Fez-nos agradáveis. Isto é, não apenas nos libertou dos pecados, mas também nos fez agradáveis. Seria como se alguém tomasse um sarnento, condenado pela peste, doença, velhice, pobreza e fome, e imediatamente o transformasse em jovem formoso, que superasse a todos pela beleza, emitisse do rosto grande esplendor e os olhos brilhassem com raios a ocultarem o fulgor do sol; em seguida, o estabelecesse na flor da idade, o revestisse da púrpura, impusesse-lhe o diadema e o decorasse com todo ornato real; assim muniu e ornou nossa alma e a fez bela, desejável e amável. Os anjos desejam olhar tal alma, e igualmente os Arcanjos e todas as outras Virtudes, de tal modo nos fez graciosos e amáveis a si. *“De tua beleza se encantarão o rei”* (Sl 45,12). Vê, portanto; quantas palavras péssimas falávamos, tantas proferimos agora cheias de graça. Não mais admiramos as riquezas, nem as realidades terrenas, mas as celestes, as que há no céu. Por acaso, não dizemos que um menino é gracioso quando unida à beleza corporal, possui também muita graça nas palavras? Tais são os fiéis. Observa o que falam os iniciados nos mistérios. O que há de mais gracioso do que aquela boca que emite palavras admiráveis e com o coração puro e lábios purificados é participante de tal mesa mística, com muito esplendor e confiança? O que há de mais gracioso do que as palavras, pelas quais renunciamos ao diabo? Que nos inscrevem no número dos soldados de Cristo? Aquela confissão antes do batismo e a posterior? Pensemos quantos de nós perderam o batismo e gemamos para que possamos recebê-lo. *“No Amado”*, disse ele.

7. E é pelo sangue deste que temos a redenção,

De que modo? Não só é admirável ter o Pai dado o Filho, mas também o modo pelo qual o concedeu, visto que o Amado foi imolado. Grande hipérbole: Doou o Amado por aqueles que o odiavam. Vê quanto nos estima. Se, quando o odiávamos e éramos inimigos, concedeu-nos o seu Amado, o que não fará em seguida, quando nos reconciliarmos pela graça?

a remissão dos pecados,

Das alturas desceu às partes inferiores da terra. Tendo aludido primeiro à adoção filial, à santificação e à imaculabilidade, também exprimiu o vício, sem diminuição, sem conduzir o discurso das coisas grandes às pequenas, mas das pequenas subindo às grandes. De fato, nada iguala em grandeza ter sido o sangue de Deus derramado por nossa causa; é dom maior do que a adoção filial e outros dons não ter poupado o Filho. Grandiosa é a remissão dos pecados; maior, porém, ter acontecido por meio do sangue do Senhor. Verifica como ele aqui exclamou ser o fato mais

importante de todos, nesses termos: *segundo a riqueza da sua graça*

8. que ele derramou profusamente sobre nós,

Efetivamente também os outros constituem riquezas, mas este muito mais.

“Que ele derramou profusamente sobre nós.” São riquezas, e superabundantes, isto é, profusamente derramadas. É inexprimível o que experimentamos. São riquezas, riquezas superabundantes, não humanas, mas divinas, totalmente indizíveis. Querendo mostrar que deu profusamente, declarou: infundindo-nos toda sabedoria e prudência,

9. dando-nos a conhecer o mistério da sua vontade,

Isto é, tendo-nos transformado em sábios e prudentes segundo a verdadeira sabedoria, a verdadeira prudência.

Ah! Que amizade! Revelou-nos seus mistérios. “De sua vontade.” Seria como se dissesse: Fez com que conhecêssemos o que existe em seu coração. Eis o mistério cheio de toda sabedoria e prudência! O que podes apresentar de igual a esta sabedoria? Foi ao encontro do que não possuía valor algum, a fim de promovê-lo a riquezas. O que se pode equiparar a esta esperteza? O inimigo, o odiado, de repente foi elevado. Não só, mas ainda naquela ocasião. Era próprio da sabedoria, e por meio da cruz. Aqui o discurso faz-se prolixo, demonstrando que era peculiar à sabedoria, e de que maneira nos transformou em sábios.

Conforme decisão prévia, que lhe aprouve tomar, isto é, desejava, concebia este propósito, de sorte que fosse possível narrar-nos o mistério. Qual? Que decidira que um homem se sentasse nos céus. Isto aconteceu,

10. para realizá-lo na plenitude dos tempos : o de em Cristo recapitular todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra.

As realidades celestes estavam separadas das terrestres; não tinham única cabeça. Com efeito, relativamente à criação, Deus era um só; quanto à unificação, não acontecia o mesmo, pois estando difundido o erro dos gentios, eles estavam alheios à obediência. “O desígnio” diz ele, “da plenitude dos tempos”. Denomina “plenitude dos tempos” o próprio desígnio. Vê com que exatidão se exprime. Tendo assinalado que do Pai vem o princípio, o propósito, o desígnio, o primeiro estímulo, a realização em obras se dá por Cristo. Em parte alguma o chama de ministro. “Ele nos escolheu, nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Cristo Jesus, conforme a decisão da sua vontade, para louvor da glória da sua graça. É pelo sangue dele que temos a redenção, conforme a decisão prévia que lhe aprouve tomar – o desígnio da plenitude dos tempos, o de em Cristo recapitular todas as coisas.” E em parte alguma o denomina ministro. Se, porém, as preposições: “em” e “por” designam um ministro, vê aonde iremos. Pois, no princípio da Epístola, disse: “Pela vontade do Pai”. O Pai quis, o Filho realizou em obras. Mas, nem porque o Pai quis, o Filho acha-se excluído desta vontade; nem, porque o Filho operou, o Pai ficou privado de vontade, mas tudo é comum ao Pai e ao Filho, pois: “Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu” (Jo 17,19). A “plenitude dos tempos”, porém, era a sua vinda. Uma vez que tudo sucedera, por intermédio dos anjos, pelos profetas, pela Lei e nada adiantara; e havia o perigo de que o homem tivesse sido feito em vão, e fora criado inutilmente, ou antes, para sua perdição, perecendo todos simplesmente e mais do que pelo dilúvio, inventou este desígnio, por meio da graça, a fim de que não tivesse sido criado em vão, inutilmente. Este desígnio chama-se “plenitude dos tempos”, e sabedoria. Por quê? Porque principalmente quando estavam para perecer, foram salvos.

“Recapitular”, diz ele. Qual o significado de: “Recapitular”? Congregar. Além disso, esforçemo-nos por nos acercar o mais possível da verdade. Nós, na verdade, costumamos empregar o termo:

“*Recapitular*” relativamente a contrair num resumo o que fora dito em forma prolixa, e proferir brevemente o que fora formulado longamente. É o que acontece nesta passagem. Aquilo que fora ministrado por longo tempo foi recapitulado em Cristo, isto é, resumido. Uma palavra que resume e abrevia pelo termo justiça, e a compreende, acrescentando outros bens. Nisto consiste a recapitulação. Existe outro significado. Qual? Impôs a todos, aos anjos e aos homens, uma Cabeça, Cristo segundo a carne. Isto é, deu um só princípio aos anjos e aos homens; a estes, realmente, Cristo segundo a carne, àqueles, porém, enquanto Verbo que é Deus. Assim como a respeito de uma casa dirá alguém que parcialmente é fraca, parcialmente forte. Restaurou a casa, isto é, tornou-a mais forte, lançou alicerces mais sólidos. Assim neste caso, a todos sujeitou sob uma só Cabeça. Consuma-se a unidade, apurada e perfeita conjunção, quando tudo estiver sob uma só Cabeça, com um vínculo necessário no alto. Favorecidos por tão grande dom, tanta honra, tanto amor, não envergonhemos nosso benfeitor, não inutilizemos tamanha graça, e manifestemos conduta, virtude e teor de vida angélicos. Rogo, suplico instantemente que tudo isto não nos sirva de juízo e condenação, mas percebamos o gozo dos bens celestes. Oxalá todos nós o consigamos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império etc.

SEGUNDA HOMILIA

11. *Nele escolhidos por sorte, predestinados pela decisão daquele que tudo opera segundo o conselho da sua vontade,*

12. *a fim de servirmos para o louvor de sua glória, nós, os que antes esperávamos em Cristo,*

13. *Nele também vós, tendo ouvido a Palavra da verdade – o evangelho da vossa salvação – e nele tendo crido, fostes selados pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo,*

14. *que é o penhor da nossa herança, para a redenção do povo que ele adquiriu para o louvor da sua glória.*

Sempre Paulo se empenha em revelar-nos o inefável amor de Deus por nós, à medida do possível. De fato, escuta sua própria declaração de que não o pôde fazer inteiramente: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos!” (Rm 11,33). Todavia, revelou à medida do possível. Por que motivo disse: “*Nele escolhidos por sorte, predestinados*”? Mais acima dissera: “*Nos escolheu*”; aqui diz: “*Escolhidos por sorte*”. Uma vez, porém, que a sorte é casual, não proveniente do livre-arbítrio nem da virtude, mas dependente da ignorância e do fortuito, e muitas vezes deixando de lado os homens virtuosos, apresenta indignos, sem razão alguma, vê como ele corrige. Diz: “*Predestinados pela decisão daquele que tudo opera segundo o conselho da sua vontade*”. Quer dizer, não fomos simplesmente escolhidos por sorte, eleitos, porque foi Deus quem escolheu e não foi fortuitamente que obtivemos tal sorte, porque Deus chamou, segundo sua decisão. De igual modo escreve o mesmo na Epístola aos Romanos: “Daqueles que são chamados santos segundo o seu desígnio; e os que chamou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou” (Rm 8,28.30). Tendo dito primeiro: “Daqueles que são chamados segundo o seu desígnio”, simultaneamente querendo mostrar quão grande é sua preeminência, se comparados a outros, incluiu também o termo: “*sorte*”, de modo, porém, a não excluir o livre-arbítrio. Exprimiu-o porque antes pertence à bem-aventurança. A sorte não provém da virtude, mas, por assim dizer, do acaso. Como se dissesse: Por sorte nos escolheu. Em tudo predestinados por decisão, isto é, destinou e produziu eleitos. Por exemplo, viu-nos antes que fôssemos chamados por sorte. É admirável a presciência de Deus, que tudo conhece antes que aconteça. Tu, contudo, vê como o Apóstolo emprega sempre esforço para mostrar que as coisas não foram formadas por Deus se ter

arrependido, mas por princípio mais elevado, de modo que em nada somos inferiores aos judeus neste ponto, e ele faz tudo por causa disso. Como, então, declara Cristo não ter sido enviado: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24)? E ainda dizia aos discípulos: “Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos” (Mt 10,5)? E o próprio Paulo dizia: “Era primeiro a vós que devíamos anunciar a palavra de Deus. Como a rejeitais e não vos julgais dignos da vida eterna, nós nos voltamos para os gentios” (At 13,46)? Estas coisas foram ditas a fim de que não se julgue serem secundárias. *“Pela decisão daquele que tudo opera segundo o conselho da sua vontade.”* Isto é, nada fez depois, visto que, na verdade, tudo dispusera antes. Por conseguinte, impõe um fim segundo *“o conselho da sua vontade”*. Por isso, não chamou os gentios porque os judeus não atenderam, nem foi obrigado, nem impelido por eles. *“A fim de servirmos para o louvor de sua glória, nós, os que antes esperávamos em Cristo. Nele também vós, tendo ouvido a Palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação”*, isto é, por quem. Vê que Cristo é sempre o autor de tudo e em parte alguma se encontra o título de administrador e de ministro, conforme também o Apóstolo em outra passagem escreve aos hebreus: “Falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho” (Hb 1,1-2), isto é, pelo Filho. Denomina-o: *“Palavra da verdade”*, não mais da figura, nem da imagem.

“O evangelho da nossa salvação.” Com razão designa-o como evangelho da salvação, aludindo em parte à Lei, em parte à futura punição. A pregação outra coisa não é do que o evangelho da salvação, que não mais perde aqueles que merecem perder-se. *“E nele tendo crido, fostes selados pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo, que é o penhor da nossa herança.”* Ainda uma vez é grande indício da providência terem sido *“selados”*, não separados; e que não somente foram *“escolhidos por sorte”*, mas também *“selados”*. Como alguém que mostra os sorteados, igualmente Deus os separou para acreditar; assinalou-os para serem herdeiros dos bens futuros.

Vês como, com o decorrer do tempo, fá-los admiráveis! De fato, enquanto estavam na sua presciência, ninguém os conhecia; depois que foram selados apareceram, mas não como vós. Eram conhecidos, exceto uns poucos. Os israelitas também foram assinalados, pela circuncisão, como os animais e irracionais; nós somos selados, mas como filhos, pelo Espírito. O que quer dizer: *“Pelo Espírito da promessa”*? Porque o recebemos segundo a promessa. Com efeito, duas são as promessas: uma, na verdade, por intermédio dos profetas, outra, porém, através do Filho. Por meio dos profetas, segundo diz Joel. Ouve: “Derramarei o meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões” (Jl 2,28). Escuta de novo a palavra de Cristo: “Mas o Espírito Santo descera sobre vós e dele recebereis força. Sereis, então, minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8). Ora, importava que se acreditasse ser ele Deus; a este respeito não disputa com vigor, mas examina como o faria acerca de um homem, conforme consta da Epístola aos Hebreus. *“A fim de que por dois atos irrevogáveis, nos quais não pode haver mentira por parte de Deus, nos comunicam consolação segura”* (Hb 6,18). Assim também nesta passagem por meio do que já fora concedido retira argumento a respeito da promessa dos bens futuros. Por isso dá-lhe ainda o nome de penhor, porque o penhor é parte do todo. Adquiriu o que nos interessa, a nossa salvação, e por enquanto deu-nos o penhor. Por que, então, não deu imediatamente o todo? Porque nós também não fizemos tudo. Acreditamos. É o princípio; e ele deu o penhor. Quando manifestarmos a fé pelas obras, então acrescentará o todo. Ou antes, pagou outro preço, o próprio sangue, e mais uma vez fez outra promessa. Em seguida, como os povos em guerra concedem reféns, assim Deus doou seu Filho, qual penhor de paz e das alianças, e o Espírito Santo, que procede dele. Efetivamente, os que verdadeiramente participam do Espírito, sabem que ele é o penhor da nossa herança. Tal era Paulo, que pregustara já na terra os bens celestes; e por

isso sentia-se constrangido, com dores de parto, gemia por abandonar os bens da terra. Via com outros olhos, porque transferira a mente inteira para o além. Não participas dos fatos, e por isso te desvias das palavras. Se todos fôssemos participantes do Espírito, conforme importa participar, veríamos os céus e qual o seu estado. De que realidade é garantia? Da redenção, da aquisição; então a redenção será completa. De fato, agora vivemos no mundo, muitos acontecimentos humanos nos sobrevêm, e estamos cercados de ímpios. A redenção será completa quando não houver pecados, nem paixões humanas, nem estivermos em promiscuidade. Agora, porém, temos o penhor. Pois agora estamos distantes, nossa cidadania não é acima da terra, e estamos privados dos bens presentes, pois somos também estrangeiros. *“Para o seu louvor e glória.”* Menciona-o assiduamente. Por que motivo? Para que seja fidedigno aos ouvintes. De fato, se o fizesse por nossa causa, a questão não deixaria de ser duvidosa; se, porém, é por sua própria causa e a fim de demonstrar sua bondade, como determinado testemunho apresenta o motivo por que não se realizou de outro modo, conforme verificamos ter sido dito com frequência a respeito dos israelitas: “Trata-me conforme a honra de teu nome” (Sl 109,21), e ainda o próprio Deus dizia: “Por amor de mim mesmo é que vou agir” (Is 48,11); e Moisés: “Trata-me conforme a honra de teu nome”, se não por nenhum outro. Dá certeza aos ouvintes e os reanima saber que fará tudo o que prometeu por causa de sua bondade. Mas ao ouvirmos isto, não sejamos indolentes, pois embora faça por sua própria causa, contudo exige de nós também o que é nosso. Pois se: “Eu honro aqueles que me honram, e desprezo os que me desprezam” (1Sm 2,30), refletamos que reclama também o que é nosso. Com efeito, é louvor de sua glória salvar os inimigos, mas se, depois de se tornarem amigos, continuam amigos. Se retornarem às antigas inimizades, tudo foi em vão.

Efetivamente, não há outro batismo, nem segunda reconciliação, mas certa expectativa de um juízo terrível e ardor de fogo para consumir os adversários. De fato, se ao cultivarmos inimizades sempre alcançarmos perdão, não deixaremos de ser inimigos, de ceder ao prazer, e ficaremos piores, privados do sol da justiça que surgiu. Queres, abrindo os olhos, receber os raios? Faze com que se tornem belos, sadios, penetrantes. Ele te mostrou a luz verdadeira. Se, fugindo dela, correres às trevas, que defesa terás, que perdão? Nenhum, pois é sinal de ódio indizível. Quando desconhecias a Deus, eras inimigo dele, merecias alguma desculpa; mas depois que provaste sua bondade e o mel, se abandonando-os voltares ao vômito, nada mais manifestas do que sinais de ódio e de desprezo. Não, replicas, mas a natureza me obriga. Amo a Cristo, na verdade, mas sou forçado pela natureza. Se suportas necessidade e coação, receberás perdão; se, porém, for por preguiça e negligência, de modo algum.

Vamos, pois, examinemos o assunto. Os pecados são cometidos por necessidade e violência, ou por muita covardia e negligência? “Não matarás” (Ex 20,15), diz a Escritura. Qual é, pois, a necessidade? Que violência obriga a isso? Por conseguinte, matas por violência. Quem, pois, escolhe livremente enterrar a espada na garganta do próximo, e ensanguentar sua direita? Ninguém. Vês que é o contrário de pecar por necessidade e violência? Deus inseriu em nossa natureza o amor recíproco. “Todo ser vivo ama o seu semelhante, e todo homem, o seu próximo” (Eclo 13,18). Vês que temos sementes naturais para a virtude? O vício é contra a natureza; se os vícios dominam, é sinal de nossa grande indolência. Como? Que necessidade nos leva ao adultério? Sim, replicas, a tirania da concupiscência. Por quê? Dize-me, por favor. Não é lícito unir-te a tua esposa, e acalmar a tirania? Mas estou aprisionado, responde, pelo amor à mulher do próximo. Não é forçoso; o amor não é obrigatório. Ninguém ama por necessidade, mas por espontânea e livre escolha. Talvez a necessidade impila à cópula; mas que ames esta ou aquela não é necessário. Nem é concupiscência, mas vanglória e injúria, excesso de delícias. De fato, o que é mais razoável ter a esposa, companheira na procriação dos filhos, ou uma desconhecida? Não sabes que os costumes geram as amizades? Por conseguinte, não é natural. Não acuses a concupiscência. Ela foi dada para o matrimônio, para a procriação dos filhos, não para o

adultério, nem o estupro. As leis reconhecem o pecado que se comete por necessidade, ou antes, não há pecado necessário, mas todos por injúria. Deus não criou natureza que peque por necessidade; aliás, se fosse assim, não haveria castigo. Não pedimos conta do que se faz por necessidade e violência, e principalmente nem Deus, tão amoroso e bom. Mas que necessidade há de roubar? Sim, replicas; a pobreza obriga a isso. Ao invés, a pobreza obriga a trabalhar, não a roubar. A pobreza, portanto, faz o contrário. Roubar provém do ócio; a pobreza não costuma gerar o ócio, mas o amor ao trabalho. O roubo, portanto, vem da preguiça. Aprenda o seguinte. Dize-me. O que é mais difícil, mais desagradável? Passar as noites acordado, perfurar as paredes, andar nas trevas, ter a alma nas mãos, estar propenso ao assassinato, tremer e morrer de medo, ou entregar-se diariamente aos trabalhos e estar garantido em segurança? Isso é fácil e por ser fácil, em maior número faz-se isto de preferência àquilo.

Vês que a virtude é, realmente, segundo a natureza e o vício contra a natureza, à semelhança do que sucede entre a doença e a saúde? E quanto a mentir e jurar, que necessidade há? Nenhuma, nem violência, contudo, de bom grado chegamos a isso. Não se acredita em nós, retrucas. Não temos crédito, porque queremos; podíamos ter maior crédito por nossa atitude do que pelos juramentos. Por que, dize-me, não acreditamos em alguns mesmo que jurem; a outros, porém, mesmo sem jurarem, consideramos fidedignos? Vês que de forma alguma o juramento é necessário? Se aquele fala, acredito mesmo sem juramento; em ti, porém, nem se jures. Por conseguinte, o juramento é supérfluo e é mais prova de incredulidade do que de fé. Ser propenso ao juramento impede a boa fama de piedade. Por que principalmente aquele que emprega o juramento com assiduidade, não julga necessário de modo algum o uso do juramento, enquanto quem não o emprega absolutamente, aproveita-se de seu emprego? É preciso o juramento para que se acredite? De forma alguma. Vemos, de fato, que os que não juram, são especialmente confiáveis. Mas como? Ser injuriador é necessário? Certamente, dizes. A ira comove e inflama, e não deixa o ânimo estar quieto e tranquilo. Infligir injúria, ó homem, não vem da ira, mas da pusilanimidade. Se fosse proveniente da ira, todos os homens que se encolerizam não deixariam de infligir ultrages. Nós nos encolerizamos, não para injuriarmos o próximo, mas para convertermos os pecadores, excitá-los, para não sermos covardes. Temos a ira como certo estímulo para rangermos os dentes contra o diabo, para sermos fortes contra ele, e não para nos opormos uns dos outros. Temos armas, não para guerrear-mos mutuamente, mas para usarmos a armadura contra o inimigo. És irascível? Deves sê-lo contra teus pecados. Censura a alma, flagela a consciência. Sê juiz severo e acerbo árbitro contra teus pecados. Este é o lucro da ira. Foi para isso que Deus em nós a inseriu. E a rapina, vem do constrangimento? De forma alguma. Que necessidade existe, dize-me, de roubar? Que força te impele a tal? A pobreza, respondes, e a carência do necessário. Por isso não deves roubar. Tais riquezas não são estáveis. Tu, contudo, o fazes, e se alguém te perguntar por que lanças os fundamentos de tua casa sobre areia, responde: Por causa do frio e da chuva. Por isso, na verdade, certamente não devias lançar alicerces sobre a areia, pois logo a derrubariam as chuvas, as procelas e os ventos. Por conseguinte, se queres ser rico, não ambicionas ter mais. Se queres entregar riquezas aos filhos, possui riquezas justas, se existem. Estas permanecem e ficam firmes e estáveis; as que não o são, logo perecem e se estragam. Dize-me. Queres ficar rico e tomar o que é dos outros? Ora, isso não é riqueza, e sim conservar as que lhe são próprias. Quem retém as alheias, não ficará rico. Os vendedores de objetos de seda, que recebem vestimentas de outros, podem ser chamados de opulentos e ricos, embora o sejam temporariamente; nós, contudo, não os denominados ricos. Por quê? Porque guardam o alheio. Embora as vestes sejam deles, o valor não é; nem se for deles também o preço, não constituem riquezas. Se os objetos emprestados não enriquecem, porque logo são retomados; os provenientes da rapina como enriquecerão? Se queres absolutamente tornar-te rico

(embora não seja necessário), de que preferes usufruir? De uma vida mais longa? Ora, os que assim agem logo abreviam a vida. Muitas vezes sofrem o castigo da rapina e avareza, por morte prematura, não gozam senão muito pouco das posses e partem para a geena; muitas vezes também perecem adoecendo por causa dos prazeres, dos trabalhos e das preocupações. Queríamos saber por que os homens se esforçam tanto por causa das riquezas. Deus por isso impôs um limite à natureza, para não termos necessidade de procurar obter riquezas, a saber, mandou revestir o corpo com uma ou duas vestes e o supérfluo não é necessário para nos cobrir. Para que vestes inumeráveis, roídas pelas traças? Ao estômago foi estabelecida uma medida e o que for além necessariamente arruína o ser vivo todo.

Por que possuir rebanhos de bois e ovelhas, e abater tantos animais? Precisamos de um teto. Para que jardins e claustros, edifícios suntuosos? Despojas os pobres a fim de abrigar abutres e galos? Que geena mereces? E frequentemente em lugares que nem mesmo visitam, muitos levantam colunas, colocam pedras assaz preciosas, constroem edifícios brilhantes (com efeito, o que não planejaram?), dos quais nem eles, nem outros usufruem. O isolamento do lugar não lhes permite o acesso; e nem assim desistem. Vês que não edificam para o próprio proveito? São motivados pela loucura, a falta de juízo e a vanglória. Evitemo-lo, suplico, a fim de escaparmos de outros males, e conseguirmos os bens prometidos aos que amam a Deus. Em Cristo Jesus, nosso Senhor.

TERCEIRA HOMILIA

Triunfo e supremacia de Cristo

1,15. *Por isso também eu, tendo ouvido a respeito da vossa fé em Cristo Jesus e do vosso amor para com todos os santos,*

16. *não cesso de dar graças a Deus a vosso respeito e de fazer menção de vós nas minhas orações,*

17. *para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê um espírito de sabedoria e de revelação, para poderdes realmente conhecê-lo.*

18. *Que ele ilumine os olhos de vossos corações, para saberdes qual é a esperança que o seu chamado encerra, qual é a riqueza da glória da sua herança entre os santos*

19. *e qual é a extraordinária grandeza do seu poder para nós, os que cremos, conforme a ação do seu poder eficaz,*

20. *que ele fez operar em Cristo, ressuscitando-o de entre os mortos*

Nada é comparável ao coração dos apóstolos, nada semelhante à compaixão e benevolência de São Paulo, que fazia as suas preces em favor de todas as cidades e de todos os povos. E para todos escreveu: “*Não cesso de dar graças a Deus a vosso respeito e de fazer menção de vós nas minhas orações*”. Ponderai quantos tinha em mente e do esforço exigido por esta menção; de quantos se recordava nas orações, dando graças a Deus por todos, como se ele próprio tivesse recebido imensos benefícios. “*Por isso*”, diz ele, isto é, por causa do futuro, e dos bens reservados para aqueles que retamente acreditam e vivem. Ora, é justo dar graças a Deus por todos os seus dons ao gênero humano, no passado e no futuro, digno e justo também agradecer-lhe pela fé dos crentes. “*Tendo ouvido a respeito da vossa fé em Cristo e do vosso amor para com todos os santos*”. Sempre conjuga e une este par admirável: fé e amor. Não se refere somente ao povo regional, mas a todos. “*Não cesso de dar graças a Deus a vosso respeito e de fazer menção de vós nas minhas orações*”. O que pedes e suplicas? “*Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê um espírito de sabedoria e de revelação*”. Acha conveniente que eles aprendam duas coisas: Por que foram chamados e de que

modo foram libertados de sua situação anterior. Mas faz referência a três. De que maneira encontraremos três? Se apreendermos o que diz do futuro: Por meio dos bens que nos são reservados conheceremos de Deus as riquezas inefáveis e sobrenaturais; se nós, apesar de nosso primitivo estado, acreditamos, reconheceremos seu poder e autoridade para converter aqueles que por tanto tempo estiveram distantes. (Pois: “O que é tido como fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” – 1Cor 1,25); e que ele também nos atraiu a si, usando o mesmo poder pelo qual ressuscitou a Cristo. Seu poder, contudo, não se estende apenas à ressurreição, mas muito além.

e fazendo-o assentar à sua direita nos céus,

21. *muito acima de qualquer Principado, Potestade, Virtude, Dominação e de toda dignidade que se pode nomear.*

22. *E sujeitou a seus pés todas as coisas, e o colocou acima de tudo, como Cabeça de toda a Igreja,*

23. *que é o seu Corpo: a plenitude daquele que preenche tudo em todos.*

Fez-nos participantes, na verdade, de grandes mistérios e segredos. Não nos é possível conhecê-los de outra forma senão por ação do Espírito Santo e usufruindo de abundantes graças. Por isso Paulo também assim reza: “*O Pai da glória*”. Isto é, aquele que nos confere enormes bens. Sempre o nomeia por um atributo relacionado ao assunto, conforme a locução: “O Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação” (2Cor 1,3). E ainda o profeta: “Senhor, minha força, e meu auxílio” (cf. Sl 18,2-3). “*O Pai da glória.*” Não encontra um nome para exprimir o que quer, e sempre emprega o termo: glória, que para nós designa todo esplendor. Eis o Pai da glória, diz ele, o Deus de Cristo. Como? O Filho possui menor glória? Mas ninguém, nem um louco o diria.

Vos dê, isto é, eleve vossa mente e lhe forneça asas. Não é possível aprender estas coisas de outro modo. “O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito. É loucura para ele” (1Cor 2,14). Precisamos de uma sabedoria espiritual para entendermos as realidades espirituais, desvendarmos as ocultas. “O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus” (1Cor 2,10). Somente o Espírito, que perscruta até as profundezas, conhece os mistérios. Nem anjo, nem arcanjo, nem qualquer poder criado vos concede, oferece os carismas. Se vem da revelação, é supérfluo o que descobre a razão. Pois quem possui correto conhecimento de Deus não terá mais dúvidas a tal respeito. Não dirá: Isto é impossível, aquilo é possível? E: Como tal coisa ocorreu? Se aprendemos quem é Deus, conforme devemos, se formos instruídos por aquele a quem compete, a saber, pelo próprio Espírito, não mais duvidaremos de coisa alguma. Por isso diz Paulo: “*Para poderdes realmente conhecê-lo, que ele ilumine os olhos de vossos corações*”. Quem souber o que é Deus, não duvidará de suas promessas, não será incrédulo acerca do que já aconteceu. Suplica lhe seja dado um “*espírito de sabedoria e revelação*”. De resto, ele próprio confirma por meio de possíveis raciocínios e dos eventos passados. Estando para mencionar tanto fatos já realizados quanto outros que ainda não haviam sucedido, dá crédito a estes através daqueles que já aconteceram. Um exemplo acerca da palavra: “*Para saberdes qual é a esperança que o seu chamado encerra*”. É obscuro o que afirma, mas não para os fiéis. “*Qual é a riqueza da glória da sua herança entre os santos*”. Também não é manifesto. Mas, o que já é manifesto? Acreditarmos que ele por seu poder ressuscitou a Cristo. É muito mais admirável convencer as pessoas do que ressuscitar um morto. E como? Tentarei vos expor. Escuta, o que Cristo disse ao morto: “Lázaro, vem para fora!” (Jo 11, 43), e ele logo obedeceu. Pedro disse a Tabita: “Levanta-te!” (At 9,40), e ela não contestou. O próprio Senhor chamará no último dia, e todos ressurgirão, e com tanta rapidez que os que ainda viverem não se anteciparão aos que adormeceram. Tudo sucederá num momento, num abrir e fechar de olhos.

Quanto à fé, não acontece o mesmo. Então, como será? Escuta o Senhor ainda: “Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, mas não quiseste!” (Lc 13,34). Vês que é o mais difícil? Com isso se comprova. É muito mais difícil através de raciocínios humanos persuadir um ser dotado de livre-arbítrio do que agir sobre a natureza. A razão disto se encontra em que Deus mesmo determinou que praticássemos o bem voluntariamente. Assim, afirma o Apóstolo com justeza: “*E qual é a extraordinária grandeza do seu poder para nós, os que cremos*”. Os profetas, os anjos e os arcanjos não o conseguiram, nem qualquer criatura visível e invisível; a visível não podia resolver as coisas propostas; a invisível, não muitas. Então Deus dispôs a vinda de Cristo, mostrando que o caso exigia poder divino. “*A riqueza da glória*”. Isto é, uma glória inefável. Com efeito, que palavra poderá explicar a glória, de que os santos então haverão de participar? Nenhuma. De fato, necessita-se da graça para que a mente aprenda e receba um pequenino raio de luz. Conhecia algumas coisas antes, mas queria agora aprender e conhecer mais ampla e claramente. Vês quantas obras Deus realizou? Ressuscitou a Cristo. Será coisa pequena? Contempla novamente: “*Fazendo-o assentar à sua direita*”. É possível explicá-lo por palavras? Retirado da terra, mais mudo que os peixes, ludibriado pelos demônios, imediatamente Deus o elevou às alturas. De fato, “*é extraordinária a grandeza do seu poder*”.

Vê aonde o elevou. Nos céus fê-lo superior a toda natureza criada, acima de todo Principado e Potestade: “*Muito acima de qualquer Principado*”. Na verdade, precisa-se de “*espírito*”, de “*sabedoria*” para conhecer a Deus; necessita-se de “*revelação*”. Pondera a distância entre a natureza do homem e a divina! Da humilhação elevou àquela a tal honra. Não subiu apenas um, dois, ou três degraus. Ah! Não disse simplesmente: “*Acima*”, porém: “*Muito acima*”. Efetivamente, Deus está acima das potestades superiores. Entretanto, elevou até lá aquele que se fizera um dos nossos; conduziu-o dos extremos limites ao supremo principado, além do qual não existe outra dignidade. “*Qualquer Principado*”. Não este ou aquele, mas: “*Qualquer Principado, Potestade, Dominação e de toda dignidade que se pode nomear*”. Se existe alguma dignidade no céu, ele é superior a todas. É referência àquele que ressuscitou dos mortos, e que merece admiração. Não se trata de forma alguma do Verbo de Deus. Pois toda criatura em relação a Deus é o que são os mosquitos relativamente aos homens. E por que faço alusão a mosquitos? Se todos os homens são reputados como saliva, e “*pó depositado nos pratos de uma balança*” (Is 40,15), deves comparar as Virtudes invisíveis aos mosquitos. Por conseguinte, não se trata do Verbo de Deus, mas do que foi assumido de nossa natureza. É verdadeiramente grandioso e admirável! Elevou-o das partes ínfimas da terra. Se todos os povos são comparáveis a uma gota d’água, cada homem que parte de uma gota constitui? Mas Deus o fez superior a todos: “*Não somente neste século, mas também no vindouro*”. Existem dignidades, cujos nomes não nos foram transmitidos, nem são conhecidos. “*E sujeitou a seus pés todas as coisas.*” Não somente o fez superior enquanto as precede em honra, nem por comparação, mas enquanto ocupa a presidência entre os servos. Ah! coisa estupenda! Todas as potestades criadas se tornaram servas do homem, por causa do Verbo que nele habita. É possível haver nas alturas alguém, sem subordinados, mas com preeminência. Entretanto, relativamente a Cristo não é assim, mas tudo está sujeito a seus pés; e não só sujeitou, mas a sujeição é extrema, além da qual outra não há. Por isso, declarou: “*E sujeitou a seus pés todas as coisas, e o colocou acima de tudo, como Cabeça de toda a Igreja*”. Ah! de novo exalta a Igreja! De algum modo por meio de um mecanismo elevou-a a grande altura, e fez com que se sentasse naquele trono. De fato, onde está a Cabeça, ali se acha também o corpo. Não há interrupção entre a cabeça e o corpo. Se houver separação, não haverá mais corpo, não haverá cabeça. O que significa: “*Acima de tudo*”? Afirma estar Cristo acima das coisas visíveis e inteligíveis, ou que Deus, ao colocar o Filho como Cabeça, ultrapassou todos os outros benefícios. Não enviou um anjo,

um arcanjo, nem outro ser superior. Não nos honrou apenas porque exaltou um dos nossos, mas também porque fez com que o gênero humano em comum o seguisse, aderisse a ele, o acompanhasse. “*Que é o seu Corpo.*” Ao ouvir falar de Cabeça, não penses somente em domínio, mas também na estabilidade e não no chefe sozinho, mas enquanto Cabeça do corpo. “*A plenitude daquele que preenche tudo em todos.*” De que modo se exprime para manifestar a afinidade e proximidade deste chefe? A Igreja é a plenitude de Cristo. O corpo é a plenitude da Cabeça, e a Cabeça é a plenitude do corpo. Vê a ordem que Paulo utilizou, e como não poupa expressões para manifestar a glória de Deus. “*A plenitude*”, isto é, a Cabeça se completa pelo corpo; pois o corpo se compõe de todos os membros e cada um tem a sua função. Vê como ele introduz a todos com a sua função. De fato, se não formos membros distintos, dos quais um for mão, outro pé, outro uma parte diversa, não se completa o corpo. Por conseguinte, o corpo decompõe de todos. A Cabeça se completa, o corpo é perfeito quando todos formos mutuamente unidos, conjuntos.

Viste “*a riqueza da glória da sua herança*”? Viste “*a extraordinária grandeza de seu poder para*” aqueles que creem? Viste “*qual a esperança que o seu chamado encerra*”? Respeitemos nossa Cabeça! Reflitamos de que Cabeça somos o corpo, e que todas as coisas lhe estão sujeitas. Segundo este exemplo devíamos ser melhores até do que os anjos, maiores do que os arcanjos, porque colocados acima deles todos. Deus “não veio ocupar-se com os anjos, mas, sim, com os filhos de Abraão” (Hb 2,16), conforme escrito na Epístola aos Hebreus. Não assumiu a natureza dos Principados, nem das Potestades, nem das Dominações, mas a nossa e ordenou-lhe que se sentasse nas alturas do céu. E por que digo que ordenou que o Filho sentasse? Revestiu-o, e não só isto, mas tudo sujeitou sob seus pés. Quantos mortos ou vivos calculas? Milhares e múltiplos? Mas nada dirás que se lhe equipare. Duas graças máximas: Desceu ele próprio à última humilhação, e elevou o homem à maior altura. Primeiro o Apóstolo declara que ele se humilhou a tal ponto; depois enuncia o que é mais elevado, grandioso, principal. Embora de nenhuma das duas graças fôssemos dignos, bastaria a primeira; ou se a merecêssemos, sem a sua imolação seria suficiente. Mas, se as duas graças foram concedidas, não haveriam de vencer e superar qualquer excesso em palavras? Ao refletir sobre essas coisas, concluo que a ressurreição não é tão grandiosa. A este respeito diz: “*O Deus de nosso Senhor Jesus Cristo*”, não do Verbo de Deus. Veneremos esta afinidade, tenhamos receio de que alguém seja amputado deste corpo, caia, mostre-se indigno. Se alguém impusesse em nossa cabeça um diadema, uma coroa de ouro, não faríamos o possível para nos mostrarmos dignos destas pedras inanimadas? Entretanto, não é imposto em nossa cabeça um diadema, mas Cristo se fez nossa Cabeça, o que é mais importante, sem que nada fizéssemos. Na verdade, reverenciam-no os anjos, arcanjos e todas as outras virtudes; nós, porém, que somos seu corpo, não o reverenciaremos por isso, ou por outra causa? E que esperança nos restaria de salvação?

Pensa no trono imperial, imagina a honra suprema. Se quisermos, este pensamento poderá nos atemorizar mais do que a própria geena. Suponhamos que não haja geena. Que castigo, que suplício não teriam os que, tendo recebido tal honra, fossem achados indignos e malvados? Pensa estar tua Cabeça perto de quem ao presidir. Só isso bastaria: À direita de quem se encontra? Mas está, na verdade, acima de todo Principado, Potestade e Virtude. Seu corpo, porém, é conculcado até pelos demônios? Tal não aconteça. Se assim fosse, já não seria corpo tão grandioso. Estremecem diante de tua Cabeça os mais estimados servos, e submetes o corpo aos ofensores? Que suplício não mereces? Se alguém prender os pés do rei com cadeias e grilhões, não será réu extremo suplício? Tu jogas o corpo inteiro às feras cruéis, e não estremeces? Mas pelo fato de se tratar do corpo do Senhor, vamos, recordemos que ele foi crucificado, atravessado pelos cravos, e imolado. És corpo. Sê corpo de Cristo, carrega a cruz porque ele também a carregou; suporta os escarros, as bofetadas, os pregos. Tanto

suportou aquele corpo inocente: “Se bem que não tivesse praticado injustiça alguma, nem tivesse havido mentira em sua boca” (Is 53,9). Suas mãos atuavam em benefício de todos os necessitados. De sua boca nada saiu de inconveniente. Ouviu o ultraje: “Tens um demônio” (Jo 7,20), e não retrucou. Uma vez que tratamos de um corpo, todos nós que recebemos o corpo e provamos do sangue pensemos que somos partícipes daquele que em nada difere e se distingue do que reina no céu, é adorado pelos anjos, bem próximo da incorrupta Virtude. Ai de mim! Quantos caminhos abertos para a salvação! Ele de nós fez seu corpo, nos distribui seu Corpo, e nada disso nos afasta do mal. Ó trevas, ó abismo profundo, ó insensibilidade! “Pensai nas coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus” (Cl 3,2.1). Apesar disto, uns têm solicitude pelas riquezas, outros são escravos das paixões.

Não vês que de nosso corpo também são cortadas e amputadas as partes supérfluas e inúteis? E nenhum lucro traz por estar no corpo uma parte mutilada, amortecida, putrefata e que, além disso, lesa o restante? Não nos fiemos, portanto, de termos pertencido alguma vez àquele Corpo. No entanto, se o corpo é natural e, no entanto, sofre corte, se o ânimo não permanecer resoluto, que mal grave não padecerá? Quando o corpo não se alimenta, quando os poros ficam obstruídos, a morte sobrevém. Quando são os intestinos, paralisam-se. Igualmente nós, se impedirmos a audição, a alma definha. Se a alma não participar do alimento espiritual, e a malícia dos humores corruptores nos lesarem, tudo isto causará doença grave, que acarretará consumição. E não restará, senão aquele fogo, ou a amputação. Cristo não permite entrar na sala nupcial com tal corpo. Se ele retirou e expulsou o convidado revestido de sórdida veste, o que não será feito a um corpo maculado? O que ele não disporá?

Verifiquei que muitos recebem o Corpo de Cristo simples e fortuitamente, mais por costume e pelo preceito do que por deliberação e reflexão. Ao chegar o tempo da santa Quaresma, ou o dia da Epifania, qualquer um, seja quem for, participa dos mistérios. Ora, não é o tempo que proporciona acesso; não é a Epifania, nem a Quaresma que torna dignos de se aproximarem da mesa, mas a sinceridade e pureza da alma. Aproxima-te sempre com estas disposições; jamais delas desprovidos. “Pois todas as vezes que o fazeis, anunciais a morte do Senhor” (1Cor 11,26), isto é, agi em memória de vossa salvação, de meu benéfico dom. Pondera quanta abstinência empregavam os participantes do sacrifício do Antigo Testamento. O que não praticavam? O que não faziam? Sempre se purificavam. Tu, porém, aproximas-te do sacrifício que faz tremer os próprios anjos, limitando-o a dependente de períodos de tempo? E como comparecerás ao tribunal de Cristo, tu que ousas aceder com mãos e lábios manchados ao Corpo de Cristo? Não osculas o rei com mau hálito; osculas o rei do céu com a alma fétida? Que afronta! Dize-me. Queres acercar-te do sacrifício com mãos imundas? Não creio. É preferível não te aproximares a abordares com mãos imundas. De fato, acerca de coisas pequenas és tão reverente e com a alma sórdida ousas aproximar-te e tocar? Ora, retém-no as mãos por breve tempo, enquanto à alma ele completamente se entrega. De que modo? Não vês os vasos lavados? Limpos e esplêndidos? Importa ter as almas mais limpas, santas e esplêndidas. Por quê? Porque se limpam os vasos por causa delas. Os vasos não participam do conteúdo, não sentem; mas nós, sim. Não usas um vaso sujo, entretanto aproximas-te com a alma manchada? Verifico grande anomalia. Em outras ocasiões, nem estando puros vos acercastes. Na Páscoa, porém, vos acercastes, apesar de terdes cometido pecado. Ó costume, ó presunção! É inútil o sacrifício cotidiano, em vão estamos presentes junto ao altar. Ninguém comunga. Não o digo com a finalidade de participardes sem mais, porém com o fito de vos preparardes dignamente. Não és digno do sacrifício, nem da recepção? Por conseguinte, nem de tomar parte nas preces. Ouves o arauto de pé proclamar: “Os penitentes se retirem todos!” Todos os que não participam são penitentes. Se és penitente, não deves participar. Quem não participa é penitente. Porque então ele diz: Retirai-vos, vós que não podeis tomar parte nas orações e tu

impudentemente permaneces? Ora, não és daqueles que podem participar, e não te preocupas? Não dás importância?

Reflete, por favor. Eis a mesa real, os anjos que servem, a presença do próprio Rei, e tu estás bocejando? Tuas vestes estão sujas, e não te importas? Mas, se estão limpas? Põe-te à mesa, e participa. O rei vem cada dia para ver os que estão à mesa, conversa com todos; e agora dirige-se à tua consciência: “Amigo, como entraste aqui sem roupa nupcial?” (Mt 22,12) Não disse: Por que estás à mesa? Declarou, contudo, ser ele indigno de ter entrado, antes ainda de estar à mesa. Pois não disse: Por que estás à mesa? Mas: Por que entraste? O mesmo agora diz a todos nós, despidos e descalçados. Todo aquele que, na verdade, não participa dos mistérios, está ali despidido e com excessiva audácia. Por conseguinte, os primeiros a serem expulsos são os pecadores. Com efeito, quando o dono está à mesa, não devem estar presentes os criados que o ofenderam, mas são expulso. Assim também aqui, ao ser oferecido o sacrifício, foi imolado Cristo, o Cordeiro de Deus, ouvires: “*Oremos todos em comum*” e vires correrem as cortinas das portas, julga seres elevado ao céu, e descerem os anjos. Nenhum dos não iniciados nos mistérios deve ficar, nem os iniciados impuros. Dize-me. Se um convidado a um banquete após lavar as mãos toma lugar e estando preparado, coloca-se à mesa, entretanto não participa da refeição, acaso não injúria a quem o convidou? Não teria sido melhor que nem comparecesse? Assim também tu compareceste, cantaste o hino, professaste ser do número dos que eram dignos, uma vez que não te afastaste com os indignos. Como permaneceste e não participaste da refeição? Sou indigno, retrucas. Por conseguinte, também és indigno da comunhão nas preces. Não somente por causa dos dons sobre o altar, mas também através dos cânticos sempre desce o Espírito. Não vês nossos servos lavarem a mesa com esponjas, limparem a casa, e em seguida colocarem os pratos? Acontece o mesmo por meio das preces, do clamor do arauto (o diácono). Com uma espécie de esponja lavamos a igreja para que na igreja limpa se coloque tudo e não haja “*mácula, nem ruga*”. Igualmente teus olhos são indignos destes espetáculos, e indignos os ouvidos. “E se um animal tocar a montanha, será apedrejado” (cf. Ex 19,13). De fato, nem os que subiram à montanha eram dignos; entretanto depois se aproximaram e viam onde Deus estava. É lícito depois acederes e ver; mas quando ele estiver presente, sai. Não te é permitido mais do que ao catecúmeno. Com efeito, não é o mesmo não ter ainda recebido os sacramentos ou após a recepção ofender, desprezar, tornar-se indigno.

Seria possível dizer coisas mais terríveis, mas para não pesar em vossos espíritos, basta! De fato, quem ainda não obteve bom senso, não o alcançará com mais palavras. Para evitar um juízo mais grave, não vos peço que não compareçais, mas que tenhais presença e acesso com dignidade. Dize-me. Se um rei der a seguinte ordem: Quem assim proceder, abstenha-se de apresentar-se à minha mesa, acaso não atendereis? Fomos convidados a subir ao céu, à mesa do grande e admirável Rei, e recusamos, hesitamos, não nos apressamos nem acorremos ao convite? Que esperança de salvação teremos? Não podemos desculpar-nos de fraqueza, nem culpar a natureza. Somente a indolência nos faz indignos. Foi o que dissemos. Aquele, contudo, que dá aos corações contrição, espírito de compunção, conceda arrependimento a vossos corações, e insira no íntimo o sêmen a fim de poderdes conceber pelo temor de Deus e dar à luz o espírito de salvação e aproximar-vos com confiança. Diz a Escritura: “Teus filhos, rebentos de oliveira, ao redor de tua mesa” (Sl 128,3). Nada, portanto, de velho, de cruel, de áspero. Tais rebentos são aptos a produzir fruto, fruto admirável, fruto de oliveiras, diria. Frutos fortes, todos ao redor da mesa. Não se reúnam em vão e ao acaso, mas com temor e tremor. Assim, pois, ali haveis de contemplar a Cristo com toda confiança, e vos tornareis dignos do reino celeste. Consigamo-lo nós todos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual, com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos

QUARTA HOMILIA

Gratuidade da salvação em Cristo

2,1. *Vós estáveis mortos em vossos delitos e pecados.*

2. *Neles vivíeis outrora, conforme a índole deste mundo, conforme o Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência.*

3. *Com eles nós todos também andávamos outrora, nos desejos de nossa carne, satisfazendo as vontades da carne e os seus impulsos, e éramos por natureza como os demais, filhos da ira.*

Existe uma mortificação corporal, e uma espiritual. O exercício da primeira não é culpado, nem perigoso. É coisa natural e não decisão do livre-arbítrio. Originou-se da transgressão do protoparente e, em seguida, tornou-se natural; aliás, logo se resolve. Mas a mortificação da alma, dependente da decisão da alma e do livre-arbítrio é pecado e não tem solução. Observa, portanto, que Paulo, tendo já demonstrado que é grande problema e mais importante curar a alma atingida pela morte do que ressuscitar os mortos, agora também o apresenta como de maior valia: “*Vós estáveis mortos em vossos delitos e pecados. Neles vivíeis outrora, conforme a índole deste mundo, conforme o Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência*”. Notas a mansidão de Paulo, e como sempre consola o ouvinte, sem onerá-lo? Com efeito, tendo dito que eles haviam chegado ao extremo vício (é este o significado de estar mortos), a fim de não os atingir assaz (porque os homens se envergonham se os pecados anteriores são divulgados, embora já perdoados e não apresentem perigo algum), dá-lhes um auxiliar, um auxiliar forte, para não julgarem que tudo lhes seria imputado. Qual? O diabo. Assim também procede na Epístola aos Coríntios. Pois tendo dito: “Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os idólatras”, inclusive os restantes, acrescenta: “Não herdarão o Reino de Deus”. Então diz ainda: “Eis o que vós fostes” (1Cor 6,9ss). Não disse simplesmente: Fostes, mas: “Ao menos alguns”, isto é, de certo modo.

Nesse ponto os hereges disputam com vigor que o dito se refere a Deus. Com língua desenfreada, aplicam a Deus o que é somente do diabo. Como lhes taparemos a boca? Por suas próprias palavras. Pois se Deus é justo, conforme afirmais, mas assim procedeu, não é peculiar a um justo, e sim a alguém muito injusto e criminoso. Deus, porém, jamais pôde ser criminoso. Por que o Apóstolo o chama de Príncipe deste mundo? Porque quase toda a natureza humana se entregou a ele, e todos o servem espontânea, voluntariamente. A Cristo, que promete inumeráveis bens, ninguém se apresenta; a ele que nada promete, mas arrasta à geena, todos se submetem. E embora seu principado seja apenas neste século, ele aqui tem mais súditos do que Deus, e a eles se submetem pela própria indolência mais do que a Deus, com poucas excessões. “*Conforme o Príncipe do poder do ar.*” Afirma isso porque seu lugar é abaixo do céu, e espíritos do ar são as Potestades incorpóreas; e ele “*agora opera*”. Ouvi como Paulo assegura no fim da Epístola que seu principado é deste século, isto é, que há de perdê-lo com o presente século: “*O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo de trevas*” (Ef 6,12). De fato, visando a que, ao ouvires a locução: “*Dominadores deste mundo*”, não afirmes que ele é criado, formulou: “*Deste mundo de trevas*”. Em outra passagem igualmente chama o mundo malvado de “mundo mau” (Gl 1,4), mas sem referência às criaturas. A meu ver, ele que era príncipe sob o céu, não perdeu o principado, mesmo após a transgressão. “*Que agora opera nos filhos da desobediência.*” Vês que não emprega a violência, nem a tirania, mas a persuasão? Usou o termo *apeitheia*, de certo modo querendo dizer: Atrai a todos pela decepção e persuasão. Consola-os não

apenas dando-lhes um companheiro, mas colocando-se entre eles. “*Com eles nós todos também andávamos outrora, nos desejos de nossa carne.*” “*Todos*”: Não é lícito afirmar que havia exceção. “*Nos desejos de nossa carne, satisfazendo as vontades da carne e os seus impulsos, e éramos por natureza como os demais, filhos da ira.*” Isto é, todos os restantes não apreciavam coisa alguma espiritual. Mas para não se suspeitar que odiava a carne, nem julgar ser grande delito, vê como se acautela. “*Satisfazendo as vontades da carne e os seus impulsos*”, isto é, as paixões voluptuosas. Irritávamos a Deus e lhe provocávamos a cólera. Éramos objeto de ira, e nada mais. O filho de um homem por natureza é homem; assim também nós, como os demais, éramos filhos da ira, isto é, ninguém estava isento, mas todos fazíamos o que merecia a ira de Deus.

4. Mas Deus, que é rico em misericórdia,

Não disse apenas: Misericordioso, e sim : “*Rico em misericórdia*”, conforme se expressa noutra passagem: “Por tua grande misericórdia”, e ainda: “Tem piedade de mim por tua grande misericórdia” (Sl 69,17; 51,1).

pelo grande amor com que nos amou,

Manifesta por que nos amou. Com efeito, nossas ações não mereciam amor, e sim ira e extremo suplício. Amou, portanto, devido a sua grande misericórdia.

5. quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo

Novamente Cristo é mediador, e é fidedigno o fato. Se, pois, as primícias vivem, também nós. Vivificou a Cristo e a nós.

Verificas que tudo foi dito a respeito dele, segundo a carne? Viste a exuberante grandeza de seu poder em nós que cremos? Vivificou os mortos, filhos da ira. Viste “*qual é a esperança que o seu chamado encerra*”?

6. e com ele nos ressuscitou e nos fez assentar

Viste “*a glória da sua herança*”? Sim, respondes, “*Com ele nos ressuscitou*”, é evidente. Mas: “*E nos fez assentar nos céus, em Cristo Jesus*”. De que modo é válido? Quanto à asserção: “*Com ele nos ressuscitou*”, ninguém ressuscitou, a não ser que a Cabeça tenha ressuscitado e igualmente nós tenhamos ressurgido com a Cabeça, bem como inclinou-se Jacó, e conjuntamente a mulher, diante de José. Assim, portanto, fez-nos também assentar, porque se a Cabeça se senta, o corpo o faz conjuntamente. Por isso, adicionou: “*Em Cristo Jesus*” . Ou se não for assim, e sim pelo batismo, como nos fez assentar? Com efeito, “se com ele sofremos, com ele reinaremos” (2Tm 2,12). Se morremos, simultaneamente viveremos. É, na verdade, obra e revelação do Espírito, para entendermos a profundidade destes mistérios. Em seguida, para acreditar, vê o que acrescentou:

7. a fim de mostrar nos tempos vindouros a extraordinária riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco, em Cristo Jesus.

Referia-se a Cristo. O que afirmara, não nos competia, pois o que nos toca se ele ressuscitou? Mostrou também que nos compete, se ele está verdadeiramente unido a nós; exceto o que disse acima a nosso respeito: “*Quando estávamos mortos em nossos delitos, com ele nos ressuscitou e nos fez assentar*”. Segundo eu dizia, não sejas incrédulo e aceita a demonstração extraída dos argumentos precedentes acerca da Cabeça e seu desejo de demonstrar bondade. Como mostrará, se não aconteceu? “*A fim de mostrar nos tempos vindouros*”. O quê? Que são grandes os bens e os mais fidedignos. De fato, agora as asserções parecem boato aos incrédulos; então, contudo, todos reconhecerão. Queres saber também de que modo nos fez assentar? Escuta o que Cristo diz aos discípulos: “Também vós

vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel”, e ainda: “Sentar-se à minha direita e à minha esquerda, não cabe a mim concedê-lo; mas é para aqueles aos quais meu Pai o preparou” (Mt 19,28; 20,23). Por conseguinte, está preparado, e assegura com razão: *“Pela sua bondade para conosco, em Cristo Jesus”*. Sentar-se à direita é honra preeminente, além da qual outra não há. Disse, no entanto, que nós também nos sentaremos. Na verdade são riquezas exuberantes, verdadeiramente suma a grandeza de sua virtude, sentar-se com Cristo. Mesmo se tivesses mil vidas, por causa dele não as perderias? Mesmo se fosse para seres lançado no fogo, não deverias suportá-lo prontamente? Mas ele diz ainda: Quero. “Onde estou eu, aí também estará o meu servo” (Jo 12,26). Se fosse preciso ser picado em pedaços cada dia, não seria necessário aceitar com prontidão de ânimo? Pensa onde ele se sentará: *“Muito acima de qualquer Principado e Potestade”*. E junto de quem te sentas? Dele. E quem és? Morto, por natureza filho da ira. E o que praticaste de correto? Nada. Na realidade, é oportuno exclamar: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus!” (Rm 11, 33)

8. Pela graça fostes salvos,

A fim de evitar que a grandeza dos benefícios te faça orgulhoso, vê como te e reprime: *“Pela graça fostes salvos”*, por meio da fé

Em seguida, mais uma vez, a fim de não excluir o livre-arbítrio, introduz igualmente a nossa parte; e de novo o exalta, dizendo: e isto não vem de nós

Nem a fé vem de nós, pois se Cristo não viesse, se não nos chamasse, como teríamos podido crer? “E como poderiam crer naquele que não ouviram?”. (Rm 10,14). Por conseguinte, nem a fé é nossa.

é dom de Deus

9. não vem das obras,

Não basta a fé para a salvação? – pergunta-se. Deus a reclama, para não sermos salvos sem mais, ociosamente. Significa que a fé salva, mas por ação de Deus. A fé salvou porque Deus o quis. Dize-me. Como a fé salva sem as obras? É dom de Deus, para que ninguém se encha de orgulho.

A fim de que nos torne gratos a respeito da graça. Por que, portanto, perguntas, ele próprio dispôs que as obras justifiquem? De modo algum, mas: Ninguém se justifica pelas obras, a fim de se manifestarem a graça e o amor de Deus. Não rejeitou os que têm as obras, mas salvou pela graça os que estavam perdidos em consequência das obras, de sorte que ninguém doravante possa se gloriar.

Em seguida, para que não permaneças ocioso, ao ouvires que tudo se realizou não por meio das obras, mas pela fé, vê o que acrescentou:

10. Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos.

Nota o que ele próprio afirmou, aludindo à regeneração. Na verdade, é criação diferente. Fomos criados do nada para existirmos. Morremos para o que éramos, o homem velho. Transformamo-nos no que não éramos antes. Por conseguinte, há criação e a recente é melhor do que a primeira. Por meio desta última, de fato, vivemos; por meio da atual, porém, vivemos bem. *“Para as boas obras que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos”*. Não: A fim de começarmos, e sim: *“Para que andássemos”*. Precisamos de contínua virtude, duradoura até a morte. Com efeito, ingressássemos no caminho que conduz à cidade régia, e após termos vencido a maior parte, próximos do fim, nos sentássemos indolentes, de nada nos serviria a caminhada. Assim nada nos aproveitaria ter possuído *“a esperança que seu chamado encerra”*, se não andássemos de forma digna de quem chamava. Chamados, pois, às boas obras, perseveremos, praticando-as todas. Para tal fim fomos chamados. Não para praticarmos apenas uma obra, mas todas. Temos cinco sentidos, e devemos utilizá-los todos no

que lhes é peculiar; o mesmo acontece com as virtudes. Se alguém é casto mas sem misericórdia, ou de fato misericordioso mas ambicioso, ou se abstém de roubar o alheio mas não dá do que possui, tudo em vão. Não basta uma só virtude para comparecermos com confiança no tribunal de Cristo, mas são necessárias muitas, variadas e de toda espécie. Ouve a palavra de Cristo aos discípulos: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei”; e ainda: “Aquele que violar um só destes menores mandamentos, será chamado o menor no reino dos céus” (Mt 28,19; 5,19), isto é, por ocasião da ressurreição. Não entrará no reino. Costuma-se dar o nome de reino à época da ressurreição. “Aquele que violar um só destes menores mandamentos, será chamado o menor”. Por conseguinte, todos são necessários.

Vê, porém, como não é lícito entrar no reino sem a esmola; se somente ela faltar, iremos para o fogo. “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos”. Por que, qual o motivo? “Porque tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber” (Mt 25,41-42). Viste que não foram acusados de mais nada, e só por causa disso pereceram? E aquelas virgens somente por isso foram excluídas da sala nupcial, embora observassem a castidade; mas porque desprovidas da esmola, não entraram com o esposo.

“Procurai a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12,14). Pensa, portanto, que sem a castidade não é possível ver a Deus. Mas, somente com a castidade não pode ser visto, porque muitas vezes existe outro impedimento. Se fizermos tudo bem-feito, mas em nada formos útil ao próximo, não entraremos no reino (cf. Tg 2,10). De onde consta? Dos servos aos quais foram confiados os talentos (Mt 25). A sua virtude era autêntica, sem omissão de virtude alguma. O servo, preguiçoso em negociar, porém, com justiça foi rejeitado. É possível cair na geena somente por um ultraje, uma vez que: “Aquele que chamar a seu irmão: ‘Louco’ terá de responder ao julgamento da geena de fogo” (Mt 5,22). Mesmo que tenha agido sempre corretamente, se for injuriador, não entrará no reino. Não se acuse de crueldade a Deus por excluir do reino dos céus os que assim falharam. Entre os homens, quem agir contra as leis, mesmo se houver transgredido somente uma das leis estabelecidas, é banido da presença do rei: se faz acusação caluniosa, perde o múnus; é tido por indigno se houver cometido adultério; apesar de ter praticado inúmeros atos bons, nada ganha; é suficiente também para perdê-lo se for comprovado que cometeu assassinato. Se as leis humanas são observadas tão exatamente, quanto mais as leis de Deus! Mas, replica-se, Deus é bom. Até quando diremos estas estultices? Declarei ser estultice. Não o fiz porque Deus não seja bom, mas por estimarmos que sua bondade nos permita tais ações. Frequentemente dissertamos a este respeito. Escuta, pois, os dizeres da Escritura: “Não digas: ‘Sua misericórdia é grande para perdoar meus inúmeros pecados’” (Eclo 5,6). Paulo não proíbe que afirmemos serem muitas as suas misericórdias. De forma alguma. Não nos convence disto, mas até quer que assiduamente o declaremos, e para tal movimentamos todos os recursos. A causa é a seguinte: Não admires a misericórdia de Deus a fim de pecares, e dizeres: “É misericordioso, perdoa meus inúmeros pecados”.

Não dissertamos tanto a respeito da bondade divina para que, nela fiados, caiamos no pecado; do contrário, a bondade ocasionaria perda da salvação. Visamos evitar o desespero por causa dos nossos pecados, e nos penitenciarmos. A benignidade de Deus te induz à penitência, e não a aumentar os vícios. Se te fizeres malvado devido à benignidade divina, antes a condenas diante dos homens. Vejo muitos a acusarem a longanimidade de Deus. Serás castigado se não a aproveitares conforme deves. Deus é benigno? Mas é também justo juiz. Perdoa os pecados? Entretanto dá a cada um segundo suas obras. Supera as iniquidades e apaga os pecados? Mas também os inspeciona. Acaso não são coisas contraditórias? Não são opostas, se as distribuirmos segundo o tempo. Ele apaga os pecados aqui pelo batismo e pela penitência; castiga os maus atos no além pelo fogo e os tormentos. Se, portanto,

replicas, eu perpetrar poucos pecados e por um só for excluído do reino, por que não hei de cometer todos os pecados possíveis? Palavras de um servo ingrato! Entretanto vamos retorquir.

Não pratiques o mal buscando teu proveito. Todos nós pecadores de igual forma perderemos o reino; na geena, contudo, não sofreremos os mesmos castigos, mas um será submetido a penas menos severas, outros a maiores. Se tu e ele desprezares os preceitos, quem peca muito ou pouco perde o reino; se, porém, não desprezares de igual modo, mas um mais; outros, menos, haverá diferenças na geena. Por que, então, perguntas, o Senhor ameaça de se lançar no fogo os que não tiveram misericórdia, e não simplesmente no fogo, e sim no que foi preparado para o diabo e seus anjos? Por que, e qual o motivo? Porque nada irrita tanto a Deus quanto a lesão infligida aos amigos. Pois se devemos amar os inimigos, que suplício não merecerá aquele que tem ódio até ao amigo, e, por conseguinte, é pior do que os gentios? É justo que, devido à gravidade deste pecado, se aparte em companhia do diabo. Ai de quem não dá esmola! (cf. Eclo 12,3) Se assim acontecia no Antigo Testamento, muito mais no Novo. Se quando era permitido possuir riquezas, delas fruir e cuidar, havia tanta solicitude acerca do auxílio aos pobres, quanto mais agora que temos o preceito de distribuir? O que não praticavam eles? Ofereciam dízimos e mais dízimos. Socorriam os órfãos, as viúvas, os prosélitos. Mas certa pessoa dizia-me admirada: Eles pagam os dízimos! Como é vergonhoso que entre os judeus isso não causava pasmo e entre os cristãos é um feito espantoso? Se então era perigoso omitir os dízimos, pondera quanto não o será atualmente! De outro lado, a embriaguez não herda o reino. Mas o que dizem muitos? Se eu e ele recebemos o mesmo castigo, o consolo não é pequeno. O que diremos? Certamente o teu suplício e o dele não serão iguais. Aliás, isso não serve de consolo. A associação nos males proporciona consolo no caso de serem limitados; quando, porém, excessivos e nos levam a perder a razão, termina a consolação. Dize, pois, àquele que é castigado e é lançado no fogo: Existem outros que sofrem de igual modo! Não sentirá consolo. Os israelitas não pereceram todos juntos? Que consolo lhes ocasionou? Acaso não sentiram dor mais intensa? E por isso diziam: Estamos perdidos, exterminados, aniquilados. Que espécie de consolo é este? É inútil consolarmo-nos com tais perspectivas. Um só consolo existe: Não cair no fogo inextinguível. Para os que ali caem não há consolo. Ali há ranger de dentes, pranto, verme que não morre, fogo que não se extingue. Que consolo terás, dize-me, quando estiveres naquela aflição e angústia? De fato, será o teu estado. Rogo, não nos enganemos em vão. É salvífico. Sendo-te proposto sentar-se junto a Cristo, tu perscrutas curiosamente acerca disso? Sem cometermos outro pecado, que suplício mereceríamos por causa destas palavras, nós, tão indolentes, míseros e covardes que assim nos exprimimos, apesar de termos em vista tão grande honra? Oh, quantos gemidos darás ao ouvires, dirigido aos que praticaram o bem, o chamado para o reino e a glorificação! Ao vires alguns de teus servos, de origem obscura, que labutaram aqui um tanto, ser partícipes para sempre do trono real! Acaso haverá para ti punição pior? Pois se agora vires alguns prosperarem, embora nada sofras, consideras padecimento mais grave do que qualquer suplício, e apenas por este motivo te atormentas, lamentas, choras e julgas serem inúmeros perigos de morte, o que sofrerás então? De fato, se não houvesse geena, não bastaria a lembrança do reino para constituir ruína e dano? A experiência ensina que assim acontecerá. Não nos deleitemos em vão nem nos consolemos com tais palavras, mas atentamente cuidemos de nossa salvação, solícitos na prática da virtude, estimulando-nos à observância do bem para sermos dignos de alcançar tão grande glória, em Cristo Jesus nosso Senhor.

QUINTA HOMILIA

Reconciliação dos judeus e dos pagãos entre si e com Deus

11. por isso vós, que antes éreis gentios na carne e éreis chamados incircuncisos pelos que se chamam

circuncidados em virtude de uma operação manual na carne,

12. *lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, excluídos da cidadania em Israel e estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo.*

Muitos eventos revelam-nos a bondade e o amor de Deus. Em primeiro lugar, ele próprio salvou-nos e de modo tão excelente; em segundo lugar, salvou-nos embora fôssemos tais quais éramos; em terceiro, aonde nos conduziu. Por si sós estes eventos são indicação máxima de sua benignidade. E Paulo agora revolve o assunto por escrito. Assegurou que Deus nos salvou quando estávamos mortos pelos pecados e éramos filhos da ira; agora declara a quem nos igualou, e por isso diz: *“Lembrai-vos”*. Todos nós, ao sermos transferidos de uma condição humilde à oposta, ou, de outro lado, ao sermos elevados à honra maior, costumamos esquecer-nos do estado anterior, apoiados em nossa exaltação. Paulo diz em consequência: *“Por isso, lembrai-vos”*. *“Por isso.”* Por que razão? Por termos sido criados a fim de praticarmos boas obras. É suficiente para persuadir-nos acerca da solicitude em praticar a virtude. *“Lembrai-vos.”* Basta esta recordação para nos tornar gratos ao benfeitor. *“Antes éreis gentios.”* Vê que reprime a preeminência dos judeus, e enaltece a desvantagem dos gentios. Na realidade, não era desvantagem, mas ele instrui segundo a condição de vida de ambos. *“Éreis chamados incircuncisos.”* A distinção achava-se apenas em palavras; na carne, porém, a prerrogativa. De fato, nada é a incircuncisão, nada a circuncisão. *“Pelos que se chamam circuncidados em virtude de uma operação manual na carne, lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, excluídos da cidadania em Israel e estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo.”* Vós, diz ele, assim éreis denominados pelos judeus. Por que motivo, estando para mostrar que lhes fora conferido, qual benefício, serem associados a Israel, de novo não diminui a dignidade israelita, mas a exalta? Exalta no que é necessário, mas reprime onde não houve associação. Mais adiante, declara: *“Sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus”* (2,19). Observa que não reprime. Assegura: É indiferente. Não julgueis que vós, não circuncidados, por serdes incircuncisos, conseguistes alguma diferenciação. Era grave estarem *“sem Cristo, excluídos da cidadania em Israel”*.

Não lhes era conferida a cidadania: Eram *“estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo”*. Assim eram os pagãos. Tratara Paulo das realidades celestes; agora fala igualmente das terrenas, porque os judeus dedicavam-lhes a maior estima. Assim, Cristo igualmente, consolando os discípulos, após declarar: *“Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus”*, enuncia o menos importante: *“Foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós”* (Mt 5,10.12). Isto, de fato, quanto à grandeza, é menos importante; mas quanto à fé e à proximidade é grandioso, bem ajustado e forte. Constava disto, portanto, a cidadania. Não usa o termo: Separados, e sim: *“Excluídos da cidadania”*. Não disse: Fostes descuidados e sim: Não pertencentes, *“e estranhos”*. É vigorosa ênfase, indicando imensa separação. Com efeito, também os israelitas estavam *“excluídos da cidadania”*, apesar de não serem estranhos, mas enquanto indolentes; no entanto, foram excluídos das alianças, embora não como estranhos. Quais eram as *“alianças da promessa”*? *“A ti e à tua posteridade eu darei esta terra”* (Gn 13,15), e outras promissões. *“Sem esperança e sem Deus.”* Ora, eles adoravam os deuses, apesar de inexistentes, pois o ídolo nada é.

13. *Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, fostes trazidos para perto, pelo sangue de Cristo.*

14. *Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação e suprimido em sua carne a inimizade –*

Tem alguma importância, replicas, termos alcançado a cidadania dos judeus? O que dizes? Cristo

recapitulou “*todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra*” (Ef 1,10), e agora estás falando de israelitas? Sim, responde ele. Pois então importava assumir pela fé e agora, pelos atos e obras. “*Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, fostes trazidos para perto*”, a fim de obterdes a cidadania. Pois, estar longe ou perto depende apenas do livre-arbítrio. “*Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só.*” O que significa: “*De ambos os povos fez um só*”? O Apóstolo não diz ter-nos Cristo elevado àquela nobreza, mas que a nós e a eles colocou mais acima; maior, é, na realidade, o benefício que nos atribuiu. Pois a eles, mais próximos, foram feitas as promessas; para nós, contudo, mais distanciados, não houve promessa. Por isso diz: “Ao passo que os gentios glorificam a Deus pondo em realce a sua misericórdia” (Rm 15,9). Fizera a promessa, de fato, aos israelitas, mas eles foram indignos; a nós, estranhos, não prometera. Nada era comum entre nós e eles, e de ambos fez um só povo; não nos uniu a eles, mas transformou-os, a nós e a eles, num só povo.

Vou exemplificar: Imaginemos duas estátuas, uma de prata, outra de chumbo; ambas são fundidas e configuradas, e produzem duas estátuas áureas. Eis que das duas fez-se uma só.

Ou outro exemplo: Pensemos no caso de um escravo e um filho adotivo; e ambos ofendem o senhor. O adotivo é deserddado, e o escravo foge, sem conhecimento do pai; depois, ambos se tornam herdeiros, e filhos genuínos. Eis que foram elevados à idêntica honra. Os dois, um vindo de longe, e o outro de perto, se tornaram um só, e este obteve posição melhor do que antes da ofensa. “*Tendo derrubado o muro de separação.*” Qual o muro de separação? “*A inimizade*”, declara: “*em sua carne*”.

15. – a Lei dos mandamentos expressa em preceitos –

Alguns asseguram que a Lei é o muro de separação entre os judeus e os gentios. Aludiu à Lei, dizem eles, que não permitia que os dois se misturassem. Não sou deste parecer. O Apóstolo chama de “*muro de separação*” à “*inimizade na carne*”, que a ambos os povos aparta de Deus, conforme declara o profeta: “Antes são as vossas iniquidades que criaram um abismo entre mim e vós” (Is 59,2). E com razão. As inimizades constituíam muro de separação tanto para os judeus quanto para os gentios. E como havia a Lei, não somente não as eliminava, mas até as acrescia: “A Lei produz a ira” (Rm 4,15). Ao dizer: “A Lei produz a ira”, não lhe atribui tudo, mas subentende: porque nós transgredimos; assim aqui também a denomina muro de separação, porque não sendo obedecida, criava inimizades. A Lei era uma sebe; visava dar-lhes segurança, e tinha o nome de sebe porque cercava. Ouve, ainda o profeta dizer: “Cercou-a de uma sebe” (Is 5,2); e ainda: “Por que lhe derrubaste as cercas, para que os viandantes a vindimem?” (Is 80,13). Serve também de proteção. E ainda: “Arrancarei a sua cerca para que seja pisada” (Is 5,5); mais uma vez: “Deu a Lei como auxílio” (cf. Is 8,20). De novo: “O Senhor realiza atos misericordiosos e justos; revelou as suas façanhas aos filhos de Israel” (Sl 103,6-7). Foi levantado um muro de separação, que não lhes dava segurança, mas os separava de Deus. Tal é a separação feita pela sebe. O Apóstolo declara o que ela é, acrescentando: “*Inimizade em sua carne*”. Suprime “*a Lei dos mandamentos*. De que modo? Sela-a e suprime as inimizades. Não somente aboliu a Lei, mas a observou. Como? Se fomos libertados da anterior transgressão, de novo devíamos observá-la? Seria voltar ao mesmo. Mas ele também a aboliu. Assegura o Apóstolo: Suprimiu “*a Lei dos mandamentos expressa em preceitos*”. Ah! Quanta benignidade! Deu-nos a Lei para ser observada, mas visto que não a observamos, em vez de nos punir, aboliu a Lei. Seria o caso de alguém que entregasse a um pedagogo um menino, mas visto que este não obedecia, libertou-o do pedagogo, mandando-o embora. Imensa benignidade! O que significa: Suprime os “*preceitos*”? Estabelece grande diferença entre os mandamentos (*entolē*) e os preceitos (*dogmata*). Ou alude à fé denominando-a “dogma” (Deus nos salvou apenas pela fé), ou aos

“preceitos”, segundo a palavra de Cristo: “Eu, porém vos digo: Não vos encolerizeis” (cf. Mt 5). Isto é, se acreditares que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. E ainda: “Ao teu alcance está a palavra, em tua boca e em teu coração” (Rm 10,8).

Não digas: “Quem subirá ao céu? Quem descerá ao abismo? Para fazer Cristo levantar-se dentre os mortos?” (Rm 10,6.7) Introduziu a fé em vez da vida. Pois para não salvar grátis, ele sofreu o suplício e exigiu deles a fé apenas, através dos preceitos (*dogma*).

a fim de criar em si mesmo um só homem novo,

Vês que o gentio não se fez judeu, mas ambos chegaram a outro estado? Não aboliu a Lei a fim de criar outro homem, mas criou os dois. E com razão sempre empregou o termo: “*Criou*”. Não disse: Mudou, para mostrar o vigor do evento, e que a criação natural, apesar de visível, não é menor que aquela e que não devemos fugir das realidades naturais. “*A fim de criar em si mesmo*” os dois, a fim de criar por si mesmo. Não confiou a tarefa a um outro, mas por si mesmo uniu-os, criou uma maravilha, tornando-se ele próprio o tipo, que ultrapassava a primeira criação. É o sentido da expressão: “*Em si mesmo*”, porque ele foi o protótipo e exemplar. Efetivamente, mantendo o judeu de um lado e do outro o gentio, colocou-se no meio, unificou-os, e fazendo desaparecer todo elemento estranho, refundiu-os de forma mais elevada pelo fogo e pela água. Não pela água e a terra, mas pela água e o fogo. Fez-se judeu circunciso, fez-se maldito, fez-se gentio fora da Lei e também foi elevado acima dos gentios e dos judeus. “*Um só homem novo*”, estabelecendo a paz para eles: com Deus e entre si. No caso de permanecerem judeus e gentios não se teriam reconciliado; a não ser que se libertassem de seu estado, de que modo alcançariam outro mais elevado? O judeu une-se ao gentio quando se tornou fiel. Se dois inquilinos morassem em apartamentos embaixo, e houvesse outro em cima melhor e maior, só poderiam ver-se se subissem. “*Estabelecendo a paz*”, principalmente com Deus, conforme o demonstra a sequência. De fato, o que diz?

16. *e de reconciliar a ambos com Deus em um só Corpo, por meio da cruz,*

Não disse: Conciliar, e sim: “*Reconciliar*”, manifestando que anteriormente a natureza humana era fácil de conciliar, isto é, nos santos e antes da Lei. “*Em um só Corpo*”, no seu, “*com Deus*”. Como isso se deu? Ele próprio se sujeitou à pena que era devida, por meio da cruz, na qual ele matou a inimizade.

Nada mais acertado do que estas palavras, nada mais enfático. A sua morte matou a inimizade, feriu e arruinou, não dando suas ordens, nem só por sua atuação, mas por seus sofrimentos. Não disse: Dissolvendo, não disse: Retirando, e sim com maior vigor: “*Matando*”, de sorte que não ressuscitem. Como ressuscitam? Por meio dos muitos vícios que temos. Enquanto permanecermos no Corpo de Cristo, enquanto estivermos unidos, não ressurgem; jazem mortos. Ou antes, jamais ressurgem. Se gerarmos outros, não são devidos àquele que aboliu e arruinou os outros. És tu que a outros dás à luz. Com efeito, a prudência, “o desejo da carne é inimigo de Deus” (Rm 8,6). Se não temos desejos carnis, não nascerão outros, mas a paz será duradoura.

Pensa neste grande mal: Deus tanto fez e nos ofereceu múltiplos bens a fim de nos reconciliarmos, mas nós retornamos à inimizade. Não existe em tal caso outro batismo, e sim a geena; não a remissão, mas a inspeção. Os pensamentos carnis buscam delícias, a volúpia; a prudência da carne consta da avareza e de toda espécie de pecado. Por que se chama prudência carnal? Porque sem ela a alma nada realizaria. O Apóstolo não está injuriando a carne; pois também ao dizer: “O homem psíquico” (1Cr 2,14) não ultraja a alma. Por si só, sem o socorro do alto, o corpo não basta nem a alma sozinha para produzir algo de preclaro e grandioso. Por isso dá a denominação de psíquico ao que a alma opera por si; e de carnal ao que o corpo realiza por si só. Não que o sejam por natureza, mas porque, sem o

auxílio do alto, se arruinam. De fato, os olhos são belos, mas sem a luz, cometem inumeráveis falhas, devido à inerente fraqueza e não à natureza. Se, porém, as falhas fossem naturais, jamais os empregariamos bem, pois nada segundo a natureza é ruim. O que pertence, portanto, à prudência carnal? Os pecados. Pois resultam males incontáveis do caso de orgulhosamente obter a carne o domínio sobre o cocheiro. A submissão à alma para a carne é virtude, e tomar o comando é vício. O cavalo pode ser belo, de pernas vigorosas, mas isso não se manifesta sem a ação do cocheiro; assim também a carne será bela se controlarmos seus impulsos. Mas sem a perícia o cocheiro não se destaca, e sem ela comete os mais graves erros. Por isso, a atenção é sempre necessária. O espírito atento fortifica o cocheiro; embeleza a alma e o corpo. Por isso, a alma informa o corpo, fá-lo belo; se o privar, porém, de sua atuação e se apartar, assemelhar-se-á ao pintor que mistura as cores, produzindo obra muito disforme. Cada parte se corromperia e se perderia. Assim também se o espírito abandonar o corpo e a alma, a deformidade aumenta, fica pior. Não ultrajes o corpo, que é sujeito à alma. Com efeito, também não tolero que se insulte a alma, visto que esta nada realiza sem o espírito. Se for preciso emitir sentença, a alma merece maior censura (que o corpo). O corpo não pode cometer o mal, isolado da alma; mas a alma várias ações pratica sem utilizar o corpo. De fato, enquanto ele se consome e não impulsiona, a alma faz muito; aqueles prestidigitadores, magos, invejosos, envenenadores mais o consomem. Aliás, as delícias não são necessárias ao corpo, mas provêm da negligência da alma. De fato, o corpo precisa de alimento e não de delícias. Posso refrear o cavalo com um freio firme; mas o corpo não pode coibir os pecados da alma. Por que, então, falar em prudência da carne? Porque é toda carnal. Se a carne obtiver o domínio, a alma peca, privada como está de reflexão e império. O valor do corpo consiste em ceder à alma; pois em si mesmo não é bom, nem mau. O que faria o corpo por si mesmo? O corpo é bom através da união, da sujeição; por si não é bom, nem mau, mas apto e propenso tanto ao bem quanto ao mal. O corpo não ambiciona o estupro nem o adultério, mas a cópula; o corpo não busca os prazeres, mas a nutrição; não a embriaguez, mas a bebida. Com efeito, observa que no corpo não há cupidez de embriagar-se. Não mais a terás uma vez excedida a medida, e atingires os limites. O excesso vem da alma, isto é, quando se lança ao que é carnal e torna-se grosseira. De fato, embora o corpo seja bom, é muito menos do que a alma. O chumbo é inferior ao ouro, o qual precisa do chumbo para formar uma liga; assim também a alma precisa do corpo. A criança nobre tem necessidade do pedagogo; assim a alma precisa do corpo. E não te admires por tais exemplos. Aludimos a coisas pueris, não censurando a idade, mas certos defeitos. O mesmo se diga do corpo. É, contudo, possível não ser da carne, se o quisermos, nem da terra, mas ser dos céus e do espírito. Estar em determinado lugar não depende tanto da situação e da posição quanto da afeição. Dizemos de muitas pessoas, apesar de estarem em certo lugar, que não estão presentes: Não estavas aqui. E por que digo isto? Muitas vezes dizemos: Não estás em ti mesmo. Não estou em mim mesmo. Ora, o que é mais corporal do que estar em si? Todavia dizemos: Não está em si. Estejamos, pois, em nós no céu, no espírito. Permaneçamos na paz e na graça de Deus, a fim de que, libertos das coisas carnis, possamos adquirir os bens prometidos, em Cristo Jesus nosso Senhor, o qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder e honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

SEXTA HOMILIA

- 17. Assim, ele veio e anunciou paz a vós que estáveis longe e paz aos que estavam perto,*
- 18. pois, por meio dele, ambos, num só Espírito, temos acesso junto ao Pai.*
- 19. Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da*

família de Deus.

20. *Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo a pedra angular.*

21. *Nele bem articulado, todo o edifício se ergue em santuário sagrado, no Senhor,*

22. *e vós, também, nele sois coedificados para serdes uma habitação de Deus, no Espírito.*

O Senhor não enviou um intermediário, nem o indicou por outrem, mas por si próprio. Não enviou um anjo ou arcanjo, porque não competia a outrem corrigir males tão graves, mas devia realizá-lo por sua própria presença e anunciar o que acontecera. O Senhor tomou o lugar de um encarregado e quase de servo, veio e *“anunciou paz a vós que estáveis longe e paz aos que estavam perto”*. Aos judeus, diz ele, que, comparados conosco, estavam perto. Sugere estarem longe os provenientes dos gentios, enquanto estranhos às alianças. *“Pois, por meio dele, ambos, num só Espírito, temos acesso junto ao Pai.”* Paz com Deus; portanto, reconciliou-nos. Aliás, também diz: *“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou”*; e ainda: *“Mas tende coragem: eu venci o mundo!”*, e: *“Se me pedirdes algo em meu nome, eu o farei”*; e ainda: *“O próprio Pai vos ama”* (Jo 14,27; 16,33; 14,14; 16,27). São sinais da paz para uns e outros. De que modo para eles? *“Pois, por meio dele, nós, ambos, num só Espírito, temos acesso junto ao Pai.”* Não tendes vós menos, e eles mais, mas a graça é uma só. Pois ele apartou a ira com sua morte, e fez-nos agradáveis ao Pai pelo Espírito. Eis novamente: *“Em”* substitui *“Por”*. Por si e pelo Espírito nos deu acesso a ele. *“Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos.”* Vês que não estamos inscritos simplesmente na cidade dos judeus e sim na dos santos e grandes varões, a saber, Abraão, Moisés e Elias, e nela aparecemos? Pois os que afirmam estas coisas, manifestam que procuram uma pátria. *“Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios”* em relação aos santos. Com efeito, os que não alcançarão os bens celestes, são adventícios. De fato, o Filho permanece eternamente. *“E membros da família de Deus.”* O que eles obtinham no início através de tantos trabalhos, vós o recebestes diretamente pela graça de Deus. *“Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas.”* Eis *“a esperança que o chamado encerra”*. Vê que mescla: gentios, judeus, apóstolos, profetas, Cristo. Uma vez, na verdade, mostra a conjunção num corpo, em outras num edifício. *“Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas.”* Isto é, os apóstolos e os profetas são os alicerces. E em primeiro lugar coloca os apóstolos, os últimos relativamente ao tempo. Ou demonstra e afirma que estes e aqueles são os fundamentos, e o todo é um só edifício e uma só raiz. Pensa em gentios que teriam os patriarcas por fundamento. É mais apropriado do que dizer enxertados; e impressiona mais. Em seguida diz: *“Do qual é Cristo Jesus a pedra angular”*, isto é, Cristo abrange todas as coisas. A pedra angular sustém as paredes e os fundamentos. *“Nele bem articulado, todo o edifício”*. Vê como ele uniu. Declara que às vezes contém e abrange do alto todo o corpo, às vezes, porém, por baixo sustenta o edifício, e serve de raiz. A locução: *“A fim de criar em si mesmo um só homem novo”* significa que por si reuniu os dois muros, e ainda, que nele foram criados. E: *“O Primogênito de toda criatura”* (Cl 1,15), isto é, ele sustenta tudo, sobre ele está *“bem articulado todo o edifício.”* Quer digas o teto, ou as paredes, ou seja o que for, ele tudo sustenta. Em outra passagem afirma que é o fundamento: *“Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo”* (1Cor 3,11). *“Nele bem articulado, todo o edifício se ergue.”* A questão bem considerada revela que não pode ser colocado outro fundamento para uma vida correta. *“Se ergue em santuário sagrado, no Senhor, e vós, também, nele sois coedificados”*. Aqui fala com mais frequência: *“Em santuário sagrado, para serdes uma habitação de Deus, no Espírito”*. O que quer dizer o termo edifício? Para que Deus habite neste santuário. Cada um de vós é um templo, e Deus habita em todos em comum, enquanto corpo de Cristo, templo espiritual.

Por isso não disse: *prosodon*, Acesso, e sim: *prosagōgē*, Introdução. Não acedemos por nós mesmos, mas somos introduzidos por ele. “Ninguém vem ao Pai a não ser por mim”. E ainda: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). “*Em santuário sagrado, no Senhor, sois coedificados*”.

Mais uma vez retorna ao primeiro exemplo, e com os santos os congrega, sem permitir de forma alguma um afastamento de Cristo. De fato, esta edificação estende-se até a sua vinda. Por isso dizia Paulo: “Como bom arquiteto, lancei o fundamento”. E daí: “Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Cristo” (1Cor 3,10-11). Vês que os exemplos devem ser entendidos de acordo com o assunto proposto e não de modo absoluto? Enuncia para exemplificar, segundo as asserções de Cristo de que o Pai é agricultor, e ele próprio uma raiz.

Paulo ministro do mistério de Cristo

3,1. *Por esta razão, eu, Paulo, prisioneiro de Cristo por amor de vós, os gentios...*

Referiu-se à grande solicitude de Cristo. Além disso, faz uma digressão para a sua, pequena, quase nada, em comparação com a de Cristo, sendo embora atraente. Por isso, diz, eu também estou preso. Meu Senhor por vossa causa foi crucificado; eu ainda mais, estou prisioneiro. Não somente ele esteve preso, mas permite que seus servos sejam aprisionados em favor de vós, os gentios. Grande ênfase: Não somente não vos abominamos, mas também por vossa causa fomos presos e eu alcancei tamanha graça.

2. *Certamente sabeis da dispensação da graça de Deus que me foi dada a vosso respeito.*

Alude à predição que em Damasco Ananias fez a respeito dele próprio, nesses termos: “Vai, porque este homem é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios e dos reis” (At 9,15). Denomina “*dispensação da graça*” à revelação. Isto é, não a recebi de um homem. Ele se dignou revelar-me a mim, quando estava sozinho, por causa de vós. “Ele me disse então: ‘Vai ao longe, aos gentios é que eu quero te enviar’” (At 22,21). Com razão aqui fala em “*dispensação*”, e era grande, porque chamou aquele que não cria de modo algum, dizendo: “Saul, Saul, por que me persegues?” (At 9,4). Ele ficou cego por causa daquela luz misteriosa. “*Certamente sabeis da dispensação da graça de Deus que me foi dada a vosso respeito*”.

3. *Por uma revelação me foi dado a conhecer o mistério, como atrás vos expus sumariamente:*

Talvez tenha insinuado por meio de outros; ou anteriormente não escrevera muito. Aqui declara que tudo vem de Deus e nada de nós. O que dizes, por favor? Aquele Paulo, grande, admirável, conhecedor da Lei, instruído cuidadosamente aos pés de Gamaliel, foi salvo pela graça? Dá-lhe, com razão, o nome de mistério. É um mistério os gentios terem sido elevados a maior nobreza do que os judeus. “*Como atrás vos expus sumariamente*”, isto é, em poucas palavras.

4. *lendo-me, podeis compreender*

Ah! Não escrevia tudo, nem quanto importava escrever. Mas aqui o fez devido à natureza do assunto; em outras partes por causa de erros, segundo agiu relativamente aos hebreus e aos coríntios. “*Lendo-me, podeis compreender*” a percepção que tenho do mistério de Cristo.

Isto é, como concebi, como entendi quanto Deus disse, ou que ele está sentado à direita de Deus. Em seguida, também a dignidade, porque Deus não agiu assim em relação a todos os povos. E declarando em favor de que povo Deus procedeu desta forma, acrescentou:

5. *Às gerações e aos homens do passado ele não foi dado a conhecer, como foi agora revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito:*

O que, portanto, dize-me, não conheciam os profetas? E por que diz Cristo que Moisés e os profetas

escreveram a seu respeito? E: “Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim”? E mais uma vez: “Vós examinais as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna; ora, são elas que dão testemunho de mim?” (Jo 5,46.39). Desta maneira se exprime porque não foi revelado a todos, e por isso acrescenta: “*Às gerações e aos homens do passado ele não foi dado a conhecer, como foi agora revelado*”, ou não foi conhecido em fatos e obras, “*como foi agora revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito*”. Pondera, portanto: Se Pedro não tivesse ouvido a ordem da parte do Espírito, não teria se aproximado dos gentios. Escuta sua explicação: “Deus, portanto, lhes concedeu o mesmo Espírito Santo que a nós” (At 11,17), a saber, “*No Espírito*”, porque pelo Espírito Deus lhes concedeu a graça. Ora, os profetas, na verdade, falavam, mas não conheciam exatamente, nem os apóstolos depois de ouvirem (as mensagens); estes fatos superavam de longe a razão humana e a esperança comum.

6. os gentios são coerdeiros, membros do mesmo Corpo e coparticipantes da promessa

O que significa: “*Coerdeiros, coparticipantes da promessa e membros do mesmo Corpo*”? É grandioso ser um só Corpo, ter intensa afinidade. De fato, sabiam que eram chamados, mas de forma alguma qual a finalidade. A isto o Apóstolo denomina mistério da promessa. Os israelitas eram participantes, e os gentios coparticipantes da promessa de Deus.

em Cristo, por meio do evangelho.

Isto é, eram enviados aos gentios, e eles acreditaram; não, porém, de qualquer modo, mas: “*Por meio do evangelho*”. Mas não é coisa grandiosa; é pequena. E revela-nos algo de maior, que não somente os homens, mas nem os anjos nem os arcanjos, nem qualquer outra potestade criada conhecera. Constituía um mistério, a ninguém revelado. O Apóstolo dissera: “*Podeis compreender a percepção que eu tenho*”. Talvez tenha aludido à sua afirmação nos Atos de haver entendido de certo modo que devia chamar os gentios. Dá o nome de “*percepção do mistério*” ao que disse, “*a fim de criar em si mesmo um só homem novo*”. Foi instruído por revelação que não devia abominar os gentios e também o próprio Pedro o assegura em defesa própria.

7. Desse evangelho eu me tornei ministro pelo dom da graça de Deus que me foi concedida pela operação do seu poder.

Afirmou que era prisioneiro, mas diz novamente que tudo provém dele: “*Pelo dom da sua graça*”, através da virtude e do poder do dom veio a dignidade, a honra. Mas o dom não bastaria se não se lhe acrescentasse o poder.

Na verdade, foi de grande virtude e poder, pois não bastava a diligência humana. Três qualidades trouxe à pregação: fervorosa e audaz prontidão de ânimo, preparada a suportar qualquer dificuldade e inteligência unida à sabedoria. Não era suficiente a vida irrepreensível para enfrentar de bom grado os perigos, sem a virtude do Espírito. E principalmente debes verificá-lo no Apóstolo, ou antes vê o que escreve: “A fim de que o nosso ministério não seja sujeito à censura” (1Cor 6,3); e ainda: “Pois a nossa exortação nada tem de intenções enganosas, de motivos espúrios, de adulações, nem de secreta ganância” (1Ts 2,3.5). Viste que é irrepreensível? E ainda: “Seja vossa preocupação fazer o bem, não somente diante de Deus, mas também diante dos homens (cf. Rm 12,17). Em seguida: “Diariamente estou exposto à morte, tão certo quanto sois a minha glória em Jesus Cristo” (1Cor 15,31); e ainda: “Quem nos separará do amor do Cristo? Tribulação, angústia, perseguição?” (Rm 8,35); mais: “Por grande perseverança nas tribulações, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, nos açoites, nas prisões” (2Cor 6,4-5). Em seguida, sua dispensação: “Para os judeus, fiz-me como judeu. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei. Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-

me como se estivesse sujeito à Lei” (1Cor 9,20-21). Raspou a cabeça e operou feitos incontáveis. E o principal: Na virtude do Espírito Santo. “Eu não ousaria falar de coisas que Cristo não tivesse realizado por meio de mim” (Rm 15,18). “Que tivestes a menos do que as outras Igrejas?” E ainda: “Em nada fui inferior a esses eminentes apóstolos, se bem que eu nada seja” (2Cor 12,13.11). Sem estas prerrogativas nada era possível. Não se tornaram fiéis por causa dos milagres; os milagres não operaram isso. Não queria um alto conceito de si por causa deles, e sim por outros motivos. Importa, de fato, não ser merecedor de repreensão, saber administrar, estar pronto a enfrentar os perigos e ser capaz de ensinar. Realizou principalmente tudo isto; sendo assim, não tinha necessidade de milagres. Certamente veremos que além dos milagres havia praticado inúmeros desses atos bons. Nós atualmente, contudo, sem possuímos coisa alguma desta espécie, queremos obter o domínio de tudo. Pois se separarmos uma coisa da outra, o resultado é nulo. De que serve ser propenso a enfrentar perigos, se a vida for repreensível? “Se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas!” (Mt 6,23) Qual a utilidade de uma vida impoluta para quem é inerme e sonolento? “Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim” (Mt 10,38). E que dê a vida por suas ovelhas (cf. Jo 10,11). Qual o proveito de fazer uma e outra coisa, e não ser apto para o governo, de sorte que não saiba como responder a cada um? Considerando que não operamos milagres, façamos as duas coisas.

No entanto, se Paulo contribuía com tudo isso, atribuía-o à graça, conforme é peculiar ao discípulo grato. Jamais conheceríamos seus feitos, se não fosse necessário tratar do assunto. Ao menos seríamos dignos de mencionar a lembrança de Paulo? A ele, no entanto, não bastou o auxílio da graça, mas teve de enfrentar incontáveis perigos. Nós, porém, carentes daquela ousadia, dize-me, por favor, de que modo contamos preservar o depósito que nos foi confiado, ou receber o que ainda não recebemos?

Nós, envolvidos em prazeres, e que buscamos sempre o ócio, e nem em sonhos podemos, ou antes, não queremos suportar os perigos, estamos tão longe da sabedoria do Apóstolo quanto o céu da terra. Por isso, nossos subordinados diferem muito dos homens de então. Com efeito, os discípulos de outrora eram muito melhores do que os mestres de hoje, de sorte que, interceptados no meio dos povos e dos tiranos, e em toda parte tendo inimigos, nem um pouco deixavam-se atrair e se curvar.

Escuta o que Paulo diz aos filipenses: “Pois vos foi concedida, em relação a Cristo, a graça não só de crerdes nele, mas também de por ele sofrerdes” (Fl 1,29). E ainda aos tessalonicenses: “Vós sois imitadores das Igrejas de Deus que estão na Judeia” (1Ts 2,14). E escrevia aos hebreus: “Aceitastes com alegria a espoliação de vossos bens” (Hb 10,34). Aos colossenses presta testemunho, nesses termos: “Pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3). E acerca deles atesta que também enfrentaram muitos perigos. Ainda escrevendo aos gálatas: “Foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se de fato foi em vão!” (Gl 3,4). Vês que todos se dedicavam a praticar o bem. Por isso então a graça também era atuante, visto que passavam a vida em boas obras. Escuta o que escrevia aos coríntios, que ele acusava de muitos crimes. Acaso não atesta acerca deles a solicitude, o ardente desejo (2Cor 7,11)? E atualmente nem pelos mestres se vê praticado o que ele atesta a respeito. De tal forma todas as coisas se arruinaram e se perderam. A causa disso consiste em que esfriou a caridade, os pecadores não são punidos (escuta o que ele escreve a Timóteo: “Repreende os que pecam, diante de todos” – 1Tm 5,20), e adoeceram os príncipes. Se a cabeça não é sadia, como continuará com saúde o restante do corpo? Vê, portanto, como é grande a anomalia. Com efeito, os que levam vida virtuosa, e de certo modo gozam de confiança ocuparam o cume dos montes e se afastaram de seu ambiente, inimigo e estranho, mas não se separaram do próprio corpo. Os malvados, contudo, cobertos de inúmeros pecados, invadiram as Igrejas. Os cargos se tornaram venais. Daí se originam muitos males; ninguém corrige, ninguém censura e a desordem encontrou caminho e sequela. Alguém comete uma falta, e é acusado? Não se esforça por provar sua inocência, mas por

encontrar companheiros nos crimes. O que farei? Ameaçar com a geena? Acreditai-me. Se Deus não nos reservasse o suplício no além, veríeis cada dia maiores tragédias do que as calamidades do povo judeu. Como assim? Mas ninguém fique zangado, porque não citarei nomes. Se um recém-vindo à igreja examinasse os que agora se acham convosco e os que estão conosco; ou melhor, não agora, mas se alguém pelas festas de Páscoa, cuidadosamente examinasse os que vêm e são batizados, depois de se terem aproximado dos mistérios, e espiritualmente pudesse conhecer com exatidão o que fizeram, encontraria pecados muito mais graves do que os dos judeus. Acharia os que empregam agouros, venenos mágicos, sortilégios e encantamentos, os luxuriosos, adúlteros, ébrios e injuriadores. Não quero incluir os avaros, para não atacar, acaso, a algum dos presentes. Como seria, se fossem examinados os que vêm da terra inteira? Que delitos não se encontrariam? E se fossem os príncipes? Acaso não são ávidos, não compram os ofícios, não são invejosos, lívidos, vaidosos, histriões e escravos do dinheiro? Que grave castigo não se deve esperar, portanto, de tamanha impiedade? E para saberes de quantos suplícios são merecedores os culpados destes pecados, pensai nos acontecimentos do Antigo Testamento. Um só, um soldado, roubou os tesouros sagrados, e todos pereceram. Conheceis a história? Refiro-me àquele Carmi, que roubara as coisas votadas a anátema (cf. Js 7ss). Por isso então dizia o profeta: “Porque a região deles está cheia de adivinhos, como a dos filisteus” (Is 2,6). Agora, porém, todos os lugares se acham repletos de pecados, e ninguém se atemoriza. Enfim, tenhamos temor. Deus sabe punir os justos conjuntamente com os ímpios, como aconteceu a Daniel, aos três jovens, e a outros inúmeros, e atualmente nas guerras. Pois os justos, por mais que tenham o peso dos pecados, por tal meio o depõe; os ímpios, contudo, não. Por isso, atenção! Não vedes as guerras? Não ouvis falar de calamidades? Não aprendeis com tais lições? Povos e cidades inteiras submergiram e pereceram; não são milhares os escravos dos bárbaros? Se o medo da geena não nos torna prudentes, ao menos façam-no os fatos. São ameaças? Não são realidade? Eles pagaram penas graves, mas nós sofreremos piores, porque não aprendemos através das mesmas infelicidades. É pesado o que digo. Eu o sei. No entanto, trarão lucro se dermos atenção. Os ditos não são lisonjeiros, de modo algum, mas podem deter a alma e torná-la prudente. São causa de bens futuros. Seja-nos dado a todos nós consegui-los, pela graça e amor aos homens...

SÉTIMA HOMILIA

3,8. *A mim, o menor de todos os santos, foi dada esta graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo, e de pôr em plena luz a dispensação do mistério oculto desde os séculos em Deus, criador de todas as coisas, por Jesus Cristo,*

10. *para dar agora a conhecer aos Principados e às Potestades nas regiões celestes, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus,*

11. *segundo o desígnio preestabelecido desde a eternidade e realizado em Cristo Jesus nosso Senhor,*
As pessoas que vão ao consultório de um médico, não o procuram sem motivo; querem saber se tratar e usar os remédios. Também nós não devemos vir até aqui em vão, e sim para conhecermos a extraordinária humildade de Paulo. Qual é? Prestes a expor a grandeza da graça de Deus, escuta o que diz: “A mim, o menor de todos os santos, foi dada esta graça”. Era, de fato, indício de humildade, chorar por causa da recordação de seus delitos anteriores, apesar de apagados, e portar-se de forma comedida, conforme, por exemplo, ao se confessar blasfemo, perseguidor e injurioso; mas nada se compara com o que afirma neste trecho. Declara qual era no passado, e denomina-se abortivo (1Cor 15,8). Após feitos tão preclaros, é próprio de grande e extraordinária moderação portar-se no presente com modéstia e assegurar ser o menor de todos. “A mim, o menor de todos os santos.” Não disse: O

menor dos apóstolos, embora também dentre eles é o menor, pois disse: “Nem sou digno de ser chamado apóstolo” (1Cor 15,9); aqui, porém, assegura ser o menor de todos os santos: “*A mim, o menor de todos os santos, foi dada esta graça*”. Qual? “*De anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo, e de pôr em plena luz a dispensação do mistério oculto desde os séculos em Deus, criador de todas as coisas, por Jesus Cristo, para dar agora a conhecer aos Principados e às Potestades nas regiões celestes, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus*”. Está bem! Aos homens não foi revelado; e ilumina anjos, arcanjos, Principados e Potestades? Certamente, responde. Estava oculto em Deus, Deus criador de todas as coisas por Jesus. E ousas dizê-lo? Sim, responde. Mas, por intermédio de quem foi dado a conhecer aos anjos? Por meio da Igreja. E não afirmou simplesmente: Variegada sabedoria de Deus, e sim: “*Multiforme*”. O que significa isso? Os anjos não a conheciam? De modo nenhum; pois se os Principados não sabiam, muito menos os anjos. Como, então? Os arcanjos não conheciam? Nem eles. De que modo conheceriam? Quem o teria revelado? Se a nós foi revelado, então também a eles por nosso intermédio. Escuta, pois, o que o anjo diz a José: “Tu lhe porás o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mt 1,21). Paulo foi enviado aos gentios, os outros, porém, aos circuncisos. Por isso – o que é mais admirável e estupendo –, foi-me dado a mim, diz ele, o menor deles. Era, contudo, efeito próprio da graça que ao menor fossem confiados os maiores, para ser o evangelista deles. É grandioso ter se tornado o evangelista dos maiores. “*De anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo.*” Se as suas riquezas são insondáveis, mesmo após sua manifestação, muito mais a sua essência. Se ainda é mistério, muito mais antes de ser conhecido. Denomina-o mistério porque nem os anjos o conheceram, e a nenhum outro foi manifestado. “*E de pôr em plena luz a dispensação do mistério oculto desde os séculos em Deus, criador de todas as coisas, por Jesus Cristo*”. Os anjos sabiam apenas que: “a parte do Senhor foi o seu povo” (Dt 32,9); e ainda: “O Príncipe do reino da Pérsia resistiu-me” (Dn 10,13). Por isso, não é de admirar que eles ignorassem também isso. Se ignoravam o tempo da volta (do cativo), muito mais estas coisas; trata-se da boa-nova. “Ele salvará o seu povo”, Israel (Mt 1,21). Nada a respeito dos gentios; mas acerca dos gentios é o Espírito que revela. Ora, os anjos sabiam que os gentios seriam chamados; mas quem esperaria, quem acreditaria que seria de igual forma, que eles se sentariam junto do trono de Deus? “*Oculto em Deus.*” Revela este desígnio mais claramente na Epístola aos Romanos. “*Em Deus, criador de todas as coisas, por Jesus Cristo.*” Com razão relembra a criação, dizendo: “*Por Jesus Cristo*”. Quem tudo criou por ele, por intermédio dele também revela. Com efeito, nada criou sem ele. “Sem ele nada foi feito”. Aludindo a Principados e Potestades, referia-se a seres superiores e inferiores.

11. segundo o desígnio preestabelecido desde a eternidade

Agora se realizou, mas não foi estabelecido agora; há muito foi preestabelecido. “*Segundo o desígnio preestabelecido desde a eternidade*” e realizado em Cristo Jesus nosso Senhor,

Isto é, segundo previsão eterna, previsão do futuro. Refere-se aos séculos futuros. Conhecia o futuro e assim o definiu. “*Segundo o desígnio preestabelecido desde a eternidade*”, talvez o que realizou por Cristo Jesus, porque por Cristo tudo foi feito.

12. por quem ousamos chegar-nos a Deus confiadamente, pela fé.

Não fomos levados quais cativos, nem como merecedores de perdão, nem enquanto pecadores. De fato, “*Por quem ousamos chegar-nos a Deus confiadamente*”, isto é, confiamos. Qual o fundamento? “*Pela fé*” nele.

13. Por isso eu vos peço que não vos deixeis abater por causa das minhas tribulações por vós, o que para vós deve ser motivo de glória.

De que forma é por eles? Como é “*motivo de glória*” para eles? Porque de tal modo Deus os amou que também por eles deu o Filho, e fez padecerem os seus servos. Pois, a fim de que conseguissem tais bens, Paulo estava preso. É grande caridade de Deus para com eles, conforme igualmente Deus se exprime sobre os profetas: “Matei-os pelas palavras de minha boca” (6,5). Como, então, eles se deixavam abater pelas aflições de um outro? Isto é, perturbavam-se, afligiam-se. Diz o mesmo, escrevendo aos tessalonicenses: “Para que ninguém desfalecesse nessas tribulações” (1Ts 3,3). Não somente não se entristecessem, mas até se alegrassem. Se a predição vos consola, predizemos o futuro, porque havemos de nos afligir aqui. Por quê? Porque Deus assim ordenou.

14. *Por essa razão eu dobro os joelhos diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo –*

15. *de quem toma o nome toda família no céu e na terra –*

Suas preces por eles mostra seu afeto. Não disse apenas: Rezo, mas manifesta prece contrita, pois dobra os joelhos. “*De quem toda família.*” Não fala de acordo com o número dos anjos, nem conforme as tribos judaicas, mas segundo as tribos estabelecidas nas alturas no céu e embaixo na terra.

16. *para pedir-lhe que ele conceda, segundo a riqueza da sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo seu Espírito no homem interior,*

17. *que Cristo habite pela fé em vossos corações*

Vede com quanta insaciabilidade roga para eles os bens, a fim de não serem enganados. De que modo? “*Pelo seu Espírito no homem interior, que Cristo habite pela fé em vossos corações.*” De que forma?

e que sejais arraigados e fundados no amor.

18. *Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade,*

19. *e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento,*

Também aqui faz a mesma prece que no começo. E o que enunciou no começo? “*Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê um espírito de sabedoria e de revelação, para poderdes realmente conhecê-lo. Que ele ilumine os olhos de vossos corações, para saberdes qual é a esperança que o seu chamado encerra, qual é a riqueza da glória da sua herança entre os santos e qual é a extraordinária grandeza do seu poder para nós, os que cremos*” (Ef 1,17-19). O mesmo diz aqui: “*Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade*”, isto é, conhecer de modo apurado o mistério dispensado em nosso favor. A este fato dá o nome de largura e comprimento, profundidade e altura, isto é, o conhecimento da intensidade do amor de Deus, que se estende por todos os lugares. E para explicar o homem, descreve-o por meio de figuras materiais. Abrange as realidades de cima, de baixo e as transversais. Conforme dissemos não nos cabe ensinar estas coisas, mas compete ao Espírito Santo. “*Sejais fortalecidos em poder*”, contra as tentações, e não sejais arrastados. Efetivamente, não há outro recurso de nos fortificarmos senão através do Espírito e as provações. Escuta Cristo a dizer de que modo ele habita nos corações: Eu e meu Pai “*viremos e nele estabeleceremos morada*” (Jo 14, 23). Estabelece morada não de qualquer maneira, mas apenas nos corações fiéis, arraigados na caridade, sem desvios. “*Assim tereis condições*”. Por conseguinte, são necessárias grandes forças. Onde, porém, são necessárias tais forças, ele o declara, acrescentando: “*Para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento*” para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus.

Quer dizer: Embora a caridade de Cristo supere todo conhecimento humano, vós, no entanto, conheceis, se tiverdes a Cristo, em vós habitando. Conhecereis não somente isso por meio dele, mas também sereis repletos de toda a plenitude de Deus.

Afirma que a plenitude de Deus é o mesmo que conhecer que no Pai, no Filho e no Espírito Santo se adora o único Deus, ou exorta a que nos empenhemos em sermos repletos de toda virtude que existe superabundante em Deus.

20. Ao que, pela virtude que opera em nós, é poderoso para realizar em tudo infinitamente além do que pedimos ou pensamos,

Afirmou com razão: *“Pela virtude”*. *“Pela virtude”*, de fato, recebemos o que jamais esperávamos. Evidencia-se por aquilo que ele próprio escrevia ser bem mais do que pedimos ou entendemos. Pois eu, diz ele, rezo. Deus, porém, mesmo sem minhas preces, fará mais ou com maior abundância do que os nossos pedidos. Não apenas coisas maiores ou mais abundantes, mas: *“Infinitamente além”*. Declara a grandeza do dom. De onde se deduz? Da virtude que opera em nós. Nunca o pedimos, nem esperávamos.

21. a ele seja glória na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações dos séculos dos séculos. Amém.

Conclui de forma bela com uma prece e uma doxologia. Importava, de fato, glorificar a Deus e bendizê-lo por nos ter concedido tanto. É também expressão de admiração, glorificação por causa do que recebemos da parte de Deus, por Jesus Cristo. *“A ele seja glória na Igreja”*, declara com razão. Somente ela permanece perpetuamente. Uma vez que ela sempre permanece, o Apóstolo quer que glorifiquemos a Deus até a consumação. Quis assegurá-lo com a expressão: *“Por todas as gerações dos séculos”*. Faz-se mister explicar o que significa: *ai patriai* (paternidades). Pois aqui o termo: “paternidades” designa as *“gerações”*. Mas isso é possível no céu onde ninguém gera, nem é gerado? Ou ali sob este nome se acham os agrupamentos, conforme se encontra na Escritura: *pátria amattarei*, denominação também dos pais. Não atribui, porém, tudo a Deus, mas também à fé e à caridade deles. Não à simples caridade, mas a arraigada e bem fundada, de sorte que não oscile com o vento, nem qualquer outra coisa a lance por terra. Assegurou que as aflições constituíam glória; se, porém, as minhas, muito mais as vossas.

Por isso, se sofremos tribulações, não é indício de termos sido abandonados; não o faria quem operou tais benefícios. Se, contudo, para conhecer a caridade de Deus, Paulo precisa da oração e do apoio do Espírito, quem conhecerá, solucionando por meio de raciocínios, a essência de Cristo? Ora, será tão difícil tomar conhecimento de que Deus nos ama? Muito difícil, caríssimo. Uns o desconhecem porque opinam que dele se originam inumeráveis males no mundo e outros o ignoram devido à quantidade deles. Paulo, contudo, não busca saber quais, nem contá-los. Seria possível? Mas assegura que apreender este amor é supremo e grande conhecimento. E que ele pode manifestá-lo, a saber, através do conhecimento que Deus se dignou dar-nos. Ora, o que é mais importante do que ser fortalecido? *“Ser fortalecido em poder”*, bem como ter Cristo no íntimo é melhor do que simplesmente possuí-lo. São grandes os objetos dos pedidos, diz o Apóstolo, mas Deus sabe fazer *“infinitamente além”*, de sorte que não somente amemos, mas amemos em alto grau. Empenhemo-nos, portanto, caríssimos, por aprender o que é o amor de Deus. É grandioso; nada tão proveitoso, nada de tal modo nos comunica compunção. É meio mais apto para captar nossas almas do que o medo da geena. De que modo haveremos de conhecê-lo? Por meio do que foi proferido, e do que acontece diariamente. Qual o motivo destes acontecimentos? Por que foram necessários? Por nada. Quer no céu, quer na terra, a causa é sempre a caridade; principalmente a caridade que beneficia os homens,

sem que eles a ninguém tenham primeiro beneficiado. Imitemo-lo, portanto, nós também, beneficiemos os inimigos, aqueles que nos odeiam, abordemos os nossos adversários. Desta forma assemelhamo-nos a Deus. Pois se amas um amigo, o que lucras com isso? Os pagãos também o fazem (cf. Mt 5,46). Mas qual é o indício da caridade? Amar a quem nos odeia. Quero dar um exemplo. Desculpai-me. Não o encontro entre as realidades espirituais, e por isso oferecerei um exemplo da vida mundana. Não vistes o procedimento dos amantes? Quantas são as injúrias, insídias, danos? São apegados, ardentes, e amam as meretrizes mais do que suas vidas, pernoitando em seus vestíbulos? Daí retiremos um exemplo. Não para amar as meretrizes, mas para amarmos assim os inimigos. Dize-me. Não são mais injuriosas do que todos os inimigos? Não dissipam seus bens? Não os ultrajam e dominam mais servilmente do que os servos? No entanto, não se afastam. Ora, não temos inimigo igual à amada relativamente ao amante. Zomba dele e ri-se dissimulando, frequentemente abusa, e quanto mais é amada, tanto mais despreza. Ora, o que é mais cruel do que a alma assim atingida? Eles, no entanto, amam. Mas talvez também entre os espirituais encontremos tal caridade; não, na verdade, entre os hodiernos, pois a caridade esfriou, mas entre aqueles homens grandes e admiráveis de outrora.

O bem-aventurado Moisés superou os apaixonados. Como? Primeiro, tendo abandonado o palácio real, suas delícias, obséquios e glória, preferiu a companhia dos israelitas. Aliás, não só nenhum outro procedeu assim, mas também teria se envergonhado, se fosse arguido por se ter mostrado aparentado não só aos escravos, mas aos que eram tidos por malvados. Ele não somente não se corou do parentesco, mas vingou-os com todo ânimo, e lançou-se em perigos por causa deles. De que maneira? Vendo um egípcio a injuriar, vingou o ofendido, e matou o injuriador. Assim fez relativamente aos inimigos. Foi importante, mas não tanto quanto a ação posterior. No dia seguinte viu o ofendido fazer o mesmo, e vendo-o injuriar, ele que o vingara, o admoestou a cessar; o ofensor, porém, de ânimo ingrato, respondeu: “Quem te constituiu nosso chefe e nosso juiz?” (Ex 2,14). Quem não se exasperaria perante tais palavras? Se, portanto, da primeira vez o fizesse com indignação e raiva, também Moisés o teria atacado e matado. Não agiu assim contra aquele, por cuja causa atuara. Mas uma vez que eram compatriotas, assim se expressou: “Quando injuriado, não proferiste: ‘Quem te constituiu nosso chefe e nosso juiz?’ Por que não disseste isso ontem? A tua injustiça e crueldade, disse ele, me constituíram chefe e juiz”. – Mas observa que agora alguns dizem estas coisas também a Deus, de tal modo que contra os injuriosos querem que seja severo, e acusam-no por usar de paciência. Quando, contudo, são injustos, não. – O que há de mais amargo do que estas palavras? Todavia, ao ser Moisés depois disto enviado a homens ingratos e esquecidos do benefício, foi e não recusou. Ainda após os sinais e milagres, muitas vezes os israelitas tentaram apedrejá-lo, e ele, contudo, escapou-lhes das mãos. Assiduamente murmuravam, mas ele os amava ardentemente, a ponto de dizer a Deus, depois do grave pecado que eles cometeram: “Se lhes perdoais este pecado, perdoai... Se não, risca-me do livro que escreveste” (Ex 32,32). Prefiro, diz ele, perecer com eles a sem eles salvar-me. Na realidade, é loucura, na realidade é amor ardente. O que dizes? Menosprezas o céu? Sim, responde; pois amo os injustos. Pedes que seja riscado? O que fazer? Sou apaixonado. E depois? Escuta o que em outra passagem diz a Escritura: “E por sua causa sobreveio o mal a Moisés” (Sl 106,32). Quantas vezes o ultrajaram? Quantas vezes os destituíram, a ele e ao irmão? Quantas vezes procuraram voltar ao Egito? E após tudo isto, ele se exaltava e irritava, entretanto disposto a sofrer em favor deles. Assim importa amar os inimigos. Ferido e aflito, empregava todos os recursos e era rejeitado, mas desejava-lhes a salvação. E o que fez Paulo? Dize-me. Não optou pela geena por causa deles? Talvez importe aduzir o exemplo do próprio Senhor. Com efeito, também ele assim age, dizendo: “Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons” (Mt 5,45), oferecendo-nos o exemplo de seu Pai; a nós, porém, o exemplo do próprio Cristo. Veio para junto deles, diria que por dispensação; por causa

deles fez-se servo, humilhou-se, aniquilou-se, tomou a condição de servo; e tendo vindo, nem ele próprio ingressou no caminho dos gentios, e deu aos discípulos a ordem de assim proceder; não somente isto, mas ainda andou pelas regiões circunvizinhas, curando todas as doenças e enfermidades.

Como? Todos ficavam estupefatos e admirados e diziam: “Donde então lhes vêm todas essas coisas?” (Mt 13,56). Os beneficiados, porém, diziam: “Ele tem um demônio!” (Jo 10,20), e blasfema. Está louco. É impostor (cf. Mt 9,3; 27,63). Por acaso repeliu-os? Absolutamente não, mas tendo ouvido estas coisas, conferiu-lhes maiores benefícios, e aproximou-se dos que o crucificariam, somente no intuito de salvá-los. E crucificado, o que lhes diz? “Pai, perdoai-lhes; não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Sofre antes e sofre depois, até o último suspiro por eles fazia o possível, por eles rezava. E depois da crucifixão, o que não fez em seu favor? Não enviou os apóstolos? Não operou milagres? Não movimentou tudo? Assim devemos amar os inimigos, imitar a Cristo. Assim procedeu Paulo. Apedrejado, sofreu incontáveis males, tudo fazia por eles. Escuta o que diz: “O desejo do meu coração e a prece que faço a Deus em favor deles é que sejam salvos”. E ainda: “Porque eu lhes rendo testemunho de que têm zelo de Deus” (Rm 10,1.2). E: “E tu, oliveira selvagem, foste enxertada entre eles” (Rm 11,17), quanto mais eles serão enxertados em sua própria oliveira? Calculas o amor donde procedem estas palavras? De que benevolência? É inexprimível, não se pode expressar. Assim importa amar os inimigos. É amar a Deus, que o ordenou, esta lei; imitá-lo é amar o inimigo. Reflete que não prestas benefício ao inimigo, mas a ti mesmo; não o amas, mas obedeces a Deus. Cientes disso, firmemos a amizade entre nós, e, praticando-a exatamente, consigamos os bens prometidos em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

OITAVA HOMILIA

II. PARÊNESE

Apelo à unidade

4,1. *Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro pela causa do Senhor, a andardes de modo digno da vocação com que fostes chamados:*

2. *com toda humildade e mansidão,*

A virtude dos doutores consiste em não buscar para si honra, nem glória da parte dos súditos, mas a salvação deles, e para tal empregar todos os meios. De fato, quem busca outra coisa, não é doutor, mas tirano. Deus, portanto, não te colocou à frente deles para gozares de maior veneração, mas para que, descuidado de teus interesses, trates sempre do que os edifica. É dever do mestre. Tal era São Paulo, isento de qualquer luxo; era um entre muitos, ou antes, o menor deles. Denomina-se servo e exprime-se mais vezes à guisa de um suplicante. Observa que nada escreve de modo peremptório, nada de autoritário, mas discreta e humildemente: “*Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, a andardes de modo digno da vocação com que fostes chamados*”. Dize, por favor, o que pedes? Que consigas algo? De forma alguma, responde, mas a salvação do próximo. Ora, os que rogam, rogam para alcançarem o que lhes interessa. A mim, isto interessa, diz ele, conforme também em outra passagem escrevia: “Agora estamos reanimados, porque estais firmes no Senhor” (1Ts 3,8). De fato, sempre desejava ardentemente a salvação dos discípulos. “*Eu, o prisioneiro no Senhor*”. Grande dignidade, maior que o reino, o consulado etc.

Escreve também a Filemon: “Eu, Paulo, velho, e agora também prisioneiro por Cristo” (Fl 9). Nada tão glorioso quanto os vínculos por causa de Cristo, e as cadeias impostas àquelas santas mãos. Estar preso por Cristo é mais exímio do que ser apóstolo, do que ser doutor, do que ser evangelista. Se

alguém ama a Cristo, sabe o que digo; se alguém é louco pelo Senhor e ardentemente o ama, conhece a força dos vínculos. O Apóstolo preferia estar preso por Cristo do que habitar nos céus. Apresentava-lhes mãos mais esplêndidas do que o ouro, e do que qualquer diadema real. Uma faixa recoberta de gemas não torna a cabeça tão insigne quanto uma cadeia de ferro por causa de Cristo. Então era o cárcere mais notável do que o palácio real. Por que me refiro a palácio real, se é até mais que o céu, visto que possuía o prisioneiro de Cristo? Se alguém ama a Cristo, conhece esta dignidade, conhece esta virtude, conhece a graça obtida para o gênero humano pelo fato de ser prisioneiro por causa de Cristo. Ser prisioneiro por ele talvez seja mais eminente do que estar sentado à sua direita, mais magnificante do que sentar-se sobre um dos doze tronos. Mas por que me refiro a coisas humanas? Tenho vergonha de comparar riquezas e ornatos de ouro aos vínculos. Deixando de lado estas grandezas, mesmo se não houvesse recompensa alguma, já seriam grande recompensa, suficiente remuneração, estes graves padecimentos por causa do ser amado. Sabem o que digo os que amam, se não a Deus, mas aos homens. Mais se regozijam quanto mais exaltados. Somente é capaz de entendê-lo o santo coro, o dos apóstolos. Escuta o bem-aventurado Lucas: “Quanto a eles, deixaram o Sinédrio, muito alegres de terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo Nome” de Cristo (At 5,41). Ora, a outros parece ridículo alegrar-se alguém por ter sido digno de sofrer ultrajes e que sofrer opróbrio cause alegria. Aqueles, porém, que desejam a Cristo, consideram-se os seres mais felizes. Se alguém me oferecesse todo o céu, ou aquelas cadeias, eu as preferiria; se alguém me colocasse nas alturas com os anjos ou junto de Paulo prisioneiro, escolheria o cárcere. Se alguém me fizesse uma das Potestades perto do céu, perto do trono, ou tal prisioneiro, optaria por ser tal. E com razão, pois nada mais feliz do que aquelas cadeias. Queria estar agora naqueles lugares, onde se diz que ainda permanecem aqueles vínculos, ver e admirar aqueles homens, por amor a Cristo. Queria ver as cadeias, que fazem os demônios temerem e estremecerem, e que os anjos reverenciam. Nada de melhor do que sofrer por Cristo. Não proclamo Paulo tão feliz por ter sido raptado ao paraíso quanto por ter sido lançado no cárcere. Não o declaro feliz por ter ouvido palavras misteriosas quanto por estar sujeito aos vínculos; não tão feliz por ter sido raptado ao terceiro céu quanto por causa daquelas cadeias. Ouve como também ele sabia que estas coisas são mais importantes que aquelas. Com efeito, não disse: Exorto-vos, eu que ouvi palavras inefáveis. Mas como se expressou? *“Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor”*.

Não é surpreendente que não o subscreva em todas as epístolas, porque nem sempre estava cativo, mas apenas em certas ocasiões. Para mim é mais desejável sofrer por Cristo do que ser honrado junto de Cristo. Constitui grande honra, é glória que supera tudo. Se aquele que por minha causa se fez servo, e renunciou à glória, não estimava tanto a glória quanto ser crucificado por mim, o que não devo sofrer? Escuta-o: “Pai, glorifica-me” (cf. 17,1). O que dizes? Ser crucificado juntamente com ladrões e violadores de sepulcros, sofrer a morte dos miseráveis; receber escarros e bofetadas, a isto chamas de glória? Certamente, responde. Sofro por aqueles que amo, e considero uma glória. Se ele amou os miseráveis e infelizes, e a isto chama de glória, e se não era glória estar no trono paterno, nem ser glorificado, mas dá preferência a sofrer ignomínia, muito mais eu devo julgá-la glorificação. Ó felizes vínculos! Ó mãos felizes, ornadas com aquelas cadeias! Não deviam ser tão veneradas as mãos de Paulo, ao levantarem o coxo de Listra e levarem-no a andar (At 14) quanto ao estarem carregadas de cadeias. Se eu fosse daquela época, especialmente as abraçaria, sem delas tirar os olhos; não cessaria de beijar as mãos dignas de serem algemadas por causa de meu Senhor. Ficas surpreendido porque Paulo tocou com a mão a víbora, que não lhe causou mal? Não te admires. Respeitou as cadeias. O mar também as reverenciou inteiramente; então ele estava prisioneiro. Se alguém me desse agora o poder de ressuscitar mortos, não o escolheria e sim as cadeias. Se fosse

removido das preocupações eclesiásticas e tivesse um corpo robusto, não recusaria empreender uma peregrinação, somente para ver as cadeias, o cárcere onde foi prisioneiro. Ora, em muitos lugares há marcas de seus milagres, mas não são tão desejáveis quanto os seus estigmas. E na leitura das Escrituras ele não me apraz tanto ao operar milagres quanto ao padecer flagelado e arrastado. Verdadeiramente são admiráveis os sudários do corpo e aventais que produzem prodígios (cf. At 19,12); são na realidade admiráveis, mas não como aqueles. “Depois de infligir-lhes muitos golpes, lançaram-nos na masmorra”; e ainda: Algemados “cantavam os louvores de Deus”; e: “Apedrejaram a Paulo e arrastaram-no para fora da cidade, tendo-o por morto” (At 16,23; 16,25; 14, 19).

Quereis saber o valor das cadeias férreas colocadas no corpo servil por causa de Cristo? Escuta o próprio Cristo: “Bem-aventurados sois”. Quando? Quando ressuscitardes os mortos? Absolutamente, não. Mas quando? Quando curares os cegos? De modo algum. Então, quando? “Quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim” (Mt 5,11). Se quando “*disserem todo o mal*” faz com que sejamos bem-aventurados a tal ponto, quando padecermos, o que não acontecerá? Escuta o próprio São Paulo, em outra passagem: “Desde já me está reservada a coroa da justiça” (2Tm 4,8). Mas as cadeias são mais insígnies do que esta coroa. Ele mo concederá e a respeito disto não discuto. Basta-me por remuneração plena ter sofrido por Cristo. Seja-me dado poder dizer: “Completo, na minha carne, o que falta às tribulações de Cristo” (Cl 1,24), e de nada mais necessito. Pedro mereceu também estas cadeias: Estava preso, entregue aos soldados, e dormia (cf. At 12,4.6). De tal forma alegrava-se sem se alterar que caíra em profundo sono; não dormiria profundamente se estivesse muito preocupado. Dormia entre os soldados; veio um anjo e tocando-lhe o lado acordou-o. Se alguém, portanto, me dissesse: O que preferes, ser o anjo que tocou a Pedro, ou Pedro que escapou são e salvo? Preferia ser Pedro, por cuja causa veio o anjo. Aquelas cadeias ser-me-iam de proveito. E por que se rezava para livrá-lo do que parecia ser um grande mal? Não te admires. Rezava-se de medo que fosse morto; receava morrer porque ainda queria que a vida lhe oferecesse oportunidade de sofrimento. Escuta, portanto, o que diz São Paulo: “Partir e ir estar com Cristo é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fl 1,23-24). Denominava-o uma graça, ao escrever: “Pois vos foi concedida, em relação a Cristo, a graça não só de crerdes nele, mas também de por ele sofrerdes” (Fl 2,29). Ele o concedeu por ser o mais importante. Na realidade, é máxima graça, e maior do que fazer parar o sol e a lua, do que movimentar o mundo; é mais do que vencer e expulsar demônios. Estes não tanto se condoem por serem expulsos pela nossa fé quanto ao virem que sofremos algo por Cristo e estarmos presos com vínculos; causa maior confiança. Não é excelente ser prisioneiro por causa de Cristo porque nos proporciona o reino, mas porque é por Cristo. Não proclamo felizes as cadeias porque nos transferem para o céu, mas porque são suportadas por causa do Senhor do céu.

Que glória a de ficar alguém ciente de que está preso por Cristo, quanto prazer, quanta honra, quanto esplendor! Gostaria de repeti-lo sempre, de agarrar as cadeias, gostaria, apesar de estar privado na realidade, de delas me acercar com boa disposição. Estando Paulo preso, “produziu-se um tão violento tremor de terra que os alicerces da prisão foram abalados, e os grilhões de todos os prisioneiros caíram” (At 16,26). Viste que estes vínculos naturalmente fazem cair os grilhões? Como a morte do Senhor matou a morte, assim também os vínculos de Paulo soltaram os prisioneiros, abalaram o cárcere, abriram as portas. Ora, tal não é a natureza dos vínculos, mas o contrário, a saber, manter no cárcere o prisioneiro com toda segurança e não abrir-lhe as paredes. Absolutamente tal não é a natureza dos vínculos, e sim a dos grilhões por causa de Cristo. O carcereiro caiu aos pés de Paulo e de Silas. Mas nem simplesmente os vínculos levam aos pés dos prisioneiros os que os prenderam, mas ao contrário, fazem com que lhes fiquem sujeitos. Em nosso caso, porém, os que estavam livres

caíram aos pés dos presos; os carcereiros pediam ao preso que os livrasse do medo. Dize-me. Tu não os prendeste? Não o lançaste no fundo do cárcere? Não colocaste seus pés nos cepos firmes? Por que tremes? Por que te perturbas? Por que choras? Por que desembainhaste a espada? Nada disso preendi, responde. Não sabia que tão grande era o poder dos prisioneiros de Cristo. O que dizes? Receberam o poder de abrir os céus, e não abririam o cárcere? Livravam os possessos dos demônios, e o ferro haveria de superá-los? Não conhecias esses homens, e por isso serás perdoado. Paulo é o prisioneiro que todos os anjos reverenciam; Paulo é aquele homem cujas vestes e aventais expulsavam os demônios e afugentavam as doenças. Ora, é muito mais adamantino do que o ferro, e mais inquebrantável o vínculo dos demônios, porque prende a alma, e o outro prende apenas o corpo. Quem solta as almas presas, não poderia libertar seu corpo? Quem quebra os vínculos dos demônios, não soltará o nexa do ferro? Quem por suas vestes soltava aqueles prisioneiros e livrava dos demônios, por si próprio não se libertaria?

Estando preso, libertou os prisioneiros. Reconhece que os servos de Cristo presos têm muito maior força do que os homens livres. Se um homem livre fizesse isto, não seria tão espantoso. Os vínculos não eram sinal de fraqueza, mas de maior poder. Assim, pois, o santo revela força mais exímia se, estando preso, domina os livres, se cativo solta não só a si mesmo, mas a outros prisioneiros. Qual a utilidade das paredes? O que adianta lançá-lo no fundo do cárcere, se ele abre o mais externo? Por que à noite, e com um terremoto? Dai-me licença por um pouco, permiti-me afastar-me das palavras do Apóstolo, e deliciar-me com os seus feitos, detendo-me nas cadeias de Paulo. Concedei-me um pouco mais estar com elas. Segurei os vínculos; ninguém mos retire. Sinto-me mais preso agora pelo desejo do que ele então pelos cepos. Ninguém solta estes vínculos, provenientes do desejo de Cristo. Nem os anjos, nem o reino dos céus podem fazê-los cair. Escute-se o próprio Paulo: “Nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente nem o futuro, nem as alturas nem os abismos poderão nos separar do amor de Cristo” (Rm 8,39).

Qual o motivo de ter o acontecimento sobrevivendo durante a noite? Por que com terremoto? Escutai qual o desígnio de Deus e pasmai. Caíram os vínculos de todos e as portas se abriram. Mas assim aconteceu somente por causa do carcereiro; não foi por ostentação, mas em prol da salvação dele. A palavra de Paulo evidencia que os prisioneiros não perceberam que haviam caído os vínculos. Com efeito, o que disse? “Paulo gritou com voz forte: ‘Não te faças mal algum, pois estamos todos aqui’” (At 16,28). Não estariam todos lá dentro, se soubessem que as portas estavam abertas, e eles estavam livres. Pois, aqueles que perfuram as paredes, saltam pelos telhados e as ameias, e ousam tudo mesmo estando ligados com cadeias, não haveriam de permanecer lá dentro após terem caído os vínculos e as portas estarem abertas, enquanto dormia o próprio carcereiro. Mas em vez dos vínculos de ferro tinham os do sono. Assim aconteceu a fim de que o milagre se operasse sem dano algum para o carcereiro, que devia salvar-se. Aliás, também é principalmente à noite que ficam algemados os presos, não durante o dia. Era possível, portanto, com cuidado vê-los então presos de novo e dormindo. Se isso, porém, tivesse sucedido de dia, o tumulto teria sido grande. Por que, então, o cárcere foi sacudido por um terremoto? Para que o carcereiro se levantasse, visse o espetáculo, pois ele só era digno de salvação.

Por favor, observa a graça extraordinária de Cristo! Pois, além dos vínculos de Paulo, é bom lembrar-se da graça de Cristo, ou melhor, eles também eram graça de Deus. Existem alguns que criticam a salvação do carcereiro, embora devessem admirar a clemência de Deus diante daquilo mesmo que eles censuram. Tais fatos são característicos dos fracos que criticam até o admirável alimento que os sustenta e dizem que o mel é amargo. E visto que fecham os olhos, em vez de iluminados, mergulham-se em trevas. Tal sucede, não pela natureza das coisas, mas pela fraqueza

daqueles que não podem fazer bom uso delas. O que diziam, portanto? É espantoso! Aquele que caíra em extrema maldade, dela se apartou e tornou-se melhor. Eles dizem: Por que não pensou ele tratar-se de feitiço e encantamento e não preferiu retê-los e gritar? Para isso empregou vários raciocínios. Em primeiro lugar, ouviu-os louvar a Deus e cantar hinos. Não cantariam tais hinos, se fossem prestidigitadores. Ouviu-os a louvarem a Deus (cf. At 16,25). Em segundo lugar, eles não fugiram, mas ainda o impediram de se matar. Se o fizessem por própria causa, não permaneceriam lá dentro, mas seriam os primeiros a escapar. Grande também foi o senso humanitário deles. Impediram de se matar aquele que os amarrara. Seria como se dissessem: Tu nos prendeste firmemente, e nos lançaste no fundo do cárcere, cruelmente amarrados, a fim de ficares livre de vínculos muito acerbos. Cada qual, de fato, é apertado pelas cadeias de seus pecados. De fato, são vínculos execrandos. Os outros, porém, são felizes e muito desejáveis. Mostrou por meio de cadeias visíveis que estas livram das outras. Viste livres os que foram presos com ferros? Verás que serás solto de outros pesados vínculos. Estes vínculos, os dos pecados, são os dos prisioneiros, diria, não os de Paulo. Havia duas espécies de presos interiormente; o próprio carcereiro estava preso. Os outros estavam presos com ferros e pecados, este, porém, somente pelos pecados. Paulo os soltou, para dar testemunho; pois eram vínculos visíveis.

Assim também procedeu Cristo, ou antes em sentido contrário, no caso da dupla paralisia. Quais? A dos pecados e a do corpo. E ele o que fez? Disse: “Tem ânimo, meu filho; os teus pecados te são perdoados” (Mt 9,2). Primeiro resolveu a paralisia real; em seguida cuidou desta outra. “Ao ver isto, alguns dos escribas diziam consigo: ‘Está blasfemando’. Mas Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse: ‘Por que tendes esses maus pensamentos em vossos corações? Com efeito, que é mais fácil dizer: Os teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda? Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder na terra de perdoar pecados’...disse então ao parálítico: ‘Levanta-te, toma o teu catre e vai para casa’” (Mt 9,3-6). Por meio do que é sensível confirmou o inteligível, por meio do corpóreo obrou o espiritual. Por que, então, procedeu assim? Para se cumprir o que foi dito: “Ó servo mau, eu te julgo pela tua própria boca” (Lc 19,22). O que os presentes haviam dito? Ninguém pode perdoar pecados, a não ser Deus. Nem anjo, nem arcanjo, nem outro poder criado. Vós o confessastes. O que então, se deve dizer? Se eu demonstrar que perdoo os pecados, é claro que eu sou Deus. Ora, não se expressou deste modo; mas o que declarou? “‘Para que saibais que o Filho do Homem tem poder na terra de perdoar pecados’... disse então ao parálítico: ‘Levanta-te, toma o teu catre e vai para casa’.” Quando, replica ele, eu tiver feito o que é mais difícil, é claro que acerca do que é fácil não resta possibilidade de contradição. Por isso ele fez primeiro o inteligível, porque muitos eram os que contradiziam. No caso do carcereiro, porém, do inteligível retornou ao sensível. Por conseguinte, ele não tinha fé superficial. Viu o preso, não viu nem ouviu, contudo, mal algum. Viu que não fora feito feitiço, pois eles louvavam a Deus. Viu que tudo era feito com muito senso humanitário; pois não se vingaram, embora o pudessem. Podiam, de fato, escapar eles e os prisioneiros. Se não os prisioneiros, ao menos eles. Mas não o fizeram. Por isso os respeitou, não só por causa do milagre, mas também devido às atitudes. Como Paulo clamou? Em alta voz: “Não te faças mal algum, pois estamos todos aqui”. Vês que estava isento de vanglória e orgulho, e possuía amor ardente. Não declarou: Aconteceu tudo isso por nossa causa, mas, como se fosse um preso comum, disse: “Estamos todos aqui”. Ora, não se soltaram antes, nem por milagre, quando podiam calar e soltar também todos os presos. Se, pois, se calassem, e em alta voz não lhe segurassem as mãos, o carcereiro teria traspassado a garganta com a espada. Clamou, porque fora lançado no fundo do cárcere. Procedeste contra ti próprio, jogando bem dentro os que te libertariam do perigo. Mas não imitaram o carcereiro. Se ele morresse, todos teriam fugido.

Viste que preferiram ficar presos a desprezar o que estava em perigo de perecer. Refletiu o carcereiro consigo mesmo: Se fossem feiticeiros, certamente soltariam os presos e libertar-se-iam dos vínculos; é provável que houvesse ali muitos deles. Aliás, frequentemente o carcereiro recolhia magos, e admirou-se de nada de semelhante suceder. Um feiticeiro não abalaria os alicerces do cárcere, para acordar o carcereiro, tornando mais difícil a fuga. Mas, vejamos logo a fé do carcereiro. “Pedi tochas, correu todo trêmulo, lançou-se aos pés de Paulo e de Silas. Depois fê-los sair e disse: ‘Senhores, que devo fazer para ser salvo?’” (At 16,29-30). Tinha em mãos o fogo e a espada, entretanto diz: “‘Senhores, que devo fazer para ser salvo?’ Eles responderam: ‘Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e os teus’” (ib. 31). Não é próprio de feiticeiros transmitir tal ordem. Em parte alguma faz menção do demônio. Vês que é digno de ser salvo? Pois, tendo visto o milagre, e ficando livre do medo, não se esqueceu do que era realizável; diante de tal perigo preocupou-se com a salvação de sua alma, aproximou-se dos mestres de modo conveniente e caiu-lhes aos pés. “E anunciaram-lhe a palavra do Senhor, assim como a todos os que estavam em sua casa. O carcereiro tomou-os consigo à mesma hora, em plena noite, lavou-lhes as chagas e imediatamente recebeu o batismo, ele e todos os seus” (ib. 32-33). Vês o fervor deste homem? Não adiou, não disse: Amanhã veremos, vamos pensar. Com grande fervor, ele e toda a sua casa foram batizados. Não agiu como atualmente a maioria que despreza os escravos, as mulheres, os filhos, os não- iniciados nos mistérios. Sede, eu vos suplico, como o carcereiro; não digo quanto à autoridade, mas pelas boas disposições. De que serve a autoridade, se a vontade é fraca? Ah! um homem cruel, colérico, que convivia com inúmeros malvados, sempre cogitando destas coisas, de repente se transforma em pessoa tão humana, tão solícita! “Lavou-lhes as chagas”. Considera novamente o fervor de Paulo. Preso, flagelado, evangelizava deste modo. Ó feliz prisão! Quais os partos durante aquela noite! Quantos filhos lhe nasceram! A respeito deles podia dizer: “Que eu gerei na prisão” (Fl 10). Vês como exulta, e quer que os filhos que assim nasceram fossem ótimos? Considera a grande glória dos vínculos, que tornam esplêndidos não só os presos, mas também os que foram gerados naquela situação! Possuem algo mais os que nasceram quando Paulo estava com vínculos, não digo segundo a graça, porque são também uma graça, nem segundo a remissão, porque dão remissão a todos, mas porque desde o início ensinam a alegrar-se e exultar por tais feitos. “Tomou-os consigo à mesma hora, em plena noite, lavou-lhes as chagas e imediatamente recebeu o batismo.” Além disso, contempla os frutos. Em troca imediatamente ele retribuiu com bens materiais. “Fê-los, então, subir à sua casa, pôs-lhe a mesa, e alegrou-se com todos os seus por ter crido em Deus” (ib. 34). Como não haveria de se alegrar, quando o céu se lhe abriu através da abertura das portas do cárcere? Lavou os pés do mestre, pôs a mesa e exultou. As cadeias de Paulo penetraram no cárcere, transformaram-no em igreja, e a todos em membros do Cristo; pôs a mesa espiritual, e nasceram filhos para alegria dos anjos. Acaso eu dizia em vão que o cárcere era mais brilhante do que o céu? Ocasinou alegria no céu. Se por causa de um só pecador que faz penitência há alegria nos céus (Lc 15,7), e onde estão dois reunidos em nome de Cristo, ele está no meio (Mt 8,20), a alegria não será muito maior onde se encontram Silas e Paulo, o carcereiro com toda a sua família e a fé é tão grande? Verifica a imensa força da fé!

Este cárcere, porém, relembra-me um outro. Qual? Aquele onde estava Pedro. Mas ali nada de semelhante aconteceu. Ele fora entregue a quatro piquetes de soldados (At 12,24). Não cantava hinos, não estava de vigília, mas dormia; nem fora flagelado, mas o perigo era maior. No outro caso, tudo já sucedera, e eles haviam sido castigados; aqui, porém, ainda não. Embora não lhe houvessem sido infligidos ferimentos, a expectativa perturbava. Verifica, porém, o milagre. “De repente, o Anjo do Senhor apareceu, e a cela foi inundada de luz. O anjo tocou o lado de Pedro e despertou-o dizendo: ‘Levanta-te! Depressa!’ E caíram-lhe das mãos as cadeias” (At 12,7). Para que Pedro não pensasse que

era só efeito de luz, tocou-o. Ninguém viu a luz, exceto ele, e imaginava tratar-se de uma visão; assim os que dormem não percebem os benefícios de Deus. “O Anjo lhe disse: ‘Cinge-te e amarra as sandálias’. Foi o que ele fez. Acrescentou: ‘Joga o teu manto sobre os ombros e segue-me’. Pedro saiu e seguia-o, mas não sabia que era realidade o que acontecia por meio do Anjo; julgava ter uma visão. Franquearam, assim, o primeiro posto da guarda, depois o segundo, e chegaram ao portão de ferro que dá para a cidade. Ele se abriu por si mesmo diante deles. Saíram e passaram por uma rua, quando subitamente o Anjo desapareceu” (At 12,8-10).

Por que neste caso não aconteceu o mesmo que a Paulo e Silas? Porque iam ser soltos e Deus não quis libertá-los desta forma. São Pedro ia ser levado à morte. E então? Não teria sido mais admirável se fosse arrastado, entregue às mãos do rei, e então libertado do meio dos perigos, sem sofrer coisa alguma? Assim nem os soldados teriam perecido. Aqui se levanta uma grande questão. Deus conservou seu servo por meio do suplício, da morte de outros. O que diremos? Em primeiro lugar, não o conservou através da morte de outros; em segundo, não foi decisão do rei, mas severidade do juiz. De que modo? Deus dispôs as coisas não somente a fim de que eles não perecessem, mas também que o rei os salvasse, segundo fez o carcereiro. Ele, porém, não utilizou o dom da forma devida. “Ao raiar do dia, houve, por isso, não pequena agitação entre os soldados. Que acontecera a Pedro?” (At 12,18). E depois? Herodes mandou examinar o problema, e, após pesquisa, ordenou matar os soldados. Se não houvesse examinado, poderia haver desculpa; mas procedeu, informou-se, soube que fora algemado, que o cárcere estava fechado e seguro, os guardas se achavam diante das portas, as paredes não haviam sido perfuradas, nem abertas as portas, nem havia sinal algum de crime. Por isso, devia apreciar o poder de Deus, que livrara do meio dos perigos, e adorar aquele que pudera realizar o prodígio, porém mandou matar. Qual a culpa a atribuir a Deus? Se fizesse com que as paredes fossem arreventadas, e assim o retirasse, talvez se julgasse que era atribuível à negligência dos guardas. Se, porém, dispôs de sorte a evidenciar que não se tratara de crime humano, mas de milagre divino, por que este resultado? Se Pedro tivesse fugido, teria escapado com as cadeias; se fugisse perturbado não teria tido tanto cuidado de calçar as sandálias, mas as abandonaria. Por isso, o anjo lhe disse: “Amarra as sandálias”, para se saber que não havia fugido, mas que agira com sossego. Pois, estando algemado, e entre dois soldados, não teria tempo de tirar as cadeias, e bem dentro do cárcere. Por conseguinte, o suplício dos guardas deve ser atribuído à injustiça do juiz. Por que os judeus não procederam desta maneira?

Lembro-me de outro encarceramento, primeiro em Roma, e depois o de Cesareia, e por fim o de Jerusalém. Com efeito, tendo os pontífices e fariseus ouvido dos enviados por eles ao cárcere para trazerem a Pedro: “Não achamos ninguém lá dentro”. Também as portas estavam fechadas e os guardas de pé diante das portas. Por que não mataram os guardas? Hesitavam a respeito do que fazer (At 5), dizendo: O que pode significar isso? Apesar de ambicionar tanto matá-los, nada de tal cogitaram, muito mais devias disto cogitar tu (Herodes), que tudo fazes para obter o favor deles. Por isso, imediatamente seguiu-se a pena. Se, porém, tu atribuis a culpa a Deus, atribui-lhe também a dos que são assassinados nas estradas, e de incontáveis outros que injustamente são mortos, e também dos Inocentes, que por causa de Cristo foram mortos; pois também a morte deles, conforme dizes, foi culpa de Cristo. Ao contrário, não foi de Cristo, mas do furor e da tirania do pai de Herodes. Se, contudo, dizes: Por que não o livrou das mãos de Herodes? Poderia ter feito, mas não seria vantagem. Pois, quantas vezes Cristo escapou das mãos dos inimigos? Que utilidade obtiveram os ingratos? Ora, em nosso caso, os acontecimentos acarretaram aos fiéis muita utilidade.

Serviram de advertência, e os próprios inimigos dão testemunho insuspeito do que acontecera. Como, portanto, naquele evento também as bocas não foram tapadas senão porque os que voltaram confessavam o que acontecera; assim também aqui. Por que então nada disso fez o carcereiro? Ora, o

que sucedera a Herodes não era menos importante. Pois, não incutia menor pavor saber que o prisioneiro saía com as portas fechadas do que ver as portas abertas. Com efeito, poderia tratar-se de uma visão; no primeiro caso, apurado e anunciado, não. Por isso, o carcereiro teria sido malvado se matasse a Paulo, segundo Herodes fez aos guardas; mas não era mau. Se, porém, queremos refutar os que perguntam por que Deus permitiu que os Inocentes fossem mortos, o sermão iria mais longe do que no início decidíramos.

Agora, porém, muito gratos às cadeias de Paulo, que nos causaram tão imensos benefícios, terminemos o discurso, exortando-vos a que não somente não suporteis mal se tiverdes de sofrer algo por Cristo, mas também que deveis alegrar-vos como os apóstolos, e gloriar-vos, segundo a palavra de Paulo: “Prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas”, e que ouviu a resposta: “Basta-te a minha graça” (2Cor 12,9). Paulo se gloriava por causa dos vínculos, e tu por causa das riquezas te orgulhas? Os apóstolos se alegravam por terem sido dignos de ser flagelados, e tu procuras o ócio e os prazeres? Como, pois, queres encontrá-los, seguindo um caminho oposto? “E agora eis que, acorrentado pelo Espírito, vou a Jerusalém sem saber o que lá me sucederá, senão que, de cidade em cidade o Espírito Santo me atesta que me aguardam cadeias e tribulações” (At 20,22-23). Por que, então, vais, se te aguardam cadeias e aflições? Por isso mesmo, para ser aprisionado por causa de Cristo e morrer por ele. Não somente estou pronto a ser preso, mas também a morrer pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

Nada mais feliz do que aquela alma. De que se gloria? Dos vínculos, das tribulações, das cadeias, dos estigmas. “Eu trago em meu corpo as marcas de Jesus” (Gl 6,17). Grande troféu! E: “É por causa da esperança de Israel que estou carregado de cadeias” (At 28,20); e ainda: “*Do qual sou o embaixador em cadeias*” (Ef 6,20). O que é isto? Não te envergonhas? Não receias percorrer o orbe acorrentado? Não temes que alguém acuse teu Deus de fraqueza? Que por isso alguém se afaste? Meus vínculos não são tais; sabem brilhar também no palácio dos reis. “As minhas cadeias se tornaram conhecidas em Cristo por todo o Pretório e por toda parte, e a maioria dos irmãos, encorajados no Senhor pelas minhas cadeias, proclamam a Palavra com mais ousadia e sem temor” (Fl 1,13-14). Vês que operam mais os vínculos do que a ressurreição dos mortos? Viram-me prisioneiro e mais confiam. Onde, pois, há vínculos, necessariamente acontece algo de grande. Onde existe aflição, há igualmente salvação, há alívio, insignes feitos. Pois, se o diabo recalitra então é batido; quando prende os servos de Deus, especialmente se difunde a palavra. Observa, porém, que assim acontece em toda parte. Paulo esteve preso e operou no cárcere: “Nas minhas cadeias” (Fl 1,7). Esteve preso em Roma, e orientou a muitos; não somente ele ousava, mas muitos outros, através dele. Preso em Jerusalém, ao discursar estando prisioneiro, deixou o rei estupefato, e atemorizou o governador. Efetivamente, cheio de temor o teria absolvido, e quem o prendera não se envergonhou de se informar junto do preso a respeito das realidades futuras. Prisioneiro, navegava e livrou do naufrágio, superou a tempestade. Algemado, tocou a víbora, que caiu sem o lesar. Preso em Roma, pregava e atraía inúmeras pessoas, propondo sobretudo o mesmo, a saber, as cadeias.

Mas, hoje não é possível ser detido com algemas. Existe, contudo, outra espécie de cadeias, se o quisermos. Qual? Conter as mãos, não ser propenso à cupidez. Liguemo-nos a nós mesmos com estas cadeias; em vez de ferro, o temor de Deus. Libertemos os prisioneiros da pobreza, da aflição. Não é a mesma coisa abrir as portas do cárcere ou soltar a alma prisioneira; não é igual abrir as cadeias dos presos ou absolver os contritos pela remissão. Tais ações são mais importantes. Às primeiras não é prometido recompensas, a estas são inumeráveis. As cadeias de Paulo foram compridas e nos prenderam por muito tempo; são, de fato, compridas, e mais honrosas do que qualquer cadeia de ouro. São uma espécie de máquina que eleva ao céu, e cadeia de ouro suspensa que puxa para o alto. E é

espantoso que, presa embaixo, puxe os presos para cima. Aliás, não é segundo a natureza das coisas; mas quando é Deus quem dispõe, não busques a natureza, nem a consequência, e sim o que é acima da natureza e do que é consentâneo. Aprendamos a não desanimarmos nas tribulações, nem nos afligirmos. Contempla São Paulo. Fora flagelado e muito ferido: “Depois de infligir-lhes muitos golpes” (At 16,23). Estava fortemente acorrentado; o carcereiro lançou-o na masmorra, com a maior segurança. E com tantas dificuldades, no meio da noite, quando, devido a um vínculo, a saber, o sono, dormiam os mais vigilantes, eles cantavam e louvavam a Deus. O que há de mais resistente do que estas almas? Pensavam que também os três jovens cantavam no meio do fogo, na fornalha. Talvez pensassem: Não sofremos coisa semelhante. Mas encaminhando melhor o discurso, vamos olhar ainda vínculos diversos e outro cárcere.

O que fazer? Quero calar-me e não posso. Encontrei um cárcere muito mais espantoso, maior maravilha. Mas despertai, como se eu estivesse iniciando o discurso, e aproximai-vos com espírito vigoroso. Quero interromper o discurso, as circunstâncias, porém, não o permitem. Com efeito, se alguém está bebendo, não tolera ser interrompido, seja qual for a notícia; eu igualmente, tendo nas mãos o assombroso cálice do cárcere dos prisioneiros de Cristo, não posso parar, não posso calar. De fato, se Paulo no cárcere, apesar dos flagelos, e durante a noite não calou, calarei eu aqui sentado durante o dia, com muito sossego para conversar, o que não possuíam os flagelados prisioneiros, e no meio da noite?

Os jovens não silenciavam na fornalha e no fogo (Dn 3), e nós não nos coraríamos de emudecer? Vejamos, portanto, este cárcere. Ali há algemados; mas logo no início revelava-se que não iam ser queimados, mas encarcerados. Por que então as amarras, se devem ser queimados? Estavam presos, como Paulo, de pés e mãos atados; achavam-se ligados devido a tamanho furor. De fato, também o rei lançou na masmorra, e ordenou que a fornalha fosse intensamente acesa. Mas vejamos a continuação. Os outros cantaram hinos, o cárcere foi sacudido e as portas se abriram; cantaram, e caíram os grilhões dos pés e das mãos. O cárcere se abriu e também abriram-se as portas da fornalha, pois sibilava o orvalho do Espírito. No entanto, muitas coisas afluem. Não sei o que dizer primeiro, ou em seguida. Por isso, rogo que não exijam de mim certa ordem; há muita semelhança entre os fatos. Foram soltos os que com Paulo estavam presos, e certamente dormiam; aqui, porém, aconteceu algo diferente. Queimaram-se os que os lançaram na fornalha. Mas, queria dizer, o rei viu-os soltos, e prostrou-se diante deles; viu-os a cantarem os hinos e quatro jovens andando e os chamou. Como Paulo não saiu, embora pudesse, antes que o chamasse quem o jogou na prisão, e o levasse para fora, assim os três jovens não saíram enquanto aquele que os lançou não ordenou que saíssem. O que aprendemos com isso? Não nos apressarmos nas tribulações, nem nos adiantarmos nas aflições; nem de outro lado permanecer nelas, se existe quem nos livre. O carcereiro, de fato, prostrou-se, porque podia entrar onde estavam os santos. O rei, porém, chegou à porta, parou; não ousa entrar no cárcere, que lhes preparara através do fogo. Medita, porém, as palavras. O carcereiro disse: “Senhores, que devo fazer para ser salvo?” (At 16,30). O rei não falou com tanta humildade, mas emitiu tom não menos suave: “Sidrac, Misac e Abdênago, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde!” (Dn 3,93). Grande honra: “Servos do Deus Altíssimo, saí e vinde”. De que modo sairão, ó rei? Tu os lançaste amarrados ao fogo; tanto tempo estiveram lá. Até mesmo se fossem adamantinos, de metal, os que cantavam todo o hino, não teriam morrido? Foram salvos porque cantavam hinos. O fogo respeitou a boa disposição deles, o cântico, os hinos. Como os chamas? Primeiro disse: “Servos do Deus Altíssimo”, porque os servos de Deus tudo podem. Se existem servos dos homens, que nos negócios deles têm igual poder, domínio e administração, muito mais os servos de Deus. Deu-lhes aquele nome tão aprazível! Sabia ser de pleno agrado. Com efeito, se entraram no fogo para continuarem sendo servos de Deus, palavra

alguma lhes agradaria mais. Se os denominasse reis, senhores de toda a terra, não lhes causaria tanto prazer quanto dizer-lhes: “Servos do Deus Altíssimo”. E por que te surpreendes? À grande cidade, que possuía o domínio da terra e dava grande importância à autoridade, Paulo escreveu, em confronto com a dignidade, ou antes, a fim de estar incomparavelmente mais acima do que o consulado, o reinado e o domínio da terra inteira: “Paulo, servo de Jesus Cristo” (Rm 1,1). “Servos do Deus Altíssimo”. Se têm tanto empenho, diz ele, em serem servos, inteiramente os convenceremos disso. Vê, portanto, igualmente a piedade dos jovens: Não se irritaram, não se encolerizaram, nem contradisseram, mas saíram. Pois, se considerassem suplício terem sido lançados na fornalha, teriam ficado ressentidos contra quem lá os projetara; mas nada disso sucedeu. Saíram como quem saísse do céu e segundo diz o profeta a respeito do sol: “Ele sai, qual esposo da alcova” (Sl 19,6). Não erra quem o disser acerca deles. De que modo? Saíram mais brilhantes do que o sol. Pois este se adianta, ilustrando o orbe com a luz sensível, eles, porém, de outra forma iluminavam a terra inteira, a saber, espiritualmente. De fato, por causa deles o rei imediatamente promulgou um decreto que continha estas palavras: “Pareceu-me bem tornar-vos conhecidos os sinais e maravilhas que fez, em meu favor, o Deus Altíssimo. Quão grandiosos, os seus sinais! Quão portentosas, as suas maravilhas!” (Dn 3,9-100). Saíram, na verdade, emitindo raios mais brilhantes, aprazíveis nas próprias regiões; especialmente, porém, através das cartas reais, podiam em toda parte dissipar as trevas difusas. “Saí e vinde.” Não mandou extinguir o fogo, e mais ainda os honrou por acreditar que eles não somente podiam andar lá dentro, mas também sair estando o fogo ainda aceso.

Vejamos, porém, se lhes apraz, as palavras do carcereiro: “Senhores, que devo fazer para ser salvo?” (At 16, 30). O que há de mais aprazível do que esta palavra? Leva a exultarem até os anjos. A fim de se ouvir tal palavra, o Unigênito de Deus tornou-se servo. Os que acreditaram no início perguntaram a Pedro: “O que devemos fazer” para sermos salvos? E o que ele respondeu? Acreditai “e seja cada um de vós batizado” (At 2,37-38). De bom grado também Paulo, a fim de ouvir dos judeus tal palavra, desejoso da salvação e da obediência deles, cairia na geena. Vê, contudo. O rei concede tudo aos jovens, nada bisbilhoteia. Vejamos a sequência. Não diz: Para que me salve, mas o ensinamento se torna mais penetrante que qualquer palavra. E logo ele se transforma em arauto. Não foi necessário ser catequizado, como o carcereiro. E então? Anuncia a Deus, e confessa seu poder. Reconheço, na verdade, que vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores, porque enviou o seu anjo, e vos livrou da fornalha (cf. Dn 3,95). E depois? Pelas cartas do rei, pelos fatos, não apenas um carcereiro foi instruído, mas muitas pessoas. Era notório que o rei não mentira; não teria querido prestar tal testemunho em favor dos cativos, nem rebaixar o que fizera. Não queria gloriar-se de tamanha loucura. Por isso, embora fosse muito verossímil, não escreveria isso, sobretudo na presença de tantos. Viste a grande força dos vínculos, o enorme poder dos louvores durante a tribulação? Eles não desanimaram nem ficaram humilhados, mas se tornaram mais corajosos, mais bem-dispostos. Com razão, pensaram nisso. Resta-nos apenas um só ponto. Por que foram soltos os presos algemados no cárcere e na fornalha foram queimados os que lá os projetaram? Ora, o rei devia sofrer isso, porque não pecaram tão gravemente os que prenderam e os que os lançaram lá quanto aquele que ordenara que assim se procedesse. Por que, então, aqueles pereceram? Aqui não é muito necessário que a questão seja amplamente discutida. Eram ímpios. O evento demonstrou a violência do fogo, e fez mais espantoso o milagre. Se devorou os de fora, por que mostrou impassíveis os de dentro? Para manifestar o poder de Deus. Ninguém, porém, se admire se coloco o rei em idêntica posição que o carcereiro; o procedimento foi igual. Um em nada era melhor que o outro; a ambos foi proveitoso. Mas conforme disse, os justos nas tribulações, algemados, são mais fortes. De fato, sofrer por Cristo é mais suave que qualquer alívio.

– Queres que vos lembre outro cárcere? Desta prisão vamos partir para outro cárcere. Qual preferis? De Jeremias, de José ou de João? Graças às cadeias de Paulo, quantos cárceres se abriram para nosso discurso! Quereis o de João? Foi encarcerado por causa de Cristo e da lei de Deus. Como? Estava ocioso no cárcere? Não foi de lá que enviou seus discípulos, dizendo: Ide, dizei a Cristo: ‘És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?’ (Mt 11, 3). Dali ensinava; não era negligente. E Jeremias não predisse a respeito de Babilônia, segundo devia, mesmo estando ali? E José? Não esteve preso por treze anos? Todavia nem ali se esqueceu da virtude.

Referindo-nos às cadeias de mais um só, terminemos o sermão. Foi preso ainda nosso Senhor, que tirou os pecados do mundo; foram algemadas as mãos que praticaram inúmeros bens. “Os que prenderam a Jesus levaram-no a Caifás” (cf. Mt 26,5). E foi aprisionado aquele que operara tantos milagres. Refletindo nisso, jamais nos exasperemos, e mesmo se formos aprisionados, alegremo-nos. Não estamos presos. Permaneçamos, entretanto, unidos. Vês quantos bens oferecem as cadeias? Cientes de tudo isso, demos graças a Deus por todos, em Cristo Jesus nosso Senhor.

NONA HOMILIA

4,1. *Exorto-vos, pois, eu, prisioneiro no Senhor, a andardes de modo digno da vocação com que fostes chamados:*

2. *com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor,*

3. *procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.*

Foi revelada a grande força das cadeias de Paulo, mais insignes do que os milagres. A meu ver, Paulo não profere, sem motivo, em vão tais palavras, mas quer incutir pudor. E o que disse? “*Exorto-vos, pois, eu, prisioneiro no Senhor, a andardes de modo digno da vocação com que fostes chamados.*” De que modo? “*Com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor.*” Não é bom apenas estar preso, e sim por causa de Cristo. Por isso diz: “*Prisioneiro no Senhor*”, isto é, pela causa de Cristo. Nada se lhe equipara. Mas as cadeias nos apartam e afastam do fim proposto, não conseguimos resistir e somos involuntariamente arrastados, ou melhor, de bom grado, desejosos. Oxalá sempre nos fosse lícito falar dos vínculos de Paulo. Mas, atenção! Quero ainda tratar de uma questão que muitos levantam: Uma vez que as tribulações são boas, por que ele, defendendo-se diante de Agripa, dizia: “Por pouco ou por muito, queira Deus fazer que não somente tu, mas todos aqueles que hoje me escutam, tornem-se como eu, exceto essas cadeias” (At 26,29). Não se exprimia desta forma, por julgá-las abomináveis. De modo algum. Se fossem abomináveis, não se gloriaria dos vínculos, das prisões, de outras aflições. Nem escreveria: “Prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas” (1Cor 12,9). E então? Era indício de que dava grande importância às cadeias. Escrevia aos coríntios: “Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar” (1Cor 3,2). De igual modo nesta ocasião não podia falar da beleza, do decoro, da utilidade dos vínculos. Por isso diz: “Exceto essas cadeias”. Aos hebreus não procede assim, mas persuadia-os a se sentirem presos com os prisioneiros (cf. Hb 13,3). Por esta razão, também ele se alegrava acerca dos vínculos, estava preso, e com os prisioneiros era lançado no cárcere. Grande é a força das cadeias de Paulo! Basta a todos o espetáculo de Paulo prisioneiro e da saída do cárcere. Ver o preso, lá dentro, não é o maior prazer? E de que valor eu não o estimaria?

Não vedes os imperadores e os cônsules num carro, ornados de ouro, e os satélites carregados de objetos de ouro, lanças áureas, escudos áureos, áureas vestes, cavalos com ornatos dourados? O que há de mais agradável do que tal espetáculo? Prefiro ver uma vez Paulo saindo do cárcere com os prisioneiros, do que os acima mencionados com milhares, e a comitiva dos satélites. Quantos julgas

serem os anjos que o precediam ao sair desta forma? Tornarei notório que não minto, utilizando antiga história. O profeta Eliseu (sabeis talvez quem era), estando o rei da Síria a guerrear contra o rei de Israel, à parte revelava tudo o que ele em seus aposentos deliberava com os conselheiros (2Rs 6,8). Reduzia a nada os conselhos do rei, predizendo coisas ocultas, e não deixava que o rei de Israel caísse nas ciladas armadas pelo rei sírio. Este aborrecia-se, ansioso e perplexo, por não descobrir quem manifestava seus ardis e inutilizava todos os seus planos. Enquanto hesitava, à busca da causa, disse um dos satélites que o profeta Eliseu, habitante de Samaria, é quem não deixava prevalecer a decisão do rei, e tudo punha às claras. Ele julgava que descobrira tudo. Mas, como percebes, nada mais infeliz. Vê, portanto. Devia honrar este homem, admirá-lo, estupefato de que tivesse tanta virtude que, apesar de distante por tantos estádios, sabia tudo o que acontecia no aposento do rei, sem que ninguém o contasse. Não procedeu desta forma, e, no entanto, irritado e colérico, reunindo cavaleiros e soldados armados, enviou-os para ir buscar o profeta. Eliseu tinha um discípulo que se encontrava no limiar da profecia, e ainda não recebera tais revelações. Aproximaram-se os guardas do rei, para prender este homem, ou melhor, o profeta. De novo estamos encontrando vínculos. E o que fazer? Sempre assim está tecido o discurso. O discípulo, vendo a multidão dos soldados, espantado, receoso e trêmulo correu ao mestre, anunciou a presumida tribulação, indicando o perigo ameaçador. O profeta riu-se de que ele receasse o que não causava medo, e exortou-o a ter confiança. Ele, porém, ainda imperfeito, não se convenceu, mas, abalado pelo que via, sentia pavor. E o que fez o profeta? Disse: “Senhor, abre os olhos deste jovem para que veja” (2Rs 6,17). “São mais numerosos os que estão conosco do que os que estão com eles” (ib. 16). E ele viu de repente coberto de cavalos e carros de fogo todo o monte onde habitava o profeta. Não se tratava senão de coros dos anjos.

Se a Eliseu sozinho acompanhavam tantos anjos, o que seria em relação a Paulo? Dizia também o profeta Davi: “O anjo do Senhor acampa ao redor dos que o temem”; e ainda: “Eles te levarão nas mãos, para que teus pés não tropecem numa pedra” (Sl 34,8; 91,12). E por que me refiro a anjos? O próprio Senhor saía ao lado dele. Foi visto por Abraão e não estava com este? Mas o próprio Senhor prometeu: “Eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos!” (Mt 28,20). E novamente apareceu a Paulo e dizia: “Não temas; porém, continua a falar, porque eu estou contigo, e ninguém porá a mão sobre ti para te prejudicar” (At 18,9). Também em sonho apresentou-se, dizendo: “Coragem! Assim como prestaste testemunho de mim em Jerusalém, deverás também testemunhar em Roma” (ib. 23,11). Sempre os santos são admiráveis e repletos de graça, principalmente quando em perigo por causa de Cristo, quando estão presos. Um soldado forte e valoroso é espetáculo sempre agradável aos que o veem, especialmente se está perto do rei e nas fileiras. Pensa também deste modo a respeito de Paulo, visto a ensinar quando estava prisioneiro. Direi também o pensamento que neste ínterim me ocorreu?

O bem-aventurado mártir Babylas foi preso por idêntico motivo que João, visto ter arguido o rei que procedia mal. Após sua morte, ordenou o rei que as cadeias fossem colocadas junto do cadáver e sepultado o corpo com algemas. E, agora, acham-se os grilhões entre as cinzas. Tão grande era seu amor às cadeias por causa de Cristo. “Com cadeias cingiram-lhe o pescoço” (Sl 105,18), disse o Profeta acerca de José. Até mulheres experimentaram vínculos. Nós, contudo, não estamos presos com grilhões. Nem os aconselho a ninguém. Estamos em outros tempos. Não prendas as mãos, mas contendas a mente. Existe uma espécie diferente de vínculos. Quem não os suporta, tolerem os outros. Escuta as palavras de Cristo: “Amarrai-lhe os pés e as mãos” (Mt 22,13). Mas longe de nós a experiência destes; seja-nos dada a possibilidade de possuímos aqueles. “*Exorto-vos, pois, eu, prisioneiro no Senhor, a andardes de modo digno da vocação com que fostes chamados.*” Cristo é nossa Cabeça. Com ele ressuscitamos e nos sentamos nos céus, apesar de sermos inimigos e de termos

cometido inúmeros pecados. A vocação é sublime, o fim grandioso; não apenas por aqueles motivos, mas também devido ao termo e a forma tão extraordinária. Como, porém, se anda de modo digno? *“Com toda humildade.”* Quem é humilde, anda dignamente; é o fundamento de toda virtude. Se és humilde, e te recordas do que eras ao te converteres, tens oportunidade de exercer a virtude. Não te exaltarás devido às cadeias, nem mesmo pelo que foi supramencionado, mas ciente de que tudo é graça, tu te humilhas. O humilde pode também se transformar em servo grato, reconhecido. “O que possuis que não tenhas recebido?” (Cor 4,7) Escuta ainda: “Trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (ib. 15,10). *“Com toda humildade.”* Não em palavras, nem somente em obras, mas manifesta-se em atitudes e palavras. Não sejas humilde para com uns e para com outros, audaz; sê humilde para com todos, em relação ao amigo ou ao inimigo, ao grande ou ao pequeno. És a humildade. Mesmo relativamente às ações boas sê humilde. Escuta a palavra de Cristo: “Bem-aventurados os pobres em espírito”, é a primeira bem-aventurança. Por isso o Apóstolo também diz: *“Com toda humildade e mansidão, com longanimidade”*. Pode acontecer que alguém seja humilde, todavia severo e iracundo. Não lhe é proveitoso, porque muitas vezes, dominado pela ira, perde tudo. *“Suportando-vos uns aos outros com amor.”* Como pode suportar se é iracundo e maldizente? Expõe também o modo: *“Com amor”*. Se não suportes o próximo, como Deus te suportará? Se não toleras o companheiro de serviço, como o Senhor haverá de te tolerar? Onde há caridade, tudo é suportável. *“Procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.”* Vincula as mãos com a indulgência. De novo surge o belo nome: vínculo. Nós o deixamos de lado, e ele acorre novamente a nosso encontro. É belo aquele vínculo, belo também este; e aquele nasce deste. Fica preso a teu irmão! Tudo é leve aos aliados por amor recíproco. Liga-te a ele, e ele a ti! Ambos estão em teu poder. Poderei torná-lo meu amigo, se o quiser. *“Procurando”*, com solicitude. Mostra que não é fácil, nem possível a qualquer um. *“Procurando conservar a unidade do Espírito.”* O que significa: *“A unidade do Espírito”*? Como no corpo há um só espírito a congregar, a unificar os diversos membros, assim também neste caso. Por isso foi dado o Espírito para unir os que se diferenciam por geração e costumes. O velho e o jovem, o pobre e o rico, o menino e o adolescente, a mulher e o homem, todas estas almas se tornam um só. Esta afinidade causa maior união e unidade perfeita. Efetivamente, a união espiritual é tanto mais apurada, quanto mais simples e entre os pares. Como, porém, se conserva? *“Pelo vínculo da paz.”* Não pode subsistir onde há inimizade e dissensão. “Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnis e não vos comportais de maneira meramente humana?” (1Cor 3,3). O fogo colocado em lenha seca, levanta uma chama só; se, porém, ela estiver úmida, ele não atua, nem pega. O mesmo acontece aqui. Em nada de frio ele pega, e sim regularmente no que é quente. Assim igualmente surge o calor da caridade. *“Pelo vínculo da paz”* quer nos congregar a todos. Se quiseres unir-te a um outro, não o poderás senão através deste calor. Se quiseres duplo vínculo, importa que o próximo também esteja ligado a ti. O Apóstolo exige não apenas que estejam coligados entre si, não só que vivam em paz, não só que amem, mas que todos sejam uma só alma. É belo este vínculo; por ele unamo-nos entre nós e nós a Deus. Vínculo que não aflige, não aperta as mãos, mas afrouxa e coloca em espaço amplo e largo, tornando mais alegres do que os que livres se encontram. O forte carrega o fraco a ele unido e não permite que pereça. Ligado a um preguiçoso, mais o desperta. “Um irmão ajudado pelo irmão é uma cidade fortificada” (Pr 18,19 gr.). Não constitui obstáculo a extensão do caminho, nem o céu, nem a terra, nem a morte, coisa alguma, sendo, entretanto, o que há de mais forte e válido. Origina-se de uma alma só e, no entanto, simultaneamente abrange a muitos. Ouve o que diz Paulo: “Não é estreito o lugar que ocupais em nós, mas é em vossos corações que estais na estreiteza... Dilatai também os vossos corações” (2Cor 6,12-13). O que estraga este vínculo? A ambição do dinheiro, do domínio, da glória etc.; torna-vos laxos, e

o parte. O que fazer, portanto, a fim de que não se parta? Afastem-se os obstáculos, e aqueles que arruinam a caridade não atrapalhem. Escuta a palavra de Cristo: “Pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará” (Mt 24,12). Nada tão oposto à caridade quanto o pecado. Não somente à caridade para com Deus, mas também à caridade para com o próximo. Como, no entanto, os ladrões vivem em paz? Dize-me: Quando? Quando não se comportam segundo costumam proceder os ladrões. Se, ao realizarem a partilha, não observarem as leis da justiça, dando a cada um o que é seu, vê-los-ás também a lutar e combater. Por isso, não há paz entre os maus; sempre, porém, é possível a paz onde se vive na justiça e na virtude. E então? Os rivais vivem em paz? De modo algum. Mas a quem preferes que eu mencione? Um cobiçoso nunca terá paz com outro; pois se não houvesse justos e equitativos, e eles cometessem injustiça entre si, terminaria sua raça. À semelhança de duas feras muito ávidas, se não houver no meio delas o que possam devorar, mordem-se mutuamente; assim também acontece entre os cobiçosos e os malvados. Por conseguinte, não pode haver paz se a virtude não for exercida. Construamos, se te apraz, uma cidade de cobiçosos iguais em posição, onde nenhum suporta injúria, mas todos injuriam. Há de subsistir tal cidade? Absolutamente, não. E haverá paz para os adúlteros? Não encontrarás dois em concórdia. Outra causa não existe a não ser o arrefecimento da caridade; a iniquidade superabundou e por isso esfriou a caridade. Leva ao egoísmo, divide e dilacera o corpo, enerva-o e desune-o. Onde, contudo, há virtude, acontece o oposto, pois o virtuoso paira acima das riquezas. Por conseguinte, embora inúmeras pessoas vivam em pobreza, podem ser pacíficos; os gananciosos, porém, até mesmo se forem dois apenas, entre si jamais vivem em paz.

Se formos, portanto, virtuosos, a caridade não desaparecerá. A virtude vem da caridade e a caridade da virtude. Explicar-me-ei. O virtuoso não prefere o dinheiro à amizade, não se lembra da injúria, não ultraja o próximo, suporta tudo com ânimo generoso. A caridade abarca tudo isso, aceita tudo isso quem ama. Dessa forma, mutuamente se edificam. E assim se manifesta que a caridade vem da virtude. Declara-o o dito: “E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará”. Relativamente à asserção de que a virtude vem da caridade, diz o Apóstolo: “Quem ama o outro cumpriu a Lei” (Rm 13,8). Por conseguinte, devem tornar-se uma só coisa os dois: o muito amigo e amado, e o muito virtuoso. Quem possui uma, necessariamente possui a outra; ao invés, quem não sabe amar, agirá muito mal. Quem comete o mal não sabe amar. Persigamos, portanto, a caridade; é garantia de não sofrermos mal algum; unamo-nos. Nada de doloso, de insidioso, que não pode se encontrar onde houver amizade. Afirma-o igualmente outro sábio: “Ainda que tenhas desembainhado a espada contra um amigo, não desesperes, porque existe um retorno. Se abrires a boca contra teu amigo, não temas, porque existe uma reconciliação, exceto em caso de ultraje, revelação de segredo, golpe de traição” (Eclo 22,26-27). A revelação de um segredo afugenta o amigo. Se todos somos amigos, não há necessidade de segredos. Ninguém guarda segredo para si, nem pode escondê-lo de si; nem dos amigos. Não havendo segredos, impossível um afastamento. Não guardamos segredos senão porque não confiamos em todos; o esfriamento da caridade cria os segredos. Que segredo tens? Queres injuriar o próximo? Ou impedir que participe de algum bem, e por isso escondes? Nada disso. Envergonhas-te? Sinal de que não tens confiança. Se, portanto, houver caridade, não haverá revelação de segredos, nem ultraje. Quem, dize-me, alguma vez censura a própria alma? Se o faz, é por algum lucro. Nós também censuramos os meninos no intuito de educá-los; Cristo igualmente começou a exprobrar umas cidades: “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!” (Lc 10,15), para libertá-las de outros opróbrios. Nada tão capaz de atingir a mente, excitá-la, despertá-la. Também nós não nos censuramos mutuamente, sem motivo. Como? Tu censuras o próximo por dinheiro? De forma alguma; de fato, são bens comuns. Seria por causa dos pecados? Nem isso, antes corrige. Diz a Escritura: “Fere traiçoeiramente” (Eclo 27,28). Como? Matar-se-á? Quem haverá de se ferir? Ninguém. Persigamos,

portanto, a caridade. o Apóstolo não disse simplesmente: Amemos, e sim: *“Procurando conservar”*. Por conseguinte, é necessário muito zelo. Logo ela desvanece, rapidamente se afasta. Tantas coisas nesta vida a danificam. Se a buscamos, não se apressará em afastar-se, mas logo a alcançaremos. A caridade de Deus uniu a terra ao céu. A caridade de Deus fez o homem sentar-se em trono real. A caridade de Deus revela-o sobre a terra. A caridade de Deus fez do Senhor um servo. A caridade de Deus entregou o Filho amado pelos inimigos, o Filho por aqueles que o odiavam, o Senhor pelos servos, Deus em lugar dos homens, o homem livre pelos escravos. E não bastou, mas nos chamou a bens maiores. Não apenas nos livrou dos males antigos, mas prometeu bens muito maiores. Em vista destes, agradecendo a Deus, procuremos conservar a virtude, e sobretudo pratiquemos com zelo a caridade, para sermos dignos de alcançar os bens prometidos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA HOMILIA

4. *Há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação com que fostes chamados;*

Quando São Paulo, tão sábio e espiritual, nos exorta a algo de maior, começa pelas realidades celestes, conforme aprendeu do Senhor, e declarou em outra passagem: *“Progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo que nos amou e por nós se entregou”* (Ef 5,2); e ainda: *“Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus. Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como uma rapina”* (Fl 2,5-6). Faz o mesmo aqui. Quando os exemplos propostos são grandes, a emulação e o desejo são intensos. O que diz, exortando-nos à unidade? *“Há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação com que fostes chamados”*;

5. *há um só Senhor, uma só fé, um só batismo;*

O que quer dizer: *“Um só corpo”*? Os fiéis que existem, existiram e existirão em toda a terra. Ainda, são um só corpo também os que antes da vinda de Cristo lhe foram agradáveis. Por quê? Porque eles também conheceram o Cristo. De onde consta? *“Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia. Ele o viu e encheu-se de alegria!”* (Jo 8,56); e ainda: *“Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim, porque foi a meu respeito que ele escreveu”* (ib. 5,46), ele e os profetas. Não teriam escrito, se ignorassem o que se dizia a respeito de Cristo; eles o conheciam e adoravam. Por isso também pertencem ao único corpo. O corpo não está separado do espírito; do contrário não seria corpo. Costumamos afirmar acerca dos que são unidos e muito coerentes: É um só corpo. Assim concebemos a unidade: um só corpo e uma só Cabeça. Se, pois, há uma só Cabeça e um só corpo, no entanto consta o corpo de membros nobres e menos nobres. Além disso, o mais importante não se insurge contra o mais vil, nem este inveja aquele. Ora, não se empregam todos na mesma função, mas cada qual de acordo com a necessidade. Atendendo a diversas necessidades e vários usos, todos são honrosos. Há alguns que têm mais proeminência, outros menos. Por exemplo, a cabeça é a parte mais importante do corpo, por englobar todos os sentidos e ter o controle da vida. Sem a cabeça não é possível viver. Amputados os pés, contudo, muitas pessoas puderam viver durante longo tempo. Com efeito, não só pela colocação a cabeça é melhor, mas também pela atuação e ordem. Por que digo isso? Na Igreja há muitos colocados no alto, à semelhança da cabeça, que medita as realidades celestes, ou dos olhos situados na cabeça, muito acima da terra, e nada tendo de comum com esta; outros, porém, são pés e não obstante serem sadios, pisam a terra. Calcar a terra não é defeito para os pés; correrem para o mal é que o seria: *“Seus pés correm para o mal”* (Is 59,7). Por conseguinte, os olhos não se ensoberbeçam,

orgulhosos diante dos pés, nem os pés invejem os olhos. Em caso contrário, tolhida a função que lhe é peculiar, cada qual perde a própria beleza. E com razão. Diz-se: Quem arma ciladas ao próximo, a si mesmo as prepara em primeiro lugar. Se, portanto, os pés, precisando de uma saída, não quiserem levar a cabeça, causam a própria ruína, por imobilidade e preguiça. E se a cabeça não quiser providenciar coisa alguma em favor dos pés, primeiro lesa a si própria. Ora, não devem ser arrogantes uns contra os outros. É a ordem natural. Mas, por que um homem não deve orgulhar-se diante de outro? Ninguém se ensoberbece diante dos anjos, porque nem eles perante os arcanjos. Nem os irracionais podem presumir a algo mais do que eu. Onde a natureza é igual em honra, e iguais os dons, e nenhum tem mais do que o outro, por que ter arrogância? No entanto, não debes por isso enaltecer-te contra o próximo. Pois, se todos os bens são comuns, e um não possui mais do que o outro, de onde virá a arrogância? Somos participantes de idêntica natureza, de modo semelhante possuímos alma e corpo, respiramos o mesmo ar, tomamos os mesmos alimentos; de onde se origina o orgulho? Ora, é possível ser suficiente para provocar ufania superar em virtude as potestades incorpóreas. Ou melhor, não seria ufania. Eu, de fato, contra o demônio com razão me exalto e muito. Vê de que modo Paulo também muito se enaltecia contra o demônio. Quando o demônio referia a seu respeito feitos grandes e admiráveis, tapou-lhe a boca, e impediu o adulator de falar. Pois, quando a “jovem escrava, que tinha um espírito de adivinhação” clamava: “Esses homens são servos do Deus Altíssimo, que vos anunciam o caminho da salvação” (At 16,17), repreendendo-a severamente, fechou-lhe a boca impudente. E ainda em outra passagem escreveu: “Deus não tardará em esmagar Satanás debaixo de vossos pés” (Rm 16, 20). Acaso a diversidade de natureza ocasionou alguma diferença?

Vês que para nada serve a diferença de natureza, e sim a livre decisão? São, portanto, pela livre decisão os piores. Contra o anjo, porém, replicas, não me revolto; pois entre nós há grande distância. Ora, não debes insurgir-te mais contra um homem do que contra um anjo. Com efeito, o anjo dista de ti pela natureza. Não é louvor, nem vício para ele. O homem, na realidade, não dista de outro homem pela natureza, mas por sua opção; e existem também anjos entre os homens. Por conseguinte, se não te insurges contra os anjos, muito menos debes fazê-lo contra os homens, que, possuindo tal natureza, se tornaram anjos. De fato, se o homem virtuoso se fez qual um anjo, é muito maior do que ele. Por que motivo? Porque o que o anjo é por natureza, ele o realiza, procedendo retamente por opção. E porque o anjo está distante de ti e habita no céu e o homem convive contigo e oferece-te oportunidade de emulação. Acha-se muito mais distante do que aquele. “A nossa cidade está nos céus” (Fl 3,20). Escuta onde está sentado, a saber, no trono real, aquele que é a Cabeça de quem se encontra mais longe. Quanto mais distante de nós se acha o trono, tanto está ele. Mas vejo-o, replicas, gozando de honrarias, e sinto inveja. É o que revoluciona tudo, não apenas o orbe, mas enche a Igreja de tumulto. E como um vento contrário, forte e violento, que irromper num porto tranquilo fá-lo mais perigoso do que um rochedo ou istmo, assim a ambição da glória se invadir, tudo derruba e revoluciona.

Muitas vezes presenciastes conflagrações nas grandes casas. Vistes como a fumaça sobe às alturas, ninguém se aproxima para extinguir o incêndio, e enquanto cada qual cuida do que é seu, o fogo tranquilamente devora tudo. Muitas vezes, na verdade, toda a cidade está ao redor, cercam muitos, mas em vez de companheiros na luta e ajudantes, são apenas espectadores do desastre. Constatase que os circunstantes nada fazem, mas cada qual estende a mão, mostrando ao recém-vindo o lugar, ou através de uma janela uma labareda sempre a saltar, ou as traves que caem, ou todos os muros de arrimo arrancados, ruindo por terra. Muitos, porém, audazes e precipitados em enfrentar perigos, ousam aproximar-se do edifício a arder, não para estender as mãos e extinguir o fogo, mas por ser espetáculo mais agradável olhar de perto o que muitas vezes está oculto aos de fora. Ao se tratar de um palácio esplêndido e grande, é evidentemente infeliz espetáculo, digno de abundantes lágrimas. E

na verdade, é triste contemplar os capitéis das colunas reduzidos a cinzas, muitas delas quebradas, umas pela ação do fogo, outras muitas vezes retiradas pelas mãos dos que as edificaram, para não fomentarem o fogo. Veem-se também as estátuas repletas de ornamentos sob o teto, descobertas, uma vez arrebatado o teto, e com grande deformidade eretas ao relento. Quem computaria as riquezas depositadas no interior: vestes áureas, vasos de prata? E onde só penetravam o senhor e a esposa, tesouro oculto de muitas vestes, aromas e preciosas gemas, viram-no tanto os serventes do balneário, os lixeiros e os fugitivos etc. transformado numa só fogueira; enfim de tudo o que lá se encontrava só restavam água, fogo, barro, poeira e tições.

Mas, por que estender-me longamente sobre esta imagem? Não quero apenas descrever o incêndio de uma casa. O que me importa? Mas tenciono colocar diante de vossos olhos, à medida do possível, as tribulações da Igreja. De fato, um incêndio ou raio cai do céu, irrompe sobre o teto da Igreja, e ninguém se abala; mas enquanto arde a casa paterna, insensíveis dormimos profundamente. Aonde o fogo não atingiu? A quantas estátuas da Igreja? A Igreja nada mais é do que o edifício composto de nossas almas. Esta casa, contudo, não é toda de igual valor, mas das pedras que entram na sua construção, umas são esplêndidas e brilhantes, outras inferiores e mais escuras, mas muito melhores do que as outras. Delas muitas fazem as vezes do ouro, diria, do ouro que orna o teto. Há outras que ornamentam quais estátuas, muitas parecem colunas erguidas. Costuma-se chamar de colunas não somente os homens fortes, mas também os que pela beleza servem de ornamento, tendo capitéis dourados. Vê-se também uma quantidade, que ocupa grande espaço e pelo tamanho são o sustentáculo do edifício. Grande número constitui as pedras com as quais se edificam as paredes.

Vamos tratar agora de uma imagem mais brilhante. Esta Igreja não é edificada de pedras, mas de ouro, prata e pedras preciosas, e há bastante ouro por toda parte. Mas, que lástima! A tirania da vanglória tudo queima, esta chama tudo devora, e ninguém a domina. Ficamos, contudo, parados, admirados, incapazes de extinguir o fogo. Se o extinguirmos por breve tempo, depois de dois ou três dias, das cinzas surge uma chispa que consome tudo e a tudo põe termo. Assim também aqui acontece o que é habitual num incêndio. A causa é que perdemos os sustentáculos das colunas da Igreja, apoio do teto, que antes escoravam todo o edifício, e que o fogo cercou. Por isso, foi fácil a propagação às outras paredes. Com efeito, nos edifícios, quando a madeira é tomada, o fogo tem mais força contra as pedras; quando, porém, as colunas ruírem e forem jogadas ao chão, não há necessidade de acréscimo de chamas para consumir o restante. De fato, quando caem as colunas que sustentam e apoiam a parte superior, automaticamente as outras as acompanham. Assim também agora é costumeiro na Igreja. O fogo toma tudo. Procuramos honras da parte dos homens e é ardente a ambição da glória. Não escutamos a Jó: “Se ocultei meu delito involuntário por temor diante da gritaria da multidão” (cf. Jó 31,34). Viste a alma virtuosa? Não me envergonhei, diz ele, de confessar os pecados involuntários diante da multidão. Se ele não se envergonhou, muito mais devemos nós fazê-lo. “Enumera primeiro as tuas iniquidades, a fim de seres justificado” (Is 43,26). Grande foi a intensidade deste mal; tudo revolvido e evanescente. Abandonamos a Deus e nos tornamos escravos das honrarias. Não mais podemos censurar os nossos súditos, porque sujeitos a febre idêntica. E precisamos também do tratamento que Deus estabeleceu para curarmos o próximo. Que esperança de salvação resta se os que tratam dos outros precisam de socorro? Não o disse sem motivo, nem me queixei em vão, mas escolhi por escopo que todos em comum, conjuntamente com as mulheres e os filhos, apliquemo-nos ao jejum, recobertos de cinzas e revestidos de saco. Roguemos a Deus que nos estenda a mão e extinga o mal. Precisamos, de fato, de sua mão, grande e admirável. Precisamos fazer mais do que os ninivitas: “Ainda três dias, e Nínive será destruída” (Jn 3,4), diz o profeta. Terrível anúncio e repleto de ameaças! Como não seria horrível esperar que após três dias a cidade tornar-se-ia um cemitério, e

pereceriam todos por um só gênero de suplício? Se acontecesse numa só ocasião, em determinada casa, que morressem dois filhos, seria aflição intolerável; e se Jó julgou sobretudo insuportável ter o teto caído em cima de todos os seus filhos, que deste modo morreram, o que seria ver, não em uma só casa, nem apenas dois filhos, mas um povo de cento e vinte mil sepultado sob os tetos? Sabeis que é terrível. Pois recentemente fomos advertidos, não pela voz de um profeta (não somos dignos de ouvir tal voz), mas por uma espécie de trombeta,² de uma temível ameaça vinda do alto. Foi dito: “Ainda três dias, e Nínive será destruída”. É na realidade terrível ameaça. Na situação atual, porém, nada de semelhante. Não: “Ainda três dias”, nem “Nínive será destruída”, mas há muitos dias que em toda a terra a Igreja está arruinada e jaz por terra, todos foram igualmente atingidos, mais, porém, aqueles cuja função é reger. Daí também ser mais grave o mal, porque estão mais expostos. Não vos admireis que tenha vos persuadido a fazer mais do que os ninivitas. Ou melhor, não somente apregoo um jejum, mas indico o medicamento que levantou aquela cidade prestes a cair. Qual? “E Deus viu as suas obras: que eles se converteram de seu caminho perverso, e Deus arrependeu-se do mal que ameaçara fazer-lhes e não fez” (Jn 3,10). Pratiquemos o mesmo também nós e vós. Renunciemos ao amor das riquezas, da glória, rogando a Deus que estenda a mão, que reerga os membros caídos. E não precisaremos recear os mesmos males. Então iriam cair as pedras e o madeiramento, e os corpos perderiam a vida; agora nada disso, mas as almas haverão de ser entregues ao fogo da geena. Roguemos, confessemos os pecados passados, oremos para evitar os futuros, a fim de sermos dignos, libertados desta fera cruel e desumana, de dar graças a Deus benigno, o Pai, ao qual com o Filho, na unidade do Espírito Santo glória, poder e honra, agora e para sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA PRIMEIRA HOMILIA

- 4. Há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação com que fostes chamados;*
- 5. há um só Senhor, uma só fé, um só batismo;*
- 6. há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos.*
- 7. Mas a cada um de nós foi dada a graça pela medida do dom de Cristo,*

Paulo reclama de nós a caridade, não de qualquer espécie, mas a que nos congrega, e faz com que sejamos inseparáveis uns dos outros, e representativa de união tão grande e tão exata quanto a existente entre os membros de um corpo, e que opera grandes bens. Por isso diz: “*Há um só corpo*”, pelo consenso e porque não cobiçamos os bens alheios, mas nos alegramos com eles. E mostrando-o simultaneamente, diz muito bem: “*E um só espírito*”, pois um só corpo possui um só espírito. Ou porque é possível estar num só corpo mas não possuir um só espírito. Por exemplo, se alguém é amigo de hereges. Ou para que se procure a concórdia, declarando: Recebeste um só espírito, e bebestes de uma só fonte, não deveis dissentir. Ou aqui denomina espírito a prontidão de ânimo. Em seguida, acrescentando: “*Assim como é uma só a esperança da vocação com que fostes chamados*”. Isto é, Deus vos chamou a uma só vocação, sem dar a uma coisa alguma a mais do que a outro. Deu a todos a imortalidade, a todos a vida eterna, a todas a glória imortal, a todos a fraternidade, a todos a herança. A Cabeça é comum a todos, a todos ressuscitou com ele, e fez sentar-se junto dele. Vós, portanto, que tendes acerca das realidades espirituais tal igualdade de honra, de onde vem que vós exaltaís? Porque este é rico, aquele é forte? E não seria ridículo? Pois, dize-me, se o imperador receber dez homens, revestir a todos de púrpura, mandar assentarem-se no trono real, e der a todos igual dignidade, ousará

alguém exprobrar a algum deles, porque é mais rico ou mais ilustre? De modo algum. E ainda não disse tudo, pois o critério não é tal. Acaso nos céus somos iguais, e embaixo diferimos? *“Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo.”* Eis a esperança da vocação. *“Há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos.”* Por acaso não foste chamado tu que és superior, e ele inferior? Tu, na verdade, foste salvo pela fé, ele pelas obras? A ti o pecado foi perdoado pelo batismo e a ele não? Vamos. *“Há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos.”* *“Sobre todos”*, isto é, superior a todos. *“Por meio de todos”*, providenciando, administrando. *“E em todos vós”*, em todos habita. Ora, diz-se que seria próprio do Filho; se constituísse diminuição, não seria dito a respeito do Pai. *“Mas a cada um de nós foi dada a graça.”* Mas, por que, de onde vêm os diversos carismas? Isto levava sempre a eles e aos coríntios e a muitos outros, uns à arrogância, outros à tristeza e à inveja. Por isso, assume sempre o exemplo do corpo, e aqui apresenta o mesmo, porque ia rememorar os diversos carismas. Mas elabora mais exatamente este assunto na Epístola aos Coríntios, porque ali esta moléstia exercia especialmente a tirania; aqui apenas o insinua. Vê, porém, o que diz. Não declarou: Segundo a fé de cada um, para não angustia-los, porque não terem conseguido o que era sublime. Mas, o quê? *“Pela medida do dom de Cristo.”* As realidades que ocupam o lugar principal são comuns a todos: o batismo, a salvação pela fé, ter a Deus por Pai, ser participantes do mesmo Espírito. Não lastimes por ter alguém um carisma a mais, porque será maior o labor. Do que recebera cinco talentos exigia-se cinco; no entanto, o que recebera dois trouxe apenas dois, e não terá menos do que aquele. Pela mesma razão, consola o ouvinte. *“Para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo”* (Ef 4,12). Por isso, o Apóstolo dizia: *“Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!”* (1Cor 9,16) porque havia recebido tal carisma do apostolado. Por ter recebido exclama: *“Ai”*. Tu, porém, escapaste do perigo. *“Pela medida.”* O que significa: *“Pela medida”*? Não por nossos méritos; do contrário, ninguém receberia quanto recebeu; mas recebemos todos em doação.

Por que um recebeu mais, outro menos? Não importa, é indiferente. Cada qual contribui para a edificação. E assim mostra que não provém dos méritos que um receba mais, outro menos, mas a dívida é sob medida, por causa do próximo. Com efeito, ele diz noutra passagem: *“Mas Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade”* (ib. 12,18). Não declara o motivo, para não desanimar o ouvinte. Por isso diz:

8. Tendo subido às alturas, levou cativo o cativo, deu dons aos homens.

Isto é, por que te exaltas? Tudo provém de Deus. O profeta, com efeito, diz no salmo: *“Recebestes homens em tributo”* (Sl 67,19). Ele próprio, contudo, disse: *“Deu dons aos homens”*. São coisas iguais. É semelhante também ao seguinte:

9. Que significa “subiu”, senão que ele também desceu às profundezas da terra?

10. O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de preencher todas as coisas.

Ouvindo isto, não julgues tratar-se de alteração. Neste trecho confirma o que assegurou na Carta aos Filipenses (Fl 2,7). Nesta exortando à humildade, apresenta o Cristo. Em nosso trecho ao declarar: *“Ele também desceu às profundezas da terra”*. Se assim não fosse, seria supérflua a asserção: *“Foi obediente até a morte”* (ib. 8). Pelo fato de que subiu, insinua a descida. Chama de *“Profundezas da terra”* à morte, segundo o parecer dos homens e conforme dizia Jacó: *“Na aflição faríeis descer minhas cãs ao Cheol”* (Gn 44,29); e de novo no salmo: *“Eu ficaria como os que baixam à cova”* (Sl 143,7), isto é, os mortos. Por que neste trecho trata deste assunto? A que cativo se refere? Ao cativo do diabo. Recebeu cativo o tirano, a saber, o diabo e a morte, a abominação e o pecado. Vês as presas e os espólios? *“O que desceu é também o que subiu”*. É contradição aos sequazes de Paulo de

Samósata. “O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de preencher todas as coisas.” Desceu às profundezas da terra, e não existem outras além; subiu acima de tudo, e além nada existe. Tal é sua eficácia e predomínio. Tais feitos se consumaram outrora.

11. *E ele é que concedeu a uns ser apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e mestres,*

12. *para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo,*

Assevera em outra passagem: “Por isso Deus o sobreexaltou” (Fl 2,9) e assegura o mesmo aqui: “O que desceu é também o que subiu”. Em nada o prejudicou o fato de ter descido às profundezas da terra, nem impediu que subisse acima dos céus. Por este motivo quanto mais humilde, tanto mais é exaltado. Na água, quanto mais alguém se abaixa tanto mais se eleva, e quanto demais longe se projeta, tanto mais consegue; assim também relativamente à humildade. Ao se falar em elevação para Deus, primeiro é necessário pensar em descida; relativamente ao homem, não. Em seguida, o Apóstolo revela também a providencia e sabedoria de Deus: Quem tanto operou, tanto pôde e não recusou por nossa causa descer às profundezas da terra, não distribuiria os carismas de qualquer forma. Em outro lugar, porém, diz que foi o Espírito quem atuou, nos seguintes termos: “O Espírito Santo vos estabeleceu guardas para apascentar a Igreja de Deus” (At 20,28). Aqui se refere ao Filho; em outro lugar, a Deus. E ainda: “E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas” (1Cor 12,28). Na Epístola aos Coríntios diz: “Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer”; e ainda: “Aquele que planta e aquele que rega são iguais entre si; mas cada um receberá o salário próprio, segundo a medida do seu trabalho” (ib. 3,6.8). É idêntico o que acontece aqui. Como será se ofereceres menos? Tanto receberás. “Em primeiro lugar, apóstolos.” Eles tinham tudo. “Em segundo lugar, profetas.” Uns não eram apóstolos, mas eram profetas, como Agabo. “Em terceiro lugar, evangelistas”, que não visitavam todas as regiões, mas só evangelizavam, como Priscilla e Áquila. “Pastores e doutores”, aos quais os povos eram confiados. Como? Eram pastores e doutores inferiores? Mais do que os que percorriam as regiões e evangelizavam, eram os que se fixavam e estavam ocupados num só lugar, como Timóteo e Tito. Aliás, por este trecho não se pode determinar sujeição e preeminência, e sim através de outra epístola. “Foi ele que concedeu”, não contradigas. Ou denomina evangelistas aqueles que escreveram o evangelho. “Para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo”.

Viste as funções? Cada um edifica, cada um termina, cada um ministra.

13. *até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de homem perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo.*

Denomina aqui idade perfeita o conhecimento. O adulto fica de pé firme e estável, as crianças, porém, são versáteis; igualmente entre os fiéis. “A unidade da fé”, isto é, até que se manifeste que todos temos uma só fé. Há unidade da fé quando todos nós somos um só, quando simultaneamente todos reconhecemos a união. Até então deves trabalhar, se recebeste o carisma de edificar o próximo. Cuida de não te arruinares, invejando um outro. Deus te honrou e existia para isso, o profeta para profetizar e persuadir, o evangelista para evangelizar, e o pastor e o doutor. A todos se confiara uma só incumbência. Não me fales de diferença de carismas; todos tinham uma só obra. De fato, se é idêntico o que acreditamos, há unidade. Por isso, é evidente que declara perfeito tal homem. Ora, noutra passagem ele nos chama de crianças, embora fôssemos perfeitos, mas em outra perspectiva. Ali nos denomina crianças em razão do conhecimento futuro. Tendo dito: “O nosso conhecimento é limitado”, acrescenta: “Confusamente” etc. (cf. 1Cor 13,9.12). Aqui se exprime, olhando para outro lado, a saber, à fácil queda, conforme afirma noutra passagem: “Os adultos, porém, recebam o

alimento sólido” (Hb 5,14). Vês que ali dá o nome de perfeitos? Vê que os denomina perfeitos aqui, através do que se segue:

14. Assim, não seremos mais crianças,

É a medida, para o pouco que recebemos a fim de o acolhermos com muito zelo, firme e estavelmente. “Assim, não seremos mais”. O termo: “Mais” indica que antes assim eram, e colocou-se a si mesmo no lugar da correção e se corrigiu. Por isso disse: Tantos foram os operários para que o edifício não se abalasse, nem ruísse, para que as pedras ficassem firmes. É peculiaridade deles ser “*joguetes das ondas, agitados pelo vento*”, sacudidos. “Assim, não seremos mais crianças,” agitadas por todo vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e da sua astúcia que nos induz ao erro.

“Agitadas por todo vento.” Continua a metáfora, expondo em que perigo se encontram as almas hesitantes. “Agitadas por todo vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e da sua astúcia que nos induz ao erro.” São denominados *κυβευται*, jogadores, os que empregam tais meios. Tais são os ardilosos, que enganam os mais simples. Eles tudo mudam e transferem. Aqui, atinge-se também a vida.

15. Mas pela prática sincera da caridade, cresceremos em tudo em direção àquele que é a Cabeça, Cristo,

16. cujo Corpo (de Cristo), em sua inteireza, bem ajustado e unido por meio de toda junta e ligadura, com a operação harmoniosa de cada uma das suas partes, realiza o seu crescimento para a sua própria edificação na caridade.

Expressou-se de maneira tão obscura porque queria dizer tudo de uma vez. O significado é o seguinte: O impulso vital que parte do cérebro, não dá absolutamente a todos a faculdade de sentir, através dos nervos, mas à proporção de cada membro, mais recebe o mais potente, menos o que é menos (a raiz é o impulso).

Assim também acontece com Cristo. Sua providência e concessão dos carismas às almas, membros dele dependentes, na devida proporção, faz progredir cada membro. O que significa: “*Por meio de toda juntura e ligadura*”? Pela sensibilidade. O impulso vital que a cabeça confere aos membros, opera tocando a cada um. Seria como se alguém dissesse: O corpo, ao receber o impulso, de acordo com a proporção dos membros, fá-los crescer. Ou de outro modo: Os membros nele, na devida proporção, recebem o impulso e crescem. Ou ainda: Aos membros, com superabundância o impulso vindo de cima afluí, e tocando a todos, a cada um confere o que pode receber e ele assim cresce. Por que acrescentou: “*Na caridade*”? De outra forma não vem o influxo. Por exemplo, se acontecer que a mão seja amputada, o impulso vital que procede do cérebro procura a ligação e uma vez que não a encontra, não sai do corpo e o traspassa para se achegar à mão, mas se não a encontrar ligada, não a atinge; assim também sucede conosco se não estivermos unidos pela caridade.

Ele proferiu tudo isso para exortar à humildade. O que importa se este ou aquele recebeu mais? Recebeu o mesmo influxo emitido pela cabeça, que opera de modo semelhante, que de modo semelhante toca. “*Com a operação harmoniosa de cada uma das suas partes*”, isto é, com imenso cuidado. Não de qualquer forma, mas com muita arte deve estar disposta no corpo; pois, se sair do lugar, não está bem colocada. Por isso importa não somente estar unida ao corpo, mas também manter-se em seu próprio lugar. Se exorbitar, não está unida, nem recebe o impulso. Não vê numa fortuita deslocação de ossos, se o osso sai de seu lugar e toma outra localização lesa o corpo todo, às vezes causa a morte, e acontece que não raro não pode ser conservado? Muitos foram extraídos, e deixaram um vácuo. A exorbitância é sempre um mal. Igualmente se os elementos ultrapassam a simetria conveniente provocam dano completo. Eis o significado da expressão: “*Bem ajustado e unido*”. Por esta razão, pondera a importância de permanecer cada qual em seu lugar, sem inconveniente excesso contra um outro. Tu compões os membros; ele do alto auxilia. Como no corpo

há órgãos aptos a receber, assim acontece relativamente ao impulso, porque no alto se encontra a raiz de todos: o coração é a raiz da circulação, o fígado do sangue, o baço da bÍlis etc.; igualmente a causa de tudo isso está no cérebro. Deus fez o mesmo, honrando muito o homem sem se apartar dele, porque determinou fosse a causa dependente dele e estabeleceu-o seu auxiliar; e a um isto, a outro aquilo. Por exemplo, o apóstolo é o órgão mais importante de todo o corpo e dele todos recebem. Por isso, por determinadas veias e artérias, a palavra faz a vida eterna fluir para todos. O profeta prediz o futuro, e o prepara. Ele dispõe os ossos; Deus lhes dá vida. *“Para aperfeiçoar os santos em vista do ministério.”* A caridade edifica e faz com que eles se unam entre si, congreguem-se, conglutinem-se. Se queremos, portanto, fruir do influxo que procede da Cabeça, devemos aderir uns aos outros. Com efeito, há duas espécies de divisão do corpo eclesiástico. Uma, quando a caridade se esfria; a segunda, porém, se ousamos cometer atos que nos tornam indignos do corpo. De ambos os modos nos separamos daquela plenitude. Se nos foi confiada a tarefa de edificar o próximo, não edificarmos, mas formos os primeiros a dividir, o que não sofreremos? Nada tanto divide a Igreja como a ambição do poder. Nada irrita tanto a Deus quanto o cisma na Igreja. Mesmo que tenhamos praticado inúmeras boas obras, se dilaceramos a Igreja em seu todo, não padeceremos de penas menores do que os que dividem seu corpo. De fato, as primeiras foram feitas para o lucro de toda a terra, embora não com esta intenção; a divisão não tem utilidade em parte alguma, mas prejudica muito. Não foram somente chefes que o enunciaram, mas também súditos. Disse-me um santo homem algo que parece muito audacioso, no entanto disse. O que foi? Declarou que nem o sangue do mártir apaga este pecado. Dize-me. Por que és martirizado? Por causa da glória de Cristo? Deste a vida por Cristo, por que devastas a Igreja, pela qual Cristo deu a sua? Ouve as palavras de Paulo: “Nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus” (1Cor 15,9), e a devastei. Não constitui dano menor do que o infligido pelos inimigos, mas muito maior. Efetivamente, o deles fez com que ela se tornasse mais ilustre; quando, porém, seus filhos a atacam, até entre os inimigos, se cobre de opróbrio. Parece-lhes ser grande indício de impostura o fato de que os que nela nasceram e foram educados, conheceram exatamente os seus mistérios, de repente mudaram e se portaram quais inimigos.

Proferi essas coisas contra os que aderem sem discriminação aos que dividem a Igreja. Pois, se têm doutrinas contrárias, ao menos por isso não convinha misturar-se com eles; se, ao invés, pensam da mesma forma, ainda mais. Por quê? Porque se trata da moléstia da ambição do poder. Não conheceis a espécie de submersão de Coré, Datã e Abiram? Foram eles somente? E não igualmente os que estavam em sua companhia? O que dizes? A fé é uma só, são ortodoxos? Por que então não ficam conosco? *“Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo.”* Se entre eles tudo vai bem, entre nós vai mal; se entre nós tudo vai bem, entre eles vai mal. *“Crianças, joguetes das ondas, agitadas por todo vento.”* Julgas suficiente, pergunto, afirmarem que são ortodoxos, mas a ordenação foi perdida e desapareceu? E qual o proveito do restante, se ela não for correta? Por ela tanto devemos lutar quanto relativamente à fé. Se for lícito a qualquer um para se tornarem sacerdotes “encher as mãos”, segundo diziam os antigos, venham todos. Em vão se levanta este altar, em vão se completa a assembleia da Igreja, em vão o número dos sacerdotes. Retiremos tudo e destruamos. De modo algum, respondereis. Vós assim procedeis e dizeis: De modo algum? Por que dizeis: De modo algum, se o fazeis? Afirmo e atesto, sem considerar meus interesses, e sim a vossa salvação. Se alguém discordar, veja ele próprio. Se alguém não tem esta preocupação, nós a temos: “Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer” (1Cor 3,6). Como suportaremos a zombaria dos pagãos? Se nos incriminam por causa das heresias, o que não dirão a respeito disso? Se os dogmas são os mesmos, se idênticos os mistérios, por que motivo um chefe estranho se introduziu noutra Igreja? Vede, replicam, que o ambiente todo dos cristãos está cheio de vanglória? Quanta ambição de poder, impostura? Tira-lhes a multidão, dizem

eles, cura a doença, e a corrupção da turba, e nada resta. Queres que repita o que dizem de nossa cidade? Como nos censuram a grande futilidade? Quem quiser, dizem eles, pode encontrar os que se deixam persuadir e não duvidam; nunca faltarão. Coisa ridícula! Que vergonha! Mas, uma coisa é o ridículo e outra, a ignomínia. Se for comprovado que alguns dos nossos são culpados de ação muito torpe e estão para ser castigados, o tremor é grande, e em toda parte é imenso o pavor: Não escape, não passe para os adversários. Mil vezes escape um tal e passe para o lado deles, não digo, dos pecadores. Mas, se não for pecador e quiser mudar, que mude. Eu, na verdade, sinto, choro, lamento, fica esmagado meu coração porque perdi meu próprio membro; mas não sofro a ponto de ser forçado a praticar por medo ações inconvenientes.

Não queremos nos impor à vossa fé, caríssimos, nem ordenamos à maneira de um déspota. Presidimos ao ensino da palavra. Não temos o mandato de um presidente, nem autoridade; antes exortamos qual conselheiro. O conselheiro dá seu parecer, sem se impor ao ouvinte, mas deixa ao arbítrio deste a opção. Será culpado apenas se não falar segundo conhece. Por isso proferimos estas palavras, assim falamos, a fim de que naquele dia não vos seja lícito dizer: Ninguém no-lo disse, ninguém explicou, ignorávamos, não pensávamos que fosse pecado. Por isso digo, protesto, que dividir a Igreja não é pecado menor do que cair em heresia. Dize-me. Se o súdito de um rei não passar para o partido de um outro, nem se aliar a rei estrangeiro, mas tendo recebido e usado a púrpura, rasgá-la, abrir o agrafe e depô-la, reduzi-la a fragmentos, não será menos punido do que aqueles que passaram para o outro lado? E se, além disso, agarrar o rei pelo pescoço, assassiná-lo e esquartejar-lhe o corpo, que castigo não merecerá? Se, porém, quem assim agiu contra seu rei – servo igualmente –, padecerá as maiores penas, que castigo na geena não merecerá quem a Cristo sufoca e o esquarteja? Apenas segundo as ameaças? Não creio, mas julgo que será muito pior.

Dizei vós, mulheres presentes (pois em grande parte é delito das mulheres), narraí às ausentes este exemplo, atemorizai-as. Se alguns quiserem nos entristecer e assim se vingar, saibam que é inútil este procedimento. Pois, se queres te vingar, ensino-te o modo pelo qual sem prejuízo podes te vingar; ou antes, se não é sem dano que alguém se vinga, seja ao menos com menor prejuízo: Esbofeteie-me, escarre em público, inflija feridas.

Estremeces ao ouvir isso? Estremeces se digo: Esbofeteie-me. E não estremeces por dilacerares o Senhor? Dilaceras os membros do Senhor e não tremes? A Igreja é a casa paterna. É um só Corpo e um só Espírito. Mas queres te vingar de mim? Detém-te na minha pessoa. Por que em vez de mim te vingas em Cristo? Ou antes, porque recalцитras contra o agulhão (cf. At 26,14)? Ora, vingar-se nunca é bom. Um injuria e o outro se encoleriza. É muito mais grave. Nós te injuriamos? Por que és molesto ao que não te injuriou? Seria extrema loucura. Não é ironia o que vou dizer, nem inútil, mas assim penso e sinto. Preferia que qualquer um dos que convosco estão aborrecidos conosco e prejudicam-se a si mesmos por este aborrecimento, partindo para outro lado, nos batesse na face, e despidos nos flagelasse, quer nos acusasse com razão ou injustamente, e antes despejasse sua ira contra nós a ousar o que agora ousam fazer. Se isso acontecesse, não teria importância que um homem vil e insignificante sofresse desta forma. Aliás, se eu fosse injuriado e ultrajado, suplicaria a Deus, e ele perdoaria vossos pecados. Não quero dizer que goze de tamanha confiança junto de Deus, mas porque o injuriado que roga pelo injuriador dispõe de grande crédito. “Se um homem comete uma falta contra outro homem... quem intercederá por ele?” (1Sm 2,25). Se eu, porém, não o pudesse, procuraria outros santos e pediria que intercedessem. Mas, a quem invocaremos, se ofendemos a Deus? Vê a anormalidade! Os que estão nesta igreja, uns, de fato, ou jamais comparecem aqui, ou uma vez por ano, e de qualquer modo e em vão; outros, contudo, se congregam, mas ainda de qualquer forma e inutilmente, conversando e tratando de bagatelas; outros, porém, que parecem zelosos, são os autores

desta tribulação. Se, portanto, vós por isso empregais diligência, melhor seria colocar-vos entre os negligentes; ou antes, seria mais conveniente que nem eles fossem negligentes, nem vós. Não me dirijo aos presentes, mas aos que nos abandonaram. Tratar-se-ia de um adultério. Se, portanto, não admitis ouvir isso a respeito deles, nem de nós; pois dos dois casos um teria de ser fora da lei. Se suspeitais isto de nós, estamos prontos a ceder o ofício de reger a quem quiserdes, contanto que a Igreja permaneça uma só. Se, porém, fomos estabelecidos legitimamente, concordai em que sejam depostos os que se apossaram da sede ilegalmente. Assim me expressei, não dando uma ordem, mas a fim de vos certificar e munir de segurança. Todos já têm idade, e prestarão contas do que aconteceu. Suplico-vos que não jogueis toda responsabilidade sobre nós, pensando que não sereis responsáveis, para não vos queixardes em vão de que fostes enganados. Prestaremos contas por vossas almas, mas se nos omitirmos, não rogarmos, não admoestarmos, não protestarmos. Em consequência, permiti que eu também diga: “Sou inocente do sangue de todos” (At 20,26), e: “Deus me libertará” (2Tm4,18). Dizei o que quiserdes, que é a justa causa por que vos afastais e eu responderei. Mas não podeis dizer. Exorto-vos a ficardes firmes e vos empenhardes em reconduzir aqueles que se apartaram, a fim de unânimes darmos graças a Deus. Ao qual seja dada glória nos séculos. Amém.

DÉCIMA SEGUNDA HOMILIA

A vida nova em Cristo

17. Isto, portanto, digo e no Senhor testifico. Não andeis mais como andam os gentios, na futilidade dos seus pensamentos, com entendimento entenebrecido,

Compete aos mestres instruir e orientar os espíritos dos discípulos, não apenas aconselhando e corrigindo, mas também atemorizando e entregando a Deus. Com efeito, visto que as palavras dos homens, enquanto colegas de serviço, não basta para comover a alma, é preciso entregar ao Senhor o restante. Eis o que Paulo faz aqui. De fato, havendo dissertado a respeito da humildade e da unidade, e que não deve um exaltar-se contra outro, escuta como se exprime: “*Isto, portanto, digo e no Senhor testifico. Não andeis mais como andam os gentios*”. Não disse: Não andeis mais como andastes, porque seria expressão ferina, mas deu a entender, apresentando exemplo de outros. Assim procedia ao escrever aos tessalonicenses: “Sem se deixar levar pelas paixões, como os demais gentios” (1Ts 4,5). Discordais de suas opiniões. Mas isso vem totalmente de Deus. Eu, porém, reclamo o que deveis prestar: a vida e um comportamento digno de Deus; é vosso dever. Chamo a Deus por testemunha do que disse, porque não omiti, mas disse como deveis andar. “*Na futilidade dos seus pensamentos.*” O que significa: “*Na futilidade dos seus pensamentos*”? Entregar-se a futilidades. Quais, a não ser os bens presentes, a respeito dos quais diz o Eclesiastes: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl 1,2)? Mas dirá alguém: Se são vãs e vaidades, para que fim foram criadas? Se são obras de Deus, como são vãs? Fala-se muito sobre este assunto. Mas escuta, caríssimo. Não se diz que as obras de Deus são vãs, absolutamente. O céu não é vão, nem a terra é vã. Absolutamente. Nem o sol, a lua, os astros, o nosso corpo. Todos são muito bons. Mas o que é vão? Escutemos o próprio Eclesiastes: “Plantei vinhedos. Escolhi cantores e cantoras. Construí reservatórios de água. Possuía rebanhos de vacas e ovelhas. Acumulei também prata e ouro. E eis que tudo era vaidade” (Ecl 2,3ss); e mais uma vez: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade”. Ouve também o profeta: “Amontoa e ele não sabe quem vai recolhê-las” (Sl 39,7). Por esse motivo são vaidade das vaidades os esplêndidos edifícios, uma quantidade excessiva de ouro, turbas de escravos caminhando soberbamente na praça, o luxo e a vanglória, o orgulho da mente e a arrogância. Todas vaidade, pois não foram criadas por Deus, mas feitas por nós. Por que são vãs? Porque carecem de qualquer finalidade boa.

As riquezas são vãs quando desperdiçadas em prazeres; distribuídas aos pobres não são vãs.

Vejamos qual a sua finalidade quando gastas em prazeres: gordura corporal, vômitos, gases, uma quantidade de excrementos, dores de cabeça, falta de energia, febre e enfraquecimento. Se alguém infunde um líquido num barril furado, trabalha em vão; assim também quem vive no meio de prazeres, quer encher um barril furado. Aliás, diz-se que é vã a expectativa de uma honra que não se realiza. Chama-se também inútil a esperança frustrada, vã. E denominamos vão o que não tem utilidade. Vejamos se as coisas humanas não são tais. “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos” (1Cor 15,32). Dize-me, por favor. Qual o fim? A corrupção. Revistamo-nos, envolvamo-nos de uma veste. Qual o fim? Nenhum. Alguns filósofos gregos refletiram a respeito disso, mas inutilmente. Levaram vida dura por nada, sem utilidade, mas por vanglória e em vista de obter honra da parte de muitos. O que importa ser honrado por muitos? Nada. Pois se morrem os que prestam grandes honras, mais ainda desaparecem as honrarias. Os que prestam honra a um outro, devem primeiro prestá-la a si próprios; se, porém, não a prestam a si mesmos, como a prestará ao próximo? Atualmente, contudo, procuramos honras da parte de infames, de homens vis, abjetos e ignominiosos. Que espécie de honra é esta?

Vês como todas as coisas são vaidade das vaidades? Por isso dizia: “*Na futilidade dos seus pensamentos*”. Mas, a religião deles não é tal? Por quê? Não adoram madeiras e pedras? Deus fez surgir o sol para servir-nos de lâmpada. Quem adora uma lâmpada? O sol nos fornece a luz; mas quando ele não a irradia, a lâmpada pode fornecer; por que, então, não adoras a lâmpada? Certamente, replica, adoro o fogo. Ó coisa ridícula! É tão torpe, vergonhosa e não sentes pudor? Ainda mais. Por que extingues o fogo que adoras? Por que o apagas? Por que apartas o teu deus? Por que não deixas que invada tua casa? Pois se o fogo é um deus, coloca-o em teu corpo, não rebaixes teu deus até o fundo da panela e da bacia. Introduze-o no cofre, nas vestes de seda. Tu, porém, não somente não o introduzes, mas se por acaso entrar, tu o expulsas de toda parte, chamas a todos e como se uma fera a houvesse invadido, choras e gemes, e dizes que é uma imensa infelicidade a presença de teu deus. Eu tenho o meu Deus, e tudo faço para abraçá-lo contra meu peito, e considero uma felicidade não quando visita a minha casa, mas quando o atraio ao meu coração. Tu, igualmente, atraís o fogo ao teu coração. É ridículo, vaidade. O fogo é ótimo para uso, não para adoração; para uma função e serviço, para me servir, não para me dominar. Foi criado por minha causa, não eu para ele. Se adoras o fogo, por que ficas recostado no leito, e ordenas que teu cozinheiro fique perto de teu deus? Ele assume o ofício de cozinheiro, de padeiro, ou se preferes, de ferreiro. Nada, portanto, de mais honroso do que estes ofícios porque teu deus os dirige. Por que consideras opróbrio o ofício com o qual teu deus se relaciona? Por que mandas para lá os escravos, e não te dignas ir, tu mesmo? O fogo é ótimo, porque provém de um ótimo Criador, mas não é deus; é obra de Deus, não se denomina deus. Não vês sua petulância? Quando atinge uma casa, não pára em parte alguma, mas consome o que apreender, e se a mão dos operários ou de outros não extinguir seu furor, não distingue amigos ou inimigos, e procede de igual modo para com todos. Eis vosso deus. Não vos cobre de vergonha? Foi dito muito bem: “*Na futilidade dos seus pensamentos*”. Mas o sol, replica, é deus. Dize-me. De onde e por quê? Porque emite muita luz. Mas não vês que as nuvens o superam, está sujeito às leis da natureza, e a lua e as nuvens o ocultam? Ora, a nuvem, mais fraca que o sol, muitas vezes o domina. Resulta da sabedoria de Deus. Um deus deve ser auto-suficiente; o sol carece de vários elementos, o que não é característica de Deus. Para brilhar precisa do ar, em grau de densidade sutil; pois o raio não o atravessa quando por demais carregado. Precisa da água, ou de elemento que a contenha para não queimar. De fato, se as fontes, os lagos, os rios, os mares e outros conjuntos úmidos não emitissem vapores, nada impediria um incêndio global. Vês, portanto, que não é deus? Que loucura! Ridículo! É deus, replica, porque pode lesar. Ora, por isso não é deus. Porquanto não necessita dos que ele lesa e muito precisa daqueles

aos quais é proveitoso. Longe de Deus, porém, um dano qualquer, enquanto é propriedade sua ser útil. Como seria deus, quem é o oposto? Não vêes que os venenos mortíferos prejudicam e de nada precisam, porém os remédios proveitosos exigem muito? Por tua causa é tal, belo e fraco. Belo para que reconheças o Senhor; fraco para que não digas que é o Senhor. Mas nutre, respondes, as plantas e as sementes. Como? Neste caso então o esterco é deus? De fato, ele também nutre. Por que não acrescentas a foice e as mãos do agricultor? Mostra-me só que o sol nutre, e não precisa nem da terra, nem da água, nem da agricultura, mas ao lançardes as sementes, emite um raio e aparecem as espigas. Se não é obra exclusiva sua, mas inclui as chuvas, por que a água não seria deus? Mas ainda não vamos tratar disso. Por que a terra não seria deus? Por que não o esterco e a enxada? Dize-me. Devemos adorar tudo isso? Ó inépcias! Talvez espigas, plantas etc. brotarão melhor sem o sol do que sem terra e água? De fato, se não houver terra, nada disso aparece. Se, porém, como fazem as crianças e as mulheres, alguém encher de terra e esterco um vaso de flores e colocá-lo sob um telhado, germinam as plantas, embora fracas. Por conseguinte, a terra e o esterco produzem mais e devem ser mais adorados do que o sol, que precisa do céu, do ar, das águas para não prejudicar, qual freio de suas forças selvagens. Não deixam que emita sempre seus raios como um cavalo impetuoso. Dize-me. Onde permanece à noite? Aonde se retirou? Não é próprio de um deus ficar encerrado e limitado; é somente peculiar aos corpos. Mas existe nele certo poder, retrucas, e ele se move. Dize-me. Este poder é deus? Por que ele tem necessidades, e não retém o fogo? Novamente o discurso volta ao mesmo ponto. Em que consiste este poder? Ilumina por si, ou ilumina por meio do sol, sem qualquer participação? O sol, portanto, é maior do que ele. Quando sairemos deste labirinto?

E a água? Não é um deus? – pergunta-se. De novo uma coisa ridícula, sem discussão. Não é um deus, visto que a empregamos para tantas finalidades? E igualmente a terra. De fato, *“futilidade dos seus pensamentos, com entendimento entenebrecido”*! Agora acerca do tipo de vida diz-se o seguinte: Os pagãos admitem a fornicção e o adultério. Certamente, pois, os que imaginam deuses tais, é consentâneo que assim procedam. E se puderem escapar dos olhares humanos, nada os impedirá. O que adianta a dissertação a respeito da ressurreição, se eles a tomam por fábula? E acerca do inferno? Também o consideram mito. Vê o modo de pensar satânico. Quando se lhes diz que os deuses são fornicadores não afirmam que é fábula, mas acreditam; ao se tratar, porém, de suplícios, respondem: São poetas que criam mitos, para arruinar totalmente as agradáveis condições de vida.

Ora, os filósofos encontraram uma explicação séria, melhor do que estas. De que modo? Introduzem o destino, e asseguram que nada é governado pela providência e não é necessário ter preocupações, mas tudo consta de átomos. Mas outros dizem que o corpo é deus. Quais? Dize-me. Os que afirmam que as almas humanas são caninas, e convencem as pessoas de que alguém outrora foi cão, leão ou peixe. Até quando não cessais de estar *“na futilidade dos pensamentos, com entendimento entenebrecido”*? Com efeito, os que se acham nas trevas, tudo fazem e dizem, tanto o que pertence à doutrina quanto à vida. Quem se acha mergulhado em trevas não vê os objetos presentes, mas não raro, se virem um cordão, pensam automaticamente que é uma serpente. Ainda, retido por uma sebe, julga que o prende um demônio ou um homem; e é grande o susto, profunda a perturbação. E têm medo dessas coisas. “Tremerão, sem haver razão de medo” (Sl 53,6). Não receiam o que, com razão, deviam temer. São como crianças levadas pelas amas que de repente metem a mão ousadamente no fogo ou na lâmpada, mas têm medo de um homem vestido de saco. Assim agem os pagãos, crianças realmente, conforme alguns deles afirmaram: “Os gregos, eternas crianças”. Temem o que não é pecado, como a sujeira do corpo, o caixão do morto, o leito, as observâncias dos dias etc., e não dão importância ao que é de fato pecado, a pedofilia, o adultério, a fornicção. Notarás que se lavam pelo contato com um cadáver, não, porém, por causa das obras mortas; empregam muita diligência em prol

das riquezas, e julgam que por um só galo fica resolvida toda disputa, a tal ponto têm o entendimento obscurecido. Seu espírito está repleto de superstições, por exemplo, se este ou aquele vier primeiro ao meu encontro ao sair de casa, certamente acontecerão males incontáveis. Um escravo malvado, ao me dar as sandálias, primeiro oferece a do pé esquerdo: Significa graves infelicidades e opróbrios. Eu mesmo, ao sair, coloquei primeiro o pé esquerdo: Igualmente sinal de infelicidade. E estes são os infortúnios caseiros; tendo saído, meu olho direito fica injetado: Indício de lágrimas. As mulheres, ao tecerem quando as varetas ressoam em choque contra o tear ou quando apertam os pentes, consideram um sinal. Ainda quando os pentes batem na trama e o fazem com mais força, em seguida as varetas superiores pelo intenso golpe dão um estrépito, batendo contra o tear, consideram um sinal. E outras inúmeras e ridículas superstições. E se um asno zurrar e o galo cantar, e se alguém espirar etc., como se estivessem presos com dez mil vínculos, como se diz, como os prisioneiros nas trevas, consideram tudo suspeito, mais servis do que inúmeros escravos. Não façamos o mesmo, mas tendo zombado de tudo isto, porque vivemos na luz, somos cidadãos do céu, e nada temos de comum com a terra, consideremos terrível somente uma coisa, a saber, o pecado e a ofensa a Deus. Se tal não acontecer, zombemos do restante, e do diabo que inflige o sofrimento. Por isso demos graças a Deus. Cuidemos de nunca nos sujeitarmos a esta escravidão. E se um de nossos amigos estiver preso, quebre os vínculos, livremo-lo deste cárcere pesado e ridículo, libertemo-lo a fim de correr para o céu, abramos as asas pesadas; ensinemos-lhe a refletir sobre a vida e a doutrina. Demos graças a Deus por tudo, peçamos-lhe que não nos mostremos indignos do dom recebido; e com isso apliquemo-nos a oferecer o que é nosso, para não só aprendermos a dizer, mas também a fazer. Assim poderemos conseguir bens inumeráveis. Seja-nos dado a todos nós alcançá-lo, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo, glória, império, honra, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA TERCEIRA HOMILIA

17. *Isto, portanto, digo e no Senhor testifico. Não andeis mais como andam os gentios, na futilidade dos seus pensamentos,*

18. *com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela dureza dos seus corações.*

19. *Tendo se tornado insensíveis, entregaram-se à dissolução para praticarem avidamente toda sorte de impureza.*

Estas coisas foram ditas não somente aos efésios, mas agora também a vós, e não por nós, mas igualmente por Paulo, ou melhor, nem por nós, nem por Paulo, mas pela graça do Espírito. Devemos receber como ditas por ele. Escuta, portanto, o que diz: “*Isto, portanto, digo e no Senhor testifico. Não andeis mais como andam os gentios, na futilidade dos seus pensamentos, com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela dureza dos seus corações*”. Se é por ignorância, por dureza, por que incriminais? Com efeito, não é justo sofrer, nem ser acusado aquele que ignora, mas deve aprender o que não sabe. Mas vê como logo os exclui de desculpa. “*Tendo se tornado insensíveis, entregaram-se à dissolução para praticarem avidamente toda sorte de impureza.*”

20. *Vós, porém, não aprendestes isto de Cristo,*

Aqui mostra que o estilo de vida foi a causa da dureza; a vida, porém, vinha da indolência e insensibilidade. “*Tendo se tornado insensíveis, entregaram-se.*” Ao ouvires que Deus os entregou à

sua mente incapaz de julgar (Rm 1,28), lembra-te da afirmação de que eles mesmos se entregaram. Se, pois, eles próprios se entregaram, como Deus os entregou? Se foi Deus quem os entregou, como eles próprios se entregaram? Vês a aparente contradição? “Entregou”, portanto, é o mesmo que permitiu. Vês? Onde a vida não é pura, surgem tais argumentos. “Quem faz o mal odeia a luz e não se aproxima da luz” (Jo 3,20). Poderia receber esta vida o impuro, que se revolve na lama mais que os porcos, mancha-se com os corpos de todas as mulheres, cobiça o dinheiro, e de modo algum quer a temperança? “*Praticaram toda sorte.*” Daí se origina o endurecimento, o “*entendimento entenebrecido*”. Embora a luz brilhe, fica nas trevas quem possui olhos fracos. Tornam-se fracos pelo afluxo de humores prejudiciais, ou pela redundância do fluxo. Assim acontece também aqui. O grande ímpeto das realidades vividas contra a perspicácia mental, deixa-a em trevas. E, se estivermos no fundo das águas, não poderemos ver o sol, porque a quantidade de água é uma espécie de cerca no alto; assim a dureza do coração vem dos olhos da mente, quando o temor não atinge a alma. “Não há temor de Deus diante de seus olhos” (Rm 3,18); e ainda: “Diz o insensato no seu coração: ‘Deus não existe!’” (Sl 14,3). A dureza não provém senão da insensibilidade. Obstrui o intermediário. Quando um fluxo concreto se concentra num lugar, o membro fica amortecido e insensível. Quer queimes, quer cortes, ou apliques qualquer outra coisa, não sente. Assim também aqueles que uma vez se entregaram à impureza, mesmo se lhe aplicares castigo com fogo ou disseres uma palavra férrea, nada os toca, nada os alcança. O membro está completamente morto, e se não eliminares a insensibilidade, para o atingires qual membro sadio, tudo será inútil.

“*Avidamente*”. Com isso principalmente se rejeita a defesa deles. Se quisessem, podiam não cobiçar, nem fornicar, nem ceder ao ventre e satisfazer seus desejos. Ser-lhes-ia lícito, comedidos, usarem das riquezas, do prazer e das delícias; mas como as utilizaram sem moderação, estragaram tudo. “*Toda sorte de impureza.*” Vês como os priva de perdão, dizendo: “*Toda sorte de impureza*”? Não caíram no pecado, por acaso, mas cometeram-no depois de o ter planejado. “*Toda sorte de impureza.*”

“*Toda sorte de impureza*” é o adultério, a fornicção, a pedofilia, a inveja, toda volúpia e intemperança. “*Vós, porém, não aprendestes isto de Cristo*”,

21. *se realmente o ouvistes e, como é a verdade em Jesus, nele fostes ensinados*

A locução: “*Se realmente o ouvistes*” não é dubitativa, mas bem afirmativa, conforme consta de outra passagem: “Se é justo que Deus pague com tribulação aos que vos oprimem” (2Ts 1,6). Isto é, não aprendestes isso de Cristo. “*Se realmente o ouvistes e, como é a verdade em Cristo Jesus, nele fostes ensinados*”

22. *a remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho,*

Aprender de Cristo, isto é, viver retamente. Quem, portanto, vive mal, ignora a Deus e por ele é ignorado. Escuta-o em outra passagem: “Afirmam conhecer a Deus, mas negam-no com os seus atos” (Tt 1,16). “*Como é a verdade em Cristo Jesus, nele fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho.*” Isto é, não foi sob estas condições que travastes o pacto. Pois o que é nosso não é vaidade, mas verdade; a vida é tão verdadeira quanto a doutrina. Vaidade é o pecado e a mentira. Entretanto, a vida reta é verdade, tem fim sublime, enquanto a intemperança termina em nada, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas.

Como as concupiscências e os desejos se corrompem, assim também o homem velho.

De que maneira se corrompem as concupiscências? Pela morte tudo se dissolve. Escuta o profeta: “No mesmo dia perecem seus planos” (Sl 146,4). Não somente pela morte, mas também por muitas outras circunstâncias. Por exemplo, a beleza desvanece, acaba e se perde com a doença e a velhice; a

fortaleza corporal com as mesmas desaparece; os prazeres não têm a mesma volúpia na velhice, o que se evidencia em Berzelai. Todos vós conheceis a história (2Sm 19). Aliás, com ela se perde e desaparece a concupiscência. Como perde a lã a ovelha para a qual ela nasce, assim sucede ao velho homem. Perde o desejo da glória, e muitas vezes somem os prazeres, e engana a cobiça. Não há prazer, mas amargura, decepção, simulação e imitação teatral. O exterior é esplêndido, mas a realidade não passa de miséria, cheia de desagrado e muita penúria. E se retirares a máscara e descobrires a face, verás a decepção. Há decepção quando não se mostra o que existe, mas o que não é. Assim, os silogismos. O Apóstolo aqui descreve quatro espécies de homens; se te apraz, já o demonstro. Dois, nesses termos:

“Fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho”.

23. *e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente,*

24. *e revestir-vos do homem novo,*

Na Epístola aos romanos cita outros dois, ao dizer: “Mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros” (Rm 7,23). E estes têm afinidade com aqueles. O novo com o interior, o velho com o exterior; mas três se corromperam. Ou melhor, agora ainda são três, o novo e o velho, e este é essencial e natural. “*E a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente.*” Vê o que diz para que não pense alguém que introduz outra espécie, depois de ter dito velho e novo: “*Arenovar-vos.*” Renovar significa tornar novo o que envelheceu, fazer-se outro. O sujeito é o mesmo, mas a mudança é acidental. O corpo é o mesmo, mas a mudança é acidente. Assim acontece nesse caso. Como será possível uma renovação? “*Pela transformação espiritual de vossa mente.*” Nada poderá operar quem a tiver envelhecida. O espírito não suportará ações velhas. “*Transformação espiritual de vossa mente*”. Isto é, o espírito, a vossa mente. “*E revestir-vos do homem novo.*” Vês que o sujeito é um só, mas as vestes são duas, a saber, a que se tira e a que se reveste? “*Do homem novo*” criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade.

Por que motivo dá à virtude e ao vício o apelativo de homem? Porque o homem não se manifesta sem operar. Assim acontece que essas coisas não menos do que a natureza, revelam o homem, bom ou mau. Sendo, porém, fácil despir, o mesmo se vê relativamente à virtude e ao vício. O jovem é forte; portanto, sejamos também fortes em praticar o bem. O jovem não tem rugas, portanto nem nós. O jovem não vagueia, nem facilmente adoece; por conseguinte, nem nós. “*Criado.*” Vê que aqui denomina criação a indução da virtude ao ser, porque do não ser foi levada à existência. Qual? Aquela criação não é segundo Deus? Absolutamente, não, mas segundo o diabo. Ele é o autor do pecado. De que modo? O homem não veio da água, nem foi criado da terra, mas “*na justiça e santidade da verdade*”. O que é isto? Imediatamente o criou como filho, conforme sucede no batismo; esta a essência. Disse com razão: “*Na justiça e santidade da verdade*”. Outrora havia justiça, havia santidade nos judeus, não, contudo, “*da verdade*”, mas era tipo da justiça. Havia pureza corporal, tipo da pureza, mas não a realidade, havia tipo da justiça, não a realidade. “*Na justiça e santidade da verdade.*” Talvez o diga considerando o que é falso, porque entre os pagãos há muitos que se julgam justos, mas são falazes.

A virtude em geral chama-se justiça. Ouve o que Cristo diz: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus” (Mt 5,20); e ainda: “O que pratica a justiça é justo” (1Jo 3,7). Com efeito, nos julgamentos forenses dizemos que é justo quem foi injuriado e não retribuiu. Se também nós no tremendo juízo pudermos mostrar-nos justos mutuamente, poderemos conseguir alguma benignidade. Pois, junto de Deus, não pode acontecer que sejamos tudo o que

mostrarmos; ele sempre será superior ao direito, conforme também diz o profeta: “E tua vitória se manifesta ao julgar” (Sl 51,6). Se não corrompermos o direito entre nós, então seremos justos; se pudermos mostrar que fomos injuriados, então seremos justos. Por que, então, ele diz aos que estão vestidos: “A revestir-vos”, pela vida e pelas obras. A veste veio do batismo, agora, porém, da vida e das obras; não mais segundo as concupiscências enganosas, mas segundo Deus. O que é santo? O que é puro, o dever. Por isso, dizemos dos que morreram coisas justas, isto é, nada lhes devo, não sou culpado a respeito deles. Assim costumamos dizer: *aphōsiōsamēn*, isto é: Paguei etc. Quer dizer: Nada devo.

Temos, portanto, o dever de não despir a veste da justiça, que o profeta chama de veste de salvação (Sl 132,16), a fim de sermos semelhantes a Deus. De fato, ele está revestido da justiça. Revistamo-nos com esta veste. Revestir-se significa nunca tirá-la. Escuta o profeta: “Vestia-se de maldição como um manto; que ela o penetre” (Sl 109,18); e ainda: “Envolto em luz como num manto” (Sl 104,2). Ainda é costume dizer acerca dos homens: Ele se revestiu.

O Apóstolo quer, portanto, que não por dois ou três dias, mas perpetuamente exerçamos a virtude, e jamais nos despojemos desta veste. Não é tão inconveniente estar nu corporalmente quanto despojado da virtude. Àquele apenas os companheiros de serviço veem portar-se de modo inconveniente, a este o Senhor e os anjos. Se, portanto, vires um homem nu andando na praça, dize-me, não te aborrecerias? Se corres, despido da veste da virtude, o que diremos? Não vês o estado dos mendigos, que costumamos chamar de “Lótagas”, e que pena temos deles? No entanto, não os desculpamos. Não perdoamos se enquanto se dão aos jogos, rasgam as vestes. Como, então, Deus nos perdoará se estragarmos esta veste? Quando o diabo vê alguém despido da virtude, logo suja-lhe a face com fuligem, obscurece-a e pressiona-o grandemente. Despojemo-nos das riquezas a fim de não sermos privados da justiça. O manto das riquezas estraga esta veste; é um manto de espinhos. São espinhos, e quanto mais nos envolvermos, tanto mais nos descobrimos. A impureza arranca esta veste. É fogo e o fogo a consome. As riquezas são traças. A traça rói tudo e nem as vestes de seda poupa; assim acontece neste caso. Retiremos, portanto, tudo isso, a fim de sermos justos e revestirmos o homem novo. Nada de aparente, de corruptível. A virtude não é laboriosa, mas facilmente pratica boas ações.

Não vês os (monges) que se acham nos montes? Eles deixam as casas, as mulheres, os filhos, a administração e longe do mundo, revestidos de saco sobre cinzas, cercam o pescoço de argolas e encerram-se em casinhas. Não lhes é suficiente, mas afligem-se com jejuns e contínua fome. Ora, se eu agora ordenasse tais coisas, não fugiríeis todos? Não diríeis ser um peso exagerado? Nada disso preceituo. Gostaria, mas não imponho como lei. E então? Utiliza os banhos, cuida do corpo, vai à praça, possui uma casa, sirvam-te escravos, come e bebe. Mas expulsa inteiramente a cobiça, que conduz ao pecado; o que for mais farto do que convém é pecado. A cobiça nada mais é senão pecado. E vê. O ânimo, mais incitado do que convém, arremessando-se amaldiçoa, ou procede injustamente, com o amor dos corpos, das riquezas, da glória etc. Não me digas que são aqueles homens que puderam assim agir; vários, muito mais fracos, ricos e delicados do que tu assumiram aquela vida dura e austera. E por que me refiro a homens? Convertiam-se certas jovens, antes dos vinte anos, que passavam todo o tempo nos aposentos e em casa, por natureza delicadas e mais delicadas ainda devido ao excesso de atenções. O dia inteiro não se ocupavam senão em ornar-se, cobrir-se de ouro, e gozar de todas as delícias; não faziam o próprio serviço, mas tinham muitas escravas que as assistiam. Usavam vestes mais macias que o próprio corpo, de linho leve e fino, e assiduamente aspiravam rosas e suaves odores. Elas, de repente, inflamadas por Cristo, despidas de toda suavidade e luxo, esquecidas da educação e da idade, quais valentes atletas, despojaram-se da moleza e entraram no meio dos combates. Parece que digo coisas incríveis, no entanto são reais. Ouvi dizer que estas finas jovens se

converteram a uma vida tão austera que revestiam sobre a pele ásperos cilícios, sem sandálias presas àqueles delgados tornozelos. Dormiam em leitos de palha, ou antes, passavam em vigília a maior parte da noite e não utilizavam unções, nem coisa alguma das anteriores. A cabeça, antes tão enfeitada, fora descuidada, e os cabelos eram simplesmente amarrados sem artifício, de sorte que elas nada faziam de indecoroso. Uma refeição vespertina somente, e não constava de verdura, nem pão, e sim de farinha, fava, grão de bico, óleo e figos. Perpétuo o lanifício e os trabalhos muito mais pesados do que o das escravas. Quais? Tratam das doentes, carregam os leitos, lavam os pés. Muitas delas exercem o ofício de cozinheiras. Tanto pode Cristo inflamar, e assim a prontidão do ânimo supera a natureza. Nada disso exijo de vós, visto que quereis ser superado por mulheres.

Fazei ao menos o que não é pesado: Retende as mãos e os olhos impudicos. Dize-me. É pesado, difícil? Fazei o que é justo, a ninguém infligi injustiça. Não a inflija, nem o pobre, nem o rico, nem o que vive na praça, nem o mercenário. Pode a injustiça até alcançar os pobres. Não vedes quantas lutas suscitam, e tudo revolucionam? Contraí matrimônio, gera filhos; Paulo dava e enviava por escrito tais ordens. Intenso é o combate, elevado o rochedo, o cume está perto do céu; não podes alcançar o que é grande? Então, procura o que é menor, e deseja o grau inferior. Não podes distribuir as riquezas? Ao menos não roubes o alheio, nem pratiques a injustiça. Não podes jejuar? Ao menos não procures as delícias. Não podes deitar-te num leito de palha? Não adquiras leitos ornados de prata, mas usa cama e colchões, não destinados à ostentação, e sim ao repouso. Nem leitos de marfim. Sê comedido. Por que enches o navio de cargas inumeráveis? Se és moderado, nada temerás. Nem a inveja, nem os ladrões, nem os impostores. Não serias tão rico de dinheiro quanto repleto de preocupações. Não terias tanta abundância de posses quanto de angústias e perigos. “Ora, os que querem enriquecer caem em tentação e em muitos desejos perniciosos” (Tm 6,9). Suportam-no os que querem possuir muito. Não digo: Trata dos doentes; ordena ao menos ao escravo que o faça. Vês que não é pesado? Como o seria, quando as tenras jovens nos superam de longe? Envergonhemo-nos, suplico-vos. Não lhes cedemos a dianteira nas questões mundanas, nem nas guerras, nos combates; quanto às lutas espirituais, porém, fazem mais do que nós, arrebatam prêmios maiores, e voam mais alto do que as águias. Nós, porém, somos gralhas que sempre se revolvem em baixo, aspirando carne assada e fumaça. É, de fato, próprio das gralhas e dos cães lambões procurar os cozinheiros e garçons. Escuta como eram as mulheres da antiguidade. Foram grandes, mulheres grandes e admiráveis, tais como Sara, Rebeca, Raquel, Débora, Ana. Igualmente no tempo de Cristo existiam tais. Entretanto não avançavam além dos homens em parte alguma, mas ocupavam o segundo lugar. Agora, porém, ao contrário, as mulheres nos superam e deixam-nos na sombra. Que ridículo! Que vergonha! Tomamos o lugar da cabeça, e somos vencidos pelo corpo? Fomos colocados para governá-las; não só para governar, mas a fim de orientar na virtude. Pois quem governa, principalmente, deve orientar, vencer na virtude. Do contrário, se for superado, não é chefe.

Viste como é grande a força da vinda de Cristo? Como elimina a maldição? Existem entre as mulheres mais virgens, mais castas, mais viúvas. A mulher não profere facilmente palavra obscena. Dize-me. Por que tu, então, as emites? Não me fales das mulheres deploráveis, empenhadas em se ornar, e que têm esta fraqueza. Mas nisso vós, homens, as venceis, porque vos deleitais neste e no próprio ornato. Não julgo que a mulher se enfeita tanto com seus ornamentos de ouro quanto o marido com os da mulher; não lhe apraz tanto o cinto de ouro quanto estar a mulher coberta de ouro. Por isso sois culpados de excitar a centelha e acender a chama. Aliás, não é tão grave o pecado feminino quanto o masculino. Tens o encargo de manter a ordem. Em toda parte queres o primeiro lugar; portanto, mostra em ti mesmo que neste ponto não és culpado daquele luxo. É mais adequado à mulher ornar-se do que ao homem. Se tu não o evitas, como ela evitará? Elas têm certa vanglória, mas isso é

comum também aos homens. São iracundas, e isto é comum a ambos. No que elas os superam, não é comum a ambos, quer dizer, na gravidade, no fervor, na piedade, no amor a Cristo. Por que, perguntas, o Apóstolo lhe proibiu a cátedra de mestre? É sinal de muita diferença entre elas e os homens, embora fossem insignes as que existiam então. Dize-me. Quando ensina Paulo, Pedro e aqueles santos deviam as mulheres avançar nessa questão? Agora, porém, chegamos a tal maldade que com razão se pergunta por que as mulheres não ensinam. Aceitamos a tal ponto a fraqueza delas. Disse estas coisas, não porque quisesse exaltá-las, mas para incutir-nos pudor, ensinar-nos e admoestar que devemos assumir o governo, não por preeminência, mas para prover, proteger e instituir vida virtuosa. O corpo terá condições convenientes se encontrar ótimo chefe. Oxalá mulheres e homens levem uma vida agradável a Deus, para sermos todos dignos naquele dia terrível de fruir do amor aos homens do Senhor e alcançarmos os bens prometidos, em Cristo Jesus nosso Senhor.

DÉCIMA QUARTA HOMILIA

25. *Por isso abandonai a mentira e falai a verdade cada um ao seu próximo, porque somos membros uns dos outros.*

26. *Irai-vos, mas não pequeis: não se ponha o sol sobre a vossa ira,*

27. *nem deis lugar ao diabo.*

Tendo dissertado de modo geral acerca do velho homem, resta descrevê-lo por partes. A doutrina é mais fácil de aprender, quando a aprendemos parcelada. O que diz? “*Por isso abandonai a mentira.*” Qual mentira? Acaso refere-se aos ídolos? Não. Na realidade, os ídolos são mentira, mas agora não se trata deste assunto. Nada de comum com eles, mas trata-se da mentira que se diz ao próximo, dolosa e fraudulenta. “*Falai a verdade cada um ao seu próximo.*” Em seguida o que incute maior pudor: “*Porque somos membros uns dos outros*”. Ninguém engane o seu próximo. Revolve o pensamento do salmista: “Palavras mentirosas” no coração, “duplicidade no coração” (Sl 12,3). Nada, nada de tal forma gera inimizades quanto ludibriar e enganar. Observa como lhes incute sempre pudor por comparação com o corpo. O olho, diz ele, não engane o pé, nem o pé ao olho. Por exemplo, diante de uma fossa profunda, tendo em cima apoiadas na terra varas cobertas de terra e aos olhos a superfície aparente segurança, não se utilizará o pé para saber se embaixo há um vácuo, voltar atrás e resistir? O pé haverá de mentir, e não prevenir acerca do que existe? Como será? Se o olho vê uma serpente ou uma fera, o pé enganará? Não avisa imediatamente? Informado por ele, o pé não avança. O que sucederá se o olho, ou o pé não souber discernir, e transformar-se inteiramente em olfato? O olfato engana a boca, por exemplo, se houver um veneno mortal ou não? De modo algum. Por quê? Porque ele próprio perece, se mentir a si mesmo; anuncia o que percebe. O que sucede com a língua? Engana o estômago? Se uma coisa é amarga, rejeita, mas se for doce, não engole? Vê o ofício e a remuneração do serviço; vê a previdência oriunda da verdade, e, por assim dizer, do ânimo bem-disposto. Igualmente nós não devemos mentir, porque somos membros uns dos outros. Tal é o critério da amizade; o oposto é peculiar à inimizade. E se armar insídias? Aprende uma verdade: Se arma ciladas, não é membro. O Apóstolo disse: Não mintais aos vossos membros. “*Irai-vos, mas não pequeis.*” Vê a sabedoria! Explica de um lado de que modo evitar o pecado e de outro não abandona os que não obedecerem, pois não desiste da caridade espiritual. Um médico prescreve ao doente o que deve fazer, e se ele não aceita, não o menospreza, mas aconselha, persuade e ainda cura; assim procede Paulo. Pois quem despreza procura somente a própria glória e não suporta o menosprezo; mas o que sempre busca a saúde do doente, visa apenas restabelecê-lo. Paulo assim procede, dizendo: Não mintais. Se

alguma vez a ira brotar da mentira, ele ainda cura. O que diz? “*Irai-vos, mas não pequeis*”. É bom não se irar; mas se alguém uma vez cair nesta culpa, que ela não perdure. “*Não se ponha o sol sobre a vossa ira.*” Queres satisfazer a ira? Baste uma hora, duas, três; o pôr do sol não vos deixe inimigos. Nasceu o sol com a bondade; não se ponha, após brilhar sobre indignos. O Senhor o enviou devido a sua grande bondade, e perdoou-te os pecados. Vê o imenso mal que consiste em não perdoar o próximo. Existe ainda outro mal: São Paulo receia que a noite encontre o ultrajado só, ainda irritado e alimentando o fogo. Pois, durante o dia, reclamam-te muitas coisas, podes não satisfazê-la; vindo a tarde, reconcilia-te, e extingue o mal recente. Se a noite te surpreender, o dia seguinte não bastará para extinguir o mal acumulado durante a noite. Apesar de eliminares a maior parte, não poderás extingui-la, e a noite seguinte extrairá do restante uma chama mais intensa. O sol, se durante a noite o ar ficar denso e nublado, não poderá com o calor diurno dissipá-lo e dispersar as nuvens, e ocasionará uma tempestade, se a noite recolher o resíduo e aumentá-lo com outras exalações. Assim acontece com a ira. “*Nem deis lugar ao diabo.*” Por conseguinte, guerrear-se mutuamente é dar “*lugar ao diabo*”. De fato, uma vez que deviam todos simultaneamente unir-se e congregar-se contra ele, destinando-lhe a inimizade, voltamo-nos uns contra os outros. Com efeito, nunca lhe damos tanto lugar quanto nas inimizades.

Inúmeros males daí se originam. As pedras compactas, sem espaços ociosos, são inquebrantáveis; uma perfuração, porém, de uma agulha, que ocupe somente o espaço de um fio, atravessar toda a parede, dissolve e arruína o todo. O mesmo acontece acerca do diabo. Enquanto estivermos unidos e bem compactos, não pode infligir seus artifícios. No caso de nos amolecer um pouco, influi como uma torrente. Precisa apenas de um início e torna-se difícil de se corrigir. Feito isso, ele tudo amplia; em seguida abre os ouvidos às calúnias, e dá mais crédito aos ditos falsos. Os inimigos condenam, sem o critério da verdade. Se existe amizade, mesmo os males verdadeiros parecem falsos, enquanto pela inimizade, mesmo o falso parece verídico. Outra a mentalidade, outro o julgamento, não se ouve com equidade, e sim com grande parcialidade e propensão para a parte contrária. Colocando-se chumbo no prato da balança tudo pende para um lado; igualmente a inimizade é mais pesada do que o chumbo. Por isso, suplico, façamos o possível para antes do ocaso extinguirmos a inimizade. Com efeito, se não for vencida no primeiro e no segundo dia, muitas vezes se estende a um ano; e aumenta, sem mais. Diz-se uma coisa e suspeita-se de outra e de qualquer gesto e costume. Tal pessoa torna-se pior do que os loucos furiosos, não suporta dizer o nome do inimigo nem ouvi-lo, mas acompanha as palavras com ultrajes. De que modo podemos amansar a ira? Como extinguir a chama? Lembrando-nos de nossos próprios pecados e quanto somos culpados perante Deus; pensando que a vingança não recai sobre o inimigo, mas sobre nós mesmos; refletindo que regozijamos o diabo, nosso inimigo, inimigo verdadeiro, e por cuja causa fazemos injustiça a um membro nosso. Queres lembrar-te da injúria e ser inimigo? Sê inimigo do diabo, não de teu membro. Deus não nos armou de disposição e ira para enterrarmos a espada em nosso corpo, mas para mergulharmos o gládio todo no peito do diabo. Ali enterra a espada até o punho, se quiseses, e o próprio punho, e jamais o arranques, até acrescenta mais um. Eis o que sucederá quando nos perdoarmos, quando tivermos a paz entre nós. Pereçam as riquezas, pereçam a glória e a boa fama; mais precioso é o meu membro. Digamos a nós mesmos: Não sejamos injustos para com a nossa natureza a fim de adquirirmos dinheiro, de conseguirmos a glória.

28. O que furtava não mais furte,

Vês quais os membros do velho homem? A mentira, a lembrança da injúria recebida, o furto. Por que não disse: Quem furta, seja castigado, torturado, mas: “*Não mais furte*”? mas trabalhe com as suas próprias mãos, realizando o que é bom, para que tenha o que partilhar com o que tiver

necessidade.

Onde estão os que se dizem “cátaros”, isto é, puros, e apesar de estarem cheios de nódoas, ousam assim se nomear? É possível, de fato, é possível apagar o crime, não só desistindo do pecado, mas também praticando algum bem. Vede de que maneira apagar o pecado. Roubaram. Cometeram pecado. Não roubaram, não significa apagar o pecado. Então, de que modo? Labutando e dando aos outros. Desta forma se apaga o pecado. Não quer apenas que trabalhem, mas trabalhem para dar ao próximo. Com efeito, quem rouba atua, mas está praticando o mal.

29. *Não saia de vossos lábios nenhuma palavra inconveniente.* Qual a “palavra inconveniente”? Quem profere sempre palavra ociosa, de detração, obscena, gracejo atrevido, tolice. Vês que elimina as raízes da ira: a mentira, o furto, a disputa inoportuna? Não diz: “*Não mais furte*” a fim de desculpar, quanto para se tornarem mansos relativamente aos que os injuriaram, e persuadir que baste não estarem mais sofrendo. Admoesta com razão a respeito das palavras, porque somos castigados não só devido aos fatos, mas também às palavras.

mas a que for boa para edificação, que comunique graça aos que a ouvirem.

Isto é, só o que edifica o próximo; nada de supérfluo.

Deus te concedeu boca e língua para dares graças a Deus, para edificares o próximo. Se destróis a construção é melhor calar e não falar. Se as mãos do operário, destinadas a construir paredes, aprenderem a destruir, seria justo serem cortadas. Por isso também diz o salmista: “Que o Senhor extirpe os lábios enganosos” (Sl 11,4). A boca é a causa de todos os males, ou antes, não a boca, mas aqueles que a utilizam mal. Daí se originam as ofensas, as maldições, as blasfêmias, o incentivo dos prazeres, os morticínios, os adultérios, os furtos. E de que modo os morticínios? Vais da ofensa à ira, da ira aos golpes, dos golpes chegas ao assassinato. Como o adultério? Esta ou aquela te ama, diz-se, falou bem de ti, relaxou tua energia e em seguida desperta tua cupidez. Por isso dizia Paulo: “*A que for boa*”. Uma vez que existe uma profusão de palavras, com razão se exprimiu de forma indefinida, mandando proferir aquela espécie de palavra, e dando a forma que há de ter. Qual? “*Para edificação, que comunique graça ao ouvinte.*” Por exemplo, um irmão fornicou. Não o ultrajes insolentemente, nem com zombaria. Não serias útil ao ouvinte, mas o prejudicarias, certamente, antepondo-lhe um escolho. Mas se o exortas acerca do que deve fazer, prestas grande favor. Se lhe ensinas boas palavras, se o instruis a não amaldiçoar, especialmente o educas e lhe concedes um benefício; se falares acerca da compunção, da piedade, da esmola, tudo isso suaviza-lhe o ânimo. Por causa disso, confessará que te é grato. Mas se zombares, se falares palavras torpes, mais o irritas; se louvares a malícia, derrubas e perdes. Por conseguinte, deve-se dizer: Ou falou desta forma para torná-los gratos; ou a palavra boa é unguento que dá graça aos que dela são partícipes. Por isso também se dizia: “O teu nome é como um perfume derramado” (Ct 1,3), porque fazia com que eles espalhassem aquele bom odor. Vês que agora repete a exortação de sempre de que deve cada qual edificar o próximo, à medida de suas forças? Tu que exortas o próximo, muito mais o fazes a ti mesmo.

30. *E não entristeçais o Espírito Santo*

É horripilante e terrível! Ele o declara também na Epístola aos Tessalonicenses. Diz algo de semelhante: “Quem desprezar estas instruções não despreza um homem, mas a Deus” (1Ts 4,8). Assim também aqui. Se proferires uma palavra injuriosa, se ferires um irmão, não o atingiste, mas entristeceste o Espírito. Em seguida, acrescenta o benefício, de sorte que a acusação seja maior: “*E não entristeçais o Espírito Santo*”

pelo qual fostes selados para o dia da redenção.

Ele nos fez uma grei real, nos retirou do estado precedente, não permitiu que ficássemos sob a ira de Deus, e tu o entristeces? Vê a terrível expressão: “Não despreza um homem, mas a Deus”; aqui, porém, após incutir pudor: “*E não entristeçais o Espírito Santo, pelo qual fostes selados*”. Este sinal esteja na boca; não retires o sigilo. A boca espiritual nada disso enuncia. Não digas: Nada importa se emprego termos torpes, se ofendo a este ou àquele. É grande mal porque parece nada ser. Pois o que parece nada ser facilmente é desprezado; o que é desprezado aumenta; o que aumenta torna-se incurável. Tens uma boca espiritual? Reflete acerca da palavra a proferir, sobre a dignidade de tua boca. Chamas a Deus de Pai, e em seguida injurias teu irmão? Reflete por que o chamas de Pai. Pela natureza? Não é possível.

Pela virtude? Nem isso. Mas, por quê? Só devido a seu amor aos homens, a sua caridade, a sua imensa misericórdia. Ao invocares a Deus como Pai, não só reflitas que a injúria é indigna daquela nobreza, mas também que tua nobreza provém do amor de Deus. Não lhe inflijas opróbrio, porque a recebeste do amor de Deus, entretanto és cruel em relação aos irmãos. Dás a Deus o nome de Pai e o ofendes? Não é próprio de um filho de Deus. Dever do filho de Deus é perdoar os inimigos, orar pelos que o crucificam, derramar o sangue por aqueles que o odeiam. São ações dignas de um filho de Deus: Transformar em irmãos e herdeiros os inimigos, os ingratos, os ladrões, os impudentes, os ardilosos, e não infligir ignomínia aos que se tornaram irmãos, como se fossem escravos.

Reflete sobre as palavras que enunciou tua boca, a que mesa foste admitido, o que tocas, o que provas, de que alimento usufruís. Julgas que nada de grave infliges a teu irmão se o maldizes? Como, então, lhe dás o nome de irmão? Se, no entanto, não é teu irmão, como rezas: Pai nosso? O termo: “nosso” significa muitas pessoas. Pensas nos que estão presentes contigo durante os mistérios? Os Querubins, os Serafins. Os Serafins não injuriam, mas sua boca cumpre um só ofício, o de louvar e glorificar a Deus. Como poderás proferir com eles: “Santo, santo, santo”, se utilizas a boca para a injúria? Dize-me. Se houvesse um vaso, cheio sempre de alimentos reais, e para tal reservado, e um servo nele colocasse esterco, ousaria repô-lo cheio de estrume entre aqueles recipientes? Absolutamente, não. Tal é a maledicência, tal a injúria. “Pai nosso.” E então? É somente isso? Escuta as palavras subsequentes: “Que estais nos céus”. Logo que disseste: “Pai nosso, que estais nos céus”, a palavra te elevou e deu asas a tua mente, mostrando-te que tens um Pai nos céus. Nada faças, nada digas das coisas terrenas. Ela te colocou naquela elevada posição, inseriu-te naquele coro; por que te puxas para baixo? Estás junto do trono real, e injurias? Não receias que o rei o considere uma ofensa? Se em nossa presença um escravo bater num companheiro ou injuriá-lo, mesmo com razão, logo o repreendemos, considerando uma ofensa; tu, porém, estando com os Querubins diante do trono do Rei, injurias teu irmão? Não vês estes vasos sagrados? Não se destinam a um só serviço? Ousa alguém usá-lo para outra finalidade? Tu és mais santo do que eles, muito mais santo. Por que, então, te manchas e maculas? Estás nos céus, e injurias? És cidadão com os anjos, e injurias? Recebeste o ósculo do Senhor e injurias? Deus ornou-te a boca com tantos hinos angélicos, com alimento não angélico, mas super-angélico, com seu ósculo e seus abraços, e tu injurias? Não, por favor. Longe do cristão estas coisas, causa dos maiores males. Não conseguimos te persuadir, nem envergonhar por palavras? Resta atemorizar-te. Escuta a palavra de Cristo: “Aquele que lhe disser: Louco, será condenado ao fogo da geena” (Mt 5,22). Se, porém, a culpa mais leve leva à geena, o que não merecerá quem pronunciar expressões audaciosas? Eduquemos nossa boca a bendizer. Grande é o lucro e grande o dano da ofensa. Não se gasta dinheiro. Imponhamos-lhe uma porta, ferrolhos e trancas. Aflijamo-nos se alguma vez nos escapar uma palavra pesada. Roguemos a Deus, roguemos ao ofendido. Não consideremos ser um ato indigno. Ferimo-nos a nós mesmos, não a ele. Empreguemos o medicamento,

as preces e a reconciliação com o ofendido. Se temos tanto cuidado com as palavras, muito mais imponhamos normas a nossas ações. A quaisquer amigos que maldisserem, ou injuriarem, peçamos que se penitenciem. Saibamos tratar-se de um pecado, pois se o compreendermos, logo desistiremos. O Deus da paz, porém, guarde a vossa mente e a vossa língua, e providencie um muro seguro para vós, a saber, o temor de Deus, em Cristo Jesus nosso Senhor, com o qual ao Pai seja glória, na unidade do Espírito Santo.

DÉCIMA QUINTA HOMILIA

31. *Toda amargura e clamor e cólera, e toda palavra pesada e injuriosa, assim como toda malícia, sejam afastadas de entre vós.*

As abelhas nunca pousam em vasos imundos, e por isso os peritos, para que o mau cheiro não as afugente, aspergem sobre as caixas incenso, unguentos e bons odores, e ungem com vinhos de suave cheiro etc., o lugar onde vão elas depor os alvéolos; assim acontece com o Espírito Santo. Caixa é nossa alma, preparada para receber os enxames das graças espirituais; mas se dentro há bÍlis, amargura e ira, voam os enxames. Por isso esse santo e sábio agricultor limpa bem nossos vasos, sem usar foice ou outro instrumento de ferro; e nos convoca ao enxame espiritual e o reúne e purifica com preces, esforços etc. Vê, portanto, como nos purifica o coração. Expele a mentira, expele a ira. Mostra novamente como arrancar o mal pela raiz. Não sejamos amargos mentalmente. Costuma acontecer que a bÍlis, apesar da pequena quantidade, produz pequena agitação, rompendo a vesícula; se aumentar a força, e se tornar mordaz, a vesícula que primeiro a continha, cauterizada intensamente, não pode mais coibi-la, e conter em determinados termos, mas pela imoderada acuidade rompe-se e a deixa escapar, envenenando todo o corpo. Uma cidade importou uma fera cruel e selvagem. A ninguém ela pode prejudicar enquanto estiver na jaula, embora se exaspere e vocifere; mas se a ira aumentar, se quebrar a jaula onde estava presa e puder escapar, enche a cidade de ingente tumulto e perturbação e afugenta a todos. Assim também a natureza da bÍlis, enquanto contida em seus limites, não causa grande mal; rompida, contudo, a membrana que a continha, nada impede que se difunda pelo organismo e então embora em pequena quantidade, a qualidade, por causa de sua extraordinária força, infecciona todos os outros elementos. Pois, injetada no sangue, próximo em lugar e qualidade, intensifica a temperatura, e relativamente a tudo o que está perto ultrapassa os limites da devida moderação do humor; reforçando a bÍlis, em seguida ataca também os outros membros; após, tendo comunicado a todos sua amargura, rouba a palavra e a vida ao homem, que entrega a alma e dá o último suspiro. Por que enunciamos tudo isso com minúcias? A fim de, através da amargura sensível, percebermos a intolerável amargura da mente que, revolvendo, mata primeiro tudo o que a alma produz, e evitarmos esta experiência. Pois, à semelhança dela, todo elemento, pela sugestão dos pensamentos, arrasta aquele que foi dominado ao báratro da geena. Perscrutando exatamente essas coisas, fuja-mos deste mal, ponhamos freio na fera, ou antes, arranquemos o mal radicalmente e obedeçamos a Paulo, que não diz: “*Toda amargura*” seja expurgada, mas “*seja afastada de entre vós*”. Que necessidade tenho deste assunto e de desenvolvê-lo? Por que conservar a fera, se é lícito expeli-la da alma, e levá-la para bem longe? Obedeçamos a Paulo, que diz: “*Toda amargura seja afastada de entre vós*”. Mas, ó dor! Que perversidade a nossa! Importava por causa disso tudo fazer, entretanto há uns dementes que se julgam felizes, aceitam a volúpia do mal, vangloriam-se, e estimulam os outros à imitação. Aquele homem, diz-se, é severo, é um escorpião, é uma serpente, é uma víbora; julgam-no terrível. Por que temes, ó homem, sua severidade? Receio que me prejudique, que me arruíne; sou inexperiente do grau de sua malícia. Temo que, sendo eu simples e nada previdente a seu respeito, capture-me em seus laços, envolva-me em suas redes, preparadas para enganar. Agora, eu me rio. Por que ris? Porque são

palavras de crianças quetêm medo do que não é temível. Ora, a ninguém se deve desprezar, de ninguém zombar como sendo homem áspero e malvado. Nada é tão fraco quanto a crueldade, que cria estultos e loucos.

Não vedes que o vício é cego? Não ouvistes que cavar uma fossa para o vizinho é cavá-la para si? Como? Não se deve temer a alma cheia de perturbação? Eu também afirmo que importa temer os severos como sendo demônios e furiosos, loucos (eles fazem tudo sem reflexão); não concordo, porém, acerca dos que entendem retamente como se deve proceder. De fato, nada é tão adequado à administração quanto a prudência; nada tanto impõe obstáculo à prudência quanto a maldade e o vício e as ciladas. Não vês como são desagradáveis os corpos biliosos, como toda flor sobre eles murcha? Como são fracos, leves, totalmente incapazes! Tais são estas almas. Não há outra icterícia espiritual senão a maldade. A maldade não é forte, não é. Queres, por exemplo, que torne evidente o que digo, apresentando-vos as imagens do malvado e do homem simples e não fingido? Celerado e astuto era Absalão, e aliciava a todos para o seu partido; vê, portanto, quão grande era sua astúcia e malignidade. Andava por toda parte e dizia: Acaso tens quem julgue tua causa? Queria atrair a todos (2Sm 15,3). Davi era simples, sem fingimento. E então? Vê o fim de ambos. Vê a loucura do primeiro. Pois, uma vez que nada visava senão prejudicar o pai, no restante estava cego. Davi, porém, não era assim: “Quem caminha na integridade caminha seguro” (Pr 10,9), isto é, quem nada busca em vão, quem não planeja o mal. Obedecemos, portanto, a São Paulo, tenhamos compaixão, lastimemos os homens cruéis, esforcemo-nos e façamos tudo a fim de expelirmos a maldade da alma deles. Com efeito, não é absurdo, nós que temos a bÍlis (embora seja elemento útil, visto que sem a bÍlis, falo da bÍlis elementar, o homem não pode viver), digo, não seria absurdo eliminá-la quanto possível, embora muito nos ajude, e, ao invés, não dar importância à da alma, nem aplicar-nos a extirpá-la, embora não seja útil, mas muito prejudicial? “Se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio” (1Cor 3,18). Escuta ainda a Lucas: “Tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram favoravelmente aceitos por todo o povo” (At 2,4-47). Mesmo atualmente não vemos que os simples, sem fingimento, conseguem a estima comum? Ninguém os inveja, se tratam retamente de seus interesses. Ninguém os insulta se são infelizes, mas se tudo lhes corre bem, congratulam-se, e se caem, têm compaixão. Ao invés, quando ao homem cruel tudo sucede bem, todos gemem como se houvesse acontecido um infortúnio; quando, porém, for infeliz, todos se alegram. Tenhamos, pois, compaixão deles; têm inimigos comuns, estão cercados de todas as partes. Jacó não era fingido; mas venceu Esaú, astuto e maligno. “A sabedoria não entra numa alma maligna” (Sb 1,4). *“Toda malícia seja afastada de entre vós.”* Nem um resto permaneça. Pois se este for ativado, a centelha excita inteiramente a fogueira. Consideremos atentamente o que é a amargura. Por exemplo, um homem fraudulento e enganador, doloso e inclinado ao mal, suspeito. Nele sempre surgem a ira e a indignação. É impossível que possua ânimo tranquilo, pois a amargura é a raiz da ira e da crueldade. Quem é tal, propenso a grave ira, nunca se refaz, de sorte que está sempre excogitando, sempre triste. Pois ele, conforme disse, são os primeiros a sentir seus males. *“E o clamor.”* Por quê? Eliminas também o clamor? Pois quem é manso deve ser tal. O clamor é um cavalo com um cavaleiro, a saber, a ira e a indignação. Entrava as patas do cavalo e derrubas o cavaleiro. Ouçam-no principalmente as mulheres, que por qualquer motivo clamam e gritam. Clamar só é útil para pregar e ensinar. Em nenhuma outra parte, nem durante a oração. E se queres aprender pelos fatos, jamais clames e não te irritarás. Eis o modo de eliminar a ira. Como, pois, é impossível que aquele que não clama se irrite, não é possível não se irritar quem clama. Não me repliques com menção de quem sente grave ira, lembrado da injúria, por si mesmo amargura e bÍlis. Agora tratamos da irrupção repentina desse vício.

Para isso contribui não pouco educar o ânimo a jamais clamar e vociferar. Cortas as asas da ira, se apartas o clamor; comprimes o edema do coração. Como não pode lutar quem não levanta a mão contra alguém, assim é impossível que fique enredado quem não clama. Amarra a mão do lutador e manda que bata; não poderá. Assim nem a ira. O clamor, porém, a excita onde não existe; e especialmente o gênero feminino logo é impelido. Quando as mulheres se irritam contra as escravas, encham toda a casa de clamor. Muitas vezes se a casa é edificada numa rua estreita, todos os transeuntes ouvem aquele clamor e o pranto da escrava. O que é mais torpe e mais vergonhoso que ouvir gritos? Todos logo olham e interrogam o que ali aconteceu. Ela, respondem, bate em sua escrava. O que é mais vergonhoso? Como? Não se deve bater? Não o digo, deve, mas não assiduamente, nem além da medida, nem pelas injúrias irrogadas. Sempre digo: Não por uma falha no serviço, e sim por um prejuízo espiritual. Se por esse motivo a flagelas, todos haverão de elogiar, ninguém censura, mas se é por teus interesses, todos condenarão a barbaridade e a crueldade. E mais torpe serem elas a tal ponto ferozes e cruéis que flagelam de modo que não se extinguem as contusões num dia inteiro. Desnudas as jovens, chamam o marido, e muitas vezes as amarras nos leitos. Ai de mim! Não te lembras nesta ocasião da geena? Mas despes as jovens e mostras ao marido e não receias que te condene? E quanto mais irritas, e ameaças que a amarrará, cobres a miserável e infeliz primeiro com inúmeras maldições, chamando-a de feiticeira, fugitiva, prostituta. A ira não poupa nem a tua boca, mas visa somente a se vingar, embora a si mesmo inflija um opróbrio. E depois de tudo isso, preside qual tirano, chama a criadagem, e quando o estulto marido ali está, emprega-o como lictor. É possível que tal aconteça em casa de cristãos? Ora, replica-se, é uma raça malvada, audaz, incorrigível. Eu o sei, mas é possível chamar à ordem e corrigir de outro modo, pelo medo, pelas ameaças, pelas palavras, que mais a podem tocar, e te livrar da falta de pudor. Mulher livre, falaste palavras torpes, e desonras mais a ti do que a ela. Em seguida, se tiver de ir aos banhos, traz marcas nas suas costas nuas, e os indícios da crueldade. Ora, replicas, a raça de escravos é intolerável, se os desculparmos. Eu o sei; mas de outro modo, conforme disse, corrige-as, não só com flagelos e medo, mas também com carinho e benefícios. É tua irmã, se és fiel. Pensa que és senhora e ela te serve. Se está embriagada, afasta as ocasiões de embriaguez; chama o marido, e admoesta. Não vês como é torpe bater numa mulher? Os que promulgaram leis inumeráveis contra os homens, queimaduras, torturas, raramente atacam as mulheres, mas limitam a ira a dar-lhes tapas. Tão grande é o respeito à natureza, que nem por necessidade as sujeitam, principalmente se estão grávidas. É vergonhoso para o homem bater numa mulher; se para o homem, muito mais para o mesmo sexo. As mulheres se tornam odiosas aos maridos. E se fornicar? Une em matrimônio, amputa a ocasião de fornicção, não a deixes perder-se na luxúria. E se roubar? Guarda e observa. Ó hipérbole! Serei um guarda? – replicas Ó loucura! Por que, pergunto, não serás um guarda? Não tem a mesma alma? Não recebeu de Deus os mesmos benefícios? Não participa de sua mesa? Não tem contigo a comum nobreza humana? Mas se é maldizente, loquaz e ébria? Quantas mulheres livres o são? Deus mandou que os homens suportem os delitos das mulheres. Contanto que não seja luxúria, suporta todos os outros. Embora seja ébria, maldizente, loquaz, invejosa, pródiga, consumidora, tens vida em comum. Põe em ordem a vida, pois és a cabeça. Põe em ordem, faze o dever. Mesmo que continue incorrigível, mesmo que roube, conserva-a porque é tua, não a atormentes. Se é loquaz, fecha-lhe a boca. É suma filosofia! Agora chegam a tal absurdo que descobrem a cabeça das escravas e puxam-nas pelos cabelos.

Por que ficastes todas envergonhadas? Não me refiro a todas, mas àquelas de tamanha crueldade. Que a mulher não se descubra (1Cor 11,6), diz Paulo; tu, porém, lhe tiras o véu? Vês como a ti mesmo ofendes? Ora, se apareces com a cabeça descoberta, dizes que é um opróbrio; se tu a descobres, declaras não ser coisa grave? Em seguida, replicas, e se não se corrige? Castiga-a com a vara e as

chagas. Quantos vícios e pecados tens tu e não te corriges?

Não dizemos isso em favor delas, mas de vós, que sois livres, para nada praticardes de indecoroso e torpe e não vos prejudicardes. Se em casa te instruíres a respeito da atitude para com a escrava e se fores mansa e não importuna, muito mais o serás relativamente ao marido. Se não fores surpreendida a agir mal em relação à subordinada, muito mais não o farás onde for proibido. Acontece que a atitude prudente em favor da escrava será grande auxílio para conseguires a benevolência do marido. “Com a medida com que medis sereis medidos” (Mt 7,2). Põe um freio em tua boca; e se te exercitares a suportar com ânimo generoso a escrava difícil, não serás intolerante para com tua igual, mesmo se injuriosa; se não te irritares, praticarás a mais alta sabedoria. Algumas acrescentam juramentos. Nada mais vergonhoso do que irar-se deste modo. E se a escrava se adornar? Proíbe-o e eu concordo contigo. Começando por ti, proíbe, não tanto pelo medo quanto pelo exemplo. Sê em tudo modelo. *“Toda blasfêmia seja afastada de entre vós.”* Vê como o mal progride. A amargura gera a ira, a ira o clamor, a indignação o clamor, o clamor a blasfêmia, isto é, a maldição; a blasfêmia produz as feridas, as feridas os traumas e estes a morte. Ora, Paulo não o mencionou, mas apenas: *“Toda malícia seja afastada de entre vós”*. O que significa: *“Toda malícia”*? Toda malícia termina desta forma. Algumas pessoas são cães que mordem calados, não ladram aos recém-vindos, nem mesmo quando raivosos, abanam o rabo, parecem mansos, e se eles não se acautelarem cravam os dentes; são piores do que os que abertamente se enraivecem. Por isso sugeria o Apóstolo haver homens que se assemelham aos cães: Não gritam, não se encolerizam, nem ameaçam quando querem mal, mas ocultamente armam ciladas, planejam males inúmeros, e se vingam por ações e fatos. *“Toda malícia seja afastada de entre vós.”* Não poupes com palavras, vingando-te de fato. Por esta razão, contive a língua e cortei o clamor, para não acender fogueira mais intensa. Se, porém, o fazes, sem clamor, e interiormente alimentas o fogo e os carvões, qual a utilidade do silêncio? Não sabes que são muito graves os incêndios alimentados interiormente, apesar de não aparecerem fora aos circunstantes?

E os traumas não superficiais, e as febres internas? Assim é mais grave a ira que permanece oculta na alma. Mas ela, diz ele, seja apartada com toda malícia, pequena ou grande. Convençamo-nos, portanto, e afastemos toda amargura e malícia para não entristecermos o Espírito Santo. Arranquemos radicalmente a amargura, cortemo-la. Nada de bom, nada de sadio se origina de uma alma amarga; encontram-se apenas infelicidade, lágrimas, lamentações e gemidos. Não vês o horror que temos das feras que urram, os leões e os ursos? Ao invés, as ovelhas não gritam, emitem som suave. De fato, os instrumentos musicais barulhentos são de som desagradável, como os tímpanos e as trombetas. Os que soam suavemente são agradáveis, tais as flautas, as cítaras e as flautas pastoris. Deste modo coloquemos ordem em nossa alma. Não clamemos, e haveremos de superar a ira; após amputá-la, seremos os primeiros a gozar de tranquilidade e navegar em direção a um porto tranquilo. Seja-nos dado a todos consegui-lo, em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMA SEXTA HOMILIA

31. *Toda amargura e clamor e cólera, e toda palavra pesada e injuriosa, assim como toda malícia, sejam afastadas de entre vós.*

32. *Sede bondosos e compassivos uns com os outros, perdoando-vos mutuamente, como Deus em Cristo vos perdoou.*

Não basta a renúncia ao vício para se alcançar o reino dos céus, mas é ainda preciso o exercício das virtudes. Com efeito, a fim de nos livrarmos da geena, temos de nos abster do crime e, para

conseguirmos o reino, é necessário abraçar a virtude. Não sabeis que assim é nos julgamentos civis, quando se examinam os fatos, e ao julgamento acorre toda a cidade? Nos antigos julgamentos civis não era costume conceder uma coroa de ouro a quem não havia feito mal à cidade (bastava somente para não ser castigado), e sim a quem lhe havia conferido grandes benefícios. Assim se obtinham honras. Mas não sei explicar por que de certo modo quase me escapa o que mais era urgente vos dizer. Resumo a primeira parte, com uma pequena correção. Tendo dito que, para não cairmos na geena, basta ter-nos afastado do mal, enquanto falo, ocorrem-me ameaças horríveis, não de punição àqueles que ousaram cometer o mal, mas aos omissos na prática do bem. Quais? Ao chegar o dia terrível de se comparecer perante o tribunal, estando as ovelhas à direita, e os cabritos à esquerda, o Juiz dirá às ovelhas: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer” (Mt 25,34-35). Muito bem! Deviam receber a remuneração por seus atos humanitários; os que, porém, não deram de suas posses, não somente são punidos pela privação dos bens, mas também são mandados para o fogo da geena. Não é razoável? É tão certa quanto a primeira sentença. Sabemos que os que praticaram o bem gozarão dos bens celestes; entretanto os que não são convencidos de pecado, todavia foram omissos, serão arrastados ao fogo da geena juntamente com os malvados. Não se diga que não ter feito o bem é maldade. Seria ócio, mas o ócio faz parte da maldade. Ou antes, não constitui parte, mas é ocasião e raiz depravada, porque o ócio ensina todos os vícios. Não façamos interrogações insensatas, por exemplo, quem nada de mal nem de bom praticou, que lugar receberá? De fato, não praticar o bem é cometer o mal. Dize-me. Se um servo teu não é ladrão, injurioso, contradizente, abstém-se da embriaguez etc., mas fica continuamente sentado ocioso, e não cumpre os deveres do escravo para com o dono, não o flagelas, não o torturas? Sim, respondes, mas não fez mal algum. Já é ruim. Mas, se te apraz, dissertemos acerca das restantes formas de vida. Imaginemos um agricultor, que não prejudica às nossas propriedades, não arma insídias, não rouba, somente ficar sentado em casa com as mãos amarradas, sem semear, abrir um sulco, pôr a canga nos bois, cultivar a vinha, e abandona o trabalho na terra. Não o castigaremos? Ora, não cometeu injustiça, nem temos de que acusá-lo, mas por isso mesmo é injustiça. Pratica a injustiça quem não cumpre o dever. Dize-me. O que será, se um dos trabalhadores e artífices não causar prejuízo, nem em ofício alheio, nem no próprio; somente ficar ocioso. Acaso não nos estraga e prejudica a vida toda? Queres que dissertemos sobre o corpo? A mão não fere a cabeça, nem corta a língua, nem fura o olho, nem pratica mal semelhante; somente fica ociosa e não cumpre o dever para com todo o corpo. Não é melhor cortá-la, do que tê-la ociosa, causando mal a todo o corpo? Se a boca não morde a mão, nem o peito, mas omite tudo o que deve fazer, não seria bom que fosse tapada? Se, portanto, nos servos e nos trabalhadores e em todo o corpo é grave injustiça não só cometer o mal, mas ainda omitir o bem, muito mais será no corpo de Cristo.

Por isso também São Paulo nos aparta do vício e da malícia e nos conduz à virtude. Dize-me. De que adianta arrancar todos os espinhos se não se espalharem as boas sementes? O labor reverterá em prejuízo, se ficar inacabado. Por isso, Paulo, solícito por nós, não conclui os preceitos apenas referindo-se à amputação e ao afastamento dos males, mas ainda exorta a logo se fazer a implantação do bem. Por isso tendo dito: *“Toda amargura e exaltação e cólera, e toda palavra pesada e injuriosa, assim como toda malícia, sejam afastadas de entre vós”*, acrescentou: *“Sede bondosos e compassivos uns com os outros, perdando-vos mutuamente”*. Trata-se de hábitos e afeições. Não basta deixar um hábito, e adotar outro, mas é preciso certa atividade e não menor prontidão em fugir dos males quanto em adquirir os bens. De fato, corporalmente, se um objeto negro descorar, nem por isso se torna logo branco. Ou antes, não tratemos dos fatos naturais, mas exemplifiquemos com os dependentes da decisão e do livre-arbítrio. Não ser inimigo não significa ser amigo, mas é atitude intermediária: Não

é inimizado, nem amizade, e é o que principalmente se encontra em maior número entre nós. Quem não chora, nem por isso ri, mas está num estado intermediário. Assim é neste caso. Quem não é cruel, nem por isso é companheiro benigno; quem não é irascível não se torna totalmente misericordioso, mas necessitamos de esforço para adquirirmos este bem.

Vê, porém, as normas de agricultura adequadas segundo as quais São Paulo expurga e trabalha a terra que lhe foi confiada pelo Agricultor. Arranca plantas daninhas, e encomenda genuínas: “*Sede bondosos*”, diz ele. Com efeito, se, arrancados os espinhos, a terra ficar ociosa, de novo brotará o mato. Por isso, o repouso e o ócio sejam logo substituídos por sementes e plantas boas. Ele arranca a ira, lança a benignidade; arranca a amargura, lança a misericórdia. Corta o vício e a blasfêmia, planta o perdão. É o sentido da expressão: “*Perdoando-vos mutuamente*”. Sede propensos a perdoar. Esta indulgência é maior do que a relativa às riquezas. De fato, quem perdoa a dívida ao que recebeu em empréstimo, faz uma obra boa e admirável, mas o dom atinge só materialmente, embora conceda remuneração em dons espirituais e respeitantes à alma. Quem, contudo, perdoa pecados, tira proveito para a própria alma e a de quem foi perdoado. Desta forma torna-se mais condescendente relativamente a si próprio e ao próximo. Atingimos o ânimo dos injustos e lhes incutimos pudor não tanto perseguindo quanto perdoando. De outro modo nem a nós mesmos nem a eles somos proveitosos, mas a ambos causamos dano; como os príncipes dos judeus, procuramos remuneração e inflamamos a ira. Se, ao invés, retribuirmos a injúria com a clemência, extinguimos a ira e compareceremos perante ele como um juiz que proferirá a sentença em nosso favor e o condenará mais gravemente do que a nós. Pois decretará condenação para si próprio, e procurará toda ocasião, para nos retribuir com maior paciência o empréstimo que lhe foi concedido, ciente de que, se retribuir em igual medida, ficará diminuído porque não foi ele quem começou, e não suporta sentir-se inferior devido ao exemplo que recebeu de nós. Esforçar-se-á por superar pela medida, de sorte que cubra pelo excesso da remuneração o detrimento que sofreu por ter recebido a remuneração em segundo lugar, e o detrimento devido ao tempo em relação ao primeiro lesado; e a iguale pelo excesso de condescendência. Com efeito, os homens gratos e lembrados dos benefícios não gemem tanto por causa dos males quanto pelos bens que receberam daqueles que injuriaram. Com efeito, não retribuir o benefício recebido, de um lado é maldade, de outro é opróbrio e zombaria. De fato, não retribuir o mal com o mal não recebe da parte de todos louvor, aplauso e recomendação. Por isso são molestados. Por conseguinte, se queres vingar-te, vinga-te desta forma: Paga o mal com o bem, transforma o malvado em devedor, e consegue vitória admirável. Sofreste? Faze o bem e assim vinga-te do inimigo. De fato, se o perseguires, a ti e a ele igualmente todos censurarão; se, ao invés, suportares, haverão de te aplaudir e admirar, e de acusá-lo.

O que, porém, poderá acontecer de pior ao inimigo do que ver o adversário em geral admirado e aplaudido? O que mais acerbo do que ver que todos lhe infligem ultraje, na presença do adversário? Se te vingares, e talvez condenares, tu somente te vingarás; se, ao contrário, perdoares, todos se vingam em teu favor. É, na verdade, mais pesado do que sofrer o mal ter o inimigo tantos a vingarem. Se abres a boca, eles se calarão; ao invés, se tu te calas, haverás de atingi-lo e de te vingar melhor, não com uma mas com inúmeras bocas. Muitos haverão de te acusar se injuriares; as palavras revelam os sentimentos. Quando, porém, sem injuriares, és atacado de injúrias e ultrajes, então a vingança está livre de qualquer suspeita. Quando aqueles que nada de grave sofrem devido a tua máxima mansidão lamentam-se e queixam-se como se tivessem sido injuriados, estás livre de qualquer suspeita. E como será, pergunto, se ninguém me vingar? Não é possível que os homens sejam tão duros como pedra e não admirem tamanha sabedoria. E se não o fazem então, após reflexão agem, zombando do outro e amaldiçoando-o. Se ninguém te admirar, o adversário certamente ficará espantado, embora não o diga.

O juízo honesto a nosso favor permanece incorrupto, e não pode se perverter, até mesmo se afundarmos nas profundezas da maldade. Pois, por que julgamos que nosso Senhor Jesus Cristo disse o seguinte: “Àquele que te fere na face direita, oferece-lhe também a esquerda” (Mt 5,39)? Acaso não é porque se alguém for paciente, obterá maior utilidade para si e para o próximo? Mandou oferecer a outra, a fim de acalmar o desejo do homem irascível. Quem é tão feroz que não se envergonhe? Diz-se que os cães fazem o seguinte: Ladram e avançam, mas se aquele contra o qual ladram, jogar-se no chão e não reagir, extingue-se-lhes toda a raiva. Se, portanto, respeitam aquele que está em perigo de sofrer da parte deles, muito mais o gênero humano que é racional deve respeitar. Mas é importante não omitir o que recentemente me veio à mente e foi apresentado em testemunho. De que se trata? Dizíamos que os judeus e seus príncipes eram censurados porque perseguiam com a lei do talião, embora a lei o permitisse: “Olho por olho, dente por dente” (cf. Lv 24,10; Dt 19,21) . Não significa, contudo, que se furassem os olhos mutuamente, mas que o medo de sofrer impedisse a audácia de se cometer o mal contra o próximo, ou de o suportar da parte dele. Por isso disse: “Olho por olho”, para lhe prenderes as mãos, e não as estender contra as tuas; não apenas para afastar o dano de teus olhos, mas também para conservares ilesos os olhos do próximo. Mas eu perguntava por que, sendo permitida a vingança, eram censurados os que a empregaram. O que significa isso? Trata-se da lembrança da injúria. Concede, conforme disse, que imediatamente aja quem foi lesado, restando o adversário. Não permite a recordação da injúria, pois não se trataria de ira, nem de um ímpeto ardoroso, mas de maldade premeditada. Deus perdoa ao que foi atacado por um insulto insolente e incitado à vingança. Por isso disse: “Olho por olho” e ainda: “O caminho dos que se lembram da injúria leva à morte” (cf. Pr 12,28). Se onde era permitido arrancar olho por olho, destina-se tão grande suplício aos que se lembram de uma injúria, quanto mais aqueles, aos quais foi ordenado que se mostrassem dispostos a suportar? Não nos lembremos, portanto, das injúrias, mas extingamos a ira, para sermos dignos de receber a misericórdia de Deus. “Com a medida com que medis sereis medidos e com o julgamento com que julgais sereis julgados” (Mt 7,2). Sejam, pois, misericordiosos para com os nossos companheiros, a fim de escaparmos das ciladas na vida presente, e no dia que há de vir conseguirmos perdão da parte de Deus, pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA SÉTIMA HOMILIA

32. Sede bondosos e compassivos uns com os outros, perdoando-vos mutuamente, como Deus em Cristo vos perdoou.

5,1. Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos muito amados.

2. Progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo que nos amou e por nós se entregou a Deus, como oferta e sacrifício de odor suave.

As realidades passadas parecem ter mais força do que as futuras, e ser mais admiráveis e críveis. Por isso, exorta Paulo por meio de fatos passados, porque têm maior força por causa de Cristo. Muito se consegue ao dizer: Perdoai, e ser-vos-á perdoado; e: se não perdoardes, não sereis perdoados (cf. Mt 6, 14-15), se for dito a filósofos e homens que acreditam no futuro. Paulo, entretanto, não apenas por isso incute pudor, mas também pelos eventos passados. Pois, no primeiro caso, seria fugir do suplício; neste, ser participante de algum bem. Imitai a Cristo, diz ele. Imitar a Deus – isso é suficiente para exortar à virtude. É mais importante do que o dito: “Porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Não disse apenas que imitemos a Deus, mas quer que mutuamente tenhamos vísceras paternas para com aqueles aos quais beneficiamos. Chamam-se vísceras aqui os sentimentos humanitários e a comiseração. Pois como não é possível,

homens que somos, não molestarmos, nem evitarmos incômodos, encontra uma segunda espécie de medicamento, o de nos perdoarmos mutuamente: *“Perdoando-vos mutuamente”*. Ora, estas coisas não se tornam idênticas. Com efeito, se tu agora perdoas, o próximo por sua vez te perdoará. A Deus, porém, nada perdoarás. Tu perdoas ao companheiro, enquanto Deus perdoa ao servo, ao inimigo e àquele que o odeia. *“Como Deus em Cristo vos perdoou.”* Nesta passagem encerra-se grande enigma. Não simplesmente, sem perigo nos perdoou, mas com perigo para o Filho. Para te perdoar, imolou o Filho. Tu, porém, muitas vezes apesar de verificares que o perdão não acarreta perigo e gastos, não perdoas. *“Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos muito amados. Progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo, que nos amou e por nós se entregou a Deus, como oferta e sacrifício de odor suave.”* Escuta que não diz simplesmente, a fim de não pensares que se trata de obrigação: *“Entregou-se”*. Como se dissesse: Eras inimigo e o Senhor te amou. Ama teu amigo. Ou melhor, visto que nem assim poderás agir, ao menos faz conforme podes. Ah! Palavra feliz! Mesmo que descrevas um reino, ou qualquer outro domínio, nada será igual. Imitas a Deus, assemelhas-te a Deus, ao perdoares. Mais se devem perdoar os pecados do que as dívidas pecuniárias. Pois, se perdoares as dívidas, não imitas a Deus, mas se perdoares as faltas, a Deus imitas. Como poderás dizer: Sou pobre e não posso perdoar. Não perdoas mesmo se podes, e julgas um prejuízo, ao invés de riquezas, posses, abundância? *“Sede, pois, imitadores de Deus.”* Eis outra exortação mais generosa: *“Como filhos muito amados”*. Tendes a obrigação de imitá-lo, não só porque recebestes benefícios, mas porque vos tornastes filhos. *“Como filhos muito amados.”* Nem todos os filhos imitam os pais, esim os muito amados e por isso diz: *“Como filhos muito amados. Progredi na caridade”*. Eis o fundamento de tudo. Se ele existe, não há ira nem clamor, nem blasfêmia, mas tudo isso é eliminado. Por isso, coloca o principal no fim. Por que te tornaste filho? Porque foste perdoado. Pelo mesmo fundamento com o qual mereceste tão grande honra, perdoa ao próximo. Dize-me. Se alguém, quando estavas preso, sujeito a males inumeráveis, te levar ao palácio régio, ou antes, deixemos isso de lado. Se alguém te socorresse com determinado medicamento quando estavas febricitante e enfraquecido, não haverias de exaltá-lo e o próprio nome do medicamento diante de todos? Pois se apreciamos tempos e lugares em que recebemos socorro, como apreciamos nossa vida, muito mais os fatos. Sê amante da caridade; por ela obtiveste a salvação, por ela te tornaste filho. E se puderes levar a salvação a outrem, não usarás o mesmo medicamento, e exortarás a todos: *“Perdoai e vos será perdoado”*? É próprio do ânimo grato, dos nobres e generosos assim exortar. *“Segundo o exemplo de Cristo que nos amou.”* Tu poupas os amigos, ele aos inimigos; são, portanto, muito maiores as ações do Senhor. Quando é observado o preceito: *“Segundo o exemplo”*? Não é evidente que é ao beneficiarmos os inimigos? *“E por nós se entregou a Deus, como oferta e sacrifício de odor suave.”* Vês que ter sofrido em favor dos inimigos é odor suave, oferta agradável? Se morreres, então serás sacrifício. Será imitar a Deus.

3. Fornicação e qualquer impureza ou avareza nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos.

Referia-se à amargura, a saber, à ira; trata agora de um mal menor. De fato, escuta também Moisés na Lei afirmar que a concupiscência é mal menor, dizendo em primeiro lugar: *“Não matarás”*, o que provém da ira, e em seguida: *“Não cometerás adultério”* (Ex 20,13-14), proveniente da concupiscência. Como, pois, a amargura, o clamor, toda maldade e blasfêmia etc., vêm do apetite irascível, assim a fornicação, a impureza e a cupidez dependem do concupiscível. De fato, pela mesma faculdade cobiçamos as riquezas e os corpos. Ali ele cortou o clamor, enquanto veículo da ira, e agora também a palavra obscena e o gracejo atrevido, enquanto portadores da luxúria.

4. Nem ditos indecentes nem picantes ou maliciosos, que não convêm, mas antes ações de graças.

Não profiras ditos indecentes, nem faças atos torpes, e extinguirás a chama. “*Nem sequer se nomeiem entre vós*”, isto é, em parte alguma apareçam. O Apóstolo o escrevia também aos coríntios: “É geral ouvir-se dizer que entre vós existe luxúria” (1Cor 5,1), isto é, tornai-vos puros todos vós. As palavras são caminho para as obras. Em seguida, para não parecer pesado e importuno, sem urbanidade, acrescentou a causa: “*Que não convêm*”, que não se referem a nós, “*Mas antes ações de graças*”.

Para que serve proferir algo com urbanidade? Somente provocas riso. Dize-me. O sapateiro faz algo do que não pertence ao seu ofício, ou possuirá instrumentos estranhos? De modo algum, pois os que não está a nosso uso, não nos interessa. Nenhuma palavra seja ociosa; pois da palavra ociosa caímos no absurdo. O tempo presente não é de alegria difusa, mas de luto, aflições e gemidos; tu, porém gastas tempo em ditos indecentes? Qual o atleta, que tendo ingressado no estádio, esquecido da preocupação de lutar com o adversário, fala palavras picantes? O diabo está presente, anda ao redor rugindo, procurando o que devorar, tudo movimenta e em tua cabeça revolve tudo, e esforça-se por te jogar para fora da capela, range os dentes, ruge, expira fogo contra tua salvação; e tu te assentas, proferindo palavras indecentes, estultices e inconveniências? Poderás certamente superá-lo? Estamos brincado, caríssimos. Queres saber qual é o modo de viver dos santos? Escuta o que diz Paulo: “Durante três anos, dia e noite, não cessei de exortar com lágrimas a cada um de vós” (At 20,31). Tendo ele empregado tanto zelo em favor dos milésios e efésios, não falava com urbanidade, mas admoestava com lágrimas, o que se dirá dos restantes? Escuta também o que diz aos coríntios: “Por isso foi em grande tribulação e com o coração angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas” (1Cor 2,4); e ainda: “Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem se escandaliza, sem que eu também me abraze?” (ib. 11,24). Escuta-o ainda em outra passagem, desejoso, cada dia, por assim dizer, de partir deste mundo: “Nós, que estamos nesta tenda, gememos” (ib. 5,4). Tu, no entanto, ris e brincas? É tempo de guerra, e tu cuidas do que interessa àqueles que dirigem coros? Não vêes os rostos dos que guerreiam como são tristes, contraídos? Seus supercílios repletos de temor e tremor. Vês o olhar severo, o coração excitado, vibrante e palpitante, a mente contraída, trêmula, com angústia e ansiedade, ordenada, adaptada e moderada, muito silenciosa nos exercícios? Não digo que não proferem palavra torpe, mas simplesmente não falam. Pois, se os que guerreiam inimigos sensíveis, sem ser atacados por palavras, empregam tão grande silêncio, tu que tens guerra até em palavras, e a maior parte da guerra, deixas descoberto este lado? Ignoras que daí nos são armadas muitas insídias? Jogas, delicias-te, dizes palavras insolentes, provocas riso e julgas não ter importância? Dos ditos insolentes derivam quantos perjúrios, quantos danos, quantas palavras obscenas? Ora, as palavras urbanas não são tais, replicas. Mas escuta. Expulsa todo gracejo. O tempo é de guerra e de luta, de vigílias, de estar de sentinela, de armaduras e munições para as fileiras. Não cabe tempo para o riso aqui; é para o mundo. Escuta a palavra de Cristo: “O mundo se alegrará. Vós vos entristecereis” (Jo 16,20). Cristo foi crucificado por causa de teus pecados, mas tu ris? Deram-lhe bofetadas, e sofreu tanto por causa de tua infelicidade, e da tempestade que caíra sobre ti; tu, porém, vives no meio dos prazeres? E como não haverás de irritá-lo mais ainda? Mas como a alguns parece ser indiferente, e muito difícil de evitar, vamos tratar um pouco do assunto, informando que se trata de grande mal. É obra do diabo fazer que se menospreze o que é indiferente. Ora, em primeiro lugar, se fosse indiferente, nem assim seria desprezível, devido à consciência de que daí muitos males se originam, crescem e muitas vezes terminam em fornicção; é claro não ser indiferente. Vejamos, portanto, de onde nasce. Ou antes, vejamos que importa ser santo, calmo, manso, chorar, lastimar-se, afligir-se. Quem, portanto, profere palavras de gracejo não é santo. Seja embora pagão; é ridículo. São permitidas somente aos que estão no teatro. Onde existe torpeza, há também gracejos atrevidos. Onde

existe riso importuno, há igualmente gracejo atrevido. Escuta o profeta: “Servi o Senhor com temor e nele exultai com tremor” (Sl 2,11). O gracejo torna a alma indolente, excitada, gera muitas vezes opróbrios e provoca lutas.

Como? Não estás entre homens? Cessem as infantilidades. Não queres que teu servo fale coisas inconvenientes na praça; tu, porém, que te dizes servo de Deus, proferes na praça gracejos. Ainda bem se a alma sóbria não for tomada de surpresa, mas quem não repelirá uma alegria difusa? Ela própria se rejeita, e não precisará das ciladas e ataques do diabo. Para que aprendas, vê também o próprio nome. Denomina-se gracejo o que é variado, de toda espécie, instável, fácil e se converte em tudo; acha-se longe dos que servem a Pedra. Facilmente se altera e muda. Deve imitar o aspecto, a palavra, o riso e o andar etc.; ou antes deve excogitar escárnio, pois é necessário. Estejam longe do cristão os ditos cômicos. Quem graceja necessariamente terá de se sujeitar a inimizades supérfluas daqueles que em vão são visados pelas zombarias, ouvintes presentes ou ausentes. Se a questão é ótima, por que deixá-la aos palhaços? Tornas-te palhaço e não te envergonhas? Por que não permites às jovens livres fazê-lo? Não declarastes que é próprio de homens desonestos, não dos prudentes? Na alma que utiliza gracejos atrevidos há grandes males, grande dissolução e solidão. Falha a harmonia, a construção se arruína, o temor é exterminado, a piedade se ausenta. Não tens uma língua para proferires palavras cômicas, mas para dares graças a Deus. Não vês os dançarinos, que se chamam *gelōtopoioi*. São os que proferem gracejos. Expulsai de vossa alma, suplico, esta graça ingrata. É peculiar aos parasitas, palhaços, dançarinos, prostitutas. Longe esteja da alma livre, dos nobres e dos escravos. Se alguém é infame, obsceno, é também gracejador. A muitos parece virtude. É lastimável. Como a concupiscência paulatinamente se torna luxúria, também o gracejo parece gracioso, mas coisa alguma é menos graciosa. Escuta as palavras da Escritura: “O relâmpago antecipa-se ao trovão, a graça precede a modéstia” (Eclo 32,14). Nada mais vergonhoso do que o gracejador. Sua boca não está cheia de graça, mas de dor. Expulsemos das mesas este costume. Há algumas pessoas que o ensinam aos pobres. Absurdo! Tornam gracejadores os aflitos! Onde agora não existe esta doença? Pois já foi introduzida na Igreja, já atingiu até as Escrituras. Direi algo para mostrar a superabundância do mal? Sinto vergonha, mas direi. Quero mostrar até onde avançou o mal, para não parecer tratar-se de coisas mesquinhas e dissertar acerca de ninharias. Ao menos desta forma possa apartar-vos do erro. Ninguém pense que invento, mas direi o que ouvi. Junto de alguém achava-se um daqueles que se gabam de seus conhecimentos e se comprazem em si; e sei que provocarei riso, mas direi. Esse, diante do prato apresentado, dizia: Apertai o estômago, ó crianças, para que não se irrite. E ainda outros dizem: Ai de ti, Mamon, e daquele que não te possui! E o gracejo atrevido introduziu muitos desses absurdos, tais como: Agora não há geração. Digo isso contra os maus costumes absurdos. São palavras da alma carente de piedade e reverência. Não merecem um raio? Desses e de outros ditos existem muitos. Por isso, suplico-vos que, excluídos sempre tais costumes, tenhamos palavras boas, e não profiram as bocas santas termos infames e obscenos. “Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade? Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas?” (2Cor 6,14). Ótimo se, renunciando aos absurdos, conseguirmos os bens prometidos, não sermos arrastados por tanta maldade e não prejudicarmos a acuidade da mente. Pois quem emite gracejos atrevidos, logo se faz maldizente; o maldizente, porém, acumula inumeráveis pecados. Submetendo à razão a vida da alma e por dupla ordem, coloquemos freio à cupidez e à ira, à guisa de cavalos obedientes às rédeas, a fim de recebermos o prêmio da vocação do alto. Todos nós o alcancemos em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, poder, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

5. *Pois é bom que saibais que nenhum fornicário ou impuro ou avarento – que é um idólatra – têm herança no reino de Cristo e de Deus.*

6. *Ninguém vos engane com palavras vãs, porque por essas coisas vem a ira de Deus sobre os desobedientes.*

Parece ter havido até entre os nossos maiores, alguns que tornavam dissolutas as mãos do povo, e segundo Ezequiel, levavam a efeito, ou antes, faziam o que é próprio dos falsos profetas: por um punhado de cevada aviltavam a Deus perante seu povo (Ez 13,19), conforme mesmo atualmente procedem alguns, na minha opinião. Ao dizermos que aquele que chamar o irmão de louco irá para a geena, alguns replicam: Então, quem chamar o irmão de louco irá para a geena? De forma alguma, respondem. E, ao afirmarmos que o avaro é idólatra, eles, de novo com desprezo, retrucam: É hipérbole. E desta forma desprezam todos os mandamentos. Dando-o a entender, São Paulo escrevia então aos efésios: *“Pois é bom que saibais que nenhum fornicário ou impuro ou avarento – que é um idólatra – têm herança no reino de Cristo e de Deus”*. Em seguida, acrescenta: *“Ninguém vos engane com palavras vãs”*. São palavras vãs as que eventualmente têm graça, e não se realizam em fatos e obras; são decepcionantes. *“Porque por essas coisas vem a ira de Deus sobre os desobedientes.”* Por causa da luxúria, da avareza, da impureza, ou além disso, pela decepção, porque são enganadoras. Chama de filhos desobedientes os que são muito rebeldes, não obedecem.

7. *Não vos torneis, pois, co-participantes das suas ações.*

8. *Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor:*

Vê a sabedoria com que os exortou. Em primeiro lugar, por Cristo. Por isso amais-vos mutuamente, e a ninguém façais injustiça; ainda exorta por causa do suplício e da geena: *“Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor”*. Declara o mesmo na Epístola aos Romanos: *“E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais?”* (Rm 6,21). E relembra-lhes a anterior malícia. Isto é, refletindo no que outrora fostes, e em que vos transformastes agora, não retorneis à primitiva maldade, nem inflijais injúria à graça de Deus. *“Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor.”* Assim não aconteceu por vossa virtude, mas pela graça de Deus, isto é, vós outrora merecestes essas coisas, mas já não sois tais.

andai como filhos da luz,

Em seguida manifesta o que significa: *“Filhos da luz”*:

9. *pois o fruto da luz consiste em toda bondade e justiça e verdade.*

10. *Procurai discernir o que é agradável ao Senhor*

“Em toda bondade”. Isso aos irascíveis, aos amargos. *“E justiça”* – aos avaros. *“E verdade”* – ao falso prazer. Não se exprimiu desta forma, mas empregando termos opostos. *“Em toda”*, isto é, importa apresentar fruto espiritual em tudo. *“Procurai discernir o que é agradável ao Senhor”*

São próprias aquelas às mentes pueris e imperfeitas.

11. *e não sejais participantes das obras infrutuosas das trevas, antes denunciái-as,*

12. *pois o que eles fazem em oculto é vergonhoso até falar delas.*

13. *Mas tudo o que é condenável é manifesto pela luz,*

Ele disse: *“Sois luz”*. A luz censura o que sucede nas trevas. Se, portanto, sois virtuosos e admiráveis, os malvados não poderão se esconder. Se é colocada uma lanterna, todos são iluminados,

e o ladrão não poderá entrar; assim se vossa luz brilhar, serão convencidos os malvados de que foram condenados. Importa, portanto, censurar. Como diz, no entanto: “Não julgueis para não serdes julgados” (Mt 7,1)? Deve-se arguir, não condenar, isto é, corrigir. E: Não julgueis, referia-se aos pecados menos graves. Com efeito, acrescentou: “Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu?” (Mt 7,3). Declara o seguinte: A ferida encoberta piora, aprofunda-se, não aceita tratamento; assim o pecado, enquanto oculto nas trevas é admitido com grande segurança; depois de manifesto, faz-se luz, não, contudo, o próprio pecado. Quem então? Aquele que o cometeu. Se for descoberto e admoestado, arrepender-se e obtiver remissão, não terás expulsado as trevas? Não curaste sua ferida? Não converteste a infertilidade em frutos? Ou ele diz isso e aquilo, porque vossa vida decorre às claras, é luz. Ninguém esconde a vida irrepreensível. Escondidas são as que nas trevas ficam ocultas.

14. *É por isso que se diz: Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará.*

Ele declara que está dormindo, está morto o pecador. Transcende mau odor como um cadáver, não pode atuar como sucede ao adormecido, nada vê como ele, mas sonha e tem imaginações. Uns dizem: E Cristo te tocará; outros, porém: “*E Cristo te iluminará*”. Ou melhor: Afasta-te do pecado e poderás ver a Cristo: “Pois quem faz o mal odeia a luz e não se aproxima da luz” (Jo 3,20); quem não o faz, aproxima-se.

Mas não o afirma apenas a respeito dos incrédulos, porque muitos dos fiéis não menos do que os infiéis não deixam o vício; existem alguns que até mais viciosos. E por isso foi preciso dizer-lhes:

“*Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará*”. Convém também dizer-lhes: “Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos” (Mt 22,32). Se não é Deus de mortos, vivamos. Alguns julgam tratar-se de uma hipérbole a asserção: O avaro é idólatra. Não é hipérbole, é verídico. Como? De que modo? O avaro se afasta de Deus como o idólatra. E não penses que foi dito inutilmente. É sentença de Cristo: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24). Os que servem a Mamom, abandonaram o serviço de Deus; os que renegaram seu domínio, e servem o ouro inanimado, é claro que são idólatras. Ora, replica, não fiz um ídolo, não levantei um altar, não sacrifiquei ovelhas, nem fiz libações com vinho, mas entrei na igreja, estendi as mãos para o Unigênito Filho de Deus, e participo dos mistérios, associo-me às orações e a tudo o que reúne os cristãos. Então, responde, adoro um ídolo? Ora, é de fato muito espantoso que tenhas experimentado e provado a bondade de Deus, e visto que é um ótimo Senhor, no entanto abandonaste o excelente Senhor, aceitaste um cruel tirano e dizes que não serves. De fato, porém, te sujeitaste ao duro e pesado jugo do amor do dinheiro. Ainda me dizes que agiste bem, mas é dom do Senhor. Dize-me, por favor. Com que critério julgamos o soldado? Acaso por ser satélite do rei, ser sustentado por ele, diz pertencer-lhe? Ou porque não lhe tem afeto, mas assegura que é de seu partido e o serve, enquanto cuida dos interesses dos inimigos? É claro que é porque é satélite do rei. Por isso merece suplício mais grave do que se de repente abandonasse o jugo da servidão do rei e se entregasse aos inimigos. E tu, ofendes a Deus enquanto idólatra, não só com tua boca, mas com a de incontáveis pessoas às quais injuriaste. Mas isto não é, replicas, idolatrar. Quando, porém, dizem os pagãos: Este cristão é avaro, não só ofendes por teus atos, mas muitas vezes obrigas os ultrajados a ofendê-lo.

Se não o dizem, é imputável à delicadeza deles. Não vemos que assim acontece? O que é afinal um idólatra? Quem não domina os vícios, muitas vezes não os adora? Por exemplo, ao lhe dizermos que ele adora os ídolos, responde: Não; adoro a Vênus, a Marte. E se dissermos: Quem é Vênus? Respondem os mais respeitáveis dentre eles: O prazer. E quem é Marte? A ira. Assim também tu

acerca de Mamom. Se perguntarmos: Quem é Mamom? A cobiça. E tu a adoras? Não a adoro, replica. Por quê? Seria por que não te curvas diante dela? Muito mais adoras pelas obras, na realidade. É a principal adoração. E para que o saibas, considera em relação a Deus. Quais os que adoram melhor? Os que simplesmente ficam de pé nas orações ou os que fazem sua vontade? É claro que são estes últimos. Assim também relativamente ao dinheiro, mais o adoram os que fazem sua vontade. Ora, os que adoram as paixões, muitas vezes estão isentos delas. Vê os cultores de Marte, que frequentemente dominam a ira. Em ti, contudo, não sucede isso, mas te reduces à escravidão da paixão. Não imolas ovelhas? Entretanto, imolas homens e seres racionais, a uns pela fome, a outros pelas maldições. Nada mais orgíaco do que este sacrifício. Quem viu alguma vez almas imoladas? Abominável é o altar da cobiça. Pois, se te aproximares do altar dos ídolos, sentirás o odor do sangue dos cabritos e dos bois. Se te acercares do altar da cobiça, haverás de aspirar sangue humano, o que é mais grave. Se aí te deteres, não verás arderem asas de aves, não emitirem vapor e fumaça, mas perecerem corpos humanos. De fato, uns se jogam por precipícios, outros se enforcam, outros atravessam a garganta com a espada. Viste os cruéis sacrifícios humanos? Queres ver outros piores? Não te indicarei corpos humanos, mas mortas aí almas humanas. É possível serem mortas de determinada forma. Existe morte corporal e existe a espiritual. “Aquele que pecar, esse morrerá” (Ez 18,4). A morte da alma não é como a corporal, mas muito mais grave. Com efeito, em consequência da morte corporal, com a separação da alma e do corpo, o corpo descansará de muitas preocupações, e a alma transfere-se para uma região cheia de claridade. Passada a separação e a privação, o corpo de novo na incorrupção unir-se-á à alma, recuperando-a.

Tal é a morte corporal. Mas a morte da alma causa estremecimento e temor. Não se corrompe com a separação do corpo, mas une-se novamente ao corpo incorruptível, remetendo-o ao fogo inextinguível. Esta é, portanto, a morte da alma. Tal como a morte da alma é o seu assassinato. Qual é o assassinio do corpo? Ser atingido pela morte, e separado da energia espiritual. O que é o assassinio da alma? É a própria mortificação. O que seria, porém, a mortificação da alma? Como o corpo é atingido pela morte quando a alma lhe retirar sua energia, assim também a alma morre quando o Espírito Santo a privar de sua energia. Este assassinio acontece principalmente diante do altar da cobiça. Esta não se sacia, nem se detém diante do sangue humano; não se preenche o altar da cobiça se não sacrificares a própria alma, se ele não acolher ambas as almas, a saber, a do sacrificador e a do sacrificado. O sacrificador é o primeiro sacrificado, e assim o que sacrifica e está morto sacrifica um ser ainda vivo. Se persegue com maldições, com ultrajes e encoleriza-se, não serão incuráveis estas chagas da alma? Vês que não se trata de uma hipérbole?

Queres ouvir ainda e aprender como a cobiça é mais grave do que a idolatria e o culto dos ídolos? Os idólatras adoram criaturas de Deus. “Adoraram e serviram a criatura em lugar do Criador” (Rm 1,25). Tu, no entanto, adoras tua criatura. Deus não criou a cobiça, mas a tua insaciável imoderação a inventou. Vê que coisa louca e ridícula! Os adoradores dos ídolos honram aqueles que eles adoram, e se forem lançadas contra eles maldições ou injúrias, defendem-nos. Tu, contudo, por uma espécie de embriaguez, adoras ídolos que não só não estão isentos de censura, mas se acham repletos de impiedade. Por isso és muito pior; nem podes apresentar a defesa de que não sejam maus. Embora eles sejam especialmente inescusáveis, tu, no entanto, és muito mais porque acusas mil vezes a cobiça, e censuras os que a reverenciam, servem-na e seguem seus costumes. Se quiserdes, porém, examinemos como foi inventada a idolatria. Narrou um sábio que um homem rico, atormentado pela imatura morte do filho, e não tendo consolo algum em seu luto, a fim de suavizar a dor, olhava sempre uma imagem inanimada do defunto, e parecia-lhe ter continuamente presente o defunto por intermédio da imagem. Certos aduladores, cujo deus é o ventre, cultuando a imagem para honrar aquele pai, transformaram o

costume em idolatria (cf. Sb 14,15). Foi introduzida, portanto, por fraqueza de ânimo, por meio de um costume irracional, imoderado. O mesmo não aconteceu à cobiça, porque ela também originou-se de fraqueza da alma, todavia muito pior. Não foi devido à perda de um filho, nem se tratava de alívio de um luto, nem vinha da parte de adutores. Como, então?

Vou dizer. Caim defraudou a Deus pela cobiça, pois reteve o que devia oferecer-lhe, ofertou-lhe o que ele devia conservar, e começou agindo mal relativamente ao próprio Deus. Com efeito, se somos de Deus, muito mais as primícias de nossas posses. Ainda da cobiça originou-se o mau desejo relativo às mulheres: “Viram que as filhas dos homens eram belas” (Gn 6,2), e ambicionaram-nas; daí retornaram ao dinheiro. De fato, querer ter maior quantidade de bens desta vida do que o próximo não se origina senão do arrefecimento da caridade. Querer mais não provém senão da arrogância, do ódio e do desprezo aos homens. Não vês que a terra, o ar e o céu são de tamanho muito maior do que o necessário? Na verdade, Deus a fim de extinguir tua cobiça, elevou a tão grande medida as coisas criadas. Tu, porém, assim roubas e ouves que a cobiça é uma idolatria. E nem assim estremeces? Queres ser herdeiro da terra? Mas não tens herança no céu? Esforças-te por transmitir uma herança e dela te privas?

Dize-me. Se te fosse dado o poder de possuir tudo, acaso não o desejarias? É possível, se te aprouver. Ora, alguns manifestam pesar quando a herança passa a outros, mas preferem vê-la consumida a perceber que outros a obtêm. Nem eu te livro desta fraqueza, própria da alma fraca. Mas faça-se ao menos isto: No testamento deixa Cristo como herdeiro. Devias tê-lo feito durante a vida; seria decisão livre. No entanto, ao menos coagido torna-te mais liberal. Cristo mandou doar aos pobres, para nos tornar sábios durante a vida, para nos persuadir a desprezar as riquezas, para nos ensinar a menosprezar as coisas terrenas. Não seria desprezar as riquezas, deixá-las a este ou àquele quando moribundo, e privado das posses. Já não seria dar de boa vontade do que é teu, mas seria forçoso. É devido à morte, não a ti. Não se trata de benevolência, mas de ofensa. De resto, ao menos assim se faça, ao menos então liberta-te da paixão. Pensa quanto roubaste, quanto cobiçaste; dá o quádruplo de tudo, defende deste modo tua causa diante de Deus. Mas existem alguns que chegam a tal ponto de loucura e cegueira que nem então veem o que deviam, mas agem sempre como se esforçassem por fazer o juízo de Deus mais grave. Por isso o bem-aventurado Apóstolo escrevia: *“Andai como filhos da luz”*. O cobiçoso sobretudo vive nas trevas, e espalha trevas profundas. E: *“Não sejais participantes das obras infrutuosas das trevas, antes denunciái-as, pois o que eles fazem em oculto é vergonhoso até falar delas. Mas tudo o que é condenável é manifesto pela luz.”*

Ouvi, suplico-vos, todos os que não quereis ser odiados sem motivo. Roubas e não és condenado? Mas temes o ódio. Ora, isso não é ser odiado sem motivo; mas com justiça és condenado e receias o ódio? Repreende o irmão, aceita a inimizade por causa de tua caridade em Cristo, por causa de teu amor ao próximo. Impede que caia no abismo. Com efeito, ser participante da mesa, de palavras amáveis, de fala agradável e de prazeres não é o principal da amizade. Concedemos dons a nossos amigos se os apartamos da ira de Deus. Vendo-os na fornalha do vício, retiremo-los. Mas ele não se corrige, replicas. Faze a tua parte, e estás desculpado perante Deus. Não ocultes o talento. Tens a razão, língua, boca para corrigires o próximo. Só os animais não se preocupam com o próximo, não prestam contas dos outros. Tu, porém, que chamas a Deus de Pai, e o próximo de irmão, ao vires que ele comete incontáveis pecados, prefere o seu agrado ao bem dele? Por favor, não procedas assim. Nenhum indício de amizade é tão grande quanto não desprezar os irmãos que pecam. Viste-os com inimizade? Reconcilia. Viste-os cobiçosos? Proíbe. Viste-os injuriados? Defende-os. Gratificaste não a eles, mas em primeiro lugar a ti mesmo. Somos amigos para sermos proveitosos mutuamente. Um escuta o amigo, outro a um qualquer. Terá a este por muito suspeito, e igualmente ao mestre; ao

amigo, contudo, não acontece o mesmo. “*Pois o que eles fazem em oculto é vergonhoso até falar delas. Mas tudo o que é condenável é manifesto pela luz.*” O que significa isto? Dizia: Alguns pecados são cometidos ocultamente, outros às claras. Aqui, porém, não é assim. Ninguém deixa de estar consciente do pecado. Por isso diz: “*Mas tudo o que é condenável é manifesto pela luz*”. Como? Acaso não falava da idolatria? Absolutamente, não. Mas trata da vida e dos pecados. “*Mas tudo o que é condenável é manifesto pela luz*”. Por isso, suplico-vos, não hesiteis em repreender, nem recebais mal uma repreensão. Pois, enquanto algo se realiza nas trevas, faz-se com mais segurança; diante de muitas testemunhas, manifesta-se pela luz. Por este motivo principalmente tudo façamos para apartarmos nossos irmãos do que leva à morte, para dissiparmos as trevas, para atrairmos o Sol de justiça. Se muitos forem os luminares, ser-lhes-á fácil o caminho da virtude, e mais se manifestarão as obras das trevas, com o raiar da luz que as dissipa. Do contrário, é de se temer que se extingam, a intensidade das trevas e dos pecados vencerão a luz, apartando a perspicácia. Sejam tais que tenhamos proveito, e por tudo glorifiquemos o Deus clemente e amante, pela graça e amor aos homens etc.

DÉCIMA NONA HOMILIA

15. *Vede, pois, cuidadosamente como andais: não como tolos, mas como sábios,*

16. *redimindo o tempo, porque os dias são maus.*

17. *Por isso não sejais insensatos, mas procurai conhecer a vontade do Senhor.*

Ele ainda expurga a raiz da severidade, ainda corta a ocasião da ira. Pois o que diz? “*Vede, pois, cuidadosamente como andais.*” Ele sabia que seu Mestre, ao enviar os discípulos como ovelhas entre lobos, ordenou-lhes além disso que fossem como pombas: “*Sede sem malícia, como as pombas*” (Mt 10,16). Estando, portanto, entre lobos, e de acréscimo lhes tivesse sido ordenado que não se vingassem, mas suportassem o mal, precisavam de tal admoestação. Ora, bastava-lhes o primeiro aviso para torná-los mais fortes; tendo sido acrescentados mais dois, calcula a hipérbole. Vê, portanto, como Paulo cuidadosamente os corrobora: “*Vede, pois, como andais*”. Cidades inteiras lhes faziam guerra, que penetrava até nas casas: O pai estava dividido contra o filho, o filho contra o pai, a mãe contra a filha, a filha contra a mãe. Como? De onde vinham estas divisões? Ouviram Cristo dizer: “*Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim*” (Mt 10,37). Visando, portanto, que eles não julgassem que simplesmente ele trazia guerras e lutas, porque se eles também atacassem surgiria grande cólera, diz: “*Vede, pois, cuidadosamente como andais*”. Isto é, exceto na pregação, não deveis criar outra ocasião de inimizade contra vós. Seja esta a causa única de inimizade. Ninguém vos incrimine por outro motivo, mas demonstrei honra e obediência, no caso de não prejudicar a pregação, de não impedir a piedade. “*Dai a cada um o que lhe é devido: o imposto a quem é devido; a taxa a quem é devida*” (Rm 13,7). Se notarem que no restante sois justos e bons, envergonham-se. “*Não como tolos, mas como sábios, redimindo o tempo.*” Não quer persuadir que sejamos astuciosos, com fisionomias mutáveis, mas diz o seguinte: O tempo não vos pertence. Agora sois inquilinos e peregrinos, hóspedes e estrangeiros. Não deveis buscar honras, glória, poder, vingança. Suportai tudo, e assim redimi o tempo. Depositai muito e até tudo o que eles quiserem. O dito é obscuro. Vamos. Tentarei explicá-lo por um exemplo. Pensa num proprietário de casa esplêndida. Entram alguns homens no intuito de matá-lo e ele dá grande quantia e escapa. Dizemos que ele pagou um resgate. Assim também tu, tens uma grande casa e a fé verdadeira. Irrompem alguns para roubar-te tudo; dá tudo o que exigirem, e conserva apenas a cabeça, isto é, a fé. “*Porque os dias são maus.*”

O que é a malignidade do dia? A malignidade do dia deve ser relativa ao dia. Se souberes que em

cada um de nós há maldade, saberás o que é a malignidade do dia. O que é a malignidade do corpo? A doença. O que é a malignidade da alma? O pecado. O que é a malignidade da água? A amargura. E em cada qual a malignidade é o vício respeitante àquela natureza, à qual pertence o vício. Se, portanto, a malignidade é do dia, deve ser acerca do próprio dia, das horas, da luz. Foi também o que Cristo disse: “A cada dia basta o seu mal” (Mt 6,34). Por este também conhecemos aquele. É possível que o dia seja mau? Não é a essência, não são os seres criados, mas o que neles acontece. Conforme costumamos dizer: Passei um dia ruim, péssimo. Por acaso seria ruim, e não o que nele sucede? Os eventos são bons da parte de Deus, maus, contudo, da parte dos homens malvados. Os homens são os autores dos males temporais, e por isso os tempos são denominados maus. E nós também os chamamos de tempos maus.

19. *Por isso não sejais insensatos, mas procurai conhecer a vontade do Senhor.*

20. *E não vos embriagueis com vinho, que é uma porta para a devassidão,*

Esta falta de moderação cria pessoas exaltadas, audazes, precipitadas, irascíveis e difíceis. O vinho foi-nos concedido para a alegria, não para a embriaguez; agora, porém, não se embriagar parece covardia e coisa ridícula. Qual então a esperança de salvação? Dize-me. É ridículo não se inebriar, dizes. No entanto, não é sobretudo a embriaguez a coisa mais ridícula? Pois mesmo para o particular é ótimo ficar bem afastado da embriaguez; muito mais para o soldado, que tem de conviver com espada, sangue e morticínio. Muito mais se é irritado de outro lado, pelo poder, o domínio, por estar assiduamente no meio de ciladas e lutas. Queres saber quando o vinho é bom? Escuta a Escritura: “Dá licor aos tristes, e vinho aos amargurados” (cf. Pr 31,6). E com razão. Com efeito, costuma suavizar o que é áspero e triste e afastar o que é nevoento. “O vinho alegra o coração do homem” (Sl 104,15). Então a embriaguez vem do vinho? Não é lícito a cada um impedi-la? A embriaguez não deriva do vinho, mas do uso intemperante. O vinho foi concedido só para a saúde do corpo, mas a intemperança serve de obstáculo. Escuta o que São Paulo escreve a Timóteo: “Toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas frequentes fraquezas” (1Tm 5,23).

De fato, Deus deu-nos corpos comedidos, que se saciam com pouco. Assim nos instrui que somos aptos para uma vida diferente. Quis doá-la desde o início, mas protelou porque nos tornamos indignos. Durante as delongas, não quer um gozo imoderado. Uma hêmina de vinho e um só pão bastam para encher o estômago do homem. E fez aquele que tem o domínio sobre todos os animais precisar de menos, guardadas as devidas proporções, e pequeno de corpo, denotando que nós nos apressamos em direção a outra vida. “*E não vos embriagueis com vinho, que é uma porta para a devassidão.*” Não conserva, mas arruína corpo e alma.

mas buscai a plenitude do Espírito.

19. *Falai uns aos outros com salmos e hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em vosso coração,*

20. *sempre e por tudo dando graças a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.*

Moral doméstica

21. *Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo.*

Queres alegrar-te? Queres passar o dia? Eu te darei uma bebida espiritual. A embriaguez, na verdade, extingue nossas palavras auspiciosas, faz-nos balbuciar, perturba os olhos e simplesmente tudo. Aprende a salmodiar e verás o prazer que traz, pois os que salmodiam ficam repletos do Espírito Santo, de igual forma que os que cantam cânticos satânicos se enchem do espírito imundo. O que quer dizer: “*Ao Senhor em vosso coração*”? Que canta com sabedoria espiritual, pois quem não aplica o espírito canta simplesmente ao proferir as palavras, enquanto o coração devaneia por outras partes. “*Sempre e por tudo dando graças a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo.*” Isto é, vossos pedidos, com ações de graças, sejam reconhecidos por Deus. Nada tanto alegra a Deus quanto uma pessoa agradecida. Principalmente damos graças ao afastarmos do espírito as faltas mencionadas e o expurgarmos com os meios enumerados. “*Buscai a plenitude do Espírito.*” Mas está em nosso poder? Certamente. Se expulsarmos de nosso espírito a mentira, a amargura, a devassidão, a impureza, a cobiça e formos bondosos, misericordiosos, serviçais, sem gracejos insolentes, empenhando-nos em nos tornarmos dignos, o que impede a aproximação e o sobrevoio do Espírito Santo? Não apenas se aproximará, mas também encherá nosso coração. Se interiormente há tanta luz, não será difícil portar-nos virtuosamente, mas será fácil e rápido. “*Por tudo dando graças.*” Como? Por tudo o que acontece é preciso dar graças? Certamente. Até mesmo a doença, até mesmo a pobreza. Se, de fato, no Antigo Testamento um sábio persuadia: “Tudo o que te acontece, aceita-o, e nas vicissitudes de tua pobre condição sê paciente” (Eclo 2,4), muito mais se deve fazer no Novo Testamento. Apesar de desconheceres a razão, dá graças. É a verdadeira ação de graças. Se recebes benefícios, és rico e opulento, teus negócios correm bem, e em tudo és feliz, e por isso dás graças, não é de espantar. Com efeito, desejável é que dê graças quem se acha atribulado e triste. Nada digas antes desta palavra: Dou-te graças, Senhor. E por que me refiro às aflições terrenas? Deve-se dar graças a Deus até por causa da geena, dos castigos e suplícios no além. Muito nos ajuda a estarmos advertidos. Em lugar de freio, o temor da geena se imponha a nossos corações. Demos graças não somente pelos benefícios manifestos, mas também pelos que não são evidentes, e os infligidos contra nossa vontade. Deus nos confere muitos benefícios, sem o querermos e sem o sabermos. Se não acreditais, já vo-lo manifestarei. Reflete acerca do seguinte: Os gentios malvados e incrédulos não atribuem tudo ao sol e a seus ídolos? Como? Ele não os beneficia? Não vem daquela providência o fato de viverem, estarem sadios, gerarem filhos etc.? E os marcionistas? Os maniqueus? Não o atacam com blasfêmias? Como? Não os beneficia diariamente? Se ele os beneficia sem que eles saibam, muito mais a nós. Qual a obra de Deus senão prestar benefícios ao gênero humano, tanto por meio de suplícios quanto por alívios.

Por conseguinte, não apenas demos graças na prosperidade; não é grande coisa. Até o diabo o sabe, e por isso dizia: “É em vão que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste uma muralha ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Mas estende tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto” (Jó 1,9-11). Mas aquele malvado nada lucrou, e oxalá nem retire de nós algum lucro. Mas, se estivermos vivendo cercados de pobreza, doença e moléstia, então intensifiquemos a ação de graças. Ação de graças, digo, não de boca, mas por ações e obras, por

pensamento e de coração. Demos graças com toda a alma. Ele mais nos ama do que nossos pais; e tão grande é a diferença entre o amor de Deus e o de nossos pais quanto entre a maldade e a bondade.

Não são minhas estas palavras, mas do próprio Cristo, que nos ama. Escuta-o: “Quem de vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedem?” (Mt 7,10-11). E ainda em outra passagem: “Por acaso uma mulher se esquecerá do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esquecerei de ti” (Is 49,15), diz o Senhor. Efetivamente, se não nos ama, por que nos fez? Foi por necessidade? Acaso lhe prestamos um serviço necessário? Precisa de algo do que é nosso? Escuta o profeta: “Disse ao Senhor: ‘És tu o meu Senhor, não precisas de meus bens’” (Sl 16,2). Mas dizem os ingratos e insensatos: Vem da bondade de Deus que todos recebam igual honra? Dize-me. Ó ingrato! O que declaras que não é bondade de Deus e a qual igualdade te referes? Um é mutilado desde criança, outro é louco e atormentado pelo demônio; outro chega à extrema velhice, tendo passado toda a vida na pobreza, outro com doenças gravíssimas. São obras da providência? Um é surdo, outro mudo, este é pobre, aquele é malvado, péssimo, cheio de inúmeros pecados, goza de riquezas, alimenta meretrizes e parasitas, possui magnífico palácio, leva uma vida despreocupada. Eles colecionam muitas destas objeções e elaboram longo discurso contra a providência de Deus. E então? Não existe providência? O que lhes responderemos? Se fossem pagãos, e nos dissessem que o mundo é governado por outrem, de nossa parte lhes replicaríamos: Como? Não há providência? E por que cultuais os deuses e adorais demônios e heróis? Se existe providência, cuida de tudo. Se existem cristãos ou mesmo pagãos que a não aceitam e abalam pela base esta noção, o que lhe diremos? Tantos bens, dize-me, surgiram automaticamente? A luz cotidiana, a ordem dos seres, o coro dos astros, o curso regular dos dias e das noites, a normalidade da natureza nas plantas, animais e homens? Quem, pergunto, administra estas coisas? Se não há quem governe o mundo, mas tudo foi criado por acaso, quem estendeu sobre a terra, e sobre as águas o céu, abóbada tão bela, tão grande? Quem marcou o tempo para a frutificação? Quem depositou tanto vigor nas sementes e nas plantas? Com efeito, o que vem do acaso é inteiramente desordenado. Mas o que é bem-ordenado, deriva da arte. Por que, dize-me, entre nós o resultado do acaso é cheio de confusão, tumulto e perturbação? Não digo trato somente do acaso, mas também de uma operação desprovida de arte. Por exemplo, temos madeira, pedras e cal? Um homem imperito em construção toma esses materiais, edifica e trabalha. Não perde e estraga tudo? Ainda, um navio sem timoneiro, que contenha os elementos de que uma nave necessita, excetuado um técnico, poderá navegar, não digo sem ser aparelhada, mas nem mesmo aparelhada? E a terra tão grande, estabelecida sobre as águas, sem força alguma que a retenha, dize-me, ficará firme durante tanto tempo? Tem sentido? E não é inteiramente ridículo cogitar destas coisas? E se a água também suporta o céu, eis outro ônus. Se, porém, o céu é carregado pela água, outra questão. Mas tudo isto é obra da providência. Pois o que é levado acima das águas não deve ser convexo, mas côncavo. Por quê? Porque o objeto côncavo, de fato, imerge nas águas como um navio, enquanto o convexo está todo para cima, e só as extremidades pendem. Seria, portanto, preciso que as águas fossem consistentes, e opusessem resistência, sustentando o peso imposto. E o ar escora o céu? Mas é muito mais frouxo e laxo do que a água e não pode estear nem mesmo algo de sutil, quanto mais tão imenso volume. Se quiséssemos seguir minuciosa e totalmente as obras da providência, faltar-nos-ia o tempo. Interrogarei os que agora o tentam: Estas coisas dependem ou não da providência? Se disser: Não dependem da providência, insistirei: Como, então, foram criadas? Não poderá apresentar alguma razão. Muito mais não deves curiosamente inquirir e indagar a respeito dos acontecimentos humanos. Por quê? Porque o homem é mais importante e honroso do que tudo isto, e a criação foi feita por causa dele, e não ele por causa dela.

Se, portanto, não conheces a sabedoria e o modo de governar dos objetos desua solicitude e providência, como poderás saber os seus motivos? Dize-me. Por que fez o homem pequeno, e tão distante da altura do céu que duvide a respeito do que aparece no alto? Por que as regiões boreais e austrais são inóspitas? Dize-me. Por que foi feita a noite mais longa no inverno e mais breve no verão? Por que tal frio? Por que o calor? Por que o corpo é mortal? Perguntar-te-ei inúmeras coisas. E se te apraz, não cessarei de te interrogar, e duvidarás de tudo. Por conseguinte, a máxima providência é que se mantenham inefáveis as razões. Aliás, alguém poderia pensar que o homem é a causa do universo, se isto não pressionasse nossa inteligência. Ora, diz-se, ele é pobre, e a pobreza é um mal. Por que a doença? E a cegueira? Nada são, ó homem. Único mal é o pecado e só isso devemos examinar. Mas omitimos as causas dos verdadeiros males, e procuramos saber curiosamente diversas coisas. Por que ninguém de nós jamais examina por que pecou? Está em meu poder pecar, ou não? E para que empregar muitas palavras? Perguntar-me-ei a mim mesmo. Acaso alguma vez venci a emoção? Alguma vez venci a ira, por pudor ou por respeito humano? Após encontrar a solução, perceberei que está em meu poder pecar. Ninguém examina estas coisas, ninguém perscruta cuidadosamente, e sim de modo muito simples, conforme se encontra em Jó: “O homem temerariamente nada em palavras” (Jó 11,12, em grego). Por que te preocupas por que este é cego, e aquele pobre? Deus não te ordenou pensar nessas coisas, mas no que deves fazer. Pois se duvidas se o mundo é governado por algum poder, és o mais louco de todos; do contrário, se tens esta convicção, por que duvidas que se deve agradar a Deus. *“Sempre e por tudo dando graças a Deus.”* Vai ao consultório do médico e verás que ele, ao descobrir uma ferida, corta e cauteriza. Não o digo de ti. Mas vai à oficina do carpinteiro; nem ali procures saber a razão, apesar de nada saberes do que ali se faz e muita coisa te parecer ambígua, como modelar a madeira, transformá-la. Ou antes, levo-te a observar uma arte mais fácil, como a pintura, e ali terás vertigens. Dize-me. Não te parece insensato fazer o que o pintor faz? O que significam aqueles riscos e traços? Mas se colocar as cores, então parecer-te-á uma arte bela, mas nem assim poderás apreender exatamente. Por que, contudo, falo de carpinteiros, pintores e companheiros de trabalho? Dize-me, por favor, como a abelha faz os favos, e então responderás que vem de Deus. Observa o trabalho das formigas, das aranhas, das andorinhas, e então responderás que vem de Deus. Se és sábio, responder-me-ás; mas não podes. Então, não cessarei, ó homem, de perguntar em vão coisas supérfluas? São, de fato, supérfluas. Não deixarás de perscrutar curiosamente? Nada mais sábio do que esta imperícia; os que confessam que, de fato, nada sabem, são os mais sábios e os que curiosamente perscrutam são os mais insensatos. Por que sempre declarar saber não é peculiar à sabedoria, mas às vezes, trata-se de estultice. Dize-me. Se de dois homens, um afirma que vai medir o ar, da terra ao céu e estende cordas, enquanto o outro, rindo, diz que não sabe, de quem havemos de rir? Dize-me. Do que diz que conhece ou do que declara ignorar? É claro que de quem afirma desconhecer. Quem ignora é mais sábio do que aquele que afirma saber. E o que acontecerá, se alguém afirmar que sabe quantos copos d’água encerra o mar, outro declara que ignora, de novo a ignorância não é mais sábia do que o conhecimento? Sem dúvida. Por quê? De fato, aquela ignorância é intensa. Pois quem diz que ignora, conhece em parte. O quê? Que é incompreensível ao homem, e isso não é pouco. Quem, contudo, assegura saber, desconhece especialmente o que afirma conhecer, e por isso é ridículo. Ai de mim! Com que frequência recebemos a instrução de refrear a curiosidade inoportuna e a indagação supérflua, e não atendemos; mas indagamos curiosamente a vida alheia, por que um é cego, outro pobre. Com isso decaímos também a bagatelas: Por que ela é mulher e todos não são homens? Por que o asno, por que o boi, por que o cão, por que o lobo, por que a pedra, por que a madeira? E o discurso se torna infinitamente prolixo. Por este motivo, Deus nos estabeleceu um termo para o conhecimento, e o fundou na

natureza. Olha a grande curiosidade: Olhando a grande distância da terra ao céu, não nos abalamos, mas quando, tendo subido ao alto de uma torre, quisermos olhar para baixo, inclinando-nos um pouco, invadem-nos logo grave vertigem e escuridão. Dize-me a causa, mas não encontrarás: Porque o olhar é intensificado, e mais se prende ao que está mais longe?

E de igual forma sucede ao ouvido. Ninguém poderá gritar tanto que encha o ar quanto o olho poderá atingir, nem ouvir de tão grande distância. Por que nem todos os membros recebem igual honra? Por que não têm idêntica utilidade, nem lugar igual? Paulo também o perscrutou, ou antes não perscrutou (pois era sábio), mas quando esbarrou nesta dificuldade, diz: “Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade” (1Cor 12,18). Atribuiu tudo à vontade de Deus. Omitindo estas interrogações, apenas demos graças por tudo. Por isso, *“Sempre e por tudo dando graças a Deus”*. É próprio do servo grato, sábio, inteligente; ao invés, o outro é ocioso, curioso. Não vês entre os escravos, que uns, os mais vis, que para nada são úteis, são loquazes e boateiros, e curiosamente espiam o que se refere aos senhores, e que estes querem esconder. Os prudentes e honestos, contudo, visam apenas cumprir seu ofício? Quem fala muito, nada faz; entretanto quem trabalha muito não trata de questões inoportunas. Por isso Paulo escrevia acerca das viúvas: “Além disso ociosas, habituam-se a estar desocupadas, mas também são tagarelas, falando o que não devem” (Tm 5,13).

Dize-me. Qual a maior diferença: A que existe entre nossa idade e a infância, ou entre Deus e o homem? Entre nós e as moscas, ou entre Deus e nós? É evidente que é maior a distância entre Deus e nós. Por que, então, és a tal ponto curioso? Dá graças por tudo. Se o pagão me interrogar, perguntas, o que responderei? Quer saber por meu intermédio se existe providência, e afirma que não existe quem providencie. Tu, portanto, por tua vez interroga. Ora, ele assegura que não existe providência. Por aquilo que disseste ficou claro que existe providência, mas pelo fato de que é incompreensível, não encontramos a razão. Pois nas gestões dos negócios humanos, muitas vezes não conhecemos o modo de administrar; embora muitas coisas nos pareçam absurdas, cedemos. Quanto mais o devemos relativamente a Deus? Mas em Deus nada existe de absurdo, nem os fiéis julgam haver. Por isso, demos graças por tudo, glorifiquemo-lo por tudo. *“Submetei-vos uns aos outros no temor de Deus.”* Se tu te submetes por causa do magistrado, das riquezas, ou por vergonha, muito mais deves ser submisso por temor de Deus. Haja remuneração mútua da servidão e sujeição e dessa forma termina a servidão. Um não se assente no lugar de um homem livre, e este no lugar de um servo; mas é melhor que os senhores e os escravos se sirvam mutuamente. É muito melhor ser servo desta forma do que livre de forma diversa. É evidente. Se alguém tiver cem escravos e nenhum o servir, enquanto outros possuem cem amigos a se servirem mutuamente, quais são os que vivem melhor? Quais sentem maior prazer e alegria? Estão isentos de ira, indignação, cólera, ou algo de semelhante. Lá se encontram temor e medo, e em consequência obrigação. No segundo caso tudo vem do livre-arbítrio. Lá existe violência; aqui, porém, graça e serviço mútuo. Assim quer Deus. Por isso Cristo lavou os pés dos discípulos. Ou melhor, se queres examinar mais cuidadosamente, também nos senhores há mútua remuneração da servidão. O que será se o orgulho não permitir que apareça a remuneração mútua? Quando o escravo presta serviço material, e tu o nutres e cuidas dos alimentos, das vestes, dos calçados, tu lhe exhibes uma espécie de servidão. Pois, se tu não lhe prestas teu serviço, nem ele o seu, será livre, porque lei alguma o obriga, se não for sustentado. Se, pois, assim se faz relativamente aos escravos, que absurdo se acontecer a homens livres! *“Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo.”* Qual a graça, porque também teremos recompensa? Ora, ele não quer se submeter a ti? Mas tu, submete-te; não somente obedeças, mas também te sujeites. Assim sejas para com todos, quais senhores; desta maneira, pois, logo terás servos reduzidos à servidão, principalmente pelo poder tirânico da escravidão. Mais os possuirás e vencerás quando nada conseguindo deles, tu lhes ofereces o que é teu. O significado da

palavra: “*Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo*”, é o seguinte: Que vençamos todas as paixões vícios, sirvamos a Deus, conservemos a caridade entre nós, e então seremos dignos da benignidade de Deus, pela graça e compaixão etc.

VIGÉSIMA HOMILIA

22. *As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor,*

23. *porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é Cabeça da Igreja e o salvador do Corpo.*

24. *Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos.*

Um sábio, após abranger muitas coisas no número das bem-aventuranças, incluiu ainda o seguinte: “Um marido e uma mulher que vivem bem” (Eclo 25,2). E ainda em outra passagem considera bem-aventurança a mulher viver em concórdia com o marido. De fato, Deus, nos primórdios, demonstra grande solicitude por este consórcio. Falando acerca de ambos os cônjuges como se fossem um só, dizia: “Homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27); e ainda diz a Escritura: “Não há homem nem mulher” (Gl 3, 28). Não há tanta união entre um homem e outro quanto entre a mulher e o homem, convenientemente unidos. Por isso, um bem-aventurado homem, que se referia a uma excessiva amizade, e chorava a um de seus amigos, com o qual se sentia unânime, não nomeou pai, mãe, filho, irmão, amigo. Mas, o que disse? “A tua amizade me é mais cara do que o amor das mulheres” (2Sm 1,26). Em verdade, em verdade este amor é mais dominador do que qualquer tirania. Pois as outras são muito fortes, mas esta consta de desejo veemente, e é imarcescível. É certo amor inserto na natureza, e às ocultas une os corpos. Por isso, no início a mulher foi tirada do homem; posteriormente da união de homem e mulher nasceram homens e mulheres. Vês a união e conexão, e que Deus não deixou introduzir-se um elemento estranho? Vê quanto dispôs. Permitiu casar-se com a própria irmã, ou antes não era só irmã, mas filha, ou antes não era filha, era mais que filha, a saber, sua própria carne. Fez tudo isso nos primórdios, a fim de que o homem se unisse como as pedras (numa construção). Fez deles um só. Não criou a mulher de outro estofa, a fim de não ser recebida como estranha; nem estancou somente nela o matrimônio, para que o homem não se recolhesse em si mesmo e se separasse dos demais. Entre as plantas são mais excelentes as de um só tronco que se expande em muitos ramos do que se tudo em vão só se mantém perto da raiz. Se tiver muitas raízes, não será uma árvore digna de admiração. Igualmente neste caso, fez com que só de Adão germinasse todo o gênero humano, estabelecendo necessariamente que não houvesse divisão, nem separação. E contraindo mais, fez com que as irmãs e filhas não mais se tornassem esposas deles, para que de novo não contraíssemos num só o amor, e de outro modo nos separássemos. Por isso dizia: “Desde o princípio o Criador os fez homem e mulher” (Mt 19,4). Deste problema se originam grandes males e grandes bens para as casas e as cidades. Nada tanto combina com nossa vida como o amor entre homem e mulher. Por esta causa muitos tomam as armas, e até perdem a vida. Não foi simplesmente, nem em vão que Paulo teve grande solicitude por esse assunto, dizendo: “*As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor*”. Por quê? Porque se vivem em concórdia, e educam bem os filhos, mantêm em ordem os escravos, aspiram este bom odor os vizinhos, os amigos e parentes. Do contrário, tudo se revoluciona e confunde.

Se os generais de um exército entre si estão em paz, é bom o andamento; se inquietos, revolucionam tudo. O mesmo acontece em nosso caso. Por isso o Apóstolo disse: “Mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como convém no Senhor” (Cl 3,18). Ah! Por que em outra em passagem se diz: “Qualquer de vós que não renunciar à mulher, ao marido, não pode me seguir” (cf. Lc 14,33)? É necessário submeter-se, como ao Senhor, e ele afirma que por causa do Senhor deve-se

renunciar? De fato, deve-se. Mas a palavra: “*Como*” nem sempre indica igualdade. Ou diz o seguinte: Bem o sabeis, servis o Senhor. Também afirma noutra parte que não é por causa do marido, mas primeiramente por causa do Senhor. Ou: Quando cedes ao marido, considera que obedeces para servir o Senhor. Pois se: “Aquele que se revolta contra a autoridade (civil), opõe-se à ordem estabelecida por Deus” (Rm 13,1), muito mais aquela que não se submete ao marido. Assim Deus quis no início. Digamos, portanto, que o homem ocupa o lugar da cabeça, e a mulher o do corpo. Em seguida, também com boas razões mostra que o homem é a cabeça da mulher. “*Como Cristo é Cabeça da Igreja e o salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos.*” Em seguida, após declarar: “*O homem é a cabeça da mulher, como Cristo é Cabeça da Igreja*”, acrescentou: “*E o salvador do Corpo*”. A cabeça é, pois, a salvação do corpo. Lança a caridade e a providência por fundamento ao marido e à mulher, tributando a cada qual o lugar conveniente; ao marido o domínio e providência, à mulher, a sujeição.

“*Como a Igreja está sujeita a Cristo*”, isto é, homens e mulheres: “*As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como a Deus*”.

25. *E vós, maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja*

Ouviste o excesso da submissão. Louvaste e admiraste a Paulo, homem extraordinário e espiritual, que estabelece o estilo de vida. Muito bem. Mas ouve o que de ti reclama. Emprega ainda o mesmo exemplo: “*E vós, maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja*”. Viste a medida da obediência? Escuta a medida do amor. Queres que a mulher te obedeça, conforme a Igreja a Cristo? Tem solicitude por ela bem como Cristo pela Igreja. Mesmo se for preciso dar a vida, até mesmo ser mil vezes ferido, suportar e sofrer seja o que for, não recuses. Nada fizeste ainda à imitação de Cristo. Pois tu procedes após estar unido; ele, porém, o fez em favor daquela que lhe tinha aversão e ódio. Ele, em sua grande solicitude, sujeitou a seus pés aquela que lhe tinha aversão, odiava, desprezava, enchia de escarros, e insultava pela lascívia, mas não o conseguiu por meio de ameaças, injúrias, medo ou coisa semelhante. De igual forma procede em relação a tua mulher. Mesmo se a vires com desprezo, injuria com lascívia, menosprezo, poderás submetê-la a teus pés por meio de grande solicitude, amor e amizade. Nada é mais tirânico do que estes vínculos, principalmente relativamente ao marido e à mulher. É possível conter um servo pelo medo, ou melhor, talvez nem mesmo ele; pode escapar e ir embora. Quanto à partícipe de tua vida, contudo, mãe de teus filhos, causa de toda alegria, não deves contê-la por medo e ameaças, mas por amor e afeição. Qual a união se a mulher tem horror do marido? Que prazer terá o marido, se conviver com a mulher à semelhança de uma escrava, não de uma livre? E se tiveres de sofrer algo por causa dela, não a ultrajes. Cristo não procedeu desta maneira.

e se entregou por ela,

26. *a fim de purificá-la*

Por conseguinte era impura, tinha máculas, era disforme, de condição obscura. Seja qual for a mulher que tomares, não receberás tal esposa qual Cristo à Igreja, nem é tão diferente de ti quanto a Igreja é de Cristo. No entanto, ele não a abominou, nem a odiou por causa da imensa fealdade. Queres ouvir qual é a sua fealdade? Ouve o enunciado de Paulo: “*Outrora éreis trevas*” (Ef 5,8). Viste sua negrura? O que há de mais negro do que as trevas? Viste a sua audácia? “*Vivendo em malícia e inveja*” (Tt 3,3). Viste a impureza? “*Desobedientes, insensatos.*” O que digo? Era estulta e maldizente; no entanto, tendo tantos defeitos, como se fosse bela, amada, admirada, ele entregou-se a si próprio em prol da disforme. Paulo dizia estupefato: “*Difícilmente alguém dá a vida por um justo*” (Rm 5,7);

e ainda: Cristo morreu por nós quando éramos ainda pecadores” (cf. Rm 8,9). E acolhendo tal esposa, ornou-a, lavou-a, e nem isso recusou.

26. *a fim de purificá-la pela água do batismo e santificá-la pela palavra*

27. *para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem manchas nem rugas, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível*

Pelo batismo lava-lhe a impureza. Pela “palavra”. Qual? Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Não apenas a ornou, mas fê-la gloriosa. “*Sem manchas nem rugas, ou coisa semelhante.*” Também nós busquemos tal beleza, e seremos seus operários. Não exijas da esposa o que não lhe compete. Vês que a Igreja recebeu tudo do Senhor; por meio dele fez-se gloriosa, sem mancha. Não repudies a esposa disforme. Escuta a Escritura: “Pequena é a abelha entre os alados, mas o seu produto é o primeiro em doçura” (Eclo 11,3). É obra de Deus; não a injuriarias, e sim àquele que a fez. O que importa na mulher? Não a louves pela elegância da forma; é próprio dos impudicos o louvor, aquele ódio, e o próprio amor. Procura a beleza da alma; imita o esposo da Igreja. A beleza exterior enche-se de arrogância e insolência, provoca ciúmes e não raro levanta suspeitas absurdas. Mas não causa prazer? Até o primeiro e segundo mês, ou no máximo até um ano, não mais. Pelo hábito desaparece o encanto. No entanto, os males decorrentes da beleza, permanecem: o luxo, a arrogância, o desprezo. Em relação à que não é tal, nada disso sucede; mas com razão o amor inicial permanece por muito tempo, porque a beleza se origina da alma, não do corpo.

Dize-me. O que há de melhor que o céu? E melhor do que os astros? Por maior que seja o número de corpos que mencionares, não encontrarás um tão alvo; quaisquer que sejam os olhos, não são tão alegres. Até os anjos se admiraram quando foram criados e também nós agora apreciamos, mas não tanto quanto no começo. Tal é o hábito: Não ocasiona grande espanto. Quanto mais na mulher! Se, porém, sobrevier uma doença, tudo esvoaça, desaparece. Peçamos da mulher a benevolência, a moderação, a indulgência. São estas as notas da beleza. Não busquemos a elegância corporal, nem a censuremos por aquilo que não está em seu poder; ou antes, não a vituperemos absolutamente, porque seria audacioso. Não nos exasperemos, nem nos indignemos. Não vedes quantos homens casados com mulheres formosas, morreram de modo miserável? Quantos que possuíam mulheres que não eram tão belas, chegaram à extrema velhice muito felizes? Expurguemos as máculas internas, tiremos as rugas do íntimo, limpemos as manchas existentes na alma. É a beleza que Deus reclama. Façamo-la bela diante de Deus, não de nós. Não procuremos o dinheiro, nem a nobreza exterior, mas a da alma. Ninguém se enriqueça por intermédio da mulher. São riquezas torpes e vergonhosas. Não procure absolutamente enriquecer-se deste modo. “Ora, os que querem se enriquecer caem em tentação, e em muitos desejos insensatos e perniciosos, que mergulham os homens na ruína e perdição” (Tt 6,9). Não reclames da mulher abundância de dinheiro, e facilmente terás o restante. Quem, dize-me, por favor, omitindo o principal, cuida do mínimo? Mas, ai de mim, é usual. E se temos um filho, não nos empenhamos em que se torne bom, mas em encontrar-lhe uma mulher rica; não que tenha bons costumes, e sim abundantes riquezas. E se olharmos para o estilo de vida, não procuramos um tipo imaculado, mas que nos traga grande lucro, e tudo se transforme em dinheiro. Desta forma tudo se corrompe, porque fomos dominados pela cobiça.

28. *Assim também os maridos devem amar as suas próprias mulheres como a seus próprios corpos.*

Que sentido tem a asserção? É imagem maior e exemplo mais forte. E não só isto, mas é mais próximo e manifesto, e o motivo é justo. O outro não era tão necessário. Não se diga: Ele era Cristo, e era Deus, e entregou-se a si próprio; com outro motivo e método o comprova dizendo: “*Assim devem*”, não é gratuito, mas débito. Tendo dito: “*Como a seus próprios corpos*”, acrescentou:

29. *pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes alimenta-a e dela cuida,*

Isto é, trata-a com empenho. De que modo é a própria carne? Escuta: “Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne!” (Gn 2,13). Não só isto, mas também: “*E serão ambos uma só carne*” (Ef 5,31). E: “*Como Cristo amou a Igreja*”. Volta ao primeiro exemplo.

30. *porque somos membros do seu Corpo.*

“De sua carne e de seus ossos.” De que modo? Foi feito de nossa matéria, como Eva era carne da carne de Adão. Com razão, porém, lembrou os ossos e a carne. Partes principais em nós são a carne e os ossos. Estes são subjacentes, uma espécie de quilha e a carne seria a construção. Mas é evidente. De que modo? Como a afinidade é grande, também aqui. O que significa: De sua carne? Isto é, extraído dele verdadeiramente. E por que somos, de fato, membros de Cristo? Porque em conformidade com ele. E como da carne? Estais cientes todos vós, participantes dos mistérios. Dele imediatamente somos formados. E de que modo? Escuta ainda S. Paulo: “Uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue, por isso também ele participou da mesma condição” (Hb 2,14). Mas foi ele quem nos fez participar, não nós a ele. De que forma somos de sua carne e de seus ossos? Alguns dizem sangue e água, mas não é; e sim, segundo quis manifestar, isto é, sem cópula ele nasceu por obra do Espírito Santo e assim também nós somos gerados no batismo. Vê quantos exemplos para acreditarmos naquela geração. Ó loucura dos hereges! Confessam que o nascido da água é na verdade gerado, mas não admitem que nos tornamos corpo de Cristo. Se não creem que assim nos tornamos, como se concilia que somos “de sua carne e de seus ossos”? Reflete no seguinte: Adão foi formado, Cristo nasceu; do lado de Adão saiu a corrupção, do lado de Cristo originou-se a vida. No paraíso germinou a morte, na cruz a morte foi eliminada.

O Filho de Deus fez-se de nossa natureza, e a nós (participante) da sua; ele nos tem em si, e nós o temos em nós.

31. *Por isso deixará o homem o seu pai e a sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne.*

Eis o terceiro motivo: Revela que, tendo deixado os pais, dos quais nasceu, une-se a ela. De resto, é carne o pai, a mãe e o filho proveniente da união de ambos. De fato, da mistura dos sêmens o filho é gerado; portanto, os três são uma só carne. Assim, portanto, nós nos tornamos uma só carne com Cristo por participação; e muito mais nós do que a criança. Por quê? Porque assim foi desde o início. Não me digas que a mulher é tal e tal. Não vês que também na carne existem muitos defeitos? Um é coxo, outro tem os pés tortos, outro as mãos secas, outra algum membro fraco. No entanto, não se exaspera, nem o amputa, mas muitas vezes o prefere a um outro. E com razão, porque é seu. Deus quer que tenhamos à mulher tanto amor quanto cada qual dedica a si próprio; mas não por sermos partícipes de uma só natureza, e sim, principalmente, por serem um só, não dois, representando um a cabeça e outro o corpo. E por que o Apóstolo diz em outra passagem: “E a cabeça de Cristo é Deus” (1Cor 11,3)? Digo também eu: Como somos um só corpo, também Cristo e o Pai são um só. Por conseguinte, manifesta-se que ainda o Pai é Cabeça. Ele dá dois exemplos, a saber, do corpo e de Cristo. Por isso acrescenta:

32. *É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja.*

Que quer dizer isto? Assegura que é grande mistério, uma vez que o bem-aventurado Moisés, ou melhor o próprio Deus, sugeriu algo de grande e admirável. De fato diz: “*Refiro-me à relação entre Cristo*”, visto que ele, tendo deixado o Pai, desceu, veio para junto da esposa, e se tornaram um só espírito: “Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito” (1Cor 6,17). E diz de forma bela: “*É grande este mistério*”, como se dissesse: Mas a alegoria não arruína o amor.

33. *Em resumo, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo e a mulher respeite o seu marido.*

Em verdade, em verdade é mistério, e grande mistério, porque abandonou o pai que o criou, gerou, educou, e a mãe que concebeu, deu à luz na dor e aflição, os pais que tantos e tão grandes benefícios conferiram, com os quais houve diuturna convivência, a fim de aderir àquela que não conhecera, com a qual nada de comum possuía, e a preferiu a todos. Em verdade, é mistério. E os pais não se indispõem diante deste fato, ou melhor, sentem-se tal não acontecer, e alegram-se ao gastarem muito e terem grandes despesas. Com efeito, é grande mistério, oculta sabedoria. Há muitos séculos Moisés profetizou, e Paulo agora exclama: *“Refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja”*. Mas não foi por causa dele somente, mas também por causa da mulher que se preceituou que ele dela cuide como da própria carne, conforme Cristo cuida da Igreja. *“E a mulher respeite o seu marido”*. Não trata apenas do referente à caridade; de que, então? *“Respeite o seu marido.”* A mulher detém a segunda espécie de domínio. Por conseguinte, não exija igualdade em honras. Está sujeita à cabeça, que não a menospreze por estar sujeita. É corpo. Se a cabeça desprezar o corpo, ela também perecerá. Em certo equilíbrio ofereça o amor correspondente à obediência. Qual a cabeça, tal o corpo. As mãos, os pés e os restantes membros lhe ofereçam serviço; ela, porém, proveja com toda inteligência. Nada mais proveitoso do que esta união. E haverá amor onde existe o medo? Principalmente talvez então haverá. Com efeito, quem teme também ama; quem ama respeita a cabeça, ama-a enquanto membro, porque a cabeça é também membro do corpo inteiro. Por isso ele a submeteu, e a outra pôs acima, a fim de haver paz. Onde há igualdade em honras, jamais existe paz. Nem se a casa tiver forma democrática, nem se todos dominam. É indispensável haver um só governo. E isso sempre nos negócios materiais. Onde os homens são espirituais, haverá paz. Havia (na Igreja primitiva) cinco mil pessoas, e ninguém dizia ser própria coisa alguma de seus bens (cf. At 4,32), mas eram submissos uns aos outros. Indício de sabedoria e de temor de Deus. E mostrou o modo da caridade, não porém do temor.

E vê que ele amplia o que compete ao amor, narrando a respeito de Cristo e da própria carne: *“Por isso deixará o homem o seu pai e a sua mãe”*. O que compete ao temor não dilata. Por que motivo? Porque quer antes dominar do que amar. Se existe amor, o restante virá em consequência; se existe temor, não. Efetivamente, quem ama a mulher, embora não seja muito moderada, haverá de tudo tolerar.

É difícil e árdua a concórdia, sem a união pela tirania do amor; o temor, porém, não regula tudo isso. O Apóstolo se detém mais neste assunto que é válido. Ao ordenar que respeite, lucra a mulher, à qual parece prejudicar. Ao homem, porém, é ordenado o principal, a saber, amar. De que forma agir, se a mulher não respeitar? Ama, cumpre teu dever. Quando os outros não prestam o que devem, cumpramos nós o dever. Por exemplo: *“Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo”*. O que sucede se o próximo não se submete? Obedece tu à lei de Deus. Neste caso igualmente: A mulher não amada respeite, para não suceder mal algum por causa dela; e o marido, se a mulher não respeitar, ame, contudo, a fim de não haver falhas. Cada qual recebeu o que lhe é peculiar. Tal matrimônio é segundo Cristo, matrimônio espiritual, geração espiritual, não do sangue, nem de dores de parto. Tal foi também a geração de Isaac. Escuta a Escritura: *“Sara deixou de ter o que têm as mulheres”* (Gn 18,11). Matrimônio não passional, nem corporal, mas inteiramente espiritual, estando a alma unida a Deus por união inefável, somente por ele conhecida. Por isso diz: *“Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito”* (1Cor 6,17). Vê que se empenha em unir carne a carne, e espírito a espírito. Onde estão os hereges? Se o matrimônio fosse censurável, não empregaria a denominação de esposo e esposa, não exortaria que fosse contraído: *“Por isso deixará o homem o seu pai e a sua mãe”*, e ainda acrescentaria: *“Refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja”*. A esse respeito diz o

salmista: “Ouve, ó filha, vê e inclina o teu ouvido; esquece o teu povo e a casa do teu pai, que o rei se apaixone por tua beleza” (Sl 45,11). Por isso também Cristo dizia: “Saí do Pai e vim” (Jo 16,28). Mas, ao dizer que deixou o Pai, não penses em algo semelhante ao que sucede entre os homens, uma mudança de lugar. Diz-se que saiu não por ter saído, mas por causa da carne, tal como a palavra: “*Saí do Pai*”. Por que não disse acerca da mulher: Unir-se-á a seu marido? Por que motivo? Porque falava acerca do amor e dirigia-se ao homem. Ao se dirigir a ela, refere-se ao respeito: “*O homem é cabeça da mulher*”, e: “*Cristo é Cabeça da Igreja*”. Ao homem fala do amor, e lhe transmite o que é atinente a este; fala-lhe do amor, estimulando-o, e fazendo com que adira. Aquele que deixou o pai por causa da mulher, e depois a abandona e deixa, merecerá perdão? Não vês quanta honra Deus quer que ela consiga, ao te afastar do pai e unir-se a ela? Mas de que modo agir, pergunta-se, se fizermos nosso dever, mas ela não nos acompanhar? “Se o não-cristão quer separar-se, separe-se!” (1Cor 7,15). O irmão e a irmã não estão sujeitos a tal escravidão. Mas ao ouvires mencionar o respeito, é exigência do respeito conveniente à mulher livre, não a uma escrava, pois é teu corpo. Do contrário, ultrajas a ti mesmo, infligindo ignomínia a teu corpo. O que significa o temor? Que não contradiga, não se insurja, não ambicione o primeiro lugar; basta que chegue a este ponto. Se, porém, amas segundo foi preceituado, farás até coisas maiores; ou melhor, não obrarás por temor, mas por amor. Teu sexo é de certo modo mais fraco, precisado de grande auxílio, de muita indulgência. O que se dirá dos que contraem segundas núpcias? Não as condeno, de modo algum, porque o Apóstolo as concedeu, mas uso de condescendência. Oferece-lhe tudo, em favor dela tudo faz e sofre; é teu dever. Ele não quer aqui admoestar por comparação com exemplos dos gentios, conforme age muitas vezes. Basta o grande e forte exemplo de Cristo, principalmente relativo à submissão. “*Deixará o homem o seu pai e a sua mãe.*” Eis o que acontece entre os pagãos. Mas não disse: Coabitará, e sim: “*E se ligará*”, aludindo à exata união, ao amor veemente. Não se contentou com isso, mas pelo acréscimo mostrou de tal modo a sujeição que não parece mais existirem dois. Não disse: Um espírito; não disse: Uma alma, pois é evidente e possível a qualquer um; mas a fim de serem “*uma só carne*”.

A segunda espécie de domínio – é da mulher e – consiste em governo e igualdade em honras. Todavia, o homem possui algo mais. Nisso principalmente se baseia a tranquilidade da casa. Adotou a expressão de que ele é Cristo, não apenas porque a deve amar, mas também orientar. Declara que seja: “*Santa e irrepreensível*”. Carne, para amar, e: “*E se ligará*”, igualmente para amar. Pois, se cuidares de que seja “*santa e irrepreensível*”, o restante virá por si. Busca o que é de Deus e as coisas humanas virão com facilidade. Orienta a mulher, e toda a casa se ordena. Escuta o que diz Paulo: “Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa” (1Cor 14,35). Se assim administrarmos a casa, seremos aptos também a presidir na Igreja, porque a casa é uma Igreja em tamanho menor. Deste modo, quando homem e mulher são bons, têm proeminência. Pensa em Abraão, Sara e Isaac, nos trezentos e dezoito servos. A casa inteira era bem ordenada, repleta de piedade. Sara cumpria o preceito do Apóstolo, e respeitava o marido. Escuta o que diz: “Velha como sou e o meu senhor também é já entrado em anos” (Gn 18,12). E ele a amava tanto que a atendia em tudo o que desejava. O menino era virtuoso, e os servos também eram admiráveis, e não hesitaram em enfrentar o perigo com o senhor, não protelaram nem perguntaram a causa. Um dos que os presidiam era tão bom que à sua fidelidade foram confiadas a missão de obter casamento para o filho único, e a viagem além dos limites da região. Se o exército for bem-ordenado sob um comandante, jamais a guerra sofrerá incremento. No assunto tratado igualmente, grande é a concórdia da casa quando marido, mulher, filhos e escravos se entregam aos mesmos cuidados. Em caso contrário, não raro devido a um só escravo malvado tudo se revoluciona e se dilui e ele sozinho frequentemente dissipa e corrompe o todo. Tenhamos, portanto, grande solicitude pela mulher, os filhos e os escravos, cientes de que

facilitaremos a administração. A prestação de contas ser-nos-á clemente e benigna e diremos: “Eis eu e os filhos que o Senhor me deu” (Is 8,18). Se o marido for admirável, chefe ótimo, o restante do corpo não sofrerá violência.

Exprimi o desenvolvimento exato da posição da mulher e do marido, exortando-a a respeitá-lo qual cabeça e a ele a que a ame qual esposa. Mas, pergunta-se, de que maneira? É evidente o dever; exporei de que forma. Desprezar o dinheiro, visar uma única meta, a saber, a virtude da alma, conservar o temor de Deus diante dos olhos. O Apóstolo o exprimia ao se tratar dos servos: “*Sabendo que todo aquele que fizer o bem ou o mal, receberá o bem ou o mal do Senhor*” (Ef 6,8), e é válido ainda nesta passagem. Deve amar não tanto por causa dela, quanto por Cristo. Indica-o dizendo: “*Como ao Senhor*”. Governe, portanto, de certo modo em obediência ao Senhor, obrando tudo por causa dele. É suficiente para induzir, persuadir e não permitir disputas e dissensões. Nenhum fiel calunie o marido junto da esposa, nem o homem acredite levianamente algo contra a mulher. A mulher não perscrute em vão e curiosamente a entrada e a saída do marido, nem ele dê motivo de suspeita. Dize-me. Por que dedicas o dia inteiro aos amigos, a tarde à mulher? Nem assim podes satisfazê-la, nem eliminar as suspeitas. Se a mulher te acusar, não te irrites; é efeito da amizade, não da arrogância. Aquelas acusações, ardentes sentimentos e receios provêm de um amor ardente. Teme que alguém se introduza em sua união, cause detrimento ao bem principal, roube-lhe o chefe, desmorone-lhe o casamento. Existe outro motivo de desconfiança. Nenhuma delas cuide excessivamente dos servos, nem o marido de uma serva, nem a mulher do escravo. São atitudes suficientes para provocar suspeitas. Reflitamos acerca daqueles justos. A própria Sara ordenou que o patriarca tomasse Agar por mulher. Sara exigiu, ninguém obrigou, e não foi Agar que lhe tirou o marido; mas embora Abraão por longo tempo passasse sem filhos, preferiu jamais ser pai do que entristecer a mulher. Todavia depois o que diz Sara? “Que o Senhor julgue entre mim e ti!” (Gn 16,5). Se fosse um outro, não se teria encolerizado? Não levantou as mãos contra ela, dizendo mais ou menos o seguinte: O que dizes? Não queria ter relações com a mulher; tudo foi projetado por ti e ainda acusas? Ele nada de semelhante proferiu. Mas, o que disse? “Pois bem, tua serva está em tuas mãos; faze-lhe como melhor te parecer” (ib. 6). Entregou a companheira para que Sara não se aborrecesse. Ora, eis a grande benevolência! Pois, em uma mesa comum, até os ladrões estão de acordo com os adversários (e conforme diz o salmista: “A quem me unia uma doce intimidade” – Sl 55,15). Mas, tornar-se uma só carne (em que consiste a união matrimonial) atrai muito mais. Ora, nada disso venceu o justo, mas entregou-a à mulher, mostrando que nada acontecera por culpa sua; e o que é mais, despediu-a, apesar de grávida. Quem não se compadeceria daquela que lhe dera um filho? O justo, contudo, não se dobrou, porque preferia a tudo o amor da mulher.

Imitemo-lo no seguinte: Ninguém exprobe a pobreza da mulher, ninguém lhe cobice as riquezas; e tudo se resolve. E não diga a mulher ao marido: Covarde e tímido, cheio de torpor e de indolência, preguiçoso e sonolento! Humilde e de origem obscura, atravessou perigos e peregrinações e obteve grandes posses e a mulher agora usa ornatos de ouro, é carregada em carruagem com mulas brancas por toda parte, tem turmas de escravos e grupos de eunucos. Tu, porém, te dissipas e vives inutilmente. A mulher não se exprima desta forma, ou de outra semelhante. Não ocupa a posição de corpo para dar ordens à cabeça, mas para atender e obedecer. Como, portanto, suportará a pobreza? Onde encontrará alívio? Prefira ser quais as mais pobres do que ela própria, considere quantas jovens nobres e de estirpe nobre, não somente nada receberam do marido, mas também lhes doaram bens, que foram todos esbanjados. Pense nos perigos que daí se originam e abrace a vida isenta destas questões. Em resumo, se for afeiçoada ao marido, nada dirá de tal, mas há de preferir tê-lo junto de si sem aquisições a alcançar dez mil talentos com tribulação e solicitude, que sempre encontra a mulher,

estando ele ausente. O marido, ouvindo isso, umavez que tem o domínio, não se volte a injúrias e golpes, e no entanto exorte, admoeste, persuada com razões a parte mais fraca, não levante a mão contra ela. Longe estas atitudes de uma pessoa livre. Não inflija ultrajes, nem ignomínia, nem maldições; chame à ordem, contudo, aquela que é um tanto insensata. Donde virá esta atitude? Se aprender quais as verdadeiras riquezas, a sabedoria do alto, nada disto condenará. Ensine-lhe não ser a pobreza mal algum; ensine não só através de palavras, mas também de obras; ensine a desprezar a glória, e a mulher nada disso dirá, nem desejará. Qual modelo, desde a tarde do casamento, ensine-lhe a prudência, a suavidade; para que viva honestamente logo desde o começo, desde o vestibulo, rejeite a ambição das riquezas. Ensina-lhe a sabedoria e aconselhe a não ter brincos de ouro pendentos das orelhas, nem se ornar de ouro no rosto e no pescoço, nem colocá-lo no leito, nem usar vestes áureas e suntuosas. Seja elegante o ornato, mas a elegância não incida em ultraje e injúria. Com efeito, deixando estas coisas para os histriões, enfeite a casa com muito decoro, onde mais se aspire moderação do que outro suave odor. Daí provêm dois ou três bens: Primeiro, a esposa não lastimará quando desfeito o quarto nupcial, devolvidos forem as vestes, os vasos de ouro e prata; segundo, o esposo não terá o cuidado de não se estragarem e de serem guardados os que foram comprados. Acrescente-se o terceiro, o principal dos bens. Revela-se a mentalidade: Não se deleita nisto e desmancha o restante, sem jamais serem permitidos danças e cânticos impudicos. Sei que alguns me julgarão ridículo por enunciar estas normas. Mas se acreditardes em mim, com o decurso do tempo, diante das vantagens, reconheceréis o lucro. E se dissipará o riso, e serão ridicularizados os costumes atuais; e vereis que os presentes usos são próprios de meninos tolos e de homens embriagados; entretanto o que aconselho é peculiar à prudência, à sabedoria e à cidadania do alto. O que digo, portanto, que importa fazer? Afasta das núpcias os cantos torpes, os satânicos, as cantilenas desonestas, a afluência tumultuosa de jovens impuros, e a esposa poderá manter-se moderada. Imediatamente pensará consigo mesmo: Ah! O que é este homem? É filósofo. Não dá valor à vida presente. Casou-se para ter filhos, educá-los e para manter a casa. Isso desagradará à esposa? No primeiro e segundo dia, não depois; terá o máximo prazer, livre de qualquer suspeita. De fato, quem não gosta de flautas, dançarinos, ou cantos flácidos por ocasião das núpcias, jamais terá ânimo de fazer ou dizer torpezas. Posteriormente, porém, após eliminares tudo isso do matrimônio, porta-te bem, prolonga o pudor por longo tempo, e logo não se dissipe. A jovem, mesmo impudica, saberá calar oportunamente, por respeito ao marido e estranha ao assunto. Não abandones depressa o pudor, conforme fazem os homens impudicos, mas prolonga-o por muito tempo; haverá grande lucro. Neste ínterim não acusará, nem se queixará do que estabeleceres.

Estabelece normas para todo aquele tempo em que o pudor, freio imposto à alma, não deixa espaço para queixas, nem censuras. Quando obtiver confiança e liberdade de palavra, com muita segurança tudo haverá de alterar e confundir. Haverá oportunidade melhor de formar a mulher do que durante o tempo em que respeita e teme o marido, retida pelo pudor? Então impor-lhe-á normas e ela obedecerá, de boa ou má vontade. Como manterás o pudor? Manifestando que não te envergonhas menos do que ela, que falas pouco, e com grande gravidade e atenção; então deporás nela palavras de sabedoria e ela receberá. Deves introduzi-la num costume ótimo, a saber, o pudor. Se quiseres, darei um exemplo do que deves dizer-lhe. De fato, se Paulo não deixou de dizer: “Não vos recuseis um ao outro” (1Cor 7,5), dirigindo-se ao cônjuge, ou antes, não ao cônjuge, mas à alma espiritual, nós com mais razão não o omitiremos. O que, portanto, lhe diremos? Com muito amor digamos: Nós, filhinha, te acolhemos por partícipe de nossa vida, e te introduzimos na sociedade do mais importante e necessário, a saber, da procriação, e administração da casa. O que, por conseguinte, te pedimos? Ou antes, fala primeiro o que é atinente ao amor. Nada concorre mais para convencer o ouvinte a aceitar as palavras, quanto saber

que procedem de muito amor. De que modo, pois, demonstrarás amor? Se disseses: Podia optar entre muitas, mais ricas, de estirpe nobre, mas não as escolhi. Apreciei teu estilo de vida, honestidade, condescendência, moderação. Em seguida, logo prepara o caminho para falar da sabedoria e repreende as riquezas com certa precaução. Com efeito, se apenas censurares as riquezas, serás importuno; se esperares ocasião conveniente, tudo conseguirás. Parecerás fazê-lo em apologia, não qual uma pessoa austera, desagradável, mesquinha, e se aproveitares uma oportunidade, até se alegrará. Dirás, portanto (é necessário repetir): Podia escolher esposa rica e opulenta, mas não cogitei disso. Por quê? Não foi em vão, inutilmente. Sabia com razão que as riquezas não constituem posses, mas são desprezíveis. Possuem-nas os ladrões, as meretrizes e os violadores de sepulcros.

Por isso, omitindo esses assuntos, trato da virtude de tua alma, que prefiro a todo ouro. Uma jovem prudente e nobre, piedosa, é equiparada em apreço à terra inteira. Por isso te desejei e te amo, e prefiro até à minha vida. A vida presente nada é; suplico, exorto e faço o possível para levarmos de tal forma a presente vida que possamos estar conjuntos uns e outros com toda segurança no século futuro. O tempo presente é breve, caduco e frágil; se formos dignos de passar aqui uma vida agradável a Deus, sempre estaremos com Cristo e seremos felizes uns e outros. Anteponho a tudo o teu amor e nada me é mais penoso do que discordar de ti alguma vez. Mesmo se for necessário perder tudo, ficar mais pobre do que Iros, enfrentar extremos perigos, sofrer seja o que for, tudo será suportável e leve, enquanto tu me tiveres afeto; e serão desejáveis os filhos enquanto me fores afeiçoada. Deves proceder de igual modo. Em seguida, insere as palavras do Apóstolo de que Deus quer esta mútua benevolência. Escuta a Escritura: *“Por isso deixará o homem o seu pai e a sua mãe e se ligará à sua mulher”* (Ef 5,31). Não haja entre nós pretexto de mesquinhez. Falhem as riquezas, a multidão dos escravos, as honrarias externas. Isso me é preferível a tudo. Quanto ouro, que tesouros serão mais desejáveis à mulher do que estas palavras? Não receies que a amada fique insolente, mas confessa que a amas. De fato, as meretrizes que se unem ora a este, ora àquele, com razão se exaltam contra os amantes, ao ouvir essas palavras. A mulher livre, porém, e a jovem nobre nunca se enaltecem com essas palavras, mas muito mais se inclinam. Manifesta valorizar a sua convivência, e preferir estar em casa por causa dela do que na praça, antepô-la a todos os amigos e aos filhos dela recebidos, e amá-los por causa dela. Quando fizer algum bem, louva-a e admira; se acontecer coisa absurda, conforme acontece às jovens, exorta e admoesta. De todos os lados acusa as riquezas e gastos exagerados, e aponta-lhe o ornamento oriundo do decoro e da respeitabilidade. E assiduamente ensina-lhe o que conferem.

As preces sejam entre vós comuns. Todos devem ir à igreja. O marido reclame da mulher em casa uma parte do que ali se diz e lê, e ela do marido. Se a pobreza oprimir, apresente os santos homens, Pedro e Paulo, cuja boa fama era maior do que a de todos os reis e opulentos, e como passaram a vida com fome e sede. Ensina-lhe que na vida nada é terrível a não ser ofender a Deus. Se alguém deste modo e por causa disso se casar, não será muito inferior aos monges, nem o casado aos solteiros. Se queres também oferecer um almoço ou dar um banquete nada de desonesto, de indecoroso, mas se encontrares um homem santo que possa abençoar vossa casa, e atravessando seu limiar possa trazer-te toda bênção de Deus, convida-o. Direi mais. Nenhum de vós procure desposar mulher mais rica, mas antes mais pobre. Não lhe dará prazer por meio das riquezas quanto pesar devido aos opróbrios, por exigir mais do que forneceu, por causa das injúrias, das excessivas despesas, das palavras pesadas. Talvez dirá: Ainda não gastei do que é teu, ainda visto o que é meu, do que me doaram meus pais. O que dizes, ó mulher? Ainda revestes o que é teu? E o que há de mais miserável do que estas palavras? Não tens de próprio nem o corpo, e possuis riquezas tuas? Não sois mais dois no matrimônio, mas uma só carne; e duas são as posses, não uma! Ó cobiça do dinheiro! Um só homem vos tornastes, apenas um ser vivo, e ainda dizeis: São minhas? É abominável esta palavra e malvada, instigada pelo

diabo. Deus criou em comum as coisas mais indispensáveis, e estas não são comuns? Não é lícito dizer: A luz é minha, o sol é meu, a água é minha. As coisas mais importantes são comuns e as riquezas não? Pereçam mil vezes as riquezas, ou antes não as riquezas, mas as decisões, o abuso das riquezas, a preferência a tudo. E ensina isso entre outras coisas, mas com muito amor. A própria exortação à virtude acarreta grande tristeza, especialmente à muito jovem e frágil. Uma vez que as palavras provêm da sabedoria, fala com amor. Principalmente extermina e expulsa de sua alma o meu e o teu. Se disser: O que é meu, responde: O que dizes que é teu? Não sei, porque eu nada tenho de próprio. Por que dizes: Meu? Tudo é teu? Desculpa-lhe esta palavra. Não vês que os pequeninos assim agem? Quando o menino nos tira o que estamos segurando e ainda mais quer tomar, concedemos e dizemos: Sim, isso é teu e aquilo também. Façamos o mesmo com a mulher; pois a sua mente é mais pueril ainda. E se disser: É meu, responde: Tudo é teu e eu sou teu. Não é adulação, mas grande prudência. Assim poderás reprimir-lhe a ira, extinguir a amargura. Seria adulação se fizesses algo de indecoroso. Em nosso caso, porém, trata-se de máxima filosofia. Dize-lhe, portanto: Eu também sou teu, ó filhinha. Assim também exortou Paulo: “O marido não dispõe do seu corpo; mas é a mulher quem dispõe” (1Cor 7,4). Se não tenho poder sobre meu corpo, muito menos sobre as riquezas. Acalmá-la-á, assim falando, extinguirás a chama, infligirás opróbrio ao diabo, torná-la-á mais escrava do que se fosse comprada; com estas palavras a ligarás. Por isso, por meio do que falaste, ensinaste a jamais proferir: Meu e teu. Nunca a chames sem consideração, mas com carícias, com honra, com muito amor. Honra-a e não precisará ser honrada por outros; não precisará de glória da parte do próximo se fruir da que tu lhe dás. Prefere-a a todos, por causa da beleza e da sabedoria, e louva-a. Assim a convencerás a não dar atenção a estranhos, aliás, rir-se-á de todos eles. Ensina-lhe o temor de Deus; tudo manará qual de uma fonte e a casa encher-se-á de bens inumeráveis. Se procuramos os bens incorruptíveis, os corruptíveis igualmente afluirão. “Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (6,3). Quais serão os filhos de tais pais? E quais os servos de tais senhores? Quais todos os que deles se aproximam? Não sucederá encherem-se de bens incontáveis? Com efeito, na maior parte dos casos, os costumes dos servos seguem os costumes dos senhores, e assemelham-se os seus desejos.

Amam as mesmas coisas, exprimem-se conforme aprenderam, vivem do mesmo modo. Se assim nos orientarmos e atendermos às Escrituras, aprenderemos mais. Desta forma poderemos agradar a Deus, passar virtuosamente a vida presente, e alcançar os bens prometidos àqueles que o amam. Consigamo-lo todos nós pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA PRIMEIRA HOMILIA

6,1. *Filhos, obedeei aos vossos pais, no Senhor, pois isso é justo.*

2. *Honra a teu pai e a tua mãe – é o primeiro mandamento com promessa –*

3. *para seres feliz e teres uma longa vida sobre a terra.*

Uma pessoa, querendo esculpir uma estátua, em primeiro lugar molda a cabeça, em seguida o pescoço, depois os pés; de igual modo São Paulo procede em seu discurso. Falou a respeito do homem, da mulher, da segunda espécie de domínio e passa à terceira, a dos filhos. Com efeito, o marido governa a mulher e aos filhos, o homem e a mulher. Vê, portanto, o que diz: “*Filhos, obedeei aos vossos pais, no Senhor, pois isso é justo. Honra a teu pai e a tua mãe – é o primeiro mandamento com*

promessa”.

Neste trecho nada diz sobre Cristo, nada das alturas; ainda se dirige a mentes tenras e abrevia a exortação, visto que as crianças não podem seguir um discurso prolixo. Por isso, nada profere sobre o reino, porque não cabe àquela idade ouvi-lo, mas fala do que o ânimo pueril mais deseja ouvir, a saber, que terá longa vida. Se alguém interrogar por que não dissertou sobre o reino, mas tratou do mandamento da Lei, diremos que o fez por serem um tanto pueris. Conhece certamente que o homem e a mulher aceitam a lei que promulgou, e não precisa de muito esforço para submeter as criancinhas. Tendo alguém adotado um começo e um fundamento bom, válido e honesto, em consequência procede pela prática e pela lei com grande facilidade; é mais difícil lançar o fundamento e colocar a base. *“Filhos, obedeei aos vossos pais, no Senhor”*, isto é, de acordo com a vontade do Senhor. Deus assim o ordenou. Mas, como será se os pais derem ordens absurdas? De fato, um pai jamais ordena coisas absurdas, embora ele próprio talvez não seja honesto. De resto, o Apóstolo emprega precaução, dizendo: *“No Senhor”*, isto é, naquilo que não ofende a Deus. Com efeito, a um pagão ou herege, não se deve obedecer, porque não dá ordens *“no Senhor”*. Por que disse: *“É o primeiro mandamento”*? Primeiro vem: *“Não cometerás adultério”* e: *“Não matarás”*. Não afirmou ser o primeiro pela ordem, mas pela promessa. Àqueles não se propõe recompensa, porque preceitua acerca de pecados, e da renúncia aos mesmos. Neste, porém, que consta da prática do bem, insere-se uma promessa. Vê, porém, a base admirável do caminho da virtude, a saber, a honra e reverência aos pais; e com razão. Após a renúncia às más ações, e prestes a ingressar no bem, colocou primeiro a honra aos pais, porque sobretudo foram eles, depois de Deus, os autores da vida. Em consequência, eles em primeiro lugar usufruem de nossos bens, e só em seguida os demais. De fato, quem não for tal, jamais será clemente para com os estranhos. Tendo, portanto, convencido os filhos do que haviam de fazer, passa aos pais declarando:

4. *E vós, pais, não deis a vossos filhos motivo de revolta contra vós, mas criai-os na disciplina e correção do Senhor.*

Não disse: Amai-os. A própria natureza os induz, até mesmo a contragosto, e seria supérfluo legislar a este respeito. Mas o que diz?

“Não deis a vossos filhos motivo de revolta contra vós”, conforme fazem muitos, deserdando-os, rejeitando-os, oprimindo-os, sem considerá-los homens livres, e sim escravos. Por isso diz: *“Não deis a vossos filhos motivo de revolta contra vós”*. Em seguida, em resumo, aponta para a maneira de obedecer, remontando ao principal, ao início, à causa. E tendo declarado que compete ao marido levar a mulher a obedecer (igualmente o admoesta a atraí-la pela tirania do amor), aqui também atribui-lhe o papel de agente, dizendo: *“Mas criai-os na disciplina e correção do Senhor”*. Vês que onde as realidades espirituais se apresentam, seguem-se as materiais? Queres que o filho seja obediente? Educa-o desde o início *“na disciplina e correção do Senhor”*. Não julgues supérfluo que ouça as divinas Escrituras. Delas ouvirá primeiro o preceito: *“Honra a teu pai e a tua mãe”*. Por conseguinte, é por tua causa que assim se faz. Não digas: É próprio para monges; acaso farei dele um monge? Não é preciso que se torne monge. Por que tens medo do que é tão lucrativo? Faz dele um cristão. Com efeito, é preciso que os seculares conheçam estes ensinamentos, especialmente as crianças. Grande é nesta idade a ignorância, ignorância que aumenta por meio dos autores profanos, nos quais aprendem que os heróis ali admirados são escravos das paixões, e covardes diante da morte. Por exemplo, um Aquiles se arrepende, morre por causa da concubina, um outro se embriaga etc. A criança, portanto, necessita destes medicamentos.

Não seria absurdo mandá-la às artes e aos jogos literários e fazer o possível em seu favor, e não educá-la “*na disciplina e correção do Senhor*”? Seremos os primeiros a colher os frutos, se nutirmos filhos audazes, intemperantes, desobedientes, grosseiros. Não procedamos desta maneira, mas obedeçamos a esse santo que nos exorta: Eduquemo-los “*na disciplina e correção do Senhor*”. Demos o exemplo, fazendo com que desde a primeira idade se entreguem à leitura das Escrituras. Ai de mim! Repetindo-o assiduamente pareço delirar; no entanto, não deixarei de cumprir o meu dever. Dizei-me. Por que não imitais os antigos? Principalmente vós, mulheres, imitai aquelas mulheres admiráveis. Geraste um filho? Imita a Ana, aprende o que ela fez. Levou-o imediatamente ao templo. Qual dentre vós não haveria de preferir mil vezes que seu filho fosse um Samuel a ser rei da terra inteira? E é possível? Por que não? Porque não queres, nem o entregas a quem poderia transformá-lo. E quem é ele? – perguntas. É Deus. Com efeito, ela lho entregou. Eli não era dos que poderiam assaz formá-lo. Sê-lo-ia, se nem a seus filhos soube formar? Mas a fé da mulher e o ânimo bem-disposto tudo conseguiram. Em primeiro lugar concebeu, e a ele só, desconhecendo se haveria de dar à luz a outros. Não disse: Esperarei que a criança cresça, que use dos bens desta vida. Deixarei que ele aproveite um pouco as vantagens da idade pueril. Mas, renunciando a tudo, cuidou apenas de oferecer desde o começo uma imagem espiritual a Deus (cf. 1Sm 2). Envergonhemo-nos, nós homens, da sabedoria desta mulher. A Deus ofereceu o filho e deixou-o ali. Seu matrimônio se tornou esplêndido, porque procurou primeiro os bens espirituais e ofereceu a Deus as primícias. Fértil se tornou seu seio, e obteve outros filhos; e viu o primeiro famoso no mundo. Se os homens honrados reciprocamente se honram, Deus não fará muito mais, ele que age independente de honrarias? A que ponto somos carnaís? A que ponto nos curvamos para o chão? Prefiramos a tudo a solicitude pelos filhos, e a educação “*na disciplina e correção do Senhor*”. Se desde o início o filho aprende a sabedoria, adquire as maiores riquezas e a glória mais intensa. Farás menos ensinando-lhe a arte e a disciplina profanas, pelas quais há de adquirir riquezas do que se lhe ensinares a arte de desprezá-las. Se queres enriquecê-lo, age desta forma. Não é rico quem precisa de muitas riquezas, e acha-se cercado de sua afluência, mas quem de nada necessita. Ensina, instrui a respeito disso o filho. Assim será opulento. Não procures recurso para torná-lo insigne em doutrinas profanas e glória, mas esforça-te por ensinar-lhe a desprezá-la nesta vida, e tornar-se-á mais esplêndido e glorioso. É possível ao rico e ao pobre. Não o aprenderá de um mestre, nem pela arte, mas pelas palavras divinas. Não procures que tenha na terra vida longa, e sim que no além possua a infinita e interminável. Deixa-lhe bens grandiosos, não pequenas posses. Escuta as palavras de Paulo: “*Criai-os na disciplina e correção do Senhor*”. Não te empenhes em fazer dele um orador, mas educa-o para vir a ser sábio. De fato, não sofre prejuízo se não for orador; se não for sábio, nenhum lucro haverá de haurir da retórica, por melhor que seja. Precisa de boa conduta, não de discursos, de bons costumes não de rigor, de obras, não de palavras. Introduz isto no reino, obtém os verdadeiros bens. Não aguces a língua, mas purifica a alma. Não me exprimo assim para proibir a erudição, mas somente a dedicação exclusiva a ela. Não penses que somente os monges precisam dos ensinamentos extraídos das Escrituras; principalmente as crianças prestes a assumirem a vida presente precisam deles. A nave aparelhada que fica continuamente no porto não carece tanto da instrução do timoneiro, do conjunto dos nautas quanto a que sempre navega pelo alto mar; assim sucede entre o secular e o monge. De fato, este leva a vida de certo modo no porto, sem a agitação das vagas, tranquila e livre de procelas; aquele, porém, vive sempre no oceano e no meio do mar, lutando com muitos vagalhões. E se o próprio filho não precisa dos ensinamentos, no entanto deve estar preparado para fechar as bocas alheias.

Por isso quanto mais elevada for sua posição na vida, tanto mais necessitará desta instrução. Até mesmo se viver na corte, encontrará muitos gentios e filósofos, inchados de orgulho por causa da

glória presente. A corte é semelhante a um lugar repleto de hidrópicos. Todos inchados e túmidos; os que não estão, procuram se tornar. Pensa, portanto, o que significa para teu filho ingressar ali, à guisa de um ótimo médico, munido de instrumentos aptos a extrair o tumor de cada um; abordar cada um e explicar, devolver a saúde ao corpo doente, receitando um medicamento extraído das Escrituras, as quais infundem palavras de sabedoria. O monge com quem conversará? Com as paredes e os tetos? Com o deserto e lugar arborizado? Ou com as aves e as árvores? Tal ensinamento não é indispensável a teu filho. Esforce-se, entretanto, a proceder bem, não somente a ensinar aos outros, mas a si mesmo. Essa doutrina é mais necessária àqueles que estão na vida presente, mais propensos a pecar. Se queres saber, no próprio mundo será mais adequada. Todos o respeitarão por causa daquelas palavras, vendo que ele não se queima no fogo, nem deseja o domínio; consegui-lo-á quando não o ambicionar e será mais estimado pelo rei. Não é possível permanecer oculta esta conduta. Uma pessoa sadia pode se esconder entre muitas sadias, mas se entre vários doentes houver apenas um homem são, logo a fama chegará aos ouvidos do rei, que o colocará à frente do povo. Cientes disto, educai os filhos “*na disciplina e correção do Senhor*”. Alguém é pobre? Ainda um pobre! Nada é pior do que aquele que se acha na corte, e não é de lá; mas será admirado e logo chegará ao poder por iniciativa sua, não por eleição. Se forem uns gentios, (cínicos) que não valem três moedas e são uns cães, adeptos desta filosofia de três tostões (tal é a profana, ou melhor, filosofia não é, mas usa este nome), revestidos do manto e que cultivam a cabeleira, envergonham a muitos. Quanto mais a quem é verdadeiro filósofo? Se de tal modo se orgulha do falso aspecto, da sombra de filosofia, o que será se amarmos a verdadeira e sincera filosofia? Acaso, todos não haverão de respeitar? Não entregam com toda confiança as casas, as mulheres e os filhos aos que são tais? Mas não existem, não há atualmente destes filósofos; por isso nem é possível encontrar um modelo. Existe entre os monges, entre os seculares não existe mais. Dentre os monges posso mencionar vários, mas citarei apenas um entre muitos.

Conheceis, na verdade, vistes um, ouvistes falar de quem mencionarei agora: Juliano, homem admirável. Era rústico, humilde, de origem obscura, inexperiente relativamente à erudição profana, mas repleto da sabedoria não fingida. Ao entrar numa cidade (o que raramente fazia), era maior a afluência popular do que por ocasião da entrada de oradores, sofistas e outros quaisquer. O que direi? Até agora seu nome não é mais célebre do que o de todos os reis? Se, porém, tal acontecia neste mundo, onde o Senhor nada de bom nos prometeu, do qual disse ele que somos hóspedes, pensemos quantos bens nos são reservados nos céus. Onde eram estrangeiros receberam tanta honra; em suas cidades que glória não haverão de conseguir? Se onde ele prometeu aflições, há tanto respeito, onde prometeu verdadeiras honras, qual o repouso? Mas vos apraz que citemos também seculares? Atualmente, de fato, não existem; há, talvez seculares clementes, mas que não alcançaram a suprema sabedoria. Por isso mencionarei dentre os antigos santos alguns exemplos. Quantos deles eram casados, criavam filhos e nada menos, diria, nada menos possuíam do que os supracitados? Agora não é possível por causa das “angústias presentes” (1Cor 7,28), segundo diz São Paulo. De quem, quereis, que eu fale? De Noé ou Abraão? Do filho deste ou daquele? Acaso de José? Quereis acerca dos profetas? Moisés, diria, Isaías.

Mas, se vos apraz, encaminhemos o discurso para Abraão, que sempre nos é apresentado de preferência. Não tinha mulher, nem filhos? Digo-vos também eu o que nos dizeis. Tinha mulher, mas não era admirável por ter mulher. Possuía riquezas, mas não agradou a Deus por possuí-las. Gerou filhos, mas não era considerado feliz por ter gerado. Possuía trezentos e dezoito servos, mas por isso não era admirado. Mas queres saber por que era? Por causa da hospitalidade, pelo desprezo do dinheiro, pela moderação. Dize-me. O que compete aos filósofos? Não é desprezar as riquezas e a

glória, serem superiores à inveja e a quaisquer paixões? Vamos, pois. Apresentá-lo-emos e demonstraremos de que forma era filósofo. Primeiro, não considerava a lugar algum sua pátria. Ouviu: “Deixa teu país, tua parentela” (Gn 12,1). E saiu imediatamente. Não ficou apegado à casa; do contrário não teria saído. Nem às relações de amizade, ou a qualquer outra coisa. Mas especialmente desprezou a glória em geral e as riquezas. Terminada a guerra, vencidos e afugentados os inimigos, ao ser rogado que aceitasse os despojos, recusou-os. Seu filho, porém, não foi admirado por causa das riquezas mas devido à hospitalidade; não em vista dos filhos mas pela obediência; não pela mulher mas por causa da esterilidade desta. Tinha por nada a vida presente, não buscava riquezas, a tudo menosprezava. Dize-me. Quais as plantas melhores? Não são as que têm vigor em si mesmas, e não são danificadas pelas chuvas, nem pelo granizo, nem pelo ímpeto dos ventos, nem por qualquer anomalia, mas a tudo desafiam, eretas, despojadas, sem necessidade de muros de apoio, nem de sebes? Tal o filósofo, tal aquela riqueza: Nada tem e possui tudo. Tem tudo e nada possui. O muro não é intrínseco, é exterior. O apoio não é natural, mas extrínseco. E então? Dize-me. Qual o corpo que é forte? Não é o sadio, que não se deixa vencer pela fome, nem pela glotonaria, nem pelo frio, nem pelo calor? Ou o dependente e necessitado de serventes, de tecelões, de caçadores, de médicos, a fim de se manter sadio? É rico o verdadeiro filósofo, de nada necessitado. Por isso dizia nosso santo: *“Mas criai-os na disciplina e correção do Senhor”*. Não coloquês externamente muros. Tais são as riquezas, a glória. Se elas caírem por terra – e caem –, a planta fica desprotegida, sem defesa, de sorte que não apenas nada lucrou no passado, mas até sofreu dano. Aqueles muros que impedem que lute contra os ataques, preparam repentina e simultânea queda.

As riquezas mais prejudicam porque o deixam mais despreparado diante dos eventos iníquos da vida. Preparemos assim nossos filhos a fim de que possam resistir a tudo, não estranhem o que ocorrer. Eduquemo-los *“na disciplina e correção do Senhor”*, e teremos grande recompensa. Com efeito, se os homens que fazem estátuas dos reis e pintam suas imagens, conseguem tanta honra, nós que ornamos a imagem régia (porque o homem é imagem de Deus) não fruiremos de bens inumeráveis, restaurando a semelhança? A virtude da alma assemelha-se a isso: Instruirmos os filhos a fim de serem bons, não serem propensos à ira, não se recordarem das injúrias. Tudo isso é peculiar a Deus. Serem benéficos, benignos, e instruídos a não dar importância às coisas presentes. Seja nossa obra plasmar-nos a nós e a eles e colocarmo-nos no lugar adequado. Do contrário, que confiança teremos ao comparecermos perante o tribunal de Cristo? Efetivamente, se é indigno do episcopado quem tem filhos insubmissos, muito mais do reino dos céus. O que dizes? Se temos mulher e filhos imoderados, haveremos de prestar contas? Sim, a não ser que exata e minuciosamente lhes fornecermos o que devemos prestar; nossa virtude não basta para a salvação. De fato, se aquele que recebeu um talento e não o depositou, não obteve lucro, e foi punido, é claro que a virtude própria não basta para a salvação, mas faz-se mister também a virtude alheia. Tenhamos a maior solicitude pela mulher, filhos, escravos, de nós próprios e roguemos a Deus que nos auxilie a orientá-los. Se vir que disto cuidamos e somos solícitos, nos ajudará; do contrário, se não dermos atenção, não estenderá a mão. Se dormirmos, Deus não nos dará auxílio, e sim se colaborarmos. Ele, na verdade, não é auxiliar do ocioso, mas daquele que coopera. Deus de bondade é poderoso de por si levar a termo a obra de sermos todos dignos de obter os bens prometidos, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA SEGUNDA HOMILIA

5. *Servos, obedeei, com temor e tremor, em simplicidade de coração, a vossos senhores temporais,*

como a Cristo,

6. *servindo-os não quando vigiados, para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo de bom grado a vontade de Deus.*

7. *Tende boa vontade em servi-los, como ao Senhor e não como a homens,*

8. *sabendo que todo aquele que fizer o bem receberá do Senhor o bem equivalente, seja ele servo ou livre.*

Por conseguinte, não só o marido, a mulher, ou os filhos, mas também os servos contribuem pela virtude para a constituição e administração da casa. Por este motivo, São Paulo não negligenciou este problema, mas o aborda por fim, porque último em importância. Trata longamente do assunto com eles, não enquanto servos, mas de forma mais perfeita; não lhes faz uma promessa em vista do presente, mas do futuro. “*Sabendo que todo aquele que fizer o bem*” ou o mal “*receberá do Senhor o equivalente*”. E já ensina a filosofar. Com efeito, embora em dignidade sejam inferiores aos filhos, na prudência são superiores. “*Servos, obedeci a vossos senhores temporais.*” Logo reanima a alma aflita, logo a consola. Não tenhas pesar por teres menos do que a mulher e os filhos. A escravidão é só de nome; o domínio carnal é temporal e breve, pois tudo o que é carnal é caduco. “*Com temor e tremor.*” Vês que não exige igual temor da mulher e dos escravos? A ela disse simplesmente: “*A mulher respeite o seu marido*”; aqui, intensifica: “*Com temor e tremor, em simplicidade de coração, como a Cristo*”. Repete-o frequentemente. O que dizes, ó bem-aventurado Paulo? É um irmão, goza dos mesmos privilégios, está no mesmo corpo, ou melhor, não é irmão de seu senhor, mas do Filho de Deus; goza dos mesmos valores, e dizes: “*Obedeci, com temor e tremor, a vossos senhores temporais*”? Sim, assegura, por isso mesmo. Pois se ordeno, diz ele, que os homens livres sejam submissos devido ao temor de Deus, como dizia mais acima: “*Submetei-vos uns aos outros no temor de Deus*”, se preceituo que as mulheres respeitem os maridos, embora tenham igual honra, muito mais o escravo. Não é ignomínia, mas suma nobreza reconhecer que é inferior, e portar-se de maneira comedida, ceder ao próximo. E os livres servem os livres com grande temor e tremor. “*Em simplicidade de coração.*” Expressou-se corretamente, porque pode acontecer que se sirva com temor e tremor, não com benevolência, de outra maneira. Muitos sorratamente procedem mal em relação aos senhores. Elimina também esta malícia, dizendo: “*Em simplicidade de coração, como ao Senhor, servindo-os não quando vigiados, para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo de bom grado a vontade de Deus. Tende boa vontade em servi-los, como ao Senhor e não como a homens*”. Vês de quanto esforço precisou para incluir esta característica: De “*boa vontade*” e de “*bom grado*”? De fato, verificamos que muitos cumprem para com os seus senhores aquela exigência: “*Com temor e tremor*”, e para tal muito contribuem as ameaças do senhor. Mas manifesta, diz ele, que serves na qualidade de servo de Cristo, não de homens. Age de tal modo que a obra seja espontânea e não executada por obrigação. Do mesmo modo com que persuade e ensina pela continuação a alguém que suporta ofensas a executar as boas obras livremente, aqui também o faz. Uma vez que quem feriu numa face não chegou a isto por culpa do ferido, mas por sua própria maldade, o que diz a Escritura? “*Oferece-lhe também a esquerda*” (Mt 5,39), para provares que não é a contragosto que toleras o tapa. Aquele que diante do mal que sofre responde com largueza, faz seu o que não era seu, porque não apenas suportou, mas ofereceu a outra face ao tapa. Talvez pareça proceder do medo, origina-se, porém, de grande sabedoria. Demonstraste, portanto, que toleras por sabedoria. Por conseguinte, manifesta agora que espontaneamente suporta esta servidão, e não para agradares aos homens. Quem busca agradar aos homens, não é servo de Cristo. O servo de Cristo não quer agradar aos homens. Qual o servo de Deus, portanto, que procure agradar aos homens? E quem pode ser servo de Deus agradando

aos homens? *“Fazendo de bom grado a vontade de Deus, tendo boa vontade em servi-los.”* A enunciação foi feita com justeza, uma vez que é possível servir com simplicidade não com maldade; não com todas as forças, mas somente cumprindo o dever. Por esta razão diz: *“De bom grado”*, não por obrigação, por escolha livre, não por violência. Se serves desta maneira, não és escravo; se por livre decisão, se com benevolência, se com toda alma, se por causa de Cristo. É por tal servidão que igualmente serve Paulo, aquele homem livre, que clama: *“Não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo Senhor. Quanto a nós mesmos, apresentamo-nos como vossos servos por causa de Jesus”* (2Cor 4,5).

Vê de que modo aparta de ti a ignomínia da escravidão. Como acontece àquele, ao qual são extorquidas as riquezas, e ainda acrescenta doando outras àquele que as tirou, não será contado entre os que foram roubados e sim entre os liberais, não entre os que sofreram males mas entre os que beneficiam; e mais lança opróbrio sobre aquele a quem doou do que a si próprio ocasiona dano por causa do objeto roubado. Assim neste caso também, pela abundante doação, revelar-se-á magnânimo, e envergonhará o adversário, demonstrando que não se ressentiu com a rapina. Por isso, sirvamos aos senhores por causa de Cristo, *“sabendo que todo aquele que fizer o bem receberá do Senhor o bem equivalente, seja ele servo ou livre”*. Visto ser provável que muitos senhores, sendo infiéis, não se envergonhavam, nem remuneravam os escravos por causa de sua obediência, vê como os consolou a fim de não duvidarem da remuneração, mas confiarem inteiramente na recompensa. Como os beneficiados que não agradecem aos benfeitores fazem com que Deus se torne destes devedor, assim também os senhores, se ao receberem de ti um benefício não te agradecerem, mais te conferem, fazendo com que Deus seja teu devedor.

9. E vós senhores, fazei o mesmo para com eles,

O que significa: *“O mesmo”*? Servi de bom grado. Mas não disse: Servi, embora ao proferir: *“O mesmo”*, o tenha indicado, visto que também o senhor serve. Não buscando agradar aos homens, mas com temor e tremor, isto é, diante de Deus, receando serdes acusados por vossa negligência relativamente aos escravos, sem ameaças.

Não sejais importunos e severos, sabendo que o Senhor deles e vosso está nos céus

Ah! Quanta coisa sugeriu! Atemorizou! Isto é, com a medida com que medirdes sereis medidos. Não tenhas de ouvir: *“Servo mau, eu te perdoei toda a tua dívida”* (cf. Mc 4,34; Mt 18,32).

e que ele não faz acepção de pessoas.

Não julgues que perdoa como se fora feito contra um servo o que a ele se faz. As leis profanas conhecem esta espécie de diferenças, porque são leis humanas. A lei do Senhor universal, porém, não conhece diferença, porque beneficia a todos em geral e confere o mesmo a todos.

Se alguém perguntar de onde veio a escravidão e por que penetrou na vida humana (e sei que muitos de bom grado o interrogariam, e querem saber), dir-vos-ei. A cobiça deu origem à escravidão, bem como a inveja e a avidez. Com efeito, Noé não teve escravo, nem Abel, nem Seth, nem os posteriores. O pecado a gerou, a injúria aos pais. Ouçam os filhos que merecem ser escravos por serem ingratos aos pais. Um tal perde a nobreza da estirpe, porque o injuriador do pai já não é filho. Se quem injuria o pai não é filho, quem ultraja aquele que é verdadeiramente nosso Pai, como o será? Decaiu da nobreza da raça, injuriou a natureza. Em seguida, as guerras e os combates apreenderam cativos. Ora, Abraão teve servos, replica-se. Mas não os tratou como escravos. Vê como a todas as pessoas se adapta: à mulher, para amá-la; aos filhos, para criá-los *“na disciplina e correção do Senhor”*; aos servos: *“Sabendo que o Senhor deles e vosso está nos céus”*. Assim também vós, por serdes servos,

sede clementes e propensos a perdoar. Se, contudo, quereis ouvir, diremos a respeito dos servos o mesmo que anteriormente enunciamos acerca dos filhos: Ensinai-os a ser religiosos; daí decorre tudo. Agora, porém, ao subir alguém ao teatro, e ir às termas, leva consigo todos os filhos; para a igreja, não o faz, nem os obriga a estar presentes e ouvir. Como o servo haverá de ouvir, se tu, senhor, dás atenção a outras coisas? Compraste, adquiriste um escravo? Ordena-lhe primeiro seguir os preceitos de Deus, que seja manso para com os companheiros, para dar grande valor à virtude. A casa de cada um é sua própria cidade, cada qual é chefe de sua casa. E isso é evidente na casa dos ricos, onde há campos e procuradores, prefeitos acima de prefeitos. Eu, porém, afirmo que também a casa dos pobres é cidade. Ali igualmente há domínio. Por exemplo, o marido tem o domínio sobre a mulher, a mulher sobre os escravos, os escravos sobre suas mulheres; e ainda mulheres e homens sobre os filhos. Não te parece ser ele uma espécie de rei, com tantos chefes a si subordinados e havendo de ser um tanto perito em administrar a casa e a cidade? Pois, quem sabe tratá-los de modo variado e diferente, escolherá chefes aptos e até mesmo insígnies. Com efeito, a mulher em casa é qual rainha sem diadema; quem sabe escolher a rainha, corretamente há de administrar o restante.

O combate espiritual

10. *Finalmente, fortalecei-vos no Senhor, meus irmãos.*

Sempre ele deste modo termina o discurso.

Não dizia com razão no começo que cada casa é um exército completo? Eis todos já estabelecidos no poder, e logo ele os arma e conduz à guerra. De fato, se ninguém arrebatava o poder, mas permanece em seu lugar, tudo corre bem. *“Fortalecei-vos no Senhor” e na força do seu poder.*

Isto é, na esperança nele, por seu auxílio. Com efeito, tendo preceituado muitas coisas, disse: Não temais, depositai a esperança no Senhor e tudo será fácil.

11. *Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo.*

Não aos combates, nem às guerras, mas *“às insídias”*. Com efeito, o inimigo não nos guerreia incauta e abertamente, mas por meio de insídias. O que significa: *“insídias”*? *“Armar insídias”* é enganar, e apreender através de ciladas. Por artifícios, palavras e obras, lutas, por meio de sedutores. Por exemplo: Nunca propõe pecados manifestos; não fala em idolatria, mas de outro modo arma insídias, a saber, torna atraente a palavra, que encobre por circunlóquios. Desta forma, o Apóstolo animou os soldados e fez com que fossem vigilantes, persuadindo e ensinando que nossa luta é contra o perito guerreiro que não ataca incauta e abertamente, mas por várias insídias. Anima os discípulos aludindo primeiro à sua natureza e número. Não querendo de forma alguma prostrar os soldados que estão consigo, ao invés, animar e reerguer, ele proferiu pensamentos sutis, e preparou-os à vigilância. De fato, se somente descrevesse as forças e terminasse o discurso, prostrá-los-ia. Ao invés, se antes e depois manifestasse ser possível vencê-lo, mais os encoraja. Quanto mais abertamente anunciarmos aos nossos as forças dos adversários, tornamos as nossas mais eficientes.

12. *Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais.*

Depois de ter exortado pela espécie de combate, estimula-os propondo os prêmios. De que modo? Tendo afirmado que os inimigos são fortes, acrescentou que eles nos privam de grandes bens. De quais? A luta é nas re-giões celestiais. O combate não versa acerca das riquezas, da glória, mas luta para sermos reduzidos ao cativo. De fato, a inimizade é irreconciliável. A disputa e a luta são mais fortes quando empreendidas em prol de bens maiores. A expressão: *“Regiões celestiais”* significa: Em

favor de bens celestes. Não que eles, vitoriosos, alcancem algo, mas para nos privarem dos bens. Como se dissesse: Foi travado um pacto, “*in*” quer dizer: Em prol, ou: Por causa de. Vê como as forças do inimigo nos estimulam e tornam vigilantes. Saibamos que o perigo se encontra acerca das grandes realidades, e a vitória é a respeito delas; pois esforça-se por nos lançar fora do céu. Quais os denominados Principados e Potestades deste mundo de trevas? De quais trevas? Acaso as da noite? Absolutamente não, mas da maldade. Outrora éramos trevas (cf. Ef 5,8), diz a Escritura, indicando a maldade existente na vida terrestre. Não terão, contudo, lugar no céu, nem no século futuro.

Não os nomeia “*Dominadores deste mundo*” por terem obtido o domínio, mas por serem autores das obras más. De fato, a Escritura costuma dar o apelativo de mundo às más ações, conforme a declaração de Cristo: “Não sois do mundo como eu não sou do mundo”. Acaso não eram do mundo? Não estavam revestidos da carne? Acaso não eram daqueles que permanecem no mundo? E ainda: “O mundo não vos pode odiar, mas odeia-me” (cf. Jo 17,14 e 7,7), com referência ainda às más ações. Ou, neste trecho denomina mundo os homens malvados, pois é sobre eles que os demônios principalmente obtêm domínio. Contra os Principados, as Potestades, “*contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais*”. Menciona os Principados e Potestades, bem como os que povoam as regiões celestiais são Tronos, Dominações, Principados, Potestades.

13. *Por isso deveis vestir a armadura de Deus, para poderdes resistir no dia mau e sair firmes de todo o combate.*

O Apóstolo dá à vida presente o nome de dia mau, e de malvado ao século por causa dos pecados nele cometidos. Isto é, ficai sempre armados. “*Sair firmes de todo o combate*”, tendo vencido as paixões, concupiscências absurdas e todas as aflições. Não disse somente sair, mas realizar inteiramente, a fim de não apenas eliminar, mas também “*sair firmes de todo o combate*”. De fato, muitos depois de alcançarem a vitória recaíram. “*Sair firmes de todo o combate.*” Não sair de um e de outro, não. Importa ficar de pé depois da vitória. Algumas vezes os adversários são derrubados, mas depois se reerguem. Se não ficarmos firmes, apesar de caídos, levantam-se. Enquanto estamos firmes, continuam prostrados. Enquanto não andarmos perdidos, eles não se reerguem. Vistamos a armadura de Deus.

Vês como nos tira o medo. Uma vez que é possível saíres “*firme de todo combate*”, por que foges da luta? Fica firme e venceste. E não te admires que o Apóstolo relembre tantas coisas a respeito das forças inimigas. Com efeito, recenseá-las não incute medo e temor, mas sacode a covardia. “*Para poderdes resistir no dia mau.*” Consola também devido ao tempo. O tempo, diz ele, é breve, e por isso deveis permanecer firmes, para não ficardes cansados após a batalha. Se há guerra, se tais são as fileiras, as Potestades são incorpóreas, são Dominadores do mundo, Espíritos do Mal, como, responde, ceddes aos prazeres? Por que és dissoluto? Poderemos superar mantendo-nos inermes? Cada qual quotidianamente o diga a si mesmo, quando a ira o domina, quando a cupidez, quando busca a vida indolente, escorregadiça e inconstante. Ouça as palavras de São Paulo: “*Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Potestades*”. Este combate é mais grave do que o sensível, a luta mais intensa. Por conseguinte, reflete, por quanto tempo ele luta, em favor de quem, e sê mais cauteloso. Sim, respondes, mas seria necessário apartar o diabo, e todos seriam salvos. Pretendem isto alguns negligentes e covardes. Seria preciso, ó homem, que desses graças porque, se o quiseses, o vencerás, enquanto, ao invés, te irritas, proferindo palavras próprias de um soldado preguiçoso e sonolento. Podes, se o quiserdes, conhecer de que forma o apreenderás; olha ao redor, arma-te. A luta não é apenas contra o diabo, mas também contra as Potestades. De que maneira, pois, lutaremos com as trevas? Se nos tornarmos luz. De que modo com os espíritos do mal?

Se nos tornarmos bons. O bem é oposto à malvadez e à perversidade e a luz expulsa as trevas. Mas se nós próprios formos trevas, certamente seremos captados e vencidos. De que forma haveremos de superá-los? Se nos fizermos pelo livre-arbítrio e decisão da vontade o que eles são por natureza, a saber, fora da carne e do sangue. Assim os apreenderemos e venceremos. Sendo verossímil que eles estão muito agitados, diz-se: Não julgueis que são eles que nos fazem guerra. Operam neles os próprios demônios que guerreiam; nossa luta é contra eles. Dois motivos fazem com que eles se façam mais audazes contra os que se lhes opõem e animem contra os inimigos. E por que motivo nossa luta surgiu contra eles? Porque temos uma aliada inexpugnável na guerra, a saber, a graça do Espírito, aprendemos a arte de não lutar contra os homens, mas contra os demônios. Se o quisermos, nem mesmo lutaremos. Há luta porque queremos.

É tão grande a virtude daquele que em nós habita que diz: “Eis que eu vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo” (Lc 10,19). Deu-nos todo poder de lutar e de não lutar. Mas, uma vez que somos indolentes, lutamos com eles. Com efeito, escuta que Paulo não lutou assim, conforme declara: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?” (Rm 8,35). E ainda escuta-o: “Deus não tardará em esmagar Satanás debaixo de vossos pés” (Rm 16,20). Pois o mantinha sujeito, e por isso dizia: “Eu te ordeno em nome do Senhor Jesus: Sai desta mulher” (At 16,18). Não é procedimento de quem luta. De fato, quem luta ainda não venceu; quem venceu, de fato, já não luta. Submeteu-o e aprisionou-o. Pedro igualmente não lutava com o diabo, mas fazia o que era melhor. Muitos fiéis, seguidores, catecúmenos eram excessivamente superiores a ele. E por isso dizia São Paulo: “Pois não ignoramos as intenções dele” (2Cor 2,11). Por isso principalmente o venceu. Mais uma vez escuta-o: “Por conseguinte, não é surpreendente que os seus ministros se transfigurem em servidores da justiça” (2Cor 11,15). Desta maneira conhecia toda a luta e nada lhe era oculto. E: “O mistério da iniquidade já está agindo” (2Ts 2, 7). Mas o combate é contra nós mesmos. Pois escuta suas palavras: “Estou convencido de que nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem as virtudes, nem o presente, nem o futuro, nem criatura alguma poderá nos separar do amor de Cristo” (Rm 8,38-39). Não disse apenas: De Cristo, e sim: “Do amor de Cristo”, porque muitos estão unidos a Cristo sem o amar.

Não persuadirás, diz ele, a que negue, mas nem que o ame menos. Quando, porém, as virtudes celestes não o conseguem, quem haveria de alterá-lo? Não se expressa desta forma, contudo, como se elas o tentassem, mas por hipótese. E por isso diz: “Estou convencido”. Por conseguinte, não lutava; entretanto receia as astúcias delas. Ouve suas palavras: “Receio, porém, que, como a serpente seduziu a Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo” (2Cor 11,3). Sim, declara e aplica a asserção a si próprio, dizendo: “Não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” (1Cor 9,23). Como, então estás convicto de que ninguém te haverá de separar?

Vês que a expressão provém de humildade e modéstia. Com efeito, ele já habitava no céu, e por isso dizia: “Verdade é que a minha consciência de nada me acusa” (1Cor 4,4); e ainda: “Terminei a minha carreira” (2Tm 4,7). O diabo não lhe opunha obstáculo, mas aos discípulos. Por que motivo? Porque não apenas exercia influxo sobre eles, mas também sobre as suas resoluções. Aí dominava; ou antes, nem aí, e sim devido à indolência e à covardia dos que não prestavam atenção. De fato, se o Apóstolo não realizasse o que lhe competia, por preguiça ou algo de semelhante, o diabo seria superior a ele. Se este fazia o possível, e não era obedecido, não era ele que superava, e sim a resistência do Apóstolo. Não foi o médico que venceu a doença, mas a desobediência do paciente. Ele preparara, mas o doente tudo estragara; ele foi superado, não este. Por isso jamais Paulo foi vencido. Além disso é bom para nós podermos lutar. Aos romanos não o deseja. O que deseja? “Não tardará em esmagar

Satanás debaixo de vossos pés” (Rm 16,20). A estes opta: “Ao que é poderoso para realizar por nós em tudo infinitamente além do que pedimos ou pensamos” (Ef 3,20). Quem luta ainda está preso e será ótimo se não cair. A vitória será insigne quando daqui partirmos. Por exemplo, ao se tratar de alguma concupiscência; não será espantoso não satisfazê-la, e sim extingui-la. Se não for possível, lutemos e sempre nos contenhamos; lutando até o fim, venceremos. Não é igual ao caso dos atletas, em que, se não prostrares o inimigo, não vencerás; aqui, porém, vencerás se não fores prostrado. E com razão. Com efeito, ali ambos disputam a vitória e se um for prostrado, o outro é coroado. Nosso caso, contudo, não é idêntico, mas o diabo batalha para que sejamos superados. Quando, porém, lhe é tirado o objeto sobre o qual disputa, eu o venço. De fato, não se esforça por prostrar, mas para prostrar consigo. Em realidade, já está vencido; pois ele já está prostrado, e se acha na perdição. Sua vitória não consiste em obter a coroa, mas em que eu pereça. Por isso, se não prostrar, se eu não ficar prostrado, será vencido. Qual é, portanto, a insigne vitória? Conculcá-los excessivamente, conforme fazia Paulo, tendo por nada as coisas presentes. Imitemo-lo nós também, e esforcemo-nos por nos tornar superiores, sem lhe oferecer oportunidade alguma.

Oferecem-lhe oportunidade as riquezas, a vanglória, que algumas vezes elevam, outras vezes enchem de crueldade. Mas por que é necessária a luta? Por que os combates? Incerto é o fim de quem ataca: Se será vencido e aprisionado, enquanto certa é a vitória de quem conculca. Conculquemos o poder do diabo, conculquemos os pecados; tudo, digo, que pertence à vida presente: a ira, a concupiscência, a arrogância, as paixões, a fim de que, ao partir desta vida, não nos revelemos traidores do poder por Deus a nós conferido. Assim, pois, sendo malvados, quem nos confiará bens maiores? Se não pudermos conculcar o que caiu, o ignominioso, o desprezado, que jaz sob nossos pés, como nos dará o Pai os bens paternos? Se não superarmos quem se acha a tal ponto sujeito, que confiança teremos de entrar na casa paterna? Pois, dize-me, se tiveres um filho, e ele, abandonando os servos honestos, misturar-se com os molestos, expulsos da casa paterna, dados ao jogo, e agir deste modo até o fim, não será deserdado? É claro! Assim nós também, se abandonarmos os anjos do agrado de Deus, nossos chefes, para convivermos com o diabo, seremos certamente deserdados. Longe de nós, mas empreendendo a guerra contra ele, e vencedores com o auxílio do alto, sejamos herdeiros do reino dos céus. Se alguém tem um inimigo, por ele for injuriado, e ficar exasperado, reúna toda ira e aspereza e a esvazie sobre a cabeça do diabo. É ira boa e honesta, útil a indignação, louvável a lembrança da injúria. A recordação das injúrias externas é um mal; entretanto relembrar-se desta é um bem. Por conseguinte, se tens defeitos, renuncia a eles; se não podes retirá-los, ao menos afasta-os de teus membros. Alguém feriu? Lembra-te da injúria da parte do diabo, e nunca terás inimizade contra ele. Não feriu? Lembra-te de que injuriou a teu Senhor, ofendeu-o, prejudicou os irmãos e combate-o. Sê inimigo sempre, amargo, sempre irritado e feroz. Assim ele será humilhado, será desprezível, será fácil de captar se nos enfurecermos contra ele, não se exasperará contra nós; se formos clementes, então ele será feroz; não tenhamos para com ele o afeto que dedicamos aos irmãos. Ele é adversário e inimigo da vida e da salvação, nossa e sua. Se não ama a si mesmo, como poderá nos amar? Disponhamos, portanto, as fileiras, e prostremo-lo, tendo por vigoroso aliado nosso Senhor Jesus Cristo, que poderá fazer com que não sejamos de modo algum presos naqueles laços e dignar-se conceder-nos os bens futuros. Seja-nos dado a todos alcançá-lo pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo glória, império, honra, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

VIGÉSIMA TERCEIRA HOMILIA

14. *Ficai, portanto, de pé e cingi os vossos rins com a verdade*

Estabelecida a ordem neste exército, com desperta prontidão (ambas necessárias para a boa ordem e o estímulo), aumenta-lhes a coragem (igualmente indispensável), e fornece-lhes enfim as armas. De nada serviriam sem a ordem precedente, e o estímulo ao soldado. Faz-se mister primeiro armá-lo interiormente, e em seguida por fora. Se vulgarmente assim é o procedimento relativo aos soldados, muito mais aos soldados racionais; ou melhor, a estes não se deve armar por fora, e sim interiormente. Estimula e faz ardoroso o ânimo, incute audácia, põe em ordem e finalmente entrega as armas. Mas observa como fornece as armas. “*Ficai, portanto, de pé*”, diz ele. Em primeiro lugar é dever dos que integram as fileiras saber permanecer corretamente de pé; daí resulta muita coisa. Por isso, refere-se muitas vezes à estação, dizendo também em outras passagens: “Permanecei firmes, vigiai” (1Cor 16,13); e ainda: “Permanecei firmes no Senhor” (Fl 4,1) e ainda: “Assim, pois, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10,12); e: “*E sair firmes de todo o combate*” (Ef 6,13). Não se refere a qualquer espécie de estação, mas à correta; os peritos nas questões militares conhecem a grande perícia de estar de prontidão. Pois se, no pugilato, e nas lutas, o instrutor antes de tudo ordena ficar de pé, muito mais na guerra e nas funções militares. Quem fica de pé, ereto, não é dissipado, não cede; na estação se verifica apurada retidão. Com efeito, estão de pé os que estão bem eretos; os que, porém, não estão de pé, não estavam eretos, mas dissolutos e dispersos. Quem se entrega aos prazeres, o lascivo, o cobiçoso não está de pé, mas declina. Quem sabe ficar de pé na própria estação, qual base, terá habilidade de perfazer a luta. “*Ficai, portanto, de pé e cingi os vossos rins com a verdade.*” Não trata da zona sensível, pois tudo o que aqui se encontra respeita ao âmbito da razão. Nota, porém, como procede. Primeiro, cinge o soldado. O que quer dizer isto? Pelo cinto suspende as vestes de quem se entrega aos prazeres, é dissoluto, com pensamentos rastejantes, para não ficar embaraçado pelo manto que envolve as pernas, e permitir que os pés corram livremente. “*Ficai, portanto, de pé e cingi os vossos rins com a verdade.*” Fala aqui de rins, pois o que é nos navios a quilha, são os rins em nós, sustento de todo o corpo. Servem de apoio, e sobre eles se edifica o todo, como dizem os médicos. Cingidos os rins, nossa alma está, portanto, refreada. Ele não está falando destes rins, mas dos sujeitos à razão. E como os rins são o fundamento do que está para cima e para baixo, assim também acontece relativamente aos rins espirituais. As pessoas cansadas, muitas vezes apoiam as mãos sobre os rins, quais fundamentos, para sustentá-las; e o cinto nas guerras é empregado como se nos contivesse e apertasse pelo fundamento. Por isso nos cingimos para correr; o cinto protege nossa força. Assim, diz ele, aconteça relativamente à alma e seremos válidos para qualquer ação. Eis o que convém especialmente aos soldados. Sim, replicas, mas eles cingem os rins com cintos de couro; e nós? Com o principal em nossos pensamentos, a saber, a verdade. “*Cingi os vossos rins com a verdade.*” Por conseguinte, não amemos mentira alguma. Tratemos de tudo com a verdade. Não mintamos uns aos outros. Quanto à glória, busquemos o que é verdadeiro. Acerca da vida, a verdadeira. Se nos cercarmos disto, se nos cingirmos com a verdade, ninguém poderá nos superar. Quem busca a doutrina verdadeira não cairá por terra. Pois o que não é veraz é da terra. Daí se evidencia que os gentios servem às paixões, quando seguem seus pensamentos. Por isso, se formos vigilantes, não precisaremos da doutrina dos escritos dos pagãos. Vês que são frouxos e enervados, porque não superam a razão humana e nada assimilam de grave e austero sobre Deus? Não estão cingidos com a verdade. Por isso são fracos seus rins, donde germinam as sementes e a força dos raciocínios. Nada, portanto, mais fraco do que eles.

Ainda vês como os maniqueus ousam falar apenas segundo suas próprias razões? Deus não podia, afirmam eles, criar o mundo sem a matéria. Onde consta? Asseguram-no os que vivem no lodo, e da terra, do que existe entre nós. Porque o homem não pode agir de outra forma. Ainda, vê o que diz Marcião. É impossível que Deus assumisse a carne e continuasse puro. Onde consta? Porque nem

entre os homens é possível. Ora, os homens o podem. Valentino também tem raciocínios rastejantes, palavras terrenas; de modo semelhante Paulo de Samósata, e Ário. O que enunciam? Deus não podia gerar de maneira impassível. Donde ousas afirmá-lo, ó Ário? Segundo o que acontece entre nós. Vês que os raciocínios de todos eles são rastejantes? São fracos, enervados, e exalam odor terreno? E assim se portam relativamente aos dogmas. De outro lado, atinentes à vida, rastejam os luxuriosos, os cobiçosos de dinheiro, de glória e do restante; não são de rins firmes, eretos, de forma que os cansados possam sustentar-se, e se estiverem fatigados, não apóiam as mãos, mas desfalecem. Quem se encontra cingido com a verdade, em primeiro lugar, nunca se cansa; em segundo, se estiver abatido, repousará na própria verdade. Dize-me. A pobreza o fatigará? De forma alguma; repousará nas genuínas riquezas, e pela pobreza conhecerá qual a verdadeira pobreza. E a escravidão causar-lhe-á fadiga? Absolutamente, não; pois sabe qual a verdadeira servidão. Mas, e a doença? Nem isso. Diz Cristo: “Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas” (Lc 12,35), de tal sorte que esta luz seja inextinguível. Foi dada esta prescrição aos israelitas que saíam do Egito, e que cingidos comiam a Páscoa. E por que, perguntas, comiam assim? Queres saber a causa, segundo a história ou segundo a anagogia?³ Falarei sobre as duas; mas deveis retê-lo. Não falo por falar, mas a fim de que minhas palavras em vós frutifiquem em obras. “É assim que deveis comê-lo; com os rins cingidos, cado na mão e sandálias nos pés” (Ex 12,11). Mistérios assustadores e terríveis, de grande profundidade. Se, porém, em figura são tão terríveis, muito mais na realidade. Saem do Egito, comem a Páscoa. Atenção! É habitual nos viajantes: ter sandálias, cajados nas mãos, comer de pé. Nada mais claro. Quereis primeiro ouvir a história ou a anagogia? É melhor a história. O que significa a história? Os judeus ingratos esqueciam-se frequentemente dos benefícios de Deus. Visando, portanto, trazê-los à memória, embora de má vontade, a Lei estabeleceu este modo de comer a Páscoa. Com que finalidade? Sendo cada ano obrigados a observar aquela lei, necessariamente recordar-se-iam de Deus, que os tirara (do Egito). Por isso, Deus ligou seus benefícios não somente ao tempo, mas também aos costumes dos convivas. Por isso, eles agora comem cingidos e calçados, de modo que, se forem interrogados, respondem: Estávamos prontos para a peregrinação e a futura saída do Egito para a terra de promessa. Tal é a figura, segundo a história. A realidade, porém, é a seguinte. Igualmente nós comemos a Páscoa, isto é, Cristo. Comemos, porém, uma Páscoa muito melhor do que a da Lei. Devemos, contudo, comer cingidos e calçados. Por que motivo? A fim de estarmos preparados para o êxodo, para a partida daqui. Nenhum dos que comem a Páscoa, olhe para o Egito, mas para o céu, para a Jerusalém do alto. Comes cingido, calçado, para que saibas que logo que começaste a comer a Páscoa, deves peregrinar e caminhar. Aponta tacitamente para dois fatos: Que importa sair do Egito e os restantes devem habitar como em terra estrangeira. “Mas a nossa cidade está nos céus” (Fl 3,20); e por toda vida estejamos preparados a fim de não adiarmos ao sermos chamados, mas respondermos: “Nosso coração está firme” (Sl 108,2). Podia dizê-lo Paulo, que de nada se sentia culpado; eu, porém, necessitado de muito tempo para fazer penitência não posso repeti-lo. Quanto a estar cingido, próprio da alma vigilante, escuta o que Deus diz a determinado justo: “Não; cinge-te os rins, como um herói, vou interrogar-te e tu me responderás” (Jó 38,3). Deus o diz a todos os santos e a Moisés. Ele próprio aparece cingido em Ezequiel; ou melhor, os anjos, à guisa de soldados, também nos aparecem cingidos. Cingidos, estão de pé corajosamente; e por estarem de pé cingem-se. Por conseguinte, também nós devemos cingir-nos; estamos para sair e nesse ínterim surgem muitas dificuldades. Ao percorrermos esta planície, logo o diabo se apresenta, fazendo o possível com vários planos para captar e perder os que se salvaram do Egito, os que atravessaram o mar Vermelho, os que se libertaram simultaneamente dos demônios e de pragas incontáveis. Mas se formos vigilantes, temos nós também a coluna de fogo, a saber, a graça do Espírito, que ilumina e sombreia. Temos o maná, ou

antes, não o maná, mas o que é mais do que o maná: a bebida espiritual, não a água que jorra da pedra. Temos também um acampamento, agora ainda habitantes do deserto. Em verdade, pois, em verdade agora ainda a terra se acha deserta de virtude e mais do que aquela. Por que, então, fugir daquele deserto? Acaso havia escorpiões e víboras? Por ali, diz-se, o homem não transita. Mas não é, não é aquele deserto tão estéril, infrutífero quanto a natureza humana.

Agora, neste deserto, quantos escorpiões existem, quantas víboras, quantas serpentes? Quantas raças de víboras são aqueles que enumeramos? Mas não temamos. Quem comanda este êxodo não é Moisés, mas Jesus. Como, portanto, os eventos não são idênticos? Não procedamos de igual forma, e não serão idênticos os padecimentos. Eles murmuravam, foram ingratos. Não nos suceda o mesmo. Como caíram todos eles? Menosprezaram a terra desejável. Não deram importância e, no entanto, admiravam? Indolentes, não quiseram assumir trabalhos por ela. Não menosprezemos nós o céu. Seria não dar-lhe importância. Foi-nos trazido um fruto celeste. Não eram cachos de uvas carregadas em ânforas, mas o penhor do Espírito, a cidadania celeste ensinada por Paulo, o coro dos apóstolos, agricultores admiráveis. Não foi Caleb, filho de Jefoné, nem Jesus, filho de Navé, que trouxe estes frutos, mas foi Jesus, Filho do Pai das misericórdias, verdadeiro Filho de Deus, quem nos outorgou todas as virtudes, todos os seus frutos, a saber, os hinos celestes. Ordenou-nos repetir o canto dos Querubins nos céus: Santo, santo, santo. Transmitiu-nos o estilo de vida dos anjos: Nem se casam, nem se dão em casamento os anjos (cf. Mc 12,25); aqui na terra também semeou esse bem. Eles não cobiçam dinheiro, nem algo de semelhante; inseriu este hábito também em nós. Eles não morrem; igualmente nos concedeu este dom. A morte não é mais morte, mas um sono. Escuta-o: “Nosso amigo Lázaro dorme” (Jo 11,11). Viste o fruto da Jerusalém do alto? E mais admirável ainda, não foi declarada guerra, mas em vez da promessa foi-nos doado tudo isso. De fato, eles, ao chegarem à terra prometida, labutavam, ou antes, não labutavam, porque, se quisessem obedecer a Deus, sem armas e sem exército, tomariam todas as cidades. Tomaram Jericó certamente dirigindo coros mais do que por ação bélica. Nós, porém, depois de entrarmos na terra da promessa, isto é, no céu, não haveremos de lutar, mas só enquanto estivermos no deserto, isto é, na vida presente. “Pois aquele que entrou no seu repouso, descansará das suas obras, assim como Deus descansa das suas” (Hb 4,10). “Não desanimemos na prática do bem” (Gl 6,9). Colheremos no tempo oportuno se não desanimarmos. Vês que nos guia de maneira semelhante? Dizia então a respeito do maná e da solidão: “Quem recolhera muito, não teve excesso; quem recolhera pouco, não sofreu penúria” (Ex 16,18; 2Cor 8,15). A nós também foi preceituado: “Não acumuleis tesouros na terra” (Mt 6,19). Se, porém, acumularmos, já não roem os vermes materiais, conforme sucedia ao maná, mas vermes que, bem como aquele fogo, são imperecíveis. Façamos o possível para não prepararmos alimento para aquele verme, pois: “Quem recolhera muito, não teve excesso”. Assim também sucede em relação a nós diariamente. Todos nós enchemos o estômago com a mesma medida. O supérfluo acrescenta aborrecimentos desarrazoados. É o que depois haveria de preceituar: “A cada dia basta o seu mal” (ib. 34). Já o ensinara acima e nem assim aceitaram. Quanto a nós, não sejamos insaciáveis, ingratos, procurando ter palácios esplêndidos. Com efeito, estamos viajando, não temos morada fixa. Por isso, quem sabe que a vida presente é caminho e milícia, e diria, o que eles denominam trincheira, não procura edifícios esplêndidos. Dize-me. Quem é tão rico que voluntariamente queira numa trincheira edificar uma casa suntuosa? Ninguém. Seria ridículo, e edificaria para os inimigos, e antes os atrairia. Se formos vigilantes, nem nós. Da milícia e da trincheira nada difere a vida presente. Por isso, suplico, tudo façamos para não acumular tesouros aqui, pois, se vier um ladrão, logo partiremos. Vigiai, portanto, porque não sabeis em que hora vem o ladrão (cf. Mt 24,42); assim acha-se designada a morte. Antes, portanto, que chegue, precedamo-la, remetendo tudo para nossa pátria. Estejamos cingidos para podermos superar

os inimigos. Vencidos estes, oxalá possamos ser coroados de glória incorruptível naquele dia, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo etc.

VIGÉSIMA QUARTA HOMILIA

- 14.** *Ficai, portanto, de pé e cingi os vossos rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça*
- 15.** *e calçai os vossos pés com a preparação do evangelho da paz,*
- 16.** *empunhando sempre o escudo da fé, com o qual podereis extinguir os dardos inflamados do Maligno.*
- 17.** *E tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.*
- “Cingi os vossos rins com a verdade.” Que sentido tem isso? Foi dito na precedente dissertação que é necessário estar bem arranjado para correr sem impedimento. “E revesti-vos da couraça da justiça.” Como a couraça é invulnerável, igualmente o é a justiça. Aqui dá o nome de justiça à vida inteiramente virtuosa. Quem é tal jamais poderá ser prostrado; mas muitos de fato o ferem, mas não conseguem retalhar, nem o próprio diabo. Como se dissesse: Abracei causas justas. A respeito desses afirma Cristo: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Quem a abraça é forte como uma couraça; quem é tal jamais se irrita. “E calçai os vossos pés com a preparação do evangelho da paz.” Asserção menos clara. O que quer dizer? Colocou-nos belas polainas, “a preparação do evangelho”. Assim se exprime para que estejam preparados para difundir o evangelho, e em vista desta finalidade empregam os pés, e preparam e guarnecem o caminho; ou, se tal não suceder, para que estejam prontos para a partida. A “preparação do evangelho”, portanto, outra coisa não é senão uma vida ótima, conforme se expressava o profeta: “Fortaleces seu coração e lhes dás ouvidos” (Sl 10,17, seg. hebr.), isto é, prontos e preparados. “O evangelho da paz.” Formulou com justeza. Uma vez que lembrou a guerra e a luta, mostra que se deve combater contra os demônios, porque o evangelho é de paz. Aquela guerra dissolve uma outra, a saber, a luta contra Deus. Se fazemos guerra ao diabo, temos paz com Deus. Não temas, portanto, caríssimo. É evangelho, isto é, boa notícia; a vitória já está ganha. “Empunhando sempre o escudo da fé”. Refere-se à fé, não ao conhecimento, pois não a colocaria depois; e a graça pela qual se realizam milagres. Com razão dá à fé a denominação de escudo. Coloca o escudo diante do corpo inteiro para protegê-lo, qual muralha; assim também a fé, diante da qual tudo cede. “Com o qual podereis extinguir os dardos inflamados do Maligno.” Nada pode quebrar este escudo. Escuta a palavra de Cristo aos discípulos: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Transporta-te daqui para lá, e ele se transportará” (Mt 17,20). De que modo teremos fé? Quando a empregarmos bem. Os dardos são as tentações do Maligno, os desejos malvados. Acrescentou com razão: “inflamados”. Tais são os desejos. Se a fé ordenar aos demônios, muito mais às paixões. “E tomai o capacete da salvação”, a saber, da vossa salvação. Cerca-os e arma-os como se estivesse para entrar em combate. “E a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.” Quer seja o Espírito, quer o gládio espiritual. Por meio dele tudo é cortado, por meio dele tudo é dividido, por meio dele é amputada a cabeça do dragão.
- 18.** *Com orações e súplicas de toda a sorte, orai em todo tempo, no espírito, e para isso vigiai com toda perseverança e súplica por todos os santos.*
- 19.** *Orai também por mim, para que, quando eu abrir os meus lábios, me seja dada a palavra para anunciar com ousadia o mistério do evangelho,*

20. *do qual sou o embaixador em cadeias: que eu fale ousadamente, como importa que eu fale.*

Como o Verbo de Deus tudo pode, assim também quem possui a graça espiritual. “Pois a Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4,12). Vê, portanto, a prudência deste santo. Dera-lhes armas com toda diligência, e enfim ensina como devem invocar o Rei e rogar-lhe que estenda a mão: “*Com orações e súplicas de toda a sorte, orai em todo tempo, no espírito*”. É possível que alguém não ore em espírito, quando emprega palavras fúteis. “*E para isso vigiai*”, isto é, procedendo sobriamente. Desse ser assim aquele que está armado, que está firme ao lado do Rei, a saber, vigilante e sóbrio. “*Com toda perseverança e súplica por todos os santos. Orai também por mim, para que, quando eu abrir os meus lábios, me seja dada a palavra.*” O que dizes, São Paulo? Precisas dos discípulos? Falou com exatidão: “*Quando eu abrir os meus lábios*”. Não meditava sobre o que dizia, mas conforme se exprimiu Cristo: “Quando vos entregarem, não fiquéis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar” (Mt 10,19). Assim sempre agia pela fé, pela graça. “*Para anunciar com ousadia o mistério do evangelho.*” Isto é, para me defender, conforme for necessário. Estás cercado de cadeias e precisas dos outros? Sim, responde, pois Pedro também estava cercado de cadeias, no entanto a oração era feita sem interrupção por ele (cf. At 12,5). “*Do qual sou o embaixador em cadeias: que eu fale ousadamente, como importa que eu fale.*” Isto é, responda com confiança e liberdade de palavra, com coragem e muita prudência.

Notícias pessoais e saudação final

21. *Para saberdes o que se passa comigo e o que é que eu estou fazendo, envio a vós, Tíquico, irmão amado e fiel ministro no Senhor.*

Uma vez que mencionou os vínculos, deixou um pouco para Tíquico falar pessoalmente. Quanto à doutrina e à exortação, manifesta-as pela epístola. Só as notícias deixou ao portador e por isso acrescentou: “*Para saberdes o que se passa comigo*”, isto é, para ficardes cientes. Com isso manifestava-lhes seu amor, e o deles para consigo. “*Envio a vós*”, com esta finalidade.

22. *Ele vos dirá tudo o que se passa entre nós e consolará os vossos corações.*

Não o declara sem motivo, mas tendo dito: Revestidos e cingidos, indício de sempre progredir e sem interrupção. Escuta o que diz o profeta: ‘Seja-lhe como roupa a cobri-lo, como um cinto que sempre o aperte!’ (Sl 109,19). O profeta também afirma que Deus está revestido da couraça da justiça, ensinando-nos que sempre e não por breve tempo devemos tê-la, porque sempre é necessária a luta. E em outra passagem: “Os justos têm a segurança de um leão” (Pr 28,1). Efetivamente, quem está coberto desta couraça, não necessita temer as fileiras, mas salta ao meio dos inimigos. E Isaías: “Quão gratos são os pés dos mensageiros que anunciam a paz” (cf. Is 52,7). Quem não correrá, quem não servirá quando a paz é anunciada; a paz, digo, de Deus com os homens, a paz para a qual os homens não contribuíram, onde Deus tudo operou? Escutemos o que diz João a respeito do que é a preparação do evangelho: “Preparai o caminho do Senhor, aplanai as suas veredas” (Is 3,3). De fato, refere-se ao batismo. Demonstra ser outra preparação indispensável depois do batismo, nesses termos: “*Em preparação do evangelho da paz*”, sugerindo que nada façamos de indigno da paz. Visto que muitas vezes os pés são símbolo da vida, sempre admoesta: “*Vede, pois, cuidadosamente como andais*” (Ef 5,15), aludindo à vida. Por isso pratiquemos ações dignas do evangelho, a saber, vida e obras puras durante toda a vida. A paz é anunciada pelo evangelho. Preparai o caminho para estas boas notícias. Se novamente vos tornardes inimigos, não existirá mais preparação da paz. Estejais prontos e não adieis a adesão à paz. Fostes preparados para a paz e a fidelidade. Continuai assim. O escudo é a fé, que em

primeiro lugar recebe os ataques dos inimigos, e conserva ilesas as armas. Se a fé é reta e a vida correta, as armas permanecem ilesas. O Apóstolo em outras passagens dissertou muito acerca da fé e sobre a esperança, principalmente escrevendo aos hebreus (cap. 11). Acreditai, diz ele, nos bens futuros, e nada será maculado. De fato, se opuserdes à adversidade e à labuta a esperança e a fé, elas permanecerão ilesas. Quem se aproxima de Deus deve acreditar que ele existe e recompensa aqueles que o procuram. A fé é o escudo que cobre os que acreditam sem curiosa inquisição; se, porém, há sofismas, raciocínios e repreensões, não será escudo, mas impedimento. Tal seja a fé que tudo cubra e sombreie. Não seja, portanto, curta, deixando a descoberto os pés, ou outros membros, mas seja escudo de medida justa. “*Inflamados*”. Existem a cauterizar a alma discussões, dúvidas, questões inextrincáveis, mas de fato a fé faz com que todas cessem. O diabo lança à nossa alma muitos dardos inflamados, que induzem à ambiguidade, por exemplo, ao perguntarem alguns: Acaso há ressurreição? Há juízo? Há recompensa? Mas se tiveres o escudo da fé extinguirás os dardos do diabo. Invade-te absurda cupidez, inflamaram-se interiormente os maus pensamentos? Opõe-lhes a fé nos bens futuros, e nem haverão de aparecer, e sim de desvanecer. “*Os dardos*” todos; não somente alguns e outros, não. Ouve as palavras de Paulo: “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,18).

Vês quantos dardos extinguem então os justos? Não te parecem inflamados os dardos, cujo fogo interno queimava o patriarca ao oferecer o filho? Outros justos ainda extinguiram seus dardos todos. Se, portanto, os pensamentos nos fazem guerra, oponhamos a fé, se as concupiscências, empreguemola, se a labuta e as tribulações, nela repousemos. Ela, com razão, conserva todas as armas; se não a tivermos, elas logo haverão de arruinar. “*Empunhando sempre o escudo da fé.*” O que quer dizer: “*Sempre*”? Na verdade, na justiça e na preparação do evangelho. Isto é, em tudo isso é indispensável. Por conseguinte, acrescentou: “*E tomai o capacete da salvação*”. Isto é, por ela além disso podereis estar seguros e escapar de todo o perigo. O capacete, exatamente, cobre a cabeça de todos os lados, não deixa que sofra algo de grave, mas a preserva; assim também a fé serve de escudo e capacete de salvação. Se extinguirmos seus dardos, logo também assumiremos pensamentos salutareis, que não permitem que a faculdade principal sofra algo. Pois, extintas as razões contrárias, as que não são tais, surgirão em nós as salutareis que dão boas esperanças, e qual capacete na cabeça, haverão de se inserir na faculdade predominante.

Não somente isso, mas também tomaremos o gládio do Espírito para que posteriormente não apenas estejamos protegidos dos dardos lançados contra nós, mas também eles firam o diabo. De fato, a alma que não desespera, nem recebe os dardos inflamados, estará de pé com total prontidão diante do Inimigo; com a espada, pela qual Paulo quebrou a couraça e reduziu ao cativo os pensamentos dele, atingir-lhe-á. Matará o dragão, cortando-lhe a cabeça. “*Que é a Palavra de Deus.*” Aqui denomina Palavra as ordens, ou preceitos que os apóstolos em nome de Jesus Cristo proferiam em toda parte, acompanhados de milagres. Cuidemos somente de guardarmos em tudo os preceitos de Deus. Se o fizermos, por eles aniquilaremos e mataremos o próprio dragão, a serpente tortuosa. Vê a prudência de Paulo! Tendo dito: “*Podereis extinguir os dardos inflamados do Maligno*”, para que eles não se orgulhassem, mostra que para tanto precisam de modo especial da ação de Deus. O que diz? “*Com orações e súplicas.*” Como se dissesse: Isso acontecerá e fareis muito bem por orar sempre. Nunca, porém, te aproximes rogando somente por ti, e deste modo Deus ser-te-á propício. “*Com orações e súplicas de toda a sorte, orai em todo tempo, no espírito, e para isso vigiai com toda perseverança e súplica por todos os santos.*” Não me determines um prazo. Escuta o que diz. Aproxima-te “*em todo tempo*”, orando sem cessar. Não ouviste que certa viúva venceu pela assiduidade? Não ouviste que determinado amigo no meio da noite pela perseverança conseguiu o que

pedia? Não ouviste que a sírio-fenícia por sua interpelação contínua obteve a revogação da recusa do Senhor? Todos estes obtiveram resultado devido à insistência. “*Orai em todo tempo, no espírito.*” Isso é, busquemos as coisas de Deus, nada de mundano, nada que pertença a esta vida. Faz-se mister não somente orarmos sem cessar, mas também sermos vigilantes. “*E para isso vigiai.*” Admito que a ambas indique, quer sejam as vigílias noturnas, quer a sobriedade. Vês a vigilância da cananeia a interpelar o Senhor que não respondia, até mesmo a repelia, denominando-a cãozinho: “É verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!” (Mt 15,27) e não desistiu sem ter alcançado o que pedia? E certa viúva que clamou e persistiu até aborrecer o juiz que não temia a Deus, nem respeitava os homens? E o amigo que insistiu durante a alta noite até que fizesse o outro levantar-se, incutindo-lhe pudor pela assiduidade em pedir? Eis o que significa ser vigilante. Queres aprender a vigilância da alma? Vai para o lado de Ana, e escuta-lhe as palavras: *Adonai, Eloi Sabaoth* (cf. 1Sm 1,11). Ou melhor, escuta as precedentes. Levantaram-se todos da mesa; ela, contudo, não se deu ao sono, nem ao repouso. Daí concluo que a refeição fora leve, e não ficou saciada de alimento; de outro modo não derramaria tantas lágrimas. Se nós, estando de jejum, mal conseguimos orar, ou antes, nem assim oramos, muito mais ela depois da refeição não rezaria, a não ser que a refeição se assemelhasse à dos que jejuam. Esta mulher nos faz corar, a nós, homens; envergonhamo-nos porque suplicamos pelo reino e bocejamos, enquanto ela suplica por um filho e derrama lágrimas. “Apresentou-se diante do Senhor”, e o que proferiu? “*Adonai* Senhor, *Eloi Sabaoth.*” A tradução é a seguinte: Senhor Deus dos exércitos. As lágrimas precediam à língua; desta forma esperava que haveria de conseguir de Deus. Onde há lágrimas, certamente existe aflição; onde, porém, existe aflição, há igualmente muita sabedoria e atenção. “Se quiseses ouvir e atender à oração da tua serva e lhe deres um filho, então eu o consagrarei ao Senhor por todos os dias da sua vida.” Não disse um ano, ou dois apenas, como nós; nem declarou: Se me deres um filho, dou dinheiro; mas: Restituo-te o dom integral, o primogênito, o filho da prece. Era uma filha de Abraão. Deus, contudo, sendo rogado, concedeu o pedido; ela, todavia, deu antes da súplica. Mas nisto igualmente verifica sua piedade. “Seus lábios se moviam, mas não se podia ouvir o que ela dizia” (ib. 13). Assim aproxime-se de Deus quem quer impetrar: sem moleza e covardia, sem bocejos ou dissolução, sem esfrega, nem entorpecimento. Não poderia dar a Deus mesmo sem uma oração? Ele não conhecia o desejo da mulher antes que pedisse? Mas se desse antes do pedido, não se revelaria a prontidão de ânimo da mulher, não seria manifesta a sua virtude, não haveria de adquirir tão grande recompensa. A demora não provinha de inveja ou ciúme, mas de solicitude e providência.

Ou ouvires da Escritura: “A sua rival também a irritava humilhando-a, porque o Senhor a tinha deixado estéril”, pensa que queria revelar a sabedoria da mulher. Reflete. Tinha marido que dela cuidava, pois lhe disse: “Será que eu não valho para ti mais do que dez filhos?” “A sua rival também a irritava”, isto é, infligia-lhe opróbrios, insultava; e ela nunca se vingou, nem proferiu imprecações, nem disse: Vinga-me, porque minha rival me injuria. Essa tinha filhos, mas Ana tinha o amor do marido e lhe correspondia. Ele a consolava: “Será que não valho para ti mais do que dez filhos?” Mas vejamos novamente a sabedoria da mulher. “Eli julgou que ela estivesse embriagada.” Vê, contudo, o que ela responde: “Não julgues a tua serva por uma pessoa frívola. É porque estou muito aflita que tenho falado até agora”. É verdadeiramente estarmos de coração contrito não sermos ásperos contra os que nos ultrajam, não nos irritarmos ao desculparmo-nos. Nada quanto a aflição dá sabedoria ao coração; nada tão suave quanto o pesar segundo Deus. “É porque estou muito aflita que tenho falado até agora.” Imitemo-la, todos nós. Ouvi vós todas, estéreis, todas as que amais os filhos, ouvi homens e mulheres; pois os homens também muitas vezes estiveram em tal situação. Escuta o que diz a Escritura: “Isaac implorou ao Senhor por sua mulher, Rebeca, porque era estéril” (Gn 25,21). A oração

alcança coisas grandiosas. “Com orações e súplicas por todos os santos, e por mim.” Coloca-se no último lugar. O que fazes, ó bem-aventurado Paulo, colocando-te em último lugar? Sim, responde. “Orai também por mim, para que, quando eu abrir os meus lábios, me seja dada a palavra para anunciar com ousadia o mistério do evangelho, do qual sou o embaixador em cadeias.” Onde és embaixador? Diante dos homens, responde. Ah! Quanta benignidade de Deus! Enviou dos céus embaixadores de paz. E os homens tomando-os prenderam-nos, sem respeitarem a lei comum acerca de que os embaixadores jamais fossem maltratados. Entretanto eu sou embaixador em cadeias. As cadeias me oprimem tirando-me a liberdade da palavra, mas vossas preces abrem meus lábios para falar livremente como devo, isto é, a fim de proferir tudo aquilo para o qual fui enviado.

“Para saberdes o que se passa comigo e o que é que eu estou fazendo, envio a vós, Tíquico, irmão amado e fiel ministro no Senhor.” Se é fiel, jamais mentirá, mas sempre dirá a verdade. Eu vo-lo enviei para tal fim.

22. *Ele vos dirá tudo o que se passa entre nós e consolará os vossos corações.*

Ah! quanta caridade! Não seja lícito a quem quiser atemorizar-vos, pois era verossímil que julgavam que ele se achava em aflições; sugere-o a expressão: “*Consolará os vossos corações*”. Não permita Deus que desanimeis.

23. *Aos irmãos, paz, amor e fé da parte de Deus Pai, e do Senhor Jesus Cristo.*

Deseja-lhes a paz e o amor com a fé. Falou com razão. Quer que eles não tenham uma caridade qualquer, nem se misturem com aqueles que professam fé diversa. Disse isso ou aquilo a fim de que tenham a fé e confiem a respeito do futuro. A paz e o amor, portanto, da parte de Deus. Se há paz, haverá também caridade; se há caridade, haverá paz. “*E fé.*” Em nada adianta a caridade sem a fé ou melhor, de outro modo nem houve caridade.

24. *A graça esteja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor inalterável. Amém.*

Aqui dividiu, colocando separadamente a paz e a graça. “*Inalterável. Amém.*” O que significa: “*Inalterável*”? Com moderação, ou por meio do que é incorrupto. Por exemplo, não nas riquezas, na glória, mas onde não há corrupção. “*Com*” equivale a “*Por*”. Pela incorrupção, isto é, pela virtude. Pois todo pecado é corrupção. Dizemos que uma virgem se corrompe, e assim nos exprimimos a respeito da alma. Por isso Paulo dizia: “Receio que vossos pensamentos se corrompam” (2Cor 11,3), e ainda em outra passagem: “Irrepreensível na exposição da verdade” (cf. Tt 2,7).

Dize-me. O que significa a corrupção do corpo? Não é a dissolução do todo, e da composição do mesmo? Assim acontece à alma, com a entrada do pecado. A beleza da alma consiste na temperança, na justiça; a saúde da alma é a fortaleza, a prudência. É disforme o homem torpe, o cobiçoso, entregue ao mal, o tímido, covarde, fraco, de costumes perversos. Evidencia-se que o pecado produz a corrupção pelo seguinte: Faz os homens torpes, fracos, fatigados. Dizemos propriamente que uma virgem foi corrompida não somente porque o corpo se corrompe, mas por causa da malícia. Houve cópula. Se esta fosse corrupção, também o matrimônio seria corrupção. Não é a união, mas o pecado que é corrupção e provocou a desonra. Reflete sobre outro caso. O que será a corrupção de uma casa senão a sua ruína? E sempre a corrupção é uma mudança para pior, que se realiza por outra ação, apagando o que existia anteriormente. Escuta a Escritura: “Toda carne seguia o caminho da corrupção” (Gn 6,12), e ainda: “Numa corrupção intolerável”; e: “Homens de espírito corrupto” (2Tm 3,8). Nosso corpo é corruptível, mas a alma é incorruptível. Não o corrompamos, portanto, o que fez o primeiro pecado. O pecado cometido depois do batismo pode também corromper a alma, e fazer com que facilmente seja presa do verme imorredouro. Ele não a atingiria se não encontrasse uma alma corruptível. O verme não atinge o diamante, e se o tocar, nada consegue. Não corrompamos a alma,

pois o que se corrompe é fétido. Escuta o profeta: “Minhas chagas estão podres e supuram, por causa da minha loucura” (Sl 38,6). A própria corrupção se revestirá da incorrupção; com esta não sucederá o mesmo. Onde há incorrupção, não se encontra corrupção. Onde a corrupção é incorruptível, não tem fim, é morte imortal. Isso aconteceria se o corpo permanecesse imortal. Por isso, se sairmos daqui com a corrupção, teremos corrupção incorruptível, sem fim. Ser queimado e consumido pelo verme perpétuo é corrupção, que comporta incorrupção, conforme acontecia com o bem-aventurado Jó (Jó 5, em grego). Ele se corrompia e não perecia, e isto por muito tempo; mas sempre se corrompiam as telhas, que raspavam as chagas. Tal então sofrerá a alma cercada de vermes que a corroem, não dois anos ou três, nem dez, nem cem, nem dez mil, mas que jamais acaba: “O verme deles não tem fim” (Mc 9,48). Temamos, portanto, eu vos suplico, temamos as palavras, para não incidirmos nos fatos. A cobiça é corrupção, e a mais grave de todas, conduzindo à idolatria. Fugamos da corrupção, optemos pela incorrupção. Pela cobiça fraudaste a este ou àquele, e adquiriste muito? Corrompe-se o que é adquirido por meio da cupidez, mas mantém-se a cobiça, que é a causa da corrupção; passa o prazer de que gozas, permanece, porém, o pecado que a corrupção não atinge. É mal grave não despojar-se na presente vida de tudo; grande a calamidade sair daqui tendo o peso grave dos pecados, pois: “Quem te louvaria no cheol?” (Sl 6,6). Lá será o juízo, já não é tempo de arrependimento. Quanto chorava então o rico? E nada conseguiu? Quantas coisas disseram os que não alimentaram a Cristo? No entanto foram lançados no fogo perpétuo. Quantos que praticaram a iniquidade, dizendo então: “Senhor, não foi em teu nome que profetizamos e em teu nome que expulsamos demônios?” (Mt 7,22). Entretanto não foram reconhecidos. Tudo isso acontece então, mas em nada ajudam a não ser que se deem agora. Temamos, pois, que então digamos: “Senhor, quando é que te vimos com fome e não te alimentamos?” (cf. Mt 25,37) Agora, alimentemo-lo, não só um, dois, ou três dias: “A esmola e a fidelidade não te abandonem” (Pr 3,3). Não disse: Pratico-a uma ou duas vezes. Com efeito, as virgens tinham óleo, mas não suficiente. Por isso, precisamos de muito óleo, e devemos ser como oliveira fértil na casa de Deus. Pensemos quantas cargas de pecados temos, cada um de nós. Pratiquemos obras de bondade, que equilibrem, ou antes, muito mais, para não somente apagarmos os pecados, mas também realizemos obras de justiça que nos sejam imputadas como justiça. Com efeito, se não houver em nós tantos bens para de igual modo apagarmos os crimes, e o restante nos for imputado em justiça, ninguém nos livrará do suplício. Possamos todos nós escaparmos dele, pela graça e amor aos homens de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual com o Pai, na unidade do Espírito Santo etc.

¹ Uma seleção de trechos dos principais comentários patrísticos à epístola aos Efésios pode ser encontrada em EDWARDS, Mark J. & ODEN, Thomas C. (org.). *Gálatas, Efésios, Filipenses (La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Volume 8: Nuevo Testamento)*. Director de la edición en castellano: Marcelo MERINO RODRIGUEZ). Madrid-Buenos Aires-Bogotá-Montevideo-Santiago: Ciudad Nueva, 2001.

² Isto é, um terremoto.

³ Isto é, no plano da contemplação. O termo *anagogia* significa “levar/conduzir para o alto”.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérnias
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Título original

- Hermēneia eis tēn prōs Romaîous epistolēn
- Hypómnēma eis tēn prōs Gálatas epistolēn
- Hypómnēma eis tēn prōs Efesíous epistolēn

Tradução

Mosteiro de Maria Mãe do Cristo

Direção editorial

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação editorial e Introdução

Bento Silva Santos

Supervisão

Heres Drian de Oliveira Freitas

Revisão

Iranildo Bezerra Lopes

Coordenação de desenvolvimento digital

Erivaldo Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

João Crisóstomo, São, ca. 347-407.

Comentário às Cartas de São Paulo/1: homilias sobre a Carta aos Romanos: comentários sobre a Carta aos Gálatas: homilias sobre a Carta aos Efésios / São João Crisóstomo; [tradução Mosteiro de Maria Mãe do Cristo]. — São Paulo: Paulus, 2010. — (Coleção patrística; 27/1)

eISBN 9788534939010

1. Bíblia. N.T. Efésios – Comentários 2. Bíblia. N . T. Epístolas de Paulo – Comentários 3. Bíblia. N . T. Gálatas – Comentários 4. Bíblia. N . T. Romanos – Comentários I. Título. II. Série.

09-02572 CDD-227.07

Índices para catálogo sistemático

1. Cartas de Paulo: Comentários 227.07
2. Epístolas de Paulo: Comentários 227.07

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700 • Fax (11) 5579-3627

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534939010